PREPARA-TE PARA A DESCIDA FINAL
RUMO À ESCURIDÃO...



O Núcleo

PETER V. BRETT

1001 MUNDOS

Ficha Técnica

© 2017, Peter V. Brett

Título original: *The Core*
Autor: Peter V. Brett

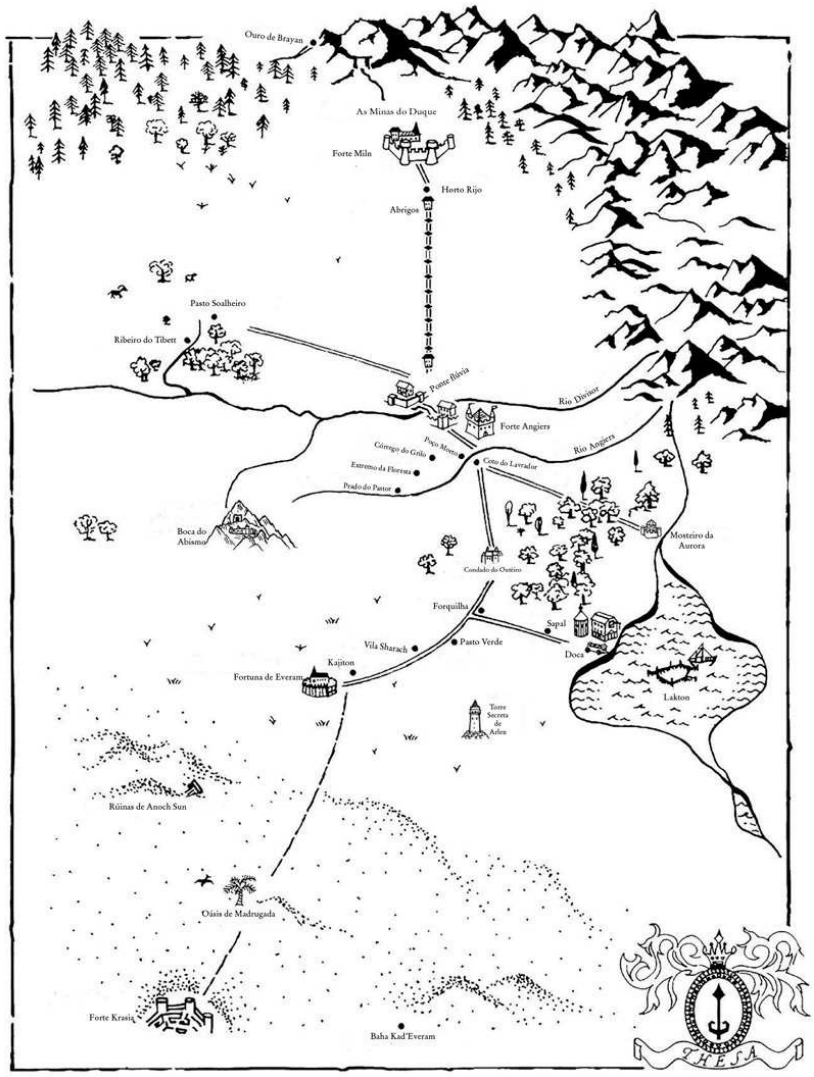
Editora: Marta Ramires
Tradução: Renato Carreira
Revisão: Domingas Cruz
Mapa por Andrew Ashton, reproduzido com autorização de HarperCollins Publishers U.K. Londres

1.ª edição: maio de 2018
ISBN: 9789892342221

Direitos reservados
© 2018, Edições ASA II, S.A.
Uma editora do grupo Leya
Rua Cidade de Córdova, n.º 2
2610-038 Alfragide
Portugal
Tel.: +351 210 417 410
Fax: +351 214 717 737
edicoes@asa.pt
www.asa.pt
www.leya.com

Esta edição segue a grafia do novo acordo ortográfico.

Para Sirena Lilith,
que transforma já a minha vida de formas inumeráveis.


Ouro de Brayan
As Minas do Duque
Forte Miln
Horto Rijo
Abrigos
Pasto Soalheiro
Ribeiro do Tibett
Ponte Rivia
Rio Divinor
Forte Angiers
Rio Angiera
Córrego do Grilo
Povo Morto
Estremo da Floresta
Prado do Pastor
Gozo do Lavrador
Boca do Abismo
Mosteiro da Aurora
Condado do Outono
Forquilha
Sopal
Doca
Vila Sharach
Pasto Verde
Kajiton
Fortuna de Everam
Lakton
Torre Secreta de Arlen
Ruínas de Anoch Sun
Oásis de Madrugada
Forte Krasia
Baha Kad'Everam
N
HESA



PRÓLOGO

CARCEREIROS

334 DR

– Haverá enxame.

Alagai Ka, o demónio Consorte, falou com os lábios do seu servo humano, aquele a quem chamavam Shanjat. O Consorte estava preso dentro de um círculo de poder, mas tinha estilhaçado um dos cadeados e capturara o servo antes que os seus captores tivessem tempo de reagir.

Com a vontade esmagada, Shanjat pouco mais era que um fantoche e o Consorte deleitou-se com a dor que isso causava aos seus captores. Moveu os pés do servo, habituando-se ao corpo. Não era tão útil como um mimético, mas era forte e estava armado com as armas primitivas das criaturas da superfície e tinha uma ligação emocional aos seus captores que o Consorte poderia explorar.

– Que quer isso dizer, pelo Núcleo? – quis saber o Explorador, aquele a quem os outros chamavam Arlen ou Par'chin. Exercia influência sobre os outros, mas não era domínio verdadeiro.

O Consorte usou o centro de linguagem do servo, tornando-se mais fluente no uso dos grunhidos primitivos que passavam por comunicação entre os humanos.

– A postura da rainha está próxima.

O Explorador fixou o olhar nos olhos do servo e cruzou os braços. As guardas pintadas na sua pele cintilaram com poder.

– Sei que sim. Que tem isso a ver com um enxame?

– Aprisionaste-me e mataste os mais fortes dos meus irmãos – disse o Consorte. – Não resta ninguém na corte da mente com poder suficiente para impedir as rainhas jovens de drenarem a magia da sua mãe, amadurecendo.

O Explorador encolheu os ombros.

– As rainhas matar-se-ão umas às outras, não? No ninho, com as mais fortes apoderando-se da colmeia. Antes uma rainha recém-eclodida que uma rainha completamente madura.

O Consorte manteve os olhos do servo fixos no Explorador enquanto observava as auras dos outros humanos ali presentes com os seus próprios olhos.

Armado com a capa, a lança e a coroa do Matador de Mentes, o Herdeiro, aquele a quem chamavam Jardir, seria o mais perigoso. Preso num círculo de guardas, o Consorte tinha poucas opções se o Herdeiro decidisse matá-lo e a subjugação de Shanjat enraivecia-o além de todos os limites.

Mas a aura do Herdeiro traía-o. Por mais que quisesse matar o Consorte, precisava dele vivo.

Mais interessante era a teia de emoções que ligava o Herdeiro ao Explorador. Amor e ódio, rivalidade e respeito. Raiva. Culpa. Era uma mistura inebriante e o Consorte deleitou-se enquanto a estudava. O Herdeiro estava impaciente por informação. Havia muita coisa que o Explorador não lhe tinha dito e a irritação incendiava a sua aura por ter de se submeter a liderança alheia.

A Caçadora, a quem chamavam Renna, era menos previsível. A fêmea feroz ardia com magia roubada ao núcleo, tendo a pele manchada com guardas de poder. Era menos hábil no seu uso, podendo atacar num repente se não fosse controlada. Estava tensa, com a arma na mão, pronta para investir contra a primeira brecha no impasse.

A última era uma serva fêmea, Shanvah. Como o fantoche, não havia nela grande magia. Se não tivesse matado um príncipe de demónios com as suas armas, o Consorte poderia considerá-la irrelevante.

Mas, sendo Shanvah a mais fraca dos seus captores, a sua aura era notável. O fantoche era o seu progenitor. A sua vontade era forte, mantendo a aura superficial neutra, mas, por baixo, o seu espírito dilacerava-se com dor. O Consorte saborearia a memória dessa dor quando lhe rachasse o crânio e mordesse a carne macia da sua mente.

Fez o fantoche rir-se, mantendo nele a atenção dos humanos e afastando-a de si.

– As rainhas jovens não terão hipótese de lutar. Se nenhum dos meus irmãos for suficientemente forte para dominar os outros, cada um roubará um ovo e fugirá.

O Explorador hesitou ao ouvir aquilo. Começava a compreender.

– Criarão ninhos por Thesa inteira.

– Terá já começado, sem dúvida. – O Consorte fez o fantoche agitar a lança e, previsivelmente, os olhos dos humanos seguiram-na. – Condenam os vossos por me manterem aqui.

Delicadamente, o Consorte moveu as correntes, procurando uma fraqueza. As guardas gravadas no metal queimaram, sorvendo a sua magia, mas o Consorte manteve o seu poder sob controlo apertado. Tinha já começado a destruir um dos cadeados, libertando um membro. Se conseguisse destruir outro, o fantoche poderia conseguir desativar os círculos durante tempo suficiente para lhe permitir escapar.

– Quantas mentes restam na colmeia? – quis saber o Explorador. – Matámos sete até agora, sem contar contigo. Calculo que não será um número insignificante.

– Na colmeia? – perguntou o Consorte. – Nenhuma. Sem dúvida que terão já dividido as terras de procriação, procurando pacificar os seus novos territórios antes da postura.

– Terras de procriação? – repetiu a Caçadora.

O fantoche sorriu.

– O povo das vossas Cidades Livres descobrirá em breve que as suas muralhas e guardas são menos seguras do que lhes foi garantido.

– Palavras ousadas, Alagai Ka – disse o Herdeiro –, sendo tu nosso prisioneiro.

O Consorte encontrou finalmente o que procurava. A falha ínfima num dos cadeados, gasto ao longo dos meses da sua prisão. Quebrá-lo permitir-lhe-ia fazer a corrente deslizar, mas o poder exigido seria intenso e os seus captores poderiam percebê-lo antes de terminar.

– Permitimos-vos as vossas terras de procriação até aqui. – O fantoche deu um passo ao lado e os olhos deles seguiram-no. – Reservas de caça para os meus irmãos. Farão os seus servos racharem as vossas muralhas como cascas de ovo, enchendo as suas despensas para saciarem as rainhas recém-eclodidas.

– E cresce nos seus ventres a perdição de Ala – disse o Herdeiro. – Não podemos permitir isto.

– Libertem-me – disse o Consorte.

– Nem pensar – rosnou o Explorador.

– É a vossa única hipótese real – disse o Consorte. – O meu regresso ainda pode impedir o enxame.

– És o Príncipe das Mentiras – respondeu o Herdeiro. – Não somos tolos para confiar nas tuas palavras. Há outra hipótese. Iremos ao abismo e destruiremos Alagai'ting Ka de uma vez por todas.

– Afirmam não serem tolos – disse o Consorte –, mas acreditam que conseguirão sobreviver ao caminho até à colmeia? Não chegarão sequer tão longe como Kavri chegou antes de ceder e voltar à superfície.

As palavras surtiram o efeito desejado, fazendo o Herdeiro eriçar-se e apertar com mais força a lança.

– Mais mentiras. Kaji derrotou-vos.

– Kavri matou muitos servos – disse o Consorte. – Muitos príncipes. Precisámos de séculos para repovoar a colmeia, mas os seus esforços para invadir os nossos domínios fracassaram. É o melhor a que poderão aspirar. Este não é o primeiro ciclo e não será o último.

– Disseste que nos guiarias até ao Núcleo – disse o Explorador.

– É como se pedissem para viajar até à superfície da estrela do dia – comentou o Consorte. – Seriam consumidos muito antes de lá chegarem. Sabem que assim é.

– Então até à colmeia – disse o Explorador. – Até à corte da mente. Até ao maldito ninho da rainha dos demónios.

– Isso também vos destruirá. – O Consorte fez o fantoche avançar mais um passo.

– Correremos esse risco – disse a Caçadora.

Estavam finalmente posicionados. O fantoche ergueu a lança e arremessou-a ao coração do Explorador. Como esperado, tornou-se imaterial e a lança atravessou-o sem qualquer dano, voando diretamente para o Herdeiro, que moveu a arma para a defletir.

O fantoche arremessou o escudo com toda a sua força, com a aresta dura destruindo uma das pedras guardadas que mantinham o Consorte prisioneiro. A Caçadora avançava rapidamente para atacar, mas a serva deu um grito, bloqueando o avanço da Caçadora até ao seu progenitor.

O fantoche teve tempo suficiente para se virar, segurando na corrente guardada enquanto o Consorte concentrava a sua magia num disparo para despedaçar os elos enfraquecidos. Como uma aranha desfazendo uma teia danificada, o

fantoche desfez a corrente. As guardas de prata queimaram a pele do Consorte, mas a dor era um preço pequeno a pagar pela liberdade.

Moveu uma garra, usando um disparo de magia para projetar um minúsculo estilhaço de corrente pelo ar, atingindo a coroa do Herdeiro, arrancando-lha da cabeça e impedindo-o de erguer o escudo que o aprisionara.

A Caçadora empurrou a serva, saltando para tentar travar o fantoche, mas era demasiado tarde. O Consorte dissipou-se enquanto erguia as armas, deixando uma única garra sólida para a esventrar quando passasse por ele. Passou pelo vão que o fantoche abriu no círculo, voltando a materializar-se no limiar das guardas exteriores.

O Explorador correu para a sua companheira enquanto esta gemia de espanto, tentando desesperadamente impedir os intestinos de caírem ao chão. A Caçadora não tinha a concentração suficiente para se dissipar, curando-se, e o Explorador desperdiçaria tempo e poder preciosos para a sarar.

O Consorte traçou uma guarda de impacto no ar e as pedras sob os pés do Herdeiro explodiram, fazendo-o tropeçar enquanto tentava recuperar a coroa. O fantoche pontapeou a coroa sobre o piso e atacou para empatar o Herdeiro por mais alguns segundos.

Virando-se, o Consorte ergueu o coto da cauda, projetando um jorro de fezes de magia morta para desativar as guardas.

Estava prestes a dissipar-se novamente quando o Herdeiro gritou:

– Basta! – Bateu com o pé da lança no chão e uma onda de magia atirou-os todos ao chão. O Consorte recuperou rapidamente, desmaterializando-se e avançando em direção ao vão nas guardas, mas não antes de o Explorador usar magia própria, puxando uma cortina para permitir que a luz da aurora entrasse pela nesga e iluminasse as guardas. A estrela do dia ainda não se tinha erguido no horizonte, mas a luz era já suficiente para queimar a magia do Consorte, ameaçando com agonia inenarrável. O demónio não se atreveu a aproximar-se.

A Caçadora dissipou-se, voltando a materializar-se com os ferimentos sarados. Uniu-se ao Explorador para traçar guardas no ar com mãos experientes, lançando ondas de choque por entre a nuvem do demónio enquanto fugia da luz. Na sua forma incorpórea, o Consorte não conseguia controlar o fantoche e a serva depressa o prendeu com uma chave de braços. O Herdeiro recuperou a coroa, erguendo o escudo e aprisionando novamente o Consorte.

Não havia escolha além da rendição e da negociação. Continuavam a precisar dele vivo. O Consorte solidificou, retraindo as garras e cobrindo os dentes, com os braços bem erguidos no gesto humano de submissão.

A Caçadora desferiu-lhe um violento golpe lateral contra a cabeça, com as guardas de impacto fazendo estremecer o seu crânio. Era impulsiva. Os outros seriam mais contidos.

Mas, enquanto o Consorte girava com o golpe, o Explorador atingiu-o do lado oposto, rachando-lhe o crânio e fazendo um olho sair da órbita.

O demónio cambaleou, sofrendo um terceiro golpe aplicado com a haste da lança do Herdeiro, golpeando com maior violência que um servo da rocha.

O espancamento prosseguiu e o Consorte acreditou que o matariam com a sua primitiva selvajaria. Tentou dissipar-se, mas, como a Caçadora momentos antes, descobriu que era impossível concentrar-se suficientemente para desencadear a transformação.

A seguir, tornou-se difícil focar-se em quem tinha desferido qual dos golpes e, pouco depois, havia apenas o som e o choque enquanto cada um atingia o alvo. O negrume preencheu-lhe a visão.

O Consorte acordou em agonia. Tentou canalizar poder da sua reserva interior para se curar, mas pouco restava. Na sua inconsciência, teria canalizado o suficiente para recuperar dos seus piores ferimentos. Os restantes teriam de sarar naturalmente.

Continuava livre da maldita corrente. Talvez se apressassem para a reparar naquele preciso momento. Talvez esperassem que permanecesse mais tempo incapacitado.

Se assim era, seriam tolos ainda maiores do que acreditara. A cortina fora corrida e o Consorte conseguia sentir a escuridão além do pano grosso. A fuga voltou a parecer estar ao seu alcance. Ergueu uma garra, usando um pouco da magia que lhe restava para energizar uma guarda que traçou no ar.

Mas o poder desvaneceu-se antes de chegar à extremidade da garra e uma onda de choque dolorosa percorreu-lhe o corpo, fazendo-o silvar.

Voltou a canalizar e, mais uma vez, o poder falhou enquanto sentia a carne arder.

O Consorte baixou os olhos para a sua pele, percebendo quando viu o brilho das guardas.

Tinham-lhe pintado a pele com agulhas como o Explorador tinha feito a si mesmo. Estava coberto com guardas.

Guardas mentais especialmente concebidas para a sua casta. Os símbolos aprisionavam-no na sua carne, impedindo-o de se dissipar ou de expandir a

mente. Pior ainda, se o Consorte, ou um dos seus captores, alimentasse as guardas com magia suficiente, matá-lo-iam.

Era muito pior que a corrente. Uma indignidade além de qualquer coisa que o Consorte pudesse imaginar.

Mas todos os problemas tinham a sua solução. Cada guarda tinha a sua fraqueza. Com tempo, acabaria por descobri-la.



UM

AS DUAS

334 DR

As dores acordaram Leesha.

Dez dias na estrada com uma escolta de cinco mil Lenhadores fizeram-na habituar-se ao desconforto. Só conseguia dormir de lado e o banco da carruagem não tinha sido concebido para isso. Começara a encolher-se no chão como Amanvah e Sikvah na sua carruagem cheia de almofadas.

Ondas de dor atravessaram-lhe o corpo enquanto os músculos uterinos se comprimiam e descomprimiam, preparando-se para a sua tarefa. A hora de Leesha não chegaria nas treze semanas seguintes, mas era comum que as mulheres sentissem aquilo.

E todas elas entram em pânico na primeira vez, costumava dizer Bruna, *pensando que darão à luz mais cedo. Até eu, mesmo tendo puxado dúzias de rebentos chorões para o mundo antes de parir um.*

Leesha começou a respirar de forma rápida e ritmada para se acalmar e para conseguir suportar melhor a dor. A dor não era novidade por aqueles dias. A pele do seu estômago estava enegrecida e dorida como consequência de violentos golpes aplicados pelo feto.

Em vários momentos durante a sua gravidez, Leesha tinha sido forçada a canalizar magia de guardas poderosa. De cada vez, o bebé reagia com violência.

O retorno da magia conferia força e resistência sobre-humanas. Fazia os velhos voltarem a ser jovens e levava os jovens ao seu auge antes do tempo. Ampliava emoções e afrouxava a contenção. Pessoas dominadas pela magia podiam ser violentas. Perigosas.

Que efeito poderia ter tal poder numa criança ainda não completamente formada? Não chegara ainda ao sétimo mês e Leesha sentia-se no fim do tempo e a sua aparência também o sugeria. Esperava um parto antecipado. Desejava-o, temendo que a criança crescesse demasiado para um parto natural.

Ou que abra a murro uma saída do ventre, rastejando sozinha para fora. Leesha inspirou e expirou, mas não se acalmou e a dor não acalmou.

As contrações podem ser provocadas por muitos tipos de coisas, ensinou Bruna. *Como o fedelho pontapeando uma bexiga cheia.*

Leesha encontrou o penico, mas aliviar-se contribuiu pouco para acalmar os espasmos. Olhou a porcelana. As suas águas estavam enevoadas e sangrentas.

Estacou, com a mente acelerada enquanto olhava o penico. A seguir, o bebé pontapeou com força. Gritou de dor e percebeu.

Vinha aí.

Leesha equilibrava-se sobre o banco quando Wonda veio apresentar o seu relatório. Quase amanhecera.

Wonda entregou as rédeas, desmontando com a agilidade de um gato. Pousou os pés sobre o degrau da carruagem em movimento e abriu a porta, transferindo-se sem esforço para o banco à frente de Leesha.

– Estamos quase em casa, mestra, se quiseres refrescar-te – disse Wonda. – O Gar adiantou-se enquanto dormias. Acaba de chegar o recado que mandou.

– É mau? – perguntou Leesha.

– É – respondeu Wonda. – Vieram todos. O Gar tentou impedi-lo, como pediste. Disse que foi como tentar arrancar uma raiz com as mãos nuas.

– Os angieranos e a sua maldita cerimónia. – Leesha fez uma careta. Começava a compreender como a duquesa Araine conseguia passar por uma nuvem de criados ocupados com vénias e cortesias fingindo não os ver. Por vezes, era a única forma de chegar onde pretendia ir.

– Não são só criadas e guardas – disse Wonda. – Metade do concelho da cidade apareceu.

– Noite. – Leesha cobriu a cara com as mãos.

– Basta dizeres e posso organizar uma barreira de Lenhadores para te levarem para dentro – disse Wonda. – Digo a toda a gente que os receberás depois de descansares.

Leesha abanou a cabeça.

– É o meu regresso a casa como condessa. Não começarei por evitar quem me espera.

– Sim, mestra – disse Wonda.

– Há uma coisa que preciso de te dizer Wonda – disse Leesha. – Mas terás de ficar calma quando o fizer.

Wonda começou por parecer confusa, mas arregalou os olhos. Começou a levantar-se.

– Wonda Lenhador, deixa o traseiro nesse banco. – Leesha ergueu o dedo como um chicote e a rapariga voltou a sentar-se.

– As contrações têm dezasseis minutos de intervalo – continuou Leesha. – O bebé pode demorar horas a chegar. Vou ficar dependente de ti durante o dia todo, querida. Preciso que ouças bem o que digo e te mantenhas concentrada.

Wonda engoliu em seco, mas acenou afirmativamente.

– Sim, mestra. Diz-me o que queres e tratarei de tudo.

– Saio da carruagem com passo digno e dirijo-me para a porta – disse Leesha. – Falarei com uma pessoa de cada vez pelo caminho. Em nenhum momento, pararemos ou abrandaremos.

– Sim, mestra – disse Wonda.

– Nomear-te-ei abertamente chefe da minha guarda pessoal – continuou Leesha. – Se todos estiverem reunidos na praça, como dizes, será suficiente para assumires o comando e enviares Lenhadoras para garantirem a segurança da mansão real. Quando os aposentos reais estiverem seguros, as únicas entradas permitidas serão a minha, a tua e a de Darsy.

– E Vika? – perguntou Wonda.

Leesha abanou a cabeça.

– Vika verá o marido pela primeira vez em meses. Não lhes tirarei isso. Não há nada que ela possa fazer e Darsy não.

– Sim, mestra – disse Wonda.

– Não deves contar a ninguém o que se passa – ordenou Leesha. – Nem aos guardas, a Gared ou a ninguém.

– Mas, mestra... – começou Wonda.

– A ninguém. – As suas palavras saíram-lhe num rosnado enquanto Leesha cerrava os dentes para suportar nova contração. Era como ter uma serpente

enrolada ao seu ventre, apertando. – Não quero que conversa fiada transforme isto num espetáculo de Jogral. Vou dar à luz o bebé de Ahmann Jardir. Nem todos lhe quererão bem e, depois do parto, estaremos ambos... vulneráveis.

O olhar de Wonda endureceu.

– Não enquanto estiver por perto, mestra. Juro-o pelo sol.

Wonda não deu qualquer sinal de algo que pudesse não estar bem quando saiu da carruagem, enfiando facilmente o pé no estribo do seu cavalo em andamento.

A luz de guardas dentro da carruagem diminuiu com a luz da manhã, mas intensificou-se quando a porta se fechou. Quando aconteceu, as guardas de silêncio reativaram-se e Leesha deixou escapar um gemido de dor.

Levou uma mão ao fundo das costas e colocou a outra por baixo da barriga pesada enquanto se endireitava. Guardas térmicas aqueceram a água na chaleira em segundos. Leesha verteu água fumegante sobre um pano e pressionou-o contra a cara.

A sua imagem no espelho era pálida e encovada, com olheiras profundas. Leesha ansiava por enfiar a mão na sua bolsa de hora, canalizando um pouco de magia para ter força para a provação que aí viria, mas era perigoso de mais. A magia podia provocar espasmos desvairados na criança. Era a última coisa que queria naquele momento.

Olhou para o estojo de pó, mas nunca tivera o talento para pintar a cara que tinha para pintar guardas. Esse talento pertencia à sua mãe. Fez o que podia, escovando o cabelo e alisando o vestido.

As estradas dos bairros exteriores do Outeiro do Lenhador curvavam-se nesta e naquela direção, acompanhando o traçado curvo das grandes guardas que tinha desenhado juntamente com Arlen Fardos. O Outeiro passara a ter mais de uma dúzia de bairros, formando uma rede cada vez maior de grandes guardas interligadas que repeliam os demónios para distância maior em cada noite. Leesha conhecia a forma tão intimamente como se fosse um amante, não precisando de olhar pela janela para saber que passavam pelo Abrigo Novo.

Em breve, entrariam no Outeiro do Lenhador, capital do Condado do Outeiro e centro das grandes guardas. Meros dois anos antes, o Outeiro fora um povoado de menos de cem almas, com tamanho à justa para merecer um ponto no mapa. No presente, estava à altura de qualquer uma das Cidades Livres.

Sentiu outra contração. Ficavam mais próximas, com intervalo de apenas seis minutos. Dilatava e sentia que a criança estava agora mais baixa no seu ventre.

Respirou. Algumas ervas podiam aliviar-lhe a dor, mas não se atrevia a tomá-las até estar abrigada nos seus aposentos.

Leesha espreitou pela cortina, arrependendo-se imediatamente quando ouviu gritos de júbilo como resposta. Esperou manter discreto o seu regresso a casa, chegando antes do amanhecer, mas seria impossível manter o silêncio com uma multidão daquele tamanho. Mesmo àquela hora, havia gente enchendo as ruas e olhando das janelas enquanto o cortejo avançava para casa.

Era estranho pensar na fortaleza de Thamos como casa, mas passara a pertencer-lhe como condessa do Condado do Outeiro. Durante a sua ausência, Darsy tinha transformado a cabana de Leesha na Floresta das Herbanárias na sede da Academia de Herbanárias, esperando-se que fosse apenas a primeira instituição de ensino no Outeiro. Leesha preferia estar lá, treinando aprendizas, mas podia fazer muito mais instalando-se na fortaleza.

Torceu o nariz quando a fortaleza se tornou visível. Era uma estrutura muralhada e atarracada, tendo a sua construção sido inspirada por preocupações com a defesa e não com a estética, pelo menos por fora. O interior era pior, de algumas formas: faustoso como um palácio numa terra que lutava para se reconstruir. Os dois problemas precisavam de ser abordados agora que o sítio lhe pertencia.

Os grandes portões da fortaleza estavam abertos e a estrada era flanqueada pelo que restava dos Lanceiros de Madeira, a cavalaria de Thamos. Quase não chegavam a cinquenta. Os outros tinham perecido juntamente com o conde na Batalha da Doca. Resplandeciam nos seus grandes mustangues angieranos, com homens e cavalos igualmente em sentido e com expressão severa. Estavam todos armados e vestindo armadura, como se esperassem que Leesha pudesse conduzi-los para a batalha a qualquer momento.

A praça parecia tão preparada para a guerra como para um regresso a casa. À esquerda, o capitão Gamon estava montado juntamente com os seus tenentes diante de centenas de soldados, com as costas direitas e os olhos em frente, apoiando no chão bisarmas pesadas, cujas pontas se erguiam precisamente no mesmo ângulo.

À direita, todos os funcionários da fortaleza, parecendo também um exército, alinhados com a mesma severidade que a infantaria, com fardas limpas e engomadas.

Seria interessante ver o que aconteceria a estas fileiras perfeitas se parisse na praça. O pensamento motivou-lhe um sorriso, mas a criança pontapeou nesse momento e deixou de lhe parecer divertido.

Como Wonda tinha advertido, uma multidão esperava ao fundo dos degraus para a entrada na fortaleza. Lorde Arther estava à frente, rígido na sua farda de gala e empunhando a lança. Tinha a seu lado Tarisa, a antiga ama do conde, que se tornara aia de Leesha. Gared esperava com Rosal, a sua prometida, e com a mãe desta. A seu lado, estava o Inquisidor Hayes, as Herbanárias Darsy e Vika, Erny, seu pai, e... noite, até mesmo a mãe de Leesha, Elona, cravando punhais com o olhar nas costas de Rosal. Leesha esperou que a hora a protegesse desse demónio, pelo menos, mas, como era habitual, o seu desejo não foi atendido.

Wonda enfiou a cabeça pela porta.

– Pronta, mestra?

Uma nova contração dilacerou-a. Sentiu-se quente, transpirando no ar frio do inverno.

Leesha sorriu, não denunciando o que sentia. As suas pernas tremeram quando se levantou e sentiu a criança descer um pouco mais.

– Sim, querida. Depressa.

Gamon desmontou quando a carruagem chegou. Juntamente com Arther e Gared, quase tropeçaram uns nos outros para lhe oferecerem as mãos enquanto descia. Leesha ignorou-os a todos, apoiando-se no braço de Wonda enquanto descia cuidadosamente os degraus. Seria péssimo se caísse diante de toda aquela gente.

– Bem-vinda de volta ao Outeiro, condessa Papel – disse Arther com uma vénia cortesã. – É um profundo alívio ver-te com saúde. Quando recebemos notícia do ataque a Angiers, tememos o pior.

– Obrigada – agradeceu Leesha, equilibrando-se. À sua volta, em toda a praça, viu vénias e cortesias. Leesha manteve as costas direitas, respondendo a tudo com um aceno de cabeça digno que teria orgulhado a duquesa Araine.

A seguir, começou a andar. Wonda inclinou-se para tomar a dianteira sem deixar de a amparar. Eram seguidas de perto por duas Lenhadoras.

Apanhados desprevenidos, os homens saíram atabalhoadamente do seu caminho, mas recuperaram rapidamente a compostura, apressando-se a segui-la. Gamon foi o primeiro a conseguir acompanhar-lhes o passo.

– Senhora, preparei uma lista de homens da guarda palaciana...

– Obrigada, capitão Gamon. – As entranhas de Leesha alvoroçavam-se. Uniu as coxas, receando que as águas pudessem rebentar antes de chegar a casa. – Sê um anjo e entrega-a à capitã Wonda, por favor.

Gamon arregalou os olhos e parou.

– Capitã Wonda?

– Nomeio Wonda Lenhador capitã da minha guarda palaciana – afirmou Leesha em voz alta, sem parar de andar. – Uma promoção há muito devida.

Gamon apressou-se a alcançá-las novamente.

– Se o meu comando foi, de alguma forma, insatisfatório...

Leesha sorriu, pensando se vomitaria.

– De todo. O teu serviço foi exemplar e o valor que demonstraste em defesa do Outeiro não pode ser questionado. Manterás o comando dos Soldados de Madeira, mas a segurança da minha casa será responsabilidade exclusiva da capitã Wonda. Ordena aos homens que destrocem e voltem para os seus deveres. Não esperamos um ataque.

Gamon parecia alguém que tentasse engolir uma pedra, mas, após meses em Angiers, sem saber se era prisioneira ou hóspede, Leesha estava cansada de ver Soldados de Madeira por toda a parte. Wonda tinha já escolhido criteriosamente Lenhadores para integrarem a guarda palaciana, ordenando-lhes que se posicionassem em pontos estratégicos na entrada e vistoriassem a mansão.

Arther avançou rapidamente para ocupar o lugar de Gamon quando este ficou para trás, atordoado.

– Os criados da mansão...

– ... parecem prontos para começar o dia – interrompeu-o Leesha. – Não os demoremos. – Acenou com uma mão, dispersando a multidão.

– Certamente, senhora. – Arther gesticulou e a multidão começou a dispersar. Parecia preparado para dizer algo mais, mas a mãe de Leesha abriu caminho até à dianteira, seguida por Erny. Elona estava grávida de seis meses, mesmo que o escondesse bem com vestidos muito decotados que disfarçavam a barriga e atraíam olhares para outra parte. Os homens afastaram-se como se fosse um nuclita.

– A minha filha, condessa do Outeiro! – Elona abriu os braços, com a cara brilhante de... Seria orgulho o que via na sua face? Se fosse, era assustador.

– Mãe, pai. – Leesha concedeu um breve abraço a cada um, tentando impedir-se de tremer.

Elona sentiu-o, mas teve a decência de baixar a voz.

– Estás com péssimo aspeto. Que se passa?

– Preciso apenas de entrar e descansar. – Leesha apertou o braço de Wonda e retomaram o caminho. Outros poderiam recear atravessar-se no caminho de Elona, mas Wonda era implacável como uma árvore caindo. Elona deu um passo para a seguir, mas parou quando Erny a puxou para trás. Olhou-o com ódio, mas, tal como Wonda Lenhador, o pai de Leesha estava sempre do seu lado.

– Bem-vinda a casa, condessa. – Rosal dobrou os joelhos numa vénia ensaiada, imitada pela mãe.

– Emelia – disse Leesha, tendo o cuidado de usar o nome próprio da mulher. – Senhora Laca. Surpreende-me encontrar-te aqui a esta hora.

Gared avançou e os três seguiram Leesha pelos degraus acima.

– O conde acolheu as senhoras na sua fortaleza por questões de decoro. Poderemos procurar outro sítio...

– Tolice. – Leesha piscou o olho a Rosal. – Temos espaço suficiente. Que pareceria se uma jovem promissora como tu se mudasse para casa do barão antes do casamento? Um escândalo!

Gared corou.

– Muito grato. Tenho uns papéis para leres quando tiveres tempo...

– Envia-os durante a manhã. – Leesha quase chegara aos degraus.

O Inquisidor Hayes aproximou-se a seguir, curvando-se numa vénia longa. A ausência do seu acólito, o Discípulo Franq, habitualmente inseparável do seu mestre, era conspícua.

– Condessa. Louvado seja o Criador por estares bem.

A carruagem seguinte parou e abriu a porta. Hayes arregalou os olhos quando o Protetor Jona saiu. Vika não conteve um grito, afastando-se da linha aprumada para descer os degraus a correr para o seu marido.

Hayes olhou-a, chocado, mas, mesmo tremendo com dores, o sorriso de Leesha era genuíno.

– Agradar-te-á saber, Inquisidor, que o teu dever interino no Outeiro chegou ao fim. Jona voltará a orientar o culto no Condado do Outeiro.

– Absurdo – exclamou o Inquisidor. – Não entregarei a minha catedral a...

Leesha arqueou uma sobrancelha.

– A tua catedral, Inquisidor? A que se ergue no meu condado? – Continuava a andar. Os portões da fortaleza estavam mais próximos, mas, mesmo assim, pareciam tão distantes.

Hayes foi forçado a sacrificar a dignidade, erguendo a túnica para conseguir segui-la.

– Só o duque Pether poderá dispensar-me...

Leesha interrompeu-o, puxando por uma carta com o selo real.

– A tua inquisição terminou.

– A inquisição não dizia respeito apenas a um Protetor herético – argumentou Hayes. – A questão de Arlen Fardos...

– Poderá ser debatida por ti e pelo Conselho de Protetores durante o tempo que desejarem quando regressares a Angiers – disse Leesha. – O Pastor Jona zelará pelo rebanho do Outeiro.

Hayes conseguiu escancarar a boca mais ainda do que Gamon.

– Pastor?!

– Sua Excelência abdicou do título quando se tornou duque – disse Leesha. – E, de qualquer forma, o Outeiro passou a ter mais habitantes que Angiers. O Pacto das Cidades Livres concede aos nossos Protetores o direito de formarem uma nova ordem.

Sem saber como responder, o Inquisidor pegou na carta e deixou-se ultrapassar pela marcha determinada de Leesha. O decreto do duque concedia-lhe o poder de escolher o líder espiritual do Condado do Outeiro, mas forçava os limites ao promover Jona a Pastor. Era uma declaração de independência que não agradaria ao trono de hera, mas pouco poderiam fazer para o travarem depois de Leesha ter regressado ao Outeiro.

Darsy avançou rapidamente após um gesto de Leesha. A corpulência da mulher conseguiu eclipsar literalmente o Inquisidor quando se colocou entre ambos.

– O Criador seja louvado. É bom ver-te, mestra.

– Não fazes ideia. – Leesha puxou-a para um abraço, baixando a voz. – As contrações têm dois minutos de intervalo. Se não entrar em breve, vou dar à luz nestes degraus. Wonda enviou mulheres para garantirem a segurança dos aposentos reais.

Darsy acenou com a cabeça, sem vacilar.

– Queres que vá à frente ou que te acompanhe?

Leesha sentiu um alívio repentino.

– Acompanha-me, por favor.

Darsy segurou-lhe no outro braço, colaborando com Wonda para conduzir Leesha enquanto a carruagem seguinte parava e Amanvah, Sikvah e Kendall faziam a sua saída solene. Darsy olhou-as com curiosidade.

– Mestra – disse. – Onde está Rojer?

Leesha manteve a respiração profunda e ritmada enquanto apontava o caixão que um grupo de Lenhadores retirava da carruagem.

Darsy estrangulou uma exclamação e parou. Leesha teria cambaleado, desequilibrada, sem Wonda.

– Abafa isso, Darsy – rosnou Wonda. – Não temos tempo para isso agora. – Darsy acenou com a cabeça, recompondo-se e voltando a andar.

Amanvah deslizou velozmente pelos degraus acima, ignorando os olhares de Wonda e Darsy. Leesha não precisou de mais do que um olhar.

Sabe.

– Condessa Leesha – começou a dama'ting.

– Agora não, Amanvah – sussurrou Leesha.

Amanvah ignorou-a, aproximando-se. Wonda ergueu uma mão para a travar, mas Amanvah pressionou-lhe o braço com um dedo dobrado e o braço caiu durante tempo suficiente para a deixar passar.

– Devo auxiliar o parto – disse, sem preâmbulo.

– Não te leve o Núcleo – rosnou Darsy.

– Lancei os dados, mestra – disse Amanvah em voz baixa. – Se não estiver contigo nas próximas horas, morrerás.

– Isso é uma ameaça? – A voz de Wonda era grave e perigosa.

– Parem com isso, todas – disse Leesha. – Pode vir.

– Consigo fazer qualquer coisa que... – começou Darsy.

Leesha gemeu, sentindo a necessidade de apressar o passo.

– Não há tempo. – Pousou um pé nos degraus. Era uma subida tão curta, mas parecia-lhe uma montanha.

Tarisa esperava no topo. Leesha conseguiu subir sem auxílio, mas mesmo assim a mulher precisou apenas de um olhar para perceber o que acontecia.

– Por aqui – disse, dando meia-volta e abrindo portas e estalando os dedos a um grupo de aias. Correram para ela, seguindo-a e, como um general, Tarisa fê-las partirem a correr com instruções.

Leesha sabia que a notícia alastraria rapidamente, mas nada podia fazer. Manteve toda a sua concentração na respiração e em pôr um pé à frente do outro.

Quando saíram do salão de honra, Wonda fez sinal às guardas. Cerraram fileiras enquanto a mulher corpulenta erguia Leesha nos seus braços como uma criança, carregando-a durante o resto do caminho.

– Força – disse Darsy.

Era um pedido inútil. Leesha sentiu o bebé mover-se no momento em que a instalaram na ponta da marquesa. Vinha aí quer fizesse força ou não. A dilatação estava completa e as águas tinham rebentado sobre a bela armadura de madeira de Wonda. Tudo acabaria em momentos.

Mas, a seguir, a criança debateu-se e Leesha gritou de dor. Também Darsy gritou, vendo a barriga de Leesha distender-se enquanto mãos e pés minúsculos

pressionavam por dentro. Era como se tivesse um demónio dentro que tentasse rasgar uma saída com as garras. Nódoas negras novas formavam-se sobre as que já estavam esbatidas no abdómen.

– Consegues vê-lo? – quis saber Leesha.

Darsy susteve a respiração e voltou a colocar-se entre os apoios improvisados para as pernas.

– Não, mestra.

Nucleado seja. Estava tão perto.

– Ajuda-me a erguer – disse, segurando a mão de Wonda. – Será mais fácil se me agachar. – Voltou a fazer força, tentando forçar a criança a sair.

A criança voltou a golpear, batendo-lhe como um coice de cavalo. Leesha gritou e cambaleou, mas Wonda amparou-a, voltando a deitá-la com cuidado nas almofadas.

– É como temia – disse Amanvah. – Mestra, a criança terá de sair com um corte.

Wonda opôs-se imediatamente.

– Nem pensar.

Darsy ergueu-se. A mulher corpulenta parecia um gigante sobre a minúscula Amanvah.

– Nem que fosses a última Herbanária do mundo.

– Leesha vah Erny am'Papel am'Outeiro – disse Amanvah. – Por Everam e pela minha esperança de chegar ao Paraíso, juro-te que só sobreviverás a esta noite se permitires que te corte.

Wonda empunhava a faca e Leesha sabia com que rapidez a mulher podia usá-la.

Mas, a seguir, Amanvah fez algo que Leesha não teria imaginado possível em mil anos. Caiu de joelhos, apoiando as mãos no chão e pressionando a testa entre elas.

– Pelo sangue que partilhamos, mestra. Por favor. Ala precisa de ti. A Sharak Ka precisa de ti. Acredita em mim.

– O sangue que partilham? – perguntou Darsy. – Pelo Núcleo, o que...?

– Fá-lo – rosnou Leesha enquanto a criança continuava a debater-se.

– Não podes... – começou Darsy.

– Posso e faço-o, Darsy Lenhador – ripostou Leesha. – É melhor com a faca do que tu e sabes que assim é. Engole o orgulho e assiste.

Darsy franziu o cenho, mas acenou com a cabeça enquanto Amanvah retirava pedras da sua bolsa de hora.

– Adormeço-vos aos dois...

Leesha abanou a cabeça.

– Acalma a criança, mas fico acordada.

– Não há tempo para tomar ervas para a dor – disse Amanvah.

– Então tragam-me alguma coisa para morder – pediu Leesha.

Surgiram rugas nos cantos dos olhos de Amanvah enquanto sorria atrás do véu. Acenou com a cabeça.

– A tua honra é ilimitada, filha de Erny. A dor é apenas vento. Verga como a palmeira e deixa que o vento passe.

O choro encheu o quarto quando o bebé foi agasalhado e colocado nos braços de Wonda enquanto Amanvah e Darsy terminavam o seu trabalho. Darsy suturava o ferimento ao mesmo tempo que Amanvah preparava magia de hora para acelerar a recuperação.

Wonda permaneceu tão rígida como qualquer pai estreante, receando apertar demasiado a criança e esmagá-la. Baixava o olhar para a minúscula cara de pele morena e Leesha soube que a jovem daria a vida para garantir a segurança do bebé.

Os braços de Leesha estremeceram, querendo estender-se, mas precisava de permanecer imóvel até a sutura estar terminada. Naquele momento, era quase suficiente saber que a criança estava saudável e segura.

Quase.

– O que é? – perguntou Leesha.

A cabeça de Wonda ergueu-se como a de uma aprendiza surpreendida a sonhar acordada.

– Mestra?

– O meu bebé – questionou Leesha. – É um menino ou uma menina? – Tanta coisa dependia da questão. Um herdeiro hortelão masculino de Ahmann Jardir poderia provocar guerra declarada com Krasia, mas uma filha não seria um alvo menor. O facto de os krasianos virem em busca da criança era inevitável, por mais promessas que Amanvah fizesse. O momento da sua vinda, em breve ou dali a uma década, dependeria das palavras que Wonda proferisse a seguir.

Wonda aninhou o bebé num braço enquanto abria a manta.

– É um m... – Franziu a testa, aproximando a cara.

Por fim, olhou para cima com um esgar.

– Nucleada seja se sei, mestra. Não sou nenhuma Herbanária.

Leesha fitou-a, incrédula.

– Não precisas de ser uma Herbanária, Wonda, para reconhecer partes masculinas e partes femininas.

– É por isso mesmo, mestra. – Wonda parecia aterrada. – O bebé tem as duas.



DOIS

OLIVE

334 DR

Talvez pela primeira vez na sua vida, Leesha ficou sem palavras. Olhou, boquiaberta e com a mente acelerada, enquanto os berros da criança ecoavam pelo quarto.

Um bebé nascido com partes dos dois sexos não era inaudito. Existiam casos documentados nos seus livros de ciência do velho mundo, mas era muito diferente encontrá-las numa criança viva.

Na sua criança.

Tarisa espreitou sobre o ombro de Wonda e o seu espanto motivou-lhe um gemido engasgado antes de se virar novamente.

Leesha estendeu o braço.

– Deixa-me ver.

Darsy segurou-a pelo braço e puxou-a novamente para a marquesa.

– Leesha Papel, voltas a mexer-te antes de acabarmos e prendo-te.

Ouviu-se um grito vindo da porta e os olhos de Leesha encontraram um pesadelo: uma das guardas de Wonda recuava para sair do caminho de uma muito irritada Elona Papel.

– Ei, Bekka! – gritou Wonda. – Disse-te que não deixasses entrar ninguém!

– Desculpa, Won! – gritou Bekka. – Beliscou-me a mama e empurrou-me!

– Belisco-te mais que isso se continuares a tentar afastar-me da minha filha – advertiu Elona. – Porque não fui...

As palavras ficaram-lhe presas na garganta quando Wonda se virou e Elona viu a criança nos seus braços. Correu para ela, estendendo os braços, mas Wonda deu um passo rápido ao lado. O olhar que Elona fixou nela assustaria um nuclita, mas Wonda também lhe mostrou os dentes.

– Está tudo bem – disse Leesha, acalmando Wonda e fazendo-a entregar a criança com relutância a Elona.

Havia lágrimas nos olhos da sua mãe.

– A pele do pai, mas os olhos são os teus. – Elona afastou o cobertor. – É menino ou...

Estacou, iluminada pela luz das guardas enquanto Amanvah ativava a sua magia reparadora.

O poder que se sentiu era como ar para uma pessoa que se afogasse. Fez estremecer o tronco de Leesha, reparando os danos e enchendo-a com nova força. Quando a luz esmoreceu, começou a levantar-se.

– Não te... – começou Darsy.

Leesha ignorou-a.

– Wonda, ajuda-me a chegar à cama, por favor.

Wonda pegou-lhe ao colo sem esforço, levando-a até à grande cama de penas. Leesha estendeu as mãos e Elona passou-lhe o bebé para os braços. Olhou-a com olhos azuis vivos e Leesha apaixonou-se de forma tão completa que a abalou.

Wonda Lenhador não é a única que morreria por ti, meu amor. Pobre humano ou demónio que tentar atravessar-se entre nós.

Beijou a face bela e perfeita e libertou a criança dos seus agasalhos, deitando-a contra o seu peito, pele contra pele, partilhando com ela o seu calor. A criança começou a aninhar-se e Leesha massajou o seio, preparando-o enquanto o bebé alcançava o mamilo. A pequena boca abriu-se muito e aproximou-a sem perder tempo para assegurar uma junção firme.

Quantas mães tinha guiado naquele passo? Quantos recém-nascidos tinha aproximado da mama? Não era nada por comparação com uma experiência pessoal, vendo o seu filho perfeito começar a mamar. A força da sucção espantou-a.

– Está tudo bem? – perguntou Darsy.

Leesha acenou com a cabeça.

– Tão forte. – Sentiu o leite fluir e soube que suportaria qualquer dor para alimentar o seu bebé. Tinha receado desesperadamente pela vida do seu filho em

tantas ocasiões nos meses anteriores, mas ali estava. Vivo. Seguro. A alegria fê-la chorar.

Tarisa surgiu com um pano molhado, limpando lágrimas e suor.

– Todas as mães choram na primeira mamada, senhora.

O seu soluçar foi de alívio, mas havia demasiadas perguntas por responder para Leesha se deixar levar durante muito tempo. Quando a sua respiração serenou, deixou que Tarisa lhe limpasse os olhos uma última vez e afastou a manta.

Wonda não se enganara. À primeira vista, a criança era um rapaz saudável com pénis e testículos perfeitamente formados. Foi só quando Leesha ergueu o escroto que conseguiu ver a vagina perfeitamente formada por baixo.

Suspirou, afastou a cara e começou um exame completo. O bebé era grande, demasiado grande para ter passado pelo seu canal de nascimento sem lhe causar dano e sem colocar em risco a vida da criança. Amanvah estivera certa. A cirurgia salvara a vida de ambas.

Era também forte e com fome intensa. Parecia perfeitamente saudável, sem qualquer outro traço que o assinalasse com distinção como rapaz ou rapariga.

Pôs os óculos guardados, examinando com maior minúcia. A aura da criança era luminosa, mais luminosa do que qualquer uma que Leesha tivesse visto, sem contar com as auras de Arlen e Renna Fardos. Era forte e... alegre. A criança desfrutava tanto da amamentação a nível emocional como ela. Surgiram lágrimas outra vez nos olhos de Leesha e precisou de as limpar antes de continuar o exame.

Um olhar para baixo confirmou o seu diagnóstico inicial. Órgãos masculinos e femininos, ambos saudáveis e funcionais.

Acenou com a cabeça a Wonda.

– As duas.

– Como é isto possível, pelo Núcleo? – perguntou Elona.

– Li sobre o assunto – disse Leesha. – Mesmo que nunca o tivesse testemunhado. Significa que havia dois óvulos no momento da fertilização, mas um absorveu... – As palavras foram silenciadas por um estreitar da garganta de Leesha. – A culpa é minha – gemeu.

– Porquê? – perguntou Darsy.

– A magia. – Leesha sentiu que as paredes do grande quarto se fechavam sobre ela. – Tenho-a usado em demasia. Comecei quando Inevera e eu enfrentámos o demónio da mente na primeira noite em que Ahmann e eu... – A sua face contorceu-se enquanto compreendia a extensão do horror. – Fundi-os.

– Merda de demónio – exclamou Elona. – Não tens maneira de saber isso. Tu mesma disseste que viste isto nos livros.

– Não concordo todos os dias com Elona, mestra – disse Darsy –, mas a tua mãe tem razão no que diz. Não há motivo para pensar que a magia teve alguma coisa a ver com isto.

– Teve – insistiu Leesha. – Senti-o acontecer.

– E se tiver sido? – questionou Wonda. – Devias ter deixado que um demónio te comesse?

– Claro que não – disse Leesha.

– Não adianta atribuir culpas quando tens uma febre para enfrentar. Bruna costumava dizer isto – disse Darsy. – Todos têm visão perfeita...

– ... quando veem o que já aconteceu – concluiu Leesha.

– Li os mesmos livros que tu – continuou Darsy. – Há indicações sobre como tratar isto.

– Como é possível tratá-lo? – perguntou Elona. – Há alguma erva que feche a racha ou faça a pila secar e cair?

– Claro que não. – Darsy encolheu os ombros e olhou fixamente a criança. – Teremos de... escolher um. Uma rapariga tão bonita facilmente passaria por rapaz.

– E um rapaz tão bonito facilmente passaria por rapariga – contrapôs Elona. – Isso não é tratamento nenhum.

– Sim. – Darsy indicou com a cabeça a marquesa onde Amanvah continuava a trabalhar. – Mas, combinando aquilo com alguns cortes e costuras...

– Wonda – disse Leesha.

– Sim, mestra? – tornou Wonda.

– Quero que trespasses com uma flecha quem tentar operar esta criança – ordenou Leesha.

Wonda cruzou os braços.

– Sim, mestra.

Darsy ergueu as mãos.

– Eu só...!

Leesha agitou os dedos.

– Sei que não tens má intenção, Darsy, mas essa prática era bárbara. Não pensaremos em opções cirúrgicas a não ser que a saúde da criança esteja em risco. Fui clara?

– Sim, mestra – respondeu Darsy. – Mas as pessoas vão perguntar se é menino ou menina. Que lhes dizemos?

Leesha olhou Elona.

– Não olhes para mim – disse a sua mãe. – Sei melhor que ninguém que não temos escolha nestas coisas. Cumprir-se-á sempre a vontade do Criador.

– Bem dito, esposa de Erny – disse Amanvah. Afastou-se finalmente da marquesa, ainda com as mãos vermelhas com o sangue do parto. Ergueu-as para Leesha. – Agora é o momento, mestra. Não há lançamento mais poderoso do que o do nascimento.

Leesha pensou. Deixar que Amanvah lançasse os seus alagai hora sobre a mistura de sangue e fluidos do parto abriria a sua visão para o seu futuro e para o futuro da criança. Mesmo que partilhasse tudo o que visse, algo que não era habitual nas dama'ting, seria demasiada informação para colocar em palavras. Teria sempre segredos, segredos de que Leesha poderia precisar desesperadamente.

Mas a preocupação de Amanvah com a criança, como sua meia-irmã, estava escrita em ouro na sua aura. Ansiava por fazer um lançamento para conseguir a sua proteção.

– Há condições – afirmou Leesha. – E não são negociáveis.

Amanvah curvou-se.

– O que desejares.

– Partilharás comigo tudo o que vires e com mais ninguém – continuou Leesha.

– Eu quero ver! – disse Elona, mas Leesha manteve os olhos fixos em Amanvah.

– Sim, mestra – disse Amanvah.

– Para sempre – disse Leesha. – Se tiver uma pergunta daqui a vinte anos sobre o que viste, darás uma resposta completa e sem hesitar.

– Juro por Everam – respondeu Amanvah.

– Deixarás os dados onde caírem até podermos fazer uma cópia do lançamento para mim.

Aquilo fez Amanvah hesitar. Nenhum elemento externo podia estudar os alagai hora das dama'ting para não tentarem talhar os seus. Inevera pediria a cabeça de Amanvah se acedesse àquele pedido.

Mas, após um momento, a sacerdotisa acenou com a cabeça.

– Tenho dados de barro que podemos fixar.

– E ensinar-me-ás a lê-los – disse Leesha.

O silêncio caiu sobre o quarto. Até as outras mulheres, desconhecedoras das tradições krasianas, conseguiam sentir a audácia do pedido.

Amanvah semicerrou os olhos.

– Sim.

– Que viste quando lançaste os ossos para a criança em Angiers? – perguntou Leesha.

– A primeira coisa que a minha mãe me ensinou a procurar – disse Amanvah.

Leesha pousou klats guardados à volta da antiguidade real que fora usada como marquesa. As guardas ativaram-se, bloqueando a passagem do som nas duas direções enquanto ela e Amanvah se curvavam sobre a marquesa, estudando os dados brilhantes.

Amanvah apontou com uma unha longa um símbolo em posição de destaque.

– Ka.

A palavra krasiana para «um» ou «primeiro».

Apontou outro.

– Dama. – Sacerdote.

Um terceiro.

– Sharum. – Guerreiro.

– Primeiro... sacerdote... guerreiro... – Leesha pestanejou enquanto sustinha a respiração. – Shar'Dama Ka?

Amanvah acenou afirmativamente.

– Dama significa sacerdote – disse Leesha. – Isso significa que a criança é masculina?

Amanvah abanou a cabeça.

– Não necessariamente. «Primeiro guerreiro clérigo» é uma tradução melhor. As palavras são neutras e podem referir-se a qualquer género no Hannu Pash.

– Então o meu filho é o Libertador? – perguntou Leesha, incrédula.

– Não é assim tão simples – disse Amanvah. – Tens de compreender isto, mestra. Os dados revelam-nos os nossos potenciais, mas a maioria nunca é concretizada. – Apontou outro símbolo. – Irrajesh.

– Morte – disse Leesha.

Amanvah acenou com a cabeça.

– Vê como a ponta do dado aponta para nordeste. Uma morte precoce é o mais comum dos futuros para uma criança.

Leesha firmou o maxilar.

– Não se tiver alguma palavra a dizer a esse respeito.

– Ou eu – concordou Amanvah. – Por Everam e pela minha esperança de chegar ao Paraíso. Não poderá haver maior crime em Ala do que ferir alguém que poderá salvar-nos a todos. Ala. – Apontou outro dado, posicionado com um ângulo em diagonal virado para a face gravada com irrajesh. – Mesmo que arrisquemos condenar o mundo.

Leesha tentou digerir as palavras, mas não era fácil. Colocou-as de parte.

– Que fará a tua gente se souberem que a criança não tem género?

Amanvah curvou-se mais, estudando não apenas os símbolos grandes no centro dos dados, mas também as dúzias de símbolos mais pequenos junto às arestas.

– A notícia irá dilacerá-los. É demasiado perigoso anunciar o destino da criança, mas, sem anúncio, muitos verão isto como sendo um sinal do desagrado de Everam com a Tribo do Outeiro.

– Seria um pretexto para violarem a paz que forjei com Ahmann – disse Leesha.

– Os poucos que ainda precisam de pretexto, depois de o filho de Jeph lançar o Libertador de um penhasco. – Amanvah curvou-se mais ainda para olhar os dados.

– Aqui – disse, apontando um símbolo virado para os restantes. – Ting. – Feminino. Deslizou o dedo pela aresta dos dedos, continuando a mostrar como a linha se cruzava com irrajesh. – Haverá menor convergência se anunciares a criança como sendo feminina.

A criança tinha sido banhada e mudada quando Leesha e Amanvah terminaram. Elona dormitava numa cadeira com o bebé dormindo nos seus braços. Wonda erguia-se sobre ela em pose protetora enquanto Darsy caminhava nervosamente para trás e para a frente no quarto. Tarisa retirou os lençóis ensanguentados da cama, substituindo-os por lençóis limpos. Ocupava-se naquele momento a preparar um banho.

– Ela – disse Leesha em voz alta, passando as guardas de silêncio.

Darsy parou. Elona acordou, sobressaltada.

– Sim, que foi?

Leesha semicerrou os olhos atrás dos óculos guardados, observando as auras das mulheres reunidas à sua frente.

– Para todos os que estão fora deste quarto, acabo de dar à luz uma rapariga saudável.

– Sim, mestra – disse Wonda. – Mas tu própria o disseste. O bebé precisa de ser guardado dia e noite. Mais cedo ou mais tarde, uma das guardas verá alguma coisa quando trocarmos a fralda. – A sua aura tingiu-se com preocupação. – Por falar nisso...

Leesha riu-se.

– Por ordem da condessa, ficas dispensada da troca de fraldas, Wonda Lenhador. Os teus talentos são desperdiçados a limpar rabos.

Wonda expirou de alívio.

– Graças ao Criador.

– Lerei pessoalmente a aura de todos os criados do palácio e de todas as guardas com acesso à minha filha. – Leesha olhou Tarisa. – Quem não merecer confiança precisará de procurar emprego noutro sítio.

A aura da sua criada foi tingida pelo medo e Leesha suspirou. Sabia que aquilo aconteceria, mas não tornava as coisas mais fáceis.

– Diremos também a Vika e Jizell – continuou Leesha. – Teremos de nos manter vigilantes para o caso de a sua condição causar problemas de saúde imprevistos.

– Claro – concordou Darsy.

– Se dizes a Jizell, dizes à senhora – advertiu Wonda. Jizell passara a ser Herbanária Real do duque Pether, respondendo diretamente à duquesa Araine.

Leesha olhou Tarisa nos olhos.

– Acabará por descobrir de qualquer maneira. É melhor que seja por meu intermédio.

– Isso também se aplica a ela? – Darsy apontou Amanvah.

– Sim. – A aura de Amanvah permaneceu fria e regular. Era uma pergunta justa. – Não mentirei ou ocultarei informação à minha mãe, mas os nossos interesses alinham-se. A Damajah preocupar-se-á com a segurança da criança e será essencial para impedir que o meu irmão tente apossar-se dela ou matá-la.

Elona abriu a boca, mas Leesha pôs fim à conversa.

– Confio nela. – Olhou Amanvah. – Tu e Sikvah ficarão aqui connosco?

Amanvah abanou a cabeça.

– Obrigada, mestra, mas terminaram quartos suficientes na mansão do meu honrado marido para nos instalarmos. Depois de um cativeiro tão longo, desejo ficar sob o meu próprio telhado, com a minha gente...

– Claro. – Leesha pôs uma mão sobre a barriga de Amanvah. Chocada, a mulher calou-se. – Mas compreende, por favor, que somos nós a tua gente agora. Triplamente unidas pelo sangue.

– Triplamente unidas – concordou Amanvah, cobrindo a mão de Leesha com a sua num gesto tão íntimo que teria sido impensável apenas alguns meses antes. Era estranho como a partilha da dor podia, por vezes, fazer o que a partilha de alegrias não podia.

– Que quer isso dizer? – perguntou Darsy quando Amanvah saiu do quarto.

– Quer dizer que Amanvah e Sikvah têm no ventre os filhos de Rojer – explicou Leesha. – Quem não obedecer quando uma delas desejar alguma coisa terá de ter um motivo muito bom.

Darsy arqueou as sobrancelhas, mas acenou com a cabeça, mesmo assim.

– Sim, mestra.

– Agora, se me derem licença – começou Leesha –, gostava de deitar a minha filha no seu berço e tomar o meu banho.

Darsy e Wonda encaminharam-se para a porta, mas Elona deixou-se ficar, com a sua aura demonstrando a falta de vontade de se afastar do bebé.

– Noite, mãe – disse Leesha. – Apaparicaste mais essa criança numa hora do que a mim na minha vida inteira.

– Esta ainda não tem a tua língua. – Elona olhou o bebé adormecido. – Sacaninha sortuda. Podia ter governado esta cidade se tivesse nascido com pila.

– Terias dado um homem maravilhoso – concordou Leesha.

– Um homem, não – corrigiu Elona. – Nunca quis isso. Só queria ter também uma pila. Steave fez-me uma de madeira, uma vez. Poliu-a até brilhar e disse que devia usá-la quando não tivesse outro pau em casa.

– Criador – exclamou Leesha. Mas Elona ignorou-a.

– Fê-la para mim, mas era o teu pai que gostava quando...

– Núcleo, mãe! – exclamou Leesha. – Fazes de propósito.

Elona riu-se.

– Claro que sim, rapariga. Exige manutenção constante tirar-te essa vara que tens enfiada pelo rabo acima.

Leesha apoiou a cara na mão.

Por fim, Elona desistiu e passou a criança a Leesha.

– Estou só a dizer que as mulheres Papel são ferozes, mesmo sem pilas.

Leesha sorriu ao ouvir aquilo.

– Sem dúvida.

– Que lhe vais chamar? – perguntou Elona.

– Olive – respondeu Leesha.

– Como a oliveira. Nunca percebi porque é um nome de rapariga – disse Elona. – As oliveiras têm bolas penduradas.



TRÊS

CONDESSA PAPEL

334 DR

Tarisa esperava quando Leesha conseguiu finalmente afastar o seu olhar de Olive, dormindo profundamente no seu berço. A aura da velha ainda parecia a de um coelho encurralado num canto, mas não o demonstrava.

– A minha senhora estará exausta. Senta-te e escovo-te o cabelo.

Leesha ergueu a mão, percebendo que ainda tinha o cabelo preso da viagem de regresso a casa, com metade dos alfinetes soltos ou em falta. Vestia apenas uma camisa de dormir suada e ensanguentada, com um roupão de seda por cima. Lágrimas secas cobriam-lhe as faces.

– Estarei pavorosa.

– Tudo menos isso. – Tarisa conduziu-a à cómoda do quarto, soltando o cabelo de Leesha e escovando-lho. Era um ritual tantas vezes repetido que provocava em Leesha uma pontada de nostalgia. Eram os aposentos de Thamos, os seus criados, a sua fortaleza. Pretendera partilhar tudo aquilo com ele. Um conto de fadas. Mas o papel do seu príncipe na história chegara ao fim.

Havia vestígios dele em toda a parte, pedaços ativos de uma vida interrompida no seu auge. Troféus de caça e lanças adornavam as paredes, juntamente com retratos faustosos da família real. Três armaduras lacadas em suportes pareciam sentinelas silenciosas junto às paredes.

Leesha baixou o olhar para o chão, mas o seu nariz traiu-a, captando o cheiro dos óleos perfumados que o conde costumava usar, fragrâncias que despertavam pensamentos de amor, luxúria e perda.

Tarisa percebeu o gesto.

– Arther queria levar tudo para não teres de olhar para isto. Para te poupar a dor.

Leesha sentiu um aperto na garganta.

– Ainda bem que não o fez.

Tarisa acenou com a cabeça.

– Disse-lhe que lhe arrancaria os sementeiros se tirasse uma cadeira do sítio. – Leesha fechou os olhos. Havia poucos prazeres na vida tão tranquilizantes como sentir Tarisa escovando-lhe o cabelo. Subitamente, recordava quão cansada se sentia. A magia reparadora de Amanvah tinha-lhe permitido um reforço de energia, mas essa energia dissipou-se e a magia não conseguia substituir verdadeiramente o sono.

Mas, antes disso, havia assuntos a esclarecer.

Leesha abriu um olho, observando a aura de Tarisa.

– Há quanto tempo espias para a duquesa-mãe?

– Comecei antes de nasceres, senhora. – A aura de Tarisa inflamou-se, mas a sua voz permaneceu calma. Tranquilizante. – Mas nunca vi isto como espiar. Thamos ainda usava cueiros quando me trouxeram para zelar por ele. Era meu dever informar a sua mãe a seu respeito. Sua Excelência amava o rapaz, mas tinha um ducado para governar e o seu marido raramente estava presente. Todas as noites, enquanto o jovem príncipe dormia, informava-a acerca das atividades do seu dia.

– Mesmo quando o rapaz se fez homem? – perguntou Leesha.

Tarisa fungou.

– Sobretudo quando se fez homem. Verás quando Olive crescer, minha senhora. Uma mãe nunca consegue libertá-los por inteiro.

– Que tipo de coisas lhe dizias? – perguntou Leesha.

Tarisa encolheu os ombros.

– Sobre a sua vida amorosa, sobretudo. Sua Excelência desesperava por ver que o príncipe não assentava e queria ser informada de todas as saias que lhe chamavam a atenção. – Tarisa olhou Leesha nos olhos. – Mas só uma mulher conseguiu fixar as atenções de Thamos.

– E tinha um passado sombrio – supôs Leesha. – Infância escandalosa e rumores de se ter deitado com o demónio do deserto...

Tarisa voltou a baixar o olhar, sem nunca abrandar os movimentos regulares e tranquilizantes da escova.

– Conversa do povo, minha senhora. No Cemitério dos Nuclitas e nos bancos do Templo. Nas fileiras dos Lenhadores e também nos aposentos dos criados, como o Criador bem saberá. Muitos falaram de como tu e o Homem Pintado olharam um para o outro e de como foste a Krasia para cortejar Ahmann Jardir. Ninguém podia provar que se tivessem deitado contigo, mas as pessoas não precisam de provas para sussurrarem.

– Nunca precisaram – disse Leesha.

– Não disse a Sua Excelência nada que não ouvisse de outras bocas – afirmou Tarisa. – Mas disse-lhe que não acreditasse numa palavra. Tu e Sua Alteza não eram nada discretos. Quando os atilhos dos teus vestidos começaram a ser forçados, supus que o filho era do príncipe. Todos o fizemos. Todos os criados te adoravam. Enviei por escrito as minhas suspeitas a Sua Excelência e esperei em bicos de pés que dissesses a Sua Alteza.

– Mas, a seguir, separámo-nos – comentou Leesha. – E percebeste que o amor que depositavas em mim não era merecido.

Tarisa abanou a cabeça.

– Como podíamos deixar de te amar se o nosso senhor não o fazia.

– Thamos expulsou-me – recordou Leesha.

– Sim – concordou Tarisa. – E assombrou estes corredores como um fantasma, passando horas a olhar o teu retrato.

Leesha sentiu a garganta apertar e tentou sem sucesso conter aquilo.

– Alguns poderão alimentar ainda esperança de que anuncies amanhã que Thamos tem um herdeiro – disse Tarisa. – Sonhando que possa restar ainda um fragmento do príncipe para amar e estimar nesta casa. Mas nenhum deles te renegará quando conhecer Olive.

– Gostava de poder acreditar nisso – desejou Leesha.

– Nunca conheci o meu filho – disse Tarisa. – Era criada de cozinha de senhores menores e, porque ela não conseguiu dar-lhe filhos, pagaram-me para me deitar com ele e para entregar a criança.

– Tarisa! – Leesha ficou horrorizada.

– Fui justamente tratada – continuou Tarisa. – Recebi dinheiro e referências para trabalhar para a duquesa-mãe como ama de leite, ajudando a criar o jovem príncipe Thamos. Foi como o filho que nunca conheci.

Estendeu a mão, pousando-a delicadamente sobre o ventre de Leesha.

– Não podemos escolher as crianças que o Criador nos concede. Há amor suficiente nesta casa para qualquer filho teu, senhora.

Leesha cobriu a mão dela com a sua.

– Basta de «senhoras». Chama-me mestra, por favor.

– Sim, mestra. – Tarisa apertou ligeiramente a mão e levantou-se. – A água já estará quente. Vou ver como está o banho.

Saiu e Leesha permitiu-se erguer novamente os olhos, contemplando as recordações do seu amor perdido.

E chorou.

Leesha manteve as cortinas puxadas durante o dia inteiro, olhando Olive com os óculos guardados, deleitando-se com a força e a pureza da aura da criança. Olive comia com avidez e dormia pouco, fixando em Leesha os seus olhos azuis brilhantes. A magia nela brilhava com uma emoção além do amor, além da adoração. Era algo mais primordial e puro.

Bateram à porta, sobressaltando Leesha do seu transe. Wonda foi abrir e ouviu-se uma conversa abafada. Wonda voltou a fechar e trancar a porta e regressou ao quarto.

– Arther espera lá fora – disse Wonda. – Tenho-lhe dito que estás ocupada, mas não para de voltar. Quer muito falar contigo.

Leesha sentou-se na cama.

– Muito bem. Já me viu em roupão antes. Tarisa? Por favor, leva Olive para o berçário enquanto falamos.

Olive apertou dolorosamente o dedo de Leesha no seu pequeno punho enquanto Tarisa a puxava. A sua aura provocou-lhe um aperto doloroso no coração.

Lorde Arther parou a distância respeitosa da cama e curvou-se.

– Peço desculpa pela intrusão, condessa Papel.

– Não importa, Arther – disse Leesha. – Sei que não o terias feito se não fosse importante.

– Com efeito – disse Arther. – Os meus parabéns pelo nascimento da tua filha. Sei que foi... mais cedo do que o esperado. Espero que estejam ambas de boa saúde.

– Estamos, obrigada – agradeceu Leesha. – Mas calculo que Wonda já to terá dito.

– Já, claro – concordou Arther. – O que me traz é outro assunto bastante urgente.

– Qual? – perguntou Leesha.

Arther endireitou as costas. Não era um homem alto, mas compensava-o com postura.

– Com o devido respeito, condessa, se a minha autoridade sobre o pessoal da mansão foi anulada e se estou dispensado, não me parece uma exigência desmedida esperar ser informado diretamente.

Leesha pestanejou.

– Alguém te informou indiretamente?

– A senhora Papel – disse Arther.

– A senhora... Noite, a minha mãe? – perguntou Leesha.

Arther voltou a curvar-se.

– A senhora Papel mudou-se para a fortaleza há uma semana, quando as notícias do teu novo título chegaram ao Outeiro. Tem sido... difícil de agradar.

– Não sabes a que ponto – respondeu Leesha.

– É seu direito, claro – disse Arther. – Durante a tua ausência, ela e o teu pai eram os membros mais elevados da tua família. Supus que os tivesses enviado para preparar a fortaleza.

Leesha abanou a cabeça.

– Significa apenas que a fortaleza tem recheio mais rico do que a casa do meu pai.

– Não me cabe dizê-lo – disse Arther. – Mas, esta tarde, depois de anunciar o nascimento da tua filha, disse-me que os meus serviços já não eram necessários e que os criados da casa passavam a responder-lhe diretamente.

Leesha gemeu.

– Vou estrangular aquela mulher. – Olhou Arther. – Quero que saibas que o Núcleo gelará antes de entregar o governo da minha casa à minha mãe. Deixar-lhe-ei isso claro antes do fim do dia.

– É um alívio – disse Arther. – Mas, com a dispensa de Gamon e Hayes, não consigo deixar de pensar se serei o próximo. Esperas que te apresente a minha demissão?

Leesha estudou o homem.

– Desejas permanecer ao meu serviço depois da morte de Thamos?

– Desejo, senhora – respondeu Arther.

– Porquê? – perguntou Leesha bruscamente. – Nunca aprovaste as minhas políticas, particularmente no que diz respeito às concessões a refugiados.

A indignação vibrou na aura do homem, mas Arther limitou-se a arquear uma sobrancelha.

– A minha aprovação é irrelevante, senhora. Era minha responsabilidade zelar pelas contas do príncipe e garantir que os fundos eram gastos com sensatez. Questionei todos os gastos propostos pelo conselho porque falharia no meu dever se não o fizesse. De qualquer forma, quando Sua Alteza tomava uma decisão, era cumprida diligentemente e sem demora. Podes confiar em absoluto que farei o mesmo por ti, se me aceitares.

Não havia qualquer mentira na sua aura, mas a pergunta de Leesha permaneceu sem resposta.

– Porquê? – repetiu Leesha. – Esperei que apresentasses a tua demissão pouco depois do meu regresso e voltasses para as propriedades da tua família em Angiers.

Uma imagem surgiu na aura de Arther. Estava distorcida, mas Leesha conseguiu ver uma casa angierana outrora grandiosa e sucumbindo à degradação. A imagem ligou-se a Arther com vergonha e orgulho feroz.

– As propriedades da minha família foram hipotecadas para pagar a minha comissão junto dos Soldados de Madeira – disse Arther. – Isso e um pouco de sorte tornaram-me escudeiro do jovem príncipe Thamos. A minha vida era sua. Gamon não é diferente.

Outra imagem. Thamos, Arther e Gamon, inseparáveis como irmãos.

– Mas o príncipe foi-se. – Arther não exteriorizou a dor que lhe alastrava pela aura. – Tal como a Angiers que deixámos. As Lanças da Montanha de Euchor em breve serão relegadas ao policiamento das ruas, pondo fim a distúrbios domésticos e a espetáculos de Jogral sem licença. Não resta nada para nós lá, mesmo que desejássemos regressar.

Leesha não tinha pensado naquilo.

– Para onde irias se pedisse a tua demissão?

– Continuo a ser contramestre dos Soldados de Madeira do Outeiro, a não ser que me dispenses também desse dever – disse Arther. – Voltaria ao quartel enquanto procurasse emprego junto dos barões. Talvez com o barão Lenhador.

– Ainda não tenho certezas quanto à tua lealdade, Arther. Perdoa-me a franqueza. – Tocou nos óculos com um dedo. – E vejo as respostas na tua aura.

Arther olhou-a demoradamente, movendo os olhos para as lanternas e cortinas corridas e, a seguir, para os seus óculos guardados. A sua aura estava ativa, mas mostrava-se demasiado complexa para Leesha ler, como se o homem não conseguisse decidir o que sentia acerca daquela invasão de privacidade.

Por fim, fungou e endireitou as costas.

– Perdoo-te, senhora, por toda a franqueza com que me questiones. Como é meu dever questionar as tuas políticas, é tua obrigação questionar a minha lealdade antes de me aceitares ao teu serviço.

– Obrig... – começou Leesha.

– Mas – interrompeu Arther com uma mão erguida – para trabalharmos de boa-fé, deverás aceitar não voltar a sujeitar-me a este... – indicou com uma mão os óculos de Leesha – ... escrutínio indevido sem justa causa ou provas que o justifiquem.

Leesha abanou a cabeça.

– Se sentires que invadi a tua privacidade, peço desculpa, mas os óculos passaram a fazer parte de mim. Não os tirarei sempre que entrares na mesma divisão em que me encontrar. Haverá mudanças no Outeiro, Arther. Se alguém ao meu serviço se sentir desconfortável com magia de guardas, terá, obviamente, as melhores referências e um último pagamento generoso.

– Muito bem, senhora. Informarei os criados. Quanto a mim, se tiveres questões adicionais acerca da minha integridade, peço-te que as coloques e sigamos em frente. – A aura de Arther fervia com indignação crescente. Considerava-se acima de qualquer censura e ofendia-se com a desconfiança de Leesha.

Leesha sabia que precisava de prosseguir com cautela. Podia descobrir que Arther era leal e repeli-lo com a sua recusa em retribuir a confiança.

Cruzou os braços.

– O pai da criança é Ahmann Jardir.

A aura de Arther não se alterou.

– Não sou tolo, senhora. Mesmo que o meu senhor não me tivesse informado há meses, a tua mãe gritaria dos torreões se a criança fosse de Thamos.

– E, mesmo assim, desejas continuar ao meu serviço? – perguntou Leesha.

– Ahmann Jardir morreu – respondeu Arther. – Independentemente do que tiver acontecido antes, parece-me que quaisquer laços que te unissem aos krasianos morreram com ele. Depois da Batalha da Doca, não poderá haver dúvidas de que o novo líder krasiano vê o Outeiro como seu inimigo e conheço-te suficientemente para confiar que não lho entregarás.

– O Núcleo nos engolisse – disse Wonda.

– O meu senhor também morreu – continuou Arther, com a indignação na aura roída por um vazio crescente. – Sei que o amavas e ele a ti. Foram ambos... liberais com os vossos afetos antes de se conhecerem. Não me cabe julgar.

– Enviavas relatórios regulares ao ministro Janson – referiu Leesha.

– Todos o fazíamos, incluindo Sua Alteza – disse Arther. – Thamos não escondia nada do trono de hera.

– Janson também morreu – disse Leesha. – E as dívidas do Outeiro foram saldadas. Tu próprio disseste que a Angiers que conhecemos já não existe. O Outeiro deverá encontrar o seu próprio caminho.

– Pretendes ser duquesa do Outeiro – supôs Arther.

– E se pretender? – perguntou Leesha. – És-me leal a mim... ao Outeiro... ou ao trono de hera?

Arther deu um passo atrás, retirando a lança cerimonial que trazia às costas. Wonda moveu-se, mas Leesha parou-a com uma mão enquanto Arther deitava a arma no chão diante da cama, ajoelhando-se.

– A ti e ao Outeiro, senhora. Juro-o pelo Criador e voltarei a jurá-lo sob o sol.

Leesha estendeu uma mão e Arther aceitou-a.

– E eu juro ser digna da tua confiança, primeiro ministro.

Arther beijou-lhe a mão.

– Obrigado, senhora.

Ergueu-se com um movimento hábil enquanto retirava uma prancheta de escrita de um saco pendurado à cintura.

– Nesse caso, recebi já dúzias de pedidos de audiência e há vários assuntos prementes...

Leesha suspirou, mas sentiu muita tensão ser varrida por aquilo. Olhou na direção do berçário.

– Tens a minha atenção até Olive começar a chorar, ministro.

«Leesha Papel, mestra do Outeiro»

Leesha sentiu um espasmo nas costas enquanto rabiscava palavras pelo que parecia ser a milésima vez. A cadeira de Thamos era uma monstruosidade esculpida, escolhida mais para intimidar do que pelo conforto. A magia ajudou a acelerar a sua recuperação, mas não queria ficar dependente dela, sobretudo quando Olive mamava avidamente uma dúzia de vezes por dia.

Pousou uma mão nos músculos rígidos ao fundo das costas e esticou-se. Assinava desde meio da manhã. Do outro lado da janela do gabinete, o céu escurecia.

O ministro Arther retirou o papel, colocando-o sobre a pilha dos documentos assinados enquanto lhe colocava outro à frente.

– Cinquenta mil klats para arreios de cavalo com as armas do barão Lenhador. – Arther sublinhou as quantias relevantes com a ponta da caneta antes de rabiscar um X no fundo. – Assina aqui.

Leesha passou os olhos pela página.

– Isto é ridículo. Não vou aprovar isto. O barão pode gastar o seu próprio dinheiro para arrear os cavalos. Há bocas famintas para alimentar.

– Perdão, mestra – disse Arther –, mas a encomenda ficou pronta há um mês. O barão tem os seus arreios e o vendedor merece o seu pagamento.

– Como se processou isto sem aprovação? – perguntou Leesha.

– Sua Alteza entregou o governo ao barão Lenhador, um homem que prefere enfrentar um demónio da madeira num combate de pugilismo a pegar numa caneta. – Arther fungou. – Aparentemente, entre os outeireiros, considera-se que cuspir na mão é um contrato inabalável.

– A maioria não sabe ler, de qualquer forma. – Leesha cerrou os dentes enquanto se curvava e assinava. A seguir, olhou a pilha alta e instável de documentos que o escrivão do barão tinha enviado. – São todos assim?

– Receio que sim – admitiu Arther. – As pessoas precisavam de alguém que simbolizasse o poder durante a ausência do conde e a tua. Sobretudo depois do desaparecimento do Senhor e da Senhora Fardos. Nesse aspeto, o barão Lenhador foi um grande sucesso. Como administrador... deixou muito a desejar.

Leesha acenou com a cabeça. Não podia fingir que desconhecia aquilo. Tinha conhecido Gared durante toda a sua vida. As pessoas gostavam dele e confiavam nele. Era um deles, o primeiro dos Lenhadores a responder ao apelo de Arlen Fardos para levarem os seus machados para a noite. Tinha-se erguido entre os outeireiros e os demónios durante todas as noites desde então e todos o sabiam. As pessoas dormiam melhor sabendo que Gared Lenhador era o chefe.

Mas era muito melhor a gastar dinheiro do que a contá-lo. Leesha podia cunhar um número infinito de klats, mas valeriam apenas o que as pessoas acreditassem que valiam.

– Mesmo assim, desejarias servi-lo se pedisse a tua demissão? – perguntou Leesha.

Arther expirou ruidosamente pelo nariz.

– Foi uma ameaça vazia, mestra. O barão Lenhador muda de escrivão mais depressa do que esvazia canecas de cerveja. O escudeiro Emet demitiu-se quando o barão ameaçou arrancar-lhe os braços.

Leesha suspirou.

– E, se te ordenasse que o fizesses e lhe ordenasse a ele que te aceitasse?

– Poderia violar a minha promessa e desertar para Krasia – disse Arther. Leesha riu-se tanto que sentiu a garganta dorida.

Os seus olhos voltaram à pilha de papéis e a vontade de rir abandonou-a. Esfregou a têmpora, massajando o desconforto que em breve se tornaria dor se não comesse nada e se não pudesse passar uma hora sozinha nos seus canteiros.

– Gared precisa de um escrivão que não tenha medo dele.

– Não sei onde encontrarás um homem assim que não seja Arlen Fardos – comentou Arther.

– Não pensava num homem – disse Leesha. – Wonda?

– Não olhes para mim, mestra – disse Wonda. – Sou pior que o Gar com papéis.

– Nesse caso, traz-me a menina Laca, por favor – pediu Leesha.

Wonda sorriu.

– Sim, mestra.

– Obrigada por teres vindo, Emelia. – Leesha indicou com a mão uma das cadeiras junto à sua secretária. – Senta-te, por favor.

– Obrigada, condessa. – Rosal dobrou as pernas numa cortesia pronta e bem treinada, esticando as saias enquanto se erguia para que, quando se sentasse, não ficasse uma dobra fora do sítio.

– Trata-me por mestra, por favor – disse Leesha. – Chá?

Rosal acenou com a cabeça.

– Sim, mestra. Por favor.

Leesha fez sinal a Wonda. A mulher conseguiria enfiar linha numa agulha com o arco e tinha mão igualmente firme para verter, trazendo duas chávenas fumegantes sobre pires numa mão, como se fossem um par de klats.

– Que te parece o Outeiro até agora? – perguntou Leesha enquanto pegava na sua chávena.

– Maravilhoso. – Rosal deixou cair um torrão de açúcar no chá, mexendo. – Têm sido todos tão acolhedores. Estão todos entusiasmados com o casamento. Até a tua mãe se ofereceu para ajudar com o planeamento.

– Ah sim? – Era a primeira vez que Leesha ouvia falar daquilo. Parecia impensável que Elona se pudesse oferecer para ajudar alguém por gentileza. Sobretudo se quem precisasse de ajuda fosse Emelia Laca.

Rosal acenou com a cabeça.

– Apresentou-me às melhores floristas e costureiras e deu-me... conselhos interessantes acerca do vestido.

– A minha mãe não é mulher para usar pano em excesso – disse Leesha. – Sobretudo em cima.

Rosal ergueu a chávena e piscou o olho.

– Vesti coisas piores do que qualquer coisa que a tua mãe consiga engendrar. Mas não desta vez. Rosal era para os outros homens. Gared terá uma noiva saída de uma história de Jogral.

– Gared não terá nada até a sua papelada ficar resolvida – disse Leesha, apontando a pilha sobre a secretária.

Rosal acenou com a cabeça.

– Os papéis não são o forte de Gar. Depois do casamento, posso...

– Não servirá, querida – retorquiu Leesha. – Preciso de recordar a tua dívida para comigo?

Rosal abanou a cabeça. Leesha impedira a duquesa-mãe de a atirar para a prisão depois do escândalo na corte.

– Claro que não, mestra.

– Ótimo – considerou Leesha. – Os dados de Amanvah disseram que podia confiar que serias leal ao Outeiro e preciso de alguém assim do meu lado agora.

Rosal pousou o pires e endireitou as costas, pondo as mãos no colo.

– Como posso ajudar?

Leesha apontou a pilha.

– Diz ao teu prometido que não te deitarás com ele até se sentar contigo e o obrigares a pôr ordem nas contas.

Rosal arqueou uma sobrancelha, com um sorriso ligeiro assomando-lhe aos lábios.

– Mestra, nunca me deitei com o barão. Não somos casados! Que escândalo seria! – O sorriso alargou-se. – Mas mantenho-lhe a árvore em sentido. Digo-lhe que não lho tiro das calças a não ser que fique algemado. Agora, quando estamos sozinhos, corre para os ferros.

– Criador – exclamou Leesha. – És tão má como a minha mãe. Tem cuidado para não o fazeres quando tem a sua força noturna ou poderá quebrar esses ferros.

Os olhos de Rosal brilharam.

– No fundo, mestra, não quer fazê-lo.

– Posso esperar lá fora, mestra? – perguntou Wonda.

Rosal sorriu-lhe.

– Wonda Lenhador, estás a corar!

– É como ouvir-te falar do meu irmão – disse Wonda.

– Tenho dois irmãos – disse-lhe Rosal. – Sei mais do que desejaria sobre as suas vidas amorosas. – Piscou o olho. – Mas não diria que a informação não foi útil.

– Nesse caso, posso depreender que terás a solução para o problema... *hmm*... – Leesha não conseguiu evitar o sorriso – ... em mãos?

As três mulheres riram-se.

– Não te preocupes mais, mestra – disse Rosal. – Vou pôr os ferros por baixo da secretária dele.

– O Sol pôs-se, mestra – disse Tarisa.

Leesha afastou Olive do peito, passando-a a Elona.

– Chegaram todos? Foi-lhes servido chá?

– Há muitos que esperam há uma hora – respondeu Wonda.

Leesha acenou com a cabeça. Manter os conselheiros à espera era algo que Thamos fazia para demonstrar o seu poder e parecia adequado manter a prática na sua primeira reunião do conselho desde o regresso.

Além disso, convocando a reunião para aquela hora tardia, Leesha podia esperar pelo sol, que entrava pelas janelas ocidentais da câmara do conselho ao fim da tarde. Pôs os seus óculos guardados e ergueu-se, dirigindo-se para o corredor. Tinha regressado há uma semana e não podia adiar mais aquilo.

– Leesha Papel, mestra do Outeiro – limitou-se Arther a dizer enquanto a fazia passar pela entrada real na câmara do conselho, praticamente escondida atrás do trono monstruoso de Thamos. Pretendia livrar-se da coisa, no futuro, mas, por enquanto, cumpria bem o seu propósito, erguendo-se sobre o conselho.

Leesha tinha removido propositadamente o título do seu nome. «Condessa» era um título concedido pelo trono de Angiers, mas não tinha qualquer intenção de manter a sua vassalagem. Chegara o momento de o Outeiro se erguer sozinho.

Todos se levantaram, saudando-a com vénias. Retribuiu com acenos de cabeça e indicou com um movimento da mão que se sentassem. Só Arther ficou de pé, posicionando-se ao lado do trono.

Leesha olhou os conselheiros. O seu pai, Erny, representava a Guilda dos Guardadores. Smitt, a dos Mercadores. O Pastor Jona tinha ocupado a grande cadeira de madeira do Inquisidor Hayes, mas Hayes encontrou outra quase tão grande e sentava-se a seu lado. De igual modo, o barão Gared tinha o capitão Gamon a seu lado. Darsy e Vika ocupavam o extremo oposto da mesa, Darsy na

grande cadeira acolchoada em que Leesha se sentara outrora. Ao lado delas, sentavam-se Amanvah, Kendall e Hary Rebolador, mestre da Guilda dos Jograis.

– Agradeço-vos a todos por terem vindo – começou Leesha. – Sei que há muitos preparativos a fazer para a cerimónia desta noite. Por isso, manteremos esta primeira reunião breve. Em primeiro lugar, como todos sabem, Lorde Arther manterá a sua posição como primeiro ministro. – Indicou o homem com a cabeça. – Ministro?

Arther avançou com a prancheta pronta.

– O Outeiro passou a ter dezasseis baronatos, sem contar com a Floresta das Herbanárias. Onze têm grandes guardas ativas. Quatro começaram a pagar impostos. Os outros continuam... instáveis enquanto as pessoas se instalam nas suas novas vidas.

A maioria desses baronatos era povoada por refugiados krasianos, que tinham chegado em fluxo contínuo durante o ano anterior. O Outeiro tinha crescido exponencialmente para os acomodar, cunhando klats para lançar as economias respetivas e providenciando infraestruturas e matérias-primas para que os habitantes pudessem reconstruir as suas vidas.

– Todos eles enviam gente para se juntar aos Lenhadores – referiu Gared. – Temos recrutas a chegar todos os dias, o que é bom. Os demónios são repelidos pelas grandes guardas, mas o seu número não diminui. Quanto muito, aumentará.

– Usamos moldes e transferências para guardar as suas armas e escudos – disse Erny. – Não são tão eficazes como armas guardadas à mão, mas permitiu-nos acompanhar a procura. Trabalhamos também com peças de tecido para produzir em massa Capas de Invisibilidade.

Leesha acenou com a cabeça.

– Que fazemos para reconstruir a cavalaria?

– Jon Garanhão tem mais cavalos a caminho – disse Smitt. – Os Lanceiros de Madeira...

– Lanceiros do Outeiro – corrigiu Leesha, olhando Gamon.

– Hã? – perguntou Smitt.

– Os Soldados de Madeira são dissolvidos a partir de hoje – declarou Leesha. – Quem quiser juntar-se aos Soldados do Outeiro será automaticamente recrutado e manterá o seu posto e soldo depois de jurarem lealdade ao Outeiro. Os restantes...

Gamon ergueu uma mão. Já tinha discutido aquilo com Arther.

– Falei com os homens, mestra. Nenhum deseja regressar a Angiers.

Leesha acenou com a cabeça.

– Voltarão em breve à sua plena força, capitão.

Olhou Jona, sentado com o rígido Inquisidor Hayes.

– E os teus Protetores, Pastor?

– Demorarão algum tempo a voltarem à plena força – disse Jona. – Os invasores krasianos executaram Protetores e Discípulos, sempre que os encontravam. Temos apenas um punhado de homens para pregarem a tantos. Desejo a tua bênção para nomear o Inquisidor Hayes como porta-voz do primeiro Conselho de Protetores do Outeiro.

Leesha e o Inquisidor olharam-se. Também ele tinha trazido óculos para a reunião. Leesha via luz guardada dançando sobre eles e sabia que via a sua aura como ela via a dele.

Também aquilo tinha sido acordado antecipadamente. Uma forma de manterem ambos a sua dignidade enquanto seguiam o seu guião diante do conselho.

– Como achas que o duque Pether reagirá – perguntou Leesha – se renunciares à Igreja de Angiers e jurares lealdade a uma igreja independente do Outeiro com Jona como Pastor?

Hayes traçou uma guarda rápida no ar. Leesha viu o símbolo palpitar com magia ambiente, impressionada com a sua perícia. Os olhos dele foram também puxados para o mesmo ponto.

Leesha sorriu quando viu a compreensão surgir na aura do clérigo. *Os Protetores têm mais poder do que julgam.*

Hayes conteve a surpresa.

– Treinei Pether. Verá isto como uma traição pessoal. A Igreja de Angiers declarar-me-á herético e emitirá provavelmente um mandado para que seja queimado vivo se voltar a pisar solo angierano.

– E, mesmo assim, desejas fazer isto? – perguntou Leesha.

– Fui enviado para aqui para esmagar a heresia – disse o Inquisidor Hayes. – Para colocar o Outeiro novamente sob controlo do Pastor Pether e da Igreja de Angiers. Mas, nos meses em que servi aqui, vi pessoas de tremenda fé e coragem e testemunhei coisas que o Conselho Angierano de Protetores poderá apenas imaginar.

«Não pretendo conhecer o plano do Criador, mas sei que me pôs no mundo por um motivo, para me erguer entre esta gente e o Núcleo. Para lhes dizer que o Criador observa e que sente orgulho.

A sua aura brilhava com convicção e Leesha baixou a cabeça, olhando Jona.

– Não precisas da minha bênção, Pastor, mas é tua.

– Obrigado, mestra – agradeceu Jona. – Começaremos a promover Protetores e a aceitar novos Discípulos, mas poderão passar anos até as nossas fileiras recuperarem números seguros.

– Claro – disse Leesha. – Talvez tenha chegado o momento de promover o Discípulo Franq?

As auras dos dois homens tingiram-se. Fixaram olhares nervosos um no outro e em Gared. Lentamente, a cor alastrou à volta da mesa até ser claro que todos os outros sabiam algo que Leesha não sabia. Até mesmo Darsy.

– Que foi? – perguntou.

– Franq é uma parte pequena de um problema maior – disse Darsy. – Um problema que cresce como ervas daninhas no centro do Outeiro.

– As Crianças Guardadas – disse Leesha.

– Já não podemos dizer-lhes nada! – Gared bateu com uma mão de gigante na mesa, fazendo-a tremer e vibrando o chá de todos. – Não aparecem na formatura, não dão ouvidos a ninguém a não ser aos seus.

– Vivem na Floresta das Herbanárias – disse Smitt. – Recusam dormir dentro de paredes.

– Como se tivessem deixado de ser gente – prosseguiu Gared. – Tornando-se... outra coisa.

Foi a vez de Leesha bater na mesa.

– Basta, barão. Não falamos de demónios. São irmãos, irmãs e filhos do Outeiro. Falamos do filho de Evin e Brianne, Callen. – Olhou Smitt. – De Keet, teu filho, e de Stela, tua neta.

– Callen partiu o braço de Yon Grisalho – disse Gared.

– Apanhei Keet e Stela roubando de um dos meus armazéns – referiu Smitt. – Comida, armas, ferramentas. O meu próprio filho atirou-me ao chão quando tentei travá-los. Pus um cadeado novo no armazém e, quando voltaram, pontapearam uma porta de madeira dourada de quinze centímetros como se fosse feita de aparas.

– Que tem tudo isto a ver com o Discípulo Franq? – perguntou Leesha.

– Sei que o Discípulo começou a treinar sozinho, seguindo rituais próprios – começou Hayes. – Receando um risco crescente de heresia, enviei Franq para pregar às gentes. Os relatórios indicavam que ansiavam por aprender guardas e Franq é um Guardador dotado. Usámo-lo para ter acesso.

– E? – perguntou Leesha.

Hayes susteve a respiração.

– E... juntou-se a eles, mestra.

Leesha pestanejou.

– Dizes-me que o Discípulo Franq, um homem feito de madeira rija, se juntou às Crianças Guardadas?

Hayes acenou severamente com a cabeça.

– Quando o vi pela última vez, mestra, tinha começado a usar uma túnica castanha simples.

– Isso não é invulgar – considerou Leesha.

– As suas mangas foram cortadas para expor as guardas tatuadas nos braços – disse Hayes. – E tresanda a suor e a sangue de demónio.

– Precisarei de me encontrar com eles – disse Leesha. – E em breve.

– Não é boa ideia, mestra – desaconselhou Wonda.

– Está certa, Leesha – disse Gared. – As Crianças são perigosas.

– Treinei-os – disse Wonda. – Dão-me ouvidos. Sei que sim.

Leesha abanou a cabeça.

– Preciso de ver por mim. Asseguro-vos que iremos preparados e que não faremos nada para os provocarmos até ficarmos satisfeitos.

– Haverá outra pessoa que possas enviar – disse Wonda. – Apenas para avaliar o terreno.

– Normalmente, seria uma tarefa para o meu arauto – respondeu Leesha. – Mas, com o desaparecimento de Rojer, essa posição encontra-se vazia. – Olhou Kendall. – A posição é tua, Kendall, se a quiseres.

Kendall pestanejou.

– Eu, mestra? Não sou muito mais que uma aprendiza...

– Tolice – replicou Leesha. – Foi o próprio Rojer a dizer-me que és a única que alguma vez conheceu com o talento dele para encantar demónios. O Outeiro precisa disso, depois do seu desaparecimento e a palavra de Rojer é mais que suficiente para mim. Mestre de Guilda?

Hary Rebolador sorriu, erguendo um documento enrolado e passando-o à jovem.

– A tua licença de Jogral, Kendall Canção de Demónio.

– Sim, isso agrada-me – disse Kendall, aceitando o documento.

– Então aceitas o trabalho? – insistiu Leesha. – A licença é tua, de qualquer forma, mas não há mais ninguém que deseje neste posto.

Kendall olhou Amanvah, que acenou com a cabeça.

– Sim, mestra. Claro.

Hayes grunhiu. Leesha arqueou uma sobrancelha.

– Algo te preocupa, Inquisidor?

Hayes esticou os lábios.

– Apenas que o teu novo arauto parece responder primeiro a uma sacerdotisa evejana e só depois à sua condessa.

Amanvah franziu as sobrancelhas, com a aura inflamando-se. Hayes também o viu, encolhendo-se. Leesha ergueu uma mão antes que Amanvah pudesse responder.

– Confio totalmente em Kendall, Inquisidor. Não poderei dizer o mesmo acerca da tua capacidade de julgamento atual. Quanto a Amanvah... – Olhou a dama'ting. – Será melhor que lhes digas.

Amanvah inspirou fundo, reencontrando a serenidade.

– Sikvah e eu regressaremos à Fortuna de Everam depois do funeral do nosso marido. A Damaji'ting de Kaji foi chacinada no golpe do meu irmão. Devo substituí-la.

Ouviram-se exclamações de espanto à volta da mesa.

– Damaji'ting... – começou Jona.

– «Pastora» é a tradução mais próxima – disse Amanvah. – Mesmo que não seja perfeita, pois é também um título secular. Exercerei controlo direto das dama'ting e mulheres dos Kaji, a maior tribo de Krasia.

– Pastora e duquesa em simultâneo, então – disse Jona, curvando-se diante dela. – Parabéns, Alteza.

Sentimentos similares ecoaram à volta da mesa. Amanvah agradeceu-os com vénias régias antes de se virar para Leesha.

– Não posso falar pela minha mãe e irmão, mestra, mas sei pelo sangue que partilhamos que tu e o Outeiro terão sempre em mim um aliado.

Leesha acenou com a cabeça.

– Não tenho qualquer dúvida a esse respeito. – Voltou costas a Arther. – Que notícias há de Lakton?

Arther olhou Amanvah com receio.

– Mestra...

– Não há nada que possas dizer que Amanvah não descubra quando regressar, ministro – disse Leesha.

Arther uniu os lábios enquanto escolhia cuidadosamente as palavras.

– A ilha permanece livre, mesmo que as águas alberguem presentemente um número crescente de corsários krasianos.

– E as margens? – perguntou Leesha.

– Ainda sob controlo krasiano – disse Arther. – Mas as suas posições são mais débeis. Os restos do exército do príncipe Jayan não regressaram. Metade dos

homens desertaram, predando como lobos os povoados que encontraram. Os restantes refugiaram-se dentro das muralhas do Mosteiro da Aurora.

– E os refugiados que se abrigaram aí? – Leesha tinha enviado Briar Damaj para localizar os que pudessem ter escapado à chacina.

– Briar tem andado cá e lá – disse Gared. – Já trouxe um grupo. Esperamo-lo esta noite com o último grupo, dignitários milneses que quer que conheças.

Leesha bebeu um gole de chá.

– Preparem-lhes quartos e marquem-lhes uma audiência comigo depois de um ou dois dias para se recomporem. – Pousou a chávena. – Amanvah, discutamos o serviço desta noite.

Elona caminhava para trás e para diante no corredor quando a reunião chegou ao fim, mas não esperava Erny. Os seus olhos e a sua aura continuavam fixos em Gared enquanto aplicava um beijo na face do marido e o empurrava pelo corredor fora com um empurrão.

Nenhum dos conselheiros notou a fixação de Elona, nem mesmo Hayes com os seus olhos guardados. Todos se mostraram simplesmente gratos por não se focar neles, passando apressadamente por ela. Mas Gared deixou-se ficar, conversando com Arther e Gamon. Quando Elona entrou na sala, os dois homens dispersaram tão rapidamente quanto permitisse a sua dignidade. Quando Gared a viu, Elona tinha fechado a porta, prendendo-o.

Elona virou-se para Leesha, que viu a mesma ânsia de fuga amedrontada tingir-lhe a sua própria aura em ondas. Gostava de pensar que controlava melhor a sua mãe, mas as auras não mentiam.

– Um pouco de privacidade, querida? – Havia uma entoação perigosa na voz de Elona. Gared olhou para Leesha em pânico.

– Desculpa, Gar. Isto alastra-se há demasiado tempo. Tu e a minha mãe têm coisas para discutir.

Leesha virou-se e Wonda abriu a porta para a residência real. Passaram os dois por ela, fechando a porta.

– É tudo por agora, Wonda – disse Leesha.

– Mestra? – perguntou Wonda.

– É possível que precise de me envolver outra vez nisto – disse Leesha. – Queres estar por perto quando o fizer?

O pânico tingiu a aura de Wonda. Noite. Haveria alguém no mundo que não morresse de medo de Elona?

– Não, mestra.

– Então vai – disse Leesha. – Procura Rosal. Pede-lhe que resgate o seu prometido da sala do conselho. – O alívio preencheu a aura de Wonda enquanto se virava e corria pelo corredor fora.

Desde o regresso ao Outeiro, Leesha tinha deixado de usar o avental com bolsos das Herbanárias. Araine disse-lhe que não seria digno ou adequado a uma condessa e, por mais que desagradasse a Leesha, a mulher estava certa.

Mas também não era digno ou adequado que Leesha escondesse quem era. Fez com que todos lhe chamassem mestra e os seus vestidos estavam cobertos com bolsos refinados repletos de ervas e objetos guardados.

Escolheu uma delicada bola de prata guardada pendurada de uma fina corrente de prata. Introduziu-a numa orelha, passando a corrente sobre a cabeça para a manter no sítio. Dentro da bola havia um fragmento de osso de demónio. Leesha deixara o seu gémeo no trono e, com aquilo, conseguia ouvir tudo o que se passava na sala do conselho.

– Tens-me evitado, rapaz – disse Elona, mas não o fez com o tom que empregava com os outros. Era o ronronar de um gato dormitando sobre o buraco do rato.

– Tenho estado ocupado – respondeu Gared.

– Sim, estavas sempre ocupado – concordou Elona. – Até ficares com uma árvore rija nas calças. Quando acontecia, vinhas à minha porta, suplicando como um cão faminto.

– Não volto a fazer isso. – As palavras de Gared pareceram mais uma súplica do que uma ordem. – Prometi a Leesha e jurei pelo sol.

– É fácil fazer uma promessa dessas – disse Elona. – É muito mais difícil mantê-la, acredita... É mais fácil agora, com aquela galdéria angierana drenando-te os sementeiros noite e dia. É sempre assim no início. Pensas que não voltarás a precisar de outra mulher. Mas ela cansar-se-á da tarefa e desatar-te-á os atilhos das calças cada vez menos. Depois, um dia, quando tiveres os sementeiros quase a rebentar, procurar-me-ás, sabendo que te deixarei bem enxertado e usarei truques de que essa tua jovem debutante não terá sequer ouvido falar.

Gared gemeu, espantado. Tocava-o?

– Que te parece, rapaz? – perguntou Elona. – Ela esvazia-te como eu consigo?

– N-nós não... – gaguejou Gared. – Ainda não fizemos isso.

– Deves estar entupido até aos olhos! – Elona riu-se, parecendo triunfante. – Que te parece se fizer um favor à tua jovem prometida e verter umas gotas pelos bons velhos tempos?

Ouviram-se cambaleios e móveis sendo arrastados.

Elona riu-se.

– Queres-me debaixo da mesa? Queres que cuide de ti em segredo com gente a passar por nós?

Mais móveis sendo arrastados.

– Não volta a acontecer, Senhora Papel – rosnou Gared. – O Libertador disse que podia ser um homem melhor e pretendo fazê-lo.

– Estás a ser parvo, rapaz – ripostou Elona. – Consegues melhor do que essa rapariga.

– Nem sequer a conheces! – exclamou Gared.

– Bebi chá que chegue com essa tonta e com a sua mãe imbecil para afogar um demónio da água – disse Elona. – Não tem nada para te oferecer agora que a minha filha voltou a estar solteira.

Noite, mãe!, pensou Leesha. *Ainda?!*

Mas Gared surpreendeu-a.

– Não quero Leesha. Gostei dela, eu sei, mas nunca resultaria.

A mais pura das verdades, concordou Leesha.

– Não é apenas Leesha, seu idiota – ripostou Elona. – Casas com ela e podes ser o duque do Outeiro. Noite. Um dia, podes ser rei de Thesa! – Voltou a ronronar. – Agora que já teve algumas lanças, estará pronta para uma árvore a sério. E, quando não estiver a trepar por ela acima, eu ocupo-me de apanhar a fruta.

– E... e Erny? – guinchou Gared.

– *Pfagh* – exclamou Elona. – Esconder-se-á no armário e dará à mão até te ires, como sempre.

Leesha ouviu o suficiente, retirando o auricular guardado e abrindo a porta. Gared usava a mesa do conselho como escudo, paralisado como um veado do outro lado.

– O Criador seja louvado. – Gared aproximou-se rapidamente. Leesha sentiu vontade de rir ao ver Gared Lenhador, dois metros de músculo puro, escondendo-se atrás dela.

– Muito bem. Guarda-o nas calças! – rosnou Elona. – Isso não muda o que ficou para trás!

– Ei, que quer isso dizer? – perguntou Gared, espreitando sobre o ombro de Leesha.

– Quer dizer que tenho o teu bebé na barriga, miolos de madeira – ripostou Elona.

– O quê?! – perguntou Gared, urgentemente. – Pensei só que tinhas engordado uns quilos.

Foi a pior coisa que poderia ter dito. A aura de Elona ficou vermelha e os seus olhos ficaram salientes.

Mas, a seguir, a porta da sala do conselho abriu-se e Rosal entrou.

– Noite! – Elona ergueu as mãos. – Toda a gente nesta maldita fortaleza ouve atrás das portas?

Rosal sorriu.

– Estava só à procura de Gared. – Piscou-lhe o olho. – Há papéis que precisam de ser tratados. – Gared pareceu pálido enquanto Rosal olhava Elona. – Não que isto seja novidade para mim. Gared tem tiques nervosos sempre que o teu nome é referido.

– Tenho? – perguntou Gared.

Os olhos de Rosal moveram-se, fixando-se nos dele.

– Não estás em apuros por nada que tenhas feito no passado. Por isso, sê esperto e fica calado. Eu lido com isto.

Gared expirou de alívio.

– Sim, querida.

Elona apoiou as mãos nas ancas, passando a olhar Rosal.

– És mais esperta do que esperava, rapariga.

Rosal fez-lhe uma vénia trocista.

– Sei que és especial aqui no Outeiro, Senhora Papel, mas fui colega de escola de dúzias como tu. Não me importa que tenhas estreado Gared, mas, na nossa noite de núpcias, vou fazer coisas que o farão esquecer todos os teus truques de esposa aldeã.

A mão de Elona estendeu-se para o cabelo longo e espesso de Rosal, mas Rosal estava preparada, afastando-lhe a mão e mantendo-se fora do seu alcance. Tinha equilíbrio de bailarina e Leesha sabia que conseguiria retribuir o golpe se desejasse.

Mas Rosal manteve o controlo. A sua voz continuou serena e o sorriso manteve-se.

– Já não te pertence.

– O Núcleo é que não – disse Elona. – Tenho o fedelho dele dentro de mim.

– Tens uma criança dentro de ti – concordou Rosal. – Mas será de Gared? Quem poderá dizer? És uma mulher casada.

– E quando o bebé não se parecer com Erny? – perguntou Elona.

Rosal encolheu os ombros.

– Duvido que alguém se surpreenda. Tens uma reputação e tanto. Os criados jogam um jogo de copos chamado: «Que fez a Senhora Papel agora?» Sabias?

A aura de Elona escureceu outra vez, mas permaneceu imóvel.

– Mas... e se for realmente meu? – guinchou Gared. Todos os olhos se voltaram para ele. – Disse ao Libertador que seria um homem melhor – referiu Gared, com a voz recuperando lentamente a força. – Não quero escândalo, mas não serei homem nenhum se não aceitar o meu bebé.

Rosal aproximou-se. Gared encolheu-se quando estendeu a mão para ele, mas limitou-se a pousar-lhe uma mão delicada no braço.

– Claro que não, meu amor. Nunca te pediria tal coisa. Mas há muitas formas de aceitar a criança se concluirmos que é tua.

– Sim? – perguntou Gared.

– Quando o bebé nascer, estaremos casados – disse Rosal. – E o nosso contrato de casamento tornará os nossos descendentes os teus primeiros herdeiros. Depois disso, ficas livre para aceitar a criança, se desejares. – Passou-lhe a mão para a cara. – Mas talvez te pareça mais fácil visitá-la com frequência e cobri-la com presentes.

Elona cruzou os braços.

– E se for eu a começar o escândalo?

– Não o farás – disse Rosal. – Não sem provas e, provavelmente, nem nesse caso. Não és tão esperta como julgas, Senhora Papel, mas és esperta de mais para isso. Tens mais a perder do que Gared.

Leesha falou, por fim.

– Posso chamar Amanvah se desejares, mãe. Com uma gota do teu sangue e um lançamento dos seus dados, pode dar-te a prova. Podemos resolver isto aqui e agora.

– Tu também, rapariga? – Elona cuspiu no tapete, girando sobre os tacões para sair rapidamente da sala.

Gared gemeu e Rosal acariciou-lhe o braço.

– Respira, amor. Portaste-te bem. Não ouvimos falar disto pela última vez. Mantém-te longe e deixa que me ocupe de Elona.

Virou-se para ele, olhando-o nos olhos.

– Quando chegar o dia do nosso casamento, não voltarás a querer que te trepe a árvore.

– Já não quero – disse Gared.

Rosal segurou-o pela barba, puxando-lhe a cara para o beijar.

– Rapazinho esperto.

Gared cobriu a mão dela com a sua.

– Pensei que não percebesses o que fiz.

Rosal sorriu.

– Concordámos que o passado é o passado. O teu e o meu. – Olhou Leesha. – Obrigada, mestra.

– Sim, Leesh – concordou Gared. – Entraste como o Libertador em pessoa.

– Dificilmente – respondeu Leesha.

– Merda de demónio – disse Gared. – Não foi a primeira vez. Estiveste sempre presente quando as pessoas mais precisaram de ti, Leesh. Tu, Rojer e Arlen Fardos. Chegaram ao Outeiro juntos, quando estávamos derrotados, e viraram-no do avesso. Não há ninguém a quem não tenhas mudado a vida.

– Agora que Arlen se foi – disse Leesha. – E Rojer. As pessoas vão perceber que não sou o Libertador quando virem as escolhas tolas que faço.

– Ninguém verá tal coisa. – Gared retirou importância àquilo com um agitar do braço. – Gente destruída vem ao Outeiro à procura do Libertador, mas a primeira coisa que veem é Leesha Papel, cuidando deles.

Leesha abanou a cabeça.

– És tu a primeira coisa que veem, Gar.

– Sim, na estrada, talvez – concordou Gared. – Os Lenhadores fazem com que se sintam seguros, mas a segurança não lhes dá um sítio para dormir e uma barriga cheia. A segurança não cura os que foram nucleados. A segurança não os veste e não os põe outra vez a trabalhar. Não lhes dá uma vida nova antes de terem tempo de perceber que perderam a antiga. Tu fazes isso, Leesh. Chegou o momento de deixares de te sentir culpada.

– Culpada? – questionou Leesha.

– Por estares viva e Rojer não – disse Gared. – Por teres sido obrigada a matar aqueles krasianos que vieram assassinar o duque. Por teres envenenado os Sharum no verão passado para não poderem virar-se contra nós. Por te teres deitado com o demónio do deserto. Fizeste sempre o que podias para ajudar as pessoas. Não foste egoísta nem malévola. Não tentes convencer-te do contrário.

Leesha olhou Gared, tentando retirar-lhe os anos e regressar ao seu romance infantil, ao rapaz que odiara durante tantos anos. Ao homem que arruinara a sua reputação e, plausivelmente, a sua vida. O homem que via à sua frente era esses dois homens e não era nenhum deles. Os erros da juventude tinham-nos empurrado aos dois nos seus próprios caminhos.

Esses caminhos tinham sido difíceis, mas tinham-nos conduzido, de modo inexorável, ao seu estatuto presente como pessoas mais poderosas no Condado

do Outeiro.

E, algures pelo percurso, Gared tornara-se como um irmão para Leesha. Continuava a ser um tonto com miolos de madeira, mas era um bom homem e continuava a amá-lo. Leesha estendeu os braços, pegando nas mãos de Gared e Rosal.

– Fico verdadeiramente feliz pelos dois.



QUATRO

RAGEN E ELISSA

334 DR

– Noite. – Ragen parou de repente quando a floresta densa dos dois lados da estrada guardada dos Mensageiros terminou abruptamente. O crepúsculo aproximava-se, mas ainda havia luz. – Passámos por aqui há menos de um ano e a floresta alongava-se por quilómetros.

– Os machados dos Lenhadores golpeiam dia e noite – disse Briar. O rapaz seguia apeado, conseguindo de algum modo acompanhar os cavalos.

Mesmo do alto da sela, Ragen sentia-lhe o cheiro. Elissa fazia-o tomar banho, mas toda a raiz-porqueira que o rapaz tinha comido entranhou-se no seu suor. O odor protegia-o dos demónios à noite, mas tornava-o também facilmente identificável por qualquer outra pessoa.

– Não se limitaram a limpar o terreno – disse Elissa. – Há cidades inteiras que não estavam aqui antes.

– E grandes guardas também – disse Briar. – Os nuclitas não conseguem tocar no Outeiro.

– O Criador seja louvado. – Elissa expirou sonoramente. – Parti de Miln para provar uma vez a noite nua. Estou saciada e pronta para muralhas, um banho e um colchão de penas.

– As muralhas amolecem-nos – disse Briar. – Fazem-nos esquecer o que há lá fora.

– Atrevo-me a dizer que não me custará recordar – disse Ragen. Tinham partido de Lakton semanas antes por caminhos de Mensageiro pouco usados. Ragen tinha mapas, mas, desde a construção da grande estrada dos Mensageiros, muitos dos velhos trilhos tinham sido reclamados pelos pântanos.

Mas a estrada era demasiado perigosa. Depois da Batalha da Doca, os krasianos enviaram um exército para capturar o Mosteiro da Aurora. O mosteiro era o ponto de defesa mais fácil que Ragen alguma vez vira fora de Lakton. Pensou abrigar-se aí e resistir durante semanas, juntamente com o Pastor Alin, mas nem aquelas grandes muralhas conseguiram resistir às escadas krasianas. Houve combates nas muralhas logo no primeiro dia e foram forçados a fugir para as docas.

Corsários krasianos perseguiram-nos durante milhas, mas não conseguiram alcançar a comandante Dehlia e o Lamento do Sharum. Perderam-nos de vista durante tempo suficiente para enviar botes para uma minúscula aldeia piscatória no Norte, onde poderiam começar o caminho que os levaria de volta a Miln.

Os krasianos conquistavam cada aldeia perto da estrada dos Mensageiros e Ragen levou os seus protegidos por atalhos, atravessando povoados remotos e percorrendo trilhos que pouco mais eram do que memórias difusas de um caminho. Estabeleceram contactos preciosos pelo caminho e enviaram relatórios a Euchor sempre que possível, mesmo que só o Criador soubesse se algum teria chegado até ele.

Ragen abanou a cabeça enquanto se aproximavam da primeira grande guarda.

– Lembro-me de quando o Outeiro do Lenhador era um lugarejo com menos de trezentas almas. Agora, alberga cem mil, segundo algumas estimativas.

– Tudo por causa de Arlen – disse Elissa.

– É verdade que o conheceram? – perguntou Briar. – Ao Homem Pintado?

– Se o conhecemos? – Ragen riu-se. – Praticamente criámo-lo. Foi como um filho para nós. – Briar ergueu o olhar para ele e Ragen estendeu a mão, baixando-se para apertar o ombro do rapaz. Briar tendia a encolher-se quando era alvo de contacto íntimo, mas permitia aquilo, chegando mesmo a encostar-se à mão. – Como tu te tornaste, Briar.

– Noutra vida, poderias ter-lhe chamado irmão. – As palavras provocaram um aperto na garganta de Elissa. – Mas Arlen foi-se.

– Não foi – afirmou Briar.

– O que dizes, rapaz? – perguntou Ragen.

– Há quem o tenha visto – referiu Briar. – Quando os krasianos vieram. Estava na estrada, a ajudar.

– São rumores – disse Elissa.

Ragen aproximou-se para lhe pegar na mão.

– As pessoas contam histórias de taberna, Briar.

Briar abanou a cabeça.

– Gente diferente, sítios diferentes, a mesma história. Traçou guardas no ar e os nuclitas cobriram-se de chamas.

– Achas que... – perguntou Elissa.

– Não me surpreenderia – disse Ragen, sem se atrever a acreditar. – O rapaz é demasiado teimoso para morrer.

Elissa riu-se, fungando.

De repente, olhou para cima.

– Ouvem cantar?

– Ali. – Ragen encostava a luneta ao olho. O que visse perdia-se na penumbra aos olhos de Elissa.

– O que é? – perguntou Elissa.

Ragen passou-lhe a luneta.

– Parece um cortejo fúnebre.

Com a luneta, Elissa viu um Jogral tocando violino, flanqueado por duas cantoras krasianas com vestes garridas. Atrás das mulheres krasianas, vinha um Protetor e uma mulher de vestes ricas, seguidos pela sua comitiva e por seis Lenhadores transportando uma liteira de madeira sobre os ombros largos.

Centenas vinham atrás, unindo as vozes à canção. Eram conduzidos por uma trupe garrida de Jograis.

– O Jogral que segue à frente – disse Elissa, movendo a luneta para o início do cortejo. – Poderá ser o amigo de Arlen? O mago do violino, Rojer Meia-Mão?

– Só se Arlen nunca tiver notado que Meia-Mão era uma mulher com duas mãos completas – respondeu Ragen. Elissa olhou com maior atenção e viu que estava certo. Os três elementos da frente eram mulheres.

Elissa estudou as mulheres. A sua música era perturbadoramente clara, transportada pelo ar noturno como se fosse magia.

– Porque se dirigirá um cortejo fúnebre para o limite das grandes guardas?

– Para matar sete nuclitas – disse Briar.

Elissa olhou-o.

– Para quê?

– É um ritual krasiano – explicou Ragen. – Acreditam que matar sete demónios... um por cada pilar do Paraíso... honra e guia um espírito que parte pelo caminho solitário.

– O caminho solitário? – perguntou Elissa.

– O caminho que conduz ao Criador. – A voz de Briar tornou-se mais severa. – E ao Seu julgamento.

Saíram da estrada quando o cortejo os alcançou, fundindo-se com a multidão que passava. A mestra do Outeiro empunhava uma vara na mão que parecia ser um osso fino coberto com ouro gravado com guardas. Enquanto seguiam caminho, a mestra usava a vara para traçar guardas luminosas que pairavam no ar como escrita prateada. A seguir, agitou o pulso e ergueram-se no ar, rebentando com grande brilho e pairando para iluminar o cortejo.

– Ragen – disse Elissa em voz baixa.

– Estou a ver. – Ragen tinha ouvido falar na magia dos ossos de demónio dos krasianos, mas não a compreendeu verdadeiramente até ali. Se os ossos de demónio continham magia depois da morte do nuclita, isso significava que qualquer Guardador dotado conseguiria fazer o que a mestra acabara de fazer.

E poucos em Miln eram tão dotados como o mestre da Guilda dos Guardadores e a sua mulher.

O cortejo parou numa grande clareira e o trio que o liderava saiu da estrada, avançando até ao centro. Mudaram a canção e surgiram demónios nas imediações, atraídos pelo som. Elissa segurou o braço de Ragen com unhas afiadas, mas nenhum deles conseguiu proferir uma palavra.

Alguns na multidão gritaram quando os nuclitas estavam quase sobre eles, mas a música voltou a alterar-se e garras de demónio abriram grandes sulcos no chão quando pararam de repente.

O violinista manteve a melodia e o centro da clareira continuou livre de demónios enquanto as mulheres krasianas o contornavam, repelindo alguns demónios com guinchos enquanto outros eram mantidos presos onde estavam até restar apenas um de cada estirpe.

O nível de controlo dos músicos era incrível. Elissa nunca tinha visto nada assim. Até as histórias de Arlen sobre Meia-Mão, o mago do violino, empalideciam por comparação.

– Precisamos de levar este poder para Miln – disse Elissa.

– Sim – concordou Ragen.

– Meia-Mão escrevia a sua música em papel – disse Briar. – Vi Jograis com ela.

Elissa acenou afirmativamente.

– Encontrarei o mestre da Guilda dos Jograis e pagarei o que for necessário para obter uma cópia.

– Não deverão cobrar – disse Briar. – Meia-Mão disse que a partilhava com todos.

– Não te parece... – Os olhos de Elissa moveram-se para a liteira funerária, vendo o pano que a cobria com um violino e um arco bordados. – Noite – sussurrou.

Os olhos de Leesha foram atraídos pelo som de cascos trovejantes. Um demónio da rocha com seis metros surgiu no extremo oposto da clareira, afastando árvores que o inverno deixara sem folhas como se fossem juncos, enquanto saía da floresta.

Os Lenhadores cerraram fileiras atrás do demónio, aprisionando os sete nuclitas na clareira e impedindo outros de entrar. As suas ferramentas de corte guardadas pendiam-lhe dos ombros, por usar naquela noite. Guardavam o perímetro apenas com as vozes.

A canção era *Mantém a Lareira Acesa*, uma velha canção de lenhadores que todos os outeireiros conheciam. A *Lareira* pretendia manter os machados dos lenhadores em sincronia enquanto trabalhavam. Leesha recordava a noite em que Rojer a ouvira pela primeira vez. Cantarolara a melodia durante dias, trabalhando-a com o violino. As mudanças que fez foram subtis, mas, de alguma forma, o seu amigo conseguiu operar a sua magia especial com a música.

Naquele momento, o primeiro verso de *Mantém a Lareira Acesa* mantinha os Lenhadores a marcharem ordenados enquanto mantinham os demónios à distância. O segundo atraía o inimigo para mais perto e o terceiro desorientava os nuclitas enquanto os machados os atingiam.

– Continua a manter-nos seguros – sussurrou Leesha.

– O quê, mestra? – perguntou Wonda.

– Rojer ainda nos protege – disse Leesha.

– Claro que sim – respondeu Wonda. – O Criador não o teria levado se o seu trabalho não estivesse terminado.

Leesha nunca se sentira confortável com a noção de um Criador tão envolvido na decisão de quem vivia e morria. Para que serviriam as Herbanárias se assim fosse? De qualquer forma, pensar em Rojer no Paraíso era confortante.

Havia sete demónios no total, um por cada pilar do Paraíso krasiano. Um demónio da chama dançava à volta dos pés do demónio da rocha. Um demónio do pântano de braços finos e um demónio da madeira de braços longos. Um demónio dos campos, esguio e rasteiro. Um demónio da pedra atarracado erguia-se a grande altura e, no alto, um demónio do vento voava em círculos.

Amanvah e Sikvah pararam de cantar e Kendall baixou o violino. A sacerdotisa ergueu uma mão.

– Jaddah.

– É a minha deixa. – Wonda passou o arco a Leesha, arregaçando as mangas soltas enquanto avançava até ao centro da clareira. As guardas pintadas nos seus braços emitiram um brilho ténue.

Wonda escolheu o demónio do pântano, avançando antes que pudesse prendê-la nos braços. O demónio não era suficientemente flexível para atacar de perto e Wonda conseguiu desferir uma sucessão de golpes acentuados pelas guardas de impacto nos punhos e nos cotovelos. Um tacão de bota guardada fez o demónio cambalear para trás e avançou rapidamente, atingindo o joelho do demónio e deitando-o de costas.

Voltou a aproximar-se, caindo sobre o nuclita e imobilizando-o com golpes frenéticos na cabeça. O demónio debateu-se, mas, após algum tempo, os seus movimentos tornaram-se apenas reflexos em reação à sucessão de golpes. As guardas de Wonda brilharam com intensidade cada vez maior até a cabeça do demónio se rachar.

– Avash – disse Amanvah quando Wonda deu finalmente um passo atrás, coberta com sangue negro que fervilhava sobre as guardas.

Gared avançou a seguir. Segurava o machado nas mãos, mas calçava as suas grandes luvas guardadas e escolheu o demónio da madeira com três metros de altura como sua oferenda ao Paraíso. Não foi tão gracioso ou rápido como Wonda, mas o demónio colocou-se imediatamente na defensiva, cambaleando para trás sob os seus golpes trovejantes. Durou menos tempo que o demónio do pântano.

– Umas. – Amanvah disse o nome do terceiro pilar do Paraíso enquanto chamava os aprendizes de Rojer, liderados por Hary Rebolador, para a clareira. Os Jograis escolheram o demónio dos campos, levando o nuclita a um frenesim com a sua música antes de o atiçarem contra o demónio da pedra.

O demónio dos campos saltou contra o demónio da pedra, sem que as garras estendidas conseguissem penetrar a armadura grossa. O demónio da pedra

esmagou o demónio dos campos no chão e rachou-lhe o crânio com uma garra pesada.

Amanvah fez sinal a Leesha.

– Rahvees.

Leesha inspirou fundo, avançando e apontando a varinha de hora ao demónio da pedra. Traçou guardas de prata no ar com traços rápidos. Guardas de frio prenderam-no onde estava, com o sangue gelando nas veias. Guardas de eletricidade chocaram a criatura, fazendo-a estremecer com dores.

– Por ti, Rojer. – Leesha traçou guardas de impacto e o demónio estilhaçou-se.

– Kenji.

Kendall avançou, erguendo o arco. Atraiu o demónio da chama sem esforço, motivando-o a trazer a saliva flamejante até à boca, A seguir, mudou a canção, forçando-o a engoli-la.

As escamas dos demónios da chama eram imunes ao calor, mas o mesmo não se aplicava às suas entranhas. O demónio asfixiou e caiu de costas, debatendo-se enquanto o seu interior ardia.

Kendall aumentou o ritmo enquanto contornava o nuclita, com as notas tornando-se duras e dissonantes. O demónio da chama guinchou e gritou, encolhendo-se numa bola para se proteger enquanto Kendall tocava cada vez mais depressa. O seu arco tornou-se um borrão indistinto enquanto afastava a cabeça do apoio para o queixo no violino. A música tornou-se tão sonora que os seus tímpanos palpitavam atrás dos tampões de cera com que ela e os outros enlutados tapavam os ouvidos.

Por fim, o demónio da chama agitou-se uma última vez e ficou imóvel. Kendall deixou a música morrer enquanto Amanvah apontava o demónio do vento no céu.

– Ghanith.

Era a vez de Sikvah e chamou o demónio. Mergulhou do alto, com as garras apontadas para erguer a rapariga minúscula para o céu.

Mas, quando se aproximou, Sikvah tocou na garganta e produziu tal grito que o demónio parou de repente, batendo as asas em desvario e caindo ao chão, morto. Sikvah voltou-se para a sua irmã-esposa, baixando a cabeça.

– Horzha.

As sedas coloridas de Amanvah foram sopradas pela brisa enquanto se aproximava do demónio da rocha, começando a cantar *A Canção da Lua Nova*. A sua voz ergueu-se sozinha na noite, prendendo o nuclita.

Cantou cada vez mais alto enquanto contornava o demónio. Tinha uma mão no pescoço, ativando a magia da sua gargantilha. O som tornou-se tão intenso que Leesha precisou de cobrir os ouvidos e viu gente na estrada a quilómetro e meio, fazendo a mesma coisa enquanto observavam. Sentiu que quase conseguia ver a vibração no ar enquanto a ressonância aumentava.

Então, abruptamente, ouviu-se um grande estalo e o demónio da rocha caiu, embatendo no chão com estrondo.

– Honrado marido, Rojer asu Jessum am'Estalagem am'Outeiro. – A voz de Amanvah chegava a distância sobrenatural. – Rojer da Meia-Mão, discípulo de Arrick da Mais Doce Canção, que o nosso sacrifício convoque um serafim para te guiar no caminho solitário até Everam, onde cearás à Sua mesa até que seja necessário que o teu espírito regresse novamente a Ala.

Leesha caminhou ao lado de Amanvah enquanto entravam no Cemitério dos Nuclitas. Sikvah e Kendall vinham dois passos atrás delas, seguidas pelo Protetor Jona e pelos Lenhadores que transportavam Rojer até à pira.

As Coletoras de Palha tinham feito um bom trabalho. A face bela de Rojer estava serena, sem revelar nada da violência da sua morte. Vestia seda multicolor garrida e parecia prestes a pôr-se de pé a qualquer momento, começando a tocar uma canção.

Jazia sobre um leito de cabos de machado cruzados sobre os ombros largos de Gared, Wonda e de meia dúzia de outeireiros escolhidos com cuidado. Dug e Merrem Açougueiro. Smitt. Darsy. Jow e Evin Lenhador.

O Cemitério estava cheio de gente, calcando o empedrado diante da pira e alongando-se pela estrada em todas as direções. Todas as estradas no Outeiro do Lenhador conduziam até ali, até ao centro da grande guarda.

A pira tinha sido construída diante da concha acústica que fora o centro do poder de Rojer. Gared e Wonda choraram sem disfarçar enquanto deitavam Rojer sobre a grande plataforma por cima da pilha de lenha.

Amanvah, Sikvah e Kendall caíram de joelhos sobre o palco, chorando com dramatismo enquanto raparigas krasianas lhes raspavam as lágrimas das faces para dentro de minúsculos frascos de vidro guardado.

Leesha queria chorar. Tinha procurado frequentemente o alívio das lágrimas, chorando por Rojer muitas vezes em privado durante as semanas anteriores. Mas, naquele momento, diante de toda a população do Outeiro ali reunida, sentia que não tinha nada para dar. Thamos, morto. Arlen desaparecido e o destino de

Ahmann incerto. E Rojer. Seria seu destino sepultar todos os homens que amava?

Após algum tempo, Amanvah recompôs-se e levantou-se, olhando a multidão enquanto ativava a gargantilha.

– Sou Amanvah vah Rojer vah Ahmann am'Estalagem am'Outeiro, Primeira Esposa de Rojer asu Jessum am'Estalagem am'Outeiro. O meu marido era genro do Shar'Dama Ka, mas ninguém negará que também ele foi tocado por Everam. Queimamos o seu corpo segundo o nosso costume, mas, em Krasia, os sharik hora, os ossos dos heróis, são honrados acima de quaisquer outros. Os ossos do meu honrado marido serão retirados das cinzas, lacados e cobertos com vidro guardado para consagrar o novo tempo ao Criador aqui no terreno sagrado do Cemitério dos Nuclitas.

Kendall iniciou uma canção lenta e pesarosa e Amanvah começou a cantar. Sikvah juntou-se a ela, com o trio enlevando a multidão na sua música com a mesma facilidade com que encantavam nuclitas.

Enquanto cantava, Amanvah ergueu o crânio minúsculo de um demónio da chama e apontou-o à pira, deslizando dedos sobre as guardas para ativar a magia. Um sopro de chama partiu dos maxilares, incendiando a lenha da pira. As Coletoras de Palha tinham enchido o corpo com químicos e serradura e ardeu rapidamente, iluminando a multidão hipnotizada pela canção fúnebre krasiana.

Quando terminou, Leesha subiu ao palco, pigarreando. Não tinha uma gargantilha como a princesa, mas havia magia também na concha acústica, tornando as suas palavras audíveis pela noite fora.

As lágrimas continuaram a não vir e, sem dúvida, os enlutados questionar-se-iam. *Porque não chora? Não o amava? Não se importa?*

Inspirou fundo.

– Rojer fez-me prometer que, se este dia chegasse, haveria canto e dança e os discursos seriam atirados às chamas com ele.

Ouviu-se riso disperso.

– É verdade. – Leesha mostrou um papel dobrado. – Escreveu-o e tudo. – Abriu o papel e leu:

Leesha, planeio viver tempo suficiente para espantar os meus bisnetos com truques de magia, mas ambos sabemos que a vida nem sempre segue os nossos planos. Se morrer, conto contigo para assegurares que o meu funeral não será uma questão enfadonha e

deprimente. Diz a toda a gente que fui fantástico, canta uma canção enquanto acendes a pira, diz a Hary que toque e ordena às pessoas que se calem e dancem.

Leesha dobrou o papel, guardando-o num bolso do vestido.

– Não estaria aqui sem Rojer Meia-Mão. Atrevo-me a dizer que muitos de nós não estariam. Em mais de uma ocasião, a sua música foi a última defesa do Outeiro, dando-nos tempo para reagruparmos, para recuperarmos o equilíbrio, para recuperarmos o fôlego.

«Quando Arlen Fardos caiu do céu na Lua Nova, foi o violino de Rojer que atraiu as hordas nuclitas para emboscada após emboscada, permitindo-nos defender a noite.

«Mas não é assim que melhor o recordo – prosseguiu Leesha. – Rojer era aquele que estava sempre pronto com uma piada quando me sentia triste ou com um ouvido quando precisava de desabafar. Era a minha consciência num momento e fazia uma pirueta no momento seguinte. Quando os problemas se aglomeravam e tudo parecia demasiado para suportar, Rojer pegava no seu violino e fazia com que tudo parecesse melhor.

«Era essa a sua magia. E não traçar guardas e projetar relâmpagos. Não era ver o futuro ou sarar feridas. Rojer Estalagem via o que havia dentro dos corações dos homens e dos demónios, falando-lhes com a sua música. Nunca conheci ninguém como ele e não espero voltar a conhecer.

«Rojer era grande. – Perdeu a voz e cobriu a boca com uma mão, encontrando de repente as suas lágrimas. Foi Amanvah em pessoa a avançar, apanhando as lágrimas antes que lhe pingassem da face. Leesha demorou um momento a recompor-se. A seguir, virou-se para o líder dos Jograis na concha acústica.

– Hary, chegou o momento da tal canção.

Elissa bebeu e dançou com os outeireiros durante toda a noite. Ragen fez girar Elissa como não fazia desde que lhe fizera a corte e até Briar participou. O rapaz revelou ter pés surpreendentemente leves e foi rápido a aprender os passos. Riram os três até sentirem dores na cara, sentindo-se seguros e alegres pela primeira vez em tempo que só o Criador conseguiria ajuizar.

Enquanto a noite avançava, os Jograis separaram-se, atraindo os foliões de volta para os seus bairros, tal como Meia-Mão tinha atraído outrora os nuclitas, e houve alegria e riso por todo o Outeiro.

Ouviram-se gemidos pela taberna da Estalagem de Smitt enquanto a luz da madrugada era filtrada pelas janelas. Havia tabuleiros com ovos, toucinho e pão, jarros de água e um balde para vómito ao fundo de cada mesa. Um dos clientes não foi suficientemente rápido, esvaziando o estômago no chão. Vê-lo alvoroçou o estômago de Elissa, mas inspirou fundo, concentrando-se no jarro de água até a taberna parar de girar.

Stefny, a mulher do estalajadeiro, estava lá antes que o homem terminasse, com um pano molhado para lhe limpar a boca e um esfregão para lhe encher as mãos quando acabou de se limpar. De modo muito sensato, o homem começou a limpar a sua imundície.

– Estás bem? – perguntou Stefny a Elissa. – Conheço essa cara. Basta que alguém vomite para que outros façam o mesmo.

– Cá me arranjo – disse Elissa, bebendo a água.

Stefny acenou com a cabeça.

– Não há grande coisa para fazer hoje. Mestra Leesha enviou recado. Recebe-vos amanhã. – Fungou, fixando os olhos em Briar. – Têm tempo suficiente para descansar e tomar um banho antes de irem à corte.

Briar franziu a testa. O rapaz, abençoado fosse, tinha a resiliência da juventude e parecia mais em forma que o resto deles. Repetiu o pequeno-almoço e levantou-se.

– Procuro-vos amanhã de manhã.

– Há quarto para... – começou Stefny.

– Não gosto de paredes – interrompeu Briar. – Tenho um espinheiro na Floresta das Herbanárias. – E saiu sem mais uma palavra.

A água há muito tinha arrefecido, mas Elissa continuava na banheira quando Ragen voltou ao quarto na manhã seguinte.

– Parece que Smitt é também o banqueiro local – disse Ragen. – Depois de ficar um pouco mais sóbrio, o nosso nome foi suficiente para conseguir crédito para financiar a viagem de regresso a Miln. Demoraremos umas semanas a conseguir contratar homens e a comprar mantimentos, mas as coisas deverão correr bem daqui em diante.

– Dos teus lábios aos ouvidos do Criador – disse Elissa. – Começava a pensar que as crianças estariam crescidas quando voltássemos para casa.

– É difícil prepararmo-nos para uma invasão – disse Ragen. – Se há um Criador, digo que fez a Sua parte trazendo-nos até aqui.

Como prometido, Briar esperava no alpendre enquanto se preparavam. Continuava a cheirar a raiz-porqueira, mas a sujidade tinha desaparecido, pelo menos. Elissa tinha-o visto nadar em lagos e ribeiros gélidos sem sequer tremer, mas entristecia-a vê-lo assim, de qualquer modo. Ragen esperara poder levar o rapaz para casa com eles e Elissa ansiava por ensinar-lhe os prazeres de um banho e de roupa limpa, mas ambos sabiam que não passava de uma fantasia. Briar era Briar e isso não mudaria. O caminho que o transformara no que era não podia ser percorrido em sentido inverso.

Havia soldados por toda a parte na fortaleza da condessa e um número surpreendente eram mulheres, não vestindo menos peças de armadura nem sendo menos intimidantes que os homens. Os milneses eram altos, mas os outeireiros tendiam a ser também largos. As suas belas roupas permitiram-lhes passar pela segurança exterior, mas, de modo surpreendente, foi Briar que os fez chegar às câmaras interiores.

– Briar! – Ouviu-se um grito e viraram-se os três para verem o barão do Outeiro do Lenhador erguendo-se sobre eles. Briar ficou tenso, mas aceitou a mão que o gigante lhe estendia. O barão puxou-o para um grande abraço de urso.

Briar afastou-se do seu alcance quando o soltou e o homem virou-se para Ragen e Elissa, olhando a cena, boquiaberto.

– O rapaz salvou-me a vida. Noite. Perdi a conta às vidas que salvou.

– Terias matado aquele nuclita – disse Briar.

O barão encolheu os ombros.

– Sim, talvez. Mas ter-me-ia arrancado um naco.

– Para um rapaz que vive na floresta, parece-me que tem muitos amigos poderosos. – Ragen estendeu uma mão e uniram os antebraços num cumprimento. – Ragen, mestre da Guilda dos Guardadores de Forte Miln. – Apontou para o lado. – Esta é a minha mulher, Mãe Elissa, filha da condessa Tresha do Condado da Aurora em Miln e chefe da Bolsa de Guardas de Miln.

Elissa não recordava a última vez que precisara de fazer uma vénia, mas o movimento continuava entranhado.

– É um prazer conhecer-te, barão.

– Lorde Arther está ocupado hoje – disse Gared. – Enviou-me para vos levar até mestra Leesha. – Conduziu-os por uma sucessão de corredores, passando pelas salas de audiência formal e alcançando a ala residencial. – A mestra teve um bebé na semana passada. Gosta de o manter por perto.

– Surpreende-me que aceite ver-nos de todo se só passou uma semana – disse Elissa.

– Briar diz que são importantes. Por isso, são importantes – disse Gared quando alcançaram uma porta guardada pela maior mulher que Elissa alguma vez vira. Mesmo entre paredes, tinha um arco sobre o ombro e uma pequena aljava de flechas sobre a anca.

– A vossa licença. Preciso de assegurar que não... – Corou. – Que não dá de mamar ou coisa que o valha.

Elissa conteve o sorriso. Os homens conseguiam enfrentar demónios e krasianos e tudo o resto que o mundo atirasse contra eles, mas um bebé de mama continuava a ser demasiado para ser testemunhado por muitos.

Falou com a guarda e esta entrou, voltando no momento seguinte com permissão para entrarem. O gabinete era espaçoso, com grandes janelas e cortinas pesadas abertas para deixar entrar o sol matinal. A mestra do Outeiro estava sentada num trono atrás de uma secretária gigante de madeira dourada esculpida e polida, mas levantou-se quando entraram, contornando a mesa para abraçar Briar, apesar das roupas sujas e do cheiro sempre presente. Prolongou o abraço, beijando-o no alto da cabeça e Elissa percebeu que era uma mulher em quem podia confiar.

Briar ergueu o olhar quando se afastaram, vendo o berço num canto ao fundo do gabinete, atrás da secretária.

– É...?

– Olive – respondeu a condessa. – A minha filha.

Um sorriso largo surgiu na face de Briar.

– Posso...?

– Claro – disse a condessa. – Mas sem fazer barulho. Acabo de a adormecer. – Virou-se para os outros enquanto Briar avançava em bicos de pés, silencioso como um gato.

– Bem-vindos ao Outeiro, Mãe, mestre de guilda. Aceitam chá?

– Obrigada, senhora – disse Elissa, puxando as saias para o lado enquanto fazia uma vénia.

A condessa retirou importância às palavras com um gesto da mão, levando-os até sofás que rodeavam uma mesa de chá.

– Chamem-me Leesha, por favor. Briar contou-me o que fizeram pelos laktonianos. Não há necessidade de formalismos aqui.

– Fizemos o que qualquer pessoa na nossa posição teria feito – disse Ragen. – Importe o que importar.

– A maioria das pessoas na vossa posição teria fugido para casa, sem passarem a maior parte do ano ajudando refugiados e a resistência – disse Leesha enquanto

uma criada servia chá. – E parece-me que as pessoas que constroem o bairro de Nova Lakton dirão que fizeram o vosso quinhão de boas ações.

– Fizeste pesquisa, mestra – disse Elissa.

– Gosto de me manter informada – respondeu Leesha.

– As nossas condolências pela vossa perda – disse Ragen. – A fama de Meia-Mão estendeu-se a Miln e mais além. O poder da vossa gente na noite com as suas canções era... avassalador.

– Gostaríamos de levar a música connosco para Miln – disse Elissa. – Poderia proteger viajantes, caravanas...

Leesha acenou afirmativamente.

– Claro. Nada honraria mais a memória de Rojer do que a partilha da sua música com todos os cantos do mundo. Enviaremos pautas convosco para os vossos Jograis.

Elissa baixou a cabeça.

– Obrigada, mestra. É uma oferta muito graciosa.

– É o mínimo que podemos fazer, considerando que temos um amigo em comum – disse Leesha.

Elissa arqueou uma sobrancelha.

– Briar?

Leesha abanou a cabeça.

– O rapaz que Ragen encontrou na estrada há muitos anos e que criaram como se fosse vosso filho. Arlen Fardos.

Gared deixou cair a sua chávena de chá, que se estilhaçou no chão.

– Acreditas que continua vivo? – perguntou Elissa.

– Claro que sim – respondeu o barão Lenhador. – É o Libertador, não é?

– Ninguém em todo o mundo ama mais Arlen Fardos que eu – disse Elissa. – Era um rapaz brilhante e tornou-se um homem extraordinário. Mas sequei-lhe as lágrimas e limpei-lhe o vómito. Discuti com ele quando era teimoso e vi-o errar. Vi as dores que carregava e como se culpava por elas. Não sei se algum dia conseguirei vê-lo como o Libertador.

– É irrelevante, seja como for – retorquiu Leesha. – Libertador ou não, colocou o mundo num caminho que todos precisaremos de percorrer.

– Se não é essa a função do Libertador, não sei o que será – disse Wonda. – Comerei o arco e também a aljava se não estiver vivo. Há pessoas que o veem na estrada, ajudando os que fogem de Lakton.

– Ninguém lhe viu a cara – referiu Leesha. – Também poderia ser Renna.

– A mulher de Arlen – disse Elissa. Tinha muitas mágoas na vida, mas faltar ao casamento era das mais dolorosas. Se um homem merecesse um pouco de felicidade na sua vida, Arlen Fardos seria esse homem.

– Noite, é verdade – disse Ragen. – Não achei que uma mulher conseguisse caçar o rapaz. Como é ela?

Uma expressão dorida surgiu na face de Leesha e Elissa pontapeou o marido com subtileza. Arlen tinha falado de Leesha e do que partilhavam: uma faísca afogada em medo e pânico.

Faltava subtileza a Ragen, mas não estava errado. Não era a primeira vez que Arlen Fardos tinha fugido de uma mulher que lhe oferecia algo demasiado alegre para ser suportado pela sua alma torturada. Que tipo de mulher teria conseguido finalmente chegar até ele?

– Renna Fardos salvou-me a vida – disse Gared. – Salvou-nos a todos quando o Libertador caiu.

– Caiu? – repetiu Ragen. – Do alto do penhasco com o demónio do deserto?

O barão abanou a cabeça.

– Antes disso. Quando os demónios da mente vieram ao Outeiro na Lua Nova. Foram estudar o terreno com Rojer e Renna e nós encontrámos problemas sem fim. Os demónios da mente escavavam grandes guardas suas.

– Noite – disse Ragen. – Nuclitas que conseguem guardar?

– São só os da mente, ao que parece – disse Leesha. – Mas as suas guardas fazem as nossas parecerem rabiscos de criança.

– Lutou como louco, mas eram demasiados – prosseguiu o barão. – Só consegui voltar para casa pendurado sobre o ombro de Renna. Rojer contou ao Senhor Fardos o que viu e lançou-se para o céu.

– O quê? – perguntou Elissa.

– Levantou voo como um pássaro – disse Wonda. – Foi visto por milhares, flutuando no céu e disparando relâmpagos contra os demónios como o próprio Criador.

Ragen olhou Elissa.

– Como é isso possível?

– Canalizava da grande guarda – disse Leesha. – Puxava quantidades imensas de energia e projetava-a contra as guardas demoníacas antes que conseguissem ativar-se totalmente. Mas até uma grande guarda tem limites.

– Num momento, brilhava como o sol. No seguinte... – Wonda expirou. – Apagou-se como uma vela. Caiu e partiu-se como um ovo sobre o empedrado.

Elissa abriu a boca de espanto, cobrindo a boca com as mãos.

– Pensei que estivesse tudo perdido quando aconteceu – disse Gared. – Ninguém desistia, mas não restava grande esperança. Foi nesse momento que Renna Fardos avançou. Foi a nossa última esperança quando todas as defesas foram superadas. Defendeu-nos até o Senhor Fardos voltar para nós. Deram as mãos quando a hoste avançou e empurraram-na de volta para a noite.

– Não está morto – afirmou Wonda. – Um homem capaz de se safar de uma coisa destas...

Leesha uniu os lábios e acenou com a cabeça para si mesma, levantando-se.

– Tranca a porta, Gar. Wonda, as cortinas.

Ragen, Elissa e Briar olharam, confusos, enquanto eram trancados dentro do gabinete e enquanto a escuridão os envolvia. Leesha destrancou uma gaveta na sua secretária, retirando o que parecia ser um grande fragmento de obsidiana, mas conseguiram adivinhar o que era, mesmo antes de a verem introduzi-la numa ranhura na parede, fazendo uma rede guardada erguer-se à sua volta. Cercou o gabinete e cruzou teto e chão, banhando-os numa delicada luz de guardas.

– Nenhum som sairá daqui. – Leesha voltou para o seu lugar, erguendo a chávena e bebendo, pensativa. – O que direi aqui não poderá nunca ser repetido.

– Juro pelo sol – disse Gared.

– Claro, mestra – concordou Wonda. Briar gemeu o seu acordo.

Ragen pegou na mão de Elissa.

– Tens a nossa palavra.

– Renna Fardos procurou-me na noite em que soubemos do ataque dos krasianos a Lakton – disse Leesha. – Disse-me que Arlen está vivo.

– Eu sabia! – exclamou Wonda, enquanto Gared deixava escapar um riso trovejante, unindo as mãos com estrondo.

– O Criador seja louvado – sussurrou Ragen, mas Elissa não disse nada, sabendo que havia mais.

– Também me disse que não voltariam – continuou Leesha. – Tornaram-se demasiado poderosos e atraíam a atenção dos demónios da mente para o Outeiro, tal como Ahmann fazia em Krasia. Precisávamos de tempo para construir as nossas defesas e Arlen partiu para nos dar esse tempo.

– Ele próprio o disse – afirmou Gared. – Contou a Jardir que era ele a sua última tarefa antes de levar a luta até ao Núcleo.

– Que significa isso? – perguntou Ragen.

– Arlen consegue transformar-se em névoa como os demónios – explicou Leesha. – Renna também, da última vez que a vi. Contou-me que conseguia ouvir o Núcleo chamá-lo, podendo descer até ele como um nuclita ao amanhecer. – Abanou tristemente a cabeça. – Mas não parecia acreditar que tivesse grandes hipóteses se tentasse fazê-lo.

– Teria melhores hipóteses que qualquer um de nós – disse Gared.

Ragen manteve a compostura, mas apertava a mão de Elissa com tanta força que a magoava. Elissa cobriu a mão de Ragen com a sua outra mão e a tensão acalmou.

– Gared está certo. Quantas vezes conseguiu Arlen esquivar-se à morte? Voltará a aparecer depois de perdermos a esperança. E a preocupação recomeçará do início.

Ragen riu-se.

– Sim, esse é o meu rapaz.

– Entretanto, precisamos de fazer como pediu, fortalecendo-nos – disse Leesha. – Não é algo que possamos fazer se nos preocuparmos mais em matar-nos uns aos outros do que em matar nuclitas.

– Não fomos nós que começámos essa luta, mestra – lembrou Ragen. – Os krasianos acreditam que a Sharak Ka vem aí e o Evejah diz-lhes que a única esperança de sobrevivência da humanidade é forçar o mundo inteiro a ajoelhar-se diante do Trono dos Crânios.

– Eles começaram a luta – concordou Leesha –, mas tem fermentado há anos. Euchor não construiu as suas armas de chama nem treinou homens para as usar da noite para o dia.

– Não – admitiu Ragen. – Há muito que desejava subjugar o trono de hera e reunificar Thesa sob o seu poder, mas nunca teria sido o primeiro a atacar.

– Nesse caso, a questão – disse Leesha – será saber se se satisfará com Angiers, agora que lhe pertence, ou se usará os krasianos como desculpa para avançar para sul e reclamar todas as Cidades Livres.

Elissa trocou outro olhar com Ragen.

– Avançará. E esperará que o sigas e lhe agradeças o privilégio.

– Canso-me de gente que nunca sangrou pelo Outeiro e marcha por aqui dentro, esperando que nos verguemos e rastejemos – disse Gared.

– Não terás de fazer tal coisa – declarou Leesha. – As armas de Euchor não funcionarão tão bem como espera.

– Por tua culpa – respondeu Elissa. – Por culpa da tua magia.

Leesha acenou afirmativamente.

– Tenho guardas que conseguem tornar inertes os seus químicos. Armas de chama não são bem-vindas nas minhas terras.

– Ensinar-nos-ás alguma coisa sobre esta magia de ossos e sobre a forma de preservar os hora? – perguntou Elissa.

Gared e Wonda olharam para a sua mestra, mas Leesha não hesitou.

– Claro. Afinal, quem acham que me ensinou?

Olhou para Ragen.

– Sei que te reformaste como Mensageiro Real, mestre de guilda, mas suplico-te que aceites uma última comissão e sejas a minha voz em Miln diante de Sua Excelência, o duque Euchor.

Ragen curvou-se.

– Seria uma honra, mestra. Sua Excelência esperará um relatório completo quando regressarmos. Dou-te a minha palavra de que não trairei os segredos que comigo partilhares e que negociarei de boa-fé em teu nome.

Leesha retribuiu a vénia.

– A honra é minha. Poderemos discutir pormenores nos dias vindouros. Por agora, convido-vos aos três a transferirem os vossos pertences para a minha fortaleza.

– Obrigada, mestra – agradeceu Elissa. – Aceitamos de bom grado.

– Não é preciso – confirmou Briar. – Tenho um espinheiro na Floresta das Herbanárias.

Leesha ergueu o olhar ao ouvir aquilo.

– Dormes na minha floresta?

– Sim – disse Briar.

– Conheces as minhas Crianças Guardadas? – perguntou Leesha.

Briar acenou com a cabeça.

– Vi-as muitas vezes. Vivem na noite como eu. Corajosos, mas... – Procurou uma palavra. – Irados.

– Verás esta noite o que fazem? – questionou Leesha. – Passei algum tempo fora e gostaria de saber o que posso esperar quando os visitar.

Briar acenou afirmativamente.

– Sim.



CINCO

O BANDO

334 DR

Briar avançou descalço pela Floresta das Herbanárias. As botas de couro macio que calçou por respeito pelos tapetes de mestra Leesha estavam unidas pelos atacadores e penduradas sobre o ombro por baixo do escudo massacrado do seu pai.

Pés descalços diziam muito que as botas não conseguiam dizer. Diziam onde os passos seriam seguros e silenciosos. Denunciavam o calor residual dos sítios onde presas se tinham deitado. O correr de água próxima. O palpitar de pés apressados. Coisas que tornavam alguém parte da noite e não algo que a atravessasse atabalhoadamente. Coisas de que poderia depender a vida.

Briar adorava a Floresta das Herbanárias. Demasiado vasta para se conformar à forma da magia, era um dos poucos sítios no Condado do Outeiro que não estava protegido por uma grande guarda. Depois do anoitecer, os demónios da madeira vagueavam entre os ramos e patrulhavam o leito da floresta. Demónios da água nadavam nos seus lagos. Demónios do vento faziam voos rasantes sobre os trilhos mais largos e voavam em círculos sobre as clareiras.

Mas mesmo entre a natureza mais selvagem, Briar conseguia ver como mestra Leesha moldava a floresta a partir de dentro. Algumas mudanças, como caminhos e postes de creto guardados, eram óbvias para todos, tão seguras como

a luz do Sol. Outras, com o seu poder moldado por contornos naturais e plantas cultivadas, eram tão subtis que os distraídos poderiam nunca perceber que se encontravam sob a proteção da mestra.

Era por isso que Briar confiava em mestra Leesha sem reservas. Tinha dedicado tempo a compreender os nuclitas. A compreender como algum musgo escorregadio nos ramos podia fazer os demónios da madeira evitarem um conjunto de árvores ou como uma área de solo seco limitava o alcance de um demónio do pântano. Como árvores que davam frutos e nozes atraíam nuclitas em busca de presas enquanto outras plantas os repeliam.

Briar ajudou enquanto vagueava pela floresta, cortando caules de raiz-porqueira e plantando-os em sítios estratégicos. Havia uma moita selvagem crescendo num anel à volta de uma antiga árvore de madeira dourada, com ramos pendurados sobre os caules como um pai curvando-se para abraçar uma criança. Um ribeiro parcialmente gelado atravessava a vegetação, sujeitando à sua erosão o solo por baixo das raízes grossas. Criou um pequeno buraco que Briar poderia alargar e expandir, com a terra suficientemente olorosa para repelir demónios e humanos.

Cultivava as proteções da floresta com amor e harmonia, não deixando sinais da sua mão modeladora. A floresta retribuía o seu amor, proporcionando sustento e abrigo dos nuclitas.

As Crianças Guardadas eram menos delicadas. Aqui e ali, Briar encontrou sinais da sua passagem, dispersos como lixo numa rua. Ramos partidos, plantas esmagadas, guardas traçadas na casca viva de grandes árvores. Algumas das armadilhas eram suficientemente ardilosas para apanhar um demónio, mas a maioria era tão óbvia que até os nuclitas conseguiriam avistá-las.

Mesmo assim, Briar tinha-os visto lutar. Apesar de serem tão trapalhonas, as Crianças tinham poder na noite. Seria tolo subestimá-las. Mestra Leesha era sensata por desejar saber mais.

Briar aproximou-se do seu espinheiro, mas não foi diretamente à entrada. Contornou-o, verificando as defesas. Como mestra Leesha, preferia fedores a armadilhas, incentivando gentilmente os demónios a manterem a distância. Algumas raízes-porqueiras, transplantadas e autorizadas a crescer livremente, chegavam para fazer um demónio que seguisse um rasto escolher outro caminho.

Outros odores tinham um efeito semelhante em humanos. Até as almas corajosas que viviam na Floresta das Herbanárias hesitavam em pisar erva fedorenta ou um pedaço de solo tresandando a podre. Num local, um ribeiro

desviado transformava o caminho em lama que prendia os pés, sendo evitada de igual modo por humanos e demónios da madeira.

Tudo parecia em ordem até encontrar uma armadilha fresca. Era uma área que tinha coberto meses antes com carcaças de animais recheadas com raiz-porqueira. Diferentes das plantas e dos ribeiros desviados, alguns elementos de proteção precisavam de manutenção. As carcaças tinham desaparecido e Briar via sinais de que os demónios tinham regressado ao local.

A armadilha era um bom exemplo da arte, prova de que pelo menos uma das Crianças Guardadas tinha reclamado aquele sítio como local de caça. A criança que o fizera sabia o suficiente para usar os bloqueios à volta do espinheiro para orientar o demónio para a armadilha escondida. O laço estava numa cova pouco funda aberta no solo, levemente coberta com os detritos naturais do leito da floresta.

A corda tinha sido esfregada com seiva e terra e tinha ramos com folhas presos a todo o comprimento para sugerir que seria uma trepadeira que desaparecia entre os ramos de uma árvore sempre-verde. Briar precisou de subir aos ramos para encontrar a rede que continha os contrapesos.

Até os mais cautelosos poderiam ser apanhados numa armadilha tão inteligentemente escondida, mas Briar conhecia bem aquela parte da floresta e o laço chamava-lhe a atenção como se estivesse em chamas. Era desconcertante. Tão próximo do sítio onde deitava a cabeça. Mas tornava o pedido de Leesha mais fácil de satisfazer. Ao anoitecer, o caçador estaria posicionado e à espera. Tudo o que Briar precisava de fazer era olhar.

Briar acordou na escuridão da sua toca, mas, após uma década a viver fora de guardas, sentia a aproximação da noite como outra pessoa sentiria o frio a chegar.

Não era um grande espaço, mas, sempre que regressava, Briar escavava um pouco mais, acrescentando um furo de ventilação ou compactando a terra solta. As paredes e o chão estavam cobertos com caules duros e secos de raiz-porqueira. Eram uma cama confortável e resistiam à água. Mesmo que a entrada fosse descoberta, o cheiro impediria os nuclitas de investigarem mais.

Esticou-se e escutou com cuidado, espreitando por cada buraco escondido. Quando teve a certeza de que não havia ninguém por perto, Briar ergueu o alçapão o suficiente para deslizar para o centro da sua moita de raiz-porqueira.

As raízes da planta faziam jus ao nome, sendo desagradavelmente agressivas e formando uma massa de terra e raízes tão densa que podia ser erguida como um tapete. Apressou-se a alisar o alçapão, espalhando folhas que obscureciam a vaga alteração provocada.

Aqui e ali, Briar arrancou folhas enquanto avançava pela moita, deixando sinais mínimos da sua colheita. Comeu algumas, enchendo os bolsos com as restantes. Havia outro alçapão afastado da toca onde vertia águas e onde se agachava para expelir o esterco noturno.

Dirigindo-se para a armadilha, surpreendeu-o ver o caçador à sua frente, sem se dar ao trabalho de se esconder enquanto esperava junto à corda com uma faca pronta.

Mestra Leesha tinha dito que Stela Estalagem não era muito mais velha que ele, mas era mais alta, parecendo mais uma mulher adulta do que ele se sentia um homem. A magia endurecera-lhe o corpo e vestia pouca coisa para o cobrir. Uma tanga. Uma faixa sobre o peito. Uma tira de couro na cabeça.

A sua pele nua estava pintada com guardas. O padrão começava-lhe nos pés, subindo-lhe pela barriga das pernas e pelas coxas, torcendo-se sobre o tronco e deslizando-lhe pelos braços abaixo. Olhando-a, Briar sentiu um aperto no peito e um rubor nas faces.

Recompôs-se, contornando a área. Esperou encontrar outros caçadores escondidos para a ajudarem, mas, após vários minutos, convenceu-se de que Stela estaria sozinha.

Era estranho. A sua experiência dizia-lhe que as Crianças caçavam em bando. Aquilo era novo.

Aproximando-se em silêncio, Briar trepou pelo lado escondido de uma árvore que suportava os contrapesos. Entre os seus ramos, conseguiria estudar Stela sem perder de vista a zona circundante.

Não trazia lança nem escudo, tendo várias bolsas e ornamentos pendurados ao lado da bainha da faca no seu cinto. Stela estacou enquanto a escuridão se adensava, mas não fez qualquer esforço para se esconder.

Ouviu um estalar inconfundível quando um demónio da madeira que reclamava aquela parte da floresta como sua percorreu o trilho em que Stela espalhara carcaças frescas. Briar continuou a esperar que se escondesse, mas manteve-se onde estava, perfeitamente visível. Quereria usar-se como isco?

Mas, enquanto o nuclita se aproximava, não deu qualquer sinal de a ter visto. As guardas na carne de Stela começaram a emitir um brilho vago e os olhos do demónio passaram por ela como se não estivesse ali.

Era um bom truque. O nuclita passou por ela, ignorando-a enquanto pisava a armadilha.

Stela moveu-se com rapidez, pontapeando a perna do nuclita por trás do joelho e atirando-o ao chão. Girou como uma bailarina, cortando com a faca a corda que sustinha os contrapesos. Carregada com pedras pesadas, a rede caiu e o laço apertou o demónio da madeira pelo joelho, puxando-o até ficar pendurado de cabeça para baixo. Stela tinha calculado bem. As garras frenéticas do demónio agitaram-se no ar sem conseguirem tocar o chão.

Stela conteve-se enquanto o corpo do nuclita passava perto dela, fixando olhos frios nas garras. Quando balouçou no sentido oposto, avançou, afastando-lhe o braço parecido com um ramo para passar além das suas defesas. De perto, desferiu uma combinação rápida de murros e cotoveladas, com cada golpe brilhando com magia. Sem lhe permitir recuperar, empurrou-o para fora de alcance.

Avançou e recuou mais três vezes, controlando o terreno por inteiro enquanto mantinha o nuclita desorientado, batendo-lhe uma e outra vez.

Mas os demónios da madeira eram fortes e tinham armadura grossa. Podia provocar-lhe dor e ferimentos temporários, mas a sua magia conseguiria sará-los rapidamente a não ser que pusesse fim àquilo. Briar olhou a faca que mantinha embainhada no cinto.

Carrega guardas, pensou. Os símbolos brilharam um pouco mais de cada vez que golpeava e, em vez de se cansar, Stela parecia ficar mais rápida e mais forte. Saltitou para junto do alvo, alterando as combinações de golpes e afastando-se antes que o demónio conseguisse responder. Tratou-o como o boneco de treino que o pai de Briar tinha construído no pátio para treinar os filhos no sharusahk.

Começaram a surgir padrões que diziam muito a Briar sobre Stela. O seu alcance, a forma como se movia, a linguagem do seu corpo. Eram coisas úteis para saber se algum dia precisasse de a enfrentar.

Everam, não permitas que aconteça, implorou. Stela ficava mais feroz com o aumento do brilho das guardas. Em breve, cada golpe iluminou a escuridão como um relâmpago e o eco trovejante espalhava-se entre as árvores.

Parecia-lhe que espancaria o demónio da madeira até à morte, mas o nuclita continuava a debater-se quando a luz e o som atraíram atenção indesejada. Briar viu um demónio dos campos trepar a uma das árvores próximas, conseguindo uma posição vantajosa não muito diferente da sua. Os seus olhos seguiam os movimentos de Stela, tal como os olhos de Briar antes dele, procurando o padrão.

O nuclita encolheu as patas traseiras. Briar sabia bem a que distância os demónios dos campos conseguiam saltar. Com um salto, ficaria às costas dela.

Enquanto o demónio saltava, Briar gritou, lançando o escudo. O nuclita olhou para a origem do som uma fração de segundo antes de o escudo atingir o alvo, com as guardas cintilando enquanto repeliam o demónio. Stela também olhou, arregalando os olhos quando viu Briar descendo da árvore.

Stela afastou-se do alcance do demónio da madeira pendurado. O nuclita preso aproveitou a oportunidade para golpear a corda, mas havia minúsculas placas guardadas presas à corda, cintilando e defletindo-lhe as garras.

A faca surgiu-lhe na mão, mas Stela voltou a estacar, com as guardas brilhando. Os demónios olharam-na, pestanejando, com olhos incapazes de foco. Após um momento, deu três passos rápidos e deslizantes para a esquerda. Os olhos dos nuclitas procuraram o último sítio onde a tinham visto.

Mas, se Stela estava a salvo, os demónios não tinham qualquer dificuldade para ver Briar, que caíra estupidamente entre eles, pretendendo vir em auxílio da rapariga.

O demónio dos campos saltou e Briar não teve tempo para erguer a ponta da lança. Golpeou com força o nuclita com a haste, defletindo-o enquanto rebolava para lhe escapar.

O demónio voltou a saltar, mas cambaleou quando Stela lhe pisou a cauda. Um movimento da faca cortou o apêndice, cobrindo Stela com um jorro de sangue negro.

O sangue do demónio fervilhou e fumegou quando tocou as guardas que lhe cobriam a pele. O poder espalhou-se pela rede e a sua face ficou feroz. Enquanto o demónio se virava para ela, pontapeou-o na cara, afastando-o.

– Quem és tu, nucleado sejas?!

Briar não teve tempo para responder. Apontou com a lança.

– Cuidado!

Com um estremeção poderoso, o demónio da madeira conseguiu erguer-se o suficiente para cortar a corda. Caiu com estrondo enquanto o demónio dos campos se recompunha e começava a rondar Briar.

Stela lançou-se sobre o demónio da madeira antes de conseguir recuperar, com as guardas de impacto na palma das mãos cintilando com estrondo enquanto lhe esmurrava as orelhas. Surpreendido, o demónio não conseguiu impedi-la de o contornar. Rodeou-lhe o pescoço com um cordão de contas guardadas e puxou com força. O demónio voltou a erguer-se, com os pés de Stela ficando

pendurados no ar, mas manteve-se firme, com o cordão enrolado com força aos pulsos.

Um rosnado chamou a atenção de Briar para o perigo imediato enquanto o demónio dos campos avançava. Briar retribuiu-lhe o rosnado e o demónio silvou-lhe, arregalando os olhos enquanto Briar lhe cuspia na cara a seiva da folha de raiz-porqueira que mastigara.

O demónio dos campos caiu ao chão, guinchando. Briar ergueu a lança para acabar com ele, mas um grito vindo de trás chamou-lhe a atenção. O demónio da madeira cambaleou para trás e esmagou Stela contra uma árvore, fazendo-a cair ao chão sem fôlego.

O demónio dos campos recuperaria rapidamente, mas Briar virou-se e correu para o demónio da madeira enquanto este erguia uma garra para cortar a rapariga indefesa. Gritou-lhe, distraindo-o durante tempo suficiente para lhe cravar a lança nas costas.

As guardas na arma cintilaram e a magia preencheu Briar, fazendo-o vibrar dos dedos dos pés aos dedos das mãos. O demónio golpeou, mas Briar foi mais rápido. Esquivou-se com um passo ao lado, erguendo a haste da lança com a ponta ainda cravada no demónio para defletir outro golpe. A magia continuou a fluir, drenando a força do nuclita enquanto tornava Briar invencível. Libertou a lança e cravou-a novamente, esquivando-se a um golpe em sentido inverso e golpeando uma terceira vez. A face de Briar contorceu-se num rosnado e gritou coisas ininteligíveis, deleitando-se com a dor do demónio enquanto lhe roubava a força vital.

O grito de Stela trouxe-o de volta ao presente. Rebolava com o demónio dos campos no chão em combate cerrado. Tinha os flancos manchados com sangue dos ferimentos deixados pelas garras que a cortavam e afastava-lhe as mandíbulas com uma mão, fazendo um polegar guardado fervilhar-lhe na órbita enquanto esmurrava com a outra mão.

Briar esquivou-se a outro golpe dos braços do demónio da madeira, erguendo-se rapidamente para perfurar o demónio no queixo, chegando-lhe ao cérebro. Debateu-se em desvario, arrancando-lhe a lança das mãos enquanto caía ao chão, morto.

Briar virou-se para ajudar Stela, mas tinha conseguido colocar-se por cima do demónio, aceitando-lhe as garras enquanto cravava repetidamente a adaga guardada. O nuclita não demorou a imobilizar-se.

Correu para o seu lado, examinando-lhe os ferimentos.

Olhou-a nos olhos.

– Cortes feios.

Stela abanou a cabeça, apoiando uma mão no chão.

– Só arranhões. A magia fecha-os. – Conseguiu erguer-se parcialmente e silvou de dor, cambaleando.

Briar colocou-se por baixo do seu braço, amparando-a.

Virou-se para ele.

– És o Lamacento, não és? O que conduziu o conde até à Doca. – Cuspiu no chão e Briar não soube se o fazia por ele ou pela Doca, um sítio que se tornara sinónimo de fracasso e perda.

– Briar – rosnou. – Não gosto de *Lamacento*.

Stela riu-se com esforço.

– Pronto. Não me arranques a cabeça à dentada. Não sabia. Todos temos de suportar alcunhas que odiamos. Se respondesse mal a todos os que me chamam Stelly, os meus irmãos e irmãs fá-lo-iam mais vezes.

– Sim. – Os irmãos de Briar não eram diferentes.

– Conheces um sítio onde possamos descansar um pouco, Briar? – perguntou Stela.

Briar acenou afirmativamente. Com Stela caçando tão perto, teria de abandonar o seu espinheiro, de qualquer forma. Não faria mal levá-la até lá.

– Um sítio seguro. Perto.

Stela arregalou os olhos enquanto a levava para a moita de raiz-porqueira.

– Há rastos. – Olhou para trás. – De dentro, nunca os verás chegar.

– Os nuclitas não entram – disse Briar. – A raiz-porqueira fá-los vomitar.

– Foi isso o que cuspiste na cara daquele demónio? – perguntou Stela.

Briar acenou com a cabeça.

– Não admira que o teu hálito cheire a peidos de Herbanária – comentou Stela.

Briar riu-se. Era uma boa piada.

– Pensei que tivesses encontrado o meu terreno de caça – disse Stela. – Afinal, foi ao contrário.

Briar abanou a cabeça.

– Não caço nuclitas. Só os incomodo quando me incomodam a mim.

– Incomoda-los muito bem quando o fazem – referiu Stela.

Briar encolheu os ombros, soltando-a antes de desaparecer no interior da sua toca. Voltou com a sua bolsa de ervas para lhe limpar os ferimentos, mas Stela tinha razão. Os arranhões superficiais tinham sarado e os cortes menos profundos estavam já cobertos com crosta. Restavam poucos que precisassem de

pontos. Quando terminou, preparou uma pasta com raiz-porqueira esmagada para cobrir os ferimentos.

– Noite! – bradou Stela. – Arde!

– É melhor que a febre dos demónios – disse Briar. – Terias uma noite longa, mesmo que lhe resistisses.

Stela cerrou os dentes, permitindo-lhe que continuasse.

– Deves sentir-te sozinho aqui. Sem Bando para caçar contigo e para te aquecer à noite.

– Tenho família – respondeu Briar.

Stela olhou-o com suspeição.

– Aqui?

– Na cidade – respondeu Briar.

– Então porque não estás com eles? – perguntou Stela.

– Não gosto de paredes.

– Arlen Fardos disse que faziam as pessoas esquecerem o que se movia na noite – concordou Stela.

– Não posso esquecer – disse Briar. – Esquecer, nunca.

– Também tenho família atrás de paredes – disse Stela. – Amo-os, mas não são o Bando. Talvez possas vir conhecê-los depois de descansar um pouco.

– Se são assim tão bons, porque caças sozinha? – perguntou Briar.

Stela riu-se.

– O Bando é como irmãos e irmãs. Morro por eles, mas, por vezes, dão comigo em doida.

Briar tinha perdido a sua família para a noite há mais de dez anos, mas recordava. Recordava como os seus irmãos e irmãs o atormentavam. Como os odiava. Como daria qualquer coisa para os ter de volta.

– Nucleado seja! – silvou Stela enquanto olhava para os pontos que lhe tinha deixado na pele. – Mandei traçá-las há pouco e já precisam de retoques. – Baixou a tanga para ver melhor os danos nas guardas tatuadas e Briar sentiu um calor súbito na cara. Virou os olhos.

Stela segurou-lhe o queixo, virando novamente a cara para a sua. Sorria como se soubesse um segredo.

– Tens alguma coisa para comer? Matar demónios deixa-me sempre com fome. – Piscou o olho. – Entre outras coisas.

Briar partiu algumas folhas de raiz-porqueira, oferecendo-lhas.

Stela revirou os olhos.

– Diz-me que não é tudo o que tens, por favor. Nem sequer as lavaste.

Briar enfiou as folhas na boca.

– Fazem-te bem. Enchem a barriga e mantêm os nuclitas à distância.

Stela não pareceu convencida, mas aceitou as folhas.

– A minha mãe diz sempre: *A única maneira de beijar um homem que come alho é comendo-o também.*

Mordeu uma e sorriu.

– Sabe a merda de demónio do pântano.

Briar riu-se.

– Sim.

– Sobe pelo nariz acima. – Stela engoliu e enfiou outra folha na boca. – Não consigo cheirar mais nada.

– Habitua-te.

– Cheira melhor que muitas das Crianças. Metade do Bando não toma banho há um mês e enfrentar demónios faz suar. – Stela apontou a cobertura de raízes do alçapão de Briar. – É ali que dormes?

Briar acenou afirmativamente.

– Cabem lá dois? – perguntou.

Caules de raiz-porqueira estalaram quando Briar se pressionou contra a parede, mas, por mais que se afastasse, Stela aninhava-se contra ele. Virou-lhe as costas, pressionando-o com ancas arredondadas. O ar na toca estava quente apesar do frio noturno.

Sem saber o que fazer com os braços, envolveu-a com eles, com as mãos alvoroçando-se com o toque da pele dela. Stela moveu-se, cobrindo-lhe o nariz com o cabelo. Briar inspirou por reflexo e o cheiro dela era avassalador. Sentiu movimento dentro das calças e tentou afastar-se mais para evitar que ela percebesse.

Mas Stela reagiu com um ruído que era parcialmente riso e parcialmente rosnado, roçando a origem do movimento com o traseiro. Briar gemeu e Stela virou-se subitamente para ele.

– Não caças – disse ela, pondo-lhe uma mão entre as pernas e apertando. – Mas matar demónios deixa-te tão duro como qualquer homem.

Deitou-o de costas e Briar paralisou, sem saber o que fazer. Se houvesse espaço, teria fugido para a noite, mas a toca era apertada e tinha-o imobilizado. Não fez nada enquanto a sentia puxar-lhe os atilhos das calças, libertando-o.

Antes de perceber o que acontecia, Stela ergueu as ancas e segurou-o com a mão, deixando-se cair com força.

Briar gemeu, segurando-lhe as ancas, mas era Stela quem controlava e Briar podia apenas segurar-se enquanto a via iniciar a sua dança.

– Sim! – gritou Briar, sentindo os membros ficarem rígidos.

Stela beijou-o, mordendo-lhe o lábio.

– Não te atrevas! – rosnou. – Ainda não acabei!

Briar guinchou enquanto algo incontrolável o dominava. Debateu-se, esperneando e erguendo as costas do chão, esguichando dentro dela.

Esperou que Stela ficasse zangada, mas ouviu-lhe aquele rosnado divertido e pressionou com mais força, sucumbindo aos espasmos.

– Sim, serve. Segura-te bem. – Segurou-o pelos ombros, apoiando nele todo o seu peso. Arranhou e mordeu, mas Briar sentiu que aquilo estava certo, de algum modo, e abraçou-a com força enquanto a sentia ondular contra o seu corpo.

Ficaram deitados, ofegantes e abraçados, com o ar tórrido e rarefeito. Stela agitou-se, sentindo-o ainda dentro de si, ainda duro.

Beijou-o.

– O Criador seja louvado. Ainda não terminaste. Longe disso. Deita-me de costas.

Briar engoliu em seco.

– Eu… eu não…

Stela riu-se e segurou-o, prendendo-o com as pernas e rebolando até ficar por baixo dele.

– Descontrai. – Beijou-o outra vez. – Sem pressas. Recebemos os dois uma boa dose de magia naquela escaramuça. Duro e molhada a noite inteira. Mais vale aproveitarmos.

Demoraram algum tempo a adormecer. Stela agarrava o braço de Briar, mantendo-o à sua volta como um cobertor enquanto ressonava. Enroscaram-se, com as peles coladas pelo suor e Briar sentiu algo que esquecera por completo.

Sentiu-se seguro.

Lembrou-se de dormir na cama dos pais, com seis anos, aninhado entre eles, quente. Recordou a noite em que acordou e pensou que havia um nuclita na casa. A noite em que atiçou o fogo para expulsar as sombras, esquecendo-se de abrir a saída para a chaminé.

A noite em que a sua família ardeu.

Briar recordava a forma enegrecida da cabana recortada em laranja berrante. O fumo asfixiante que enchia o ar enquanto se encolhia na moita de raiz-porqueira.

Demónios moviam-se, iluminados pelas chamas, esperando que as guardas falhassem. A família Damaj gritava já quando arrombaram a porta.

Briar acordou sobressaltado, batendo com a cabeça contra o teto da sua toca.

– Que foi? – gemeu Stela, mas Briar não conseguia respirar. As paredes curvavam-se sobre ele. Precisava de sair. Precisava de sair ou morreria.

Afastou-se enquanto Stela tentava perceber o que acontecia, pegando nas roupas enquanto saía da armadilha.

No exterior, voltou a conseguir respirar. Encheu os pulmões com grandes golfadas de ar noturno frio, mas nunca lhe pareceu suficiente. Sentiu um aperto no peito, com os músculos rígidos. Caminhou para trás e para diante, agitando os braços à sua volta para se tranquilizar de que não havia paredes cercando-o.

Os seus sentidos estavam em chamas, absorvendo cada visão, cada som. A brisa nas folhas e nos ramos. O sussurro manso da vida noturna. Os gritos distantes de demónios. Estava consciente de tudo, preparado para reagir imediatamente a qualquer ameaça. Fechava os punhos e quase desejou que houvesse uma ameaça para poder descarregar a tensão que se acumulava sem parar até lhe parecer que se racharia ao meio.

Ouviu a armadilha abrir-se e ponderou correr pela noite fora antes que Stela o encontrasse.

– Briar? – chamou. – Sentes-te bem?

– Sim – respondeu Briar, mesmo que se sentisse tudo menos isso.

– Está tudo soalheiro – disse Stela. – Não precisas de explicar. Sei como te sentes.

Briar virou-lhe as costas, perscrutando a noite.

– Ninguém sabe.

– Começaste a descontrair, não foi? – perguntou Stela. – Depois, lembraste-te do que acontece às pessoas que descontraem. Ficaste com um aperto no peito. Custou-te respirar. Talvez tenhas sentido que as paredes se fechavam à tua volta. Precisaste de sair para apanhar ar e tens andado para trás e para a frente como um lobo acorrentado.

Briar olhou-a.

– Como…

– Apanhei a peste no ano passado – disse Stela. – Meia cidade tombava com ela. Gente deixando cair velas e atirando lanternas ao chão. Fogos por toda a parte.

– O fogo atrai os nuclitas – disse Briar. – Olham e esperam que as guardas falhem.

Stela acenou com a cabeça.

– Fiquei na estalagem da minha avó até o fumo encher o quarto. Depois, cambaleei para a noite com a minha irmã mais nova e o meu tio Keet. Keet quase me levava ao colo e íamos devagar. Os demónios ter-nos-iam apanhado…

Virou a cara, ofegante, e Briar aproximou-se dela. Estendeu a mão, sem saber o que dizer e Stela encostou-se a ele.

– Mas a minha irmã tropeçou – continuou Stela. – Apanharam-na a ela.

Voltou a olhá-lo com olhos húmidos.

– Não és só tu a odiar paredes, Briar. Não és só tu a acordar sobressaltado e sem conseguir respirar. Arlen Fardos fala disso no Novo Cânone.

– Novo Cânone? – repetiu Briar.

– O Irmão Franq tem falado com toda a gente que conheceu Arlen e Renna Fardos – explicou Stela. – Anota os seus ensinamentos para que não voltemos a esquecê-los.

Virou-se nos braços dele.

– Não estás sozinho, Briar. Todos no Bando sentem o mesmo. Todos perdemos alguém, todos vimos de perto o que a noite pode fazer. Torna-nos diferentes das outras pessoas na cidade, mas estamos aqui uns para os outros. Também podemos estar aqui para ti, se nos deixares.

Briar acenou com a cabeça. Não conseguia imaginar-se a desejar mais que aquilo.

Briar conhecia o caminho para o acampamento das Crianças Guardadas, mas deixou que Stela o conduzisse. Ainda estava escuro e a magia fervilhava dentro dele, mantendo-lhe os sentidos em chamas. Flutuou pelo percurso, seguindo-a tanto pelo cheiro como pela visão.

Stela. Pensar nela fazia-o sentir-se embriagado.

Ouvia o acampamento a quilómetro e meio de distância. Quando se aproximaram, o burburinho preenchia a floresta. Havia um tronco à frente e Briar viu um cão enorme saltar para cima de uma pedra no caminho. Momentos depois, surgiu um guarda.

Todos os outeireiros eram mais altos que Briar, mas aquele superava-o em meio metro. Vestia armadura de madeira composta por elmo, couraça, manoplas e perneiras, tudo guardado e lacado. Da sua cintura, pendia uma lança de um metro com sangue de demónio ainda fumegante sobre as guardas na lâmina larga de prata.

– Ei, Stela! – gritou o gigante. – Quase amanheceu, pela noite mais escura! Onde te meteste?

Stela riu-se, empurrando-o para o lado.

– Precisei de umas horas longe do teu cheiro a asno, Callen Lenhador. – Callen cedeu passagem, ainda que com relutância. Briar via com os seus olhos noturnos que era ela o elemento dominante.

– Quem é este, pelo Núcleo? – Callen ergueu a mão para Briar enquanto seguia Stela. Briar segurou-lhe o pulso e puxou, transformando o movimento numa projeção que atirou o homem mais alto para o chão. O cão rosnou, agachando-se, pronto para atacar, mas Briar olhou-o nos olhos e também lhe rosnou, fazendo-o recuar.

Haveria perto de cem pessoas no acampamento. Algumas eram crianças e anciãos, mas a maioria rondava a idade de Briar: quase vinte. Briar viu caras milnesas e angieranas, rizonanas, laktonianas e até krasianas. Alguns vestiam túnicas ou peças de armaduras, outros expunham pele guardada até aos limites da decência.

Naquele momento, todos os olhos se fixavam nele, esmagando-o com a intensidade daquele olhar coletivo. Quis fugir, mas Stela pegou-lhe na mão e apertou-a para o tranquilizar. Callen voltou a levantar-se com expressão tempestuosa, mas Stela rosnou e o homem não a contrariou.

Stela olhou a multidão em redor.

– Este é Briar Damaj! Aquele que Gared contou ter salvado Sua Alteza na estrada.

– E que o conduziu até à morte. – Um homem barbudo avançou. O cabelo castanho denso estava penteado para trás para expor uma guarda mental tatuada na sua testa. Vestia as vestes castanhas de um Protetor cobertas com guardas bordadas e empunhando um bastão esculpido torto. – Lembro-me dele. O Lamacento. O traidor krasiano.

Briar mostrou os dentes.

– Não sou traidor. Laktoniano. Não tenho culpa de me parecer com eles.

Stela voltou a apertar-lhe a mão.

– Lamacento – confirmou em voz alta. – Mas todos, além de mim, que lhe chamarem esse nome fá-lo-ão com dentes a menos. Vertemos sangue negro juntos. Pertence ao Bando.

Bando. A palavra parecia-lhe música, mas olhando as caras que o fitavam, soube que as palavras não seriam suficientes para que assim fosse.

– É assim que funciona agora? – O homem que perguntou não era tão alto como Callen, sendo magro em vez de largo. A sua armadura era também mais ligeira, com guardas marcadas em couro fervido. Partilhava uma semelhança com Stela. Apontou Briar com a lança curta. As guardas na lâmina brilhavam com poder interior. – És tu que decides quem pertence ou não ao Bando?

Stela apoiou as mãos nas ancas.

– Continua a apontar-me essa lança, *tio* Keet. – Usou o título familiar de modo trocista. – Estão aqui todos para me verem enfiar-ta pelo cu acima.

Keet hesitou. Os seus olhos procuraram apoio em redor, mas pouco havia. Poucos no acampamento queriam envolver-se naquele confronto. Mantiveram os olhos baixos, mesmo que todos olhassem com interesse. Callen continuava a olhar Briar com ódio, mas nem ele parecia disposto a desafiar diretamente Stela.

Stela curvou-se para diante e, por instinto, Keet curvou-se para trás.

– Briar pertence ao Bando.

Após um momento, Keet baixou os olhos.

– Se queres fazer dele um Pele-Guardada, não me diz respeito.

– Vamos iniciá-lo – concordou Stela. – Mas poderá encontrar o seu próprio caminho depois disso. Quando as pessoas virem o que Briar consegue fazer, talvez alguns comecem a dizer que se chamam também Lamacentos.

Briar franziu a testa e Stela piscou-lhe o olho.

– Antes isso que Hálitos-Porqueiros.

Briar não conseguiu evitar rir-se.

– Todos precisamos de encontrar o nosso caminho. – O homem com vestes de Protetor aproximou-se de Briar. A mão de Stela na sua apertou dolorosamente, mas o homem limitou-se a fazer uma vénia.

– Bem-vindo, Briar. Sou o Irmão Franq.

Stela afrouxou o aperto e o resto das Crianças Guardadas descontraiu. Callen e Keet podiam não conseguir desafiar Stela, mas aquele homem conseguia.

– És tu quem escreve o Novo Cânone.

Franq afastou aquilo com um gesto da mão.

– As palavras pertencem a Arlen e Renna Fardos. Limito-me a registá-las.

– E ajudas-nos a encontrar o seu significado – disse Stela.

Franq curvou-se uma segunda vez.

– Peço desculpa por te ter chamado traidor. Os Protetores do Criador ensinaram-me a julgar, mas Arlen Fardos mostrou-nos um caminho melhor. Todos os que se erguerem sozinhos na noite são irmãos e irmãs. Somos todos Libertadores.

Por todo o acampamento, pessoas traçaram guardas no ar, repetindo as suas palavras.

– Todos Libertadores.

Mestra Leesha começou por nos dividir em três grupos – disse Stela enquanto acompanhava Briar pelo acampamento. – Os mais fortes treinavam para se juntarem aos Lenhadores um dia. A mestra deu lanças guardadas especiais a todos, com hastes curtas para canalizarem de modo mais eficiente. Chamamos-lhes bombas de tripa porque, se cravarmos uma nas tripas de um demónio, bombeiam magia para dentro de nós. Callen chama Bombas aos membros deste grupo.

Briar virou ligeiramente a cabeça, examinando o grupo de Callen enquanto Stela apontava outro aglomerado de gente.

– O grupo de Keet é mais franzino. A maioria tentou entrar para os Lenhadores e foi rejeitada. Chamamos-lhes Ossos porque a mestra colocou fragmentos de osso de demónio nas suas lanças. Compensa a diferença na musculatura e sobra-lhes força.

«O meu grupo é composto por gente que não tinha quaisquer ilusões acerca da capacidade física para enfrentar demónios. – Stela indicou outro amontoado, sobretudo jovens mulheres vestidas de modo tão arejado como Stela. – Não eram suficientemente fortes para brandir um machado ou para operar uma besta como o grupo de Wonda. – Ergueu a mão guardada. – A mestra honrou-nos mais que a quaisquer outros. Guardou-nos a pele.

– A mestra tatuou-te? – perguntou Briar.

Stela abanou a cabeça.

– Traçou-as com caulinegra, mas, depois disso, partiu. Quando as marcas começaram a dissipar-se, pedi a Ella Lenhador para as tornar permanentes com agulha e tinta antes de se perderem.

Briar viu como os outros no acampamento se mantinham a uma distância respeitosa dos Peles-Guardadas. Sendo mais pequenos em estatura, moviam-se como predadores, até mesmo ali.

– As crianças cresceram desde então – disse Stela. – Viúvas e herdeiros dos Sharum perdidos na Lua Nova. – Apontou as tendas e o poço usados pela fação krasiana. Não estavam em combate, mas todos tinham os véus noturnos erguidos, incluindo os homens. Briar notou, após inspeção mais atenta, que

vários entre eles tinham a pele clara dos nortenhos, tendo adotado os costumes e o traje krasianos.

– Depois disso, o Irmão Franq juntou-se a nós e começou a treinar Irmãos. – Apontou um grupo mais pequeno, com todos os elementos vestidos com túnicas castanhas simples.

Uma mulher alta destacou-se do grupo de krasianos, acenando-lhes. O cabelo que escapava ao seu toucado estava tingido com grisalho e tinha olhos cheios de sabedoria, mas não se movia como uma anciã. Era forte.

Stela levou Briar até ela, curvando-se.

– Briar, esta é Jarit, Primeira Esposa do Instrutor Kaval. Comanda os Sharum do Bando.

A mulher estudou Briar, tentando retirar-lhe de cima a terra e a resina de raiz-porqueira para ver as feições que se escondiam por baixo.

– Como te chamas? – perguntou em krasiano.

– Briar asu Relan am'Damaj am'Sapaleiro – respondeu Briar.

– Damaj é um nome Kaji – referiu Jarit. – Mas afirmas não ser um de nós?

– Nascido e criado no Sapal – disse Briar.

Jarit acenou afirmativamente.

– Lembro-me do desaparecimento do teu pai. Os homens Kaji procuraram-no na cidade e no Labirinto, sem saberem se tinha morrido nas garras dos alagai ou sucumbido a uma lâmina Majah. Quem poderia ter adivinhado que fugiu para Norte?

– Conheceste o meu pai? – perguntou Briar.

Jarit abanou a cabeça.

– Não, mas o meu marido foi o maior instrutor dos Kaji. Aprendi muito na sua casa.

– Jarit e a sua neta, Shalivah, começaram a ensinar-nos sharusahk – disse Stela. – Depois de Wonda Lenhador partir com mestra Leesha. – Ouvindo o comentário, uma rapariga de dez anos aproximou-se. Parecia mais a filha de Jarit do que a sua neta, mas Briar sabia que a magia podia roubar anos a uma pessoa. Olhou o poço, percebendo quantos dos krasianos eram crianças. Dois homens krasianos jovens envergavam as vestes castanhas dos Irmãos com véus noturnos acrescentados.

– O Protetor converteu-vos, como ao meu pai – calculou Briar.

– Continuamos a rezar a Everam – disse Jarit.

Briar acenou com a cabeça.

– O meu pai dizia que Everam era o Criador e o Criador era Everam.

Jarit sorriu.

– O teu pai era um homem sábio. Não fomos convertidos por Protetores, como eles não foram convertidos por nós. Todos nós vimos Arlen Fardos disparando relâmpagos do céu quando Alagai Ka veio na Lua Nova. Se restasse alguma dúvida, desvaneceu-se quando Arlen Fardos derrubou Ahmann Jardir em Domin Sharum. O filho de Hoshkamin era um falso Libertador. O filho de Jeph é o Shar'Dama Ka e devemos estar preparados para o seu chamado.

Briar grunhiu, não tendo realmente uma resposta. Indicou com a cabeça o sol nascente.

– Porque mantêm os vossos homens os véus erguidos?

– Everam ordena modéstia na Sua Lua – disse Jarit. – Arlen Fardos mostrou-nos que é quando enfrentamos Nie que devemos expor-nos, erguendo-nos com orgulho contra Ela.

– Não deixes que a modéstia te engane – disse Stela enquanto caminhavam de volta para o acampamento dos Peles-Guardadas. – Tem pena dos nuclitas quando Jarit e os seus Sharum baixam os véus.

Briar cuspiu.

– Não tenho pena para dispensar a nuclitas.

– É bem verdade. – Stela apertou-lhe outra vez a mão, arrepiando-o. – Vem. Temos trabalho para fazer para te iniciarmos esta noite.

– Que trabalho? – perguntou Briar.

Aproximaram-se de uma rapariga loura que entrançava o seu cabelo longo. Não podia ser muito mais velha que Stela. Como os outros Peles-Guardadas, estava vestida com pouco mais do que algumas tiras de couro, com as tatuagens entrelaçando-se pelos seus membros e corpo.

– Esta é Ella Lenhador – disse Stela. A jovem olhou Briar de alto a baixo, mas manteve os dedos ágeis ocupados com a trança. – Ella é a nossa melhor tatuadora.

Ella sorriu.

– Banho e lâmina primeiro. Preciso de uma tela limpa.

Stela agitou uma mão diante do nariz.

– Estavam no topo da minha lista. Tens uma barra de sabão?

– Não sei se quero fazer isto – disse Briar.

Sentia-se estranho depois do banho. Stela encontrou uma escova de cerdas rijas e esfregou cada centímetro do seu corpo enquanto alguns dos outros Peles-

Guardadas se riam e berravam palavras de incentivo. Sentiu um formigueiro na pele dorida tocada pelo ar frio da manhã.

Stela ignorou o comentário.

– Como é possível que ainda cheires a raiz-porqueira, pelo Núcleo?

– Está no suor quando se come em quantidade suficiente – explicou Briar. – Mantém os nuclitas à distância, mesmo quando alguém nos obriga a tomar banho.

Stela riu-se ao ouvir aquilo, passando-lhe uma túnica limpa e levando-o para a tenda onde Ella se ajoelhava junto de uma pequena fogueira com os seus instrumentos.

– Mostra as mãos a Ella.

– Não sei se quero fazer isto – insistiu Briar. – Disse que viria ao acampamento. Não que seria pintado.

– Arlen Fardos diz que o teu corpo é a única arma que nunca te abandona – disse Ella.

– Só as mãos, por agora – disse Stela. – Todos os Peles-Guardadas o fazem. Dá-nos armas que não podemos perder.

Briar não podia negar que a possibilidade lhe agradava. Não resistiu quando Ella se estendeu para ele. Tinha mãos tão suaves quando pegou nas suas, virando-as para inspecionar as palmas.

– Caulinegra primeiro – disse, pegando num pincel e num tinteiro. – Quieto. – Com mão rápida e arrojada, traçou uma guarda de impacto na palma da mão direita e uma guarda de pressão na esquerda.

– Ataque e defesa – disse Stela. – As primeiras ferramentas do gaisahk. – A palavra era krasiana e significava «combate contra demónios», mas Briar nunca a tinha ouvido antes.

Ella terminou o trabalho, olhando Stela.

– Que te parece?

– Perfeito! – exclamou Stela. – Fá-lo.

Ella puxou uma pequena mesa entre eles.

– Braço aqui. – A mesa tinha correias e, quando Ella estendeu a mão para elas, Briar retirou a sua. Da última vez que vira uma mesa assim, era um instrumento de tortura.

Stela serenou-o.

– Para evitar que mexas a mão. Até os melhores entre nós o fazem, por vezes. Estou aqui, Briar. Não vou deixar que ninguém te faça mal.

Briar olhou-a nos olhos e inspirou fundo, pondo o braço na mesa, com a palma virada para cima. Stela apertou as correias enquanto Ella erguia o que, a princípio, parecia um pequeno pincel. Foi só até começar a passá-lo pela chama que percebeu que as cerdas eram agulhas.

* * *

– Que achas? – perguntou Ella, limpando o sangue da sua mão esquerda. A direita estava já coberta com uma cataplasma e ligada.

Briar fletiu a mão, vendo a guarda acompanhar o movimento. Endireitou-a e fechou os dedos sobre ela com firmeza da forma adequada que o seu pai lhe ensinara para um golpe de sharusahk de mão aberta.

– Belo – disse. Uma arma que não poderia perder, uma parte dele, mais ainda que o seu suor de raiz-porqueira. Pensar isso fê-lo ter uma esperança que nunca antes conhecera. Enquanto Ella lhe ligava a segunda mão, olhou para as suas pernas longas cobertas com guardas e invejou a proteção e poder que conferiam.

Stela bateu-lhe na nuca.

– Ei, já chega. Vai comer qualquer coisa e descansa enquanto eu falo um pouco com Ella.

Briar acenou afirmativamente, saindo da tenda. O Sol estava alto no céu e a maioria das pessoas no acampamento dormia à sombra. Mesmo assim, havia número suficiente movendo-se para lhe parecer apinhado. Precisava de tempo para si.

Contornou a tenda antes que alguém reparasse nele, pretendendo sair do acampamento das Crianças Guardadas e voltar à Floresta das Herbanárias.

– A sério? – A voz de Ella era clara do outro lado do pano da tenda. – Deitaste-te com aquele sacaninha imundo?

– Não me limitei a deitar-me com ele – disse Stela. – Fiquei-lhe com a primeira semente.

– Não! – guinchou Ella. – Tens a certeza?

Stela riu-se.

– Não tinha ideia do que fazia. – Briar sentiu-se corar ao ouvir as palavras. O seu riso, tão belo no momento anterior, feriu-o.

– Foi mau – supôs Ella.

– Não disse isso – disse Stela, fazendo Briar ouvir com maior atenção. – O fedorentozinho compensou a ignorância com entusiasmo. Não demorou a chegar lá na primeira vez, mas não tardei a alcançá-lo. Depois disso, foi sem parar.

O sorriso de Briar foi de orelha a orelha.

– Todos os homens krasianos têm piças pequenas? – perguntou Stela, apagando-lhe o sorriso da cara.

– Não os que conheci – respondeu Ella. – Não tão grandes como os dos Lenhadores, mas maiores do que a maioria.

– Briar é meio laktoniano – retorquiu Stela. – Talvez seja por isso.

– Quão pequeno? – perguntou Ella. Stela ter-lhe-á mostrado com as mãos porque os seus guinchos de riso seguiram Briar enquanto fugia do acampamento.

Briar retirou os seus poucos pertences do esconderijo, regressando à toca que tinha escavado por baixo da árvore de madeira dourada, longe do terreno de caça das Crianças Guardadas. Já não sabia o que sentir acerca de Stela, mas sabia que não conseguiria dormir com o Bando por perto.

Os seus pensamentos continuavam perdidos no caos quando voltou para a fortaleza de mestra Leesha. Havia guardas em patrulha, mas não o viram passar sobre a muralha e atravessar o pátio, escalando a parede ensombrada da mansão.

As suas mãos ligadas dificultaram a progressão, por incomodarem quando se segurava aos apoios que encontrava e por lhe recordarem tudo o que tinha acontecido durante o dia que passara. Qualquer que fosse a forma como olhasse para aquilo, uma simples missão de reconhecimento tinha mudado a sua vida para sempre.

Correu sobre o telhado, agachando-se e impedindo que alguém o visse, até chegar ao ponto sobre a janela do gabinete da mestra, descendo para o parapeito.

Com cuidado para não ser visto, Briar espreitou primeiro pela janela para o corredor. Duas das guardas de Wonda erguiam-se diante das portas, olhando na direção oposta. Dirigiu-se para a janela do gabinete de Leesha.

A mestra estava sobre o divã do gabinete, com Olive nos braços. Voltava as costas para a janela e Briar não conseguia ver ou ouvir mais alguém no interior. Ergueu a mão para bater.

– Entra, Briar. – Leesha falou antes que Briar conseguisse produzir qualquer som. – Fecha a janela depressa. Está frio como um coração de demónio aí fora.

Briar passou um arame na junção entre as janelas, erguendo o trinco. Calor da fogueira viva envolveu-o quando entrou e fechou as janelas. O frio raramente o incomodava, mas poucas coisas o faziam. Adaptou-se rapidamente ao calor, dando passos cuidados para evitar sujar o chão guardado.

O vestido da mestra tinha os atilhos desapertados, com os lábios do bebé sobre um seio. No dia anterior, Briar pouca importância teria dado àquilo, mas, naquele momento, sentiu-se corar e afastou o olhar para o chão.

– Não precisas de olhar para o chão – disse Leesha. – Não há nada de que ter vergonha. Uso-as para o propósito que o Criador lhes destinou. As pessoas terão de se habituar a isto.

Apontou a mesa de chá.

– Serve-te de chá e de qualquer coisa para comer.

Briar sentiu água na boca quando viu as sanduíches sobre a mesa. Não eram as tiras de pão sem côdea que a duquesa Araine servia. Aquelas eram de pão escuro grosso com fatias generosas de carne. Levou uma à boca, segurando-a enquanto retirava um punhado de folhas de raiz-porqueira do bolso, esmagando-as numa chávena e vertendo água a ferver por cima.

Briar olhou com apreensão o sofá vazio à frente da mestra. Tinha tomado banho há pouco, mas continuava a sentir-se demasiado sujo para se sentar em pano tão rico.

– Senta-te, Briar – disse Leesha. – Elissa disse-me que não queriam que sujasses de lama o mobiliário do Mosteiro da Aurora, mas, aqui, convido-te a fazê-lo.

Briar sentou-se rigidamente, pressionando as pernas uma contra a outra para diminuir a área do seu traseiro em contacto com o sofá. Curvou-se, mordendo a sanduíche enquanto a infusão apurava.

Leesha pigarreou.

– Isso não significa que não precises de um guardanapo.

As palavras de censura eram-lhe familiares por as ter ouvido à sua mãe milhares de vezes e retirou rapidamente um guardanapo da mesa, abrindo-o sobre os joelhos.

– Que te aconteceu às mãos? Deixa-me vê-las. – Olive começou a debater-se e a chorar quando Leesha a afastou da mama.

Briar ergueu as mãos para a impedir.

– Está tudo bem. Não passam de arranhões. Lavei-as e liguei-as.

Pretendera contar-lhe das ligaduras, mas, confrontado com o momento, a mentira saiu-lhe com facilidade. Não percebia o que significava a tinta e não tinha qualquer desejo de partilhar a dúvida antes de pensar no assunto.

Leesha parecia pronta para insistir enquanto permitia que Olive se apoderasse novamente do mamilo.

– Não és trapalhão, Briar. O que aconteceu?

– Encontrei Stela Estalagem a enfrentar nuclitas e ajudei-a – referiu Briar, deixando os detalhes de fora. – Levou-me para o acampamento das Crianças Guardadas.

– Stela Estalagem caçava sozinha? – perguntou Leesha. – Tem algum desejo de sucumbir à noite?

– É mais seguro do que pensas – disse Briar. – É forte. Lidera as Crianças.

– Stela? – Leesha abriu a boca de espanto. – Não chega aos cinquenta quilos e tem dezoito verões de vida.

– Todos têm medo dela e dos outros Peles-Guardadas – disse Briar. – Fingem que não, mas vejo-o.

– Porque têm medo dela? – questionou Leesha.

Briar encolheu os ombros. Stela mudou dramaticamente quando deixaram de estar sozinhos. Havia ainda tanto que não compreendia sobre ela e sobre as outras Crianças.

– Quantos são? – perguntou Leesha.

– Cem, pelo menos – respondeu Briar. – Peles-Guardadas, Ossos, Bombas, Sharum e Irmãos. Chamam Bando a si próprios.

Olive adormeceu-lhe ao peito. Leesha afastou-a lentamente do mamilo e ergueu-se, apoiando o bebé contra um ombro. Olive arrotou de contentamento, continuando a dormir enquanto Leesha se dirigia ao berço e a deitava.

Voltou no momento seguinte, com o vestido composto, sentando-se diante de Briar. Os seus olhos da cor do céu trespassaram-no.

– Conta-me tudo.

O céu escurecia quando Briar regressou ao acampamento das Crianças Guardadas. Tinha contado a Leesha tudo o que sabia sobre as Crianças, mas guardara para si os pormenores das suas interações com os membros do grupo. Não diziam respeito à mestra.

As Crianças moviam-se por ali, preparando-se para a noite que aí vinha. Reparavam e dobravam redes de placas guardadas, afiavam lâminas e pintavam guardas na pele. Shalivah, a rapariga krasiana, ensinava sharusahk a um grupo numeroso formado por membros de todas as fações do Bando. Fazia lembrar uma serpente, fluindo de pose em pose com graça impossível.

Briar aproximou-se, hipnotizado.

– Everam abençoou a minha neta – disse Jarit, colocando-se a seu lado. – Costumava ver Kaval treinar os seus irmãos. Uma vez, surpreendeu-a a ensaiar

os movimentos e golpeou-a. *Se ousas apossar-te das posturas sagradas, é melhor que o faças da forma correta!*, gritou. *Se um homem que não for teu marido te tocar, envergonharás a casa de Kaval ou partir-lhe-ás o braço?*

– Jarit sorriu.

– O meu honrado marido fê-la repetir os movimentos cem vezes e obrigou-a a limpar vezes sem fim a sala de treino.

– Encontramos a Sharak Sun oitenta quilómetros em cada direção. – Briar usou o nome krasiano da Guerra Diurna, a conquista da humanidade que o Evejah ensinava ser necessária para vencer a Sharak Ka. – Que lado escolherão quando chegar até vós?

– O Bando não lutará na Sharak Sun – disse Jarit. – Como o filho de Jeph nos revelou, *não há honra em derramar sangue vermelho.*

– É verdade – disse Stela, aproximando-se deles. Bateu com a mão nas costas de Briar. – Começava a temer que não voltasses.

– Gosto de estar sozinho – explicou Briar.

– Sim, percebo – disse Stela. – Mas a luz esmorece. Chegou o momento de irmos para o terreno da iniciação.

Briar olhou para ela com curiosidade, seguindo-a enquanto o conduzia ao local onde os Peles-Guardadas se reuniam. Eram mais de vinte, vestidos com retalhos de pano e cobertos com guardas. Muitos eram baixos e magros, mas tinham olhos de predador. O Irmão Franq erguia-se com eles, vestindo apenas um bido castanho. O seu corpo musculado estava coberto com tatuagens, mas empunhava também o seu bastão torcido.

Correram para a noite, chegando a um penhasco alto guardado com pilares de todos os lados, apenas com o caminho para cima deixado aberto.

– Espera aqui – disse Stela a Briar. Sem esperar resposta, deu um grito, atirando um laço de alagai ao ar e correndo com os outros.

Briar ansiava por seguir os sons de batalha e os clarões de luz guardada que se seguiram ou por fugir deles, mas esperou pacientemente enquanto o combate prosseguia, notando após algum tempo que os sons e as luzes se tinham aproximado.

Em breve, viu os Peles-Guardadas, liderados por Stela e Franq. Entre eles, arrastavam um demónio da madeira que se ia debatendo, curvado quase até ao chão pelo cabo do laço de alagai e pelo bastão torcido que lhe prendia o pescoço. Atrás, os outros Peles-Guardadas soltavam gritos de incentivo, pontapeando e esmurrando para manter o nuclita desequilibrado enquanto era arrastado para o círculo guardado dentro do qual Briar se erguia.

Ver aquilo respondeu a quaisquer questões que Briar tivesse acerca da sua «iniciação». Começou a desenrolar as ligaduras das mãos enquanto os Peles-Guardadas formavam um círculo à sua volta. Ainda tinha as palmas das mãos doridas, mas as guardas de impacto e pressão estavam nítidas.

Stela olhou-o enquanto, juntamente com Franq, arrastava o demónio para o centro do penhasco, colocando-o diante de Briar.

– A iniciação termina quando o demónio estiver morto.

Briar acenou com a cabeça e Stela pressionou o botão no seu laço de alagai, soltando o cabo enquanto Franq retirava o seu bastão e traçava uma guarda sobre Briar.

– Que as bênçãos do Libertador caiam sobre ti, Irmão Damaj. – A seguir, recuaram os dois para o círculo de testemunhas.

O demónio da madeira recompôs-se com um rugido, enchendo os pulmões com grandes golfadas de ar e arranhando a garganta. Não estava ferido com gravidade e, momentos depois, a sua magia devolvê-lo-ia ao poder de combate total.

Briar não lhe deu tempo, aproximando-se com um salto e pressionando a mão direita aberta contra o seu joelho. A guarda de impacto iluminou-se e o demónio tombou com um guincho enquanto o poder fazia o braço de Briar estremecer. Com o demónio caído, Briar cuspiu seiva de raiz-porqueira nos seus olhos, cegando-o. Os Peles-Guardadas gritaram de júbilo.

Briar recuou enquanto o nuclita voltava a erguer-se com esforço, medindo dois metros de altura e com braços suficientemente longos para arrastar as garras pelo chão. Tentou localizar Briar pelo som, mas os gritos do Bando enchiam-lhe os ouvidos. Farejou e o cheiro a raiz-porqueira fê-lo espirrar.

Tal como os humanos, os demónios fechavam os olhos e encolhiam-se quando espirravam. Briar aproveitou esse momento para avançar, segurando o braço do demónio da madeira na mão esquerda. A guarda de pressão fumegou contra a sua pele, enchendo Briar de força enquanto estilhaçava o pulso do nuclita com a guarda de impacto.

O demónio uivou, segurando a mão inerte com a outra enquanto Briar se afastava, contornando-o.

A sensatez ditava-lhe que não se apressasse. Ficava mais forte com cada golpe, golpeando mais depressa do que qualquer demónio conseguiria sarar-se, sobretudo quando Briar lhe drenava a magia. Esse tipo de cautela era o motivo para Briar ter sobrevivido tantos anos a viver na noite desprotegida desde os seus verões de vida.

Voltou a golpear, atingindo o nuclita nas costas e desequilibrando-o. O nuclita golpeou com o braço intacto. Briar recuou e retribuiu o golpe, aplicando-lhe uma palmada de mão aberta no focinho.

A sua cabeça dizia-lhe que voltasse a recuar, mas o demónio parecia ter abrandado. Estava vulnerável enquanto recuava e Briar manteve a ofensiva, desferindo golpe após golpe. Esqueceu a cautela. Esqueceu a defesa. Sentia a proximidade da matança.

Um golpe desvairado do grande braço torcido do demónio da madeira atingiu Briar no estômago, rachando costelas e projetando-o pelo ar. Bateu no chão com força a vários metros de distância e o público, que gritava de júbilo no momento anterior, uniu-se num gemido espantado.

Cuspindo sangue, Briar recompôs-se e pôs-se de pé. A magia começara já a sará-lo, mas o mundo rodopiou quando tentou dar um passo e o demónio recuperado saltou sobre ele.

Os Peles-Guardadas gritaram palavras de encorajamento, com Stela sendo a mais sonora, mas nenhum deles avançou para o ajudar. Fazia parte da iniciação. Ou o iniciado matava o demónio ou era morto por ele.

Os braços dos demónios da madeira eram longos e poderosos, mas não eram flexíveis. Demasiado zonzo para lutar, Briar caiu desamparado no chão. As garras voaram-lhe sobre a cabeça quando o demónio passou por ele.

Briar continuou caído, deixando a magia que lhe percorria o corpo fazer o seu trabalho. O mundo parou de girar quando o demónio da madeira parou, cravando as garras no solo do penhasco e projetando grandes nacos de terra.

Rugiu, voltando a correr. Briar rebolou para fora do seu caminho no último momento, atirando uma bolsa para a bocarra escancarada do demónio. O nuclita mordeu-a por instinto, enchendo a boca e as narinas com raiz-porqueira em pó.

Enquanto o demónio sucumbia a vómitos, Briar voltou a levantar-se, olhou por um momento e viu a sua oportunidade, investindo e usando o joelho torcido do nuclita como degrau para lhe subir para as costas. Apoiou-lhe uma perna na axila, usando-a para prender o braço intacto do demónio da madeira, imobilizando-o enquanto lhe apertava o pescoço com a mão esquerda. A guarda de pressão fumegou. Os dedos de Briar ficavam suficientemente fortes para esmagar aço. O pescoço do demónio cobria-se com músculos e tendões poderosos, mas era apenas carne.

Colocou a mão direita sobre a nuca do demónio. A guarda de impacto faiscou, empurrando enquanto a outra mão de Briar puxava. As duas mãos foram-se aproximando aos poucos.

O demónio debateu-se em desvario, cambaleando pelo penhasco. Aproximou-se do público, mas a multidão limitou-se a gritar com mais empenho, empurrando-o novamente para o centro com pontapés e murros guardados.

O demónio lançou-lhe o braço livre contra as costas, mas, com o pulso partido, não conseguiu usar as garras. Briar aceitou o golpe sem o libertar. Quanto mais magia se acumulava, mais forte se sentia.

O demónio da madeira atirou-se ao chão, rebolando para tentar libertar-se dele. Perdeu o fôlego, mas Briar sentiu o seu desespero e apertou com mais força. Os Peles-Guardadas silenciaram-se, sustendo a respiração até o pescoço do nuclita se partir com um estalo audível.

O público irrompeu em gritos de júbilo, com todos aproximando-se enquanto Briar erguia o enorme demónio sobre a cabeça, atirando-o ao abismo.

No momento seguinte, estava sobre todos aqueles braços erguidos, saltando sobre a multidão enquanto o moviam pelo penhasco, entoando:

– Pele-Guardada! Pele-Guardada! Pele-Guardada!

Briar nunca se tinha sentido tão vivo.

Uma das raparigas ergueu uma flauta, tocando uma canção animada e a multidão começou a dançar.

Briar cansou-se de ser passado de mão em mão, descendo para o chão diante de uma radiante Stela Estalagem.

– Sabia que conseguirias! – Stela beijou-o nos lábios que ainda sentiam o formigueiro da magia. – Foi a morte mais rápida até agora e não escolhi um dos pequenos. – Piscou-lhe o olho. – Queria exibir-te.

Briar sabia que devia dizer alguma coisa, mas não lhe ocorreram quaisquer palavras. Limitou-se a ficar ali, sorrindo-lhe estupidamente.

Stela desembainhou a faca, virou-a na mão e estendeu-lha com o punho virado.

– Não acabou. Tens de lhe arrancar o coração preto.

Briar fitou-a em silêncio por um momento. A seguir, recompôs-se e aceitou a faca. Avançou até ao demónio, segurando uma das placas blindadas da sua armadura e enfiando a faca por baixo. Guardas de corte iluminaram-se enquanto Briar puxava a placa, cortando tanto como rasgava.

Sangue negro cobriu-lhe as guardas nas mãos. Brilharam, drenando a magia e tornando-o forte além de qualquer compreensão. Largou a faca, arrancando a placa de armadura seguinte com as mãos nuas. Enfraqueceu as costelas do demónio com a guarda de pressão e golpeou com a de impacto, partindo osso.

Briar enfiou as mãos dentro da criatura. Pouco depois, ergueu-lhe o coração e os Peles-Guardadas voltaram a gritar de júbilo. Tinham trazido um grande barril

de cerveja e passavam canecas que transbordavam.

– O meu tio Keet não achava que o Lamacento fosse capaz! – trovejou Stela à multidão. – Disse que Briar Damaj não era suficientemente bom para pertencer ao Bando.

Ouviram-se gritos entusiasmados em resposta e Stela apoiou as mãos nas ancas.

– Que dizem os Peles-Guardadas?

– Bando! – gritaram os outros, erguendo punhos no ar noturno. – Bando! Bando!

Stela aproximou-se de Briar, pousando as mãos sobre o coração. Retirou-as manchadas com sangue negro.

– Bando. – Limpou o fluido sobre o seu próprio peito, gemendo de prazer quando as suas guardas brilharam, absorvendo o poder.

– O Libertador é forte em ti – concordou Franq, aproximando-se também para tocar o coração. Como Stela, limpou o sangue sobre as tatuagens, estremecendo quando se iluminaram. A seguir, virou-se para Briar, erguendo um dedo negro para traçar uma guarda na sua testa. – Bando.

Os Peles-Guardadas formaram uma fila, cada um tocando o coração e limpando sangue negro sobre as suas guardas.

– Bando – sussurraram.

– Quero mais uma dose – disse Stela, apertando o coração e esfregando sangue negro nos seus braços guardados como se fosse loção.

– Vais mordê-lo a seguir? – troçou Ella Lenhador.

– Não penses que não o farei! – disse Stela.

– Ouviram isto, Peles-Guardadas? – gritou Ella. – Stela vai morder o coração do demónio!

– Fá-lo! – gritou alguém na multidão.

– Não tem tomates! – gritou uma rapariga.

– Vais vomitar, de certeza! – acrescentou um jovem alto e magro, rindo-se.

– As Herbanárias dizem que o sangue negro é venenoso! – disse alguém.

Stela olhou Franq, mas o Irmão não tentou travá-la. Com efeito, olhou Stela e o coração com intensidade. Com fome.

– Come-o! – trovejou a multidão. – Come-o! Come-o! Come-o!

Stela esboçou um sorriso desvairado, mordendo e arrancando um naco da carne do demónio. A sua boca ficou negra enquanto mastigava, com um olhar tresloucado. O vómito encheu-lhe a boca, mas conseguiu voltar a engoli-lo.

– Sinto que um nuclita me cagou na boca! – gritou Stela, fazendo a multidão rir-se. Virou-se para Briar, oferecendo-lhe o coração. Quando recuou, segurou-lhe o peito da camisa e puxou-o, aplicando-lhe um beijo molhado nos lábios.

O sangue negro parecia-lhe nojento na boca, persistente e nocivo, mas sentiu o seu poder, mesmo assim. Sentiu o vómito subir-lhe à garganta e engoliu com força, sentindo o sangue negro queimá-lo enquanto lhe descia pelo corpo.

Franq avançou para junto deles enquanto Stela recuava. Briar quase esperou que lhe chamasse nucleado, condenando-o. Ao invés, o homem beijou Stela, saboreando o sangue negro nos seus lábios, tal como Briar fizera.

Briar esperou vê-la afastá-lo, mas Stela parecia acolher o beijo com o êxtase da magia.

Briar perdeu-a de vista enquanto outros Peles-Guardadas corriam para morderem também o coração. Foi consumido em pouco tempo, com todos vomitando e rindo, com as caras enegrecidas pelo sangue de demónio. Sem se satisfazerem, alguns foram diretamente ao corpo do demónio, rasgando-lhe o peito e puxando nacos de carne.

Mais Peles-Guardadas começaram a beijar-se, esfregando sangue negro nas faces e corpos uns dos outros. Briar viu Ella e o jovem alto e magro afastarem-se do demónio, manchados com sangue negro. Ella riu-se enquanto olhava Briar, apontando-lhe o dedo mínimo enquanto o homem a deitava no chão.

Briar sentiu-se corar e virou-se, mas tornava-se uma cena comum no alto do penhasco e os escassos farrapos com que os Peles-Guardadas se vestiam eram arrancados, com guardas iluminando a noite.

Stela tinha desaparecido. Briar vagueou entre os folguedos do Bando, procurando-a. O caos era surreal, com a magia inundando-lhe os sentidos. Stela não estava em parte alguma do topo do penhasco. Desceu o trilho para a floresta.

Ouviu-a gemer e acelerou, sem saber o que encontraria. Passou entre as árvores e viu Stela nua, de gatas, rosnando. O Irmão Franq ajoelhava-se atrás dela, com o bido puxado para o lado para expor uma piça com o triplo do tamanho da sua. Tinha as mãos sobre as ancas dela, puxando-a para si.

Briar fechou uma mão. Todos os instintos lhe gritavam que golpeasse o homem. Que o matasse. Que lhe abrisse o peito como fizera ao demónio, banqueteando-se com o seu coração.

Mas, a seguir, Stela olhou para cima.

– Briar! Não sejas envergonhado! Tenho buracos para dois!

Gesticulou-lhe que se aproximasse e Briar estacou, aterrado. Pensar em juntar-se a eles horrorizava-o. Era uma perversão da beleza que tinham partilhado.

Sentiu-se repelido, mas a sua piça traiu-o, dura dentro das calças.

Abanou a cabeça com vigor, virando-se e correndo para as árvores.

– Briar, espera! – gritou Stela. Briar ouviu Franq grunhir quando o tirou de dentro dela. Acelerou quando lhe ouviu os passos, correndo sobre o leito da floresta atrás dele.

Briar ziguezagueou entre as árvores, mas, enquanto os gritos furiosos de Franq se tornavam distantes na noite, Stela continuou próxima.

– Nucleado sejas, Briar! Podes parar e falar comigo?

Briar continuou a correr, mas não tinha qualquer plano. O terreno era-lhe desconhecido e sentia os pensamentos acelerados. Stela reduziu a distância até conseguir esticar-se e segurar-lhe o braço.

– Que te deu, pela noite?!

Briar virou-se para ela.

– Tu... Tu...!

Stela cruzou os braços.

– Eu o quê? Não te pertenço, Briar Damaj, apenas porque te deitaste comigo.

Briar libertou o braço.

– Não disse que pertencias! Sei que queres mais do que o pequeno fedorento com a piça pequena.

A expressão de Stela amansou.

– Ouviste-me falar com Ella, não foi? Noite. Sinto muito, Briar. Não queria ser cruel.

Briar deixou escapar uma gargalhada sonora.

– Que outra coisa poderias ser?

– Apenas conversa de raparigas – respondeu Stela, esboçando-lhe aquele sorriso malicioso. – Não significa que tenhas perdido a vez.

– O quê? – Briar recuou enquanto Stela avançava.

– Gosto de ti, Briar – disse Stela. – Não menti quando disse isso. Senti-me segura contigo na minha retaguarda na noite passada.

Briar encostou-se a uma árvore e Stela encostou-se ao seu peito, continuando vestida apenas com tatuagens e sangue negro. Sentia o coração palpitando dentro do seu peito.

Stela pôs-lhe uma mão entre as pernas, apertando-o.

– Também te saíste bem à minha frente, quando a luta acabou. Piça pequena ou não, não deixo escapar um homem capaz de desancar um demónio e fazer-me encolher os dedos dos pés quando termina.

Voltou a beijar Briar, com o hálito quente com magia e com uma sugestão do sangue nocivo do nuclita.

Stela segurou-lhe no queixo com a mão livre quando os seus lábios se separaram, virando-lhe a cara para que a olhasse nos olhos.

– Não pertencemos uns aos outros no Bando. Deito-me com quem quero, quando quero e tu deverás fazer o mesmo. Ella pode troçar, mas não penses que não ficou curiosa depois do que lhe disse.

Abriu-lhe os atilhos das calças, puxando-o para fora. Tudo lhe parecia girar, mas sentia-se sólido naquela parte do seu corpo, pronto para explodir.

– Esta noite, não. – Segurou-o na mão, pele contra pele. Briar fechou os olhos e cerrou os dentes para se impedir de gritar. – Esta noite é nossa, Pele-Guardada. Vamos resolver a primeira. Depois, podes possuir-me como quiseres.

Empurrou-o contra a árvore, montando-o em pé. Pressionou todo o peso do seu corpo contra as suas virilhas, levando uma mão entre as pernas para lhe acariciar os sementeiros. Briar uivou e Stela gritou de deleite, aumentando a velocidade enquanto se apertavam e arranhavam.

Stela puxou-o para fora quando terminou, dando alguns passos incertos antes de se virar, ajoelhando-se. Olhou-o nos olhos, sorrindo.

– Era isto o que Franq queria. Agora, puxa por si mesmo e ofereço-to a ti.

As palavras despertaram uma fome primordial, o prazer notável de afastar um rival e possuir o que lhe pertencia. E porque não? Dominar era a ordem natural do mundo. Os lobos faziam-no. Os nuclitas faziam-no.

Vou ser como eles, agora?

Olhou Stela, coberta com sangue negro, chamando-o com gestos, e algo se alvoroçou dentro dele. Era aquela a vida que desejava?

Abanou a cabeça, curvando-se para puxar as calças para cima.

– Não.

Stela fixou nele um olhar irado.

– Não? Que queres dizer com isso, pelo Núcleo?

Briar terminou de apertar os atilhos.

– Na noite passada no espinheiro, pensei que...

– O quê, Lamacento? – ripostou Stela, endireitando-se. – Que éramos uma alma que o Criador dividiu em duas?

– Pensei que percebesses – disse Briar.

– Matámos dois demónios e deitámo-nos um com o outro – comentou Stela. – Que há para perceber?

– O mundo é maior que isto – disse Briar. – Há gente lutando pela vida fora da Floresta das Herbanárias e tudo o que Bando faz é...

– Caçar e matar os demónios que os atormentam – rosnou Stela.

Briar abanou a cabeça.

– Atormentam-nos, também. Roubam cerveja e mantimentos, até mesmo das vossas famílias. Não querem protegê-los quando cai a noite. Querem apenas... – Fez-lhe um gesto com a mão.

Stela apoiou as mãos nas ancas.

– Queremos apenas o quê, Lamacento?

Havia perigo nos seus olhos, mas, depois de começar a falar, Briar deixara de se preocupar.

– Querem apenas banhar-se em sangue negro e rebolar no chão – afirmou. – E nucleado seja quem não pertencer ao Bando.

Stela golpeou-o. A magia tornava-a rápida, mas Briar também a provara. Recuou com um passo rápido, evitando o tabefe.

– Vais limitar-te a partir?! – quis saber Stela. – Ninguém abandona Stela Estalagem, seu fedorentozinho com pila de anão. Muito menos tu.

Estendeu a mão para ele e Briar defletiu-lhe o braço com a mão direita. Houve um clarão de poder quando a guarda de impacto a atingiu, desequilibrando-a.

Briar olhou-a, horrorizado. Stela não era um demónio, mas, coberta com sangue negro, as guardas reagiram como se fosse. Sentia ainda o seu sabor na boca e cuspiu.

A seguir, virou-se e correu pela noite dentro.

Briar voltou para a fortaleza de mestra Leesha, passando pelos guardas sem ser visto e chegando ao seu jardim privado. Se Stela ou as outras Crianças Guardadas o caçassem, aquele seria o último sítio em que lhes ocorreria procurar.

A moita de raiz-porqueira parecia convidativa, mas o sono era a última preocupação de Briar. Sentia exatamente o oposto, com os membros tremendo com energia contida.

Caminhou para trás e para diante até conhecer o jardim intimamente. Havia três entradas, duas grandes e convidativas e uma cuidadosamente escondida numa das paredes da mansão, obscurecida pela vegetação.

Briar escavou uma pequena cova na raiz-porqueira para uso futuro. Treinou sharusahk. Qualquer coisa para impedir que os seus pensamentos vagueassem

novamente para Stela Estalagem.

Leesha demonstrara uma afinidade pelos jardins da duquesa Araine, passeando entre as sebes pelo menos duas vezes por dia. E, inevitavelmente, enquanto o céu clareava, a porta escondida abriu-se e a mestra caminhou entre as ervas.

Quando teve a certeza de que estava sozinha, Briar mostrou-se-lhe.

– São perigosos.

A mão de Leesha enfiou-se num dos muitos bolsos do seu vestido, mas reconheceu-o.

– Noite, Briar! Um destes dias, ficarás com a cara cheia de pó cegante.

Briar indicou o espaço que os separava com um movimento da cabeça.

– Não consegues atirar o pó tão longe.

Leesha estalou a língua.

– Sentes-te bem, Briar?

Não sabia o que responder. Tinha lavado cada centímetro do seu corpo, mas continuava a sentir o sangue negro na pele, sentindo-lhe o sabor na boca. Os arranhões deixados por Stela já tinham sarado, mas ainda lhe faziam comichão.

– Quem é perigoso, Briar? – perguntou Leesha.

– As Crianças – respondeu. – Não lutam para manter a floresta segura. Lutam porque lhes dá prazer. A magia faz com que nos sintamos invencíveis.

– Nos? – repetiu Leesha. Aproximou-se, pegando-lhe numa mão e virando-a. A guarda que aí encontrou fê-la abrir a boca de espanto.

Briar afastou a mão.

– Pensei que fossem como eu. Não são. Não são nada como eu.

– Briar, o que aconteceu? – perguntou Leesha.

– Comeram o coração de um nuclita esta noite – disse Briar. – Deixou-os... bêbados. Selvagens. Só pode piorar.

Leesha pareceu chocada.

– Rapariga estúpida – murmurou para si mesma. – Ele disse-nos! Disse que os comia. – Rosnou, fechando os punhos.

– O quê? – perguntou Briar, confuso.

– As tatuagens são apenas meia razão para Arlen Fardos conseguir voar – referiu Leesha. – É a maldita carne!

Briar olhou-a, atordoado, sem perceber o que dizia. Após um momento, recompôs-se, voltando a olhá-lo.

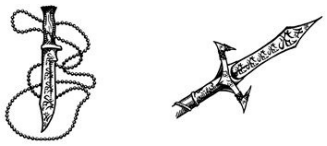
– Preciso que voltes, Briar. Preciso que os convenças a encontrarem-se comigo.

Briar abanou a cabeça.

– Não voltarei. Nem agora nem nunca. Vou para casa.

– Para casa? – repetiu Leesha. – Elissa e Ragen demorarão semanas a partir para o Norte.

– Não vou para o Norte – respondeu Briar. – Vou para casa. Para Lakton.



SEIS

EVERAM É UMA MENTIRA

334 DR

Renna cerrou os dentes, vendo Shanvah alimentar o pai com uma papa rala. Shanjat engoliu mecanicamente, olhando em frente, fitando o vazio. A sua aura estava luminosa e viva, mas essa luz não se movia. As auras mostravam emoções, mas a de Shanjat não tinha quaisquer emoções para mostrar.

Ver aquilo agoniou-a. Dois dias antes, Shanjat fora um homem vigoroso, no auge da vida. Muito melhor lutador que Renna. Naquele momento, tinha o espírito da velha vaca leiteira de Renna. Caminhava se o conduzissem, agachava-se na latrina e limpava-se quando lhe diziam que o fizesse. Conseguia mesmo levar à boca colheres de sopa da sua papa se fosse colocada à sua frente. Mas, quando o deixavam sozinho, erguia-se no seu compartimento, fitando o vazio até cair no chão.

Não ajudava que Arlen e Jardir gritassem um ao outro no piso superior da torre. De algumas formas, isso era o pior. Shanvah, habitualmente tão calma e distante, chorava sem pudor e encolhia-se com cada som furioso irado vindo de cima.

– Sê forte – disse Renna. – Encontrarão uma forma de trazer o teu pai de volta para nós.

– Sim? – perguntou Shanvah, usando a aresta da colher para limpar um pingo de papa do lábio do pai. Beijou-lhe a face e afastou-se, seguida por Renna.

– Nem todos verão o fim da Sharak Ka. – A voz de Shanvah era baixa. – Se alguém o vir. É uma honra morrer nas garras dos alagai. Mas esta... – Apontou o pai, que fitava o vazio – ... esta meia vida? Alagai Ka transformou o meu pai numa carapaça vazia para sussurrar a sua perfídia. Se o Libertador não conseguir restaurá-lo, eu própria o matarei.

Renna sentiu um aperto na garganta e deu consigo a pestanejar para conter lágrimas. Dificilmente consideraria Shanvah uma amiga, mas isso deixara de importar. Os krasianos acreditavam que os que derramavam sangue juntos na noite eram família e, para o melhor e para o pior, era isso o que tinham passado a ser.

Shanvah olhava-a. Os seus olhos desafiavam Renna a argumentar.

– Quando chegar o momento – disse Renna. – Estarei lá para apanhar as tuas lágrimas.

Shanvah voltou a chorar, abraçando Renna. Renna resistiu ao instinto de se afastar, apertando a rapariga com força e passando-lhe as mãos pelas costas.

Quando terminou, Shanvah afastou-se, fungando enquanto retirava o lenço do pescoço e se dirigia à bacia para se lavar. Quando viu o seu reflexo no espelho de prata, havia uma determinação severa na sua face.

Virou-se para Renna, mostrando uma faca pequena e afiada.

– Não partilharei o destino do meu pai.

Renna olhou a lâmina com apreensão.

– Ainda não sabemos que não conseguem salvá-lo, Shan. Ainda não chegou o momento.

– Não é para ele. – Shanvah virou a faca com dedos ágeis, passando-a a Renna com o punho virado. – É para mim. Quero que me cortes guardas mentais na testa.

Renna abanou a cabeça.

– Posso pintá-las com caulinegra...

– A caulinegra esbate-se – disse Shanvah. – E a nossa provisão pode escassear enquanto percorrermos a estrada para o abismo. Ouviste o pai dos demónios. *A viagem é longa e são mortais. Chegará o momento em que baixarão as defesas e ficarei livre.*

Renna pestanejou.

– Sim, podes ter razão. Posso tatuar...

Shanvah abanou a cabeça.

– O Evejah ordena que não profanemos os nossos corpos com tinta permanente. Seguirei o exemplo do Shar’Dama Ka.

Renna olhou-a, vendo a força e a determinação na aura da rapariga.

– Sim, está bem. – Pegou na faca, deitando Shanvah de costas. – Precisas de alguma coisa para morder?

Shanvah abanou a cabeça.

– A dor é apenas vento.

– Não há escolha que não seja seguir o plano – disse o Par’chin.

Jardir olhou-o, incrédulo.

– Claro que há escolha, Par’chin. Há sempre uma escolha. Tiveste escolha quando forçaste a entrada no Sharik Hora e nos lançaste neste caminho e há escolha agora. Não deixes que as palavras insinuantes de Alagai Ka te ceguem. O facto de apoiar o teu plano tresloucado é motivo para reconsiderares. Pretende fazer-nos esquecer a nossa real responsabilidade.

– E qual é? – perguntou o Par’chin.

– Comandar o nosso povo na Sharak Ka, na vanguarda da batalha entre Everam e Nie.

– Noite. – O Par’chin revirou os olhos. – Continuas a vociferar tais disparates? Everam é uma mentira, Ahmann. Nie é uma mentira. Ouviste o demónio dizê-lo. Ficções para impedir as gentes de temerem a escuridão.

A blasfémia já não o surpreendia, mas, mesmo assim, Jardir maravilhou-se com a teimosia do Par’chin.

– Como podes dizer isso depois de tudo o que vimos, Par’chin? Quantas profecias terão de se concretizar para que comeces a ter fé?

O Par’chin fechou os olhos.

– Consigo ver o futuro. O Sol... erguer-se-á amanhã. – Sorriu e abriu os olhos. – Pensarás que falo com o Criador quando isso se concretizar.

– Não eras tão insolente quando era o teu ajin’pal – disse Jardir. – Troças do que não compreendes.

– Não – disse o Par’chin. – Troço das histórias que inventas para explicar o que nenhum de nós compreende. Somos gado para estas criaturas, Ahmann. A Sharak Ka não significa mais para eles do que um boi alvoroçando as vacas e começámos uma debandada do gado. Acontecerá quer lá estejamos ou não. Confio que o meu povo se erguerá contra a noite. E tu?

– O meu povo ergueu-se na noite muito antes do teu, Par’chin – recordou-lhe Jardir.

– Então deixa que continuem a fazê-lo! – gritou o Par’chin. – Enquanto defenderem a superfície, teremos uma hipótese de levar isto para baixo.

– Para o abismo de Nie – disse Jardir. – Mesmo assim, negas a instrução divina de Kaji, registada no Evejah...

– O Evejah é um livro – respondeu o Par’chin. – Um livro que foi rescrito ao longo dos anos e que, de qualquer forma, nunca contou a história completa.

– E como conheces essa história, Par’chin? – perguntou Jardir. – Como podes tu, um infiel, saber mais sobre Kaji do que a sua sagrada ordem de sábios?

– Os dama são criaturas políticas – afirmou o Par’chin. – São corruptos. Tu próprio o disseste. Foi por isso que expulsaste o Andrah do seu trono. O Evejah verga-se para acomodar a sua vontade, sendo imposto de forma seletiva. A versão real está pintada nas paredes de Anoch Sun. Ou estava, até os teus escavadores derrubarem a maior parte.

Jardir cruzou os braços.

– Então devemos depositar a nossa fé no Pai das Mentiras?

O Par’chin riu-se.

– Não confio naquele demónio para se aproximar mais que o comprimento das nossas lanças. Mas precisava de espreitar a cabeça do demónio da mente que enviou para me matar. Com os dois lados da história, é mais fácil distinguir factos de ficção.

– Que aconteceu realmente, há três mil anos? – perguntou Jardir. – Que grande segredo esconderam os dama?

– Esconderam que Kaji falhou – disse o Par’chin. – Não percorreu o caminho até ao fim. Não chegou até à rainha. Não estaríamos neste apuro se tivesse chegado.

– Deu-nos milénios de paz – disse Jardir. – E foi só quando esquecemos os seus ensinamentos que os alagai regressaram. Kaji falhou ou falhámos nós?

O Par’chin esfregou a cara, frustrado.

– Que importa? Com Criador ou sem ele, aproxima-se uma eclosão. Ou deixamos que aconteça e comandamos os nossos exércitos contra as colmeias que surgirão nas nossas terras ou tentaremos impedir que aconteça e talvez consigamos o que Kaji nunca conseguiu.

Jardir franziu o cenho.

– Acreditas que conseguiremos controlar Alagai Ka?

O Par’chin encolheu os ombros.

– Precisaremos de falar com ele outra vez.

– Como? – perguntou Jardir. – Com a carne guardada, Alagai Ka não consegue tocar a mente de Shanjat e, sem ele, não consegue falar.

– As guardas impedem-no de atacar à distância – disse o Par'chin. – Mas conseguirá, mesmo assim, penetrar uma mente por guardar se estabelecer contacto físico.

– Então desejas entregar novamente o meu kai às garras de Alagai Ka – disse Jardir. – Torná-lo um fantoche para alastrar as mentiras do príncipe dos demónios. Uma arma para usar contra nós.

– Que escolha temos? – perguntou o Par'chin.

Jardir não teve resposta.

Renna segurava a cara de Shanvah com a mão esquerda enquanto trabalhava. A faca estava firme na mão direita, cortando tiras de carne da testa da rapariga, assegurando uma cicatriz larga que canalizaria e manteria a carga.

Deixou a magia fluir pelas duas mãos, ativando as guardas de corte na lâmina já afiada como uma navalha de barba e acelerando a cicatrização. Chagas formaram-se em segundos no rasto da lâmina.

Shanvah não se encolheu ao sentir os cortes, mas havia medo na sua aura.

– Não há motivo para preocupação – disse Renna. – Sei o que faço. Continuarás bonita quando terminar.

– É uma honra ostentar as cicatrizes da alagai'sharak – respondeu Shanvah.

– Então o que te deixou mais tensa que um porco na matança? – perguntou Renna.

Shanvah olhou as escadas.

– Calaram-se.

Renna parou, percebendo pela primeira vez que o ruído vindo de cima tinha cessado. Concentrada como estava, não tinha reparado.

– Pensei que nada seria pior do que ouvir os gritos do meu tio e do Par'chin – comentou Shanvah.

– Pelo menos, sabíamos que não se estrangulavam um ao outro – concordou Renna. – Teremos de ter fé e acreditar que, se quisessem fazê-lo, tê-lo-iam feito há meses.

– A nossa fé é testada todos os dias, com a aproximação da Sharak Ka. – Shanvah descontraiu, com a aura serenando com a aceitação.

– Pronto – disse Renna, fazendo o último corte. Olhou a guarda de um lado e do outro, retirando um último pedaço de carne antes de pousar a faca.

– Como... – começou Shanvah, mas as suas palavras foram interrompidas por um gemido de espanto enquanto arregalava os olhos. Renna virou-se para ver Arlen e Jardir descendo as escadas.

– Que fazem? – perguntou Jardir.

Shanvah encolheu as pernas para ganhar ímpeto, erguendo-se da posição horizontal em que se mantivera e ajoelhando-se diante de Jardir. Apoiou as mãos no chão e pressionou a testa entre elas, com as chagas na testa tocando a madeira.

– Misericórdia, Libertador! A filha de Harl guarda-me a meu pedido.

Jardir baixou-se, colocando um dedo sob o queixo da rapariga para lhe virar a cara para cima.

– A tua mãe costumava gabar-se da tua beleza e da facilidade com que te encontraria um marido.

– Sem dúvida que um marido para a sobrinha do Libertador seria fácil de encontrar, com beleza ou sem ela – disse Shanvah. – Mas não haverá maridos no abismo. Nem beleza. Haverá apenas alagai e sharak.

Jardir acenou com a cabeça.

– És tão sensata como corajosa, sobrinha. A tua honra não conhece limites.

Shanvah não exteriorizou nada, mas a sua aura iluminou-se com orgulho pelas palavras que ouvia.

– Posso guardar o meu pai a seguir?

Jardir abanou a cabeça.

– Receio que ainda precisemos dele. Temos mais perguntas para o Príncipe das Mentiras.

O ouro puro em que se tornara a aura de Shanvah voltou a ser um remoinho de cores em que se misturavam raiva, frustração e humilhação. Todos a viam, mas manteve a compostura, voltando a baixar o olhar.

– Fala – ordenou Jardir. – Vejo a dúvida no teu coração e não podemos deixar que infete.

– A vergonha do meu pai não é já suficientemente grande – perguntou Shanvah –, aprisionado num corpo sem vontade própria? Deveremos permitir que Alagai Ka o viole mais ainda? A honra do meu pai não conhece limites. Imploro-te. Se não pode ser sarado, deixa-me enviá-lo para o caminho solitário.

– Nem todos os guerreiros têm a sorte de uma morte rápida nas garras dos alagai, sobrinha – disse Jardir. – Heróis incontáveis, grandes homens como o Instrutor Qeran, que treinou o teu pai, viveram com ferimentos que acreditaram que os afastariam para sempre da alagai’sharak. Não devemos honrar menos

estes homens pelo seu serviço a Everam do que aqueles que percorrem o caminho solitário.

Shanvah moveu-se.

– Pelas tuas próprias palavras, Libertador, os que foram mutilados em batalha são afastados da alagai'sharak. Mas envias o meu pai aleijado de volta para o combate.

– Existe precedente – respondeu Jardir. – Incontáveis guerreiros mutilados ofereceram-se como Iscos no Labirinto, morrendo em glória enquanto conduziam os demónios para a sua perdição.

– Claro que as tuas palavras são verdadeiras, Libertador – insistiu Shanvah –, mas o meu pai não tem vontade própria para se oferecer como voluntário. Não acredito que pudesse desejar esta... abominação.

Renna viu frustração crescente na aura de Jardir. Não estava habituado a ser questionado pela sua gente, especialmente por alguém que mal vira dezoito verões. Mas inspirou fundo e a sua aura voltou a ficar limpa. Arlen tentou ensinar o truque a Renna, mas nunca funcionou para ela.

– Honras a tua família, Shanvah vah Shanjat – disse Jardir. – Mas conheci melhor o teu pai do que tu. Lutámos nas filas para a comida dos nie'Sharum e sangrámos juntos no Labirinto. Tamanha era a sua honra e lealdade que lhe ofereci a minha irmã, a tua honrada mãe, como sua Primeira Esposa.

Apontou com a Lança de Kaji, que nunca lhe saía da mão, e o seu peso varreu a aura de Shanvah. – Digo-te aqui, com Everam como minha testemunha, que, se dissesse a Shanjat asu Cavel am'Damaj am'Kaji que, para vencer a Sharak Ka, precisaríamos que fosse a voz do mal, não negaria a minha vontade.

Shanvah encostou a cara ao chão, chorando audivelmente.

– O Shar'Dama Ka está certo, claro. A honra do meu pai não conhecia limites e envergonho-o com as minhas dúvidas. Não voltarei a questionar-te, Libertador, e, se exigires de mim algum sacrifício, sabe que o meu espírito estará sempre disposto a servir-te na Sharak Ka.

– Nunca duvidei, sobrinha – disse Jardir.

– Alagai Ka poderá enviar o meu pai contra ti, como fez na noite passada – disse Shanvah. – Imploro a tua permissão para me manter vigilante quando o Príncipe da Lua Nova lhe tocar. Se o meu pai precisar de ser abatido, deverei ser eu a fazê-lo.

Olhou para cima, surpreendida por ver Jardir curvar-se diante dela.

– Com certeza. Nunca conheci um guerreiro, Shanvah vah Shanjat am'Damaj am'Kaji, com honra maior que a tua. O espírito do teu pai rejubila com orgulho.

Quando for finalmente liberto e percorrer o caminho solitário, os seus passos serão mais leves, sabendo que deixou uma herdeira digna do seu sangue.

As palavras limparam novamente a aura de Shanvah, substituindo o remoinho de cores por uma luz branca e pura.

As mãos e os pés de Shanjat estavam agrilhoados. Uma corrente curta entre as grilhetas permitia-lhe sentar-se, mas não erguer-se. O Par'chin guardou pessoalmente os ferros e Jardir conseguia ver o poder que neles havia.

Se o kai'Sharum sentisse algum desconforto por estar preso daquela forma, não deu disso qualquer sinal enquanto Jardir o levava nos braços, como uma criança, pelos degraus acima, até à prisão de Alagai Ka. Mas a sua respiração era tão superficial como a de um moribundo e os olhos fitavam o vazio.

O demónio ergueu o olhar quando entraram, inclinando a cabeça quando Jardir passou as guardas, com Shanvah cobrindo cada passo com a lança. Deitou Shanjat no centro da cela e recuou para fora dos círculos que mantinham o demónio prisioneiro.

Mas o nuclita não avançou para Shanjat, limitando-se a olhá-los com olhos enormes e inumanos. Jardir conseguia ver a escuridão interminável de Nie naqueles espelhos negros, com a cabeça a que pertenciam ocupada com pensamentos imperscrutáveis.

O Par'chin e a sua jiwah abriram as cortinas pesadas. A noite caíra, mas não era a escuridão da Lua Nova. O luar entrava pelas janelas e Alagai Ka silvou, afastando-se para o centro da cela.

Jardir sentiu um arrepio quando o demónio cobriu Shanjat. Shanvah apertou com mais força a sua lança, com uma aura tensa como corda de arco. Ansiava por atacar, matando o demónio e o seu pai, mas era uma das irmãs de lança de Everam, gerada pelo sangue de Sharum do próprio Jardir. Acolheu a dor e dominou-a.

Shanjat olhou para cima, com olhos novamente brilhantes e vivos. Virou-se para Shanvah, arreganhando os lábios.

– Everam me amaldiçoe por ter gerado uma filha tão patética. Teria sido melhor para todos se a tua tikka te tivesse casado antes de seres enviada para o Palácio das Dama'ting. Seria melhor se te tivesse esmagado a cabeça quando vi que eras apenas uma rapariga.

Shanvah manteve a lança firme, mas Jardir conseguia ver como as palavras lhe dilaceravam a aura.

– O teu irmão teria conseguido salvar-me – disse Shanjat. – Ou, pelo menos, honrar-me-ia com a morte.

As lágrimas de Shanvah refletiram o luar, mas manteve-se firme.

– Não ouças estas palavras venenosas, sobrinha – aconselhou Jardir. – Não é o teu pai quem as profere.

– Mas é – disse Shanjat, rindo-se. Assemelhava-se tanto ao riso trovejante do seu amigo que Jardir sentiu um aperto doloroso no peito. – É isso que torna isto tão delicioso! Este servo gabava-se aos seus irmãos do filho forte que crescia dentro da sua fêmea. Quando te viu pela primeira vez, sentiu nojo. Imaginou-se a matar-te para salvar a honra.

– Para. – A jiwah do Par'chin avançou. – Precisamos de ti vivo, mas isso não significa que não possamos arrancar-te uns bocados agora que não conseguirás fazê-los crescer.

O demónio inclinou a cabeça, estudando-a.

– Que será o teu ovo? – perguntou Shanjat. – O teu consorte permitirá que percorras o caminho que temos pela frente quando souber que o transportas no ventre?

– Que diz ele, Ren? – perguntou o Par'chin.

– Não sei, pelo Núcleo – respondeu Renna.

– Os humanos são tão ineficientes no seu acasalamento. – Shanjat estalou a língua. – Dez ciclos de vulnerabilidade por um único ovo. Mas não temas. Manter-te-emos viva até ao nascimento. A mente de uma criança é uma iguaria deliciosa. Como os ovos de pássaro que consomem.

Renna rosnou, puxando pela faca.

Jardir deu um passo para bloquear o caminho para o demónio, mas o Par'chin foi mais rápido. Dissipou-se em névoa, atravessando a cela e voltando a formar-se à frente de Renna.

– Tenta provocar-nos, Ren. Tenta enfurecer-nos o suficiente para passarmos as guardas, dando-lhe uma hipótese de fugir. Enquanto resistirem, teremos de ser firmes, diga o que disser.

Renna arfou, esforçando-se para dominar a raiva que fervia na sua aura.

– O Par'chin diz a verdade, irmã – disse Shanvah. – Tu própria me disseste que os príncipes roubam os nossos pensamentos, mas dizem apenas os que cortam.

Renna expirou, fixando um olhar de ódio no demónio.

– É provável que saibas a merda, mas não penses que não comeria também os teus miolos.

Era sincera. Jardir percebia que sim na sua aura e soube que o demónio também o perceberia. A criatura pareceu reconsiderar a possibilidade de continuar a provocá-la.

– Façam as vossas perguntas – disse Shanjat. – Este servo será a minha língua e a minha montada enquanto percorrermos os caminhos escuros para as profundezas.

O Par'chin deu um passo em frente.

– Onde fica a entrada do caminho à superfície?

– A norte e este – respondeu o demónio. – Nas montanhas, a pouca distância do local onde tu e o Herdeiro travaram o vosso primitivo duelo de submissão.

– Em terras não reclamadas por qualquer lado – disse Jardir. – Adequado para tal empreendimento.

– Não reclamadas pelos vossos – concordou Shanjat. – Mas foram reclamadas.

– Por quem? – perguntou Jardir.

– As fações da vossa superfície não significam nada para mim. Proporcionaram mentes frescas para a minha despensa na minha última visita.

Jardir fechou um punho, mas não mordeu o isco.

– O caminho está guardado?

– A magia flui com vigor para a superfície por uma conduta desse tamanho. Os servos são atraídos para a área, mas não compreendem verdadeiramente o que protegem.

– Quanto tempo levaremos a chegar à cidade dos demónios depois de encontrarmos esta gruta? – perguntou o Par'chin.

– Semanas, para um servo mimético – disse Shanjat. – Ciclos inteiros para os membros lentos e trapalhões dos humanos.

– Haverá comida pelo caminho? – perguntou o Par'chin. – Água limpa?

– Tanto poder e sem qualquer ideia de como usá-lo. As energias do Núcleo sustentam sem necessidade de alimento.

– Não precisam de comer? – perguntou Renna. – Então porque mantêm uma despensa? Porque saqueiam a superfície?

Shanjat sorriu.

– Porque fermentam os vossos frutos e grãos? Porque cantam e dançam?

O Par'chin abanou a cabeça.

– É mais do que isso. Não podemos criar alguma coisa a partir do nada. Poderão não precisar de comida com frequência, mas precisam dela. Sobretudo as rainhas.

Shanjat acenou com a cabeça.

– Os meus semelhantes podem subsistir sem alimento, mas nenhum de nós o fará voluntariamente. As rainhas em postura precisam de se alimentar, tal como as nossas crias. Sobretudo essas. Em breve, as colmeias cobrirão as vossas terras e, de cada um, nascerão milhares de pequenos servos famintos para limparem a superfície.

Renna cerrou os dentes.

– É uma forma longa de dizer que não precisaremos de mantimentos?

– Levá-los-emos, mesmo assim – disse Jardir. – Não confio nas palavras do demónio.

– Porque não? – perguntou Shanjat. – Não passaste a vida inteira como peão dos dados que as tuas fêmeas talham com os nossos ossos?

Surpreendeu Jardir a dor com que as palavras cortaram.

– Falam com a voz de Everam.

Shanjat riu-se.

– São um truque de Jogral! Um vislumbre primitivo de uma fração minúscula de possibilidade infinita.

– Esses vislumbres primitivos conduziram-nos a vitória após vitória contra os vossos – recordou Jardir.

– Talvez – admitiu Shanjat. – Ou talvez joguemos um jogo mais amplo e, até nas vossas «vitórias» menores, tenham sido meros peões.

– Peões que te surpreenderam com as calças em baixo – referiu o Par'chin. – Peões que te prenderam numa cela, suando ao sol. Peões que poderão matar-te quando quiserem. Dizes-me que tudo isso faz parte do vosso jogo?

– Em qualquer jogo, haverá riscos – disse Shanjat. – O jogo está longe de ter terminado.

– Por esta noite, sim – disse Jardir. Ergueu a Lança de Kaji e traçou uma guarda no ar, enviando poder para as tatuagens na carne rugosa do demónio. Uivou, caindo do corpo de Shanjat e debatendo-se no chão. Os outros avançaram enquanto Shanvah passava as guardas para retirar o seu pai.

– A nucleada coisa não mentia. – Arlen ajoelhou-se diante do ventre de Renna, estudando-lhe a aura. – É pouco mais que uma centelha, mas está aqui.

– Lá se vai a eficácia de tirar a tempo – disse Renna.

Arlen ergueu-se, olhando-a nos olhos.

– O Criador sabe que não fomos perfeitos a fazê-lo. – Abanou a cabeça. – Devíamos ter sido mais cuidadosos.

– Porquê? – perguntou Renna. – Sou tua mulher. Espera-se que carregue no ventre os nossos filhos. O Criador sabe que não podes fazê-lo. Dizes que não queres?

– Claro que não digo tal coisa – negou Arlen. – Não há nada no mundo que deseje mais. Mas o momento não é adequado.

– O momento nunca será adequado, enquanto os demónios se erguerem na noite – disse Renna. – Não significa que deixaremos de viver as nossas vidas.

– Sei isso – respondeu Arlen. – Mas não podes descer ao Núcleo com o nosso bebé dentro de ti.

– Não? – Renna cruzou os braços. – Pensa, Arlen Fardos. Alguma vez começaste uma conversa com «não podes» que te corresse bem? Posso e fá-lo-ei.

– Noite, Ren! – gritou Arlen. – Como esperas que me concentre no que tenho de fazer se passar o tempo todo a preocupar-me contigo?

– És tu o único com sentimentos? Fá-lo-ás como eu faço sempre que partes para fazer alguma coisa perigosa.

– Sim, mas terei de me preocupar a dobrar – disse Arlen.

– Também eu! – Após meses a comer carne de demónio, Renna era quase tão rápida como Arlen e não lhe permitiu prever o tabefe. O golpe fê-lo recuar um passo, ecoando das paredes de pedra da torre.

Arlen pressionou a mão contra a face, olhando-a, chocado.

Renna apontou-lhe um dedo.

– Não és tu que carrega esta criança, Arlen Fardos. É parte de mim. Volta a dizer que não zelo da melhor forma por ela e este tabefe parecer-te-á um beijo.

– Então como podes querer levá-la até ao coração da cidade dos demónios? – perguntou Arlen. – Viste o que um único demónio da mente consegue fazer. Que hipótese teremos dentro da maldita colmeia?

Renna encolheu os ombros.

– Que hipótese teremos se ficar aqui para dar à luz o nosso bebé com novas colmeias surgindo por Thesa inteira?

– Não sei ao certo – disse Arlen. – O demónio pode mentir, manipulando-nos para que o deixemos ir.

– Apostamos já o mundo inteiro que não o faz, se levarmos isto avante.

– Como poderá funcionar? – perguntou Arlen. – Teremos de levar uma Herbanária connosco?

Renna mostrou os dentes.

– Se ousares dizer o nome dela...

– Porque não? – perguntou Arlen. – Também está de esperanças. Podem montar um berçário no Núcleo.

– Não preciso de uma Herbanária – disse Renna. – Terei dois Libertadores comigo.

– Não tem graça, Ren.

– Tu próprio disseste que o bebé é pouco mais que uma sugestão agora – disse Renna. – Não me abrandará durante meses. Quando acontecer, teremos vencido ou deixará de importar.

– E se sentires enjoos matinais?

– Não pode ser pior do que asfixiar com carne de demónio – disse Renna. – Conseguirei. Precisas de mim.

– Eu... – começou Arlen.

– Não o negues – interrompeu Renna. – Jardir tem boa intenção, mas tem uma forma diferente de ver o mundo. Atirou-te para um fosso de demónios, uma vez. Não penses que não o fará outra vez se acreditar que é a vontade do Criador.

Arlen expirou.

– Não penses que me esqueci disso.

– Shanjat é uma carapaça vazia – disse Renna. – Pode respirar ainda, mas não regressará e não confiaria nele se regressasse.

– Deveras – disse Arlen.

– Shanvah é tão boa combatente como poderemos esperar, mas não consegue dissipar-se e não é tão forte como o resto de nós – prosseguiu Renna. – Se quiseres que isto tenha alguma hipótese de resultar, precisas de mim. O mundo precisa de mim. Teremos de pôr isso antes de qualquer outra coisa, como pedimos a Shanvah que fizesse com o seu pai.

Jardir olhou Shanvah, maravilhando-se com aquilo em que a sua sobrinha se tornara. Parecia-lhe que, meros dias antes, a tinha visto recém-nascida, chorando nos braços da sua irmã. À maneira krasiana, pouco a vira nos anos que se seguiram e deixou de a ver por inteiro quando foi levada para o Palácio das Dama’ting na infância.

Era uma mulher adulta, carregando honra pesada que teria vergado o mais forte dos Sharum. Shanjat era incapaz de sentir vergonha e, por isso, carregava-a por ambos, presa dentro de uma vontade de ferro.

– Vem sentar-te comigo, sobrinha. – Jardir desdenhava as cadeiras nortenhas, afastando a sua túnica e sentando-se de pernas cruzadas no chão. Quando o fez,

concentrou-se, ativando um dos poderes da Coroa de Kaji. Enquanto Shanvah se instalava à sua frente no chão, cobriu-os aos dois com uma bolha de silêncio, afastando as palavras dos ouvidos de Shanjat.

Shanvah ajoelhou-se à frente, curvando-se para apoiar as mãos no chão.

– Ergue os olhos – ordenou Jardir. – Sou o Shar'Dama Ka, mas sou também o teu tio. Com o teu pai... ausente, falarei contigo nas duas qualidades enquanto percorrermos o caminho para o abismo.

Shanvah sentou-se sobre os calcanhares.

– Honras-me além do meu valor, Libertador.

Jardir abanou a cabeça.

– Não, filha. É apenas uma fração da honra que mereces por serviços prestados e não é nada perante o que me vejo forçado a pedir-te.

– Compreendo, tio – disse Shanvah. – Alagai Ka não poderá guiar-nos até ao abismo de Nie sem a voz do meu pai.

Jardir acenou afirmativamente.

– Nem poderemos permitir que o demónio se movimente livremente. Deverá ser acorrentado.

Shanvah fechou os olhos, inspirando e expirando.

– Alagai Ka disse que usaria o meu pai como montada.

– Com efeito, parece-me que terá de ser como diz. Imagina os danos que Alagai Ka poderia causar se dominasse a minha mente ou a de um dos chin? Não poderemos arriscar tocá-lo de qualquer forma além do combate.

– Nem podemos permitir-lhe que controle o meu pai sem vigilância constante – disse Shanvah.

– Separá-los-emos logo que possível – disse Jardir. – Mas deveremos supor que, sempre que o Príncipe das Mentiras tocar a mente do teu pai, aprenderá tudo o que Shanjat viu e ouviu. Não poderemos continuar a falar livremente na sua presença. Nem poderemos baixar a guarda perto dele. Será impossível calcular quanta da influência de Alagai Ka permanecerá quando se separam.

Shanvah apoiou as mãos e encostou a testa ao chão entre elas. A seguir, endireitou as costas e voltou a olhá-lo.

– Compreendo o meu lugar nisto, tio. Não te desiludirei.

Na sua aura, Jardir percebeu que era verdade. Carregaria aquele fardo sobre um coração partido durante o caminho até ao Núcleo. Abriu os braços e, após um momento, Shanvah aproximou-se atabalhoadamente para receber o seu abraço até a puxar contra o peito.

– Disso, não tenho qualquer dúvida.

O Par’chin notou a presença da esfera de silêncio de Jardir quando, juntamente com a sua jiwah, se juntou ao grupo. Acenou com a cabeça, sentando-se entre Jardir e Shanvah no chão. Renna posicionou-se à sua frente, todos olhando uns para os outros.

– Se vamos fazer isto, terá de ser em breve – disse o Par’chin.

– De acordo – disse Jardir. – Mas não cedo de mais.

– Que significa isso? – perguntou o Par’chin.

– Significa que verei a minha Jiwah Ka antes de descer ao abismo – disse Jardir. – Voltarei a tomá-la nos braços e fá-la-ei lançar os dados no meu sangue.

– Não temos tempo... – começou o Par’chin.

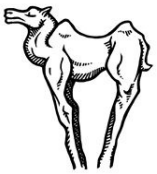
– Não é um pedido, filho de Jeph! – Jardir tornou as suas palavras um chicote. – Precisaremos de aproveitar todas as vantagens neste empreendimento e os dados poderão fazer muito para contrariar o Príncipe das Mentiras.

– E se os dados disserem convenientemente que ela deverá acompanhar-nos? – perguntou o Par’chin.

– Nesse caso, virá – disse Jardir. – Tal como a tua Jiwah Ka. Não ocultará a verdade quando Ala inteira depende disto. Tudo o que Inevera faz, fá-lo pela Sharak Ka.

Jardir conseguia ver na aura do Par’chin que o homem queria continuar a discutir, mas controlou-se.

– É justo. Ren e eu deveremos fazer também algumas paragens antes da partida. Para que as pessoas saibam o que aí virá, se não conseguirmos um milagre.



SETE

OS EUNUCOS

334 DR

Uma pontada dolorosa entre as suas pernas acordou Abban de um dos raros momentos de inconsciência que passavam por sono na sua nova realidade. Ergueu-se até ficar sentado no chão frio, sobressaltado, com o pé juntando-se à agonia enquanto semicerrava os olhos para filtrar a luz da fogueira.

Hasik começou pela piça. Abban preparou-se, sabendo o que aí vinha, mas nada poderia preparar verdadeiramente um homem para aquilo. Fê-lo com os dentes e obrigou Abban a ver.

Abban implorou a Everam que o deixasse esvair-se em sangue ou contrair uma febre que o matasse, mas guerreiros com a experiência de Hasik sabiam lidar com ferimentos. Começou por atá-lo e queimou a extremidade.

Humidade entre as coxas fez Abban pensar que o ferimento tinha voltado a abrir. As suas correntes tilintaram enquanto se esforçava para puxar os cordões das calças esfarrapadas e verificar.

Abban podia ter implorado pela morte enquanto acontecia, mas, naquele momento, com piça ou sem ela, queria muito viver. Puxou o pano. Não havia sangue novo nas ligaduras, mas estavam manchadas de amarelo e ensopadas.

Não era nada de novo. Abban passara a mijar por uma agulha oca cravada na carne queimada. Não tinha controlo, com a bexiga esvaziando-se continuamente

ao longo do dia. Passara a estar sempre molhado entre as pernas, tresandando a mijo.

Hasik riu-se do outro lado da fogueira.

– Habituar-te-ás, khaffit. Ficarás tão habituado a calças molhadas que se tornarão tão confortáveis como as secas. Ficarás tão habituado ao cheiro do teu mijo que não sentirás qualquer cheiro no ar enquanto todos à tua volta se queixarem do fedor.

– É esperançoso, pelo menos – disse Abban, voltando a atar as calças. Não tinha nada para substituir as ligaduras. Por enquanto, teria de suportar a humidade.

– Desfruta enquanto podes, khaffit. – Hasik indicou o céu que clareava. – O Sol não tarda a erguer-se. Quantos foram?

Abban cerrou os dentes, mas sabia que não podia errar na resposta. Hasik nutria-se da sua dor e angústia como os Sharum se nutriam de magia. Mas, sendo inevitável uma certa percentagem de tortura, não ganharia nada se piorasse a situação.

– Catorze – disse Abban. – Um número sagrado. Catorze dias desde que assassinaste o filho do Libertador.

Hasik riu-se. Passara a fazê-lo com frequência. Abban nunca o vira com disposição tão jovial.

– E o teu. Sem dúvida que terás achado que a lâmina envenenada na ponta da tua muleta era inteligente. Como a achaste enfiada pelo cu de Fahki acima enquanto espumava da boca e tremia?

Voltou a rir-se enquanto Abban engolia em seco, percebendo, de forma nada usual, que não tinha resposta para lhe dar.

Ouviu-se um crepitar de magia e viu-se um clarão. Um demónio da madeira solitário caminhava do outro lado do seu círculo, procurando aberturas onde não existiam. Até o Sharum mais incapaz tinha o círculo de proteção básico martelado na cabeça antes de receber as vestes negras e Hasik revelava ser mais inteligente do que sempre dera a entender.

Hasik deitava-se sobre a sela, com as mãos atrás da cabeça. Tinha a seu lado uma garrafa vazia com uma qualquer bebida chin. Os seus olhos frios seguiam o movimento do demónio.

– Porque não matá-lo de uma vez? – perguntou Abban. – Não é para isso que os Sharum vivem?

Hasik cuspiu na direção do demónio.

– Tantos anos no sharaj e não aprendeste nada sobre nós, pois não, khaffit?

– Aprendi que amam a carnificina mais do que odeiam os alagai – disse Abban. – Que preferem adversários fracos a fortes, particularmente se forem os chin macios. Mas, bêbado ou não, não te julguei cobarde, temendo um demónio solitário.

Esperou que as palavras irritassem Hasik, mas o guerreiro manteve a frieza.

– Não temo coisa alguma, mas estou farto da guerra tola de Everam.

– Mesmo agora, com a Sharak Ka perto? – insistiu Abban. Hasik perdeu-se num raro momento de introspeção. Talvez pudesse aprender alguma coisa útil. Aleijado como era, não podia fugir de Hasik. A sua única escolha era encontrar uma forma de manipular o guerreiro para que o mantivesse vivo até surgirem novas oportunidades.

– O Libertador devia comandar-nos na Sharak Ka – disse Hasik. – Mas Ahmann foi derrubado em vergonha e o seu filho era patético. Quem sobra? Mesmo que os rumores sejam verdadeiros e o Par'chin continue vivo, descerei ao abismo antes de o seguir.

Indicou com um movimento largo da mão o demónio, que assistia à sua conversa com o olhar vazio de um camelo.

– Enfrentarei demónios quando houver alguma coisa a ganhar com isso, mas não voltarei a matar em nome de Everam. Que fez o Criador por mim?

Abban abanou a cabeça.

– Se o Criador existir, não será desprovido de humor. Isso explicará que só agora tenhamos começado a compreender-nos.

– Talvez seja porque passámos os dois a não ter piça. – Hasik estalou os lábios. – Digo-te, khaffit, foi a carne mais doce que já provei. Sinto-me tentado a cortar mais um naco.

– Será por todo o porco que comi – disse Abban. – Se viraste realmente as costas ao Paraíso e procuras os prazeres de Ala, não haverá nenhum maior.

Hasik riu-se.

– Palavras ousadas, khaffit. Duvido que alguma carne consiga proporcionar maior prazer do que o que senti por cima das tuas mulheres e filhas virgens.

– Como dizes, esses dias estão no passado de ambos – disse Abban. – Passámos a ser eunucos e deveremos encontrar o prazer onde conseguirmos. Encontra-me um porco e prepararei uma refeição que jamais esquecerás.

– Passaste anos a tentar envenenar-me – disse Hasik. – Que te faz pensar que terias mais sucesso agora?

Era verdade. Quando eram os dois rapazes no sharaj, Hasik espancava Abban com regularidade. Certa vez, Abban pagou-lhe com uma gota de veneno de

víbora da areia na papa. Não o suficiente para matar, mas Hasik passou uma semana encolhido com dores nas latrinas.

Nada provava que tivesse sido Abban, mas Hasik não era nenhum tolo. Os espancamentos pioraram. Depois dessa semana fatídica, Abban tentou inúmeras vezes envenenar Hasik de forma mais permanente, mas o guerreiro corpulento tinha aprendido a lição. Ignorou as filas para a comida, limitando-se a escolher outro guerreiro ao acaso para lhe roubar a malga à hora da refeição.

Mesmo entre os dal'Sharum, onde o orgulho substituía muitas vezes o bom senso, poucos ousavam responder ao desafio. Os que o faziam, frequentemente subornados por Abban, eram alegremente quebrados diante dos outros homens.

– Sempre foste difícil de matar – admitiu Abban. – Mas não é motivo para parar de tentar.

– Não és inteiramente desprovido de coluna vertebral, khaffit, mesmo que receies golpear-me pessoalmente. – Hasik abriu os braços. – Quando estiveres pronto, avança. Permitir-te-ei um golpe sem resposta. Podes até envenenar a arma, se desejares. Mesmo assim, terei tempo para te arrancar os olhos e para te obrigar a comê-los. Terei tempo para te sugar a língua da boca e mordê-la.

Abban esvaziou os bolsos húmidos, fazendo tilintar as correntes.

– Seja como for, não tenho veneno. Mas, com Everam como minha testemunha, consigo assar um porco capaz de te deixar zonzo e de te encher a boca de água apenas com o fumo. A pele de porco endurece numa carapaça estaladiça coberta com gordura. E a carne por baixo far-te-á desejar que tivesses renunciado mais cedo ao Paraíso.

– Barba de Everam, khaffit! – gritou Hasik. – Convenceste-me! Hoje, encontraremos um porco e assá-lo-emos para comemorar a nossa primeira quinzena juntos.

Hasik levou a mão ao cinto largo e retirou um pequeno martelo.

– Mas, primeiro, temos a nossa oração matinal.

O demónio da madeira dissolveu-se em névoa e regressou ao abismo enquanto falavam. O Sol erguia-se no horizonte e Hasik levantou-se finalmente.

O martelo, que não era uma arma de Sharum, era uma simples ferramenta roubada quando fugiam dos resquícios do exército de Jayan depois da Batalha de Angiers. Um pedaço de ferro na extremidade de um pau grosso.

Mas Hasik usava-o como um bisturi de dama'ting. Girava-o distraidamente nos dedos, deixando-os soltos enquanto se ajoelhava aos pés de Abban.

– Por favor – disse Abban.

– Que me oferecerás hoje, khaffit? – perguntou Hasik.

– Um palácio – disse Abban. – Capaz de envergonhar o maior dos Damaji. Esvaziarei os meus cofres e construirei torres tão altas que conseguirás conversar diretamente com Everam.

– Converso com Ele diariamente – disse Hasik.

O pé da perna mutilada de Abban estava ainda enfiado na bota, mas a outra tinha desaparecido há muito, com o pé demasiado inchado para caber no cabedal. Hasik tinha enrolado o pé em ligaduras para o impedir de congelar, mesmo que Abban acolhesse a dormência do frio como sendo preferível à dor de cada manhã.

– Everam, fonte de luz e vida – Hasik traçou uma guarda no ar. – Agradeço-Te hoje e todos os dias por me entregares o meu inimigo. Sacrifico-o a Ti como prometo há muito, um osso de cada vez.

Abban uivou enquanto Hasik segurava o apêndice roxo e inchado, imobilizando-o enquanto procurava um osso por partir. Tinha esmagado os dedos, passando aos ossos do pé de Abban, subindo lentamente até ao tornozelo. Abban nunca sonhou que um pé humano pudesse ter tantos ossos.

– Basta de lamúrias, khaffit – disse Hasik, sorrindo. – Os Sharum partem dedos dos pés todos os dias com pouco mais que um grunhido. Espera até passar à perna. À anca. Espera até passar aos dentes.

– Será mais difícil mantermos estas conversas encantadoras – disse Abban.

Hasik riu-se enquanto o martelo descia. A dor foi insuportável e, enquanto a sua visão enegrecia, Abban acolheu a inconsciência como uma amante.

* * *

Abban recuperou lentamente a consciência, deitado sobre o grande cavalo de guerra de Hasik como se fosse um saco de farinha. Cada passo do animal provocava-lhe ondas de tontura e náusea que acompanhavam a dor sempre presente.

Cedeu a ela durante algum tempo, chorando. Sabia que os sons que produzia eram como música para Hasik, mas Abban nunca acolhera a dor com a facilidade de um Sharum.

Mesmo assim, as piores dores tornaram-se suportáveis com o tempo, especialmente no frio entorpecente. A náusea acabou por cessar e Abban recompôs-se o suficiente para sentir um floco de neve caindo-lhe sobre a face.

Abriu os olhos, vendo a neve erguida pelo vento. A norte deles, grandes nuvens enchiam o céu. A tempestade chegaria em breve.

Percorriam a Velha Estrada da Montanha, uma estrada de Mensageiros pavimentada que tinha ligado outrora as Cidades Livres de Thesa à cidade chin de Colina Castelã, perdida quase um século antes para os alagai. O príncipe Jayan usou a estrada, abandonada ao longo da maior parte da sua extensão, para movimentar os seus guerreiros para norte, para atacarem Forte Angiers.

Era como atravessar um túmulo a cavalo. Jayan tinha saqueado os povoados e quintas angieranos junto à estrada e os seus restos queimados pareciam julgar Abban, que tinha encorajado o estouvado príncipe no seu plano louco.

Hasik cuspiu.

– Há porcos por toda a parte nas terras verdes até querermos comer um.

– Vira à esquerda na próxima encruzilhada – disse Abban.

Hasik olhou para trás.

– Porquê?

As correntes tilintaram enquanto Abban apontava uma coluna distante de fumo que se erguia sobre as árvores.

– Jayan manteve os seus saqueadores a menos de três quilómetros da estrada, mas os meus mapas mostram caminhos de Mensageiros até aos povoados e quintas isoladas, fora do seu alcance.

– Boas notícias – considerou Hasik. – Talvez não precise de cortar nenhum pedaço teu para a minha ceia.

– Receio que, de qualquer forma, descobrisses que é sobretudo gordura com pouca carne – disse Abban.

Hasik riu-se enquanto virava o cavalo para o caminho de terra que entrava pela floresta. O arvoredo era denso de cada lado e, mesmo durante o dia, seguiam por sombras suficientemente profundas para fazerem Abban recear a chegada de alagai.

Encontraram várias quintas pelo caminho, oásis de terra limpa de árvores entre a floresta. Cada uma estava arruinada, queimada e abandonada, com o gado levado e os campos completamente limpos de colheitas.

Abban não se surpreendeu. Milhares de dal’Sharum, os melhores ao serviço de Jayan, tinham perecido na chacina diante dos portões de Forte Angiers. Quando a derrota foi conhecida, os chi’Sharum voltaram-se contra os seus senhores e fugiram e o que restou do exército de Jayan, uns dez mil Sharum, dispersaram com o vento. Só Everam saberia se voltariam a constituir uma força de tamanho respeitável, mas haveria, sem dúvida, desertores suficientes para atormentar as terras chin durante anos.

– As armas de chama dos chin permitiram a sua defesa dos portões – disse Hasik –, mas não têm força para guardar os seus poços menores.

– Ainda – disse Abban.

– Hoje é tudo o que importa, khaffit – disse Hasik. – Amanhã, poderei descobrir que quantidade de carne te cobre os ossos.

A quinta seguinte que encontraram não estava deserta. Abban sentiu cheiro a fumo, mas não era o fedor acre de chamas descontroladas. Era gordura fervilhando e especiarias nortenhas. Fumo de lenha numa lareira quente.

Mas não eram nortenhos. Pelo menos, não o eram exclusivamente. Dois Sharum moviam-se junto às vedações que protegiam os campos e o pátio, limpando as guardas de neve. Outros erguiam-se sobre um punhado de chin que trabalhavam no pátio. Apoiavam-se casualmente nas lanças, mas os hortelões eram suficientemente sensatos para não testar a rapidez com que conseguiriam usá-las. Ouvia-se ruído vindo da casa e dos estábulos.

– Parecem instalar-se – disse Abban.

– Não fomos feitos para estes invernos nortenhos, khaffit – disse Hasik, mesmo que Abban nunca o tivesse visto revelar o mínimo incómodo com o frio.

– Talvez fosse sensato... – começou Abban, mas Hasik ignorou-o, fazendo trotar o cavalo.

Hasik abriu o portão e entrou no pátio antes de se ouvir um grito. Nove Sharum aproximaram-se a correr, rodeando o cavalo num círculo de lanças apontadas para dentro.

Hasik cuspiu no chão.

– Ninguém de vigia. Quem comanda esta ralé?

– Diz-nos primeiro o nome do teu pai, guerreiro – disse um dos Sharum. Era maior que os outros e tinha porte autoritário, mesmo que o véu que lhe cobria o pescoço fosse tão negro como qualquer dos outros.

– Sou Hasik asu Reklan am’Kez am’Kaji.

– O cão de Jayan – disse o líder dos guerreiros. – Sem ninguém diante de quem se ajoelhar. – Os outros riram-se.

Hasik juntou-se ao riso.

– É verdade, mas passei a ter o meu próprio cão. – Indicou Abban com uma mão.

Todos os olhares se viraram para ele e Abban mirrou mais ainda sob o olhar coletivo. Sem dúvida, os homens teriam acabado de reparar nele. Os Sharum concentravam-se acima de tudo em ameaças potenciais.

– O khaffit do Libertador – disse o primeiro guerreiro. – Já não parece tão orgulhoso. É verdade que consegue transformar areia e merda de camelo em ouro?

– Sim, é verdade – disse Hasik. – E consegue vender água aos pescadores e madeira aos lenhadores.

O guerreiro inclinou a cabeça, olhando Abban nos olhos.

– Não o salvou.

Hasik mostrou os dentes.

– Não poderia fazê-lo, nesse tempo. Agora que vos demos os nossos nomes, peço novamente os vossos.

– Orman asu Hovan am'Bajin – disse o homem. – Sejam bem-vindos ao meu csar. Não é palácio de príncipe, mas há escravos e a comida é abundante.

– Os Bajin não regressam à Cisterna de Everam? – perguntou Hasik.

– Estes Bajin, não – disse Orman. – Quem comanda por lá? Qeran? Não tenho qualquer desejo de me tornar corsário e passar o resto da vida embarcado.

– Então para o mosteiro – disse Hasik. – O dama Khevat ainda governa por lá?

Orman abanou a cabeça.

– Por agora, talvez, mas não tem homens suficientes para o defender. Os homens-peixe ansiarão avidamente por reconquistar o mosteiro depois de destroçadas as forças de Jayan. É crucial atacar a Cisterna de Everam. Porquê passar uma semana a marchar por aquela estrada gelada e infestada de demónios para alcançar uma batalha infrutífera, quando há calor e conforto aqui? As terras verdes estão prontas para o saque.

– Palavras sensatas. – Hasik olhou o pátio à sua volta. – Têm porcos?

Orman acenou com a cabeça.

– Os escravos chin comem-nos. Precisas de alimentar o teu khaffit?

– Pode comer o chapéu – disse Hasik. – Pensei que também provaria um.

– Se for esse o teu desejo – disse Orman –, desde que possas pagar. Também temos mulheres. Mulheres chin não muito vistosas, mas, sob os véus, são iguais a qualquer outra, não é?

Um dos homens sussurrou ao ouvido de Orman. O guerreiro projetou a cabeça para trás e riu-se bem alto. A seguir, olhou Hasik.

– Recordam-me que o cão de Jayan foi capado. As mulheres não te servirão de muito, não te parece?

Abban estalou a língua, abanando a cabeça.

– Arrepender-te-ás disso, filho de Hovan.

O homem olhou-o.

– O que...?

Mas, a seguir, engasgava-se e curvava-se para diante, segurando o punho da faca que Hasik arremessara e que se cravou na sua virilha.

Os outros guerreiros avançaram. Cravaram as lanças no pescoço do cavalo de Hasik, mas Hasik tinha placas de vidro guardado escondidas sob as roupas. As armas deslizaram para longe. Tombava do cavalo com a lança na mão enquanto a montada se erguia nas patas traseiras. Abban foi projetado, aterrando pesadamente no chão com uma explosão de dor. Houve um borrão desfocado de movimento entre os guerreiros. A seguir, foram os guerreiros a tornar-se um borrão. No momento seguinte, tudo ficou escuro.

* * *

Abban acordou sobre um chão de tábuas duras. Uma fogueira ardia na lareira a pouca distância, levando-lhe a dormência dos membros e trazendo outra vez de volta a dor. Havia uma mulher curvada sobre ele, limpando-lhe a testa com um pano húmido.

– Estás vivo.

– Estou vivo – concordou Abban. – Mas, neste momento, preferia não estar.

– Agradeço ao Criador por isso – disse a mulher. – O novo senhor disse que quem morrer será conduzido no caminho solitário pela minha família.

A luz fez Abban semicerrar os olhos.

– Novo senhor? Hasik?

A mulher acenou afirmativamente.

– Matou três Bajin. Cortou as bolas aos outros. – Cuspiu. – Foi merecido.

– A nova autoridade poderá parecer-te um alívio agora – disse Abban. – Mas talvez venhas a considerar que os Bajin eram uma bênção por comparação.

– Não restam bênçãos para nós – disse a mulher – nesta era de falsos Libertadores. Tudo o que poderemos esperar será sobreviver.

– Haverá sempre esperança na sobrevivência – disse Abban. – Vislumbrei o caminho solitário mais do que uma vez, mas aqui estou, continuando a respirar em Ala.

– O senhor diz que és o seu cozinheiro – disse a mulher. – Os homens matarão um porco para assares. Uma celebração da sua nova tribo.

– Uma tribo de eunucos. – Abban tentou sentar-se. – Suponho que não terão algo que possa usar para envenenar a carne?

– Se tivéssemos, tê-lo-ia usado há muito. – A mulher estendeu uma mão para o ajudar a sentar-se. – Chamo-me Dawn.

– Um belo nome – disse Abban. – Sou Abban asu Chabin am'Haman am'Kaji. Precisarei da tua ajuda para preparar um banquete. Receio não conseguir erguer-me sem muletas e, mesmo com elas, equilibrando-me com dificuldade.

– Temos uma cadeira com rodas que a minha avó usou antes de morrer – disse Dawn.

– O Criador seja louvado – disse Abban. – Se me ajudares a sentar-me nela, agradecer-te-ia. Se Hasik quer um banquete, será sensato não o fazermos esperar.

Dawn acenou afirmativamente, deixando brevemente o quarto e regressando com a cadeira de rodas. Era tosca e feita à mão, mas suficientemente sólida para suportar o volume considerável de Abban.

– Quantos guerreiros tem Hasik agora? – perguntou Abban enquanto a mulher o empurrava para a cozinha. Três mulheres, uma mais velha e duas mais novas, ocupavam-se já a preparar o jantar. Algumas tinham nódoas negras e todas mantinham os olhos baixos.

– Seis ainda capazes de lutar – disse Dawn. – Mas todos caminham com cuidado agora. Outros dois com ossos partidos. Três foram deixados na neve.

Um guincho e um clarão chamaram a atenção de Abban para a janela. A noite caíra, com a neve acumulando-se contra os vidros. Sem dúvida, os Sharum limpariam a área de demónios, ansiosos pela magia reparadora que aliviaria as suas virilhas doridas.

Não voltarão a crescer, quis dizer-lhes Abban. A magia sarava ferimentos e ossos partidos, mas não fazia crescer o que tinha sido cortado.

– E a tua família? – perguntou Abban.

– Sete. – Dawn indicou as outras mulheres. – A minha mãe e filhas, o meu genro, o meu marido e o meu sogro.

– Os Bajin mataram alguém? – perguntou Abban, estendendo a mão para cheirar as especiarias na prateleira.

Dawn abanou a cabeça.

– Não falavam uma palavra de thesano, mas era claro que queriam levar escravos e não matar. – Uma das mulheres mais jovens soluçou ao ouvir aquilo e a irmã aproximou-se para a consolar.

– Sobreviver é ter esperança – disse Abban.

– Não és como os outros – disse Dawn. – Tu e o novo senhor falam a nossa língua e tratam-te...

– Sou khaffit – disse Abban. – Um cobarde. Aos olhos dos guerreiros, não valho mais que tu. Todos perderemos a vida se o banquete não for satisfatório. Olhemos para os porcos.

Abban estremeceu enquanto Dawn o empurrava para a neve noturna, atravessando o pátio iluminado até ao matadouro. Sharum moviam-se na escuridão distante, iluminados aqui e ali pelo clarão das guardas.

Os Bajin tinham matado a maior parte dos outros animais, mas desprezavam os porcos. Havia sete, gordos e saudáveis. Abban sentiu água na boca quando os viu.

Vender-se-iam por mil draki cada um ao comprador certo. Abanou a cabeça para repelir o pensamento inútil. O bazar ficava longe e Abban só voltaria a vê-lo inevera.

Vive no presente, recordou a si mesmo. *Ou não haverá futuro.*

Havia três homens chin no matadouro, todos eles com nódoas negras e movendo-se com rapidez. Dois estavam no seu auge, o outro era mais velho mas ainda vigoroso.

– Aquele. – Abban apontou o melhor porco. O animal anafado e jovem guinchou enquanto os chin o matavam. Abban deixou-os ocupados com o seu trabalho, com Dawn empurrando-o de volta para a cozinha para poderem planear uma ementa.

Hasik encontrou-os no pátio.

– É bom ver-te acordado, khaffit. Não esqueci a promessa que me fizeste. – Parecia quase jovial, como se cada homem que capasse diminuísse um pouco mais a sua vergonha.

– Mantenho sempre as minhas promessas – disse Abban. – Precisaremos de uma noite e um dia para assar devidamente o porco.

Hasik acenou com a cabeça, tocando o diamante no centro do seu turbante de kai’Sharum. Havia um fragmento de osso de demónio no interior da joia e, quando voltou a falar, a sua voz ecoou pela casa, pelo pátio e pelo celeiro.

– A tribo dos Eunucos jejua até ao anoitecer! Quem for apanhado a tocar em comida antes da minha ordem no banquete de amanhã perderá a língua além da piça.

– Recordarás como tais provocações terminaram para mim – referiu Abban.

Hasik encolheu os ombros.

– Um dia, estarei fraco e homens ou alagai matar-me-ão. Até lá, serei forte e provocarei como me apetecer. – Olhou a noite. – Os ferimentos na sua carne já sararam. Um jejum e um banquete ajudá-los-ão a aceitar as suas novas vidas.

Abban acenou com a cabeça.

– O kai é sábio. Será uma refeição que nunca esquecerão.

– Espero que sim – disse Hasik. – Ou as mulheres chin assar-te-ão a seguir.

Abban perdeu os sentidos no celeiro, aninhado junto à cadeira de rodas, deleitando-se com o calor das brasas e com o cheiro a porco assado. Em todas as semanas do seu cativeiro, nunca se aproximara mais do conforto.

O que só piorava a pontada de agonia incandescente que o acordou.

Abriu os olhos de repente, vendo Hasik ajoelhado diante dele com o seu pequeno martelo, enquanto a luz do amanhecer entrava pela porta do celeiro. Enquanto Abban dormia, tinha libertado o pé do khaffit da cadeira, colocando-o sobre um cepo e partindo outro osso para Everam.

Hasik riu-se enquanto Abban gritava.

– Nunca me canso desse som, khaffit! Quero que saibas como é acordar em angústia todos os dias.

– Tu... – Abban tossiu.

– Que foi, khaffit? – perguntou Hasik.

– ... não... – Abban tentou recuperar o fôlego, com cada palavra pesada na língua – ... nem... me... deixaste... oferecer... o meu... suborno.

Hasik sorriu.

– Era bom?

Abban acenou com a cabeça.

– Um... prazer que... até o Damaji receará... permitir-se.

Hasik ergueu-se, cruzando os braços.

– Tenho de ouvir isto.

– Uma dúzia de heasah – disse Abban. – Escolhidas por parecerem quase idênticas à Damajah, para dançarem nas tuas almofadas.

A cara de Hasik ficou vermelha e Abban percebeu o seu erro.

– E que farei com heasah sem piça?

– As heasah usam próteses, por vezes, para simularem a posse de uma lança de homem – disse Abban. – Não menti quando disse que te daria uma piça de ouro, mais lisa, maior e mais dura do que a real alguma vez foi.

– Se quisesse envergonhar-me com tal prótese, não desejaria foder a Damajah. – Hasik fixou nele um olhar maligno. – Far-te-ia uivar a ti, khaffit. Mais alto ainda que as tuas filhas e esposas.

Devolveu o martelo ao cinto.

– Agora, volta aos preparativos do meu banquete.

Everam, se tivesse uma gota de veneno de víbora-dos-túneis, pensou Abban, mas sabia que era mentira. Aleijado nas profundezas das terras verdes, com desertores Sharum saqueando e pilhando, seria uma tolice envenenar Hasik. O poderoso kai'Sharum era a sua única hipótese de sobrevivência até chegarem a terras krasianas ou à rede de Abban no Outeiro.

– Antes um osso de cada vez que uma lança nas costas ou um laço dos chin à volta do pescoço – murmurou.

E, assim, assou o porco com o máximo cuidado, tornando a pele uma cobertura estaladiça e deliciosa ligada à carne quente e húmida por uma camada de gordura derretida. Instruiu também as mulheres, ensinando-as a fazer cuscuz e a prepararem pratos adequados ao paladar krasiano. Havia um prato de ervilhas Bajin que poderia ser adequadamente duplicado com milho nortenho e Abban fê-las prepará-lo em abundância para honrar os novos homens de Hasik.

Hasik passou o dia animado. Abban assegurou que os chin também jejuavam e os cheiros torturaram todos na quinta. Ao anoitecer, até os Bajin pareciam ávidos quando foram chamados à mesa.

Os Sharum pegaram num par de mesas de banquete nortenhas e cortaram as pernas, colocando-as lado a lado. Hasik ajoelhava-se sobre almofadas na cabeceira da mesa quando os outros chegaram.

– Orman. – Apontou a almofada isolada à sua direita. O líder Bajin olhou-o com ódio, mas não estava disposto a desafiar novamente Hasik. Baixou-se com os olhos baixos. Os outros guerreiros imitaram-no, ajoelhando-se no chão, quatro de cada lado.

Quando os guerreiros ficaram instalados, Hasik apontou o outro extremo da mesa.

– Chin.

Os três homens angieranos mantiveram a distância, ficando fora de alcance até virem ajoelhar-se ao fundo da mesa, com o medo deixando-os tensos.

Os Bajin franziram coletivamente o cenho e Orman falou:

– Vamos cear com chin?

A mão de Hasik foi demasiado rápida para seguir com os olhos, segurando a barba do guerreiro e puxando com força, fazendo-a bater na mesa. O homem rugiu e debateu-se, mas Hasik manteve a barba abundante presa no punho, mantendo-o onde estava até acalmar.

– Talvez tenhas julgado que ajoelhares-te à minha direita te dá o direito de me questionar – disse Hasik. – Ainda alimentas pensamentos tão tolos?

Orman abanou lentamente a cabeça.

– Não.

– Não? – repetiu Hasik.

– Não, senhor – disse Orman.

Hasik grunhiu, soltando-lhe a barba e comportando-se como se nada tivesse acontecido.

– Sentem-se, Sharum.

Os guerreiros ajoelhados sentaram-se com perícia militar. Quantas horas tinham passado a treinar aquela transição de movimentos no sharaj? Os chin mantiveram-se ajoelhados como Abban tinha instruído, marcando a diferença. Os Bajin pareceram apaziguados por aquilo.

Não há lugar para mim, notou Abban, agradado por ser relegado para a cozinha, invisível. Fez as mulheres irem e virem, cobrindo a mesa com travessas fumegantes que sustinham a atenção dos homens famintos. Inalaram profundamente, saboreando com os narizes enquanto as bocas começavam a salivar.

Por fim, trouxeram o animal, ainda pingando no espeto. A gordura derretida formava poça na travessa por baixo da besta suculenta.

– Preparem os estômagos para uma maravilha como nunca sequer imaginaram – disse Abban, sorrindo quando percebeu os olhares que os homens fixaram no porco. Até Sharum poderosos podiam ser enfeitiçados pelo cheiro a porco. O seu próprio estômago protestou ruidosamente, desesperado por um naco.

– Senta-te à minha esquerda, atrás de mim, enquanto provo esta maravilha, khaffit – disse Hasik.

– O kai honra-me – disse Abban.

– Tolice – disse Hasik. – Apenas quero assegurar que continuas o teu jejum. És demasiado gordo, Abban. Verás que é para teu bem.

Abban sentia tanta fome que teria sacrificado outro osso para provar o porco, mas era inútil discutir. Hasik consideraria suficiente humilhar Orman, mas, se Abban o questionasse à frente dos homens, não lhe daria escolha que não fosse matá-lo.

Ou pior, pensou Abban. Inspirou fundo. Por enquanto, valia menos que um guerreiro, mas, depois de Hasik provar o porco, Abban sabia que o seu valor aumentaria.

Mesmo assim, Hasik não lhe permitiu comer. Bateu com as mãos e fechou os olhos. Os outros à mesa fizeram o mesmo.

– Abençoado Everam – começou Hasik. – Tu que honras os fortes. Agradecemos-Te pelo banquete diante de nós. Poderá ser contra a Tua lei comer a carne do porco, mas mostraste-me que as leis são para os fracos. – Hesitou. – Fui fraco, outrora. Movido por prazeres da carne mesmo que me trouxessem dor e infortúnio uma e outra vez. Permiti que a parte mais fraca de mim me governasse. – Endireitou as costas. – Agora, essa parte de mim foi cortada e estou finalmente livre. Livre para ver o mundo à minha volta sem fraqueza. Vejo pela primeira vez os grãos de areia nas dunas e sei que sou mais forte assim. – Olhou os Bajin. – Sem dúvida que todos vocês me cravariam uma lança se pudessem, mas verão agora que também são livres. Verão como nos tornámos livres. – Olhou Orman. – Há outros Sharum por perto?

Orman acenou afirmativamente.

– Uma dúzia de Khanjin tomaram uma quinta mais adiante, junto à estrada.

– Tu e os teus homens terão em breve uma oportunidade para submeter os vossos irmãos da noite à vossa vergonha. – Hasik sorriu. – Verão que nada acalma o vosso tormento como essa partilha.

Os Bajin mantiveram as expressões severas, mas Abban percebia que as palavras despertavam uma nova avidez nos seus olhos. Hasik não se enganava.

Hasik olhou para os chin, passando a falar na sua língua.

– Everam sorri-vos, chin. Na nova ordem, até vós podereis merecer honra. A escolha é vossa. Poderão ser escravos ou poderão aprender a lutar, juntando-se a nós.

Os homens mais jovens estacaram, virando-se para olhar o seu patriarca. Este hesitou, mas apenas por um momento. Curvou-se como Abban tinha ensinado, apoiando as mãos no chão e encostando a testa entre elas.

– Lutaremos.

– Nesse caso, selemo-lo com um banquete! – anunciou Hasik. Ergueu a perna que Abban lhe cortara e a pele estalou quando a mordeu, arrancando um pedaço de carne. Arregalou os olhos e seguiu-se caos enquanto os homens começavam a comer.

Foi doloroso para Abban vê-los encherem a barriga, mas manteve a máscara no sítio, fixando em Hasik um olhar suficientemente patético para o satisfazer enquanto troçava do khaffit faminto com os dedos e lábios brilhando.

Havia cerveja nortenha e fluiu livremente enquanto comiam. Em breve, os Bajin começaram a rir e até os chin pareceram descontrair. Quando as travessas ficaram vazias, sendo reabastecidas e esvaziando-se novamente, começaram a

abrandar, comendo mais por prazer do que por fome. Hasik recostou-se sobre o seu leito de almofadas, ouvindo-os cantarem canções de guerreiro.

Por fim, as mulheres levaram as malgas vazias e a carcaça e Hasik olhou os chin.

– Comeram o meu porco – disse-lhes. – Resta apenas uma coisa que vos impede de se juntarem aos Eunucos.

Os chin olharam uns para os outros, confusos, enquanto Orman ria, desembainhando uma faca.



OITO

MOSTEIRO

334 DR

– Uma dúzia de escravos gordos vestidos como eu – prometeu Abban. – Um entregue em cada dia do mês para torturares até à morte de modo novo e criativo na Lua Nova, recomeçando a seguir.

– Admito que é sugestivo – disse Hasik.

– Poupa-me e será realidade – disse Abban.

Hasik estalou a língua.

– É aí que falha, khaffit. De que serve passar um ano a fingir vingança quando a verdadeira vingança nos escapa?

– Nesse caso, comprarei a minha vida em prestações – propôs Abban. – Um escravo vestido para se parecer comigo em cada Lua Nova até considerares que o pagamento ficou completo.

Hasik esticou os lábios.

– A ideia tem mérito. Demorarei alguns meses a considerar.

A seguir, fez cair o martelo e Abban gritou.

Os Eunucos e os escravos tinham-se habituado, ignorando os gritos e gemidos de Abban. Numa ocasião em que uma febre sanguínea provocada pelos ossos partidos ameaçou matar Abban, Dawn implorou por ele.

Hasik guardou a perna de Abban, manchando-a com sangue negro fedorento dos alagai. O sangue dos demónios ativou as guardas e sarou-o. A sua força e vigor regressaram, anulando a dor, mas os ossos partidos da perna e do pé fundiram-se numa ruína destroçada. Abban duvidou que até uma curandeira tão poderosa como a Damajah pudesse voltar a fazê-lo andar.

A seguir, Hasik cortou os narizes a Dawn e às suas filhas, como aviso permanente para todos os que pudessem apiedar-se dele.

Hasik partiu quando Abban conseguiu dominar suficientemente a sua dor para rastejar até à cadeira. O acampamento estava repleto de atividade enquanto Abban usava a cadeira para se dirigir à tenda de Hasik, passando entre escravos que corriam para trás e para diante para servirem os guerreiros.

Nas cinco semanas anteriores, os Eunucos tinham aumentado imensamente o seu número. Devagar a princípio, enquanto Hasik caçava desertores Sharum, capturando um e dois de cada vez e, por vezes, em bandos de tamanho considerável. Os recrutas mais recentes eram sempre os mais ávidos para capturar e castrar novos membros, como se cortar a piça de outro homem ajudasse de alguma forma a curá-los.

Saquearam quintas e povoados enquanto o seu número crescia, carregando-se com mantimentos. Depois, de modo impossível, homens começaram a vir até eles. Sharum que tinham partido em busca de saque e tinham encontrado infortúnio suplicavam por aceitação no grupo, dispostos a sacrificarem os seus genitais em troca de estômagos cheios e da sensação de voltarem a integrar algo poderoso.

O crescimento trouxe uma mudança positiva na situação de Hasik. Passou a sará-lo com regularidade, precisando dos olhos de Abban atentos e da sua mente clara. Depois de relegado para a posição de cozinheiro, o khaffit voltava a terreno familiar, equilibrando as contas de Hasik e funcionando como contramestre das suas tropas e da sua caravana de escravos.

Hasik repousava sobre as almofadas no seu pavilhão, comendo ovos com toucinho.

– Coração negro de Nie, khaffit – disse. – Se soubesse que a carne do porco era tão deliciosa, teria virado costas à lei de Everam há muito.

– Foi um grande fardo levantado – concordou Abban. – Negar o Evejah para comer e beber como te apetecer.

Hasik arrancou outro pedaço de toucinho, com os lábios brilhantes de gordura.

– Lê-me a contagem.

Abban cerrou os dentes, fazendo avançar a cadeira até à escrivaninha.

– Tens três kai’Sharum, cento e setenta e dois dal’Sharum, oitocentos e dezassete kha’Sharum, duzentos e seis chi’Sharum e quatrocentos e trinta e seis escravos. Temos setecentos e quarenta e dois cavalos...

Hasik uniu as mãos atrás da cabeça e fechou os olhos como se ouvisse música. As contas eram um fardo para um bom líder, como tinham sido para Ahmann, mas um homem como Hasik ouvia aquilo como uma lista da sua fortuna pessoal e Abban não podia negar que, num curto período, essa fortuna se tinha tornado considerável. Tão considerável que todos os Eunucos podiam provar o fausto. Não havia fome na caravana. Todos vestiam roupas adequadas a abrigar do frio do inverno. Os Sharum estavam bem equipados e eram obedientes. Até os chi’Sharum recrutados tinham armas para aplicarem o seu treino continuado.

As abas da tenda abriram e Orman entrou, com o véu branco de um kai’Sharum à volta do pescoço. Orman tinha permanecido como braço direito de Hasik no comando e, tanto quanto Abban conseguia perceber, era bastante leal e competente. Os Bajin eram uma tribo pequena e Orman nunca teria subido tão alto como subira nos Eunucos.

Orman baixou a cabeça.

– Eunuco Ka, chegou um Mensageiro. Diz conhecer-te.

– Um Mensageiro? – repetiu Hasik. – De quem?

– Do Dama Khevat! – trovejou um kai’Sharum, passando pelo homem que guardava a entrada na tenda.

Abban reconheceu imediatamente o homem pelas cicatrizes na sua cara, uma recordação esbatida de uma noite, um quarto de século antes, quando tinha sido golpeado pelas garras de um demónio da areia na aldeia de Baha kad’Everam. A magia mantivera-o jovem, mas era um ancião honrado da geração dos seus pais.

Jesan, o ajin’pal de Hasik.

Entre os Sharum, o laço entre ajin’pal era tão forte como um laço familiar. Para os que tinham idades aproximadas, era um laço de irmãos, mas, de modo mais frequente, era uma relação de pai e filho. Por vezes, chamavam-lhes Pais Noturnos. Eram uma relação tão complicada como a que existia entre pais e filhos de sangue. Eram mentores e figuras de autoridade.

Tinham sido próximos quando Hasik era cunhado do Libertador, um membro respeitado da família real. Não tinham falado desde a queda de Hasik em desgraça.

– Jesan. – Hasik levantou-se. Não levaram as mãos às armas enquanto se aproximavam, mas não precisaram de o fazer. Ambos tinham sido Lanças do Libertador e eram mais que capazes de se matarem com as mãos nuas.

Em vez disso, pousaram as mãos no ombro um do outro e riram-se, abraçando-se.

– Khaffit! Brande para o meu ajin’pal! – pediu Hasik, levando Jesan até às almofadas. Hasik ocupou o centro, onde a pilha era mais volumosa, indicando a Jesan que se sentasse à sua direita enquanto Orman se sentaria à esquerda.

Dawn entrou, enchendo uma travessa em silêncio e colocando-a sobre os braços da cadeira de Abban. Era uma pequena bênção que mantivesse os olhos em baixo para Abban não ter de a olhar, sem conseguir deixar de ver o buraco medonho antes ocupado pelo seu nariz. Desapareceu tão depressa como tinha aparecido e Abban levou a cadeira até às almofadas com o tabuleiro.

Hasik ergueu um copo, passando-o a Jesan.

– Não há couzi neste Norte tão distante de casa, mas descobri que as destilações dos chin são melhores ainda.

– Só água, obrigado. – A voz de Jesan parecia tensa.

– Um pouco de toucinho, talvez? – Hasik indicou o tabuleiro com a mão. – Everam não teria criado alimento tão delicioso se não pretendesse que o comêssemos.

Jesan ficou hirto.

– Talvez tenha sido precisamente por esse motivo que nos foi ordenado que não o comêssemos.

– Sim? – A interrogação de Hasik parecia banal, mas havia desafio no seu tom de voz.

Jesan olhou Hasik nos olhos, inspirando profundamente. O ritmo familiar denunciava que o Sharum tentava manter-se calmo.

– Para nos recordar que todos têm um senhor.

– Acreditas que preciso que me recordem quem é o meu senhor? – perguntou Hasik em voz baixa.

– Não sou o Criador, Hasik – disse Jesan. – Nada acontece que Everam não determine. Não me importa que bebas couzi. Não me importa que comas porco. Derramei sangue contigo na noite e isso é tudo o que importa. Não vim como ancião para censurar, mas como teu ajin’pal. Há assuntos urgentes a discutir.

– Claro. – Hasik recostou-se nas almofadas, bebendo o brande que tinha oferecido a Jesan. – Continua, por favor.

– O Dama Khevat congratula-te pelos teus esforços bem-sucedidos para recapturar desertores da Batalha de Angiers – disse Jesan.

É uma forma de pôr a questão, pensou Abban.

Hasik acenou com a cabeça.

– Os homens perderam o ânimo quando o Sharum Ka e os seus melhores guerreiros morreram na investida contra os portões de Angiers. – A mentira saiu-lhe com facilidade entre os lábios. Abban, a única testemunha viva da verdade, de que Hasik matara Jayan, foi suficientemente sensato para manter o silêncio.

– A tua honra foi-te tirada de forma injusta, irmão. – Os olhos de Jesan fixaram-se em Abban com repulsa. – Mas podes restaurá-la. O Mosteiro da Aurora é alvo de novo ataque dos chin. Não conseguiremos defendê-lo sem ajuda.

– Como é isso possível? – perguntou Hasik. – Khevat tinha mil guerreiros, além dos restos das forças do Sharum Ka.

– Dois mil e quinhentos homens conseguiram regressar da Batalha de Angiers – disse Jesan. – Mas aconteceu nos meses mais frios. Com a margem do lago completamente gelada, não temos mantimentos suficientes. O Dama Khevat enviou-os para a Cisterna de Everam.

– Mas aconteceu um degelo inesperado. Sabotadores chin abriram o portão principal, deixando entrar uma incursão secreta dos homens-peixe, que atravessaram as águas geladas durante a noite com uma força considerável.

– Barba de Everam – sussurrou Abban. O mosteiro tinha sido construído num grande penhasco, com um único caminho estreito por terra até aos portões principais e com degraus perigosos subindo das docas. As muralhas eram quase impregnáveis, mas, se os portões fossem abertos...

– Quando descobrimos a traição, estávamos já em desvantagem numérica – disse Jesan. – Mas Icha, o filho do Libertador, reuniu os homens e conseguimos fazer recuar o inimigo, reclamando os portões e as docas.

– Claro. – Hasik bebeu o brande. – São apenas chin.

– Mas os ataques não cessaram – continuou Jesan. – Os homens-peixe roubaram os nossos navios, navegando para fora de alcance dos fundibulários e das lanças. Khevat matou todos os escravos chin, mas, mesmo assim, os homens-peixe encontraram aliados dentro das nossas muralhas. Chi’Sharum da Fortuna de Everam entraram às centenas por um túnel escondido, ateando fogos e abrindo novamente os portões.

– Os hortelões são tenazes – considerou Hasik.

– Khevat mandou matar todos os chin – disse Jean. – Tanto Sharum como escravos. As muralhas resistirão, mas restam-nos menos de trezentos Sharum. Metade deles está demasiado ferida para lutar.

– Não podem acelerar a sua recuperação matando alagai? – perguntou Orman.

Jesan abanou a cabeça.

– Os Homens Santos chin traçaram demasiado bem as suas guardas. Os alagai evitam a área.

Jesan estendeu um pergaminho enrolado com os selos de lacre do Dama Khevat e do terceiro filho de Ahmann Jardir, Icha. Eram os krasianos de maior estatuto a norte da Fortuna de Everam. Hasik pegou no pergaminho e passou-o a Abbam, pois não sabia ler, obviamente.

Abban desenrolou o documento.

– Saudações, Hasik asu Reklan am'Kez am'Kaji, no ano de Everam de 3785, do Dama Khevat asu...

Hasik agitou uma mão.

– Sei quem são Khevat e esse fedelho. Passa ao que interessa.

Jesan eriçou-se enquanto Abban lia a página rapidamente, filtrando as formalidades infindáveis.

– Tu e os teus homens têm ordem para abandonarem o vosso caminho ímpio e regressarem à Sharak Sun. Os vossos pecados serão perdoados e o teu estatuto restaurado.

– Ordem? – repetiu Hasik.

– É o que diz – disse Abban.

Hasik olhou Jesan, que engoliu em seco, respirando de modo regular.

– Quem nos ordena que o façamos, Jesan? Como dizes, esqueci quem é o meu senhor.

– O Libertador... – começou Jesan.

– Escolheu confiar a sua lealdade a um khaffit e não a mim – disse Hasik. – Pouco depois, foi derrubado pelo Par'chin. O seu herdeiro foi um idiota que me tratou como um cão. Os chin também o derrubaram.

– O príncipe Asome é o Shar'Dama Ka – disse Jesan. – Chacinou os Damaji e matou Ashan para se apossar do Trono dos Crânios.

– Que vão para o abismo e levem Asome consigo. Todos eles me viraram as costas. – Hasik curvou-se para ele. – E tu também, ajin'pal.

Jesan não vacilou.

– Então a tua resposta é negativa?

Hasik descontraiu, recostando-se com um sorriso.

– Nunca disse isso. Canso-me de dormir em tendas. Parece-me que uma fortaleza muralhada seria muito mais adequada aos Eunucos.

Virou-se para Orman.

– Envia batedores ao mosteiro. Confirmem o que puderem desta história.

Orman bateu com um punho no peito, levantando-se sem hesitar.

– Imediatamente, Eunuco Ka.

– O teu exército de desertores não te seguirá se cuspires no Trono dos Crânios – disse Jesan.

– Os meus homens são leais, como tu serás em breve. – O sorriso de Hasik ampliou-se quando retirou do cinto a faca de lâmina curva e afiada. – Aceita esta honra, Pai Noturno. Como me acolheste nas fileiras dos Sharum, acolho-te a ti nas fileiras dos Eunucos. Terás um lugar de honra. Preciso de mais kai.

A calma de Jesan estilhaçou-se finalmente. Gritou e resistiu, mas, no final, não fez qualquer diferença enquanto os homens o imobilizavam e lhe puxavam as calças.

Os batedores de Orman demorariam dias a regressar, mas Hasik ordenou que o acampamento fosse imediatamente levantado. Tudo à exceção das tendas estava empacotado ao amanhecer, com os escravos puxando os espigões no momento em que Hasik erguia o martelo.

O alvo era o dedo mais pequeno do pé de Abban. Todas as noites, Hasik sarava-o com sangue de demónio e voltava a parti-lo pela manhã. O apêndice ficara reduzido a uma coisa torcida e disforme, tornando-se mais grotesco com cada dia.

E, por mais que Abban tentasse, era impossível habituar-se à dor.

– Criaturas do fundo! – gritou.

Hasik hesitou.

– O quê?

– O lago chin é tão largo e profundo que está cheio de peixes blindados – disse Abban. – Que vivem no fundo.

– Que importam eles? – perguntou Hasik.

– Carnes proibidas pelo Evejah – provocou Abban. – Mas provei-os, Eunuco Ka. Temperados com especiarias e mergulhados em manteiga e limão. Desfazem-se como carne, mas derretem na boca. Nem o toucinho pode comparar-se.

Hasik cruzou os braços.

– Palavras ousadas, khaffit. E uma mentira difícil de testar.

– E se não for uma mentira? – perguntou Abban.

– Nesse caso, partirei um osso a Dawn em vez dos teus, para pagar o que parti hoje.

Era um pensamento horrível, mas, após um momento, Abban decidiu que era uma evolução com a qual poderia viver.

– Prepararei pessoalmente o banquete quando conquistares o mosteiro. Verás.

– Talvez. – Hasik ergueu o martelo e baixou-o rapidamente, com demasiada rapidez para permitir que Abban se preparasse.

Gritou.

Pouco depois, a caravana iniciou a marcha, avançando a passo de caracol pela Velha Estrada da Montanha em direção ao Mosteiro da Aurora. Demorariam uma semana ou mais a chegar, mas, cavalgando a grande velocidade, os quinhentos homens da cavalaria de Hasik conseguiam cobrir a distância em menos de um dia.

– Cavalgas connosco. – Hasik estendia as rédeas de um vigoroso cavalo de guerra krasiano.

Abban olhou para o animal com incerteza.

– Não sou dado a cavalos, Hasik. Se tiveres um camelo...

– Partilhei no passado o teu desagrado pelos cavalos – disse Hasik. – Eram inúteis no Labirinto e foi só quando invadimos as terras verdes que conheci a dor de um dia passado na sela. – Sorriu. – Verás que é mais fácil montar sem bolas.

– Sem dúvida – disse Abban. – Mas só vos abrandaria, certamente. Não faria mais sentido que permanecesse na caravana, juntando-me a ti depois de conquistadas as muralhas?

– As tuas pernas aleijadas não te atrasarão sobre um cavalo de guerra – disse Hasik. – Não sou tolo para te perder de vista, khaffit. Se cair na batalha, percorrerás o caminho solitário a meu lado.

– Que Everam me conceda tal fortuna. – Abban subiu dolorosamente para o dorso do animal, prendendo-se à sela. Como Hasik prometera, montar revelou ser mais fácil para as suas virilhas do que recordava. – Pequenas bênçãos – sussurrou enquanto seguiam para sul, com os cavalos de cascos ligeiros deixando a caravana para trás. Ao fim do dia, cruzaram-se com um dos batedores de Orman que percorria a estrada em sentido inverso.

– É tudo como o kai te contou e mais – disse o Bajin, indicando Jesan com a cabeça. Hasik mantinha o seu antigo ajin’pal por perto, tal como fazia a Abban. Como se desafiasse o homem a tentar vingar-se. – O mosteiro sofre ataque renovado, agora mesmo – continuou o Bajin. – Os chin sitiam o portão principal enquanto os seus navios enchem o porto. Se não capturarem a cidade hoje, cairá certamente amanhã.

– Coração negro de Nie – rosnou Hasik. – Faz sinal aos homens. Cavalgamos a toda a velocidade.

Abban sentiu-se grato pela sua falta de bolas quando Hasik ordenou que parassem. Os cavalos estavam ensopados em suor, mas possibilitavam uma vista privilegiada, permitindo ver o mosteiro à distância.

Com o Sol pondo-se, a batalha chegou ao fim e os chin regressaram para as suas tendas e círculos guardados.

Podiam dar-se ao luxo de esperar. Milhares de homens enchiam a estrada estreita que subia o grande penhasco, a única forma de uma força terrestre chegar ao portão. No sopé da colina, tinham montado um acampamento, preparando-se para ficar o tempo necessário.

– Sabem que os defensores são fracos – disse Orman.

– E que não chegará ajuda da Cisterna de Everam – concordou Hasik. – As defesas da retaguarda são patéticas.

Jesan acenou afirmativamente.

– Conseguiremos tomá-los ao amanhecer.

– Ao amanhecer? – perguntou Hasik.

– O Sol põe-se – disse Jesan. – Não podemos atacar homens durante a noite.

– Não tenho senhor – disse Hasik. – Ninguém que me diga o que não posso fazer. Não será menos do que o que os homens-peixe nos fizeram na Lua Nova.

– Não precisamos de sucumbir aos costumes infiéis dos chin – disse Jesan.

– Já não existem costumes infiéis. Somos livres. – Hasik virou-se para Orman. – Dá uma hora aos homens para descansarem as montadas. Depois, avançamos.

Na escuridão da noite, com todos os chin nas suas tendas ou encolhidos à volta de fogueiras para se aquecerem, desarmados e sem armaduras, quinhentos dos melhores homens de Hasik atacaram.

O acampamento inimigo foi destruído na chacina que se seguiu, mas Hasik foi mais sensato do que o príncipe Jayan tinha sido, mantendo o fogo e a carnificina longe das provisões do inimigo.

Abriram caminho entre os homens-peixe, sem abrandar enquanto rompiam as fileiras e subiam a colina. Os chin tinham construído fortificações progressivas, mas todas se destinavam a proteger de ataques vindos das muralhas do mosteiro e nenhuma procurava prevenir ataques pela retaguarda. Em pouco tempo, os Eunucos passaram a controlar por inteiro a estrada, guardando a retaguarda de Hasik enquanto este, Jesan, Orman e Abban cavalgavam até ao portão.

Hasik inspirou fundo, mas foi desnecessário. Com grande alarido de correntes e contrapesos, o rastrilho foi erguido para permitir a entrada das forças de Hasik.

O Dama Khevat e o kai Icha esperavam no pátio. Ambos estavam ensanguentados, com as vestes brancas do dama manchadas de vermelho. Se o velho clérigo tinha sido envolvido no combate, a situação tornara-se realmente severa.

Khevat curvou-se na vénia superficial e superior de um dama para um Sharum.

– Everam enviou-te na nossa hora de maior apuro, filho de Reklan...

Hasik ignorou-o, virando-se para Orman e apontando.

– Põe uma centena de homens repousados nas muralhas. E encarrega outros cinquenta de defenderem o pátio.

– Também preciso de homens nas caves – disse Icha. – Há chin escondidos nas cavernas por baixo, forçando a porta...

– Outros cinquenta para as caves – disse Hasik a Orman, sem o olhar. – Prepara os restantes para partirem novamente, agora que controlamos o portão.

Icha ergueu um punho.

– Vamos esmagá-los ao amanhecer.

Hasik dignou-se a olhá-lo.

– Não, rapaz. Vamos esmagá-los agora, enquanto estão separados e ensanguentados. Agora, antes que possam fugir com os seus mantimentos ou antes que abram trincheiras para perturbar as nossas forças recuadas.

– É noite... – começou Khevat.

Abban revirou os olhos.

– Dama, por favor. Já perdeste esta discussão uma vez.

Os olhos de Khevat fixaram-se em Abban, palpitando de raiva.

– Porque continua vivo este pedaço de carniça? Esperava que o tivesses matado há muito.

– Sempre tiveste expectativas baixas – disse Hasik.

– Cortou-te a piça – rosnou Khevat.

– E eu comi a dele – concordou Hasik. – A seguir, cortei as piças de todos os meus homens, para que nenhum deles possa julgar-se meu superior.

Khevat empalideceu.

– É abominável...

Hasik sorriu, puxando pela faca curva.

– Reza a Everam para te habituares, dama.



NOVE

OS MAJAH

334 DR

– O sangue, Damajah.

Inevera aceitou o frasco aberto que Ashia lhe estendia, deixando cair algumas gotas preciosas sobre os dados na palma da sua mão. Fechou os dedos, rolando as pedras lisas e polidas com gestos experientes para as cobrir por inteiro.

Mantido selado e frio, longe da luz do Sol, o fluido espesso continha ainda um toque de magia, uma fragrância da alma do seu proprietário. Era suficiente para focar os dados e talvez para arrancar alguns segredos a Everam, ajudando-a a ordenar o caos revolto de futuros à sua frente.

Era um ritual que Inevera levava a cabo diariamente, na escuridão total antes do amanhecer. Alguns futuros não podiam ser conhecidos, com demasiadas convergências e divergências para captar uma noção de probabilidade. Outros terminavam de forma abruta, significando isso a sua morte.

– Posso fazer uma pergunta, Damajah? – perguntou Ashia.

Inevera voltou um olhar irritado para a rapariga. Ashia tinha mudado nas semanas desde o golpe do príncipe Asome, a Noite dos Hora. Depois de o seu próprio irmão tentar estrangulá-la enquanto o marido assistia era suficiente para alterar a perspetiva que qualquer mulher teria do mundo.

Mesmo enquanto guardava a câmara de almofadas da sua senhora, a Sharum’ting Ka trazia o seu filho pequeno, Kaji, sobre o ventre. Não se separava por nenhum motivo, incluindo o seu dever sagrado.

Não era grande obstáculo ao seu desempenho, como Inevera aprendeu. O rasto de cadáveres que Ashia deixara durante o golpe era prova disso mesmo. Tal como a sua mãe, Kaji conseguia manter-se num silêncio perturbador quando desejava. Inevera olhara a sua aura e vira como o abrandar do coração da mãe afetava o seu. Seria um grande Vigia, um dia.

Mas, em momentos escolhidos, Kaji conseguia fazer a sua voz ecoar pelos aposentos da Damajah. O seu riso fazia pés carregados pelo dever pisarem com maior leveza e os seus gritos conseguiam abalar até Inevera e afastá-la do seu centro.

Mas, tendo herdado alguns traços da sua mãe, também a mãe tomava alguns dos seus. Ashia nunca antes teria ousado interromper o lançamento de Inevera.

– Pergunta – disse Inevera. Ashia tinha arriscado tudo, trazendo Kaji e a sua avó, Kajivah, até ela na Noite dos Hora. Os eunucos de Inevera e as suas irmãs de lança seriam talvez as únicas pessoas em Krasia em quem confiava por inteiro e Ashia sabia-o. Com o destino do seu filho ligado ao seu, não surpreendia que tivesse começado a interessar-se ativamente por ele.

– Porque desperdiças tempo a procurar o khaffit quando os inimigos se amontoam neste mesmo palácio? – perguntou.

Porque o meu marido está morto, pensou Inevera, sem o dizer. Nie tinha empilhado muitas pedras sobre ela, mas todas provinham dos alicerces destruídos pela queda de Ahmann. O desafio imprevisto do Par’chin tinha criado uma divergência capaz de arruinar décadas de planeamento cuidadoso. Inevera tinha unido demasiado o seu destino ao de Ahmann, certa de que era ele o Libertador. Certa de que, no final, Ahmann seria incapaz de falhar. Juntos, o seu poder fora absoluto.

Ahmann morrera, juntamente com tantos outros. Naquele momento, existiam lanças por toda a parte, apontadas ao seu coração, ao coração de tudo o que construíra com Ahmann.

Nem as suas Jiwah Sen continuavam a merecer a sua confiança. Todas menos Belina tinham filhos controlando diretamente as suas tribos respetivas. Tinham a sua própria riqueza, o seu próprio poder. Tinham-se tornado caprichosas e os instrumentos de Inevera para as controlar eram poucos.

Os vossos destinos estão interligados, disseram os dados acerca de Inevera e Abban. Precisavam de unir as suas forças para vergar ao vento da morte de

Ahmann.

– Porque Everam é indiferente aos pesos que suportamos – disse Inevera. – Uma única coisa importa a Everam e nada mais.

Ashia acenou afirmativamente.

– A Sharak Ka.

– Algo que o teu marido esqueceu – disse Inevera. – Os seus esforços na noite destinaram-se a conseguir ganho político. Tem o trono, mas não tem estratégia na Primeira Guerra. Alguém precisará de manter o foco no principal objetivo. O khaffit é uma vantagem e todas as vantagens precisarão de ser aproveitadas. Se Abban não regressar em breve, receio que descobrirá que o seu sobrinho lhe tirou tudo, entregando tudo a Asome.

E, com aquilo, fechou os olhos e sussurrou a sua oração a Everam, sentindo os alagai hora quentes nos dedos enquanto o poder dos dados era invocado e sintonizado com a aura de Abban.

Lançou, vendo as guardas de profecia iluminarem-se, torcendo os dados num vislumbre do que não podia ser conhecido.

O homem que não é um homem tem-no.

Inevera suspirou, mantendo o seu centro. Se Hasik tinha Abban, o khaffit estaria condenado, mas o que dava maior prazer a Hasik era o sofrimento alheio. Não quereria matar Abban imediatamente. Provocar-lhe-ia dor, uma e outra vez, até Abban se esvair em sangue de mil cortes.

Talvez houvesse tempo.

– Hasik – disse Inevera. Ashia não precisava de mais instruções, dirigindo-se rapidamente à divisão fria onde Inevera armazenava o sangue de quase todos os homens, mulheres e crianças de relevo em Krasia.

Normalmente, Inevera limpava os dados entre lançamentos, mas, porque os destinos de Abban e Hasik passavam a estar ligados, deixou a essência para ajudar o feitiço. Ashia regressou com o sangue de Hasik e Inevera recuperou o controlo da respiração, descontraindo enquanto voltava a cobrir os dados pegajosos.

– Everam, dador de luz e vida – orou. – Os teus filhos precisam de respostas. Imploro-Te pelo conhecimento de Hasik asu Reklan am'Kez am'Kaji, antigo cunhado do Shar'Dama Ka. Onde poderemos encontrá-lo?

Alastra como veneno no Norte.

O poder de Nie cresce dentro dele.

Afastou-se da Sharak Ka.

– Shar’Dama Ka! – Os guardas bateram com as lanças no chão enquanto Asome entrava na sala do trono.

Inevera deitava-se no seu leito de almofadas no topo do estrado, ao lado do Trono dos Crânios revestido com electrum. A sua postura era ensaiada, parecendo descontraída, desinteressada e submissa quando a realidade era exatamente o oposto.

Inevera não podia negar que o seu segundo filho se adequava ao papel. Tal como o seu pai, passara a vestir as vestes negras de um guerreiro sob a túnica branca exterior. Empunhava falsificações exímias da Lança e da Coroa de Kaji. À distância, eram indistinguíveis dos originais, perdida quando o Par’chin levou Ahmann para a escuridão.

O Evejah proibia os clérigos masculinos de empunharem lâminas e há séculos que apenas o Libertador envergara uma coroa. Eram uma mensagem para todos, afirmando que Asome superara tudo.

Atrás dele, o terceiro filho de Inevera, Hoskhamin, o Sharum Ka, seguido pelos seus dez irmãos Damaji, cada um com quinze anos e comandando uma tribo inteira. Todos eles olhando o seu irmão mais velho com veneração.

Quando se aproximou, Inevera viu que a lança e a coroa não tinham uma fração das guardas dos originais, mas tinha-as visto com a luz de Everam e brilhavam com poder que não devia ser subestimado. Feitas de electrum e de pedras preciosas inestimáveis, com núcleos de alagai hora, cobriam-se com as inscrições fluidas e familiares de Melan e Asavi. Uma traição construída ao longo de meses.

Os Damaji traziam uma única joia guardada nos seus turbantes negros. As pedras preciosas eram eficazes como condutoras e focos de magia e cada uma tinha sido guardada pela mãe Damaji’ting de cada um para conferir ao filho poderes limitados.

Mas a coroa de Asome, como a de Ahmann, tinha nove chifres, cada um decorado com uma pedra diferente. Nem Inevera conseguiria calcular a extensão total da magia de Asome quando usava a coroa e nunca o tinha visto fora da sua ala do palácio.

Era provável que continuasse a conseguir superá-lo num duelo de magia, mas não facilmente ou sem risco e Asome sabia-o. Tinha o cuidado de não testar a sua magia contra a sua mãe.

Ahmann, seguro quanto aos seus poderes e posição, tinha mantido a sua sala do trono protegida da luz do Sol para que pudesse usar livremente a magia com Inevera. Asome tinha arrancado o pano grosso que bloqueava as grandes janelas

da sala do trono do Libertador, banhando-a com luz de leste e oeste, proclamando que a corte poderia reunir apenas sob a luz de Everam.

Inevera queria acreditar que o fizera por a temer, mas, no seu coração, sabia que as suas ações eram guiadas pela sabedoria e não pelo medo.

Tens demasiado de mim dentro de ti, meu filho, pensou Inevera, tristemente.

– Mãe. – Asome chegou ao topo dos degraus e curvou-se numa vénia superficial.

– Meu filho. – Inevera estendeu-lhe a mão.

Asome não podia recusar delicadamente, mas foi tão cuidadoso como um encantador de serpentes quando lhe recebeu a mão e se curvou para beijar o ar sobre ela, não lhe permitindo qualquer aperto ou equilíbrio vantajosos.

– Se quisesse atirar-te deste estrado, tê-lo-ia feito há semanas. – A voz de Inevera foi demasiado baixa para que os outros cortesãos ouvissem.

Asome beijou-a na face e afastou prontamente a cara.

– A não ser que os dados te tivessem dito que esperasses. – Virou-se e dirigiu-se ao seu trono. – Sempre foram mais importantes para ti do que o sangue.

Em baixo, olhares semelhantes atravessavam o estrado enquanto os novos Damaji e as suas Damaji'ting fixavam olhares. Durante séculos, tinham sido grupos de doze elementos, mas, desde a Noite dos Hora, restavam apenas dez de cada.

O dama Jamere avançou do pódio da escrita ocupado por Abban durante tanto tempo. Desde o desaparecimento do seu tio, o jovem dama tinha ficado com o comando total das posses numerosas de Abban, herdando o lugar do seu tio na corte do Libertador.

Jamere ajoelhou-se diante dos degraus, colocando as mãos no chão e pressionando a cabeça entre elas.

– Honras a corte com a tua presença, Libertador.

Tal como Abban, Jamere era completamente corrupto. Mas, enquanto o seu tio fora corrupto de formas que Ahmann e Inevera podiam usar, as lealdades de Jamere eram imperscrutáveis, mesmo quando olhava a sua aura iluminada pela luz de Everam.

E Asome conhecia Jamere do Sharik Hora. Tinham a mesma idade e Inevera não precisara de olhar a sua aura para saber que tinham sido amantes. Asome e Asukaji eram infames na sua turma de nie'dama e havia poucos rapazes que não quisessem deitar-se com eles com a esperança de conseguirem algum benefício das famílias poderosas a que pertenciam. Depois da morte de Asukaji, quanto tempo levara Asome a retomar os seus hábitos?

Fixou os olhos no filho, vendo o homem mais rico de Krasia prostrar-se. Havia um ligeiro sorriso nos lábios de Asome. Talvez já tivesse acontecido.

Preciso encontrar Abban. Rapidamente.

– Ergue-te, meu amigo – disse Asome, gesticulando-lhe com a lança. – A tua presença é infinitamente superior à do khaffit da corte.

– Poucos conseguirão evitar o perigo como o meu querido tio – disse Jamere. – Inevera, voltará intacto para nós.

Asome acenou com a cabeça.

– Ou, se tiver perecido durante o malfadado ataque do meu irmão contra a fortaleza da floresta e te tiveres tornado um membro permanente da minha corte, também isso será inevera. Podes ocupar o sexto degrau.

Jamere ergueu-se prontamente, sorrindo enquanto subia os degraus. Parou no sexto, um degrau abaixo do topo do estrado. A sua cabeça ficava bem abaixo da de Asome, ficando suficientemente próximos para lhe segredar palavras em voz tão baixa que Inevera precisava de esforço para as perceber sem magia.

– Qual é o primeiro assunto em discussão? – perguntou Asome.

Jamere consultou papéis na sua escrivaninha, mas era um movimento teatral. Tal como o seu tio, tinha decorado cada palavra.

– Os Kaji, Shar'Dama Ka.

Os Kaji, a maior e mais poderosa tribo de Krasia, tinha perdido os seus dois líderes no golpe. Asome e Inevera, ambos Kaji, tinham assumido o controlo da tribo de forma interina, mas isso enfraquecia as suas capacidades para serem imparciais, sobretudo quando os Majah se revoltavam.

Asome virou-se para Inevera, mas as suas palavras foram suficientemente sonoras para serem ouvidas pela corte inteira.

– Mãe, quando regressará a minha irmã das terras verdes para usar o turbante negro das Damaji'ting?

– A convocatória foi enviada – disse Inevera. – A tua irmã não ignorará as suas responsabilidades.

– Então onde está ela?! – exigiu saber Asome. – Já deveríamos ter recebido uma resposta.

– Paciência, meu filho – aconselhou Inevera. – E não produziste um novo Damaji para os Kaji.

– O meu filho será Damaji – disse Asome.

– O teu filho é uma criança – recordou Inevera. – Sê paciente.

Asome sorriu.

– Assim é. Por isso, decidi nomear um Damaji interino para envergar o turbante e falar pelo conselho até o meu filho merecer a sua túnica.

Jamere fez um sinal e os guardas abriram as portas para deixar entrar um pequeno grupo de homens. À frente, vinha o dama Baden. Um homem com mais de setenta anos, a barriga do dama arredondava a frente da sua túnica como se trouxesse uma criança no ventre. Apoiava-se num cajado enquanto andava, mas os seus olhos permaneciam claros e a expressão na sua face era de triunfo enquanto avançava até ficar diante dos degraus.

Atrás dele, caminhavam dois homens. O Shar'Dama Raji, neto e herdeiro de Baden, também da geração de Asome, e o seu guarda-costas kai'Sharum.

Cashiv.

Inevera sentiu o sangue gelar quando o viu. Durante anos, tinha dependido do anonimato para defender a sua família no bazar. As dama'ting tinham véus para esconder a sua identidade, afinal, e Inevera era um nome comum a muitas mulheres.

Mas, tal como Asome e Jamere, Cashiv e o irmão de Inevera, Soli, tinham sido amantes. Era uma das poucas pessoas vivas que recordava a rapariga que fora e quem era a sua família.

O seu pai, Kasaad, tinha chacinado Soli quando soube que era push'ting e, mesmo que Cashiv não se tivesse atrevido a desafiar a dama'ting para se vingar, não tinha perdoado.

Cashiv olhou-a e Inevera percebeu.

– Baden foi sempre um espinho cravado no flanco do conselho – disse Inevera em voz baixa, ouvida apenas pelo seu filho. – É ganancioso e sedento de poder. Não merece confiança.

Asome não pareceu perturbado.

– Considero que me revelou ser digno de confiança.

– Que te dará ele em troca do seu lugar na direção do conselho? – perguntou Inevera.

Asome sorriu.

– Algo de valor incalculável.

Antes que Inevera pudesse reagir, virou-se novamente para Jamere.

– Agora que o conselho voltou a estar completo, podes deixar entrar os Majah.

A comitiva de Baden curvou-se e ocupou os seus lugares entre os Damaji jovens enquanto Jamere fazia um novo sinal aos guardas. As portas abriram e o Damaji Aleveran entrou de rompante. O homem não chegara ainda aos sessenta anos e continuava robusto e perigoso.

Quando o irmão Majah de Asome, Maji, fracassou na sua tentativa de matar o Damaji Aleverak, Asome executou-o pessoalmente, violando o pacto que mantivera a paz entre os Kaji e os Majah desde que Ahmann tinha subido ao trono. Asome não tinha outro irmão dama Majah para instalar como líder e, com o apoio declarado da sua tribo, o turbante negro foi entregue ao filho mais velho de Aleverak, Aleveran.

De imediato, Aleveran saiu do conselho, prendendo Belina e reabilitando a antiga Damaji'ting Majah, a velha mas formidável Chavis. A anciã vinha atrás dele, tão irada como ele. A honra de Aleverak tinha sido infinita e o seu homicídio fez todos os Majah afiarem as lanças.

Eram seguidos por um pequeno exército de guarda-costas Sharum. Eram menos que as Lanças do Libertador diante das paredes da sala do trono, mas mantinham-se alerta, prontos para lutar e morrer protegendo os seus líderes.

– Damaji Aleveran! – disse Asome sem preâmbulo. – Chamei-te e à tua Damaji'ting para ajoelharem diante do Trono dos Crânios e ocuparem os vossos lugares. Façam isto e tudo será perdoado.

– Perdoado? – rosnou Aleveran. – Não fui eu quem cometeu um crime, rapaz. Não fui eu quem conspurcou este conselho.

– Atenta nas palavras, Damaji – advertiu Hoshkamin. Guerreiros ficaram tensos por toda a sala. – Ergues-te diante do Shar'Dama Ka.

Aleveran parecia preparado para cuspir no chão, mas Chavis pousou-lhe uma mão no ombro e pensou melhor no que fazia.

– O Shar'Dama Ka está morto – disse. – Os Majah não se curvarão diante de um usurpador que usa magia de hora para assassinar na noite.

Hoshkamin semicerrou os olhos e Asome foi suficientemente sensato para impedir que a situação escalasse.

– Contém-te, irmão.

– A Sharak Sun continua, Damaji – disse Asome. – E a Sharak Ka aproxima-se. Krasia deverá unificar-se para que haja alguma esperança de vitória. Não desejo mais sangue derramado por esta questão. Defende a tua tribo como o teu pai a defendeu.

– Como posso erguer-me diante do homem que o assassinou? – questionou Aleveran.

– Sim, como? – perguntou Inevera, atraindo para si todas as atenções. Era sabido no palácio, ou mesmo fora dele, que Asome tinha também tentado matá-la. – Não serás o primeiro Damaji a perder o pai na luta pelo trono. Todos somos servos da vontade de Everam.

A Damaji’ting Chavis avançou.

– Concordamos nisso. Mas a vontade de Everam foi sempre um mistério. Consultei os hora e o Criador deu-me uma resposta para o nosso problema.

Inevera semicerrou os olhos, tentando perceber qual era a manobra da velha. Desejou poder correr as cortinas para poder ver a aura de Chavis.

– Os hora não me disseram nada de semelhante.

– Ainda bem, então, que resta alguém com maior experiência. – O sorriso de Chavis era de condescendência benevolente. Inevera retribuiu o sorriso, desejando poder pegar nos seus hora e destruir a mulher.

– Que propões? – perguntou Asome.

As palavras seguintes de Aleveran chocaram a corte e silenciaram-na.

– Que os Majah peguem nos seus despojos e regressem à Lança do Deserto.

Inevera e Asome ajoelharam-se sobre as almofadas da sua câmara de lançamento privada ao lado da sala do trono. Duas portas protegidas com cortinas protegiam a câmara da luz solar intensa da sala do trono. Envolta em escuridão, Inevera descontraiu ligeiramente quando os seus poderes foram restaurados.

O alívio esbateu-se quando olhou o seu filho, vendo-o a brilhar tão intensamente com a luz de Everam como o seu pai. A sua aura era neutra e estável, o resultado de uma vida inteira de treino em meditação. Os mestres dama em meditação profunda tinham uma aura de branco puro, mas nem os praticantes mais dotados conseguiam controlar por inteiro a sua aura superficial durante períodos de atividade. Haveria clarões enquanto absorvessem novas informações.

Pensou no que ele veria quando a olhava a ela, tendo-se tornado tão hábil na leitura das cores e padrões em mutação constante que denunciavam os segredos que outros prefeririam manter escondidos.

– Onde está a minha família? – perguntou Inevera.

– Não sei a que te referes – disse Asome. A sua aura denunciou a mentira, mas Inevera não conseguia perceber se era uma perda de controlo motivada pela sua pergunta súbita ou se lhe teria permitido ver aquilo.

Inevera canalizou a magia dos grandes hora escondidos no chão sob a sua almofada. Asome semicerrou os olhos enquanto a aura dela se iluminava e, apesar de conseguir camuflar o medo na expressão, Inevera viu-o na sua aura.

– Não me mintas, rapaz.

O medo deixou-lhe a aura enquanto Asome olhava em redor.

– Foi aqui que o meu pai se deitou com Leesha Papel, não?

Inevera pestanejou e Asome olhou a sua almofada.

– Talvez a tenha possuído aqui mesmo! Era uma chin imunda, mas suficientemente aprazível para quem apreciar esse tipo de coisa. Ouvi dizer que mudaste a decoração com o fogo quando terminaram.

Sabia como feri-la. Inevera reconheceu-lhe isso. Curvou-se contra o vento daquilo, com a face serena, não lhe mostrando nada.

– E onde te ajoelhaste quando sugaste a piça de Cashiv?

O sorriso de Asome ampliou-se.

– Não sugarei a piça de Cashiv. Será dever do avô Kasaad, se não me entregares os Kaji. Pelo menos, até Cashiv decidir matá-lo.

Por um momento, Inevera perdeu o seu centro. Foi apenas um instante, mas Asome percebeu-o. A sua aura mostrou a satisfação pela minúscula vitória.

– O teu pai perdoou os pecados de Kasaad – disse Inevera. – Irá puro até Everam.

– Assassinou o teu irmão por ser push’ting – disse Asome. – Talvez tenha sido esse o motivo para os esconderes de nós. Sabias que podia não ser tão clemente como o meu pai.

– O Shar’Dama Ka terá de ser misericordioso – disse Inevera.

– Só a misericórdia de Everam é infinita. – Asome encolheu os ombros. – Mantiveste as nossas famílias tão separadas que não chorarei a sua perda.

A própria Inevera tinha-se reconciliado recentemente com o seu pai pelo crime. Esmagava-a, mas nunca houve escolha. Os seus prisioneiros eram a sua melhor arma contra Asome e não abdicaria deles, mesmo pela vida do seu pai.

– E Manvah?

– Será mantida em segurança na minha custódia – disse Asome. – Receberá todas as honras devidas à mãe da Damajah. Como confio que acontecerá à minha tikka.

Inevera baixou ligeiramente a cabeça numa vénia breve.

– Claro. Agora, discutamos o teu falhanço no controlo dos Majah enquanto cambaleavas pelos sete degraus acima.

A irritação alterou a aura de Asome, mesmo enquanto sorria.

– Como diferiu da ascensão do meu pai? Também ele foi incapaz de dominar por inteiro os Majah. Foram uma praga para a unidade desde que Kaji derrotou Majah em Domin Sharum há três mil anos.

– Se tivesses esperado que Maji crescesse...

Asome rejeitou a ideia com um gesto.

– Conheci melhor que tu o meu irmão, mãe. Cresci com ele no Sharik Hora. Nunca cresceria o suficiente para derrotar Aleverak, com pedras hora ou não. Era inevera que falhasse.

– E qual é o teu plano para essa eventualidade? – perguntou Inevera.

– Restam apenas duas escolhas – disse Asome. – Encontrar algo que os apazigue e os faça aceitar a nova ordem ou forçá-los a submeterem-se.

– Com que custo? – perguntou Inevera. – Os Majah são demasiado numerosos. Uma guerra declarada destruiria as nossas forças com a Sharak Ka próxima.

– Poderíamos deixá-los ir – disse Asome. – Mas isso também nos enfraquecerá. Os hortelões são já mais numerosos que nós.

Inevera levou a mão à sua bolsa de hora, retirando os dados cobertos com electrum.

– Essas são perguntas para Everam.

Inevera ergueu a faca curva.

– Estende o braço.

A aura de Aleveram era pedra, mas os seus olhos fixaram-se em Chavis. A Damaji'ting acenou brevemente com a cabeça e Aleveram arregaçou a manga, estendendo um braço firme.

Inevera fez um corte rápido e superficial, conseguindo sangue suficiente para o feitiço e nem mais uma gota. Não havia necessidade de antagonizar mais os Majah.

– Everam, Criador do Paraíso e de Ala, dador de luz e vida, os Teus filhos precisam de orientação. O Damaji Aleveram deverá conduzir a sua gente de volta à Lança do Deserto?

Os dados iluminaram-se quando os abanou. Debruçou-se com Chavis no momento em que os dados terminaram o seu movimento. Moveu os olhos de símbolo em símbolo, interiorizando a posição de cada dado relacionada com os restantes e com o oriente, onde a luz de Everam nascia todos os dias. Mesmo assim, haveria muitas interpretações possíveis, todas futuros potenciais. Ler o mais provável era uma arte que as dama'ting passavam anos a aperfeiçoar e até as mais dotadas discordavam com frequência.

– Se os portões da Lança do Deserto se fecharem atrás dos Majah, não tornarão a abrir sem sangue derramado. – Inevera olhou Chavis para ver se disputaria a leitura, mas a velha limitou-se a grunhir em aprovação.

– É inevera – disse Chavis. – Ahmann Jardir era um falso Libertador e os seus exércitos estão destinados ao fracasso. A Lança do Deserto é a nossa última esperança.

– Não sei o que te ensinaram na Câmara das Sombras quando eras jovem, Damaji'ting – disse Inevera –, mas ensinamos as nie'dama'ting a não presumirem o que os dados não dizem.

– Talvez os nossos exércitos arrisquem o fracasso porque os Majah desertam na nossa hora de necessidade – referiu Asome. – Escondendo-se como khaffit enquanto toda a humanidade se une contra Nie.

– Ninguém se une à tua volta, rapaz – disse Aleveran. – O teu exército é já uma fração das forças do teu pai, reduzindo-se mais com cada dia. Acrescentarias guerra nas ruas ao atrito?

– Nomear-te-ei líder do conselho dos Damaji, como o teu pai era – disse Asome. – Erguer-te-ás acima de todos abaixo do trono.

Aleveran abanou a cabeça.

– Para o abismo com o teu conselho. Não me curvarei perante um homem que violou a lei sagrada para assassinar o meu pai na noite.

Inevera olhou para Chavis.

– Consultemos novamente os dados.

– Pudeste fazer a tua pergunta com o sangue de Aleveran – disse Chavis. – Asome oferecerá agora o braço a uma pergunta minha.

Asome ficou hirto, erguendo-se.

– Sou o Shar'Dama Ka. Ousas pedir o meu sangue?

– O teu sangue poupará que seja vertido o sangue de muita da nossa gente – disse Chavis. – Se és o Shar'Dama Ka, serás suficientemente sensato para ver isso.

A dúvida tingiu a aura de Asome. Começou a virar a face para olhar Inevera, à espera de conselho, mas pensou duas vezes. Arregaçou a manga e estendeu o braço como Aleveran tinha feito.

– Everam, criador do Paraíso e de Ala, dador de luz e vida, os Teus filhos precisam de orientação. O Damaji Aleveran deverá curvar-se diante de Asome asu Ahmann am'Jardir am'Kaji?

Lançou e as mulheres voltaram a curvar-se em simultâneo, estudando os dados. Como antes, uma resposta foi mais forte que as outras.

– Não.

Inevera acenou com a cabeça a Asome, confirmando a palavra que Chavis proferiu, mas percebeu que não confiava nela.

– Se não podes ficar, leva o teu povo para a Cisterna de Everam – disse Asome. – São boas terras, ricas em água e tão verdes como as da Fortuna. Ofereço-tas para que as conquistes para Everam.

Aleveran abanou a cabeça.

– Queres que ocupe a terra enquanto as águas dos homens-peixe descongelam, permitindo-lhes reforçarem os seus ataques? Não funcionarei como força tampão contra os hortelões depois de destroçarem os exércitos do teu irmão. Ocupa tu essas terras e deixa-nos a Fortuna de Everam.

– Mais depressa tomaria a tua cabeça – rosnou Asome.

– Tenta tomá-la agora – desafiou Aleveran. – Ou deixa que nos vamos em paz, como último pilar contra as forças de Nie.



DEZ

QUESTÕES DE FAMÍLIA

334DR

Cuidado, irmã, diziam os dedos de Jarvah. *Nunca vi a Damajah tão irada.*

Ashia encontrou o seu centro no peso confortante de Kaji dormindo no pano com que o prendia enquanto a Damajah entrava de rompante. Com as janelas cobertas, a luz de Everam brilhava nela.

– Tem a minha família – rosnou.

Ashia inclinou a cabeça. A família *dela?* Ashia e as suas irmãs de lança eram sobrinhas de Inevera, afinal. O Libertador perdera-se, Jayan morrera e Asome sentava-se no trono. A quem se referia?

– Perdão, Damajah, mas não compreendo.

Os olhos de Inevera encontraram os seus. O olhar da Damajah mantinha-se sempre inabalável em quaisquer circunstâncias, mas, naquele momento, ardia com tal intensidade que Ashia desejou poder afastar o seu.

– A minha mãe e o meu pai, Manvah e Kasaad, ainda vivem – disse a Damajah. – Até recentemente, permaneciam anónimos no bazar. O próprio Libertador só soube da sua existência pouco antes da sua queda.

Ashia pestanejou. Ela e as suas irmãs de lança seguiam a Damajah para toda a parte, mas, aparentemente, nem elas a conheciam.

– Asome descobriu-os e fez deles reféns – disse Ashia.

– Cashiv, o guarda-costas do dama Baden, sabia deles. – Micha deu um salto quando a Damajah cuspiu no chão. – Devia tê-lo matado há muito.

A Damajah abanou a cabeça.

– Isto é intolerável. Mal o Sol se ponha, leva as tuas irmãs de lança para a ala do palácio do meu filho e encontra-os.

Ashia pousou uma mão protetora sobre Kaji, encostado ao seu peito.

– Não posso levar o meu filho para a ala de Asome. Micha e Jarvah...

Os olhos da Damajah flamejaram e a sua aura intensificou-se até se tornar difícil olhá-la. Ashia ergueu uma mão para não cegar.

– Têm a minha mãe. – A Damajah rosnou as palavras, cada uma feroz como uma chicotada. – Tolerei as tuas insolências durante tempo suficiente, Sharum'ting Ka. Não enviarás as tuas irmãs mais novas sozinhas para o perigo. Farás como ordeno. Kaji ficará seguro com a sua avó na Cripta.

Ashia caiu de joelhos, apoiando as mãos no chão. Curvou-se, tocando com a testa no chão entre as mãos.

– Sim, Damajah.

– As palavras de Asome fazem-me acreditar que estarão nos aposentos reais – disse a Damajah. – Sem dúvida que desejará conhecer melhor os seus avós. Comecem por procurar aí e coloquem uma pedra de hora nos aposentos para ser o meu ouvido.

Ashia acenou afirmativamente.

– Claro, Damajah.

– Quando descobrirem a sua localização, tragam-ma e irei resgatá-los pessoalmente.

Ashia ergueu o olhar ao ouvir aquilo, horrorizada. A aura de Inevera continuava cegante e fechou os olhos.

– Damajah! Não podes expor-te dessa forma.

– É inevera – disse a Damajah.

Ashia atravessou uma série de passagens escondidas até ao palácio subterrâneo da Damajah, recentemente aberto nas entranhas da colina sob o palácio do duque das terras verdes.

As paredes de rocha lisa refletiam luz guardada, com os símbolos que as cobriam defendendo simultaneamente de intrusão por demónios e por mortais. Ali, a Damajah operava a sua magia mais profunda e guardava os seus tesouros mais preciosos.

– Coração negro de Nie! – As palavras ecoaram pela câmara. – Alguma de vocês tem miolos? Pedi sumo de maçã!

Uma das suas más disposições?, perguntaram os dedos de Ashia ao eunuco que guardava a porta.

A sua disposição é sempre a mesma, responderam os dedos do eunuco.

Ashia suspirou, encontrando o seu centro antes de abrir a porta. Os aposentos de Kajivah eram grandes e faustosos, com criados para satisfazerem todas as suas necessidades. Naquele momento, estavam todos ajoelhados, com as auras abaladas pelo medo.

– Santa Mãe – disse um dos criados. – A fruta das terras verdes não está na sua época. Não restam maçãs em toda a Fortuna de Everam.

Kajivah inspirou fundo, preparando-se para gritar o que seria certamente uma terrível resposta, mas viu Ashia na porta e a raiva dissipou-se enquanto expirava. Avançou com os braços estendidos.

– Dá-mo.

Ashia sentiu o maxilar ficar tenso sob o véu, mas desatou os panos, aninhando Kaji adormecido na curva do braço durante tempo suficiente para Kajivah o receber.

A postura da mulher alterou-se no momento em que o recebeu nos braços e Ashia soube que, acontecesse o que acontecesse, Kajivah nunca magoaria o seu bisneto, erguendo-se entre ele e todos os demónios do abismo.

– Ficas com ele durante a noite? – perguntou. Seria a primeira noite de Ashia longe do filho desde a Noite dos Hora, quando tinham percorrido juntos o limiar do abismo.

– Claro, claro. – Kajivah não afastou os olhos do filho.

– Obrigado, tikka – disse Ashia.

A mulher ergueu o olhar.

– Não voltes a chamar-me isso. Nunca mais.

Ashia engoliu em seco. Outrora, tinha sido a favorita entre as muitas netas de Kajivah. Foi por insistência da própria Kajivah que Ashia e as suas irmãs de lança foram enviadas para o Palácio das Dama’ting, iniciando assim o seu percurso até se tornarem Sharum’ting. Naquele momento, tinham deixado de lhe importar.

Ashia baixou os olhos.

– Como desejares, Santa Mãe.

Deu meia-volta, afastando-se rapidamente de Kaji para não perder a determinação e voltar a correr para ele.

Mesmo de noite, a infiltração na ala do palácio de Asome era difícil. O novo Shar'Dama Ka tinha encontrado e selado as passagens secretas que as Sharum'ting usavam para se moverem pelo palácio sem serem vistas. Guardas e dama armados patrulhavam os corredores, com olhos guardados para verem com a luz de Everam. Tapetes e mosaicos estavam guardados contra alagai, mas Ashia conseguia ver também guardas que se assemelhavam muito às que as dama'ting usavam. Símbolos que dariam o alarme se um humano os passasse, selando aquela parte do palácio de olhos curiosos. As pedras hora que a Damajah esperava usar para ouvir de pouco serviriam, com a sua magia bloqueada.

Mas Ashia, Micha e Jarvah vestiam as suas túnicas de kai'Sha-rum'ting com guardas de invisibilidade bordadas com fio de electrum. Vistas por olhos humanos ou iluminadas pela luz de Everam, desapareciam contra o cenário tão facilmente como um demónio da areia desapareceria contra as dunas. Era só quando se moviam ligeiramente que podiam ser vistas.

As suas joias tinham também magia, com anéis e pulseiras nas mãos e pés permitindo-lhes trepar paredes e segurar-se aos tetos como aranhas. Lentamente, avançaram mais e mais para o refúgio do seu marido.

Verifiquem os níveis inferiores, disse Ashia a Jarvah depois de passarem as barreiras. *Asome terá um palácio subterrâneo próprio. Encontrem-no e entrem dentro dele, se conseguirem.*

Sim, Sharum'ting Ka.

Jarvah desapareceu enquanto Ashia e Micha subiam aos pisos residenciais. O palácio tinha sete pisos, um para cada pilar do Paraíso, mas as escadas exteriores subiam apenas até ao seis, com as portas de cada piso guardadas por um kai'Sharum alerta e iluminado pela luz de Everam.

O sexto piso era reservado à família real, um local que Ashia conhecia bem. Tanto ela como Kajivah tinham aposentos ali. Tecnicamente, tinham sido os aposentos de Asome, mas o seu marido só vira as almofadas no interior numa ocasião.

A Damajah acreditava que a sua abençoada mãe estaria também alojada no sexto piso.

O piso de cima, a área privativa de Asome, podia ser alcançado apenas por uma escadaria interior que, sem dúvida, também estaria guardada.

As jovens hesitaram, segurando-se ao teto enquanto o guarda da porta se tornava visível. Mesmo com o seu véu noturno branco posto, Ashia reconheceu-o como o seu primo Iraven, o primogénito Majah do Libertador. Com o seu

estatuto anulado pelo Damaji Aleveran, fora relegado para funções de guarda do seu irmão mais velho.

Micha retirou uma mão do teto, fazendo o sinal correspondente à poção soporífera que traziam. Aplicada a um pano cobrindo boca e nariz, conseguiria deixar um homem corpulento inconsciente durante algum tempo e despertaria apenas com memórias difusas dos seus momentos anteriores. Encurvava o dedo mínimo, indicando uma pergunta.

Ashia abanou a cabeça. *Demasiado lento*, disseram os seus dedos. *Golpe Preciso.*

O Golpe Preciso, a escola de sharusahk do seu mestre Enkido, tinha como alvos os pontos de convergência naturais do corpo. Locais onde músculos, veias e nervos se fundiam. Os alvos eram demasiado pequenos e mantinham-se em movimento constante, com cada um tão único como o seu dono, mas um golpe vigoroso e preciso conseguiria incapacitar temporariamente um adversário ou deixá-lo imediatamente inconsciente.

Aproximaram-se lentamente, segurando-se ao teto diretamente sobre o seu primo. Micha segurá-lo-ia e Ashia golpearia. Mas, antes que Ashia conseguisse fazer o sinal da queda, um par de nie'dama trazendo tabuleiros de comida subiram os degraus. Ashia percebia pela sua linguagem corporal que Iraven os reconhecia e deixaria que passassem sem questionar.

Micha não precisou de ordens quando abriram as portas, seguindo-os imediatamente, enquanto Ashia se lançava em frente. Aterraram sobre almofadas longas idênticas junto a cada parede, com as pulseiras guardadas absorvendo o som. As suas túnicas surgiram como borrões indistintos por um momento, mas voltaram a ficar invisíveis quando os rapazes passaram a porta.

O chão estava guardado, criando um enigma de passos que faria soar um alarme se fosse pisado da forma errada. Ashia memorizou o caminho pisado pelos rapazes, mas ela e Micha seguiram-na junto às paredes, fundindo-se perfeitamente contra a tinta. Alcançaram uma escada interior guardada por um par de clérigos com bastões guardados e as nie'dama'ting separaram-se, uma continuando a percorrer o corredor enquanto a outra subia ao sétimo piso.

Segue. Ashia usou um dedo para indicar o primeiro rapaz. A sua missão era encontrar os pais da Damajah, mas, àquela distância, Ashia não conseguia resistir a espreitar o seu marido traiçoeiro. Seguiu o segundo rapaz pelas escadas acima, deslizando junto ao teto mais depressa do que ele conseguiria subir. Foi a sua sombra quando passou por guardas e portas, chegando finalmente a uma

antecâmara onde o rapaz pousou o tabuleiro sobre uma mesa, batendo à porta e partindo apressadamente, fechando a porta do corredor depois de sair.

Ashia estava pronta para saltar quando a porta abriu, mas, quando viu Asome, susteve a respiração e quase perdeu a oportunidade. Durante o seu casamento, alguma vez tinha visto o marido abrir uma porta? Era uma tarefa para mulheres e criados.

A seguir, Asome fez o impensável. O Shar'Dama Ka, líder supremo de Krasia, curvou-se e ergueu pessoalmente o tabuleiro. Ashia entrou enquanto lhe voltava as costas, com os pensamentos acelerados. Ter-se-ia Asome mantido em reclusão desde a morte de Asukaji? Um espetro do homem que fora outrora? Parte dela desejava que assim fosse. Uma amostra do julgamento que o esperava no Paraíso.

– Jantar, meu sol – disse Asome. Ashia pestanejou. A mulher e o amante tinham sido assassinados e já tinha encontrado outro? A raiva ameaçou-lhe o centro, mas afastou-a, deslizando junto ao teto para seguir o marido para a câmara de almofadas. Quem encontraria? O dama Jamere? Cashiv? Um dos meios-irmãos de Asome?

A última pessoa que esperava era o seu irmão, Asukaji, cujo pescoço partira.

– Não tenho fome. – A voz de Asukaji era um sussurro forçado. – Leva isso daqui.

Asome pousou o tabuleiro ao lado da sua cama. Asukaji estava deitado, com o corpo imóvel e a aura neutra. Não estava morto, mas também não estava realmente vivo.

Essa condição alterava-se no seu pescoço. A aura à volta da cabeça do seu irmão estava tórrida e crua, com os olhos focados e a expressão plena de emoção.

Paralisado, percebeu Ashia, horrorizada. Para um guerreiro, era um destino pior que a morte. Mesmo depois de ter tentado estrangulá-la, não desejava tal destino ao seu irmão. Tinham sido próximos quando eram muito novos e parte dela ainda o amava.

– Precisas de comer, meu amor – disse Asome. – Não consegues sentir fome, mas está lá. Sem alimento, definharás.

– E se definhar? – perguntou Asukaji. – Será melhor comer e ficar aqui imóvel quando cagar a cama daqui a uma hora? Poderia ter morrido com honra. Ao invés, forças-me a permanecer preso nesta carapaça inútil.

Asome sentava-se na ponta da cama, pegando numa das mãos inertes de Asukaji.

– Não conseguirei fazer isto sem ti. Metade dos meus planos e estratagemas pertencem-te.

– Não pensavas isso quando fodeste aquela heasah. – A cabeça de Asukaji foi projetada para um lado com a intensidade do seu rosnado.

Asome apoiou-o rapidamente, beijando-lhe a testa.

– É tua irmã, que tu próprio insististe que fosse a minha Jiwah Ka.

A face de Ashia palpitou. Respirou mais profundamente, mantendo-se tão silenciosa como pedra.

– Sou eu a tua Jiwah Ka! – O grito de Asukaji foi rouco. – Era apenas um ventre para carregar o filho que eu não podia gerar.

Asome ergueu a cobertura do tabuleiro, com o vapor erguendo-se de uma malga de papa rala que seria provavelmente tudo o que o seu irmão conseguiria engolir. Asome soprou uma colher cheia como uma mãe preparando-se para alimentar uma criança.

– Precisámos da sua confiança, primo. Precisámos que acreditasse na minha lealdade e humildade diante da minha mãe. E, se nos tivesse gerado outro filho, melhor seria.

Asukaji cuspiu sobre a colher quando se aproximou, mas a saliva pingou-lhe do queixo.

– Não sou tolo, Asome. Não tinhas filhos nem planos em mente quando a vergaste.

– Que importa? – Asome pegou num guardanapo de seda, limpando a boca de Asukaji. – Nunca te substituiria no meu coração. Ninguém poderá fazê-lo. Poderia ter sido uma Jiwah Sen valiosa sem o teu ciúme. Insististe na sua morte.

Segurou o maxilar de Asukaji na mão, apertando até os seus dentes se separarem o suficiente para deixarem entrar a colher.

– Mas não estavas à sua altura, pois não, doce Asukaji? – Asome forçou a papa a entrar-lhe na boca. – Tal como Melan e Asavi juntas não estavam à altura da minha mãe. Agora, percorrem o caminho solitário, tu estás paralisado e a minha mãe tomou metade do trono como refém. – Asome massajou a garganta de Asukaji até engolir. – Em breve, Amanvah voltará para controlar as dama’ting Kaji, trazendo com ela uma Jiwah Sen sem dúvida tão letal como a tua irmã e um marido abençoado por Everam.

– Uma chin e um khaffit – rosnou Asukaji. – Amanvah deveria ser minha, como Ashia foi tua. Era esse o nosso acordo.

– Khaffit ou não, o seu poder sobre os alagai é inegável – disse Asome. – Que poderia ter dito quando o meu pai lha deu? O poder da minha mãe crescerá quando regressarem. Precisaremos de equilibrar a balança enquanto há tempo.

Asukaji parou de resistir, comendo em silêncio. Asome era terno e zeloso, massajando a garganta após cada colherada até a malga ficar vazia.

– Lamento, primo. – Asukaji pareceu miserável enquanto Asome limpava o que restava da papa nos seus lábios. – Falhei-te. Everam julgou-me e considerou-me indigno.

– Ainda vives – disse Asome. – Encontraremos uma forma de te curar. Os dama conseguem já grandes progressos com a magia dos hora. Em breve, descobriremos todos os segredos das dama'ting. Serás restaurado e terás outra hipótese de conseguir a glória.

– A Damajah conseguiria sarar-me agora – disse Asukaji com voz rouca. – Temos os seus pais. Não ousaria recusar.

– Não devemos subestimar o que a minha mãe ousaria fazer – advertiu Asome. – Quem sabe o que esta dal'ting e um khaffit valerão realmente para ela?

– Certamente, não valerão tanto como... – a face de Asukaji corou com o esforço de falar – ... como tikka ou Kaji, ou já os terias enviado para o palácio subterrâneo.

Asome abanou a cabeça.

– Não descansaria se estivessem entre as experiências dos dama. Uma explosão no laboratório do dama Shevali matou um dos seus nie'dama e deixou outro cego de um olho.

– Espero que valham alguma coisa – arfou Asukaji. – Trocaste o meu turbante negro pelos reféns. Se não forem suficientes para resgatar o nosso filho, que resgatem os meus membros.

– Não podemos revelar semelhante fraqueza à minha mãe – disse Asome. – Encontrará uma forma de a usar contra nós. O turbante ser-te-á devolvido quando estiveres curado. Baden pensa que o guarda para Kaji. Sabe que não poderá ser seu para sempre.

– Não subestimes Baden – sussurrou Asukaji. – Sei como ficas perto de Cashiv. Deixa-te estúpido.

– Consigo lidar com Cashiv – disse Asome.

– É isso o que me preocupa.

– Que importa? – rosnou Asome. – Fomos às festas de Baden com óleo nos cintos desde que estávamos no sharaj. Deitaste-te com Cashiv tantas vezes como eu.

– Importa porque, nesse tempo, conseguia satisfazer-te – disse Asukaji. – Porque era a tua Jiwah Ka, a primeira bainha da tua lança.

– Continuas a sê-lo – disse Asome.

– Então possui-me.

– Hã? – A expressão de Asome sucumbiu ao espanto e à incompreensão.

– Agora, antes que a maldita papa me atravesse de alto a baixo – suplicou Asukaji. – Vira-me de barriga para baixo e possui-me.

– Asukaji... – disse Asome.

– Não! – Havia lágrimas nos olhos do seu irmão. – Não posso impedir que te deites com outros, mas juro por Everam que não voltarei a engolir outra colherada se deixares de te deitar comigo.

Asome inspirou fundo, expirando lentamente. Ashia não aguentou olhar enquanto pegava em óleo e começava a preparar-se para o ato. Fugiu da câmara e deixou o seu irmão e o seu marido demasiado ocupados para notarem.

Micha esperava quando Ashia regressou às escadas. Proporcionava uma distração bem-vinda dos seus pensamentos.

Informa, ordenaram os seus dedos.

Encontrei-os, replicaram os de Micha. *Há guardas, mas, juntas, poderemos...*

Ashia fez o sinal de Nie.

O nosso dever é informar a Damajah.

Jarvah juntou-se a elas enquanto desciam.

O palácio subterrâneo de Asome está protegido por magia de hora. Não consegui entrar.

Irrelevante, disse-lhe Ashia. *Temos a informação de que a Damajah precisa.* As três Sharum’ting passaram pelos guardas e saíram da ala de Asome.



ONZE

FEITICEIRAS

334 DR

– Cona viscosa de Nie! – Inevera ergueu os dados. Não a tinham avisado antes de que a sua mãe corria perigo e, naquele momento, davam-lhe apenas más notícias e informações vagas.

Respirou, tentando encontrar o seu centro, mas a paz escapava-lhe. Teria perdido o favor de Everam? Como podia Ele ter permitido que aquilo acontecesse a Manvah, uma mulher tão honrada como qualquer outra que vivesse? Em ocasiões anteriores, tinha-a avisado sempre quando a sua família corria perigo.

Mas o seu marido estava morto e os dados traíam-na.

Sentou-se sobre os calcanhares e ergueu-se, sentindo a vibração nos seus ouvidos. A ligação com Ashia e as suas irmãs de lança tinha sido cortada quando entraram na ala do palácio de Asome. Um mau sinal. Melan e Asavi tinham dado a Asome e aos seus irmãos o segredo da magia de hora e, aparentemente, aprendiam depressa.

– Damajah – sussurrou-lhe Ashia no ouvido do outro lado do palácio. – Encontrámo-los, mas há mais. Precisamos de falar imediatamente.

– A passagem ocidental. – Inevera dirigia-se já para a porta. Estava coberta com joias gravadas e tinha a bolsa de hora cheia de feitiços. Sucumbira ao

excesso de confiança, estragada pela força da sua varinha, quando Melan e Asavi tinham vindo matá-la. Não voltaria a cometer o mesmo erro.

Tinham vestes opacas de seda carmesim bordada com guardas com fio de electrum. Tal como sucedia com as túnicas das irmãs de lança de Everam, todos os olhos, humanos ou de alagai, passariam sobre ela se o desejasse. No cinto, tinha a faca curva que usava para verter sangue para as suas previsões. Não era realmente uma arma, mas o gume era afiado e serviria se tudo o resto falhasse.

As Sharum'ting esperavam-na num túnel escondido que conduzia à ala ocidental. A Damajah tinha reclamado para si a ala oriental para receber a aurora, enquanto o Shar'Dama Ka ficaria voltado para o ocaso.

– Asukaji está vivo – disse Ashia.

Inevera franziu a testa. Outra coisa que os dados não lhe tinham dito, apesar de, na verdade, não ter perguntado.

– Disseste-me que o tinhas matado.

– Parti-lhe o pescoço – confirmou Ashia. – Mas agarra-se à vida, incapaz de se mover, escondido nos aposentos de Asome. Quer oferecer-te Manvah para que o tornes novamente intacto, mas Asome não confia em ti.

– Como eu não confio nele – disse Inevera. – Isto não muda nada. Vamos libertar os meus pais.

Ashia colocou-se à sua frente, ajoelhando-se e apoiando as mãos no chão.

– Não é necessário que a Damajah se exponha ao perigo. Conseguimos passar as defesas do meu marido. As irmãs de lança de Everam conseguirão concretizar o resgate.

Inevera abanou a cabeça. Naquilo, os dados tinham sido claros.

– Morrerão se forem sem mim e o resgate falhará.

As auras das mulheres enevoaram-se ao ouvir aquilo. Eram as melhores guerreiras que alguma vez conhecera, mas o seu orgulho era tão imenso como a sua honra.

– Terá sucesso se a Damajah nos acompanhar? – perguntou Ashia.

Inevera suspirou.

– Não é claro.

– Damajah, deverás...

Inevera bateu com as mãos.

– Não te cabe dizer-me o que devo, Sharum. O teu dever é manter o silêncio e obedecer.

Inevera permitiu que as irmãs de lança a rodeassem, com Ashia à frente e Micha e Jarvah de cada lado. Avançaram rapidamente e em silêncio, com as vestes camuflando-as contra os mosaicos do teto. Entraram nos corredores exteriores, progredindo sem serem vistas até à escadaria do sexto piso, onde Iraven continuava a guardar a porta.

Como Ashia tinha advertido, o rapaz estava alerta, vestindo armadura impenetrável de vidro guardado que refletia intensamente a luz de Everam. Inevera conseguia ver os núcleos de osso de demónio na sua arma e armadura, suficientes para lhe conferirem força e rapidez sobre-humanas.

Inevera retirou a varinha do cinto. Feita com o osso do braço de um príncipe de demónios revestido com electrum, tinha em si poder suficiente para explodir o telhado inteiro do palácio. Sem descer do teto, traçou no ar uma sucessão rápida de guardas, canalizando e moldando o feitiço antes de o arremessar contra o guerreiro desprevenido.

Ahmann poderia perdoá-la por matar o seu filho se não tivesse escolha, mas Iraven era a última hipótese de controlar novamente a tribo Majah. O feitiço de Inevera deixá-lo-ia num sono profundo e sem sonhos.

Mas, assim que a magia foi projetada, as guardas na armadura de Iraven iluminaram-se intensamente com magia própria. Em vez de perder os sentidos, firmou os pés, segurando a lança numa postura defensiva.

– Avança, servo de Nie! – Os seus olhos passaram sobre a parede, procurando.

Inevera não lhe deu tempo para que as encontrasse ou desse o alarme, descendo para se erguer diante do seu genro.

– Consideras a Damajah uma serva de Nie?

Iraven arregalou os olhos.

– Que fazes sem seres anunciada na ala do Shar’Dama Ka no palácio?

– Uma mãe precisa de autorização para visitar o seu filho? – perguntou Inevera.

Iraven não baixou a arma.

– Os visitantes não avançam pelo teto nem lançam feitiços contra os guardas. Se tens assunto a tratar, diz qual é.

– Sabes o que pretendo – disse Inevera. – Os Majah têm como refém a tua mãe, a minha irmã-esposa Belina. E, apesar disso, aqui estás, carcereiro do meu sangue.

Iraven não se mostrou impressionado.

– As tuas palavras teriam maior peso, Damajah, se tikka não fosse tua cativa.

– É meu dever proteger a Santa Mãe – disse Inevera –, não a deixando ser atraída para o fogo cruzado de conspirações políticas que visam derrubar-me.

Iraven não ficou convencido.

– Sem dúvida que Asome pretende proteger de igual forma a tua mãe.

– Todos queremos o melhor para as nossas mães – disse Inevera. – Deverás procurar agora a tua antes que seja levada da Fortuna de Everam.

A aura de Iraven tingiu-se ao ouvir aquilo. Uma imagem de Belina flutuou sobre o jovem, presa com incontáveis filamentos de emoção, como os que uniriam qualquer mãe ao seu filho.

– Posso tanto vê-la como posso permitir-te que entres – disse Iraven com azedume. – Não posso libertá-la sozinho e Asome não arriscará um resgate que resultaria em guerra declarada.

– Mijo de demónio – disse Inevera. – Isso é o que Asome deseja que acredites.

– Então onde está o apoio da Damajah? Porque estás aqui e não no palácio de Aleveran, resgatando a tua irmã-esposa? – A sua aura inflamou-se como fogo ateado.

– Porque a tarefa é tua, Iraven asu Ahmann am'Jardir am'Majah – disse Inevera. – O teu pai encolhia-se perante cada problema que não conseguia resolver com a lança? O Damaji roubou-te o teu direito de nascimento, mas isso não significa que não possas reconquistá-lo.

Iraven hesitou. O fogo nele crescia, mas com cautela.

– Como?

– Procura Aleveran – disse Inevera. – Submete-te à sua autoridade e levar-te-á com ele quando os Majah partirem da Fortuna de Everam. Conquista a glória e os guerreiros sussurrarão o teu nome de família. Um a um, seguir-te-ão.

Uma nova imagem surgiu sobre Iraven. Uma versão idealizada de si mesmo, erguendo-se com altivez enquanto o orgulho crescia com o fogo no seu coração.

Mas, a seguir, abanou a cabeça, dissipando a imagem.

– O meu irmão disse que as palavras são a tua arma, Damajah.

– Digo apenas a verdade – disse Inevera. – Fui eu a puxar-te de entre as coxas da tua mãe, lançando os dados para ler o teu futuro antes de te cortarem o cordão. Ainda há glória à tua espera, se fores homem que chegue para a reclamar.

– Talvez – disse Iraven. – Mas não reclamarei qualquer glória se negar o cumprimento do meu dever esta noite. Sem dúvida que as tuas Sharum'ting estarão por perto, prontas para me matarem se recusar, mas nenhuma palavra ou ameaça me fará abandonar o meu posto. – Com aquilo, bateu com a haste da

lança sobre um mosaico guardado, que Inevera sabia que ativaria a rede de guardas sobre os milhares de mosaicos à volta da porta, dando o alarme.

Ergueu a sua varinha de hora, canalizando o poder para longe antes que as guardas se ativassem. Iraven arregalou os olhos.

– Ah! – gritou. – Intrusos! – O som devia ter ecoado pelas escadas, mas algumas guardas rápidas no ar impediram o eco tão facilmente como tinham impedido o alarme.

Inevera avançou contra ele.

– Não preciso das irmãs de lança de Everam para passar, Iravem. Está escrito no Evejah que golpear uma dama'ting ou tentar bloquear-lhe o caminho é punido com a morte. Como te julgará Everam se golpeares a própria Damajah?

Sentia os sentidos em chamas com a magia que fluía pelo seu corpo e conseguiu cheirar o suor antes mesmo de surgir na testa do rapaz. Teve pena dele, dividido entre deveres, outro inocente no fogo cruzado.

Mas a sua família estava do outro lado daquelas portas e, em cada segundo que aquilo continuasse, o perigo que corriam era maior.

Iraven fechou os olhos.

– Que Everam me perdoe.

E golpeou.

Inevera enfrentou-o, defletindo o golpe da lança com um gancho. Segurou a haste e puxou ao mesmo tempo que esmurrava.

As placas inflexíveis de vidro guardado na túnica de Iraven eram demasiado rígidas para cobrir o ponto de convergência na base do pescoço. A armadura flexível aí destinava-se a defletir uma ponta de lança e não a bloquear um dedo dobrado no punho de Inevera. O seu golpe foi demasiado rápido para acompanhar com o olhar, com força e rapidez reforçadas pela magia de hora.

Mas Iraven parecia saber qual era o seu alvo, virando a cabeça para receber o golpe com o maxilar. Acompanhou o ímpeto, usando-o para descrever uma volta completa, movendo a lança para lhe varrer os pés.

Inevera sentiu-se surpreendida, mas nunca perdeu o controlo, curvando-se para trás e apoiando as mãos no chão, pontapeando-o no maxilar uma segunda vez enquanto evitava a lança e voltava a endireitar-se.

Iraven fervia, mas também conseguiu controlar-se, girando a lança atrás dele e voltando a avançar. Brilhava intensamente com magia, sentindo-se rápido e forte. A lança era como uma pena nas suas mãos. Ashia e suas irmãs de lança atiraram-se ao chão, mas Inevera travou-as com um silvo e uma mão erguida.

Nunca sentira grande respeito pelas artes marciais Sharum, mas Iraven tinha sido treinado pelo seu marido e pelo Damaji Aleverak, os dois maiores mestres de Sharusahk em Krasia. Movia a arma e os pés em perfeita harmonia, permitindo-lhe pouca energia livre para que a voltasse contra ele enquanto defendia os golpes mais perigosos da resposta de Inevera e deixava que outros lhe atingissem a armadura. Entretanto, empurrou-a com a lança para pontapés e chaves de pernas que facilmente mutilariam.

Por mais rápido que fosse, Inevera era-o mais ainda, esquivando-se a murros e pontapés e defletindo outros com contacto mínimo. Baixou-se sob um varrimento da lança, girando uma perna para o pontapear nas costas. Tombou para diante, tropeçando enquanto Inevera lhe torcia o tornozelo com a perna de apoio.

Deveria ter sido o fim, mas voltou a surpreendê-la, transformando a queda numa cambalhota e redirecionando essa energia contra ela. Inevera segurou-lhe a haste da lança e Iraven empurrou-a com um pé, esmagando-a contra a armação da porta.

Inevera percebeu nesse momento que tinha sido demasiado misericordiosa, enfrentando-o com sharusahk em vez de magia. Milhares de guardas nos mosaicos à volta da porta ganharam vida em contacto com os hora que a cobriam, enchendo o patamar com luz e fazendo soar alarmes por todo o palácio.

Inevera rosnou enquanto Iraven voltava a golpear, pontapeando-lhe a ponta da lança para baixo e saltando sobre a haste para lhe rodear o pescoço com uma perna, arrastando-o para o chão.

Mesmo assim, o guerreiro continuou a debater-se e a resistir, mas Inevera aceitou os golpes menores, atingindo pontos de convergência para interromper as linhas de poder nos seus membros enquanto lhe suspendia o fluxo de sangue para o cérebro.

– Deixa a Fortuna de Everam com os Majah – disse-lhe enquanto a sua aura começava a escurecer – ou ordenarei que a tua cabeça seja exibida sobre as portas da cidade.

– Damajah, precisamos de fugir. – Ashia aproximou-se para a ajudar a levantar-se quando Iraven tombou inconsciente no chão.

Inevera ignorou as palavras enquanto estudava a magia que fluía pelos mosaicos. Traçou símbolos complexos no ar e o clarão das guardas começou a esmorecer enquanto a sua varinha brilhava com maior intensidade. Apontou um mosaico inerte.

– Parte-o.

Ashia não hesitou, estilhaçando o mosaico com um murro. Inevera drenou mais duas guardas para que Ashia as partisse e ergueu a varinha para traçar uma guarda de impacto, arrancando as portas das dobradiças.

– Matem quem se atravessar no nosso caminho – ordenou Inevera. E as Sharum'ting levaram as mãos às lanças curtas que traziam às costas, com o vidro guardado misturado com electrum numa combinação afiada e indestrutível.

Guardas corriam pelo corredor enquanto as mulheres partiam. Inevera enfiou a mão na sua bolsa de hora, atirando um punhado de berlindes negros em direção aos guardas, com o vidro formado à volta de fragmentos de demónio do relâmpago. Faíscas voaram e os músculos dos guardas foram dominados por espasmos e as suas guarda-costas derrubaram-nos como peças de um jogo. As lanças faiscaram e Inevera soube que os homens não se ergueriam.

Mais à frente, um grupo de kai'Sharum aglomerava-se junto à porta que conduzia ao local onde os seus pais estavam presos. Atrás deles, dois dama erguiam-se com bastões brilhando intensamente com a luz de Everam.

Ashia e as suas irmãs arremessaram vidro afiado contra o grupo, mas um dos dama ergueu o bastão e uma grande rajada de vento soprou as armas contra elas. A maior parte ricocheteou na armadura da mulher, mas uma cravou-se num vão entre as placas que cobriam a coxa de Jarvah. A rapariga não emitiu qualquer som, continuando a acompanhar a carga de Ashia, mas Inevera via o ferimento perturbar-lhe a aura e percebeu que era grave.

Antes que as mulheres alcançassem os guardas, os outros dama ergueram os bastões, projetando uma poderosa bola de fogo. Expandiu rapidamente, atingindo dois guardas enquanto enchia o corredor.

Ashia e as suas irmãs de lança não hesitaram, baixando-se por baixo dos escudos de vidro e continuando a avançar. As guardas nos escudos absorveram o fogo de demónio e, no momento seguinte, estavam entre os guerreiros.

Ouviu-se um guincho enquanto Micha mutilava um dos Sharum com uma lança cravada na perna. Ashia trespassou a garganta de um kai'Sharum com a sua lança de ponta dupla, produzindo um jorro de sangue. Ouviu-se um gemido enquanto Jarvah encontrava uma junta na armadura de vidro para cravar outra lança.

As paredes e os tapetes ardiam, mas Inevera não sentia o calor, com as joias guardadas absorvendo-o. O primeiro dama projetou outra rajada de vento na sua direção, enquanto avançava, mas afastou-a com um movimento da varinha, fazendo-a ganhar ímpeto atrás de si e projetando-a novamente para o clérigo.

Ergueram os bastões em postura defensiva, com guardas iluminando-se para dividir o veneno como Inevera fizera, mas respondeu ao vento com um feitiço próprio e guardas de impacto destruíram a porta e derrubaram os homens que a guardavam. Um deles deixou cair o bastão e Inevera fê-lo rodopiar pelo corredor até ficar fora de alcance. O outro segurou o seu com firmeza, movendo dedos rápidos como os de um flautista para manipular as guardas espalhadas pela superfície. Inevera ergueu a varinha para o matar antes que conseguisse libertar a energia acumulada.

Mas, nesse momento, a porta abriu-se e Inevera viu a sua mãe. Asome mostrou-se atrás de Manvah, apertando-lhe a garganta com a mão.

– Já avançaste o suficiente, mãe.

* * *

Inevera estacou. A varinha de hora estava quente na sua mão e escorregadia com transpiração repentina. O seu poder era superior até ao dos grandes bastões que os dama empunhavam, sem dúvida também com núcleos de osso de demónio, o suficiente para matar toda a gente no palácio.

Mas não o suficiente para libertar a sua mãe. Não antes que Asome lhe partisse o pescoço.

– Devo confessar que me surpreende que tenhas mordido o isco – disse Asome. – Acreditaste realmente que seria tão fácil?

– Solta-a – disse Inevera. – É a tua avó, não uma qualquer escrava chin.

– Nenhuma de vós fez qualquer esforço para que me conhecesse – disse Asome. – Porque devo importar-me se morrer? Mas deixá-la-ei ir quando me devolveres o meu filho. Quando me devolveres a minha verdadeira avó. – Inclinou a cabeça, olhando Ashia. Tinha o véu erguido, mas, mesmo sendo um marido miserável, era impossível confundi-la. – E a minha esposa *morta*.

– Três reféns por uma? – perguntou Inevera. – Os teus dama são péssimos feiticeiros, mas pensei que ensinassem aritmética simples no Sharik Hora.

Asome sorriu.

– Aproveita a vantagem enquanto podes, mãe. Melan e Asavi ensinaram-nos muito sobre magia de hora, mesmo sem o fazerem de forma intencional. Estreitamos o vão com cada dia. A magia deixou de ser o domínio exclusivo das dama’ting.

– Contrariando os ensinamentos diretos do Evejah – disse Inevera. – *Não permitais que qualquer feiticeiro viva,* disse Kaji ao seu povo.

Asome encolheu os ombros.

– Sou o Shar’Dama Ka agora, mãe. Chegou o momento de essas passagens serem atualizadas.

– Alcançar o topo do estrado sobre uma pilha de cadáveres não faz de ti o Shar’Dama Ka, rapaz – disse Inevera. – Traíste Krasia inteira, colocaste a própria Sharak Ka em risco e tudo pela tua ambição.

Inevera olhou a mãe.

– Perdoa-me, mãe. Nem a família deverá vir antes da Primeira Guerra.

– És minha filha – disse Manvah. – Amar-te-ia mesmo que apagasses o sol.

A aura de Asome inflamou-se com raiva tórrida. Fez um movimento com a cabeça e Kasaad foi empurrado contra a parede, tropeçando na perna de pau. Atrás dele, Cashiv sorria, segurando uma faca contra o pescoço do pai de Inevera. O seu antebraço visível estava blindado e teve o cuidado de usar o volume maior de Kasaad como escudo.

– Comecemos modestamente, então – disse Asome. – Entrega-me agora a minha jiwah ou Cashiv abrirá a garganta do teu pai.

Os dedos de Inevera ansiavam por erguer a varinha, mas de pouco serviria. Não podia atingir Cashiv sem aumentar o risco para o seu pai e não podia matar Asome sem colocar a sua mãe em risco. Ao fundo do corredor, ouviu reforços aproximando-se. Não tardariam a chegar dama empunhando bastões de hora e muitos, muitos Sharum.

– Não o faças, filha – disse Kasaad, sustendo bruscamente a respiração quando Cashiv lhe pressionou mais a faca contra o pescoço. – O Libertador perdoou-me. A minha alma está limpa.

Inevera olhou a aura do seu pai e soube que era verdade. Nos seus dias de Sharum, fora um bêbado e um cobarde, mas passara a estar pronto para a morte e para o julgamento de Everam. O seu espírito contemplava o caminho solitário, preparado para o percorrer pela sua família. Sabia que Asome o via apenas como um khaffit dispensável. Manvah tinha valor real. O seu neto nunca a mataria.

– Nunca estará limpa depois do que fizeste a Soli! – Os músculos de Cashiv fletiram-se, mas Asome ergueu uma mão, detendo-o.

– Irei, Damajah – disse Ashia.

Inevera deixou-se afundar na sua respiração e abanou a cabeça. A Sharak Ka deveria vir primeiro. Os dados tinham dito que Ashia tinha ainda um papel a desempenhar. Kasaad não.

– Tentaste já assassinar a tua mulher numa ocasião, meu filho. Não terás outra hipótese.

Asome baixou a mão e a lâmina de Cashiv faiscou, traçando uma linha de sangue quente na garganta de Kasaad. Inevera gritou enquanto o seu pai caía, asfixiando com o próprio sangue. No momento em que Cashiv perdeu o corpo de Kasaad como escudo, Inevera ergueu a varinha, atingindo o homem e roubando-lhe a vida. O guerreiro foi projetado para o outro extremo do corredor, aterrando como uma ruína fumegante, mas os danos estavam feitos.

Manvah produziu um som asfixiado enquanto Asome a puxava para ele, escudando-se com o seu corpo enquanto a arrastava novamente para dentro. Os seus homens formaram uma fileira para bloquear qualquer tentativa de perseguição.

– Matem-nos! – gritou Asome, fechando a porta com um pontapé.

Inevera deixou que fossem, feliz por ver Manvah longe do perigo imediato enquanto erguia a varinha de hora. Com a mão livre, falou com as suas Sharum'ting.

Não deixem sobreviventes.

Sou uma tola, pensou Inevera enquanto regressavam, chamuscadas e ensanguentadas, à sua ala do palácio.

Pagaram um preço pesado, deixando um rasto de Sharum e dama mortos pelos corredores de Asome, mas não era nada por comparação com os números que o seu filho ainda comandava. A sua guarda teria já triplicado. Não haveria segunda oportunidade, depois de a armadilha ter sido pisada.

Só Asome, Manvah e as irmãs de lança viviam e poderiam testemunhar o que tinha acontecido, mas isso não tornava mais completo o fracasso de Inevera. Tinha sido arrogante, deixando que a raiva a conduzisse em vez da razão fria dos dados.

O seu pai estava morto e era pouco provável que voltasse a ver a sua mãe viva. Asome confirmou algo de que já suspeitava... Que Ashia estava viva.

E, em troca, que ganhara Inevera?

Nada.

– Damajah. – Ashia curvou-se enquanto regressavam aos seus aposentos privados. – Posso ir para junto do meu filho?

Os olhos de Inevera fixaram-se na rapariga, que não chegara ainda aos vinte anos, e viu o seu medo. Não por ela... Estivera disposta a morrer naquela noite, em batalha ou como sacrifício. Mas o encontro com o seu marido tinha-a deixado preocupada com o seu filho. Inevera conseguia ver a imagem de Asome

pairando sobre ela como um espírito atormentador. Ashia sabia que mataria prontamente cada homem, mulher e criança em Krasia para resgatar Kaji.

Inevera estendeu a mão e Ashia ficou hirta, com a aura chocada. A Damajah pretendia abraçá-la?

Mas Inevera não rodeou a rapariga com os braços, pressionando, ao invés, a sua mão sobre a túnica de Ashia, tocando um ponto em que tinha sido cortada por uma lança de Sharum durante a fuga. O ferimento por baixo tinha sarado, mas a mão de Inevera ficou molhada com sangue.

Ajoelhou-se, pegando nos dados e lançando-os sobre a palma da mão da sobrinha, cobrindo-os com a essência da sua sobrinha antes de serem lançados.

– Everam, dador de luz e vida, os teus filhos precisam de orientação. De que forma poderei proteger melhor o teu honrado filho, Kaji asu Asome am'Jardir am'Kaji, para que ele e a sua mãe possam servir-te na Sharak Ka?

O brilho dos alagai intensificou-se e lançou, observando com frieza enquanto formavam um padrão complexo. Demorou longos momentos a decifrá-lo.

Deverá procurar o khaffit através do pai do seu pai, encontrando o teu primo há muito perdido.

Inevera pestanejou. Que Abban ainda tivesse um papel a desempenhar não a surpreendia e enviar Ashia para fora da Fortuna de Everam poderia ser a única forma de assegurar a sua segurança e também a de Kaji. O pai de Ashia era o dama Khevat, que comandara outrora o mosteiro e que, provavelmente, ainda lá estaria.

Mas primo? Que primo?

Cortou-se a seguir. Os dados tinham falado no seu primo, não no primo de Ashia. Talvez o seu sangue pudesse proporcionar as respostas que o sangue de Ashia não conseguira proporcionar.

Mas, como sempre faziam, as perguntas suscitadas pelos dados eram mais numerosas que as resposta dadas.

Reconhecê-lo-á pelo seu cheiro.

– Irás entre o alarido enquanto os Majah se prepararem para partir – disse Inevera. – Asome não esperará que te envie para longe. Dirige-te para a Cisterna de Everam. A derrota de Jayan deixou lá muitas mães viúvas. Mais uma não atrairá atenções e ninguém te reconhecerá a ti ou a Kaji fora da capital.

– E quando lá chegar? – perguntou Ashia. – Como encontrarei o khaffit?

– Procura Qeran – ordenou Inevera. – O instrutor passou a comandar a cidade e os seus corsários dominam as águas, pelo menos até à primavera. Se alguém puder ajudar nas buscas pelo seu senhor perdido, será ele. Lançarei diariamente os dados e informar-te-ei se tiver mais informações. A pedra de hora no teu brinco demorará dias a ficar fora de alcance. Depois disso, ficarás por tua conta.

– E este primo perdido? – perguntou Ashia.

Inevera encolheu os ombros.

– Reconhecê-lo-ás pelo cheiro.

– Isso é um pouco vago – disse Ashia.

– Devemos confiar em Everam – disse Inevera. – Os dados foram claros. Deverás encontrá-los para cumprires a tua parte na Sharak Ka.

Ashia encostou a testa ao chão.

– Como ordenas, Damajah. – Ergueu-se e partiu sem se despedir das suas irmãs de lança que aguardavam em silêncio no exterior. Sabiam que partiria, mas só ela e Inevera saberiam para onde ou com que propósito.

– Sobrinha – disse Inevera, fazendo Ashia parar. Virou-se para ela. – Quero que saibas que não me orgulharia mais de ti se fosses minha filha. – Se alguns ombros conseguirem suportar este fardo determinado por Everam, serão os teus. – Inevera abriu os braços e Ashia, atordoada, encaixou-se entre eles pela primeira vez na sua vida adulta.



DOZE

DRENADA

334DR

– Bekka tem-nos na mira. – A cabeça de Wonda estava inclinada, ouvindo o fragmento de osso de demónio no seu elmo. – Stela e Keet avançam sorrateiramente pela estrada em direção ao armazém de Smitt.

Leesha acenou com a cabeça. Vinham sempre quando o armazém era reabastecido, mesmo que Smitt alterasse o horário das descargas. Alguém os informava.

Puxou a capa e as luvas.

– Vamos. Diz a Bekka e aos outros que fiquem nos telhados e mantenham os dedos nos gatilhos. Se vir um virote perdido, alguém perderá o emprego.

– Sim, mestra – disse Wonda. – Mas, se avançarem para ti, eu própria os espeto. Não corro riscos com a tua segurança.

Leesha apertou a bolsa de hora com um gesto tranquilizante.

– Eu também não.

Bruna ensinara-lhe que era indigno correr, mas Leesha tinha pernas compridas e usou-as, partindo com boa passada. As Crianças Guardadas moviam-se rapidamente durante a noite.

Wonda voltou a tocar o elmo.

– Ali estão. – Virou-se para Leesha. – Não têm pressa. Caminham como se a cidade inteira lhes pertencesse.

Leesha uniu os lábios, vendo Smitt de pé à frente das portas pesadas do armazém, com os braços cruzados. Tinham sido guardadas e reforçadas com vidro inquebrável.

– Esforça-te para não os provocares – disse ela, colocando-se a seu lado.

– A eles?! – perguntou Smitt. – O meu filho e neta roubam-me a cada quinze dias e receias que os provoque a eles?

– O homem tem a sua razão – disse Wonda.

– Sim – concordou Leesha. – Mas estão embriagados com magia e não queremos uma rixa. Viemos só para falar.

– Espero que sintam o mesmo – disse Wonda.

Nesse momento, Stela e o seu tio dobraram uma esquina, parando quando avistaram o trio que os esperava. Brilhavam os dois com poder, mas Stela era quem brilhava mais. Não tanto como Renna Fardos, mas mais do que outra pessoa que Leesha alguma vez tivesse visto, além de Arlen e Jardir. E tudo aquilo acontecera em meio ano.

E foi por culpa minha, repreendeu-se. *Arlen advertiu-me. Suplicou-me. Mas tive a certeza de que sabia mais que ele.*

Keet, pelo menos, teve a decência de parecer incomodado. Stela apenas se riu.

– Julgas que isto tem piada? – questionou Smitt. – Ponho-vos um telhado sobre as cabeças e comida na barriga durante as vossas vidas inteiras e roubam-me como pagamento?

– Vamos, avozinho – disse Stela. – O Criador sabe que não ficas arruinado. Sangramos na noite enquanto tu engordas mais com cada dia.

– Há muita gente que sangra na noite – disse Wonda. – Não há desculpas para roubarem.

– Nunca fizemos mal a ninguém – disse Keet. – Foram só uns sacos e barris. Preferem que passemos fome?

– Costumavam trabalhar para ganhar o vosso sustento – disse Smitt.

– Ainda o fazemos! – argumentou Stela. – Agora mais que nunca! Mantemos as pessoas em segurança.

– Merda de demónio – exclamou Smitt. – Saem para a noite por vós mesmos e por mais ninguém.

– O teu avô tem alguma razão – disse Leesha. – Não vos guardei a pele para se embriagarem de magia e se deitarem uns com os outros na minha floresta.

– Não, só nos deixaste provar e abandonaste-nos a seguir! – ripostou Stela. – Arlen Fardos disse que éramos todos Libertadores, mas tu queres guardar o poder todo para ti!

– Ei. Não fales assim com mestra Leesha – rosnou Wonda.

– Vamos, Stel. Vamos embora – disse Keet.

Stela ignorou-o, cruzando os braços e fincando os pés enquanto enfrentava o olhar de Wonda.

– Que me fazes?

Ouviu-se um chiar de armadura enquanto Wonda fechava as mãos em punhos.

– Dou-te uma tareia, sua fedelha.

Uma imagem surgiu sobre Stela. Wonda atirando-a ao chão no treino. A rapariga ansiava pela desforra.

– Tenta, sua cadela feia. Achas-te tão especial por seres o cão de guarda de Leesha. Chegou o momento de alguém te enfiar no canil.

A aura de Wonda também ardia. Leesha pousou-lhe uma mão no braço, acalmando-a.

– Não vos abandonei – disse a Stela. – O duque ordenou que fosse a Angiers. Que poderia fazer? São as regras que nos mantêm civilizados. Algo que tu pareces ter esquecido.

– Sim, as regras – disse Stela. – Como se alguma vez tivesses deixado que isso te impedisse de fazer o que te apetece.

– Tudo o que fiz foi pelo Condado do Outeiro – disse Leesha.

– Sim? – contrapôs Stela. – É por isso que tens o bebé do demónio do deserto na tua fortaleza?

Wonda rosnou e Leesha precisou de lhe pôr a mão no peito para a travar.

– Sim, até isso. Preferias que o seu exército tivesse passado pelo Outeiro como passou por Rizon e Lakton?

Stela riu-se.

– Dizes-me que não te agradou nada seres a menina má? Não encolheste os dedos dos pés enquanto o fazias?

– Não te devo explicações – disse Leesha.

– Claro que não – concordou Stela. – A maldita Leesha Papel não deve explicações a ninguém. Sai da cidade durante sete anos e volta a dar ordens como se alguém a tivesse coroado duquesa.

– Basta – disse Leesha. – Impus condições quando vos guardei a pele e vos dei armas. Desrespeitaram as condições e violaram as leis do Condado do Outeiro. A

vossa liberdade será suspensa para que respondam ao magistrado pelos vossos crimes.

Stela deixou escapar uma gargalhada trovejante.

– Que exército fará isso?

Leesha apontou e olharam os dois, vendo Lenhadores bloqueando a saída da viela. Tinham-se mantido à distância como Leesha tinha instruído, mas não havia saída para nenhum dos dois.

Stela tinha um sorriso maldoso quando se voltou novamente para Leesha.

– Não chega. Nem por sombras. – Saltou, cobrindo com facilidade os nove metros que as separavam.

Mas, por mais rápida que fosse, Wonda Lenhador era mais rápida ainda. Colocou-se diante de Leesha, inamovível como um demónio da rocha, e atingiu Stela com uma mão aberta no peito que a travou, roubando-lhe o fôlego e atirando-a ao chão.

As guardas tatuadas na pele de Stela iluminaram-se tão intensamente como a raiva na sua aura. Apoiou as mãos no chão, sem estar ferida com gravidade.

Wonda não lhe deu tempo para recuperar, pontapeando-a no estômago e torcendo-lhe um braço atrás das costas. Stela gritou, mas não durou muito tempo e Keet avançou, atingindo Wonda na cabeça com a haste da sua lança de hora com tal violência que partiu a correia do seu elmo de madeira, fazendo-o deslizar para longe.

– Vamos! – gritou Keet, erguendo Stela enquanto os Lenhadores investiam.

Stela soltou-lhe a mão.

– Só quando atirar esta cadela feia ao chão! – Wonda erguia-se lentamente enquanto Stela avançava, com as guardas de impacto iluminando-se no punho enquanto esmurrava Wonda em cheio no maxilar.

Se Wonda fosse uma pessoa normal, mesmo um Lenhador normal, o golpe tê-la-ia matado. Mas a pele de Wonda também estava guardada e a sua armadura de madeira tinha hora no interior. Mesmo assim, Leesha ouviu ossos estalarem.

Leesha puxou pela varinha, mas Wonda ainda não tinha sido vencida. Esquivou-se ao golpe seguinte, segurando o pulso de Stela e usando o impulso desta para a puxar para um golpe que fraturou costelas.

Keet parecera não querer lutar, mas, depois de iniciada a luta, a sua aura ardia quase tão intensamente como a de Stela. Pontapeou um dos Lenhadores que investiam contra a mulher a seu lado, golpeando um terceiro na face. Um ano antes, fora um rapaz inofensivo, inocente e um pouco simples de ideias, mas,

naquele momento, movia-se como um predador, atingindo os inimigos onde eram mais fracos, sem nunca os perder de vista enquanto tentavam rodeá-lo.

Stela estava certa. Não tinham trazido guerreiros suficientes.

Stela e Wonda lutavam como demónios, trocando golpes ferozes. No calor da batalha, o sharusahk perdia a maior parte da sua arte, sobrando apenas uma sucessão brutal de pontapés, murros e torções. Wonda puxou-a para o chão consigo, tentando imobilizá-la, mas Stela atingiu-a com um cotovelo, iluminando uma guarda de impacto. Wonda foi projetada e Stela tentou inverter a chave, mas Wonda conseguiu erguer um pé entre ambas, afastando-a.

– Basta! – gritou Leesha, erguendo a varinha. Stela virou-se para ela, com olhos como os de um nuclita e começou a aproximar-se.

Leesha traçou uma sucessão experiente de guardas no ar tão facilmente como assinaria o seu nome. Podia ter usado magia para atacar Stela, mas a culpa não era da rapariga. Pelo menos, não totalmente. Em vez disso, construiu uma rede e começou a canalizar.

Stela gritou enquanto a magia lhe era arrancada. As suas guardas tornaram-se mais ténues enquanto a varinha lhe aquecia nas mãos. Wonda estendeu a mão para ela, gritou e afastou a mão quando ficou presa na rede.

– Trava Keet! – gritou Leesha. – Eu controlo isto!

Mas não parecia controlar nada. Stela endireitou-se, continuando a avançar, com os olhos flamejando. Smitt recuou um passo enquanto a sua neta se aproximava.

A varinha estava quente, mas Leesha cerrou os dentes e manteve-se firme, mesmo enquanto sentia o retorno atravessar as suas luvas especialmente guardadas, subindo-lhe pelo braço acima. Multiplicou-lhe a força, mas aumentou também a sua raiva e frustração.

– Como ousas? – gritou Leesha. – Não és nada! Um rato correndo no meu hospício! Dei-te o poder para te ergueres na noite e é isto o que fazes com ele? É assim que me pagas?! – Traçou mais guardas no ar, aumentando a intensidade da canalização.

E então, subitamente, a aura de Stela apagou-se, extinta como uma vela. Caiu ao chão, sem vida.

– Noite! – Ver aquilo fez Leesha recompor-se. Parou de canalizar e correu para a rapariga, com o pânico vibrando através dela enquanto a magia multiplicava também isso. Não pretendera canalizar tanto. Não pretendera matá-la.

Stela ainda estava quente, mas não respirava, o seu coração não batia e a sua aura estava escura. A varinha continuava quente na mão de Leesha e encostou-a

à guarda de chave no peito de Stela, devolvendo um pouco do que tinha tirado.

Leesha viu a guarda puxar avidamente a magia, lançando uma faísca pela rede, atravessando a correr o corpo de Stela. A rapariga estremeceu, arregalando os olhos enquanto enchia os pulmões e voltando a cair, arfando. A sua aura estava ténue, mas Leesha via o seu coração batendo novamente e soube que sobreviveria.

Quando aconteceu, Wonda e os Lenhadores tinham conseguido anular Keet, arrancando-lhe armas e armaduras. Wonda parecia sarar, mas o seu maxilar estava torto. Leesha talvez precisasse de voltar a parti-lo para que reparasse da forma certa.

– Keet e Stela Estalagem, estão presos – disse Leesha. – Esperei nunca precisar de usar as masmorras construídas pelo conde Thamos, mas não me deixam escolha.

Stela tossiu, cuspindo sangue, mas sorria.

– Não durante muito tempo. O Bando saberá disto. Virão salvar-nos.

– Se o fizerem, partilharão as vossas celas. – Mas, se as outras Crianças Guardadas comessem carne de demónio, Leesha sabia que não seria tão simples.

As coisas piorariam antes de melhorarem.

– Não percebo a necessidade de tudo isto, mestra – disse Darsy enquanto bebia chá com Leesha, vendo os soldados do Outeiro entrarem a marchar nos terrenos da Academia das Herbanárias.

Estavam no que fora, outrora, a cabana de Leesha, passando a ser a sede da administração da reitora Darsy. Era estranho ser uma visita na sua antiga casa.

– Espero que a necessidade não exista – disse Leesha –, mas o acampamento das Crianças Guardadas fica a poucos quilómetros de distância e será uma questão de tempo até perceberem que prendemos Stela e Keet. Com a magia a ampliar as suas emoções, talvez queiram contra-atacar e não seriam muito criteriosos com a escolha de alvo.

Darsy fixou nela um olhar conhecedor.

– A culpa não é tua, Leesha. Não sabias o que aconteceria.

– Não sabia? – perguntou Leesha. – Arlen disse-me que não guardasse pele. Noite. Implorou-me que não o fizesse! Sabia que efeito tinha na cabeça das pessoas. Disse a mim mesma que não nos dava o crédito devido, mas parece-me agora que era eu que não lhe reconhecia o mérito devido. A força de vontade para resistir a poder assim... Que tipo de pessoa o possuirá?

Darsy expirou.

– A princípio, pensei que Renna fosse má, mas veio do outro lado, não foi?

– Suponho que sim, mas tinha Arlen Fardos com ela, dia e noite. As Crianças só se têm umas às outras. – Leesha bebeu um gole do seu chá.

Melny saiu da cozinha com um tabuleiro.

– Biscoito, mestra?

– Obrigada, querida. – Leesha pegou num biscoito. – Têm um cheiro delicioso.

O sorriso de Melny iluminava-lhe a face. Era uma bela rapariga, com o peito volumoso mal contido pelo vestido feito em casa, mas, vendo como zelava pela casa de Darsy, ninguém adivinharia que era a duquesa de Angiers, tirada às escondidas da cidade com as aprendizas de Leesha quando o seu marido foi morto num ataque krasiano.

– Posso trazer-te outra coisa qualquer, mestra? – perguntou.

– O chá está um pouco doce – disse Leesha. – Na próxima ocasião, não preciso de açúcar no meu.

– Posso trazer outra chávena...

– Não faz mal, querida – disse Leesha. – Como tens passado?

– Muito bem, mestra. A reitora Darsy ensinou-me tantas coisas.

– Não lhe ensinei o suficiente sobre fazer biscoitos – murmurou Darsy enquanto a jovem saía, cantarolando para si mesma.

Leesha olhou o biscoito. Estava queimado na orla e o centro era demasiado grosso. Mordeu-o e descobriu que estava cru por dentro.

– A maior parte das aprendizas que resgataste tem-se saído bem. – Darsy abanou a cabeça. – Esta...

– Vi o marido dela morrer – disse Leesha. – Não tem ninguém e prometi mantê-la segura. – Era verdade, mesmo que não fosse a verdade inteira. Se o duque Pether não conseguisse gerar um herdeiro com a princesa Lorain de Miln, a criança no ventre de Melny seria o herdeiro do trono.

Leesha sabia que, um dia, poderia precisar de os usar a ambos como instrumentos políticos e odiava-se por isso.

– Obrigada por a teres acolhido.

Darsy encolheu os ombros.

– A rapariga não é muito esperta e continua a aprender as lides da cozinha e da vassoura, mas é boa com a agulha e está sempre animada. Mostra aquele sorriso bonito a toda a gente e todos a apaparicam, sobretudo com a criança no ventre.

– E como estão os teus hóspedes milneses? – perguntou Leesha.

– Aprendemos mais com eles do que eles connosco – admitiu Darsy. – O mestre de guilda Ragen e Mãe Elissa passaram a semana inteira a dar palestras sobre guardas. – Abanou a cabeça. – Mas não me parece certo ensinar magia de ossos a um homem.

– Terás de te habituar, Darsy – disse Leesha. – Tal como os homens terão de se habituar a mulheres que pegam em lanças. Olive faz-me pensar muito sobre os limites que definimos para nós mesmos. Porque não poderá um homem ser Herbanário, se tiver a aptidão e o desejo?

– Nucleada seja se souber. – Darsy expirou. – Mas é estranho, só isso. A seguir, vamos ensinar-lhes os segredos do fogo.

– Ouviste as notícias da Batalha de Angiers – disse Leesha. – Os homens de Miln já conhecem os segredos do fogo, mas nem todas as armas de chama do mundo os salvarão se um demónio da mente os escolher como alvos na Lua Nova. O mestre de guilda Ragen criou Arlen Fardos. Se não merecer confiança, poderemos abandonar a esperança.



TREZE

O TESTAMENTO DE ARLEN FARDOS

334 DR

– Vai ficar furiosa – advertiu Renna.

– Sim. Nem imaginas quanto – concordou Arlen. – Mas estará certa.

– De certeza que não queres que vá contigo? – perguntou Renna. Não o disse, mas a imagem de Arlen e Leesha num abraço apaixonado surgiu-lhe na aura. Não acreditou que fosse um risco real depois de se terem casado, mas também não conseguia esquecer que tinha acontecido.

– Não demoro a voltar para perto de ti, Ren – disse ele –, mas Leesha merece um grito e estou melhor equipado para o suportar sozinho.

– Desde que não passe disso – disse Renna. – Só eu tenho direito a esbofetear-te.

– Que sorte a minha. – Arlen piscou-lhe o olho, inspirando profundamente e deixando-se dissipar enquanto expirava. Os demónios chamavam àquilo o estado intermédio, em que existiam apenas como energia, sujeitos às correntes de magia que os rodeavam e com apenas a vontade para os manter no sítio.

Aplicou toda a sua vontade, encontrando um filamento de magia erguendo-se do Núcleo e usando-o como guia enquanto se deixava afundar abaixo da superfície. Outros caminhos se abriram, convergindo num labirinto complexo, mas não hesitou em escolher o seu rumo. Mesmo a centenas de quilómetros de

distância, sentia a corrente das grandes guardas do Outeiro, canalizando toda a magia na área para um grande vórtice.

Deixou-se canalizar até ficar dentro da rede, empregando a sua vontade e caindo numa órbita em torno do centro da grande guarda, impedindo-se de perder a essência.

O conhecimento alcançou-o depois de entrar na grande guarda e bebeu-o, absorvendo grande parte do que tinha acontecido durante a sua ausência enquanto procurava uma aura específica e deslizava em direção a ela com a velocidade do pensamento.

As guardas que Leesha tinha colocado à volta da fortaleza do conde eram notáveis, mas destinavam-se a repelir demónios e, em alguns casos, humanos. Arlen não era nem uma coisa nem a outra naquele momento, infiltrando-se entre as nesgas, invisível a olhos não guardados. Mesmo quem tinha vista guardada perceberia apenas um aumento na magia ambiente, canalizado pela força das guardas nas paredes.

Arlen deslizou por elas tão facilmente como deslizara pela grande guarda. Tinha ensinado Leesha a guardar e conhecia a sua caligrafia como ninguém. Correr sobre os seus traços era como acariciar uma parte dela, recordando-lhe as carícias que tinham partilhado no que lhe parecia ser uma outra vida. Sentia-se grato por Renna não estar com ele. Quando se dissipavam juntos, as emoções de cada um ficavam expostas.

Encontrou-a sentada no gabinete do conde. Materializou-se nas sombras, libertando um pouco da sua magia interna para as guardas de invisibilidade tatuadas nos seus membros.

Escondido, canalizou um toque de magia ambiente do gabinete, estudando. Já não era o gabinete do conde. Há meses que Thamos não vinha ali e um olhar para a aura de Leesha disse-lhe que passara a ser a condessa. O poder e os fardos que este trazia irradiavam como calor à sua volta, com imagens dançando em redor como demónios.

Arlen lembrou-se de respirar, interiorizando a dor. O conde Thamos, apesar de toda a sua bravata, fora um bom homem, de um tipo que não era muito comum. A sua morte não beneficiava em nada o mundo.

Leesha não estava sozinha. Wonda guardava-a, com guardas de caulinegra espreitando sob as mangas arregaçadas da sua blusa. O poder fazia-a brilhar e era belo de ver. Arlen vira milhares de auras, mas poucas eram tão puras e descomplicadas como a de Wonda Lenhador.

Mas isso não era nada por comparação com o que irradiava do berço. O filho de Leesha e Jardir ardia como um pequeno sol. Arlen engoliu em seco, erguendo uma mão para limpar uma lágrima do olho.

Havia guardas de silêncio inertes espalhadas pela divisão. Arlen traçou uma guarda no ar, ativando-as.

Leesha ficou hirta, sentindo a mudança. A mão dela moveu-se rapidamente para o cinto, de onde pendia uma varinha dourada de osso de demónio.

Sempre alerta, Wonda levou a mão à faca sobre a anca.

– Está tudo bem, mestra?

– Verifica a porta – disse Leesha. – Leva o arco.

– Não é preciso, Won. – Arlen saiu das sombras.

Leesha levantou-se imediatamente, traçando no ar uma guarda contra demónios miméticos.

– Não sou um demónio, Leesh – disse Arlen. – Sou eu. Juro.

– Libertador. – Wonda pousou um joelho no chão.

Arlen revirou os olhos.

– Quantas vezes preciso de te dizer que deixes de me chamar isso para me dares ouvidos, Wonda Lenhador?

Wonda encolheu os ombros, levantando-se.

– Um milhão de vezes, calculo.

– Vamos a meio caminho, então – disse Arlen.

– É bom ver-te, senhor – disse Wonda. – Sabia que não estavas morto.

– Também é bom ver-te – disse Arlen. – Tenho coisas para te dizer e a alguns outros, em breve. Orgulho-me de vocês. Mas, agora, peço-te que esperes à porta e assegures que não teremos visitantes inesperados.

– Sim, senhor. – Wonda pegou no arco e na aljava, dirigindo-se para a porta.

– Nem uma palavra a ninguém, Wonda – disse Leesha.

– Sim, mestra. – Wonda fechou a porta depois de sair.

– Condessa Papel – disse Arlen. – Faço uma vénia ou...

Leesha voltou a prender a varinha no cinto e abriu os braços.

– Cala-te e abraça-me.

Arlen abraçou-a com força e ela a ele. O cheiro dela encheu-lhe as narinas. Ervas e sabonete, a doçura do seu leite e aquele cheiro que era exclusivamente seu. Resistiu à ânsia de esconder a cara no cabelo dela, inspirando como outrora tinha feito.

Soltaram-se com relutância, mas, depois de se separarem, Leesha empurrou-o.

– Nucleado sejas, Arlen Fardos! Que susto nos pregaste a todos! Tu e os teus malditos planos secretos! Ahmann também está vivo?

Arlen esfregou a nuca.

– Claro que está, Leesha. Não matei ninguém. Renna disse-to.

– Não disse. – Leesha quase cuspiu as palavras. – Disse que não voltava, como tu não voltarias.

Bateu-lhe no peito. Podia tê-la travado ou podia ter-se esquivado ou dissipado, deixando que a mão o atravessasse, mas permitiu que acontecesse.

– Descarrega tudo, Leesh. Sei que mereço.

– Podes ter a certeza, pelo núcleo! – rosnou, mas a passividade dele anulou-lhe parte do ímpeto. As emoções de Leesha podiam ferver de vez em quando, mas, no seu coração, era uma criatura lógica. Tinha perguntas e não poderiam ser respondidas enquanto gritava.

Ouviu-se choro vindo do berço no outro extremo do gabinete.

– Vê o que fizeste – disse Leesha. – Acabei de a adormecer.

– Não era eu quem gritava. – Leesha dirigiu-se para o berço, mas Arlen foi mais rápido. Ergueu a criança nos braços, incapaz de conter o sorriso na face.

Arlen olhou e havia pânico na aura de Leesha. Aterrorizava-a que pudesse tocar na criança, mas controlou-o, não dizendo nada. Arlen estendeu um dedo e o bebé agarrou-o, com o choro esquecido enquanto os olhos minúsculos o fitavam.

Vendo a aura da criança de mais perto, percebeu o temor de Leesha.

– Sim, não é algo que se veja todos os dias.

A aura de Leesha tornou-se defensiva.

– É tudo o que tens a dizer?

Arlen ignorou a pergunta.

– Como se chama?

– Olive. – Arlen via a imagem de uma azeitona flutuando sobre Leesha, mordida e com o caroço exposto.

Riu-se.

– As oliveiras têm bolas penduradas.

Leesha cruzou os braços.

– A minha mãe disse isso.

– É um bom nome – disse Arlen. – De certeza que ela gostará dele.

A aura de Leesha passou de defensiva a curiosa.

– Que te faz pensar que Olive é uma ela?

Arlen olhou outra vez para a criança, colocando-se a mesma pergunta. Sondou mais profundamente, puxando um toque de magia através de Olive e absorvendo-o, estudando a marca que deixava. À sua volta, imagens dançavam-lhe na aura. Mais do que alguma vez vira. Não eram pensamentos ou memórias seus. Era demasiado jovem para isso. Eram possibilidades.

– Não sei – disse, por fim. – Mas sei que estou certo. Olive responderá quando a tratarem por «ela», mas saberá sempre que não pertence inteiramente a qualquer dos sexos.

A dor tingiu a aura de Leesha. Os seus olhos encheram-se de lágrimas e levou uma mão à boca para suprimir o choro.

Arlen aninhou Olive num braço, erguendo uma mão para apertar o ombro de Leesha.

– Não importa. Será Olive, demasiado grande para encaixar em qualquer classificação. O mundo terá de se habituar a ela.

Leesha não conseguiu suprimir uma gargalhada.

– A minha mãe também disse isso.

– Muito esperta, a tua mãe – disse Arlen. – Olive tem tempos duros à sua espera, mas é tão especial como os seus pais. Talvez mais. Não há nada que o mundo consiga arremessar-lhe que não consiga enfrentar.

Leesha olhou-o, com os olhos ainda molhados com lágrimas.

– Como sabes essas coisas?

Arlen olhou as imagens em movimento constante à volta de Olive e encolheu os ombros.

– Passei a ver coisas. Por vezes, vejo o que as pessoas pensam. Outras vezes... vejo outras coisas. É como os dados, calculo. Não o que será, mas o que poderá ser.

É provável que nenhum de nós tenha grande futuro à sua espera, mas, se conseguirmos passar o que aí vem...

– Onde está o pai dela? – perguntou Leesha.

– Ocupado com serviço de guarda até terminar o que faço aqui – disse Arlen. – Depois disso, tem assuntos próprios para resolver na Fortuna de Everam. A seguir, voltaremos a partir.

– Que assuntos? – quis saber Leesha. – Que guarda ele? Para onde partirão? O que vem aí?

Arlen expirou.

– Agitei um ninho de vespas, Leesh. Vem aí um enxame e a culpa poderá ser minha.

Arlen viu o clarão de dor atrás dos olhos de Leesha antes mesmo de pressionar a mão contra a têmpora, serenando-a.

– Pareces o Arlen Fardos que conheço. – Voltou para a cadeira. – Chá?

– Sim, obrigado – disse Arlen. Olive fechou os olhos e Arlen instalou-se devagar no sofá à frente de Leesha para não a acordar. Leesha serviu e Arlen pegou na chávena com a mão livre. Era amargo, mas não o surpreendia. Leesha não negava açúcar de propósito. Apenas nunca lhe ocorria que outras pessoas pudessem querê-lo.

Semicerrou os olhos e olhou-o através dos óculos guardados.

– Noite, Arlen. Se queres açúcar, basta pedires.

Sorriu-lhe.

– És melhor a ler auras do que dás a entender.

– Não é preciso ser um demónio da mente – disse Leesha. – Vejo um maldito açucareiro a flutuar sobre a tua cabeça.

– Não comeces a interpretar imagens até lhe apanhares o jeito – disse Arlen.

Leesha agitou uma mão, retirando importância àquilo, mas Arlen via que sentia agrado.

– Isto significa que passaste este tempo todo a querer açúcar e nunca disseste nada?

Arlen encolheu os ombros.

– Nunca o pões na mesa a não ser que alguém o peça e nunca quero incomodar. Bebi pior que chá amargo.

– Sangue de demónio? – perguntou Leesha. Arlen sentiu o sangue gelar. Manteve a máscara de regateador posta, sondando-lhe a aura para perceber o que sabia.

Expirou, pousando o chá.

– Como percebeste?

– Não percebi – disse Leesha. – Stela Estalagem, sim. Está presa nas masmorras numa cela guardada e dúzias de adolescentes embriagados com magia comem carne de demónio na Floresta das Herbanárias.

– Noite. – Arlen apoiou a cara na mão.

– Podias ter-me dito – disse Leesha. – Podias ter confiado em mim.

– Como confiei que não guardarias a pele das pessoas? – perguntou Arlen. – Como confiei que acreditasses quando te disse que demasiada magia era perigosa? Viste em que me tornei, Leesha. Vivendo na floresta como um animal, esquecendo que sou um homem. Quase te abandonei e a Rojer na estrada para enfrentarem a morte e isso aconteceu num dia bom.

Leesha cruzou os braços.

– Mas com Renna não houve problema?

Arlen franziu a testa.

– Renna não me deu mais escolha que tu, Leesh. Estou rodeado por mulheres que não fazem o que lhes peço.

Leesha sorriu-lhe.

– Talvez precises disso para não te comportares como um tolo.

Arlen não conseguiu evitar o riso.

– Sim, talvez.

Leesha levantou-se, aproximando-se de uma mesa que suportava um serviço de chá em barro. Nada de pratas finas para aquela duquesa. Voltou com o açucareiro, pegando na pinça e deixando cair dois cubos na sua chávena. Pousou o açucareiro e regressou ao seu lugar.

– Agora, diz-me o que fizeste.

– Confio em ti, Leesha Papel – disse Arlen. – Sempre confiei. Mas, tal como não me entregaste os segredos do fogo quando tos pedi, também ocultei algumas coisas. Todos temos direito a dar ouvidos aos nossos instintos.

Leesha uniu os lábios, mas não argumentou.

Arlen suspirou.

– Não sei se sobreviverei para voltar a ver-te e deixou de fazer sentido guardar segredos. Conto-te tudo o que queres saber, mas preciso que jures que não o partilharás com ninguém. Se alguém souber o que estou prestes a contar-te e for capturado por um demónio da mente, o mundo inteiro correrá perigo.

Leesha não hesitou.

– Juro pela criança que dorme no teu braço. Os teus segredos estão seguros comigo.

Arlen acenou afirmativamente.

– Não é por acidente que os demónios da mente me perseguem a mim ou a Jardir. Encaram esta questão do Libertador com maior seriedade ainda que os Protetores. Chamam-nos Unificadores. Mentes capazes de motivar lacaios a formar uma resistência real. Enquanto existíssemos, continuariam a vir.

– Renna disse o mesmo quando a enviaste – disse Leesha.

– Pensei que pudéssemos enfrentá-los como fizeram no passado remoto – disse Arlen. – Depois, apanharam-me naquela armadilha na Lua Nova e vasculharam a minha mente como alguém vasculhará um baú. Ouvi-os conversarem dentro da minha cabeça. Viram a minha vida e os meus planos e riram-se como se fossem

piadas. Depois – tocou na têmpora com um dedo – , deixaram escapar um pequeno pormenor.

– O quê? – Arlen conseguia ver que resistia ao instinto de se inclinar para ele.

– Viram onde encontrei as guardas – disse Arlen. – Viram Anoch Sun e juraram voltar lá na Lua Nova seguinte para obliterarem tudo.

Leesha semicerrou os olhos.

– Sabias onde estariam.

Arlen acenou com a cabeça.

– Percebi nesse momento que não podia matar Jardir. Os demónios viram esse plano na minha mente. Precisava de fazer alguma coisa que não esperassem.

– O Domin Sharum foi um estratagema desde o início – supôs Leesha. – Raptaste Ahmann e levaste-o para lá.

Arlen confirmou com um aceno.

– E também Renna, Shanvah e Shanjat.

Leesha cerrou um punho, com a aura ardendo de raiva.

– Mas não eu, Rojer, Gared ou...

– Não podia correr o risco – disse Arlen. – Dependia tudo da possibilidade de nos escondermos dentro de uma minúscula cripta funerária até os demónios da mente virem cagar no sarcófago de Kaji. Cada corpo acrescentado aumentava a possibilidade de nos avistarem antes de atacarmos.

– O que aconteceu? – perguntou Leesha.

– A coroa de Jardir projeta um campo guardado esférico – explicou Arlen. – Os demónios não conseguem entrar e não conseguem sair. Matámos alguns dos demónios da mente menores e aprisionámos o grandalhão connosco.

Os olhos de Leesha arregalaram-se.

– Dizes que...?

Arlen acenou afirmativamente.

– Alagai Ka. É tão real como tu e eu.

– Mataram-no? – perguntou Leesha.

Arlen olhou em redor, verificando se as guardas de silêncio continuavam ativas. Canalizou mais algumas como precaução. Invisibilidade. Confusão. Leesha olhou-o, pacientemente.

– O miserável nucleado limpou o chão connosco – disse. – Literalmente. Só unindo esforços com Jardir e Renna, usando todos os nossos truques e armadilhas, para o derrotarmos finalmente e para o acorrentarmos.

Leesha abriu a boca de espanto.

– Acorrentaram-no?

– Está vivo – disse Arlen. – É o que Jardir guarda.

– Mas porquê? – perguntou Leesha.

– A resposta não te agradará – advertiu Arlen.

Leesha fez uma careta, cruzando os braços.

– Desembucha.

– Vamos obrigá-lo a levar-nos ao Núcleo para matar a rainha dos demónios.

– Noite. – A aura de Leesha mostrou que tinha preparado um sermão, mas, quando interiorizou a enormidade das suas palavras, serenou. – E os demónios formarão um enxame para vos impedirem?

Arlen abanou a cabeça.

– Não exatamente.

– Noite – repetiu Leesha, quando Arlen concluiu a explicação. Sempre soubera que era louco, mas aquilo... – Ainda pensas que descer à colmeia é uma boa ideia?

– Tens uma ideia melhor? – perguntou Arlen.

Olive continuava a dormir na dobra do seu braço, parecendo tão pacífica. A sua aura envolvia-a, protetora. Como seria para ela crescer sem o ter conhecido? Sem ter conhecido o seu pai? Leesha não era tão hábil como eles a ler auras, mas conseguia ver que Arlen via aquilo como uma missão sem regresso.

– Dizes que os demónios da mente menores já fazem ninhos – disse Leesha. – Podes matar o rei dos demónios e caçá-los, um a um. Trava a guerra dos demónios da forma tradicional.

– Havia muito mais gente no passado – disse Arlen. – O exército de Kaji tinha milhões de soldados. Não temos lanças suficientes no presente e muito menos se a rainha puser mais cem mil novos ovos de demónio. – Expirou. – Mas talvez esta seja a forma tradicional, mais ou menos. O Evejah diz que Kaji levou o combate para debaixo do chão e Alagai Ka confirma-o.

– Kaji matou a rainha dos demónios? – perguntou Leesha.

– Tentou – disse Arlen. – Não esteve longe. Mas algo aconteceu no último momento. Só o Criador saberá o que foi.

– Desde quando acreditas no Criador? – perguntou Leesha.

Arlen encolheu os ombros.

– Percebes o que quero dizer.

– Como sabes que este demónio não vos conduz para uma armadilha? – perguntou Leesha.

Voltou a encolher os ombros daquela forma enervante.

– É provável que o faça. Mas os nuclitas não sabem que vamos a caminho e, graças às tuas capas, não é provável que nos vejam. Com o paizinho dos demónios tatuado e acorrentado, os danos que pode provocar são limitados.

– Parece-me que já te mostrou que essa limitação se situa além do que esperavas.

Arlen acenou com a cabeça.

– Não correremos riscos desnecessários, mas não podemos ficar sentados à espera que a noite caia de vez.

– Não – concordou Leesha. – Não podem.

– Os demónios da mente tentarão partir as Cidades Livres como ovos – advertiu Arlen. – Precisarão de carne fresca para alimentar as rainhas para a postura. Cada centro urbano será atingido enquanto definirem os seus territórios.

– Que acontece quando nos matarem a todos e ficarem sem comida? – Leesha massajou a têmpora.

– Alargam o seu alcance – disse Arlen. – Não somos as únicas pessoas no mundo, Leesha, e este enxame não será o único.

– E então? – perguntou Leesha. – Matarás a rainha, resistimos ao enxame e será tudo uma solução temporária?

Arlen abanou a cabeça.

– Não se continuarmos a construir grandes guardas. Se sobrevivermos ao próximo ano, daqui a uma geração, os nuclitas não conseguirão materializar-se em qualquer ponto de Thesa.

– Acreditas realmente nisso? – perguntou Leesha.

– Tanto quanto acredito em qualquer coisa – disse Arlen, sem qualquer mentira na sua aura. – Quando era pequeno, as pessoas não acreditavam que os demónios pudessem ser enfrentados. Provei que se enganavam. A seguir, as pessoas não acreditaram que krasianos e thesanos pudessem trabalhar juntos. Provei que também se enganavam a esse respeito. Escreveremos os nossos próprios destinos, Leesh, enquanto tivermos coragem para o fazermos.

Olive gorgolejou, aninhando-se mais contra ele, e Leesha cerrou um punho.

– Então é isso o que faremos. De que precisas?

– Teremos de avisar as outras cidades – disse Arlen. – Podes ocupar-te de Angiers? Euchor não te dará ouvidos, mas tenho alguns amigos em Miln...

– Não tens – interrompeu Leesha.

– Hã? – perguntou Arlen.

Leesha saboreou o momento.

– Elissa e Ragen estão aqui no Outeiro.

Arlen arregalou tanto os olhos que ficaram a parecer pires de chávena. Sorriu.

– Estavam em Lakton quando os krasianos atacaram. Estão instalados nesta mesma fortaleza enquanto juntam mantimentos para o regresso a casa.

– Isso poupa-me a viagem. – Arlen recuperou o controlo da expressão, mas Leesha percebia o prazer proporcionado pelas suas palavras.

Criador, que tenha o seu momento de alegria. Arlen Fardos merecê-lo-á mais que ninguém.

– Podes pedir a Wonda que os traga aqui enquanto regresso para ir buscar Ren, por favor? – pediu Arlen. – Rojer e Gared também.

Leesha estacou, mantendo a expressão calma. Mas não importava. Arlen percebeu imediatamente. Os seus olhos fixaram-se num ponto acima do ombro dela, vendo o fantasma que, sem dúvida, aí pairaria. Qualquer vestígio de agrado desapareceu da sua aura.

– Rojer morreu?!

No seu braço, Olive começou a chorar.

Arlen continuava a limpar lágrimas quando se materializou com Renna no gabinete privado de Leesha. Esta tinha reunido Ragen, Elissa, Derek, Wonda e Gared, como prometera.

– Noite – murmurou Gared para Wonda. – Passaria a vida inteira sem esperar ver o Libertador chorar.

Leesha arregalou-lhe os olhos, mas era demasiado tarde. Arlen tinha ouvidos de morcego.

– Humano como és, Gar – ripostou –, não me reconheces o direito de verter algumas lágrimas pelo meu amigo?

– Claro que sim – disse Gared. – Queria dizer apenas...

– Querias dizer apenas que continuas preso a essa tolice do Libertador quando há lenha para rachar! – Tinha desaparecido a serenidade que estavam habituados a ver na cara de Arlen. Os seus olhos ardiam, como os de Stela. A sua aura flamejava com um vermelho tórrido e todos no gabinete conseguiam vê-la.

Arlen avançou e Gared recuou. Os seus joelhos cederam e a aura de Arlen ardia.

– Juro, Gared, se tentares ajoelhar-te, vou...

Leesha deu um passo em frente, mas foi Renna, com os olhos também húmidos, inchados e vermelhos a pousar-lhe uma mão no braço, acalmando-o.

– Respira – murmurou.

Arlen ergueu os ombros, inspirando profundamente. A raiva desapareceu-lhe da aura enquanto expirava e todos no gabinete se uniram num suspiro de alívio.

– Desculpa, Gar – disse Arlen.

– Mereci. – Gared corou e agitou uma mão para retirar importância ao sucedido. – Mas talvez precise de mudar de ceroulas.

– Não mereceste – disse Arlen. – Não é contigo que estou irritado. Devia ter estado presente. Devia...

– Sim – disse Gared. – Penso isso todas as noites. Não devias ter saído da cidade quando estava preso.

– Todos pensamos o mesmo – disse Leesha. – Nenhum de nós imaginou que Janson pudesse ter tamanha ousadia.

A aura de Renna flamejou.

– Espero que este Janson já não respire.

Leesha olhou em redor. Com o regresso das esposas de Rojer a Krasia, o segredo deixava de importar.

– Sikvah cortou-lhe o pescoço numa latrina do palácio.

Gared pestanejou.

– A pequena Sikvah? Não pode ser verdade.

– Acredita – disse Wonda. – Atravessei-me no caminho dela nessa noite. Deu cabo de mim como se espancasse um fedelho.

– Não se perde nada. – Renna cuspiu no chão e Leesha mordeu a língua.

– Perdoem-me ter faltado à cerimónia – disse Arlen. – Leesha diz que foi digna de ver.

– Veio o Outeiro em peso – disse Wonda. – Dezenas de milhar, cantando as canções de Rojer e pedindo para ele as bênçãos do Criador no Paraíso.

– Chegámos ao Outeiro enquanto decorria – disse Ragen.

– Nunca vi nada tão belo – acrescentou Elissa.

Arlen engoliu em seco.

– Pelo menos, tive alguém da família presente. – Arlen e Ragen estenderam as mãos um ao outro, mas mudaram de ideias e abraçaram-se brevemente, aplicando-se palmadas nas costas.

Homens, pensou Leesha, lutando contra o impulso de revirar os olhos.

Elissa estendeu os braços e Arlen caiu entre eles. Estremeceu e todos baixaram os olhos, permitindo-lhes um momento de privacidade. Renna olhou a sua saliva no chão e traçou uma guarda com o dedo, evaporando-a.

Quando se afastaram finalmente, Elissa pegou num lenço de seda, limpando delicadamente os olhos de Arlen. Era difícil imaginar o Arlen que Leesha conhecia deixando alguém fazer aquilo, mas limitou-se a soluçar até Elissa terminar, aplicando-lhe um beijo.

Arlen virou-se e estendeu um braço a Renna.

– Esta é a minha mulher, Renna Fardos.

Renna deu um passo em frente, mas manteve os olhos baixos. A vergonha tingiu-lhe a aura enquanto imagens surgiam em redor. Um vestido adequado. Uma banheira. Uma memória de si antes de ter cortado o cabelo com uma faca para o impedir de atrapalhar enquanto lutava.

Criador, mudou tanto no último ano. Leesha abanou ligeiramente a cabeça. *Noite. Todos mudámos.*

Os sentimentos de Renna eram compreensíveis, especialmente na presença de Mãe Elissa, que envergava a nobreza como uma túnica. Mas não havia qualquer sinal em aura ou expressão de que isso lhe importasse minimamente. Manteve os braços abertos para Renna como tinha feito para Arlen, abraçando com força a jovem relutante.

– Tens tomado conta do meu rapaz? – perguntou Elissa em voz baixa.

Renna fungou e acenou com a cabeça.

– Dou o meu melhor. – Afastou-se e os seus olhos fixaram-se finalmente. – Estava lá quando Arlen perdeu a mãe. Contou-me como tu e Arlen estiveram lá para ele, mesmo quando não sabia que precisava de vocês. Agradeço-vos isso.

E, nesse momento, foi Elissa a soluçar, abraçando-se novamente.

Derek avançou a seguir, fitando Arlen e tentando ver além das tatuagens na sua cara. Imagens surgiram sobre ele. Arlen em jovem, com cabelo alourado e faces lisas, sem qualquer guarda na pele. Era belo e o coração de Leesha contraiu-se num aperto doloroso ao ver aquilo.

Derek estendeu a mão.

– Há muito tempo.

Arlen afastou a mão, puxando o homem para um abraço brusco.

– Demasiado. E tornaste-te Mensageiro! Quem teria pensado?

Derek sorriu.

– Precisava só de um pontapé pela porta fora. Ainda apodreceria no Ouro de Brayan sem ti.

Arlen retirou importância às palavras com um gesto.

– Como estão Stasy e Jef?

– Suficientemente bem, quando posso vê-los – respondeu Derek. – O conde Brayan tem-nos trancados na fortaleza e, depois de uma quinzena em visita, deixo de ser bem-vindo.

– Nesse caso, compra uma casa – disse Arlen.

– Não é assim tão fácil – disse Derek. – Stasy e Jef têm sangue real e eu não. Não posso dar-lhes uma vida como o conde Brayan pode, mesmo que os deixasse partir. Tudo o que posso fazer é continuar a trabalhar. Um dia, talvez ganhe o suficiente para os resgatar.

Arlen estalou a língua.

– Nucleado seja o teu «um dia». Resolvo isto agora. Não arriscámos a vida para chegares a Miln para Brayan te tratar com sobranceria. Vales dez dele. – Olhou Leesha. – Importas-te que use a tua mesa?

Leesha autorizou com um aceno e Arlen sentou-se e pegou numa folha de pergaminho limpa, mergulhando a caneta com mão experiente. Olhou Ragen.

– Que me deixou Cob no seu testamento?

– Cinquenta e um por cento do negócio das guardas – disse Ragen. – E dois dos cinco lugares na Bolsa de Guardas. O teu e o dele. Temo-los alugado. Vales milhões de sóis, se algum dia os reclamares.

Arlen acenou com a cabeça, debruçando-se e escrevendo no topo da página com a sua caligrafia bela e fluida.

Testamento de Arlen Fardos

– O lugar de Cob fica para ti e para Elissa – disse Arlen a Ragen. – Juntamente com trinta dos meus cinquenta e um por cento. – Olhou Derek. – O meu lugar e vinte e um por cento do negócio ficam para ti.

Derek arregalou os olhos e a sua aura ficou branca com o choque.

– Não podes falar a sério.

– Sério como o anoitecer – disse Arlen. – Deixaste as guardas para me procurares quando achaste que precisava de ajuda. Agora, és tu quem precisa de ajuda e de bom grado ta darei.

– Sim – gaguejou Derek. – Mas milhões de sóis? E se precisares deles, um dia?

– Não é provável no sítio para onde vou – disse Arlen. – Além disso, tenho ouro suficiente espalhado por Thesa inteira.

– É verdade – disse Gared. – Vi os barris.

– Guardas o ouro em barris?! – perguntou Derek, chocado.

– Não o posso deixar no chão, pois não? – perguntou Arlen. Terminou de escrever, soprando a tinta para a secar. – Preciso de testemunhas. Leesha? Gar?

Leesha pegou na caneta e assinou o nome, passando-a a Gar. Este franziu a testa, a sua mão tremeu um pouco, mas conseguiu escrever o nome. As lições de Rosal progrediam bem.

– Pronto – disse Arlen, passando o mata-borrão sobre o pergaminho e enrolando-o. – Quero ver Brayan tentar deitar-te abaixo agora.

– Mas não morreste – disse Derek.

– Tanto quanto sabe o mundo, morri – disse Arlen. – Não tens de olhar por cima do ombro, Derek. É tudo teu.

– Eu... – Derek abanou a cabeça. – Não sei o que dizer.

– Diz *obrigado* – sugeriu Elissa.

Derek puxou Arlen para outro abraço.

– Obrigado.

– Parabéns, companheiro! – Ragen bateu com a mão nas costas de Derek. – É uma sorte contar contigo!

Passaram-se alguns minutos até Leesha conseguir sentá-los a todos para o chá. Fez questão de pôr o açucareiro ao alcance de todos.

Arlen puxou por uma carta, passando-a a Ragen.

– Para o Protetor Ronnell. É outro que tem esta tolice do Libertador metida na cabeça, mas isso significa que dará ouvidos, ao contrário de Euchor.

Ragen aceitou a carta.

– Queres que lhe digamos que estás vivo?

– Ninguém fora destas paredes precisa de saber isso. – Os olhos de Arlen passaram pelos de todos os presentes enquanto falava. – Tu e Elissa deixaram Miln pouco depois do meu desaparecimento. É suficientemente fácil dizer que encontraram isso e o meu testamento quando atravessaram o Outeiro pela primeira vez e que têm trazido as duas coisas convosco desde então.

– Trocámos muitas mensagens com Miln nos últimos meses – referiu Elissa.

Arlen encolheu os ombros.

– Digam-lhe que foram entregues por Rojer com instruções para não confiarem em mais ninguém.

– Uma mensagem secreta enviada imediatamente antes do teu desaparecimento misterioso? – perguntou Elissa. – Não ajudará a anular a crença de que és o Libertador.

– Acho que nada o fará – disse Arlen. – A crença é uma coisa teimosa como um demónio da rocha.

– Sim – concordou Elissa. – Como a tua crença de que não és o Libertador.

Arlen revirou os olhos.

– Noite. Tu também?

– Não há nenhum teste para determinar se alguém é ou não o Libertador – recordou Ragen.

Arlen olhou-o, incrédulo.

– Tu próprio me ensinaste que não existem Libertadores.

– Nunca te ensinei semelhante coisa – disse Ragen. – Disse que, quando a humanidade precisou deles, grandes generais se ergueram para nos comandarem. A sua existência está documentada, Arlen. É um facto. O Criador não desceu do Paraíso para o confirmar, na época, e não espero que o faça agora, mas isso não muda o facto de o nosso mundo inteiro ter sido transformado porque a teimosia de Arlen Fardos o conduziu por determinado caminho.

– É isso mesmo, pelo Núcleo – disse Gared. E até Leesha sentiu a força do argumento. Arlen Fardos era o Libertador? Ou Ahmann? A bênção divina importava se pretendiam percorrer esse caminho?

– Não posso deixar que as pessoas esperem que as salve – argumentou Arlen.

– Começo a cansar-me de ouvir isso – disse Wonda. – Acreditei em ti desde o início. Não me impediu de lutar.

– Ou a mim – acrescentou Gared.

– Ou à maioria do Outeiro – acrescentou Leesha. Arlen franziu-lhe a testa, virando-se para Renna a seguir.

– Que importa? – perguntou a sua mulher. – Não muda o que todos temos de fazer.

Algo amansou na aura de Arlen quando ouviu isto. A teimosia tornou-se contemplação.

– A crença de Ronnell e dos outros Protetores poderá ser tudo o que conseguirá salvar Miln a tempo. Aproximam-se problemas e depressa. Euchor depositou toda a sua fé nas suas armas de chama, mas não serão suficientes. Nem por sombras. Os Templos serão os sítios mais seguros em Miln quando os demónios passarem as muralhas.

Ragen e Elissa entreolharam-se, empalidecendo.

– Achas que chegará a esse ponto? – perguntou Ragen.

– As muralhas de Miln erguem-se porque nunca foram realmente testadas – disse Arlen. – Se Um Braço conseguiu rachá-las, os demónios da mente não terão dificuldade. As guardas dos Templos são mais fortes, mas, mesmo assim,

não resistirão a demónios da rocha com pedras para arremessar. Não será suficiente que se escondam. As pessoas têm de estar prontas para lutar.

Resumiu rapidamente grande parte do que tinha contado a Leesha. A captura do rei dos demónios, o enxame vindouro e o seu plano de atacar a colmeia.

Gared levantou-se depois de ouvir aquilo.

– Vou contigo.

– Não vais – replicou Arlen.

Wonda também se levantou.

– Não posso deixar que desçam os dois sozinhos.

– Não vamos sozinhos – disse Renna. – Jardir e Shanvah vêm connosco e sabem lutar. Vocês os dois poderão fazer mais aqui do que lá em baixo.

Gared abanou a cabeça.

– É mau que chegue o que aconteceu a Rojer...

– Acontecerá ao Condado do Outeiro se não tiverem Gared e Wonda Lenhador na próxima Lua Nova – disse Arlen. – É muito importante para nós ouvir-vos dizerem que estão dispostos a ir, mas Renna tem razão. Não é a vossa luta.

– Mas aceito a vossa ajuda com Promessa – disse Renna. – Acho que não a quero levar connosco para a escuridão.

– Claro – disse Wonda.

– Promessa precisa de uma mão firme. – A voz de Renna fraquejou. Era como a voz de uma mãe entregando um filho. – Mas não recuará de uma luta.

– Cuido bem dela – disse Wonda. – Juro pelo sol.

– Vamos precisar de toda a ajuda que conseguirmos – disse Arlen. – Os demónios da mente atacarão em força. Precisarão de ser inteligentes no combate, aproveitando todas as vantagens. Mantenham o Outeiro seguro, mas encontrem o ninho e destruam-no se conseguirem. Será num sítio com acesso à superfície para uma caverna. Suficientemente perto para que orientem os servos que atacarem o Outeiro, mas suficientemente longe para não os encontrarem por acidente.

– Enviarei batedores amanhã de manhã – disse Leesha.

– Seria melhor se ainda tivesses Amanvah e os seus dados – disse Arlen.

– Amanvah regressou a Krasia, mas prometeu enviar outra dama’ting para nos auxiliar – disse Leesha.

– Confiava pouco em Amanvah, mas, pelo menos, era casada com Rojer – disse Gared. – Teremos de confiar agora numa sacerdotisa sem qualquer ligação com o Outeiro?

– Sei como te sentes, Gar – disse Arlen. – Juro que sim. Mas teremos de começar a confiar, algum dia. Já não temos tempo para lutarmos entre nós. Se houver um príncipe de demónios à solta, será a última coisa que fará um bom evejano mentir.

– A próxima Lua Nova virá em menos de uma semana – disse Renna. – Chegará a tempo?

Leesha abanou a cabeça.

– Até lá, Amanvah ensinou-me qualquer coisa sobre ler os dados e tenho talhado um conjunto. Talvez consiga ajudar a indicar o caminho.

– Sabes o que fazes? – perguntou-lhe Arlen.

Leesha sorriu.

– Tu sabes?

Gared e Wonda pareciam escandalizados pela pergunta, mas Arlen riu-se.

– Bem visto.

– Servirá para o Outeiro – disse Ragen –, mas há mil grutas em Miln onde um demónio da mente poderá esconder-se do sol.

– Miln não tem um Libertador... ainda. – Arlen pestanejou. – Os demónios da mente vão subestimar-vos. Talvez sejam suficientemente tolos para se mostrarem.

– E se não forem? – perguntou Elissa.

– Deixa-me um vidro com o teu sangue – sugeriu Leesha. – Talvez consiga lançar os dados ou persuadir a dama'ting a fazê-lo por ti.

Arlen acenou afirmativamente.

– Bem pensado. Falarei com Jardir antes de voltar para Krasia. Veremos se conseguirá ajudar-vos nisso.

– E Angiers? – perguntou Leesha. – E Lakton?

– Lakton corre menos perigo – disse Arlen. – A cidade, pelo menos. A água não é um bom condutor de magia e os demónios da mente não conseguem controlar servos no lago a partir da margem. Os krasianos terão de conseguir lidar com os que estiverem em terra. Quanto a Angiers... – Encolheu os ombros. – Não sei grande coisa sobre o duque Pether e duvido que se sinta disposto a ouvir-me se me materializar no seu gabinete como fiz no teu.

– Tens razão – disse Leesha. – Vê-te como uma ameaça e incita ativamente o seu Conselho de Protetores contra ti.

Arlen expirou, olhando Ragen.

– Passaste mais tempo lá do que qualquer outra pessoa. Conheces alguém disposto a ouvir?

– Lidei sobretudo com Rhinebeck e Janson – disse Ragen. – Cacei algumas vezes com os irmãos reais, mas cada um tinha uma comitiva própria e Pether era o que menos conhecia. Recordar-se-ia o suficiente de mim para conseguir uma audiência, mas duvido que conseguisse convencê-lo com prenúncios de destruição. Fizemos muita coisa para encher os bolsos do mestre da Guilda dos Guardadores, mas os Protetores têm Guardadores próprios e, com Pether no trono, a guilda perdeu a posição privilegiada que tinha.

Leesha olhou Elissa.

– Terás de te encontrar com Araine.

– A duquesa-mãe? – perguntou Arlen. – Como poderá essa velha tonta ajudar?

– Não é tonta. – O tom contido de Wonda era respeitoso, mas Leesha via lealdade feroz na sua aura e sabia que Arlen veria o mesmo. – Só favoreceu o Outeiro.

– É mais esperta do que parece – concordou Gared. – Mas não ajudará muito numa guerra.

Leesha suspirou. Se as coisas fossem tão graves como Arlen dizia, seria inútil continuar a manter segredos.

– Até Rhinebeck ser assassinado e até Sikvah matar Janson, a duquesa Araine era o verdadeiro poder em Angiers.

Arlen pestanejou.

– De que forma?

– Sempre disseste que a realeza não conseguia atar os sapatos sem Janson – disse Leesha. – Era uma verdade maior do que calculavas. O que tu e todos os outros não sabiam era que Janson informava diretamente Araine.

Arlen fixava os olhos nela, lendo-lhe a aura e Leesha percebeu que conseguia ver a verdade das suas palavras.

– Quando *desapareci* antes da tua audiência com o duque, foi para me encontrar com ela e negociar um acordo para o Outeiro. Tudo o que aconteceu na vossa reunião foi orquestrado por Araine. Rhinebeck teve tanta influência nos acontecimentos como um cavalo de Mensageiro terá influência no caminho a seguir.

– *Hmm* – disse Arlen. – E agora que Rhinebeck e Janson estão mortos?

– Não sei – admitiu Leesha. – A duquesa Lorain estava em ascensão quando partimos e Pether convenceu-se de que o Criador o sentou no trono.

– Sentir-se-á mais disposta a acreditar em nós sem provas? – perguntou Elissa.

– Escreverei cartas – disse Leesha. – Jizell, a minha antiga professora, passou a ser a Herbanária Real. Esteve no Outeiro e viu o que enfrentamos. Ouvir-me-á,

espero.

– Noite – disse Arlen. – Não temos tempo para política e sussurros. Precisamos de todos os aliados que encontrarmos.

– A tua ajuda seria útil com aliados mais próximos de casa – disse Leesha. – Preciso que fales com as Crianças Guardadas.

Arlen abanou a cabeça.

– Nem pensar.

– Disseste que precisamos de todos os aliados – insistiu Leesha. – De todas as vantagens. São fortes, Arlen, e veneram-te. És o único capaz de os guiar.

Arlen voltou a abanar a cabeça.

– Não fingi a minha morte nem me escondi numa torre durante todos estes meses para me mostrar diante de uma multidão. Quanto mais pessoas souberem que estou vivo, mais arriscamos tudo. Esta barafunda é da tua responsabilidade, Leesha. Terás de ser tu a resolvê-la.

– De que falam? – perguntou Renna.

Arlen virou-se para ela.

– Leesha pintou guardas de caulinegra num bando de miúdos. Enlouqueceram e deixaram de ser como eram.

– Não me parece assim tão mau – considerou Renna.

– Até terem comido o coração de um demónio – disse Arlen.

– Noite – murmurou Renna.

Gared parecia ter ficado verde.

– Não é venenoso?

Arlen expirou.

– É o que quero que todos pensem. Alguma vez te questionaste acerca do que faz com que Ren e eu tenhamos poderes durante o dia? Porque Sombra, o cão de Evin, ficou tão grande como um lobo?

– Arlen... – começou Elissa.

Arlen olhou-a e a dor tingiu-lhe a aura.

– Não tive escolha. Os krasianos abandonaram-me no deserto para morrer. Não tinha mais nada para comer. Pensei: *Roubam-nos tanto. Porque não posso roubar-lhes também alguma coisa?*

– Acho que vou vomitar – disse Wonda.

– Silêncio – disse-lhe Leesha.

– Não faz mal – disse Arlen. – Não te censuro, Won. Mas sentiste como é guardar a pele.

– Enlouquece-se – concordou Wonda. – Perdemos o juízo.

Arlen acenou com a cabeça.

– Tinha acabado de descobrir as guardas de combate. Certo ou errado, não pensava em nada além de sobreviver tempo suficiente para as trazer de volta para o mundo.

– Se achas que guardas na pele te deixam louca, não se compara a comer carne de demónio – disse Renna. – Comecei a fazê-lo para conseguir acompanhar Arlen, pouco antes de virmos para o Outeiro. Lembram-se de como era?

– Assustadora. – Gared encolheu-se quando Renna se virou para ele. – Sem ofensa.

Renna sorriu-lhe.

– Assustava-me a mim mesma. Ainda assusto, às vezes. Cada dia é uma nova luta. Mas tinha Arlen Fardos para me ajudar a ultrapassar isso.

– Stela e os outros também precisam de ti – disse Leesha a Arlen.

– Não posso segurar na mão de todos – disse Arlen. – Estou morto para o mundo. Terei de continuar assim. Stela está nas masmorras agora – disse Leesha. – Mais cedo ou mais tarde, os outros virão resgatá-la e teremos uma guerra civil quando mais precisamos de união.

Arlen virou-lhes as costas, cerrando os punhos.

Renna virou-se para Leesha.

– Sei que estamos no teu gabinete, mestra, mas gostaria de uns minutos sozinha com o meu marido.

Flutuava sobre ela uma imagem fantasmagórica de Renna batendo na nuca rapada de Arlen. Era tão cómico que Leesha precisou de conter um sorriso.

– Claro.

Arlen não precisou de ver a aura de Renna para reconhecer o tom de voz quando pediu aos outros que saíssem. Obrigou-a a prometer que o faria ver a razão à força, quando fosse necessário, e era uma promessa que nunca hesitara em cumprir. Virou-se, preparado para defletir o tabefe.

Mas Renna erguia-se calmamente, com os braços cruzados. Não havia raiva na sua aura. Apenas desilusão.

– Viras as costas às pessoas quando precisam de ti? Não foi com esse homem que casei.

Cerrou os dentes ouvindo as palavras dolorosas.

– Que posso fazer, Ren? Mal consegui controlar-te quando te tornaste selvagem. Pelo que Leesha disse, são dúzias deles. Não tenho tempo para isto.

– Então vamos desistir deles? – perguntou Renna. – Da gente do Outeiro? De Stela Estalagem? De Callen Lenhador? Tu e eu merecemos ser salvos, mas eles não?

– Não é assim tão simples – disse Arlen.

Renna abanou a cabeça.

– Todos Libertadores, disseste. Falavas a sério ou eram só palavras para enganares um bando de lenhadores assustados, obrigando-os a sair para a noite?

– Claro que falava a sério – disse Arlen.

– Então precisamos de arranjar tempo – disse Renna. – Podes dar-lhes um par de horas.

Arlen franziu a testa.

– Um par de horas não servirá. Há dois anos que tenho ajuda e, mesmo assim, quase arranquei a cabeça a Gared Lenhador quando tocou um nervo sensível. Ouviste Leesha. Franq pôs-lhes as cabeças às voltas com esta tolice do Libertador. Começou já a distorcer as nossas palavras em seu benefício. Qualquer coisa que disser será virada do avesso quando me for.

– Então precisa de uma sova – disse Renna. – À frente de todos. E palavras que não consiga distorcer. O Criador sabe que não gosto de Leesha Papel como o resto desta cidade, mas até eu percebo que faz sentido dizer às Crianças Guardadas que a ouçam até esta coisa do enxame estar resolvida.

Arlen expirou.

– Se fizer isso, se aplicar uma sova a Stela, a Franq e a quem mais precisar. Se lhes disser que parem de roubar, que ouçam os líderes do Outeiro e limitem a luta aos demónios. Se isso funcionar, imagina que um deles diz na cidade que estou vivo ou é capturado por um demónio da mente. O nosso plano desmorona-se. Tudo o que sacrificámos durante todos estes meses. Os príncipes dos demónios não são estúpidos, Ren. Perceberão o que queremos fazer e estarão prontos para nós.

Renna apoiou as mãos nas ancas.

– Está bem. Eu faço-o.

Arlen abanou a cabeça.

– É perigoso de mais...

Renna cuspiu no chão.

– Os miúdos ainda não conhecem a sua força. Precisei de meses de combate para aprender a dissipar-me. Chegou o momento de fazer com que comam um pouco de terra e voltem ao sol.

Renna sorriu.

– Achas que os demónios da mente têm medo de nós? Que farão quando formos dúzias a enfrentá-los?

Lentamente, Arlen começou também a sorrir.

– Olharão a superfície. Não continuarão a procurar-nos.



CATORZE

SOVA

334 DR

Shanvah estava onde Renna esperava que estivesse, meditando diante da cela do seu pai.

Shanjat, com a mente corrompida pelo demónio, já não merecia confiança. Estava acorrentado dentro de uma cela, alimentado e lavado três vezes por dia pela sua filha. A porta da cela permanecia sempre trancada.

Shanvah sentia-se em casa no corredor diante da porta da cela equipada com um pequeno tapete onde podia ajoelhar-se e meditar, praticar sharusahk ou polir as suas armas. Se não estivesse ocupada com outros afazeres, encontrá-la-iam ali.

A rapariga mantinha os olhos fechados quando Renna se materializou em silêncio, mas Shanvah sentiu-a, mesmo assim, e abriu os olhos.

Levantou-se imediatamente, colocando-se ao lado de Renna.

– Irmã, sentes-te bem?

Renna abanou a cabeça.

– Não. Tens algum daqueles frascos de lágrimas?

– Claro, irmã. – Dirigiu-se ao saco ao lado do seu tapete, retirando um minúsculo frasco de vidro, com o bordo erguido de um lado e afiado para raspar a humidade de uma face.

Shanvah ajoelhou-se numa ponta do tapete, indicando a Renna que se juntasse a ela.

– É minha honra acompanhar-te na tua oração de luto. Quem partiu pelo caminho solitário?

– Não sou de rezas – disse Renna, mas ajoelhou-se, mesmo assim, sentindo os joelhos fraquejando. – Preciso de fazer uma coisa e é importante se quisermos alguém vivo aqui em cima quando terminarmos o nosso trabalho.

– A tua honra não tem limites, irmã – disse Shanvah. – Serás vitoriosa.

– Sim, talvez – disse Renna. – Mas, neste momento, tudo o que sei é que o meu amigo morreu e não...

Shanvah não disse nada enquanto Renna sentia um aperto na garganta e tentava recompor-se. Sentiu comichão nos olhos.

– Não quero que pense que estava ocupada de mais para chorar por ele.

– Claro – disse Shanvah.

– Mas pensei que, se tivesse um desses frascos no bolso...

– Poderias transportar a sua honra contigo quando enfrentares as provações que nos esperam – completou Shanvah.

– Sim, é isso – disse Renna.

– Diz-me o seu nome, para que Ev... *hmm*, para que o Criador o ouça. – Shanvah ergueu o frasco.

– Rojer – disse Renna. – *Hmm*... filho de... Jessum, da família Estalagem do Condado do Outeiro.

Shanvah baixou a mão.

– Rojer Estalagem, o jogral?

– Jogral, sim – disse Renna. – Conhecia-lo?

– Era meu primo por casamento – disse Shanvah. – Casou com a minha irmã de lança Sikvah e com a minha prima Amanvah. Estão as duas bem?

Renna pestanejou. Depois de tanto tempo juntas, como podia não saber isso? Falava frequentemente com a Sharum'ting, mas, de repente, percebia quão pouco se conheciam uma à outra.

– Amanvah e Sikvah estão bem – assegurou-lhe Renna. – As duas grávidas de Rojer. Vão a caminho de Inevera.

– Obrigada. – Shanvah ergueu outro frasco. – Só vi Rojer uma vez, mas chorarei contigo.

– Como podes chorar por alguém que mal conhecias? – perguntou Renna.

– Oh, irmã – disse Shanvah, tristemente. – As lágrimas nunca são difíceis de encontrar. Fala-me do filho de Jessum.

– Comecei mal quando vim ao Outeiro pela primeira vez – disse Renna. – Estava embriagada com magia e raiva. Não posso censurar as pessoas por não terem simpatizado comigo, especialmente porque todos queriam que Arlen casasse com a perfeita menina Papel.

– Leesha Papel? – perguntou Shanvah. – A pega nortenha que seduziu o meu tio?

Renna riu-se quando ouviu aquilo.

– Amiga, precisamos de falar mais. – A seguir, recordou porque estavam as duas ajoelhadas e sentiu uma pontada de culpa varrendo-a.

– Todos no Outeiro me olhavam de lado – continuou Renna. – Todos menos Rojer Estalagem. Beijou-me a mão quando o conheci. Tratou-me como uma pessoa enquanto Leesha e os outros acreditavam que era merda na bota de alguém.

Abanou a cabeça.

– Salvou-me a vida tantas vezes na Lua Nova que lhes perdi a conta. E não só a mim. A *Canção da Lua Nova* protegeu milhares no campo e fora dele. O Condado do Outeiro ter-se-ia perdido sem Rojer Estalagem. – Ocorreu algo a Renna com um sobressalto.

– Tu e Sikvah são irmãs?

Shanvah acenou com a cabeça.

– Primas, mas treinadas juntas no Palácio das Dama’ting.

– Leesha disse que era uma guerreira – recordou Renna.

– Uma grande guerreira – concordou Shanvah.

– Não sabia – disse Renna. – Nunca a vi lutar, mas todos os demónios fugiam dela, com medo. Contou que se treinou contigo. Isso significa que sabes cantar?

– Claro que sei cantar.

– Cantaram *A Canção da Lua Nova* no seu funeral – disse Renna. – Não estive lá, tal como não estive quando mais precisou de mim.

Shanvah ergueu a mão, colocando um dos minúsculos frascos na mão de Renna.

– Canta-a comigo, irmã. Para podermos guiar o filho de Jessum pelo caminho solitário.

Tanto tempo a conversar acalmou-a de tal forma que Renna receou não conseguir forçar-se a chorar. Mas, então, Shanvah abriu a boca e começou a cantar.

Renna pressionou um dedo contra o peito, sentindo o frasco de lágrimas aí pendurado do seu cordão de cabedal. Movia-se lentamente atrás de Wonda enquanto a mulher corpulenta afrouxava as guardas das masmorras. Alimentando um fluxo constante de poder das guardas para as guardas de invisibilidade na sua pele, Renna era como um corvo no céu noturno, invisível para quem não olhasse com atenção. Com Wonda para desviar atenções, ninguém o fazia.

– Ali em baixo – disse Wonda, destrancando a pesada porta de madeira dourada reforçada com aço guardado. No interior, degraus toscos em pedra desciam até se perderem de vista.

– Obrigada, Won – disse Renna.

– Lamento que isto te tenha calhado a ti – disse Wonda. – Treinar Stela e os outros era a minha função. – Baixou o olhar. – Aquelas guardas foram bem cicatrizadas. A rapariga estava pronta para me matar quando a trouxemos na noite passada.

– A culpa não é tua – disse Renna. – Tentei matar Arlen mais de uma vez, quando tinha a magia no sangue.

Wonda ficou boquiaberta.

– A sério?

Renna acenou com a cabeça.

– Podia ter-me matado quando aconteceu. Noite, por vezes, desejo que o tivesse feito. Mas não era eu. Consegui controlá-lo. Stela também conseguirá fazê-lo. Tem força suficiente.

– E se não tiver? – perguntou Wonda.

Renna olhou-a fixamente.

– Se não tiver... se nenhum deles tiver a força suficiente... lidarei com o assunto e deixarei a tua mestra com consciência tranquila.

Não havia qualquer prazer na aura de Wonda, mas havia ali um alívio de algum tipo. Conseguia ver que Wonda amava Leesha, mas sabia que a sua mestra não era capaz de executar ninguém, mesmo quando era necessário.

Renna desceu os degraus de pedra, sentindo os cabelos eriçarem-se no alto do pescoço enquanto ouvia a porta fechar-se e trancar-se atrás dela, deixando-a iluminada pela luz ténue das guardas.

Sentiu imediatamente a atração das guardas brilhando nas paredes e no chão. Não havia magia ambiente, toda drenada para a rede poderosa que mantinha a prisioneira drenada. Renna aligeirou o passo. Se não controlasse com afinco a magia armazenada dentro de si, as guardas de Leesha também a sugariam.

O local parecia inacabado, mesmo para uma masmorra. O conde Thamos tinha construído as paredes e o chão com pedra talhada para impedir que os nuclitas se erguessem no interior, mas, tal como acontecera com grande parte da fortaleza, morreu antes de terminada a construção. Não sendo o tipo de pessoa capaz de prender pessoas num sítio frio e escuro, Leesha deixara-a claramente como estava até pouco tempo antes. A pedra continuava tosca e a maioria das celas não tinha grades. A rede guardada tinha sido pintada em vez de talhada. Era temporária, na melhor das hipóteses.

– Quem está aí? – perguntou Stela ao fundo do corredor. A sua voz deixara de ser tímida como Renna recordava meio ano antes. Estava mais grave. Mais confiante. – Já vos disse que não tenho nada para dizer até os Peles-Guardadas virem buscar-me.

– Acho que falarás comigo – disse Renna, colocando-se diante das grades da cela da rapariga.

Stela semicerrou os olhos, sem dúvida vendo o brilho intenso de Renna com a sua visão guardada. Estava suja, mas estava maior e mais musculada do que Renna recordava. Carne tatuada espreitava por baixo da túnica utilitária que lhe tinha sido dada. A sua aura estava fraca, drenada, mas Renna via como a carne de demónio a tinha mudado, talvez para sempre.

Fui tola por pensar que conseguiria esconder isto de Arlen, pensou Renna.

A cela parecia suficientemente confortável, com uma cortina diante da latrina e uma enxerga limpa, mas não havia nada que pudesse ser usado como arma ou como forma de fuga. As grades eram de ferro grosso, cravadas na pedra.

– Renna Fardos. – Stela ficou boquiaberta e pousou um joelho no chão.

– Chega dessa merda de demónio. – Renna espantou-se por ouvir tanto de Arlen na sua voz. – Ouvi dizer que as Crianças escreveram tudo o que eu e Arlen dissemos, mas não me lembro de alguma vez vos termos dito que se ajoelhassem. Ou que roubassem. Ou que se voltassem contra a vossa família e a vossa gente.

Stela ergueu-se, com a aura incerta.

– Não nos compreendem.

– Vocês não se compreendem! – ripostou Renna. – Andam por aí como tontos, bêbados com magia, comportando-se mais como demónios do que como pessoas!

Stela encolheu-se ao fundo da cela e Renna percebeu como as palavras a feriram. A sua aura estava cheia de vergonha e medo.

Ótimo. Renna avançou e segurou as grades, voltando a canalizar o poder armazenado dentro de si. Vergaram como ramos verdes, permitindo-lhe passar entre elas.

Stela estacou enquanto Renna passava por ela, sentando-se na enxerga. Tocou com a mão no espaço a seu lado.

– Senta-te comigo um pouco. O Criador sabe que tu e os teus amigos têm pedido uns açoites de cinto no traseiro, mas não vim dar-te um. A não ser que me obrigues.

A rapariga avançou aos poucos, sentando-se no sítio indicado.

– Já estive onde estás – disse Renna. – Comecei por guardar e só conseguia pensar em matar demónios. Comecei a ver a gente diurna como sendo fraca. Só sentia desprezo por eles. Cortei a mão de um homem numa taberna quando ma pôs na perna.

Stela cuspiu no chão da cela.

– Estava a pedi-las.

– Sim, talvez – disse Renna. – Mas não o fiz por estar a pedi-las. Fi-lo porque via tudo vermelho. Por estar tão bêbada com magia que não pensei. – Renna pôs um dedo sob o queixo de Stela, erguendo-o até a olhar nos olhos. – É assim que os animais se comportam, Stela Estalagem. É assim que os nuclitas lutam. Só com paixão e sem raciocínio. E foi por isso que, na Batalha do Outeiro do Lenhador, um bando de lenhadores assustados os derrotou e os fez fugir. – Baixou o dedo, continuando a olhar a rapariga nos olhos. – Mas os demónios não continuaram estúpidos quando os demónios da mente vieram na Lua Nova. A sua estratégia passou a ser inteligente, como nós teremos de ser. Porque os demónios da mente voltarão e isso é tão certo como o Sol se erguer.

Stela começou a lacrimejar.

– Tentei, Senhora Fardos. Tentei e foi tudo para o Núcleo. Conheci um rapaz. Um bom rapaz. Gostei dele como nunca soube que poderia gostar de alguém. Mas estava tão bêbada com magia que o magoei sem pensar. Quando virou as costas...

– Tudo o que querias era saltar sobre ele – concluiu Renna.

– Sim – disse Stela, tristemente.

– Este rapaz continua vivo? – perguntou Renna.

– Sim, mas não graças a mim.

– Mataste alguém? – perguntou Renna, espreitando-lhe as profundezas da aura. – Não me mintas.

– Não – disse Stela e a sua aura confirmou-o. – Quis fazê-lo em algumas vezes. Parti alguns ossos, mas não matei ninguém.

– Não é tarde de mais – disse Renna. – Não é tarde demais para voltares e controlares a situação. Nunca será normal, depois de teres comido aquele coração de demónio, mas podes controlá-lo, como Arlen e eu fizemos.

Stela olhou-a com olhos arregalados.

– O Libertador também costumava perder o controlo?

– Não gosta que lhe chamem isso e sabe-lo bem – disse Renna. – Mas sim. Nunca consegue controlá-lo totalmente, mas não faz mal. Há ocasiões em que precisamos da paixão. Da agressividade. Por vezes, quando enfrentamos as garras de um demónio, é tudo o que nos mantém vivos. Mas não podes esquecer quem é o verdadeiro inimigo, Stela Estalagem. Não podes esquecê-lo nunca.

– Os demónios – disse Stela.

– Sim – concordou Renna. – Se voltas a tua força noturna contra gente diurna, não és melhor que eles. É isso o que queres?

Stela abanou a cabeça.

– Não, senhora.

– E os outros? – perguntou Renna.

Stela baixou os ombros.

– Estão perdidos, Senhora Fardos. Como eu estava. Recuperei um pouco da razão quando mestra Leesha me drenou, mas eles continuam cheios de sangue negro. Não te darão ouvidos, mesmo que sejas tu a falar-lhes.

Renna cobriu-lhe a mão com a sua.

– Nesse caso, obrigamo-los a dar ouvidos.

Wonda ficou hirta quando abriu a porta e viu Stela ao lado de Renna nas escadas. Mas não disse nada, afastando-se para lhes dar passagem.

Stela olhou-a, com a dor tingindo-lhe a aura.

– Não estava em mim, Wonda. Sei que não torna as coisas melhores, mas... não estava em mim e sinto muito.

Wonda uniu os lábios.

– Sei como é, Stel. A sério que sim. Mas o meu pai costumava dizer: «Pedir desculpa é só meio caminho para resolver as coisas.»

– Vamos percorrer a outra metade do caminho – disse Renna. – Avisa Leesha de que a visitarei depois de dar uma palavra às Crianças.

– Sim – disse Wonda.

– E Keet? – perguntou Stela.

– Pode esperar – respondeu Renna. – Garantia de bom comportamento. Além disso, tenho um truque que não funcionará com ele.

Pegou na mão de Stela, com as guardas na pele de ambas tocando-se. A união provocou um formigueiro. Renna canalizou um pouco de poder para dentro da rapariga e voltou a puxá-lo para si, lendo-a. A mudança estava no seu sangue. Talvez não fosse ainda suficiente para lhe permitir controlá-lo, mas talvez servisse para...

Dissipou e puxou Stela consigo enquanto desciam para a grande guarda, deslizando até à Floresta das Herbanárias.

Materializaram-se no momento seguinte à entrada da floresta. Leesha e Arlen tinham concebido a rede de guardas do Outeiro para deixar uma passagem aberta para a floresta, em parte pela dificuldade de moldar tantas árvores e em parte para poderem experimentar livremente com a magia dos demónios no interior.

– Vou vomitar. – Stela afastou-se, caindo com os joelhos e mãos no chão enquanto vomitava. Passaram longos momentos até recuperar o fôlego e limpar a boca. – É sempre assim? – perguntou.

Renna encolheu os ombros.

– Nunca me incomodou, mas comia demónios muito antes de teres começado. Talvez seja mais fácil quando estás tu no comando

– Sim – concordou Stela. – Senti-me como se um demónio do vento tivesse mergulhado do nada, prendendo-me nas garras e levando-me pelo ar. Só que não havia ar nenhum.

– Equilibra-te e canaliza um pouco de poder – aconselhou Renna. – Sentir-te-ás melhor.

– Canalizo? – repetiu Stela.

– Como se sugasses ar pelos pés – explicou Renna. – Inspira fundo e puxa um pouco de magia da grande guarda. Não demasiada.

Stela arqueou uma sobrancelha. A seguir, fechou os olhos com força e cerrou os dentes, inspirando grandes golfadas de ar. Era quase cómico. Não canalizou nada e a sua aura permaneceu esbatida.

– Não é assim – disse Renna, voltando a pegar-lhe na mão. – Assim. – Canalizou, puxando a magia da grande guarda através de Stela. Imediatamente, a sua aura iluminou-se e endireitou as costas.

Stela gemeu de espanto.

– Sinto-me forte outra vez. Como fizeste isso? – Surgiu avidez na sua aura, a ânsia de uma viciada despertando.

– Ensino-te e aos outros, se ganharem juízo – prometeu Renna. – Mas terão de ter cuidado. As Grandes Guardas contêm muito poder. Se forem gananciosos e canalizarem demasiado, arderão como óleo na fogueira.

Stela engoliu em seco, com o medo tingindo-lhe a aura.

– Agora mostra-me onde é o acampamento das Crianças – disse Renna.

As árvores tornaram-se borrões indistintos enquanto corriam, com a magia concedendo-lhes velocidade sobre-humana. Renna tinha passado bastante tempo na floresta, mas Stela conhecia-a como a sua casa. Minutos depois, Renna viu o aglomerado luminoso na sua visão guardada e soube que o acampamento estava perto.

Segurou o braço de Stela, fazendo-a parar.

– Estende os braços.

A aura de Stela ficou confusa, mas não hesitou e Renna traçou guardas de invisibilidade nos seus membros e peito, alimentando-as com uma fração de poder. Energizou também as suas guardas e desapareceram as duas na noite. Segurou a mão de Stela antes de se tornar demasiado difícil vê-la e avançaram as duas com passo mais lento.

As Crianças não estavam à sua espera quando entraram no acampamento, aglomeradas à volta de um púlpito, olhando o Irmão Franq enquanto caminhava para trás e para diante, gritando. Meia dúzia de Irmãos jovens aglomeravam-se diante do púlpito, olhando a multidão com olhares frios.

O sacerdote era muito diferente do Discípulo rígido que Renna recordava de encontros anteriores. A sua barba e cabelo cuidadosamente aparados estavam em desvario, com a túnica de tecido fino trocada pelo pano tosco e castanho de um Protetor rural, sujo e com as mangas cortadas para expor as suas tatuagens. O poder fazia-as brilhar e a sua aura era cegante. Mais intensa do que qualquer uma das dúzias que se erguiam à volta da plataforma.

– Toleramos isto? – perguntava Franq. – Deixamos que acorrentem o nosso irmão e a nossa irmã apenas por quererem correr livres na noite desprotegida?

– Não! – gritaram os Irmãos, no momento certo e muitos na multidão se juntaram a eles, com as auras rubras de raiva. Era suficientemente fácil para Renna encontrar os Peles-Guardadas. As suas auras eram quase tão intensas com poder como a de Franq. E também os Ossos, com as suas armas de osso de demónio. Tinham perdido os seus líderes e ferviam de raiva. Imagens flutuavam sobre eles. Crianças investindo contra a fortaleza de Leesha e pontapeando as portas. Levando em consideração o poder acumulado naqueles grupos, Renna acreditou que talvez conseguissem.

Mas nem todos se convenciam. Os Sharum mantinham-se à parte, com Jarit e a sua neta à frente, com auras tranquilas enquanto olhavam a multidão. Não pareciam suscetíveis a influência, mas também não pareciam inclinados a intervir.

Mas as Bombas pareciam abertas a serem convencidas. Callen Lenhador estava à sua frente com Jas Pescador, ambos com braços cruzados. Também se sentiam irados, mas não tanto como os outros, tendo provado menos magia que os outros grupos. Não se juntavam aos gritos.

– Irmão Callen! – chamou Franq, sabendo quem precisava de convencer. – Duvidas da justeza do nosso rumo?

– Quero tanto Stela e Keet de volta como qualquer um – afirmou Callen. – Mas isso não significa que esteja pronto para arrombar a porta de Mestra Leesha.

– Há momentos em que homens e mulheres de crença deverão erguer-se contra a injustiça – gritou Franq. – Estava lá quando Arlen Fardos em pessoa disse ao Inquisidor Hayes: *Cravas uma estaca num fornicador e partirei a estaca sobre o joelho e cravarei metade na tua porta e a outra metade na porta do conde*. Foi a forma de o Libertador nos dizer que aqueles que se erguem na noite não ficam sujeitos às leis dos homens.

Renna recordava as palavras. Arlen tinha-as proferido com raiva numa discussão que começara, ironicamente, porque Franq troçara da falta de refinação de Renna enquanto servia vinho fino em copos de cristal. Naquele momento, era a ele que faltava refinação, caminhando para trás e para diante como um animal enquanto tentava incitar a multidão à violência em nome do seu marido.

Basta, pensou, cortando o poder que energizava as guardas de invisibilidade.

– Também lá estava! – gritou Renna enquanto avançava pela multidão. Caras viraram-se para ela, arregalando os olhos. As Crianças afastaram-se, tropeçando em quem tinham atrás enquanto abriam caminho para a sua aproximação ao púlpito.

– Renna Fardos – sussurraram as pessoas à sua volta, mas Renna ignorou-os, mantendo os olhos fixos em Franq.

– Olhai! – Franq apontou-a com um floreado de Jogral. – Renna Fardos, Esposa do Libertador, volta para nos liderar no nosso justo caminho!

– Não há nada de justo num ataque ao Outeiro! – bradou Renna.

Franq hesitou, mas apenas por um momento.

– Negas as palavras do Libertador? *Têm tomado liberdades,* disse, *e precisam de saber onde as guardas terminam.*

Renna dissipou-se, materializando-se no instante seguinte junto ao púlpito, ao lado de Franq. Segurou-lhe a túnica e torceu, atirando-a da plataforma e fazendo-o cair de costas no centro de uma clareira que se abriu entre a assistência.

– As guardas terminam quando me dizes o que o meu próprio marido quis dizer! – exclamou Renna. – Quando usas as suas palavras para justificar uma luta que tu começaste!

Dirigiu-se para os degraus, fixando olhos furiosos em Franq, mas os seus acólitos mais jovens atravessaram-se no seu caminho. A confusão agitava-lhes as auras. Tinham sido ensinados a venerá-la, mas era Franq quem os conhecia, quem os tinha treinado, conquistando a sua lealdade. Tinha sido Franq a dar-lhes poder.

Teria de lidar com eles e talvez também com outros, mas uma coisa de cada vez. Traçou uma guarda de impacto no ar, afastando-os do seu caminho enquanto se aproximava do seu líder como um lobo.

O Irmão Franq agachou-se. Não estava ferido. A magia abundante fortalecia-lhe o corpo e a aura fervilhava com raiva.

Ótimo. Renna baixou a guarda enquanto se aproximava, convidando-o a atacar. Franq mordeu o isco, correndo em frente para tentar atirá-la ao chão. Esquivou-se com facilidade, segurando-o pelo braço e virando-se para usar o seu ímpeto contra ele enquanto o projetava para o outro lado da clareira.

Franq continuava ileso, mas isso não a preocupava muito. Por mais que quisesse aplicar-lhe uma sova, o espetáculo era mais importante. A assistência precisava de ver uma luta justa que terminasse com o seu triunfo.

A aura de Franq inflamava-se com magia e era quarenta quilos mais pesado, mas o seu sharusahk era rudimentar. Renna lutara como ele, no passado, confiando na ferocidade pura para triunfar. Contra demónios sem cérebro, podia ser suficiente.

Mas o treino de Renna com Shanvah tinha-a libertado daquilo. A Sharum’ting tinha-a humilhado de forma semelhante até aprender a respeitar a defesa e a mente do seu adversário. Mais do que isso, fez Renna compreender as convergências, os pontos onde as linhas de energia se uniam e ramificavam num corpo. Era o segredo do sharusahk das dama’ting e Renna, com a sua visão guardada, conseguia ver os pontos brilhantes na aura de Franq como estrelas num céu noturno.

A sua raiva duplicou. Franq investiu novamente. Erguera as defesas, mas os seus murros atingiram apenas ar enquanto Renna se curvava para trás, golpeando com um calcanhar a convergência na sua anca. Dobrou como papel enquanto

Renna lhe entrelaçava o bíceps direito com um braço, puxando-o e torcendo-lho atrás das costas. Um pontapé atrás do joelho fê-lo cair enquanto torcia o braço para cima até partir com um estalo audível.

Franq rugiu de dor, mas Leesha conseguia ver na sua aura que a luta não terminara. Conseguiu apoio suficiente para firmar um pé e, com o braço partido, Renna perdia grande parte da sua vantagem. O Sharusahk dependia do peso e do ímpeto dos combatentes, mas, com a magia que Franq detinha, Renna pesaria pouco mais que uma boneca.

Soltou-o, apoiando as mãos nas ancas e sorrindo enquanto o via agachar-se e mostrar-lhe os dentes, endireitando o braço para que a magia o sarasse. Momentos depois, estaria pronto para voltar ao combate.

Renna avançou para acabar com ele antes que isso pudesse acontecer, mas ouviu-se um grito e os Irmãos investiram contra ela. A sua surpresa chegara ao fim e moveram-se como um bando de servos protegendo o seu demónio da mente.

Renna inspirou fundo, encontrando o seu centro enquanto se focava nas convergências das suas auras. Uma jovem tentou um pontapé e Renna segurou-lhe a perna, pressionando-lhe a coxa com dois dedos, inutilizando-a. Outro golpeou com um punho e acabou a voar pelo ar. Renna baixou-se enquanto continuava o circuito, girando para varrer a perna de um rapaz que estava certa de ter visto a limpar estrume nos estábulos da cidade.

O último foi um jovem krasiano que lutava com maior perícia que os outros, mas não era tão rápido. Renna recuou dois passos, bloqueando-lhe os murros e pontapés até ficar na posição certa. A seguir, fraturou-lhe a pélvis, deixando-o fora de combate.

Mais uma vez, encontrou um caminho livre até Franq, totalmente recuperado. A sua aura ardia com raiva, mas sabia que não devia tentar novamente combate físico. Em vez disso, ergueu uma mão, traçando uma guarda luminosa no ar. O seu controlo era rudimentar e energizou-a com mais poder do que o necessário.

Renna desfez-se em névoa quando a força se aproximou, atravessando-a e atirando um dos acólitos de Franq ao chão, reduzido a um destroço torcido.

Quebrou.

Atravessou o ringue improvisado como uma rajada de vento. Franq vacilou, esmurrando a névoa em desvario, mas era como golpear o vazio. Materializou-se atrás dele, prendendo-lhe o pescoço com um braço e colocando o outro por baixo do seu braço prendendo o pulso.

Num combate normal, poderia tê-lo asfixiado, mas Franq era forte de mais e não era a mensagem que queria transmitir. Em vez disso, tocou as guardas na sua pele que se uniam às de Franq. Mas não o alimentou com magia como tinha feito com Stela. Canalizou com força, sugando-lhe o poder.

Os músculos de Franq cederam como se tivesse sido cuspido por um demónio do relâmpago. Renna manteve o controlo e segurou-o com força, aumentando a intensidade. As guardas na sua pele começaram a brilhar, passando a arder até conseguir sentir o seu calor. Os seus olhos, garganta e narinas secaram, ardendo. Mesmo assim, continuou a puxar, olhando a aura de Franq e vendo-a perder a intensidade. A dor aumentou até sentir que o seu corpo inteiro ardia, mas resistiu até a aura dele estar prestes a extinguir-se.

Renna afastou o homem com um pontapé no traseiro e desabou no chão, sem forças. A dor tornou-se insuportável e projetou o máximo de magia que conseguia para o céu, traçando uma guarda luminosa que transformou a noite em dia.

Continuando a transbordar de poder, avançou em névoa até ao acólito krasiano cuja pélvis tinha partido, olhando a sua aura enquanto endireitava os ossos e oferecia uma porção da sua magia para os fundir. Aproximou-se do jovem acólito atingido pela guarda de impacto de Franq, mas estava morto. A sua aura tinha sido apagada como uma vela.

Nucleado seja.

Nesse momento, empregou outro dos truques de Arlen, dissipando-se parcialmente em névoa enquanto se lançava para cima, flutuando sobre as Crianças espantadas, iluminada por trás pela sua guarda luminosa. Semicerraram os olhos e protegeram-nos com mãos erguidas, tentando vê-las entre o clarão.

Noite, pensou ela. *São todos tão novos.*

– Arlen Fardos não disse nada sobre roubar pessoas! – Renna traçou guardas para ampliar a voz até as árvores tremerem com o seu som. – Sobre tirar criminosos da prisão! Exigia respeito, mas, antes, respeitava! E confiava em mestra Leesha! Mais do que qualquer outra pessoa, Leesha defendeu o Outeiro nos seus momentos de necessidade. Mais do que qualquer outra pessoa, mostrou o caminho. Arlen sabia isto e chegou o momento de também o saberem. Aqueles entre vós que não obedecerem a todas as suas ordens levarão uma sova que fará o que fiz a Franq parecer uma palmadinha no traseiro!

Seguiu-se um silêncio atordoado enquanto dúzias de caras a olhavam no alto, iluminadas pelas guardas.

– Se me ouvem, digam «sim»! – bradou.

– Sim! – gritaram. – Sim! Sim! Sim!

Renna apontou, traçando uma guarda mais pequena para iluminar Stela, que entrou no círculo para ajudar Franq a levantar-se.

– Stela Estalagem, diz «sim»!

Outra guarda rápida e o «sim» de Stela pareceu mais alto que qualquer outro. Renna fechou um punho e as guardas na sua mão ardiam com poder.

– Irmão Franq, diz «sim»!

Franq olhou-a e a sua aura ténue cedia finalmente.

– Sim – sussurrou, mas Renna assegurou que a sua palavra era ouvida por todos.

Flutuou lentamente até ao chão, suavizando a voz enquanto deixava a luz atrás dela diminuir.

– Sei o que sentem. A magia torna difícil pensar. Transforma todas as vossas emoções numa tempestade. Passei por isso. Arlen também.

Os seus pés tocaram o chão. Virou-se lentamente enquanto falava, olhando em redor e vendo todos aqueles olhos fixos nela.

– Agora, mais do que nunca, não podem esquecer que são humanos. O Núcleo está prestes a erguer-se novamente e precisam de estar prontos para lutar, não apenas pelo Condado do Outeiro, mas por toda a humanidade. Não teremos outra oportunidade.

Olhou Jarit.

– A Sharak Ka não vem a caminho. Já chegou. – Ergueu as mãos. – Têm poder, mas nenhum de vós sabe controlá-lo. Acontecem coisas más – apontou o corpo caído do acólito – quando não conseguem controlar o vosso poder. Posso ajudar, mas o mais importante será que cada um de vós se ajude a si mesmo.

Renna conseguia ver a aura de Leesha, inicialmente descontraída, mas ficando tensa quando viu que era ela e não Arlen quem se materializava no seu gabinete.

Ótimo. Não quero que fique demasiado confortável.

As duas mulheres olharam-se por um momento, mas Leesha não demorou a ultrapassar o impasse.

– Obrigada por teres vindo. Chá?

– Sim, obrigada – agradeceu Renna. – Não posso demorar-me. Preciso de voltar para Arlen antes do amanhecer. – Deixou-se cair sobre uma das belas cadeiras da condessa, pondo os pés sobre a mesa. Os olhos de Leesha fixaram-se nos pés, mas não disse nada enquanto Wonda servia o chá.

– Viste-os? – perguntou Leesha.

– Sim – respondeu Renna.

– E? – questionou Leesha, percebendo que não dizia mais nada.

– Stela tinha razão – disse Renna. – Estavam prontos para marchar contra o Outeiro e deitar a tua porta abaixo.

– Noite – disse Wonda. – Quantos? Quando? – Imagens flutuaram sobre ela. As muralhas da fortaleza de Leesha cobertas com mulheres armando bestas de roldana.

Renna acenou-lhe para que se acalmasse.

– Lidei com eles como prometi. – Virou-se novamente para Leesha. – Continuarão a ser uma dor de cabeça, mas é problema teu.

– Posso perguntar o que fizeste? – Leesha parecia ter mordido um limão. Renna não sorriu, mas, sem dúvida, Leesha sentiria o sorriso na sua aura e estava certa.

– Franq era o maior agitador – referiu Renna. – Mania das grandezas. Distorcia as palavras de Arlen para os seus próprios fins. Atirei-o ao chão e deixei os outros assistirem. Ensinei-lhes a terem medo do Criador. Não posso prometer que se manterão dóceis, mas lutarão pelo Outeiro quando a noite cair e as incursões pararão.

– Que podemos fazer para assegurar que se manterão assim? – perguntou Leesha. – Têm exigências?

Renna abanou a cabeça.

– Ainda mudam de ceroulas depois do meu pequeno espetáculo. Mas não durará. Pretendo visitar mais algumas vezes para garantir que as coisas se mantêm. Será uma demonstração de boa-fé se libertarem Keet amanhã. Será recomendável separar o Bando. Instalem as Bombas e os Ossos com os Lenhadores e talvez possam sentar Franq no novo Conselho de Protetores de Jona.

– Acabas de dizer que era ele a agitar os outros! – observou Wonda.

Mas Leesha acenou afirmativamente.

– Mais um motivo para o manter num sítio onde conseguiremos vê-lo. Falarei com Jona e pedirei que o conselho reúna com a luz do Sol.

– Inteligente – concordou Renna. – Os Peles-Guardadas serão um problema, independentemente do sítio onde os puseres. Mantém-nos onde conseguires vê-los, mas não os deixaria ficar dentro das tuas muralhas.

– Pensaremos em alguma coisa – disse Leesha.

– Não sei o que poderás fazer com os Sharum – continuou Renna. – Posso pedir a opinião de Jardir antes de partir para ver a sua esposa.

Leesha estremeceu quando ouviu aquilo e Renna amaldiçoou a sua própria estupidez. No passado, talvez tivesse proferido aquelas palavras como provocação intencional, mas...

– Desculpa – disse. – Não queria...

– As coisas são como são – retorquiu Leesha. Levou uma mão a um dos muitos bolsos no seu vestido, retirando uma carta selada. – Entregas-lhe isto quando o vires? Se tiver de saber da criança, quero ser eu a dizer-lhe.

Renna acenou com a cabeça, aceitando o envelope.

– Claro.

– Obrigada, Renna – agradeceu Leesha. – Sei que nem sempre fomos...

Renna agitou uma mão.

– Estou cansada de ouvir essa frase, Leesha. Não gostas de mim e eu não gosto de ti. Isso não significa que não estejamos do mesmo lado. Não impedirei que faças o que deves pela tua filha.

Por reflexo, Renna moveu os dedos sobre o ventre ainda liso, pensando na vida que aí crescia.

– Justo e verdadeiro – afirmou Leesha, mas inclinou subitamente a cabeça, estudando a aura de Renna. Continuou um pouco mais do que agradava a Renna até sentir um arrepio na pele.

– O que foi? – questionou Renna.

– Wonda, querida – disse Leesha. – Dás-nos licença?

– Sim, mestra – respondeu Wonda, erguendo o arco encostado à parede e dirigindo-se para a porta.

Quando se fechou atrás dela, Leesha ativou as guardas de silêncio no gabinete e Renna levantou-se, não conseguindo passar mais um momento sentada.

– O que foi?!

– Estás grávida – disse Leesha.

Renna sentiu-se enregelar. Canalizou a sua aura com intensidade, respirando para se manter calma. Deveria negá-lo? Argumentar? Dizer a Leesha que não lhe dizia respeito?

Não dizia, mas o filho de Leesha também não lhe dizia respeito a ela e, meio ano antes, Renna esfregara o deslize de Leesha na sua cara.

Expirou.

– Sou uma mulher casada, Leesha. Não te devo explicações.

– Não deves. – Leesha levantou-se e veio até ela. Tinha as mãos erguidas, os olhos calmos, a voz apaziguadora. A sua aura permanecia tensa, preocupada. –

Mas usar magia enquanto estava grávida afetou o meu bebé. Por favor, deixa-me examinar-te. Pelo bebé.

Renna sentiu os músculos ficarem hirtos. As suas mãos formaram punhos e precisou de empregar toda a sua força de vontade para lhe endireitar novamente os dedos. Tinha acabado de pregar às Crianças Guardadas, mas a magia no seu sangue gritava, ampliando-lhe as emoções, dizendo-lhe que fugisse ou que atacasse Leesha, silenciando-a antes que pudesse dizer a mais alguém. Conseguiu apenas ficar ali, respirando.

Sem dúvida, Leesha percebeu grande parte do seu conflito interno, por mais que Renna tentasse esconder a sua aura, mas suportou-o com calma, mantendo-se imóvel e calada.

– Sim – disse Renna, por fim. – Acho que é boa ideia.

– Como correu? – perguntou Arlen enquanto Renna se materializava na cozinha da sua torre. Sentava-se à mesa, tomando o pequeno-almoço com Jardir e Shanvah.

Parti alguns ossos e lancei fogo de artifício – disse Renna. – Fiz com que voltassem a temer o Criador e pu-los no caminho justo, mas precisam de lições. Querem controlar-se quando o enxame vier. Voltarei mais algumas vezes antes de partirmos. – Olhou Jardir. – Há krasianos entre eles. Viúvas e filhos da escolta de Leesha. Pintam a pele com caulinegra e não os vi comerem carne de demónio, mas estão perdidos, Ahmann. O Outeiro é o seu lar, mas não conseguem enquadrar-se lá.

– Não imaginei que conseguissem – disse Jardir. – Mas também não é provável que abandonem o solo santificado pelo sangue dos seus maridos e pais.

– Leesha disse que agradeceria o teu conselho – referiu Renna.

– Quem os lidera? – perguntou Jardir.

– Jarit – respondeu Renna.

Jardir acenou com a cabeça.

– A Jiwah Ka de Kaval. Olhei a sua alma e é pura. Saiu-se bem na tarefa de unir a sua gente. Falarei dela a Inevera. Precisará de enviar dama'ting para o Outeiro e Sharum para as escoltarem e guardarem. Os nossos irmãos e irmãs na Floresta das Herbanárias não serão esquecidos.

– Há mais – disse Renna, mostrando a carta. – Leesha pediu-me que te desse isto.

Jardir arregalou os olhos e aceitou o papel, aproximando-o imediatamente do nariz e inalando.

– Obrigado, Renna jiwah Arlen am'Fardos am'Ribeiro. – Curvou-se uma única vez e apressou-se a sair.

Renna abanou a cabeça.

– Falar da mulher num fôlego e inalar o perfume de Leesha com o seguinte.

– Não vemos o casamento como vocês, hortelões – disse Shanvah. – O Evejah diz-nos que o amor não tem limites. A partilha não desonra a Damajah. Uma porção da infinitude permanece infinita.

– Isso funciona nos dois sentidos? – perguntou Renna. – Amor suficientemente infinito para que uma mulher tenha dois maridos?

– Tens alguém em mente? – perguntou Arlen.

Shanvah não disse nada, mas a sua expressão deixou claro que o conceito a escandalizava.

– Bem me pareceu – disse Renna.

Renna viu Ragen montar Dançarino do Ocaso atabalhoadamente pelo pátio, tentando habituar-se a ele. Era um homem corpulento e um cavaleiro experiente, mas Dançarino não era um cavalo comum. Era mais alto que outros mustangues, que eram já gigantes por comparação até com os cavalos pesados que os Mensageiros preferiam. Arlen pensara longamente, mas decidiu que não havia ninguém em quem confiasse mais para receber o seu amado garanhão, o seu amigo, do que Ragen, o homem que o tinha ensinado a montar.

Promessa fora o presente de casamento de Renna. A intenção de ambos fora cruzar os dois cavalos, expandindo a família de mais do que uma forma. Arlen tinha lágrimas nos olhos quando Renna partiu da torre com os cavalos. Vendo Wonda aproximar-se, Renna soube como se sentia. Acariciou o pescoço de Promessa, segurando com força as suas crinas.

A égua pareceu sentir a sua tensão, relinchando e batendo com os cascos. Renna encostou-lhe a cabeça, sem conter as lágrimas.

– Voltarei por ti. Juro-o pelo sol. Wonda será boa para ti. Nenhuma mulher seria mais adequada a montar-te na minha ausência.

Wonda moveu-se com confiança enquanto se aproximava do cavalo, mas Renna captou um indício de medo no seu cheiro. Os cavalos de Arlen e Renna eram lendários no Outeiro.

– Não aceitará freio ou sela – disse Renna. – Tenho um arnês para fixar alforges e para firmar o cavaleiro, mas não se dá bem com rédeas. Não receies dar um bom puxão às crinas se tentar atirar-te ao chão ou seguir o seu caminho. Aguentará.

Wonda engoliu em seco, mas acenou com a cabeça.

– O meu pai tinha um cavalo de lavoura. Não tinha dinheiro para sela. Aprendi a montar sem ela.

– Não lhe admitas merda de demónio até aprender a respeitar-te – disse Renna. – E correrá tudo bem.

Promessa olhou Wonda com frieza, mas permitiu que a mulher lhe tocasse o pescoço com uma mão. Algo no gesto tornava aquilo real e o aperto na garganta de Renna intensificou-se.

– As maçãs verdes são as suas preferidas – conseguiu dizer. – Azedas, como o seu temperamento.

– Comprarei hoje um barril delas – disse Wonda.

– Mas não diz que não a mel na aveia – informou Renna.

– Há colmeias na fortaleza.

Renna não aguentou mais. Soluçou, abraçando Promessa uma última vez e saindo do pátio.

– A grande guarda é a nossa maior arma e o nosso pior inimigo – disse Renna em voz alta, caminhando para trás e para diante sobre o palco do anfiteatro na Academia das Herbanárias. Estava pintado com uma grande guarda em miniatura, energizada por pedras de hora nas paredes.

Leesha e Wonda mantinham-se à distância, observando com braços cruzados. Cintilavam ambos com poder, inconfundíveis para as Crianças sentadas pelo anfiteatro. Renna tinha garantido a sua segurança, mas não corriam riscos.

– Lembram-se de ver Arlen flutuando no ar? – perguntou Renna à multidão. – Atirando relâmpagos aos demónios?

Vários entre as Crianças gritaram de júbilo e aplaudiram. Renna acenou afirmativamente, esperando que o som acalmasse.

– Lembram-se de o ver cair?

Ninguém aplaudiu aquilo. Tinha sido a hora mais negra do Outeiro.

– As guardas canalizam magia e acumulam-na – disse Renna. – A projeção depende da forma que tiverem. Mas, quando alguém se ergue dentro dos traços – entrou na grande guarda no chão –, será possível que alguém as canalize com

força de vontade. – Canalizou e ficou cada vez mais brilhante até alguns na assistência precisarem de escudar os olhos. Depois de exposto o seu argumento, deixou o poder regressar ao símbolo.

– As grandes guardas do Outeiro têm poder suficiente para fazer com que se sintam o próprio Criador, mas não fomos construídos para canalizar poder desse. Nem eu, nem Arlen Fardos. Canalizou demasiado e queimou. Desabou sobre o empedrado, partido como um ovo. – Renna apontou Leesha. – Se mestra Leesha não se tivesse apressado a remendá-lo, não se teria safado.

Leesha confirmou as palavras com um aceno da cabeça. Recordavam intencionalmente o seu poder à audiência.

– Stela Estalagem – chamou Renna. – Vem cá e canaliza poder desta guarda.

Havia medo na aura de Stela, mas veio, descendo cautelosamente até ao piso do anfiteatro.

– Descalça as sandálias – disse Renna. – No princípio, vais querer pousar as guardas diretamente sobre as linhas.

Stela atirou as sandálias com movimentos dos pés e ergueu-se sobre um dos traços mais grossos, fechando os olhos.

– Como te ensinei – disse Renna. – Canaliza devagar. Com cuidado. Sem exageros.

A respiração de Stela era estável, mas o seu coração trovejava-lhe no peito, tentando conter o prazer e o êxtase que a enchiam.

– Quanto será demasiado?

– Basta por agora – respondeu Renna quando as guardas de Stela começaram a brilhar com luz própria, visíveis para a sua vista guardada. – Se continuares, começarás a sentir comichão nas entranhas. Os olhos, a garganta e o nariz secarão e será difícil concentrares-te. Mais do que isso e começarás a sentir dores e será difícil pensar. Continua e perderás o controlo e queimar-te-ás viva.

– Como liberto o excesso? – Stela parecia preocupada. O medo na sua aura refletia-se na assistência.

– A grande guarda puxa-o agora mesmo – ensinou Renna. – É só a tua vontade a manter o poder dentro de ti. Liberta-o gradualmente, como verter água a ferver de uma chaleira.

Stela fechou os olhos, forçando a magia a abandoná-la, mas estava demasiado ávida, puxando a magia para si em vez de deixar a guarda fazê-lo. A grande guarda poderosa sugou o poder com ganância e Renna precisou de lhe segurar a mão, parando o fluxo antes que a rapariga fosse completamente drenada.

– Boa tentativa – disse Renna. – Senta-te. Ella Lenhador, desce e experimenta.

Cheirou quando a rapariga seguinte se aproximou. Os Peles-Guardadas continuavam a comer carne de demónio, mas não lhes disse que parassem. Precisariam do poder em breve.

Se conseguisse ensiná-los a controlá-lo.



QUINZE

AS IRMÃS REGRESSAM

334 DR

Um dos muitos brincos de Inevera começou a vibrar. Passou um dedo sobre a cartilagem da orelha direita até o encontrar. O segundo a contar do topo.

A Damajah suspirou de alívio. Por fim.

Girou o brinco até as guardas se alinharem e a vibração cessar.

– Filha.

– Que Everam te abençoe, mãe – disse Amanvah. – É bom voltar a ouvir a tua voz.

– E a tua – disse Inevera. – Everam tem zelado por ti.

– Talvez – respondeu Amanvah. – Regresso à Fortuna de Everam menos de um ano depois de partir, já como viúva.

– É inevera – disse Inevera. – Os dados dizem-me que carregas no ventre o herdeiro do filho de Jessum.

– Sikvah também – disse Amanvah. – Mesmo que seja cedo para as duas.

– Mais um motivo para voltares para junto dos teus – retorquiu Inevera. – Sikvah acompanha-te?

Imediatamente, um dos brincos na orelha esquerda de Inevera começou a vibrar.

– Estou aqui, Damajah – disse Sikvah, quando Inevera o girou.

– Quando voltarão? – Os brincos não funcionavam a grande distância.

– Mais um dia – disse Amanvah. – Dois no máximo.

– Enviarei uma escolta – afirmou Inevera. – Jarvah comandará. Não aceites mais ninguém.

– As coisas estão tão severas que não poderei confiar numa escolta do meu irmão? – perguntou Amanvah.

– Mais severas ainda – disse Inevera. – Asome tentou matar Ashia no seu golpe.

– Não! – exclamou Sikvah.

– Ashia revelou ser mais forte – disse Inevera –, deixando Asukaji inválido.

– Asome parará de tentar casar-me à força com o seu primo, pelo menos – disse Amanvah.

– Talvez – concordou Inevera –, mas esse era o maior valor que te atribuía. Não penses que hesitará em matar-te se isso me enfraquecer.

– Nenhum mal acontecerá a Amanvah enquanto for viva, Damajah – declarou Sikvah.

– É provável que sejas também um alvo, sobrinha – avisou Inevera. – Ashia foi enviada para longe da Fortuna de Everam e Shanvah não regressou. Passaste a ser a Sharum’ting Ka.

Houve silêncio enquanto as palavras eram interiorizadas. Por fim, Amanvah falou.

– Parabéns, irmã. Que Everam te abençoe.

– Não sou digna – disse Sikvah.

– É bom ser humilde perante Everam – disse Inevera. – Mas passas a ser a irmã de lança mais elevada na hierarquia. Vi-te crescer e conheço o teu valor.

– Não consegui proteger o meu marido – lembrou Sikvah. – O seu sangue mancha a minha honra.

– Tolice – disse Amanvah. – Estava lá, irmã. Não poderias ter feito mais nada. Foi graças aos teus dotes que sobrevivemos para carregar os seus herdeiros e vingar a sua morte.

– Os dados falaram – comentou Inevera. – Micha e Jarvah jurar-vos-ão lealdade quando vos virem. Não é um manto que possas negar, sobrinha. A Sharak Ka está próxima e todos deveremos erguer-nos quando Everam nos chamar.

– Sim, Damajah – disse Sikvah. – Esforçar-me-ei por ser digna.

– Já és – respondeu Inevera.

– Isto significa que podemos deixar de fingir que a minha irmã-esposa é uma dal'ting fraca? – perguntou Amanvah.

– Imediatamente – disse Inevera. – Poucos na corte serão tolos ao ponto de não terem já percebido.

– Ótimo – disse Amanvah. – Sentir-me-ei mais confortável com armadura protegendo o herdeiro do nosso marido no seu ventre.

– Que outras notícias há do Outeiro? – perguntou Inevera. – O bebé no ventre de mestra Leesha?

Amanvah não perguntou como sabia. A rapariga era suficientemente sensata para conhecer a visão da sua mãe.

– A criança nasceu – referiu Amanvah. – Eu própria a pus no mundo.

– Tão cedo? – Inevera não conseguiu conter a surpresa. – Passaram apenas seis luas.

– Mestra Leesha tem canalizado magia poderosa – explicou Amanvah. – Aceleraram a gravidez. Algo que deverá motivar cautela, tanto à minha irmã-esposa como a mim.

Era um risco, mas Inevera não pensava minimamente nisso. Era um desenvolvimento que podia alterar o rumo da guerra.

– E a criança? – perguntou. – Rapaz ou rapariga?

– A Nie'Damaji'ting Amanvah vah Ahmann am'Jardir am'Kaji, filha primogénita do Shar'Dama Ka e da Damajah, princesa de Krasia – anunciou o dama Jamere enquanto Amanvah se apresentava diante do Trono dos Crânios.

Amanvah vestia a seda branca das dama'ting, esvoaçando sobre ela como fumo, mas suficientemente justa sobre as suas formas femininas para recordar a todos que era filha de Inevera. A corte de Asome continuava a reunir ao sol e a luz dourada cintilava sobre as guardas de electrum bordadas no pano.

O seu véu branco tinha sido trocado por um negro, provando o que todos já sabiam. Com apenas dezoito anos, ocuparia o seu lugar como líder das dama'ting Kaji.

– A kai'Sharum'ting Sikvah vah Hanya am'Jardir am'Kaji – prosseguiu Jamere –, filha primogénita da princesa Hanya, terceira irmã do Shar'Dama Ka. – O nome de Hasik, e a desonra que com ele vinha, tinha sido apagado, mas a sua ausência recordava os crimes do seu pai.

Mesmo assim, Sikvah era uma figura impressionante, com o véu branco sobre as vestes negras de Sharum. Lanças idênticas cruzavam-se sobre as costas,

facilmente alcançáveis sob um grande escudo redondo feito de vidro guardado indestrutível gravado com electrum. Movia-se com a graça de um predador, com as placas de armadura em vidro nas vestes acrescentando volume ao seu corpo minúsculo, especialmente estando um passo atrás de Amanvah com as suas sedas finas.

– Abençoadas sejam, irmã, prima – disse Asome do trono, mesmo que a sua expressão tivesse azedado por ver Sikvah vestida como um guerreiro. Inevera observou do seu estrado almofadado, sem fazer qualquer esforço para esconder o sorriso.

Enquanto a corte reunida olhava, as duas mulheres ajoelharam-se, apoiando as mãos no chão e as testas entre elas. Ergueram-se em uníssono, olhando os sete degraus do estrado.

Amanvah tocou com um dedo na garganta e as suas palavras, suaves e melodiosas, ecoaram pela câmara.

– Respondemos à convocatória do Trono dos Crânios, honrado irmão, para ocupar os nossos lugares devidos na Corte do Libertador.

– As mulheres dos Kaji necessitam da tua sabedoria e liderança, irmã. – Asome conseguiu parecer convincente. Olhou Sikvah. – Mas não te convoquei, prima.

– Eu convoquei-a – disse Inevera, usando a sua joia guardada para amplificar a voz, como Amanvah tinha feito. Grande parte da sua magia era anulada pela luz do Sol, mas era bom recordar a Asome que ela e as outras dama'ting não estavam inteiramente despojadas dos seus poderes. – Com a morte de Ashia, a tua honrada esposa, e com o desaparecimento de Shanvah, o toucado branco da Sharum'ting Ka irá para Sikvah.

Asome franziu a testa e Baden destacou-se do aglomerado de Damaji para se curvar perante o Trono dos Crânios.

– Com respeito, Damajah, não existe precedente para isto. A honrada prima do Shar'Dama Ka não matou quaisquer alagai em batalha. Não conquistou o direito de empunhar a lança e, muito menos, de comandar as irmãs de lança de Everam.

Amanvah olhou-o como se fosse um inseto que pretendesse esmagar.

– Com respeito, Damaji, não és conhecido por caminhares na noite, mesmo agora, em tempo de shar'dama. Quem és para testemunhar os feitos da minha Jiwah Sen na alagai'sharak? – Moveu o olhar sobre a corte, ativando a gargantilha para que as suas palavras chegassem a todos os ouvidos. – Pela minha honra e esperança de alcançar o Paraíso, testemunho perante Everam e o Trono dos Crânios que Sikvah vah Hanya am'Jardir am'Kaji mostrou o sol a mais alagai do que qualquer Sharum de Krasia.

– Uma afirmação absurda. – Ouviram-se murmúrios de concordância com as palavras de Baden pela câmara. – Existem Sharum no exército do Libertador que enfrentavam e matavam alagai cinquenta anos do nascimento desta rapariga. Desonra-los a todos com o que dizes.

Asome bateu com a lança no estrado.

– Pede desculpa, irmã.

Amanvah ergueu os olhos para os do seu irmão.

– Nem tu, Shar'Dama Ka, poderás ordenar-me que minta perante o Trono dos Crânios. Num trio com o nosso marido, a minha irmã-esposa e eu fizemos marchar legiões de alagai despojados de vontade contra as armas da Tribo do Outeiro. Até o mimético que matou o Instrutor Enkido vacilou ao ouvir o nosso som, permitindo que os nossos companheiros o destruíssem.

Asome hesitou. Muitos guerreiros na Fortuna de Everam tinham testemunhado a magia do violino do filho de Jessum e a forma como conseguia conduzir alagai para a matança como se fossem cordeiros. Era um poder que Asome cobiçava e só Amanvah e Sikvah poderiam proporcionar-lhe acesso a ele.

– Talvez – concedeu Baden. – Mas um Sharum luta com a lança e não com magia.

Amanvah sorriu.

– Desejas testar a perícia da minha irmã-esposa com a lança, Damaji?

Baden produziu um grunhido de troça.

– Pedes-me que golpeie uma mulher na Corte do Libertador?

– Claro que não, venerável Damaji – disse Amanvah. – Convido-te a recorrer a um paladino. Um destes homens que afirmas ter matado mais alagai que a minha irmã?

Virou-se, procurando na multidão.

– Ou o teu afamado neto, o Shar'Dama Raji, talvez?

Todos os olhos se voltaram para Raji. O jovem shar'dama era apenas alguns anos mais velho que Sikvah. Um clérigo-guerreiro conhecido pela sua coragem contra os alagai. Estava armado, mesmo durante o dia, envergando pratas de combate guardadas sobre os nós dos dedos, apoiando-se muito ligeiramente sobre a vergasta guardada pela qual era famoso. Uma cauda de alagai com farpas estava pendurada do seu cinto. Era um homem grande, erguendo-se muito acima da minúscula Sikvah, mas esta não hesitou, virando-se e cruzando os punhos sobre o coração, saudando-o com uma vénia de guerreiro.

Raji sorriu e deu um passo em frente, olhando o avô para que este o autorizasse a esmagar a rapariga insolente. Mas o Damaji pressentiu a armadilha. Durante

décadas, Baden tinha colaborado de perto com as dama’ting e sabia melhor que ninguém que não devia subestimá-las. Os dotes de combatente de Ashia eram já lendários no palácio. Se Sikvah se revelasse igualmente formidável e o seu herdeiro fosse derrubado diante da corte, arriscava um golpe irreparável contra a sua honra.

Hesitou e cada momento lhe custou mais uma fração da dignidade que procurava preservar.

Asome percebeu o mesmo.

– Basta. O meu pai não tolerava violência na sua corte e eu também não a tolerarei. O dama Baden está certo. Ninguém questiona o poder deste... canto enfeitiçado, mas os Sharum elevam-se pela lança. Sejam quais forem os seus dotes, Sikvah não matou um demónio em combate perante testemunhas.

– Esta noite, então – disse Amanvah. – Quantas testemunhas desejas?

– Mesmo que consiga fazê-lo, matar um demónio com as lanças e armadura invencíveis da Damajah não será nenhum feito de grande glória. A Sharum’ting Ka deverá ser digna de liderar os guerreiros na Sharak Ka. O trono não reconhecerá Sikvah.

– Que feito de glória satisfará o Shar’Dama Ka? – perguntou Amanvah.

– Deverá fazê-lo como um verdadeiro Sharum – disse Asome. – Como o nosso pai. Como um rapaz vestido com o seu bido e empunhando uma lança sem guardas, combatendo para merecer a sua armadura.

– O Shar’Dama Ka falou – anunciou Inevera. – E o Trono das Almofadas concorda. Esta noite, Sikvah participará na alagai’sharak vestindo o seu bido e empunhando uma lança sem guardas. Amanhã ao amanhecer, oferecerá ao trono uma cabeça de alagai para arder com a luz do Sol ou encontraremos outra líder para as irmãs de lança de Everam.

Ouviram-se gemidos de espanto entre a assistência, sobretudo entre as Damaji’ting, ofendidas pela possibilidade de a mulher ser forçada a abdicar da modéstia diante de guerreiros masculinos.

Sikvah não lhes deu tempo para protestar, voltando a ajoelhar-se e encostando a testa ao chão.

– Será feito, por Everam, Shar’Dama Ka.

Inevera estudou os dados na posição em que Amanvah os fixara, com uma marca na lousa indicando direção e tempo.

– Tens a certeza de que isto está preciso?

A irritação tingiu a aura de Amanvah. Era o desagrado de uma criança esforçando-se por sair da sombra de um progenitor. Era algo que deveria motivar calma a Inevera para que a sua filha fosse uma Damaji'ting eficiente, mas aquilo era demasiado importante para lhe poupar o orgulho.

– Sim, mãe – respondeu Amanvah.

– Sabes o que isto significa. – Inevera fez questão de tornar a frase uma afirmação. A sua filha não era tola.

– Significa que Asome não poupará esforços para matar a criança se isto algum dia for revelado – disse Amanvah. – Significa que, aos olhos de Everam, Olive Papel é a verdadeira herdeira de Ahmann Jardir. Significa que a criança tem o potencial de ser o Libertador renascido.

Era uma verdade amarga. Inevera tinha-se deitado com o Libertador vezes incontáveis, dando-lhe quatro filhos e três filhas, nenhum dos quais apresentava igual potencial. A pega nortenha folgara com ele uma semana e dera à luz o primeiro Shar'Dama Ka potencial numa geração.

Inevera abanou a cabeça.

– Os Libertadores não nascem, filha. São feitos.

Amanvah inclinou a cabeça.

– Se é esse o caso, porque não criar um exército deles como Arlen Fardos pretende fazer?

– Seria bom se pudéssemos fazê-lo – disse Inevera. – Com o desaparecimento do teu pai e de Arlen Fardos, esta criança é o único Libertador potencial que conhecemos. Talvez o único no mundo inteiro.

– É algo que deverá ser protegido – disse Amanvah.

– Ela deverá ser protegida – corrigiu Inevera. – Estiveste certa no conselho que deste a mestra Papel. A criança estará mais segura se todos acreditarem que é feminina. Os feiticeiros de Asome não encontrarão nisto qualquer mentira, mesmo que tenham aprendido alguma forma de previsão.

– Ela – concordou Amanvah.

– Que exigiu mestra Papel em troca da tua previsão? – perguntou Inevera. Os dados tinham-lhe dito que colocasse pessoalmente a questão quando Amanvah estivesse sozinha. Disseram-lhe que a resposta não lhe agradaria.

Com efeito, a aura de Amanvah arrefeceu, como a de um larápio surpreendido com a mão em bolsa alheia. Fechou os olhos e controlou a respiração, encontrando o seu centro antes de responder.

– Lancei os dados com o sangue de mestra Leesha antes do nascimento da criança – disse Amanvah. – Soube então que o parto seria difícil e que a criança

seria especial. Talvez tenha sido o que me ensinaste a procurar há tantos anos.

– Tentas ganhar tempo – comentou Inevera.

Amanvah voltou a inspirar profundamente.

– Mestra Papel exigiu que a ensinasse a ler os alagai hora.

– O quê?! – gritou Inevera.

Amanvah manteve a compostura, mantendo ainda os olhos fechados, controlando a respiração, com as mãos unidas no colo enquanto se ajoelhava sobre as almofadas na câmara privada de Inevera.

– Sei que tens motivos para odiar Leesha Papel, mãe – disse Amanvah. – Não pus folha-negra no seu chá como me ordenaste? – Abriu os olhos e enfrentou o olhar de Inevera. – Mas enganavas-te a seu respeito. É inimiga de Nie e poucos terão feito mais para preparar o mundo para a Sharak Ka. Mesmo antes de dar à luz esta criança. Para que a Primeira Guerra seja ganha, deverá ter todas as vantagens possíveis.

Inevera expirou violentamente pelo nariz. Foi o único sinal exterior da raiva que fervilhava dentro de si. Amanvah tinha-se excedido quando ensinara segredos das dama'ting à bruxa hortelã, desafiando a sua autoridade como Damajah.

Mas estava certa. Quando se deixou vergar pelo vento das suas emoções, Inevera viu a verdade no seu centro.

– Voltas a estar certa, filha – disse Inevera. – Receei que fosses demasiado jovem para envergar o toucado negro, mas vejo que esse receio foi infundado. Serás uma bela Damaji'ting.

O orgulho tingiu a aura de Amanvah, mas limitou-se a fazer uma vénia.

– Honras-me, mãe.

– Mestra Leesha não pode ter aprendido muito no tempo escasso que antecedeu a tua partida do Outeiro – disse Inevera.

Amanvah acenou afirmativamente.

– Deixei-lhe as secções relevantes do Evejah'ting, mas precisará de uma instrutora. Prometi enviar-lhe uma dama'ting para ocupar o meu lugar no Outeiro. Talvez Jaia. Ou Selthe.

Inevera pressionou os lábios.

– São demasiado inexperientes. Uma delas poderá auxiliar, mas devemos enviar alguém mais sensato para uma tarefa tão importante.

– Quem merecerá a nossa confiança? – perguntou Amanvah. – A maioria das dama'ting preferiria cortar o pescoço da mestra e fugir com a criança e com uma pretensão ao trono da Damajah.

– É um risco – concordou Inevera. – Precisaremos de consultar os dados. Também eu mataria a mestra e roubaria a sua criança, mas o palácio não é um local seguro enquanto o teu irmão se sentar no trono. Quanto mais distante Olive estiver dele, maior será a probabilidade de atingir idade suficiente para envergar o manto de Shar'Dama Ka e salvar Ala.

– Ou para a destruir – disse Amanvah.

Inevera acenou com a cabeça.

– Tal é o peso que repousa sobre os ombros do Libertador.

* * *

Sikvah ajoelhou-se diante do Trono dos Crânios, cobrindo a nudez apenas com o bido, uma tira simples de pano negro envolvendo-lhe os seios e entrelaçando-se entre as pernas. A face e o cabelo estavam descobertos e não trazia nenhuma das suas joias guardadas, nem mesmo a sua famosa gargantilha. A seu lado, repousava uma lança simples de madeira e aço, sem guardas e coberta com sangue negro que fervilhava sob o sol matinal.

Era escandaloso por quaisquer padrões. Inevera deleitava-se com a forma como perturbava os homens. Metade sentia embaraço, afastando o olhar. Os restantes fitavam abertamente. Nenhum deles pensava com clareza.

Sete Sharum'ting com véus negros ajoelhavam-se atrás dela, cada uma segurando um saco de veludo negro grosso.

– Não especificaste que tipo de alagai me traria a maior honra, Sha'Dama Ka – disse Sikvah. – Por isso, trouxe um por cada pilar do Paraíso.

Umas atrás das outras, as suas guerreiras abriram os sacos, deixando cair sobre o piso de mármore as cabeças cortadas de demónios do vento, da chama, da rocha, dos campos, do pântano, da pedra e da margem.

No momento em que a luz do Sol iluminou as cabeças, irromperam em chamas.

Se o espetáculo irritou Asome, não deu disso qualquer sinal.

– Ergue-te, Sharum'ting Ka.

Amanvah avançou com um elmo envolto por um turbante branco, colocando-o sobre a cabeça de Sikvah enquanto esta se erguia. Foi-lhe trazida uma túnica negra simples, que vestiu sem pressa.

– Basta de política ting. – Asome descreveu um arco brusco com a lança, dispensando-as. – Chegou o momento de nos ocuparmos dos Majah.

Guardas abriram as portas da câmara, deixando entrar o Damaji Aleveran e a sua comitiva. Chavis acompanhava-o, mansamente seguido por Belina, envergando novamente o toucado branco e o véu negro de uma nie'Damaji'ting. Iraven também os acompanhava, mantendo os olhos no chão. Só Everam saberia que promessas Aleveran e Chavis tinham sido forçados a fazer para conseguirem restaurá-lo a uma posição de algum relevo na tribo, mas era um bom sinal, se houvesse alguma esperança de reintegrar os Majah na ordem natural de Krasia.

Como tinha sido acordado antecipadamente, uma mesa foi colocada sobre o piso da sala do trono e Asome e Inevera desceram para se encontrarem com a delegação Majah. Asome parecia régio com a sua coroa e lança, mas Aleveran não se mostrou impressionado, desejando prosseguir rapidamente com o que havia a fazer.

Jamere trouxe os contratos, duas cópias de um documento palavroso, concedendo aos Majah direitos de partirem da Fortuna de Everam para regressarem à Lança do Deserto.

Inevera odiou Asome por os forçar àquilo, mas não havia nada a fazer. Asome e Aleveran perfuraram os dedos, apertando-os até o sangue pingar e molhando canetas nas gotas para assinarem com sangue.

Os outros Damaji fizeram o mesmo, incluindo os das tribos protegidas pelos Majah, que permaneceriam na Fortuna de Everam para servir Asome. As tribos menores, como os Sharach, não constituíam grande perda, mas os Vigias Nanji serviam os Majah há séculos. A expressão de Aleveran era amarga enquanto o irmão Nanji de Asome assinava o seu nome, destroçando essa aliança.

– Isto conclui o nosso trato – disse Aleveran, enrolando a sua cópia do documento e selando-a num tubo guardado. – Separamo-nos em paz, mas não com perdão. Ala é ampla e variada. Que Everam permita que não voltemos a encontrar-nos.

Dirigiu-se para a porta, estalando os dedos. Belina e Iraven olharam Inevera uma última vez antes de o seguirem com o resto da comitiva, abandonando todos a sala do trono.

Os dias que se seguiram foram longos, com filas intermináveis de suplicantes ao trono, alguns cobiçando posições deixadas livres pela partida dos Majah, outros desejando proteção ou a renegociação de direitos de propriedade de terras. Os Majah tinham despojado o seu território de todos os valores, mas as terras que

controlaram eram vastas e estavam repletas do solo rico arável que tinha tornado os hortelões tão fracos.

Inicialmente, Asome encerrava os trabalhos uma hora antes do chamado para a oração do anoitecer, mas, com o passar dos dias, trabalhava cada vez até mais tarde, até que, por fim, o Sol se punha com a corte ocupada com os seus trabalhos. Inevera pensou que poderia ter sido um simples esquecimento, mas, quando a sua tiara incrustada de joias se ativou e começou a ver com a luz de Everam, percebeu que não era acidental.

Todos os Damaji brilhavam com poder, com joias guardadas nos dedos e nos turbantes, com bastões cobertos de ouro e bolsas de hora nos cintos. Feiticeiros dama caminhavam abertamente, com os pesados bastões de osso de demónio proporcionando grandes reservas de poder.

Asome surpreendeu-a a olhar, esboçando à mãe um sorriso predatório. O domínio da noite pelas dama'ting esmorecia. Quanto tempo passaria até decidir que deixava de precisar dela?

Inevera inspirou fundo, esforçando-se por encontrar o seu centro. Tinha sido ela a iniciar o desequilíbrio entre os sexos, dando lanças às mulheres, mas nunca desejou substituir os homens da tribo.

Asome poderia não sentir o mesmo. Muitos na sua corte desejavam o regresso aos velhos costumes, quando as mulheres eram silenciosas. Obedientes.

Escravas.

Estremeceu. O suficiente para demorar um momento a reparar que um dos seus brincos vibrava.

Ergueu uma mão, passando uma unha cuidada sobre a cartilagem, contando para perceber quem tentava contactá-la. Teria de ser importante para perturbar a Damajah enquanto a corte estava reunida.

Não era nenhuma das suas irmãs-esposas ou das Sharum'ting. Não era uma das suas filhas.

Por fim, o seu dedo parou sobre o lóbulo e o seu coração palpitou-lhe no peito. Aquele brinco não vibrava há muitos meses.

Não desde que Ahmann caíra para a escuridão.



DEZASSEIS

AMADA

334 DR

O Par’chin caminhou com Jardir da torre até uma clareira.

– Parece-te que estás preparado? – A preocupação visível na aura do Par’chin era comovente. Jardir tinha tentado matá-lo em duas ocasiões e, mesmo assim, o seu irmão hortelão preocupava-se com o seu bem-estar.

– Sei o que faço, Par’chin – disse Jardir, serenando as suas dúvidas.

– O vento é forte. É preciso estar preparado para... – começou o Par’chin.

Jardir riu-se.

– Basta, Par’chin! Tenho uma mãe preocupada e quinze mulheres. Não preciso que tentes também dar-me mama.

– Tinhas de tornar isto estranho. – O Par’chin estendeu a mão, mas Jardir ignorou-a, puxando o seu ajin’pal para um abraço apertado.

– O tempo é nosso inimigo – disse o Par’chin. – Faz o que tens a fazer, mas não te deixes arrastar.

– Digo-te o mesmo, Par’chin – respondeu Jardir. – Tem cuidado durante a ausência da tua jiwah. A honra de Shanvah não tem limites, mas o seu amor pelo pai é uma fraqueza que Alagai Ka explorará se lhe for dada a oportunidade.

O Par’chin acenou com a cabeça.

– Está controlado. Certifica-te de que... voltas depressa, sim?

– Sim – disse Jardir, retirando a Lança de Kaji das costas e erguendo-a horizontalmente como uma vergasta de dama. Havia milhares de guardas gravadas na ponta e na haste de electrum da arma. Como sucedia com a coroa, Jardir aprendera a compreender o propósito de muitas delas, mas outras permaneciam um mistério e acabara de descobrir algumas.

Pressionou com os polegares as guardas de ar, invocando o poder contido na arma ancestral enquanto saltava, fazendo ventos elevarem-no para o céu.

Subiu mais e mais, rindo-se alto enquanto via a terra ficar distante. O vento na cara era entusiasmante e enchia-lhe os pulmões com o seu frio. As estrelas do céu noturno tornaram-se mais brilhantes e sentiu-se uno com a beleza da criação de Everam como nunca antes sentira.

Como o Par'chin tinha advertido, as correntes eram mais fortes no céu, mas compensou bem até entrar numa nuvem baixa. Subitamente cego e massacrado com água e gelo, Jardir perdeu a concentração, caindo em direção a Ala.

Conseguiu controlar novamente o poder, abrandando a queda, mas, mesmo evitando a gravidade do impacto, não evitou rebolar por um campo sobre erva alta parcialmente gelada.

Levantou-se, praguejando e cuspindo feno enquanto tentava sacudir a terra das vestes. O poder acumulado no seu corpo manteve-o incólume, mas a Capa de Invisibilidade de Leesha ficou suja e essa mácula na sua honra de artesã feria-o. Projetou poder para as guardas da capa, evaporando as manchas como água numa panela.

Pelo menos, estou demasiado longe para o Par'chin ter visto, pensou.

Começou a concentrar-se para nova tentativa, mas parou ao ouvir um ruído baixo. Teve apenas um instante para se preparar antes de o demónio dos campos saltar, mas, com o treino de décadas a combater alagai, Jardir não precisou de mais. Virou-se, empalando a criatura na ponta da lança e canalizando a sua magia como se a sugasse por uma palha.

Voltou a erguer-se para o céu, vacilando ligeiramente enquanto ganhava altitude e velocidade, mas acabando por estabilizar. Estava frio entre as nuvens, mas canalizou mais poder, aquecendo-se enquanto voava para noroeste, em direção à Fortuna de Everam.

Um guincho ecoou na noite e Jardir virou-se para ver três demónios do vento seguindo-o, com as grandes asas de couro batendo com força enquanto procuravam reduzir a distância.

Podia ter aumentado a velocidade, mas sentiu que era indigno da sua condição fugir dos demónios, permitindo que atormentassem Ala. Ao invés, elevou-se em

voo circular até colocar os demónios à sua frente. Com cuidado para não perturbar o jogo delicado de guardas e magia canalizada que o mantinham no ar, apontou a Lança de Kaji a um deles, projetando um disparo de magia que traçou um risco luminoso no céu e falhou a criatura veloz. Disparou mais uma vez e outra ainda, antes de lhe perfurar finalmente a asa, fazendo-o cair. Ala estava a mais de quilómetro e meio de distância. Nem a poderosa magia de cura dos alagai conseguiria fazê-lo recuperar de tal embate.

Os outros demónios encontraram-no, mergulhando em direções opostas para voarem ao seu encontro com as garras para diante. Voando a grande velocidade contra eles, Jardir não confiou na sua capacidade de os atingir com disparos e não lhe agradaram as possibilidades de absorver o impacto de um choque direto sem se despenhar.

Mas havia outras opções. Traçou guardas de frio enquanto um dos demónios atravessava uma nuvem. A humidade colou-se à pele grossa, formando uma camada de gelo que o fez cair como uma pedra.

O último demónio avançava rapidamente e Jardir não tentou golpear ou esquivar-se, limitando-se a pairar no mesmo sítio, como um alvo fácil. Enquanto o fazia, invocou o poder da sua coroa, formando um escudo à sua volta que seria impenetrável para os servos de Nie.

O demónio embateu contra a barreira com tal força que os seus ossos ocos se estilhaçaram como os de uma ave chocando contra uma janela de vidro grosso. Sangue negro esguichou, deixando uma mancha escura enquanto o alagai caía. O sangue caiu quando Jardir baixou o escudo, retomando o voo.

Recuperando o controlo, esticou os braços junto ao corpo para minimizar a resistência à deslocação de ar enquanto via a estrada dos Mensageiros, um minúsculo fio em baixo, conduzindo-o para casa de forma inexorável.

Esperou até estar distante da torre antes de tentar contactar Inevera, evitando o risco de os servos de Nie perceberem a ressonância no ar. A última coisa que queria era conduzi-los à prisão de Alagai Ka. Tinha decidido com o Par’chin que uma hora seria suficiente, mas era difícil avaliar a passagem do tempo no céu e teve de arriscar um palpite.

A Fortuna de Everam ficava ainda a centenas de quilómetros, demasiado longe para que a minúscula pedra hora no seu brinco alcançasse o destino, mas Jardir controlava plenamente o seu poder pela primeira vez na sua vida e compreendia por inteiro o funcionamento da magia delicada. Precisava apenas de se concentrar, reforçando o poder do brinco com a coroa para fazer vibrar o seu gémeo na orelha da sua Jiwah Ka.

Sem dúvida que ficaria furiosa, mas Jardir não conseguia evitar sorrir pela surpresa que lhe reservara e muito menos impedir o coração de bater mais depressa com a antecipação de ouvir a sua voz.

Passaram-se longos momentos até sentir a ligação abrir, com a magia fluindo livremente do brinco de Inevera até ao seu.

– Quem é? – perguntou, furiosa. – Quem ousa...?!

– Paz, Jiwah – disse Jardir. – Quem poderá ser senão o teu marido?

– Ahmann Jardir morreu – afirmou Inevera com palavras ásperas.

Jardir franziu a testa. Tinha antecipado muitas reações, mas negação insistente não fora uma delas.

– Sou eu, esposa. Conhecemo-nos no pavilhão das dama'ting no dia em que Hasik me partiu o braço. Ensinaste-me a acolher a dor. Eras bela e guardei a tua face na memória durante anos até voltar a vê-la no dia do nosso casamento.

Após uma pausa, ouviu um sussurro mais tímido do que qualquer coisa que Jardir alguma vez tivesse ouvido à sua intrépida esposa.

– Ahmann?

Jardir sentiu um nó na garganta.

– Sim, amada.

– Que som é esse? – A voz de Inevera falhava. – Falas-me do Paraíso?

Jardir demorou um momento a perceber a que se referia. Riu-se.

– Não, jiwah. É apenas o vento passando por mim enquanto me dirijo para ti a grande velocidade.

– Como é possível? – perguntou Inevera. – Os dados disseram que morreste.

– Disseram? – perguntou Jardir. – Ensinaste-me que os alagai hora não mentem, mas, por vezes, não dizem o que julgamos ler.

– Disseram que os alagai foram profanar o cadáver do Shar'Dama Ka há meio ano.

– É verdade, mas não foi a mim que quiseram profanar – disse Jardir.

– Não pode ter sido o Par'chin – retorquiu Inevera. – Se o tivesses derrotado, terias regressado.

– Não foi o Par'chin – concordou Jardir. – Os príncipes alagai foram a Anoch Sun para devastar a cidade de Kaji e cagar sobre os seus ossos.

O gemido de espanto de Inevera quase se perdeu no som do ar passando junto às suas orelhas. Depois de lhe ouvir a voz, aumentou a velocidade por instinto, desesperado por a ter novamente nos braços.

– Não poderias permiti-lo – supôs.

– Não – concordou Jardir. – E sim. Saber onde os príncipes alagai atacariam nessa ocasião forjou uma aliança que teria sido impossível de outra forma. O Par'chin e eu viajámos até Anoch Sun juntos e esperávamo-los quando vieram ao sítio onde repousa Kaji.

– Que aconteceu? – perguntou Inevera.

– Não posso falar do assunto até estarmos juntos e seguros dentro da proteção da coroa – disse Jardir. – Fala-me de ti. Os meses da minha ausência terão sido difíceis, mas ninguém em Ala conseguiria suportar de melhor forma esse fardo. Estás bem?

– Tenho o coração partido, mas permaneço intacta. – Jardir suspirou de alívio ao ouvir as suas palavras.

– A tua glória não tem limites – disse Jardir. – Sentaste Ashan no trono?

Uma longa pausa. Suficiente para Jardir enviar uma fração de magia pelo brinco para assegurar que o circuito permanecia aberto.

– Esposa?

– Talvez seja melhor discutir também esse assunto quando estivermos juntos – disse Inevera, por fim.

Inevera esperava no telhado quando Jardir sobrevoou o seu palácio no topo da grande colina no centro da Fortuna de Everam. Vestes vermelhas diáfanas dançavam no ar noturno, iluminadas pelo brilho das suas joias. Conseguia ver as curvas do corpo dela em silhueta entre a seda, deixando pouco à imaginação.

Outrora, odiara aquelas vestes escandalosas, que lhe recordavam que o seu poder sobre a sua Primeira Esposa estava longe de ser absoluto. Mas, naquele momento, após meses de separação, conseguia pensar apenas na sua beleza. Inspirou, saboreando o seu perfume no ar noturno, sentindo-se enrijecer.

Inevera caiu-lhe nos braços quando aterrou e apertou-a contra o peito. O corpo dela era macio contra o seu, mas havia força nele. Sabia bem como os seus músculos conseguiam ficar duros quando os retesava. Havia tanto para dizer, mas afastou os pensamentos por um momento, encostando o nariz ao seu cabelo perfumado e enchendo-se com o seu cheiro.

Afastaram-se apenas o suficiente para conseguirem unir avidamente os lábios. Jardir sentiu o coração acelerado e afastou-se. Com um pensamento, ergueu uma esfera de silêncio à sua volta, servindo-se dos poderes da coroa.

– Os Majah enchem as estradas – disse. – O que...?

– Mais tarde – disse Inevera, pressionando os lábios macios contra os dele enquanto lhe puxava a cinta.

– Aqui? – perguntou ele. – Agora?

Inevera soltou-lhe a faixa da cintura com um puxão.

– Não esperarei nem mais um instante. – Retirou a Capa de Invisibilidade de mestra Leesha dos seus ombros, atirando-a sobre o telhado como um cobertor estendido na areia.

Com um rosnado, Jardir segurou-a pela cintura e ergueu-a do chão. Não lhe resistiu enquanto a deitava sobre a capa, rasgando-lhe as sedas quando não conseguiu despir-lhas com suficiente facilidade. Estava rapada e oleada, com o sexo húmido enquanto a penetrava.

A sua união não teve truques de dama'ting, dança das almofadas ou sete toques. Foi paixão feroz e animalesca, anulando meses de frustração. Mordendo-se e arqueando-se, arranhando e esbofeteando, comunicando necessidades e desejos com grunhidos e pressões. Jardir sabia que o seu regresso devia ser secreto, mas, naquele momento, não havia nada além de Inevera, a sua Primeira Esposa, e a paixão reinava.

Quando terminou, permaneceram deitados, transpirando no ar frio da noite, enroscados sobre um ninho de roupas rasgadas. Jardir manteve os olhos na face dela, bebendo-a como um homem que morresse de sede. Roçou os dedos pela sua face e pela orelha abaixo, sentindo as ligações de cada brinco quando o fez. As suas outras esposas. As suas sobrinhas. Compreendia naquele momento o poder das joias e custava-lhe acreditar que nunca o tivesse sentido antes.

– Devia sentir-me irado por teres guardado os brincos em segredo – disse.

Inevera sorriu.

– É dever da Primeira Esposa vigiar o seu marido. Se soubesses, terias encontrado uma forma de calar o que não quisesses que ouvisse.

– Como o tempo que passei sobre as almofadas com Leesha Papel – disse Jardir.

Inevera manteve a compostura, mas não conseguia esconder os sentimentos na sua aura. Jardir olhou-lhe a alma, vendo a dor que aí residia.

– Ouviste cada momento – disse.

– Como poderia não ter ouvido? – perguntou Inevera. – Perdia-te para aquela...

Jardir segurou-lhe a face nas duas mãos, voltando a beijá-la.

– Nunca, amada. Estamos unidos, nesta vida e na seguinte. Compreendo agora porque te deitaste com o Andrah. Perdoo-te, mesmo que não precises de perdão por teres colocado a Sharak Ka acima de qualquer outra coisa.

Inevera soluçou e Jardir puxou-a mais para si.

– Preciso de ti, esposa. Agora mais que nunca, precisaremos de estar unidos. Sem segredos. Sem mentiras e meias-verdades. Ala inteira corre perigo e não há ninguém em quem mais confie.

Beijou-o, afastando a cara para o olhar nos olhos.

– Compreendo porque te deitaste com Leesha Papel. Perdoo-te, mesmo que não precises de perdão por teres colocado a Sharak Ka acima de qualquer outra coisa. Sou tua como tu és meu. Os dados previram que o teu regresso daria início à Sharak Ka e suportá-la-emos unidos de mente e coração. Sem segredos. Sem mentiras e meias-verdades. Juro-o perante Everam, pela minha esperança de ascender ao Paraíso.

Inevera ergueu uma mão, tocando-lhe o brinco na orelha.

– Porque não consegui ouvir-te depois de caíres?

– O Par'chin viu a ligação nos brincos antes de mim – disse Jardir. – Bloqueou o seu poder e não tardámos a ficar fora de alcance.

– O Par'chin. – Inevera cuspiu no chão. – Devia tê-lo matado quando tive oportunidade.

Jardir abanou a cabeça.

– Talvez tivesses condenado Ala. Foi ele quem me ensinou a usar a Coroa de Kaji para potenciar o sinal e contactar-te a centenas de quilómetros.

Inevera arregalou os olhos.

– Isso é possível?

Jardir acenou com a cabeça.

– É um procedimento simples. Posso ensinar-to, se desejares. O Par'chin ensinou-me muitas coisas enquanto fui seu prisioneiro.

– Prisioneiro? – rosnou Inevera. – Atreveu-se a...?

Jardir ergueu uma mão.

– Paz, esposa. O filho de Jeph fez o que precisava de fazer para conseguir vantagem na Sharak Ka. Como tu sempre fizeste.

– Não acredito nisso – disse Inevera.

Jardir segurou-a gentilmente pelos braços, olhando-a nos olhos.

– Olha a minha alma, jiwah. Se não acreditares em mais nada, acredita quando te digo que o Par'chin não anseia por mais nada senão pela Sharak Ka. Tê-lo-ia matado em Domin Sharum, mas esse nunca foi o seu intuito. Tinha planos maiores. Planos gloriosos.

– Atacar os príncipes nuclitas em Anoch Sun – disse Inevera.

Jardir sorriu.

– Oh, jiwah. Isso é apenas o início.

– Damajah – disse Micha enquanto Inevera abria a porta das escadas que conduziam ao telhado. – As tuas vestes.

Com efeito, estavam rasgadas, mas o facto de se cobrir com panos presos com o punho não diminuía em nada o porte régio de Inevera e a sua autoridade.

– Não é nada. Abre caminho para os meus aposentos.

– Sim, Damajah – disse Micha. Jardir orgulhou-se por ver a sua filha movendo-se com graça fácil nas suas vestes negras de Sharum'ting, mas manteve a Capa de Invisibilidade de Leesha vestida, reforçando o seu poder com poder próprio. Micha e a sua outra filha guerreira, Jarvah, que as seguiu enquanto desciam as escadas, não o viram enquanto seguia Inevera até aos seus aposentos privados.

– Assegurem que não serei incomodada – disse-lhes Inevera, fechando e trancando as portas dos aposentos e ativando uma rede guardada que travaria um exército de humanos ou alagai.

Virou-se, tornando a abraçar Jardir.

– Sozinhos outra vez. Teremos privacidade até decidirmos qual a melhor forma de anunciar o teu regresso.

Jardir suspirou.

– Receio que isso seja prematuro, amada. Ainda não posso reclamar o Trono dos Crânios. Talvez nunca o possa fazer. Apenas tu deverás saber que regressei e devo partir antes que a luz do amanhecer me prenda a Ala.

– Impossível – disse Inevera. – Acabas de regressar.

– Mesmo assim.

– Não compreendes – disse Inevera. – Aconteceu tanta coisa.

– Seja o que for, será menos importante do que o caminho que me espera – respondeu Jardir. – O peso da Sharak Ka está sobre nós.

Inevera suspirou, com a sua aura acalmando-se enquanto estendia as mãos e pegava nas dele.

– Ashan morreu.

Jardir pestanejou.

– O quê?

– E Jayan – prosseguiu Inevera, apertando-lhe mais as mãos enquanto dizia o nome do seu primogénito. – E também todo o conselho de Damaji e o teu filho

Maji. Todos assassinados na noite por Asome quando ascendeu ao Trono dos Crânios.

Jardir abriu a boca, mas não proferiu quaisquer palavras. Qualquer uma daquelas mortes teria sido um golpe. Unidas, atordoavam-no. Acolheu tudo aquilo, apertando também as mãos de Inevera.

– Diz-me tudo.

Ouviu, incrédulo, enquanto Inevera relatava os eventos em Krasia desde o seu desaparecimento. Sempre soubera que a sua coligação de tribos era frágil, mas nunca sonhara que se dissolvesse tão rapidamente sem a sua mão unificadora.

– Foi um erro nomear Asukaji herdeiro dos Kaji – disse Jardir. – Deixou Asome sem forma de ascender na hierarquia.

Inevera abanou a cabeça.

– Foi a decisão certa, marido. Não poderias ter sabido que guardaria tanto homicídio no coração.

– Usar hora na noite para tomar o trono – Jardir cerrou um punho – desonrou tudo aquilo que representamos.

– Perdendo por isso uma das nossas tribos mais poderosas – disse Inevera. – Mas, agora que regressaste, talvez os Majah possam ser recuperados.

Jardir abanou a cabeça.

– Não posso trazê-los de volta sem me revelar, amada. E não poderei fazer tal coisa.

– Porque não? – perguntou Inevera. – Que poderia ser mais importante do que manter as tuas forças juntas quando a Sharak Ka se aproxima?

– A Sharak Ka não se aproxima, amada – respondeu Jardir. – Chegou. Agora. Os alagai já se movimentam, estabelecendo ninhos pelas terras verdes. Preciso de ir à origem para os travar.

Inevera olhou-o, incrédula.

– Não podes referir-te ao abismo de Nie?

Jardir acenou com a cabeça.

– Não foi para impedirmos que os alagai profanassem os nossos antepassados que viajámos até Anoch Sun. Com efeito, deixámos que acontecesse.

– Porquê?

– Fomos para capturar Alagai Ka – disse Jardir. – E fomos vitoriosos, amada!

– Impossível – disse Inevera.

– Quase – retorquiu Jardir. – O nosso poder combinado, juntamente com o da Jiwah Ka do Par’chin, de Shanjat e Shanvah, quase não era suficiente.

– Shanjat e Shanvah encontraram-te? – perguntou Inevera.

– Com efeito – admitiu Jardir. – Obrigado, amada, por os teres enviado. Sem eles, poderíamos não ter tido sucesso. A sua honra é infinita. Shanvah inclui agora um príncipe alagai entre as suas mortes.

– E Shanjat?

Jardir suspirou, contando a tentativa de fuga de Alagai Ka e a destruição da mente do seu cunhado. Relatou o interrogatório e o plano do Par'chin.

– Loucura – considerou.

– Bela loucura – disse Jardir. – Gloriosa loucura. Loucura digna do próprio Kaji. É um plano ousado, mas atingirá Nie no seu cerne.

– Acreditarás nas palavras do Príncipe das Mentiras? – questionou Inevera. – Bolas de Everam, marido. És tolo?

– Claro que não. – Jardir revirou os olhos, expondo o antebraço. – É um risco de que dependerá Ala inteira. – Estendeu o braço, marcado por cicatrizes inúmeras da lâmina curva de Inevera. – Fiz a viagem longa de volta à Fortuna de Everam para que a Damajah pudesse lançar os dados e prever o seu desfecho.

Jardir resistiu à ânsia de coçar o braço enquanto sarava o corte mais recente de Inevera. Parecia tão determinada em drenar-lhe o sangue como a semente, lançando os ossos uma e outra vez, em busca de respostas. Os cortes eram superficiais, sarados com facilidade depois de o Par'chin lhe ter ensinado o truque, mas a pele provocava comichão enquanto se reparava. Por algum motivo, isso era mais difícil de anular que a dor.

– Que vês? – perguntou quando deixou de conseguir esperar.

– Morte – respondeu Inevera, continuando a fitar os dados, com a face iluminada pelo seu brilho vermelho sinistro. – Divergências. Enganos.

– Essas palavras não são úteis, amada – comentou Jardir. – O plano do Par'chin tem alguma esperança de sucesso?

– Dificilmente – disse Inevera. – Mas deverás partir, mesmo assim.

As palavras surpreenderam-no. Esperou que dissesse qualquer coisa para o manter em Krasia.

Ah, amada, pensou. *Voltei a subestimar-te*.

– Existem futuros em que todos vós morrerão no abismo, longe do vosso objetivo – continuou Inevera. – E outros em que encontram Alagai'ting Ka, sendo esmagados. Noutros ainda, chegam demasiado tarde, depois de concluída a postura.

– Mas o sucesso é possível. – Jardir cerrou um punho.

– Possível, como será possível encontrar um grão de areia específico no deserto – disse Inevera. – E, mesmo com essa possibilidade infinitésima, não sobreviverão todos.

– Irrelevante – desvalorizou Jardir. – As nossas vidas não valerão nada quando pesadas contra esta causa.

– Não sejas tão lesto a martirizar-te – disse Inevera. – Deverás manter-te vigilante. Vejo traição ao dobrar de cada esquina.

– Mas devo ir? – perguntou Jardir.

Inevera acenou com a cabeça.

– Se não fores... condenar-nos-ás a todos. O Par'chin libertou as águas de um rio, que não pararão até chegarem ao mar.

Jardir levou a mão a um bolso especial na sua túnica, retirando quatro frascos e colocando-os sobre a almofada diante dele. Estavam cheios de um líquido vermelho intenso que cobria o interior do gráfico.

– Sangue do Par'chin, da sua jiwah, de Shanvah e Shanjat.

Inevera estendeu a mão avidamente para erguer os frascos.

– Abençoado sejas, marido.

Jardir levou a mão à túnica, retirando um quinto frasco. Ao contrário dos outros, continha um líquido negro como alcatrão.

Os olhos de Inevera brilharam enquanto a sua aura arrefecia.

– Isso é...?

– Sangue negro – confirmou Jardir – extraído à força de Alagai Ka.

A mão de Inevera tremeu apenas um pouco enquanto aceitava o último frasco.

– Precisarei de tempo para preparar os dados para novos lançamentos e para formular questões.

Jardir acenou com a cabeça.

– Há assuntos que deverei resolver entretanto.

– Creio que deverei acompanhar-te quando o momento chegar – disse Inevera. – Como a jiwah do Par'chin.

– Nem pensar – recusou Jardir, talvez com demasiada rapidez. Inevera franziu a testa. – Krasia precisa mais de ti agora do que em qualquer outro momento. – Era verdade, mesmo que talvez não fosse a verdade inteira e, sem dúvida, Inevera veria isso mesmo. – As forças de Nie preparam-se para avançar e caber-te-á manter o nosso povo unido para o combate. Nunca tive a tua capacidade política.

– Talvez – disse Inevera. – Lançarei os dados. Mas, se a minha presença acrescentar uma única divergência em que encontrarão a vitória...

– Nesse caso, pesá-la-emos contra as divergências em que regressaremos vitoriosos e encontraremos o nosso povo chacinado por falta de liderança – concluiu Jardir.

Inevera apertou os frascos contra o peito e acenou tristemente com a cabeça. A seguir, pousou-os, dirigindo-se a uma caixa de madeira polida e regressando com uma agulha e um tubo.

– Precisarei de mais sangue. Para agora e para quando te tiveres ido.

Instintivamente, Jardir coçou o braço.

Voltou a possuí-lo depois de concluída a sangria. Ao contrário do alvoroço sob as estrelas, foi amor gentil sobre as almofadas de seda que tinham partilhado como marido e mulher. Inevera começou por dançar nas almofadas, retirando os panos até ficar vestida apenas com as suas joias. A seguir, pegou em óleo de kanis e executou na sua lança os sete toques sagrados descritos no Evejah'ting.

Só depois embainhou a lança no seu corpo, movendo-se segundo um ritmo ancestral e aproximando-os ambos do Paraíso antes de regressarem a Ala.

O estômago de Jardir rosnou enquanto se entrelaçavam sobre as almofadas perfumadas.

– Consigo sarar os cortes, amada, mas a magia não consegue criar carne e sangue a partir do nada.

Inevera acenou com a cabeça.

– Claro. Se a magia não consegue criar carne e sangue a partir do nada, conseguirá criar comida e bebida a partir do nada.

– Hã? – questionou Jardir.

– Um dos primeiros feitiços que uma dama'ting precisará de dominar antes de envergar as vestes – disse Inevera. – Um feitiço que será valioso na tua jornada.

Deslocou-se a uma urna de barro cinzenta, retirando areia branca fina para duas malgas grandes. Alisando a superfície, traçou guardas na areia com uma das suas unhas cuidadas, criando uma rede complexa que Jardir observou com cuidado.

No momento seguinte, uma das malgas encheu-se com água fria e cristalina e a outra com cuscuz fumegante. Jardir provou, arregalando os olhos.

– Nunca provei nada tão...

– Perfeito – concluiu Inevera. – Quando as guardas são traçadas incorretamente, a comida e bebida são veneno, mas, traçadas de forma correta, serão sustento tão puro como a luz de Everam.

Com efeito, estando faminto no momento anterior, uma única dentada e um gole de água deixaram-no satisfeito.

– O Par’chin diz que o caminho para o abismo demorará semanas a percorrer. Receei que tivéssemos de transportar mantimentos para a viagem inteira.

Inevera abanou a cabeça.

– Com a bênção de Everam, tudo será possível. Vem. Despe essas vestes vergonhosas. Se descerás ao abismo, deverás fazê-lo com vestes dignas do Shar’Dama Ka para semear o medo nos corações dos servos de Nie.

Jardir olhou para baixo. Tinha esquecido o castanho dos khaffit com que o Par’chin o vestira durante a sua prisão. Era um esforço para o humilhar. Talvez merecido. Mas deixava de haver necessidade de continuar a vesti-lo.

E havia outros motivos para vestir as suas vestes legítimas.

Jardir colocou as mãos contra a porta da Cripta, sentindo aquecer a pulseira que Inevera lhe dera. A grande porta, formada por várias toneladas de pedra crua reforçada com guardas traçadas em electrum, abriu-se com apenas esse toque, silenciosa como um túmulo. O corredor à sua frente estava banhado em luz guardada, vazio além dos símbolos gravados nas paredes.

Cobriu-se melhor com a sua Capa de Invisibilidade enquanto a porta se fechava atrás dele, percorrendo rapidamente o túnel até encontrar uma bifurcação. Havia um guarda diante da porta que procurava, um eunuco sem língua envergando o negro dos Sharum, com pulsos e tornozelos agrilhoados com ouro. Os guardas eunucos eram mestres do sharusahk das dama’ting, rápidos e letais.

Jardir traçou uma série de guardas no ar com um dedo, energizando-as com a coroa. Momentos depois, os olhos do eunuco começaram a fechar-se. Resistiu com valentia, abanando a cabeça para se recompor, mas o poder era irresistível. Encostou-se à parede e apoiou-se na lança, adormecendo de pé.

Jardir usou a visão guardada da sua coroa, espreitando pela porta de madeira pesada como se fosse uma vidraça. A sua mãe estava acordada no interior, repreendendo as noras, Everalia e Thalaja, esposas de Jardir, enquanto a penteavam. A câmara estava ricamente decorada, mas não deixava de ser uma prisão.

– Não com tanta força, rapariga estúpida – exclamou Kajivah a Everalia enquanto esta entrançava a trança perfeita. – De quantos anos precisas para aprender? E tu. – Virou-se parcialmente para Thalaja, que lhe tinha escovado o

cabelo até ficar impecável e brilhante. – Cem passagens da escova, disse-te. Contei noventa e sete. Começa do início.

Entristeceu Jardir que as suas esposas dal’ting fossem obrigadas a partilhar a prisão da mãe, escravas em tudo menos no nome. Mesmo que, sem dúvida, a provação de Kajivah fosse mais suportável assim. Havia tanto no seu povo, até na sua família, a que se mantivera voluntariamente cego. Poderia ter feito mais para travar o cancro que crescia na sua casa se tivesse sido mais sensível às provações que a sua mãe impunha às suas esposas ou à ambição dos seus filhos?

Abanou a cabeça. Não havia nenhum benefício em olhar o passado. O momento era de olhar em frente. Traçou mais guardas, adormecendo Everalia e Thalaja como tinha adormecido o guarda eunuco.

Kajivah sentiu esmorecer o esforço das mulheres, olhando para trás e vendo que respiravam pacificamente com os olhos fechados. Guinchou.

– Raparigas insolentes! Ousam dormir enquanto a Santa Mãe fala?!

Jardir ergueu uma mão e a tranca do outro lado da porta levantou-se. Entrou no momento em que Kajivah estava prestes a esbofetear Everalia.

– Não toques na minha esposa, mãe – disse. – Não consegue ouvir-te. Adormeci as minhas jiwah para podermos falar livremente.

Sobressaltada, Kajivah voltou-se para a origem do som, voltando a guinchar.

– Ahmann, meu filho! Meu filho! Regressaste do abismo!

Correu para ele, chorando de alegria, e Jardir retribuiu o abraço enquanto a sentia envolvendo-o com os braços. Por um momento, permitiu-se esquecer o seu propósito, sendo o seu filho uma única vez seguro nos braços da mãe.

Mas, a seguir, ouviu-a falar.

– Graças a Everam que voltaste, meu filho – disse Kajivah, soluçando. – Aquela heasah com que casaste tem-me mantido presa como um khaffit apanhado a roubar pão. Deves açoitá-la pela insolência. Sempre te achei demasiado brando por a deixares vestir-se como uma dançarina das almofadas na corte e...

Jardir segurou-lhe nos braços, afastando-a o suficiente para que o olhasse.

– Basta, mãe! Falas da Damajah de Krasia, não de uma das tuas servas dal’ting! Em cada momento de cada dia, resiste às forças de Nie enquanto tu te limitas a queixumes e a ofensas às criadas e às mulheres da nossa casa! Envergonhas a nossa família com o teu comportamento!

Os olhos de Kajivah arregalaram-se em choque.

– Mas...

– Silêncio. – Jardir interrompeu-a. – Dizes que fui demasiado brando e estás certa. Mas foi contigo que deveria ter sido mais firme.

– Não digas tais coisas! – gritou Kajivah. – Sempre te fui leal!

– Fui eu quem instalou Inevera no estrado do Trono dos Crânios – disse Jardir. – Permiti que escolhesse o meu sucessor. Entreguei-lhe a segurança do nosso povo durante a minha ausência. A quem entregaste o teu apoio?

– Apoiei os teus filhos e herdeiros – disse Kajivah.

– Os meus filhos são demasiado jovens para o peso do governo! – ripostou Jardir. – Mesmo depois de Asome assassinar o seu irmão e metade do conselho, parece-te que serve Krasia melhor do que Inevera?

– Que fez essa mulher senão tirar-me tudo? – perguntou Kajivah. – Tirou-me as minhas filhas e sobrinhas, ofereceu a lança às mulheres...

– Coração negro de Nie, mãe! – gritou Jardir. – Consegues parar de pensar em ti? A Sharak Ka aproxima-se e envenenas a minha corte com quezílias femininas? Fui eu quem ofereci a lança às mulheres e não Inevera. E, se não te tivesse *tirado* Shanvah, a rapariga ter-se-ia tornado fútil e inútil. Mas Inevera recebeu a visão do próprio Everam. Viu as minhas provações, treinou a rapariga e enviou-ma quando mais precisava dela. Sem ela e sem o seu pai lutando lado a lado para defender a minha retaguarda, teria fracassado nos meses que passaram. Poderia ter caído, arrastando Ala inteira comigo.

– Mas Ashia golpeou-me – protestou Kajivah. – Matou Sharum e roubou o meu neto.

– Ashia é a mãe desse rapaz e não tu – disse Jardir. – Não pode roubar o que lhe pertence. Essa rapariga tem mais honra que as maiores Lanças do Libertador e, por tua culpa, foi forçada a fugir da Fortuna de Everam com a sua criança.

A aura de Kajivah arrefeceu.

– Kaji foi-se?

– Foi-se – confirmou Jardir. – Era a única forma de impedir que Asome usasse o rapaz como peão, como te teria usado a ti. Como instrumento para derrubar a Damajah de Everam, substituindo-a por uma velha tola que não compreende o que significa governar.

– Nunca me falaste desta forma – disse Kajivah. – A mim, que te pus no mundo. A mim, que te nutri com o meu peito. A mim, que te apoiei quando o teu pai percorreu o caminho solitário. Que fiz para merecer a tua ira?

– Foi culpa minha – admitiu Jardir. – Estava tão concentrado nos nossos inimigos exteriores que não pensei nas questões que envolviam as mulheres da corte. Permiti que te erguesses sobre elas, guinchando a todas as que ousassem

trazer-te o néctar errado ou apertar-te demasiado a trança. Pensando que, por estares no palácio, todas tinham o dever de te servir e não o contrário.

Kajivah afastou-se mais e mais dele com cada palavra e Jardir percebia na sua aura como a magoava. Mesmo assim, insistiu. A sua relação não voltaria a ser a mesma, mas era inevitável. Poderia ser a sua última oportunidade para chegar até ela, para tornar Kajivah a aliada e líder que Krasia precisava que fosse.

– Ouve as minhas palavras, mãe. Atenta nelas – disse. – Ala inteira corre perigo e preciso de saber que poderei contar com o teu apoio durante a minha ausência. Preciso de ti. Krasia precisa de ti.

Kajivah caiu de joelhos.

– Claro, meu filho. Esse é o meu único desejo. Diz-me o que devo fazer e será feito.

– Sempre que ofendes a Damajah, Krasia sofre – disse Jardir. – Voltarei a partir ao amanhecer e poderei não regressar durante muitos meses, se regressar de todo. Obedecerás a Inevera até ao meu regresso. E não a Asome. Não aos meus filhos e netos. A Inevera.

– E se não regressares? – perguntou Kajivah. Havia angústia na sua aura provocada por aquele pensamento, mas Jardir não tinha tempo para a confortar.

– Se assim for, obedecerás até morreres – afirmou Jardir.

Jardir ergueu a lança de Kaji, pousando-a sobre o ombro dela.

– Jura-o. Perante mim e perante Everam.

– Juro – disse Kajivah.

Jardir tornou a voz mais grave.

– Que juras, mãe?

Olhou-o com olhos cheios de lágrimas.

– Juro, perante Everam, perante o meu filho, o Shar'Dama Ka, obedecer à Damajah, Inevera vah Ahmann am'Jardir, em todas as coisas, deste momento até ao teu regresso ou até à minha morte.

Apertou-lhe a túnica.

– Mas terás de regressar, Ahmann. Não suportaria perder-te como perdi o teu pai e Jayan.

– É inevera, amada mãe – respondeu Jardir. – Deves ter fé no plano de Everam. Não sacrificarei a minha vida em vão, mas, se tiver de me martirizar para bem de Ala, não recusarei.

Kajivah chorou sem contenção ao ouvir aquelas palavras e Jardir pousou um joelho no chão, abraçando-a enquanto chorava. Quando terminou, ergueu-se, elevando-a com ele e equilibrando-a.

– Devo deixar-te agora aqui, para seres libertada durante a minha ausência. Ninguém, nem sequer a minha jiwah Sen, deverá saber que vim ver-te.

– Mas porquê? – perguntou Kajivah. – Daria tamanha esperança ao nosso povo saberem que vives.

– Porque, agora mesmo, sou caçado pelas forças de Nie – disse Jardir. – A notícia do meu regresso colocar-vos-ia em risco e atrairia os olhos dos seus príncipes quando desejo que os fixem noutra parte.

Aproximou-se de Thalaja e Everalia, beijando-as enquanto dormiam.

– Abençoo-vos, minhas doces esposas. – Virou-se para a sua mãe uma última vez enquanto se dirigia para a porta. – Deste dia em diante, tratarás as minhas esposas, filha e sobrinhas com o respeito que merecem.

Kajivah baixou a cabeça.

– Certamente, meu filho.

Jardir fitou longamente a sua aura, temperando a veneração de um rapaz com a sensatez de um adulto. Feria-o perceber que não eram idênticas.

– Amo-te, mãe. Mesmo que percorra as profundezas do abismo de Nie, nunca duvides disto.

– Nunca – prometeu Kajivah. – E não duvides que o orgulho e amor da tua mãe são maiores do que os de qualquer outra pessoa que tenha vivido no mundo.

Jardir acenou-lhe com a cabeça e partiu.

Jardir abandonou a câmara, canalizando a magia que mantinha as suas esposas e o guarda adormecidos. Quando acordaram, a porta da Cripta tinha sido novamente fechada.

Voltou a cobrir-se com a Capa de Invisibilidade e percorreu o palácio até chegar a uma janela sem guardas, saindo e elevando-se no ar. O poder fê-lo vibrar, com o vento passando-lhe pela face enquanto as estrelas iluminavam o céu noturno. Precisou de recordar a si mesmo que o voo era uma dádiva de Everam, uma ferramenta sagrada e não um brinquedo para lhe causar prazer. Voou até ao extremo oposto do palácio, até aposentos que tinham sido seus, reclamados pelo seu filho rebelde.

As janelas tinham sido protegidas com guardas e grades para impedir entradas indesejadas. Sem dúvida que Asome temeria assassinos e com motivo para isso. Tinha irado muitos dos krasianos mais poderosos com a sua ascensão desonrosa ao poder. Jardir dirigiu-se, ao invés, para um muro exterior baixo que sabia erguer-se sobre um corredor pouco usado, traçando uma sucessão de guardas que

aprendera a grande custo enquanto enfrentava Alagai Ka. A pedra do muro derreteu, transformando-se em lama, abrindo uma passagem suficientemente grande para permitir a sua passagem. No interior, traçou uma guarda no ar, defendendo-a de alagai. Mesmo ali, no centro do poder krasiano, não arriscaria uma fraqueza noturna.

No interior, voltou a energizar a capa, movendo-se silenciosamente pelo corredor em direção aos aposentos do seu filho. Aí, para sua mágoa, mas sem qualquer surpresa, encontrou o que Inevera lhe disse que esperasse. Asukaji, acamado, com aura neutra e sem vida, e Asome, envergando ainda a réplica da sua coroa, ocupando-se pessoalmente do seu amante. Não havia criados e Jardir sentiu-se grato por isso.

Apesar da camuflagem de Jardir, Asome sentiu que algo estava mal. Isso foi visível em primeiro lugar na sua aura, mas, a seguir, ficou ligeiramente mais hirto, apurando a audição. Virou-se, olhando lentamente todo o quarto em redor, com a coroa brilhando ferozmente. O rapaz tornara-se hábil no seu uso, como Inevera advertira e, sendo verdade que o círculo de metal guardado tinha poder inferior ao da coroa de Jardir, não deixava de ser formidável.

– Quem está aí? – perguntou Asome, movendo os olhos sobre a parede diante da qual Jardir se erguia, esforçando-se por fixar nele o olhar. Ergueu-se, estendendo a mão para a lança, outra réplica que brilhava com poder.

Não vendo motivos para continuar escondido, Jardir afastou a capa.

– Olá, filho.

Esperou surpresa ou até medo. O que não esperou foi que Asome atacasse. Investiu como uma víbora-dos-túneis, golpeando com a sua lança reluzente.

– Impostor! O meu pai morreu!

Jardir mal teve tempo para erguer a sua lança, defletindo a extremidade da arma do filho. Asome não se deixou deter, movendo-se com velocidade cegante enquanto golpeava sem cessar, fazendo-o de um ângulo diferente de cada vez, procurando uma abertura nas defesas do pai.

Não surpreendia que aquele guerreiro que tinha enfrentado demónios na noite desarmado tivesse subido os sete degraus do Trono dos Crânios sobre cadáveres. Jardir treinara pessoalmente o rapaz, ensinando-lhe e aos irmãos uma mistura dos sharukin mais letais das várias tribos. Jayan fora mais corpulento e mais forte, como o próprio Jardir. Durante a sua juventude, fora uma vantagem clara, mas Asome aplicou-se nos seus estudos no Sharik Hora e encontrou um estilo próprio. Era rápido, incansável e mortífero. A lança e a coroa conferiam-lhe energia, permitindo-lhe força desmedida.

Jardir defletiu um golpe que atingiu um pilar de mármore tão grosso que um homem não conseguiria abraçá-lo, atravessando-o com uma teia de fraturas.

Chocado pela ferocidade súbita, Jardir esforçou-se para se defender, não estando disposto a matar o seu segundo filho, especialmente tão pouco tempo depois de ter sido informado da morte do primeiro. Como aprendera com o pai, Asome teve o cuidado de não repetir padrões, mantendo os pés em movimento constante, com os movimentos seguintes impossíveis de adivinhar por um guerreiro comum.

Mas Jardir não era um guerreiro comum. Também ele tinha lutado até se sentar no Trono dos Crânios e, mesmo que Asome tivesse aumentado a sua perícia no uso da visão guardada, não atingia a mestria do pai. A aura do rapaz estava regular, mas a superfície agitou-se enquanto enviava energia para os membros. Após um momento de ajuste, Jardir adivinhou os movimentos do filho mesmo antes de os iniciar.

Quando o golpe seguinte de Asome começou, Jardir já se movia. Esquivou-se com um passo lateral, retirando uma mão da sua lança para segurar a haste da lança de Asome. Pontapeou com força e Asome, ancorado pela firmeza com que segurava a arma, foi atingido pelo golpe em cheio na anca, curvando-se para diante enquanto era encostado violentamente à parede, deixando Jardir com as duas armas nas mãos.

– Asome! – gritou Asukaji. Mas foi um som rouco e quase inaudível. A sua aura contorcia-se com angústia, tentando forçar um corpo destruído a ir em auxílio do seu amante.

– Falarás agora, filho? – perguntou Jardir, mas, desta vez, Asome voltou a avançar, sem medo.

Jardir atirou as armas ao chão, deixando-as fora do alcance de ambos. Podia chamar novamente a lança para si com uma guarda, se precisasse dela, mas, se tivessem de lutar, que lutassem com mãos e pés desarmados, evitando assim que matasse o rapaz antes de dialogarem.

– Vai-te, espetro! – gritou Asome enquanto golpeava. – Não me assombres mais!

Jardir não conseguiu defletir o murro, mas acompanhou o círculo da energia, anulando a vantagem do seu filho no ataque seguinte. As palavras fizeram-no hesitar e, mesmo enquanto combatiam, espreitou o espírito do seu filho, procurando a origem do que dissera. Surgiram imagens invocadas pela sua visão guardada. Asome dando voltas no sono, gritando e acordando violentamente. Certa vez, atingira Asukaji neste estado de consciência parcial e, desde então,

passaram a dormir separados. Noutra noite, quase matara Jamere, estrangulando-o nu sobre as almofadas antes que o jovem dama conseguisse acordá-lo por inteiro.

Asome sentia-se realmente assombrado, vendo a face reprovadora do seu pai sempre que fechava os olhos.

Como deveria, pensou Jardir. Acolheu um golpe superficial para conseguir aproximar-se, segurando a túnica de Asome e pontapeando-lhe a coxa, forçando o movimento do joelho além do limite. Até o equilíbrio perfeito de Asome vacilou depois disso e Jardir usou o desequilíbrio momentâneo para o derrubar. Combatiam com corpos quase unidos, usando golpes demasiado rápidos e furiosos para poderem ler auras e reagirem de forma adequada. Era uma luta primordial pela supremacia, o tipo de luta que Jardir conhecera durante a sua vida inteira. Asome conhecia tal forma de luta, mas, como príncipe de Krasia, sempre soube que os seus adversários receariam matá-lo.

Jardir não tivera idêntico luxo na sua ascensão ao poder. Foi o que lhe permitiu derrotar tantos dama na sua conquista da Lança do Deserto e era a chave da vitória naquele momento. Centímetro a centímetro, construiu uma chave inabalável, controlando o tronco do filho e inutilizando-lhe as pernas, prendendo-lhe um braço atrás das costas e imobilizando o outro enquanto pressionava a garganta do filho com o antebraço.

Teria afastado a cabeça do rapaz. Impedir a visão de um adversário era uma vantagem poderosa, mas o maior receio de Asome era a face reprovadora do seu pai e Jardir mostrou-lha.

– Não sou um espetro. Não dormes. Regressei para a ruína ímpia em que transformaste a minha corte nos curtos meses que demorou a minha ausência.

Os esforços de Asome intensificaram-se, com o pânico e o medo puros restaurando-lhe a força, mas Jardir imobilizava-o e não o soltaria. Os golpes e os esforços de Asome para se libertar não tinham ímpeto e Jardir era mais alto, mais pesado e mais forte. Afrouxou num momento e Asome ergueu-se com ele, antes de voltar a cair, fazendo a cabeça do filho bater no chão.

– Não vim para lutar! – bradou Jardir. – Não pretendo matar o meu filho, mesmo tendo motivos para o fazer. – Voltou a bater com a cabeça de Asome no chão, estalando mosaicos. – Mas fá-lo-ei, se não me deixares alternativa.

Por fim, os esforços de Asome acalmaram, mesmo que Jardir não percebesse se acontecia por submissão ou falta de ar. Manteve o aperto, esperando que a aura do filho esmorecesse e que as suas pálpebras começassem a fechar-se. A seguir, soltou-o, erguendo-se rapidamente e dando um passo atrás. Traçou uma

guarda no ar e a Lança de Kaji voou-lhe dos dedos enquanto Asome se engasgava e tossia, apoiando um braço fraco no chão enquanto tentava levantar-se.

– Escolhe – disse-lhe Jardir. – Continua de joelhos e aceita o meu juízo ou volta a atacar-me e enviar-te-ei para o caminho solitário para que seja Everam a julgar-te.

A aura de Asome agitou-se e nem Jardir conseguiu adivinhar o que faria a seguir. Percebia que o rapaz tinha compreendido que era realmente o seu pai quem ali estava, mas avançara demasiado ao apossar-se do trono para poder voltar atrás.

Por fim, viu-o apoiar as mãos no chão, tremendo enquanto pressionava a testa entre elas.

– Que farás comigo, pai?

– Isso decidir-se-á – respondeu Jardir. – Deves responder pelos teus crimes, mas poderá restar-te um uso na Sharak Ka.

– Que crime cometi, pai? – Asome ergueu os olhos para ver a aura do pai enquanto falavam. Canalizava o poder da sua coroa, sarando rapidamente. Dali a momentos, estaria recomposto e poderia retomar o ataque. Jardir preparou-se para a eventualidade de ser tolo a ponto de atacar novamente.

– Precisas de mo perguntar, filho? – questionou Jardir. – Traíste o teu irmão, enviando-o para a morte, e mataste o teu tio para tomares o trono que recebeu justamente.

– Como difere isso do teu glorioso exemplo, pai? – perguntou Asome. – Não traíste o Par’chin, enviando-o para a morte? Não mataste o Damaji Amadeveram, que te treinou no Sharik Hora, e todos os seus filhos, no teu caminho até ao Trono dos Crânios? Não cravaste a lança no Andrah como um khaffit cravando o espeto num porco?

– Isso foi diferente – disse Jardir, mas não percebeu se proferia as palavras para o seu filho ou para si.

– Como? – insistiu Asome.

– Era inevera – respondeu Jardir.

– A vontade de Everam? – perguntou Asome. – Ou da minha mãe?

– Ambas – disse Jardir. – O Andrah era corrupto. A sua tolice matava o nosso povo. Amadeveram era um bom homem, mas integrava esse sistema falhado e recusava afastar-se. Não houve desonra na sua morte.

– O meu irmão era corrupto – disse Asome. – A sua tolice matava o nosso povo, forçando-nos a entrar numa guerra antes de estarmos prontos para saciar a

sua sede de conquista e o seu desejo de provar ser merecedor do trono. Se lhe tivesse sido permitido levar a sua avante, Krasia teria sofrido sob o seu governo.

– Talvez – admitiu Jardir.

– E talvez o Par'chin nos tivesse conduzido à glória quando empunhou a lança no Labirinto – disse Asome. – Fazemos as escolhas que achamos serem melhores para o bem do nosso povo, pai. Ensinaste-me isso. Não tive qualquer prazer com a morte do meu tio, mas fazia parte de um sistema falhado e não houve desonra na sua morte. Não usei hora. Desafiei-o e aos Damaji abertamente, de acordo com a nossa lei.

– Na noite – rosnou Jardir. – Quando todos os homens são irmãos. E fizeste os meus outros filhos conspurcarem com hora os seus desafios sagrados.

Asome voltou a encolher os ombros.

– O Par'chin mentia quando falou da tua traição antes do Domin Sharum? Não o traíste na noite, entregando-o aos demónios?

Jardir cerrou os dentes.

– É verdade. E é a minha maior vergonha. Se o Par'chin não se tivesse revelado mais forte do que julguei, Ala inteira teria sofrido.

Asome inclinou a cabeça.

– Como?

– O Par'chin e eu acordámos uma paz. Juntos, capturámos Alagai Ka e levá-lo-emos para o abismo como nosso refém.

Asome não deu sinais de ter sido surpreendido pelas palavras.

– Para que efeito?

– Para conseguirmos superar o labirinto do abismo e as legiões intermináveis de Nie até nos erguermos perante Alagai'ting Ka.

Asome pestanejou.

– Conseguirão fazer tal coisa?

– Os alagai hora dizem que eu ou o Par'chin somos o Libertador – referiu Jardir. – Se não conseguirmos fazê-lo, unidos, ninguém conseguirá.

– Podes não voltar – referiu Asome.

– Pretendes continuar a sentar-te no trono que roubaste – disse Jardir.

Asome olhou-o nos olhos.

– Provei que não cometi qualquer crime, pai.

Jardir acenou com a cabeça.

– Deste mortes honrosas aos Damaji e ao Andrah. O teu irmão morreu pela sua própria tolice.

Antes que Asome pudesse responder, segurou o filho pelo pescoço. Com a mão livre, retirou-lhe a coroa da cabeça, atirando-a para o outro extremo do quarto. Asukaji produziu um grito rouco enquanto Asome se debatia em vão para escapar aos dedos férreos do pai.

– Mas há um crime pelo qual não respondeste – rosnou Jardir. – Um crime que não posso perdoar.

Aproximou tanto Asome que os seus narizes tocaram-se.

– Tentaste matar a tua mãe. – Jardir ergueu os pés do filho do chão, fazendo-o embater contra um pilar de mármore. – É crime suficiente para condenar qualquer homem ao abismo. Mas Inevera é a Damajah, Jiwah Ka do próprio Everam. – Apertou com mais força. A cara de Asome ficou roxa enquanto tentava respirar. – Por isso, seria misericórdia despojar-te do pano branco e lançar-te pela janela para a tua morte. Seria misericórdia acorrentar-te nu no bazar para que os khaffit te mijassem em cima e usassem o teu corpo como combustível para assar um porco no espeto.

As mãos de Asome golpearam inutilmente o braço de Jardir com as suas últimas forças. Jardir pretendera que aquilo fosse um ato teatral, mas, naquele momento, percebeu que a sua raiva era verdadeira e sentiu-se tentado a matar o seu filho traiçoeiro antes de poder envergonhar mais o Trono dos Crânios e o seu povo.

Com um rugido, Jardir atirou o filho para as almofadas ao lado do imóvel Asukaji.

– Mas és necessário, se conseguires voltar a encontrar a honra.

Asome voltou a tossir, engasgado, esforçando-se por respirar, mas, desta vez, não tinha a coroa para poder canalizar a sua magia e a recuperação foi mais lenta. Jardir esperou pacientemente, mesmo que a noite se alongasse.

– Não estavas preparado para o trono, meu filho – disse Jardir enquanto os olhos de Asome recuperavam o foco. – A tua traição prova-o. Mas, para o melhor e para o pior, a Sharak Ka chegou. Os alagai preparam-se. Em breve, Alagai’ting Ka fará a sua postura e a superfície ficará coberta pelo enxame. Agora mesmo, os príncipes de Nie procuram estabelecer ninhos por toda a terra e convocarão as suas legiões para os defenderem. Krasia precisa de um líder.

Asome cambaleou na sua tentativa de se erguer das almofadas, caindo atabalhoadamente ao chão. Debateu-se, forçando-se a respirar pela garganta dorida enquanto se ajoelhava, encostando a testa ao chão.

– Vivo para obedecer, pai.

Jardir olhou a aura do filho. A verdade daquelas palavras era impossível de ler, mas conseguia ver já imagens formando-se de Asome na noite, caçando príncipes alagai. O rapaz estava sedento de glória. Sedento de redenção. Sedento de provar, por fim, que era filho do seu pai.

Jardir traçou uma guarda no ar, chamando a lança de Asome para a sua mão. Colocou-a sobre o ombro, na bainha da sua lança e chamou também a coroa para si, atando-a à cinta.

– Amanhã, diante da tua corte inteira, subirás os sete degraus e cairás de joelhos perante as almofadas da Damajah. Implorarás o seu perdão e jurarás servi-la como me servirias a mim, em letra e espírito, até à tua morte. Faz isto com verdade no teu coração e devolver-te-á a lança e a coroa. Não o faças e o Paraíso ser-te-á eternamente negado.

A aura de Asome agitou-se ao ouvir aquilo, com a dúvida regressando. Jardir exigia que se envergonhasse diante da corte inteira.

– Prende o meu filho e a tua mãe.

– Kaji está com a sua mãe. A tua Jiwah Ka. – Jardir virou-se para fitar o corpo aleijado de Asukaji, cuja aura estava tingida pela vergonha. – A irmã mais velha que tentaste assassinar. – Voltou a olhar Asome. – O teu direito de paternidade é negado. O teu plano de forçar um herdeiro do teu primo não tinha honra e nunca devia tê-lo permitido. Só Ashia poderá restaurar os teus direitos e, para isso, precisarás do seu perdão, uma mercê que não será facilmente conquistada.

A aura de Asome enegreceu e Jardir soube que talvez exigisse demasiado. Mas o rapaz voltou a encostar a testa ao chão.

– Será como dizes, Libertador.

– A minha Santa Mãe recuperará a sua liberdade – afirmou Jardir. – Já o assegurei. Nem tu nem Inevera poderão voltar a prendê-la. Manvah será igualmente libertada e entregue à tua mãe na corte, quando suplicares o seu perdão.

– Certamente, pai – disse Asome.

Jardir virou-se para Asukaji.

– E tu, sobrinho? Que conspiraste para matar o teu sangue, o teu pai e irmã, deixando a minha irmã mais velha como viúva. Continuarás aqui deitado, amargo e torcido, enquanto a tua alma encarquilha como o coração negro de Nie?

Asukaji acolheu o alvoroço na sua aura.

– Não, Libertador – sussurrou. – Estou preparado para percorrer o caminho solitário e enfrentar o julgamento de Everam.

Jardir perscrutou o espírito do seu sobrinho, vasculhando entre as esperanças e sonhos do rapaz como se fossem túnicas no seu guarda-roupa. O seu desejo de glória, de grandeza, não era inferior ao do seu amante. Asome e Asukaji tinham desempenhado papel idêntico na traição da Noite dos Hora.

Mas Asukaji fora humilhado nessa noite. A imagem da sua derrota às mãos da irmã estava-lhe gravada a fogo no espírito, uma cicatriz que poderia nunca sarar. Meses de invalidez tinham-no empurrado para o limite do desespero. Se tivesse alguma forma de tirar a própria vida, tê-lo-ia feito há muito.

Mas, no seu âmago, havia uma centelha de esperança. Tinha dito a verdade acerca da sua prontidão para enfrentar o julgamento de Everam, compreendendo, por fim, a natureza do seu fracasso. Tendo nascido privilegiados, tanto ele como Asome tinham encarado o seu direito de governar como adquirido, mas, mesmo assim, pretendiam erguer-se contra Nie.

Jardir agachou-se ao lado das almofadas sobre as quais o rapaz se deitava.

– Não será tão simples, sobrinho. Juras renunciar a Nie, nesta vida e na próxima?

– Juro-o, Libertador – respondeu Asukaji.

– Juras servir a Damajah? – perguntou Jardir. – Implorar o seu perdão como Asome precisará de fazer?

Uma minúscula chama de esperança acendeu-se no espírito de Asukaji.

– Juro-o, Libertador.

– Servirás o teu povo em vez de esperares que te sirvam a ti? – questionou Jardir. – Dos dama aos mais humildes chin?

Era uma questão demasiado grande para que a mente do rapaz compreendesse, mas não hesitou.

– Juro-o, Libertador.

Jardir pousou-lhe uma mão na testa, enviando o seu espírito para dentro do rapaz, procurando a convergência onde as suas linhas de energia tinham sido estilhaçadas. Encontrou-a. Um nó de cicatrizes e ligações partidas, um abismo entre mente e corpo.

Com uma pressão, Jardir despedaçou essa barreira, voltando a unir o que tinha sido separado. Asukaji gritou, primeiro de dor, depois de êxtase. Começou a rir, soluçando enquanto agitava os membros enfraquecidos.

Jardir retirou a mão e afastou-se. Asome correu para junto do seu amante e abraçou-o, com as lágrimas de ambos misturando-se nas suas faces. Jardir acenou afirmativamente, cobrindo-se com a sua capa e ativando as guardas de

invisibilidade. Antes de conseguirem ver alguma coisa além de si mesmos, tinha já saído para a noite, voando para a ala de Inevera no palácio.

Jardir entrou pela janela dos aposentos de Inevera, inspirando profundamente o ar perfumado. Saboreou o aroma, memorizando-o. O Evejah descrevia o abismo como tresandando a enxofre, morte e desespero.

Dirigiu-se à sua mesa de perfumes, erguendo os frascos delicados e inalando os seus cheiros até encontrar o que passara a associar à sua Jiwah Ka. Guardou-o no bolso. Na noite interminável das profundezas de Nie, seria uma defesa tão forte como qualquer guarda.

Encontrou Inevera absorta em meditação, olhando fixamente os dados à sua frente, com aura serena e estável. Percebeu que a sua presença fora notada, mas não produziu qualquer som, esperando pacientemente até a ver sentar-se sobre os calcanhares, esticando as sedas finas.

Mesmo depois da sua noite de paixão, ver aquilo agitou-o. O tempo passado sem ela fora demasiado longo para se saciar numa noite.

Inevera olhou-o e sorriu.

– Em breve, meu amor. Voltarás a ser meu antes de me abandonares.

Jardir sentiu a pulsação acelerar.

– Já não acreditas que deverás acompanhar-me?

Inevera olhou tristemente para os dados.

– Como temias, as tuas hipóteses de vitória nas profundezas aumentam ligeiramente se te acompanhar, mas, mesmo que triunfes, encontraríamos o nosso povo destruído no regresso. O poder de Nie aumenta, meu amor. Ala inteira tremerá com a sua fúria.

– Que mais aprendeste? – perguntou Jardir.

– Alagai Ka é antigo – disse Inevera. – O Príncipe das Mentiras disse a verdade quando afirmou ter vivido no tempo de Kaji.

– É o pai dos demónios – afirmou Jardir. – Talvez sempre tenha sido, desde que a mácula desprezível de Nie conspurcou Ala pela primeira vez.

Inevera abanou a cabeça.

– Era pouco mais que uma cria no tempo de Kaji, pelos padrões da sua espécie. Existiram muitos pais dos demónios desde a vinda de Nie.

– O Par’chin acredita que existem mais – disse Jardir. – Que, mesmo que triunfemos, a mácula de Nie perdurará. Talvez do outro lado do oceano. Sobre as montanhas. Além das neves nortenhas.

– Everam e Nie enfrentam-se eternamente – retorquiu Inevera. – Nas alturas como no abismo.

Jardir acenou afirmativamente.

–Nada é tão precioso e fátuo como a paz. Então Alagai Ka tornou-se Consorte da Mãe dos Demónios depois da era de Kaji. Que mais podes dizer-me dele?

– Com uma vida tão longa, é possível captar apenas vislumbres – disse Inevera. – Mas sente medo. Talvez pela primeira vez na sua existência.

– Medo por si? – perguntou Jardir. – Ou por Alagai'ting Ka?

– Por si – respondeu Inevera. – Não se preocupa minimamente com a Mãe dos Demónios. Importa-lhe apenas o estatuto e o poder que derivam de ser seu Consorte. Teme morrer às tuas mãos e teme as maquinações de rivais durante a sua ausência.

– Podemos confiar que nos guiará até ao abismo de Nie? – perguntou Jardir.

– Confiar? – Inevera riu-se. – Deverás duvidar de cada palavra de Alagai Ka, de cada motivo. Existe nele traição. Disto, não há dúvida. Mas levar-te-á ao abismo, mesmo que o faça pelos seus propósitos e não pelos teus.

– Uma armadilha – concluiu Jardir.

– Talvez – disse Inevera. – Ou um ardil. Alagai Ka mente com verdades e não diz tudo o que sabe. Deverás manter-te preparado para tudo.

Jardir pressionou os lábios. Era um bom conselho, mas tão vago como era evidente.

– Gostava de poder dizer-te mais, amado – disse Inevera. – Mas as divergências no teu caminho são inúmeras. Segues um trilho pouco fundo na areia durante uma tempestade.

– Falaste de pilares na areia – insistiu Jardir. – Constantes no caos futuro.

– Encontrarás um fragmento de Kaji – disse Inevera. – Uma dádiva do teu antepassado para te orientar na escuridão.

Jardir inclinou-se avidamente.

– Que fragmento? Onde?

– Não sei dizer – respondeu Inevera. – Não te cabe procurá-lo. É teu destino encontrá-lo. Talvez o Libertador, na sua sabedoria, tenha previsto a possibilidade do seu fracasso, deixando algum indício para o seu sucessor?

– Há três mil anos? – questionou Jardir.

– O tempo nada significa para Everam – disse Inevera. – Existe além de tais coisas e fala aos Seus profetas.

– E o Par'chin? – perguntou Jardir.

– Deverá fazer uma escolha – disse Inevera. – Entre a sua jiwah e o seu dever. Tudo se equilibra sobre essa escolha.

– Espera uma criança – disse Jardir.

Inevera acenou com a cabeça.

– Um rapaz de potencial infinito e com um futuro de desespero. Nascerá na escuridão e carregá-la-á dentro de si.

– Então viverá – referiu Jardir. Significava que Renna sobreviveria tempo suficiente para o pôr no mundo e isso, pelo menos, era alguma coisa.

– Talvez – disse Inevera. – Se Renna vah Harl am'Fardos am'Ribeiro te acompanhar para a escuridão subterrânea, o seu filho sobreviverá em alguns futuros e morrerá noutros. Em alguns, nascerá em cativeiro, com mãe e filho tornando-se alimento para a mesa de Alagai Ka. Noutros, nascerá órfão, arrancado pela lâmina ao seu corpo frio.

Jardir cerrou o punho. A jiwah do Par'chin era impetuosa e desrespeitadora, mas tinha honra maior do que qualquer mulher que alguma vez conhecera, com exceção da própria Inevera.

– E se ficar para trás? – perguntou.

– Falharão – afirmou Inevera secamente. – E Ala inteira será consumida.

– Nesse caso, deveremos manter a fé nela – disse Jardir. – Olhei o espírito da filha de Harl. Não vacilará.

– Rezaremos para que não vacile – concordou Inevera.

– Também o Par'chin manterá a determinação – disse Jardir. – Mesmo que o preço seja a sua mulher e o seu filho, cravará uma lança no coração da própria Nie.

– Não confies nisso – disse Inevera. – Sintas por ele o que sentires, independentemente do que tenhas visto quando olhaste o seu espírito, é um homem e os homens são falíveis, especialmente quando as suas companheiras estão envolvidas.

A face de Asome surgiu na mente de Jardir, arroxeando enquanto o seu pai o estrangulava por ousar golpear a sua jiwah.

– Há sabedoria nas tuas palavras, amada. Estarei presente para manter o Par'chin no seu rumo. Há mais?

– Mais nada, por enquanto – disse Inevera. – Voltarei a lançar os dados quando tiver tempo para meditar no que os dados já mostraram.

– Com o poder ampliado dos brincos, deverás conseguir falar comigo até chegarmos à boca de Ala e descermos para a escuridão – disse Jardir. – A magia interferirá com a ressonância depois de estarmos abaixo da superfície.

– Entretanto, há outros assuntos a discutir – disse Inevera.

Jardir ergueu a lança e a coroa de Asome.

– Asome e Asukaji ajoelharão perante ti amanhã, implorando perdão e pedindo que restaures o seu poder. Todos saberão que te pertencem, se conseguirem convencer-te.

Inevera expirou, fazendo o seu véu dançar como fumo.

– A minha mãe?

– Será libertada no mesmo momento. – Jardir fixou nela um olhar duro, não tolerando debate. – Tal como a minha mãe. Nenhum de vós voltará a prendê-la.

– Com certeza, amado. Disse a verdade quando disse que era para sua proteção. Nunca a teria magoado. – A vénia de Inevera parecia sincera, mas havia engano na sua aura.

– Pensei que tivéssemos deixado as mentiras para trás, amada – respondeu Jardir.

Inevera olhou-o nos olhos.

– Coloquei a Sharak Ka acima de qualquer coisa, marido. Prendi Kajivah para não ser forçada a feri-la se Asome tentasse derrubar-me.

Jardir cerrou os dentes, mas acolheu o pensamento. Não podia censurar a sua mulher por isso. Amava a sua mãe, mas não tinha qualquer qualificação para o fardo do sétimo degrau.

Mudou de assunto para aliviar a tensão.

– Onde está Abban?

– Vivo, dizem-me os dados – respondeu Inevera. – Acredito que Hasik matou Jayan para chegar até ele, raptando o khaffit. Ashia caça-os agora mesmo.

Jardir franziu a testa.

– Fui tolo por deixar Hasik vivo. Sempre que lhe demonstrei misericórdia, arrependi-me.

– A misericórdia não deverá nunca ser motivo de arrependimento – disse Inevera. – É possível que Hasik tenha ainda um papel a desempenhar na Sharak Ka.

– Talvez – concedeu Jardir. – O meu tempo esgota-se. Que mais há para resolver?

Em resposta, Inevera tocou numa das suas pulseiras e ouviu-se um trinco a ser corrido atrás deles. A porta abriu-se, deixando entrar Amanvah e Sikvah.

Jardir olhou Inevera, irritado.

– Disse-te que não contasses a ninguém. – Apesar das palavras, não conseguia negar o prazer de ver a sua filha mais velha envergando um toucado negro e a

sua sobrinha um toucado branco. A gentil Sikvah parecia severa com a sua túnica blindada, armada com lança e escudo. Vê-las encheu-o de orgulho.

– Amanvah e Sikvah têm notícias cruciais – disse Inevera. – Quererás ouvi-las diretamente dos seus lábios.

– Pai. – Amanvah ajoelhou diante dele, apoiando as mãos no chão. – O meu coração alegra-se por ver que regressaste vivo. Julguei o Par'chin um homem de honra. Agrada-me ver que essa fé foi merecida.

Jardir abriu os braços.

– Ergue-te, amada filha, e abraça-me.

Amanvah voou para os seus braços mais rapidamente do que seria considerado adequado, mas Jardir limitou-se a rir, apertando-a contra o peito. Quando fora a última vez que a tinha abraçado assim? Antes de ser enviada para o Palácio das Dama'ting, mais de uma década antes. Jardir e Inevera tinham passado tanto tempo a preparar os seus filhos para liderar que haviam negligenciado as demonstrações de amor paterno.

Era demasiado tarde para muitos dos seus filhos, mas, por um momento, permitiu-se esquecer o manto do Shar'Dama Ka e ser um pai.

– Orgulho-me de ti, filha. Nunca duvides disso.

– Não duvidarei, pai – disse Amanvah, afastando-se com a mesma relutância que ele demonstrava. Tinha os olhos molhados.

Jardir não se afastou completamente, mantendo um braço à sua volta enquanto estendia a outra mão para Sikvah.

– E tu, sobrinha. Choro a tua perda. O filho de Jessum tinha honra sem limites. Ala fica mais escura sem ele, mas, sem dúvida, o Paraíso brilhará mais intensamente que nunca.

A fachada severa desabou e voltou a ser a gentil Sikvah, juntando-se à sua irmã-esposa nos seus braços, chorando abertamente as duas. Com a visão guardada, Jardir via a magia ambiente canalizada pela sua emoção, marcando as lágrimas. Escorriam como linhas de luz pelas suas faces, com beleza indescritível.

Inevera ergueu um frasco de lágrimas, recolhendo as lágrimas preciosas. Quando ficou cheio, fechou-o e ofereceu-lho. O frasco brilhava com poder igual ao das joias de hora que usava.

– Uma recordação para levares ao lado do meu perfume na tua viagem até ao abismo. – O seu sorriso era seco. – Uma recordação de amor, naquele sítio de desespero infinito.

Jardir aceitou o frasco com reverência, curvando-se enquanto o guardava no bolso.

– É verdade que Shanvah te acompanhará até à treva subterrânea, tio? – perguntou Sikvah.

– É, sobrinha – respondeu Jardir. – A tua irmã de lança carrega honra incalculável. Um príncipe de demónios sucumbiu à sua lança e, durante algum tempo, ergueu-se sozinha contra as hordas de Nie enquanto o Par'chin e eu lutávamos para subjugar Alagai Ka.

Sikvah voltou a ajoelhar-se, retirando das costas a lança brilhante e o escudo espelhado. Eram de vidro tratado com electrum, forjado e guardado pela própria Inevera. Sikvah retirou anéis, pulseiras, colar e gargantilha. Todos os objetos brilhavam com poder enquanto a sua visão guardada captava a caligrafia intrincada da sua mulher e filha como clarões intensos.

– Para tal empreendimento, a minha irmã de lança deverá ter as melhores armas e equipamento, Libertador – disse Sikvah. – Ficaria honrada se lhe oferecesses isto com o meu amor e bênçãos.

Jardir pousou-lhe uma mão no ombro.

– Com orgulho, Sharum'ting Ka. Será feito.

– Conta-lhe que a *Canção da Lua Nova* a protegerá na noite – disse Amanvah. – Se a sua voz for forte, proteger-vos-á a todos enquanto percorrerem o caminho até ao abismo de Nie.

Jardir acenou com a cabeça.

– O filho de Jessum viu o que esquecemos. Preservado nas ancestrais canções de louvor a Everam existe poder verdadeiro para enfrentar Nie. Quando nos juntarmos a ele no Paraíso, encontraremos o teu marido sentado à mesa de Everam.

As palavras fizeram cair novas lágrimas, mas não havia tempo para chorar. Ajoelharam-se todos nas almofadas, formando um círculo. As guardas de Inevera eram fortes, mas Jardir não correu riscos, erguendo também o campo protetor da coroa.

– Mestra Leesha deu à luz uma criança do teu sangue, pai – disse Amanvah. – Eu própria assisti ao parto.

A carta de Leesha tinha-lhe falado da criança, mas aquilo era novo. Jardir olhou Inevera, mas a aura desta permanecia serena.

– Lancei os dados no sangue do parto, pai – disse Amanvah.

Jardir cerrou um punho e precisou de acolher a tensão súbita. Tinha dúzias de filhos. Porque lhe importava tanto o destino daquele?

– Que viste?

– Potencial – respondeu Amanvah.

– Todos os filhos de Everam têm potencial – disse Jardir.

– Potencial para ser Shar'Dama Ka – clarificou Inevera. – Potencial para salvar o mundo ou para o condenar.

Jardir moveu o olhar de Inevera para Amanvah, voltando ao ponto de partida.

– Tens a certeza?

– Tenho a certeza que os dados permitirão – disse Amanvah.

– A nossa filha tem bom olho, amado – disse Inevera. – Eu própria examinei o padrão. A criança é como tu... como o Par'chin.

– Um Libertador – disse Jardir.

– Os Libertadores fazem-se – respondeu Inevera. – A questão será saber se poderemos confiar que a tua heasah chin ensinará à criança o que precisa de saber.

– Não chames isso a Leesha Papel – ripostou Jardir. As palavras atingiram a aura de Inevera como um chicote, mas foi inevitável. – É mãe da minha filha, uma digna adversária de Nie e anulou mais do que uma vez os teus esforços para a matar ou silenciar. Não precisas de lhe demonstrar amor ou bondade, mas mereceu o teu respeito, por Everam.

Inevera firmou o maxilar, mas acabou por se curvar.

– Perdoa-me, amado. Acerca da tua jiwah hortelã...

Jardir ergueu uma mão.

– Compreendo, amada. Não tens motivo para sentir outra coisa. Mas a Sharak Ka chegou e deveremos erguer-nos acima de tais coisas, forjando paz com os nossos primos nortenhos para que a humanidade sobreviva.

– Claro. – Inevera inspirou profundamente, reencontrando o seu centro. – Farei as pazes com a minha... zahven nortenha, como tu fizeste as pazes com os teus.

Zahven. A palavra significava *rival*, mas também *igual*. Era a primeira vez que Inevera reconhecia Leesha Papel como tal e Jardir sabia que esse reconhecimento lhe custava profundamente.

– Uma criança deverá permanecer com a sua mãe – disse Jardir. – E Olive ficará mais segura longe das conspirações krasianas. Mesmo que Asome volte a encontrar a sua honra, haverá muitos que desejariam explorar a criança.

– Ou matá-la – concordou Inevera.

– Mas isso não significa que não possamos enviar tutores – disse Jardir. – E guarda-costas. Os que os dados indicarem que merecerão a confiança de conhecer a honra que carregarão.

– Olive será criada como rapariga – disse Amanvah. – Poderemos colocar uma Sharum’ting disfarçada a seu lado, guardando-a em segredo como Sikvah me guardou a mim.

Jardir olhou Sikvah.

– Quem recomendas?

– Micha – disse Sikvah sem hesitar. – É a mais velha depois de mim, tem sangue Sharum do Libertador e é meia-irmã de Olive Papel. Guardará a criança com a vida e ensiná-la-á a defender-se.

– Muito bem – Jardir acenou com a cabeça, olhando Inevera. – E quem lhe lançará os dados?

– Enviaremos três dama’ting à Tribo do Outeiro – disse Inevera. – Uma virgem, uma mãe e uma velha.

– Quem as liderará? – perguntou Jardir?

– O talento da anciã Favah com os dados era venerado quando ainda envergava o seu bido – disse Inevera. – Será rigorosa e não se curvará perante os chin, mas uma criança precisará disso.

Jardir conhecia a velha. O seu olhar conseguia enervá-lo, mas a sua determinação era genuína.

– E a mãe?

– A dama’ting Shaselle, que estudou comigo no Palácio das Dama’ting – disse Inevera.

Jardir acenou afirmativamente. Shaselle fora uma das conselheiras mais próximas de Inevera durante a sua ascensão ao poder.

– A virgem?

Inevera virou-se para Amanvah e a rapariga ponderou. Após um momento, levou a mão à bolsa na sua cintura e lançou os alagai hora, estudando-os com cuidado.

– A dama’ting Jaia – disse Amanvah, por fim. – Só vestiu o branco recentemente e ainda não gerou um herdeiro. Os dados preveem que encontrará um pai digno nas terras verdes, reforçando mais ainda os nossos laços com a Tribo do Outeiro.

– Muito bem – disse Jardir. – Aproxima-se o amanhecer e resta uma coisa para discutir.

– Os Majah – disse Inevera. – Regressam à Lança do Deserto.

Jardir empalideceu.

– O quê?

– É inevera – disse a sua mulher. – Foi a vontade dos dados.

– Inaceitável – respondeu Jardir.

Inevera encolheu os ombros.

– Sem dúvida que, se voares até eles e abordares Aleveran como abordaste o nosso filho, conseguirás demovê-los.

Jardir abanou a cabeça.

– Não posso fazer isso sem arriscar tudo aquilo por que lutamos.

– Então teremos de confiar na vontade de Everam. – Inevera virou-se para as outras mulheres. – Deixem-nos.

Jardir olhou a janela enquanto a sua filha e sobrinha saíam, vendo cores tingindo o horizonte.

– Mantiveste-me aqui até ao amanhecer.

Inevera sorriu.

– Um dia para descansar em segurança não é insignificante, marido, antes de marchares para o abismo.

* * *

Vento frio soprou contra a face de Jardir enquanto a noite caía e descolava do telhado do palácio. Pretendera regressar imediatamente à torre, mas deu consigo a viajar, ao invés, para norte, voando a grande velocidade para o Outeiro. Não tinha qualquer plano para a sua chegada, mas sentia o fracasso com os filhos pesando-lhe sobre os ombros. Se não tivessem sucesso, Olive poderia ser a última esperança de Ala e não se considerava capaz de descer ao abismo sem, pelo menos, a tomar nos braços, sussurrando-lhe uma bênção.

O Outeiro estava vivo na noite, mas, seguros dentro das suas grandes guardas, os outeireiros não estavam habituados a olhar para cima. Jardir encontrou a fortaleza descrita por Amanvah com facilidade, cobrindo-se com a capa enquanto usava a visão guardada para espreitar através de cada janela e parede até encontrar a divisão que procurava. No interior, havia um berço, com a aura pura de um inocente brilhando intensamente no interior.

As guardas à volta do quarto eram poderosas, destinando-se a impedir a entrada de alagai e não de humanos. Jardir usou uma pitada de magia para correr a tranca da janela e entrar. Deixou as sandálias junto à janela e avançou silenciosamente até ao berço, com cuidado para não acordar a criança.

O esforço fora desnecessário. Enquanto a olhava, os olhos de Olive retribuíram-lhe a atenção, completamente acordada, como se o esperasse.

A sua aura era tão intensa como qualquer uma que Jardir tivesse visto, além das auras do Par’chin e da sua jiwah, mas... era limpa. Sem o peso do

compromisso, de falhanço ou vergonha.

Depois, vergonhosamente, Jardir baixou o olhar.

O que viu surpreendeu-o. Após ser informado da condição de Olive, Jardir supôs que seria uma fraqueza que a criança precisaria de superar, como se pertencer parcialmente aos dois géneros a tornasse inferior a qualquer um deles.

Mas, enquanto a olhava mais atentamente com a sua visão guardada, imagens incontáveis começaram a dançar sobre Olive, mais do que alguma vez vira numa única aura. Impressões fantasmagóricas daquilo em que poderia tornar-se. Em vez de serem cortadas ao meio, as possibilidades de Olive duplicavam.

Olive arrulhou mansamente enquanto a erguia do berço. Lágrimas provocadas pela beleza do som encheram de lágrimas os olhos de Jardir. Nunca tinha abraçado os seus outros filhos com a mesma ternura.

Se o tivesse feito, talvez as coisas tivessem corrido de forma diversa.

– A tua mãe acredita que fui um mau pai – sussurrou. – E talvez, se for franco, esteja certa. Fixei sempre as minhas atenções na Sharak Ka e não na minha família. Falhei no meu dever para com os meus filhos mais velhos e mal conheci as minhas filhas.

Olive estendeu uma mão, com dedos embrenhando-se na sua barba e puxando com força surpreendente.

– Não posso prometer que serei melhor contigo, Olive vah Ahmann am’Jardir am’Outeiro. Percorro o caminho de que poderei não regressar, mas faço-o por amor. Por ti e por todos os habitantes de Ala. Rezo para que nunca conheças este fardo, mas, se um dia o herdares, que Everam te conceda força para o suportar.

– Am’Papel – disse uma voz atrás dele.

Sobressaltado, Jardir assumiu uma postura defensiva, protegendo a criança com o seu corpo enquanto erguia a lança.

Leesha Papel erguia-se com braços cruzados e as mãos enfiadas nas mangas largas do seu roupão, não constituindo qualquer ameaça. Era como a lembrava, bela como o amanhecer, orgulhosa como uma montanha.

– Não casámos, Ahmann. Chama-se Olive Papel. E não Jardir.

– É minha, Leesha – disse Jardir. – Está escrito na sua aura. Negarás esta afirmação?

– Claro que não – respondeu Leesha. – Não esconderei quem é, mas o teu nome atrairá lâminas de assassinos sempre que um dos teus herdeiros se sentir ameaçado.

– Asome foi controlado – disse Jardir. – Não...

– Tens mais de setenta filhos, Ahmann. Podes falar por todos eles, nos anos vindouros?

– Tampouco posso falar pelos alagai – disse Jardir. – Nie golpeará alguém como Olive durante todos os seus anos vindouros. É inevera que fique mais forte. Não será desculpa.

– Não preciso de uma desculpa – disse Leesha. – Não estamos casados e a lei é clara. É Olive Papel. Porque não seria? Fui eu quem a gerei. Carreguei-a dentro do meu corpo, nutri-a com o meu leite. Serei eu a protegê-la. Serei eu a criá-la.

– O meu nome e bênção são os únicos dons que posso conceder antes de partir para o abismo – disse Jardir.

Leesha sorriu, por fim.

– Um nome do meio, então. Olive Jardir Papel.

Jardir aceitou a cedência, fitando outra vez os olhos da criança.

– Que as bênçãos de Everam recaiam sobre ti, Olive Jardir Papel.

Leesha aproximou-se dele, beijando-o delicadamente na face.

– Fizemos uma criança bela.

Olive puxou-lhe a barba, tentando levá-la até à boca.

– É verdade. Fizemos.

– Estou certa se pensar que não me procurarias a seguir?

– A verdade é que não sabia se era bem-vindo – disse Jardir. – A tua carta não o especificou. Quis apenas abençoar a criança.

Leesha pousou uma mão delicada sobre a testa de Olive, acariciando-lhe o cabelo negro fino.

– Já o fizeste.

– Assim sendo, bênçãos recaiam sobre a sua mãe – disse Jardir –, que continua tão encantadora como o mais azul dos céus.

Leesha riu-se.

– Sempre a lisonjear. Não penses que me colocarás outro no ventre antes de partires. Um foi suficiente.

Jardir sentiu um rubor na face.

– Eu... não pretendia...

Leesha riu-se, apertando-lhe o queixo.

– Gracejava, Ahmann.

Jardir ansiava por a tomar nos braços e virou rapidamente os olhos para Olive.

– Inevera enviará três dama’ting para o Outeiro como conselheiras e professoras. Com elas, virá a minha filha, Micha. Vestirá as suas vestes de

dal’ting, mas, como Sikvah, foi discípula de Enkido. Manterá a sua meia-irmã segura. Podes confiar que o fará.

– Confiarei – prometeu Inevera. – Obrigada.

Jardir deitou delicadamente Olive no berço, afastando-lhe os dedos minúsculos da barba. – Preciso de ir.

Virou-se, mas Leesha segurou-o pelo braço, puxando-o para um abraço mais apertado. Abraçou-a uma última vez, inalando o cheiro do seu cabelo. Leesha encostou-lhe a cabeça ao peito.

– Viaja em segurança, Ahmann. Volta para veres crescer a tua filha.

– Não desperdiçarei a minha vida em vão – prometeu Ahmann. – Everam te abençoe, Leesha vah Erny am’Papel am’Outeiro.

Beijou-a. Um toque ligeiríssimo dos lábios dela permaneceu mesmo quando Jardir se afastou. Voltou para a janela calçou as sandálias e saiu para a noite.



DEZASSETE

FORTALEZA DA FLORESTA

334 DR

Ragen apertou mais as rédeas de Dançarino do Ocaso enquanto o Sol começava a mergulhar sobre o horizonte. Conseguia sentir o enorme animal a ficar tenso, com músculos poderosos preparando-se para a batalha que Ragen preferiria evitar.

– É uma sensação estranha continuar a montar enquanto o Sol se põe. – A armadura guardada de Derek tinha sido reparada e polida, mas mantinha a mão próxima do suporte da lança no flanco do seu cavalo.

– Habituar-te-ás. – Yon Grisalho era o líder da sua comitiva de Lenhadores. Era um homem enorme, coberto com músculos salientes. – As estradas estão guardadas e tens uma vintena de Lenhadores à retaguarda.

– Quanto tempo levaremos a chegar à cidade, se conseguirmos continuar depois do anoitecer? – Elissa envergava uma capa guardada que tinha comprado no Outeiro, juntamente com couros de montar novos. Ragen não se lembrava de a ter visto de calças uma única vez nos vinte anos que tinham passado juntos. Naquele momento, pareciam tão naturais como a forma exímia como comandava a sua égua.

– Não sei – admitiu Yon. – Vivi oitenta anos sem me afastar mais que três quilómetros do sítio onde nasci. Amanhã, estaremos mais longe do que alguma

vez estive.

Ragen pestanejou. Yon tinha mais de oitenta anos? Parecia mais jovem que ele.

– Então porque te ofereceste para nos levares até Miln? – perguntou Elissa.

Yon cofiou a barba longa, com o cabelo escuro mais perto da cara riscando-se de um cinzento de ferro que passava a branco puro.

– O filho e os netos estão crescidos. Deitei a mulher na pira há dezasseis verões. A magia deu-me uma segunda oportunidade na vida. Pretendo ver um pouco mais do mundo desta vez.

– Se quiseres ser Mensageiro, sei de uma vaga – disse Derek. – Passei vinte e dois anos no Ouro de Brayan. Não havia mais de sessenta na cidade inteira e era possível ir de uma ponta à outra num quarto de hora. – Expirou. – Mas já vi tanto do mundo como quero ver. Os criados conhecem melhor o meu filho do que eu. A família da minha mulher preferiria que ficasse longe, mas, quando voltar a Miln, não pretendo voltar a partir.

– Sim – concordou Ragen. – Está na hora de voltarmos todos para casa, mas restam quilómetros para percorrer. Costumava fazer esta viagem todos os anos. Sozinho, conseguiria chegar a Miln em duas semanas a partir deste ponto. Um grupo do tamanho do nosso demorará um mês se não nos apressarmos um pouco. Há um acampamento junto à estrada a poucas horas de distância. Se pararmos aí, poderemos cortar meio dia de viagem.

Elissa manteve a expressão calma. Meio dia não parecia muito, mas, perante a possibilidade de mais um mês na estrada, qualquer poupança justificaria umas horas na escuridão.

As crianças precisam de ti. Marya. O pequeno Arlen. Como se sentiriam depois de os seus pais terem desaparecido durante quase um ano? Cartas asseguravam o bem-estar de todos, mas não substituíam a mão extremosa de uma mãe ou o amor de um pai.

Para regressar para junto deles, cavalgaria durante a noite inteira.

Passou a mão sobre a bolsa de veludo pendurada do cinto, consolada pela presença do seu estilete de prata.

A ferramenta era o resultado dos seus estudos na Academia das Herbanárias e na Guilda dos Guardadores do Outeiro. Os outeireiros usavam varinhas de hora para traçar guardas no ar, mas Elissa achava o processo atabalhoado e pouco preciso. Preferia guardas físicas.

Quando mestra Leesha providenciou generosamente materiais para varinhas de hora próprias, Elissa, Ragen e Derek usaram-nos para criarem estiletes. Os instrumentos de escrita tinham núcleos de osso de demónio dentro dos punhos grossos, cobertos com prata guardada e com um aparo de electrum na ponta. Manipulando as guardas no cabo, Elissa conseguia ajustar a canalização de poder para o estilete, dando a cada guarda tanto ou tão pouco poder como desejasse.

Mas havia uma diferença entre traçar guardas experimentais no ar na segurança da academia e traçá-las diante de um demónio que investia. Um nuclita guinchou algures à distância e Elissa apertou tanto as coxas que sentiu que poderia roubar o fôlego à sua égua.

Cavalgaram mais três horas enquanto escurecia por completo. Os postes guardados projetavam uma luz ténue que terminava nos arbustos da berma. Além deles, ouviam-se guinchos, rosnados e sons de movimento na escuridão, mas nenhum demónio testava as guardas.

Dançarino do Ocaso bateu com os cascos e relinchou enquanto Ragen se esforçava para controlar o garanhão poderoso. Derek tinha o escudo no braço. Até Yon parecia tenso, movendo a mão para a haste longa do seu machado, preso na sua sela, onde podia ser facilmente alcançável.

– Os nuclitas erguem-se em força tão pouco tempo depois da Lua Nova.

Lua Nova. Elissa sentiu um arrepio pela coluna abaixo. Arlen dizia que os nuclitas normalmente desmiolados podiam agir de forma coordenada quando os demónios da mente mais poderosos se erguiam entre eles. Ergueu a mão para tocar a tiara dourada que usava, passando um dedo sobre as guardas mentais. Os outros tinham os símbolos nos elmos.

Criador. Que não sejam necessárias.

– Apressemo-nos – disse Ragen. – O acampamento não pode estar muito mais distante.

Deixaram-se cair num silêncio ameaçador sobre os guinchos e rugidos em fundo, movendo-se tão depressa como permitiam as carroças no seu comboio. Enquanto os seus olhos se ajustavam, Elissa começou a ver figuras agitando-se na escuridão junto à berma da estrada. Eram seguidos?

Por fim, deixou de conseguir suportar aquilo. Levou a mão à bolsa e puxou pelo estilete de prata, perscrutando a escuridão com os olhos. Viu movimentos e traçou uma guarda luminosa nessa direção, tocando a guarda para transferir apenas um clarão de poder para o aparo.

A noite iluminou-se e Elissa arrependeu-se imediatamente do que tinha feito.

Estavam rodeados. Dúzias de nuclitas fugiram da luz e, sem dúvida, haveria muitos mais longe da vista.

– Lenhadores! – chamou Yon. – Machados fora! Bestas prontas, mas não desperdicem virotes a não ser que haja uma brecha!

O medo acelerou-lhes a progressão enquanto se apressavam pela estrada abaixo e não demoraram a avistar o círculo de caravanas. Estava ocupado, mas havia espaço suficiente para as suas carroças e cavalos. Elissa começou a respirar com maior calma.

Até o solo começar a tremer.

– Demónios da rocha – exclamou Yon. – Todos para o acampamento! Bestas junto ao perímetro! Agora!

Os Lenhadores moveram-se com eficiência calma, mas isso pouco contribuiu para acalmar o medo crescente de Elissa. Arriscou outra guarda luminosa e viu dois demónios da rocha de quatro metros e meio, com armadura como granito. Um segurava um pinheiro nas garras como uma clava. Torrões de terra solta estavam presos às raízes e ramos partidos projetavam-se do tronco. Atrás dele, vintenas de nuclitas reuniam-se.

O outro erguia uma pedra do tamanho de um barril de chuva.

Criador. A perceção mal tinha sido interiorizada quando o braço longo do demónio se moveu como uma catapulta, lançando a pedra para o acampamento.

Descreveu um arco no ar e Elissa observou, hipnotizada, durante um longo momento, até recordar o seu estilete. Traçou uma guarda de impacto apressada. Sem tempo para calcular a força necessária para travar a pedra, energizou o aparo ao máximo para dar todo o poder possível ao símbolo.

O choque resultante despedaçou a pedra, mas projetou-a do cavalo. Embateu com força no chão, com o estilete voando de dedos paralisados enquanto pó e cascalho caíam sobre o acampamento como granizo.

– Elissa! – Ragen desmontou de Dançarino do Ocaso, correndo para o seu lado enquanto tentava sentar-se.

Afastou-o com um gesto.

– Estou bem. Ocupa-te dos demónios!

Derek tirou também o seu estilete, traçando guardas de luz cuidadosas no ar para iluminar o inimigo. Os Lenhadores dispararam virotes contra os demónios da rocha, mas os projéteis minúsculos pouco mais fizeram do que irritar os nuclitas que se aproximavam.

– Teremos de sair das guardas e enfrentá-los. – Yon preparou o seu machado. – Jase! Lary! Acompanhem-me!

– Esperem! – gritou Ragen. – São demasiados! Fiquem dentro das guardas!

– As guardas não durarão com dois demónios das rochas brandindo árvores e atirando pedras! – retorquiu Yon. – Façamos o que é necessário.

– Nucleado seja.

Ragen correu para travar os Lenhadores. O demónio da rocha armado com a árvore fê-la recuar para golpear os postes guardados. Ragen puxou pelo estilete, traçando uma guarda de calor.

Houve um clarão e um estrondo enquanto energizava o símbolo, mas os resultados foram menos que impressionantes. Um lado da árvore enegreceu, chamuscado, projetando algumas centelhas, mas isso não fez nada para travar o nuclita.

– Merda de demónio! – rosnou Ragen, tentando novamente. Desta vez, usou demasiado poder. A árvore irrompeu em chamas que engoliram o demónio e iluminaram a noite.

O outro demónio da rocha cobria a cara com as mãos de garras afiadas enquanto os Lenhadores disparavam nova salva de virotes, mas, a seguir, entrelaçou as garras e golpeou violentamente o chão com dois punhos rochosos. Elissa cambaleou enquanto tentava voltar a erguer-se e, pelo acampamento, viu outros perderem também o equilíbrio. Os virotes falharam o alvo por muito.

Elissa procurou freneticamente o seu estilete na terra. Se os demónios da rocha conseguissem passar as guardas, o acampamento seria invadido por nuclitas. Encontrou-o após um momento, sacudindo o pó das guardas. Correu para os postes guardados e traçou uma guarda de impacto cuidadosa com poder moderado. O coice não foi tão mau quando se preparou para ele e a guarda ganhou vida, atingindo o demónio que fazia estremecer o solo em cheio no peito.

O nuclita caiu de costas, mas pareceu ileso. Derek traçou guardas de frio e alimentou-as com poder generoso. Silvou, deixando o estilete cair dos dedos dormentes, mas as pernas do demónio caído ficaram brancas com a cobertura de gelo.

Ragen traçou uma sucessão de guardas de impacto, golpeando os membros gelados. Com o terceiro golpe, ouviu-se um grande estalo e uma das pernas do demónio fraturou-se.

As chamas do pinheiro esmoreceram, deixando o demónio que ardia intacto. Avançou contra as guardas, mas Elissa, Ragen e Derek estavam prontos e traçaram guardas em sincronia. Elissa derrubou o demónio. Derek gelou-lhe o peito. Aquecido pelas chamas, a mudança súbita de temperatura rachou-lhe a cobertura blindada. Ragen não perdeu tempo a continuar o ataque com outra

série de guardas de impacto, esmagando o peito do demónio e destruindo-lhe o coração.

Os outros demónios recuaram depois daquilo, voltando para além dos limites da luz guardada.

– Lutam de forma inteligente. – Yon cuspiu no chão. – Os demónios não deviam ter inteligência para usar armas a não ser que ande um demónio da mente por perto, mas a Lua Nova passou há três dias.

– Ainda há muito que não sabemos – disse Elissa. – Mestra Leesha disse que os demónios miméticos também conseguiam comandar demónios menores.

– Sim – concordou Yon –, mas, se houver um mimético por perto, não está disposto a mostrar-se.

– Talvez – disse Ragen.

– Basta de arriscar a sorte – concordou Yon. – Daqui em diante, acampamos antes de anoitecer e estabelecemos turnos de guarda durante a noite inteira.

– Habituámo-nos a maior preocupação com os krasianos do que com os nuclitas – disse Elissa.

– Acho que vêm aí outra vez – disse Yon. – A noite fica mais forte.

* * *

Ragen conduziu-os até ao Coto do Lavrador, poucos dias depois. Nenhum deles dormira bem, mas depois de começarem a empregar uma hora por noite para reforçar as guardas, os demónios deixaram de as testar. Pararam na estalagem preferida de Ragen para cear e passar a noite, retomando o caminho de manhã para alcançar Forte Angiers à hora de almoço.

Os grandes portões de madeira estavam desemparelhados e remendados com madeira recente onde os krasianos tinham conseguido fraturá-los. Havia andaimes por toda a parte... O novo duque fazia melhorias juntamente com as reparações.

– Reforçam as muralhas – disse Ragen. – É bom sinal.

– Contra os krasianos, talvez – disse Yon. – Alguns demónios da rocha com pedras para atirar e aquelas muralhas não durarão muito.

Lanças da Montanha, envergando as fardas familiares da pátria de Ragen, patrulhavam as muralhas e guardavam os portões. As suas baionetas eram tão afiadas como qualquer lâmina, mas eram sobretudo decorativas. Nenhum deles se atreveria a testá-las depois de se conhecer o poder destrutivo das suas armas de chama. Soldados de Madeira angieranos, com as lanças curtas penduradas ao

ombro e parecendo antiquados por comparação, ocupavam-se das tarefas mais banais como questionar viajantes e revistar carroças.

– Nome e assunto – disse um deles, aproximando-se de Ragen à frente do cortejo.

– Ragen, mestre da Guilda dos Guardadores de Miln – respondeu Ragen, apresentando papéis selados pelo próprio Euchor. O guarda arregalou os olhos e foi consultar o seu superior, uma das Lanças da Montanha.

– Os soldados angieranos passaram a responder aos milneses? – perguntou Elissa.

– O irmão de Rhinebeck pode ter mantido o trono – disse Ragen –, mas parece-me que Euchor se tornou o verdadeiro poder em Angiers.

– Teremos de ser cuidadosos – disse Elissa. – Haverá ressentimento inevitável na corte.

Quando conseguiram passar os portões, o capitão das Lanças da Montanha esperava-os, montando um cavalo de guerra branco.

– Ragen! – A sua voz trovejante era um som aprazível. – Pareceu-me que o vento do Sul trazia um cheiro desagradável!

– Bruz! – gritou Ragen, desmontando enquanto o homem fazia o mesmo. – Não sabia que Euchor tinha enviado a tua cara feia para Angiers! – Abraçaram-se com brusquidão, fazendo chocar couraças enquanto riam e batiam nas costas um do outro.

– Em pessoa. Para guardar a princesa. – Bruz era um dos conselheiros militares mais próximos de Euchor. Ragen conhecia-o há décadas.

Ragen pousou a mão sobre a dragona no seu ombro.

– E promovido.

Bruz acenou afirmativamente.

– Depois de travarmos o ataque krasiano, Euchor enviou mais três mil Lanças da Montanha para sul, juntamente com a proclamação e uma arca de ouro que quase partia a espinha à mula.

– Impressionante – considerou Ragen.

– Tanto como o que ouço a teu respeito – disse Ragen. – O Norte inteiro tem uma dívida para contigo e para com Mãe Elissa por terem enviado notícias do outro lado das linhas krasianas. Sem dúvida que Euchor te recompensará quando voltares. Entretanto, descansarás no palácio. Fica o tempo que quiseres.

– Receio não poder ficar muito – disse Ragen. – Tenho mensagens para entregar na corte, mas Elissa e eu ansiamos por estar com os nossos filhos.

– Claro, claro – disse Bruz. Assobiou e uma escolta de Lanças da Montanha começou a gritar aos populares e a abrir caminho pela rua fora.

– Isto não é necessário – disse Elissa enquanto um guarda empurrava um vendedor para o chão quando não abriu caminho com rapidez suficiente.

– Tolice – disse Bruz. – Estes cabeças de madeira precisam de aprender que têm de se mexer quando as Lanças da Montanhas lhes assobiam. Sem nós, estariam todos mortos ou seriam escravos dos krasianos.

Ragen pressionou os lábios e olhou Elissa, abanando a cabeça. Felizmente, a sua mulher esqueceu o assunto.

– Venho em funções oficiais – disse Ragen. – Há algum tempo que não sou Mensageiro Real, mas a condessa Leesha persuadiu-me a abandonar a reforma uma última vez para falar pelo Outeiro na corte do duque Pether.

Bruz arqueou uma sobrancelha.

– Um mestre de guilda milnês falando por uma condessa angierana? Não é um conflito de interesses?

Ragen encolheu os ombros.

– Os tempos são desesperados, milorde. Ninguém poderá culpá-la por não querer enviar o sucessor de Meia-Mão a Angiers tão pouco tempo depois da morte do seu mestre.

– Não agradará a Euchor – referiu Bruz.

– Não será a primeira vez que Sua Senhoria ficará desagradada comigo – disse Ragen.

Bruz riu-se.

– Isso é dizer pouco!

Chegaram ao palácio, onde outra cara familiar esperava no átrio.

– O Criador me poupe – murmurou Ragen, vendo Keerin, o arauto imbecil de Euchor, avançando para os saudar.

– Ragen! – exclamou Keerin, abrindo tanto os braços como se quisesse abraçar um velho amigo, mesmo que estivessem muito longe disso. Os dois homens tinham trabalhado juntos na mesma carreira de Mensageiros quinze anos antes, mas nenhum deles apreciava grandemente o outro. A maior parte da reputação de Keerin fora construída com mérito roubado aos feitos de Arlen e, outrora, ordenara aos seus aprendizes que espancassem Arlen e o seu amigo Jaik quando Arlen ousou protestar em público.

Keerin não demorou a ultrapassar a forma como Ragen o contornou para evitar tocá-lo.

– É bom ver-te, velho amigo.

Ragen firmou o maxilar.

– Em que posso ajudar-te, Keerin?

– Esperava encontrar um lugar na tua caravana até Miln – disse Keerin.

Ragen abanou a cabeça.

– Euchor enviou-te aqui como seu arauto. Até solicitar e financiar o teu regresso, não poderei envolver-me.

– Ora. – Bruz esforçava-se para não rir. – Os deveres de mestre Keerin há muito foram concluídos. Apenas não temos recursos para o escoltar até casa e, apesar da sua lendária bravura, não se tem mostrado disposto a fazer a viagem sozinho.

Keerin engoliu em seco ao ouvir aquilo, mas não argumentou, baixando a voz para que Ragen fosse o único a ouvi-la.

– Ouviste-o. Não me querem aqui e esta corte costuma encontrar formas de matar Jograis. Primeiro, foi Jasim Tom-Dourado e os seus aprendizes, chacinados no salão inferior. Depois, o pobre mestre Meia-Mão, abatido na Torre Sul. Não me importa que Euchor me demita. Quero voltar para casa.

Ragen olhou Elissa. Gostava tão pouco de Keerin como ele, mas pousou-lhe uma mão no braço.

– Sei como é ansiar por voltar para casa. Claro que poderás acompanhar-nos.

A face do Jogral iluminou-se e pegou na mão de Elissa, beijando-a repetidamente.

– Obrigado, Mãe. O Criador te abençoe! Começarei imediatamente a fazer as malas. – Com um gritinho de júbilo, deu uma cambalhota num turbilhão de pano multicolorido e correu por um corredor fora.

– Vamos arrepender-nos disto – disse Ragen.

– Talvez – admitiu Elissa. – Mas, depois de tantos meses, não impedirei alguém que quer apenas voltar para casa.

Surgiu um pajem e Bruz indicou-o com uma mão.

– Perdoar-me-ão, mas tenho outros afazeres. Suas Senhorias receber-vos-ão na corte noturna. Até lá, o Pequeno Ministro ocupar-se-á das vossas necessidades.

– Pequeno Ministro? – repetiu Ragen.

O rapaz curvou-se.

– Chamo-me Pawl. O capitão dá-me esse nome porque o meu pai era o primeiro ministro Janson.

– Não fui eu que te dei o nome, mas é adequado. – Bruz passou-lhe uma mão pelo cabelo. – É o único capaz de interpretar os livros de contas do pai. Estaríamos perdidos sem ele.

– Por aqui. – Pawl conduziu Elissa, Ragen, Derek e Yon por um corredor longo. – Os vossos aposentos estarão prontos em breve. Até lá, preparámos uma sala de estar onde poderão refrescar-se e repousar.

– É assim que sabemos que somos ricos. Quando temos uma sala só para estar – disse Yon.

A sala era faustosa, com uma mesa posta e um serviço de chá fumegante. Havia água, vinho e até um jarro de cerveja. Depois de dias na estrada, parecia tão aliciante que Elissa demorou um momento a reparar na velha que bebia chá sobre uma poltrona.

Olhando as suas sedas e joias, Elissa dobrou os joelhos numa vénia.

Deu uma cotovelada a Ragen, que a imitou prontamente. Yon e Derek, a meio caminho da mesa, estacaram, sem saber o que fazer.

A duquesa-mãe agitou-lhes a mão num gesto irritado.

– Basta! Não impedirei que homens famintos cheguem à comida. Avancem, rapazes.

– Sei quando sou dispensado. – Ragen e os outros fizeram vénias rápidas e apressaram-se para a carne e para a cerveja.

– Deixa-me olhar-te, querida – disse a duquesa-mãe. – Os meus olhos já não são o que eram.

Elissa aproximou-se, resistindo à tentação de fazer nova vénia quando Araine se levantou para a acolher.

– Excelência.

– Podemos deixar os títulos à porta, Elissa – sugeriu Araine. – Já me correspondia com a tua mãe antes de nasceres. A condessa Tresha e eu somos velhas amigas. Terá falado de mim, certamente.

As palavras apanharam Elissa desprevenida. Referências à sua mãe costumavam ter esse efeito.

– A condessa e eu não falamos com frequência.

Araine fungou.

– Isso é um eufemismo. Algo para discutir durante o chá. – Pawl puxou uma cadeira para Elissa, servindo o chá e uma amostra das sanduíches delicadas da mesa.

– Tenho uma carta para ti – disse Elissa quando o pajem se afastou para esperar junto à parede.

– Direta ao assunto – considerou Araine. – Tens mais em comum com a tua mãe do que julgas.

O comentário provocava Elissa, mas engoliu a resposta, oferecendo o envelope com a mensagem de Leesha para Araine. A duquesa-mãe partiu o selo com uma unha afiada, lendo rapidamente o texto.

Araine suspirou.

– Receio não poder oferecer muito mais do que conselhos.

Elissa pestanejou.

– Leesha disse que eras tu o verdadeiro poder em Angiers.

– Outrora – disse Araine. – Antes de Janson ser assassinado. Antes de Euchor ter comprado o trono de hera com a nossa sobrevivência. O poder que Lorain não me roubou foi reclamado por Pether. Costumava governar Angiers da minha sala de costura. Agora, resta um aglomerado de bordados por acabar.

– Isso poderá ser um problema – disse Elissa. – Lorain e eu...

– Não se dão bem desde aquela rixa quando eram crianças – concluiu Araine. – O jovem Lorde Sament convidou-te para o Baile de Equinócio?

– Solstício – disse Elissa. – E recusei.

– Fazendo a filha do duque de Miln sentir-se a segunda escolha.

– Como sabes isto? – perguntou Elissa.

– Tresha tem contado histórias tuas desde que despediu a tua primeira ama de leite – disse Araine. – Orgulha-se muito de ti.

Desta vez, Elissa não conseguiu resistir.

– Se acreditas nisso, não conheces tão bem a minha mãe como julgas.

– Não tenhas tanta certeza – disse Araine. – Causaste um escândalo e tanto, fugindo do Pavilhão do Amanhecer para casar com um Mensageiro. Só queria o melhor para ti.

– Não percebo de que forma renegar-me poderá ser o melhor para mim – comentou Elissa. – Felizmente, as minhas irmãs foram mais obedientes e casaram com os barões que a minha mãe pavoneou à sua frente.

Araine acenou com uma mão.

– Nunca o admitirá, mas Tresha admirou a forma como lhe fizeste frente. Foi um feito de que as tuas irmãs sem coluna vertebral nunca seriam capazes. Bastará que peças e acolher-te-á de volta.

– Acolher-me-á. – Elissa cerrou os dentes. – Como se casar com o melhor homem que conheci seja um crime a exigir expiação. Não quero que me acolha. A minha mãe pode ficar com a sua política e sussurros cortesãos.

Araine fungou de forma divertida.

– Poderás não ter grande escolha. Viste e fizeste demasiado para voltares a varrer o chão numa oficina de guardador. Espero que sejas chamada ao Conselho de Mães quando regressares para partilhares um relato completo das tuas aventuras nas terras alagadas. Conheço bem aquele bando de velhas maldosas. Penses acerca dela o que pensares, a tua mãe lidera o conselho. É melhor tê-la como aliada do que como inimiga.

Elissa engoliu em seco. O Conselho de Mães de Miln era quase tão poderoso como o duque Euchor, responsável pela maioria do funcionamento quotidiano da cidade. Por mais que odiasse admitir, para que ela e Ragen conseguissem operar alguma mudança na cidade antes de ser demasiado tarde, precisaria de ter o Conselho do seu lado.

– É possível que estejas certa. Obrigada pelo teu conselho. – As palavras azedaram-lhe a boca, mas conseguiu pronunciá-las com um sorriso educado.

– Claro que todos sabemos que a tua mãe não é o mais interessante dos teus problemas familiares. – Araine retirou do tabuleiro uma pequena sanduíche, comendo-a com duas dentadas rápidas e eficientes.

– Não? – perguntou Elissa.

– Conheci o jovem Senhor Fardos no ano passado – disse Araine – antes de toda aquela situação com o demónio do deserto. Era mais baixo do que contam as histórias, mas pareceu-me um bom rapaz. Idealista, talvez, mas essa é uma particularidade que assenta aos jovens.

– Era um bom rapaz. – Elissa escolheu as palavras com cuidado.

– Um bom rapaz que fez Euchor parecer tolo – respondeu Araine. – Agora que é sabido que o teu jovem órfão cresceu para se tornar o Homem Pintado, há questões na corte sobre o que sabias a esse respeito e quando o descobriste. Se fores sensata, terás cuidado com as palavras e assegurarás que tu e o teu marido seguirão o mesmo guião.

– Podem perguntar o que desejarem – disse Elissa. – Não temos nada para esconder.

– Claro. – Araine bateu com a carta de Leesha contra a chávena de chá. – Acreditas nisto, rapariga? Haverá um enxame de demónios?

– Acredito – respondeu Elissa. – Os nuclitas aumentam o seu número, mesmo enquanto os outeireiros e os krasianos os matam aos milhares. Caçam-nos na estrada. – Apressou-se a relatar o ataque às guardas dos demónios da rocha.

– Um par de demónios testando as guardas não prova que os demónios terão alguma agenda escondida. Não vimos sinais de mudança no seu comportamento aqui. Talvez isto aconteça porque o Outeiro os provoca.

– Desejas correr esse risco? – perguntou Elissa.

– Os krasianos são o verdadeiro inimigo – disse Araine. – Mataram três dos meus filhos. Os irmãos de Pether. O marido de Lorain. E milhares de maridos, esposas e filhos nas Cidades Livres. Mataram muito mais gente do que os demónios no mesmo período. Agora, desertores da Batalha de Angiers formaram bandos nómadas, cometendo terríveis atrocidades. Castram homens e rapazes, levando-os como recrutas e não deixando nada além de sangue e cinza por onde passam. Nenhum dos povoados orientais está seguro.

– E impedem que Euchor se declare rei – disse Elissa.

– Não vejo como algo poderá evitar isso – comentou Araine. – Euchor jogou demasiado bem os seus trunfos. Continuará a enviar Lanças da Montanha para sul pelos abrigos até ter homens suficientes para se juntar aos recrutas de Pether no Outeiro e esmagar os krasianos de uma vez por todas.

Elissa bebeu o seu chá, mantendo os olhos baixos.

– É pouco provável que a condessa Papel ocupe os seus guerreiros a atacar os seus vizinhos enquanto acreditar que a ameaça dos demónios cresce.

– Aprende a dança – concordou Araine. – Mas poderá não ter grande escolha. Tens problemas próprios. Avança com cuidado no caminho para casa.

– É éééé por issooooooooooque se chamaaaaaaa piçaaaaa de nuclitaaaaaa! – concluiu Keerin com um último dedilhar floreado do alaúde. Elissa suspirou. O Jogral estava tão feliz por sair de Angiers que não guardava o alaúde na caixa há dias.

Graças ao Criador. A audiência com Pether e Lorain não correra bem e não esquecia o aviso de Araine. *Avança com cuidado no caminho para casa*.

Mal Elissa tinha acabado de louvar o silêncio, Keerin começou outra canção.

Elissa resistiu à tentação de tapar os ouvidos.

– Pagaria mil sóis para calar aquele homem.

– Avisei-te – lembrou Ragen.

– Não é assim tão mau. – Yon e os outros outeireiros apreciavam a cantoria, juntando-se aos coros enquanto cavalgavam. – Não é nenhum Meia-Mão, mas gostamos de Jograis ruivos no Outeiro. Bebi uma caneca ou sete naquela taberna em Ponteflúvia. Um sujeito contou-me que Keerin cortou o braço a um maldito demónio da rocha. Nem sequer usou a música. Imaginem aquele homenzinho frente a frente com um demónio da rocha.

– Ridículo – concordou Ragen.

Yon esboçou um sorriso ávido.

– Gostava de ter estado presente.

Ragen abriu a boca de espanto.

– Acreditas realmente nessa história?

– Sim. Porque não? – questionou Yon. – Vi coisas nestes últimos anos que envergonhariam cada história de taberna que alguma vez ouvi. Não terá chegado a arauto real por mentir.

Atordoado, Ragen demorou um momento a formular uma resposta. Antes de poder falar, Elissa pousou-lhe uma mão no braço, acalmando-o.

– Não podíamos tê-lo deixado – disse Elissa. – Aquela cidade prepara-se para a guerra e ambos sabemos que Keerin não é um combatente, qualquer que seja a sua reputação nas tabernas.

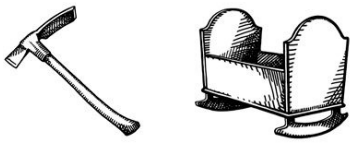
– Felizmente para ele, Euchor construiu abrigos para abastecer as Lanças da Montanha em Angiers – disse Ragen. – Os outeireiros não precisarão de ver a sua fibra na noite.

Com efeito, as suas últimas noites foram passadas na segurança das paredes com guardas poderosas dos abrigos, cada uma bem abastecida e defendida por Lanças da Montanha com armas de fogo.

Elissa ansiava por eles em cada anoitecer. Há dias que não viam povoado ou cidade e era tranquilizante ver paredes guardadas todas as noites e voltar a ouvir sotaques milneses após tanto tempo no Sul.

Viam já o próximo, no alto de uma colina para aproveitar a posição vantajosa. As suas paredes grossas e chaminés fumegantes prometiam uma noite quente longe dos demónios.

Mas, quando se aproximaram, Elissa viu a fratura nas paredes. Um cheiro chegou até ela, trazido pelo vento, e percebeu que o fumo que se erguia do abrigo não era tão convidativo como pensara.



DEZOITO

CASA

334 DR

Jeph Fardos fumava cachimbo na sua cadeira de balouço preferida enquanto olhava o pátio. Os seus filhos preenchiam o alpendre, olhando em todas as direções enquanto o Sol descia no céu. No interior, ouvia Norine e Ilain ocupando-se na cozinha, preparando o jantar.

As sombras alongaram-se no pátio e Jeph resistiu ao ímpeto de voltar a verificar as guardas. Recostou-se, sugando o cachimbo até avivar a chama no tabaco.

O seu controlo surpreendia-o. O anoitecer conseguia expor os medos que as pessoas continham durante o dia e Jeph sempre fora um cobarde. Há menos de um ano, caminhara para trás e para diante na casa, verificando fechaduras e guardas uma e outra vez.

Quinze anos antes, viu daquele sítio a sua mulher Silvy ser nucleada, incapaz de fazer mais do que unir as coxas, esperando não se mijar.

Mas, no verão passado, Renna Curtidor surgiu-lhe no pátio, gritando, e anos de vergonha e tensão acumulados no seu interior cederam. Pegou no machado, saiu do alpendre e fez o que devia ter feito por Silvy todos aqueles anos antes.

Depois disso, chegou o Mensageiro tatuado com as suas armas guardadas. Jeph matou ou ajudou a matar trinta e sete demónios desde então. O seu método preferido, o mais seguro, era com um golpe forte antes de conseguirem

solidificar-se, mantendo a arma guardada no ferimento enquanto a sua magia drenava o poder do demónio.

Havia demónios de dois tipos. Os primeiros, os regulares, erguiam-se sempre no mesmo sítio, golpeando as mesmas guardas com paciência imortal, esperando que, numa noite inevitável em que a manutenção falhasse, a barreira pudesse ser passada.

O outro tipo, os andarilhos, moviam-se de local em local, procurando presas. Evitavam os locais reclamados pelos regulares a não ser que o alarido os atraísse.

Pouco tempo antes, o pátio estaria cheio de formas nebulosas ao anoitecer. Mas o Mensageiro varrera-os com flechas guardadas, matando a maior parte dos regulares. Jeph ocupara-se dos outros regulares nas suas terras com minúcia, como se limpasse um terreno de ervas daninhas.

Há semanas que a sua propriedade estava limpa, mas sítios como a quinta de Jeph, isolada e tresandando a humanos e gado, atraía andarilhos que poderiam tornar-se regulares se lhe fosse dado tempo para isso.

– Ali! – guinchou Silvy, apontando o cercado diurno dos porcos. Uma névoa, como fumo ou uma nuvem de pó no verão, assinalava a ascensão de um demónio a meros três metros do local onde a sua homónima tinha sido nucleada.

Jeph cuspiu no chão e esvaziou a cinza do cachimbo, pisando-a.

– As nucleadas criaturas são piores que ratos – disse. – Sempre que começo a descontrair...

– Jeph Novo ergueu o arco, preparando uma flecha guardada para disparar.

– Trato dele, pai.

– Não, não tratas. – Jeph estendeu a mão para o cabo da sua enxada. – Fica no alpendre e vigia os outros. Eu trato disto.

Jeph admirava a coragem do rapaz, mas, aos catorze anos, Jeph Novo não era tão certeiro com o arco como julgava. Os demónios saravam depressa. Se não conseguisse matá-lo, o nuclita poderia fugir e voltar com sede de vingança.

Avançou para o pátio, continuando a maravilhar-se com a forma como as coisas mudavam. Passar além das guardas com um demónio materializando-se no pátio costumava significar morte certa. Naquele momento, tornara-se apenas mais uma tarefa. Perigosa, mas muitas tarefas na quinta o eram se não houvesse cuidado.

Jeph tinha sempre cuidado. Observou o demónio que se formava, mas manteve-se atento também ao resto do pátio, assegurando que o nuclita não tinha trazido amigos.

A névoa assumiu a forma de um demónio dos campos quando Jeph se aproximou dele. Abriu a boca para lhe silvar, mas não produziu qualquer som. A materialização ainda não estava completa. Durante mais alguns segundos, não conseguiria feri-lo.

Mas Jeph podia feri-lo a ele. Com movimentos experientes, ergueu a enxada num arco fluido, permitindo que a lâmina pesada na extremidade fizesse a maior parte do trabalho enquanto a fazia cair sobre a cabeça do demónio com força suficiente para rachar um tronco.

Uma lâmina normal teria ressaltado do crânio blindado do demónio, enfurecendo-o sem causar dano real, mas Jeph tinha guardado pessoalmente a enxada. Os símbolos ganharam vida quando atingiram o alvo, projetando uma corrente de magia pelos seus braços acima enquanto a lâmina se cravava e ficava presa.

Estremeceu com algo semelhante a prazer ou a luxúria. O poder percorreu-o, fazendo-o sentir-se forte e invencível. Tinha quase cinquenta anos, mas sentia-se mais forte do que se tivesse trinta. Os seus sentidos ganharam vida e ouvia com clareza as vozes das crianças no alpendre, as mulheres lá dentro e até os animais trancados além das portas pesadas do celeiro do outro lado do pátio.

Tentou ouvir sons de outros demónios. Por um momento, chegou mesmo a esperar que fossem mais para poder voltar a sentir a descarga de poder. Para poder tirar-lhes alguma coisa como compensação pelo que lhe tinham tirado a ele. Mostrou os dentes.

Controla-te, Jeph Fardos, seu tonto. A voz na sua cabeça pertencia ao seu pai, dizendo-lhe sempre palavras sensatas. *Que tipo de idiota espera que demónios surjam no seu pátio?*

Recompôs-se com um estremeção. Matara demónios, mas, ao contrário de muitos no Ribeiro, não passara a gostar de o fazer. A descarga de poder era um prazer como nada que conhecesse, mas não pagava a perda de controlo. O controlo era o que mantinha pessoas vivas enquanto outras iam para a pira.

– Pai! Cuidado! – gritou Jeph Novo.

Jeph virou-se e viu outra forma materializando-se a poucos metros de distância. Habitualmente, os demónios erguiam-se exatamente ao anoitecer. *Este deve ter dormido até tarde,* pensou enquanto a névoa ganhava forma. Vertical e bípede, seria provavelmente um pequeno demónio da madeira.

Moveu-se rapidamente para arrancar também aquela erva daninha, mas, quando ergueu a enxada, um segundo demónio começou a formar-se ao lado do primeiro. Hesitou.

Não consegues enfrentar dois, disse o pai na sua cabeça. *Foge. Agora.*

Jeph Novo partilhava os medos do seu pai.

– Pai! Baixa-te! – O rapaz puxou uma flecha no arco e soltou-a no momento em que o demónio mais próximo saltava sobre Jeph, solidificando mais depressa do que teria julgado possível. Ouviu-se um silvo e a vibração da haste.

Jeph pestanejou, vendo o Mensageiro à sua frente, com face severa enquanto segurava a flecha a centímetros da cabeça de Jeph, onde se teria cravado.

As vestes castanhas de Protetor que usara na sua visita anterior tinham desaparecido, mas as tatuagens eram inconfundíveis. Vestia uma camisa de algodão branco esbatido com colarinho aberto e calças de ganga, com as pernas e punhos arregaçados para expor mãos e pés.

O Mensageiro virou-se para olhar o alpendre com desagrado.

– Se não aprendeste a não disparar quando há alguém na mira, Jeph Novo, não deves segurar esse arco!

– Mensageiro?! – gritou o rapaz. – Pensei que fosses um demónio!

– O rapaz tem razão – disse Jeph, virando-se novamente para o homem. – Ergueram-se da névoa como eles... – Calou-se quando olhou a mulher que se materializou ao lado do Mensageiro. Quase não a reconheceu. Tinha cortado o cabelo longo, reduzira o vestido a quase nada e cobria-se com guardas pintadas, mas os olhos e a forma da cara tinham uma semelhança tão grande com a sua mulher que se tornavam inconfundíveis.

– Renna? – perguntou. – Renna Curtidor?

– Renna Fardos, agora – disse o Mensageiro.

– Hã? – perguntou Jeph, virando-se outra vez para o homem.

O Mensageiro olhou as guardas na flecha e grunhiu. Pôs uma mão sobre o ombro de Jeph e olhou-o nos olhos. Havia algo familiar naquele olhar, mas Jeph não conseguiu perceber o que era até o homem voltar a falar.

– Temos muito que conversar... pai.

Jeph ficou onde estava, fitando-o. O pátio estava escuro, mas a sua enxada continuava a vibrar com magia que lhe subia pelo braço acima e a sua visão noturna era forte. Apagou mentalmente as guardas, como tinha feito com Renna, vendo na face do homem um eco da sua mãe, morta quinze anos antes naquele mesmo sítio.

Os seus joelhos fraquejaram e a enxada caiu, cravando-se no chão a seus pés. Sentindo-se subitamente zonzo, apoiou-se no cabo. O ar parecia-lhe mais denso, com a noite cobrindo-o como água.

– Arlen? – Não conseguia respirar. Não conseguia erguer-se.

O Mensageiro amparou-o enquanto caía.

– Sim, pai. Sou eu.

Jeph sentia-se dormente enquanto acompanhava o seu filho e... Que parentesco passara Renna a ter com ele? Cunhada? Nora? Acompanhou-os até ao alpendre.

– Para dentro. Lavem-se para jantar – disse às crianças. – Digam à vossa mãe para pôr mais dois pratos na mesa. – Ficaram onde estavam, fitando os recém-chegados, até Jeph bater as mãos. – Vão!

Jeph não podia culpá-los enquanto os via entrarem dentro de casa. Deu um passo ao lado para deixar os hóspedes entrarem primeiro, olhando fixamente o homem que o seu filho se tinha tornado. Conseguia perdoar-se por não ter percebido antes, mas, depois de saber, a semelhança era inconfundível, com guardas ou sem elas.

Arlen estava vivo.

O seu rapaz regressara feito homem.

O ar à volta da mesa de jantar parecia frágil, como se falar estilhaçasse o sonho e o casal se desfizesse em névoa como se nunca ali tivessem estado. Norine disse uma oração breve e começaram a comer em silêncio. Até as crianças sentiam a tensão. Não havia vestígios das habituais disputas, dos beliscões debaixo da mesa, das histórias exageradas sobre o trabalho do dia.

– Passas as batatas, por favor? – pediu Arlen a Cholie e o rapaz saltou como se tivesse visto um fantasma. De certa forma, tinha. O fantasma do seu irmão mais velho, regressado e pedindo batatas.

Por fim, Ilain deixou de conseguir suportar aquilo.

– Preciso de me habituar, Ren. A que sejas minha nora.

– Não deve ser difícil. Há anos que finjo que és minha mãe. – Havia algo na forma como Renna proferiu as palavras, como se viesse uma farpa a seguir. O Criador saberia que havia muitas farpas a atirar. A sua mãe tinha morrido na juventude de Renna e Ilain fugiu com Jeph apenas alguns anos depois, deixando as suas irmãos entregues ao filho de demónio que era o seu pai.

Ilain ficou hirta, esperando a bofetada, mas Renna engoliu o que pudesse ter dito, fixando um sorriso na cara. Olhou as crianças.

– A julgar pela minha sobrinha e sobrinhos, parece que tens jeito para a tarefa.

Ilain suspirou, retribuindo o sorriso.

– Fui abençoada com a capacidade de aprender com os meus erros. – Virou-se para Arlen antes que qualquer uma delas pudesse turvar as águas. – Parece-me

que mantiveste a promessa, afinal, de vir buscar Ren.

Jeph cerrou os dentes. A mulher atoleimada não podia esquecer aquilo? Estaria determinada em afugentá-los novamente?

Mas Arlen pareceu encarar as palavras como uma tábua de salvação.

– Não vim por Ren. Voltei para ver esta casa mais uma vez e para garantir que tinham guardas que os protegessem. Para garantir que o que aconteceu... – Hesitou, como Renna tinha hesitado, pensando melhor nas palavras... – Para garantir que o que aconteceu a tantas famílias do Ribeiro – indicou Norine com a cabeça – não voltaria a acontecer. Mas, quando vi Ren presa à estaca... – Abanou a cabeça. – Não podia ficar sem fazer nada, pois não?

Seguiu-se um silêncio desconfortável à volta da mesa porque nem eles nem o resto do povoado tinham feito alguma coisa.

– Claro que não. – Jeph recuperou finalmente a voz, olhando o seu filho nos olhos. – Nunca foste assim, graças ao Criador. Envergonhaste o povoado inteiro, mas precisávamos de ser envergonhados.

Arlen acenou com a cabeça de forma quase impercetível.

– Lembrei-me de Ren. Pensei nela algumas noites enquanto estive... ausente. No beijo que me deu naquela última noite, antes da morte da mãe. – Abanou a cabeça. – Não acreditei que um aperto de mão entre pais nos prometesse realmente. Calculei que uma mulher como ela teria encontrado outra pessoa. – Virou-se, pegando-lhe na mão e olhando-a nos olhos. – Estive em Miln e no deserto krasiano. Vi quase todos os sítios dignos de ver entre esses dois extremos. Muita gente tentou encontrar-me uma mulher e fazer-me assentar, mas ninguém conseguiu. Quem adivinharia que a mulher para mim me esperava em casa durante todo aquele tempo?

– Eu sabia. – Renna apertou-lhe a mão. – Mas Arlen Fardos sempre foi teimoso.

– Sim, isso é dizer pouco – concordou Jeph. E o riso à volta da mesa parecia quase descontraído.

– Acho romântico – disse Jeni Alfaiate, pegando na mão de Jeph Novo. Tinham sido prometidos, sem dúvida de forma muito parecida, mesmo que passassem anos até terem idade suficiente para casar. – Atravessarias o mundo inteiro para voltar para mim, Jephy?

Jeph Novo ficou verde, tossindo alguma coisa que parecia assentimento. Jeni pareceu não notar o seu desconforto e o sorriso manteve-se.

– Então voltaram os dois de vez? – perguntou Ilain. – Voltaram para começar uma família? Temos falado sobre construir uma nova casa e contratar ajudantes.

Há gente do Pasto Soalheiro a chegar ao Ribeiro. Tudo está melhor, mesmo com os problemas.

Arlen ergueu o olhar quando ouviu aquilo.

– Problemas?

– Cholie, Silvy – disse Jeph. – Levantem a mesa e ponham a chaleira ao lume. Depois, vão brincar.

– Fiz um bolo esta manhã – disse Norine. – Guardava-o para depois do serviço religioso do Sétimo Dia, mas é uma ocasião especial. Jeni? Porque não o cortas com Jeph Novo e trazem o chá?

– Quero ficar? – lamuriou-se Jeph Novo.

– Tu e Jeni podem voltar para a mesa quando o chá e o bolo estiverem prontos – autorizou Jeph. – Agora, vão!

As crianças afastaram-se e Jeph levantou-se da mesa, demorando-se a ir buscar o cachimbo e a bolsa de tabaco. Ofereceu a bolsa ao filho.

– Tenho outro cachimbo.

– Estou bem, obrigado – agradeceu Arlen, acenando com a mão. – Costumava fumar, às vezes, quando era Mensageiro. Fazia-me pensar em casa. Agora, estou aqui... – Encolheu os ombros. – Não me parece certo.

Jeph acenou com a cabeça, grato pela desculpa para baixar os olhos enquanto enchia o cachimbo e aproximava uma mecha acesa. Levou-o à boca por um momento, tornando o tabaco incandescente e rodeando-se com uma nuvem fragrante antes de voltar a sentar-se.

– As coisas têm sido... complicadas desde que partiste. O Ribeiro prospera, mas as pessoas estão...

– Mais duras – concluiu Ilain.

– As pessoas encontraram a coragem para enfrentar os nuclitas – disse Norine –, mas há quem... lhe tenha tomado o gosto.

Arlen acenou com a cabeça.

– Não é invulgar. Têm dado problemas?

– Nada com que Selia não consiga lidar – Jeph puxou uma baforada do cachimbo. – Organizou uma milícia... Matou a maior parte dos demónios que assombrava a Praça Central e a Colina da Charneca. Brine tem mais problemas no Casal da Floresta, mas os Lenhadores começaram a cortar demónios da madeira como se tivessem nascido para isso.

– Não surpreende – disse Arlen. – Aposto que racham mais lenha agora do que em muitos anos.

– Sim. – Jeph prendeu o cachimbo entre os dentes. – Quase todas as colheitas cresceram. Não há barrigas vazias no Ribeiro.

– Boas notícias – considerou Arlen. – Precisarão de madeira para a vossa nova cerca.

– Nova cerca?

– Vou ensinar-vos um novo tipo de guardas que testámos no Outeiro do Lenhador – referiu Arlen. – Porá fim aos demónios na vossa terra de uma vez por todas.

Jeph retirou o cachimbo da boca, expirando uma nuvem de fumo doce.

– Parece bom de mais para merecer confiança.

– Há muitas más notícias envolvidas – disse Arlen. – Lá chegaremos. Quero que acabem de me contar como vão as coisas no Ribeiro. O Charco da Pesca continua a dar problemas?

– Um pouco, no início. – Jeph recostou-se. –Mas, sem guardas para as lanças de pesca, as outras pessoas ficaram...

– Mais fortes – concluiu Arlen. – Matar demónios faz isso.

Jeph acenou com a cabeça.

– Os pescadores deixaram de poder maltratar as pessoas depois disso. Raddock tentou resistir, mas as pessoas queriam ser protegidas pela milícia e deixaram de votar nele. Ainda é Orador, mas já não tem a influência que teve noutros tempos.

– Não aprovo o que fizeram – disse Norine. – Mas, com o Criador como testemunha, não vivemos tempo bom para ser Pescador. A milícia maltrata-os e leva mais do que o seu quinhão de peixe.

– Teremos de travar isso antes que piore – disse Arlen.

– Têm o que merecem – comentou Renna. O Charco da Pesca tinha liderado a multidão que a prendeu a uma estaca para ser levada pelos demónios depois de o seu pai ter matado Cobie Pescador.

– Raddock Lawry estava a pedi-las, Ren – concordou Arlen. – Garrick Pescador, talvez. Mas perceberam o erro do que faziam. Nada positivo resultará de castigar o resto do povoado por culpa de um par de miolos de água. Estamos todos do mesmo lado contra os demónios.

Renna parecia pronta para argumentar, mas limitou-se a acenar com a cabeça.

– Deslizarei até lá para falar com Selia sobre o assunto depois do bolo.

– Deslizarás? – perguntou Jeph.

– É um... truque de magia que aprendi durante as minhas viagens – explicou Arlen. – Foi assim que Ren e eu chegámos aqui.

– Formaram-se a partir de névoa – disse Jeph. Noite, quase esquecera. – Ergueram-se como demónios em vez de chegarem naquele enorme e medonho...

Calou-se, mas Arlen limitou-se a rir.

– Sim. Dançarino pode intimidar quando não esmaga o crânio de um demónio com os cascos. É mais rápido que qualquer cavalo, mas até isso é rastejar para quem consegue infiltrar-se no chão como névoa e navegar as correntes.

– Correntes? – perguntou Ilain.

– Correntes mágicas – disse Renna. – Sobem do Núcleo como ribeiros partindo de um lago. Aprendendo como, é possível navegá-los como um barco de papel.

– Tolice – disse Norine.

– Mostro-te depois – prometeu Arlen. – O seu tom decidido calou-a. Não era uma tentativa de convencer. Falava de algo impossível como se fosse um arado novo que lhe mostrasse depois do chá. – São esses os maiores problemas do Outeiro? Pessoas que maltratam os Pescadores?

Jeph abanou a cabeça.

– Jeorje.

Arlen franziu a testa, mas manteve-se calado enquanto Jeph Novo trazia o bolo e o chá. Jeorge Vigia, Orador e Protetor da Vigia-Sul, fora magistrado quando o conselho do povoado decidiu expor Renna à noite.

Arlen olhou Jeph nos olhos, esperando. Quando os pratos e chávenas foram distribuídos e Jeph Novo e Jeni voltaram a ocupar os seus lugares, Jeph não podia hesitar mais.

– A Vigia-Sul separou-se do Ribeiro depois de receberem as guardas de combate.

Arlen colocou uma colherada de mel no seu chá.

– Nunca fizeram parte de maneira muito convincente.

– Quando era pequena – disse Norin –, a Vigia fazia tanto parte do Ribeiro como qualquer outra área. Até Jeorje arranjar problemas com o Orador do Povoado, o pai de Selia, depois de uma das suas netas ter sido nucleada na Praça Central. Os Vigias deixaram de vir depois disso. Apareciam de vez em quando para negociar e para responder ao soar da grande trompa. Ninguém fala disso, mas diz-se que os dois lados alimentam o seu rancor.

– Há quanto tempo foi? – pergunto Arlen.

Norine encolheu os ombros.

– Cinquenta anos, mais ou menos.

– É muito tempo para alimentar um rancor – considerou Arlen.

– O tempo só consegue aumentar o peso de sentimentos pesados – disse Jeph. – Até o peso vergar quem os carrega, acabando por partir.

– Que fez ele? – perguntou Arlen, cortando o bolo com o garfo.

Jeph forçou-se a recostar-se e a levar o cachimbo à boca.

– Anexou o Pântano Encharcado.

Arlen tinha acabado de dar uma dentada no bolo quando ergueu os seus olhos.

– O quê?

Jeph levou o cachimbo à boca.

– Os Pântanos sempre foram gente estranha. Muito metidos consigo mesmos, com costumes só deles. Não gostavam que os miúdos viessem à Praça Central... Demasiados queriam ficar quando a lama na roupa secava. E têm demónios próprios no Pântano. Não são como os daqui.

– Sim – confirmou Arlen. – O cuspo do demónio do pântano consegue corroer ferro e correm sobre os ramos como mapaches. Os demónios do sapal são lentos, mas camuflam-se nas árvores e têm alcance assustador. Sem falar dos que vivem na água...

Jeph engoliu em seco.

– Sim. Bom... os Pântanos sentiam maiores dificuldades que quaisquer outros para limpar as suas terras de nuclitas. Perderam gente e sentiram rancor. Foi então que Jeorje fez a sua oferta.

– Que oferta? – A voz de Arlen gelou.

– Proteção, como a da milícia de Selia aos Pescadores – disse Jeph.

– E em troca? – insistiu Arlen.

– Convertem-se – disse Jeph. – Aceitam Jeorje como Protetor e Orador. Dão-lhe esposas jovens e um dízimo semanal.

Jeph olhou Arlen nos olhos.

– Acredita que é o Libertador.

a

– Nucleado seja! – Arlen atirou o garfo.

– Só te podes culpar a ti – disse Norine. – Foste tu quem lhe meteu na cabeça essa ideia tonta. Ganhou raízes.

– Era sarcasmo – rosnou Arlen.

– Eu sei – respondeu Norine. – Todos a norte do Pântano o sabem. Mas têm ideias diferentes na Vigia-Sul.

– E se for? – perguntou Jeph Novo.

Jeph olhou o seu filho.

– Hã?

– E se for realmente o Libertador? – repetiu Jeph Novo.

– Não é – afirmou Arlen.

– Tem cento e um anos – disse Jeni. – Mas dizem que tem cabelo preto e comanda os combates. Não resta um demónio vivo na Vigia-Sul.

– A magia pode fazer isso – disse Arlen. – Matar demónios pode tornar os velhos jovens e tornar qualquer pessoa mais forte, mas isso não significa que alguém se transforme no Libertador.

– Criador, também o sinto – disse Jeph. – Doíam-me tanto as costas nos dias em que usava o arado que não conseguia mexer-me. Agora, empurro a nucleada coisa sem cavalo.

– Ouve-me, Jeph Novo – disse Arlen. – Como teu irmão e como mais velho. O Libertador não existe. Cada homem e mulher precisará de fazer esse trabalho sem ajuda. Não podes esperar que alguém te salve dos demónios. Aprende a salvar-te a ti mesmo. E aos outros, se puderes.

Jeph acenou com a cabeça.

– É um bom conselho que o teu irmão te dá.

– O Ribeiro terá problemas se não pararem com isto – disse Arlen. – Nem todos os nuclitas são desmiolados. Tendem a reparar quando um líder organiza as pessoas para matarem os regulares todos. Isso atrai atenções para as quais o Ribeiro ainda não está preparado.

– Talvez possas pô-lo na linha – sugeriu Renna.

– Demasiado arriscado – considerou Arlen. – Os Vigias dão demasiada importância a Jeorje. Se tentares espancá-lo como fizeste a Franq, a manobra poderá voltar-se contra nós.

Jeph sentiu um medo crescente no seu estômago.

– Que tipo de atenção atrairá?

Arlen olhou em redor.

– Tens papel?

Jeph abanou a cabeça.

– O Leitão cobra demasiado por ele por estes dias.

Arlen olhou a mesa e Ilain, logo a seguir.

– Sei que não são boas maneiras, mas preciso de pintar a toalha. Não pediria se não fosse importante.

– Sim, está bem – respondeu Ilain, mesmo que a toalha tivesse sido um presente de Selia aquando do nascimento do seu primeiro filho. Olhou-a

tristemente enquanto Arlen desenrolava o seu estojo de Guardador, escolhendo um pincel gasto e um frasco de tinta preta.

– Os demónios da mente só conseguem erguer-se na Lua Nova – explicou. – Na noite antes, na própria noite ou na noite depois. – Pintou uma grande guarda na toalha. – Precisam desta guarda para impedir que vos leiam os pensamentos e memórias como se vasculhassem uma gaveta velha.

– Como se liga a um círculo? – perguntou Jeph.

Arlen mostrou-lhe como ligar a guarda a outras, com mão tão firme como sempre. Fora Jeph a ensiná-lo e sempre se orgulhara quando a perícia do seu filho pequeno começou a superar a sua.

– Não corram riscos – aconselhou Arlen. – Olhem para o calendário e, nas noites de Lua Nova, ponham a guarda num colar, numa faixa no chapéu ou numa tira de pano à volta da testa. Façam o mesmo aos miúdos.

– Os demónios ficam espertos quando há uma mente por perto – disse Renna. – Começam a trabalhar juntos, a usar armas e ferramentas, a atirar pedras.

– Noite. – Jeph precisou de unir as pernas para conter a bexiga. – Que podemos fazer contra isso?

– O primeiro passo será bani-los da propriedade. – Arlen começou uma nova guarda. Aquela era muito maior e mais complexa do que qualquer uma que Jeph alguma vez tivesse visto. – Isto é uma grande guarda. – Continuou a traçar enquanto falava. – Precisam de moldar as propriedades com ela.

Jeph abriu a boca de espanto.

– Como?

– Com cercas e paredes, sobretudo – respondeu Arlen, indicando com a mão a aresta irregular do símbolo. – A casa e o celeiro estão aqui. – Desenhou pequenos símbolos dentro da guarda. – Preparem caminhos de pedra para as linhas interiores ou plantem arbustos. – Apontou com o pincel. – Podem construir uma cabana de telhado esquisito aqui. E podem plantar até à cerca. Quanto mais perto, melhor. Fortalecerá a guarda.

– Doem-me as costas só de pensar nisso – disse Jeph.

– Sim, é muito trabalhoso – concordou Arlen. – Mas parece menos quando os demónios não voltam a aparecer na propriedade. As crianças podem andar dentro da guarda depois do anoitecer. Os animais não precisarão de ir para o celeiro todas as noites.

– Como se faz uma guarda tão grande sem erros? – perguntou Jeph.

Arlen retirou um pau do estojo e começou a traçar uma grelha sobre a guarda.

– Façam uma grelha lá fora e dupliquem o desenho. Construam uma pequena torre no telhado para poderem vê-la do alto.

Jeph olhou o desenho. Eram guardas familiares contidas no interior, sobrepondo-se.

– Dizes que experimentaste isto noutro sítio?

Arlen acenou afirmativamente.

– Constroem-se cidades inteiras com esta forma em Angiers. As ruas formam as linhas de proteção.

Arlen ergueu a mão, pousando-a sobre o ombro de Jeph. Era um gesto paternal, algo que Jeph nunca esperara do seu próprio filho.

– Preciso que faças isto, pai. Preciso que o faças tão rapidamente quanto conseguires e que o ensines a outros. Convoca uma reunião do Conselho e partilha também as guardas mentais. Poderão salvar a vida de todos os homens, mulheres e crianças do Ribeiro.

Jeph cobriu a mão do filho com a sua.

– Vou fazer isso. Juro-o pelo sol.

Selia Estéril ainda sentia o formigueiro nos dedos enquanto a milícia regressava à Praça Central nos seus cavalos, voltando para casa depois de uma ronda sossegada. Os regulares do povoado tinham sido mortos há muito e as rondas noturnas conseguiam lidar com a maior parte dos andarilhos. Tinham encontrado só um demónio naquela noite e Selia cravou-lhe a sua lança.

Tinha a pele das mãos mais lisa, com as rugas quase desaparecidas. Até a face tinha perdido algumas das suas linhas, com a exceção de alguns vincos nos olhos e na boca.

– Pronto para ir para a cama, se puder ser, Oradora. – Lucik Charneca passou os dedos pela lança com avidez enquanto se aproximavam da estrada para a Colina da Charneca. Como muitos dos outros, começara a ansiar pelo vigor da magia.

– Sim, vão para casa e descansem – disse-lhe Selia. – E deem graças pelas noites tranquilas. O Criador saberá que nem todas o são.

– Há trezentos anos que rezamos por uma noite tão calma. – O Protetor Harral não empunhava lança, mas o seu bastão torcido estava talhado com guardas de impacto e defesa. Era um homem corpulento e conseguia segurar um demónio pelo pescoço, levantá-lo do chão e esmagar-lhe a cabeça. Mas, com toda a sua ferocidade, o Protetor nunca parecia afetado pela sede de sangue negro.

– Sim. As noites calmas fazem-nos bem a todos. – Lucik virou o cavalo para a estrada, seguido por Harral e pelos outros homens e mulheres da Colina da Charneca.

– Também me vou – disse Ferd Moleiro. – Tenho de me apresentar.

– Não podemos manter o velho Leitão à espera. – Selia dispensou os homens com um aceno de cabeça. Rusco Leitão raramente cavalgava com a milícia, mas contratava homens para reforçarem as fileiras em seu nome.

– Será que lhes corta o soldo se não trouxerem um nuclita para segurarem à sua frente? – perguntou Coline Trigg.

Era uma pergunta justa. Leitão não combatia, mas ficara tão viciado na magia como qualquer um dos outros. Não era segredo que os seus homens lhe traziam demónios em que cravava a lança para poder roubar-lhes um pouco de poder. Era trabalho perigoso, mas Leitão pagava-o bem.

– O Leitão perdeu quase tantos cabelos grisalhos como eu – disse Selia. – Isso não tem preço.

– O Leitão arranja sempre maneira. – As palavras da Herbanária eram apenas um pouco azedas. Coline nunca combatia, continuando sobrecarregada com o peso e a idade enquanto as novas guardas de combate devolviam outros ao seu auge físico. Mesmo assim, cavalgava com a patrulha todas as noites, preparada com as suas agulhas e cataplasmas quando um deles se feria.

– Queres que te seguremos um nuclita, mestra? – perguntou Lesa Praça. A rapariga mal chegara aos trinta anos, mas a magia tornara-a forte. Músculos cobriam-lhe os braços nus. As mãos que seguravam a sua lança estavam cobertas com minúsculas cicatrizes. Mas havia também uma doçura nela. Linhas redondas na sua face bonita que...

Selia abanou a cabeça, virando a cara antes de ser surpreendida a olhar.

Coline fungou, erguendo o nariz.

– Não é natural. Nascemos, crescemos e morremos. É a ordem das coisas. Talvez o Criador queira combatentes mais fortes. Não sou Protetor para adivinhar o Seu plano, mas segurarem um nuclita para poder sugá-lo como um mosquito? Não é para mim.

– Não sabes o que perdes – comentou Lesa.

– Chega – disse Selia, elevando a voz. – Voltem para as vossas camas. Têm trabalho para fazer durante o dia, independentemente do que a noite traga.

O resto da patrulha destroçou e foi para casa enquanto Selia descia a estrada sozinha. Não há muito tempo, tal percurso teria motivado grandes medos, mas Selia estava alerta, com sentidos reforçados pela descarga de magia. A sua lança

estava facilmente alcançável e as guardas cortadas nos cascos do seu cavalo conseguiam partir ossos de demónio.

A segurança do centro do povoado deveria tê-la descontraído, mas recordou-lhe que havia questões mais importantes para responder. As outras zonas e quintas do povoado ainda tinham problemas com demónios, sem referir a ameaça crescente de Vigia-Sul e Jeorje.

Para bem comum, o seu pai e o Protetor de Vigia-Sul tinham abafado o escândalo todos aqueles anos antes. Mas Jeorje não esqueceu. Não descansaria até todos no Ribeiro de Tibbet vestirem roupas negras abotoadas com esmero, seguindo a sua interpretação cega do Cânone.

De preferência, comigo presa a uma estaca na Praça Central.

Alcançou a sua propriedade, passando as guardas e levando a égua para o cercado atrás da cabana. Acendeu uma lanterna e escovou o animal, dando-lhe água e aveia antes de se dirigir para casa.

Lesa saiu de entre as sombras, sorrindo como se tivesse acabado de roubar um biscoito. Foi rápida, segurando Selia por trás pelo pescoço e puxando-a para si. Os seus lábios eram macios, besuntados com cera perfumada. Sabia a madressilva e faziam crescer água na boca de Selia.

Empurrou-a, inspirando e esperando que parecesse mais digno que um gemido.

– Rapariga tonta! Que achas que fazes, pelo Núcleo? E se alguém visse?

– Não me importa. – Lesa voltou a aproximar-se dela.

Selia afastou-lhe as mãos com palmadas.

– Claro que não. Não sabes o que te esperaria se isto se soubesse.

O sorriso de Lesa não vacilou.

– Dei uma volta ao quarteirão antes de vir. A minha mãe não desconfiará se demorar mais uma hora. Podia entrar...

Voltou a aproximar-se e Selia sentiu o coração acelerado no peito. A vitalidade fazia-a vibrar, despertando-lhe os sentidos. Cheirava o suor de Lesa, o odor da sua excitação. Também sentia a sua, humedecendo-a entre as pernas como não acontecia há trinta anos.

– Não posso continuar a deitar-me contigo – disse Selia. – Noite, rapariga. Tenho mais cinquenta verões que tu!

Lesa encolheu os ombros, rodeando a cintura de Selia com os braços e puxando-a contra a divisória.

– Podemos fazê-lo aqui, se preferires. Ninguém verá. – Baixou a mão, puxando-lhe a saia.

Num momento, agachar-se-ia e Selia, nucleada fosse, não a impediria. Olhou a casa e o nariz de Lesa arrebitou, triunfante. Mas, a seguir, a visão apurada de Selia captou um movimento nas sombras. Enrijeceu, afastando Lesa enquanto procurava a origem do movimento nas sombras.

Lesa assumiu imediatamente a sua posição de combate, baixando a mão para a faca guardada no cinto.

– O que é? Nuclita?

Selia abanou a cabeça.

– As sombras sobressaltam-me. Vai para casa.

– Mas...! – gemeu Lesa. O tom recordava a sua juventude e fortalecia a determinação de Selia.

– Noutro dia – disse Selia. – Vai!

Lesa baixou os ombros, desconsolada, mas partiu. Selia esperou que se fosse e virou-se para o alpendre ensombrado, cruzando os braços.

– Podes sair.

Não reconheceu imediatamente a rapariga, vendo-lhe apenas os braços, pernas e ventre nus e cobertos com guardas pintadas. O seu cabelo era curto junto à cara, com uma trança longa atrás. Parecia-se com o Mensageiro. Não apenas pela carne guardada, mas pelo brilho predatório nos seus olhos. Partindo daí, demorou momentos a adivinhar.

– Renna Curtidor, regressada ao Ribeiro de Tibbet – disse.

Renna avançou, deixando-se iluminar pela lanterna.

– Já não sou Curtidor. Casei-me.

– Parabéns – disse Selia. – Com o Mensageiro, calculo?

Renna acenou afirmativamente.

– Sou Renna Fardos, agora. As pessoas costumavam chamar-te Selia Estéril, mas esta noite faz-me pensar que se enganaram. Talvez não sejas estéril, afinal.

Selia apoiou as mãos nas ancas e bateu o pé.

– Vais dizer a alguém?

– Não me diz respeito quem beija quem – disse Renna. – E não diz respeito ao povoado. Isso é tão certo como o amanhecer. Sei-o bem.

– Obrigada – disse Selia.

– Não me deves gratidão – disse Renna. – O contrário sim. A noite levar-me-á antes de me virar contra ti, Oradora. Não estava no meu juízo, mas lembro-me do que fizeste por mim. Defendeste-me quando a minha gente não teve coragem para o fazer.

Selia sentiu um aperto na garganta.

– Falhei.

Renna aproximou-se e Selia voltou a ver como era bonita. As guardas e o cabelo aparado davam-lhe um ar feroz que não era muito diferente do que Lesa ostentava.

– Não – disse Renna. – Deste-me tempo para ordenar as ideias. Para Arlen vir buscar-me.

Selia sobressaltou-se, esquecendo todos os pensamentos acerca da beleza de Renna.

– Arlen? Arlen Fardos? Dizes-me que o maldito Mensageiro que virou o Ribeiro do avesso é o filho de Jeph Fardos?

– Sim – disse Renna. – E isso não é tudo. Nem por sombras.

Selia suspirou.

– Entra, rapariga. Vou pôr a chaleira ao lume.

Jeph e Arlen sentavam-se no alpendre com um jarro de cerveja da Charneca. Tudo aquilo pareceria um sonho, mesmo que não tivessem acabado de ver Renna desfazer-se em névoa e desaparecer.

As crianças gritaram de júbilo ao ver aquilo e foi um terror deitá-las depois disso, mas o silêncio instalara-se além dos grilos e do som da cabeça de balouço de Jeph.

– É estranho estar neste alpendre outra vez depois de tantos anos, olhando para o pátio como se nada tivesse mudado – disse Arlen.

– Mas mudou – respondeu Jeph. – Lembro-me de como espreitavas pela portada todas as noites à procura de nuclitas. Já não os encontrarás no meu pátio.

– Sim, por enquanto. – Arlen bebeu um gole de cerveja, olhando para longe.

Jeph pigarreou.

– Mais vale que falemos sobre o nuclita entre nós. Não pode ser fácil ver o sítio onde a tua mãe foi nucleada. Do sítio onde eu estava, tentando não me mijar enquanto corrias para a salvar.

– Não é – concordou Arlen, bebendo mais um gole. – Mas estou mais velho. Vi mais do mundo. Vi o que os demónios fizeram às pessoas. Fizeram com que se sentissem indefesas, como se fosse inútil resistir.

– Mas tu resististe – disse Jeph. – Tinhas onze anos, enfrentaste os demónios e venceste.

– Não venci – negou Arlen. – Apenas consegui não morrer.

– Impediste que matassem a tua mãe – disse Jeph.

Arlen suspirou.

– Também não fiz isso. Dei-lhe mais alguns dias, mas era impossível de evitar.

– Talvez tivesse sido – respondeu Jeph. – Se tivesse tido tomates para continuar até à velha Mey Friman.

Arlen abanou a cabeça.

– Era o que pensava. Pensei isso durante anos e culpei-te. Odiei-te.

Jeph cerrou os dentes ao ouvir aquelas palavras. Passou quinze anos a imaginar o espírito do seu filho a dizer-lhe aquilo, mas era diferente tê-lo ali em carne e osso, dizendo-o.

– Mas vi muita gente nucleada desde então – referiu Arlen. – Se tivéssemos tido uma Herbanária do Outeiro aqui na quinta nessa noite, a mãe talvez tivesse sobrevivido. Talvez até se Coline Trigg soubesse o que fazia no dia seguinte como uma boa Herbanária das Cidades Livres. Mas, quando tivéssemos chegado até Mey... – Cuspiu no balaústre do alpendre. – Tarde de mais.

– Mas não era tarde de mais quando a tua mãe me pediu ajuda – disse Jeph.

– Sim. – Arlen manteve os olhos no pátio, bebendo outro gole de cerveja.

– Não tenho desculpa – disse Jeph. – Ilain tem sido uma boa mulher. Amo-a e aos pequenos. Mas, se pudesse voltar atrás, abdicaria de tudo isto para ter a tua mãe de volta, mesmo que tivesse de a substituir nas garras. Amei-a a minha vida inteira. Costumava partir as ferraduras dos cavalos de propósito...

– Para poderes vê-la na oficina de ferreiro – concluiu Arlen. – A mãe adorava contar essa história.

Jeph perdeu a voz, levando a mão à garganta e fechando os olhos. O seu filho tinha direito de o odiar e não pretendia conquistar a sua simpatia com lágrimas.

– Desiludi-vos aos dois nessa noite – conseguiu dizer quando se recompôs.

– Sim – admitiu Arlen. – Não mentirei. Levei muita raiva por ti nas minhas viagens. Costumava ouvir-te dentro da minha cabeça sempre que pensava em fazer qualquer coisa irrefletida. Odiava essa voz. Costumava fazer coisas tolas só para a contrariar.

Jeph riu-se e Arlen olhou-o, surpreendido.

– Não tem graça – disse Jeph. – Mas fez-me pensar que ouço a voz do meu pai da mesma forma. Chama-me tonto sempre que tento ser corajoso.

Arlen recostou-se, bebendo novo gole.

– Sim. Talvez seja assim com pais e filhos.

– Sim – concordou Jeph.

– Queria confrontar-te. Voltei ao Ribeiro no ano passado – contou Arlen. – Estava louco. Convenci-me de que me tinha tornado alguma coisa... inumana.

Estava pronto para morrer e queria resolver assuntos antes de deixar que a noite me levasse.

– Criador. – Jeph queria estender a mão para o seu filho, mas foi traído por ela. Se estendesse a mão e Arlen o afastasse, achava que não conseguiria suportar.

– Não me importa o que fizeste – disse em vez disso. – Aquilo que te tornaste. Vi o que fizeste pela tua mãe. O que fizeste por Renna. O que fizeste por este povoado. Se não és humano, que esperança temos nós?

– Todos temos momentos maus – disse Arlen. – Coisas que carregamos mesmo que as pessoas à nossa volta as tenham esquecido ou nunca as tenham sabido.

– É verdade – disse Jeph. – Carreguei esses últimos dias comigo como se tivessem acabado de acontecer, ano após ano.

– Sei que sim – respondeu Arlen. – Essa noite tornou o mundo claro para os dois, à nossa forma. Demorou um pouco, mas, quando a noite voltou a chamar-te do pátio, não ficaste no alpendre. Esperei que lutássemos quando voltasse, mas ouvi contar o que fizeste por Renna e percebi como tinha sido tolo.

– Tinhas todo o direito de guardar rancor – admitiu Jeph.

– Sim, talvez. Mas os rancores nunca tornaram ninguém um homem melhor – disse Arlen.

– É verdade. – Jeph descontraiu um pouco, levando o cachimbo à boca durante um longo momento. – Há alguma hipótese de voltares de vez para casa, como a Lainie gostaria? Seria bom para os mais pequenos conhecerem o seu irmão.

– Gostaria de voltar – disse Arlen. – O Criador saberá que não há nada que mais me agradasse. Mas os dados não o preveem. É mais provável que tenha vindo dizer adeus.

Jeph pestanejou.

– Adeus?

Arlen esfregou a nuca.

– Receio ter... começado uma guerra quando trouxe comigo as guardas de combate. Chegou o momento de acabar com ela e as coisas ficarão feias. Não foi certo não te dizer quem era da última vez. Precisava de emendar isso.

Jeph tinha começado a descontrair, mas a tensão regressou.

– Feias como?

Arlen suspirou e ergueu um dedo, traçando guardas no ar. Jeph deu consigo a apertar a caneca e teve de forçar os dedos a afrouxarem enquanto esperava.

– É como disse – começou Arlen enquanto o fazia. – As guardas de combate atraem atenções de uma estirpe particularmente nefasta de demónio. Vieram

atrás de nós, levaram uma sova e, agora, planeiam voltar em força. Tenho um plano tresloucado de os enfrentar no seu terreno antes que possam fazê-lo.

Jeph sentiu a cara gelar e um aperto na bexiga. Apertou as coxas com força, esperando que Arlen não reparasse.

– No seu terreno?

Arlen apontou o chão com o queixo.

– Em baixo.

– Criador – exclamou Jeph. – Como é isso possível?

– Não posso dizer – retorquiu Arlen. – Os demónios da mente conseguem colher os nossos pensamentos como quem colhe uma cenoura no campo. Quanto mais disser, maiores riscos corre o plano.

– Ren concorda com isto tudo? Com a tua ida... para baixo? – A ideia continuava difícil de interiorizar para Jeph, quase demasiado, mas tinha visto Renna transformar-se em névoa e desaparecer pelo chão abaixo. Não era muito mais difícil acreditar naquilo.

– Não contes à irmã, mas Ren também vem – disse Arlen. – E mais alguns.

– Leva um exército – disse Jeph.

– Os exércitos atraem atenções. Levo os suficientes para fazer o que precisa de ser feito, em número suficientemente pequeno para passarmos despercebidos. – Arlen bebeu outro gole. – Pelo menos, é o que espero. A verdade é que não sei se arranco uma raiz podre ou se derrubo um vespeiro.

Jeph quis argumentar. Convencer Arlen a abandonar aquele caminho, a voltar para casa, onde ficaria seguro. Olhando o seu filho, soube que era isso o que esperava. Ouvir a voz do seu pai recomendando-lhe cautela.

Esse olhar endureceu-o para o medo. Era impossível desviar Arlen de um caminho que tinha decidido percorrer, mas talvez Jeph pudesse acalmar-lhe as dúvidas.

– Nunca sabemos o que nos calhará com qualquer dessas tarefas, filho. Arranquei raízes que me deram tantos problemas que preferi ser ferroado. E vespeiros que caíram no saco e me deixaram atá-lo sem problema nenhum. Mas não podes deixar ficar nenhum dos dois na tua propriedade sem arrependimento.

– Sim – disse Arlen. – Obrigado, pai.

– Parece que temos os dois trabalho a fazer – observou Jeph. – Acreditas mesmo que um desses demónios da mente tentará fazer um ninho no Ribeiro?

Arlen encolheu os ombros.

– Mais cedo ou mais tarde. Poderá ser no mês que vem ou daqui a uma década. Continuem a matar demónios e um deles virá, sem dúvida. O Ribeiro passou a

ter demasiada gente dentro e sabem das minhas memórias que estás aqui, longe da minha ajuda.

– Que poderemos fazer a esse respeito? – perguntou Jeph.

– São só demónios, pai – desvalorizou Arlen. – Mais espertos que a maioria e têm os seus truques, mas matei mais do que um. Renna também. Não somos o Libertador. Apenas gente do Ribeiro como tu e como todos os outros no povoado. Se conseguimos fazê-lo, o resto de vocês também conseguirá. – Esvaziou a caneca. – Chega de ficar à espera. A noite virá atrás de nós se não a apanharmos primeiro.



DEZANOVE

CAÇADOS

334 DR

– Vamos morrer – lamuriou-se Keerin, olhando a ruína fumegante do abrigo de Euchor. As paredes tinham sido arrasadas, com marcas profundas de garras visíveis na pedra e pegadas de nuclitas na terra dura em redor da estrutura arruinada. O ar enchia-se com o fedor acre de carne queimada e com o odor nocivo de merda de demónio.

Elissa abriu a boca, mas Ragen foi mais rápido, estendendo a mão para o peito multicolorido do Jogral. Quase fez Keerin cair do cavalo abaixo para ficar cara a cara com ele.

– Volta a dizer isso e não terás de recear ser nucleado. Eu próprio te mato e ninguém sob o sol sentirá a tua falta.

– Um Jogral deveria saber que não deve falar assim – disse Yon. – O teu trabalho é motivar-nos e não semear o pânico. Prepara esse alaúde. A noite será longa.

Keerin olhou-o como se tivesse enlouquecido.

– De que servirá o meu nucleado alaúde na noite desprotegida?

– Não sei, pelo Núcleo. – Yon dedilhou vagamente cordas imaginárias. – Rojer conseguia encantar demónios para que nem soubessem que lá estávamos.

– Não evitou que Meia-Mão morresse, pois não? – ripostou Keerin.

Yon ergueu um punho.

– Continua a falar assim, pequeno miserável, e Ragen terá de se pôr na fila.

Keerin afastou o cavalo dos homens, mas outros tinham assistido à conversa, dirigindo olhares nervosos ao abrigo devastado. Os outeireiros esperavam mais dos seus Jograis, aparentemente.

Elissa fez avançar o cavalo, procurando nos alforges até encontrar o estojo de couro de Hary Rebolador.

– O mestre da guilda dos Jograis do Outeiro deu-nos isto. – Passou um molho de papéis a Keerin. – Disse que esta música permitirá que qualquer Jogral talentoso influencie os nuclitas.

– Ridículo – considerou Keerin, mas aceitou os papéis e examinou-os. Estavam cobertos com linhas e símbolos que Elissa não conseguia ler, esperando que fizessem sentido para o homem.

– Não são canções simples. – Keerin olhou o sol poente. – Esperam que as aprenda em duas horas?

Elissa manteve a expressão serena, mas Ragen percebia que perdia a paciência.

– A não ser que prefiras encher a barriga a um demónio. Recomendo que comeces a ensaiar.

Keerin puxou as rédeas com força, fazendo o cavalo afastar-se bruscamente, mas retirou o alaúde da sela e cavalgou até uma parede de pedra parcialmente destruída, onde pôde sentar-se enquanto os outros inspecionavam os destroços.

– Bem dito, meu amor. – Ragen desmontou, entregando as rédeas.

– Não sei como podes ter esperado inspirar o homem ameaçando matá-lo. – Elissa também desmontou, aceitando o beijo que o marido lhe depositou na face.

– Não pretendia inspirá-lo – disse Ragen. – Queria apenas calá-lo. As coisas são suficientemente graves sem aquele tipo de conversa.

– São – concordou Elissa. – Se queres sobreviver para contar esta história, é melhor que pares de ameaçar e comeces a inspirar.

Ragen fitou-a, surpreendido, mas, após um momento, acenou com a cabeça.

– Palavras sábias, Mãe.

Elissa piscou o olho enquanto entravam no abrigo. No interior, o fumo e o fedor eram tão avassaladores que precisaram de atar panos molhados sobre a cara, mas Ragen insistiu numa vistoria completa ao sítio, procurando sobreviventes.

Não havia nenhum. Sangue salpicava as pedras e, aqui e ali, viam-se pilhas de ossos humanos brancos, projetando-se de excremento escuro e oleoso.

Encontraram restos chamuscados de um punhado de nuclitas, mas a guarnição do abrigo fora de trinta homens, todos armados com armas de chama.

– Parece que as armas de Euchor não funcionam tão bem como esperava contra os demónios. – Ragen não parecia muito surpreendido.

– Sim – replicou Yon. – Mesmo apanhados de surpresa, trinta homens com armas guardadas ter-se-iam saído melhor que isto.

Ragen olhou as paredes fraturadas.

– Não serve de nada ficarmos aqui. Não conseguiremos reparar a rede guardada antes do anoitecer.

– Poderíamos esconder-nos – sugeriu Elissa. – Se os demónios já acham que o sítio foi destruído e traçarmos algumas guardas de confusão e invisibilidade...

Ragen abanou a cabeça.

– Se fôssemos poucos, talvez. Mas o nosso grupo é demasiado numeroso e este sítio está prestes a ser invadido ao anoitecer. Terão o nosso cheiro, mesmo que não consigam ver-nos.

– Talvez tenham seguido caminho – sugeriu Elissa.

– Não funciona assim – disse Yon. – Os nuclitas erguem-se no mesmo sítio onde desapareceram no amanhecer anterior e parece que ficaram aqui para comer.

– Os demónios costumam ficar pelos sítios que destroem – acrescentou Ragen –, esperando que os humanos sejam atraídos até lá. Será melhor cavalgarmos a toda a velocidade durante uma hora e cercar as carroças com um círculo de guardas antes que anoiteça.

– Para a frente ou para trás? – perguntou Yon.

Ragen franziu a testa.

– Se os demónios atacam os abrigos, nenhuma das direções será segura. Quero voltar para casa, Yon.

– Sim. E levar-te-emos lá.

– Ragen. – Elissa sentia a garganta apertada. – E se isto não tiver sido um ataque ao abrigo? E se souberem que percorremos a estrada e tentarem eliminar-nos as defesas?

– A Lua Nova passou há muito – disse Yon. – Não há demónios da mente por perto.

– Não precisaram de demónios da mente para nos caçarem na estrada para Angiers – lembrou Elissa.

Yon estremeceu, levando uma mão ao cabo do machado.

Ragen virou-se para Elissa.

– Estás certa, mas não percebo como isso muda alguma coisa. Deixar as carroças para trás e tentar fugir será prematuro. Conheço um sítio mais à frente na estrada de onde conseguiremos vê-los chegar.

Ragen ouvia os gritos dos nuclitas durante quilómetros enquanto corriam pela estrada acima. Não poderia haver dúvidas de que os demónios os esperavam.

– Tinhas razão, Liss. Somos caçados.

– Nesta ocasião, ficaria feliz por estar enganada – disse Elissa.

Ragen moveu os olhos pelo seu acampamento. Tinham escolhido o melhor ponto disponível, com boa visibilidade para as bestas dos outeireiros e com poucas árvores ou pedras que os demónios pudessem usar contra eles. As guardas no círculo de carroças eram fortes e Ragen, Elissa e Derek supervisionaram pessoalmente os postes guardados do círculo exterior.

Mas, se havia realmente uma inteligência por trás do ataque, mesmo essas proteções, que tinham mantido Ragen seguro durante trinta anos de viagens noturnas, poderiam não ser suficientes.

– Talvez devêssemos ter abandonado as carroças, cavalgando com toda a rapidez para o abrigo seguinte – disse Ragen. – Ou contratado uma escolta maior depois do ataque na estrada para Angiers.

– Isso é como desejar que não tivéssemos saído de casa – respondeu Elissa.

O sorriso de Ragen era desprovido de qualquer humor.

– Briar não precisava realmente que o salvássemos.

Elissa pegou-lhe na mão.

– É fácil ver erros quando olhamos para trás.

Dentro do círculo de carroças, os animais produziam ruídos nervosos enquanto os demónios se aproximavam, misturando-se com as notas cada vez mais desesperadas do alaúde de Keerin enquanto o Jogral tentava perceber as pautas de Rojer. Os sons tiveram pouco efeito quando os demónios mais rápidos começaram a tornar-se visíveis, dos campos e da chama, descrevendo círculos, com olhos que brilhavam na escuridão.

– Cantem! – gritou Yon aos Lenhadores junto ao perímetro do círculo exterior. Os homens e mulheres da sua escolta erguiam-se com uma calma que Ragen invejava, com as bestas prontas, erguendo as vozes para entoar *Mantém a Lareira Acesa.*

Os demónios não foram dominados pela canção como tinha acontecido no Outeiro, mas também não lhes agradava. Os demónios da chama cuspiam fogo

contra os cantores, com as gotas flamejantes ressaltando da rede de magia exterior. Os demónios dos campos guincharam e atiraram-se contra a rede, sendo defletidos com clarões de magia.

Os demónios normais recuavam instintivamente quando uma rede de guardas brilhava e os feria. Rosnavam e descreviam círculos cautelosos à volta das guardas, testando-as ocasionalmente.

Ragen conseguia ver a rede de cada vez que as guardas se ativavam. As proteções interligadas eram regulares e tensas. Não conseguiriam entrar por ali, mas demasiados nuclitas conseguiriam esgotar a rede. Seria necessário que dúzias de demónios atacassem em uníssono, mas chegavam mais a cada momento, rodeando o acampamento. Ragen via-os movendo-se além da luz guardada.

– Reduzam-lhes o número! – gritou Yon e os gatilhos das bestas foram premidos, projetando pesados virotes guardados contra os demónios mais próximos à queima-roupa. Os nuclitas caíram ao chão, alguns mortos, outros em convulsões enquanto os virotes guardados alojados nos seus corpos continuavam a voltar contra eles a sua magia.

Era um momento satisfatório, mas não durou e as fileiras foram imediatamente preenchidas por demónios novos. Apesar da sua natureza canibal, ignoravam os seus semelhantes caídos para retomarem o teste das guardas.

– Luz! – Ragen ergueu o estilete, com Elissa e Derek imitando-o, espalhando-se pelo círculo com intervalos regulares. Em simultâneo, projetaram guardas luminosas no ar, iluminando o acampamento como se fosse dia. Demónios do vento, que tinham voado em círculos silenciosos por cima, guincharam e afastaram-se.

Ragen sentiu um aperto no coração enquanto a horda que os cercava era revelada. Além dos demónios dos campos, da chama e da madeira, demónios da pedra subiam a estrada, carregando entulho do abrigo arruinado. O círculo de guardas impediria a entrada dos demónios, mas não faria nada para abrandar pedras arremessadas e, se atingissem as guardas e enfraquecessem o círculo...

– Bestas! – gritou Yon. E os Lenhadores ergueram as bestas pesadas. – Mirem aos demónios da pedra!

Ragen hesitou, tentando avaliar o alcance das bestas e a distância a que os demónios conseguiriam arremessar. Alguns eram assustadoramente fortes, mas não tinham alcance maior que as bestas do Outeiro.

Tal como, ao que parecia, as bestas não conseguiriam impedir a sua aproximação. Virotes que tinham devastado demónios menores ricochetearam ou

ficaram presos nas camadas exteriores da armadura de pedra, causando mais fúria que dano.

Um deles conseguiu aproximar-se com uma profusão de virotes cravados no peito, erguendo um grande braço para atirar uma pedra do tamanho de uma caixa de maçãs.

Ragen traçou guardas de calor e de impacto, mas voltou a exceder-se no poder do feitiço e o estilete de prata voou-lhe da mão. A pedra foi reduzida a entulho e uma das mãos do demónio foi também destruída. O demónio levou a outra mão ao membro atingido, urrando enquanto Ragen se virava e começava a procurar freneticamente o seu estilete no chão.

Outro demónio da pedra preparou um arremesso, mas Derek traçou uma guarda de impacto rápida que lhe retirou a pedra da mão como se fosse uma bola.

Mais demónios da pedra subiam a estrada enquanto Ragen apoiava mãos e joelhos no chão, palpando o solo em busca do estilete. Um terceiro preparou o arremesso e Elissa traçou uma guarda de frio que o atingiu no ombro. Quando fez avançar o braço para libertar o projétil, ouviu-se um grande estalo e o membro partiu-se, caindo ao chão sobre um monte de entulho.

Ragen encontrou o estilete e usou a bela capa guardada para limpar a lama que o cobria, virando-se e vendo um demónio da pedra atingir Gema Lenhador em cheio no peito, arrancando-a à fileira e projetando-a contra uma das carroças, abrindo um vão no círculo interior.

Noite. Que idade tinha Gema? Era mais nova que Arlen. A sua armadura guardada poderia ter suportado o golpe, mas, mesmo assim, ninguém sobreviveria a um impacto daqueles.

– A eles! – gritou Yon. – Lenhadores! Ferramentas prontas!

Os homens começaram a usar machados, picaretas e enxadas, rachando como lenha qualquer demónio suficientemente tolo para se aproximar da rede guardada. As mulheres continuaram a disparar, proporcionando cobertura aos homens.

Mais dois pedaços de entulho atingiram as fileiras dos Lenhadores. Lary Lenhador conseguiu voltar a erguer-se, usando o cabo longo do machado como muleta. O seu irmão Fil permaneceu no chão, em convulsões dentro da armadura destruída.

Os demónios concentraram os seus projéteis no mesmo local, e, por fim, uma pedra destruiu um dos postes guardados exteriores, abrindo uma brecha. Demónios dos campos e da chama correram para esse ponto, sendo recebidos

por uma muralha de escudos de Lenhadores. Yon e os seus homens fizeram-nos recuar, cortando membros e corpos com os machados.

Ragen traçou mais guardas, despedaçando o peito de um demónio da pedra. O pedregulho que erguia caiu sobre o seu corpo morto, mas a satisfação momentânea de Ragen desapareceu quando outro demónio o ergueu e lho arremessou. Mal teve tempo para se projetar para o lado e a pedra abriu um buraco numa das carroças. Do outro lado, ouviu um urro animal.

Um demónio dos campos saltou das sombras, lançando-se contra Yon. Elissa traçou uma guarda contra demónios dos campos e o nuclita embateu na rede como um pássaro embateria numa janela, dando tempo a Yon para lhe rachar o crânio.

Um demónio da madeira tentou alcançar Lary e Elissa incendiou-o com uma guarda térmica. O nuclita cambaleou, queimando a vegetação rasteira e fazendo os seus companheiros dispersarem. A seguir, traçou uma guarda de frio antes que as chamas pudessem alastrar e o fogo extinguiu-se, com o demónio caindo ao chão, hirto e coberto com gelo branco.

Os pelos nos seus braços eriçavam-se enquanto traçava uma guarda elétrica, projetando relâmpagos num arco através de um grupo de demónios dos campos que corriam para Ragen, fazendo-os tombar de lado, agitando-se. O efeito foi temporário, mas valeu-lhe alguns momentos.

Mas, a seguir, Elissa foi coberta por sombra e olhou para cima, vendo um enorme fragmento de entulho voando na sua direção. Guinchou e atirou-se ao chão enquanto a pedra destruía o poste guardado à sua frente e ressaltava, falhando-a por centímetros. Sentiu a deslocação do ar enquanto passava.

Um demónio dos campos correu através da brecha na sua direção, tão depressa que mal conseguiu traçar uma guarda a tempo. As mandíbulas babadas do nuclita ficaram a centímetros da sua cara quando a guarda se ativou. Ainda estava ligada ao círculo e o ressalto arrancou-lhe o estilete dos dedos enquanto o demónio era projetado para trás.

Esforçou-se para apoiar as mãos no chão. *Terei de o prender ao pulso com um cordão se estiver viva quando amanhecer.*

Mais demónios entraram pela brecha nas guardas. Elissa procurou nos bolsos e encontrou a sua bolsa, abrindo o laço que a fechava. Espalhou os seus klats de madeira do Outeiro pelo chão à sua volta, cada um com um círculo guardado na

aresta. Isolados, eram demasiado pequenos para fazerem a diferença, mas, juntos, talvez lhe permitissem um momento para encontrar o estilete.

Um demónio da madeira seguiu-a, erguendo um braço como uma grande clava, mas cambaleou enquanto os klats brilhavam e saltavam sob os seus pés, atirando-o contra um demónio dos campos. Embrulharam-se os dois, arranhando-se.

O círculo exterior tinha brechas múltiplas, com demónios enchendo o primeiro círculo. Os outeireiros largaram as bestas e o combate passou a fazer-se corpo a corpo, com machados, lanças e escudos contra um adversário cujo número parecia não parar de crescer.

Um demónio da rocha investiu contra uma das brechas, brandindo uma árvore inteira como clava. Elissa encontrou o seu estilete e traçou outra guarda de frio. A árvore ficou branca com gelo e despedaçou-se com o movimento seguinte, mesmo sem conseguir ajudar Amee Semeadora, que susteve o golpe esmagador no escudo.

O demónio ficou desorientado pela perda súbita da arma e Yon Grisalho não hesitou, aproximando-se com um salto e cravando-lhe o machado atrás do joelho. Homens correram para cercar as pernas do demónio da rocha, com alguns golpeando enquanto outros usaram as guardas defensivas nas hastes das armas para bloquear os golpes e dar cobertura aos seus companheiros.

Outro demónio dos campos avançou em direção a Elissa e traçou uma guarda, mas as linhas no ar foram ténues, esgotada a tinta no estilete. O demónio abrandou, mas não parou, atirando-a ao chão. Elissa não tinha armadura como Ragen e Derek e gritou quando garras lhe rasgaram a carne.

Desarmada, fez a única coisa que lhe ocorreu, cravando-lhe o estilete no olho. Era um ato de desespero. Não podia esperar matar a criatura com um instrumento de escrita, mas talvez conseguisse abrandá-lo alguns segundos, tempo suficiente para que os outros a alcançassem.

Mas, nesse momento, as guardas no estilete, inertes no momento anterior, ganharam vida quando o sangue negro as cobriu. Instintivamente, cravou com mais força, movendo os dedos para as guardas que ativariam a canalização.

As guardas brilharam tão intensamente que precisou de fechar os olhos. O poder fluiu para o estilete, enchendo-lhe o reservatório e fluindo para dentro dela quando os hora no interior esgotaram a sua capacidade.

Os seus ferimentos começaram a fechar. O zumbido nos ouvidos parou. Força como nunca imaginou preencheu-lhe os músculos. Inverteu as posições e manteve o demónio imobilizado até deixar de se debater.

Então, o estilete aqueceu e os seus olhos começaram a arder. Afastou-se, pontapeando a forma sem vida do demónio. Ergueu o estilete, dispersando um bando de demónios em aproximação.

Ouviu-se um rosnado e Ragen virou-se a tempo de ver um demónio da madeira golpeá-lo. Guardas defensivas brilharam na sua armadura, mas o ressalto atirou-o ao chão com força, caindo sobre o escudo pendurado às costas. A lâmina guardada ficara fora do seu alcance, cravada no chão no sítio onde se erguera, e o seu estilete, apesar de todo o seu poder, parecia uma defesa parca àquela distância, quando o demónio voltou a atacar.

Ragen rebolou, deixando as garras do demónio serem defletidas pelo escudo guardado e continuou a rebolar, retirando-o das costas e enfiando o braço esquerdo nas correias.

O demónio rosnou, exibindo fileiras de dentes semelhantes a lâminas. Todos os instintos de Ragen lhe diziam que fugisse, mas havia quem dependesse dele.

Estava preparado quando o demónio da madeira voltou a atacar. Prendeu-lhe as garras curvas com a aresta do escudo e pressionou-lhe o ventre com um pé, conseguindo espaço para traçar rapidamente uma guarda de impacto que o fez cair de costas. Uma guarda contra demónios da madeira prendeu-o ao chão, fora de combate.

Um demónio dos campos atacou o escudo de Nona Lenhador, por perto. Ragen traçou uma guarda de frio e Nona não hesitou, movendo o escudo para estilhaçar escamas geladas e rachar o esterno do demónio.

Ofegante, Ragen avaliou o cenário com o coração aos saltos. Abriam-se brechas em vários pontos dos círculos, demasiadas para que os Lenhadores conseguissem selá-las com os escudos. As formações foram destruídas e estavam demasiado ocupados a tentar respirar para cantarem. Todos lutavam pela vida.

– Recuem para as carroças! – Ragen traçou uma guarda sonora para ampliar a sua voz sobre o alarido. O círculo interior estava já comprometido, mas talvez conseguissem defendê-lo durante tempo suficiente para reagruparem.

Os Lenhadores obedeceram como puderam, passando pelos vãos entre carroças e entrando no círculo interior. As mulheres passaram primeiro e, aí protegidas, prepararam as bestas. Carregadas com magia do combate, não precisaram de girar manivelas, puxando as cordas duras com as mãos e fletindo músculos salientes, prontas para cobrir a retirada dos homens.

Como Ragen temia, a proteção não durou. Um demónio da pedra segurou uma das carroças danificadas nas garras, erguendo o seu peso considerável e atirando-a para o lado. Dançarino do Ocaso arrancou do chão a estaca a que estava preso e saltou sobre o demónio, cravando-lhe os grandes espetos guardados enquanto demónios dos campos entravam pela brecha.

Keerin surgiu, tocando desesperadamente o seu alaúde, mas parecia não surtir qualquer efeito na carga de demónios. Um par de Lenhadores posicionou-se à sua frente para os travarem. Um demónio do vento mergulhou, levando um dos homens nas garras para o alto.

Ragen enfiou um pé no estribo de Dançarino do Ocaso e subiu para a sela.

– Os que forem capazes montem e fujam! Abrirei um caminho até à estrada!

Era uma manobra desesperada, mas talvez um punhado deles conseguisse fugir até ao amanhecer ou até ao abrigo seguinte.

A seguir, viu um demónio que investia contra Keerin encolher-se e mudar de rumo. Sem perceber, o Jogral continuou a tocar, mas os sons da batalha eram demasiado intensos para serem superados pelo som do alaúde. Havia pouco efeito fora da área que o circundava.

Ragen ergueu o estilete, traçando guardas sonoras à volta do arauto. Subitamente, as notas dissonantes do seu instrumento fizeram vibrar o ar noturno e os demónios guincharam.

O efeito foi tão poderoso e imediato que não passou despercebido a ninguém. Os demónios recuaram do Jogral e os Lenhadores formaram um círculo à sua volta, levando os feridos para a retaguarda enquanto a música de Keerin ecoava pela escuridão.

Demónios da chama e dos campos fugiram, apressados. Demónios da pedra cobriram os ouvidos com as garras, uivando enquanto recuavam, presas fáceis para os Lenhadores hábeis que aproveitaram a situação. No céu, demónios do vento guincharam e voaram para longe.

A confiança de Keerin aumentou enquanto tocava e a sua canção mudou, atraindo suficientemente os demónios em fuga para ficarem ao alcance das Lenhadoras, que começaram a atingi-los com as bestas poderosas. Quando ficaram demasiado próximos, Keerin mudou outra vez a canção, repelindo-os.

Elissa já se ocupava dos feridos quando Ragen e Derek usaram os estiletes para fechar as brechas no círculo de proteção. Começou a parecer que talvez sobrevivessem, afinal, ou talvez conseguissem mesmo alcançar uma vitória declarada.

Até um penedo embater entre eles, dispersando guerreiros e forçando Keerin a afastar-se. Conseguiu manter o instrumento nas mãos, mas a música parou e os nuclitas conseguiram recompor-se, recuperando a determinação.

Um enorme demónio dos campos avançou contra a brecha. Grande como um cavalo e correndo mais depressa do que Dançarino do Ocaso em galope. A sua cabeça lisa não tinha ouvidos e não pareceu afetado quando Keerin voltou a tocar e outros demónios começaram a afastar-se.

Um Lenhador avançou para o impedir de alcançar o Jogral. Jase foi rápido e ágil enquanto desferia um golpe com o seu machado, mas o demónio quase não abrandou, esquivando-se, com a carne afastando-se da trajetória do golpe. Ergueu-se sobre as pernas traseiras, golpeando com uma garrafa afiada que cresceu meio metro durante o tempo necessário ao ataque. A cabeça de Jase saltou-lhe dos ombros enquanto o demónio seguia caminho em direção a Keerin.

Com a confiança perdida, Keerin parou de tocar e tentou fugir, mas era inútil. O demónio era demasiado rápido.

Por mais rápido que fosse, Elissa era mais rápida. Ergueu o estilete, com linhas prateadas traçando guardas elétricas no ar. Energizou o feitiço e a criatura foi atingida por relâmpagos, atirando-a ao chão. A sua forma liquefez-se para longe do embate e voltou a solidificar-se, retomando a carga.

– Nucleado sejas, Keerin! – gritou Ragen enquanto os outros nuclitas começavam a reunir-se novamente. – Continua a tocar! – Enquanto gritava, ergueu o estilete, derrubando o demónio mimético com uma guarda de impacto e alimentando uma guarda de frio para o congelar.

Gelo cobriu as escamas do demónio, mas os seus olhos começaram a brilhar como os de um demónio da chama e o gelo começou a derreter.

Elissa juntou o seu poder ao do marido, contornando ambos o demónio e traçando guardas de frio enquanto Keerin retomava a canção. Derek ampliou novamente a música de Keerin e traçou guardas de impacto que estilhaçaram o demónio mimético como vidro.

Então, a batalha terminou. Os estilhaços de demónio fundiram-se em sangue negro, tresandando, sem vida. E a música de Keerin fez os nuclitas menores fugirem.

Keerin continuou a tocar muito depois de o círculo de guardas ter sido reparado. Tocou até lhe sangrarem os dedos, ligou-os e continuou.

Tocou até o Sol nascer e rastejou para uma das carroças que restavam, desabando no interior.

– Deitem os mortos nas carroças destruídas e pegamos-lhes fogo.

Yon olhou Ragen, pouco convencido.

– Não parece certo deixá-los.

– Nada nesta maldita viagem está certo – disse Ragen. – Mas, se os demónios nos seguem, não podemos permitir que os mortos atrasem os vivos.

Yon cuspiu no chão.

– Sim, está bem.

A meio da manhã, estavam de volta à estrada, tendo abandonado todas as carroças menos aquela em que Keerin dormia entre arcas contendo hora preciosos do Outeiro. O resto do grupo continuava fortalecido pela matança dos demónios, mantendo-se alerta apesar da falta de sono e com os ferimentos quase sarados.

Viram o fumo muito antes de o abrigo seguinte se tornar visível ao fim da tarde. A destruição não tinha a dimensão da que encontraram no abrigo anterior, mas a parede fraturada era suficientemente eloquente.

– Noite – sussurrou Derek.

– Ó da caravana! – gritou uma voz familiar da torre de vigia.

– Ó do abrigo! – Ragen fez Dançarino do Ocaso galopar, deixando rapidamente os outros para trás enquanto avançava para o portão.

O guarda veio recebê-lo no portão e Ragen surpreendeu-se por reconhecer o homem. O sargento Gaims, outrora posicionado nos portões de Miln.

– Mestre de guilda Ragen! – exclamou Gaims. – Graças ao Criador! Trazem uma Herbanária convosco?

– Não trazemos – respondeu Ragen. – Mas tenho algum treino na arte e muitos outeireiros na nossa escolta têm experiência com ferimentos de demónio. Que aconteceu aqui?

– Os nuclitas atacaram o abrigo pouco antes do amanhecer – disse Gaims enquanto Elissa, Derek e Yon os alcançavam. – Não esperávamos. Os demónios atacam ao anoitecer ou a meio da noite, não com o céu clareando. Antes de percebermos que aqui estavam, a parede foi fraturada e os nuclitas invadiram o pátio. Disparámos, atirando ao chão alguns dos demónios menores, mas a maioria ignorou os ferimentos. As balas nem sequer abrandaram os maiores.

– Criador – exclamou Elissa.

– Barricámo-nos no abrigo, mas os nuclitas traziam um mimético com eles. Esmurrou um buraco na parede e passou por ele como massa de bolo. Ficou no meio de nós... – Gaims estremeceu.

– Quantos sobreviventes? – perguntou Ragen.

– É essa a questão – disse Gaims. – Não matou ninguém.

Ragen pestanejou.

– Ninguém?

Gaims abanou a cabeça.

– Destruiu-nos as armas. Mordeu, arranhou e esmagou. Incapacitou alguns homens e feriu outros com gravidade. Todos estão deitados, mas, até agora, ninguém morreu.

– Como é possível que estejas bem? – perguntou Ragen.

Gaims empalideceu e Ragen não precisou de uma resposta.

– Fugiste.

O guarda olhou os pés.

– Escondi-me na adega fria.

– Seu pequeno...! – Yon ergueu um punho, mas Ragen levantou uma mão para o calar.

– Qualquer homem com uma ponta de juízo fugirá de um demónio mimético, Yon. Não estamos aqui para julgar.

Yon abriu a mão.

– Sim. É verdade. O Criador que julgue.

– Quem comanda? – perguntou Ragen.

– O tenente Woron – disse Gaims. – Mas não está bem.

– Vai dizer-lhe que chegou ajuda – ordenou Ragen. Gaims afastou-se rapidamente de Yon e correu para o interior do abrigo. O portão tinha sido atacado, mas as muralhas estavam maioritariamente intactas.

– Esperava mais das Lanças da Montanha, depois de todas as histórias nas tabernas de Angiers – disse Yon quando o homem se foi. – Há alguma coisa que o pequeno canalha não nos diz. Os nuclitas não deixam gente viva.

– Nem atacam imediatamente antes do amanhecer – recordou Elissa.

– A não ser que fossem os mesmos demónios que fugiram da música de Keerin – disse Derek. – Teriam precisado da maior parte da noite para alcançar o abrigo seguinte e tentar negar-nos abrigo.

– Não explica os sobreviventes depois de abrirem uma brecha nas muralhas – afirmou Yon.

– Porque não se limitam a negar-nos abrigo – compreendeu Ragen. – É uma armadilha.

Elissa acenou afirmativamente.

– Vinte feridos num abrigo de muralhas já violadas. Sabem que não podemos deixá-los.

– Não podemos? – Todos os olhos se viraram para Derek.

A mão de Yon voltou a fechar-se.

– Vou fingir que não disseste isso, rapaz.

Derek ergueu as mãos.

– Quero tanto ajudar estes homens como qualquer um de vós, mas, se os demónios querem que façamos alguma coisa, deveríamos, pelo menos, ponderar a hipótese de não o fazer.

– Pondera o que quiseres – disse Yon. – Mas, se quiseres fugir, foges sozinho. Os Lenhadores não abandonam ninguém para os demónios.

Elissa pousou uma mão no braço de Derek.

– Yon está certo.

Derek suspirou.

– Sim, está bem. Que fazemos?

– Levamos toda a gente para dentro e remendamos as brechas na muralha com postes guardados – disse Ragen. – Preparamos pontos de retirada. Acordamos Keerin e pomo-lo no alto da torre de vigia. Elissa e eu falaremos com o tenente.

– Sim, faremos isso – disse Yon.

Elissa olhou os feridos com horror. Tinha visto sangue suficiente no ano anterior, uma recordação amarga de que os humanos eram coisas frágeis feitas de carne e osso.

– É bom... ver-te... mestre de guilda. – As palavras pareceram deixar exausto o tenente Woron e deitou-se contra a parede, enchendo os pulmões com uma inspiração lenta e ruidosa. Tinha a sua própria lança da montanha cravada no tronco, com a baioneta projetando-se das costas. Estava pálido e banhado em suor. Espantava Elissa que continuasse vivo.

– Tive medo de a tirar. – Gaims apontou a arma.

– Se o tivesses feito, terias morrido – disse Ragen, enquanto Elissa pensava se o demónio teria empalado o homem para lhe prolongar o sofrimento. Seriam inteligentes a esse ponto?

– Que fazemos? – perguntou Gaims.

– Não sei se podemos fazer alguma coisa – disse Ragen. – Posso coser ferimentos ou cobrir uma queimadura com uma cataplasma, mas isto... Isto precisa de cirurgia.

– Por favor – disse Gaims. – Não podemos deixá-lo morrer. Woron e eu servimos juntos há quinze anos.

– Talvez possamos usar magia de hora – disse Elissa.

Gaims abriu a boca de espanto.

– A sério?

Elissa acenou com a cabeça e Gaims descontrolou-se e abraçou-a.

– O Criador te abençoe, Mãe!

Ragen pigarreou e o guarda recuou imediatamente. Ragen inclinou-se para só ela o ouvir.

– De certeza que não dás falsas esperanças ao homem?

– Falsa esperança é melhor que nenhuma. – Elissa puxou pelo compêndio de círculos de guardas curativas que lhes tinha sido oferecido na Academia das Herbanárias.

– Se puxarmos a lança e confundirmos as lições, morrerá – disse Ragen.

– Morrerá de qualquer forma – disse Elissa. – Juntamente com o resto de nós, se não conseguirmos encontrar uma forma de pôr estes homens de pé.

Cobriram as janelas e cortaram a roupa e a armadura do tenente Woron para lhas retirarem. Ragen separou a baioneta do cano da lança da montanha, deixando a lâmina cravada enquanto Elissa limpava a pele à volta do ferimento.

Elissa pousou o livro aberto à sua frente e pegou no estilete de prata, traçando cada guarda com precisão enquanto se ocupava do ferimento de entrada e de saída. Canalizou apenas uma centelha de magia do aparo até os círculos ficarem completos.

– Preparada? – perguntou Ragen.

– Não – respondeu Elissa. – Mas sim.

– Segura-o bem – disse Ragen a Gaims, puxando a baioneta.

Assim que a lâmina ficou livre, Elissa abriu o aparo do estilete e canalizou poder para os círculos. Brilharam e pareceram girar à volta dos ferimentos, com as guardas tragando avidamente a magia. Pouco depois, o instrumento não tinha mais nada para dar e as guardas esbateram-se, deixando uma cicatriz medonha.

– Incrível. – A força regressou à voz de Woron.

– Não...! – disse Gaims, mas amparou Woron enquanto se erguia, cerrando os dentes.

– Obrigado, Mãe Elissa – agradeceu ele.

– De nada, tenente. – Elissa colocou pedras hora numa caixa de prata e enfiou o aparo do estilete numa ranhura, ativando a canalização para voltar a encher o reservatório. – Tratemos agora do resto dos teus homens.

Elissa ouvia Keerin a afinar o alaúde enquanto subira a torre de vigia. O anoitecer aproximava-se e tinha esgotado a maior parte dos hora que tinha trazido do Outeiro, mas os vinte guardas do abrigo voltavam a contribuir para a sua defesa.

– Mestre Keerin, como te sentes?

– Miserável, se queres que seja sincero – respondeu Keerin.

– Receio que nos espere outra noite longa. – Elissa olhou do alto da torre de vigia, vendo os homens e mulheres movendo-se sobre as muralhas e pelo pátio.

– Não é a primeira vez que durmo de dia para atuar de noite. – Keerin esfregou os dedos ligados. – Podem contar comigo para fazer o meu papel.

– Nunca duvidei – disse Elissa. – A noite passada foi a atuação de uma vida, mas precisarás de te superar esta noite. – Mostrou-lhe um pedaço fino de osso de demónio gravado com guardas sonoras e enfiou-o no orifício do alaúde de Keerin.

– Isso é... – começou Keerin.

– Sim – interrompeu Elissa. – Não o exponhas à luz do Sol. Perderá a carga e será provável que irrompa em chamas.

Keerin abriu a boca de espanto, olhando o alaúde como um ente querido.

– Talvez não devesse...

– Todos correremos riscos esta noite, Keerin. – Elissa passou uma bolsa de veludo ao Jogral. – Lembra-te de o retirar para o guardares aqui antes do amanhecer. Agora, toca.

Keerin dedilhou as cordas do instrumento e o som fez estremecer o ar. A surpresa quase o fez deixar cair o precioso instrumento e Elissa precisou de cobrir os ouvidos.

– Tenho um pouco de cera – disse Elissa. – Para taparmos os ouvidos enquanto tocas.

– Taparmos? – repetiu Keerin.

– Claro. – Elissa pegou no estilete. – Alguém terá de te manter seguro.

A rede de guardas reparada forçou os demónios a erguerem-se fora das muralhas e as Lanças da Montanha abriram fogo quando se ergueram. Ragen tinha guardado pessoalmente muitas das balas, vendo com satisfação como brilhavam

com o impacto. Os demónios menores atingidos não sararam como acontecera na noite anterior.

Até os demónios da rocha evitavam os disparos concentrados. Conseguiam arremessar apenas com um terço do alcance das armas de chama e aprenderam depressa que não conseguiriam sobreviver por muito tempo na zona de tiro.

Os demónios suficientemente rápidos ou afortunados para passarem além dos disparos eram repelidos pela música de Keerin. Durante horas, manteve-se um impasse com os nuclitas.

Então, um demónio da rocha investiu, movendo-se com demasiada rapidez para ser mirado pelas Lanças da Montanha. A maior parte dos disparos não falhou o alvo e Ragen viu a grande pedra aninhada na curva do seu braço como uma bola de jogo.

Ergueu o estilete de prata, mas Elissa foi mais rápida. Viu-se um clarão de magia na torre e o solo explodiu à volta dos pés do demónio, fazendo-o tropeçar. O demónio da rocha tombou violentamente, com a pedra caindo inofensivamente do seu braço.

– Agora, enquanto está caído! – gritou Ragen, mas as Lanças da Montanha sabiam o que faziam, concentrando o fogo na cabeça e no peito do demónio. O demónio tentou usar as garras para se afastar, mas não demorou a perecer.

– Mãe Elissa! – gritou Ragen. E os homens gritaram de júbilo.

Outro demónio da rocha correu para a muralha com uma enorme pedra erguida sobre a cabeça. Desta vez, Ragen foi mais rápido, traçando rapidamente uma guarda contra demónios da rocha no seu caminho. Com um clarão mágico no momento do impacto, o demónio foi atirado de costas, com a pedra pesada aterrando-lhe com força na cabeça.

– Ha! – Ragen ouviu Elissa rir-se da torre.

– Mestre de guilda Ragen! – gritaram os homens.

– O próximo é meu! – anunciou Derek. E Ragen começou a ter esperança de que conseguissem sobreviver à noite sem confrontos de proximidade.

Mas o «próximo» revelou ser um conjunto de seis e os esforços dos três precisaram de redobrar-se para tentar travar a investida. Os seus traços, antes tão precisos, tornaram-se desmazelados e desesperados, tentando duplicar a velocidade do avanço.

Pedras arremessadas começaram a fraturar as defesas. Algumas embateram contra a muralha e outras voaram em arco sobre o pátio, mas Ragen percebeu sem demora que concentravam os disparos. Traçou uma guarda sonora.

– Abandonem a torre de vigia!

A música de Keerin foi abruptamente interrompida e, no momento seguinte, uma pedra embateu contra o topo da torre.

– Elissa! – gritou Ragen, mas não houve resposta. Teriam conseguido chegar às escadas a tempo?

Ragen e Derek guardaram com desespero renovado, defletindo algumas pedras antes de atacarem, mas uma conseguiu passar, atingindo a base da torre. A estrutura pareceu dobrar-se sobre si mesma, desabando.

Ragen gritou numa fúria animalesca, traçando guardas térmicas e de impacto que explodiram entre as fileiras dos demónios, mas o inimigo movia-se em sincronia, investindo contra as muralhas quando a música deixou de soar. Eram tantos que as proteções foram sobrecarregadas e os demónios conseguiram passar, trepando as muralhas e enfiando-se pelas brechas.

Ragen sentiu-se quase feliz por ter de trocar o estilete pela lança e pelo escudo. A raiva conferia-lhe poder enquanto golpeava, pontapeava ou empurrava com o escudo qualquer demónio que mostrasse a cara acima da muralha.

Por toda a muralha, Lanças da Montanha não perderam tempo a recarregar e começaram a lutar com as baionetas, motivados por Ragen, Derek e pelas Lenhadoras.

No pátio, Yon comandou homens com machados na defesa de uma das brechas. Woron e um grupo de Lanças da Montanha defenderam outra. Sangue vermelho e negro fluiu em igual quantidade, mas os nuclitas tinham a vantagem numérica e Ragen soube que seria apenas uma questão de tempo.

Uma explosão no pátio captou a atenção de Ragen e temeu que os demónios da chama tivessem alcançado o paiol das munições. Em vez disso, viu uma abertura fumegante no entulho da torre e Keerin saiu. Tinha a cabeça envolta numa ligadura ensanguentada, mas começou a tocar e os demónios no pátio gritaram.

Elissa surgiu atrás do Jogral, com o estilete brilhante, e Ragen sentiu que voltava a respirar pela primeira vez desde a queda da torre.

– Não podemos repetir isto noite após noite. – O tenente Woron estava pálido e transpirava.

– Não o faremos – disse Ragen. – Ao amanhecer, partimos para o abrigo seguinte.

– E se os demónios também tiverem atacado esse? – perguntou Derek.

– Nesse caso, seguimos caminho – afirmou Ragen. – Não serei encurralado como um lobo no seu covil.

Woron concordou com um aceno da cabeça.

– Ordenarei aos meus homens que carreguem as munições e mantimentos que conseguirmos transportar. – Levantou-se, mas fez uma careta de dor e levou a mão ao flanco. Gaims apressou-se a ampará-lo.

– Foste ferido nos combates? – perguntou Elissa.

Woron abanou a cabeça.

– Parece-me que não sarei completamente. Ainda sinto a baioneta.

– Deixa-me ver – disse Elissa. E o tenente abriu a couraça e ergueu a camisa. O abdómen de Woron estava distendido, com a cicatriz furiosa e vermelha, mas intacta. Não se assemelhava nada às recuperações integrais que tinha visto as Herbanárias do Outeiro conseguirem, mas estudara com elas apenas algumas semanas. Pintou um novo conjunto de guardas e energizou-as com o estilete, acalmando o inchaço. – Descansa o que puderes, hoje.

Woron acenou com a cabeça.

– Obrigado, Mãe.

Keerin voltou a rastejar para a carroça dos hora, adormecendo ao amanhecer, mas não sem que Lenhadores e Lanças da Montanha se unissem num grito de júbilo. Elissa vislumbrou um indício de sorriso na sua face antes de desaparecer atrás das cortinas.

A companhia tinha duplicado de tamanho, mas o medo conferia-lhes velocidade e chegaram ao abrigo seguinte ao meio-dia.

Desta vez, os demónios não tinham deixado sobreviventes, fraturando as muralhas e arrancando o empedrado do pátio para poderem erguer-se no interior quando o Sol se pusesse.

Seguiram caminho em vez de tentarem defender as ruínas.

Havia uma dúzia de abrigos entre Ponteflúvia e o Horto Rijo. Os demónios atacaram seis, os mais distantes das cidades e de qualquer esperança de abrigo. Nalguns, havia sobreviventes. Noutros, não. A companhia de Ragen e Elissa tornou-se cinco vezes maior, cerrando fileiras à noite para se abrigarem dentro do alcance sonoro do alaúde de Keerin.

Nas primeiras noites, limitou-se a manter os demónios à distância, mas, quando se habituou mais à música de Meia-Mão, os poderes de Keerin aumentaram. Não tardou a conseguir tocar montado, cobrindo o grupo como se usasse guardas de invisibilidade enquanto avançavam pela noite dentro, acabando por perder os demónios que os perseguiam.

Os abrigos mais próximos da cidade estavam intactos, sem nada saberem dos ataques. Mesmo com os testemunhos de Woron e dos outros oficiais, os comandantes recusaram abandonar os seus postos sem terem recebido ordens para isso.

Ragen deixou-os com os seus avisos e manteve a companhia em movimento até chegarem ao povoado do Horto Rijo.

– Noite. – Yon cuspiu do alto da sela. – Conseguiria saltar aquela muralha.

Era um exagero, mas não por muito. O Horto Rijo era uma comunidade agrícola de gente próxima. Os seus quinhentos residentes dividiam-se por várias famílias numerosas, com as suas casas aglomerando-se no interior de uma parede de pedra com metro e meio reforçada com postes guardados altos.

Cada família trabalhava os terrenos atrás da casa respetiva, formando um anel exterior ao povoado que era protegido por uma parede ainda mais baixa, também reforçada com postes guardados dispostos com intervalos regulares. Ragen conseguia ver os postes em filas aprumadas pelos campos, protegendo-os dos demónios do vento.

– Num dia de céu limpo, é possível ver Miln. – Ragen apontou as montanhas, onde as grandes muralhas de Miln pareciam minúsculas à distância. – Estive cem vezes no Horto. Há boa gente aqui, mesmo que fosse possível procurar o dia inteiro sem encontrar dois que não sejam aparentados.

Era estranho ouvir uma gargalhada de velho saindo pelos lábios jovens de Yon.

– Sim, sei como é! Se alguma das senhoras deles precisar de plantar novas árvores, envia-as para mim.

Amon Horto, que era o Orador do Horto Rijo desde os dias de Mensageiro de Ragen, esperava-os junto ao portão. Apoiava-se num ancinho com que não trabalhava há anos, com mãos manchadas e trémulas, mas com a mente ainda ágil.

Amon não se mostrou mais recetivo do que os oficiais dos abrigos.

– O Horto Rijo resiste há cem anos, Ragen. Não abandonaremos tudo o que construímos por uns ataques de demónios a uma semana de viagem para sul.

– Então verifiquem três vezes as vossas guardas, Orador – disse Ragen. – E que o Criador vos guarde.

Amon acenou com a cabeça.

– E a vós.

* * *

Keerin estava esquelético quando chegaram à cidade. Tinha grandes olheiras sob os olhos encovados e o cabelo pendia-lhe em emaranhados. As vestes multicoloridas estavam chamuscadas, ensanguentadas e rasgadas.

Poucos no grupo chegavam sem ferimentos. Um dos braços de Yon parecia cera derretida depois de atingido por um salpico de saliva flamejante. Lary Lenhador coxeava. Cal Lenhador tinha perdido um olho e a sua mulher, Nona, parte do pé. Até Elissa tinha três arranhões no peito deixados por garras de demónio que quase lhe tinham aberto o corpo.

Mas era Woron quem motivava maiores preocupações. Urinava e defecava com sangue e tinha o abdómen novamente distendido. Parecia ainda mais devastado que Keerin. Ragen olhou o tenente e o homem percebeu, acenando-lhe com a cabeça. A seguir, revirou os olhos e caiu do cavalo abaixo.

Ragen saltou de Dançarino do Ocaso, verificando o pulso do homem. Estava vivo, mas tinha a pulsação fraca.

– Leva-o para a mansão e chama uma Herbanária – disse Ragen a Elissa. – Irei ao palácio para apresentar o nosso relatório ao duque.

Keerin abanou a cabeça.

– Vai para casa e descansa. Sou o arauto real. Chegou o momento de começar a comportar-me como tal. Serei o primeiro a informar Sua Senhoria.

Ragen sorriu.

– Chegou o momento de contares a toda a gente o teu heroísmo.

Keerin abanou a cabeça.

– Não voltarei a reclamar o que não me pertence. Sem a música de Meia-Mão e as pedras hora de Mãe Elissa, teria sido inútil. E, sem os Lenhadores e Lanças da Montanha conquistando-me tempo com as próprias vidas, pouca diferença teria feito.

Ragen olhou-o, quase sem reconhecer o homem como o mesmo que o tinha acompanhado até ao Ribeiro de Tibbet, tantos anos antes.

– De certeza que queres ir sozinho? Euchor poderá não ficar agradado...

– Depois desta semana, não haverá muita coisa que Sua Senhoria possa fazer que me assuste. – Keerin estendeu uma mão, mas Ragen puxou-o para um abraço.

– O Criador te abençoe – disse Elissa, abraçando o Jogral a seguir.

– Orgulhaste o espírito de Meia-Mão – afirmou Yon, batendo nas costas do Jogral com tanta força que o fez tossir. – Duvido que o próprio Rojer tivesse conseguido fazer muito melhor.

– Sim. Bom. – Keerin acenou com a cabeça aos outros e fez o cavalo partir com golpes dos calcanhares, cavalgando em direção ao palácio com o seu contingente de Lanças da Montanha enquanto Ragen levava os outeireiros pela colina acima em direção à sua grande mansão guardada.

– Noite. – Havia espanto na voz de Yon. – É aqui que vives? É tão grande como a fortaleza de mestra Leesha.

– Maior. – A muralha que cercava a mansão de Ragen media quatro metros e meio e estava reforçada com vidro guardado, abrigando grandes hortas no interior, Guardadores e ferreiros, casas para os criados e provisões que durariam um mês.

Mas, enquanto Ragen olhava, percebeu que não seria suficiente se as previsões de Arlen se concretizassem.

– Mãe! Pai! – Os criados saíam para o pátio, mas as crianças deixaram-nos para trás, correndo na sua direção como se fossem perseguidos por demónios da chama.

Ragen sentiu um aperto na garganta ao ver aquilo. Tinha estado em perigo quase constante durante os meses da sua ausência, mas confortara-se sabendo que os seus filhos estavam seguros, nunca se permitindo questionar por um momento essa certeza. Naquele momento, vendo-os cheios de energia e alegria, sentiu-se dominado pelos meses de preocupação que repelira.

Mal teve tempo de desmontar quando Marya, sem ter completado ainda dez anos e já tão bela como a sua mãe, lhe saltou para os braços. Riu-se, apertando-a até a ouvir guinchar. Quando afrouxou o aperto, foi Marya a apertá-lo em resposta e, subitamente, sentiu as pernas transformadas em água e pousou um joelho no chão, chorando enquanto a abraçava. Os nove meses que passara longe dos seus filhos tinham sido uma eternidade para si. Como teriam sido para eles?

O pequeno Arlen, que fizera seis anos durante a sua ausência, saltitava enquanto Elissa se curvava sobre a sela. Trepou-lhe pela perna acima até aos braços, como um roedor, espalmando-se contra o seu peito enquanto ela o abraçava também com força, começando a chorar.

– Estamos a salvo – murmurou Ragen a Marya. – E juro pelo sol que ficaremos assim.

Os criados mantiveram-se à distância, dando-lhes espaço para aquele momento. Mãe Margrit observou a cena, ordenando aos moços de estrebaria que levassem os animais e acolhessem os convidados.

– Manda chamar Herbanárias – disse-lhe Ragen. – As melhores. A nossa escolta ficará hospedada connosco.

Margrit acenou com a cabeça, enviando estafetas. A mulher corpulenta aproximou-se deles enquanto as crianças afrouxavam os abraços e desciam para o chão, voltando a abraçar Ragen e Elissa com força esmagadora.

– Graças ao Criador que regressaram – sussurrou ela.

– Não sei como a ferida sarou de forma tão completa quando ainda sangrava por dentro. – Mestra Anet deu o último ponto na longa sutura no abdómen de Woron. – Precisei de cortar o tecido cicatrizado e reparar os danos por baixo. Tem sorte de estar vivo. – Woron manteve-se inconsciente graças aos vapores bombeados para a máscara que lhe cobria nariz e boca.

Elissa torceu as mãos.

– A culpa é minha.

– Tolice. Como é possível tal coisa? – Anet era a reitora da Escola de Herbanárias, possivelmente a melhor Herbanária de Miln. Habituada a tratar a realeza e os ricos, não era facilmente arrancada à escola, mas havia prestígio e moeda numa visita à mansão do mestre de guilda.

– Usei osso de demónio para fechar a ferida – referiu Elissa. – Pen-sei que a magia sarasse os danos por baixo. – A Herbanária olhou-a como se fosse louca, mas Elissa era rica e tinha sangue real, duas qualidades conhecidas por potenciarem a excentricidade.

– Ligadura. – A velha deixou as suas aprendizas ligarem a ferida enquanto se dirigia à bacia e começava a esfregar o sangue das mãos e braços. Uma linha vermelha riscava o branco imaculado do avental. – Seja como for, recuperará com o tempo. Não deverá deixar a cama durante algumas semanas e poderá demorar meses a conseguir andar.

O tom condescendente irritou Elissa. Não tinha passado as semanas anteriores a lutar pela vida para suportar a arrogância de uma mulher que nunca teria visto um nuclita fora de um livro.

– Não servirá.

A velha parecia perder a paciência, mas Elissa não lhe deu tempo para responder, retirando o estilete de prata do cinto.

– Sem dúvida que terás ouvido falar do efeito da magia de retorno em homens e mulheres que enfrentam demónios.

Mestra Anet olhou o estilete com ceticismo.

– Não sei que noções trazes do Outeiro, senhora, mas, aqui em Miln, confiamos as nossas curas à ciência e não a truques de Guardador.

– O tenente Woron deve a vida à tua ciência – concordou Elissa. – Mas chegou o momento de alargares as tuas perspetivas.

A noite caiu enquanto a Herbanária trabalhava. Elissa precisou apenas de pressionar um interruptor para desligar as luzes elétricas, banhando o quarto em escuridão. O estilete deixou um rasto de luz prateada enquanto traçava linhas rápidas no ar, energizando-as e fazendo um anel de guardas flutuar no alto para banhar o quarto com luz branca intensa.

Anet cruzou os braços.

– Poderá surpreender-te que tenha visto guardas luminosas antes.

– Talvez, mas nunca viste isto – Elissa aproximou-se da cama e as aprendizas da Herbanária afastaram-se nervosamente, não querendo participar no confronto cada vez mais inflamado com a sua mestra.

– Que fazes? – Anet seguiu-a enquanto Elissa afastava a ligadura que as aprendizas enrolavam.

– Faço este homem levantar-se novamente – disse Elissa.

Anet segurou-lhe o braço. Tinha cabelo branco, mas os seus dedos eram fortes.

– Disse-te que...

Elissa voltou a erguer o estilete e as palavras de Anet ficaram suspensas. Deu um passo atrás, com olhos brilhantes.

– Não serei responsável se piorares o seu estado.

– Vê. – Elissa virou-se para Woron, segurando o estilete como um pincel enquanto cercava a grande sutura com pequenos símbolos prateados, com cada guarda alimentando as seguintes. Quando o circuito ficou completo, canalizou poder para o seu interior. Herbanária e aprendizas inclinaram-se por reflexo quando o clarão ganhou intensidade.

– Pela escuridão da noite, o que...? – Anet observava enquanto o ferimento sarava. Momentos depois, deixou de haver vestígio do ferimento, sem nódoa negra, sem vermelhidão, sem cicatriz. Apenas alguns vestígios de sangue e uma linha de pontos sobre pele lisa e rosada.

A velha libertou um guincho indignado enquanto Woron enchia os pulmões com uma inspiração trémula e abria os olhos.



VINTE

A ESCOLTA

334 DR

– Assina aqui. – Mãe Jenya retirou outro papel da sua pilha aparentemente interminável e colocou-o à frente de Ragen. Elissa sentava-se a alguns metros dele, na sua secretária própria, tentando terminar uma pilha semelhante. As crianças estavam no seu canto, lendo em silêncio.

– Mal voltámos há um dia e já estamos sepultados em papelada – gemeu Ragen.

Jenya riu-se.

– São apenas os urgentes. Espero que se instalem antes de trazer o resto.

– Noite. – Ragen esfregou a cara.

– Para aprenderem a não desaparecer durante quase um ano – disse Jenya.

Ragen virou uma página e viu uma assinatura familiar. Via-a com demasiada frequência para se sentir confortável. *Vincin*. O homem que fora mestre de guilda antes de ser deposto por Cob quase uma década antes. Não se tinham despedido como amigos.

Jenya ficou tensa ao ver o nome e Ragen soube que aquela era a conversa que temera.

– Pretendia referi-lo quando te ambientasses.

Ragen pousou a caneta.

– Vamos a isso, então.

– Vincin pediu uma eleição extraordinária durante a tua ausência – disse Jenya. – É o mestre interino da Guilda dos Guardadores.

– Filho do Núcleo! – bradou Ragen. – Pretendias esperar até descobrirmos na corte?

– Não culpes o mensageiro, querido. – Elissa não ergueu os olhos dos seus papéis.

Ragen inspirou fundo.

– Presumo que tenhas verificado os regulamentos da guilda?

– Claro – respondeu Jenya. – Um mestre Guardador de boa reputação está no seu direito se pedir uma eleição extraordinária quando o mestre de guilda é incapaz de desempenhar os seus deveres, pessoalmente ou por escrito, durante mais de seis meses, até ao regresso do dito mestre de guilda, se o seu mandato não tiver expirado.

– Portanto, recupero automaticamente o cargo por regressar à cidade? – perguntou Ragen. Faltava-lhe quase um ano no seu mandato de dois anos.

– Não exatamente – disse Jenya. – A guilda terá de convocar uma reunião em que o mestre ausente anunciará a sua capacidade para regressar, ratificada por maioria simples. Até lá, Vincin permanece no poder.

– Então convoca a reunião – ordenou Ragen, mesmo enquanto percebia rapidamente qual era o problema.

– Só o mestre de guilda pode convocar uma reunião ou uma eleição.

Ragen cerrou um punho ao ouvir as palavras de Jenya.

– Se não posso convocar uma reunião, informa todos os Guardadores da cidade do meu regresso com notícias que alterarão o futuro da guilda.

– Enviarei estafetas imediatamente – disse Jenya. – Que notícias são essas?

– A magia de hora do Outeiro – retorquiu Elissa. – Aprendemos como usar ossos de demónio para energizar guardas, mesmo quando não há nuclitas por perto. Por vezes, até mesmo durante o dia.

Jenya olhou-a em silêncio, como se esperasse o desfecho da graça. Não o ouvindo, pigarreou.

– Isso muda tudo, se for verdade.

– É verdade – disse Ragen. – Mas não esperamos que ninguém acredite sem provas.

Jenya não pareceu acreditar, mas tomou nota na sua lousa.

– Assim será.

– Contacta também os vidreiros – disse Ragen. – Faremos algumas renovações na mansão. – Puxou por um mapa, mostrando a grande guarda que tinha passado tantas horas a desenhar com Elissa, alinhada para englobar a mansão e os alojamentos dos criados. Muitas das outras estruturas teriam de ser alteradas, mas era inevitável.

Jenya olhou o mapa, arregalando os olhos.

– Queres... pavimentar o nosso chão com vidro energizado?

– Vamos energizá-lo pessoalmente com hora – respondeu Elissa. – Mas sim.

– Começaremos com tinta – disse Ragen. – Imediatamente. Isso permitir-nos-á assegurar a forma adequada antes de passarmos ao vidro.

Jenya estudou o símbolo e Ragen percebia que fazia cálculos mentais.

– Isto será colossalmente dispendioso.

– Temos uma fortuna colossal – referiu Ragen. – Não quero discutir isto, Jenya. Trata disso. O poder dos nuclitas cresce e o seu ataque à cidade é uma questão de tempo. Precisamos de nos preparar e precisamos de o fazer agora.

Jenya empalideceu enquanto pegava no mapa.

– Sim, claro.

Ouviu-se agitação no pátio. Ragen ergueu o olhar, mas o pequeno Arlen corria já para a janela.

– Lanças da Montanha! – Saltava e apontava.

Ragen e Elissa trocaram um olhar. Esperavam uma convocatória do duque. Não esperavam soldados. Juntaram-se ao jovem Arlen junto à janela e Arlen sentiu um nó no estômago ao ver cinquenta Lanças da Montanha, com as armas de chama apoiadas no ombro em formação precisa, alinhando-se de cada lado do portão principal, formando um corredor até à porta da mansão para a passagem de uma carruagem real.

– Keerin? – questionou Elissa. Talvez o duque tivesse enviado o seu arauto para os trazer.

– Não é suficientemente vistosa – notou Ragen. – As carruagens de Jogral parecem cobertas pelo vómito de um arco-íris.

Os criados de Ragen e os Lenhadores aglomeravam-se, mantidos à distância por soldados em sentido. A situação não parecia caminhar para o confronto, mas a disposição também não estava descontraída.

– Que se passa, pelo Núcleo? – perguntou Ragen enquanto um criado saltava da carruagem e baixava degraus, abrindo a porta e estendendo uma mão enluvada ao passageiro.

– Mãe Jone, a camareira do duque Euchor, saiu da carruagem. A velha tinha face maldosa, temperamento de nuclita e sentia relutância em deixar a fortaleza de Euchor. O facto de estar ali não prometia nada de bom.

– Jenya... – Os olhos de Elissa moveram-se para as crianças.

Jenya reagiu imediatamente, levando Marya e Arlen para longe da janela com uma mão firme nos ombros.

– Vamos. A camareira veio discutir assuntos importantes com os vossos pais e não tem tempo para crianças a atrapalhar. Para os vossos quartos.

Ragen pegou na mão de Elissa enquanto as crianças eram levadas.

– É só uma demonstração de poder. Euchor adora afagar o próprio ego, mas não se atreveria a ameaçar-nos...

– Que motivo poderá ter? – Enquanto Elissa fazia a pergunta, outra carruagem parou atrás da primeira. Aquela ostentava o brasão do Condado da Manhã. Elissa apertou a mão de Ragen com tanta força que o magoou.

A mulher que desceu da segunda carruagem era a condessa Tresha.

A mãe de Elissa.

Elissa fechava os punhos com força enquanto puxava as saias para fazer uma vénia. Lidar com um pequeno exército de Lanças da Montanha parecia uma brisa suave por comparação com lidar com a sua mãe.

Recordou involuntariamente as palavras da duquesa Araine. *Avança com cuidado no caminho para casa*.

– Elissa, querida. – A condessa Tresha abriu os braços. – Abraça a tua mãe.

Por reflexo, Elissa susteve a respiração e não o fez apenas pela nuvem de perfume que acompanhava sempre a sua mãe. Quando fora a última vez que a sua mãe quisera o seu abraço? Não acontecia desde a infância. O ato fazia soar alarmes na sua cabeça.

– Cala-te e deixa-me falar – sussurrou Tresha. – Vim para garantir que todos se portam bem.

Talvez a sua mãe lhe dissesse aquilo para a consolar, mas Elissa não sentiu qualquer consolo.

Se Tresha era a segunda mulher mais poderosa de Miln, Mãe Jone era a primeira. A tia do duque mantinha as costas verticais e a magreza aos setenta anos. Vestia-se de modo conservador, com mangas longas e um colarinho alto de pano tão rígido como quem o usava. Como sempre, tinha cara de quem tinha acabado de morder um limão.

Acenou severamente com a cabeça.

– Ragen, Elissa. Bem-vindos a casa.

Ragen forçou um sorriso, sempre capaz de parecer descontraído, mesmo quando se sentia tudo menos isso.

– É verdade que trouxeste uma impressionante comitiva de boas-vindas. Vieram disparar as salvas de tiros para celebrar o nosso regresso?

– Estão aqui apenas como escolta, Ragen – respondeu Jone.

– Miln tornou-se tão insegura na nossa ausência que são necessárias cinquenta Lanças da Montanha com armas de chama para te escoltar pela cidade? – perguntou Ragen.

– Claro que não – disse Jone. – Mas são heróis regressados da guerra. Vejam isto como uma guarda de honra.

– Ter-me-ia sentido mais honrado se tivesse sido avisado da sua vinda – replicou Ragen.

Yon surgiu atrás deles. Teria dado a volta, entrando pela porta traseira.

– Está tudo bem?

– Ah, este será o capitão Grisalho – disse Jone. – É um prazer conhecer-te, capitão. Sua Senhoria pede formalmente também a tua presença nesta manhã.

Os olhos de Yon moveram-se para Ragen. A seguir, virou-se novamente para Jone, cruzando os braços. Jone media quase um metro e oitenta, mas o Lenhador encorpado erguia-se acima dela, mesmo assim.

– Sim, está bem.

Jone não parecia impressionada pela dimensão do homem.

– Terás de entregar a tua arma aos guardas do palácio antes de permitirem que entres para ver Sua Senhoria. – Indicou o grande machado pendurado ao ombro.

– Nem pensar, pela noite – afirmou Yon. E todos ficaram mais tensos.

– O duque Euchor não permite que soldados armados de ducados estrangeiros entrem na sua sala do trono. – O sorriso de Jone era tão forçado como o resto da sua cara. – Conseguirás compreender isso, certamente.

Yon assobiou e os guardas retiraram as armas de chama dos ombros quando Lary Lenhador surgiu. Yon entregou-lhe o machado.

– O Libertador em pessoa guardou isto. Não o entrego a ninguém que não seja do Outeiro. – Esboçou um sorriso a Jone tão condescendente como o dela. – Conseguirás compreender isso, certamente.

Jone pigarreou.

– Sim. Bom. Vamos?

Dirigiram-se para o pátio, passando pelo corredor ameaçador de Lanças da Montanha até às carruagens, com Elissa espreitando sobre o ombro as caras assustadas dos criados. Todos se sentiam nervosos, procurando algum sinal de Ragen e Elissa para lhes transmitir o que deviam fazer.

Qualquer demonstração de apuro poderia terminar em sangue derramado, algo que Ragen compreendia bem, sem qualquer dúvida. Pela preocupação que demonstrava, era como se passeasse pelo jardim, mas Elissa sabia que, por dentro, estava tenso como uma mola pressionada.

Tresha pegou no braço de Elissa.

– Tu e Ragen virão comigo, querida. – Olhou Jone. – Foi acordado.

Elissa tentou não se encolher quando sentiu o seu toque.

– Mãe, o que...

Tresha apertou, fazendo os dedos ossudos cravarem-se no bíceps de Elissa.

– O capitão Grisalho terá de viajar atrás. A carruagem só tem quatro lugares.

– Quatro? – perguntou Elissa enquanto o cocheiro vestido com as cores da sua mãe abria a porta. No interior, sentava-se Derek Dourado, visivelmente desconfortável. Tinha olheiras profundas.

– Não há problema. – Yon parecia aliviado por estar longe do drama enquanto subia para o banco traseiro.

– Não temos muito tempo – disse Tresha quando a porta se fechou depois de entrarem. – Têm a sorte de ter sido informada disto, chegando a tempo de garantir o bom comportamento de Jone e dos seus homens. Teriam revistado a mansão se não tivesse vindo.

– À procura de quê? – perguntou Ragen. – Que se passa, pela noite?

– Tentei avisar-te – disse Derek. – Mas os homens de Brayan não o permitiram. Tenho estado preso em casa desde que voltei.

– Prenderam-te? – Elissa sentia-se incrédula. – Porquê?

– Não lhe chamaram prisão – disse Derek. – Fecharam-me com Stasy e o pequeno Jef e puseram guardas diante das portas e janelas. Podia ter usado o estilete, mas o conde trancou a fortaleza inteira e todos os seus homens estão armados com armas de fogo. Achei que não conseguiria sair sem alguém se magoar.

– Foi uma decisão sensata – disse Tresha. – Têm já problemas suficientes.

– Problemas porquê, mãe? – Elissa perdeu a paciência. – Voltámos há menos de um dia. Que podemos nós ter feito, pelo Núcleo?

– Euchor sabe que têm negociado guardas de combate na bolsa – disse Derek. – E, agora, sabe que o Homem Pintado é Arlen Fardos...

– Pensa que quisemos fazer dele tolo – concluiu Elissa.

– Quiseram? – perguntou Tresha.

Elissa olhou-a com cautela. A quem era leal a sua mãe? Não havia amor entre elas e a sua mãe nunca tinha escondido a antipatia por Ragen. Teria realmente vindo para seu benefício, mesmo que apenas para poupar maior vergonha à família, ou seria apenas um instrumento conveniente para Euchor conseguir arrancar-lhes uma confissão?

Ragen encolheu os ombros.

– Não necessariamente. Isto acabaria por se saber. – Olhou Derek. – Que mais sabem?

Tresha respondeu antes que Derek tivesse tempo de responder.

– Se perguntas se Euchor sabe das armas e armaduras guardadas que tens fabricado e vendido pela cidade, sabe.

– Se sabe, só descobriu recentemente – disse Elissa. – Conferi as encomendas esta manhã. As entregas chegaram à Guilda dos Mensageiros com normalidade e todas foram aceites.

– E porque não seriam? Não violámos quaisquer leis. – Ragen manteve os olhos fixos em Derek. – Como descobriu?

Derek corou, baixando os olhos.

Elissa cruzou os braços.

– Stasy. – Mãe Stasy era a mulher de Derek, prima do conde Brayan. Brayan era o conselheiro mais próximo de Euchor e o chefe da única família com fortuna superior à de Ragen e Elissa. Estava profundamente envolvido com as armas de fogo de Euchor e, sem dúvida, via as armas guardadas como concorrência. O filho de Brayan era casado com a filha mais velha de Euchor, Hypatia, e o seu neto era visto como o provável sucessor do duque.

– A culpa não é dela – disse Derek. – É minha. Não tive cuidado nas cartas que lhe escrevi. O conde ordenou aos criados que lhe lessem a correspondência à procura de informação. Está furiosa como um demónio da rocha.

Ragen suspirou.

– Já não há nada a fazer, Derek. – Inclinou ligeiramente a cabeça para Tresha. – Sei como é envergonhar uma família nobre por pisar com botas empoeiradas de Mensageiro os seus tapetes finos. Depois de tratarmos da tua herança, poderás construir a tua própria família.

– Sim, gostaria disso – respondeu Derek. – Mas o conde tem Stasy e Jef trancados. Não posso partir sem eles.

– Não terás de o fazer – disse Elissa.

– Não há muito que possa fazer para o contrariar – disse Derek. – Não há um magistrado na cidade que fique do meu lado contra o maldito conde Brayan.

– Não estás sozinho, Derek – observou Ragen. – Não voltarás a estar sozinho. Anuncia hoje na corte que te mudas com a família para a minha mansão. Se Brayan não concordar, a Guilda dos Guardadores não aceitará encomendas suas ou dos seus vassalos até mudar de ideias.

Derek abriu a boca de espanto.

– Farias isso?

– Sim, pelo núcleo. – Elissa não conseguiu evitar um olhar rebelde à sua mãe enquanto dizia aquilo. – És da família.

– É uma ameaça vazia quando já não és mestre de guilda – recordou Tresha.

Ragen esboçou-lhe um sorriso frio.

– Veremos.

– Então sabiam que Arlen Fardos era o Homem Guardado? – insistiu Tresha, voltando ao assunto original. – Sabiam e ocultaram deliberadamente a informação?

– É nosso filho – replicou Elissa. – Tanto como se o tivesse parido.

Tresha fungou.

– Devias ter-me dito.

Elissa riu-se.

– A ti? Mãe, quando ficaste do meu lado em alguma coisa? Noite. Nem sequer sei se estás do meu lado agora!

Tresha parecia genuinamente ofendida.

– Penses o que pensares, sua fedelha mimada, sempre me preocupei em primeiro lugar com o teu bem.

– Mesmo quando me expulsaste da família? – Elissa via Ragen e Derek encolhendo-se enquanto discutia com Tresha, mas não havia outra escolha. Elissa precisava de conhecer a posição da sua mãe antes do fim da viagem.

– Disse-te que tudo isso estava ultrapassado quando te formaste na Escola de Mães – disse Tresha.

Elissa fungou.

– Só porque querias outro voto no Conselho de Mães. Nunca pensaste minimamente no meu bem.

Tresha cruzou os braços.

– Passaste a estar envolvida, quer te agrade ou não. Puseste-te no centro de um furacão e, se quiseres sair dele viva e livre, precisarás da minha ajuda.

– Com que preço? – Elissa sentiu-se obrigada a perguntar.

Os olhos de Tresha moveram-se para Ragen e Derek.

– Podemos discutir isso mais tarde. Por hoje, peço-te que confies apenas que os nossos interesses coincidem.

– Dizes que, sem a tua ajuda, seremos presos? – perguntou Ragen.

– Acho que não chegará a isso, se tiverem cuidado com as palavras na corte – advertiu Tresha. – Os três são heróis em todas as tabernas de Miln. Haveria motins nas ruas.

– Achas que não chegará a isso? – perguntou Elissa.

Tresha encolheu os ombros.

– Não voltarás a ser tão vulnerável... não voltarás a estar tão pouco preparada. Se Euchor te temer realmente, pensará que o melhor será agrilhoar-te agora, antes de te tornares demasiado poderosa para o fazer.

Ragen avistou um aglomerado de mulheres esperando no átrio.

– Estás por tua conta, Ragen – disse Tresha. – Tenta não piorar as coisas enquanto as Mães resolvem isto.

Depois daquilo, partiu com Jone, levando Elissa com elas para a câmara do Conselho de Mães. Ragen pensou se voltaria a vê-la num julgamento.

Keerin esperava para os escoltar até à sala do trono de Euchor. O Jogral voltava a envergar o seu traje real, com túnica e calças largas com riscas azuis e cinzentas, sob uma capa de veludo preto presa com uma corrente de ouro cujo fecho era a montanha no brasão de Euchor. O forro da capa era de seda com riscas garridas, permitindo-lhe compensar os tons discretos que Euchor preferia com cores vibrantes, bastando-lhe mover o braço.

Mas a face de Keerin era tão severa como o exterior das suas vestes.

– Sinto muito, Ragen. Juro que não sabia.

Ragen pousou-lhe uma mão no ombro.

– A culpa não é tua. Qual a gravidade disto?

Keerin olhou a escolta e começou a andar, conduzindo-os à corte. Reduziu a voz a um murmúrio.

– Sua Senhoria está... desagradada. Tentará intimidar-te, mas o Conselho de Mães não acredita que existam provas suficientes para uma acusação a não ser que te incrimines.

– Como sabes? – murmurou Ragen.

– Investiguei em casa na noite passada – disse Keerin. Tinha um casamento infeliz com a baronesa Cate, uma viúva rica e membro destacado do Conselho de

Mães.

– Esperem aqui – disse Keerin quando chegaram às grandes portas da sala do trono de Euchor. As Lanças da Montanha abriram-nas o suficiente para passarem.

– Mestre Ragen, Mensageiro Derek Dourado e capitão Yon Grisalho do Condado do Outeiro!

– Sigam-me e deixem que seja eu a falar – disse Ragen enquanto caminhava à frente deles com passo altivo, não revelando qualquer preocupação com os indícios alarmantes.

As portadas da sala do trono tinham sido abertas, deixando entrar a luz do Sol, sem dúvida para contrariar os truques de magia que pudessem tentar se as coisas lhes corressem mal.

Sobre o estrado, sentava-se Euchor, gordo e grisalho, mas continuando a parecer alguém capaz de derrotar a maior parte dos homens com mãos nuas. Dizia-se que, quando o Mensageiro krasiano tinha vindo declarar Jardir governante do mundo inteiro, Euchor espancara pessoalmente o homem até o deixar inconsciente, mijando sobre ele enquanto estava caído no chão. Vestia uma capa azul debruada com pelo e uma túnica cinzenta, com correntes pesadas de ouro e anéis brilhando-lhe nos dedos. Tinha um aro fino de ouro sobre a cabeça.

À esquerda do trono, erguia-se o Protetor Ronnell, bibliotecário real, diante de um grupo de Protetores de barba grisalha. Euchor não os controlava diretamente, mas o bibliotecário real, que servia a vontade do duque, era o Protetor da Grande Biblioteca Catedral de Miln e o superior da sua ordem.

O conde Brayan, líder das guildas dos Mineiros e dos Prestamistas, erguia-se à direita, juntamente com os outros mestres de guilda. O cabelo escasso era branco como a neve, mas cortava-o rente, com as linhas da face angulosa fazendo-o parecer uma escarpa rochosa. A seu lado, erguia-se Vincin com um sorriso trocista, com a barbicha oleada grisalha e o cabelo fino puxado para trás. Anéis brilhavam nos seus dedos gordos. No peito, trazia o broche com a guarda de chave do mestre da Guilda dos Guardadores.

Ao lado de Vincin, erguia-se o homem que seria o mais provável aliado de Ragen ali presente. Malcum, mestre da Guilda dos Mensageiros. Malcum era mais alto que todos os outros mestres de guilda, parecendo mais imponente com a pala que cobria um olho e com as cicatrizes na face, o resultado de um ataque de nuclitas nos seus tempos de Mensageiro. O mestre de guilda ligou os seus

ferimentos e completou a viagem, passando muitos anos como Mensageiro antes de passar para a administração.

Os mestres das Guildas dos Bosteiros, dos Mercadores, dos Lavradores, dos Pedreiros e dos Mendigos mantinham-se próximos, movendo-se nervosamente com a tensão no ar. Vários deviam grandes quantias a Ragen.

– Bem-vindo a casa, Ragen – disse Euchor. – Como terás, sem dúvida, ouvido mil vezes desde o teu regresso, Miln inteira é tua devedora pelos teus serviços na guerra com os krasianos.

Ragen curvou-se numa vénia demorada.

– Honras-nos, Senhoria. Sabíamos qual era o nosso dever para contigo e para com todo o povo das Cidades Livres e fizemos o que se esperaria de alguém na nossa posição.

– A falsa modéstia não te assenta bem, Ragen – comentou Euchor. – Devias orgulhar-te dos teus feitos. São o único motivo para não estares acorrentado.

Euchor pretendia que as palavras os intimidassem. Yon ficou tenso, pronto para lutar ou fugir, mas Ragen descontraiu. A agitação e os nervos eram para o anoitecer, quando a ameaça era ainda imaginada. Quando escurecia e os demónios se tornavam reais, a concentração era mais fácil.

– Que motivo terias para me acorrentares, Senhoria? – perguntou Ragen, mesmo sabendo qual era a resposta. – Sempre fui leal a Miln.

– E, no entanto, conspiraste com aquele renegado estrangeiro que arrastaste dos povoados para me enganar – rosnou Euchor.

– Recordo-me de ter conhecido o rapaz enquanto cobrava impostos em teu nome no Ribeiro de Tibbet – referiu Ragen. – Arlen é, por definição, milnês.

Euchor ficou vermelho e Ragen ficou grato à barba, mais densa do tempo passado na estrada, por camuflar o sorriso que lhe atormentava os lábios. Era sempre aquele o erro de Euchor. Queria assistência para as suas repreensões, mas não estava preparado quando alguém tinha tomates para lhe responder à letra diante da sua corte.

– Mantiveste a sua identidade secreta quando veio à corte no ano passado – disse Euchor.

Ragen ergueu as mãos, virando-se para olhar a assistência.

– Quem aqui não guarda segredos de família? Nos meus anos como Mensageiro Real, conheci muitos deles, alguns muito maiores que este. – Olhou outra vez o duque. – Arlen Fardos não pregava sedição, não roubava propriedades e não magoava ninguém. O seu pior crime foi rachar o teu chão e de bom grado pagarei o estrago.

– Pagarás – concordou Euchor. – E às guardas que me vendeu com falso pretexto, inutilizadas pelos teus estratagemas de bastidores.

– Inutilizadas, Senhoria? – perguntou Ragen, erguendo a voz até ecoar do teto alto. – Essas guardas são o motivo para termos conseguido voltar vivos para Angiers. Essas guardas são o motivo para o Condado do Outeiro ter deixado de ser um povoado mais pequeno que o Horto Rijo em pouco mais de dois anos, passando a rivalizar com qualquer uma das Cidades Livres. O motivo para os krasianos conseguirem deixar o deserto e invadirem o Sul.

– E o teu aprendiz vendeu-mas por preço exagerado – disse Euchor. – Mesmo depois de tas ter oferecido para que as vendesses na bolsa.

Tentava obter informação, mas Ragen não fez qualquer afirmação para negar aquilo.

– Que pediu Arlen, Senhoria? Depois de ameaçares ordenar aos teus guardas que o imobilizassem enquanto copiavas as guardas na sua pele? Depois de me teres ordenado que colocasse Guardadores nas sombras, traçando cada símbolo que conseguissem vislumbrar?

Ouviram-se pés arrastados dos dois lados do trono e Ragen insistiu no ataque.

– Pediu apenas auxílio para os refugiados rizonanos, algo que pretendias providenciar-lhes de qualquer forma.

– Não serei manipulado para sustentar cada mendigo que venha à fronteira, Ragen – rosnou Euchor. – Paguei um preço justo por essas guardas.

– Como qualquer Guardador a quem as vendi – respondeu Ragen.

Euchor cerrou um punho.

– Então admites que me traíste?

Ragen esforçou-se para parecer ofendido.

– Não fiz nada que se assemelhe. Não violei quaisquer leis, Senhoria. Encontrei as guardas legalmente e, como mestre da Guilda dos Guardadores e chefe da Bolsa de Guardas, estou autorizado a vender compêndios e a criar armas e armaduras guardadas.

– E, agora, és imensamente rico – troçou Euchor.

Ragen ergueu as mãos.

– Poderias ter vendido as guardas na bolsa como eu fiz. Foi tua escolha fechar o teu compêndio na Biblioteca e armar os teus homens, ao invés, com armas de chama.

– Essas armas de chama salvaram Angiers e impediram os krasianos de reclamarem tudo a sul do Divisor – disse o conde Brayan.

– É verdade – concordou Ragen. – As Lanças da Montanha são formidáveis contra os krasianos e o Criador sabe que as ratazanas do deserto precisavam de uma lição. Mas os demónios tornam-se mais poderosos e a sabedoria dita que guardemos as suas armas e armaduras para a guerra vindoura.

– *Bah!* – troçou Euchor. – Tanto quanto sei, outeireiros e krasianos chacinam nuclitas aos milhares. Não surpreende que os sobreviventes estejam um pouco agitados.

Ragen abanou a cabeça.

– É mais que isso, Senhoria. Começaram a atacar com astúcia, usando armas e táticas como nunca vi após décadas na estrada. Informações recolhidas pela condessa Papel do Outeiro sugerem que vimos apenas uma fração do que o Núcleo poderá enviar contra nós.

– Essa mulher é uma herege – acusou Euchor. – Os seus Protetores abandonaram a ortodoxia do Norte e formaram o seu próprio conselho e a condessa ultrapassou as suas competências quando nomeou Jona, esse apóstata tolo, como Pastor. Veneram o teu aprendiz morto como Libertador, mesmo que tenha libertado apenas a guerra com as ratazanas do deserto e o agravar da Praga.

– Não é assim. – Yon pareceu surpreendido quando ouviu o seu rosnado ecoar na grande câmara, mas a sua expressão ficou mais severa quando todos os olhos se fixaram nele.

Euchor sorriu.

– Por favor, capitão Yon. Elucida-nos.

– É fácil chamar mentirosos e fraudes a pessoas que nunca conhecemos – começou Yon. – É fácil ficar sentado numa fortaleza guardada na montanha, a milhares de quilómetros do Outeiro, julgando. Nenhum de vocês estava lá quando a nossa Herbanária morreu e os outeireiros adoeceram. Quando os incêndios começaram e os demónios passaram as guardas. Vivi mais de oitenta anos no Outeiro do Lenhador e conheci cada um dos seus trezentos e quarenta e sete habitantes. Era um velho aleijado e vi metade das pessoas que conhecia tombar à minha volta. Com demónios nas casas e dançando nas ruas.

Avançou e a paixão na sua voz fixava atenções. Até Euchor estava em silêncio, enlevado pela história.

– O último edifício de pé foi o Templo e Jona acolheu-nos a todos. Tinha a perna partida, mas nunca descansou, coxeando sobre as muletas e ocupando-se dos doentes como uma Herbanária. Dizendo-nos que não estávamos perdidos. Que o Criador tinha um plano.

Yon abanou a cabeça.

– Não acreditei. Ninguém acreditava. Pensei que essa manhã fosse a última da minha vida. Mas Arlen Fardos chegou ao povoado com Leesha Papel e Rojer Estalagem. Disse-nos que deixássemos de sentir pena de nós mesmos e nos preparássemos. Disse-nos que, se nos defendêssemos, conseguiríamos salvar-nos. E, graças a eles, conseguimos. – Olhou em redor. – Não acreditam nas histórias dos Jograis? Sim. Ouvi uma em que media três metros de altura. Mas também era impossível que, nos dois anos que passaram, tenhamos deixado de ser um povoado com menos de duzentas almas, passando a ser um condado com mais habitantes do que qualquer uma das Cidades Livres que visitei.

Ragen olhou o bibliotecário real enquanto Yon falava, procurando indícios por baixo da sua expressão ausente de que as palavras de Yon o tocavam. De que pudesse ser o aliado que Arlen desejara.

– Podem não acreditar que Arlen Fardos é o Libertador. Percebo isso. Também não acreditei. Mas vi-o. Vi-o pairar no ar, brilhando como o sol, disparando fogo e relâmpagos aos nuclitas. Se não é o maldito Libertador, não sei quem poderá sê-lo.

Ouviram-se murmúrios pela corte e Ragen deu-lhes tempo para interiorizarem as palavras. Euchor olhou Ronnell, como se o desafiasse a negar a história, mas o bibliotecário manteve os olhos baixos, silencioso enquanto os velhos atrás dele debatiam em voz baixa.

Ragen aproveitou o silêncio.

– Conheço Arlen Fardos tão bem como qualquer um de vós, mas deixo a teologia para que os Protetores a discutam, seguros nos seus Templos, atrás das suas paredes guardadas. Passei a minha vida inteira na noite desprotegida e conheço melhor a ameaça. Chamar-lhe praga não muda nada. Temos armas para enfrentar os nuclitas e deveríamos colocá-las em todas as mãos capazes de as empunharem.

– Enchendo os bolsos durante o processo? – perguntou Euchor. – Controlas os dois extremos da produção e interessa-te exagerar a ameaça. Tens sorte por não confiscar todas as armas que fabricaste com as tuas guardas ilegais.

O mestre de guilda Malcum pigarreou, atraindo todos os olhares.

Euchor ergueu uma sobrancelha.

– Tens alguma coisa a acrescentar, Malcum?

O mestre da Guilda dos Mensageiros aceitou o convite para se distanciar dos outros mestres de guilda, avançando até ficar ao lado de Ragen.

– A Guilda dos Mensageiros comprou honestamente essas armas, Senhoria. Parece-me que esqueces que são as nossas vidas que arriscamos na noite, entregando as tuas mensagens, escoltando as tuas caravanas e permitindo o comércio na tua cidade. Insistimos que partilhasses as guardas quando as compraste a Arlen Fardos e a resposta ao nosso pedido foi sendo adiada uma e outra vez, mesmo enquanto os ataques dos demónios se intensificavam na estrada. Agora, temos ferramentas para nos protegermos e não abdicaremos delas.

A expressão de Euchor enegreceu ao perceber o tom insubordinado e falou com voz contida e perigosa.

– Admites ser cúmplice do crime de Ragen?

– Não houve qualquer crime – disse Malcum. – Comprámos guardas legalmente na bolsa e encomendámos armas e armaduras legalmente à Guilda dos Guardadores. Não tens qualquer direito de confiscar o que seja. Tenta fazê-lo e cada Mensageiro na cidade fará greve.

Um silêncio atordoado alastrou pela corte depois daquilo. Sem Mensageiros, serviços vitais da cidade cessariam e todos os presentes o sentiram nas bolsas.

– A Guilda dos Guardadores fará o mesmo – acrescentou Ragen.

– Já não podes falar pelos Guardadores, Ragen – troçou o mestre de guilda Vincin. – Abdicaste desse direito quando abandonaste o teu posto. Sou eu o mestre da guilda, agora.

– Um mestre de guilda que não pode convocar uma reunião sem ser deposto por votação – contrapôs Ragen. – Aprecio que me tenhas substituído durante a minha ausência, Vincin, mas não poderás adiar eternamente o meu regresso à liderança. Controlo a bolsa.

Vincin franziu o cenho, mas Ragen estava certo. Vincin podia adiar as questões burocráticas, mas, com a notícia do regresso de Ragen alastrando pela cidade, os membros da guilda não tardariam a forçar-lhe a mão.

– Foram registados documentos esta manhã, concedendo a Derek Dourado um lugar vitalício na Bolsa de Guardas, bem como vinte e um por cento do meu negócio, incluindo vidreiros e armazéns. – Ragen insistiu para deixar bem clara a vantagem. – Convidei-o e à família para ficarem na minha mansão até Derek construir uma casa sua.

– Uma oferta generosa, Ragen, mas desnecessária. – O conde Brayan sorriu, mas foi um sorriso forçado. As notícias apanharam-no desprevenido. – O meu primo está muito confortável na minha fortaleza.

Derek avançou.

– Obrigado, senhor, mas abusámos demasiado da tua generosidade. Passaremos imediatamente para novos alojamentos.

– A decisão não é tua, mercador – disse Brayan. – Stasy e Jef são aristocratas, habituados a uma vida que não podes proporcionar-lhes.

– São a minha mulher e filho – disse Derek.

Brayan mostrou-lhe os dentes.

– São uma donzela que violaste e um bastardo nascido com sangue melhor que o do seu pai. Podes tê-la convencido a casar contigo e a elevar a tua carcaça imunda das classes servis, mas não és digno dela e nunca foste. Onde tens estado enquanto o teu filho crescia? Folgando pelo mundo.

Malcum cruzou os braços.

– Folgando pelo mundo? É assim que vês o trabalho dos Mensageiros, milorde?

– Derek não é um violador – disse Ragen. – Que ousadia, proferir tais mentiras na corte de Sua Senhoria.

– Não serei forçado por um mestre de guilda desertor ou por um pai ausente – ripostou Brayan. – Façam greve, se desejarem. E deixem que os vossos trabalhadores saibam que perderam os soldos porque pobres aristocratas foram obrigados a suportar sedas e luxos no lar da sua família.

– Tece as mentiras que quiseres, milorde – rosnou Derek. – Não podes prender a minha mulher e o meu filho contra a sua vontade.

O conde Brayan fungou, virando-se para o duque. Euchor ergueu a mão como se quisesse afastar um fedor.

– Poupa-me os teus dramas familiares. É um assunto para o Conselho de Mães. Resolve-o com elas.

– Integraste a conspiração de Arlen Fardos contra o trono? – Mãe Jone parou de andar para trás e para diante e olhou Elissa.

O interrogatório durava horas, com Mães pressionando Elissa para partilhar pormenores sobre tudo, desde a infância de Arlen até às suas experiências em Lakton durante a guerra. Tresha sentou-se em silêncio ao lado de Elissa durante tudo aquilo, com costas direitas e expressão fria. A esposa do conde Brayan, a condessa-mãe Cera, empunhava interinamente o martelo de Oradora.

Chegavam finalmente ao cerne da questão.

– Não respondas. – Tresha pôs uma mão no braço de Elissa como se fosse uma criança que pudesse fugir para a rua. – Que conste – disse Tresha, dirigindo-se às

presentes – que não foi provada qualquer conspiração.

Muitas conselheiras acenaram afirmativamente e outras franziram a testa. Por uma vez na vida, Elissa sentiu-se grata por ter a mão da mãe no seu braço. Aquele sítio era mais perigoso do que qualquer rua ocupada e Tresha tinha o respeito, mesmo que não tivesse a lealdade, de todas as mulheres ali presentes.

– Deferido. – O desagrado não abandonou a expressão de Cera enquanto batia com o martelo. Cera e Jone partilhavam opiniões, mas nem assim aceitariam violar regras do conselho e ignorar precedentes. Pelo menos, enquanto Tresha controlasse uma ligeira maioria dos votos.

– Claro. – Jone manteve-se fria. A semente tinha sido lançada. – Permite-me escolher melhor as palavras. Sabias que Arlen Fardos era o Homem Pintado antes do seu encontro com o duque?

A mão de Tresha apertou-lhe o braço, mas Elissa sentiu que se sentava um pouco mais alta. Não mentiria ao conselho nem renegaria o seu filho adotado, independentemente do que acontecesse.

– Sim – respondeu. – Arlen Fardos era o meu filho adotivo. Revelou-se-me pouco depois de regressar a Miln.

Ouviram-se murmúrios da assistência depois daquilo. Tresha não pareceu agradada com a resposta, mas não disse nada.

– Admites ter ludibriado Sua Senhoria? – insistiu Jone.

– Como o ludibriei? – replicou Elissa. – Sou uma Mãe Mercadora sem qualquer lugar na corte de Sua Senhoria. Se não vos parece necessário investigar o passado de alguém que pede audiência na corte, não vejo como isso possa ser responsabilidade minha.

– Perfeito. – Tresha afrouxou os dedos enquanto sussurrava.

– Mas o teu marido é membro da corte de Sua Senhoria, não é? – perguntou Jone.

– Claro. – Elissa percebia onde queria chegar com aquilo.

– E o mestre de guilda Ragen estava presente quando Arlen se revelou a ti? – perguntou Jone.

– Não – disse Elissa.

Jone franziu a testa.

– Mas sabia...

A mão de Tresha voltou a apertar.

– Que conste. Nenhum homem ou mulher estará obrigado a testemunhar no conselho contra o seu cônjuge.

– Referir isso apenas a faz parecer culpada – referiu Jone, reagindo aos murmúrios na câmara.

– Contornar as regras faz com que pareças não ter provas reais – contrapôs Tresha, intensificando o burburinho de conversas sussurradas.

– Basta. – Mãe Cera bateu com o martelo, pedindo silêncio. – Mãe Elissa não está aqui para testemunhar contra o seu marido. Ou a favor dele.

– Nesse caso, terminámos por hoje – disse Tresha, apertando com força o braço de Elissa.

Cera apontou-lhe o martelo.

– Não és a Oradora hoje.

Tresha não se deixou intimidar.

– Não, mas a minha filha respondeu a todas as perguntas das Mães durante quatro horas. A não ser que Mãe Jone queira acrescentar mais tentativas de forçar factos, proponho que encerremos os trabalhos por hoje, permitindo a Mãe Elissa, que acaba de regressar à cidade com grande risco, voltar para a família e para a casa que não viu durante meses.

– Apoiado – disse imediatamente a baronesa Cate.

Houve amplo consenso de que chegava por um dia. Elissa via nos olhos de muitas das Mães que estava muito longe de terminado, mas, pelo menos, poderia descansar.

– Obrigada – disse à sua mãe no caminho para a carruagem.

– Agradece-me vindo almoçar ao Pavilhão do Amanhecer – disse Tresha.

Elissa sentiu-se ficar tensa ao ouvir referir a sede ancestral do Condado da Manhã.

Estivera tão próxima da fuga.

– Aquele filho do Núcleo – rosnou Derek quando Euchor decretou um intervalo e foram dispensados da corte. – Chamar-me violador porque a filha do barão se apaixonou por um servo.

– Ficará tudo bem. – Ragen pousou-lhe uma mão no ombro. – Brayan não tem motivo para magoar Stasy e Jef. Não tardaremos a resolver isto.

– Palavras fáceis de dizer – comentou Derek. – Nem sequer posso vê-los sem me colocar outra vez nas mãos de Brayan. Na próxima vez, talvez nem a condessa Tresha consiga libertar-me.

– Não era uma ameaça vã – disse Malcum. – Brayan não receberá o seu correio ou entregas até o Conselho de Mães tomar uma decisão.

– Sim, mas quem poderá saber que decisão será essa? – perguntou Derek. – Nenhuma das velhas se importa com a minha família. Apenas se preocupam com formas de aproveitar isto para obterem vantagens políticas. Mãe Cera controla muitos votos. Juntamente com Jone, conseguirão superar até Tresha.

– Diga a política o que disser, não podem deter uma Mãe contra a sua vontade – disse Ragen. – Assim que Stasy testemunhar, não terão hipótese que não seja libertá-la.

– Então não deixarão que testemunhe – afirmou Derek. – Conheço Brayan. Primeiro, Stasy adoecerá misteriosamente e não poderá ser visitada por ninguém. A seguir, subornará alguém *imparcial* para a visitar e forçá-la a assinar uma declaração. Se exigirmos um julgamento, insistirá que seja no seu condado, onde todos os magistrados estão no seu bolso. Poderá não vencer um julgamento justo, mas conseguirá adiá-lo durante meses ou mesmo anos, voltando todos os oficiais contra mim. Tudo se resume a que é aristocrata e eu não. Não há solução para isso.

– Se chegar tão longe – Ragen baixou a voz –, adormecemo-los a todos com magia e arrombamos a porta. – Era uma sugestão desprezível, mas Derek endireitou as costas quando a ouviu.

– Magia? – perguntou Malcum.

– Temos mais do que apenas guardas para armar os teus Mensageiros – disse Ragen.

– Sim? – Malcum ergueu uma sobrancelha.

Ragen retirou o estilete de prata do bolso do casaco e passou-o a Malcum para que o inspecionasse. – Tem um osso de demónio no centro que irromperá em chamas se for exposto à luz do Sol, mas, coberto com ouro ou determinados outros metais, manterá o seu poder. Colocado dentro de armadura, quem a vestir conseguirá sacudir o tiro de uma lança da montanha ou suportar um murro de demónio da rocha no peito e sobreviver para contar a história. Colocado dentro de um virote, conseguirá atravessar uma parede de pedra.

Malcum olhou o estilete. A seguir, olhou Ragen.

– Se fosses outra pessoa qualquer, diria que tudo isso é merda de demónio.

– Se não tivesse sido isto a salvar a vida de todos nós na estrada, também não acreditaria – admitiu Ragen. – E também temos Lenhadores na minha mansão. Peritos em enfrentar demónios como Yon para treinarem os teus Mensageiros no uso de armas guardadas.

– Sim – disse Yon. – Ninguém consegue rachar demónios como os meus Lenhadores. Teremos muito gosto em ensinar-vos o que o Libertador nos

ensinou.

– Então é verdade – disse Malcum. – Os outeireiros acreditam que Arlen Fardos é o Libertador?

– O Senhor Fardos sempre o negou, mas que outra coisa poderá ele ser?

– Um bom homem – afirmou Ragen. – Que tenta servir o mundo e libertar-nos dos demónios.

Malcum moveu o olhar de um para o outro, incrédulo.

– É irrelevante. – Ragen aceitou o estilete de volta. – O que importa é que podemos armar e treinar os teus Mensageiros. A estrada é mais perigosa do que alguma vez foi. Se não acreditares em nada, acredita nisso.

Malcum acenou afirmativamente.

– Passarei a palavra. Talvez tenhas uma multidão à porta esta noite.



VINTE E UM

NEOCONDADO

334 DR

Elissa e a mãe sentavam-se com as costas direitas e os queixos erguidos, fitando o vazio pelas janelas da carruagem. Havia paz entre elas, mas era uma coisa frágil.

O Pavilhão do Amanhecer erguia-se diante delas e Elissa voltou a sentir-se como uma criança quando passaram pelo grande portão. O pavilhão era uma relíquia do velho mundo, parcialmente destruído no Regresso e reconstruído uns cem anos depois pelo primeiro conde do Amanhecer.

Todos os criados se voltaram quando Elissa chegou. À frente, vinha Mãe Soren, que fora precetora de Elissa uns trinta anos antes. Elissa lembrava-se dela de um ponto de vista de criança, como uma mulher imensa e poderosa, mas, na sua velhice, parecia pequena e frágil.

– Mãe Elissa, minha querida. Bem-vinda a casa. – Soren abriu os braços e Elissa encaixou-se entre eles, abraçando-a com força. Fora severa, mas mais maternal que Tresha. Havia outras faces ávidas na multidão, algumas de amigos de infância e outras de criados estimados. Aquela gente era mais a sua família do que a sua mãe e as suas irmãs mais velhas, casadas com barões locais quando ainda era uma criança.

– Tive saudades tuas – disse Elissa enquanto Tresha era ajudada a descer da carruagem pelo cocheiro. Mãe Soren e os outros criados ficaram hirtos, olhando bruscamente para diante. Daí em diante, Elissa e a sua mãe caminharam em silêncio junto a uma linha solene de faces rígidas como pedra.

Momentos depois, estavam sozinhas no salão. A divisão estava como Elissa a lembrava. Tão limpa que se tornava estéril e abafada com calor elétrico. Mãe Tresha tinha sempre frio.

Não havia mais ninguém ali, mas Elissa percebia qua os criados tinham acabado de sair. Uma chaleira fumegava, colocada em formação minuciosa com duas chávenas de porcelana acabadas de encher. Sanduíches finas e outras pequenas iguarias tinham sido dispostas num padrão, cada um formando uma ilha própria sobre o mármore estéril do tampo da mesa.

Dois copos de cristal formavam um triângulo com um balde de cristal contendo gelo. Vapor erguia-se ainda do gargalo da garrafa aberta de vinho de verão rizonano no interior. Os copos estavam cheios. Uma campainha de prata muito polida esperava para o caso de precisarem de mais alguma coisa.

Elissa sorriu, reconhecendo a obra da chefe das criadas.

– Mãe Kath é mais velha que Soren, mas mantém os seus dotes e a sua invisibilidade.

– Os criados devem ser invisíveis, a não ser que precisemos de alguma coisa. – Tresha foi direta à sua cadeira preferida e sentou-se. Um tabuleiro de porcelana esperava já sobre a mesa a seu lado, com as sanduíches preferidas da condessa e uma chávena de chá duplamente adoçado e misturado com leite. – Não quero que pairem à minha volta dia e noite.

Que forma de vida tão triste e solitária. Elissa foi sensata e não o disse. Estendeu a mão para o vinho.

– Não ficam tão entusiasmados por me verem como a ti, claro. – Tresha alcançou uma minúscula sanduíche repousando sobre um leito de delicado papel dobrado para lhe permitir manter os dedos imaculados. Comeu-a como uma ave, com dentadas rápidas e eficientes. Só o papel custava mais do que o salário mensal da maioria dos criados.

– Talvez se te desses ao trabalho de aprender os seus nomes. – De alguma forma, Elissa esvaziou o copo e estendeu a mão para outro. A sua mãe arqueou-lhe uma sobrancelha, mas Elissa ignorou-a.

– Conheço os seus nomes. – Tresha amarrotou o papel. – Quem achas que lhe tem pago os salários durante todos estes anos? Mas que sei eu? Deixaste os teus filhos com os criados durante quase um ano.

– É isso o que te enfurece agora? – perguntou Elissa. – Que diferença teria feito? Deixaste que os criados me criassem.

Tresha apontou-a com um movimento da mão.

– E vê o resultado.

– Nunca viste Marya e Arlen fora de jantares de Solstício. – Elissa conseguiu manter a voz calma, mesmo que a sua mãe lhe testasse os limites. – De repente, queres que pairem à tua volta dia e noite?

– Claro que não – ripostou Tresha. – Mas conheço membros da direção de todas as grandes academias. Poderia...

– Tê-los acolhido durante tempo suficiente para os enviar para a escola – disse Elissa. – Nunca os conheceste realmente. Ou a mim.

Tresha ergueu a chávena de chá e soprou-a. Elissa pestanejou.

– Deixas isto passar? Da última vez que falei assim, partiste-me um prato na cabeça.

Tresha suspirou e bebeu o chá.

– Demoraste tempo suficiente, mas passaste a ser uma mãe. Já não te posso tratar como uma filha. Vem sentar-te comigo.

Elissa assim fez e, durante algum tempo, foi como o percurso na carruagem. Bebeu o vinho e fitou o vazio enquanto a sua mãe comia pequenas sanduíches em silêncio. Elissa terminou o seu segundo copo e ergueu-se para encher o terceiro.

– Posso chamar alguém – disse Tresha.

– Consigo encher um copo de vinho sem ajuda, mãe. Aprendi muitas coisas quando os criados me criaram. – A farpa saiu-lhe sem intenção. Era mais como a sua mãe do que queria admitir.

O tilintar da chávena sobre o pires demonstrou a irritação da sua mãe.

– Devias sentir-te grata por o teu pai não estar vivo para te ouvir a falar-me assim.

– Quando o pai estava vivo, não precisava de o fazer – disse Elissa.

– Claro. O teu pai era uma dádiva do Criador. – Tresha riu-se. – Tal como o teu filho adotado. Tal como o Mensageiro por quem te perdeste. Acreditas que todos os homens de quem gostas são o Libertador, querida?

Elissa fungou, mas arregalou os olhos ao reconhecer o padrão no seu copo.

– O cristal bom? Pensei que isto fosse apenas para visitas da nobreza.

– És nobre – afirmou Tresha.

– Não foi o que me disseste quando casei com Ragen. – Elissa ergueu a voz, transformando-a num guincho. – *Casa com aquela ratazana suja da estrada e*

renego-te! Vê se gostas de viver como mercadora!

– Nunca o fiz – declarou Tresha.

– Hã? – Elissa parou a meio de um gole.

– Nunca te reneguei – clarificou a condessa. – Não assinei quaisquer papéis. Não registei quaisquer documentos. Imaginas o escândalo que seria?

Elissa mal conseguia acreditar no que ouvia. Olhou o copo na sua mão. Já tinha terminado o terceiro copo de vinho?

– Dizes-me que, nestes anos todos...

– Viveste como mercadora por escolha – clarificou Tresha. – Para poderes voltar para casa, bastaria que tivesses pedido desculpa.

Elissa rangeu os dentes.

– Que motivo tinha para pedir desculpa? Ragen é um bom homem! Vale dez vezes os dois barões idiotas que casaram com as minhas irmãs!

Tresha pousou a chávena e o pires sobre a mesa e ergueu-se, rígida, mesmo sendo mais baixa do que Elissa.

– Tens razão.

– O quê? – perguntou Elissa.

– Peço desculpa – disse Tresha. – Ragen revelou ser melhor marido do que imaginei.

Elissa permaneceu em silêncio atordoado por um momento. A seguir, olhou em redor.

– Não admira que não quisesses ninguém por perto para ouvir.

– Admito quando estou errada. – Tresha usou os dedos para retirar uma partícula de pó do vestido. – Aproveita enquanto podes, querida. Atrevo-me a dizer que poderás não viver tempo suficiente para assistires a isto duas vezes.

Elissa abanou a cabeça.

– Devia ter percebido que nunca renegarias a tua própria filha.

Tresha riu-se.

– Renegar-te? Não. Deserdar-te? Certamente.

– Nunca quis ser condessa – disse Elissa.

– E as tuas irmãs queriam-no demasiado – replicou Tresha. – Mas são umas desmioladas. Preferia deixar o título reverter para a coroa para ser entregue a qualquer tolo a quem Euchor deva favores em vez de permitir que qualquer uma delas ficasse com ele. És a única do meu sangue que conseguiu ser alguém.

– Criador, mãe! – exclamou Elissa. – Não podes dizer que tiveste saudades minhas? Que queres conhecer os teus netos? O teu orgulho é tão alto coma muralha da cidade?

– Se o meu é uma muralha, o teu é uma montanha – disse Tresha. – Desperdiçámos anos com esta quezília. Anos que não recuperaremos. A magia pode reduzir-te as rugas, mas os anos continuam a pesar-me. Sou uma velha moribunda e teimosa.

Elissa sentiu algo abalá-la, virando-se e pegando no braço da mãe.

– Que dizes? Não és assim tão...

Tresha riu-se.

– Conclui essa frase, suplico-te! Sê sincera comigo e sê-lo-ei contigo.

Olharam-se durante algum tempo e acabaram por afastar os olhares em simultâneo.

– Que é? – perguntou Elissa. – Foste vista por uma Herbanária?

– Cancro – disse Tresha. – E, sim, as melhores mentes de Miln marcharam pelos meus portões dentro e vasculharam a Biblioteca durante meses.

Voltou para a sua cadeira preferida e sentou-se.

– Ninguém no mundo será mais conhecedor que as Herbanárias milnesas – disse Elissa. – Mas o que conseguem fazer empalidece em comparação com as curandeiras de Krasia e do Outeiro.

Tresha abanou a cabeça.

– Não quero qualquer envolvimento com a tua magia demoníaca.

– Não é magia demoníaca – negou Elissa. – É apenas magia. Vem do Núcleo. Os demónios apenas evoluíram para conseguirem absorvê-la.

Tresha arqueou a sobrancelha.

– Tens provas?

Elissa inspirou fundo.

– Existem indícios, mas não provas. Ainda aprendemos...

– Não serei uma cobaia, arriscando a minha alma sagrada – disse Tresha. – Testa as tuas teorias com combatentes feridos, se precisares de o fazer. Testa-as com mendigos e criados. Mas não em mim. Vivi a minha vida e estou cansada, Lissa.

Pousou dedos ossudos e frios sobre a mão de Elissa.

– Os vossos nomes estão nos lábios de todos em Miln. A riqueza é tão boa como a nobreza e poucos homens serão mais ricos que Ragen. Com um punhado de moedas e alguns traços e caneta, posso anunciar-vos aos dois como meus herdeiros e nem o próprio Euchor conseguiria travá-lo.

Elissa pousou uma mão sobre a mão da mãe, tentando partilhar com ela o seu calor.

– As minhas irmãs odiar-me-ão.

– *Bah!* – disse Tresha. – Já te odeiam! E a mim. Aquelas duas e os seus maridos gananciosos alimentam-se de ódio como se fosse pão. Odeiam todos os que estão abaixo deles por serem inferiores e todos os que estão acima deles por serem superiores. Odeiam em igual medida o sol e as nuvens. Que fiquem com o seu ódio. Não lhes confiarei o Pavilhão do Amanhecer ou o povo do Condado da Manhã.

Elissa sentiu as pernas fraquejarem e sentou-se.

– Eu... terei de falar com Ragen.

– Claro. – Tresha agitou a mão como se enxotasse uma mosca. – Mas ambos sabemos que teria de estar drogado com tampereira para rejeitar isto. – Bebeu o chá. – Confia em mim. É mais fácil fazer as coisas quando temos o apoio de um país inteiro. Reclama o teu direito de nascimento. Se te preocupas realmente com esta cidade e com as pessoas que nela vivem, poderás fazer mais por elas na corte do duque do que na vossa Bolsa de Guardas.

Elissa baixou o olhar por instinto, passando os dedos sobre o estilete de prata pendurado do seu cinto. Seria verdade ou haveria outro caminho reservado para ela?

Tresha percebeu o movimento.

– Se não o fizeres por isso, fá-lo para poder passar os meus últimos meses com os meus netos!

Elissa sorriu e, de repente, tudo pareceu claro.

– Como a condessa desejar.

* * *

O órgão começava a tocar quando Ragen chegou ao topo da colina onde se situava a Grande Biblioteca Catedral de Miln. Não tardaria a começar a canção do ocaso, anunciando a última hora antes do recolher.

Voltaria a tocar ao anoitecer, ao amanhecer e ao meio-dia. As montanhas que funcionavam como cenário atrás da catedral funcionavam como uma espécie de concha acústica de Jogral, ecoando a música com tal intensidade que a cidade inteira a ouvia.

A Biblioteca era uma das poucas estruturas que restavam do velho mundo. A única em Thesa que tinha sobrevivido intacta ao Regresso, protegendo o conhecimento no interior enquanto os demónios queimavam o velho mundo em redor.

Havia ruínas do velho mundo por toda a parte para quem soubesse procurar, mas restavam apenas algumas estruturas que continuavam a ser usadas nas Cidades Livres. A Grande Biblioteca de Miln era a mais grandiosa de todas e esse era um facto que qualquer criança de qualquer escola saberia recitar, mas a maioria dos alunos e Protetores que se moviam sobre os grandes degraus estavam habituados a vê-la, nunca tendo visto nada com que pudessem estabelecer uma comparação.

O mesmo não se aplicava a Ragen. A Grande Catedral de Angiers. O Mosteiro da Aurora. O Templo do Horizonte. Só o Sharik Hora era maior, mas nem esse edifício conseguia igualar a beleza estética pura da Biblioteca, erguendo-se contra as montanhas gémeas atrás, recordando a todos os que se aproximassem que, sendo verdade que o conhecimento era poder, era uma dádiva de um poder mais elevado ainda.

Dizia-se que o verdadeiro poder do Sharik Hora residia dentro das suas paredes, no sítio adornado com os ossos de guerreiros caídos. Ragen, um chin, nunca fora autorizado a vê-lo por dentro. Mas como poderiam ossos comparar-se ao conhecimento precioso ali protegido? Conhecimento que mantivera Miln como a maior potência de Thesa durante tantos anos.

Rodeava-a um recinto amplo, albergando as escolas de Mães e Herbanárias, bem como outras instituições de ciência e ensino. A Escola de Acólitos alojava-se nas caves da catedral, nas profundezas da colina.

Não havia muralhas no topo da colina, cercado por estátuas de pedra com dez metros de altura, representando os Guardiões, duques de Miln desde a morte do rei de Thesa no Regresso. Os escudos e armadura dos Guardiões, bem como os grandes pedestais de mármore estavam inscritos com poderosas guardas eclesiásticas.

As guardas eclesiásticas não eram diferentes das que eram negociadas pela Guilda dos Guardadores. Eram mais belas e complexas e teciam redes de poder incrível. Tais guardas não se limitavam a barrar a entrada de demónios, conseguindo refletir contra o nuclita a força de qualquer ataque contra e, em alguns casos, invertê-la. Ragen vira um demónio da chama cuspir saliva flamejante contra guardas eclesiásticas, com o muco ardente ricocheteando e atingindo-o na cara, congelando os pontos que tocava. O demónio tinha guinchado e fugido para a noite. Havia relatos de demónios que tinham morrido após chocarem insistentemente contra as guardas de um Protetor experiente.

Juntas, as estátuas do anel formavam a rede mais impenetrável em Miln. Se o resto da cidade caísse, aquele sítio seria a sua última esperança.

Mas, naquele momento, tudo isso empalidecia em comparação com o órgão que ganhava vida. Ragen pretendia ir diretamente à Biblioteca, mas deu consigo atraído por aquele poder.

A catedral estava cheia de devotos e a sua passagem foi acompanhada por olhares e sussurros. Mães, Herbanárias e Protetores fingiram não olhar. Para lhes escapar, mostrou o seu alfinete de mestre de guilda para aceder ao balcão mais alto, onde o organista se sentava com vista sobre a nave apinhada. Em baixo, via o Protetor Ronnell terminando o serviço religioso.

O organista não era um acólito ou sequer um Protetor, mas sim a filha de Ronnell, Mãe Mery. Ragen viu os seus dedos hábeis deslizarem sobre os teclados sobrepostos tão facilmente como um rio fluiria sobre pedras. Os seus sapatos estavam sob o banco enquanto pressionava os pedais com pés ligeiros e descalços.

O som ecoava pela nave, subindo ao teto em cúpula trinta metros acima, pintado como um céu montanhoso. A canção vibrara pelo seu corpo, dos ossos aos tomates, desde as suas memórias mais remotas. Sentia lágrimas enchendo-lhe os olhos, percebendo como estivera perto nos meses anteriores de nunca voltar a ouvi-la.

Mery terminou de tocar, cobrindo com reverência os teclados do órgão. Calçava-se quando Ragen se aproximou.

– Foi maravilhoso – disse-lhe.

– Mestre de guilda Ragen! – Mery deu um saltinho e voltou a sentar-se no banco, com um sapato voando.

Ragen apanhou o sapato por reflexo, ajoelhando-se para que lhe enfiasse o pé.

– Apenas Ragen. A não ser que insistas que te chame Mãe.

Mery abanou a cabeça.

– Claro que não. Não falamos há muitos anos. Não queria presumir nada.

– Os anos não importam – disse Ragen. – Passaste tempo suficiente sob o nosso telhado quando eras jovem para que Elissa e eu te consideremos sempre parte da família.

Mery corou e baixou o olhar.

– Obrigada, mest... Ragen. Isso é muito importante para mim.

– A tua música levou-me lágrimas aos olhos – disse Ragen. – Não percebi que eras tu durante este anos todos.

– Só toco nos serviços oficiados pelo meu pai – referiu Mery. – Cada acólito treina com o órgão, mas só começam quando professam os seus primeiros votos

aos catorze verões. O meu pai começou a ensinar-me sentada no seu colo antes de conseguir chegar aos pedais.

– Devo dizer que se nota – disse Ragen. – Ouvi o coro cantar no Templo do Horizonte e o chamamento dos dama para a oração no alto dos minaretes do Sharik Hora, mas nada capaz de abalar o solo e fazer vibrar os ossos como o órgão de Miln tocado por um intérprete dotado.

– Obrigada – agradeceu Mery.

– Todos aqueles anos – disse Ragen, rindo-se – em que ouviste Jaik esforçar-se para se manter afinado...

– A morder o lábio. – Mery riu-se. – Sabia que não queria realmente tornar-se Jogral. Era Arlen quem queria acreditar com tamanho desespero.

O nome foi como um vento frio soprando entre eles. O sorriso desapareceu dos lábios de Mery.

– Que te traz à Biblioteca? Vi a coleção privada da tua mansão e não lhe fica atrás.

– Venho ver o teu pai – disse Ragen. – Tenho uma mensagem para ele.

– Posso entregar-lha, se desejares – ofereceu Mery. – Resta uma hora até ao anoitecer e de certeza que estarás desejoso de voltar para casa depois de tantos meses fora.

– É verdade – concordou Ragen. – Mas esta mensagem é pessoal e destina-se exclusivamente ao teu pai. Foi-me confiada pela condessa Papel do Outeiro e é meu dever como Mensageiro depositá-la nas suas mãos e em nenhumas outras.

– Claro. – Mery levantou-se. – Posso levar-te até ele. – Ragen via as engrenagens movendo-se atrás dos seus olhos. Corria um risco por confiar nela.

O gabinete de Ronnell ficava no alto, sobre os corredores da Biblioteca anexa, além de uma varanda estreita que permitia ao bibliotecário espreitar as dezenas de milhar de textos entregues ao seu cuidado.

Ronnell ainda não regressara quando Mery empurrou Ragen para o interior e fechou a porta.

– Disseste que a mensagem vem da condessa Papel do Outeiro? Há notícias de Arlen? Mais do que a versão oficial dos acontecimentos?

A intensidade repentina deixou Ragen agitado.

– De certa forma, mas não posso...

– Quem enviou a carta? – exigiu saber Mery.

– Mery, não posso...

– Quem?! – Calou-se no momento em que o Protetor Ronnell entrou no gabinete.

O Protetor olhou Ragen, chocado.

– Que significa isto?

– O mestre de guilda Ragen tem uma mensagem secreta do Outeiro. – Mery cruzou os braços de uma forma que lhe recordava Elissa quando fincava os pés. – Que entendeu que não deveria revelar na corte.

Os olhos de Ragen moveram-se para Mery.

– Podemos falar em privado, Ronnell?

Ronnell reconheceu a expressão na face da sua filha e acenou com a cabeça, resignado.

– Não guardo segredos da minha filha.

Ragen suspirou, retirando o envelope selado do bolso do casaco.

– É uma carta de Arlen Fardos.

Mery abriu a boca de espanto e Ronnell recuou um passo.

– Como é isso possível? Disseram-nos que caiu de um penhasco na batalha contra Ahmann Jardir. Ainda vive?

Ragen ergueu as mãos.

– Não sei dizer. Esta carta foi escrita pouco antes de partir para desafiar o demónio do deserto. Dizem-me que escreveu várias semelhantes para serem entregues na eventualidade da sua morte. Foi confiada a mestra Leesha, que ma confiou a mim. – Os olhos de Ronnell arregalaram-se e brilharam com uma centelha ávida quando estendeu a mão para a carta.

– Noite! – exclamou Mery, fazendo Ronnell afastar a mão. – Como se Arlen não tivesse provocado já problemas suficientes, envia cartas do além?

Ronnell segurou-lhe o braço.

– Talvez seja melhor dares-me um momento a sós com o mestre de guilda.

– Não – negou Mery. – Agora que sei que há uma carta dele, preciso de a ver.

– Compreendo. – Ronnell apertou mais o seu cotovelo enquanto a conduzia à porta. – Mas receio que a tua ligação com Arlen te entorpeça o juízo. Permite-nos um momento para...

Mery soltou o braço.

– Não, pela noite! Se tentares expulsar-me, irei diretamente até Jone. – Olhou Ragen. – Sem dúvida que ela e o Conselho de Mães terão muitas perguntas acerca do motivo para nem tu nem Mãe Elissa terem referido esta carta quando informaram a corte.

Ragen franziu a testa.

– Revelarás também o teu papel nesta suposta conspiração?

Mery olhou-o, surpreendida.

– O quê?

– Sei que Arlen se revelou a ti antes do seu encontro com o duque – afirmou Ragen. – Contou-nos o que aconteceu.

Ronnell olhou a filha.

– É verdade?

Mery fixou o olhar no tapete.

– Veio ver Jaik, creio, sem saber que éramos casados. E... fugiu quando abri a porta.

– Porque não me contaste? – perguntou Ronnell.

– Sinto muito – respondeu Mery. – Eu... corri atrás dele pelas ruas. Puxei-lhe o capuz e vi o que fez a si mesmo. Está... descontrolado, pai. Viste-o. Viste como se... mutilou. Como preferia viver entre os demónios do que entre os seus. É louco. E pensar que quis casar com ele...

– Mas não traíste a sua confiança – referiu Ragen. – Passaram-se meses antes que o duque descobrisse a sua identidade. Que pensas que farão se descobrirem que sempre soubeste?

– Ameaças a minha filha? – questionou Ronnell, abraçando-a enquanto a rapariga começava a chorar.

– Claro que não – negou Ragen. – Mas estamos numa casa sagrada de saber. Sejamos honestos. Disseste que não guardavas segredos da tua filha, mas isso não é inteiramente verdade, pois não? Ainda guardas um, como ela guardou um de ti.

Mery olhou para cima.

– Pai?

Ronnell soltou-a e enfiou a cabeça fora da porta para verificar se havia alguém no patamar. Fechou as portas pesadas de madeira dourada e retirou uma chave antiga do anel no seu cinto. O estalido da tranca ecoou pelo gabinete.

Ronnell olhou a filha.

– Também me procurou.

Mery abriu a boca de espanto.

– O quê?

– Depois de se encontrar com o duque e de lhe ter rachado o chão – disse Ronnell –, Arlen Fardos visitou-me aqui, neste gabinete. Disse-me que já tinha dado as guardas de combate a Ragen e desafiou-me a informar Sua Senhoria, dando-lhe tempo para as anular ou para retirar a sua oferta de acolhimento dos refugiados de Rizon.

– Não foi justo da parte dele colocar-te em tal posição – disse Mery.

– Foi – disse Ronnell. – Pediu-me que escolhesse entre a proteção do meu rebanho e o orgulho do meu soberano. Entre erguer-me na luz do Criador e esconder-me na sombra.

– Isso não nos torna cúmplices dos seus crimes – argumentou Mery.

Ronnell abanou a cabeça.

– Sua Senhoria discordaria. Mesmo que não o fizesse, o que fiz a seguir foi um crime dos mais graves.

Mery não disse nada, limitando-se a olhá-lo fixamente.

– O exemplar de Sua Senhoria de *Armas do Velho Mundo* não foi danificado por uma infiltração no teto – disse Ronnell em voz baixa.

– Isso quase te custou o cargo – observou Mery. – Uma vintena de escribas precisou de uma semana para o recriar. Pai, diz-me que não...

– Dei-lho – disse Ronnell.

– Porquê? – quis saber Mery.

– Porque é o Libertador. – Ronnell caminhou até à secretária, retirando o seu Cânone do pedestal. Abriu-o numa página marcada e começou a ler. *E a sua carne estará marcada e os demónios não suportarão olhá-lo e fugirão diante dele, aterrorizados*. Fechou bruscamente o livro.

– O Criador não o marcou – argumentou Mery. – Fê-lo a si próprio. Qualquer pessoa poderia ter feito o mesmo.

– Mas ninguém o fez, até à vinda de Arlen Fardos – disse Ronnell. – Foi o primeiro.

Mery abanou a cabeça.

– Acredito no Cânone, pai. Acredito na Praga e acredito que um Libertador virá, um dia. Mas nucleada seja se acreditar que é Arlen Fardos.

– Não blasfemes neste local sagrado! – bradou Ronnell, fazendo Mery baixar o olhar. – Sei que é difícil para ti, mas passei quase um ano a pensar no assunto e acredito de alma e coração. Arlen Fardos é o Libertador, enviado pelo Criador para pôr fim à Praga. Recorda os seus milagres.

Até Ragen arqueou uma sobrancelha ao ouvir aquilo.

– Milagres?

– Suportou a noite desprotegida quando era um rapaz, cortando o braço de um demónio da rocha.

– Ouvi essa história mil vezes dos seus lábios – disse Mery. – Foi salvo pela sorte e foi a sua estupidez a colocá-lo em perigo.

– Trouxe-nos vidro guardado e construiu a bolsa que Ragen administra – acrescentou Ronnell.

– Fazem guardas diferentes nos povoados – respondeu Mery. – Tudo o que fez foi anotá-las e vendê-las.

– Salvou o Outeiro – declarou Ronnell. – Muitos contam que se ergueu no céu, projetando relâmpagos das mãos e salvando milhares.

– Merda de demónio – disse Mery. – São histórias de taberna. Contos de tampereira para embelezar uma batalha.

– Matou o demónio do deserto – disse Ronnell.

– A única coisa verdadeiramente boa que fez – disse Mery. – Atirando-o de um penhasco e acompanhando-o na queda.

– Basta! – bradou Ragen. – Podes ser Mãe, Mery, mas comeste à minha mesa quando não passavas de uma filha. Alguma vez te desrespeitei de algum modo?

Mery abanou a cabeça.

– Peço desculpa. Foi... indelicado da minha parte.

– Indelicado é pouco – ripostou Ragen. – Lamento que Arlen te tenha partido o coração quando se foi. Também partiu os nossos. Mas conheceste o homem bondoso que era. Não permitirei que digas mentiras a seu respeito.

As palavras abalaram Mery e, por um momento, não teve resposta, dividida entre lealdades. Como Mãe, devia lealdade ao conselho. Como filha, ao seu pai. Mas, por si só...

Ragen voltou a erguer a carta.

– Preferem continuar a especular ou desejam ler as suas palavras?

Ronnell aceitou a carta e Mery aproximou-se enquanto partia o lacre. Ragen nunca achou que se parecessem muito, mas, quando inclinaram as cabeças exatamente no mesmo ângulo para lerem, a semelhança foi inegável.

Verão, 333 DR

Protetor Ronnell

Não sou crente.

Nunca acreditei que os nuclitas fossem uma praga enviada pelo Paraíso. Nunca acreditei que um Criador que nos amasse pudesse sujeitar o Seu povo a tal horror. Nunca acreditei num Libertador. Esperar que alguém resolva os nossos problemas serve apenas para permitir que infetem.

Mas estes últimos anos ensinaram-me que há algo em que acredito. Acredito que chegou o momento de a humanidade se erguer. Acredito que conseguiremos expulsar os demónios e reconquistar o nosso mundo.

Sabem que ficamos mais fortes. Sabem e reúnem os seus exércitos. Haverá tempestades e terramotos nos próximos meses. Tu e Ragen conhecem magia para se defenderem deles, mas precisarão de mais do que guardas. Precisarão de fé. Fé na capacidade de ultrapassarmos as nossas diferenças, unindo-nos contra os nuclitas. Fé na importância de cada vida e nesta luta que travamos não apenas por nós, mas para permitir abrigo aos que não podem lutar.

O meu amigo Rojer descobriu uma forma de repelir demónios sem guardas. Se o Criador existir e falar com alguém, falará com ele. Juntamente com esta mensagem, encontrarás pautas da sua música para ensinares ao teu coro a Canção da Lua Nova. Com ela, até os fracos poderão ter poder. Usa-a quando a Lua Nova chegar e quando a escuridão for mais completa.

Amanhã, enfrentarei Ahmann Jardir em batalha. Não sei se sobreviverei, mas acredito que não importará. O que começou é maior que eu.

Arlen Fardos

– Aí está. Nas suas próprias palavras. – Mery apontou o papel. – Não é o Libertador.

Ronnell abanou a cabeça.

– As suas palavras não mudam nada. O Libertador é um agente de mudança. Não poderá cumprir a sua função se acreditar nos velhos costumes. Veio mostrar-nos os novos.

– Que tolice – considerou Mery. – Tempestades e terramotos? Coros mágicos? Arlen sempre teve delírios de grandeza, mas isto ultrapassa tudo.

– Acreditas que é coincidência que os demónios nos seguiam pela estrada durante o nosso regresso a Miln? – perguntou Ragen. – Que destruíram abrigos entre Miln e Angiers, matando dúzias de Lanças da Montanha? Pergunta aos sobreviventes se havia magia na música de Keerin nessas noites.

Mery olhou o pai.

– Que farás?

– Falarei com o mestre do coro – disse Ronnell. – Ordenarei aos meus Protetores e acólitos que comecem a usar as novas guardas que lhes ensinei. – Olhou o papel nas suas mãos. – E tenho um sermão para escrever.

– Teríamos de viver com ela?

Elissa riu-se da resposta contida de Ragen às notícias.

– Não, mas teremos de a ver com regularidade. A minha mãe manterá o título e o Pavilhão do Amanhecer durante a transição. O poder não será transferido na sua totalidade para nós até à sua morte. Poderemos decidir nesse momento se desejamos mudar-nos para a casa onde residiu a minha família nos últimos duzentos anos.

Ragen fez uma careta.

– Pensei que odiasses o sítio.

– Odiava a minha mãe – disse Elissa. – Durante muito tempo, ela e aquele edifício eram a mesma coisa. Mas agora...

– Teremos títulos? – perguntou Ragen.

Elissa sorriu.

– Serias o mestre de guilda Ragen, neoconde da Manhã.

Ragen assobiou.

– Soa-me bem. A tua mãe pode deixar-te a liderança do conselho?

Elissa abanou a cabeça.

– Só os votos maioritários das Mães podem fazer isso. Mais motivos para começar cedo a transição.

Ragen suspirou.

– É bom que Derek se tenha tornado incrivelmente rico. Pode ser o único em Miln a quem venderia a minha casa.

Elissa abraçou-o e Ragen apertou-a contra si até ouvirem bater à porta.

– Sim? – disse Elissa.

Margrit entrou.

– Perdão, mas os Mensageiros chegaram.

– Obrigado por responderem ao meu chamado. – Ragen passou entre as fileiras de homens no pátio. Como Malcum tinha advertido, quase todos os Mensageiros de Miln ali estavam, juntamente com os homens e mulheres mais capazes da Guilda dos Guardadores. – Durante demasiados anos, os Mensageiros foram

forçados a encolher-se dentro dos nossos círculos, à noite, incapazes de nos defendermos se os demónios conseguissem entrar. – Havia muitas caras familiares nas fileiras, incluindo alguns que se tinham aposentado há muito, atraídos por rumores do poder rejuvenescedor da magia.

Ragen escolheu uma das lanças que Elissa tinha equipado com hora, erguendo-a e manipulando a rede com os dedos para fazer as guardas brilharem intensamente no pátio iluminado pela última luz do dia.

– Esses dias chegaram ao fim. – Bateu com a lança sobre as lajes do chão enquanto exclamações de espanto alastravam pela multidão. – Cada um de vós receberá uma arma guardada e treino para saber usá-la. Mantenham-na perto à noite. Mesmo quando estiverem atrás de guardas. Mesmo dentro das muralhas de Miln. Mesmo nas vossas casas.

Não eram apenas Mensageiros e Guardadores os que o ouviam. Um grupo cético de Herbanárias lideradas por mestra Anet erguia-se de um dos lados e Keerin e os seus aprendizes estavam no lado oposto. Até o Protetor Ronnell tinha violado o recolher com um grupo escolhido a dedo de Protetores e acólitos para testemunharem o que ali acontecia.

Mãe Mery estava ausente.

– Lutaremos nos nossos quartos? – perguntou uma Mensageira. Era grisalha e tinha pele como couro curtido, aposentada há anos.

– Rezo ao Criador para que não seja necessário – disse Ragen. – Tal como nenhum de vós será forçado a sair para a noite em busca de sarilhos. Também não tenho qualquer intenção de o fazer.

Apontou a lança reluzente às suas muralhas.

– Mas não foi há muito que as muralhas de Miln sofreram uma brecha e os demónios tornam-se mais fortes. Um a um, os abrigos de Euchor silenciar-se-ão. Não duvidem. Os nuclitas vêm a caminho de Miln. Haverá tempestades e terramotos. Precisamos de estar prontos para eles.



VINTE E DOIS

O LIMIAR DO ABISMO DE NIE

334 DR

As tatuagens de Briar há muito tinham sarado, mas continuava a sentir comichão nas palmas das suas mãos. Era uma recordação constante das guardas que continuavam lá, sob o pano sujo.

Como se pudesse esquecer.

Tentou resistir ao poder que representavam, mantendo-as ligadas e usando a sua lança. Mas, mesmo através da haste e das camadas de tecido, a magia continuava a passar-lhe para as mãos quando golpeava um demónio. As guardas sugavam-na avidamente, proporcionando um prazer viciante que o fazia procurar encontros com nuclitas que, de outra forma, teria evitado.

E, de cada vez que pensava nas tatuagens, pensava em Stela Estalagem e na noite que tinham passado no espinheiro. Stela Estalagem, nua e coberta com sangue de demónio. Stela Estalagem, de gatas com o Irmão Franq atrás dela.

Abanou a cabeça. *Preciso de tempo. De tempo e distância. Não me procurará tão longe.*

Parte dele desejava que o procurasse. Que o caçasse e voltasse a torná-lo seu. Parte dele seria sempre dela. Parte dele desejava que assim fosse.

Briar concentrou-se no seu dever. Quando a sua família morrera, todos tinham desistido dele com a exceção do Protetor Heath do Sapal. Depois da vinda dos

krasianos, a capitã Dehlia do Lamento do Sharum tornou-os aos dois membros honorários da sua tripulação. Disse-lhes que eram da sua família.

Chegara o momento de libertar a sua família. Os krasianos nunca tinham conquistado verdadeiramente Lakton e, com a destruição das forças de Jayan, a Doca ficava grandemente destruída. O capitão Qeran e os seus corsários tinham passado a dominar as águas, mas Briar sabia que os laktonianos tinham barcos de reserva. Se pudesse recolher informação suficiente, talvez conseguissem reconquistar a Doca.

E, assim, Briar partiu para recolher o máximo de informação possível antes de regressar. Avançou pelos arbustos na berma da estrada dos Mensageiros para sul, entrando sorrateiramente nos povoados pelo caminho e voltando a sair deles. Questionou contactos onde os tinha e ouviu a conversa nas praças e estalagens.

A maioria dos povoados na estrada para a Doca estava sob controlo do Outeiro, com tráfego considerável de bens, viajantes e patrulhas de Lenhadores. A condessa Papel expandia agressivamente as fronteiras como resposta aos saques dos Lobos de Everam.

Os Lobos eram uma unidade de cavalaria Sharum sob comando de um senhor da guerra krasiano chamado Jurim. Mantinham-se sempre móveis, nunca permanecendo mais tempo do que o necessário para saquear um povoado. Se tinham uma base, ninguém conseguia encontrá-la e o seu número era igualmente opaco. Poderiam ser duas centenas ou mais de um milhar.

Mesmo em território do Outeiro, Briar viu batedores dos Lobos espiando a estrada. Tinham-se tornado hábeis conhecedores das florestas, mas eram trapalhões e ruidosos pelos padrões de Briar. Facilmente poderia ter-se aproximado para os matar, mas não podia forçar-se a derramar sangue quando não havia uma ameaça imediata.

Era o medo dos Lobos que mantinha os povoados do lado krasiano da fronteira sob a lei evejana. Os laktonianos, superados em número pelos seus conquistadores krasianos, despojados de tudo após a Batalha de Angiers. Mas os que tentaram derrubar os dama locais sem ajuda do Outeiro tinham sido visitados pelos Lobos, sendo reduzidos a cinza e sangue.

O tráfego era menos intenso em território krasiano. As carroças de mercadores eram menos e os dama não permitiam que os chin viajassem entre aldeias. Quando Briar chegou à encruzilhada da Forquilha, a estrada dos Mensageiros ficou vazia.

Dirigiu-se para leste durante alguns dias para descobrir o que podia antes de se apresentar em Lakton. Mensageiros e patrulhas de Krasia passavam

ocasionalmente, mas, além disso, tudo permanecia pacífico. Nos povoados a leste da Forquilha, o controlo krasiano era mais firme depois de os rebeldes do príncipe Egar terem sido esmagados na Batalha da Doca.

Mas, mesmo que estivessem firmemente sob jugo krasiano, havia poucos Sharum nos povoados. Se os laktonianos atacassem naquele momento, não chegariam reforços.

Inverteu o rumo, dirigindo-se para a Doca. Trazia vestes negras de Sharum no saco, que poderia usar para entrar na cidade e explorá-la. Depois, seguiria junto à margem do lago para norte, até alcançar uma certa enseada escondida que a capitã Dehlia favorecia. Se movesse determinada pedra, esta notaria sem dúvida, enviando um barco para o transportar.

Mas, quando estava prestes a seguir por um atalho, um viajante solitário captou a sua atenção.

– Anoitecerá em breve – disse Ashia a Kaji.

Não era habitual que as Sharum'ting falassem em voz alta. Durante a última década, comunicara sobretudo com a linguagem gestual complexa dos eunucos mudos que serviam as dama'ting. Ela e as suas irmãs de lança não deviam ser vistas ou ouvidas. Apenas sentidas.

Mas deixara de ser uma mera Sharum'ting. Era uma mãe e o dever de uma mãe era ensinar a sua criança a falar.

– Precisaremos de acampar – aconselhou, pensando se haveria ouvidos escondidos por perto. Se tinham acabado de revelar demasiado dos seus planos. Viu um movimento ligeiro nos arbustos. Poderia ter sido um veado, uma sombra ou nada. O seu véu afastou-se e aproximou-se enquanto cheirava o ar.

– Ampar! – repetiu Kaji.

– Isso mesmo, querido! – As palavras, por menos naturais que lhe parecessem, ajudavam o seu disfarce.

As patrulhas Sharum perseguirão qualquer mulher que apanharem a viajar sozinha, dissera a Damajah. *Ou uma jovem mãe atraente, mesmo com o seu bebé. Mas uma velha sem formas aprazíveis viajando com o seu neto será invisível*.

E, assim, Ashia cobrira a armadura com vestes de dal'ting em pano tosco para lhe camuflarem as formas. Curvou-se, simulando o peso dos anos no seu porte. Um véu negro grosso escondia-lhe a cara e o cabelo. Maquilhagem à volta dos olhos colocava-lhe rugas sobre a pele suave.

As lâminas gémeas estavam encolhidas e embrulhadas em pano, funcionando como suportes para o saco sobre o qual Kaji viajava às suas costas. Conseguiria alcançá-las em segundos se precisasse delas, alongando as lâminas guardadas contidas nas hastes ocas com um movimento do pulso.

O acabamento espelhado do seu escudo de vidro guardado escondia-se sob uma camada de tinta aplicada para parecer bronze envelhecido. O tipo de escudo que qualquer família krasiana teria em casa, deixado por algum parente Sharum que tivesse percorrido o caminho solitário. Estava pendurado da sua sela. Ninguém se daria ao trabalho de o roubar.

De igual modo, a sua égua tinha sido cuidadosamente escolhida para parecer discreta. Trapos tinham sido atados às suas patas para esconder as guardas prateadas talhadas nos cascos. O seu nome, Rasa, significava *força escondida*.

Parecia apenas mais uma das incontáveis mulheres krasianas nas terras alagadas, enviuvada pela tolice do príncipe Jayan. Sem posses que merecessem roubo e com uma criança às costas, foi maioritariamente ignorada tanto por bandidos como por patrulhas Sharum.

A Damajah usou o brinco para verificar o seu progresso nas primeiras noites, mas Ashia há muito saíra do seu alcance. Chegariam à Cisterna de Everam em dois dias.

Ashia encontrou uma área de terra seca não muito longe da estrada enquanto o Sol se punha.

– Ampar! – gritou Kaji quando desmontou da égua.

– Isso mesmo – concordou Ahia. – Vamos acampar aqui. Que fazemos primeiro?

– Valo! – respondeu Kaji imediatamente. Treinavam sempre que anoitecia.

– Sim – disse Ashia. – Primeiro, tenho de prender o cavalo. – Não usou um martelo, cravando uma estaca no chão com um golpe preciso da palma da mão, como se golpeasse a própria Ala. – Que fazemos a seguir? – perguntou Ashia.

– Abigo! – gritou Kaji.

Ashia sorriu enquanto estendia no chão o seu círculo guardado portátil. Na noite anterior, tinha respondido à segunda pergunta com *valo*. Na noite antes dessa, nada. Compreendia-a suficientemente bem e cada noite colocava uma palavra nova nos seus pequenos lábios.

Pousou o saco e começou a dispor pedras para conter uma fogueira.

– Ampar! – Apontou a lenha que tinha reunido.

Ashia incendiou-a com o seu anel de rubi, que continha um pedaço de chifre de demónio da chama.

– Fogo.

– Ogo – concordou Kaji, arrepiando-a. Outra palavra nova. Era adequado. Aquele dia era especial.

Libertou Kaji das suas correias e ergueu-o do saco para lhe mudar o bido. Os olhos dela nunca se afastavam dos dele enquanto as suas mãos experientes se ocupavam da tarefa.

– É o dia do teu nascimento. – Aproximou Kaji de si. – Ala completou um círculo à volta do Sol de Everam desde a noite em que viste ao mundo. – Abriu a túnica para libertar um seio.

Ouviu-se um ligeiro movimento nas árvores. Ashia não reagiu, aproximando o filho da mama com palavras tranquilizantes, mas toda a sua atenção se focava nesse ponto. Olhos como os de um falcão não conseguiam ver indícios da presença de alguém. Ouvidos apurados esforçaram-se, mas não ouviu mais nenhum som.

Poderia ter sido qualquer coisa. O Sol ainda não se pusera e soube que não seria um demónio, mas poderia ser um pequeno animal. Uma noz caindo. Uma brisa ligeira.

Mas ali estava outra vez aquele cheiro. O que captara na estrada.

Esperou, acalmando a respiração enquanto forçava os sentidos, mas não havia nada que indicasse uma ameaça.

– A tua mãe vê inimigos por toda a parte – disse finalmente a Kaji. O rapaz não ouvia, mantendo os olhos fechados enquanto mamava. Ashia também se alimentou, ingerindo um dos pequenos e densos bolos de mel que as Sharum’ting usavam para manter as forças com ingestão mínima.

Quando Kaji terminou, deixou-o sobre um cobertor dentro do escudo redondo. Espreguiçou-se, finalmente livre do saco que lhe constrangia os movimentos, mas o balouçar do escudo mantinha-o confinado em segurança enquanto Ashia se ocupava de Rasa, retirando a sela e escovando-a.

Quando terminou de cuidar da égua, o céu escurecia. Talvez faltasse um quarto de hora para o erguer dos nuclitas. Ergueu Kaji do escudo e pô-lo de pé. Segurou-se à manga dela, mas fazia-o para se equilibrar e não para ter coragem. Durante os minutos seguintes, cambaleou alegremente pelo acampamento, arrastando a mãe consigo.

– Valo! – gritou, apontando Rasa.

– Sim, cavalo! – concordou Ashia, risonha.

– Ogo! – gritou ao fogo.

– Sim, fogo! – Ashia apertou-lhe ternamente a mão.

– Ampar! – gritou às guardas.

– Guardas – disse-lhe Ashia, passando um dedo sobre os símbolos.

– Gadas! – gritou Kaji.

Novo som. Ashia manteve a respiração regular, mas pegou em Kaji ao colo e moveu-o pelo ar. O rapaz guinchou de alegria enquanto o aproximava novamente da fogueira no centro do círculo.

Retirou do saco uma caixa cuidadosamente embrulhada.

– Tenho uma coisa especial para ti, meu filho. Um presente pelo dia do teu nascimento. – No interior, havia um bolo macio e amarelo. – A minha tikka fez isto quando era pequena e não houve nada de que mais tivesse gostado. Agora, fez um para ti.

Começou a cantar uma canção tradicional do dia do nascimento de uma criança. Ela e as suas irmãs de lança eram cantoras treinadas. Ashia raramente tinha oportunidades para usar o dom, mas nunca se sentia mais próxima de Everam do que quando cantava ao seu filho.

Outra vez o som entre as árvores. As moedas guardadas penduradas sobre a sua testa permitiam-lhe ver com a luz de Everam enquanto o Sol se punha, mas, mesmo com elas, não havia sinal de qualquer criatura na floresta.

Mas estava lá e era inteligente, ajustando os seus movimentos à canção para camuflar o ruído.

Parecia não ser alguém empenhado em fazer-lhe mal. Após alguns momentos, os ruídos começaram a afastar-se. Um espião a caminho de informar um superior?

O espião movia-se em uníssono com a sua voz, mas também com os ruídos produzidos por grilos e pássaros, com o guincho dos morcegos e o silvar do vento. Era sensível à harmonia noturna e não podia ser um mero animal. Um simples demónio. Um dos Vigias Krevakh da elite de Asome? Um feiticeiro dama?

Ou seria um dos alagai sem forma? Um dos kai. Ashia enfrentara um deles com Asome a seu lado, parecendo-lhe que tinha acontecido uma vida inteira antes. O demónio recuperou rapidamente até dos seus golpes mais violentos, duplicando e triplicando a intensidade dos ataques e fazendo crescer mais membros até deixar de conseguir esquivar-se ou defleti-los a todos.

Acabou por ser o seu marido a matá-lo. Ashia não sabia se teria conseguido triunfar sozinha. Fora um demónio semelhante a matar o seu mestre, Enkido.

Enquanto cantava, retirou as hastes das lanças de vidro guardado do saco do bebé, encaixando-as como se formasse uma bengala. Quando a canção terminou,

pousou o bolo diante de Kaji, que o olhou fixamente.

– Bolo – disse Ashia.

– Bo – disse Kaji.

– Come-se. – Ashia estendeu a mão e partiu um pedaço de bolo. Há quanto tempo não provava o bolo que tikka fazia? Há quase uma década. – Assim.

Levou o pedaço à boca. Macio, pegajoso e doce. Sabia a infância. A felicidade e segurança. Recordava a sua câmara de almofadas privativa repleta de sedas, veludos, tapetes ricos, cálices dourados e vidro tingido. Conversas fátuas com a multidão de raparigas que pareciam existir apenas para a lisonjear. A vida que vivia antes de ser levada para uma sobrevivência apertada sob o Palácio das Dama'ting.

Kaji riu-se, imitando-a da melhor forma que conseguia. Usou as duas mãos, prendendo o bolo esponjoso com punhos deleitados, deixando cair muito mais do que levava à boca. Ashia voltou a rir. Odiou Kajivah por a ter enviado a si e às suas primas para Inevera e voltou a odiá-la quando a afastou delas para casar com Asome. Mas e se todos esses momentos tivessem conduzido àquilo, ao som do riso de Kaji. Cada momento de sofrimento tornava-se justificado.

Mas, mesmo enquanto via o filho provar o bolo amarelo de tikka pela primeira vez, uma parte de Ashia acompanhava os movimentos do espião. Tinha-se afastado, mas não muito. Ainda conseguia cheirá-lo.

Ashia limpou a mão pegajosa de Kaji e aninhou-o num cobertor dentro do escudo. Mesmo que as guardas exteriores falhassem, o círculo sobre a aresta do escudo mantê-lo-ia seguro até conseguir chegar até ele.

Ergueu o bido sujo de Kaji.

– Podes aliviar-te dentro do círculo, meu filho, mas receio que eu não possa fazer o mesmo. – Beijou-o. – Volto já.

Moveu-se devagar, na eventualidade de continuar a ser observada pelo predador, fingindo precisar da bengala para se erguer. Arrastou os pés lentamente para fora do alcance da luz da fogueira, escondendo-se atrás de uma árvore.

Assim que ficou oculta, despiu a túnica exterior pesada, ficando vestida apenas com as suas sedas de Sharum'ting reforçadas com placas de vidro guardado, leves como uma pena. Ativou o seu hora de silêncio, não produzindo qualquer som enquanto subia a árvore e se escondia entre os ramos.

Kaji falava sozinho, como muitas vezes fazia, produzindo sobretudo sons indecifráveis. Ashia concentrou-se neles, movendo-se em uníssono com eles, como o predador tinha feito. Passou de árvore em árvore como um rouxinol

entre flores e, em breve, contornou o acampamento e embrenhou-se na floresta, avistando finalmente o espião.

Briar perdeu um dia, mas, mesmo que a sua informação fosse útil, ninguém o esperava em Lakton. A estrada não era segura para uma velha krasiana com uma criança. Os Sharum eram o seu inimigo. Tinha de acreditar nisso. Mas o seu lar não tinha sido invadido por mulheres e crianças.

A mulher impressionou-o e deixou-o um pouco desconfiado. Tinha as costas curvadas como se não tivesse força para se manter direita, mas caminhava o dia inteiro com uma criança às costas, parando apenas para o alimentar e para o mudar. Quando o dia se aproximava do fim, encontrava calmamente um local longe da estrada e acampava.

As mulheres krasianas eram duras. Faziam a maior parte do trabalho nas suas comunidades, geriam negócios, construíam edifícios, matavam gado e criavam as crianças.

O que não faziam era lutar. Não contra outros humanos e, certamente, não contra demónios. Aquela nem sequer tinha armas, apenas um escudo velho, e, mesmo assim, não parecia nada preocupada pela noite que caía. Até Briar sentia medo quando o Sol se punha. Era o motivo para continuar vivo.

Quem era aquela mulher? O rapaz seria o seu filho? Neto? Ou apenas outro órfão como Briar? Everam saberia que existiam histórias infindáveis de famílias destruídas por toda a terra. Os krasianos tinham afundado e capturado metade da frota de Lakton e dominado os povoados, mas não sem perdas terríveis. Iriam a caminho da Doca em busca do pai da criança?

Ou talvez a mulher trabalhasse para um orfanato? Uma espécie de Mensageira, transportando para as crianças que pudessem acolhê-las. Os krasianos acolhiam sempre os filhos dos Sharum que percorriam o caminho solitário e precisariam de repor os números depois das batalhas. Que família rejeitaria um filho krasiano saudável?

Mas, a partir do momento em que libertou o bebé do saco, Briar percebeu que não era isso. Fosse ela quem fosse, fosse o que fosse, o amor de uma mãe pelo seu filho era inconfundível.

Observou, deleitando-se com o som do rapaz gritando palavras em krasiano e com as respostas da mãe.

Relan insistiu que as crianças compreendessem quem era e de onde vinha. Ensinou-as a falar a sua língua, a cantar as suas canções, a dançar as suas danças.

Ensinou sharusahk aos filhos e procurou bons maridos para as filhas.

Briar começou a ouvir com frequência a língua do seu pai, mas sempre irada. Aquela mulher falava com alegria e riso, como Briar Damaj melhor a recordava.

Compreendeu nesse momento que alguém capaz de tamanho amor e de falar com tanta alegria, nunca poderia ser o seu inimigo. Pareciam dirigir-se para a Doca e decidiu acompanhá-los até chegarem em segurança, mesmo que isso o fizesse perder tempo. Vigiaria enquanto dormissem, afastando deles os nuclitas.

A mulher sentou-se com a criança e, quando Briar percebeu o que acontecia, tinha exposto um seio para o alimentar.

Briar sentiu-se corar, afastando rapidamente o olhar. Tarde de mais. A imagem ficou-lhe gravada a fogo na mente. Mesmo após vários momentos de respiração controlada, permanecia. Um seio jovem. O volume que a fazia parecer velha devia-se a uma segunda túnica que vestia sob a primeira. As vestes negras blindadas de um Sharum. Mais raro do que ver uma mulher com o escudo da família, mas não inaudito. Explicava parcialmente a sua calma perante a aproximação do anoitecer.

Briar ouviu movimento de pano quando o bebé terminou e atreveu-se a olhar outra vez a tempo de ver o rapaz segurar-se às vestes da mãe para se erguer. Segurou-se firmemente para não cair, cambaleando pelo acampamento, apontando e gritando as suas palavras. Briar aproximou-se mais, sem querer perder um momento que fosse.

Mas, nesse instante, a mulher levou o filho outra vez para perto da fogueira e começou a cantar uma canção que Briar não ouvia há anos. A canção do dia do nascimento, louvando Everam por conceder vida.

Quantas vezes a família de Briar tinha cantado aquela canção? Eram sete na casa dos Damaj.

A voz da mulher era a coisa mais bela e transcendente que Briar alguma vez ouvira, sem contar com o dueto interpretado pelas esposas de Meia-Mão no seu funeral. Perdeu-se no som, deixando que o envolvesse como um cobertor quente.

E, por um instante, recordou o som das suas vozes. O coro dos seus irmãos e irmãs. A voz grave do seu pai. E a mãe, liderando o coro como sempre fazia.

Engasgou-se, interiorizando o som e fechando os olhos quando os sentiu cheios de lágrimas repentinas. Tentou capturar novamente a memória, voltando a ouvi-los, mas desapareceu como fumo soprado pelo vento. Sentiu choro crescer-lhe no peito e soube que não conseguiria suprimi-lo durante muito tempo.

Sustendo a respiração, recuou tão depressa quanto conseguia sem dar nas vistas. Quando ficou suficientemente distante, encostou-se a uma árvore,

deslizando até ao chão e chorando.

* * *

Ashia olhou o espião, sem saber o que pensar.

Não era nenhum dama. A esse respeito, não tinha dúvidas. Era demasiado jovem e vestia apenas trapos imundos. Empunhava uma lança de guerreiro e um escudo, mas não parecia qualquer Sharum que Ashia alguma vez tivesse visto. As suas roupas tinham o corte nortenho, imundas com seiva e terra para se tornar praticamente invisível entre a vegetação rasteira, mesmo para quem olhasse com visão guardada.

Mas, próxima como estava, Ashia conseguia ver que a sua magia era forte, particularmente concentrada nas mãos. Tinha a cara tão suja com terra que era difícil perceber as suas feições. Poderia ser krasiano ou um hortelão de cabelo escuro que tivesse passado demasiado tempo ao sol.

Quem era? O que queria? E, em nome de Everam, porque chorava?

Captura-o e descobre.

Ashia segurou o bastão com mais força, mantendo as lâminas retraídas. Com a sua outra mão, puxou alguns centímetros de cordão de seda do carreto no cinto. Havia um ponto em que as linhas de poder convergiam na base do pescoço. Inclinando-se para diante, com a cabeça entre os joelhos, o espião tinha-lhe exposto esse ponto. Um golpe preciso conseguiria atordoá-lo durante tempo suficiente para lhe colocar a corda à volta dos pulsos e tornozelos. Voltaria ao acampamento com o seu prisioneiro antes que Kaji começasse a sentir a sua falta.

Saltou, silenciosa como um demónio do vento em mergulho, mas, de alguma forma, o espião viu-a. Rebolou para diante no último momento e o bastão de Ashia atingiu apenas a terra húmida em que se sentara.

O inimigo não esperará que o atinjas, ensinaram os dedos de Enkido.

Ashia usou o ímpeto da aterragem para rebolar atrás dele, conseguindo prender-lhe um tornozelo com um laço da corda. Puxou, mas o espião conseguiu equilibrar-se, virando-se para a pontapear na cara com a perna livre.

Ashia foi projetada para trás, soltando a corda durante tempo suficiente para lhe permitir libertar-se. O espião poderia ter aproveitado a vantagem, mas, ao invés, virou-se e fugiu.

Ashia perseguiu-o imediatamente. O espião virou à esquerda, subiu o tronco de uma árvore com dois apoios dos pés e saltou para a direita, segurando um ramo e

içando-se.

Ashia não se deixou enganar pelo movimento, recuperando centímetros enquanto corria pelo tronco acima de uma segunda árvore, tão ligeira como ele nos ramos. Por um instante, houve um vão na folhagem e lançou, atingindo-o entre as omoplatas com o bastão enquanto tentava alcançar outro ramo. O seu braço falhou o alvo, com a mão em espasmos, caindo dos ramos abaixo.

Ashia saltou para baixo, dissipando a energia com uma cambalhota enquanto puxava mais corda do cinto.

Mas o espião também caiu com uma cambalhota, virando-se para ela e vendo-a correr na sua direção. Ergueu a perna num pontapé a que se esquivou com facilidade, tentando prender o pé num laço. Era rápido de mais, segurando a seda e puxando-a para si enquanto esmurrava.

Ergueram-se os dois e o espião desferiu um ataque direto. Os seus pontapés e murros foram executados com perfeição, mas eram básicos. Sharukin ensinados a crianças e a chi'Sharum.

Mas o que lhe faltava em perícia compensava em rapidez e capacidade de adaptação. Prendeu-lhe um dos punhos numa torção possibilitada pelo seu próprio ímpeto e mergulhou-lhe entre as pernas. Ashia girou com um salto para inverter a posição e usá-la contra ele, mas o espião soltou-a e usou a distração para fugir.

Ashia voltou a correr atrás dele, afastando-se cada vez mais do acampamento. Kaji começou a chorar e sentiu-se roída pela preocupação. Escurecera por inteiro e os sons poderiam atrair os alagai para ele.

Mas aquele homem era demasiado perigoso para deixar que escapasse. Acelerou, erguendo uma pedra da lama e atirando-lha contra o ponto de convergência atrás de um joelho. A perna desabou com o passo seguinte e tropeçou, tentando equilibrar-se enquanto Ashia diminuía a distância.

Desta vez, não hesitou. Depois de ter avaliado as suas capacidades, golpeou uma e outra vez, alternando punhos, pés, joelhos e cotovelos. Se não conseguisse imobilizá-lo sem causar dano, forçaria a sua rendição.

O espião era rápido e forte, bloqueando e evitando os primeiros golpes, mas não tardou a deixar escapar um, seguindo-se mais dois. Perdeu o equilíbrio. Os seus membros, entorpecidos pelos golpes, traíram-no.

Tentou dizer alguma coisa, mas Ashia atingiu-o na garganta e asfixiou as palavras. O momento não era para conversa. Segurou-lhe o braço e começou a torcê-lo numa chave de submissão.

Tossindo ainda, o espião virou-se para ela e cuspiu-lhe na cara um líquido fedorento. Fez-lhe arder os olhos e afastou-se, dando-lhe espaço para a empurrar com um golpe do calcanhar.

Quando recuperou a visão, o choro de Kaji enchia a noite e o espião tinha desaparecido. Cheirou os dedos cobertos pelo líquido pegajoso. Como o próprio espião, tresandavam à erva que as dama'ting usavam para tratar ferimentos provocados pelos demónios.

Deves procurar o khaffit, tinha dito a Damajah. E encontrar o meu primo perdido. Reconhecê-lo-ás pelo cheiro.

Mas que significava? Poderia aquele vagabundo ser o primo há muito perdido da Damajah? Parecia improvável. E, se fosse ele, que aconteceria a seguir? Teria a informação que procurava? Era um amigo? Um adversário?

Conseguiria descobrir quando tinha Kaji para proteger?

Recuperou o seu bastão no caminho de volta para o acampamento. Um demónio do pântano tinha sido atraído pelo choro de Kaji. Movia-se fora do círculo, testando as guardas.

As guardas cosidas nas vestes de Ashia tornavam-na praticamente invisível aos olhos do demónio. Aproximou-se dele por trás, expondo uma das pontas de lança e empalando-o pelas costas. O demónio guinchou e debateu-se, mas Ashia manteve-se firme enquanto a magia a preenchia, faiscando sobre as guardas pintadas nas suas unhas. Fazia-a sentir-se forte. Rápida. Momentos depois, tinha levantado o acampamento e colocara Kaji no saco às costas. Retirou os panos das patas de Rasa, expondo as guardas nos cascos. Cobriu-as com sangue de alagai até brilharem intensamente na sua visão guardada.

A seguir, montou e golpeou os flancos do animal com os calcanhares, fazendo a égua galopar pela noite. Encontrou nuclitas ocasionais na estrada e esmagou alguns propositadamente, ativando as guardas nos cascos de Rasa e reforçando a força e resistência do animal. Canalizou as suas joias de hora para obter o mesmo efeito. Acalmado pelo ritmo dos cascos, Kaji adormeceu.

Chegou à Cisterna de Everam uma hora antes do amanhecer, parando para recompor o seu disfarce. Pensou que tinha voltado a captar-lhe o cheiro, mas, depois de farejar em redor, convenceu-se de que o tinha imaginado. Nenhum guerreiro apeado ou até mesmo um cavalo normal conseguiria acompanhar a passada de Rasa.

Ao amanhecer, levantou o acampamento. Tão perto da Cisterna de Everam, a estrada enchia-se com Sharum regressando de patrulhas e com vendedores

preparando o dia que começava. Era apenas mais uma velha dal’ting com uma criança. Invisível.

Mas o espião destacar-se-ia se tentasse segui-la. Teria de o despistar ou de o atrair do esconderijo.

Briar correu tão depressa quanto podia, ziguezagueando entre as árvores, passando por cima e por baixo de obstáculos e atravessando cursos de água, tentando distanciar-se ao máximo da mulher assustadora.

Stela Estalagem tinha-o assustado, mas, pelo menos, falara e compreendera as suas motivações. Aquela mulher movia-se como um Vigia ka’Sharum. Seria uma Sharum’ting? Viajando com um bebé? Não batia certo.

Fosse o que fosse, Briar não conseguia estar à sua altura num combate justo. Era demasiado rápida, demasiado hábil.

Antes, sentira necessidade de a proteger, determinado a guardar viajantes inocentes no seu percurso. Naquele momento, sentia-se curioso. A mulher seria uma espia? E a criança um ardil para desviar atenção da sua missão? Os hortelões costumavam simpatizar com mulheres krasianas, procurando frequentemente libertá-las de um jugo de que não desejavam libertar-se.

Se lhe dessem uma oportunidade, uma guerreira como aquela conseguiria infiltrar-se na resistência e assassinar líderes.

Quando teve a certeza de a ter despistado, regressou à estrada dos Mensageiros num trajeto diagonal, tentando adiantar-se. Não tardou a vê-la subir a estrada com estrondo, com os cascos da sua égua aparentemente normal brilhando intensamente com magia de guardas.

Fosse quem fosse, precisava de conhecer a sua identidade. De avisar os seus antes que pudesse causar dano.

Esperou que passasse e seguiu no seu encalço.

Como esperado, os Sharum na Cisterna de Everam ignoraram Ashia. Qualquer mulher que não transportasse comida ou que não estivesse sexualmente disponível passava despercebida. Caminhou até ao cais sem ser incomodada.

As mulheres e crianças eram muito mais numerosas que os homens na Cisterna de Everam. Os guerreiros de Jayan tinham passado tanto tempo entrincheirados que muitos tinham trazido as suas mulheres e filhos, instalando-se em casas distribuídas pelo príncipe aos seus guerreiros como despojos.

A maioria desses homens tinha partido com Jayan e nunca regressara. Asome, não querendo atrair atenções para o antigo bastião do seu irmão, tinha sido lento no envio de reforços. O resultado era uma sombra de cidade, a que faltava uma parte essencial do que dava vida a uma comunidade.

Sharu, primo de Ashia e quarto filho do Libertador, tinha recebido o comando da Cisterna de Everam. Via-lhe o estandarte esvoaçando sobre a câmara municipal. Tinham sido próximos em crianças, mas Ashia passou pelo edifício sem querer entrar. Sharu era um dos únicos homens a leste da Fortuna de Everam que poderia reconhecê-la e Asome sempre dominara os seus irmãos mais novos. Sharu não hesitaria em traí-la.

Via que as forças do seu primo não eram suficientes. Nem sequer havia guerreiros suficientes para protegerem a câmara municipal se fosse alvo de um ataque concentrado.

O cais era o único sítio que parecia verdadeiramente vivo. Um fluxo contínuo de chin e dal'ting entrava e saía dos navios, carregando mantimentos, verificando manifestos, catalogando despojos, vendendo comida e bebida. A frota krasiana era tão numerosa que só uma parte dos seus navios conseguia ancorar de cada vez.

Procura as três irmãs, recomendara Inevera depois de consultar os dados. Como acontecia com muitas das previsões da Damajah, não fez sentido no momento, mas agora olhar rapidamente o cais foi suficiente.

Um ancoradouro solitário, suficientemente grande para meia dúzia de embarcações, era reservado ao Lança Castanha, o navio comandante da Cisterna de Everam, e aos dois navios que o escoltavam: o Escudo Castanho e o Armadura Castanha.

Os nomes recordavam que, enquanto Sharu governava teoricamente a Cisterna de Everam, a sua força vinha dos corsários kha'Sharum comandados pelo Instrutor Qeran. Balistas e catapultas cobriam os seus conveses em fileiras aprumadas. Cada um dos navios, superior a qualquer outro na frota, ostentava a bandeira da muleta de camelo do khaffit Abban. Dizia-se que a Batalha da Cisterna de Everam teria sido perdida sem eles.

Todos os tripulantes envergavam calças castanhas largas, mas muitos tinham despido as camisas enquanto trabalhavam. Ashia sabia que era pecado, mas deixou os olhos vaguearem pelos seus corpos. Deitara-se com o marido uma única vez. Esse seria o único contacto que teria com um homem fora do combate?

Nos conveses, os que estavam de serviço ocupavam-se de trabalhos de manutenção eficiente, enquanto outros treinavam sharusahk e golpes de lança. Ashia não podia negar que os guerreiros tinham perícia. O Instrutor Qeran era uma lenda, tendo treinado com o próprio Libertador. Até o seu mestre, Enkido, falava de Qeran com respeito.

Poderia ter-se infiltrado de muitas formas no Lança Castanha, mas não havia motivos para arriscar nadar ou trepar com Kaji quando o rapaz proporcionava o disfarce perfeito. Avançou até ao guarda kha'Sharum diante da rampa de portaló. Olhou-a. Olhou através dela. Não era um dos dal'Sharum negligentes que enchiam a cidade. Examinou-a com o olhar, avaliando ameaça potencial ou a possibilidade de presença de contrabando.

O disfarce de Ashia conseguiu satisfazê-lo. Kaji conferia-lhe uma solidez superior à de qualquer roupa ou maquilhagem. Eliminada a possibilidade de ameaça, o interesse do guerreiro esmoreceu e baixou as defesas.

– Sou Hannali vah Qeran, filha mais velha do teu mestre – mentiu Ashia. – O meu pai quererá conhecer o seu neto mais novo.

O Sharum ergueu ligeiramente as sobrancelhas. Fez sinal a um estafeta, que regressou prontamente com autorização para subir a bordo. A previsão da Damajah tinha revelado o afeto de Qeran por Hannali.

Foi óbvio para o comandante Qeran que não era a sua filha preferida no momento em que entrou no seu camarote, mas não disse nada, dispensando-lhe a escolta com dois dedos.

Ashia viu o antigo instrutor levantar-se, movendo-se sobre uma perna musculada e uma folha de metal curvo. Um membro de madeira ter-lhe-ia custado o equilíbrio, mas Qeran mantinha o controlo total dos seus movimentos, usando a flexibilidade do membro artificial para se movimentar.

Havia poucos Sharum que Ashia acreditasse que poderiam ameaçá-la na prática do sharusahk. Sabendo que Qeran tinha perdido a perna, não esperara acrescentá-lo à lista, mas o comandante surpreendeu-a. Seria rápido, mais difícil de desequilibrar e a perna de aço tornava possíveis movimentos que os outros guerreiros nunca tentariam.

Também Qeran fixou nela um olhar avaliador.

– Vestes armadura sob a túnica. Se és uma assassina, agradeço-te a distração da papelada interminável. Pousa a criança e terminemos isto.

As palavras eram casuais, mas Ashia via nos seus olhos que a ameaça era real. Depois de dispensar o guarda, Qeran estava preparado para enfrentar e matar uma assassina sozinho no seu camarote acanhado.

– Não sou uma assassina – disse Ashia. – Sou a Sharum’ting Ka Ashia vah Ashan am’Jardir am’Kaji. Vim em missão para a Damajah.

Não te contenhas com Qeran, tinha-lhe dito a Damajah depois de consultar os dados, mas, mesmo assim, Ashia ficou tensa, preparada para o enfrentar e matar se ameaçasse expô-la. Olhou o camarote à sua volta, procurando formas de usar em seu benefício as paredes próximas, o teto baixo e as numerosas traves de suporte.

Qeran moveu as pernas, preparado para um ataque, mas cruzando os braços.

– Conheci Ashia na infância, mas não vejo a sua face desde que foi levada para o Palácio das Dama’ting há uma década. – Apontou-lhe o saco com o queixo. – Dizes-me que esse é Kaji asu Asome am’Jardir am’Kaji? Herdeiro do Trono dos Crânios?

Ashia controlou a respiração.

– Sim.

– Prova-o – exigiu Qeran.

– Que prova te satisfaria? – perguntou Ashia.

Qeran sorriu.

– Não conheço a face de Ashia, mas conheço Enkido. Foi o meu ajin’pal.

Ashia pestanejou. O seu mestre fora de tal forma uma parte integrante do Palácio das Dama’ting que raramente pensava na sua vida anterior. Nas mulheres e filhos que tinha deixado para servir a Damaji’ting Kenevah e aprender os segredos do sharusahk das dama’ting. Dos Sharum que treinara nos seus anos como instrutor.

E nos irmãos. O laço entre ajin’pal era forte como sangue.

– O grande instrutor aceitava um nie’Sharum por ano como seu ajin’pal – disse Qeran. – O Instrutor Kaval no ano anterior ao meu, um elo que nos tornou também irmãos. Dizem-me que Kaval e Enkido morreram juntos nas garras dos alagai, com glória infinita, enquanto eu treinava khaffit na Fortuna de Everam.

A sua voz não vacilou, mas Ashia ouvia-lhe a mágoa nas palavras. A dor. De bom grado teria morrido ao lado dos seus irmãos.

Fixou os olhos nos dela.

– É por isso que precisarás de me enfrentar, princesa. Se foste treinada por Enkido, saberei, e ajudar-te-ei como puder. Se não tiveres sido... – Moveu os olhos para Kaji. – Tens a minha palavra de que, depois de te matar, criarei o rapaz como se fosse meu filho.

Ashia sentiu um arrepio ao ouvir aquelas palavras, mas não hesitou, retirando o saco das costas onde se aninhava Kaji e pousando-o sobre um banco tão distante

quanto possível no minúsculo camarote. Despiu a sua túnica grossa de dal'ting, erguendo-se nas suas sedas negras de Sharum'ting blindadas com vidro guardado. Retirou um lenço de seda branca da manga e cobriu com ele o lenço negro e o véu do seu disfarce de dal'ting.

Curvou-se.

– Honras-me, Instrutor.

Qeran retribuiu a vénia.

– A honra é minha, se fores realmente a Sharum'ting Ka. – Moveu ligeiramente o pé, acrescentando um pouco de tensão à lâmina de metal curvo que suportava o que restava do outro membro. Estendeu as mãos numa posição inicial de sharusahk que Enkido forçara Ashia e as suas irmãs de lança a praticarem inúmeras vezes, até a memorizarem. Espelhou os movimentos com fluidez.

Não te contenhas com Qeran.

– Começa – disse Qeran. E Ashia moveu-se, mas não na direção que Qeran esperara. Saltou de um banco para a parede, girando e desferindo um pontapé contra a cara do instrutor.

Mas Qeran foi rápido a reagir, acolhendo o impacto e prendendo-lhe a perna na axila. Torceu-se, usando o ímpeto dela para acrescentar força ao murro com que lhe atingiu o peito.

Foi como se a sua couraça tivesse sido atingida por uma clava. Caiu ao chão, perdendo o fôlego, mas conseguindo recuperar o equilíbrio para lhe varrer o tornozelo com uma perna.

Qeran saltou para fora do seu alcance, usando o impulso súbito da perna de metal para saltar contra ela enquanto Ashia usava os pés para se endireitar.

Desta vez, Ashia estava preparada, imitando os movimentos do instrutor, golpe a golpe. Podia não conhecer todos os segredos do sharusahk das dama'ting, mas Qeran sabia o que Ashia fazia quando tentou cravar dedos e nós dos dedos das mãos e até dedos dos pés em pontos de convergência do seu corpo. Conseguiu evitar ou bloquear a maioria, respondendo sempre com uma sucessão poderosa de golpes. Ashia esforçou-se para honrar os ensinamentos do seu mestre, acolhendo-os e respondendo, em busca de uma abertura.

Numa ocasião, Qeran deixou um golpe passar-lhe as defesas e Ashia pensou que o tinha apanhado, mas, quando os seus dedos hirtos atingiram a placa escondida por baixo da sua túnica, percebeu que tinha sido ludibriada. Tal como as suas, as vestes de Qeran estavam revestidas com vidro guardado. Ultrapassou a dor, expirando e agradecendo a Everam por não ter partido os dedos.

Incapaz de dominar suficientemente o combate para atacar as convergências, Ashia transferiu o seu foco para alvos de defesa mais difícil e tornou-se um duelo de atrito arrastado. Acertou um murro, mas custou-lhe uma joelhada no estômago. Pontapeou-lhe o joelho são e evitou a custo que a perna de metal lhe arrancasse a cabeça.

Aos poucos, perceberam a disposição das placas de armadura nas túnicas um do outro, mirando golpes às zonas enfraquecidas.

Ashia atingiu as costelas de Qeran com um pontapé. O instrutor foi rápido e segurou-lhe a perna. Ashia torceu-se para lhe escapar, mas custou-lhe, permitindo uma abertura a Qeran para a atingir nas costas.

Mas, em vez de o fazer, o instrutor empurrou-a. Ashia não questionou a sorte, deixando-se ir e voltando a erguer-se fora do seu alcance. Havia estantes com livros embutidas na parede e Ashia correu por elas acima, preparando-se para golpear do alto.

– Basta, princesa. – Qeran baixou as defesas e a sua postura deixou de ser ameaçadora. Ashia desceu para o chão. Ambos estavam ofegantes.

O instrutor ajoelhou-se, apoiando as mãos no chão.

– Quais são as ordens da Damajah? Chegarão reforços?

– Não há reforços para enviar – disse Ashia. – A Fortuna de Everam sucumbiu ao caos. Os Majah abandonaram o exército do Libertador. Marcham com os seus escravos e despojos de volta à Lança do Deserto.

Qeran cuspiu no chão.

– Cães Majah.

– Tiveram motivo para o fazerem – respondeu Ashia. – Os meus primos usaram pedras hora para ganharem vantagem quando assassinaram os Damaji, mas, mesmo com auxílio...

– O jovem Maji não estava à altura do velho Aleverak – considerou Qeran. – Um desfecho que não deveria ter surpreendido ninguém.

– Os Majah estabeleceram um pacto com o Libertador – referiu Ashia.

– Eu sei – respondeu Qeran. – Vi o teu pai enfrentar Aleverak pelo Trono dos Crânios enquanto ainda vestias castanho, princesa.

– Não te parece que a raiva dos Majah é justificada? – perguntou Ashia.

Qeran encolheu os ombros.

– Os dama cultivam o homicídio. Chamam-nos selvagens, mas os Sharum são promovidos quando os nossos superiores morrem nas garras dos alagai, não quando os matamos. Mas isso não é desculpa para Aleveran roubar mantimentos

e guerreiros do exército do Libertador quando a Sharak Ka começou, escondendo-se como cobardes atrás das muralhas da Lança do Deserto.

Não te contenhas.

– Asome também tentou assassinar-me a mim, Instrutor – disse Ashia. – À sua própria esposa. À mãe do seu filho. Quando Asome subiu ao trono, Asukaji rodeou-me o pescoço com um garrote. Enquanto o fazia, a Dama'ting Melan e Asavi uniam-se para tentarem matar a Damajah.

– Que não podia ser morta por tolos inferiores, tal como Aleverak. – As palavras de Ashia pareceram abalar o instrutor pela primeira vez desde a sua chegada. – Talvez seja melhor, então, que os olhos do príncipe Asome se afastem da Cisterna de Everam. A Damajah enviou-te com Kaji para se abrigarem aqui?

Ashia abanou a cabeça.

– Procuro o khaffit.

Qeran não precisou de perguntar a quem Ashia se referia.

– É algo em que não posso ajudar-te, princesa. Alimentei a esperança de que o meu senhor estivesse vivo, mas não há notícias desde a Batalha de Angiers. O filho de Chabin é engenhoso. Se houvesse forma de me contactar, já o teria feito.

– Talvez o tenha feito – sugeriu Ashia. – Everam informou a Damajah de que Abban está vivo, nas mãos do Eunuco.

– Hasik. – Qeran fechou a mão num punho. – Devia ter rachado o crânio a esse cão raivoso quando era um cachorro no sharaj.

– Fala-me das suas defesas – pediu Ashia.

– Será difícil de expulsar – disse Qeran. – O Mosteiro dos Eunucos ergue-se sobre um penhasco alto junto ao lago com paredes de rocha nua de três lados e navios laktonianos bloqueando a aproximação pelas águas. Uma força de tamanho respeitável conseguirá aproximar-se apenas pela estrada principal. É estreita, com pontes que os defensores podem fazer desabar e com pontos de emboscada onde poderão atacar invasores com cobertura.

– Controla as terras à volta do seu bastião? – perguntou Ashia.

Qeran encolheu os ombros.

– Tem batedores espalhados pelas terras alagadas, mas, quando não estão ocupados com saques, os seus homens patrulham um perímetro a meio dia de viagem, regressando ao anoitecer.

– Não combatem na noite? – perguntou Ashia.

Qeran cuspiu.

– Os Eunucos abandonaram a alagai'sharak. Os demónios são numerosos nos seus domínios e os tolos nada fazem. – Suspirou. – Muitos guerreiros válidos se

perderão para resgatar um khaffit.

– Não o resgatarás – disse Ashia.

O olhar de Qeran arrefeceu.

– Não deixes que a minha postura te iluda, princesa. Não és tu quem comanda aqui. O próprio Libertador nomeou Abban meu mestre e jurei protegê-lo. Enquanto respirar, deverei colocar o regresso em segurança de Abban asu Chabin am'Haman am'Kaji acima da minha própria vida, acima de tudo, com exceção da Sharak Ka. Nem tu nem a Damajah conseguirão impedir-me.

Havia uma ameaça nas palavras e Ashia ficou um pouco tensa, preparada para reagir se decidisse retomar o combate.

– Tu próprio disseste que um ataque ao mosteiro custaria ao exército do Libertador número incontável de guerreiros. A Damajah previu também isto e enviou-me como alternativa. Infiltrar-me-ei no bastião de Hasik e encontrarei uma forma de assegurar a libertação do khaffit.

Qeran não pareceu convencido.

– És dotada no sharusahk, rapariga, mas consigo ver o que se esconde atrás da encenação. Não consegues atravessar paredes, como os meus Vigias não conseguirão fazê-lo. Especialmente com uma criança às costas.

– A Damajah concedeu-me magia – respondeu Ashia. – Nenhum Vigia conseguirá ser tão silencioso como eu. Tão invisível. Tão forte. Tão rápido. Kaji pode chorar tão alto como conseguirá chorar e quem estiver a centímetros de distância apenas o ouvirá se eu o desejar. Paredes de pedra lisa são como degraus largos para as minhas mãos e pés.

– Mesmo assim – disse Qeran. – Tanto quanto sei, Hasik tem mais de mil homens. Torturados, mutilados e sádicos. Levarás o teu filho, o herdeiro do Trono dos Crânios, para tal sítio?

– Teremos de caminhar juntos no limiar do abismo para garantir a vitória na Sharak Ka – disse Ashia. – A Damajah previu-o. Os alagai preparam uma nova ofensiva. Não precisamos de mais sangue vermelho derramado.

– Sangue vermelho será derramado de qualquer forma – disse Qeran – sem reforços da Fortuna de Everam.

– A tua guarda é frágil – concordou Ashia. – Mas o inimigo virá do lago, não é assim? Os teus navios dominam a água.

– Por agora – respondeu Qeran. – Destruímos a sua frota e os meus corsários travaram as tentativas de reabastecimento. Estão famintos, mas, mesmo assim, têm mais barcos de reserva. Sabem que o exército do príncipe Jayan foi destroçado. Sabem que estamos vulneráveis. Atacarão. Em breve.

– Como passam os seus espiões se as tuas forças patrulham a margem? – perguntou Ashia.

Qeran riu-se.

– Há centenas de quilómetros de margem, princesa! Não estamos num oásis em que consigamos ver de um lado ao outro num dia claro. Nas profundezas, não há vestígios de terra em qualquer direção.

Ashia estremeceu ao pensar em tamanha quantidade de água. Como podia algo tão sagrado como água fazê-la sentir tal medo?

– E os laktonianos têm um espião renegado – referiu Qeran.

– Fala-me dele. – Ashia conseguia adivinhar o que diria a seguir.

– É pouco mais que um rapaz – disse Qeran. – Pequeno para guerreiro, mas não a ponto de atrair atenções. Move-se como uma lebre do deserto, com velocidade impossível.

– Mas não mais depressa que tu. – Ashia indicou com a cabeça a perna de metal de Qeran.

– Foi por pouco – admitiu Qeran. – Atacou com ferocidade quando me aproximei. Sharukin básicos, mas a sua velocidade e força tornavam-no formidável, mesmo assim. A ausência de treino torna-o... imprevisível.

– Não te derrotou. – Ashia sentiu uma pontada de dúvida.

– De certa forma. – Qeran não pareceu agradado por admitir aquilo. – Não lutava para vencer, apenas para me distrair tempo suficiente para conseguir continuar a fugir. Mergulhou na água infestada de demónios e nadou para um navio laktoniano.

– Notaste alguma coisa quando te aproximaste dele?

– Tresandava – disse Qeran. – Como as cataplasmas que as dama’ting colocam sobre os ferimentos de alagai. A sua pele era clara e tinha feições esbatidas. Um desertor Sharum vivia num dos povoados a norte daqui. Relan am’Damaj am’Kaji. Morreu com a família num incêndio há mais de uma década, mas diz-se que um filho sobreviveu.

Damaj. O nome arrepiou Ashia. O nome da família da Damajah. *É ele o primo perdido.*

Qeran dirigiu-se à sua mesa e retirou uma folha de papel de uma pilha, passando-a a Ashia. O cartaz oferecia cem mil draki pelo espião vivo e dez mil pela sua cabeça. Por baixo, estava estampado um esboço da sua face, bastante parecido com o rapaz que conhecera na estrada.

– Mais um motivo para não esgotares mais os teus homens. – Ashia dobrou o papel e enfiou-o na túnica. – A que distância para norte fica este mosteiro?

– A quase uma semana de cavalo por terreno difícil – disse Qeran. – A estrada é vigiada e as terras alagadas estão repletas de lodo denso capaz de partir os tornozelos de um guerreiro tão facilmente como os da sua montada. Os pântanos têm alagai próprios. A sua saliva não é tão impressionante como a de um demónio da chama, mas arde e paralisa. Muitos dos nossos espiões nas terras alagadas, incluindo Vigias experientes, não regressam.

– Conseguirei fazê-lo – assegurou Ashia. – Podes fornecer-me um mapa?

– Posso fazer melhor que isso – disse Qeran. – Os meus navios são demasiado visíveis, mas, depois do anoitecer, poderei embarcar-te num barco mais pequeno e discreto e levar-te a coberto da noite para fora do porto. Pode deixar-te na margem, imediatamente além do perímetro das patrulhas de Hasik.

– Obrigada, Instrutor. Será muito útil – agradeceu Ashia.

– Estiveste num barco antes? – perguntou Qeran.

– No oásis na Lança do Deserto. – Ashia baixou os olhos. – Uma vez.

– Na celebração do teu Hannu Pash. – Qeran acenou afirmativamente. – Estava lá. Até ao ano passado, era também a minha única viagem de barco. – Inclinou-se para ela. – Este lago não se assemelha nada ao oásis. A água vem em ondas que mantêm os barcos em movimento constante. Vi-a dar a volta de igual modo a estômagos de Sharum e de dama, deixando grandes homens a esvaziarem os estômagos sobre a amurada.

– O meu mestre ensinou-me a suportar pior – respondeu Ashia.

Qeran acenou afirmativamente.

– Talvez. Ficarás no camarote do comandante. Só ele saberá da tua presença e não saberá nada da tua identidade. Dir-lhe-ei que és uma espia. Não questionará. Não saias do camarote e a tripulação nem sequer saberá que lá estás. Não poderemos arriscar um encontro com os navios do bloqueio. Deixar-te-ão na margem a alguma distância a sul do mosteiro.

– Isso permitirá que estude a área – disse Ashia – e construa abrigos seguros para me esconder dos alagai e de quem me perseguir.

– De quem te perseguir? – Qeran ergueu os cantos dos lábios. – Pensei que conseguisses subir paredes, silenciosa como uma sombra.

– Na entrada, talvez – disse Ashia. – Na saída, carregarei um khaffit gordo e aleijado.

Qeran riu-se.

– Um peso que conheço bem.

Uma hora antes do amanhecer, Briar viu a mulher estranha passar diante da Doca para voltar a vestir o seu disfarce.

Era estranho. Briar pensou que fosse um estratagema para enganar hortelões, mas parecia destinar-se também ao seu povo.

Saiu da estrada para se adiantar a ela, encontrando um dos ribeiros numerosos junto à água. Despiu-se, dobrando a roupa com minúcia e guardando-a num compartimento do saco. Desenrolou as ligaduras imundas que lhe cobriam as mãos, olhando fixamente as guardas nas palmas das mãos. Impacto. Pressão. Lança e escudo para os Peles-Guardadas.

Passara a ser essa a sua tribo? Ou sê-lo-iam Elissa e Ragen? Lakton? O Outeiro? A gente do seu pai? Puxado em tantas direções, Briar deixava de perceber quem era.

Mas, naquele momento, conseguia esquecer tudo isso. Naquele momento, havia um mistério. Entrou numa poça fria, ofegando com desconforto até o seu corpo se acostumar. Usou uma barra de sabão, esfregando seiva pegajosa de raiz-porqueira e a terra que a ela se pegava. Quando terminou, tirou uma túnica negra de dal'Sharum limpa do seu saco e vestiu-a.

Continuava a cheirar a raiz-porqueira. Comera-a em tal quantidade que o cheiro passara a estar no seu hálito, no seu suor e até na sua saliva. Mas as vestes limpas eram de pano suficientemente grosso para o camuflar.

Um bazar tinha sido construído no limiar da Doca e Briar conhecia-o bem. Examinava as carroças de pão enquanto a mulher descia a estrada. Era um simples Sharum entre muitos, procurando uma refeição matinal.

A espia misturava-se com a envolvência tão facilmente como ele. Era apenas uma velha com uma criança fazendo as compras da manhã. Conversou amigavelmente com as vendedoras dal'ting, fazendo perguntas banais e ouvindo afirmações que rapidamente a informaram acerca da cidade e da resistência laktoniana.

Briar abanou a cabeça. Nunca fora bom nessa parte do reconhecimento. Preferia permanecer invisível e à escuta.

A mulher deslocou-se sem pressa do bazar para a cidade propriamente dita, movendo-se de forma aparentemente aleatória de loja em vendedor, mas era óbvio para Briar que se dirigia para o cais e foi fácil adiantar-se a ela.

Briar conhecia o cais tão bem como o seu espinheiro, mas havia algo diferente, desta vez. Cartazes com um desenho da sua cara estavam pendurados à entrada de cada pontão, oferecendo riqueza incalculável a quem conseguisse apanhá-lo.

Era um tipo de glória ver a sua face por toda a parte. A comandante Dehlia cobria as paredes do seu camarote no Lamento do Sharum com cópias enceradas dos seus cartazes de criminosa procurada. Guinchava de deleite sempre que um dos seus ataques conseguia encontrar mais um com a recompensa mais elevada.

O seu ódio é como carne para mim, Briar, tinha dito ela. *Que se lamentem por não conseguirem capturar-me*.

Mas Briar não sentia qualquer prazer por ser odiado. Fazer a diferença para o povo da sua mãe implicava trair o povo do seu pai. Podia ter parentes ali mesmo, naquela cidade, e não o enchia de orgulho que o vissem apenas como um traidor.

Mesmo assim, puxou um dos cartazes e guardou-o dentro da túnica enquanto seguia a mulher até ao pontão mais distante. Dirigia-se para o Lança Castanha. O navio do comandante Qeran.

Briar engoliu o primeiro medo real que sentia desde que entrara na cidade. O comandante Qeran aterrorizava Briar, no lago e em terra firme. Se existisse um homem mais perigoso, Briar não o conhecia.

Em vez de lhe dar respostas, aquilo motivava novas perguntas. A mulher seria uma espia de elite enviada de Krasia para servir o comandante Qeran? Seria subestimada também pelos hortelões. Com o tempo, poderia aproximar-se o suficiente para matar quase qualquer um.

Mas esses mesmos talentos poderiam ser usados de forma mais imediata, para eliminar Qeran e abrir um caminho para uma nova liderança.

Briar escondeu-se sob um pontão abandonado e despiu-se, guardando a lança, o escudo e o saco em local escondido antes de se enfiar na água. Nadou com braçadas silenciosas e eficientes, passando imediatamente sob os narizes dos guardas que patrulhavam a praia e o navio de comando. Nem mesmo os marinheiros Sharum sabiam nadar. A maioria evitava olhar as ondas durante muito tempo.

A espia continuava a aguardar autorização para subir a bordo quando Briar subiu pelo cabo da âncora, encoberto pela sombra do grande navio. A comandante Dehlia tinha-o ensinado a reconhecer os tipos de navio mais comuns e a perceber a melhor forma de aproveitar as fragilidades de cada um.

Conseguiu passar à justa pela minúscula vigia por onde o cabo passava para o compartimento vazio do molinete. Dali, dirigiu-se ao camarote por baixo dos aposentos do comandante. Um marinheiro, possivelmente fora de serviço, dormia profundamente numa rede, lentamente embalado pelas ondas. Não acordou quando Briar trepou por uma trave para encostar a orelha a um determinado ponto no teto.

Ouviu-se metal raspar sobre o convés.
– Vestes armadura sob a túnica – disse Qeran, por cima.



VINTE E TRÊS

LAMENTO DO SHARUM

334 DR

O estômago de Ashia não dava voltas daquele modo desde os primeiros meses da sua gravidez. Conseguia passar horas erguida sobre uma trave do teto. Executar piruetas e cambalhotas que deixariam um Jogral hortelão zonzo. Conseguiria dançar sobre um tronco giratório.

Mas as águas do lago não se assemelhavam nada ao navio de Qeran ancorado. O camarote balouçava lentamente de lado a lado, num movimento constante e irregular que arruinava o seu equilíbrio. O lago, como a gravidez, era uma recordação impiedosa de que, havendo muito que alguém poderia controlar com o treino adequado, algumas coisas permaneciam nas mãos de Everam.

O seu equilíbrio era o que realmente a preocupava. Caminhou para trás e para diante, com os olhos fechados, tentando aprender o ritmo do lago. Não desejava ser apanhada sem equilíbrio se precisasse de lutar durante a viagem.

Felizmente, essa possibilidade era remota. Os homens de Qeran escoltaram-na até ao navio Justiça Evejana, ao anoitecer, quando o reflexo da luz na água impedia que a vissem demasiado bem. Era uma pequena embarcação de três mastros, esguia e perigosa, com tripulação de trinta dal'Sharum calejados. Não era um grande navio mercante com porão carregado nem uma nau de guerra valorosa. Era o tipo de barco que, com sorte, ninguém pensaria em capturar.

– O comandante Rahvel já evacuou os seus aposentos para a viagem – disse Qeran. – É um instrutor honrado.

Palavras simples, mas, vindas de Qeran, tinham peso. Enviava alguns dos seus homens de maior confiança para a levarem até ao seu destino. Deixar-lhe-iam as refeições diante da porta fechada, mas, fora isso, não seria perturbada até estarem perto do ponto de entrega.

Kaji sofreu mais. Ashia esperou que a ondulação do navio conseguisse adormecê-lo, mas, em vez disso, o pobre rapaz ficou muito pálido e vomitou sobre ela.

– Vomitado – gemeu-lhe contra o ombro.

– Sim, meu querido. Eu sei. – Beijou-lhe a cabeça. – É o movimento das ondas. Vais habituar-te em breve e vais sentir-te melhor.

Podia apenas esperar que assim fosse.

Mas isso também não era o pior. Uma pequena vigia, demasiado pequena até para que Ashia conseguisse esgueirar-se por ela, permitiu-lhe ver o lago, refletindo a luz das estrelas. Quilómetros após quilómetros, em todas as direções. Não havia sinais de terra.

E havia clarões na água, fazendo lembrar relâmpagos nas nuvens. Com cada um, o navio balouçava.

Demónios da água, testando as guardas no casco.

Ashia enfrentava alagai todas as noites, mas os demónios da água eram algo que desconhecia. Criaturas de pesadelo feitas de dentes e tentáculos, invisíveis e impossíveis de compreender. Tinha aprendido a nadar nos banhos das dama’ting e conseguia suster a respiração durante mais de dez minutos, mas aquilo era diferente. Não conseguiria lutar sob as ondas ou atacar os demónios de longe. Não podia fazer nada além de sentar-se enquanto o seu estômago dava voltas e o seu filho chorava, esperando que as guardas resistissem.

Por favor, Everam, rezou. *Que concedes luz e vida. Caminhamos no limiar do abismo de Nie em teu nome. Concede que cheguemos em segurança ao nosso destino para completarmos a nossa missão.*

Como que em resposta, um dos muitos brincos na orelha de Ashia começou a vibrar.

A Damajah.

Ashia estacou. Tinha achado que estaria fora do alcance de Inevera e parte dela sentia-se grata por isso. Pela primeira vez na sua vida, sentia que controlava o seu destino e o destino de Kaji.

A sua mão tremeu ligeiramente enquanto rodava o brinco até as guardas alinharem com um estalido.

– Damajah.

– Aprendi a ampliar o alcance do teu brinco – disse Inevera. – Exige grande concentração e magia tremenda. Não te contactarei com frequência.

– Ouço e compreendo, Damajah.

– Ótimo – disse Inevera. – Informa.

– Cheguei à Doca e encontrei-me com o Instrutor Qeran – começou Ashia. – A situação na cidade é grave, Damajah. Sem reforços, o maior instrutor vivo receia que os laktonianos possam reconquistar os ancoradouros.

– Tenho conhecimento da situação – disse Inevera. – Já ordenei o envio de reforços.

– Ordenaste, Damajah?

– As circunstâncias com o teu marido alteraram-se – disse Inevera. – Detenho a totalidade do poder em Krasia até ao regresso do teu tio.

Ashia pestanejou. O seu estômago, a sua criança enjoada, os clarões nas guardas aquáticas. Tudo isso ficava esquecido. As notícias mudavam tudo.

– Então... posso regressar? – A voz de Ashia era quase inaudível.

Não houve resposta.

– Damajah?

– Deverás completar a tua missão – respondeu a Damajah. – Os dados são claros. Só depois poderás regressar. Ou poderemos perder a Sharak Ka.

– Voltarei com o khaffit ou não voltarei. – Disse aquilo como bravata de Sharum e, outrora, teria sido sincera. Mas as palavras de Qeran ecoavam-lhe na mente.

Hasik tem mais de mil homens. Torturados, mutilados e sádicos. Levarás o teu filho, o herdeiro do Trono dos Crânios, para tal sítio?

A Sharak Ka justificaria sacrificar a vida? Ou até a de Kaji? Mas, se chegasse um momento em que precisasse de sacrificar Kaji para ter sucesso, não conseguiria trair o seu filho. Não o faria. Instintivamente, abraçou-o mais.

– Onde estás agora? – perguntou a Damajah.

– A bordo de um navio, dirigindo-me para a fortaleza dos Eunucos – respondeu Ashia. – Em dois dias, deixar-me-ão fora do seu perímetro de patrulha e começarei a penetrar as suas linhas de defesa. Infiltrar-me-ei no mosteiro, confirmarei se o khaffit vive e, se viver, tirá-lo-ei de lá.

– Está vivo. – Sem dúvida, os dados teriam dito mais que isso à Damajah, nas Inevera nunca partilhava mais sobre os seus futuros do que aquilo que servia os

seus propósitos.

Em quantos futuros conseguiria escapar com Kaji e com o khaffit vivo?

Quantos terminavam com algum deles vivo?

A Damajah nunca lho diria.

– E o primo perdido? – perguntou Inevera.

– Creio que o encontrei – disse Ashia. – Mas não me parece que mereça a nossa confiança e não compreendo de que forma poderá auxiliar-nos.

– Diz-me depressa. – Havia uma brusquidão no tom normalmente paciente da Damajah. Comunicar a centenas de quilómetros de distância com a sua magia seria realmente esgotante.

– Briar asu Relan am'Damaj am'Kaji – disse Ashia. – O seu pai era...

– Relan, meu segundo primo – silvou Inevera. – Quando desapareceu, acreditámos que tinha morrido nas garras dos alagai, sendo levado por eles.

– Era um desertor – disse Ashia. – Veio para norte com um Mensageiro e morreu num incêndio com a família há uma década. Diz-se que um filho terá sobrevivido. Trabalha como espião para a resistência chin.

– O mestiço de quem Qeran falava nos seus relatórios – supôs Inevera.

– Precisamente – concordou Ashia. – Encontrei-o na estrada. Seguia-me. Confrontei-o e tentei subjugá-lo, mas... evitou a captura.

– E, agora, o teu disfarce já não o engana – referiu Inevera.

Ashia sentiu calor na face. Não estava habituada a relatar fracassos.

– Sim, Damajah. Mas, durante o nosso breve combate de sharusahk, o seu... cheiro foi inconfundível.

– Que cheiro? – perguntou Inevera.

– Alagai'viran – respondeu Ashia. – A raiz dos demónios.

Inevera voltou a passar algum tempo em silêncio, mesmo que, sem dúvida, cada momento em que mantivesse a ligação aberta fosse esgotante.

– É um sinal de Everam.

– Um sinal de quê? Deixei-o para trás, na estrada. Não saberia como encontrá-lo, se quisesse fazê-lo, e continuo sem ver motivo para o fazer.

Ouviram-se sussurros na ligação que Ashia não percebeu. Seguiu-se o som de dados sendo lançados.

– Não precisas de o procurar – disse Inevera. – Está perto. Mesmo agora.

– E quando voltar a encontrá-lo?

– Eu... não posso dizer – respondeu a Damajah.

Não pode ou não quer?, questionou Ashia.

– Deverás ser tu a decidir, sobrinha – disse a Damajah. – Como tu, tem um papel a desempenhar nos acontecimentos que virão. Não o mates até o ter desempenhado.

Cuidar do pobre Kaji durante a noite impediu-a de meditar e Ashia não conseguiu evitar adormecer antes do amanhecer.

Acordou sobressaltada pouco depois do amanhecer, no momento em que algo embatia contra o navio, projetando-a e a Kaji para fora do banco coberto de almofadas onde o comandante dormia. Instintivamente, abraçou o filho e rebolou quando atingiu o convés, avaliando a ameaça.

A porta do seu camarote permanecia trancada por dentro e não havia sinais de fumo ou indícios de que o navio deixava entrar água. Mas gritos de alarme ecoaram pelo convés inferior, juntamente com sons de batalha.

Eram atacados.

Acompanhou o movimento do convés, mantendo o equilíbrio até o navio estabilizar com um estrondo. A vigia escureceu.

Vestiu rapidamente o seu disfarce e colocou Kaji dentro do saco. Estava pálido e imóvel, precisando de descanso e água, mas não havia tempo para tais coisas.

– Sê corajoso, meu filho – sussurrou Ashia.

– Co’ajoso – concordou debilmente Kaji.

As lanças continuaram escondidas no saco, mas Ashia tinha outras armas... facas e vidro de arremesso, juntamente com outras ferramentas mais subtis mas igualmente letais.

Abriu a porta para espreitar, voltando a fechá-la rapidamente quando vários dos dal’Sharum da tripulação passaram a correr. Ouvia o ruído no convés principal.

Depois de os marinheiros passarem, Ashia seguiu-os. As paredes e teto estavam demasiado próximos para se mover com cobertura, mas um grupo de Sharum a caminho da batalha foi distração suficiente para poder segui-los sem dar nas vistas.

Havia combate declarado no convés. Um navio laktoniano cravara farpas na amurada do navio em que seguiam e uns cinquenta chin armados com lanças abordavam-nos. Da amurada mais distante, arqueiros chin miraram o convés, afrouxando a resistência.

Ashia olhou para cima, reconhecendo a bandeira do navio. Era uma silhueta de mulher, olhando para a distância enquanto um Sharum ardia atrás dela.

O Lamento do Sharum, capitaneado pela infame pirata laktoniana, a comandante Dehlia.

Ashia manteve-se do lado de dentro da porta enquanto os Sharum corriam para o convés e para a chuva de flechas. Olhando em redor, não precisou de muito tempo para encontrar a princesa pirata.

Dehlia cobria a cabeça com um lenço colorido, mas não fazia qualquer esforço para esconder a cara ou o cabelo, que lhe caía pelas costas em ondas cor de areia.

Flanqueavam-na dois guarda-costas, homens altos com lanças longas concebidas para ajudar a manter um círculo de proteção à volta da sua senhora, que comandava pessoalmente o ataque.

Os pés descalços de Dehlia pisavam o convés que ondulava, tão equilibrada como se pisasse o chão de uma sala de treino. A lâmina da sua lança de duelo curta era curva, permitindo-lhe abrir cortes profundos nos seus adversários a curta distância. A sua mão livre empunhava uma lâmina igualmente curva tingida de vermelho brilhante. Dois dos tripulantes dal'Sharum jaziam já atrás dela, mortos.

Ashia percebeu nesse momento que as histórias que se contavam sobre aquela mulher não tinham sido exageradas. E, na verdade, não faziam justiça. A sua glória não conhecia limites.

Mas o comandante Rahvel, facilmente reconhecível pelo véu noturno vermelho solto à volta do queixo, não era menos glorioso. Defletiu os disparos inimigos com o escudo e abateu todos os chin que se aproximavam. A sua armadura defendeu-o das poucas flechas que escapavam à sua defesa.

A tripulação aglomerara-se atrás dele. Eram dal'Sharum experientes que enfrentaram a carga inimiga e fizeram os chin pagar com sangue cada centímetro conquistado. Sem os arqueiros, conseguiriam resistir a forças com o dobro do tamanho, mas, naquela situação, parecia inevitável que fossem dominados, apesar dos dotes superiores como guerreiros.

Como uma lança em voo, Rahvel voou diretamente para a comandante Dehlia, matando sem vacilar os guerreiros chin que tentavam abrandá-lo.

Não sendo cobarde, a comandante chin avançou ao seu encontro.

– É meu!

– Sou Rahvel asu Najan am'Desin am'Kaji! – gritou Rahvel. Os seus Sharum espalharam-se, sabendo que não deviam interferir. Ashia pensou se estaria prestes a testemunhar o fim da infame pirata.

A lança curta de Rahvel não era curva como a de Dehlia, mas movia-a como uma agulha de costureira, rápida e precisa. Dehlia conseguiu apenas defletir os

primeiros golpes e recuar perante o ataque. Girou a arma numa sucessão de ataques rápidos, mas Rahvel defendeu-se, continuando a avançar. Era rápida e ágil, sendo óbvio que tinha experiência como combatente, mas Rahvel controlava o campo de batalha, empurrando-a para uma poça de sangue escorregadio no convés. Tropeçou e Rahvel lançou-se sobre ela, preparando um golpe fatal.

Mas foi travado quando um dos guarda-costas chin abdicou da sua honra, avançando para golpear com a lança longa. Foi defletida pela armadura de Rahvel, mas surpreendeu o instrutor. Dehlia tinha declarado um duelo singular e Rahvel tinha-se apresentado. Maculava a glória da pirata que um guerreiro interferisse e lhe negasse uma morte honrosa.

Mas parecia que os chin não pensavam da mesma forma. Rahvel virou-se, prendendo a haste da lança com o escudo e puxando o guarda-costas para si até conseguir abrir-lhe a garganta. Enquanto o fazia, o outro guarda-costas saltava para ele. Quando Rahvel se virou para o enfrentar, Dehlia avançou, apoiando a lança atrás da aresta do seu escudo, puxando-o enquanto lhe cravava a faca no olho.

Rahvel pontapeou-a com o calcanhar, mas o outro guarda-costas encontrou uma junta na sua armadura, cravando profundamente a lança no flanco do instrutor. Em resposta, a lança de Rahvel atingiu-o nos pulmões e o instrutor puxou a arma do chin do corpo, girando-a defensivamente enquanto segurava o punho da faca de Dehlia e a puxava lentamente dos olhos.

As duas tripulações, paralisadas pelo confronto dos seus líderes, retomaram o combate, com nova chuva de flechas caindo sobre as fileiras Sharum. Dehlia contornou Ravel, massacrando-lhe as defesas enquanto sangrava da face e do flanco. À sua volta, os combates eram intensos.

Ashia ponderou envolver-se. Ainda restava tempo para chegar a Rahvel e matar a comandante dos piratas.

Mas pouca diferença faria no final. Podia matar Dehlia, mas seria o seu fim. O fim da sua missão. De Kaji.

Não podia combater nem apossar-se de um dos botes sem ser vista. Podia nadar, mas estavam em águas profundas, sem terra à vista. Equivaleria a suicídio para ela e para Kaji.

E, assim, esperou, enquanto os chin chacinavam ou dominavam os Sharum que restavam. Enquanto Dehlia dava a Rahvel uma morte sem glória.

Correu para o convés nesse momento, gritando de angústia. Os piratas chin estacaram ao ver uma mãe desarmada com a sua criança e conseguiu chegar até

ao instrutor, caindo de joelhos a seu lado.

– Everam! – gritou. – Conduz o meu marido, teu honrado instrutor, Rahvel asu Najan am'Desin am'Kaji, no caminho solitário, para poder submeter-se ao teu divino julgamento!

Por estar realmente incomodado ou limitando-se a imitar a mãe, Kaji também chorou, berrando enquanto Ashia abraçava o cadáver.

A comandante Dehlia hesitou. A seguir, arriscou um passo em frente. Ashia percebeu o movimento e recuou.

– Não tenhas medo – disse-lhe Dehlia. – Não te faremos mal ou ao teu filho. Serás levada para Lakton e bem tratada. O tratamento que receberás talvez seja melhor do que aquilo a que estás habituada. Não precisarás de continuar a cobrir-te.

Ashia esforçou-se para manter a expressão assustada e chorosa na face enquanto via a mulher desonrada aproximar-se. Acreditariam que as mulheres krasianas eram tolas ao ponto de aceitarem a palavra de alguém que matava sem honra? Tal como o resto dos selvagens chin, via o lenço que Ashia usava por modéstia perante Everam como alguma grilheta de que desejasse libertar-se.

O rumo mais seguro para Ashia e Kaji seria a rendição à pirata, mas viajar para a cidade chin sobre as águas não lhe permitiria terminar a sua missão.

Num momento, Dehlia ficaria suficientemente próxima para que Ashia a golpeasse. Tinha já planeado os sharukin para a desarmar e para a imobilizar antes mesmo que percebesse a ameaça. A seguir, retiraria a lâmina da manga e encostá-la-ia à garganta da mulher para que toda a tripulação visse.

Ashia tinha visto a lealdade da tripulação do Lamento do Sharum. A sua comandante significava mais para eles do que a honra perante o Criador. Não lhe arriscariam a vida. Poderia usar isso para assegurar transporte para si e para Kaji até à margem. Mais um passo e...

– Comandante Dehlia – disse uma voz.

Ashia virou os olhos ao ouvir o som, vendo Briar Damaj saltar sobre a amurada. Teria passado o combate inteiro ali escondido?

Dehlia também se virou e a sua expressão iluminou-se com surpresa e deleite.

– Briar! – Deu um grito de júbilo e correu através do convés, abraçando o rapaz com tanta força que lhe levantou os pés do chão. – Briar! Briar! Briar! Graças ao Criador que regressaste!

Ashia estava preparada para matar Dehlia e devia a Briar uma tareia, no mínimo, mas a reunião deixava-lhe uma dor no peito. Alguém na sua vida

alguma vez se tinha mostrado tão feliz por a ver? Só as suas irmãs de lança e eram como areia espalhada pelo vento.

– Que fazes aqui? – perguntou Dehlia.

– Qeran enviou o navio numa missão secreta. – A voz de Briar era rouca. As palavras eram um rosnado.

– Que missão?

Os olhos de Briar fixaram-se nos de Ashia por um instante.

– Não sei. Subi a bordo e escondi-me para ver.

Um dos tenentes de Dehlia regressou de uma busca ao navio, sussurrando ao ouvido da comandante.

– Nada de interesse no porão – disse Dehlia. – Apenas um punhado de guerreiros sem armamento forte. Sabes para onde se dirigiam?

– Para o mosteiro – disse Briar.

– Do outro lado do bloqueio?

Briar abanou a cabeça.

– Levariam um barco até à margem antes de chegarem ao bloqueio.

– Porquê? – perguntou Dehlia.

Ashia ficou tensa, mas Briar limitou-se a encolher os ombros.

– Não sei. Esperava para ver quem iria à margem.

Dehlia sorriu.

– Lamento estragar a tua camuflagem, Briar, mas valeu a pena para te ter de volta. Alguma ideia acerca do que pretendiam fazer? Pensei que nem a Doca lidasse com o monstro capado que governa o mosteiro.

Briar voltou a encolher os ombros, esforçando-se para não olhar Ashia.

– Só o comandante sabia e está morto.

Dehlia olhou Ashia.

– Talvez a sua mulher saiba alguma coisa.

– Não dirá nada – disse Briar. – Mataste-lhe o marido. Tudo o que fará será tentar matar-te se te aproximares demasiado.

A pirata olhou Ashia.

– Poderá tentar. Acredito que conseguiremos persuadi-la.

Arrogância. Mesmo com o aviso de Briar, Dehlia subestimava-a. Mesmo naquele momento, Ashia conseguiria cravar um vidro de arremesso no olho de Dehlia do outro lado do convés antes que alguém conseguisse mover-se. Seria adequado, depois do que a mulher tinha feito a Rahvel.

– Como persuadimos o príncipe Icha? – questionou Briar.

Dehlia pareceu abalada pelas palavras.

– Isso foi diferente, Briar.

– Não foi – disse Briar. – Qualquer indício de que saberá alguma coisa e não pararão até falar.

– Tem uma criança – disse Dehlia. – Não permitirei que...

– Não dependerá de ti – disse Briar. – Os mestres da doca entregá-la-ão ao homenzinho com os tornos.

Dehlia cruzou os braços.

– Fizeram-nos coisas muito piores, Briar. Sabes isso melhor do que qualquer pessoa.

– Sim – concordou Briar. – E estás sempre a dizer que somos melhores que eles. Não somos?

– Muito bem – disse Dehlia. – Diremos apenas que é uma prisioneira.

– E enviá-la-emos para a Ilha Prisão? – questionou Briar. – A única mulher numa ilha com duzentos Sharum famintos?

– Que posso fazer, Briar? Levá-la de volta à Doca? – Dehlia cobriu a cara com as mãos. – Não dispares, Qeran! Temos uma mulher a bordo! Trazemo-la de volta para poderes cobri-la e para continuares a tratá-la como uma escrava!

– Claro que não – disse Briar. – O comandante Rahvel tem no porão um cavalo para a levar e à criança. Deixa-nos na margem. Levá-la-ei a casa e farei sinal a um barco.

Ashia não acreditava no que ouvia. Que sabia Briar Damaj? De que lado estava, se estivesse do lado de alguém que não fosse ele próprio?

– O quê? Damos-lhe um cavalo?! – exclamou um dos tripulantes de Dehlia, motivando murmúrios de assentimento.

– Cala-te, Vick – bradou Dehlia, deixando o homem hirto. Os seus olhos moveram-se sobre a tripulação. – O mesmo se aplica a todos vocês! Se quiser as vossas opiniões, pontapeio-vos nos tomates até as cuspirem!

Voltou a olhar Briar.

– Essa é a ideia de que menos gosto. Acabas de voltar para nós...

– A viagem até à Doca é curta. – Briar agitou uma mão, retirando importância àquilo, como se penetrar as defesas da Cisterna de Everam não fosse um grande feito. – Nem darás pela minha ausência.

* * *

Briar olhou a mulher krasiana com apreensão enquanto esperavam. Não a conhecia. Não realmente. Mas, por ela, tinha mentido à comandante Dehlia, uma

das suas poucas amigas verdadeiras.

– Porquê? – perguntou ela em krasiano para que os outros não compreendessem.

As palavras da língua do seu pai eram pronunciadas com esforço pela língua destreinada.

– Vi tortura suficiente. – Briar indicou o rapaz com a cabeça. – Merece melhor do que crescer rodeado por pessoas que o odiarão por coisas que o seu povo fez. Sei como é. Sabia-o mesmo antes da guerra.

– Se me seguias, sabes que não vou para a Cisterna de Everam – disse ela.

– Sim – concordou Briar. – Tens assuntos a resolver no mosteiro. Posso levar-te lá.

– Porquê? – voltou a perguntar. – Porque me ajudas? Que me impedirá de te matar mal pisemos a margem?

– Há alguém que lá está preso, não é? – perguntou Briar. – Vais tirá-lo de lá? Sou bom nisso.

– Sabes quem é?

Briar encolheu os ombros.

– Que importa? Ninguém merece estar preso.

A mulher arqueou uma sobrancelha.

– Mesmo que seja Abban, o khaffit?

Briar estacou. Conhecia o nome. Todos em Lakton o conheciam. O khaffit sussurrava veneno ao ouvido dos líderes krasianos. Dizia-se que tinha planeado a anexação das terras que circundavam o lago e a sua derrota naval na Batalha da Doca.

Devia dizer a Dehlia. Devia fazê-lo naquele momento. Mas permaneceu paralisado. Nada mudava. Naquele momento ou em qualquer outro, entregá-la-iam aos torturadores. Àquele velho acólito corcunda, que se atrevia a vestir uma túnica do Criador mesmo enquanto apertava os seus terríveis tornos.

Mas podia confiar nela? Briar não sabia. Pensou que poderia confiar em Stela, mas também ela revelara ser mais perigosa do que aparentava.

– Nem sequer sei como te chamas.

A mulher semicerrou os olhos, mas, com o véu erguido, não conseguiu adivinhar-lhe a expressão.

– Ashia vah Asome am’Jardir am’Kaji. O meu filho chama-se Kaji.

– Vah Asome... – repetiu Briar.

Ashia confirmou com um aceno.

– A mulher e o filho do atual líder de Krasia inteira. Prisioneiros valiosos.

– Porque me dizes? – Era como se o desafiasse.

– Porque acredito que, se me traísses, já o terias feito – disse Ashia. – Mas não acredito que fosses capaz.

– Não me conheces – rosnou Briar.

– Não. – Ashia abanou a cabeça. – Não conheço. – Mas sei que Everam nos aproximou, primo.

– Primo? – Briar ficou confuso.

– A minha sogra, a Damajah, é Inevera vah Kasaad am'Damaj am'Kaji – disse Ashia. – Prima do teu pai. És estranho, filho de Relan. Demasiado hortelão, mas com o espírito guerreiro de um Sharum e uma selvajaria que não compreendo. – Estendeu a mão, pegando na sua. Briar encolheu-se, mas não se afastou. – Tu e o meu filho partilham sangue e gostaria de te conhecer melhor.

Demorou um momento a interpretar as palavras. Sogra prima do seu pai? Que parentesco existia então entre eles? Existiria algum?

Tu e o meu filho partilham sangue.

As palavras ecoaram-lhe na cabeça enquanto olhava o rapaz, pálido e imóvel às suas costas. Precisava de descanso. Precisava de água. Precisava de proteção.

A mulher estava certa. Não a trairia.

Briar sentiu a embarcação roçar o fundo e parar. Estava já no porão com Ashia, a comandante Dehlia e os seus novos guarda-costas.

– Tem cuidado. – Dehlia estendeu-lhe um saco cheio. – Preparei-te o almoço.

– Não preciso – disse Briar. – Posso caçar.

Dehlia pressionou-lhe o saco contra o peito. Por instinto, Briar abraçou-o e Dehlia afastou a mão.

– Há mais aí dentro do que comida, Briar, e és pele e osso. – Sorriu-lhe. – Faz o sacrifício à comandante Dehlia e come um pouco de pão e queijo.

Briar arqueou as sobrancelhas.

– Pão?

Dehlia pestanejou.

– Com côdea que se esmigalha, como gostas. – Briar sorriu e pendurou o saco às costas enquanto abriam o portaló e deslizavam a rampa.

– Partimos com a maré, mas deverão estar bem a sul daqui quando acontecer – disse Dehlia. – Os nuclitas comportam-se de modo estranho a norte.

Briar inclinou a cabeça.

– Estranha como?

– Reúnem-se em grande número, com estirpes que nunca vi – disse Dehlia. – Matam metade dos nossos batedores, mas não atacam o mosteiro ou os bandos de salteadores do Eunuco.

– Receiam as suas guardas? – perguntou Briar.

Dehlia encolheu os ombros.

– Talvez. Mas nunca conheci um nuclita com inteligência suficiente para sentir medo.

Briar acenou com a cabeça.

– Terei cuidado.

O abraço de Dehlia apertou-o tanto que lhe roubou o fôlego.

– Espero que sim. Quero que voltes para casa, são e salvo, antes da Lua Nova.

– Voltarei. – A mentira azedava os lábios de Briar enquanto retribuía o abraço. A seguir, pegou nas rédeas de Rasa e fez a égua descer a rampa até ao banco de areia. A água subiu-lhe até às ancas enquanto alcançava a margem a vau, mas Ashia e Kaji, sobre o cavalo, não se molharam.

– O comportamento estranho dos alagai preocupa-me – disse Ashia quando chegaram à margem e não podiam ser ouvidos do navio.

– Também a mim – disse Briar. – Talvez pretendam capturar o mosteiro.

– Isso sugeriria que um príncipe de demónios está interessado nele – disse Ashia. – Se assim for, espera-nos grande perigo.

– Não tem de ser assim – disse Briar. – Podemos afastar-nos com a mesma facilidade. Podemos ir para o Outeiro ou para Forte Rizon. Podemos manter Kaji seguro.

– Talvez tu possas – afirmou Ashia. – Kaji e eu não poderemos. Não me parece que algum dia volte a ser verdadeiramente bem-vinda na Fortuna de Everam, independentemente do que diga a Damajah.

– Sei como é – disse Briar. – Mas o Outeiro...

– Não conseguiu proteger o marido da minha irmã de lança – disse Ashia. – Agora, é viúva aos dezoito anos. Não conseguiu proteger o meu mestre, morto nas garras dos alagai. Não confiaria no acolhimento do Outeiro, sabendo o que ganhariam mantendo o meu filho como refém.

Briar ergueu as mãos.

– O mundo é grande. Poderemos perder-nos nos povoados ou ir para as montanhas ou para uma floresta. Poderemos construir um espinheiro que nos mantenha seguros.

– Como o teu homónimo com os lobos. – Ashia inclinou a cabeça, percebendo a confusão de Briar. – O que foi?

– Nunca contei essa história a ninguém. – Sempre fora uma coisa privada, uma memória preciosa do seu pai, guardada em segredo e segurança.

– Todas as crianças de Krasia conhecem a história de Briar do Espinheiro – disse Ashia. – Há também uma canção. Conhece-la?

Briar sentiu que tinha engolido uma pedra. Abanou a cabeça, sentindo-se dormente.

– Esta noite, cantá-la-ei para ti e para Kaji – prometeu Ashia. – Mas não podemos abandonar o nosso povo, escondendo-nos na floresta. Isso é o que fazem os chin egoístas que afastaram Everam dos seus corações. Temos um papel a desempenhar na Sharak Ka e esse papel será desempenhado aqui. Precisaremos de caminhar no limiar do abismo e confiar que o Criador nos conduzirá à salvação.



VINTE E QUATRO

PRIMEIROS PASSOS

334 DR

Assim que se distanciaram do lago, Briar conduziu Ashia a um pântano onde uma moita densa de alagai'viran cercava uma árvore antiga e curvada. A erva tinha cravado as raízes no musgo sobre a casca da árvore, crescendo sobre o tronco.

– Aqui – disse Briar.

Ashia abanou a cabeça.

– Isto não servirá. É demasiado húmido...

Briar sorriu.

– Confia.

A terra era macia, sugando os cascos de Rasa enquanto Briar caminhava sobre ela como um inseto movendo-se sobre água, deixando apenas marcas ténues por onde passava.

O solo à volta da árvore, sustido por uma velha teia de raízes, era mais firme e seco, mas o espaço era acanhado. Mal conseguia alojar o cavalo.

Briar atou as rédeas a um ramo.

– Segue-me.

Subiu com facilidade para a árvore, trepando rapidamente até desaparecer de vista. Ashia fitou-o por um momento. A seguir, encolheu os ombros e seguiu-o.

Briar não se tinha afastado muito. Um pouco mais acima, o grande tronco bifurcava uma, outra e outra vez. Os troncos faziam lembrar quatro dedos de uma mão unidos à mesma palma. Briar usou-os como suportes para um anel de ramos entrelaçados que pareciam um grande ninho de ave. O espaço era suficientemente grande para permitir que os três descontraíssem confortavelmente, abrigados pelos ramos, escondidos pelas folhas e protegidos pela raiz de demónio, tão seguros como em qualquer acampamento guardado.

Briar sorriu, pousando o saco.

– E temos pão!

O sorriso foi contagioso e Ashia riu-se, pousando Kaji e libertando a pobre criança do seu saco. O enjoo aquático esmoreceu quando voltaram a terra firme, mas Kaji estava fraco, faminto e desidratado.

Briar observou em silêncio enquanto Ashia mudava o bido sujo de Kaji. Cobriu-se com um lenço enquanto abria a túnica blindada para dar de mamar à criança. Briar sobressaltou-se, percebendo o que acontecia, e virou-lhe rapidamente as costas. Ashia fechou os olhos e começou a cantar.

O lobo veio ao espinheiro na noite
Dentes como facas, garras como lanças
O lobo veio ao espinheiro na noite
Mas Briar não temeu

Os espinhos eram longos
Tojo e carrasco
Rasgaram-lhe a carne
E prenderam-lhe o pelo

O lobo veio ao espinheiro na noite
Dentes como facas, garras como lanças
O lobo veio ao espinheiro na noite
Mas Briar não temeu

O lobo torceu-se,
A carne prendeu-se
Com a pedra na mão,
Ergueu braço e golpeou

O lobo veio ao espinheiro na noite
Dentes como facas, garras como lanças
O lobo veio ao espinheiro na noite
Mas Briar não temeu

Briar tentou suprimir o choro e engasgou-se, abraçando os joelhos e tremendo. Sem saber como reagir, Ashia parou de cantar.

Kaji adormeceu enquanto mamava, exausto com a provação. Afastou-o delicadamente e deitou-o no seu escudo. Quando se virou para Briar, tinha desaparecido.

Briar fugira, mas não para longe. Não esperara que a canção o afetasse tanto, mas, enquanto Ashia cantava, lembrou-se. O seu pai costumava cantar-lhe aquela canção. Como podia ter esquecido tal coisa? Era como esquecer o sol.

– Lamacento. – Esmurrou-se no peito. – Nem sequer recordas as suas caras.

Contornou a área, amaldiçoando-se enquanto se ocupava do espinheiro. Quando acalmou, aproximou-se mais da árvore. Rasa continuava com a sela posta, pastando raiz-porqueira.

Parte dele sentiu-se alarmado por ver que a sua proteção era arrancada, mas a égua precisava de comer e o espinheiro era grande. O perigo era mínimo e havia vantagens em viajar com um animal que cheirasse a raiz-porqueira. Os demónios afastar-se-iam dela a não ser que fossem provocados.

O animal resfolegou quando Briar se aproximou. As bestas de carga não costumavam gostar de Briar e era verdade que também não gostava muito delas. As montadas eram imprevisíveis quando havia nuclitas por perto. Confiava mais nos seus dois pés do que nos quatro de qualquer animal.

– Pronto, rapariga. – Afagou o pescoço de Rasa antes de retirar a sela, escovando-a.

– Sinto muito – disse a voz de Ashia vinda de cima.

Briar continuou o trabalho.

– Não há motivo nenhum para pedires desculpa. Fiquei com saudades de casa... Só isso.

– Compreendo. – A palavra contida de Ashia desceu do abrigo de ramos. – Também me senti como tu. Até perceber que ansiava por um lar que nunca existiu realmente.

– O meu existiu – disse Briar. – Até o queimar.

– Os relatórios diziam que a tua família morreu num incêndio – comentou Ashia. – Mas a culpa não foi tua.

– Foi – afirmou Briar. – Fui eu que ateei as chamas. Esqueci-me de abrir a chaminé. Fui eu.

– Um acidente – insistiu Ashia.

– Alguma vez mataste a tua família inteira por acidente? – perguntou Briar, com azedume.

Em cima, houve uma longa pausa.

– Não mataste a tua família inteira.

Briar trepou até ao ninho. Ashia enfrentou-lhe o olhar. Não ofereceu qualquer consolo físico. Não o tocaria nem abraçaria como Dehlia e Elissa. Não haveria beijos ou mãos curiosas como Stela. Limitou-se a olhá-lo nos olhos, estando ali por ele.

– É seguro aqui – disse ele, quando o silêncio se prolongou demasiado. – Talvez queiras descansar. – Sabia que Ashia ansiava por prosseguir com a missão. Na verdade, ele também. Mas não estavam sozinhos.

Ashia acenou afirmativamente.

– O enjoo aquático enfraqueceu Kaji. Precisará de um dia ou dois para descansar e de um pouco de pão, se puderes dispensá-lo.

– Claro – disse Briar. – Posso estudar o caminho enquanto esperamos. E depois?

– Depois, viajamos para norte – respondeu Ashia. – Tens outros... espinheiros por perto?

– Sim, muitos. – Durante meses, o Mosteiro da Aurora fora a base de operações da resistência laktoniana, mas Briar nunca se sentiu confortável dentro de paredes.

– O khaffit é pesado – disse Ashia. – E é coxo. Precisaremos de vários abrigos para nos escondermos dos alagai e dos Eunucos enquanto viajamos até à Cisterna de Everam.

Briar alegrou-se.

– Sim. Podemos fazê-lo. Talvez demore algumas semanas a prepará-los.

– A preparação é a chave do sucesso. – Ashia proferiu as palavras que Enkido lhe entranhara como se fossem suas.

Kaji bateu palmas enquanto Briar subia pelos ramos acima. O descanso da noite tinha trazido cor à face do rapaz e devolveu-lhe também a alegria.

– Cheiro. – Kaji cobriu o nariz com uma mão. Ashia ficou horrorizada da primeira vez que o viu fazê-lo, mas não tardou a descobrir que tinha sido Briar a ensinar-lhe o gesto... e a palavra.

Ashia riu-se enquanto Briar fazia uma pose, apertando o nariz para que a voz lhe saísse num guincho agudo.

– Cheiro.

Kaji riu-se e voltou a bater palmas.

– Pronto para voltar para o cavalo? – perguntou Briar.

– Não. – Era a palavra preferida de Kaji. Tinha um poder que as outras não tinham e usava-a como um tirano.

– Preferes andar? – perguntou Briar.

– Não – disse Kaji.

– Queres que a mãe te leve?

– Não.

– Queres que eu te leve?

– Não.

– Queres ficar aqui?

– Não.

Briar sorriu.

– Fome?

Kaji hesitou. Quando Ashia lhe fazia a pergunta, significava que lhe ofereceria a mama. Quando era Briar a fazê-la, significava pão.

Vacilou.

– Pão?

Briar mostrou-lhe um pequeno pão, mas manteve-o fora do seu alcance.

– Queres?

Ashia via a avidez na face de Kaji enquanto o desejo de dizer não enfrentava o estômago. Por fim, o estômago venceu e estendeu a mão.

– Quer.

Vendo-os juntos, Ashia sentiu um aperto na garganta. Quem diria que o filho meio chin de um traidor seria melhor pai para o seu filho do que o seu pai verdadeiro?

As terras alagadas eram vastas, mas Briar conhecia-as bem, conduzindo-os até terreno suficientemente firme para os cascos de Rasa. Mesmo assim, o caminho era irregular e tinha sido engolido pela vegetação, impossibilitando cavalgar com

velocidade. Ashia levou o cavalo pelas rédeas, caminhando ao lado de Briar. O ar estava quente e saturado de humidade. Os mosquitos mantinham-se ativos durante todo o dia na penumbra sob a copa das árvores. Manteve o véu subido, cobrindo Kaji com uma rede protetora.

Briar mastigava um caule de alagai'viram. Ashia habituara-se de tal forma ao cheiro que quase não dava por ele, mas pensar em comer raiz de demónio continuava a dar-lhe a volta ao estômago.

Briar percebeu o seu olhar agoniado e retirou um caule inteiro do bolso do cinto, passando-lho.

– Prova.

Ashia abanou a cabeça.

– Não percebo como consegues comer isso.

Briar encolheu os ombros e continuou a mastigar.

– Enche a barriga quando a caça é fraca. Mantém os nuclitas à distância. Às vezes, impede que nos vejam.

Ashia recordou o seu primeiro encontro, quando o procurou com a luz de Everam e não encontrou nada. Teria procurado no sítio errado ou algo mais que isso?

A escuridão não era total sob os ramos, mas era suficiente para que Ashia canalizasse a magia armazenada nos seus hora, ativando as guardas de visão no elmo coberto pelo toucado de seda.

O mundo à sua volta iluminou-se com magia. O brilho era a raiz de toda a vida e abundava nas terras alagadas. A luz palpitava nas poças de água, cantada na vegetação rica, pendendo, pesada, nas árvores antigas e curvadas. Até a lama brilhava mansamente, repleta de vida demasiado pequena para ver.

Mas Briar, com a pele, roupa e cabelo ensopados com raiz-porqueira, parecia... baço. Demasiado baço para um humano que não estivesse próximo da morte.

– Talvez prove. – Estendeu a mão para o caule e mordeu-o. A erva era amarga, mas o mesmo se aplicava a tantas coisas na vida. Enkido tinha-a ensinado a aguentar.

Passou mais de uma semana enquanto visitavam espinheiro após espinheiro. Alguns pouco mais eram do que acampamentos bem posicionados, com maior visibilidade de dentro para fora do que o inverso. Outros eram obras-primas, camuflando-se perfeitamente com a envolvência com segurança, espaço e conforto.

Todos estavam repletos de alagai’viran.

O último fora uma clareira numa pequena elevação. Como todos os esconderijos de Briar, parecia completamente desinteressante à primeira vista. Suficientemente alto para permitir visibilidade e algum alívio do solo ensopado em redor, mas não suficientemente alto para atrair atenções. Do topo, Ashia conseguia ver o círculo de raiz-porqueira à volta da base da elevação. Demasiado regular e perfeito para ser natural.

– Normalmente, deito-me no topo – disse Briar. – Os nuclitas não conseguem ver-me, mas eu vejo-os a eles. Mas nunca se aproximam da raiz-porqueira.

– Vamos estender também os meus círculos – disse Ashia. – Os alagais são numerosos nas terras alagadas. Em Krasia, não se erguem em tão grande número em terras desabitadas.

– Aqui também não. – Briar ajudou-a a estender o círculo. – Nunca vi tantos nuclitas por aqui. Estranhos. Da chama e do vento. Grandes demónios da rocha e da madeira. Mas não fazem nada. Só caçam. Só... cambaleiam por aí.

– Dentro de duas noites, será Lua Nova – disse Ashia. – Se Alagai Ka ou os seus príncipes se erguerem, terão um exército à espera. Seríamos sensatos se encontrássemos um abrigo melhor para esperar a mudança de lua.

– Sim. Conheço um sítio. – Briar acendeu uma fogueira na cova com lenha seca tirada do saco. – Teremos de recuar um pouco, mas é seguro.

Seguro para nos escondermos cobardemente das forças de Nie, costumavam dizer os dedos de Enkido acerca do Palácio das Dama’ting. Esconder-se atrás de guardas incomodava Ashia. Tinha sido criada e treinada para combater na frente.

Um bom kai é um kai paciente, ensinara Enkido. As batalhas eram vencidas quando o atacante escolhia o sítio e o momento para lutar. Aquela Lua Nova não seria nenhuma dessas escolhas.

– Luta quando tiveres de lutar – Briar encheu uma panela com água fresca e raiz-porqueira crua, colocando-a sobre o fogo enquanto Ashia libertava Kaji do saco e o aproximava do seio. – Não quando quiseres.

– É assim tão claro no meu olhar? – perguntou Ashia.

– Vi esse olhar muitas vezes, neste ano que passou – respondeu Briar. – Pessoas desejosas de lutar por não aguentarem esperar uma luta que poderá chegar ou não.

– É esse o rumo dos Sharum – disse Ashia.

– Não sou um Sharum – retorquiu Briar. – Os Protetores dizem que devemos almejar sempre a paz.

– Quem almeja a paz com os alagai acaba chacinado – disse Ashia.

– Luto quando estou encurralado – explicou Briar. – Mas será melhor que nem saibam que aqui estou.

Briar misturou carne de rã à água em ebulição, mas a sopa de alagai'viran continuou amarga. Ashia comeu-a, mesmo assim. Precisavam de aproveitar todas as vantagens para concluírem a missão com sucesso. Conseguia cheirar já a raiz de demónio no seu suor, no seu hálito e até no seu leite. Receava que Kaji pudesse começar a recusar mamar, mas sentia-se demasiado faminto para se incomodar com isso.

Com a Lua Nova tão próxima, os demónios estavam mais ativos. Com a luz de Everam, Ashia conseguia vê-los movendo-se furtivamente na escuridão e a sua pequena fogueira atraía as atenções dos alagais. A maioria era repelida pela raiz de demónio, mas um demónio do pântano afoito acabou por pegar num ramo de árvore, começando a movê-lo para cortar os caules como se fosse uma gadanha.

Briar pegou na lança e no escudo, erguendo-se.

– Matar o demónio com uma arma guardada será brilhante e ruidoso – disse Ashia. – Atrairá mais atenções.

– Deixá-lo arranhar as guardas também. – Briar colocou o escudo às costas e baixou a lança. – Vou atraí-lo para longe. E dou a volta.

Ashia não duvidou de que conseguiria fazer isso mesmo, mas uma incerteza interior recomendava-lhe cautela. Talvez fosse algo que aprendera com a filosofia de Briar.

– Deixa-me tentar – disse Ashia.

– Com Kaji nos braços? – perguntou Briar.

Ashia sorriu e começou a cantar *A Canção da Lua Nova*. Juntamente com as suas irmãs de lança, tinham-na cantado mil vezes sob o olhar atento da sua instrutora dama'ting, mas era diferente quando a sua irmã a cantara para o Shar'Dama Ka no dia em que se casou com o Jogral hortelão. Ashia sentira o poder nesse momento, aprendendo mais com as mensagens secretas das suas irmãs de lança.

Cada verso da canção tinha um ritmo próprio, um timbre próprio, um poder próprio. O poder de os tornar invisíveis aos demónios. De os repelir. De os ludibriar ou ferir. Exigiam distância considerável, mas Ashia estava à altura da tarefa.

O demónio do pântano abriu caminho pela moita de alagai'viran e aproximava-se do círculo guardado quando a canção de Ashia começou a fazê-lo recuar. Com um toque, Ashia moveu as pedras guardadas, ativando o seu colar de hora. Dispondo as guardas em configurações diferentes, podia tornar-se tão silenciosa

como a morte ou projetar a voz a grande distância. Podia ouvir algo que estivesse longe ou silenciar algo que estivesse perto.

A sua canção aumentou de volume, fazendo o demónio recuar pelo caminho por onde tinha vindo. Quando saiu da moita de raiz-porqueira, Ashia acrescentou outro verso ao primeiro, confundindo o demónio e passando ao verso de camuflagem. O demónio abanou a cabeça e pareceu deixar de os ver, com os olhos movendo-se cegamente sobre o seu acampamento. Acabou por se afastar e Ashia deixou o eco da canção esmorecer.

Briar estava espantado.

– Vi magia assim no Outeiro, no funeral de Meia-Mão. Duas mulheres krasianas cantavam.

Kaji tinha adormecido e Ashia deitou-o na concavidade do escudo.

– As minhas primas, Amanvah e Sikvah. Elas e o seu honrado marido forma tocados por Everam. Limito-me a roçar com os dedos a superfície do seu poder.

Algo captou a atenção de Briar. Virou-se, espreitando a noite.

Ashia colocou-se a seu lado.

– O que foi?

Briar apontou um demónio da madeira, maior e mais forte do que os que eram comuns nas terras alagadas.

– Aquele nuclita tem-nos seguido.

– Tens a certeza? – perguntou Ashia. Os alagai não pareciam interessados nele.

– Claro – disse Briar.

Ashia semicerrou os olhos, vendo com a luz de Everam, tentando estudar o padrão de magia na aura do demónio. Não parecia interessado neles, mas a sua aura dizia o contrário. Eram o seu único interesse.

– Parece-me que estás certo – concordou Ashia. – Devemos matá-lo. Fica com...

– Não. – Briar saía já do círculo com a lança na mão. – Trato disto.

Ashia pressionou os lábios sob o véu. Estava habituada a ser obedecida, mas Briar era uma força própria.

Para seu crédito, mesmo que Ashia soubesse o que procurar, a alagai’viran tornou Briar invisível. Captou apenas um vislumbre ínfimo enquanto se embrenhava entre as árvores. O demónio não deu qualquer sinal, em comportamento ou em aura, de ter notado a sua partida.

Então, ouviu-se um chamado à distância. O demónio inclinou a cabeça, virou-se e correu na direção de onde tinha vindo o som.

Momentos depois, ouviram-se guinchos e viram-se clarões. Demasiado distantes para Ashia perceber os pormenores, mas, enquanto a luz e o som continuavam, um temor começou a enchê-la. Se Briar tivesse surpreendido um demónio solitário, mesmo um demónio grande, deveria ter conseguido matá-lo rapidamente. Nenhum guerreiro desejaria uma batalha prolongada com um demónio tão grande. Os demónios não se cansavam.

Continuou, sem parar, e Ashia levantou-se, sacudindo os braços para expor as lâminas das suas lanças curtas. Cada músculo no seu corpo lhe gritava que corresse para proteger Briar. Para se erguer em desafio aos alagai. Mas Kaji, deitado sobre o seu escudo, prendia-a no círculo. Que lhe aconteceria se Ashia e Briar fossem mortos?

Mas a batalha prosseguia e Ashia tomou uma decisão. Estendeu a mão para o saco de Kaji. Enfrentariam juntos o perigo.

A noite silenciou-se. Ashia estremeceu, fitando a escuridão. Dez inspirações. Vinte. Pegou no saco e começou a enfiar os braços nas alças.

– Ashia! – Briar materializou-se na escuridão, sobre o terreno exposto onde o demónio do pântano tinha arrancado a raiz de demónio.

– Não é um nuclita normal. Tens de ver. – Começou a virar-se.

Ashia olhou Kaji, adormecido no seu escudo.

– Está morto?

– Sim – disse Briar. – O caminho está desimpedido. Somos rápidos.

– Everam me amaldiçoe. – Ashia empunhou as lanças e seguiu-o, correndo agachada até o alcançar entre as árvores. – Briar! Por Everam, dizes-me...

Briar virou-se para ela, com uma brisa fresca soprando atrás dele e, por uma vez, não cheirava a raiz de demónio.

Não teve outro aviso antes que o demónio mimético o golpeasse com um braço que se alongou até se tornar um tentáculo com ponta de lança. Ashia atirou-se para trás no último momento, mas foi a sua armadura a salvá-la. As placas sobrepostas de vidro guardado defletiram o golpe, mas sentiu a seda que as prendia enfraquecer e rasgar. Não sobreviveria a um segundo golpe no mesmo local.

Recordou instintivamente o treino de Enkido. Roubou energia ao golpe recebido, usando-a para sair do caminho e para se posicionar em equilíbrio. Sentiu a vibração enquanto os tentáculos atingiam duas vezes o chão a meros centímetros, mas antecipou-se-lhes, contornando com as lanças erguidas.

Outro tentáculo esticou-se para a abrandar, mas Ashia curvou-se como uma palmeira ao vento, golpeando com as lanças quando lhe passou para cima. Um

jorro de sangue negro e um baque sem vida atrás dela enquanto se aproximava, golpeando o corpo do demónio.

O demónio uivou enquanto a magia cintilava e lhe enchia o corpo. Ashia olhou para cima, esperando ver a luz abandonar-lhe o olhar, mas o demónio limitou-se a rosnar, cuspindo-lhe fogo na cara.

A saliva flamejante era uma das armas mais perigosas no arsenal dos alagai. Era pegajosa como seiva, mas queimava mais que uma fornalha. Instintivamente, Ashia recuou, enquanto as guardas nas suas joias aqueciam, transformando o fogo numa brisa fresca.

O demónio demorou um momento a mudar de forma, mas Ashia sabia que a pausa seria breve. Olhou para o alto da colina e viu com horror que havia demónios saindo da floresta circundante em número assustador. Os da frente empunhavam ramos, devastando a raiz de demónio com eficácia tranquila. Os demónios silvaram enquanto pisavam o leito de alagai'viran ceifada, mas insistiram, aproximando-se de Kaji.

Ashia virou-se e correu para a colina antes que os demónios se tornassem demasiado numerosos para conseguir passar por eles. Deu vários passos e um tentáculo rodeou-lhe o tornozelo, atirando-a ao chão. Equilibrou-se com as mãos no chão, usando a energia do puxão para se virar e golpear com a lança de lâmina longa. O tentáculo cortado caiu-lhe à volta do tornozelo, inerte, e sacudiu-o enquanto se colocava numa posição defensiva com uma cambalhota.

O mimético mantinha uma forma quase perfeita de demónio da madeira e abandonou os tentáculos de demónio da água, substituindo-os por braços poderosos semelhantes a ramos.

Eram armas formidáveis, com garras como estacas afiadas, mas a forma volumosa era lenta por comparação com a minúscula Ashia, cuja velocidade era multiplicada pela magia. Esquivou-se entre golpes para passar além das defesas do demónio, cravando com as duas lanças. Estalaram ambas com magia e Ashia sentiu uma parte dela entrar-lhe no corpo.

Ansiava por manter a sensação, mas não havia tempo. Libertou as armas e afastou-se da tentativa do mimético para lhe cravar as garras. Ao invés, o demónio atingiu-se a si mesmo, uivando de dor.

Aproximou-se mais alguns passos de Kaji e foi forçada a virar-se para enfrentar novamente o demónio. Havia já alagai no topo da colina, testando as guardas do círculo de Ashia. A magia cintilou pela rede guardada como orvalho cobrindo uma teia de aranha.

O mimético avançou em força e, como uma árvore a que cresciam novos ramos, os braços retorcidos dividiram-se, permitindo quatro ataques em vez de dois. Ashia esquivou-se a um, desviou-se de outro e bloqueou um terceiro, mas o quarto passou-lhe além das defesas, atingindo-a nas costas. A armadura resistiu, mas pelo menos uma costela estalou com o impacto.

O demónio voltou a atacar e, desta vez, Ashia foi mais rápida, esquivando-se aos quatro membros e preparando-se para desferir um ataque devastador.

Mas os quatro membros tornaram-se oito. O demónio girou, atacando-a com demasiada rapidez para lhe permitir ver com clareza. Ashia agiu por instinto, recuando e tentando afastar os golpes da sua trajetória, emaranhando os membros. Recuou até os demónios que atacavam a colina ficarem junto às suas costas. Os mais próximos voltaram-se para ela e o mimético atacou.

Os demónios menores não atacaram, limitando-se a bloquear o caminho de Ashia. Sem sítio para onde recuar, voltou à ofensiva, golpeando o demónio aos poucos. Os miméticos conseguiam sarar quase qualquer ferimento que não fosse fatal, mas não conseguiam fazer crescer ou unir o que tinha sido cortado.

Conseguiria cansá-lo.

Um guincho familiar sobrepôs-se ao som dos combates. Ashia olhou para cima e viu Kaji, cercado pelos sons de batalha e pelos demónios atacando as guardas, rebolando para fora do escudo oscilante num emaranhado de cobertor.

A seguir, fez algo milagroso.

Ashia olhou, com choque e orgulho, e viu-o, pela primeira vez na vida, erguer-se sobre pernas trémulas e começar a cambalear pelo acampamento, em direção aos clarões das guardas.

– Gadas! – gritou. E Ashia sentiu um medo como nunca tinha sentido.

A distração saiu-lhe cara. O mimético saltou, atirando-a ao chão e prendendo-lhe os braços, inutilizando as lanças. Ashia debateu-se contra o seu peso fétido, mas nem a sua força multiplicada conseguia superar a física. Não se tratava de um alagai desmiolado. Aquele demónio sabia combater. Abriu as mandíbulas, deslocando o maxilar inferior até a boca ficar com tamanho suficiente para lhe engolir a cabeça. Enquanto olhava, fileiras de dentes cresceram nas gengivas cada vez mais grossas.

Enchendo os pulmões, Ashia fez a única coisa que podia fazer. Gritou.

Não foi um grito de medo ou de dor. Era a essência crua do verso na *Canção da Lua Nova* que canalizava dor para os alagai. Incapaz de cantar, deixou pairar no ar aquelas notas dolorosas, agitando-as como um archote.

A resposta foi imediata. Os demónios da madeira e do pântano mais perto dela dispersaram e até o mimético afrouxou o aperto, com os membros movendo-se instintivamente para cobrir a cabeça. Ashia perdeu uma das lanças no esforço para se libertar, mas conseguiu afastar o demónio com um pontapé, subindo a colina e usando a voz para afastar os demónios. Com a mão livre, puxou o véu e ativou as guardas no seu colar, acrescentando poder à canção.

Um coto de árvore arrancado ao chão como uma criança ergueria um punhado de areia, atingiu-a com força nas costas antes de conseguir alcançar Kaji. A madeira pesada roubou-lhe o fôlego e a terra projetada engasgou-a quando tentou canalizar. A canção morreu-lhe nos lábios.

Abandonou a resistência, deixando a armadura absorver o máximo do golpe enquanto rebolava no chão, difundindo o impacto. Precisou de um momento para encontrar o equilíbrio, aterrando a passos de distância do filho, que cambaleava em direção ao desastre.

Mas foi tempo suficiente para o mimético saltar, imobilizando-a. Ashia tentou respirar, sentindo a garganta ainda dorida, mas um tentáculo cobriu-lhe a boca, silenciando-a. O demónio recuou um braço com garras afiadas como lâminas alongando-se.

Uma ponta de lança brilhante com magia perfurou o tronco do mimético, cobrindo Ashia com sangue negro. O demónio gritou, soltando-a o suficiente para lhe permitir uma inspiração superficial, mas não a deixando escapar.

Briar surgiu, correndo pelas costas do mimético acima e prendendo-lhe a cabeça numa chave de sharusahk. As suas mãos brilhavam com magia. O demónio debateu-se e fez ranger os maxilares, mas não conseguia afastá-lo. Ashia via-o dar saltos enquanto as guardas nas mãos de Briar projetavam ondas de magia esmagadora pelo seu crânio.

O demónio começou a perder a coerência, com os membros que seguravam Ashia tornando-se flácidos. Debateu-se, conseguindo libertar-se. Golpeou com a lança, cravando-a e cortando enquanto o demónio não conseguia sarar.

De repente, um clarão de magia e um grito vindo de cima. Um demónio tinha mergulhado sobre Kaji, embatendo na rede guardada. O alagai ressaltou, atordoado, e Kaji caiu, aterrando com força sobre o rabo.

– Vai! – gritou Briar.

Kaji tinha começado a chorar, mas parou quando a viu aproximar-se.

– Mamã! – Levantou-se mais facilmente desta vez, estendendo-lhe os braços e voltando a aproximar-se das guardas.

E chegou até ele, abraçando-o.

– Meu filho, meu filho! Estou aqui contigo. – Beijou-lhe a cabeça. – Sê corajoso, Kaji.

Enfiou-o no saco e pendurou-o às costas. Torcendo a extremidade da lança que lhe restava, fê-la duplicar de tamanho, fixando o escudo à outra mão.

Briar gritou e Ashia olhou para cima, vendo que o mimético lhe tinha enrolado um tentáculo espinhoso, com a sua carne silvando e emitindo um vapor fétido enquanto o apertava. Incapaz de o segurar durante muito tempo, atirou o rapaz para o círculo guardado. Briar emaranhou-se na corda enquanto tentava parar, inclinando as guardas e abrindo uma fissura na proteção.

O mimético aproveitou o momento para se recompor, com três demónios formando uma muralha defensiva à sua volta. A lança de Briar saiu-lhe do corpo. A sua carne novamente dura e resistente, mas Ashia via que a sua magia era mais ténue. O demónio enfraquecia.

Rasa relinchou de horror enquanto alagai avançavam para a brecha. Puxou a estaca que a prendia ao solo, erguendo-se nas patas traseiras e correndo pela noite fora. Por um momento, pareceu prestes a escapar, mas os demónios seguiram-na com o olhar e meia dúzia correu atrás dela.

Os urros de Rasa pareciam quase humanos enquanto a dilaceravam.

Um par de demónios do pântano passou em primeiro lugar pela brecha nas guardas, mas Ashia não demorou a destrui-los, desviando o ataque de um para o outro e usando a distração para cravar a lança no coração do segundo. Torceu a lança enquanto recuava, certificando-se de que o órgão ficava além da capacidade do alagai para sarar com rapidez suficiente antes de morrer.

O ataque seguinte do primeiro demónio perdeu-se no seu escudo e cravou-lhe a lança do queixo até ao cérebro.

Mas foi apenas uma distração enquanto o mimético recém-formado se aproximava, com corpo de demónio da rocha pairando com asas de demónio do vento. Golpeou com os tentáculos espinhosos de um demónio da água e o seu focinho de demónio da chama incendiou-se com saliva flamejante.

Ashia sentiu que Briar corria na sua direção, mas, sem a sua lança, não acreditava que conseguisse aproximar-se o suficiente para causar algum dano ao demónio antes que este o matasse.

Mesmo assim, saltou, passando ao lado dela, virando-se e atirando a panela da sopa ao demónio. A raiz-porqueira de Briar salpicou o mimético e fê-lo guinchar, com a carne fervendo e borbulhando como alcatrão quente.

Correram os dois. Ashia defletiu uma massa desvairada de tentáculos com o escudo, cortando um tentáculo grosso antes de recuar. Briar avançou e Ashia

conseguiu ver as grandes guardas tatuadas nas palmas das suas mãos, brilhando com magia. Golpeou o demónio na garganta com a guarda de impacto, fazendo-o asfixiar com a sua própria saliva flamejante. A seguir, esmurrou-lhe as orelhas.

O demónio cambaleou e Ashia voltou também à carga, perfurando e cortando, com a lança girando.

Um demónio do pântano conseguiu colocar-se atrás dela. Sentiu o seu salto, mas não foi suficientemente rápida enquanto atingia o saco de Kaji com as garras.

Kaji berrou, mas as placas de vidro guardado presas em seda entre camadas de pano resistente defletiram o golpe. O choro do seu filho fê-la perceber que estava bem enquanto abria o estômago do demónio do pântano e o pontapeava, vendo os seus órgãos vitais caírem sobre o chão molhado.

O mimético recuperava o equilíbrio quando Briar lhe atirou uma bolsa às mandíbulas. O demónio mordeu por instinto e a bolsa rebentou numa nuvem de pó de raiz de demónio. Ashia cortou-lhe a garganta enquanto Briar rebolava pela colina abaixo atrás da sua lança.

Mais demónios substituíam os caídos. Um tombou antes de conseguir alcançar Ashia e Kaji, com a lança arremessada por Briar prendendo-o contra o chão. Briar recuperou também a lança perdida de Ashia, cravando-a nas costas do mimético.

Recuperando o fôlego, Ashia começou a cantar, a sua voz manteve os demónios menores à distância enquanto, juntamente com Briar, investiam contra o mimético. Os seus movimentos abrandavam de forma notória. Sarar e transformar a carne exigia uma grande quantidade de magia e, visto com a luz de Everam, tornava-se cada vez mais ténue.

Não abrandaram. Tentou levantar voo, mas Ashia abriu-lhe um grande rasgão na asa de couro, atacando o osso leve e flexível que a suportava com o escudo. As guardas na aresta cintilaram e sentiu o osso rachar.

A outra asa caiu, paralisada, e Briar correu por ela acima, segurando os cornos do demónio nas suas mãos guardadas e puxando-lhe a cabeça para trás. Ashia aproveitou a oportunidade para investir e, por fim, conseguiu cortar o pescoço do demónio.

Os outros estacaram enquanto o mimético caía morto, começando já a derreter como barro.

Ashia guinchou-lhes e os alagai fugiram.

Briar levantou o acampamento enquanto o céu se enchia de cor. Ashia patrulhou o círculo, com os olhos guardados procurando sinais de nuclitas na escuridão e no nevoeiro. Aparentemente, os demónios tinham fugido do poder do sol nascente, mas não estavam preparados para romper a rede guardada antes que a luz do Sol iluminasse a colina.

Nenhum deles dormiu, mesmo depois da reparação do círculo. O poder que canalizaram na batalha contra o mimético era mais que suficiente para os suster. Os músculos de Briar pareciam-lhe cabos de navio e sentia-se agitado pela energia. Sentia-se capaz de colocar Ashia e Kaji às costas e correr cem quilómetros.

Só Kaji dormia, ressonando pacificamente no seu saco nas costas de Ashia. A sua respiração era profunda e regular, como o pai de Briar, Relan, ensinara os filhos a respirar durante as suas lições de sharusahk. Briar respirou com ele, servindo-se da tranquilidade do rapaz para se serenar.

Fez incursões rápidas fora do círculo para colher a raiz-porqueira que os nuclitas tinham ceifado, enchendo os bolsos e as bolsas. Esmagou punhados de folhas, esfregando a seiva pegajosa nas roupas.

Passou alguns caules a Ashia.

– Tu também.

Melhorava a sua capacidade de lhe ler a expressão sob o véu. Torcia ligeiramente o nariz de nojo.

Briar não ficou ofendido. As pessoas eram sempre assim à sua volta. Alguns atiravam pedras, chamando-lhe Fedorento. Lamacento. Ashia não era cruel, mas cheirava o sabão nela e, mesmo após semanas nas terras alagadas, as sedas que vestia permaneciam tão imaculadas como os vestidos de Leesha Papel. Podia estar na lama, mas tinha sido criada num palácio.

Mesmo assim, não havia tempo para sensibilidades.

– Os nuclitas aprenderam-te o cheiro. Precisas de tudo o que puderes fazer para os despistar.

Ashia suspirou, aceitando os caules.

– Achas que conseguiremos?

– Tenho alguns truques na manga. Passaremos um dia longo em corrida, mas teremos abrigo esta noite.

– Precisaremos dele – disse Ashia. – Demorará uma semana quase inteira até a Lua Nova passar em segurança. Parece que até um crescente fortalecerá o poder de Nie.

As palavras eram sérias, mas Briar mantinha a confiança.

– O melhor espinheiro que tenho. Se os nuclitas conseguirem atacar-nos lá, conseguirão atacar-nos em qualquer sítio.

Ashia fitou-o por um momento. A seguir, acenou com a cabeça. Tomada a decisão, foi meticulosa e eficiente, esmagando os caules e esfregando-os sobre cada centímetro das suas sedas, arruinando-as sem remédio com seiva pegajosa e malcheirosa. Pousou Kaji, esfregando a seiva no seu saco e até no seu cobertor.

Briar arrancou as melhores folhas, misturando-as com nozes e bagas e acrescentando um pouco de óleo para o pequeno-almoço.

– Porque as escondes?

– *Hmm?* – Briar ergueu o olhar, vendo que olhava fixamente as suas mãos, novamente cobertas pelas ligaduras.

– As tuas tatuagens – disse Ashia. – Cobre-las porque temes ofender-me?

Briar recordou o que Jarit lhe tinha dito sobre os krasianos e as tatuagens. Era, supostamente, uma afronta a Everam, mas Briar não percebia como.

Virou-se ligeiramente, escondendo as mãos.

– Não gosto de olhar para elas. Só isso.

– Mas dão-te poder – insistiu Ashia. – Não acredito que sejam uma afronta a Everam. O meu mestre, Enkido, era tatuado e não conheço nenhum homem além do próprio Libertador que tivesse honra maior.

– Fi-las pelos motivos errados – disse Briar.

Receou ter falado demasiado e que Ashia insistisse mais. Via-lhe a vontade nos olhos, mas respeitou a sua privacidade.

– Que importa o motivo? Os alagai não suportam o teu toque e a tua honra é infinita.

Briar voltou a erguer as mãos, retirando a ligadura de uma para olhar tristemente a guarda em baixo.

– Parece-te que sim?

Ashia aproximou-se para lhe pousar uma mão no ombro.

– Sei que não gostas de lutar, Briar Damaj, mas saltaste sobre um kai demónio por mim e pelo meu filho. Everam está sempre atento, mesmo que não o tivesse testemunhado. Serás recebido em glória no fim do caminho solitário.

– Não – negou Briar. – Nada pode compensar o que fiz.

– O que aconteceu à tua família não foi culpa tua – disse Ashia.

Briar virou a cara, sabendo que devia proferir as palavras naquele momento, se alguma vez conseguisse fazê-lo, mas temia o que veria nos seus olhos.

– Foi. Não ateei a fogueira como devia e enchi a casa de fumo.

Ashia permaneceu algum tempo em silêncio. Demasiado tempo. Briar quis gritar, fugir para a névoa. Qualquer coisa para escapar ao seu julgamento silencioso.

Em vez disso, Ashia apertou-lhe delicadamente o ombro.

– Foi há dez anos, Briar. Eras uma criança. Nada acontece contra a vontade de Everam.

– Foi por vontade de Everam que matei a minha família? – Briar ficou incrédulo.

– Talvez. – Ashia encolheu os ombros. – Ou talvez acontecesse de qualquer forma e se tenha limitado a não o impedir.

Briar olhou-a.

– Porquê?

Ashia ergueu a mão, tocando-lhe a cara.

– Tudo será remetido para segundo lugar pela Primeira Guerra. Como eu, foste forjado por Everam em dor para seres uma arma contra Nie.

– De que serve fazer alguma coisa – perguntou Briar – se é tudo a vontade de Everam?

– O meu mestre costumava dizer que Everam aumenta o seu poder com a nossa coragem. A vontade é o único dom que Lhe podemos conceder na sua batalha interminável contra Nie. Everam guia-nos, mas a escolha de ser intrépido ou cobarde, de lutar ou fugir – Ashia colocou-lhe a mão no peito –, isso virá de dentro.

A seda que envolvia os pés de Ashia dentro das sandálias estava ensopada com água e lodo dos pântanos que Briar a fazia atravessar, ziguezagueando pelas terras alagadas, por vezes submersos até às ancas. Tudo para tentarem obscurecer os seus passos.

A meio da manhã, pareceu satisfeito, conduzindo-os para terreno mais seco. Ashia estava completamente perdida, mas Briar parecia sentir-se em casa quando aceleraram no terreno mais plano. Ao meio-dia, tinham chegado à margem, seguindo o limiar do penhasco sempre para cima.

O excesso de magia do kai demónio foi queimado pelo sol, mas Ashia percebia o perigo que corriam e não disse nada da passada brutal de Briar. Pensou que ela e as suas irmãs de lança eram resistentes, mas Briar Damaj envergonhava-as a todas. Cobriram muitos quilómetros antes de o Sol começar a descer para o horizonte.

– Fica muito longe? – perguntou Ashia finalmente. O reflexo do sol poente era tão intenso na água que lhe feria os olhos, mas sabia que anunciava a vinda próxima da escuridão.

– Ali. – Briar apontou uma secção de penhasco sem qualquer traço que a distinguisse, dezenas de metros acima das ondas que trovejavam em baixo.

Ashia preparava-se para perguntar, mas via a confiança na face de Briar e confiou que estaria prestes a produzir uma das suas surpresas habituais.

Dirigiu-se ao limiar do penhasco e ajoelhou, esticando-se para além do abismo.

– Por aqui.

Saltou.

Ashia olhou, mantendo-se imóvel por um momento, antes de se aproximar para espreitar também. Vários metros abaixo, Briar deslizava por uma corda feita de fibras de alagai'viran entrelaçadas, presa a uma saliência imediatamente abaixo do topo do penhasco. Pontapeou a parede rochosa para fazer ondular a corda e desapareceu.

Ashia suspirou, apertando as alças do saco para que Kaji ficasse seguro enquanto pegava na corda e descia atrás dele. Uns dez metros pela rocha nua abaixo, alcançou uma pequena caverna, invisível para quem olhasse do alto, obscurecida por trepadeiras de alagai'viran que, à primeira vista, pareciam naturais.

Entrou e descobriu que era mais espaçosa do que a entrada sugeria. As paredes e piso estavam cobertos com raiz de demónio seca, mais macia e segura do que pedra nua, impedindo que os alagai se erguessem no interior da gruta. Estavam demasiado altos para serem alcançados pelos demónios da água e demasiado abaixo do topo do penhasco para chamarem a atenção dos demónios terrestres. A entrada era demasiado pequena para deixar entrar um demónio do vento com as asas abertas, mesmo que conseguisse passar a cortina verde que a cobria.

– Que te parece? – perguntou Briar, por fim.

Ashia sorriu-lhe enquanto retirava o saco de Kaji dos ombros.

– É perfeito, filho de Relan. O teu talento é tão ilimitado como a tua honra.

Briar sorriu, passando por ela para afastar as trepadeiras de alagai'viran que cobriam a entrada como uma cortina.

– Nem sequer te mostrei a melhor parte.

Ashia virou-se e o que viu roubou-lhe o fôlego. O lago espraiava-se diante deles, com o horizonte brilhando com os últimos raios de sol num céu tingido de roxo, branco e azul.

Kaji arregalou os olhos. Apontou o horizonte.

– Pa’av’a?

Queria saber qual era a palavra que descrevia o que via.

Ashia hesitou. Que palavra poderia fazer justiça a tal visão? Chamar-lhe *anoitecer* seria demasiado limitador.

Ajoelhou-se, pousando Kaji no chão a seu lado. Apoiou as mãos no chão e o seu filho imitou-a.

– É Everam, meu filho. O Criador de todas as coisas. Que concede vida e luz. É por Ele que vivemos. É por Ele que lutamos. Será por Ele que morreremos.

Começou a cantar-lhe *A Oração da Noite Vindoura*. Briar não se juntou a eles, mas a audição apurada de Ashia ouviu-o a murmurar as palavras entredentes, como se as arrancasse à memória.

Quando a oração terminou, Briar apontou para norte.

– O mosteiro é ali.

Ashia precisou de se inclinar para fora da gruta para ver, mas ali estava, uma fortaleza solitária num penhasco alto sobre a água. Luzes iluminavam as janelas das suas torres e no alto das muralhas.

Mais luzes brilhavam na água, marcando a presença dos navios laktonianos que mantinham o bloqueio.

– É mais do que precisam para tomar o cais – disse Briar.

– Pretendem conquistar a fortaleza? – perguntou Ashia. Com a vantagem numérica, os homens-peixe talvez conseguissem capturar o cais e investir contra o forte, mas, vendo a longa subida da água até ao mosteiro, Ashia percebeu que o custo em vidas seria enorme.

– Talvez seja isco para Qeran – disse Briar. – Tentando puxar os seus navios para norte.

– Não se deixará enganar – afirmou Ashia. Levou Kaji para dentro, alimentando e trocando o rapaz com o brilho quente da Luz de Everam. Briar não tinha guardas à volta dos olhos, mas movia-se tão confortavelmente na escuridão quase de breu como sob a luz do dia.

Moveram-se em silêncio durante algum tempo, preparando uma refeição fria e comendo, perdidos em pensamentos. Kaji foi o primeiro a adormecer e, em breve, Briar imitou-o, encolhendo-se num pequeno nicho ao fundo da gruta, com a respiração serena e regular.

Ashia fechou os olhos, procurando o sono superficial do seu treino, mas, cansada como estava, ser-lhe-ia difícil encontrá-lo. Demasiadas imagens surgiram na sua mente. Os primeiros passos de Kaji. O mimético com forma de

Briar. O enxame de alagai despedaçando Rasa. O círculo de demónios apertando-se sobre o seu filho indefeso.

O peso do seu corpo pareceu dobrar. Deixou-se afundar, sucumbindo à insistência de sono mais profundo, onde as imagens se tornavam pesadelos repletos de garras brilhantes e gritos de demónio.

Acordou sobressaltada. Outra vez o grito. Não tinha sido um sonho. Um alagai teria encontrado o seu esconderijo? Se fosse isso, não havia escapatória. Teriam de defender a entrada até ao amanhecer. Com o círculo estendido sobre a passagem estreita, seria possível.

A não ser que outro mimético os tivesse seguido.

Ashia puxou pelas lanças, erguendo-se, mas Briar já passava a seu lado, correndo para a abertura da gruta para procurar a origem dos gritos. Seguiu-o e preparou-se para agir enquanto Briar esticava a cabeça além das guardas para olhar para cima.

Um clarão de magia e Briar gemeu e voltou para dentro, recuando enquanto um demónio do vento mergulhava imediatamente à frente da entrada da gruta, abrindo as asas com um grande estalo e pairando numa corrente de ar ascendente.

O demónio era iluminado de baixo, visível sem a luz de Everam, e Ashia percebeu, horrorizada, que segurava um demónio da chama nas garras, com o brilho dos olhos e boca da criatura iluminando quem o transportava.

Ashia preparou um arremesso da lança, mas hesitou. Se o fizesse dali, sobre a água, seria impossível reaver a arma.

Então, o demónio esvoaçou pela noite fora, erguendo-se sobre as águas do lago, para longe da gruta, desconhecendo a sua presença.

Ashia e Briar regressaram à entrada, vendo o céu ganhar vida enquanto dúzias de demónios do vento se lançavam do penhasco com as suas cargas flamejantes, voando sobre o lago.

– Que fazem, pelo abismo? – sussurrou Ashia.

– Lutam? – perguntou Briar. – Os demónios da chama só se dão bem com os demónios da rocha. Talvez queiram largá-los no lago?

Ashia abanou a cabeça.

– Os demónios do vento não os largam e os demónios da chama não se debatem. É um estratagema qualquer.

– Com que fim? – A resposta à pergunta de Briar tornou-se óbvia quando os demónios do vento mudaram de direção de forma precisa, voando para a frota laktoniana.

Ashia traçou uma guarda no ar.

– Everam nos guarde.

Os demónios do vento esticaram as asas, mudando abruptamente de direção e usando o impulso para lançar as cargas sobre as velas. Chamas ergueram-se sobre o pano enquanto os demónios deslizavam até ao convés, cuspindo fogo sobre tripulantes e tábuas. Correram pelo convés, deixando um rasto flamejante e lançando-se da proa em mergulhos suicidas.

Mas não caíram na água. Os demónios do vento, voando em círculos no alto, mergulharam e voltaram a apanhá-los, voando novamente para os penhascos, concluindo o seu papel no ataque.

Terminou em momentos. Marinheiros em chamas corriam pelo convés de cada navio, alguns rebolando, tentando em vão extinguir o fogo. Outros saltavam para o lago, sem pensarem nos demónios da água.

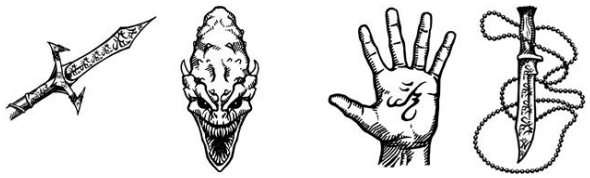
Os marinheiros que restavam batiam golpeavam freneticamente as chamas, mas a saliva flamejante era pegajosa, pegando-se a tudo o que usavam para tentar apagar o fogo. Formou-se uma linha de baldes, mas a água piorava a situação. O fogo demoníaco era tão quente que a água se transformava imediatamente em vapor que fazia as chamas erguerem-se mais ainda e colarem-se ao que era tocado pelos salpicos.

Os navios não demoraram a ser engolidos pelas chamas, visíveis a quilómetros na escuridão da noite até que, por fim, o calor e o fumo enfraqueceram as guardas nos cascos. Demónios da água agitaram as ondas em volta dos navios, puxando-os para baixo, com as lâminas apagando-se em cada um.

– O que foi? – A cara de Briar era iluminada pelo brilho.

Ashia estendeu a mão, apertando a sua. Não sabia se pretendia consolá-lo a ele ou a si.

– A Sharak Ka começou.



VINTE E CINCO

A BOCA DO ABISMO

334 DR

– Amada.

A lua pouco mais era que um crescente fino de luz prateada enquanto Jardir voava pelo céu noturno. Via demónios em grande número nas terras em baixo, brilhando como archotes para a sua visão guardada.

– Estou aqui, meu amor – respondeu Inevera quase imediatamente.

– Aproximamo-nos do portal do abismo – disse Jardir. – Estamos longe da civilização, mas os alagai são numerosos. A magia ambiente aumenta. Poderá ser a última vez que falamos antes de passar além do alcance da Coroa de Kaji.

Em baixo, o par'chin e a sua Jiwah Ka, com guardas de invisibilidade brilhando mansamente na sua pele, escoltavam a prisão de Alagai Ka. Shanvah conduzia a pequena carroça, com a cabina de aço coberta com as guardas do Par'chin, prendendo o mal no interior e escondendo-o do mal que o rodeava em todas as direções. O pai dela sentava-se no banco a seu lado, olhando o vazio.

Se essas proteções não fossem suficientes, a voz de Shanvah envolvia-os, ampliada pela gargantilha que a sua irmã de lança lhe tinha dado. Cantou um verso da *Canção da Lua Nova* uma e outra vez, uma melodia bela e tranquila que ameaçava enfeitiçar até Jardir.

Observando do alto, Jardir via as guardas que protegiam o grupo à superfície. Via como brilhavam com a sua visão guardada. O limite da sua luz era o limite do seu poder. A magia de Shanvah era mais subtil, mas o seu efeito era inconfundível. Os movimentos dos alagai ondulavam quando ficavam ao seu alcance, conduzindo-os subtilmente sem despertar atenções.

– A minha sobrinha tornou-se poderosa – disse Jardir. – O plano de Everam é verdadeiramente imperscrutável. Há Lanças do Libertador que lutaram a meu lado durante vinte anos. Tenho tantos filhos que não posso afirmar conhecê-los a todos. No entanto, é a minha sobrinha, que mal tem idade para casar, a escolhida para me acompanhar até à Boca do Abismo e para suportar o peso da Sharak Ka.

– Perdoa-me, amado, por todas as palavras indelicadas que proferi acerca das tuas irmãs – disse Inevera. – Dos seus ventres nasceram os três maiores guerreiros que Ala alguma vez conheceu.

– Queira Everam que sejam suficientes.

– Dormiste? – perguntou Inevera.

– Descansámos uma hora quando o sol ia alto – disse Jardir.

– Não é suficiente, marido – disse Inevera. – A magia consegue restaurar a vitalidade, mas as vossas mentes precisam de sonhar ou arriscarão a loucura.

– Então reza para conseguirmos afastar a loucura até concluirmos o nosso dever – respondeu Jardir. – Depois disso, não importa.

– Claro que importa – disse Inevera.

– Dormiremos amanhã – retorquiu Jardir. – Amanhã à noite é a Lua Nova, quando libertaremos Alagai Ka para nos guiar pelo caminho até à escuridão inferior. Receio que não haja sono depois disso, até à vitória ou até à morte.

– Onde estás? – perguntou Inevera.

– Um pouco a norte da montanha onde enfrentei o Par’chin em Domin Sharum. Há poder aqui, amada. Compreendo agora porque foi o Par’chin atraído para aqui.

– A tua voz torna-se mais ténue – disse Inevera. – Abre-me o teu coração uma última vez. Que sentes enquanto te aproximas da Boca do Abismo?

– Avidez. – Jardir hesitou. Era verdade, mas não a verdade toda. – Medo. Medo de te desiludir. Medo de desiludir Ala inteira. Medo de ser fraco e de ser abandonado por Everam na minha hora de necessidade.

– Estes são os medos de todos os filhos de Everam, enquanto Nie existir – disse Inevera. – O Libertador sente-os mais que qualquer outro. Mas passei a vida a observar-te, filho de Hoshkamin. Se não conseguires suportar o peso da Sharak Ka, não poderá ser suportado.

Jardir engoliu o nó na sua garganta.

– Obrigado, amada.

– Agradece-me com... – As palavras foram cortadas e, de repente, Jardir ouvia apenas o vento. Parou, voando um pouco para trás para tentar restabelecer a ligação, mas não conseguiu voltar a encontrá-la sem se afastar mais da carroça do que se atrevia.

Em baixo, o pai dos demónios permanecia triplamente preso. Uma vez na sua pele, uma vez por correntes de prata guardada e uma terceira vez por paredes de aço guardado.

A viagem é longa e são mortais, prometeu Alagai Ka. *Chegará o momento em que baixarão as defesas e ficarei livre.*

Era uma profecia que Jardir não podia permitir que se concretizasse. Tinham enfrentado Alagai Ka em duas ocasiões e, nas duas vezes, quase foram derrotados pelo príncipe de Nie. Se conseguisse convocar auxílio depois de libertado, haveria alagai suficientes na área para dominar até os escolhidos de Everam.

– Adeus, amada – sussurrou ao vento enquanto voava até ficar novamente sobre a carroça, vigiando-a.

Seguiram por estradas antigas marcadas nos mapas poeirentos do Par'chin. Atravessando pradarias e florestas densas, virando nesta e naquela direção para evitar povoados e campos de refugiados enquanto se embrenhavam nas colinas florestadas. A estrada desapareceu pouco depois, engolida por séculos de vegetação. Havia trilhos com largura suficiente para a carroça, mas à justa.

Jardir notou algo estranho do alto. A estrada voltava a aparecer mais à frente, tendo sido recentemente usada com regularidade. Voou mais alto e percebeu porquê.

Ativou a coroa, falando com os seus companheiros em baixo.

– Há uma grande povoação à frente. Guardem o pai dos demónios com atenção enquanto investigo.

– Sim, acho que conseguiremos fazê-lo – disse o Par'chin.

Jardir canalizou intensamente o poder da lança, movendo-se para o povoado distante. Após tantas semanas de progressão lenta, era bom forçar o seu poder.

O povoado, escondido nas árvores, tornou-se visível e Jardir travou de modo tão brusco que o impulso quase lhe rachou o corpo.

À volta do povoado, havia antigos obeliscos de pedra, cada um medindo cinco metros de altura e pesando muitas toneladas. As guardas sobre as superfícies esburacadas ainda tinham força suficiente para repelir os alagai.

Mas o que chocava verdadeiramente Jardir era o facto de os obeliscos e o povoado mais além terem sido construídos com linhas krasianas. Não eram traços e arquitetura modernos, parecendo-se mais com as ruínas de Anoch Sun. Que fazia uma tribo perdida do seu povo tão a norte?

E para onde tinham ido?

Shanvah caiu de joelhos quando regressou da revista aos edifícios.

– Não há sinais de batalha, Libertador. Parece que todos reuniram mantimentos à pressa e partiram pacificamente.

O Par'chin franziu a testa.

– Isso acontece muito desde que a vossa gente saiu do deserto, brandindo lanças.

Jardir ignorou a provocação.

– Tão a norte, Par'chin? Duvido que soubessem da minha vinda.

– Libertador – disse Shanvah. – Poderão estas ser as ruínas de Anoch Dahl?

Renna inclinou a cabeça.

– Cidade da... Escuridão?

– Precisamente – concordou Jardir. – Kaji construiu Anoch Dahl para abastecer o seu exército enquanto os levava para o abismo.

Encontrarás um fragmento de Kaji, tinha dito Inevera. *Uma dádiva do teu antepassado para te guiar na escuridão.* Poderia ser aquilo? Um marco deixado pelo Libertador para guiar os seus herdeiros?

O Par'chin expirou.

– E sobreviveram três mil anos para partirem sem motivo... Quando? Há um ano?

– Menos – informou Shanvah. – Meses.

– Quando Alagai Ka atacou na Lua Nova – supôs Jardir.

– Tão certo como o sol não ser coincidência – disse Renna.

– Descobriremos em breve – disse Jardir. – Devemos descansar agora, enquanto o Sol está no céu. Poderá ser o último sono das nossas vidas, pois, esta noite, libertaremos Alagai Ka.

A prisão estava quente sob a odiada estrela diurna. As paredes de metal funcionavam como um forno, com o interior atingindo temperaturas que seriam fatais para os habitantes da superfície.

O calor era menos um conforto do que a ausência de desconforto, mas permanecia a única coisa tolerável no cativeiro do Consorte.

Tudo o resto era dor. Cada solavanco do primitivo meio de transporte puxava o demónio, esticando as correntes de prata, com as suas guardas trazendo agonia e vergonha renovadas. Quando os seus captores o alimentavam, faziam-no com as mentes de animais, uma dieta de gordura, desprovida de carne. Acorrentado, foi forçado a sacrificar o que restava da sua dignidade para rastejar, cada movimento uma nova tortura, para pressionar a cara contra a carne nojenta que fervilhava com o calor. O cheiro fazia a prisão tresandar.

E o canto!

O demónio odiava todos os seus captores, mas começava a odiar a Cantora acima de todos. Mesmo abafado pelas paredes de metal grosso, o som da sua voz massacrava-o, mastigando uma parte ainda primitiva da mente poderosa do Consorte.

O Consorte tinha lido nos pensamentos e memórias do progenitor da Cantora os seus sentimentos repelentes pela rapariga. Amor, orgulho, esperança. Faziam o demónio desprezá-la. Querer magoá-la, antes mesmo de ouvir a sua voz maldita.

Como sucedia com as guardas de combate, a canção era um eco de magia antiga que a corte da mente há muito extirpara. Forçava as emoções primárias dos demónios e a magia era atraída pela emoção. Os seus semelhantes proporcionavam o poder que a canção usava contra eles.

Mesmo reconhecendo-o pelo que era, o Consorte quis fugir do som. Se os humanos recuperassem em grande número tal poder, seria difícil esmagá-los. Talvez fosse impossível, com o enxame disperso.

O Consorte recordou os grandes coros de Kavri e estremeceu.

As suas correntes magoavam-no com o movimento. Parou de tentar sarar a carne danificada, deixando-a morrer a formar uma barreira enquanto usava a sua preciosa reserva de magia interior para construir novas camadas de pele por baixo. Era um processo lento, mas, nas semanas vindouras, apagaria a tinta na sua carne em simultâneo com a erosão da sua força operada pelas guardas. Não sabia o que cederia em primeiro lugar.

Até lá, o Consorte podia apenas esperar na escuridão enquanto a carroça avançava. Não conseguia ver o caminho por onde seguiam e as correntes

impediam-no de abrir a mente.

Era isso o que mais o perturbava. Desde que era uma cria, a consciência do Consorte sempre fora uma coisa independente do seu corpo, capaz de saltar grandes distâncias num instante. Nunca estando sozinho, sentia as ânsias dos seus servos, ouvindo as vozes dos seus irmãos.

Naquele momento, não havia nada.

Apenas o calor que ia e vinha, assinalando o movimento da estrela do dia, permitindo ao Consorte uma noção do tempo. Mas era suficiente. A Lua Nova tinha chegado. Se não lhe entregassem novamente o servo de mente vazia e iniciassem a longa descida até à corte da mente em breve, seria em vão. Em breve, a rainha começaria a postura, se não tivesse começado já.

Se tivesse, estavam todos perdidos, especialmente o Consorte. Se não tivesse, todos tinham interesse em chegar até à rainha antes de acontecer. Se a única forma de se aproximar mais dela fosse como prisioneiro, aceitaria. Depois de se embrenharem nas profundezas, onde a magia era mais intensa e onde os seus servos eram numerosos, haveria oportunidades para escapar se os seus captores afrouxassem a vigilância.

Com um solavanco repentino, a sua prisão parou de se mover.

O Consorte silvou ao ver o clarão das estrelas quando a porta pesada da sua prisão foi aberta.

O Consorte registou as suas posições enquanto os seus olhos sem pálpebras se ajustavam à claridade. Até as mentes juvenis aprendiam a ler as odiadas estrelas. Era impossível ascender na corte da mente sem conhecimento das estrelas da superfície.

Estavam perto do caminho.

Os seus captores reuniam-se à entrada. O Explorador e a Caçadora, o Herdeiro e a maldita Cantora.

A montada do Consorte estava acorrentada entre eles. O servo Shanjat.

– Gah! Que fedor! – O Explorador contorceu a face e cuspiu no chão, mas a sua aura dizia o contrário. Era um gesto de domínio, destinado a enfurecer o Consorte, esperando que cedesse alguma informação valiosa.

O Explorador ousou tocar o Consorte, puxando-o para fora da prisão pelas correntes que queimavam e fazendo-o tombar ao chão no centro do círculo que formavam. O ar noturno estava frio, carregado com magia ambiente forte tão

perto do caminho. O poder foi naturalmente atraído pelas guardas na sua carne, que começaram a arder. Deixou a carne morrer, saboreando a magia no vento.

Um dos seus semelhantes estava por perto, sem dúvida defendendo a passagem. Era uma das poucas passagens diretas que subiam do Núcleo e a única em centenas de quilómetros suficientemente grande para permitir marchar cativos por ela abaixo. Um local ideal para um enxame, se um demónio da mente fosse suficientemente poderoso para a defender dos seus rivais.

A marca da magia disse ao Consorte que partia de alguém da sua linhagem. O mais velho da sua ninhada, o braço direito em quem o Consorte mais confiava. O favorecimento fizera o Consorte deixá-lo vivo durante demasiado tempo e tornou-se poderoso. Suficientemente poderoso para destruir os seus captores se fossem surpreendidos.

O Consorte rebolou pelo chão até parar aos pés da sua montada. Parte dele queria recusar a fundir-se com ele, apenas como forma de recordar aos humanos que não o controlavam. Que, na hora mais crucial, conseguiria ainda anulá-los se desejasse.

Mas não o desejava. Chegara o momento de conquistar a sua confiança e até a influência limitada que lhe era permitida pela montada seria melhor do que a que teria sozinho.

Quando embateu contra a sandália, houve um momento de contacto entre carnes. O Consorte não precisou de mais para lhe controlar o corpo. Abriu a túnica, curvou-se e ergueu o Consorte, colocando-o sobre as costas e cobrindo-o com pano para o proteger da luz das estrelas.

A claridade fez o demónio fechar os olhos, vendo pelos olhos do servo. Correntes presas ao cinto grosso impediam-no de esticar completamente as pernas, permitindo apenas os movimentos suficientes para passar colinas e encostas.

Estavam num ninho humano, o que o Consorte tinha destruído quando defendeu a passagem várias luas antes. Tendo consumido a mente do seu líder, conhecia intimamente o local.

– Saíram-se bem – congratulou-os com os grunhidos que usavam para comunicar. – Estamos perto da entrada. Posso mostrar-vos o caminho.

– Muito desejoso, de repente – disse a Caçadora.

– Como os peixes estarão desejosos de voltar para a água – replicou o Consorte. – Como estão desejosos de consumir a carne dos meus.

– Não. – A aura da Caçadora iluminou-se com indignação e o Consorte deleitou-se com aquilo. Os humanos eram tão fáceis de provocar.

– As tuas mentiras nada significam – disse o Consorte. – Está escrito na tua aura. Dizem a vós mesmos que marcham para salvar a vossa espécie, mas, na verdade, anseiam apenas pelo poder.

A Caçadora cerrou um punho, com a magia ambiente fluindo para ela. Não teria de canalizar muito para as tatuagens para matar o Consorte, mas não o preocupava.

O Explorador decidiu intervir, no momento certo.

– Não deixes que te provoque, Ren. Sabes como são.

A aura da Caçadora acalmou com aquelas palavras.

– Sim.

– Que sítio é este, demónio? – O Herdeiro acenou com a arma enquanto falava e o Consorte olhou-a com apreensão. A lança de Kavri era um dos muitos instrumentos com que os seus captores conseguiriam destruí-lo, mas o Consorte receara a arma durante milhares de anos. O seu progenitor sucumbira a ela. – Tem as marcas do meu povo. Que lhes aconteceu?

Mentiras incontáveis desfilaram à sua frente, mas a verdade era mais saborosa.

– É Anoch Dal, a cidade da noite. Que acolheu os exércitos de Kavri, o trono nortenho de Kavri antes da ruína do seu império, ficando aqui um punhado de criaturas para guardarem a passagem.

– Que lhes aconteceu? – exigiu saber o Herdeiro.

– Esqueceram o que guardavam e porque o faziam – respondeu o Consorte. – Tornaram-se descuidados, como vos acontecerá, e as suas guardas falharam. Consegui penetrar nas suas defesas e fazer marchar os seus corpos até à corte da mente para a minha despensa privativa. – As palavras perturbaram os humanos. Via-o nas suas auras e deleitou-se com isso.

– Como pode o demónio saber tudo isto? – perguntou a Cantora.

O Consorte voltou para ela os olhos do servo.

– Porque consumiu as memórias do seu líder, como consumiu a minha, filha. É assim que conhece a vergonha que senti quando a tua mãe me colocou nos braços uma rapariga como primogénita. Fui demasiado cobarde para golpear a tua mãe, mas encontrei uma heasah parecida com ela para exteriorizar a frustração.

– Mentiras do Pai das Mentiras – rosnou a Cantora, mas havia dúvida e dor na sua aura.

O som do riso do pai tocou mais ainda a Cantora.

– Dessa união violenta nasceu um bastardo que amei mais do que alguma vez te amei a ti.

Guinchou-lhe, com o som raspando-lhe a aura. Shanjat caiu de joelhos, cobrindo os ouvidos do Consorte, mas, mesmo com toda a dor, encontrou prazer na angústia da Cantora. As mentes humanas eram tão frágeis. Uma garra no momento certo e estilhaçariam.

O Herdeiro pousou uma mão no ombro dela e a vontade de atacar esmoreceu. O Consorte usou o servo para lhe exibir um sorriso em resposta.

Foi longe de mais. O Herdeiro ergueu a lança e descarregou uma rajada de poder contra as guardas na pele do Consorte.

Foi agonia que passou além do que conseguia superar. A túnica do servo manteve-o no sítio quando vacilaram as garras com que se segurava às suas costas, mas o controlo do Consorte vacilou e o servo caiu sobre ele enquanto se contorcia.

Então, abruptamente, a dor cessou. O Consorte reclamou o corpo do servo, fazendo-o erguer-se lentamente.

Desta vez, foi a Caçadora a traçar uma guarda, incendiando os nervos do Consorte e fazendo-o voltar a cair. O ataque provocou danos reais. Danos que exigiriam magia preciosa para reparar. Os outros olhavam, impassíveis.

Por fim, a Caçadora canalizou o seu poder de volta e o Explorador avançou.

– Falarás quando te dirigirem a palavra, se sabes o que é bom para ti. Responderás às nossas perguntas e levar-nos-ás onde quisermos ir e manterás a boca fechada ou abandonar-te-emos ao sol e encontraremos o caminho sozinhos.

– Nunca o encontrarão – prometeu o Consorte. – Mesmo que tivessem cem dos vossos anos e não têm tanto tempo.

– Os prisioneiros que enviaste. – A repulsa abundava na aura do Explorador. – Desceram sozinhos.

O Consorte abanou a cabeça do servo como os humanos faziam.

– Enviei um mimético para os guiar pelos... obstáculos mais difíceis. E marquei-os com magia, para que todas as criaturas da escuridão soubessem que me pertenciam.

– Que tipo de obstáculos? – perguntou o Explorador.

– Mesmo quando os teus antepassados percorreram o caminho, foi longo e difícil – disse o Consorte. – E passaram milhares de anos desde que Kavri comandou as suas legiões para as profundezas. Túneis desabaram e foram inundados. Outros sucumbiram à erosão do uso ou escavados desde então. Quedas a pique e subidas verticais. Poderá ser difícil a passagem deste servo.

– Atravessaremos esse rio quando chegarmos à margem – afirmou o Explorador. – No teu lugar, não esperaria que te tirássemos essas correntes.

– Mais cedo ou mais tarde, serei livre – prometeu o Consorte. – E, quando acontecer, banquetear-me-ei com as vossas mentes.

– Talvez. – A Caçadora avançou, com aura tórrida. – Ou talvez tentes libertar-te e nos banqueteemos com a tua quando te matarmos.

Mostrou-lhe os dentes. Não eram longos ou afiados como os dos demónios, mas, mesmo assim, provocaram um arrepio de medo no Consorte.

– Pensas que funcionará da mesma forma connosco? Passaremos a saber tudo o que sabes, de repente?

A Caçadora retirou a lâmina do cinto. Era um objeto de poder considerável, embrenhado com uma mistura intoxicante de emoções que canalizava magia por sua própria iniciativa.

– Noite, talvez façamos isto da maneira errada. Talvez possa abrir-te agora mesmo e guiar-nos sem ti.

Deu um passo em frente e o Consorte percebeu que tinha levado o seu jogo longe de mais. As palavras dela eram sinceras. Matá-lo-ia e era provável que enlouquecesse depois de consumir a sua mente ancestral.

O pensamento não o confortou. Se não sobrevivesse, o Consorte não se preocuparia com o que acontecesse entre os humanos e os seus semelhantes.

Olhou o Explorador e encontrou nele alguma sanidade enquanto o homem se posicionava entre o Consorte e a sua fêmea.

– Respira, Ren. Não sabes se isso funcionaria. – A sua aura permaneceu quente, imprevisível, mas acalmou ligeiramente e o Consorte suspirou de alívio.

O Consorte e o seu servo enfrentaram o olhar do Explorador. Era uma sensação estranha olhar para os olhos de outra criatura sem conseguir ler-lhe a mente. Como tinham os humanos conquistado tamanho poder com sentidos tão rudimentares?

– Há um caminho mais rápido para ti e para mim, Explorador – disse o Consorte, baixando a voz. – Um caminho que poderemos percorrer em momentos, evitando semanas de viagem. Evitando risco para a tua fêmea e cria.

– Vamos juntos – disse o Herdeiro. – Ou não vamos.

– Não confia em ti – disse o Consorte ao Explorador, aconselhando. É evidente na sua aura. Teme-te e trair-te-á. Trairá todos os teus. – Tinha percebido a tensão entre os dois. A dúvida. Não eram tão unidos como aparentavam.

Inclinou a cabeça do servo.

– É isso o que temes, Explorador? Aquilo em que poderás tornar-te tão perto do poder do Núcleo? Confias pouco mais em ti do que no teu suposto aliado.

O Explorador ergueu uma mão, convocando magia e voltando a alimentar as guardas do Consorte. O servo caiu, uivando os dois enquanto se uniam em convulsões. O demónio da mente sentiu o sabor do sangue humano, percebendo que o servo tinha mordido a língua.

– Disse-te que não devias falar sem te ser pedido que o fizesses – disse o Explorador, canalizando o poder outra vez para si. – A única coisa em que não confiamos aqui é em ti.

– E, apesar disso, pedes-me que vos conduza pela passagem abaixo – notou o Consorte, continuando a segurar-se ao servo caído.

– Não há momento como o presente.

O Consorte ponderou. Podia levá-los até à passagem, descer com eles até às garras da sua prole e talvez assistir à destruição de todos eles.

Mas que faria o seu rival se encontrasse o Consorte preso e indefeso? Salvá-lo-ia? Impensável. Faria o que qualquer um no seu lugar faria. Mataria o Consorte e consumiria a sua mente, adquirindo poder suficiente para regressar ao Núcleo e ocupar o lugar do seu progenitor, gerando uma nova geração de demónios.

– A passagem está guardada. – Rosnou as palavras.

– Guardada como? – perguntou o Explorador.

– Não consegues senti-lo? Um dos meus filhos controla a passagem. Consigo senti-lo, mesmo que me tenham mutilado.

Os humanos estacaram, todos eles inclinando as cabeças como se ouvissem. Era um momento de distração que o Consorte poderia ter usado para fugir, mas estava demasiado fraco para tentar e receava que a Caçadora cumprisse a sua promessa.

– Ouço-o – disse o Herdeiro, após um momento. – Um sussurro no ar noturno.

O Explorador franziu a testa, pouco habituado a ser o segundo em questões de magia. Tinha dotes superiores, mas os objetos que o Herdeiro trazia não eram meros enfeites. A crença de milhões permanecia gravada neles, mesmo após tantos anos.

– Ali – disse o Explorador após um momento. – Sei onde está.

– Eu não – rosnou a Caçadora.

– O jovem príncipe esconde-se atrás de guardas, como nós – disse o Herdeiro.

– Canaliza e lê o fluxo, mas não procures nada – disse o Explorador. – Procura o vazio, como um buraco na estrada.

A Caçadora voltou a fechar os olhos, com a cara paralisada num esgar animalesco de concentração. Por fim, abriu-os, virando-se e apontando a passagem.

– Por ali.

O Herdeiro voltou-se para a Cantora.

– Shanvah?

A vergonha preenchia a aura da rapariga e o Consorte deleitou-se. Baixou a cabeça.

– Perdoa-me, Libertador. Têm seis sentidos, mas Everam decidiu conceder-me apenas cinco.

– Não te preocupes – tranquilizou o Explorador. – Nenhum de nós sabe cantar.

Era difícil impedir a face do servo de se contorcer com repulsa. A sua compreensão do poder que os rodeava era rudimentar. A casta de servos mais humilde conseguia controlo melhor por instinto do que qualquer coisa que os melhores humanos pudessem oferecer.

O Consorte isolava emoções, pois aí residia a essência do controlo da magia. Mesmo assim, precisou de esforço para suprimir a vergonha de ter sido surpreendido e capturado por... mamíferos.

Mas havia também esperança nesse facto. Se sentiam dificuldade para ler as correntes, isso permitiria ao Consorte usar grande número de magias subtis sem ser detetado.

O problema permanecia na fonte do poder. As guardas na pele do Consorte impediam-no de usar a sua magia interna ou de a canalizar do exterior. Podia usar o servo, mas Shanjat, apesar de saudável e forte, não tinha guardas ou mente, estando quase morto para a magia. Para usar magia, precisaria de um repositório, como os objetos que os seus captores traziam consigo.

Uma pequena distração e o demónio poderia conseguir tocar um dos objetos durante tempo suficiente para traçar guardas. Guardas defensivas não conseguiriam detê-lo se usasse o servo humano.

Um enigma para resolver mais tarde. Havia uma preocupação mais imediata.

– Precisarão de eliminar a minha prole se desejam usar a passagem para descer até à escuridão.

O Explorador virou-se para o Consorte.

– Esperas que acreditemos que nos vais ajudar a matar o teu próprio filho? Talvez já o tenhas avisado de que vamos a caminho e nos conduzas a uma armadilha.

– Não duvides de que o faria – afirmou o Consorte. – Mas, se a minha prole sentir a minha presença neste estado enfraquecido, também não hesitará em matar-me.

– Ao seu próprio pai? – perguntou o Explorador, incrédulo. A repulsa que sentia pelos demónios era palpável na sua aura.

– Acredita – assegurou a Caçadora.

– Ouve a tua fêmea, humano. – O servo virou a cara para sorrir ao Herdeiro. – Não seria o primeiro príncipe disposto a matar pelo trono do seu pai.

Era uma suposição, mas a aura do Herdeiro confirmou-o imediatamente. À semelhança do que acontecia na corte da mente, a prole orgulhosa do Herdeiro enfrentava-se no vácuo de poder deixado pela sua ausência. A revolta à superfície pedia para ser esmagada.

– Se me encontrar preso, o meu filho banquetear-se-á de bom grado com a minha mente, acrescentando o meu poder ao seu. Nenhum de vós conseguirá enfrentá-lo, se acontecer. Devorará as vossas mentes, aprendendo tudo o que houver para saber sobre o vosso povo e os vossos planos antes de voltar ao Núcleo para marcar com a sua essência uma nova geração de demónios. Crescerão depressa e erguer-se-ão para pacificar a superfície muito antes de as vossas toscas grandes guardas conseguirem atingir massa crítica.

Os captores partilharam um olhar e o Herdeiro fixou nele o seu.

– Volta para a prisão, Príncipe das Mentiras. – Canalizou poder para as guardas e demónio e servo voltaram a tombar, contorcendo-se em agonia.

O Explorador avançou, afastando-o do servo, mas o Consorte mal se apercebeu da queimadura das correntes contra a pele. No momento antes de serem afastados, uma garra do demónio tocou algo pendurado por um fio de couro do pescoço do servo, aninhado entre os músculos salientes do seu peito.

A Cantora tinha cometido um erro fatal. Pensou que o frasco com as suas lágrimas pendurado à volta do pescoço do seu pai era simbólico, mas o frasco continha poder real. Não muito, mas tocado pela tristeza dela, o objeto canalizou e reteve magia.

Sem estar preso pelas guardas na pele do Consorte, o servo podia segurar o frasco para energizar uma guarda simples.

Talvez fosse o suficiente para conquistar a liberdade do Consorte.

Arlen verificou as guardas três vezes enquanto trancava novamente Alagai Ka na carroça blindada. As suas proteções permaneciam fortes, mas Arlen sabia o que os demónios da mente conseguiam fazer. Se a carroça fosse localizada e percebessem qual era a carga, o outro príncipe dos demónios não demoraria a penetrar-lhes as defesas.

Jardir irradiava tensão.

– Não confio no servo de Nie.

– Não há motivo nenhum para confiares – concordou Arlen.

– Há meses que o temos preso – disse Jardir. – Como sabia dos meus filhos?

– Penso que não sabia – respondeu Arlen. – Fez uma suposição a partir das memórias de Shanjat quando baixaste as defesas e confirmou com a tua aura.

– Ou talvez não tenhamos tido cuidado suficiente com o que dizemos à frente de Shanjat – disse Renna.

– Teremos de redobrar as cautelas – admitiu Arlen. – Não podemos levar a carroça connosco. Até lá, Ren, preciso que tu e Shanvah guardem a carroça enquanto Ahmann e eu caçamos este demónio da mente.

– Sim, porque isso funcionou bem da última vez – disse Renna. – Tivemos de ser nós os três a derrubar um demónio da mente que percebeu que vínhamos atrás dele.

– Se for uma emboscada, não teremos grande hipótese contra um demónio instalado numa conduta de magia tão grande – disse Arlen. – Se não for, preciso de ti aqui.

– Porquê? – perguntou Renna.

– Se formos atacados, preciso que assegures que não resta nada de Alagai Ka para este outro demónio da mente mastigar.

– Merda de demónio – rosnou Renna. – Shanvah pode fazer isso. Não queres que vá. Não passa disso.

– Há algum motivo para o querer? – perguntou Arlen. – Criador, Ren. Já se nota.

– Não – disse Renna. – Engordei um pouco, só isso. Como por dois.

– Consigo ver dentro da tua barriga, Ren – disse Arlen. – O bebé não devia crescer tão depressa. Aconteceu a mesma coisa com Leesha. Deu à luz meses antes do tempo.

Percebeu que foi um erro no momento em que o disse. Nunca tivera bom resultado referir Leesha Papel numa discussão.

– Sim. Pontapeando cabeças de dama e matando demónios com a criança na barriga, pelo que contam os outeireiros – disse Renna. – Dizes que não sou tão dura como Leesha Papel?

– Os sarilhos vieram até ela e respondeu à letra – disse Arlen. – Não desceu ao Núcleo à procura de problemas.

– É o demónio a falar – disse Renna. – Tenta dividir-nos. Enfraquecer-nos.

– Não significa que não esteja certo – disse Arlen. – É isso o que fazem. Atingem-te com a verdade onde dói mais.

– E é aí que mais devemos resistir, Par’chin – intrometeu-se Jardir. – A tua jiwah é poderosa de mais para não a levarmos connosco. Sabes que é verdade. Não há mais ninguém que possa ir no seu lugar e precisamos de ajuda. Todos precisamos de fazer sacrifícios.

Arlen olhou-o com desagrado.

– É fácil para ti, Ahmann. O mundo está semeado de filhos teus. De esposas. Eu não tenho mais ninguém.

– Achas que desejo levar a minha sobrinha, que mal passou a idade do casamento, para o abismo? – questionou Jardir. – Achas que me agrada que o meu único neto esteja às costas da mãe, avançando para um ninho de lanças por um khaffit?

– Não é o mesmo e sabe-lo bem – ripostou Arlen. – Levarias Olive Papel para o abismo connosco?

Jardir não hesitou.

– Se alterasse as probabilidades de destruir Alagai’ting Ka ligeiramente a nosso favor, sim, Par’chin. Levaria todas as minhas esposas e todos os meus filhos para o abismo para atingir esse fim. É isto o que significa ser evejano. A Primeira Guerra vem antes de tudo o resto. Inevera lançou os dados sobre o sangue da tua jiwah. Deverá vir ao abismo connosco ou as nossas hipóteses de vitória serão uma mera fração da esperança ténue que agora temos.

Havia na sua aura uma convicção que aterrorizava Arlen e que o enchia de inveja. Como a vida seria simples se pudesse confiar no destino.

– É a minha escolha – disse Renna.

– Sim, mas não tem de me agradar. Devíamos estar na quinta do meu pai, fazendo coisas crescer e esperando nove meses como qualquer outro nucleado tolo na criação.

– Quis isso toda a minha vida – disse Renna. – Foste tu o tolo que começou esta barafunda. Cabe-nos resolvê-la. A quinta do teu pai não está segura. Não há nenhum sítio seguro até estar feito.

– Muito bem. – Arlen cuspiu as palavras. – Mas não me lembro de os nucleados dados dizerem alguma coisa sobre ficar com a carroça desta vez enquanto abrimos a passagem.

Renna cruzou os braços.

– Não podes impedir-me. Partam e sigo-vos. A não ser que queiram fechar-me com o demónio.

Arlen cerrou os punhos. Ragen e Elissa tinham-lhe dito muitas vezes enquanto crescia que o casamento era difícil e cheio de compromissos, mas nunca compreendeu verdadeiramente até se ver na mesma situação.

Arlen concentrou poder nas guardas de confusão e invisibilidade na sua pele enquanto subiam a encosta da montanha. Sentia o príncipe nuclita varrendo a área com a mente, mas não parecia procurá-los a eles.

Renna fazia o mesmo. Quando a olhava, parecia incorpórea, como um reflexo numa janela de vidro. Tentar concentrar-se nos pormenores da sua pessoa entontecia-o. Na sua visão periférica, desaparecia quase por inteiro.

Disse-lhe que acontecia o mesmo quando era ela a olhá-lo. As guardas de ambos estavam sintonizadas para afetar demónios, mas a carne de nuclita que Arlen e Renna consumiram tornou-se parte deles e sentiram uma porção do efeito. Mantiveram-se próximos para não se perderem de vista.

Jardir, com a visão guardada da coroa, não teve problemas em segui-los. Voava pelo céu noturno enquanto se aproximavam da caverna onde se situava a abertura da conduta.

Continuava a perturbar Arlen a forma como Jardir conseguia ouvir o demónio sussurrando no vento noturno. Quanto mais tempo Arlen passava perto da Coroa e da Lança de Kaji, mais respeitava a primeira Damajah, que as tinha forjado às duas, milhares de anos antes. Arlen podia afirmar sem vaidade ser o maior Guardador da sua era, mas era uma criança batendo numa panela quando comparado com a orquestra de magia naqueles dois objetos. Jardir não conseguia dissipar-se, mas com a sua mestria crescente no uso dos objetos, descobria poderes que nem Arlen conseguia replicar.

Aproximaram-se do limiar da rede guardada do demónio da mente, gravada por garras de demónios da madeira nas árvores à volta do sopé da montanha. A elevação era demasiado grande para esconder por inteiro, sobretudo com o poder escoando da conduta. Arlen conseguia ver o interior da rede com a sua visão normal, mas a visão guardada fazia com que parecesse olhar um nevoeiro denso.

Arlen sentia que a barreira se destinava a bloquear humanos e não demónios. Quem tentasse passar seria projetado para trás com uma explosão de luz e dor, alertando o demónio da mente para a sua presença.

Jardir também parou de repente. Arlen via-o pairando junto à rede guardada enquanto a estudava do alto.

Renna apontou para cima.

– Quero ver o que ele vê.

Arlen estendeu a mão para a dela.

– Cuidado para não dissipares mais do que apenas um pouco.

– Disseste-me mil vezes – disse Renna. – Demasiado e as nossas guardas falham. O demónio sentirá a nossa presença e tornar-se-á um duelo de vontades.

– Nenhum de nós quer esse duelo, se pudermos evitá-lo – afirmou Arlen. – Especialmente quando o demónio tem uma rede guardada para proteger a sua mente de nós.

– Terei cuidado.

Dissiparam-se parcialmente, mantendo solidez suficiente para manter as guardas ativas, abdicando apenas do suficiente para serem mais leves que o ar. Como um casal num baile, ergueram-se juntos, flutuando ao encontro de Jardir.

Era uma noite de céu limpo e, mesmo apenas com as estrelas para os orientarem, a visão apurada de Arlen conseguia captar apenas a estrada estreita que conduzia à conduta. A gruta era mais pequena do que esperavam, mas o poder que dela irradiava era demasiado para ser escondido até pelo príncipe dos demónios. À volta da gruta, havia antigos pilares de pedra com guardas apagadas e inutilizadas.

– A Boca do Abismo – sussurrou Jardir com reverência. – Mais terreno sagrado conspurcado pelos alagai.

– És tu o general – disse Arlen. – Como fazemos isto?

Jardir ponderou.

– Quando os príncipes nuclitas vieram à Fortuna de Everam na Lua Nova, cortaram grandes guardas nos campos muito semelhantes com o que o demónio fez aqui. Consegui passá-las usando os poderes da coroa.

– Consegues fraturar a rede sem que o demónio te sinta? – perguntou Arlen.

Jardir franziu a testa.

– Não tenho a certeza. O príncipe anterior era mais fraco, as suas guardas estavam inacabadas e focava as suas atenções no interior. Este inimigo está preparado. Sinto a sua vontade, tentando encontrar-nos do interior do seu abrigo.

– Poderei distraí-lo – sugeriu Arlen. – Uma grande explosão de magia concentrada iluminará a rede inteira. Escolhendo o momento certo, o demónio não deverá sentir a tua entrada.

– Vamos distraí-lo os dois – disse Renna. – Vai atacar-te no momento em que tocares naquela rede. Tu próprio me disseste que não conseguimos dissipar-nos sem nos expormos.

– Mais um motivo para manteres a distância – respondeu Arlen.

Renna abanou a cabeça.

– Projeto um segundo disparo do outro lado da montanha, três inspirações depois do teu. Dou-te tempo para correres. Revezamo-nos até Jardir o matar.

– Não conseguiremos manter isso por muito tempo – avisou Arlen.

– Não precisarão de o fazer – prometeu Jardir. – Serei rápido como a lança de Everam.

Arlen inspirou fundo.

– Espero que sim.

– Se não consegues ter fé em Everam, Par'chin – disse Jardir. – Tem fé no teu ajin'pal. Agora vão.

Arlen apertou a mão de Renna. Mesmo que fosse tão insubstancial como uma bolha de sabão para o resto do mundo, continuava a parecer-lhe sólida. Os seus olhos uniram-se e Renna virou-se e correu. Jardir cobriu-se melhor com a Capa de Invisibilidade, tornando-se mais difusa aos olhos de Arlen. Arlen mergulhou, voando ao longo de distância considerável na direção oposta àquela por onde Renna tinha seguido.

A seguir, pairou imediatamente acima das árvores diante da rede, canalizando. A magia era abundante na área, caindo da conduta como uma cascata. O poder chegou até ele com tal força que teve a certeza de que o demónio da mente teria sentido. Projetou o poder contra a rede guardada, iluminando-a como uma constelação.

Moveu-se nesse momento, acelerando. Fê-lo no momento certo, enquanto uma explosão de magia de retorno partia da boca da gruta, atingindo o local onde tinha pairado no momento anterior. O poder rachou o topo das árvores, incendiando uma mancha considerável de floresta.

Quando a luz esmoreceu, a rede guardada iluminou-se de outra direção enquanto Renna fazia o seu trabalho.

Uma segunda explosão na direção aproximada de Renna, mesmo que, sem dúvida, tivesse partido há muito. Arlen voltou a disparar e a rede guardada resistiu, mas, desta vez, não houve disparo de retorno. Um guincho partiu da gruta e estacou, esquecendo-se até de respirar. Jardir teria atacado?

Mas os guinchos não se silenciaram. Aumentaram mais e mais de volume, agudos e avassaladores. Arlen cerrou mais ainda os pulsos enquanto abandonavam a cobertura da camuflagem do demónio: centenas de pequenos demónios do vento, ágeis e rápidos. As suas asas de couro moviam-se com batimentos poderosos contra o ar.

Mais e mais voaram para fora da gruta. Eram milhares, voando com uniformidade assustadora enquanto se dividiam em duas nuvens densas, contornando o limiar da rede guardada em direções opostas. Havia miméticos entre eles, brilhando mais intensamente do que os seus companheiros quando olhados pela sua visão guardada.

– Nucleado seja. – Arlen cuspiu para o vento. Se ficassem ali, uma nuvem com aquela dimensão conseguiria varrê-los em momentos. No instante em que os demónios os alcançassem, o demónio da mente ter-se-ia posicionado.

– Rápido como a lança de Everam, o meu bido – murmurou, acelerando.

Precisava de encontrar Renna.

Renna estava tão perto da explosão que sentiu o clarão queimar-lhe os pés, mas parou no momento seguinte, recuando pelo caminho por onde tinha vindo, prevendo a possibilidade de um contra-ataque.

O aglomerado de poder no centro da camuflagem tinha começado a brilhar violentamente. O demónio canalizava com intensidade da conduta. Nenhuma criatura conseguiria conter tanto poder durante muito tempo, mas, a curto prazo, isso tornava-o incrivelmente perigoso.

A seguir, os demónios lançaram-se da boca da caverna.

À distância, pareciam os morcegos que tinham dormido no celeiro do seu pai, mas, enquanto se aproximavam, conseguiu ver que tinham o tamanho de cães, com músculos salientes sob escamas afiadas e com focinhos repletos de dentes afiados.

Partiu, mas os demónios moviam-se em todas as direções sobre a barreira mágica em expansão rápida que não tardaria a prendê-la e a Arlen, se ele não tivesse sido já apanhado. A magia da entrada da gruta começou a palpitar furiosamente.

Traçou guardas de vento rápidas enquanto voava, dispersando-as como pregos no seu rasto. Demónios ressaltaram delas enquanto se aproximavam, semeando caos na sua formação aprumada, mas eram demasiados para serem abrandados.

Mais à frente, viu o bando alcançar Arlen. Virou-se e canalizou poder para as suas guardas de vento, com as tatuagens brilhando com luz prateada, demasiado claras para olhar sem dor. Demónios ricochetearam contra a barreira, chocando em pleno ar. Quando a luz esmoreceu, Arlen tinha-se distanciado do bando e voava a grande velocidade na sua direção.

A nuvem de demónios alcançou também Renna. Energizou as suas guardas de vento como Arlen tinha feito, com demónios sendo repelidos, mas um deles conseguiu passar, chocando contra ela e enrolando-se à sua volta como uma serpente. Com o peso acrescido, começaram a cair. Renna canalizou poder para as suas guardas contra demónios miméticos, afastando a criatura da sua carne, mas manteve-se enrolada, puxando-a para baixo.

– Ren! – gritou Arlen, mas não conseguiria alcançá-la a tempo enquanto o solo vinha ao seu encontro a grande velocidade. Canalizou poder para os músculos e para os ossos, para a carne do ventre, esperando sobreviver ao impacto.

Então, uma derradeira rajada de poder irrompeu da gruta. Causou ondas como uma pedra atingindo um lago, carregando consigo um grito que não podia ser captado com os ouvidos.

Era uma sensação que Renna conhecia, a onda de choque do estertor psíquico de um demónio da mente. Atravessou a vasta colónia de morcegos demoníacos, fazendo-os cair do céu. Por fim, o mimético afrouxou o aperto. Renna separou-se dele enquanto mergulhava sobre as árvores, guinchando.

Ocorreram uma sucessão de explosões enquanto Jardir canalizava da conduta para energizar imensas guardas de impacto, pulverizando os aglomerados de árvores que formavam as guardas chave da rede guardada do demónio. No momento seguinte, a barreira caiu e acelerou em direção à gruta, com Arlen juntando-se enquanto paravam diante da abertura. Tinha expressão severa e Renna preparou-se para argumentar, mas não o ouviu dizer nada, focando toda a sua atenção na entrada.

As colunas de cada lado, violentadas pelas garras dos nuclitas e pelo peso das eras, eram inegavelmente krasianas. Mesmo gastas pelos milénios, Renna conseguia perceber a cabeça de demónio esculpida na rocha viva sobre a gruta, com a boca formando a entrada para o abismo.

Arlen parou a seu lado.

– Boca do Abismo não é apenas um nome.

– Teria ficado desiludida se fosse só uma gruta. – Renna pousou junto à entrada, canalizando com força a magia abundante, pronta para qualquer coisa enquanto entravam.

Jardir esperava-os, erguendo-se com a lança pronta sobre o cadáver de um demónio da mente. Baixou a arma enquanto se aproximavam.

– Havia um par de miméticos, mas morreram com o seu mestre.

Arlen acenou afirmativamente.

– Aconteceu o mesmo aos morcegos demoníacos lá fora.

– Alguns miméticos podem ter sobrevivido – disse Renna. – Fora de alcance do efeito total.

Jardir acenou afirmativamente.

– Apressemo-nos a trazer Shanvah e o prisioneiro antes que os sobreviventes tenham tempo de recuperar.

– Deveríamos trazer a carroça até à entrada – disse Arlen. – Bastará que um mimético toque com uma garra naquele demónio da mente e estamos perdidos.

– Ainda bem que não há demónios lá em baixo, no sítio para onde vamos – murmurou Renna.

Arlen suspirou, apertando a cana do nariz.

– Se tiveres uma ideia melhor, Ren, é o momento certo para a partilhares.

Renna olhou o demónio da mente.

– Estou só a falar sozinha. Estamos todos nervosos. Vão os dois escoltar a carroça. Eu defendo a conduta.

Esperou que Arlen se mostrasse desconfiado, mas pareceu aliviado por não precisar de discutir. Estava certo, de qualquer modo. Era inútil questionar o seu plano sem ter um melhor para propor.

Os dois homens levantaram voo e Renna voltou-se para o corpo do demónio. Funcionaria realmente nos dois sentidos? Alagai Ka estivera certo. Não podia colocar em risco a sua missão, deixando que um palpite a fizesse matar o seu único guia. Mas ali estava um demónio da mente ainda fresco, com o corpo ainda quente...

Antes de poder pensar duas vezes, Renna sentiu a faca na mão. A lâmina guardada cortou a carne dura e nodosa da cabeça do demónio e retirou a pele, expondo o osso em baixo. Limpou o excesso de sangue negro com as mãos, chupando os dedos até ficarem limpos.

O fedor pútrido do sangue de demónio era algo que quase já não notava, tal como não notava o sabor medonho, mas aprendia a identificar subtis diferenças na magia. Conseguia distinguir sangue de demónio da pedra de sangue de demónio da rocha, distinguindo o formigueiro de um demónio do relâmpago do sabor de um demónio do vento. O mais memorável era o sangue negro de demónio mimético que lambera da lâmina e da pele, movendo a magia dentro da boca como tabaco de mascar.

Mas nada a preparara para a descarga de poder do sangue de um demónio da mente. Chocava como um salto para água gelada. Estremeceu, sentindo-se mais viva, mais alerta do que alguma vez sentira na vida. Eram todos os outros sabores de magia combinados e muito mais.

Fraturou o osso grosso do crânio com um golpe violento da guarda de impacto sobre o punho da faca e enfiou a lâmina na racha abrindo-a para expor o cérebro por baixo.

Tremia como gelatina, viscoso e brilhante com sangue negro. Renna nunca vira nada com a sua visão guardada que brilhasse tanto como um demónio da mente. Cortou um grande naco e segurou-o na mão nua, enfiando-o avidamente na boca.

O poder do sangue não era nada. Era uma faísca de estática sobre um tapete por comparação com o relâmpago que, naquele momento, sentia na boca. Sentiu prazer e o mundo à sua volta abria-se aos seus sentidos como nunca antes acontecera. Cada momento alongou-se até ao infinito, como se o mundo se iluminasse com informação. Maravilhou-se com as partículas de pó suspensas no ar, vendo os rodopios de magia saindo da conduta como uma cascata gelada.

Mas a informação entrou dentro dela mais depressa do que conseguia compreendê-la. O que começou como um gole refrescante ameaçava afogá-la.

O poder fervilhou-lhe nas veias, queimando-lhe os nervos. Não era a sensação seca de canalizar demasiada magia. Era como ser lançada viva a uma pira funerária. Gritou e sentiu-se como se cuspisse fogo.

Seguiu-se uma torrente de informações impossíveis de interpretar. Sentidos para os quais nem sequer tinha nome, transmitindo-lhe informação com o rugido de um rio no degelo da primavera. Imagens que não faziam qualquer sentido.

Havia também emoções, mas, para essas, Renna tinha um nome.

Mal. Saturava-a. Penetrava-a. Contaminava-a.

Renna caiu ao chão. Ou melhor, sentiu o chão embater contra ela, mas perdeu-se no turbilhão. Vomitou, com sangue negro e gelatina de carvão misturando-se na bílis diante da sua face. Não conseguia pensar, não conseguia sentir o corpo, não percebia se continuava a respirar. Tudo era dor e cacofonia, da pele à alma. A sua visão saltitou e vibrou e percebeu que sucumbia a convulsões.

Depois, tudo ficou negro.

* * *

– Não merece confiança, Par’chin!

– Nenhum de nós a merece – disse Arlen. – Mas, como disseste, não há ninguém para ocupar os nossos lugares.

Água fria atingiu a face de Renna e ergueu-se, sobressaltada. Arlen erguia-se sobre ela com um balde, franzindo a testa. Atrás dele, Jardir mantinha a lança pronta, mas não procurava ameaças exteriores.

Apontava-lha.

Renna estremeceu. Tentou olhar em redor, mas tudo continuava a brilhar perante a sua visão guardada, com criaturas demasiado pequenas para ver a olho nu cintilando no ar. Era estonteante e usou uma mão para se amparar.

– Calma. – Arlen ajoelhou-se a seu lado, apoiando-a com uma mão enquanto tirava água do balde com uma concha e lha levava aos lábios. – O que fizeste foi muito estúpido.

Havia vida também na água. Era tão evidente que lhe custava a crer que nunca antes tivesse reparado nela. Milhões de organismos minúsculos. Sentia-os contorcendo-se na sua boca e tossiu, salpicando Arlen.

– Tinha de o fazer.

– Não tinhas. – Arlen limpou água do olho. – Tínhamos o nosso plano.

– O plano é uma loucura e bem sabes que sim – replicou Renna. – Tu próprio me disseste que chegou o momento de termos outras ideias. Tive uma.

– Falava de ideias menos loucas que a minha – disse Arlen.

– És tu quem pensa demasiado em tudo – afirmou Renna. – O resto de nós só faz o que parece certo.

– Pensar demasiado foi o que me manteve vivo – disse Arlen. – Fazer o que parece certo dá problemas.

Renna olhou-o, vendo-lhe a aura como nunca antes tinha visto.

– Recorda-me, outra vez, quem foi a primeira pessoa a comer demónios.

– Sim e isso funcionou muito bem – concordou Arlen.

– Trouxe-te até onde estás hoje – disse Renna. – Podes pensar demasiado agora, mas o Arlen Fardos que conheci no Ribeiro era imprudente.

Arlen esfregou a cara com a mão.

– Não estaria neste apuro se não fosse tão imprudente.

– Talvez – concedeu Renna. – Ou talvez poderíamos não ter uma hipótese tão boa de resolver tudo.

– É inútil discutir – interveio Jardir. Renna olhou-o e via uma das pedras na sua coroa brilhando mais do que o resto enquanto fitava a sua aura, tentando decidir se a mente do demónio a teria corrompido de alguma forma.

Nucleada seja se souber, pensou Renna. Sentia-se igual a ela própria de algumas formas, mas, de outras, tinha mudado de maneira irrevogável.

No entanto, após um momento, Jardir parecia satisfeito. Ergueu a ponta da lança.

– Que viste, Renna vah Harl? A tua aura está...

– Caótica – concluiu Arlen.

– Vi tudo – disse Renna. – E nada. – Como todos no Outeiro reunidos no Cemitério dos Nuclitas, todos falando ao mesmo tempo. Demasiado para distinguir. Não fazia qualquer sentido.

Arlen acenou afirmativamente.

– Foi assim comigo quando toquei a mente daquele príncipe nuclita. Mas recordo algumas coisas. Coisas que poderiam fazer a diferença entre vencer em vez de perder. Se houver alguma coisa que recordes...

– Não – disse Renna. – Pelo menos, ainda não. Preciso de tempo.

– Tempo é uma coisa que nos falta – afirmou Jardir. – As horas de maior escuridão já passaram. Se não libertarmos Alagai Ka e entrarmos na Boca do Abismo, precisaremos de esperar o dia inteiro e perder a vantagem da surpresa.

Renna apoiou o pé no chão e ergueu-se, mantendo a respiração regular para se centrar.

– Perceberei pelo caminho. Vamos.



VINTE E SEIS

A ESCURIDÃO INFERIOR

334 DR

Jardir acolheu as suas dúvidas uma a uma enquanto deixava o Par’chin e a sua jiwah na gruta. Era suficientemente mau que a mulher levasse uma criança no ventre para o abismo, mas, além disso, era instável. Imprevisível. Impulsiva. Desprovida de bom senso.

Mas que era ele próprio, depois de ter concordado com aquele plano? Sendo conduzido até ao abismo por Alagai Ka? A filha de Harl era poderosa. Intrépida. Sacrificando a sua vida e a vida do seu filho à Primeira Guerra. Não era krasiana, mas tinha um coração de evejana. Jardir envergonhava-se por duvidar dela.

Shanvah guardava a prisão de Alagai Ka, fora da abertura da gruta. O seu pai continuava acorrentado ao banco, com o monarca demónio trancado atrás de aço guardado. Mas Shanvah mantinha-se alerta, com a lança e o escudo prontos, procurando ameaças, externas e internas.

– Libertador. – Curvou-se quando se aproximou dela. – A filha de Harl está bem?

– Foi tolo dela arriscar a vida consumindo a mente do príncipe – disse Jardir. – Mas recuperará. Queira Everam.

– E... funcionou? – perguntou Shanvah. – Adquiriu as memórias do demónio?

Jardir abanou a cabeça.

– Não, ao que parece. Continuaremos com o plano original. Agora.

– Inevera. – Shanvah embainhou a lança e saltou para o banco com ligeireza, recuando a carroça até à entrada da gruta. Soltou os cavalos e retirou-lhes os arreios. A prisão do demónio não podia acompanhá-los até ao abismo. Chegara o momento de libertar os animais.

Jardir ergueu a lança, traçando guardas no ar sobre as criaturas. A magia ficava presa aos cavalos, revitalizando-os uma última vez enquanto os protegia das garras dos alagai. A magia dissipar-se-ia com o amanhecer, mas ficariam protegidos durante o resto da noite.

Os garanhões ergueram a cabeça, voltando a mostrar-se alerta.

– Que Everam vos guarde, nobres montadas – disse Jardir. – Chamo-vos Força e Fortaleza. Se sobreviver para contar esta viagem, os vossos nomes não serão esquecidos nos versos sagrados.

Traçou outra guarda no ar, criando uma explosão e um clarão inofensivos que fariam os cavalos galoparem pela estrada antiga.

Jardir aproximou-se de Shanjat, retirando a corrente que o prendia ao banco da carroça. Shanjat não reagiu, fitando cegamente como os cavalos tinham feito. Jardir puxou o seu cunhado para o chão, colocando-o sobre o ombro como um manequim de treino.

O filho de Jeph e a filha de Harl esperavam com Shanvah enquanto colocava Shanjat de joelhos junto à porta da carroça.

O marido da minha irmã, pensou Jardir. *Que me treinou e lutou a meu lado desde o Hannu Pash. E ponho-o de joelhos para Alagai Ka.*

Olhou o seu grande amigo em baixo. *Juro pela luz de Everam e pela minha esperança de ascender ao Paraíso. Quando o momento chegar, Alagai Ka pagará pelo que te fez.*

Depois daquilo, Jardir destrancou a porta da carroça e abriu-a. O demónio estava deitado no centro, fitando-os com aqueles olhos enormes e desumanos. Entrou no círculo e libertou a criatura, antes de pegar no demónio pelo pescoço, arrastando-o para fora do círculo. Atirou-o da carroça, fazendo-o aterrar de forma nada digna junto a Shanjat.

Permitiria que a criatura vivesse para bem de Ala, mas não merecia qualquer dignidade.

Desta vez, Alagai Ka não fingiu, controlando imediatamente Shanjat. O guerreiro abriu a túnica, prendendo o demónio sob o pano que lhe cobria as costas.

Os dois, demónio e anfitrião, fitaram o corpo do demónio da mente morto, com o crânio aberto e comido como uma meloa. A seguir, viraram-se para Renna.

– Bela noite – comentou a filha de Harl, sugando sangue negro dos dedos. Shanjat pareceu descontrair e sorriu.

– A tua cria será forte se, por algum acaso, conseguir sobreviver. Tem mais em comum com os meus do que com os seus antepassados débeis.

A aura de Renna flamejou com tal calor que Jardir precisou de semicerrar os olhos para a olhar. Desembainhou a faca, avançando para o demónio. Shanjat recuou, mas cercavam o demónio e não havia sítio para onde pudesse fugir enquanto Renna o fazia ajoelhar-se com um pontapé, encostando a ponta da lâmina poderosa à garganta do demónio.

Shanjat olhou-a.

– Fá-lo. Mata-me, se te atreveres. Se o teu plano tivesse funcionado e o teu cérebro primitivo tivesse conseguido compreender a vastidão da mente da minha cria, não precisarias de mim e o Herdeiro ter-me-ia matado enquanto estava indefeso. Os lábios de Shanjat arreganharam-se num sorriso. – Mas não o fizeste, pois não, Caçadora? Matar-me seria condenar os teus.

– Talvez – disse Renna. – Mas volta a referir o meu bebé e morrerás muito antes dos *meus*.

Cada palavra era sincera. Jardir via-o na sua aura. Receou perder controlo e condenar o plano, mas era bom que Alagai Ka os temesse. Se o rei dos demónios começasse a sentir-se seguro, provaria ser cada vez mais difícil de controlar.

Se o controlassem naquele momento.

– A tua vida tem valor apenas enquanto nos fores útil, Príncipe das Mentiras – disse Jardir. – O Evejah diz-nos que os exércitos de Kaji marcharam três vezes sete dias para alcançar o abismo. É verdade?

– Para chegar ao abismo? – O demónio riu-se com a garganta de Shanjat. – O abismo de Nie é uma fantasia criada para motivar servos. Não existe tal local.

Jardir eriçou-se ao ver o sorriso arrogante. Precisou de se conter para não matar a vil criatura de uma vez por todas. Provocava-os, sussurrando verdades que pareciam mentiras e mentiras que teriam algo de verdade. Mesmo sem ler as suas mentes, o demónio tinha um talento ímpar para manipular as suas emoções. Pretenderia confundi-los e fazê-los baixar as defesas. Precisavam de se manter vigilantes.

– Quão longa será a caminhada até à tua colmeia? – perguntou o Par’chin.

– Uma rotação, talvez – disse Shanjat, piscando o olho a Jardir. – Desceremos a maior profundidade que Kavri e os seus cães.

Shanjat olhou-o, expectante, mas Jardir limitou-se a sorrir.

«E assim, Kaji
Soltou os seus cães de guerra
Levando o mal às lanças Sharum
Como raposas diante do caçador.»

– Pretendes insultar-me, demónio? – perguntou Jardir. – Insultar a minha gente? Os cães de Kaji empurraram a tua laia de volta para as profundezas, como gado.

– Assustado, mesmo que não o admita – disse Renna. – Não acontece todos os dias que alguém te coma o filho.

Shanjat voltou a rir.

– Uma benesse inesperada ficar livre do meu rival mais forte. Agradeço-te isso.

– Foi um dos que veio a Anoch Sun? – perguntou o Par'chin.

Shanjat abanou a cabeça como tinha feito em vida. Era perturbador.

– Não. Era um dos dois que restavam na corte das mentes com poder suficiente pare resistir à minha convocatória.

– Nove, contando contigo – disse Jardir.

– Matámos os três em Anoch Sun – recordou Shanvah.

– E capturámos Alagai Ka – disse Jardir.

– Com este, são cinco. – Renna pontapeou o cadáver do príncipe nuclita. – Mais os quatro que matámos no verão passado.

– Havia mais de uma dúzia de demónios da mente antes do início de tudo isto – disse o Par'chin. – Quantos têm agora? Quatro?

– Quatro com maturidade suficiente para sobreviverem ao acasalamento sem serem comidos vivos quanto terminar. – O sorriso de Shanjat ampliou-se. – Além de príncipes juvenis em número suficiente para devastar as vossas Cidades Livres. Dispersarão, atacando onde o vosso povo menos suspeitar, construindo novos ninhos e usando servos para empurrar a vossa gente para o subterrâneo como gado para alimentar as rainhas em postura.

– Então porque está o mais forte deles aqui, longe de qualquer cidade humana? – perguntou Jardir.

Shanjat olhou-o como se fosse um tolo. Era uma expressão que Jardir tinha visto ao seu cunhado muitas vezes, mas nunca enquanto o olhava.

– Existe poder aqui. A minha cria teria permitido que os seus irmãos novos lutassem pelos vossos territórios, recolhendo despojos de todos quando as vossas forças ficassem suficientemente enfraquecidas.

– Como sabes isso? – perguntou Renna.

– Porque o fiz muitas vezes ao longo dos milénios – respondeu Shanjat.

– Outro demónio da mente tentará reclamar a conduta agora? – perguntou o Par'chin.

– Quando perceberem que não está guardada, certamente – disse Shanjat. – Mas é improvável que avancem suficientemente sobre o território do seu irmão mais velho para o perceberem em breve.

– Quando atacarão? – perguntou Jardir.

Shanjat projetou a cabeça para trás para rir.

– Se a minha cria aqui estava, já o fizeram! Krasia. Thesa. – Virou-se para Renna. – Talvez até o teu Ribeiro de Tibbet. É isolado, com tantas mentes deliciosamente vazias para um festim.

Renna mostrou os dentes, mas conteve a língua e não avançou.

O Par'chin vacilou.

– Continua escuro. Poderia deslizar até...

– E que farias, Par'chin? – perguntou Jardir. – Avisá-los-ias de um ataque que já aconteceu? Abandonarias a nossa missão para enfrentar príncipes menores?

– Não sei – respondeu o Par'chin. – Talvez pudesse fazer alguma coisa.

– Avisaste-os da melhor forma que pudeste – disse Renna. – Não é isto que pregas sempre? Que as pessoas devem salvar-se a si mesmas?

O Par'chin expirou.

– Nunca fiquei sem fazer nada quando os problemas batem à porta.

– Seria pouco sensato da tua parte entrar no estado intermédio aqui, de qualquer forma – comentou Shanjat. – Até eu exerço cautela quando me dissipo perto de tais correntes.

– Perder-te-ias – disse o Par'chin.

– Não há regresso possível do Núcleo – disse Shanjat. – Nem para os meus.

O Par'chin virou-se para Shanjat.

– Porque te mostras tão conversador, de repente? Porque nos falas dos ataques?

Shanjat inspirou de modo trocista pelas narinas.

– Pelo odor sublime em que o desespero vos envolve. – A mão do Par'chin fechou-se num punho, mas Shanjat não tinha terminado. – E para vos dar esperança.

– Esperança? – repetiu Jardir. – Que sabem criaturas de Nie sobre a esperança?

– Sabemos como é valorizada por vós, macacos – replicou Shanjat. – Como se apegam a ela. Como matam por ela. Como vos dói quando é retirada.

– E é este o teu plano? – perguntou Jardir. – Pendurar esperança de um cordel como uma cenoura diante de um burro, longe do nosso alcance?

– Claro – disse Shanjat.

– Com que esperança poderão tentar-nos – perguntou Jardir – agora que revelaste o vosso plano? Agora que nos disseste que a guerra começou nos nossos lares?

– A esperança que resulta de saber que a corte da mente está vazia enquanto os meus semelhantes fazem a guerra nos vossos lares – disse Shanjat.

Jardir ficou hirto. Se fosse verdade, significava que a sua missão poderia realmente ter sucesso. Se o seu povo conseguisse resistir aos alagai durante mais uma lua, duas no máximo, teriam uma oportunidade de anular a colmeia de uma vez por todas.

Mas o demónio tinha já afirmado que a esperança seria roubada. Seria uma mentira ou haveria algo que Alagai Ka não lhes dizia?

Era provável que fossem as duas coisas.

– O momento para suposições passou. – Jardir dirigiu-se à carroça, puxando o seu saco do compartimento de bagagem. Shanvah tinha já o seu às costas. – Se pretendemos percorrer o caminho até ao abismo, comecemos.

Jardir seguia à retaguarda, vigiando Alagai Ka à sua frente. Mesmo com as mãos acorrentadas à cintura, Shanjat desceu o túnel inclinado com ágil familiaridade. Recordava que o demónio não se limitava a possuir o corpo do seu cunhado. Tinha todos os talentos e conhecimentos que o homem havia tido em vida.

Shanjat era um homem muito perigoso.

Renna e Shanvah caminhavam de cada lado do demónio, mantendo-se atentas à envolvência. O Par’chin manteve-se à sua frente, longe da vista, estudando o caminho.

Jardir perdeu a noção do tempo nos túneis sem luz. Não tinham descansado, mas, revitalizados pela magia, poderiam ter viajado durante dias, tanto quando percebia.

O caminho para o abismo não era o que esperara. Havia vida até ali, longe do sol sagrado. Ainda não tinham encontrado demónios, mas o solo húmido estava repleto de insetos e de outras criaturas demasiado pequenas para ver a olho nu, que se iluminavam quando as via com a sua vista guardada. Havia ribeiros

subterrâneos cheios de peixe, musgo e líquenes nas paredes. Lagartos. Salamandras. Rãs.

E, por vezes, pegadas de coisas maiores. Talvez não de um demónio, mas não pertenciam a nada que reconhecesse.

O túnel sobre um abismo tão vasto que não conseguiam ver o outro lado. O Par'chin esperou junto ao vazio, inclinando-se contra um arco de madeira esburacada de conceção krasiana.

– A ponte desabou.

– Precisaremos de descer até ao fundo da caverna e voltar a subir do lado oposto – disse Shanjat. – Este servo precisará de todos os seus membros para conseguir.

Jardir manteve um olho no prisioneiro enquanto se colocava ao lado do Par'chin. Juntos, olharam o abismo. No limiar da sua visão guardada, havia um pilar de ponte arruinado.

– Posso voar até ao outro lado – disse Jardir.

– Talvez, mas Ren e eu não poderemos fazê-lo – respondeu o Par'chin. – O demónio está certo. O chamamento do Núcleo fica mais forte quanto mais descemos. Precisamos de ficar sólidos, tanto quanto pudermos. – Semicerrou os olhos para o pilar distante. – Demasiado longe para saltar, mesmo com balanço.

– Posso levar-nos – disse Jardir.

– Ao demónio também? – perguntou o Par'chin. – Vais aproximar-te tanto, longe de apoio, sem precisares de o fazer?

– Então descemos – disse Jardir.

Renna juntou-se a eles enquanto olhavam o negrume, com o fundo do abismo perdendo-se numa névoa mágica.

– Precisamos de comer e descansar se pretendemos libertar as mãos de Shanjat para que desça isto. – Cuspiu, vendo a saliva desaparecer silenciosamente na névoa. – A não ser que queiramos empurrá-lo daqui e resolver o assunto assim.

Jardir voltou a olhar Shanjat. O mais feroz dos seus tenentes. Um homem que triunfara tanto no Labirinto que Jardir lhe tinha oferecido a sua própria irmã em casamento. Quantas vezes tinha visto Shanjat matar com as mãos nuas?

– Palavras sensatas – disse. – O meu coração de guerreiro quer apenas seguir em frente, mas não podemos permitir que a fome e a fadiga esmoreçam a nossa vigilância sobre Alagai Ka. É demasiado fácil neste mundo sem luz esquecer a passagem do tempo.

– Não há relógio tão fiável como o meu estômago por estes dias. – Renna passou a mão por uma barriga que estava maior com cada dia.

Reuniam-se na galeria formada pelo túnel. O Par’chin e a sua jiwah aproximaram-se de Shanjat.

– Ajoelha-te – ordenou o Par’chin. A magia ambiente entrou dentro dele, com a envolvência enegrecendo enquanto o poder deixava a sua aura branca.

Renna empunhava a sua faca e também ela brilhava com magia. Não sendo tolo, o demónio fez ajoelhar Shanjat e permitiu que as grilhetas dos tornozelos voltassem a ser presas ao cinto.

Shanvah começou a encher grandes malgas de bronze com terra. Alisou a superfície com uma lâmina, preparando Jardir.

Como os hortelões, Jardir canalizou magia pela coroa, usando-a para energizar as guardas que Inevera lhe tinha ensinado. A terra derreteu, reduzindo-se a um remoinho de magia antes de voltar a acalmar. Uma malga passou a estar cheia de água fresca e a outra com cuscuz fumegante.

Shanvah ajoelhou-se, encostando mãos e testa ao chão, orando com ele, agradecendo a Everam pela Sua generosidade interminável e renovando as promessas de lutarem em Seu nome.

Quando terminaram, Jardir ergueu uma minúscula taça de couzi em porcelana com aplicações de ouro e um par de paus a condizer. Com reverência e precisão, encheu a pequena taça com água e estendeu-a.

– Ergue-te, sobrinha, e deixa a água abençoada de Everam refrescar-te.

Shanvah ergueu-se como uma serpente, com um movimento sinuoso de graça perfeita. Baixou a cabeça e o véu, pois não havia vergonha em ser vista pelo tio.

– Obrigada, Libertador, pela honra que Everam concede por teu intermédio.

Bebeu um pequeno gole da taça, mas ergueu a cara com nova luz no olhar e a aura refrescada.

Ergueu um pedaço de cuscuz com um gesto delicado dos paus.

– Come e deixa que o alimento abençoado de Everam te encha o estômago.

Shanvah voltou a curvar-se.

– Obrigada, Libertador, pela honra que Everam concede por teu intermédio. – Levou o cuscuz à boca e pareceu imediatamente mais forte e saciada.

– Mantém-te vigilante para que os hortelões possam também comer – disse Jardir.

Shanvah encostou a testa ao chão.

– A tua vontade, Libertador. – Ergueu a lança e o escudo, posicionando-se para vigiar os prisioneiros.

Renna aproximou-se dela imediatamente.

– Noite. Cheira bem.

– É comida abençoada – disse Jardir. – Um gole da água de Everam saciará a tua sede. Um naco da comida de Everam encher-te-á o estômago.

– Veremos – disse Renna. Jardir avançou para lhe oferecer a sua pequena taça, mas a mulher nem sequer reparou. Retirou a taça empoeirada do seu saco num instante, enchendo-a abundantemente com a água sagrada. Jardir ficou boquiaberto enquanto esvaziava a taça inteira como se fosse uma taça de couzi, limpando o excesso de água sagrada dos lábios com as costas da mão.

Arregalou os olhos.

– Oh, doce sol. – Voltou a erguer a taça, procurando beber gotas perdidas. A seguir, virou-se para o Par'chin.

– Arlen Fardos, vem cá provar esta água! – Encheu novamente a taça, esvaziando-a também antes de passar ao cuscuz.

Jardir ergueu os paus e tossiu de forma teatral, mas Renna voltou a não perceber a deixa, procurando a sua malga e a sua colher no seu saco. Serviu-se de cuscuz sem cuidado, entornando algum no chão enquanto enchia a sua malga com comida sagrada suficiente para satisfazer uma companhia inteira de Sharum.

Os modos rudes da mulher não conheciam limites, mas tinha sido escolhida por Everam e era convidada à sua mesa. Acolheu o insulto e não disse nada.

– Obrigada. – Renna encostou-se ao túnel e deslizou até ao chão, sentando-se enquanto enchia a boca de comida.

Jardir percebeu que a olhava fixamente e forçou-se a afastar o olhar enquanto o Par'chin se aproximava.

– Sinto muito. – O Par'chin ajoelhou-se e curvou-se. – Ren não...

– Não a desculpes, Par'chin – disse Jardir. – Há meses que comemos juntos. Sabe que é educado rezar antes de comer.

– Os velhos hábitos custam a morrer – disse o Par'chin. – E não se sente confortável rezando a Everam.

– Poderá chamar-lhe Criador – sugeriu Jardir. – Não ofenderá o Todo-Poderoso.

– Dir-lhe-ei isso. – O Par'chin olhou a sua noiva. – Mas não agora. Não é sensato que um homem se intrometa entre uma mulher grávida e a sua comida.

– Dos lábios de Everam para a tua boca – concordou Jardir. Começou a bênção e o Par'chin rezou com ele, como tinham feito tantas vezes após uma noite no Labirinto.

Jardir encheu uma taça delicada de água.

– Rezas.

– Sim? – perguntou o Par’chin.

– O Paraíso é uma mentira – recordou Jardir. – Everam é uma mentira. Então porque rezas comigo?

– A minha mãe chamava-lhe ser educado – respondeu o Par’chin. – Um velho sensato disse-me, certa vez, que as nossas culturas eram um insulto natural uma à outra. Que precisávamos de resistir ao impulso de ofender e sentir ofensa.

– Além disso – o Par’chin abanou a cabeça –, começo a pensar que não importa se Everam está no céu ou na nossa imaginação. É uma voz que nos diz que façamos o que está certo e isso é mais do que muitos poderão esperar.

As palavras eram blasfemas, mas Jardir via tal sinceridade na aura do Par’chin que não conseguia impedir o sorriso. À sua maneira, o seu amigo mostrava-se respeitoso. Quando agradeciam água e alimento, o Par’chin seguiu o ritual com precisão experiente.

Como Shanvah, precisou apenas de um trago e de um pedaço de cuscuz para se saciar, mas Renna esvaziou a malga e olhava o resto com avidez.

– Este servo exigirá também sustento, se desejam que sobreviva à viagem – disse Shanjat. – Tal como eu.

Os lábios de Jardir torceram-se com repulsa, mas, quando Shanvah o olhou, viu-o acenar com a cabeça. Retirou um pequeno tabuleiro do saco com uma taça e uma malga. Jardir colocou dois goles da água sagrada na taça de Shanvah e dois pedaços de cuscuz santo na malga.

Shanvah ajoelhou-se ao lado do seu pai. Pousou o tabuleiro com precisão e graça, erguendo a sua comida.

– Esta é a filha que sempre desejei – disse Shanjat. – Silenciosa. Obediente. Não poderias ter um casamento bom com a cara de cavalo que herdaste da tua mãe, mas, mesmo assim, poderias ter sido uma filha de que um pai se orgulhasse.

– O meu pai orgulhava-se de mim – disse Shanvah. – Orgulha-se de mim. Nada que digas enquanto vestes a sua pele poderá mudar isso.

– Um lampejo de orgulho que não conseguirá compensar uma vida inteira de desilusão – disse Shanjat. – A mente do teu pai tresanda à vergonha que sente de ti. A tua mãe pode ter sido a sua Jiwah Ka, mas sentia amor maior pela mais insignificante das suas mulheres do que por qualquer uma de vós.

Shanvah parecia calma, mas o seu punho apertava os paus como se quisesse cravá-los no olho do demónio.

Mesmo assim, manteve o seu centro, libertando-se das emoções até a sua aura acalmar. Quando o demónio voltou a abrir a boca de Shanjat, os paus ergueram-

se, enchendo-a com cuscuz. Engoliu por reflexo.

Shanvah colocou a mão contra a nuca do seu pai, puxando-o e pressionando um músculo para lhe abrir a boca, fazendo-o beber a água sagrada.

Terminado o ato, Shanvah afastou-se com o tabuleiro.

– Também devo consumir – disse Shanjat.

– Demónio, não és digno de comida ou bebida abençoadas – disse Shanvah.

– Sustive-me com migalhas durante muitos meses – disse Shanjat. – Mas até eu tenho um limite. Se não me alimentarem, não continuarei a conduzir-vos.

Shanvah levantou-se imediatamente, movendo a lança num golpe de duas mãos. Shanjat e o demónio vacilaram, mas não eram o seu alvo. Empalada na ponta da lança havia uma das salamandras cegas que se moviam sobre as paredes, caçando insetos. Moviam-se rapidamente quando sentiam uma ameaça, mas não tão depressa como a lança de uma Sharum'ting.

Retirou-a da ponta, abrindo o animal ao meio enquanto se debatia, usando as mãos nuas. Pontapeou Shanjat no flanco, fazendo o demónio cair com ele. Quando a cabeça cónica embateu contra o solo do túnel, enfiou metade da salamandra na boca de Alagai Ka.

– Come – rosnou. – Ou cantarei até o fazeres.

O Consorte mastigou enquanto desciam a parede rochosa, tentando libertar-se do sabor hediondo da criatura vil. A carne e o sangue sustinham-no, mas as mentes patéticas das salamandras forçavam-no a recordar cada momento da sua existência insignificante. Podia ter vomitado, mas, apesar do prazer sublime de atormentar a Cantora, não sentia qualquer desejo de ouvir a sua canção de perto.

Tinham libertado os braços do servo para a descida. Era o primeiro de muitos afrouxamentos da vigilância. E porque não? O Consorte feria-os com as suas palavras, mas mantinha o corpo do servo dócil. Obediente.

O momento da fuga aproximava-se, mas não era aquele. Estavam ainda demasiado próximos da superfície. O ar estava frio. Os humanos podiam impressionar-se com a magia existente àquela profundidade, mas era uma pálida comparação com o que aguardava a profundidade maior. Nem os servos mais fracos se afastavam tanto do Núcleo sem motivo.

Em breve, os túneis formariam uma colmeia, escavada por servos ao longo de milhões de anos. Os humanos depressa se perderiam sem o Consorte, sendo tão pouco provável que encontrassem a corte das mentes como se estivessem na superfície. Agradava-lhe imaginá-los vagueando interminavelmente pelas

entranhas do mundo e enlouquecerem. Que banquete seriam as suas mentes! O misto de orgulho transformado em desespero e loucura formaria um paladar único.

Naquele momento, continuavam a olhá-lo com atenção. A Caçadora e a Cantora flanqueavam-no enquanto desciam, com o Explorador mostrando-lhes o caminho.

O Herdeiro flutuava sobre o penhasco, com a lança pronta, vendo o Consorte descer. Era divertida a cautela com que o guardavam. Não tardaria a esmorecer. Os humanos não tinham paciência para tais coisas.

O servo não precisou de auxílio para descer. O Consorte deu a ordem e deixou que os dotes do servo desempenhassem a tarefa enquanto focava as suas energias no seu interior, apossando-se da carne da salamandra e fazendo crescer outra camada de pele para aproximar mais a tinta da superfície.

Em breve.

Jardir flutuou até ao chão diante dos outros, olhando a sua descida. Renna, Shanvah e o Par’chin mantinham-se longe de Shanjat, mas parecia-lhe que o demónio não tinha qualquer intuito além de chegar ao fundo em segurança.

Era compreensível, mesmo para uma criatura como Alagai Ka. Três esqueletos humanos jaziam no fundo do penhasco, com os ossos limpos por criaturas que só Everam poderia adivinhar. Os humanos que Alagai Ka tinha feito marchar para o abismo tinham sido forçados a fazer a mesma descida e nem todos tinham estado à altura da tarefa. Um dos esqueletos era feminino, com o crânio esmagado na queda. Outro era masculino, mas pequeno até para um hortelão, talvez não tendo chegado à idade adulta. Ossos múltiplos tinham sido fraturados quanto embateu contra a parede rochosa, mas um pescoço partido roubou-lhe a vida. Era provável que não tivessem sofrido e, não tendo chegado ao abismo, Jardir esperou que as suas almas tivessem conseguido escapar à escuridão, encontrando o caminho solitário.

O terceiro esqueleto era uma criança.

E o pior era que estava intacto além de uma única fratura na perna. Pela terra remexida e pela sua separação dos outros, parecia ter rastejado alguma distância, querendo obedecer à vontade do príncipe dos demónios mesmo enquanto o seu corpo falhava. Jardir pousou uma mão gentil sobre o seu crânio, querendo abençoá-lo, mas a sua dor tinha gravado o osso com magia, um grito silencioso que ecoou dentro dele. Afastou a mão como se a tivesse queimado.

A dor não se erguia do seu corpo, da sua perda de liberdade, sendo um grito psíquico pela sua incapacidade de cumprir a vontade do demónio. Os outros vizinhos e parentes tinham-na deixado para trás sem pensar, motivados por uma necessidade semelhante.

Percebendo a sua distração, os olhos de Jardir moveram-se para os outros, mas continuavam bem. Renna afastou-se da parede rochosa, descendo os últimos dez metros tão facilmente como se descesse o último degrau numa escadaria.

Também ela viu os ossos.

– Devemos enterrá-los?

– Os seus espíritos partiram no caminho solitário, deixando a dor para trás. – Poderiam ter sido palavras apaziguadoras, outrora, mas Jardir percebia naquele momento a que ponto eram verdadeiras. – Honramo-los grandemente se continuarmos a nossa tarefa sagrada.

A filha de Harl grunhiu, mas não discordou, olhando com atenção enquanto Shanvah e o seu pai terminavam a descida. O Par'chin também chegou ao fundo, descendo por uma corrente de magia tão mansa como uma folha caída.

Sete colunas como os pilares do Paraíso indicaram-lhes o caminho enquanto continuavam, mas estavam tombados e arruinados, com entulho cobrindo o piso da gruta, escorregadio com a humidade, alisado por séculos de gotas caindo do alto. Estalagmites à sua volta, grandes e pequenas.

Mais ossos esperavam-nos no extremo oposto e os braços de Shanjat precisaram de ser novamente libertados para voltar a subir até ao caminho.

Pararam no topo para nova refeição e, desta vez, Renna baixou o olhar enquanto era chamada para receber a água e o cuscuz sagrados. Orgulhosa como uma montanha, não pediu desculpa pelo seu comportamento, mas fez um esforço, por mais trôpego que fosse, para se unir a Jardir em oração.

Voltou a comer mais do que Jardir julgou possível e parecia-lhe que, naquele curto período de tempo, a sua barriga se tinha tornado mais saliente.

O túnel continuava a descer sem cessar, com o ar tornando-se tão quente e húmido que se tornava difícil de suportar. Traçaram guardas no ar para conseguirem algum conforto, mas estavam todos imundos. Até as sedas finas das vestes de Jardir se colavam à sua pele com o suor. Canalizou poder para as guardas bordadas, queimando a sujidade e o suor, mas não tardaram a regressar.

O túnel voltou a abrir-se, agora numa caverna vasta que albergava um lago enorme. O ar era húmido e grandes estalactites pendiam do teto a grande altura.

Mas o mais fascinante era a terra que rodeava a água, coberta com fungos brilhantes de vida.

– Precisaremos de abrir caminho – disse Shanjat.

Jardir olhou-o.

– Porquê? – O campo de cogumelos era denso, com alguns chegando-lhe ao cotovelo, mas esses pareciam simples de afastar. A maior parte seria facilmente pisada.

– Envia um vento pelo campo – sugeriu Shanjat.

Jardir olhou-o com cautela. A seguir, encolheu os ombros e traçou uma guarda rápida, fazendo uma corrente de ar fluir para a água.

Imediatamente, esporos incontáveis explodiram, enchendo o ar com uma nuvem escura de vapores nocivos. Jardir traçou outra guarda e uma brisa delicada impediu a nuvem de se afastar.

– Que foi isto, pela noite escura? – perguntou Renna.

– É assim que a colónia se sustém – disse Shanjat. – Os esporos emitem uma substância paralisante que mutila e infeta qualquer criatura suficientemente tola para os perturbar.

– Infeta? – A mão que Renna colocou sobre o ventre redondo não foi subtil, mas a sua aura foi eloquente. Nela, Jardir conseguia ver a sua imagem segurando uma criança enquanto banhava a envolvência em chamas.

Antes que Shanjat pudesse responder, houve movimento no campo e um demónio, anteriormente invisível, correu para eles, estendendo as garras.

A criatura não se assemelhava a nada que Jardir alguma vez tivesse visto. A sua aura era neutra, fundindo-se perfeitamente com a colónia em redor. Caules fúngicos cresciam entre as suas escamas. Era consumido do interior, mesmo enquanto se movia com rapidez e agilidade.

Mas não deixava de ser um demónio. Jardir concentrou-se por um momento, ativando o campo guardado da sua coroa para impedir a sua aproximação.

A criatura abrandou por um momento, como se corresse com água pelas coxas. Mas, a seguir, passou a barreira, acelerando.

Jardir pestanejou com surpresa e ergueu a lança, mas Shanvah foi mais rápida, arremessando vidro guardado para intercetar o demónio. Os projéteis afiados atingiram a criatura no centro da sua massa, mas, se tivesse notado os impactos, não deu disso qualquer sinal enquanto continuava a correr para eles.

Jardir traçou uma guarda de impacto, enxotando o demónio como um inseto. Estava ainda no ar quando o Par’chin traçava uma guarda térmica poderosa. O alagai explodiu numa bola de fogo tão intensa que Jardir sentiu o calor na cara. O seu destroço flamejante caiu sobre a colónia, erguendo outra nuvem de esporos que fez chegar a chama à grande bola de fogo.

Cogumelos e caules arderam depois disso, mas o solo e o ar estavam húmidos e a chama não alastrou nem penetrou no solo como teriam desejado.

– Haverá outros – indicou Shanjat. – Os esporos podem infetar as mentes dos servos, transformando-os em seus defensores antes que os seus corpos sejam consumidos além de qualquer utilidade.

– Passou a minha barreira – disse Jardir. – A criatura seria mais fungo que alagai.

– Como conseguiram passar os teus prisioneiros por aqui? – perguntou o Par'chin.

– O mimético que os escoltava transformou-se num demónio da chama e queimou um caminho, mas não sem perdas. – Shanjat mostrou os dentes. – Alguns dos vossos poderão ainda servir a colónia se não tiverem sido totalmente consumidos.

– E aquele lago? – perguntou Renna. – Como o atravessaram?

– Nadaram, claro. – Shanjat começou a sorrir abertamente.

– Não confiem nele – alertou Renna. – Só o Criador saberá o que há naquela água. O demónio trouxe-nos para uma armadilha.

Shanjat encolheu os ombros.

– Este é o caminho. Não existe outro.

– Confio tanto no demónio como tu, filha de Harl – disse Jardir –, mas não podemos ficar aqui e não podemos voltar para trás.

– Criador, podem parar de me chamar isso?! – ripostou Renna. – Harl Curtidor pode não ter sido o pior homem que alguma vez viveu, mas foi o pior que conheci. Eu própria o matei e estou cansada de vos ver agirem como se o seu nome fosse mais importante que o meu.

Jardir abriu a boca e voltou a fechá-la. A sua aura estava desvairada e recordou com clareza os humores inconstantes das suas esposas quando estavam grávidas.

Mas, a seguir, interiorizou as palavras.

– Admites ter matado o teu próprio pai? – Era... monstruoso. Olhou o Par'chin, que lhe retribuiu o olhar enquanto Shanvah olhava o seu pai e o demónio.

– Sabias disto?

O Par'chin acenou com a cabeça.

– O Filho do Núcleo mereceu.

As palavras confortavam-no. Conhecia bem o valor que o seu amigo atribuía a toda a vida humana. Mesmo assim, não era uma explicação suficiente para tal crime. Jardir virou-se para Renna e olhou-lhe a aura, procurando a verdade.

– Queres assim tanto saber? – perguntou Renna. O Par’chin tinha-os treinado a todos para camuflarem as suas auras internas, escondendo os seus pensamentos e sentimentos mais íntimos, mas baixou as defesas por um momento e Jardir conseguiu ver horror diferente de algo que alguma vez tivesse imaginado.

Jardir ergueu as mãos.

– Paz, Renna am’Fardos. A tua honra permanece infinita a meus olhos. Sem dúvida, terá sido o próprio Everam a guiar a tua mão.

– Everam estaria a dormir para ter demorado tanto tempo a fazer o que precisava de ser feito.

– Paz, irmã – disse Shanvah, sem afastar os olhos do prisioneiro.

– Nem eu poderei falar do Plano de Everam – disse Jardir. – Só as dama’ting poderão fazê-la e mesmo elas conseguirão apenas oferecer um vislumbre diminuto.

Shanjat riu-se ao ouvir aquilo, mas não disse nada como resposta ao olhar intenso de Jardir.

Jardir olhou Renna e curvou-se.

– Se as nossas palavras te ofenderam, peço desculpa. Conheci muitos guerreiros que entraram na sharak carregados com o peso da vergonha do seu pai. Shanvah e eu não voltaremos a pronunciar o seu nome.

Renna gemeu, com a aura mantendo-se tórrida.

– Isso não muda a nossa situação – disse Jardir.

– Não vamos nadar naquilo. – Renna indicou o lago com a cabeça.

– Não precisaremos de o fazer – disse o Par’chin. – Construiremos uma ponte.

Jardir olhou-o.

– Como faremos isso, Par’chin?

– Da mesma forma como passaremos os cogumelos. – Tomou a dianteira. – Formem.

Shanvah enrolou três vezes o véu sobre o nariz e a boca, passando outro véu de seda a Renna.

– Tenho o meu. – Renna retirou um véu imaculado de seda branca de uma bolsa à cintura, cobrindo com ele o nariz e a boca como Shanvah tinha feito. – Uma prenda de casamento de Amanvah.

– Everam vê todas as conclusões e conduz-nos como só Ele pode. – Jardir ergueu o seu véu noturno e o Par’chin cobriu a sua cara com o segundo véu de Shanvah.

Shanvah ergueu também o véu branco do seu pai. Olhou-a.

– O servo pode ter esta débil proteção, mas eu...

– É melhor que mantenhas a boca fechada e te mantenhas por perto – concluiu o Par’chin por ele.

Jardir seguiu à retaguarda, com Shanvah e Renna de cada lado de Shanjat numa formação de diamante enquanto o Par’chin começava a traçar guardas de frio no ar, gelando esporos e caules. A humidade no ar ajudou o esforço e uma fina camada de gelo formou-se sobre tudo enquanto partiam.

Compreendendo o plano, Jardir e Renna imitaram-no, aprisionando os esporos mortais. Os seus pés esmagaram o gelo enquanto se aproximavam da água.

Então, foram atacados, com criaturas saindo da cobertura dos caules de todos os lados. Havia demónios, um lobo, um par de lagartos atarracados do tamanho de demónios do barro e até um humano com olhos mortos e pele pálida e coberta com veias escuras, com cogumelos crescendo-lhe das orelhas. As suas auras eram fortes, mas estavam vazias, misturando-se perfeitamente com a colónia envolvente. Não havia nos seus atos qualquer pensamento, qualquer emoção.

Shanvah puxou a corrente para ajoelhar Shanjat, sacudindo o gelo do seu ombro para o braço, cobrindo-os aos dois. O demónio não resistiu à proteção que lhe oferecia enquanto retirava a lança de vidro do suporte.

– Não os cortem! – advertiu o Par’chin, mas não precisava de o ter feito. A filha de Shanjat não era tola. Manteve o escudo erguido, repelindo o inimigo com pontapés e golpes cruéis com a haste da lança, quebrando membros para impedir a perseguição.

Os outros mantiveram a sua magia fria, gelando as criaturas e impedindo que libertassem a sua infeção mortal.

Quando a primeira leva foi repelida ou paralisada pelo gelo, Shanvah voltou a pegar na corrente, levando-os até à água. Precisaram de parar e lutar em mais duas ocasiões, mas passavam a estar preparados e o inimigo sem cérebro não constituía grande desafio para um defensor pronto. Até os alagai estavam fracos, com os músculos apodrecidos por dentro pelo fungo que os consumia. A água estava mais próxima...

– Cuidado em cima! – gritou Shanjat e Shanvah ergueu o escudo a tempo para bloquear uma grande massa de visco que caía de uma estalactite. Por instinto, protegeu o seu pai em primeiro lugar, com o escudo de vidro defletindo o ataque, mas salpicos atingiram-lhe o braço e as costas, fumegando e silvando enquanto lhe queimavam as sedas e se infiltravam entre as placas de armadura.

Não chorou nem parou de se mover. A sua glória era ilimitada perante o que seria, sem dúvida, um ataque de dor agoniante. Ao invés, aceleraram o passo até

à água, onde a colónia fúngica era menos numerosa e acabava por terminar, substituída por rocha coberta com mais visco corrosivo.

O Par'chin queimou-o e a sua jiwah gelou-o logo a seguir, abrindo um caminho até à água.

Shanvah enfraquecia. Jardir via-lho na aura. O visco queimava, liquefazendo-lhe a pele e consumindo-a viva. Havia magia naquilo, alimentando-se e multiplicando-se com rapidez alarmante. Sem tratamento, morreria em momentos, reduzida a nada numa hora.

– Protejam-nos enquanto me ocupo dela! – gritou Jardir, despindo as sedas. Era a sua sobrinha e não haveria qualquer vergonha em vê-lo despido, mas, de qualquer forma, Shanvah não tinha forças para resistir. A carne do seu braço e das costas borbulhava, derretendo-se. Renna traçou guardas térmicas sobre as vestes arruinadas de Shanvah, matando o parasita letal.

– Deves acolher a dor – disse-lhe Jardir. – Everam olha-te.

– A dor... – gemeu Shanvah, respirando com dificuldade – ... é apenas... vento.

– Deveras – concordou Jardir, olhando o interior do visco enquanto invocava poder e começava a traçar guardas. Shanvah debateu-se, mordendo o seu véu de pano denso, mas não gritou enquanto lhe queimava o visco sobre o corpo, destruindo carne saudável e infetada para assegurar que limpava tudo. Quando se convenceu de que não restaria sequer um pedaço, alterou as guardas para feitiços que as dama'ting tinham usado durante séculos para fazer crescer carne e para estimular o fluxo de sangue novo.

Imediatamente, Shanvah abriu os olhos, com a aura tingida pela vergonha.

– Perdoa-me, tio. Volto a ser a fraqueza que os teus inimigos exploram.

– Disparate – disse Jardir. – Sem a tua ação pronta, teríamos perdido o nosso guia ou o ataque atingiria outro dos escolhidos. Repousa um pouco.

Mas Shanvah abanava a cabeça, erguendo-se.

– Não há tempo, tio. Estou suficientemente bem para continuarmos.

Era verdade, mesmo que a sua pele anteriormente imaculada tivesse naquele momento uma aparência de cera derretida, furiosa e vermelha. Não pensou na vergonha enquanto retirava as placas guardadas das suas vestes arruinadas, vestindo-se rapidamente com a túnica limpa que trazia no saco. Outro demónio fúngico emergiu da colónia, mas o Par'chin traçou uma guarda de tal poder que a fez brilhar com chama branca, reduzindo-o imediatamente a cinza.

Renna guinchou quando um tentáculo se ergueu da água, esticando-se na sua direção. Envolveu-lhe o braço, mas, com um pensamento, energizou as guardas na sua pele e o tentáculo afrouxou o aperto. Um golpe da faca cortou o apêndice,

mas outros seguiram-se. No alvoroço, perderam a proteção das suas guardas de invisibilidade.

Jardir olhou Alagai Ka, pensando se teria sido aquele o seu plano desde o início, mas havia medo na aura fraca do demónio. Preso pelas guardas na sua forma atual, não sobreviveria a ser puxado para baixo, tal como eles.

O Par'chin avançou, canalizando poder para longe das suas guardas para permitir que os tentáculos se enrolassem aos seus braços. Fincou os pés e começou a caminhar na direção oposta, arrancando a criatura à água. Era um monstro de pesadelo, com apêndices viscosos cobertos com espinhos afiados e ventosas, unindo-se tudo num aglomerado central que parecia inteiramente boca com milhares de dentes mordendo.

Jardir não hesitou, lançando-se contra a criatura e cravando-lhe a Lança de Kaji na garganta, matando-a.

A água estava cheia de demónios. Concentrou a sua vontade no campo guardado da coroa, repelindo-os enquanto se voltava para os outros.

Com a paciência no limite, aproximou-se de Shanjat, mal conseguindo conter a violência.

– Como pôde algum humano ter nadado por águas tão infestadas?

– Porque tinham a minha marca – disse Alagai Ka pela voz do seu amigo. – E porque tinham mimético para os conduzir e dominar os servos.

– E os exércitos de Kaji? – questionou Jardir. – Seguiram por este caminho?

– O lago não estava aqui nesse tempo – respondeu Alagai Ka. – Os meus criaram-no para desencorajar novas invasões do nosso território.

– Construíram um lago? – perguntou Renna.

– É tarefa simples ordenar a demónios da rocha que abram túneis para cursos de água próximos – disse Shanjat.

– Não vamos nadar – repetiu Renna.

– Não teremos de o fazer – disse o Par'chin. – Congelarei uma ponte.

– E quando os demónios da água a atacarem? – perguntou ela.

– A Coroa de Kaji mantê-los-á à distância – assegurou-lhe Jardir. Pegou nas malgas sagradas e partiu a pedra gelada, enchendo-as com a terra por baixo e criando alimento e água enquanto o Par'chin invocava magia para construir a sua ponte. Shanvah parecia bastante recuperada, mas precisaria de comer e beber para substituir a carne perdida e pouco haveria a fazer acerca das cicatrizes. A magia podia transformar um corte limpo numa linha invisível, mas aqueles estragos eram muito superiores.

Depois de Shanvah ser alimentada, voltando a ocupar-se de guardar o pai e o demónio, Renna am’Fardos aproximou-se como um peixe seguindo o isco.

Jardir curvou-se.

– Mais uma vez, peço desculpa...

– Não há motivo nenhum para pedires desculpa. – Renna retribuiu a vénia. – Não sabias. Explodi. Pensei que conseguia controlar as explosões de raiva provocadas pela magia, mas o bebé tornou tudo pior que nunca e recebi uma grande dose naquela gruta. Se alguém tiver de pedir desculpa, serei eu.

– É... um defeito do meu povo pôr sempre o nome do pai em primeiro lugar. – As palavras saíam-lhe com dificuldade, em parte porque a sua verdade expunha a mentira de uma parte tão grande da sua vida. – O meu próprio pai morreu jovem e sem glória. As horas que passo a pensar como poderei conquistar para ele um sítio honrado no Paraíso são muito superiores ao tempo que dedico a pensar na minha mãe, que criou quatro filhos sem marido.

Renna olhou Shanvah.

– Parece-me que acabaste por fazer o que estava certo por eles.

– Talvez – concedeu Jardir. – Também desagradava ao Par’chin que lhe chamassem filho de Jeph e só descobri porquê muitos anos depois.

– O pai dele encontrou a redenção sem ajuda de ninguém – disse Renna. – Não estaria aqui se não tivesse saído do seu alpendre para enfrentar um demónio com um simples machado. – Suspirou. – Talvez nenhum de nós aqui estivesse se o meu não tivesse pegado na forquilha para conduzir Arlen e os seus pais até ao abrigo, tantos anos antes.

– Só o Criador conhece todos os desfechos – disse Jardir, cuidadoso para não usar o nome de Everam por medo de perturbar a fragilidade daquele momento. – Podemos passar a eternidade a questionar o passado, mas é para o futuro que deveremos olhar.

– É verdade. – A seguir, Renna proferiu as orações com ele, voltando a comer mais do que os outros combinados.

O Par’chin tinha concentrado uma quantidade incrível de magia ambiente, tão brilhante como o sol para a sua visão guardada. Começou as suas guardas e formaram-se cristais de gelo na superfície do lago, fazendo-os aproximarem-se uns dos outros, unindo-se, alastrando e engrossando para formar uma camada de gelo que partia da margem para a escuridão.

Jardir esperou, vendo a luz intensa do poder do seu amigo esmorecer. Quando a escuridão ameaçou cair, aproximou-se dele e pousou-lhe uma mão delicada nas costas.

– Chega, Par’chin. Come e repousa. Deixa-me continuar o teu trabalho.

– Sim. – O Par’chin pôs as mãos nos joelhos, arfando como se tivesse travado um combate intenso, mesmo tendo estado apenas de pé na margem. – Talvez seja boa ideia.

Enquanto o Par’chin aproveitava o raro luxo de um momento de descanso, Jardir ergueu a lança e canalizou como o seu amigo tinha feito, puxando a magia ambiente que conseguia antes de pisar o gelo. A água não era boa condutora de magia e sentia-se separado da abundância sentida em terra. O lago parecia escuro até para a sua visão guardada, com a exceção do brilho de peixes e de demónios aquáticos nas profundezas.

Ergueu a barreira da coroa para manter os últimos à distância enquanto avançava, traçando guardas de frio com a ponta da lança. A ponte avançava quase com avidez, com a água sendo já mais fria do que teria julgado possível com o calor húmido da gruta.

A luz da lança perdeu a intensidade, mas Jardir seguiu em frente, determinado em duplicar a construção do Par’chin em comprimento antes de parar. Sentiu os pulmões começarem a arder e os músculos a doer. A fração de poder usada para repelir o frio tornou-se demasiada para dispensar e os seus pés calçados com sandálias ficaram dormentes sobre o gelo.

Quando começou a canalizar o poder da coroa, Jardir percebeu que chegara o momento de retirar. Sem esse poder, ficaria indefeso se algum leviatã das profundezas o atacasse. A sua dignidade não lhe permitiria correr, mas também não se demorou no regresso à margem.

– É a minha vez – disse Renna. O seu marido parecia pronto para protestar, mas silenciou-o com um olhar. Reuniu poder, não menos do que Jardir e o Par’chin, e concentrou uma porção nas guardas aquáticas sobre a sua pele, criando uma barreira para deter os alagai enquanto avançava também para alongar a ponte.

O Par’chin parecia olhá-la com calma, mas Jardir via imagens dele correndo para o gelo repetindo-se uma e outra vez na sua mente. Estava pronto para agir imediatamente se fosse ameaçada.

Confiando na vigilância do seu amigo, Jardir voltou a sua atenção para Alagai Ka, outra vez preso enquanto esperavam, roendo com repulsa um peixe que Shanvah pescara para ele. Tratou o seu pai com maior ternura, limpando e ligando as bolhas nas suas mãos e pés, alimentando-o com comida e bebida sagrada, escovando-lhe e entrançando-lhe o cabelo. A tristeza na sua aura era palpável enquanto Shanjat olhava a água sem ver realmente nada.

– Consigo ver a margem. – Renna também estava ofegante quando regressou. – O próximo de nós conseguirá chegar lá, parece-me.

– Poderemos não ter tempo para esperar. – Shanvah indicou com a cabeça o limiar da colónia de fungos, onde os olhos sem vida de uma miríade de criaturas olhavam com a malícia da inteligência que tivesse conduzido o seu conjunto.

Jardir virou-se para o Par'chin.

– Seguimos caminho ou tentamos o destino enviando outro de nós?

O Par'chin pressionou os lábios.

– Nenhuma das opções me agrada.

– Mal conseguia ver-vos na margem do outro lado do gelo – disse Renna. – Se alguém for tão longe, estará sozinho.

– Ficaremos juntos, então. – Jardir fez sinal a Shanvah e Alagai Ka foi novamente libertado e autorizado a possuir Shanjat.

Shanvah pegou na corrente guardada e começou por prendê-la à volta da cintura. A seguir, prendeu o outro extremo aos aros no cinto de Shanjat.

– Se tentares fugir para a água, mato-te, mesmo que seja o meu último ato em Ala.

Os olhos de Shanjat enrugaram-se atrás do véu.

– Passei demasiado tempo a temperar a tua mente para morrer sem a consumir, filha.

Shanvah ergueu a lança.

– Não voltes a chamar-me isso.

– Filha! – Shanjat riu-se, enchendo o peito e desafiando-a a golpear. – Filha! Filha! Filha!

A jovem eriçou-se e Renna pousou-lhe uma mão no ombro.

– É só saliva e vento, Shanvah. Não lhe dês atenção.

– É verdade – disse Jardir. – Deixa o senhor dos demónios despojado do seu poder ocupar-se com os seus brados impotentes.

Parte da tensão abandonou-a e Shanvah baixou a cabeça numa vénia tensa.

– Farei o que diz o Libertador. Vergarei como a palmeira diante deste... vento e saliva.

– Então vamos – disse Renna. – Estes cogumelos dão-me comichões.

– Renna e eu focamo-nos na ponte – disse o Par'chin. – Foca-te em manter a barreira erguida e conserva o teu poder para o caso de haver problemas.

– De acordo – disse-lhe Jardir, erguendo novamente o escudo enquanto avançavam até à ponte na sua habitual formação de diamante à volta do prisioneiro. Manteve a barreira pequena para atrair o mínimo de atenção, mas

nem todos os exércitos de Nie conseguiriam penetrá-lo enquanto se mantivesse vigilante.

Dirigiu um olhar nervoso à colónia que deixavam para trás, recordando como o demónio infetado tinha ignorado a sua proteção. Recordava-lhe a necessidade de vigilância e não a esqueceria.

Os seus pés esmagaram o gelo enquanto água escura roçava os lados da ponte, erguidos para impedir que as ondas delicadas a cobrissem. A margem ficou distante atrás deles e o Par'chin, com guardas brilhando intensamente, passou além da barreira de Jardir para completar a construção.

Foi nesse momento que o leviatã atacou. Houve um aviso breve, o brilho de um alagai poderoso subindo à superfície, mas a criatura não atacou a barreira. Em vez disso, fez o seu grande volume chocar contra a ponte atrás dele. Ouviu-se um estrondo medonho e fraturas alongaram-se sobre a ponte, perseguindo-os como demónios da chama. Não resistiria a novo golpe.

– Foge! – gritou Jardir, traçando guardas de frio para reparar os danos que conseguia reparar. Renna, Shanvah e Shanjat partiram, correndo para a margem oposta, onde o Par'chin continuava a esforçar-se para terminar a ponte.

O leviatã atacou novamente, despedaçando a ponte e saltando sobre as águas como um pesadelo ganhando vida. A ponte que tinham deixado para trás ficou reduzida a grandes pedaços de gelo projetados para o alto e caindo sobre eles. Jardir manteve-se onde estava, traçando guardas de impacto para defletir os fragmentos que teriam atingido os seus companheiros enquanto fugiam das fissuras que ameaçavam o gelo que os mantinha secos.

O demónio passou novamente, agora demasiado próximo da barreira de Jardir. Ressaltou, mas não antes de a sua grande cauda golpear novamente a ponte, projetando no ar enormes pedaços de gelo, cegando Jardir com partículas menores e o jorro de água. Um pedaço atingiu a ponte à sua frente e ficou envolvido em escuridão.

Jardir tinha aprendido muitos talentos no sharaj. Conseguia enfrentar um alagai com as mãos nuas, saltar de grandes alturas e rebolar para se afastar do impacto, comandar homens em formação, estancar ferimentos que, sem tratamento, seriam incapacitantes ou fatais.

Mas nunca tinha aprendido a nadar.

Rodeado pela água negra, não tinha qualquer sentido de direção. Sentia apenas o toque do gelo e o protesto dos seus pulmões. O Par'chin tinha-lhe ensinado que a magia conseguia quase qualquer coisa, mas não conseguia substituir ar precioso e Jardir não tinha tido tempo para mais do que uma breve inspiração.

Sentiu a coroa soltar-se da testa e estendeu uma mão desesperada para a segurar. Se o precioso objeto se perdesse, perder-se-iam também as suas hipóteses e a esperança de Ala inteira. Com a outra mão, segurava a lança com igual desespero. Não acreditava que pudessem ser recuperadas se afundassem nas profundezas daquele lago maldito.

Mas os demónios da água não tinham as mesmas limitações. Estavam no seu elemento e via-os aproximando-se em círculos cada vez mais apertados. Alguns eram grandes leviatãs e outros eram aberrações com tentáculos, mais pequenas, mas todos se empenhavam na sua destruição. Atacaram de todos os lados, prendendo-o no centro da barreira. Não podiam atacá-lo diretamente, mas, na água, sentia cada golpe com força inacreditável, impedindo-o de se orientar.

Os seus pulmões gritaram e Jardir percebeu que não lhe restava muito tempo. Acolheu os embates e o medo, ampliando os sentidos e procurando o poder alojado nas profundezas de Ala. Tocou-o por um momento, mas outro golpe de um demónio da água fê-lo girar e perdeu o contacto.

Um dos demónios maiores avançou para novo ataque.

Se devo morrer, que seja nas garras dos alagai, pensou. *E não a respirar água em pânico.* Enfiou a coroa com força pela testa abaixo e baixou a barreira. O demónio, esperando impacto, avançou a grande velocidade para ele, ficando ao alcance da sua lança.

Sentiu a besta estremecer de dor enquanto a lança se cravava profundamente, segurando-se com firmeza enquanto a criatura se impelia com as grandes barbatanas, erguendo-se acima da superfície durante tempo suficiente para lhe permitir inspirar.

Puxou a lança, tentando libertá-la para se erguer no ar, mas estava cravada no osso e, no instante seguinte, voltou às profundezas. O demónio rodopiou, esforçando-se tanto como ele para remover a farpa e Jardir voltou a perder a noção de direção.

À sua volta, os alagai voltavam a concentrar-se.

Então, houve um clarão de magia e dispersaram. Jardir viu o Par’chin mergulhando na sua direção, brilhando com intensidade e impelindo-se com movimentos poderosos dos braços e das pernas.

Jardir pôs um pé sobre o demónio e libertou a lança, deixando um ferimento profundo e irregular de que esperou que o demónio nunca conseguisse recuperar. O seu primeiro pensamento foi terminar o que começara, mas o bom senso sobrepôs-se à sede de glória e renovou a barreira da coroa, repelindo os demónios enquanto o Par’chin lhe segurava a mão.

Os dias seguintes pareceram uma eternidade, sendo ocupados com caminhada e escalada, seguindo por trilhos estreitos junto ao abismo. Durante mais de quilómetro e meio, rastejaram por um túnel com meio metro de altura. Sempre com calor, sempre ensopados em suor, esperando a traição inevitável de Alagai Ka.

Quanto ao pai dos demónios, parecia tão miserável e exausto como eles. Controlar Shanjat durante longos períodos drenava-lhe as forças e, sem dúvida, as guardas na sua pele queimá-lo-iam com a mesma intensidade do dia em que o Par'chin lhas fizera.

A viagem é longa e descuidar-se-ão.

Jardir cerrou um punho. Aquele seria realmente o caminho para o abismo? Os dados de Inevera tinham dito que os conduziria até lá, mas talvez existissem vários caminhos nas entranhas de Ala. Levá-los-ia deliberadamente pelo caminho mais perigoso, esperando enfraquecê-los até conseguir escapar? Não havia forma de saber. Os príncipes dos demónios tinham milhares de anos de experiência a camuflar as suas auras. Quem poderia dizer que palavras eram verdadeiras e que palavras eram mentira?

A princípio, Jardir acreditou que os alagai seriam a sua única preocupação, mas parecia-lhe que as profundezas albergavam muitos terrores além dos servos de Nie.

Arlen não descontraiu quando a gruta se ampliou, permitindo-lhes caminhar sem se curvarem, mas aprendeu a aproveitar os confortos possíveis naquela viagem maldita.

As paredes eram apoiadas por colunas antigas de desenho krasiano, conferindo a confiança de que percorriam o caminho seguido pelos exércitos de Kaji, mas as guardas há muito tinham sido apagadas com golpes de garra. Seguindo na dianteira, aproveitou as ocasiões em que podia reparar algumas. Não conseguia substituir as guardas contra demónios da mente se desejava que o seu guia conseguisse passar, mas as outras pareciam-lhe precaução sensata, na eventualidade remota de sobreviverem tempo suficiente para fugir por aquele caminho, provavelmente perseguidos por todos os demónios do Núcleo.

Mas, abruptamente, o caminho desimpedido terminou num desabamento de pedras tão grandes que nem ele conseguiria desalojá-las. O caminho ficava

bloqueado. Por baixo, um charco de água formara-se. Arlen olhou-a com desconfiança, usando a sua visão guardada, mas não viu sinais dos demónios. Talvez fosse demasiado rasa. Mas havia vida. Corais cilíndricos prendiam-se ao chão, debaixo de água e só o Criador saberia de que se alimentavam.

Trepou pelas pedras acima enquanto esperava que os outros o alcançassem. Havia fissuras que permitiam o fluxo de magia e, se ousasse dissipar-se, poderia passar por ali e explorar. Mas o chamamento do Núcleo tinha-se tornado insistente enquanto desciam e palpitava dentro dele, não lhe permitindo ter a certeza de que conseguiria resistir-lhe se a necessidade não fosse a mais extrema. Se a vida de um dos elementos do grupo dependesse disso, poderia arriscar, mas não o faria antes.

De qualquer forma, apenas ele e Renna conseguiam dissipar-se. Para prosseguirem, teriam de encontrar outro caminho. O colapso parecia antigo, com as pedras fundidas umas contra as outras pelo gotejar constante, como se tivessem sido talhadas à medida. Se Alagai Ka tivesse conduzido prisioneiros por ali, haveria uma forma de passar.

Arlen começara já a desconfiar e, pouco depois, Shanjat confirmou-o.

– Um mergulho rápido sob as pedras – disse o demónio pela boca do Sharum. – Até os humanos de pulmões mais fracos conseguiriam fazê-lo. A passagem aquática tem uma pequena bolsa de ar entre a água e a pedra. Não se alonga por mais de um dos vossos quilómetros e meio.

– Noite. – O que Renna sentia era partilhado pelo resto do grupo. Até a aura de Jardir se tingiu com medo perante a possibilidade. A sua queda na água tinha-o abalado apesar do seu triunfo.

Arlen não hesitou.

– Irei.

Shanvah baixou a cabeça numa vénia.

– Com respeito, Par’chin, mas deveria ser eu. Sou a mais dispensável.

Arlen franziu a testa e a aura da jovem intrépida tingiu-se.

– Não quero ouvir palavras dessas, Shanvah. Nenhum de nós é dispensável. Se houver problemas, serei o mais capaz de lidar com o assunto. Em último caso, poderei dissipar-me.

Renna pousou-lhe uma mão no ombro.

– Tens ouvido o chamado?

Arlen cobriu-lhe a mão com a sua.

– Sim. Passou a ser mais uma ordem do que um chamado.

– Como um ramo num ribeiro apressado – disse Renna. – Não o faças se tiveres escolha.

Shanjat riu-se.

– A tua fêmea está certa, claro. As vossas mentes são demasiado fracas para resistirem ou teríamos chegado à corte das mentes para pôr fim à vossa tola missão há meses.

Não referiu qual seria o fim da missão, mas Arlen percebia que o demónio tinha um trunfo na manga, um último ardil, que achava que não esperariam. Precisariam de estar prontos para ele.

Renna tirou a faca do cinto.

– Leva isto.

Arlen arregalou os olhos quando viu o que lhe oferecia. Renna odiava o seu pai, mas a faca dele era o objeto mais precioso que possuía. Mais do que um colar com seixo de rio feito por Cobie Pescador, mais do que a aliança guardada que lhe tinha feito. Sentiu um aperto na garganta quando a viu oferecer-lha.

– Ren, não posso...

– Podes e fá-lo-ás – disse Renna. – Não terás espaço lá em baixo para usar a lança se as coisas ficarem feias.

– Tenho uma faca. – Arlen tocou a arma no cinto, mas a lâmina de quinze centímetros parecia completamente inadequada por comparação com os trinta de aço guardado afiado que Renna empunhava.

Renna grunhiu.

– Serve para barrar manteiga ou para talhar um pau, mas essa coisinha não ajudará muito numa luta. – Piscou-lhe o olho. – As raparigas podem dizer aos rapazes que o tamanho não importa, mas é apenas para que se sintam bem.

Arlen riu-se, retirando a bainha mais pequena do seu cinto e substituindo-a pela lâmina pesada de Renna.

Segurou-o pelo queixo, virando-lhe a cara para o beijar.

– Mas quero que ma devolvas inteira. E que venhas inteiro com ela.

– Se houvesse sol aqui em baixo, juraria por ele. – Arlen voltou a beijá-la antes de se despir até ficar só com o bido e o cinto. Os olhos de Shanvah percorreram-lhe o corpo por um momento, mas recompôs-se e afastou o olhar. Arlen olhou Renna, mas a mulher normalmente ciumenta limitou-se a sorrir em resposta. Ela e Shanvah tinham-se tornado próximas.

Arlen não desperdiçou mais tempo, enchendo os pulmões com várias respirações rápidas enquanto entrava no charco, sustendo a última e

mergulhando. Estremeceu. A água estava escura, parecendo desprovida de magia. Não havia sinais de demónios aquáticos ou vida marinha.

Canalizou poder para as guardas luminosas na sua pele para iluminar o caminho. Algumas braçadas fortes colocaram-no por baixo das pedras e esforçou-se para não pensar nas incontáveis toneladas de rocha presas sobre a sua cabeça.

Passaram aqui mil anos. Não cairão agora. A sua mente compreendia a lógica, mas não conseguiu aliviar a apreensão crescente.

O minuto seguinte pareceu demorar uma eternidade a passar, mas então, como o demónio tinha prometido, chegou à bolsa de ar.

Arlen esperara algo suficientemente espaçoso para colocar a cabeça e os ombros acima da superfície pelo menos, mas, na maior parte do percurso, não media sequer cinco centímetros. Era o suficiente para erguer a cara e colocar o nariz e a boca fora de água para algumas inspirações rápidas antes de mergulhar novamente.

Mas o caminho parecia desimpedido além da lama agitada pela sua passagem e os tubos de coral omnipresentes no chão. Curvaram-se para a luz quando passou, como flores virando-se para o sol.

Chegou a uma segunda bolsa de ar e a uma terceira. As suas guardas de luz pareceram esbater no mergulho seguinte e canalizou mais poder para elas.

Algo lhe prendeu a perna no movimento seguinte e parou, expelindo preciosas bolhas de ar e quase engolindo água.

Virou-se, vendo um verme que saíra de um dos tubos no chão enrolar-se à sua perna. A extremidade unia-se à canela como a ventosa no tentáculo de um demónio da água. O verme brilhava intensamente com magia e Arlen sentia o seu poder sendo drenado.

À sua volta, os outros tubos tinham-se alvoroçado, virando-se para ele. As bocas dos vermes saíram das extremidades, sugando a água como crias procurando a teta. Todos brilhavam intensamente enquanto a magia de Arlen diminuía.

Percebeu demasiado tarde o perigo. Canalizou instintivamente para substituir o poder perdido, mas não havia magia ambiente. Aquelas criaturas alimentavam-se dela e o seu esforço conseguiu apenas despertá-las em maior número. Em uníssono, as mais próximas começaram a estender-se para ele.

Levou a mão à faca de Renna no cinto, mas os vermes tubulares foram mais rápidos do que julgaria possível, alongando-se várias vezes o tamanho dos seus

refúgios para lhe prenderem os membros. Um deles enrolou-se ao seu tronco e outro apanhou-lhe a garganta. Apertaram como serpentes esmagando um rato.

A drenagem do seu poder era como as ventosas de Leesha, sugando a magia como se fosse sangue. A sua força sobrenatural esmoreceu. As suas guardas escureceram.

Passou a ser apenas Arlen Fardos, afogando-se em água escura com um milhão de toneladas de pedra sobre a cabeça. O pensamento gelou-o e, por um momento, os seus esforços cessaram enquanto era puxado para baixo.

Depois, como acontecia frequentemente em momentos como aquele, Jeph Fardos quebrou o silêncio.

Outra vez em apuros como sempre, Arlen Fardos. Palavras há um quarto de século de distância, quando Arlen aprendia a nadar no Charco da Pesca. *Queres afundar-te ou nadar?*

– Nadar. – Arlen tossiu furiosamente a palavra na água, como tinha feito há tantos anos. Libertou a faca da sua bainha, mantendo a lâmina junto ao antebraço para a torcer contra o verme que o prendia.

A faca de Harl Curtidor era afiada como o pecado. Cortou o verme e a maior parte caiu, sobrando alguns centímetros presos ao seu braço. Sentia que tentava puxar-lhe a magia, mas a canalização era mínima depois de cortado.

Mas havia outros, sugando-lhe a magia com força e Arlen soube que não restaria muita. Que aconteceria quando lhe levassem a última centelha que lhe dava a vida?

A sua visão guardada perdia a nitidez e a água ficava mais escura com cada momento, apesar do poder tremendo dos vermes tubulares. Brilhariam como o sol.

Concentrou a sua vontade, resistindo à sucção e canalizando em sentido inverso. Era como nadar contra a corrente de um rio, mas conseguiu pôr-lhe fim.

Libertou o outro braço a seguir, esticando o verme e cortando-lhe o corpo. Nova sucção travada e canalizou mesmo uma porção de magia do pedaço de verme ainda preso ao seu corpo.

Segurou o verme enrolado ao seu peito com a mão livre. Era composto inteiramente por músculo viscoso, suficientemente grosso para não conseguir prendê-lo com os dedos e com força suficiente para não conseguir puxá-lo. O toque conferiu-lhe um alvo e voltou a cortar, com a faca rasgando o verme. Sentiu o aço cortar-lhe também a carne, mas era impossível perceber com que profundidade e seria inútil preocupar-se com isso.

Metade da criatura caiu e canalizou com força na outra metade que se contorcia, recuperando uma parte do poder que lhe drenara enquanto o afastava da sua pele.

A visão guardada regressou e os outros vermes passaram a brilhar como lanternas de papel, iluminando os sedimentos no fundo. A água à sua volta ficara turva com o seu próprio sangue e com o visco que saíra dos vermes cortados.

Arlen mergulhou, sentindo os vermes afrouxarem e usou o fundo para ganhar impulso. Embateu com tanta força contra o teto rochoso que ouviu o som familiar do seu nariz a partir, mas, antes de ser puxado novamente para o fundo pelos vermes, conseguiu expirar e inspirar novamente.

Voltou a mergulhar com novo ímpeto, cortando os vermes brilhantes, alvos fáceis depois de se revelarem.

Libertou as pernas, mas, como aconteceu com os outros, os vermes pareciam não morrer, continuando a apertar e sugar mesmo depois de terem sido separados dos seus abrigos. Os cortes cicatrizaram enquanto olhava, com as porções fixas dos vermes desenvolvendo novas bocas para substituir as antigas, enquanto os pedaços cortados afundavam e cravavam o seu fundo no leito.

Noite. Estou a multiplicá-los.

No tempo que demorou a afastá-los, outros ocupavam os seus lugares. Arlen foi forçado a ceder as defesas para chegar à superfície para nova inspiração atabalhoada e mais três vermes prenderam-se a ele nesse instante. Desta vez, começou a cortar os vermes verticalmente, libertando-se e forçando-os a usar poder para sararem sem aumentarem o seu número.

Não deixava de ser uma batalha condenada e desnecessária. Invocando as forças que lhe restavam, afastou-se na direção de onde tinha vindo. Sairia da água, reporia a magia perdida, estrangularia o demónio da mente e conceberia um novo plano para passar por aqueles parasitas submarinos.

Os leitos de vermes foram lentos a reagir quando nadou por eles, mas não foram suficientemente rápidos para o alcançarem fora dos momentos em que precisava de respirar.

Mesmo nesses momentos ficava pronto, olhando os caçadores e cortando-os quando se aproximavam demasiado. Começou a sentir que devia chegar a ponto seguro até que, à terceira inspiração, percebeu que não precisaria de voltar pelo mesmo caminho. Todas aquelas mudanças de direção na escuridão tinham-no virado ao contrário.

Quilómetro e meio, dissera o demónio. Teria percorrido mais de metade dessa distância? O abrigo estaria mais perto à frente do que atrás?

Era impossível perceber e não sentia qualquer vontade de voltar a enfrentar os vermes que tinha deixado num frenesim. Os que passavam naquele momento começavam apenas a sentir a sua presença, pelo menos, com os lábios viscosos saindo dos tubos duros para provar a magia na água. Acelerou, nadando tão rapidamente quanto permitiam os seus pulmões forçados.

Rugiu quando irrompeu acima da superfície à beira do colapso, enchendo os pulmões enquanto dava os últimos passos para chegar à margem. Vermes seguraram-lhe os tornozelos, mas eram pequenos em água menos profunda e o ar nos pulmões de Arlen e o avistamento de rocha seca à frente conferiam-lhe nova força. Seguiu em frente, arrancando os vermes, com concha e tudo, dos sedimentos e tirando-os da água.

Contorceram-se desvairadamente enquanto os arrancava às pernas, agitando-se como peixes fora de água e brilhando com a magia que tinham roubado enquanto o brilho de Arlen estava reduzido a uma última centelha moribunda.

Antes de perceber o que fazia, esticou um dos vermes e mordeu-o com força. A camada exterior de músculo era rija, mas, por baixo, a carne sem ossos cedeu com facilidade e roeu-a enquanto canalizava a sua magia. Deixou a carapaça dura a seu lado como uma casca de citrino e juntou-lhe outra, sentindo a sua fome crescer.

Era um momento animalesco, de comer ou ser comido, contrário a alguma coisa que Arlen alguma vez tivesse sentido desde aquela noite em Anoch Sun, quando as necessidades primordiais do seu estômago tinham superado o seu bom senso, forçando-o a fazer uma escolha que lhe transformou a vida e as vidas de todos em Thesa para sempre.

A refeição foi totalmente satisfatória, não enchendo apenas as reservas de magia. O seu estômago passara semanas vazio além de um punhado diário do cuscuz sagrado de Jardir.

Não havia nada no mundo inteiro à altura daquele punhado, mas uma colherada, por mais potente que fosse, nunca conseguiria realmente encher uma barriga vazia. Só Renna comia uma porção real e comia por dois.

Arlen não ficou satisfeito e, quando sugou a última carne do verme, voltou para a água, arrancando mais das nucleadas coisas. Os tubos eram carapaças duras com arestas que lhe cortavam as mãos, mas ignorou a dor, apertando-os para manter os vermes presos com firmeza no interior enquanto eram arrancados ao leito.

Atirou-os para fora da água, fazendo-os aterrar numa pilha palpitante, demasiado distantes da água para conseguirem voltar antes de sufocarem.

– Vejam se gostam – rosnou, arrancando outra concha. Insistiu até conseguir ver com clareza o extremo oposto da gruta.

A seguir, continuou a alimentar-se e o mundo desapareceu com a ingestão de carne e com o sabor de magia na boca.

Demorou algum tempo a voltar a si, repleto de carne de verme e magia. O excesso de poder palpitava na sua aura, mal contido. Nunca se tinha sentido tão forte fora de uma grande guarda.

E, por isso, demorou um momento a sentir o formigueiro desse grupo específico de guardas no seu ouvido.

Os seus amigos tentavam contactá-lo.

Arlen traçou uma guarda rápida no ar, precisando de a alimentar com poder suficiente para superar a magia ambiente no ar, fazendo-a entrar no túnel colapsado para estabelecer uma ligação firme com Renna, Jardir e Shanvah.

– Estás bem? – perguntou a voz de Renna no momento em que a ligação foi estabelecida.

– Sim. – Arlen voltou à água para lavar o visco pegajoso das mãos. – O demónio não mentia, mas não disse tudo.

– Corres perigo, Par'chin? – A voz de Jardir estava tensa como a corda de uma besta pronta para disparar.

– Já não. – Arlen salpicou a cara com água, lavando o sangue de verme que lhe cobria os lábios e o queixo. – As más notícias são que a travessia inteira está cheia de vermes gigantes que atacam como tentáculos de demónio aquático e sugam a magia como sanguessugas.

– Noite. Quais são as boas notícias? – perguntou Renna.

Arlen endireitou as costas.

– São deliciosos.

Renna riu-se enquanto Arlen se virava para estudar a envolvência.

– Criador – exclamou.

– Sim? – perguntou Renna.

– Que disseste, Par'chin? – insistiu Jardir quando não ouviu resposta após um momento.

– Arlen Fardos, trata de...

Mas Arlen não prestava atenção. Arregalou os olhos.

A lagoa tinha uma vasta caverna à sua frente. Descendo, a parede rochosa estava coberta com túneis e passagens de todos os tamanhos.

Mas não foi isso a roubar o fôlego a Arlen. No topo de uma elevação, havia um grande csar, uma fortaleza krasiana repleta de edifícios de pedra. No deserto, um

csar podia alojar uma grande família ou talvez uma aldeia inteira, protegendo-os de bandos de saqueadores Sharum.

Mas não era uma simples aldeia. As paredes erguiam-se a grande altura, com guardas gravadas na rocha polida, ainda fortes depois de tanto tempo. Acima das muralhas, Arlen conseguia ver o topo de grandes minaretes e a cúpula de um Sharik Hora.

E as muralhas... Arlen sentiu as pernas fracas e caiu de joelhos. As muralhas formavam uma grande guarda semelhante às que, juntamente com Leesha, tinha projetado para o Outeiro. Mas a sua guarda era uma coisa tosca comparada com as linhas elegantes do csar.

A magia no local era audível, uma sinfonia de poder que lhe trazia lágrimas aos olhos.

– Ahmann. – Arlen tentou e falhou impedir que a voz lhe tremesse. – Acho que... acabo de encontrar a Lança de Ala.



VINTE E SETE

COMPANHEIROS DE LEITO

334 DR

– Chegaram, mestra – disse Arther.

Leesha agitou-se no trono de Thamos na sala de audiências. Odiava aquela coisa monstruosa, usando-a apenas quando a cerimónia o exigia. Fazia-a sentir-se como uma rapariguinha na cadeira do pai.

Os angieranos costumavam ser o povo mais baixo das Cidades Livres e a sua nobreza compensara isso com o tamanho do mobiliário. A peça maciça em madeira dourada polida era tão pesada que nem Gared conseguia movê-la sem um grunhido de esforço, habilmente decorado com o padrão de hera da família Rhinebeck. Uma fortuna em gravações e não se via uma única guarda. O trono tinha sido concebido com um intuito: ser imponente.

Mas Leesha não podia negar que cumpria essa função de modo notável e, naquela noite, sentia-se grata por isso. Esboçou um sorriso benévolo e fixou-o na cara.

– Que entrem.

Wonda fez sinal aos guardas à porta e deixaram entrar os krasianos. A delegação chegara ao meio-dia e passava do ocaso. Não podia adiar mais.

Fazer convidados esperarem era outro jogo da nobreza que não agradava a Leesha, mas jogou-o mesmo assim, enviando Gared para os escoltar até ao

Outeiro. Os krasianos amavam-no. Um guerreiro de renome, o tipo de homem que compreendiam.

Como previamente combinado, foram escoltados até à mansão que Amanvah tinha construído para Rojer. Os criados eram krasianos e não se opuseram enquanto guerreiros dal'Sharum verificavam a segurança das muralhas e desciam o brasão do violino do Jogral. No seu lugar, ergueram a bandeira krasiana: lanças cruzadas sobre um sol poente, assinalando o território como sendo seu.

A manobra deixou inquietos muitos dos outeireiros, refugiados das conquistas krasianas no sul, mas não havia nada a fazer. Leesha não permitiria que o seu próprio povo a forçasse a quebrar os laços que forjara com tamanho sacrifício, tal como não aceitava pressões de Euchor ou do trono da hera.

Permitiu aos krasianos algumas horas para se ambientarem e explorarem, adiando a audiência até ao anoitecer. Era suficiente demonstrar o seu poder sem ofender. *Todos os homens são irmãos na noite* era o lema krasiano. Um encontro na escuridão era um sinal de tréguas, uma recordação de um inimigo comum.

Também permitia aos krasianos olharem as grandes guardas do Outeiro enquanto eram trazidos nos seus palanquins até ao palácio de Leesha. Outra demonstração de poder.

A delegação tinha cinco elementos, sem contar com os dal'Sharum. Três dama'ting, uma kai'ting e a presença mais incómoda: um dama. Leesha analisou as suas auras enquanto Gared os trazia para a câmara quase vazia.

Wonda e Darsy erguiam-se à direita do trono, com Jona e Hayes à esquerda. Arther pairava imediatamente atrás do trono, perto de um círculo guardado no chão. As palavras de quem se erguesse dentro dele seriam ouvidas apenas por Leesha.

Auras de ambos os lados pareciam centelha e acendalha, preparadas para irromper em chamas com a mínima provocação.

Respeitando o costume krasiano, o homem dominante falava sempre em primeiro lugar num grupo, mas Leesha surpreendeu-se por ver que se mantinha junto dos outros enquanto uma dama'ting velha dava mais um passo.

A anciã recordou Bruna a Leesha, mirrada pelo tempo até a carne enrugada ficar demasiado esticada sobre ossos salientes. Mas tinha as costas direitas e o olhar penetrante. A sua aura era tão velha como qualquer uma que Leesha alguma vez tivesse visto, mas era forte. A idade não tinha roubado força à mulher.

– Saudações, Leesha vah Erny am’Papel am’Outeiro, mestra da Tribo do Outeiro. – A vénia da dama’ting foi respeitosa, mas sem deferência. Era a vénia de uma mulher poderosa na casa de uma inferior. – Sou a Dama’ting Favah. A Damajah foi minha aluna.

– Honras-nos com a tua venerável presença, Dama’ting Favah. – A vénia de Leesha foi suficientemente profunda para evitar à justa a ofensa. Não desejava antagonizar a mulher, mas também não toleraria ser tratada com altivez.

– Estas são as Dama’ting Shaselle e Jaia e a kai’ting Micha. – Favah indicou as mulheres com um movimento da mão. – Enviadas como prometido pela Damaji’ting Amanvah para apoiar as tuas Herbanárias e a tua casa.

A apresentação foi abrupta. Ou mesmo brusca. Mas Leesha percebia de que forma incomodava a aura do dama. Não apenas uma mulher falava antes dele como apresentava outras mulheres em primeiro lugar!

Leesha sorriu, interrompendo antes que Favah tivesse tempo de o apresentar.

– A tua delegação é muito bem-vinda. Espero que uma embaixada permanente ajude a promover a paz e a cooperação entre as nossas... tribos.

Com a paciência esgotada, o dama avançou um passo. A sua vénia foi pouco mais do que um espasmo.

– Sou o dama Halvan. Treinei com o Shar’Dama Ka no Sharik Hora.

– Ahmann nunca falou de ti – disse Leesha. – Mas imagino que terá treinado com muitos nos anos que lá passou.

O dama pestanejou. As palavras sabotavam-lhe a sobranceria e a utilização intimista por Leesha do primeiro nome de Jardir recordava-lhe que não era uma simples chin e que a sua ligação a Ahmann não a impressionaria.

Segue o medicamento com um doce, costumava dizer Bruna.

– Aceita, por favor, as minhas condolências pela perda do Andrah. Antes de ascender ao Trono dos Crânios, o Damaji Ashan lutou ao lado do meu povo contra os alagai e acompanhou o Pastor Jona numa bênção – Leesha apontou Jona com a mão – antes de partilharem pão à minha mesa. A sua morte foi uma grande perda.

– Deveras. – A vénia de Halvan foi mais respeitosa.

– O dama Halvan será o guia espiritual dos evejanos no Condado do Outeiro – disse Favah. – Será também tradutor e instrutor de sharusahk para dal’Sharum excecionais que busquem o véu branco.

– Bem-vindo, dama. – Leesha via as auras de Jona e Hayes com a sua visão periférica, mas ignorou-os. – A maioria dos Sharum que veio para o Outeiro foi

morta na Lua Nova, quando o demónio mimético enviou o Instrutor Kaval e Enkido pelo caminho solitário.

Halvan traçou guardas no ar ao ouvir aquelas palavras e todos baixaram a cabeça por um instante.

– Os restantes foram absorvidos pelos Lenhadores, sob comando do general Gared. – Indicou o barão com a cabeça. – Muitas das viúvas e filhos foram também assimilados. Alguns estão presentes em serviços presididos pelo Pastor Jona, o nosso... Damaji, e pelo seu adjunto, o Inquisidor Hayes. – Os homens baixaram-se quando foram apresentados.

A vénia do dama Halvan aos outros clérigos foi tolerante à justa.

– Trá-los-ei de volta para Everam, se estão tresmalhados. – A sua aura deixava claro que não pretendia dar-lhes escolha.

– Passaram a integrar a Tribo do Outeiro, dama – disse Leesha, fortalecendo a voz. – Gente livre. A sua escolha de veneração será respeitada.

– A única liberdade é a submissão à vontade de Everam – rosnou Halvan.

– Não no Outeiro – respondeu Leesha. – Não impomos qualquer fé ao nosso povo. Se isso não te apraz, és livre de regressar à Fortuna de Everam.

As auras de Jona e Hayes eram arrogantes enquanto Halvan abria a boca, procurando uma resposta. Leesha voltou-se para os dois homens.

– Quanto a vós, Protetores, respeitarão as escolhas dos outeireiros que demonstrarem interesse em tornar-se evejanos.

Foi a vez de os Protetores abrirem a boca de espanto enquanto Halvan continha um sorriso.

– Vejo que constroem um novo templo, condessa. Precisarei de consagrar o terreno e a estrutura para oficiar no interior.

O Pastor Jona deu um passo em frente.

– Espera um minuto, pelo Núcleo! Se pensas que...

Jona fora amigo de infância e confidente de Leesha, mas ergueu uma mão e silenciou-o imediatamente.

O Inquisidor Hayes não estava tão bem treinado.

– Se a nossa catedral não é adequada aos pagãos, que regressem ao seu templo.

Leesha fixou nele um olhar irado e o Inquisidor retribuiu com um olhar duro como pedra.

– Foste coroado conde nos últimos minutos sem ter sido informada, Protetor?

– Claro que não... – começou Hayes.

– O Criador é o Criador – interrompeu Leesha. – Quer Lhe chamemos Everam ou não. A catedral do Condado do Outeiro será Templo de krasianos e thesanos.

– Virou-se para Halvan. – O terreno foi consagrado segundo o costume evejano, com o sangue do nosso povo derramado na noite. É com razão que lhe chamam Cemitério dos Nuclitas. O próprio Ahmann o declarou terreno sagrado. Satisfaz-te?

Halvan curvou-se.

– Se o Shar'Dama Ka declarou o terreno sagrado, assim é. O templo, porém...

Leesha suspirou.

– Que exige a tua consagração?

– Orações – começou Halvan. – Incenso e os ossos de heróis.

– Também isso se fez – retorquiu Leesha. – A Damaji'ting Amanvah abençoou o templo com os ossos do seu honrado marido, Rojer asu Jessum am'Estalagem am'Outeiro.

Halvan curvou-se.

– É um início, mestra, mas não basta. A bênção de um templo aumenta com cada osso de um herói.

– Barbárie! – rosnou Hayes. – Sugerir que profanemos os mortos honrados e o nosso templo com uma desprezível exposição de...

– Não parece assim tão mau. – Todos os olhos se viraram para Gared, que corou quando percebeu.

Hayes pestanejou.

– Certamente, barão, não podes acreditar realmente nisso.

Gared encolheu os ombros.

– Porque não? Temos cemitérios no recinto do Templo e criptas por baixo. Vi o Sharik Hora quando fomos à Fortuna de Everam. Lá dentro, rodeado pelos ossos de gente como eu, que morreu a enfrentar nuclitas, senti que fazia parte de algo maior que eu. Não é isso o mais importante?

Leesha pestanejou. Gared Lenhador fora um rapaz atoleimado, mas o barão Lenhador surpreendia-a mais com cada dia.

– Os ossos contêm magia, condessa – informou Favah. – De demónios e humanos. Acreditavam que construímos templos com os ossos de heróis apenas por motivos estéticos? Os hora canalizam e acumulam magia pela crença das almas partidas que neles residiram. Se morreram a defender o seu povo dos demónios...

– ... a construção canalizará magia e acumulá-la-á de igual modo – concluiu Leesha, sentindo a mente acelerada pela possibilidade. Virou-se para Arther. – Este é Lorde Arther, o meu primeiro ministro. O dama Halvan e os Protetores

sentar-se-ão com ele e chegarão a um acordo aceitável para as duas partes acerca da consagração do terreno e partilha da catedral.

– Como se esperará que...! – rosnou Hayes.

Leesha ignorou-o, virando-se para Jona.

– Encontrem uma solução. Não me importa que dividam horários ou discutam escrituras e encontrem pontos em comum para um serviço que consigamos celebrar juntos. Resolvam a questão. Quando voltar a ouvir falar do assunto, espero que estejam todos satisfeitos. Fui clara?

Jona baixou a cabeça numa vénia respeitosa.

– Perfeitamente, condessa. Será feito.

Leesha suspirou de alívio, virando-se novamente para Favah.

– Posso oferecer-vos chá enquanto os homens discutem?

A aura de Favah era difícil de ler, escondendo a cara atrás do véu, mas franziu mais a testa.

– Obrigada, condessa. Aceitamos de bom grado.

O coração de Leesha despedaçou-se quando dobrou a esquina e encontrou Elona, carregada com o seu ventre de grávida, esperando à porta do seu gabinete. Passos atrás dela, Wonda e Darsy escoltavam as outras mulheres.

– Que fazes aqui, mãe? – Leesha aproximou-se rapidamente de Elona, reduzindo a voz a um sussurro brusco.

– A sério que não sabes? – perguntou Elona. – Achaste mesmo que ficaria sentada no meu quarto e perderia isto?

Leesha tinha-lhe suplicado que fizesse precisamente isso, chegando mesmo a destacar guardas e criados para a impedirem, mas devia ter esperado que ninguém conseguisse travar a sua mãe. As pessoas receavam sempre mais Elona do que ela os receava a eles.

– Vamos. – Elona pestanejou. – Não façamos uma cena diante das convidadas.

Leesha não tinha escolha que não fosse alinhar, fazendo um gesto com a cabeça aos guardas para abrirem a porta. No momento em que se fechou depois de passarem, segurou no braço de Elona, apertando com força.

– Juro pelo Criador, mãe, se me sabotares nesta reunião, voltarás a viver na casa ao lado da oficina de papel do pai.

Elona não vacilou.

– Não me ameaces, rapariga. Sou uma das poucas mulheres em quem confias para mudar a fralda do teu bebé. Não és tola ao ponto de me enviar para longe.

Pelo canto do olho, Leesha viu Tarisa, deslizando em silêncio pelo gabinete depois de distribuir o serviço de chá. A sua aura era completamente discreta, mas era inegável que tinha ouvido.

Tarisa ouviu tudo.

No momento seguinte, Wonda entrou no gabinete, estudando-o com o olhar como se estivesse num campo de batalha, procurando ameaças. O seu olhar demorou-se em Elona por um momento, mas não disse nada, posicionando-se entre a cadeira preferida de Leesha e a entrada do berçário.

Favah hesitou à entrada, estudando as guardas que rodeavam a porta do berçário. A sua visão guardada via como brilhavam intensamente, canalizando poder da grande guarda e dos hora poderosos escondidos pelo gabinete.

– Impressionante – admitiu Favah –, mesmo que atabalhoado. Agrada-me ver a princesa Olive tão bem guardada, mas gostaria de a ver com os meus olhos para assegurar que está bem.

– Talvez – disse Leesha. – Quando estiver satisfeita.

Favah inclinou a cabeça.

– Que será necessário para te satisfazeres?

– Poderão começar por mostrar as caras – intrometeu-se Elona. – Somos todas mulheres aqui, não somos?

Leesha cerrou os dentes.

– Favah, esta é a minha mãe...

– Elona vah Erny am'Papel am'Outeiro. – A vénia de Favah foi mais demorada do que tinha sido com Leesha. – O teu nome é conhecido pelos palácios de Krasia.

– É? – Elona apoiou as mãos nas ancas, conseguindo parecer humilde enquanto a sua aura fervilhava de satisfação. – Que curioso.

– Estás certa. Para que confiemos umas nas outras, baixar os véus será um bom ponto de partida. – Favah puxou o lenço com precisão e o seu véu de seda branca caiu sobre a base do pescoço como fumo dissipando-se. A face da anciã era feita de tendões e osso. – De que outra forma conseguiríamos beber o nosso chá?

As outras mulheres descontraíram, baixando os véus enquanto Leesha atravessava o gabinete, sentando-se em primeiro lugar na antiga cadeira de balouço de Bruna. Continuava coberta com o xaile de franjas da velha, a cadeira era a única peça de mobiliário que Leesha trouxera quando se mudara permanentemente para o palácio e entregara a cabana de Bruna a Darsy. Era uma cadeira que contrariava muito a moda angierana. A madeira não tinha adorno,

polida mais pelo uso do que por verniz. Não havia almofada e chiava enquanto Leesha a abanava.

O som consolava Leesha por vezes, quando estava sozinha, recordando-lhe a sua mentora. A forma como conseguia transformar esse som num ritmo regular para descontrair ou enervar pacientes e suplicantes. O som conseguia quebrar um silêncio que se tivesse prolongado demasiado ou interromper oradores antes de terem oportunidade de construir um discurso.

– Bem-vindas. – Ergueu as mãos, iniciando o ritual do chá das dama'ting, que era, na verdade, semelhante ao costume angierano. A distribuição dos lugares significava tudo. Leesha e Darsy tinham ensaiado uma e outra vez. Darsy sentar-se-ia à sua direita, seguindo-se Favah e o seu grupo à esquerda. Deixaria clara a posição de Darsy na estima de Leesha, sem negar às krasianas uma posição forte que não as ofendesse.

Mas, antes que Leesha terminasse, Elona avançou e sentou-se à direita de Leesha. Para as krasianas, foi uma declaração clara de que era a segunda mulher mais poderosa no gabinete.

Leesha hesitou, olhando Darsy. Sentar mais alguém antes das convidadas seria um grave insulto. Apontou a cadeira à sua esquerda.

– Favah.

A dama'ting anciã aceitou o lugar que Leesha lhe oferecia a seu lado, estalando os dedos a Shaselle e Jaia, que ocuparam o sofá ao lado da cadeira de Favah. O sofá era suficientemente grande para três pessoas, mas ocuparam as duas o espaço.

Só Micha estava de pé quando Darsy ocupou finalmente o centro do sofá ao lado de Elona, conseguindo encher sozinha uma grande parte, erguendo-se sobre a dama'ting.

Mesmo assim, Micha continuou de pé, com os olhos baixos, um perfeito retrato de humildade, mas a sua aura, tranquila e concentrada, contava uma história diferente.

Naquele momento, Micha concentrava-se em Wonda. Leesha não percebia se demonstrava deferência, não querendo sentar-se à sua frente ou se a olhava como um alvo. Wonda pareceu ficar mais tensa quando percebeu a atenção, movendo os pés como se preparasse um confronto.

– Basta. – Leesha bateu com as mãos. – Não permitirei que uma princesa dos Kaji fique de pé enquanto estamos sentadas. Puxa uma cadeira, rapariga. Tu também, Wonda. Se queremos relacionar-nos, teremos de baixar mais do que véus.

Leesha fez um gesto breve enquanto Tarisa lhe enchia a chávena. A criada não precisou de mais para passar à chávena de Favah. Um som nasceu na garganta de Elona, mas foi suficientemente inteligente para o suprimir. Tarisa serviu Elona e as outeireiras antes de passar às krasianas seguintes. Colocou sobre a mesa leite e açúcar, mas apenas as outeireiras se serviram. As krasianas olharam Leesha. Vendo que não acrescentava nada ao seu chá, fizeram o mesmo.

– Somos desconhecidas, esta noite – disse Leesha. – Mas é minha esperança que, quando estas chávenas forem levadas, sejamos amigas. A Lua Nova aproxima-se.

Favah ergueu a chávena.

– Nessa noite amaldiçoada, amigos não serão suficientes. Precisaremos de ser irmãs.

Leesha ergueu a chávena para duplicar meticulosamente os gestos da velha.

– Irmãs.

O silêncio enquanto bebiam alongou-se demasiado e Leesha quebrou-o com o som da cadeira balouçando. Captou a atenção de Favah e estudou cuidadosamente a aura da mulher.

– Tu ou alguém da tua comitiva veio para ferir a minha filha?

– Depende. – Se Favah tivesse ficado surpreendida pela pergunta súbita e invasiva, não deu disso qualquer sinal, mantendo a expressão plácida. – Planeias usar a linhagem da tua filha para reclamar o Trono dos Crânios e tentar suplantar a Damajah?

Leesha pareceu horrorizada.

– Claro que não!

Favah semicerrou os olhos e Leesha percebeu que a velha também lhe lera a aura.

– Nesse caso, a tua filha não tem nada a temer das dama’ting.

Havia verdade nela, mas a especificidade da frase não escapou a Leesha.

– E dos dama?

– Halvan é arrogante – disse Favah. – Mas amava Ahmann Jardir como um irmão. Os dados dizem que não magoará uma filha do seu amigo.

– E os Sharum? – insistiu Leesha.

Favah encolheu os ombros.

– Não posso garantir a fiabilidade de cada homem, mulher e criança em Krasia. Posso apenas dizer-te que as dama’ting protegerão a tua... filha, como se fosse nossa.

Leesha abanou a cadeira. Ouvira uma pausa.

– Penso que chegou o momento de uma apresentação adequada. Amanvah prometeu enviar uma única dama’ting para a substituir. Em vez disso, recebemos três.

– A Damaji’ting Amanvah aconselhou a Damajah a enviar pelo menos uma – concordou Favah. – Na sua sabedoria, a Damajah decidiu que a Tribo do Outeiro ficaria melhor servida com três.

A velha indicou a dama’ting jovem a seu lado com um dedo ossudo.

– A dama’ting Shaselle treinou no palácio subterrâneo das dama’ting com a Damajah.

Não é nova, pensou Leesha. Inevera era mais velha que Ahmman. Teria passado pelo menos dos quarenta. Outrora, Leesha acreditara que eram tintas a manter lisa a pele da Damajah. Percebia naquele momento que os hora mantinham a juventude das dama’ting.

Moveu novamente o olhar para a mirrada Favah. Que idade teria ela?

– Shaselle ensinará na vossa Academia de Herbanárias – disse Favah. – Receberá um título à altura do seu estatuto e da importância da matéria a ensinar e será a única responsável por escolher quem instruirá. Os segredos das dama’ting não são simples conhecimento de ervas das dal’ting que possam ser livremente distribuídos.

As narinas de Leesha inflaram enquanto inspirava fundo.

– Nomeá-la-ei mestra de estudos krasianos. Terá um séquito de clérigos e poderá escolher entre as mulheres que Amanvah tinha começado a instruir como aprendizas.

Favah acenou afirmativamente.

– Também preparará programas para educação geral, aulas de medicina básica krasiana, guardas e sharusahk – disse Leesha.

– O sharusahk não fazia parte do acordo – respondeu Favah. – Os segredos do...

Leesha abanou a cadeira, interrompendo a mulher com o guincho. A ira tingiu-lhe a aura, mas Leesha começou a abanar para trás e para diante com um ritmo tranquilizante, não lhe dando tempo para se sentir ofendida.

– Não me interessam as formas horrendas de mutilar e matar humanos – afirmou Leesha. – Senti-as na carne. O que quero é que as minhas Herbanárias tenham a capacidade de evitar o perigo se precisarem de se aproximar do campo de batalha para se ocuparem dos feridos.

Favah manteve os olhos fixos em Leesha por um longo momento, com a sua aura arrefecendo.

– Muito bem. Shaselle ocupar-se-á disso.

Leesha acenou com a cabeça.

– Responderá apenas perante mim e perante a reitora Darsy.

– Nie me carregue antes de aceitar ordens dessa vaca sem educação – silvou Shaselle a Favah em krasiano. As palavras foram demasiado rápidas para serem compreendidas por Elona, Wonda e Darsy, mas Favah, sem afastar os olhos de Leesha, percebeu que tinha compreendido.

– Inaceit...

A velha foi novamente interrompida pelo guincho da cadeira enquanto Leesha voltava a balouçar. Virou-se para Shaselle, fixando o olhar na mulher, mas as suas palavras, proferidas em krasiano, destinavam-se a Favah.

– Responderá perante a reitora Darsy ou levará o seu traseiro coberto com seda de volta para Krasia, dizendo a Amanvah que se considera demasiado importante para manter as promessas que a sua Damaji'ting me fez.

Surgiu indignação na face descoberta de Shaselle, mas a sua aura empalideceu com medo das palavras que ouvia.

– Poderás procurar-me se tiveres preocupações – Leesha voltou a falar em thesano para ser compreendida por todos. – Mas descobrirás que não tenho mais paciência do que demonstrei com os homens. Falta menos de uma semana para a Lua Nova. A Sharak Ka vem antes de tudo.

– Dama'ting Jaia. – Favah apontou a sacerdotisa jovem.

Jaia curvou-se.

– A Damaji'ting Amanvah e eu fomos irmãs de bido no subpalácio das dama'ting. Falou-me muito do seu amor e respeito pelo teu povo.

Talvez uns vinte anos, então, calculou Leesha. A face de Jaia era suave e demonstrava juventude genuína e não o viço sobrenatural de Shaselle e Inevera. Como Amanvah, tinha a aura calma. Estável. Era uma mulher a quem nunca fora permitido ser criança.

– Como o dama Halvan, Jaia veio para proporcionar curas e orientação às mulheres krasianas que vivem no Outeiro. Responderá apenas perante mim.

Elona fungou.

– Tem muito trabalho à espera. – Leesha dirigiu-lhe um olhar, mas os estragos estavam feitos.

Favah acenou com a cabeça.

– Isso significa que ocorreram algumas... irregularidades?

Leesha pensou se teria sido informada pelos dados ou pelos criados na mansão de Rojer.

– Muitas das viúvas da Lua Nova viram Arlen Fardos erguer-se no céu e abater os príncipes dos demónios com relâmpagos. Enlutadas pela perda dos seus maridos, muitos começaram a chamar-lhe Libertador. Levaram os seus filhos para um... enclave de gente que partilha a sua crença.

– As supostas Crianças Guardadas – referiu Favah. – Um dos... fracassos mais espetaculares das vossas experiências insensatas com a magia.

– Talvez – concedeu Leesha. – Mas não sei se poderei afirmar que teria feito as coisas de forma muito diferente se tivesse tido oportunidade. As Crianças Guardadas são poderosas e juraram proteger-nos quando chegar a Lua Nova. A Sharak Ka vem antes de tudo.

Esperou que as mulheres se curvassem e repetissem a frase, mas descobriu que o truque funcionava apenas uma vez. Favah arqueou uma sobrancelha.

– Talvez.

Leesha não podia discutir. Renna disse que as Crianças mereciam confiança quando chegasse a Lua Nova, mas recordou o brilho desvairado nos olhos de Stela e teve dúvidas.

– As mulheres krasianas restantes no Outeiro obedecem a Shamavah – disse Leesha a Jaia. – O seu bazar e estalagem krasianos empregam a maior parte.

– Conhecemos bem a mulher do khaffit e os seus usos. – Favah retirou importância ao que ouvira com um gesto da mão, antes de apontar Micha. A rapariga era baixa para krasiana e tinha ancas largas. A juventude na sua face era real. – Micha vah Ahman vah Thalaja é meia-irmã da tua filha. Veio cuidar da criança.

Ouviu-se um tilintar de porcelana enquanto Tarisa se ocupava com o serviço de chá, mas o ruído era como um estrondo trovejante vindo da mulher habitualmente silenciosa. Todas as mulheres thesanas ficaram hirtas quando ouviram Olive ser referida.

Leesha virou-se para Micha, mas a rapariga evitou-lhe o olhar, ajoelhando-se com a cabeça e as mãos no chão.

Leesha não escondeu o seu incómodo pela demonstração dramática de submissão.

– Que idade tens, filha?

– Idade suficiente para casar, se um pretendente digno surgir – disse Favah.

– Fala com a minha mãe se pretendes discutir casamentos combinados. – Leesha manteve o olhar fixo em Micha enquanto voltava a falar krasiano, com as palavras transformadas numa ordem brusca. – Volta a sentar-te, rapariga. Olha-me nos olhos e fala por ti.

Micha regressou ao seu lugar e olhou Leesha. A submissão tinha desaparecido, substituída por um olhar frio que orgulharia qualquer gato.

– Dezasseis anos, condessa.

– Chama-me mestra – disse Leesha. – Tens experiência a cuidar de crianças?

Parte da confiança na aura de Micha perdeu-se.

– Não, mestra. Mas aprendo depressa.

– És Sharum'ting? – perguntou Leesha. Micha hesitou, olhando Favah, mas Leesha deteve-a com novo guincho da cadeira, voltando a falar krasiano. – Não olhes para ela. Olha para mim. Se devo permitir que te aproximes da minha filha, sou eu a tua mestra, Micha. Não Favah. Nem Inevera. Eu. Fui clara?

Micha voltou ao chão, mas não havia qualquer teatralidade na submissão daquela vez.

– Perfeitamente, mestra. Juro por Everam e pela minha esperança de subir ao Paraíso. Sou kai'Sharum'ting.

– Treinaste com Sikvah, instruída por Enkido – supôs Leesha.

Micha acenou com a cabeça.

– A minha prima tornou-se Sharum'ting Ka e escolheu-me pessoalmente para esta tarefa. A minha meia-irmã não correrá qualquer perigo.

– Podes ter a certeza, pelo núcleo – rosnou Wonda. – Serei eu a garantir isso e não tu.

Micha olhou-a, recuperando o foco. Curvou-se.

– Nem tu conseguirás proteger a nossa mestra e a sua filha dia e noite, Wonda vah Flinn am'Lenhador am'Outeiro, primeira das Sharum'ting. Seria minha honra servir-te nesta incumbência.

A postura de Wonda fora agressiva, mas aquelas palavras pareceram serená-la, como a verdade na aura de Micha serenou Leesha.

Leesha acenou afirmativamente.

– Quando não estiver presente, responderás perante Wonda e Tarisa.

Favah não conseguiu conter-se.

– A escrava?!

Tarisa arqueou as costas e havia aço também nos seus olhos.

– Perdão?

– Não existem escravos em Thesa – afirmou Elona. – Antes que aquela rapariga possa aproximar-se da minha neta, precisará de aprender a mudar uma fralda com uma mão e a segurar o biberão com a outra enquanto canta e embala o berço.

– Tarisa chefia os criados da minha casa – acrescentou Leesha. – Se não estiveres à altura das suas exigências, pedirei a Sikvah que envie outra das suas irmãs de lança.

Micha encostou a testa ao chão.

– Sim, mestra.

– Não partilharão com ninguém o que acontecer nos meus aposentos – ordenou Leesha. – Nem com as dama'ting nem com a própria Damajah. Se descobrir que o fizeste, serás imediatamente afastada do meu serviço.

Micha não fez qualquer esforço para camuflar a sua aura. Não lhe agradavam as condições, mas aceitá-las-ia.

– Sim, mestra. – Voltou a curvar-se. – Também me foi ordenado que procurasse Kendall Canção de Demónio.

Aquilo surpreendeu.

– Sabes cantar como Sikvah?

Micha sorriu.

– Costumávamos chamar desafinada a Sikvah. Quem diria que, um dia, o seu canto constituiria o padrão seguido pelas irmãs de lança de Everam.

– Encararei isso como um sim – disse Leesha. – Kendall é o meu arauto. Vê-la-ás com frequência. Se o teu canto estiver à altura do que afirmas, poderás aprender que uma canção será a mais poderosa das tuas armas na noite.

Leesha voltou-se novamente para Favah.

– Cabe-te a ti instruir-me no uso dos alagai hora.

Todas as mulheres krasianas tinham sido treinadas para disfarçar as suas emoções, mas as auras das mais jovens gelaram com aquelas palavras. Favah não lhes tinha contado aquela parte.

– Instruí a Damajah na Câmara das Sombras – disse Favah. – Ninguém em Krasia inteira passou mais anos a ponderar os mistérios dos dados.

– Excelente – disse Leesha. – Continuaremos imediatamente a partir do ponto onde Amanvah e eu parámos. Li os rolos de profecia e tenho perguntas sobre...

– Recomendei que não deverias ser treinada – disse Favah. – Amanvah excedeu a sua autoridade.

Leesha sentiu os dedos apertarem com mais força a chávena de chá.

– Mesmo assim, a tua Damaji'ting e eu estabelecemos um pacto.

– Um pacto que a Damajah tem autoridade para desfazer – referiu Favah. – Os alagai hora não são um jogo para mulheres ociosas. São um vislumbre do infinito. As dama'ting treinam a vida inteira para poderem arranhar a superfície do seu poder divino.

Lesha pousou a chávena, resistindo ao impulso de cruzar os braços.

– A Damajah, na sua sabedoria, decidiu honrar a promessa da sua filha – disse Favah. – E, por isso, ensinar-te-ei, mas começaremos por onde todas as nie'dama'ting começam. Precisarás de destruir os teus dados e começar a moldar um conjunto de barro.

Leesha sorriu.

– E depois um conjunto de madeira? De marfim? Seguindo-se meses na escuridão a talhá-los em osso?

Favah acenou com a cabeça.

– Vejo que nos entendemos.

– Receio que não. – Leesha afastou a chávena e o pires, estendendo o seu guardanapo branco imaculado sobre a mesa. Levou a mão a um bolso no seu vestido, retirando sete pedaços talhados de osso de demónio.

Ergueu uma lâmina cirúrgica e fez um corte pequeno e preciso na mão, rebolando os dados no sangue.

– Criador, que concedes vida e luz, os teus filhos precisam de respostas. – Olhou Favah. – A dama'ting Favah am'Kaji honrará o meu acordo com Amanvah, em espírito e letra, ou levará a sua maldita delegação de volta para a Fortuna de Everam ao amanhecer?

Os dados começaram a brilhar e, quando a magia se inflamou, Leesha lançou. As três dama'ting pareceram chocadas por verem uma forasteira executar o ritual, mas nenhuma delas conseguiu impedir-se de se inclinar para diante enquanto os dados giravam com movimentos sobrenaturais até pararem.

– Penso que consigo ler a resposta, dama'ting – disse ela. – Mas diz-me o que vês na tua venerável sabedoria?

Favah cerrou os dentes, movendo os olhos para a sacerdotisa mais jovem.

– Muito bem... mestra. Iniciaremos a instrução depois de ver a criança.

Leesha estudou a aura da velha durante muito tempo antes de acenar afirmativamente.

As suas calças de montar chiaram enquanto Leesha ordenava a paragem. Sabia que muitas das mulheres Lenhadoras as adoravam, mas Leesha nunca as apreciara, tal como nunca gostara das saias divididas que as mulheres do Outeiro tinham começado a vestir.

Mas os traços exteriores das grandes guardas do Outeiro ficavam demasiado distantes para alcançar a pé em tempo razoável, sobretudo com a velha Favah

atrás de si.

Pilão, uma das muitas dádivas de amizade que Amanvah enviara com a delegação, era um cavalo de guerra krasiano puro-sangue. O garanhão treinado para a batalha ficava confuso com as saias, mas, com calças, respondia ao mínimo aperto das pernas, pronto para saltar ou correr de um momento para o outro.

A casaca de montar azul de Leesha era longa e continha placas finas de vidro guardado. Era um pouco dura, do pescoço alto à cintura apertada, alargando amplamente para cobrir a garupa do cavalo. Os seus muitos bolsos tinham sido protegidos também com vidro inquebrável, alojando ervas e hora. A sua varinha estava presa ao cinto, facilmente alcançável.

Montando Promessa e Derrocada, Wonda e Gared erguiam-se como árvores de tronco grosso atrás dela. A seu lado, Darsy montava a companheira de Pilão, Almofariz. A égua era meia mão mais baixa que Pilão, mas Darsy Lenhador erguia-se uma cabeça acima de Leesha.

Mesmo assim, os krasianos à sua esquerda deixavam-na nervosa. Favah não usaria calças ou montaria um cavalo. Foi transportada através do Outeiro num palanquim carregado por seis eunucos musculados com vestes negras de Sharum, com os punhos e tornozelos rodeados por grilhetas douradas. Os homens corriam com perfeita sincronia, acompanhando facilmente a passada dos cavalos. Nenhum estava ofegante quando pousaram o palanquim e abriram as cortinas à velha dama'ting.

Os seus escravos eram um gesto de desafio de Favah, recordando que não seria pressionada mesmo que tivesse concordado com as condições de Leesha.

Não existe escravatura no Outeiro, fora dito a Favah, mas fez os homens desfilarem perante os Outeireiros, desafiando-os a confrontá-la.

Lesha sabia que não devia morder o isco. Os homens, mutilados e condicionados pelas dama'ting, não desejavam a liberdade. Com efeito, as suas auras cantavam com orgulho. Além do peso da sua mestra, os homens carregavam lanças e escudos de vidro guardado e só o Criador saberia quantas outras armas espalhadas pelo corpo. Se Leesha ou alguém tentasse libertá-los, haveria sangue.

Suspirou, ignorando o insulto enquanto descia da sela. À sua frente, um grupo de engenheiros trabalhava numa nova arma. Balistas e catapultas de conceção krasiana.

– A tua gente é rápida a adaptar-se – referiu Favah. – A Fortuna de Everam caiu facilmente por não terem balistas.

– Tal como o exército do príncipe Jayan por não terem armas de chama – recordou-lhe Leesha. – As guerras conseguem despertar o pior em nós.

Erny, que trabalhava com os engenheiros, avistou-as e acenou, limpando dedos manchados de tinta enquanto se aproximava.

– Pai, esta é a dama'ting Favah am'Kaji – disse Leesha.

A vénia de Erny foi pronta e respeitosa.

– Bem-vinda, dama'ting. Honra-me conhecer-te. – O seu krasiano evoluía rapidamente.

– A honra é minha – disse Favah, curvando-se mais do que se dignara fazer por Leesha. – O teu nome é proferido com honra em Krasia, Erny am'Papel am'Outeiro.

A lisonja fez Erny encher o peito e Leesha permitiu-lhe um momento para se deleitar com isso, conversando amigavelmente com a dama'ting.

– A tua honrada filha diz-me que viemos testemunhar uma nova adaptação da vossa prodigiosa grande guarda – comentou Favah.

– Ah, bom. – Erny moveu os pés. – A maior parte do crédito pertence à minha Leesha e a Arlen Fardos, que traçaram as primeiras grandes guardas.

– O meu pai está a ser modesto – disse Leesha. – A demonstração desta noite é obra inteiramente sua.

– Explica – pediu Favah.

– Quando os demónios atacaram na Lua Nova, arremessaram grandes pedras e árvores para esmagar a resistência e para alterar os traços da grande guarda, enfraquecendo-a suficientemente para atravessarem a barreira.

– As muralhas têm esse benefício que falta às vossas grandes guardas – concordou Favah.

– Faltava. – O tom de Erny endureceu. Tolerava de bom grado condescendência pessoal. Uma vida inteira com Elona tinha-lhe esgotado a resistência. Mas nunca o fazia quando falavam do seu trabalho. – Agora, conseguiremos resistir à maior parte dos bombardeamentos.

– À maioria? – repetiu Leesha.

Erny virou-se, apontando as catapultas posicionadas fora da barreira. Rodeava-os uma companhia de Lenhadores, com os olhos virados para a floresta, procurando demónios que fossem suficientemente tolos para se aproximarem tanto.

Os engenheiros fizeram sinal e libertaram o contrapeso, com o braço da catapulta movendo-se para arremessar um penedo do tamanho de uma cabana

num arco elevado, tendo como alvo uma secção de terreno limpo de vegetação dentro da grande guarda.

Mas a grande guarda brilhou com o impacto e a pedra despedaçou-se contra ela.

Favah pestanejou.

– Acrescentaram guardas de impacto. – A anciã semicerrou os olhos. – Os homens atravessam a barreira com facilidade. Qual é a equação?

Foi a vez de Erny pestanejar. Estava habituado a sentir dificuldades para explicar os conceitos mais básicos das guardas. Recompôs-se e mostrou uma lousa, escrevendo a equação que determinava o tamanho e o espaçamento das guardas de impacto para que afetassem apenas grandes objetos movendo-se a determinadas velocidades.

– Inútil contra balistas – referiu Favah.

– Não esperamos demónios que usem balistas, mesmo na Lua Nova – respondeu Erny. – A maior preocupação é o entulho. – Apontou o ponto onde uma nuvem de pó era ainda visível como resultado da pedra fragmentada. Grandes pedaços tinham caído sobre o terreno dentro da guarda.

– Ficará confinado aos limites exteriores da barreira – disse Leesha. – Podemos evacuar essas áreas.

Erny acenou com a cabeça.

– Brigadas de Guardadores e engenheiros estarão de plantão para limpar o entulho que ameaçar enfraquecer as guardas.

Favah continuou a estudar a equação.

– A drenagem de poder é enorme.

– Sim. – Erny suspirou. – O cemitério consegue lidar com a maior parte da drenagem.

– Aí estão outra vez essas palavras – notou Leesha.

Erny traçou uma outra equação na lousa por baixo da primeira.

– Este é cálculo do número de pedras por hora que seriam necessárias para drenar a guarda por inteiro.

Leesha sentiu uma dor palpitante começar a manifestar-se atrás do olho esquerdo.

– E se isso acontecesse?

Erny ergueu as mãos.

– Toda a magia no Outeiro se esgotaria. Talvez durante um segundo, durante um minuto ou durante mais tempo se os nuclitas mantiverem o ataque.

– Criador – exclamou Leesha.

– Não acontecerá, Leesha – assegurou Gared. – As equipas de atiradores guardaram dardos e pedras. Teremos Soldados do Outeiro para deitar abaixo os demónios da rocha ou da madeira suficientemente grandes para atirar um barril.

Ergueu o machado para os Lenhadores que escoltavam o engenho de volta para a guarda e os homens aproximaram-se, liderados por Dug e Merrem Açougueiro.

– Temos recrutas novos para te mostrarmos. Um deles é maior que eu. É praticamente um demónio da rocha.

Os Lenhadores aninharam-se em sentido enquanto Leesha e o seu grupo passavam, batendo com os punhos no peito das armaduras de madeira. Havia gente de todos os tipos no grupo: angieranos baixos, rizonanos altos e magros, laktonianos de pernas arqueadas e...

Leesha aproximou-se, parando quando viu o Lenhador gigante, carregando uma enxada enorme como se fosse uma vassoura. Sentiu um aperto no coração.

– Era deste que te falava – disse Gared, sem perceber. – Jonn Calado não diz grande coisa, mas matou mais demónios do que quaisquer cinco homens do seu grupo combinados.

O homem enorme olhava em frente, mas, quando ouviu o seu nome, virou a cara e o seu olhar cruzou-se com o de Leesha.

Reconheceu-o imediatamente. A sua cara ficara-lhe eternamente gravada na mente. O gigante mudo que a tinha violado na estrada, que se sentara sobre Rojer enquanto os seus amigos faziam o mesmo... Estava ali, no Outeiro.

Leesha estacou, começando subitamente a tremer de medo. Era ridículo ter enfrentado o olhar de um demónio da mente e sentir-se indefesa diante daquele homem. E, no entanto...

Os outros bandidos que a tinham atacado estavam mortos, chacinados por nuclitas depois de Arlen e Rojer terem reclamado o círculo portátil que tinham roubado. Mas o mudo não estivera entre os cadáveres. Leesha julgou tê-lo visto em cem ocasiões desde então. Escondendo-se nesta sombra ou naquele matagal, com a face refletindo-se numa vidraça de janela à luz da fogueira.

O reconhecimento foi claro também na sua expressão, seguindo-se medo e horror. Virou-se e fugiu.

– Wonda, para-o! – guinchou Leesha. Era um guincho temeroso e desesperado, mas, naquele momento, Leesha não se importou.

Wonda moveu-se mais depressa do que os olhos conseguiam acompanhar, alcançando o homem com dois grandes saltos. Segurou-lhe o pulso e torceu,

fazendo a enxada cair-lhe dos dedos num espasmo. O gigante rugiu, empurrando-a com o outro braço, mas os pés de Wonda já se moviam, entrançando-se nas pernas do gigante e fazendo-o cair ao chão.

Gared e os outros Lenhadores correram, mas Wonda não precisava de ajuda, imobilizando o homem numa chave, tornando-o incapaz de retribuir o ataque enquanto apertava, interrompendo lentamente o fluxo de sangue para o cérebro. A face do gigante ficou vermelha e, quando os seus esforços esmoreceram, imediatamente antes de perder a consciência, Wonda afrouxou a chave, permitindo-lhe inspirar.

– Noite – murmurou Gared. – Que fez ele?

Leesha percebeu que sustinha a respiração. Forçou-se a expirar e inspirou, sentindo o coração voltar a bater com batimentos vigorosos.

– Foi um dos bandidos que... – Leesha sentiu a garganta seca e engoliu com força – ... que me roubou e a Rojer na estrada, antes de regressarmos com Arlen.

– Na quis magoar! – gritou o gigante. As palavras eram arrastadas e atonais e Leesha percebeu que o homem não era realmente mudo. Apenas... simples. – Só uma queca rápida! – gritou o gigante. – O Dom disse que servem pra isso. – Começou a chorar. – Servem pra isso. – Começou a balouçar para trás e para diante, repetindo as palavras até Wonda o apertar mais, calando-o.

Leesha voltou a estacar. Tinha guardado os pormenores do ataque em segredo, mesmo que existissem boateiros pelo Outeiro cujas suposições se aproximaram desconfortavelmente da verdade. Naquele momento, ficavam expostos perante Favah e os seus Sharum, além dos aliados mais próximos de Leesha, dos grupos de engenheiros, Guardadores e dos novos recrutas.

Olhos e auras enegreceram enquanto as palavras eram interiorizadas, tingindo-se de uma forma que Leesha nunca antes vira.

Wonda desembainhou uma grande faca. Olhou para cima, encontrando o olhar de Leesha.

– Queres que o mate, mestra?

Falava a sério. Olhando em redor, Leesha percebeu que todos partilhavam o sentimento. Darsy, Favah, os Açougueiros, os Sharum e os Lenhadores. Nem Erny tinha misericórdia na sua aura. Qualquer um deles mataria por ela e não apenas demónios.

Pensar isso agoniou-a, mesmo que as suas mãos não estivessem totalmente limpas de sangue. Tinha envenenado a sua escolta de Sharum na estrada, largando paus de trovão sobre o exército de Jayan enquanto investiam contra os

portões de Angiers. Recordava ainda a forma como a coluna do dama Gorja partiu sob o seu pé.

Mas todos esses momentos tinham sido de vida ou de morte. A sua decisão de causar dano devera-se à vontade de proteger outros e eram muito diferentes do homicídio de um tonto indefeso nos braços de ferro de Wonda.

Leesha olhou outra vez o homem, fixando o olhar no seu e recordando o que lhe tinha feito. A facilidade como anulara a sua resistência e a imobilizara. A selvajaria dos últimos momentos antes de se esgotar dentro dela.

Outras mulheres teriam sofrido o mesmo horror às suas mãos desde então? Aconteceria a outras no futuro, se o deixasse viver? Simples ou não, o gigante estava equipado para fazer tais coisas e até as mulheres corpulentas do Outeiro seriam como crianças contra alguém do seu tamanho e força. O estômago às voltas fez subir vómito até ao fundo da sua garganta e a dor atrás do olho ganhou vida.

Wonda fá-lo-ia. Matá-lo-ia ali mesmo e ninguém no Outeiro julgaria alguma delas por isso. Wonda dormiria bem depois de o fazer e Leesha não conseguia negar que talvez fizesse o mesmo, sabendo que o último daqueles homens malditos tinha desaparecido do mundo.

Sentiu dores na mão e baixou o olhar para perceber que apertava a sua varinha de hora.

– Deixa-o levantar-se.

Leesha esperou que Wonda resistisse, mas a mulher soltou-o imediatamente, erguendo-se e afastando-se antes que Jonn Calado tivesse tempo de recuperar. Poderia estender a mão para a enxada, mas, em vez disso, deixou-se ficar de gatas no chão, tremendo, com lágrimas riscando-lhe a face suja de terra.

Apontou-lhe a varinha.

– Gostava que os nuclitas te tivessem levado também a ti.

Erny ergueu o olhar quando ouviu as palavras e algo mudou na sua aura. Uma sugestão de misericórdia. Leesha recordava ainda o que tinha dito anos antes, na noite em que a ouviu desejar que os nuclitas levassem a sua mãe: *Nunca digas isso. A respeito de ninguém*.

– Fá-lo. – Gared segurava o machado. – Ou deixa-me fazê-lo. – Jonn Calado não era tão grande quando comparado com Gared Lenhador. Estava mais que disposto a fazê-lo. Queria fazê-lo. Queria matar quem se atrevesse a tocar-lhe com um dedo.

Leesha ergueu mais a varinha, mas a sua mão tremia.

– O homem tem uma dívida de sangue – disse Favah. – Golpear uma dama'ting é punido com a morte.

A palavra despertou outra memória, do dia em que Arlen confrontou Kaval e Coliv, homens que tinham tentado assassiná-lo. *Temos uma dívida de sangue. Poderia tê-la cobrado hoje, mas só mato alagai*.

Quantas vezes Arlen lhe repetira aquelas palavras enquanto partilhavam beijos na noite? *Somos nós contra os nuclitas, Leesh. Qualquer outra coisa será uma guerra perdida*.

Mas até ele quebrara a sua promessa, por ela.

– Não. – Leesha baixou o braço, deixando a varinha pendendo a seu lado. – Isto não é um cadafalso e não somos carrascos.

– Vou buscar correntes – disse Wonda. – Atiramo-lo para as celas.

Imaginar o homem que a atacara, preso e gritando nos túneis por baixo do sítio onde Leesha dormia não a consolava. Ergueu ligeiramente a varinha, fazendo o gigante encolher-se enquanto se aproximava dele, examinando-lhe a aura.

– Queres ser perdoado? – perguntou-lhe.

– Sim! – gemeu o gigante.

– A Lua Nova vem aí! – gritou Leesha, traçando uma guarda rápida que fez a sua voz ecoar pela noite. – Juras lutar pelo Outeiro quando a escuridão profunda vier e os demónios nos atacarem?

– Sim! – gemeu o gigante. – Sim! Sim! Sim! – A sua aura era tão simples como ele, clara e fácil de ler. As palavras eram sinceras.

Leesha virou-se para os Lenhadores, que misturavam veteranos e ramos verdes.

– Os nuclitas não se importam com o que fizemos. Atacar-nos-ão, unidos no propósito da nossa destruição. Devemos erguer-nos juntos, unidos no propósito da sua!

– Sim! – trovejaram os outeireiros, erguendo punhos e armas. Até os eunucos de Favah, sem língua e sem árvore, bateram com as lanças nos escudos.

Leesha voltou a olhar Jonn Calado, que continuava a tremer de medo. Baixou a voz, libertando a magia que a tinha ampliado.

– Apresentar-te-ás à reitora Darsy três vezes por semana, para aprenderes aquilo para que... servem as mulheres.

Jonn acenou avidamente com a cabeça enquanto Darsy arregaçava as mangas do vestido e apoiava as mãos nas ancas.

– E espero que mantenhas as mãos longe delas até ficar satisfeita.

– Sim – repetiu Jonn com a sua voz monocórdica.

Leesha voltou a prender a varinha ao cinto, curvando-se para erguer a enxada pesada do gigante.

– Volta para a formação.

O gigante hesitou, mas aceitou a arma, apressando-se a voltar à posição de onde tinha fugido. Os recrutas de cada lado dele afastaram-se, mas ninguém protestou.

Somos nós contra os nuclitas. Qualquer outra coisa será uma guerra perdida.

Leesha inspirou fundo e endireitou as costas, dirigindo-se para os cavalos com graça que teria orgulhado a duquesa Araine.

Favah inspecionou com atenção os dados de Leesha. Leesha sabia que a velha dama'ting não perdoaria qualquer falha, por mais mínima que fosse, aproveitando-a para exigir que fossem destruídos e que talhasse um conjunto novo.

Limitou-se a grunhir, passando-lhos e escolhendo três cartas de um baralho. Colocou-as sobre a mesa voltadas para baixo.

– Lança e diz-me o que vês.

Leesha cortou a mão, cobriu os dados com sangue e sentiu-os aquecerem nas suas mãos enquanto os abanava, iluminando-se enquanto lançava. Sentiu um arrepio enquanto os via afastarem-se dos seus movimentos naturais e pararem.

Favah parecia menos impressionada, tendo visto o truque vezes incontáveis.

– E então? Que vês?

Leesha não precisou de muito tempo.

– Três de Água, cinco de Lanças, Sharum de Escudos. – Falou com confiança. A leitura tinha sido clara. Era a mais básica das técnicas de leitura de dados. Lia o seu próprio futuro enquanto olhava as cartas e esse futuro tinha-se fixado quando as cartas foram pousadas na mesa.

Favah virou as cartas, não fazendo qualquer comentário quando as previsões de Leesha se concretizaram. Voltou a baralhar as cartas, colocando o baralho no chão à sua frente.

– Diz-me agora que três cartas escolherei a seguir.

Era um teste mais difícil. Era impossível saber se Favah tiraria as cartas do topo ou do fundo do baralho, escolhendo as primeiras três em sucessão ou escolhendo ao acaso. Leesha lançou os dados, procurando em mais de cem mil resultados possíveis.

– Damaji’ting de Crânios – disse, após longos momentos. – Sete de Lanças. Khaffit.

Os olhos de Favah baixaram, estudando também os dados e escolheu do baralho ao acaso, tirando as cartas que Leesha tinha previsto. Grunhiu.

– As permutações de cartas são milhares. Os futuros dos vivos são infinitos.

Leesha acenou com a cabeça.

– Gostava de ter o luxo de passar anos na Câmara das Sombras, mas a Sharak Ka chegou.

Favah pousou o baralho.

– Faz uma pergunta real, agora.

Leesha pegou num frasco minúsculo de sangue de Elissa e cobriu os dados.

– Criador de vida e de luz, os teus filhos procuram respostas. Revela-me o destino de Elissa vah Ragen am’Mensageiro am’Miln.

Tinham passado semanas sem notícias da cidade nas montanhas. Os enviados regulares de Miln tinham deixado de chegar e nenhum Mensageiro que se aventurasse mais de um dia a norte de Ponteflúvia tinha regressado.

Leesha lançou e, desta vez, Favah ficou muito atenta quando os dados pararam. Inclinaram-se os dois, estudando o resultado. Guardas de rocha e vento entrecruzando-se. Leesha apontou.

– Montanha.

Favah inclinou a cabeça.

– Voltadas para norte, invertem-se. Vale.

– A cidade de Miln fica aninhada no vale entre duas montanhas – disse Leesha.

– Estudas o padrão ou procuras justificações? – perguntou Favah.

Leesha franziu a testa, concentrando-se no padrão.

– Então não segues os ensinamentos da dama’ting Corelvah, que dizia que os dados devem ser lidos de norte para sul, e segues a dama’ting Vahcorel, que acreditava que deverão ser lidos do centro para fora?

– Deduzes isso a partir de uma única palavra? – Favah simulou cuspir, sem que qualquer saliva lhe passasse entre os lábios secos. – A Damajah não exagerou quando disse que a tua arrogância é infinita.

Leesha recuou.

– Não quis ofender. – O tom da mulher recordou-lhe Bruna.

– Corelvah era a minha avó – disse Favah. – Vahcorel, a sua irmã. Ouvi-as gritarem uma com a outra na infância.

Noite, que idade tens?, questionou-se Leesha. Voltou a pensar em Bruna, com sabedoria acumulada em longos anos.

– As duas tão certas de que tinham descoberto um mistério do universo – prosseguiu Favah. – Tão certas de que Everam lhes tinha falado. E porque não? Ninguém podia negar que ambas tinham a Visão. A minha tia-avó previu o dia e a hora da sua morte cem anos antes de acontecer e a minha avó impediu uma tentativa de golpe contra o Majah, fazendo tropeçar um homem na rua. Sabia desde a infância que estaria naquele sítio naquele preciso momento. Cada uma tinha apoiantes determinadas. Tolas parciais que recusam pensar sequer no trabalho da outra. No entanto, as duas escolas de pensamento produziram videntes que caminharam com um pé em Ala e o outro no infinito.

Favah ergueu um dedo afiado.

– Pensas que os mistérios do universo são uma equação a ser resolvida. Mas o futuro não é uma equação. É uma história. E há muitas formas de contar uma história.

Leesha curvou-se mais do que se permitiria honrar a mulher em público.

– Estás certa, dama'ting. Peço desculpa. Estou apenas... ávida por aprender.

Favah fungou, indicando os dados com o dedo.

– Lê, rapariga.

– Ar sobre água – disse Leesha. – Uma nuvem... não, há relâmpagos. Nuvem de tempestade.

– Nuvens de tempestade aglomeram-se como nevoeiro sobre a cidade... no vale da montanha. – Favah piscou o olho tão depressa que Leesha pensou que teria imaginado aquilo. Moveu a mão sobre um grupo de símbolos demoníacos nas arestas dos dados. – Os alagai são numerosos diante das suas muralhas. Mas os nortenhos são... – Apontou um símbolo.

– Arrogantes – traduziu Leesha. Cobriu a boca com as mãos. – Não percebem o que aí vem! Precisamos de...

– Talvez não haja nada que possamos fazer. – Favah apontou outro símbolo.

– Ilha – disse Leesha. – Estão sozinhos? Isolados?

– Em quase todos os futuros – disse Favah. – Um pilar no rio do tempo.

– Não posso negar-lhes ajuda porque o símbolo da ilha está apontado para o vale na montanha – disse Leesha. – De que serve ver o futuro se não pudermos fazer nada para o alterar?

– De que s...! – Favah arregalou os olhos. – Rapariga arrogante e idiota! Passas cinco minutos a olhar o enigma, adivinhas algumas peças e passas diretamente para as conclusões? Pensas que a minha avó fez todas as suas profecias após um relance? Muitas vezes, passava uma semana a meditar, sem descanso nem sustento, para examinar todas as permutações de um lançamento importante.

– Não tenho uma semana para passar fome a olhar para um conjunto de dados – disse Leesha. – A Lua Nova chega amanhã à noite e tenho um condado para governar.

– Então não haverá ponto intermédio entre cinco minutos e uma semana? – perguntou Favah. – Certamente, até a grande Condessa Papel poderá dispensar uma hora em que não esteja ocupada a perdoar Sharum violadores e a dar de mamar àquele bebé faminto.

Leesha olhou-a fixamente, mas a aura da mulher permanecia serena. Favah moveu uma mão sobre os dados.

– A Sharak Ka chegou e há mil histórias de sangue neste lançamento, Leesha vah Erny. Merecem mais do que um olhar fugaz.

– Mestra, não reconsiderarás regressar à capital? – perguntou Arther pela milésima vez. O primeiro ministro parecia estranho dentro da sua armadura de madeira, mais hábil com uma caneta do que com uma lança.

Os alagai atacarão ao cair da noite no Norte do Outeiro. Leesha e Favah tinham concordado na leitura após horas a olhar o último lançamento dos dados. Shaselle e Jaia foram chamadas para estudar os dados e chegaram à mesma conclusão sem qualquer sugestão de Leesha ou Favah.

Leesha acariciou a varinha de hora no seu cinto, sentindo uma palpitação de magia.

– Sou necessária aqui.

Pilão erguia-se como uma estátua de obsidiana, mas Leesha sentia a tensão crescer no garanhão poderoso, preparado para agir. As suas ferraduras de prata tinham sido reforçadas com osso de demónio e guardas poderosas. Seria veloz. Incansável. O seu coice conseguiria esmagar o crânio de um demónio da madeira.

Os cavalos dos seus capitães e dos Lanceiros do Outeiro estavam equipados de forma semelhante. Eram um misto de mustangues angieranos e cavalos de guerra esguios e rápidos. Batiam com os cascos no chão, duplicando a agitação dos seus cavaleiros.

Leesha estava no Rancho do Garanhão, a grande guarda mais a norte no Condado do Outeiro. Sendo o menos povoado dos bairros, o Rancho do Garanhão erguia-se sobre prados amplos, onde pastavam e eram alimentados os mustangues poderosos e os cavalos de guerra rápidos de que dependia a cavalaria do Outeiro.

Mas, sendo grande, a grande guarda do Rancho era uma das mais fracas do Outeiro, moldada maioritariamente por vedações de madeira e pelos poucos edifícios no seu centro. O barão Rancho empregava centenas de trabalhadores, mas continuavam a reunir-se na câmara municipal para refeições conjuntas, funcionando mais como uma família do que como um baronato.

Fazia sentido que os demónios atacassem ali. Algumas rochas arremessadas com minúcia e o varrimento das árvores inteiras que os demónios da rocha apreciavam usar como clavas abririam demasiados buracos na grande guarda para ser possível defendê-los. A sua perda privaria o Outeiro de um dos seus recursos mais importantes.

Leesha ordenou a evacuação dos civis do Rancho para os bairros interiores, juntamente com os cavalos que fossem demasiado jovens ou bravios para receberem sela. O resto da gente de Jon montou e patrulhava os limites da grande guarda ou escondia-se na erva com arcos enquanto o Sol se punha.

Gared esperava a seu lado sobre a colina que Leesha escolhera para observar as movimentações. Os seus melhores Lenhadores e os Lanceiros do Outeiro esperavam no sopé, prontos para ouvir a sua ordem para reforçar quaisquer brechas.

– É importante para nós ter-te aqui, mestra. – Jon Garanhão parecia gigantesco a seu lado, sobre o gigantesco mustangue castanho. – Espero que se revele um desperdício do teu tempo.

O sangue fluirá pelos rios, esta noite, tinham previsto os dados.

Leesha voltou a tocar a sua varinha.

– Também o espero.

A tensão aumentou depois do anoitecer. Leesha fez Pilão mover-se em círculos à volta da colina, fitando a noite pelos seus óculos guardados, mas não havia sinais de demónios guardados ou de qualquer coisa fora do comum. As patrulhas cavalgavam junto ao perímetro sem serem perturbadas e os batedores enviados para além da barreira voltavam com regularidade para apresentarem os seus relatórios.

– Não bate certo – murmurou Gared.

Leesha concordou. Da última vez que os demónios tinham atacado na Lua Nova, começaram por construir grandes guardas, como se fossem engenhos de cerco. Não era algo que pudesse ser feito em silêncio ou sem atrair atenções.

Em vez disso, havia silêncio interrompido pelo chamamento de pássaros e pelos ruídos de insetos. Até a atividade esporádica dos demónios que surgiam em qualquer noite permanecia ausente.

Leesha girou um dos seus brincos. O seu alcance além das grandes guardas era mínimo, mas, no Condado do Outeiro, o contacto era instantâneo.

– Mestra – disse-lhe Darsy ao ouvido.

– Informa – respondeu Leesha. – Não há sinais de atividade dos demónios perto do Rancho do Garanhão.

– Não acontece nada na Floresta das Herbanárias – disse Darsy. – O capitão acaba de vir aqui. Não ouviu pio em qualquer outro sítio.

Foi o mesmo quando Leesha contactou os outros bairros, um a um. Patrulharam, enervaram-se e preocuparam-se, no limiar da batalha, mas, quando o amanhecer chegou, nada acontecera.

Os alagai atacarão ao cair da noite no Norte do Outeiro. Todas tinham concordado. Que se passara? Os dados de Leesha tinham realmente defeito?

Recordou o padrão, fixo na sua mente pelas horas de estudo. Teriam dito realmente aquilo? Ou teriam presumido, por instinto, que o Outeiro seria o alvo dos demónios?

Os alagai atacarão ao cair da noite a norte do Outeiro.

Noite.

– Arther. – Leesha sentiu a dor crescer atrás do seu olho. – Por favor, envia o capitão Gamon e os Lanceiros do Outeiro para norte.

Arther arqueou uma sobrancelha.

– Mestra?

– Wonda, vai com eles. Leva Kendall contigo.

Wonda abriu a boca de espanto.

– Mestra?

Leesha cerrou o punho, furiosa com a sua arrogância, mas manteve a voz plácida.

– Temo que Angiers esteja sob ataque.



VINTE E OITO

A HISTÓRIA DE ARAINE

334 DR

Arther e Darsy seguiam Leesha enquanto inspecionava os preparativos no Cemitério dos Nuclitas.

– Informem.

– Tendas de triagem abastecidas e prontas. – Darsy apontou os pavilhões brancos que enchiam a velha praça do povoado. – As salas de cirurgia no hospício e na academia estão de prevenção.

Leesha acenou afirmativamente. Trocara os vestidos que preferia usar enquanto condessa pelo vestido azul e pelo avental cheio de bolsos que tão bem a servira durante tantos anos como Herbanária. Não haveria política de chá naquele dia. Apenas bisturis, agulhas e sangue até aos cotovelos.

– As carroças de abastecimento estão prontas com comida, água, sabão e roupa – disse Arther. – Foram montadas latrinas temporárias.

– Quero equipas a desinfetar e trocar os baldes regularmente – disse Leesha. – Não podemos...

Arther olhou-a de nariz erguido e Leesha calou-se. Já sabia. Claro que sim.

– Os Lenhadores... – começou Leesha.

Outra vez o olhar.

– Já estão ocupados a limpar o terreno para a povoação.

Leesha suspirou.

– Parece que ainda ontem não fazíamos ideia de como lidar com milhares de refugiados chegando ao Outeiro.

– A prática conduz à perfeição – disse Darsy.

– Porém... – começou Arther.

Leesha e Darsy olharam-no.

– Sim?

– Receio que não sejam milhares – disse Arther. – Os Mensageiros informam que serão consideravelmente menos.

– Impossível – disse Leesha. – O relatório de Gamon disse que a cidade estava perdida.

Arther acenou com a cabeça.

– Assim é.

A dor na cabeça de Leesha cresceu.

– Forte Angiers albergava mais de quarenta mil almas. Os povoados circundantes teriam metade desse número.

– Pelo menos – concordou Arlen. – Mas os relatórios dizem que o grupo liderado pelos Lanceiros de Gamon será composto por centenas. Devemos preparar-nos para o pior.

Leesha olhou a sua gente, alvoroçando-se no Cemitério, preparando-se para abrigar uma torrente interminável de sobreviventes.

– Pensei que estivéssemos preparados para o pior.

Darsy pousou-lhe uma mão no ombro.

– Não foram os krasianos desta vez, Leesh. Os demónios não têm misericórdia para quem avança de mãos no ar.

Leesha levou uma mão à boca e precisou de esforço para conter as lágrimas. Tantas mortes.

Pouco depois, Gamon e as suas Lanças do Outeiro, fatigadas e sangrentas, com o seu número reduzido, marcharam pela guarda dentro. Atrás deles, uma caravana de refugiados alongava-se pela estrada fora, perdendo-se de vista, guardada por um punhado de Soldados de Madeira e Lanças da Montanha, a maioria com ligaduras ensanguentadas.

O próprio Gamon tinha o braço ao peito e, quando tirou o elmo guardado, a cabeça estava envolvida em pano sangrento amarelecido pelo suor.

Wonda e Kendall flanqueavam-no, parecendo igualmente imundas, mas sendo essa a maior marca que ostentavam. Tinham os três expressões severas.

– Contemplaram o abismo de Nie – disse Favah.

Escoltavam os três o que fora outrora uma carruagem grandiosa. As suas rodas estavam desemparelhadas, uma das portas tinha sido substituída por uma tábua pregada e pintada com guardas. O condutor curvado puxou as rédeas e travou. Um peão de aspeto igualmente miserável desceu e pousou degraus no chão.

– Noite – disse Leesha. Não lhe ocorrera até àquele momento que o duque Pether em pessoa estaria entre os refugiados. O Outeiro continuava a ser tecnicamente seu domínio. Poderia reclamá-lo a Leesha? Os outeireiros segui-lo-iam?

Imaginou a reação de Gared e soube que isso nunca aconteceria. Se Angiers tivesse caído, o Outeiro era livre, independentemente do que pensasse a família Rhinebeck.

Mas não foi o duque Pether a sair da carruagem. Nem a duquesa Lorain. Foi apenas Pawl, o filho jovem do ministro Janson. O rapaz apressou-se a ajeitar os degraus, voltando a subir para ajudar a duquesa-mãe, cujos olhos estavam encovados e vazios.

– Nem sequer se deram ao trabalho de atacar as muralhas. – A mão de Araine tremia enquanto segurava a sua chávena e pires. Leesha tinha misturado um sedativo ligeiro com as folhas. – Subiram pelo entabuado. Fizeram um túnel debaixo dos nossos narizes.

– Pether? – perguntou Leesha. – Lorain?

– Mortos. – O olhar de Araine era distante. – Todos mortos.

Bebeu o chá, fez uma careta e cuspiu-o delicadamente para a chávena.

– Drogas-me o chá? És mesmo fedelha de Bruna.

– Sentiste o sabor de meia folha de flor celeste entre todo esse mel? – perguntou Leesha.

Araine olhou-a, erguendo o nariz.

– O facto de Leesha Papel servir chá já adoçado com mel foi prova suficiente.

– Bebe – disse Leesha. – Passaste por uma provação. Ajudará a descontrair enquanto contas a tua história. Depois, dormirás bem e sentir-te-ás melhor.

– Obrigada, mas não. – Araine olhou Pawl. – Traz-me outra chávena. Prepara-o tu.

– Sim, senhora. – O rapaz avançou para lhe fazer o chá, mas Leesha fê-lo parar com um dedo erguido.

– Bebe. – Leesha enfrentou o olhar férreo de Araine. – Ordem de Herbanária.

– *Pfagh!* – Araine interrompeu o duelo de olhares e bebeu o chá, mas a vitória foi perturbadora. A mulher que Leesha conhecera não seria tão facilmente pressionada. Esperou até a chávena ficar vazia antes de gesticular a Wonda, que abriu a porta para deixar entrar Favah.

– Que é isto?! – Araine fez lembrar um gato eriçado.

– A dama'ting Favah é o membro mais destacado da embaixada krasiana no Outeiro – explicou Leesha. – Tê-la aqui poupar-me-á ter de repetir a história. Estamos todos do mesmo lado nisto.

– É como diz a filha de Erny – concordou Favah. – Quaisquer que tenham sido... os desentendimentos entre os nossos povos durante o dia, não serão nada perante a Sharak Ka. Krasia abrigará o teu povo e ofereceremos as nossas lanças para a vingança, se entenderem procurá-la.

– Tive quatro filhos, dama'ting – disse Araine. – Um foi morto pelos nuclitas, os outros três pelos krasianos. Se querem oferecer lanças para a minha vingança, podem começar por as usarem em vós mesmos. – Virou-se para Leesha. – Não revelarei segredos de estado...

Leesha bateu com a mão no braço da cadeira como tinha visto Bruna fazer tantas vezes, quando se cansava de tolices. Magoou-a mais do que esperou, mas o ruído que ecoou pela sala justificou a dor, silenciando as palavras da duquesa-mãe.

– Angiers perdeu-se – afirmou Leesha. – Não resta qualquer estado para proteger. Se os nuclitas avançam para exterminar a humanidade, não podemos dar-nos ao luxo de continuar a lutar entre nós.

Araine expirou pelas narinas, mas, por efeito da flor celeste ou por ter reconhecido a verdade, não protestou enquanto Favah se dirigia ao sofá à sua frente. Parecia mais calma, mais próxima da sua antiga postura, quando havia um inimigo presente.

– A princípio, pensámos que poderiam ser contidos – disse Araine. – As Lanças da Montanha cobriram a brecha, mas surgiram demónios da rocha e as armas de chama não tiveram qualquer efeito. Os demónios da rocha conseguiram passar por eles e capturaram a brecha. Foi aí que começou a acontecer.

Leesha sentiu um arrepio.

– Que começou a acontecer?

– Motins – disse Araine. – Trabalhadores nos portões atacaram os guardas e abriram os portões. Brigadas de camponeses com armas guardadas voltaram-se contra os soldados. A princípio, era como se os camponeses se revoltassem...

– Mas não era verdade... – disse Leesha. – Havia demónios da mente dentro das muralhas da cidade.

Araine confirmou com um aceno de cabeça.

– Uma companhia de Lanceiros de Madeira fazia tombar demónios à dúzia pelas ruas estreitas, até o seu capitão tirar o elmo para limpar o suor da testa. Matou os seus dois tenentes antes de ser derrubado pelos seus próprios homens. Esforçavam-se para o manterem no chão quando um bando de demónios da madeira avançou.

Araine tocou a chávena com uma unha e Tarisa apressou-se a enchê-la.

– Informações destas não pararam de chegar durante toda a noite. A maioria dos abrigos da cidade permanecia intacta, como se o verdadeiro alvo dos demónios não fossem as pessoas.

– O palácio – adivinhou Leesha.

– As nossas muralhas eram grossas, fortalecidas por magia, em cima e em baixo – explicou Araine. – Não houve túneis desta vez. Subiram pela Estrada dos Mensageiros com bandos de demónios dos campos e da madeira, mas quase amanhecera e estávamos certos de que conseguiríamos resistir até ao nascer do Sol. Todos os demónios da madeira transportavam pequenas pedras. – A duquesa ergueu as mãos afastadas, indicando o tamanho aproximado de um melão. – Mas os seus lançamentos foram precisos como facas de Jogral. Não para derrubar a muralha...

– Para danificar as guardas – disse Leesha.

– Todos os guardas do palácio usavam um elmo guardado contra demónios da mente – continuou Araine. – Tal como os aristocratas e a maioria dos criados, mas não importou. Uma sopeira com uma faca matou três Soldados de Madeira e os guardas vieram levar-nos à torre de menagem do palácio. Pelo caminho, vi um ajudante de cozinha com um rolo da massa correr para uma escadaria guardada. O rapaz não teria mais de oito anos, mas movia-se como um dama, esquivando-se aos golpes dos guardas e passando-lhes entre as pernas, deixando um rasto de homens incapacitados. Por essa altura, percebemos o que acontecia e traçávamos guardas na testa de todos os que encontrávamos. A segurança da torre de menagem foi garantida e Pether, Lorain e eu fomos colocados numa sala de paredes grossas que poderia ser aberta apenas do interior. Os guardas informavam-nos através de uma ranhura na porta. – Araine inspirou fundo. – Pether estava furioso e puxava o cabelo quando, de repente, limitou-se a... acalmar. Vi esse momento de tranquilidade como uma bênção, mas, quando

ergui o olhar, percebi que não usava a coroa. Aproximou-se de Lorain como se passeasse no jardim. A seguir, puxou por uma faca e tentou cortar-lhe o pescoço.

Leesha não conseguiu impedir uma exclamação de horror.

– O corte foi profundo, mas atingiu-a no braço – prosseguiu Araine. – Lorain era bastante mais pesada que Pether e enfrentaram-se. Enquanto o faziam, Pether, o meu devoto rapaz, começou a dizer... as coisas mais terríveis.

– Que coisas? – perguntou Leesha.

– *Cortarei a piça antes de voltar a enfiá-la no teu buraco imundo* – a voz de Araine tornou-se rouca e grave – *ou antes de ver esse ovo podre que te cresce na barriga sentado no trono.* – A seguir – continuou Araine –, pontapeou-a no ventre e continuou a pontapear até tossir sangue. Golpeei-o com a bengala, mas segurou-a com a mão livre e pontapeou-me na anca. Quando recuperei, tinha-lhe cortado o pescoço e virou-se para mim, continuando com a faca na mão. – A sua voz voltou à rouquidão. – *Porque deveria parar aqui, mãe? Livrei-me da mulher que Euchor enviou para me controlar, mas não da que o fez durante toda a minha vida.*

– Noite – sussurrou Leesha. – Como conseguiste escapar?

– Aprendi um ou dois truques de Herbanária na minha vida, rapariga – disse Araine. – Pó cegante numa pulseira oca. Atirei-lhe a dose inteira. Pawl atirou-o ao chão enquanto tossia e ajudou-me a coxear para fora dali. Junto à porta, olhei para trás uma última vez e vi o meu filho cravar a faca no próprio pescoço.

– Everam nos proteja – sussurrou Favah.

– Os guardas no corredor estavam todos mortos, mas não havia sinal de nuclitas – disse Araine. – Os elmos estavam espalhados pelo chão. Mataram-se uns aos outros. – Araine terminou o seu chá, com olhar distante. – Suponho que o demónio da mente não me tenha considerado uma ameaça suficiente para me matar.

– Um erro de que o príncipe alagai se arrependerá – respondeu Favah.

– Duvido – disse Araine. – Usámos uma passagem secreta para regressar à ala feminina do palácio, onde restava um punhado dos meus guardas pessoais. Havia combates em todos os corredores e fomos forçados a fugir pelos túneis de ligação aos bordéis para chegarmos à cidade. O Sol nasceu, expulsando os demónios de volta para o Núcleo, mas os guardas que restavam no palácio tinham fechado os portões, trancando-nos do lado de fora. Quando exigi entrar, colocaram Lanças da Montanha nas muralhas e dispararam contra nós.

– De dia? – perguntou Leesha, chocada.

– Não demorámos a descobrir que os guardas nos portões também tinham deixado de merecer confiança – referiu Araine. – Fecharam os portões e quebraram as roldanas, dizendo que era a única forma de manter os demónios fora, sem pensarem que também nos prenderia dentro. Não foram os guardas todos – continuou Araine. – Mas os que tinham sido afetados não demonstravam indícios. Caminhavam sob a luz do Sol e usavam elmos com guardas mentais, zelando por si e pelas suas armas, comportando-se de forma aparentemente normal... Até alguém tentar sair. *Ordens do duque*, diziam, barrando o caminho como se fosse rotina, sem aceitarem o argumento de que Sua Excelência tinha partido. Foi só quando um Mensageiro tentou escalar uma muralha e as Lanças da Montanha o alvejaram nas costas que percebemos o perigo que corríamos. Tentámos investir contra os portões, mas tinham-se barricado no interior, posicionando Lanças da Montanha na muralha.

– Encurralados como alagai no Labirinto – disse Favah.

– Fizemos o que podíamos – afirmou Araine. – Todos na cidade tinham guardas mentais pintadas na testa e usámos paus de trovão para fazer desabar os túneis que os nuclitas usaram para entrar, mas não importou. Os guardas do palácio correram cada cortina, enegrecendo as janelas. E percebemos. Os demónios não precisavam de voltar à cidade. Não tinham partido. Na noite seguinte, começaram a retalhar o passadiço de tábuas à volta do palácio, formando uma grande guarda e cada vez mais gente começou a voltar-se contra os seus companheiros. Alguns camponeses aqui e ali, os suficientes para que todos olhassem para os vizinhos com desconfiança. E o número de guardas nas muralhas interior e exterior aumentou.

– Não compreendo o que ganham os alagai com isto – disse Favah.

– Isolam-nos dos nossos aliados – respondeu Leesha. – Impedem o auxílio de alcançar Miln.

– Não sou tola – disse Favah. – Mas a misericórdia e a contenção não são o costume dos alagai. De que lhes serve capturar a cidade e deixar as pessoas vivas?

– Porque não querem destruir a cidade – disse Leesha. – Querem uma despensa.

Nenhuma das mulheres soube o que responder àquilo e era melhor assim. Leesha não tinha motivos para pensar que Inevera tinha enviado Favah para junto dela pelo enxame e, quanto menos pessoas soubessem o que Arlen e Jardir faziam, melhor seria.

– Como conseguiram sair? – perguntou Leesha.

– Pawl. – Araine acariciou a mão do rapaz. – Conhece todas as passagens reais e tinha... contactos na cidade que conseguiram fazer-nos passar pelos guardas das muralhas.

Leesha olhou o rapaz, que pareceu encolher-se quando foi alvo de atenções.

– Se conseguiste fazer sair a duquesa, conseguirias fazer entrar alguém?

– Um punhado, talvez – disse Pawl. – Não uma força considerável.

– Entrar? – repetiu Araine. – Enlouqueceste?

– Não deixarei milhares de pessoas à mercê de um demónio da mente – disse Leesha. – Para termos alguma hipótese de conseguirmos salvá-los, precisaremos de entrar lá antes da próxima Lua Nova.

Araine deixou-se afundar na cadeira, com a flor celeste e a exaustão produzindo finalmente os seus efeitos.

– Talvez. Passou a ser luta tua. A linhagem Rhinebeck terminou.

– Tolice – retorquiu Leesha. – A duquesa-mãe ainda vive.

– Velha e sem herdeiros – comentou Araine.

– Ainda te vejo jovem – disse Favah. – Abandonarás o teu povo para esperar que o caminho solitário se abra diante de ti?

Araine olhou a dama'ting, mas perdeu a vontade de resistir. Parecia arruinada, sentindo cada dia da sua idade.

– Uma pergunta cuja resposta deverá esperar que acordes. – Leesha fez soar uma campainha e Melny entrou. A jovem duquesa exilada envergava ainda o vestido e o avental simples de criada. – Esta é Melny, uma das aprendizas de Herbanária – explicou Leesha. – Será a tua aia. Tem um rapaz forte e saudável no ventre, mas faltam ainda meses para o nascimento do bebé. Verás que é uma trabalhadora esforçada.

Os olhos de Araine não revelaram nada enquanto a sua nora se aproximava dela. Pawl ajudou a anciã a levantar-se e ofereceram-lhe os dois os braços para a levarem até à porta.

Araine virou-se para olhar Leesha uma última vez e tinha lágrimas nos olhos.

– Obrigada, condessa.



VINTE E NOVE

LOBOS

334 DR

Inevera olhou pelo janela de vidro guardado da carruagem, vendo Sharum com vestes negras imundas que se moviam entre os arbustos e as colinas de cada lado da estrada.

Os Lobos de Everam seguiam-nos há horas.

O esforço de conversar com Ashia ao longo de tantos quilómetros tinha-lhe deixado a cabeça às voltas durante dias, mas os lançamentos de dados que daí resultaram justificaram a dor, revelando fragmentos do plano dos príncipes alagai.

A cisterna é mais fraca que a fortuna.

A Cisterna de Everam. O nome englobava todo o território alagado reclamado por Krasia. As suas forças tinham sido esgotadas, os seus líderes mortos. Se os alagai conquistassem as terras alagadas, poderiam começar a construir grandes guardas à entrada da Fortuna de Everam.

Significava que a Doca viria a seguir. Era a única defesa que lhes restava. Se os alagai esmagassem a Doca, não haveria nada que os impedisse de chacinarem os pantaneiros nos povoados, conquistando território vasto.

Alagai Ka observam.

Observam. E não *observa*. Os príncipes de demónios erguer-se-iam em grande número na Lua Nova. Naquele momento, observavam a superfície pelos olhos

dos seus servos.

Empenhar demasiados guerreiros arrisca a divergência.

Havia momentos em que Inevera odiava a expressão vaga dos dados tanto como Ahmann. Quantos guerreiros seriam *demasiados?* A que ponto poderia reforçar a Doca antes que os demónios o sentissem e mudassem de alvos?

A Damajah deverá colocar isco na armadilha.

E, por isso, viera pessoalmente. Cada futuro em que Inevera permanecia na Fortuna de Everam lançava uma sombra sobre o futuro da Cisterna. Amanvah ficou deitada sobre o leito de almofadas de Inevera durante a sua ausência. Ela e o seu irmão partilhavam poder com dificuldade, mas os dados tinham prometido equilíbrio.

Inevera trouxe consigo três das suas irmãs-esposas, Umshala dos Khanjin, Justya dos Shunjin e Qasha dos Sharach, e um punhado de shar'dama e dama'ting, além de uma guarda pessoal de quinhentas Sharum'ting treinadas pessoalmente por Ashia e pelas suas irmãs de lança. As mulheres não tinham sido realmente testadas em combate e a caravana era mais uma embaixada do que um reforço de tropas. Uma força demasiado pequena para despertar atenções, suplicou Inevera.

Amanvah não se separou com agrado da sua irmã-esposa, sobretudo quando estavam as duas grávidas, mas era inevitável. A Sharum'ting Ka era necessária. Sikvah não ia ainda a meio do ciclo e ainda tinha o ventre liso. O ligeiro arredondamento era quase invisível dentro das suas vestes blindadas. Viajava com Asukaji na carruagem de Inevera.

O seu sobrinho parecia abatido, com a aura repleta de vergonha e arrependimento desde a sua cura. Olhava fixamente pela janela da carruagem, sabendo que estava ali mais como refém para assegurar o bom comportamento de Asome do que por qualquer necessidade premente da sua liderança na Doca.

– Cercam-nos – referiu.

– Jarvah disse que deveríamos esperá-lo – disse Sikvah. – Os Lobos de Everam engordaram com o saque das terras verdes e ferozes como os animais que lhes dão nome. Jurim não se mostrará sem a proteção dos seus homens.

Os lobos permaneceram demasiado tempo sem trela.

– Jurim é uma alma perdida – disse Inevera. – O último kai'Sharum das Lanças do Libertador originais de Ahmann. A sua honra entre os Sharum é ilimitada.

– Um guerreiro tão honrado deveria receber-nos com os joelhos e as mãos no chão – comentou Asukaji. – E não ameaçando-nos com os seus homens.

Inevera abanou a cabeça.

– Diante de uma mulher? De um rapaz de branco que mal conhece? Jurim é um verdadeiro filho do Labirinto. É leal aos seus líderes Sharum. Ahmann e Shanjat, que foram para o abismo. A Jayan, que morreu. A Hoshkamin, por provar. Demonstrava-se submisso perante Hasik, hoje um eunuco renegado. Que guerreiro terá maior glória que ele?

– Sou o seu Damaji! – Asukaji cerrou um punho.

– Um rapaz que viu mamar na teta da mãe – disse Inevera.

– Então talvez lhe prove hoje o meu valor – respondeu Asukaji.

– Não o farás – negou Inevera. – Eu lidarei com Jurim.

– Damajah – disse Sikvah, quando Asukaji voltou ao seu silêncio abatido. – Jurim tem mais de trezentos dal'Sharum de elite com ele. Correrás perigo se...

Inevera olhou-a e a rapariga calou-se. Ashia partira, mas parecia-lhe que a sua assertividade tinha sido passada a Sikvah, juntamente com o toucado branco.

– Não podemos trazer mais guerreiros da Fortuna de Everam sem alertar os alagai para os nossos planos – disse Inevera. – E não haverá outros reforços. Precisamos de Jurim e dos seus homens para termos alguma esperança de sobreviver à Lua Nova que aí vem.

– Diz-se que Hasik tem mais de mil Sharum no Mosteiro da Aurora – comentou Asukaji. – Talvez empregássemos melhor o nosso tempo aí. Talvez pudéssemos visitar Hasik antes da chegada da Lua Nova para lhe recordar os seus juramentos.

– A tua irmã ocupa-se disso – disse Inevera. – Mas essa informação não poderá deixar esta carruagem.

Asukaji abriu a boca de espanto.

– Ashia? Enviaste-a para norte?! Onde está o meu filho?!

Inevera esbofeteou-o. Pestanejou-lhe, atordoado. Alguém o teria esbofeteado durante a sua privilegiada vida inteira? Sikvah estudou as guardas pintadas nas unhas, fingindo não ter visto.

– O teu sobrinho está com a mãe, caminhando no limiar do abismo porque tentaste assassiná-la e fizeste girar os dados do destino. Aproxima-se de Hasik agora mesmo. Libertará ele o khaffit.

– O khaffit?! Arriscas a minha irmã e o único neto do Libertador... o teu único neto... por aquele gordo comedor de porco?

– Arrisco-os pela Sharak Ka – disse Inevera. – Os dados preveem que o khaffit terá ainda um papel a desempenhar.

Asukaji recompôs-se, deslizando do banco e ajoelhando-se no piso da carruagem.

– Talvez o mesmo se aplique a mim. Envia-me a mim, Damajah. Irei para norte para salvar a minha irmã e o meu... sobrinho.

Inevera pousou-lhe uma mão no ombro.

– Demonstras respeito, pelo menos, Damaji. Por isso, digo-te, respeitosamente, que não tens treino ou talento para tal tarefa. As terras alagadas são vastas, com pouca comida e água doce, mesmo para quem saiba procurá-las. Abundam os demónios do pântano e do sapal, que se tornam invisíveis no lodo e na podridão, cuspindo ácido sobre presas insuspeitas.

Asukaji olhou para cima, encontrando-lhe o olhar.

– Foi para aí que enviaste a minha irmã e uma criança?

Inevera acenou afirmativamente.

– E não precisam de ser salvos por alguém como tu. Terias sorte se Ashia não te matasse quando te visse. O Libertador não te teria curado se não tivesses também um papel a desempenhar na Sharak Ka. Sê paciente e Everam revelar-te-á qual é.

Asukaji encontrou o seu centro, curvando-se.

– Será como ordenas, Damajah.

Depois da curva seguinte, a estrada seguiu em frente durante quase quilómetro e meio, pela estrada acima. Inevera viu Jarvah esperando no topo, com Jurin e os seus tenentes. Era terreno perfeito para uma emboscada. Os Lobos aproximaram-se enquanto subiam, impedindo as outras carruagens e a coluna de Sharum'ting de chegarem ao topo.

Asukaji e Sikvah saíram da carruagem em primeiro lugar, posicionando-se de vigia de cada lado dos degraus enquanto Inevera descia. As suas sedas eram vermelhas como sangue.

Jurim e os seus homens erguiam-se sobre a minúscula Jarvah no seu pequeno cavalo de guerra. Como esperado, os Lobos ignoraram a rapariga, concentrando-se em Inevera, nos seus guardas eunucos, em Asukaji e em Sikvah.

– Damajah. – A vénia de Jurim foi respeitosa, mas não demonstrava a obediência exigida pelo seu título. Inevera esperou que assim fosse, mas a arrogância e o desrespeito incomodaram-na tanto como ao seu sobrinho.

– Jurim. – Não se curvou. – Agrada-me ver-te.

– Tens sorte por ter aceitado este encontro depois de a tua cadela Sharum'ting ter cortado a mão a um dos meus homens.

Inevera sorriu atrás do véu.

– Se assim é, terá sido porque tocou com ela um sítio proibido por Everam. – Jurim grunhiu como um camelo, mas não contestou a afirmação.

– És necessário na Cisterna de Everam – disse Inevera. – Leva os teus homens para norte como se nos separássemos, volta para trás atalhando terreno e junta-te a nós na cidade. Apresenta-te ao Instrutor Qeran quando chegares.

Virou-se para partir, rezando por um dos raros futuros em que a sua ordem seria suficiente.

– E se não o desejar? – perguntou Jurim, parando-a a meio do movimento.

– Que importam os teus desejos na Sharak Ka? – perguntou Inevera.

– Sharak Ka! – gritou Jurim. – Um mito para forçar guerreiros a obedecer. É pela Sharak Ka que sangramos e morremos nas terras verdes? É pela Sharak Ka que Jayan foi derrubado diante de Angiers? Ou apenas pela glória dos homens? A Sharak Ka nunca me interessou tanto como a Ahmann. – Jurim virou-se, caminhando para trás e para diante sobre o topo da colina. – Não que alguma vez me tenha perguntado o que me interessava ou me tenha coberto de glórias, como fez a Hasik e Shanjat. O meu lugar na fila da ração falhou por pouco a grandeza.

– Resta ainda tempo para a glória, Jurim – disse Inevera.

– A glória é um farrapo de fumo de lanterna, Damajah. Escapa entre os dedos que tentam agarrá-la. Não pode ser agarrada. Não pode gastar-se. – Jurim indicou com um braço a vista do topo da colina. – As terras verdes são vastas. Os seus homens são fracos e as mulheres macias. Os seus povoados são ricos em saque. Diz-me. Porque deverão os meus homens e eu regressar para lutar e morrer pela glória?

– Se desobedecerem, os teus Lobos não serão bem-vindos em Krasia ou no Outeiro – declarou Inevera. – Quanto tempo vos restará até serem esmagados entre nós?

– Existem outros poderes nas terras verdes – disse Jurim.

– Hasik? – Inevera riu-se. – Como poderão os Lobos deleitar-se com as mulheres macias das terras verdes como eunucos?

Jurim apoiou-se na lança.

– Será melhor obedecer ao instrutor bêbado e aleijado que me fez cair seis metros do alto do Labirinto por me ter rido de um khaffit?

– Abban ainda não era khaffit – recordou Inevera. – Era um dos teus irmãos nie’Sharum.

Jurim cuspiu-lhe no chão perto dos pés.

– Os khaffit são sempre khaffit, mesmo que a sua natureza não tenha ainda sido revelada.

– Cão Sharum! – Asukaji ergueu o punho. – Ajoelha-te e pede perdão à Damajah ou...

Jurim repetiu o seu riso de camelo enquanto os seus tenentes erguiam bestas. Outrora, os Sharum Kaji tinham considerado desonrosas as armas de disparo, mas a honra tornara-se rara entre os Lobos.

– Ordenarias aos teus homens que alvejassem o seu próprio Damaji? – perguntou Asukaji. Inevera maravilhou-se por ver que o rapaz continuava suficientemente ingénuo para se sentir chocado.

Jurim voltou a grunhir.

– Matava alagai no Labirinto com o Libertador, rapaz, antes que Ashan erguesse o nariz e espetasse a tua mãe medonha. Não preciso dos meus homens para matar um push'ting miserável como tu.

– Então diz-lhes que baixem as bestas – rosnou Asukaji, erguendo a vergasta.

Jurim grunhiu de desprezo.

– As tuas ordens não têm peso aqui, rapaz. Rasteja de volta para a teta da tua mãe.

Inevera aproximou-se do senhor da guerra. Graciosa como uma dançarina de almofadas, aumentou o movimento natural das ancas o suficiente para captar o olhar de Jurim.

– Ahmann podia estar enfeitiçado por ti, Damajah, mas eu não – disse o senhor da guerra. – E a tua magia demoníaca não funcionará durante o dia.

Inevera ergueu as mãos vazias.

– Já não há ninguém na fila da ração à tua frente, Jurim. – Continuou a aproximar-se lentamente, espaçando os passos para esticar as sedas sobre as curvas. – Ahmann e Shanjat desapareceram. Hasik está capado e vive no exílio. Qeran está aleijado e serve um khaffit. Os Sharum precisam de um verdadeiro líder, se a tua ambição te permitir mais do que saquear aldeias chin.

Inevera ficou junto a ele e, pela primeira vez na sua vida, Jurim atreveu-se a olhá-la abertamente.

– Everam me amaldiçoe por não ter visto a verdade quando vestias sedas transparentes para provocar o Shar'Dama Ka e tentar a sua corte.

– Que verdade, kai'Sharum? – perguntou Inevera.

– Todos acreditámos que tinhas hipnotizado Ahmann com magia de demónio, mas talvez tenha sido apenas com magia de mulher, afinal. – Ergueu a mão para lhe tocar o cabelo.

Inevera segurou-o pelo polegar, esticando-lhe o braço e torcendo, imobilizando-lhe os ossos enquanto aplicava a técnica do escorpião, curvando-se para diante e pontapeando sobre a cabeça para o atingir no peito.

Jurim bateu no chão com força, mas era uma Lança do Libertador e adaptou-se rapidamente, usando o impacto para se erguer novamente com a lança pronta.

Inevera não deu qualquer indício de que desejava continuar a luta, alisando as vestes para esconder as curvas que tinha exibido momentos antes.

– Resta-te esta única oportunidade, Jurim, para te ajoelhares e pousares a testa no chão.

Jurim voltou a grunhir, olhando os seus tenentes com as bestas.

Inevera inclinou a cabeça e Jarvah agachou-se agilmente sobre o seu cavalo, antes de saltar sobre um dos homens. O seu pontapé despedaçou-lhe a anca e fê-lo cair da sela enquanto lhe retirava a arma das mãos.

Antes que os outros pudessem reagir, Jarvah ergueu a besta e disparou, cravando um virote nas virilhas desprotegidas de um segundo tenente. Este uivou e deixou cair a arma, segurando a haste coroada de penas que o prendia à sela.

Sikvah moveu-se a seguir, voando como uma flecha. O seu vidro de arremesso cravou-se na mão de um guerreiro e deixou cair a besta, com o virote caindo, inútil. Outro guerreiro virou a besta para ela com mãos atabalhoadas. Jarvah saltou sobre três cavalos e pontapeou o pé do homem de um estribo enquanto o empurrava do cavalo abaixo. O segundo estribo prendeu-lhe o outro pé e a perna partiu com um estalo audível. Ficou pendurado, com a cabeça centímetros acima do chão enquanto Jarvah pousava a seu lado.

Os tenentes restantes gritaram e brandiram as armas, tentando mirar as mulheres ligeiras. Jarvah correu entre cavalos e desapareceu enquanto Sikvah arremessava a lança, atingindo outro homem no ombro. Um guerreiro conseguiu mirá-la, mas, com um estalo da sua cauda de alagai, Asukaji retirou-lhe a arma das mãos.

Outro grito e um guerreiro ao fundo caiu entre os cascos nervosos dos cavalos, depois de a correia da sua sela ter sido cortada.

O último dal’Sharum procurava freneticamente entre os cavalos um vestígio de Jarvah quando esta se aproximou dele por trás, subindo para a garupa do seu cavalo tão facilmente como correria por degraus acima. Prendeu-o numa chave de braços, encostando-lhe a faca de vidro à garganta antes de perceber que lá estava.

– Aponta-a ao teu kai – silvou.

Com os olhos desvairados de medo, o guerreiro apontou a arma trémula a Jurim. Após um momento, Jurim virou-se novamente para Inevera.

– O teu destino fica empenhado neste rumo, Jurim. Todos os teus homens observam. – Inevera iniciou um velho provérbio Sharum. – *A única saída do Labirinto...*

– *... é atravessando-o.* – Jurim mostrou os dentes e avançou com a lança erguida.

Era bom, lendo a defesa de Inevera e respondendo com um golpe antes do primeiro contacto. Inevera conseguiu defletir o golpe, mas a haste atingiu-a dolorosamente nos antebraços. Jurim estava pronto para o seu pontapé de escorpião desta vez, dando um passo ao lado enquanto retirava o escudo das costas e o enfiava no braço.

Jurim não se gabara em vão quando falou com Asukaji. Ahmann treinara pessoalmente os seus tenentes e os sharukin de Jurim eram impecáveis. Entre o alcance da lança e a cobertura do escudo, apresentava poucas aberturas.

Mas, como a maioria dos guerreiros, Jurim nunca tinha enfrentado uma dama'ting. Inevera aproximou-se e a lança longa tornou-se um ponto fraco.

Foi suficientemente rápido para lhe bloquear os pontapés e murros, sacrificando áreas menos importantes para bloquear o que considerava ser vital. Inevera cravou dedos rijos nas convergências que iam ficando descobertas. Costela de tigre. Chocalho de cascavel. A dor dilacerou-o, mas o guerreiro acolheu-a prontamente, virando o escudo para a empurrar.

Inevera esquivou-se ao golpe, rebolando sobre o escudo curvo para ficar atrás dele. Havia uma junta na armadura na base do elmo. Inevera uniu os punhos e golpeou com fúria divina.

Desferido com precisão, o golpe atingiria a coluna como um chicote, provocando um choque que deixaria o adversário paralisado durante vários minutos, recuperando lentamente a mobilidade.

Sem precisão, poderia matar ou deixar a vítima paralítica.

Jurim gemeu e caiu de lado no chão, incapaz de se mover. A sua lança afastou-se e o escudo pesado cobria-lhe o corpo inerte.

Inevera tirou-lhe o elmo com um pontapé e segurou o kai'Sharum pelos caracóis oleosos, virando-lhe a cara para olhar os seus tenentes, igualmente caídos e inutilizados no chão, mas bem vivos para testemunhar a sua derrota.

Curvou-se sobre a sua orelha, falando em voz baixa.

– Lembras-te do que Ahmann fez a Hasik à frente dos seus homens, tantos anos atrás?

Jurim engoliu em seco e esse era o máximo movimento que conseguia.

– Sim, Damajah.

– Precisas da mesma lição? – perguntou Inevera.

As Lanças do Libertador aprendiam a ignorar a dor, mas nenhum treino prepararia um homem para a dormência de um corpo que sempre lhe tinha respondido. Havia lágrimas nos olhos de Jurim enquanto lutava desesperadamente para se mover.

– Não, Damajah.

– Que farás? – perguntou Inevera.

– Levarei os Lobos de Everam para norte como se nos separássemos – disse Jurim. – Depois, voltaremos para trás atalhando terreno e juntar-nos-emos a vós na Fortuna de Everam. Apresentar-me-ei ao Instrutor Qeran.

– Ótimo. – Inevera acariciou-lhe o cabelo como se fosse um bicho de estimação. – Resta apenas a questão da tua gargalhada para resolver.

O temor voltou aos olhos de Jurim.

– Da minha... gargalhada?

– Esse grunhido de camelo repelente colocou-te em apuros em ocasiões anteriores. – Inevera deitou-o de costas e ergueu-lhe uma perna inerte, colocando-a sobre o seu ombro para que o guerreiro conseguisse vê-la. – Tratei a tua perna quando o Instrutor Qeran te atirou da muralha e a partiste. A fratura foi exatamente... aqui.

Golpeou e Jurim uivou. Não sentia nada, mas isso não ajudava a dissipar o horror quando voltou a ver osso projetando-se da coxa.

– Conseguiria sarar isto em momentos. – Inevera largou o membro partido, que caiu com um baque. – Mas, na tua infinita sabedoria, insististe que nos encontrássemos com o sol alto no céu.

Jurim parou de uivar, mas cerrou os dentes, incapaz de conter um gemido.

– Restam-te as horas do dia para refletires – concluiu Inevera. – Ao cair da noite, mostrarás a tua obediência e voltarás a jurar-me fidelidade. Depois, talvez te sare os ossos partidos.

Jurim e os seus tenentes rastejaram sobre membros partidos para lhe jurar lealdade ao anoitecer e Inevera manteve a promessa, sarando a perna de Jurim e gesticulando às suas irmãs-esposas que fizessem o mesmo pelos seus guerreiros feridos.

As guardas impediram que os alagai se aproximassem demasiado e, momentos depois, Jurim e os seus tenentes fugiram, levando consigo os Lobos de Everam.

Tinham enfrentado as suas Sharum’ting pelo caminho, mas foi um ardil que deixou apenas ferimentos menores em atores menos contidos.

– Os espiões alagai verão outra aliança falhada de um povo dividido – disse Inevera.

– Sabemos que não é essa a verdade, Damajah? – perguntou Sikvah. – Podemos confiar que Jurim regressará?

Inevera levou a mão à sua bolsa de hora.

– Os futuros são infinitos. Em alguns, regressa. Noutros, não o faz. Influenciei os acontecimentos tanto quanto me atrevo. Voltem ou não, a Cisterna de Everam terá de resistir.



TRINTA

CISTERNA DE EVERAM

334 DR

Jarvah esperava quando as muralhas da Doca se tornaram visíveis. Desta vez, sentava-se ao lado do seu irmão Sharu, o quarto filho de Ahmann, e do Instrutor Qeran. De cada lado da estrada, havia fileiras de Sharum, demasiado disciplinados para mostrar que tinham acabado de ser arrancados aos seus postos e beliches para escoltar a Damajah, que nenhum deles sabia que vinha a caminho. Muitos montavam desconfortavelmente, mais habituados à ondulação de um convés do que a uma sela.

O cortejo parou enquanto Sharu, Qeran e Jarvah avançaram até à carruagem de almofadas de Inevera. Eunucos abriram as portas, revelando Inevera deitada sobre o seu leito.

Mesmo com a perna de metal, o instrutor foi tão ligeiro a desmontar como os jovens Sharvah e Sharu, todos ajoelhando com as mãos no chão e a cabeça baixa.

– Damajah.

– Bem-vinda à Cisterna de Everam. – Inevera não precisou de ver a aura de Sharu para saber que sentia medo. Estava na sua voz e no ligeiro tremor nos seus membros. – Quando enviaste notícia de uma delegação, não referiste que pretendias liderá-la pessoalmente.

Inevera sorriu, deixando-o pendurado do anzol. Sharu tinha apoiado o seu meio-irmão quando Jayan desafiara o Trono dos Crânios no seu ataque a Angiers. Depois da ruína desse plano e com Asome como Shar'Dama Ka, o sangue valia-lhe o comando da Doca, mas não tinha experiência e era Qeran quem tomava as decisões reais. O rapaz era dispensável e sabia-o.

– Não quis que se soubesse – disse Inevera, por fim. – O teu instrutor teria enviado demasiados homens para defender a estrada.

– Teria sido ajuizado – concordou Qeran.

Inevera sorriu. Qeran era tão orgulhoso como qualquer Sharum, mas tinha merecido o seu orgulho e permanecia leal.

– Teria mostrado aos alagai o nosso intuito.

– Claro. – Qeran olhou com incerteza as quinhentas Sharum'ting que marchavam em formação atrás delas. – Mesmo sendo apenas um humilde Sharum, incapaz de perceber como quinhentos... guerreiros conseguirão fazer a diferença.

Não referiu que os guerreiros eram mulheres, mas Inevera soube o que pensava, tal como Sharu. E, com efeito, quinhentos era uma mera fração das forças da Doca.

– Trouxe mais do que guerreiros – disse Inevera. – A partir deste momento, sou eu quem comanda a Cisterna de Everam.

Os homens hesitaram. Aquilo era mais do que uma simples visita. Recuperaram prontamente, encostando as cabeças ao chão.

– Será como ordenas, Damajah.

– Que faz as vezes de um palácio neste estaleiro alagado? – perguntou Inevera.

– Depois de os chin incendiarem o palácio de Jayan, o armazém do khaffit tornou-se a sua base – respondeu Qeran. – É o edifício mais seguro e mais rico na cidade, com vista sobre o lago e a estrada.

Sharu tossiu.

– Instalei-me lá depois da partida do meu irmão, mas se desejares...

– Desejo – disse Inevera.

Sharu voltou a curvar-se.

– Será como ordenas. Enviarei estafetas para que os meus pertences sejam retirados e o armazém seja preparado para a tua chegada.

O «armazém» de Abban assemelhava-se ao homem. Um edifício atarracado e feio, cheio de engenho e indústria no seu amplo piso principal. Mas os pisos

superiores, onde o khaffit vivia e trabalhava, excediam em fausto a decoração mais audaz de um palácio de Damaji.

Havia fontes, seda colorida, caxemira e ouro. Cortinas grossas que ajudariam a lançar os hora. As janelas e paredes estavam já fortalecidas com magia, uma última dádiva de Asavi antes de regressar à Fortuna de Everam para tentar matar Inevera.

A sala maior, com grandes janelas com vista sobre a cidade e as docas, eram um sítio adequado para o trono almofadado que os eunucos de Inevera trouxeram às costas pelos degraus acima. A armação pesada era construída com os ossos de heróis e alagai em igual número. Os crânios do Andra Ashan e do Damaji Aleveran adornavam o apoio da cabeça, flanqueando o crânio de um príncipe de demónios. A estrutura estava guardada e revestida com electrum precioso decorado com pedras preciosas.

O trono almofadado não era tão antigo ou poderoso como o verdadeiro Trono dos Crânios, mas, com o poder do crânio do demónio da mente para o energizar, o trono projetaria uma barreira com mais de um quilómetro de raio. O suficiente para cobrir o cais e a maior parte da cidade. O alcance da barreira superava a distância de uma pedra arremessada por um demónio com alguma eficácia.

– Temos mais de dezassete mil Sharum na Doca – disse Sharu. Qeran desenrolou um grande tapete diante do trono almofadado, decorado com um mapa que mostrava a cisterna e as suas imediações.

Enquanto falava, os olhos de Sharu não paravam de se mover para o toucado branco atado sobre o elmo de Sikvah. A sua aura continha uma imagem familiar: a confusão de um homem que ainda não conseguira ver as mulheres como iguais que, pela primeira vez, encontrava uma mulher que lhe era superior. Sharu era filho do Libertador, mas, tal como a sua irmã Jarvah, só o seu véu era branco.

– Setenta e três kai’Sharum, dois mil duzentos e seis dal’Sharum, seis mil cento e setenta kha’Sharum e uns nove mil chi’Sharum – disse Qeran, retirando prontamente de uma bolsa no seu cinto figuras meticulosamente pintadas representando grupos de guerreiros e colocando-as sobre o tapete no local onde a Doca estava assinalada. – Além disso, temos uma frota de trinta e dois navios de guerra, quinze navios de carga e umas dezasseis embarcações menores. – Qeran colocou minúsculos navios pintados sobre a grande secção azul do tapete.

– Vejo porque tu e o khaffit se entendiam, Instrutor. – Inevera esboçou a Qeran um indício de sorriso.

– Queira Everam que o meu mestre regresse – disse Qeran. Não tinham falado de Ashia. Era duvidoso que Sharu soubesse, sequer, que a sua prima tinha

passado pela cidade.

Inevera acenou afirmativamente, olhando Sharu.

– Mais de metade dos teus guerreiros são chin. São leais?

– Durante a noite, absolutamente – respondeu Qeran, quando Sharu hesitou. – Durante o dia... – Encolheu os ombros. – Os recrutas da Fortuna de Everam são de uma tribo muito diferente dos homens-peixe da Cisterna. Não sentem qualquer apreço uns pelos outros e lutarão se lhes for ordenado que o façam, mas nenhum deles anseia pela guerra.

– Estes... homens-peixe têm recursos suficientes para reconquistarem a Doca? – perguntou Inevera.

Sharu abanou a cabeça.

– Os laktonianos não podem empenhar-se num ataque à Doca enquanto mantiverem o bloqueio.

Qeran caminhou com facilidade sobre a perna de lâmina metálica, agachando-se no ponto onde estava assinalado o mosteiro de Hasik, colocando mais navios pintados com a bandeira de Lakton.

– Mais de metade da frota laktoniana cerca o cais. Acreditamos que o seu plano era reconquistar o mosteiro antes de se voltarem para nós, mas a vinda de Hasik impediu-os. Os homens-peixe controlam as águas perto da sua cidade. – Qeran apontou uma pequena ilha no centro do lago, com o tapete mostrando o que parecia ser uma linha de centenas de navios presos uns aos outros. Posicionou modelos minúsculos de embarcações minúsculas e armadas patrulhando a água. – O resto do lago pertence-nos. – Qeran distribuiu navios marcados com as lanças cruzadas de Krasia, mantendo os laktonianos onde estavam. – Os nossos corsários impedem os homens-peixe de trazerem mantimentos suficientes da margem para a sua cidade flutuante. Descobrimos outros portos distribuídos à volta do lago e destruímo-los. Não têm fuga possível.

– Não lhes deixaste opção além do ataque – disse Sikvah.

– O nosso objetivo era apenas conter o inimigo durante o inverno enquanto Jayan ia para norte – disse Sharu. – Devia regressar e encher os porões dos navios com dal’Sharum para atacar a cidade flutuante e forçar a sua tribo a ajoelhar perante o Trono dos Crânios.

– Admites ter sido cúmplice da traição do príncipe Jayan, primo? – perguntou Asukaji.

– Que podíamos fazer? – Sharu parecia ávido por se defender. – Abandonar o posto que nos foi atribuído pelo primogénito do Libertador? Recuar e deixar os

homens-peixe escaparem à nossa rede cuidadosamente posicionada?

– Realmente, não poderiam fazê-lo – concordou Inevera. – Agiram bem em condições difíceis.

Sharu suspirou.

– Então porque...

– Vim à vossa cidade sem soldados suficientes para tomar a cidade no lago? – completou Inevera. – Os dados previram uma Lua Nova negra sobre a Doca.

O receio que tinha abandonado a aura de Sharu regressou, multiplicado por dez. Inevera quis ser compreensiva. Era jovem e inexperiente. Mas era filho do Libertador. Os outros guerreiros olhariam o seu exemplo.

– A partir deste momento, obedecerás à Sharum'ting Ka – disse-lhe Inevera.

Sharu voltou a olhar Qeran, mas o instrutor ergueu uma mão, endireitando as costas.

– Não me olhes, rapaz. Curva-te e diz à Damajah que compreendes.

Sharu virou-se e os dois homens curvaram-se.

– Será como ordenas, Damajah.

Viraram-se para olhar Sikvah, que continuava a estudar o mapa. Puxou por um cordão dourado entrançado, dispondo-o num círculo preciso sobre o mapa, cercando grande parte da baía e metade da cidade.

– O trono almofadado cobrirá este círculo com uma barreira. Instrutor, posiciona os teus melhores navios nesta parte da baía antes da Lua Nova para que fiquem protegidos.

– Isso deixará aberturas para os homens-peixe reagruparem e atravessarem a nossa rede – referiu Qeran.

– É inevitável – disse Sikvah. – Vi pessoalmente aquilo de que os demónios da mente são capazes. Se um dos príncipes de Alagai Ka se erguer perto da Doca na Lua Nova, os alagai aquáticos poderão começar a usar ferramentas.

Qeran abriu a boca de espanto.

– Ficaremos indefesos enquanto os barcos se movimentarem. Será feito, Sharum'ting Ka.

– Triplica a guarda das muralhas durante a Lua Nova – ordenou Sikvah. – Mas devemos presumir que falhará. – Apontou o cordão dourado. – Deveremos construir uma segunda defesa da barreira.

– Se os alagai chegarem tão longe, o trono não os manterá à distância? – perguntou Sharu.

– Não os impedirá de arremessarem pedras ou projéteis em chamas – disse Qeran. – Poderão destruir a cidade sem entrar.

– O poder do trono não é infinito – disse Inevera. – Nem é alimentado pelos próprios demónios, como sucede com as guardas externas. Se alagai em número suficiente atacarem em uníssono, o campo enfraquecerá e pressionarão lentamente, como se nadassem contra a corrente. Os príncipes dos demónios saberão isto e tentarão aproveitar a fraqueza.

– Devemos atrasar, prender e matar os alagai que conseguirmos antes de alcançarem a barreira, para assegurar que permanece forte. – Sikvah estudou a área do mapa entre o cordão dourado e as muralhas da cidade. – Temos uma semana para transformar estas ruas num novo Labirinto.

– A maré está baixa – disse Qeran, enquanto a noite da Lua Nova caía.

Inevera tinha fortalecido as defesas da cidade da melhor forma que conseguia, mas os preparativos pareciam incrivelmente inadequados se os alagai investissem com todo o seu poderio. Em baixo, grande parte do piso do armazém tinha sido esvaziado e limpo, coberto com pano branco enquanto ela e as suas irmãs-esposas esperavam a chegada dos feridos.

E Jurim continuava sem se apresentar.

– Hã? – perguntou Inevera.

Qeran apontou o cais visível pela janela.

– Aqueles marcos deviam estar já cobertos por água a esta hora.

– Se os alagai conseguirem passar, a água rasa funcionará em nossa vantagem, tornando mais fácil atacar os demónios da água. – Inevera girou um dos seus brincos. – Sikvah. Informa.

– As muralhas estão protegidas, Damajah – respondeu imediatamente Sikvah. – Cada centímetro está sob olhares de Sharum, com reservas esperando reforçar quaisquer brechas. O Labirinto está pronto para ser ativado. A barreira será a terceira defesa.

– Os alagai? – perguntou Inevera.

– Nenhum foi avistado até agora, Damajah – disse Sikvah. – Mas o nevoeiro noturno é denso. Poderão usá-lo para se aproximarem. Posso ordenar uma saraivada de flechas...

– Barba de Everam – disse Qeran.

– Aguenta, por enquanto – respondeu Inevera.

– Como ordenas, Damajah.

– Precisamos de sair – disse Qeran.

– Hã? – Inevera virou-se para olhar o instrutor, que apontava novamente a janela, desta vez indicando o horizonte.

– Precisamos de sair já! – gritou Qeran.

Inevera focou o olhar na luz de Everam, vendo além dos limites da sua visão natural. A água abandonava rapidamente a baía, com os pontões rangendo enquanto os navios começavam a afundar. Mas, à distância, conseguia ver crescer uma onda que ameaçava esmagar o cais como se fosse a mão de Everam.

Inevera tocou o brinco enquanto permitia que Qeran e Jarvah a empurrassem para a porta.

– Sikvah. Faz soar as trompas para evacuar o cais.

– Será como ordenas, Damajah.

As trompas já soavam quando alcançou o corredor. Qeran acenava-lhes para que se dirigissem para as escadas que conduziam à saída nas traseiras do edifício. Inevera virou-se para as suas irmãs-esposas e para os seus guardas eunucos.

– Acompanhem Qeran até ao centro da cidade.

– Para onde irás? – perguntou Qasha.

– Passaram demasiado tempo nas sombras, irmãs – disse Inevera. – Esta noite, precisarão de brilhar sozinhas. Vão. Agora.

– Como ordenas, Damajah. – Qasha, Umshala e Justya curvaram-se em uníssono. A seguir, viraram-se e partiram com os eunucos pelas escadas abaixo.

Inevera subiu. Atrás dela, ouviu Qeran praguejar, mas seguiu-a, juntamente com Asukaji. Jarvah acompanhou-lhe os passos em silêncio, adiantando-se para abrir a porta de aceso ao telhado, garantindo que era seguro.

O vento soprava com ferocidade, afastando o véu de Inevera da sua face. Não fez qualquer movimento para o prender, voltando-se para a vasta sombra de água que subia no anoitecer e erguendo a sua varinha de hora.

Com o pulso direito, a varinha tornava-se uma extensão do seu braço e moveu-a como um pincel, deixando um rasto prateado no ar enquanto traçava uma pirâmide de guardas de impacto ligadas. A onda era demasiado grande para reduzir ou destruir, mas, como no sharusahk, talvez a sua força pudesse ser desviada. A forma cresceu exponencialmente enquanto canalizava poder e o enviava em direção à onda.

O impacto foi ensurdecedor quando a magia cortou a água, dividindo a onda como um bisturi cortando carne.

Por um momento, pelo menos. A onda dividiu-se, mas a água continuou a avançar e nem o poder imenso que aplicou, metade da carga da varinha,

conseguiria suster milhões de litros de água. A onda voltou a unir-se antes de atingir o cais, mas o seu poder tinha sido consideravelmente reduzido.

Talvez o momento adicional ganho tivesse poupado algumas vidas enquanto homens e mulheres fugiam do cais, mas não salvou os navios ou as tripulações mínimas no interior. Não salvou os operadores de balista Mehnding posicionados nos pontões largos.

Os navios que se afundavam no momento anterior ergueram-se no ar, despedaçando-se quando os cascos embatiam, fundindo-se num imenso aríete de madeira e água que dilacerou o cais e arrasou edifícios como se fossem castelos de areia.

Até o armazém de Abban abanou, mas os seus alicerces eram profundos, reforçados com um esqueleto de magia e vidro guardado. Inevera vergou como uma palmeira ao vento, mantendo o equilíbrio enquanto via a destruição da sua frota. Com um único golpe, os príncipes alagai tinham passado as suas guardas, destruindo o poderio naval crescente dos krasianos quando ainda estava na sua infância.

Água explodiu em redor, ensopando-os e atirando-os todos ao chão enquanto cobria o telhado.

– Damajah. – Qeran colocou-se a seu lado, não se atrevendo a tocar-lhe, mas via a necessidade na sua aura. – Precisamos de ir agora.

Inevera abanou a cabeça.

– O edifício conseguirá resistir...

– Não importa. – Qeran apontou o horizonte. A onda recuava já, com as águas voltando a ganhar força. – Ficaremos encurralados. Presos na rede do inimigo.

– Tomates de Everam! – exclamou Inevera, mas não desperdiçou mais tempo, correndo para as escadas. Todos eles canalizaram hora, movendo-se com rapidez e graça sobre-humanas pelos degraus inundados abaixo.

O brinco de Inevera começou a vibrar e alinhou as guardas sem abrandar.

– Damajah! – Inevera ouvia o desmoronar de pedra e os gritos dos guerreiros que rodeavam Sikvah. – Os demónios estão nas muralhas!

– Quantos? – perguntou Inevera.

– Todos! – gritou Sikvah. – Não conseguimos resistir!

– Diz aos homens nas muralhas que Everam está atento – disse Inevera – e traz as Sharum’ting para o centro da cidade. Encontrar-me-ei convosco lá.

Asukaji foi o primeiro a chegar ao patamar, com a água chegando-lhe às coxas. Havia restos de carga e de pano bloqueando as portas do armazém, mas o jovem dama ergueu o seu bastão de hora e abriu caminho à força.

Inevera saiu para as ruas alagadas da Doca, com as sedas roxas ensopadas e colando-se ao seu corpo. O seu véu perdeu-se no vento.

O caos abatera-se sobre a cidade. Homens, mulheres e crianças que julgaram que estariam abrigados na parte mais segura da cidade aglomeravam-se, tentando fugir para terreno mais elevado. A água chegava aos joelhos, com a corrente forçando-lhe o centro, arrastando escombros e cadáveres pelas ruas.

Tantos mortos e mal anoitecera.

– Para o centro da cidade! – Inevera usou a joia guardada que lhe prendia o corpete para ampliar a voz, fazendo-a ecoar pelas ruas. – Ajudem os vossos vizinhos! Não levem pertences! Everam está atento! Everam proteger-nos-á!

E canalizou, com pessoas e edifícios tornando-se um turbilhão enquanto passava por eles a grande velocidade, deixando um rasto de água agitada que os outros seguiam. Temeu por Qeran, com a sua perna metálica na água, mas não havia tempo a perder. Se o instrutor não conseguisse acompanhá-la, encontraria outra forma de ajudar.

Momentos depois, estava no centro da cidade, com a praça enchendo-se já com pessoas. Acabara de parar ao lado das suas irmãs-esposas quando Asukaji, Jarvah e Qeran se aproximaram.

Ouviu Sikvah antes de a ver, com a voz ampliada pela gargantilha enquanto cantava a *Canção da Lua Nova* diante de quinhentas Sharum'ting que cantavam.

– Cantem, Filhos de Everam! – trovejou Inevera. Não era difícil para a gente trémula e receosa da Doca, krasianos e chin, deixarem-se enlevar pela canção de Sikvah, cantada todas as noites no Sharik Hora. As suas vozes começaram por ser inseguras, crescendo em intensidade enquanto agarravam desesperadamente a esperança que lhes restava.

– Cantem, pois Nie ouve-nos!

Sikvah desmontou do cavalo, mas as suas guerreiras continuaram a cantar, liderando o coro da multidão. Cada mulher tinha um broche de hora, menos poderoso que os de Inevera e Sikvah, mas com poder suficiente para se elevarem acima da cacofonia.

– Damajah. – A voz de Sikvah era calma, mas a sua aura traiu-a. A sua primeira ordem real e já tinha falhado.

– As muralhas caíram – disse Inevera.

– As brechas estavam contaminadas quando parti – disse Sikvah. – Mas há mais alagai a penetrar as guardas exteriores a cada momento. É provável que haja já demónios no Labirinto.

Inevera acenou com a cabeça.

– Então é para lá que vamos. – Virou-se para as suas irmãs-esposas. – Leva as tuas Sharum’ting para leste, oeste e sul. Defendam o Labirinto.

– Como ordenas, Damajah – disse a mulher, gesticulando às suas guerreiras enquanto se afastavam.

– Irei para a secção norte do Labirinto – disse Inevera. A abordagem mais direta, onde os alagai seriam mais numerosos.

* * *

Inevera traçou uma guarda com a mão enquanto o demónio dos campos saltava da muralha sobre ela.

Mas até a varinha, com o cúbito de um demónio da mente no seu núcleo, tinha limites. Esgotado o seu poder, Inevera mal teve tempo de afastar as mandíbulas do demónio e rebolar com o impacto, agarrando-se ao alagai para se manter fora do alcance das garras desvairadas da criatura.

Inevera puxou a sua faca curva do cinto, abrindo o ventre vulnerável do demónio. Sangue negro salpicou as suas sedas sujas e cravou a varinha no ferimento antes que a magia do demónio conseguisse sará-lo. Os seus dados dançaram sobre as guardas gravadas no osso, canalizando intensamente.

Vendo-a banhada pela luz de Everam, parecia que a criatura se virava do avesso enquanto a mágoa era sugada do sangue negro nas suas veias, enchendo parte da reserva da varinha. Deixou-o a contorcer-se sobre o empedrado enquanto outro demónio investia contra ela, sendo prontamente cravado pela lança do Instrutor Qeran, que avançou para a cobrir com o seu escudo espelhado.

Jarvah cobriu o flanco oposto, golpeando metodicamente os braços de um demónio do sapal como se podasse ramos de uma árvore. O demónio cuspiu sobre ela, mas Jarvah defletiu o muco com o escudo. Atingiu uma parede de pedra, fumegando enquanto a derretia.

No nicho de emboscada, o combate prosseguiu. Uma Guarda de Investida de Sharum’ting empurrou um grupo de demónios para um fosso de demónio improvisado, um círculo de guardas unilaterais. Os demónios presos no interior ficariam ali até ao amanhecer, se o círculo não fosse quebrado.

Asukaji girou o seu bastão de hora como uma vergasta, esmagando cabeças de demónios com as guardas de impacto na extremidade mais pesada. Os seus nós dos dedos estavam cobertos com prata guardada e os golpes trovejaram sobre o inimigo. Um demónio da madeira conseguiu passar além da Guarda de

Investida, mas Asukaji estava lá, traçando guardas no ar para o forçar a regressar ao fosso.

Contido aquele grupo, Inevera ampliou os sentidos, puxando os fluxos de magia no ar. Saboreando-os.

– Por aqui. – Apontou a varinha. Montada no seu cavalo de guerra negro, Sikvah aproximou-se dela, unindo a sua voz à de Jarvah. O efeito da sua canção na magia ambiente no ar foi diferente do efeito das guardas, mas teve igual impacto. Sentiu a canção tecer invisibilidade à sua volta enquanto as Sharum'ting que vinham atrás faziam o mesmo por si mesmas.

Muitos dos demónios que enchiam a cidade eram comuns, parecendo mover-se sem orientação além dos seus desejos violentos. Mas havia outros, alagai arrancados às profundezas do abismo, ancestrais e repletos de magia. Dois desses gigantes dilaceravam uma companhia inteira de chi'Sharum na pequena praça mais à frente.

Camuflados pela canção de Sikvah, Inevera e a sua companhia eram invisíveis para os demónios até atacarem. O empedrado do chão explodiu enquanto Asukaji traçava guardas com o bastão, desequilibrando demónios. Sikvah baixou a sua lança longa e galopou contra um deles, atingindo-o em cheio no ventre com um ataque calculado com minúcia para contribuir para o seu desequilíbrio.

O demónio de seis metros pousou um joelho no chão, mas o golpe, que teria matado um demónio da rocha comum, pareceu pouco mais que um incómodo. Sikvah tentou libertar a lança, mas resistiu-lhe e, na hesitação desse instante, o demónio golpeou, fazendo-a cair do cavalo abaixo.

Sikvah saltou a tempo, rebolando no chão e voltando a erguer-se com o escudo e a lâmina curta erguidos. Moveu-se num borrão indistinto enquanto voltava a aproximar-se, dançando para escapar aos golpes pesados do demónio. Golpeou uma e outra vez com a lança de vidro, descarregando clarões de magia e dor pelo demónio, mas os ataques pareceram apenas irritá-lo.

Asukaji continuou a golpear o outro demónio com guardas de impacto até o fazer cair, com os chi'Sharum lançando correntes para lhe prenderem as pernas. Guardas cintilaram e foram forçadas enquanto o demónio poderoso fletia os músculos e testava a sua força.

Jarvah e Sharu avançaram, irmão e irmã lado a lado enquanto golpeavam o peito do demónio. O demónio golpeou com um grande braço, desequilibrando Sharum. Agitou as pernas e os guerreiros que puxavam desesperadamente a corrente fizeram lembrar guizos presos a uma fita.

Jarvah e Sharu mantiveram o seu esforço, protegendo-se mutuamente com os escudos enquanto desferiam golpes no momento preciso.

Tal como os de Sikvah, os seus ataques pareciam não produzir danos duradouros até Sharu completar o último traço e a guarda contra demónios da rocha cortada no peito blindado do demónio se ativar, canalizando o poder do alagai para formar uma barreira. A guarda brilhou com intensidade cada vez maior até as linhas se fundirem e o peito do demónio explodir.

Os guerreiros restantes caíram sobre o último demónio como formigas sobre uma casca de melão, cortando-a em pedaços menos poderosos. Inevera aproximou-se do cadáver do seu companheiro, pousando a mão na ruína do seu peito e canalizando para encher o reservatório.

O seu braço ardia e a mão com que segurava a varinha doía-lhe. Havia limite para a magia que um corpo conseguiria canalizar e sobreviver. Os seus olhos estavam secos e a garganta e as narinas ardiam-lhe, com os músculos ardendo.

Mas não havia tempo para pensar nos limites. Demónios dos pântanos saltaram para as ruas, com as muralhas praticamente destruídas. Durante quanto tempo tinham lutado? Quantas horas faltavam até ao amanhecer? Perdia-se a noção do tempo em batalha, na caça. Parecia-lhe que tinham passado dias desde que comandara duas Sharum’ting cantando a partir do centro da cidade. O tempo anterior a isso parecia-lhe outra vida.

Havia demasiados demónios.

– Todas as forças, recuem para a barreira! – Inevera usou os brincos para se dirigir às suas irmãs-esposas, pedindo que transmitissem a mensagem aos seus kai’Sharum.

Sikvah ergueu a cabeça quando as trompas soaram.

– Três unidades Sharum estão aprisionadas no terceiro círculo.

Inevera puxou pela varinha quase totalmente carregada, arrancando-a ao peito do demónio com um ruído molhado.

– Indica o caminho.

O braço de Inevera estava pesado, com a varinha de hora esgotada. Sentia um aperto na garganta enquanto gritava ordens, com os músculos protestando enquanto lutava e corria.

As guerreiras nem perceberam, fortalecidas sempre que as suas armas guardadas atingiam o inimigo, mas os utilizadores de hora gastavam algo em si

sempre que canalizavam o poder. Asukaji apoiou-se no seu bastão, com aura perigosamente ténue.

– Não podes manter isto – disse-lhe ela. – Usa o teu bastão e as tuas pratas, mas não traces mais guardas.

– E tu? – perguntou Asukaji. – Vejo que a tua aura também perde o brilho, Damajah.

– Faço isto há muito mais tempo que tu, sobrinho – respondeu Inevera, mas sabia que estava certo.

– Não inverteremos o rumo da batalha lutando corpo a corpo – disse Asukaji.

Com efeito, a sua situação piorava de forma gradual. De uma pequena colina sobre o campo de batalha, Inevera conseguia ver os portões destruídos, com demónios aglomerando-se para passar. O Labirinto tinha sido perdido, com alagai passando lentamente além dos defensores a caminho do trono almofadado cada vez mais fraco. A baía era agitada por demónios da água.

A seguir, uma trompa soou pela noite, acompanhada pelo ruído de trovões. A magia começou a cintilar além da muralha enquanto trezentas lanças investiam contra as fileiras de demónios pela retaguarda.

Jurim chegara com os Lobos de Everam para lhes roerem os calcanhares.

As dama’ting orientaram a colheita dos corpos sem vida mas ainda ricos em magia dos alagai antes que o amanhecer os reduzisse a cinza. Foram arrastados para celeiros e armazéns, cortados em pedaços enquanto o seu sangue negro era recolhido em tinas.

Tradicionalmente, a carne de demónio era desfeita com ácido e os ossos eram tratados para os preparar para guardas, mas não havia tempo para tais luxos. O poder enfraquecido do Trono Almofadado precisava de ser ampliado. Guardadores de Fosso Sharum usavam a carne de demónio crua para alimentar novas armadilhas no Labirinto.

O trono recarregaria naturalmente, canalizando magia ambiente durante a noite, mas a sua reserva estava quase esgotada e poderiam passar meses até recuperar a totalidade do poder dessa forma. Inevera ordenou que as janelas da sala do trono fossem tapadas e instruiu Asukaji a usar hora para acelerar a sua restauração.

As dama’ting montaram uma nova sala de operações na cave do palácio queimado de Jayan, trabalhando em escuridão completa enquanto cortavam e cosiam, usando a luz de Everam para se orientarem. Pintaram guardas à volta

dos ferimentos com o sangue negro recolhido, acelerando a recuperação de ferimentos que, de outra forma, poderiam demorar mais tempo que o Trono Almofadado a recuperar.

A própria Inevera trabalhou nas mesas de operação, aconselhando as suas irmãs-esposas e ocupando-se dos casos mais difíceis. Estavam todas drenadas e exaustas, passando do campo de batalha para a mesa de cirurgia sem tempo para mais do que uma lavagem de mãos e uma mudança de túnica.

Por mais que tentasse concentrar-se no paciente à sua frente, Inevera não conseguia evitar ver auras na sua visão periférica. O brilho ténue das dama'ting exaustas. A luz vacilante dos feridos. O vazio no ar quando a luz de alguém se apagava para sempre. Muitos deles eram antigas Lanças do Libertador, guerreiros que tinham matado alagai ao lado do seu marido durante vinte e cinco anos.

Os Lobos de Everam tinham sofrido baixas pesadas. A carga de Jurim à frente de trezentos guerreiros dal'Sharum frescos fez a diferença até chegar o amanhecer, com a sua ofensiva caótica destroçando o avanço cuidadoso e regular de Alagai Ka.

Mas os alagai regressariam ao anoitecer para a segunda noite da Lua Nova, tendo já fraturado as suas defesas além de qualquer possibilidade de reparação e reduzindo o número de combatentes. Mesmo que alguns sobrevivessem até ao amanhecer, a terceira noite da Lua Nova seria o seu fim.

Um roçar ténue como uma pena contra as cortinas de entrada, uma série de camadas de veludo espesso para impedir a entrada de quaisquer indícios de sol na sala onde as dama'ting empregavam os seus feitiços de cura.

– Fala – disse Inevera.

– Damajah, és necessária nas docas. – Sikvah usou a magia da sua gargantilha para que as palavras fossem ouvidas apenas pelos seus ouvidos.

Inevera entregou o seu paciente a alguém e passou as cortinas para a sala de preparação, onde começou imediatamente a despir as vestes ensanguentadas.

– Informa.

– Os homens-peixe chegaram – disse Sikvah, passando-lhe uma barra de sabão.

– Tomates de Everam. – Inevera cuspiu sangue para o ralo da tina. – Quantos?

Criados corriam já para a secarem com toalhas e para a ajudarem a vestir uma túnica limpa de seda tingida de um azul intenso.

– Todos – respondeu Sikvah.

A luz brilhante fez Inevera pestanejar enquanto saía da Câmara das Sombras improvisada. O sol ia alto no céu, refletindo-se na água.

Da pouca água que se via. Centenas de navios enchiam a baía, flutuando entre os destroços da frota krasiana. Mais navios do que Inevera alguma vez imaginara que pudessem existir.

– Os dados não deviam ter previsto isto? – perguntou Asukaji.

– Poderiam tê-lo feito se me tivesse dado ao trabalho de perguntar. Os alagai hora não partilham informação por sua iniciativa, sobrinho. O foco dos meus lançamentos da semana passada foram os alagai e as nossas defesas e não as ações dos homens-peixe.

As palavras revelavam muito, anulando a sua aura de infalibilidade, mas o rapaz aprendeu a lição. Os dama faziam já experiências com as guardas de previsão.

– Mesmo feridos e exaustos, os nossos guerreiros conseguirão fazê-los pagar em sangue pela praia – disse Sikvah. – Mas, contra tais números, a derrota é inevitável.

Asukaji cuspiu na água.

– Não são melhores do que os servos de Nie, atacando depois de os alagai nos terem enfraquecido as defesas.

– Não foi diferente da nossa forma de agir na Batalha da Doca – disse Qeran. – Deixando que os alagai lhes reduzissem os números antes de atacarmos. Poderíamos conseguir novamente tal vitória se mantivermos os laktonianos aglomerados na baía até ao anoitecer...

Inevera abanou a cabeça.

– Não. Nunca mais. Everam julgar-te-á desfavoravelmente essa noite quando percorreres o caminho solitário, instrutor. É melhor que tenhas muito para equilibrar a balança.

Qeran ajoelhou-se sobre o pontão e colocou as mãos no chão.

– Estou preparado para enfrentar o juízo eterno de Everam, Damajah.

– Com efeito. – Inevera sabia que, tendo sido Qeran a executar o plano, este tinha sido concebido na mente do khaffit. Não era a primeira vez que se questionava sobre o motivo de arriscar tanto por uma criatura tão desprezível. – Se chegar a esse ponto, abandonaremos as terras alagadas e regressaremos à Fortuna de Everam. – As palavras azedavam-lhe os lábios. – Não deixarei que a nossa arma seja destruída por uma cidade arruinada.

Mas os laktonianos não enviaram os seus navios num ataque ao cais. Em vez disso, duas grandes embarcações cinzentas afastaram-se das restantes, aproximando-se e colocando na água botes com a bandeira branca.

O palácio improvisado de Inevera ainda se erguia numa ilha entre escombros. O piso do armazém fora arruinado pela inundação, mas os pisos superiores permaneceram secos e seguros.

Enroscou-se sobre o Trono Almofadado, vendo com agrado que voltava a brilhar intensamente. Enormes quantidades de hora foram drenadas para restaurar a sua reserva de poder.

A frota inimiga enviou dois emissários, um homem e uma mulher, para negociar com eles. A mulher era facilmente reconhecível dos seus cartazes de criminosa procurada.

– Bem-vinda, comandante Dehlia. É uma honra conhecer-te. O nome Lamento do Sharum cobre-se de glória nas águas.

Os seus olhos moveram-se para o homem, com a aura ardendo sob vestes faustosas que pareciam demasiado pesadas sobre ele, como se não estivesse habituado ao seu peso.

– E tu és?

O homem avançou.

– Sou o duque Isan de Lakton, eleito esta manhã pelo conselho de comandantes.

– O duque Reecherd morreu? – perguntou Inevera.

– Morto durante a noite – disse Isan.

– O meu povo fala dos homens-peixe como cobardes, mas é arrojado da tua parte vires pessoalmente, duque Isan. – Inevera saudou-o com uma vénia. – Tens assim tanta confiança no vosso número?

– Precisava de vir – respondeu Isan. – Precisava de te olhar nos olhos.

Inevera arqueou uma sobrancelha.

– *Hmm?*

– A mãe do demónio da Doca – disse o duque em krasiano. – Jayan asu Ahmann am'Jardir am'Kaji, que chacinou a minha família.

– Isan... – O nome era familiar.

– Isan asu Marten – disse o duque. O teu filho despojou o meu pai do seu estatuto e atirou-o ao chão, pontapeando-lhe a virilidade até ficar reduzida a uma papa de sangue, antes de o executar à frente da minha mãe e da sua corte. Isan

asu Isadore. O cadáver do meu pai ainda não tinha arrefecido quando Jayan asu Inevera obrigou a minha mãe a casar, levando com a caneta no olho. Pendurou o seu corpo arruinado do mastro da bandeira para que todos a vissem. Isan irmão de Marlan. O teu instrutor – o duque indicou Qeran com um movimento da cabeça – verteu alcatrão sobre o navio do meu irmão e demónios da água puxaram-no e a mais de trezentos homens para as profundezas.

A aura de Qeran tingiu-se com vergonha ao ouvir as palavras, mas manteve o silêncio. Inevera ergueu-se.

– O meu instrutor pecou contra Everam quando vos expôs aos alagai – disse Inevera. – O Criador o julgará.

Começou a descer os degraus.

– O meu filho cometeu crimes graves contra vós, pelos quais Everam o julgará, neste preciso momento.

Chegou ao chão, aproximando-se de Isan. Todos ficaram tensos.

– Mas fui eu quem ordenei o ataque ao teu povo.

– Para capturar a colheita – disse Isan.

– Para vos capturar a vós – argumentou Inevera. – Para juntar forças contigo na batalha contra Nie.

Estava próxima. Isan parecia querer recuar, mas manteve-se firme, enfrentando-lhe o olhar. Com a luz de Everam conseguia ver a lâmina escondida sob a sua casaca.

– É a mim que pertence a derradeira responsabilidade pelo que te foi feito e ao teu povo. – Inevera abriu os braços, vulnerável com a sua seda fina. – Pretendes desferir o primeiro golpe por eles e reavivar a batalha para o teu povo enquanto Alagai Ka se move pela noite?

O olhar de Isan ficou desvairado, com a mão aproximando-se da lâmina. Inevera conseguiria travá-lo, partindo-lhe o pulso antes de conseguir extrair a arma da casaca. Mas o duque pareceu encontrar o seu centro, deixando cair novamente a mão a seu lado.

– Olhaste-me nos olhos, duque Isan de Lakton – disse Inevera. – Que viste?

– Vejo que não és um nuclita – afirmou Isan. – Vejo que tens o único abrigo na margem do lago suficientemente grande para proteger o meu povo. E, por isso, vim testar pessoalmente a tua afirmação. Desejas realmente aliar-te a nós?

– Que Everam seja minha testemunha. Sim, desejo – respondeu Inevera. – Negociaremos os termos de boa-fé, mas, na noite vindoura, o nosso abrigo será também vosso.

Isan curvou-se numa vénia rígida.

– Obrigado... Damajah.

– Conta-me o que aconteceu – pediu Inevera.

– Os demónios estavam calados há semanas – disse Dehlia. – Mas as águas profundas começaram a agitar-se ontem ao anoitecer. A princípio, pensámos que não fosse nada fora do normal, mas, depois, os demónios leviatãs começaram a saltar da água e a mergulhar, criando onda após onda, cada uma superando a intensidade das anteriores.

«Quando percebemos o que acontecia, mal tivemos tempo de soar o alarme. O Lamento avançou a grande velocidade para a cidade, mas que podíamos fazer para nos defendermos de tal coisa?

– A ilha foi inundada – disse Inevera.

– Afogada – corrigiu Isan. – Mas a ilha era apenas uma minúscula fração de Lakton. Três quartos da cidade eram constituídos por centenas de navios atracados à volta do centro e ligados por pranchas e pontes. Cortámos desesperadamente os cabos, libertando o máximo de embarcações que conseguimos. Afastávamo-nos quando as piores ondas chegaram.

– Quantos se perderam? – perguntou Inevera.

Isan ergueu as mãos no ar.

– Quem poderá dizê-lo? Alguns estavam apenas encalhados, podendo encher-se de refugiados e zarpar em pouco tempo. Outros não flutuavam livremente há cem anos ou mais. Os que sobreviveram às ondas foram caçados por demónios da água pela noite fora.

– Incendiaram todos os outros portos – disse Dehlia. – Os demónios destruíram o bloqueio e terão presumivelmente capturado o mosteiro durante a noite. Não temos outro sítio para onde ir.



TRINTA E UM

HORTO RIJO

334 DR

– O último abrigo caiu – anunciou Mãe Jone.

O último, pensou Ragen. As palavras implicavam que os outros tinham caído e que a notícia tinha sido escondida da corte. Não havia notícias do Sul desde o regresso de Ragen. Qualquer Mensageiro que viajasse para a região dos abrigos perdidos não voltava a dar sinais de vida.

A corte enchia-se com o burburinho de conversas privadas, mas, quando ninguém ergueu a voz, Ragen deu um passo em frente e curvou-se. Euchor suspirou, mas agitou uma mão.

– Fala.

– Sua Excelência reconhece o neoconde da Manhã. – Jone bateu com o bastão e o burburinho cessou.

– Houve sobreviventes? – perguntou Ragen.

– Nenhum. – A boca de Euchor formou uma linha rígida. Os abrigos eram cruciais para alargar o seu poderio abaixo do Divisor. Angiers pertencia-lhe apenas nominalmente e os krasianos recuavam perante as suas armas de chama. O sonho de se tornar rei de Thesa, tão próximo da concretização, afastava-se.

Ragen escolheu cuidadosamente as palavras seguintes.

– Excelência, talvez seja o momento de ponderar a evacuação do Horto Rijo.

– Absurdo. – O conde Brayan colocou-se ao lado de Ragen. – Com a estrada para sul fechada, o Horto Rijo é o maior produtor alimentar de Miln e a sua colheita mal brotou. Pretendes que entreguemos o povoado?

– A colheira é mais importante que as vidas dos horteiros? – Ragen sabia que, para muitos na corte que tinham investimentos no Horto, a resposta era sim, mas, como suspeitou, ninguém se atreveu a formular um pensamento com essa frieza. – A Lua Nova está a poucos dias de distância. Se os nuclitas precisarem de atacar as muralhas da cidade até lá, não permitirão que o Horto continue de pé. Precisamos de evacuar.

– Tolice – desvalorizou Brayan. – O Horto sobreviveu a mil Luas Novas. As suas guardas são fortes.

– Não tão fortes como os abrigos de Sua Excelência – respondeu Ragen. – As Lanças da Montanha não tinham mulheres e crianças consigo, não tinham colheitas para proteger. E, mesmo assim, caíram. Que esperança poderão ter os horteiros?

– Que esperança terá qualquer um de nós se abdicarmos das nossas provisões de inverno? – perguntou Brayan. – E quem os acolherá? Encherás o Condado da Manhã com eles?

Tresha cruzou os braços e Ragen soube que escapava à sua autoridade fazer tal promessa, mas Elissa avançou e beliscou a mãe.

A condessa Tresha olhou a filha por um momento. A seguir, moveu um olhar igualmente neutro sobre a sala.

– Se os outros condados forem demasiado gananciosos para receberem o seu quinhão, o Condado da Manhã ocupar-se-á disso e deixará que o Criador nos julgue.

– A condessa da Manhã é generosa – disse Euchor. – Mas isto é prematuro. O conde de Ouro está correto. Não podemos abdicar do Horto sem luta.

Brayan cruzou os braços, satisfeito, e Ragen cerrou os dentes.

– Excelência, as palavras do conde Brayan parecem fazer sentido, mas não me parece que alguém que não o tenha testemunhado poderá apreciar quão perigosos os nuclitas se tornam na Lua Nova.

– De acordo. – Euchor bateu com a pulseira contra o braço metálico do seu trono, fazendo o som ecoar pela sala. – O neoconde da Manhã comandará a defesa do Horto Rijo.

Ragen moveu o olhar de Euchor para Brayan enquanto sentia os dentes da armadilha fecharem. Tinha sido aquele o seu plano desde o início e deixara-se apanhar.

– Não sou um soldado, Excelência.

– És o neoconde da Manhã – afirmou Mãe Jone. – Prometeste erguer a lança quando fosses chamado a fazê-lo pelo trono.

– Talvez o neoconde pondere enviar a sua sogra idosa no seu lugar – disse Brayan. Ouviram-se risos na corte.

Ragen curvou-se numa vénia rígida.

– Quantas Lanças da Montanha comandarei?

– Poderás levar duzentas – respondeu Euchor.

– Excelência... – começou Ragen.

– Recruta os teus conterrâneos se precisares de mais – disse Euchor. – Ou, melhor ainda, recruta os próprios horteiros.

– Deveras – disse Brayan. – Recruta os camponeses como o teu filho adotivo fez com os angieranos. Diz-se que defendeu o Outeiro do Lenhador com menos de cem homens.

Ragen inspirou fundo, grato por Yon não estar presente para ouvir.

– Como ordenas, Excelência.

Yon esperava junto à sua carruagem enquanto saíam do palácio do duque.

– Vou convosco – disse Elissa assim que a carruagem partiu.

– O Núcleo é que vais – replicou Ragen.

– Precisas de mim – disse Elissa.

– Para onde vão? – perguntou Yon.

Ragen ignorou-o, mantendo os olhos em Elissa.

– Miln precisa mais de ti. Isto é apenas o início. Os demónios sitiarão a cidade. Alguém terá de ficar aqui para se preparar.

– Sim! – gritou Yon. – Alguém quer contar ao resto de nós o que se passa?!

– Todos os abrigos foram destruídos – referiu Elissa. – Com a Lua Nova a três dias de distância, Euchor enviou Ragen para defender o Horto Rijo.

– Defender? – repetiu Yon. – Não há maneira de defender um sítio desses na Lua Nova. Temos de tirar as pessoas de lá.

Elisa fixou um olhar intenso em Ragen.

– Não te atrevas a ir lá.

Ragen expirou.

– Que queres que diga, Lissa? Não sou o Criador. Algum dia, alguma coisa me matará. Ou a ti. Isso não poderá impedir-nos de tentar viver da forma certa. Os horteiros precisam de mim agora e o Condado da Manhã precisa de ti. A lei diz

que podemos recrutar uma milícia. Yon e os seus outeireiros podem ficar e treinar...

– Mijo nisso – interrompeu Yon. – Não te deixarei ir para o Horto Rijo sem nós.

– Este combate não é teu, Yon – disse Ragen.

– É – afirmou Yon. – É combate de todos. Foi o próprio Libertador a dizê-lo. Não me importa que vás até ao Núcleo. Enquanto estiver por perto, terás Lenhadores a guardar-te a retaguarda.

Ragen quis continuar a argumentar, mas soube que seria impossível dissuadi-lo e não podia negar que se sentia mais seguro sabendo que Yon Grisalho estaria a seu lado quando os combates começassem.

– Não será suficiente – disse Elissa. – Não conseguirás defender o Horto Rijo com duzentas Lanças da Montanha e menos de vinte Lenhadores.

– Já chamei reforços – disse Ragen enquanto a carruagem parava no pátio da sua mansão.

O mestre de guilda Malcum espremia-se dentro da armadura que não vestia há vinte anos, erguendo-se diante de cinquenta Mensageiros e de mais cem guardas de caravana. Todos envergavam armadura polida e empunhavam lanças longas de aço guardado.

Derek erguia-se com uma vintena de Guardadores. Mais habituados a uma oficina tranquila do que à estrada e à noite desprotegida, estes empunhavam as lanças com desconforto, mas Ragen sabia que o seu contributo para a defesa seria maior que o dos guerreiros se fizessem bem o seu trabalho.

O tenente Woron aguardava com o sargento Gaims.

– De certeza que te sentes à altura disto? – perguntou Ragen. – Mal conseguiste regressar vivo.

– Estamos vivos graças a ti – lembrou Woron. – Euchor pediu voluntários entre as Lanças da Montanha. Cada homem que trouxeste virá connosco.

Ragen falara com aqueles homens numa pausa da reunião de corte e esperava que ali estivessem.

Não esperara Keerin.

Mas o arauto estava no pátio, rodeado por um grupo de aprendizes que se esforçavam para compreender a progressão complexa da música de Meia-Mão. Ragen aproximou-se dele e Keerin ordenou a suspensão da música.

– Não temos muito tempo para ensaiar, mestre de guilda.

– Euchor irá despedir-te se souber que...

– Demiti-me – disse Keerin. – Vou contigo.

Ragen sentiu um nó na garganta. Menos de um mês antes, desprezava aquele homem. Naquele momento... Olhou os aprendizes. Vários tinham medo nos olhos.

– Estão preparados?

– Não posso afirmar com franqueza que eu próprio estou pronto – disse o Jogral. – A minha mulher acha que enlouquecei. Mas, durante quinze anos, tenho reclamado mérito pelos feitos de Arlen Fardos. Noite, ordenei aos meus aprendizes que o espancassem por se atrever a dizer a verdade ao público. – Alguns aprendizes olharam os pés ao ouvirem aquelas palavras, mas não as negaram.

– Vi o que viste na estrada – disse Keerin. – Os demónios vêm aí. Começámos isto juntos quando trouxemos Arlen Fardos para aqui do Ribeiro de Tibbet. Uma boa história exige que a terminemos também juntos.

– Nada termina – disse Elissa. – Se te parecer que não conseguirás resistir depois da primeira noite da Lua Nova, tira aquela gente de lá e trá-los para Miln. Não me importa que comam tudo o que temos em casa.

– Não sou um mártir – comentou Ragen. – Não tenho qualquer intenção de morrer pelo orgulho de Euchor.

– Ragen – disse Amon Horto. – Graças ao Criador que vieste. Os demónios roem as guardas como se estivessem drogados com tampereira. Metade do povoado está pronto para fugir depois do que aconteceu no Abrigo Um.

Ragen acenou com a cabeça, mas não desmontou, virando Dançarino do Ocaso nesta e naquela direção, estudando a área.

– Ainda poderá ser necessário, Amon.

O velho abriu a boca de espanto.

– Trouxeste quase tantos soldados como a gente que vive neste maldito povoado. Dizes que não será suficiente?

– Digo que seria sensato começar a preparar sacos para o caso de precisarmos de partir à pressa – disse Ragen. – Nada de pesado. Só comida e roupa. Se precisarmos de ir, terão de conseguir fazer a viagem num único dia.

– Noite – murmurou Amon.

– Isso não é o pior. – Ragen desmontou do cavalo e retirou um mapa dos alforges, abrindo-o para que Amon o visse. – A colheita mal brotou – notou Ragen. – Facilita-nos o trabalho. Precisaremos que os nossos lavradores abram grandes guardas nos vossos campos.

Amon debruçou-se, semicerrando os olhos remelosos. De repente, arregalou-os.

– Isso arruinará metade da colheita!

– Vinte e sete por cento, pelos nossos cálculos – respondeu Derek.

– Só vinte e sete? – Amon ergueu as mãos. – Isso torna tudo soalheiro, não é?

– Se não perdermos esses vinte e sete por cento, não haverá ninguém para comer a colheita, Amon – disse Ragen. – Não vim apresentar uma petição ao conselho do povoado. Tenho uma ordem do próprio Euchor para recrutar os teus homens e fortificar este povoado. Faz-nos um favor e facilita-me a vida, está bem? A luz do dia esgota-se.

Amon olhou Yon e a coluna de soldados.

– Não temos grande escolha, pois não?

– É isso mesmo – admitiu Ragen.

Os postes guardados com espaçamento regular pelos campos e pomares formavam uma grelha perfeita e os Guardadores traçaram rapidamente as grandes guardas, orientando os arados dos horteiros. Os guardas da caravana de Malcum seguiram-nos com pás, enchendo os sulcos com cal em pó, formando um contraste profundo sobre a terra escura. Tiveram os cuidados possíveis, mas Ragen percebeu que as suas estimativas da destruição de colheitas pela passagem de muitos pés eram baixas.

O tenente Woron ordenou às Lanças da Montanha que escavassem trincheiras dentro da cerca exterior para poderem disparar em segurança e abrigo relativos. A parede interior tinha altura suficiente para disparar sobre ela, se precisassem de retirar.

Trabalharam durante três dias, prontos todas as noites e esperando um ataque de demónios que nunca aconteceu.

Esperam a Lua Nova, percebeu Ragen.

A terceira noite era o início do ciclo e, enquanto o Sol caía no céu, Ragen e Yon subiram ao campanário do Templo do Horto para examinar as defesas. As grandes guardas eram claras e limpas, formando uma barreira poderosa. Seria suficiente?

– Conheço a sensação – disse Yon enquanto via Ragen caminhar para trás e para diante.

– Sim? – disse Ragen. – Eu próprio não sei se a conheço.

– É como ter uma comichão que não se pode coçar – comparou Yon. – Recear tanto o que aí vem que se anseia pelo fim.

– Um pouco – concedeu Ragen. – Mas e se os nuclitas não se importarem minimamente com o Horto Rijo? Se estiverem prestes a atacar as muralhas de Miln enquanto perseguimos fadas e duendes?

Yon encolheu os ombros largos.

– Esse tipo de conversa não vai ajudar ninguém. Sei que estás preocupado, mas as pessoas esperam a tua liderança.

Ragen voltou a olhar. Não as defesas, mas os homens e mulheres que as preparavam. Mais do que um par de olhos ergueu-se na sua direção.

Endireitou as costas, forçando-se a parecer mais confiante do que se sentia.

– Que faria Arlen agora?

Yon riu-se.

– Faria um daqueles seus discursos, dizendo às pessoas que são todos Libertadores ou uma merda de demónio parecida.

Yon voltou a encolher os ombros.

– O Senhor Fardos é um rapaz humilde. As pessoas apreciaram isso. Gostaram de ouvir que podiam fazer a diferença porque o Criador sabe que podem. Mas só há um Libertador.

A última luz desapareceu e as guardas no elmo de Ragen ativaram-se, com os olhos vendo com visão guardada enquanto os demónios começavam a erguer-se.

– Nunca tive jeito para discursos. – Ragen virou-se e dirigiu-se para as escadas. – Todos conhecem o seu papel.

– Para o chão! – gritou Ragen.

Enquanto as Lanças da Montanha dispersavam uma jovem aprendiza de Guardador traçou uma guarda de impacto que despedaçou o penedo antes que pudesse rebolar sobre a grande guarda e danificar as linhas. Vários dos defensores não conseguiram esquivar-se a tempo, apanhados na onda de choque e atingidos pela pedra.

Ragen não percebeu que outra coisa a jovem poderia ter feito, mas olhou horrorizada para os homens feridos pelo seu feitiço, demasiado absorta para ver que outro demónio a mirava.

– Cara! – Ragen ergueu o estilete, mas a rapariga foi esmagada antes que conseguisse formar a primeira guarda. Os Guardadores tornavam-se cada vez

mais hábeis no uso de magia de hora, mas ainda não tinham experiência no campo de batalha.

Algo atingiu Ragen nesse momento, roubando-lhe o fôlego e atirando-o ao chão. Sentiu o ar deslocado por uma pedra que passou.

Yon saiu-lhe de cima, puxando Ragen com facilidade, mesmo com a armadura de aço, até se erguer novamente.

– Será melhor afastares-te da frente. Os demónios marcaram-te.

E, com efeito, de cada vez que Ragen se mostrava, os nuclitas pareciam fixar-se nele. Sabiam que deviam concentrar os disparos nos Guardadores, mas nem Derek atraía atenções como Ragen. Cobriu-se com a capa guardada e recuou lentamente até alcançar a área protegida por Keerin e os seus aprendizes diante da muralha interior.

Três das grandes guardas à volta do Horto Rijo tinham sido destruídas em sucessão. Os demónios desmantelavam deliberadamente as suas defesas, abrindo uma ampla área de ataque em vez de corredores estreitos fáceis de defender. Ainda não estavam prontos para uma investida declarada contra a muralha, mas os defensores sentiam já dificuldades.

As Lanças da Montanha pararam de lutar, poupando munições para defender a muralha interior. Metade dos homens fixou as baionetas, juntando-se aos combatentes corpo a corpo enquanto os restantes se posicionavam na muralha.

Centenas de horteiros seguiram os soldados, usando alfaias agrícolas pintadas com guardas para ajudarem a acabar com os nuclitas feridos.

A magia de retorno começara já a ter efeitos em alguns deles. Amon Horto deixou de se apoiar no ancinho. O velho usou-o para atingir um demónio dos campos tombado tão facilmente como, na juventude, o teria usado para trabalhar a terra. Guardas perfurantes nos dentes rasgaram o ventre do demónio.

Os horteiros mais jovens sentiam-se demasiado confiantes enquanto a força noturna os dominava, avançando para o combate ativo. Ragen ter-lhes-ia chamado corajosos, mas sabia que era um misto de medo, adrenalina e magia demoníaca. Uma mistura que podia matar gente que não fosse suficientemente forte para a controlar.

Uma onda de choque de magia atirou ao chão um grupo de defensores. Ninguém ficou ferido com gravidade, mas, enquanto se erguiam com esforço, alguns deles ficaram hirtos antes de começarem a usar ancinhos e enxadas contra pessoas que tinham conhecido durante toda a vida.

Ragen via que as vítimas tinham perdido as coberturas guardadas para a cabeça que lhes protegiam as mentes. Estudou a área, mas não havia sinais de um

demónio da mente. Olhar era suficiente para o deixar zonzo... confuso.

Sacudiu-se, erguendo o estilete e traçando guardas para invocar um vento contra a cal em pó que tinha sido colocada com pazadas na grande guarda inerte. O vento ergueu uma nuvem de pó e, no centro, havia uma forma humanoide, não maior do que um rapaz, com cabeça bolbosa e cónica.

– Demónio da mente! – gritou, traçando uma guarda elétrica e energizando-a com o máximo da reserva do estilete que ousava aplicar.

O relâmpago atingiu o demónio em cheio. Foi projetado de costas, com o campo de distorção à sua volta falhando. Derek e três outros Guardadores juntaram-se ao ataque, mas um demónio dos campos cambaleou em frente, crescendo com cada passo. As suas escamas engrossaram, formando uma carapaça dura de demónio da rocha enquanto se erguia sobre o seu mestre, recebendo os golpes e dando-lhe tempo para recuperar.

– Concentrem os disparos! – gritou Ragen. Flechas e virotes cobriram o mimético, fazendo-o parecer um ouriço-cacheiro enquanto Guardadores traçavam guardas de gelo. Balas das Lanças da Montanha racharam a armadura gelada.

Ragen descarregou o estilete com uma última guarda de impacto, estilhaçando a casca de tartaruga que o mimético tinha formado, mas, quando o fez, era já demasiado tarde. Entre os restos do mimético não se viam sinais do seu mestre.

O demónio da mente tinha fugido.

A mudança tornou-se imediatamente aparente nos demónios, com as táticas voltando a ferocidade animal em vez de ataque organizado, enquanto a sua resistência a Keerin e aos seus músicos esmorecia.

Os Jograis cobriram os campos atacados com uma teia de confusão e Yon, Malcum e Woron apressaram-se a aproveitá-la, saindo do limite das grandes guardas em investidas breves que deixavam os demónios vulneráveis, mutilados ou mortos.

A manobra deu-lhes mais tempo, mas não foi suficiente. O demónio da mente não demorou a recuperar e a organização regressou às fileiras inimigas. Passou outra hora e foram forçados a recuar para fortificar a muralha interior.

Derek encontrou-o quando passavam pelo portão.

– Disse aos Guardadores que descansassem. Não aguentarão muito mais disto. – Ergueu o estilete nos dedos trémulos. – Nem nós.

Ragen acenou afirmativamente. Também ele sentia a queimadura de canalizar demasiada magia. Puxou pelo relógio. Mais uma hora e o céu começaria a

clarear, fazendo fugir os demónios da mente. Duas horas e até os demónios mais ousados começariam a dissipar-se.

– Defendam a muralha! – gritou, traçando guardas que fizeram as suas palavras ecoar pelo povoado enquanto corria de volta para a frente. – O amanhecer aproxima-se! Resistam pelos vossos lares, pelas vossas famílias e todos veremos o sol!

– Rocha! – gritou um dos guardas. Ragen correu pelas escadas acima até ao topo da muralha, vendo o demónio da rocha preparar um arremesso. Ergueu o estilete, mas uma onda de tontura dominou-o e afetou as guardas. A pedra embateu contra o portão, amolgando aço e fraturando uma das dobradiças. O portão ficou parcialmente suspenso, amolgado de um dos lados.

Lanças da Montanha abriram fogo enquanto nuclitas passavam pela fissura nas guardas, mas não resistiriam durante muito tempo.

– Para o portão! – gritou Ragen. Enfiou o estilete num bolso por baixo da armadura enquanto Dançarino do Ocaso era trazido até ele, com a sua lança e escudo.

Keerin e os seus aprendizes surgiram, mas os demónios em investida não se deixaram deter pela sua música. Golpearam o portão enfraquecido, arrancando as dobradiças que restavam com a sua força combinada.

Começaram a tocar outra melodia, entrecortada com notas dolorosas e dissonantes que desequilibravam os demónios enquanto os defensores investiam.

Ragen perdeu a noção do tempo enquanto a batalha prosseguia. Abriram-se mais brechas na muralha e fez correr Dançarino do Ocaso de uma para a seguinte, motivando os homens.

O céu começava a clarear quando foram forçados a abandonar a muralha, recuando para a praça do povoado, onde as guardas ainda resistiam. A música dos Jograis era avassaladora no espaço acanhado e os demónios que se espremiam entre edifícios guardados eram alvos fáceis.

Então, um demónio da rocha ergueu um pedaço de entulho e arremessou, atingindo Ragen em cheio no peito. A sua armadura resistiu ao golpe, mas foi projetado do dorso de Dançarino do Ocaso e sentiu o ombro sair da articulação quando embateu no chão.

Ouvia campainhas enquanto tentava levantar-se, com o grande cavalo de batalha erguendo-se sobre ele de forma protetora. Entre tudo aquilo, ouviu um som mais belo do que qualquer coisa que pudesse ter imaginado.

Um galo cantou.

O amanhecer chegara.

Ragen mordeu o couro com força, debatendo-se nos braços de Malcum e Derek enquanto Yon puxava e torcia com força, pondo-lhe o ombro outra vez no sítio.

Ragen cuspiu a luva grossa, sentindo o sabor a óleo e suor, a sangue vermelho e negro.

– Noite, Yon! Há quanto tempo tiveste o teu treino com as Herbanárias?

Yon encolheu os ombros.

– Nunca tive treino nenhum. Uma casa cheia de rapazes ensina-te uma coisa ou duas sobre ossos.

– Criador – gemeu Ragen.

– E tens sorte por o termos aqui – disse Malcum. – A Herbanária do Horto e as suas aprendizas estão um pouco ocupadas de momento.

– Quão depressa podemos fazer-nos à estrada? – perguntou Ragen. – Não há tempo a perder. – Um Mensageiro a cavalo poderia deixar o Horto ao amanhecer e chegar a Miln a tempo de comer um almoço tardio, mas os horteiros estavam exaustos, doridos e quase todos descalços. Teriam sorte se chegassem à cidade ao anoitecer.

– Transportamos os feridos para as carroças agora mesmo – disse Malcum. – Achas que consegues montar?

Ragen acenou afirmativamente.

– Cá me arranjo.

– Muito bem – disse Malcum. – Aquele teu garanhão monstruoso parece tão forte como sempre foi. Se acelerares, conseguirás chegar...

– Não – disse Ragen. – Não deixarei esta gente na estrada sem mim. Dançarino do Ocaso não é o único garanhão fortalecido por pisar demónios com cascos guardados. Envia um par de Mensageiros pela estrada a galope. Um para o duque e outro diretamente para Elissa. Diz-lhes que abandonamos o Horto Rijo.

Ragen comandou o cortejo miserável pela estrada, levando pouco mais que água e a roupa que traziam vestida. Atrás deles, o povoado que tinha sido o seu lar durante gerações estava devastado e em chamas.

Crianças demasiado pequenas e velhos demasiado lentos para acompanharem a passada agarravam-se como podiam às carroças que transportavam os feridos. Ragen acelerou-os tanto quanto podia, mas, mesmo assim, o ocaso caiu antes de conseguirem ver com clareza a cidade.

As muralhas de Miln ainda se erguiam, mas estavam danificadas, com entulho espalhado pelo chão. Os Guardadores penduravam-se de correias do topo da muralha, reparando símbolos danificados. O ar tresandava a nuclitas deixados a arder ao sol.

À distância, Ragen ouvia o Sino Vespertino. Virou-se para os refugiados fatigados.

– Apressemo-nos. Não vão manter os portões abertos para quem não conseguir entrar até ao anoitecer!

– Os portões fecham! – gritou a guarda da muralha enquanto Ragen entrava na cidade diante da coluna de horteiros.

– Fecha-os antes que passe esta gente e atiro-te da muralha abaixo! – gritou-lhe Ragen. Os horteiros passavam os portões, mas a coluna fatigada ainda se alongava pela estrada fora. O céu escurecia depressa.

– Ordens de Euchor, neoconde – disse o guarda.

Ragen cuspiu no chão. Os mais lentos e vulneráveis estavam ao fundo, mas, com o engarrafamento no portão, era impossível voltar a sair para ajudar enquanto estivesse montado sobre Dançarino do Ocaso. Esqueceu a sua condição enquanto desmontava e o braço ferido explodiu com dor, desequilibrando-o.

Yon segurou-o com um braço de gigante.

– Calma.

– Leva os horteiros para a minha mansão – disse a Derek e Yon. – Ficarão apertados, mas poderemos alojá-los a todos durante a noite e perceber as coisas de manhã.

– Onde achas que vais? – perguntou Yon.

– Saio para ajudar – disse Ragen.

– Vais ajudar muito com esse braço? – perguntou Yon.

– Talvez não – respondeu Ragen. – Mas ver o neoconde da Manhã lá fora fará os guardas pensarem duas vezes antes de fecharem os portões enquanto há gente a entrar.

Ragen abriu caminho à força para passar o portão. Os guardas tentaram travá-lo, mas Yon estava lá, empurrando-os para o lado como se fossem crianças.

Havia pânico no exterior entre os horteiros. As tropas montadas, os Mensageiros de Malcum, os Guardadores de Derek e as Lanças da Montanha de Woron tinham passado em primeiro lugar, transportando as mulheres e crianças

que conseguiam. Poucas das carroças sobrecarregadas tinham sido projetadas para viagens longas e avançavam com grande lentidão. Uma pobre égua, puxando sozinha uma carroça de feridos, tinha caído ao chão, bloqueando a passagem da coluna.

Yon cortou os arreios, aproveitando um momento para cravar o machado na cabeça da pobre criatura. A seguir, colocou os arreios sobre o peito e, de forma incrível, começou a puxar a carroça sozinho.

Ragen correu pela coluna, apressando as pessoas da melhor forma que conseguia. Um velho estava caído na estrada, com um rapaz que não teria mais de seis anos puxando-o, suplicando-lhe que se erguesse.

– Vai – disse o velho ao rapaz. – Procura a tua mãe e irmãs lá dentro.

– Nada disso, avozinho – disse Ragen. – Não deixamos ninguém para trás.

– Tornozelo torcido – explicou o velho. – Leva o meu neto para dentro. Suplico-te.

Ragen franziu a testa, olhando o rapaz. Não confiava no seu braço para o levar enquanto amparava o velho. Agachou-se, alterando o sotaque para falar como um horteiro.

– Sobe-me para as costas, rapaz. Vamos. Rápido como um esquilo.

– Não deixo o avô aqui! – gritou o rapaz.

– Nem eu, mas seremos todos comidos se não fizeres o que te digo! – bradou Ragen. O rapaz saltou e subiu-lhe para as costas. Ragen pôs o braço são por baixo da axila do velho.

– Acho que não – começou o velho.

– Cala-te e levanta-te – interrompeu-o Ragen com o mesmo tom que usou com o rapaz. Teve o mesmo sucesso e, com um grunhido, Ragen ergueu-se, levantando-os aos dois.

– Ai! – gritou o velho, encolhendo-se de dor quando deu um passo.

– Podes cair quando estivermos lá dentro – disse-lhe Ragen. Outros corriam para ajudar, mas o Sol descera já abaixo do horizonte. A qualquer momento, os demónios começariam a erguer-se. Olhou os portões, mas os seus homens, incluindo Woron e as Lanças da Montanha, mantinham-no aberto enquanto os últimos horteiros passavam a coxear.

Névoa começou a erguer-se do chão, condensando-se.

– Corram! – gritou Ragen, com terror puro dando-lhe nova força aos membros esgotados. Acelerou com uma passada estranha, quase arrastando o homem até Cal e Nona Lenhador chegarem até ele. Cal tirou-lhe o rapaz das costas e Nona deitou o velho sobre um ombro como um saco de maçãs.

Os guardas da muralha sopravam trompas estridentes e esforçavam-se por fechar os portões. Ragen olhou para trás enquanto corria. Os nuclitas mais pequenos estavam já completamente formados. Demónios dos campos e da chama correndo para os portões abertos. Tirou o estilete de um bolso escondido na armadura e parou de correr durante tempo suficiente para traçar uma série de guardas rápidas no ar.

Era a primeira vez que guardava naquela noite, mas a magia fervilhava-lhe já sobre a pele. Cerrou os dentes e alimentou as guardas com o máximo poder, sabendo que as suas vidas dependiam disso.

Os demónios embateram contra a barreira como se fosse uma parede de tijolos. Não resistiria, mas permitia tempo suficiente para fazerem entrar os últimos horteiros e trancarem os portões.

Ragen enviou os outros em diante e subiu à muralha com Woron, Gaims e Yon. A vista do alto era preocupante. Demónios da rocha estavam completamente formados, procurando no entulho pedras suficientemente grandes para arremessar. As guardas tinham fortalecido a muralha de pedra, mas a sua resistência não seria infinita. Um bombardeamento durante tempo suficiente esgotaria a proteção.

As Lanças da Montanha não lhes deram hipótese. Quando se aproximaram, os nuclitas foram mirados por canhões pesados no alto das muralhas. As balas de ferro tinham sido fundidas com guardas na superfície e Ragen viu uma atingir um demónio da rocha no peito, deitando-o de costas. A criatura continuava a brilhar na sua visão guardada, mas a sua aura estava neutra... morta.

Ragen olhou as pilhas de munição. Não eram altas e muitas das balas estavam amolgadas e chamuscadas, obviamente recuperadas da batalha da noite anterior.

Outro demónio da rocha fez recuar um braço para arremessar, mas os homens que se ocupavam de um canhão miraram à pressa e falharam o tiro. Ragen esperou que o demónio estivesse a meio do movimento e traçou uma guarda de impacto cuidadosa, alimentando-a o suficiente para lhe arrancar a pedra das garras. Mesmo assim, o poder atingiu-o como um soco no estômago.

O demónio cambaleou e, a seguir, virou-se para voltar a erguer o projétil, dando aos homens do canhão seguinte tempo suficiente para carregarem cinco quilos de ferro guardado no interior.

Mesmo assim, os demónios não paravam de vir, com o seu número subindo e tornando insignificante a hoste que atacara o Horto Rijo. Ragen voltou-se para Yon.

– De volta para a mansão.

Dançarino do Ocaso e o mustangue gigante de Yon alcançaram com facilidade os refugiados. Os nuclitas não conseguiam erguer-se através de pedra talhada e guardas no telhado formavam uma rede eficaz contra demónios do vento. Deveriam ficar seguros nas ruas empedradas, mas começaram a ouvir trompas em todas as direções.

– Que se passa? – perguntou Yon.

– Os demónios estão na cidade – disse Ragen.

– Como é possível? – perguntou Gaims. – Estivemos agora mesmo na muralha e resistia.

– Não sei – disse Ragen. – Mas mantém os teus homens prontos.

Woron acenou com a cabeça, gritando ordens. Os seus homens estavam tão exaustos como os horteiros, tendo esgotado as suas munições. Se encontrassem resistência, teriam de depender de baionetas e músculos.

Mais e mais trompas soaram e clarões viram-se aqui e ali enquanto os demónios testavam as guardas de casas e edifícios.

– Pela escuridão da noite, o que... – Ragen não pôde acabar a frase antes de a rua à frente deles se afundar. Horteiros e soldados caíram entre pedras, argamassa e terra. Ragen, Yon e Woron afastaram-se a tempo, com os cavalos erguendo-se nas patas traseiras para evitarem cair.

Nuclitas encheram o buraco que se formou, lançando-se sobre os infelizes que tinham caído e despedaçando-os.

– Estão nos antigos esgotos! – gritou Ragen.

– Não foram selados e guardados? – perguntou Woron.

– Sim – respondeu Ragen. – Depois da última vez que os demónios tentaram este truque. Ou Euchor tem negligenciado a manutenção ou os demónios da mente encontraram uma forma de contornar as defesas.

Derek e Malcum estavam além da fissura com a maior parte dos refugiados.

– Não parem! – gritou Ragen. – Encontramo-nos mais à frente!

Demónios começaram a sair do buraco e Ragen puxou com força as rédeas de Dançarino, virando por uma travessa para contornar o buraco e alcançar o grupo de Derek. Havia um buraco semelhante também na rua seguinte, de onde saíam também nuclitas.

Ragen enrolou as rédeas ao pulso do braço ferido, confiando que Dançarino responderia às suas pernas. Puxou pelo estilete e traçou guardas para criar uma cobertura temporária sobre o buraco. O esforço deixou-o zonzo, mas golpeou Dançarino do Ocaso com os calcanhares e o garanhão avançou em frente,

pisando um par de demónios dos campos que se atravessaram diante dos seus cascos guardados.

Demónios tentavam destruir as guardas de edifícios, mas a guilda de Ragen tinha feito bem o seu trabalho. Sem os demónios da rocha e da madeira, demasiado grandes para entrar pelos esgotos, para golpear paredes e portas, os demónios menores não conseguiam progredir.

Era um alívio limitado, pois os nuclitas perceberam rapidamente a futilidade e procuraram presas mais fáceis: os refugiados que corriam pela colina acima em direção ao que Ragen esperava ser a segurança das suas muralhas.

Não havia sinal de demónios da mente, pelo menos. Os demónios caçavam com frenesim animalesco e não com calculismo frio. Os príncipes nuclitas pareciam relutantes em correr riscos enquanto tantas defesas da cidade permaneciam intactas.

Um esquadrão de Lanças da Montanha surgiu, disparando as suas armas de chama em saraivadas espaçadas para permitir aos seus companheiros tempo para carregar as armas. As balas sem guardas atravessaram os demónios, matando alguns, mas a maioria dos nuclitas sentiu-se mais irada do que ferida. Aqueles homens não tinham sido testados contra os nuclitas como os atiradores de Woron. Desperdiçaram balas em partes não vitais e vários atingiram refugiados com balas perdidas.

– Tiros na cabeça e no tronco! – gritou Woron. Indicou aos seus homens que trespassassem demónios feridos com as baionetas antes de poderem sarar e voltar a erguer-se.

Mas os disparos tinham levado os demónios ao frenesim e as Lanças da Montanha não estavam preparadas para a sua selvajaria. Os soldados usavam elmos, mas as suas armas de chama tornavam obsoletas as armaduras convencionais. As suas fardas azuis e cinzentas ficaram vermelhas com o sangue.

Demónios dos campos e da chama correram pelas muralhas acima, cuspindo fogo e saltando para o centro de um esquadrão de soldados. Os homens não tiveram tempo de fixar as baionetas e gritaram enquanto eram arranhados e mordidos. A perna de um homem foi arrancada inteira, outro foi incendiado, com o calor intenso da saliva demoníaca fazendo explodir a munição na sua bandoleira. Foram projetados em direções opostas, caindo no chão, ensanguentados, enquanto o demónio da chama conseguia voltar a erguer-se, o soldado não conseguiu.

Ragen traçou uma guarda de humidade e fê-la voar em direção ao demónio. A magia deixou-lhe a cabeça às voltas e o estômago alvoroçado, mas o incómodo foi justificado quando as escamas do demónio começaram a silvar e a fumegar enquanto a magia canalizava a água do ar em redor. Ragen golpeou o cavalo com os calcanhares, partindo enquanto um demónio começava a debater-se e a guinchar.

Percorreram as ruas a grande velocidade, voltando ao caminho por onde Derek conduzia os refugiados. Avistaram Mensageiros montados reunindo as pessoas, levando os horteiros à volta dos piores abatimentos de rua. Keerin protegia-os como podia com o seu escudo de música. Muitos dos edifícios adjacentes tinham sido danificados e os demónios aproveitavam as guardas enfraquecidas.

Um homem e uma mulher fugiram, gritando, para fora de um dos edifícios, cada um deles transportando uma criança pequena. Eram perseguidos por um bando de demónios dos campos babados.

– Yon! – gritou Ragen.

– A caminho! – respondeu Yon, fazendo o cavalo avançar. Cal e Lary seguiram-no e os três Lenhadores devastando o bando, dando tempo à família para se juntar aos refugiados.

E assim prosseguiu, até, por fim, avistarem a mansão de Ragen. Demónios arranhavam as muralhas, mas eram repelidos uma e outra vez pelas guardas poderosas. Mesmo do fundo do cortejo, Ragen conseguia ver Elissa sobre as muralhas, brilhando intensamente com magia enquanto traçava guardas prateadas cegantes no ar com o estilete, destruindo as fileiras de nuclitas e abrindo uma passagem.

Os portões abriram-se e os criados de Ragen saíram com lanças longas guardadas. Mantiveram-se em formação defensiva, empurrando os demónios para trás com golpes de lança para permitirem aos refugiados o acesso ao pátio.

Os horteiros, Mensageiros, Guardadores e soldados ocuparam quase todos os centímetros de espaço dentro das muralhas, mas os portões fecharam-se atrás deles. Estavam finalmente seguros.

Ragen permitiu-se cair do cavalo abaixo.

– Ainda vêm aí! – gritou um dos guardas.

Ragen tentou repelir a inconsciência e voltar a erguer-se, mas Elissa traçava guardas para lhe sarar o braço e empurrou-o novamente para o chão.

– Não temos tempo para cuidares de mim, Liss – disse Ragen. – Tenho de...

– Tens de descansar ou não poderás ajudar ninguém.

Por mais que lhe custasse admiti-lo, as palavras de Elissa eram verdadeiras. O pátio girava à sua volta e os seus músculos ardiam por ter canalizado tanta magia. Mesmo assim, Ragen resistia.

– As guardas poderão não resistir a tantos. Se abaterem uma rua lá fora...

Elissa empurrou-o com força. A magia fortalecia-a e podia tratá-lo como se fosse uma criança.

– Eu lido com isso.

Chamou Margrit.

– Lençóis. Muitos. Quanto mais brancos, melhor.

Margrit não questionou o pedido estranho, mas Ragen não percebia para que serviriam.

Elissa traçou uma guarda sonora com o estilete, ampliando cem vezes a sua voz.

– Olhem todos para os pés! Não pisem as linhas pintadas no chão! Se estiverem dentro de uma secção pintada, ponham as mãos no ar. Se não estiverem, sentem-se no chão!

A gente aterrorizada não questionou as ordens e, rapidamente, as grandes guardas pintadas no empedrado voltaram a ganhar forma. Elissa e os Guardadores correram pelo pátio, empurrando pessoas para a posição certa.

O pátio começava a iluminar-se com magia quando os criados saíram da mansão trazendo lençóis brancos.

– Quem estiver de pé, pegue nos lençóis e segure-os por cima da cabeça! – gritou Elissa.

Depois daquilo, a grande guarda explodiu rapidamente num clarão, canalizando poder ambiente e iluminando as auras de todos os que se erguiam sobre as linhas. A fadiga abandonou-os e endireitaram-se iluminando mais ainda as linhas.

No exterior, os demónios uivaram enquanto a luz da magia se intensificava, antes de serem repelidos pela barreira até fugirem para a cidade em busca de presas mais fáceis.



TRINTA E DOIS

TEMPESTADE E TERRAMOTO

334 DR

Ragen voltou a ser puxado da escuridão, desta vez com um abanão delicado. Abriu os olhos e viu Elissa banhada pela luz do amanhecer. Sorriu apesar da palpitação que sentia na cabeça.

– Quanto tempo?

– Dormiste a noite inteira, meu amor. – Elissa estendeu a mão e acariciou-lhe a barba. – Gostava que pudesses continuar a dormir, mas fomos convocados à corte.

Os músculos de Ragen estavam doridos, mas conseguiu arrancar-se à cama. Continuava a vestir o gibão acolchoado e os resguardos de couro que usava por baixo da armadura, tresandando tudo a suor e sangue.

– Tenho tempo para um banho?

– Receio que não haja água – disse Elissa. – Os horteiros comeram tudo o que havia na despensa e secaram os poços.

– Não havia outro sítio para onde os levar, Liss.

Elissa pousou-lhe uma mão macia na cara, beijando-o.

– Claro que não. Fizeste o que estava certo, mas não podemos abrigar tanta gente sem ajuda.

– Conseguiremos aguentar outra noite, se for preciso – disse Ragen. – Mesmo que passemos sem comida, água e banhos.

Elissa acenou com a cabeça, apontando um pequeno tabuleiro junto à porta.

– Margrit conseguiu guardar-nos qualquer coisa. Come.

Ragen parou diante do tabuleiro, bebendo do jarro e enfiando pão na boca. Virou-se enquanto Elissa caminhava até à porta.

– Onde vais?

– Euchor ordenou que o Conselho de Mães reúna longe da sua corte – disse Elissa. – Portanto, não ficarão presas num sítio quando anoitecer.

– Onde? – perguntou Ragen.

– Na mansão do conde Brayan.

Derek esperava no pátio da fortaleza de Euchor com Malcum quando Ragen e Yon chegaram.

– Nem sequer me deixam entrar para a ver – rosnou Derek. – À minha mulher, maldição! Ao meu filho, pelo Núcleo! Brayan tem a fortaleza mais fechada do que o cu de Mãe Jone.

Ragen e Malcum olharam em redor, mas, aparentemente, ninguém tinha ouvido. Ragen inclinou-se enquanto Yon e Malcum impediam que fossem vistos.

– Fala baixo. Sei que estás preocupado com a tua família. Eu também estaria. Mas não há nada que possamos fazer por eles agora. As muralhas de Brayan são das mais fortes em Miln. Stasy está tão segura lá como em qualquer outro sítio e Elissa vem a caminho agora mesmo para uma reunião do Conselho de Mães. Encontrará Stasy e assegurará que ela e Jef estão bem.

Derek franziu a testa, mas manteve a boca fechada e acenou brevemente com a cabeça. Ragen bateu-lhe com uma mão no ombro.

De forma nada habitual, Euchor deixou a sala do trono vazia, recebendo apenas os senhores e mestres de guilda mais poderosos, sentado à cabeceira da sua pequena mesa de conselho.

– Neoconde – grunhiu o conde enquanto Ragen e Derek se sentavam. – O teu... assistente pode esperar lá fora.

– Nomeei Derek mestre de guilda adjunto – informou Ragen. – Coordenará os Guardadores por toda a cidade hoje. É melhor que receba diretamente as suas ordens.

– Espera um minuto! – disse Vincin. – Não podes...!

– Posso e fi-lo. – Ragen mostrou um rolo cheio de assinaturas. – Porque recusaste convocar uma reunião da guilda, os mestres votaram sem ti. Volto a ser mestre da Guilda dos Guardadores.

Vincin voltou-se para Euchor.

– Excelência! Este homem devia estar agrilhoado e não a comandar a defesa! Os guardas dizem que quase deixou nuclitas entrarem pelos portões na noite passada!

– E onde estavas tu na noite passada? – perguntou Ragen. – Trancado na tua mansão enquanto eu enfrentava demónios na rua?

– Basta! – Euchor bateu com a pulseira no braço da cadeira. – A guilda votou, Vincin. Não quero ver essa barbicha oleosa mexer a não ser que o teu mestre de guilda o ordene.

A expressão de Vincin desabou. Ragen sabia que devia deleitar-se com o que via, mas não lhe deu qualquer prazer. Precisariam de todos os Guardadores da cidade unidos naquele dia para sobreviverem.

– Vincin tem alguma razão, Ragen – disse Euchor. – O teu heroísmo colocou-nos a todos em perigo na noite passada por um punhado de camponeses.

– Setecentas almas, incluindo Guardadores, Mensageiros e as tuas Lanças da Montanha, Excelência – disse Ragen. – E que importa quando os demónios entram pelos esgotos?

O conde Brayan abriu a boca, mas Euchor acenou, silenciando-o.

– Um problema para outro dia, como dizes. Esta... Lua Nova continuará hoje à noite?

– Pelo menos – disse Ragen. – Os demónios da mente conseguem erguer-se apenas durante a Lua Nova, mas os seus generais, os miméticos, não parecem tão restritos. Atacarão quando estivermos mais fracos e continuarão a devastar as nossas defesas. Mesmo que Miln não caia durante esta lua, não sobreviveremos até à próxima.

Euchor recostou-se, unindo as pontas dos dedos.

– Podemos destruir os esgotos? Bloqueá-los para impedir que voltem a entrar aí?

Talvez na cidade interior – disse Brayan. – Mas esgotaria as munições de chama de que precisamos para os canhões.

– As explosões enfraqueceriam as guardas das muralhas e os alicerces dos edifícios – disse Ragen. – E, de qualquer forma, não resultará. Os demónios da rocha podem não caber nos túneis, mas os demónios do barro e da pedra podem. Conseguirão escavar o entulho como toupeiras no jardim.

– Então que faremos? – perguntou Euchor. – Não podemos permitir que entrem na cidade.

– Claro que não – concordou Ragen. – Teremos de enviar homens para a escuridão para preparar guardas novas. Comuniquei às minhas oficinas que fabriquem decalques e recolham cada gota de tinta que exista na cidade. Temos um número limitado de hora recolhidos dos ossos de demónios antes de serem queimados pelo sol. Ajudará a reforçar as barreiras e a selá-las.

– Será suficiente? – perguntou Euchor.

Ragen encolheu os ombros.

– Os Guardadores que selaram originalmente os túneis trabalharam bem. Com sorte, conseguiremos compensar as fraquezas e selar brechas recentes. A maior preocupação é a possibilidade de os túneis não estarem vazios.

Euchor empalideceu.

– Que dizes?

– Muitas das passagens pelos esgotos não veem luz do dia há centenas de anos – explicou Ragen. – Quem poderá dizer há quanto tempo os demónios planeiam isto ou se terão ido para o Núcleo com o amanhecer em vez de ficarem imediatamente abaixo da superfície?

– Noite – disse Euchor. – Se estiverem infestados...

– Podemos usar espelhos – disse Malcum.

– Hã? – questionou Euchor.

– Um velho truque de Mensageiros – explicou Ragen. – Refletir a luz para os túneis para que recuem.

– Isso exigirá todos os espelhos na cidade – disse Brayan.

– E mais alguns – admitiu Ragen. – Também precisaremos de Lanças da Montanha para defender os Guardadores.

– Preciso desses homens para defender a muralha – declarou Euchor.

– Defenderam-na na noite passada – disse Ragen. – Mesmo assim, os demónios correram pela cidade. Precisaremos de evacuar o máximo de pessoas que conseguirmos. Não apenas para a cidade interior, mas para as mansões e fortalezas de muralhas mais fortes. Para aqui. Para a minha mansão. Para as fortalezas do conde Brayan e da condessa Tresha. Para a Biblioteca.

– Nucleado serei antes de ter mendigos na minha Biblioteca e nas minhas muralhas, neoconde – disse Euchor.

– Podemos trancar as portas da Biblioteca, Excelência – sugeriu Ronnell. – Os Guardiões de pedra impedirão os filhos do Núcleo de chegarem ao topo da colina. Se romperem as defesas, poderemos abrigar-nos na Catedral. Se

precisarmos de fugir para a Biblioteca... – Encolheu os ombros. – Dedadas nas páginas serão a menor das nossas preocupações.

– Temos menos de sessenta mil habitantes na cidade inteira, Excelência – insistiu Ragen, quando Euchor não respondeu. – Os capazes devem armar-se com o que tiverem à mão. Não há motivo para os restantes não conseguirem resistir atrás das muralhas das fortalezas e mansões nobres durante uma noite.

– Muito bem. – Euchor virou-se para o seu pajem. – Envia um mensageiro a Jone. Deverá organizar a evacuação da cidade baixa. Todos os que tiverem uma parede guardada deverão acolher o máximo de gente que conseguirem. Sem exceções.

– Excelência... – começou Brayan.

Euchor fixou nele um olhar irado.

– Ouvi um sim antes disso, conde?

Brayan deu um passo atrás, pestanejando, mas recuperou rapidamente e curvou-se.

– Claro, Excelência. Será feito.

– Não entregarei as muralhas sem luta – disse Euchor. – A minha família defende esta cidade dos nuclitas há trezentos anos. Não a entregarei numa única lua.

– Isto é escandaloso – grasnou Tresha enquanto a sua carruagem subia a grande colina, passando através da capital do Condado do Ouro. No topo, do outro lado de um abismo largo, erguia-se a fortaleza do conde Brayan. – As minhas muralhas são tão fortes como as de Brayan. Que direito tem Jone...

– Que importa, mãe? – ripostou Elissa. – Não é o momento para política.

Tresha olhou-a com o nariz erguido.

– Não me faças arrepender de te ter nomeado minha herdeira, rapariga. Todos os momentos são momentos para política. Sobretudo os momentos problemáticos.

– Então comecemos por libertar Mãe Stasy e o seu filho – sugeriu Elissa. – Deverão estar com Derek atrás das nossas muralhas.

– As vossas muralhas mal resistiram à noite passada, pelo que sei. – Tresha apontou as muralhas grossas da fortaleza de Brayan, erguendo-se sobre uma elevação e com grandes guardas talhadas na rocha. Uma ponte em arco de creto e aço era o único ponto de acesso, com os pilares formando as linhas de uma guarda poderosa.

– Estarão mais seguros lá, por enquanto.

– Rezo para que estejas certa – disse Elissa. – Os teus Guardadores...

– Verificaram três vezes os esgotos, salpicando tinta sobre os meus belos pátios e jardins – interrompeu Tresha.

– Continuarão belos – respondeu Elissa. – Depois de construirmos caminhos de gravilha pelos relvados para manter a forma das grandes guardas.

– Espero que sim – disse Tresha. – Já há pedra suficiente na maldita cidade. Os jardins são o meu último abrigo.

– Todos fazemos sacrifícios na guerra. – Elissa olhou o outro lado do abismo e atravessaram a ponte.

Os portões da fortaleza estavam abertos e foram recebidos no pátio por criados vestidos com as cores do conde Brayan. Tresha e Elissa foram imediatamente escoltadas até à sala de reuniões, onde esperavam as restantes Mães.

As Mães Jone e Cera avançaram para os saudar, mas Elissa avistou Stasy do outro lado da sala e contornou as outras mulheres para a intercetar. Era uma ofensa que as três mulheres mais velhas a fariam pagar, mas tinha valido a pena para apanhar a jovem sozinha.

– Elissa! – gritou Stasy, abraçando-a.

– É bom voltar a ver-te, querida – disse Elissa, retribuindo o abraço com força. Em dias mais felizes, quando Derek trabalhava na oficina de Guardador de Cob, tinham sido companheiros frequentes. Mesmo sem se relacionar com a sua mãe, a educação de Elissa era suficiente para que as duas mulheres passassem tempo como iguais sem causarem escândalo. – Foste bem tratada? Derek morre de preocupação.

Stasy suspirou.

– Tratam-me como me tratavam antes. A diferença é não poder atravessar a ponte.

– E desejas partir? – perguntou Elissa. – Levar o jovem Jeph e viver com Derek?

– Oh, Mãe Elissa, sabes que sim – disse Stasy. – É tudo o que sempre quis, se o meu pai e o primo Brayan o permitissem.

– Eu sei, querida, mas precisava de te ouvir dizê-lo em voz alta. – Elissa apertou-lhe o ombro, percebendo que Mãe Cera deslizava prontamente até ela, seguida por Jone e Tresha. – Podemos resolver as coisas agora. Derek foi apontado mestre de guilda adjunto além do lugar que ocupa na Bolsa de Guardas.

– Não acreditei quando Derek me disse que Arlen Fardos lhe deixou um lugar – comentou Stasy. – Esse homem zela por nós desde o início. E tudo pelo preço de alguns paus de trovão.

– A lealdade de Arlen não é algo que se possa comprar – disse Elissa. – Mereceram-na, os dois. – Cera estava quase sobre eles. – Jurarás o teu desejo de partir perante o conselho com a tua tia como testemunha? Têm-vos usado para controlar o poder de Ragen e não vos libertarão tão cedo.

– Gritá-lo-ei das torres, se for preciso – disse Stasy. Mas a sua voz reduzira-se a um sussurro enquanto a sua prima real se aproximava.

– Aí estás tu, querida – disse Mãe Cera, pousando uma mão firme no ombro de Stasy. – Talvez tenha chegado o momento de voltares para os teus aposentos. O Conselho de Mães está prestes a iniciar-se.

Elissa mostrou-lhe os dentes, mas fê-lo com o mais inocente dos sorrisos.

– Mãe Stasy é filha de um barão e tem direito a uma votação do conselho. – A sua voz não se elevou, mas todas as mulheres a ouviram.

– Claro que pode ficar – disse Tresha, prontamente. – Todas as vozes precisarão de ser ouvidas hoje.

O olho de Cera palpitou, mas estava encurralada e percebeu-o. A casa podia pertencer-lhe, mas era Tresha quem liderava o conselho. Elissa sabia que não devia abusar da vantagem... ainda não... mas manteve Stasy perto de si enquanto o conselho reunira e os trabalhos tinham início.

Passaram horas enquanto estudavam relatórios de perdas noturnas, da organização de evacuações e de operações de abastecimento. Moveram dinheiro e recursos sem o habitual rancor e discussão. Escreveram-se notas para permitir que as guildas emprestassem e pedissem emprestado sem juros dinheiro que não existia. Um fluxo contínuo de estafetas atravessava a ponte nas duas direções.

O Sol ia baixo no céu quando Elissa ergueu finalmente a cabeça dos papéis que estudara, pressionando uma mão ao fundo das costas para aliviar a tensão. Sem dúvida, as estradas estariam bloqueadas. Se quisesse regressar à mansão, teria de o fazer em breve. Levantou-se, mas cambaleou e perdeu o equilíbrio, ficando estendida no chão.

A princípio, pensou que as pernas lhe tivessem adormecido, mas, a seguir, viu mulheres no chão por toda a sala. As paredes estremeceram e o ar enchia-se com um rugido tremendo.

– O que...?! – As palavras de Elissa ficaram-lhe atravessadas na garganta enquanto via Tresha deitada no chão, sem se mover, sangrando abundantemente da cabeça. – Mãe!

Correu para junto de Tresha, levando a mão ao estilete de prata, mas não havia nada que pudesse fazer enquanto a luz do Sol entrasse pelas janelas.

– Alguém traga uma Herbanária! A condessa da Manhã precisa de ajuda!

A baronesa Cate, que olhava pela janela, gritou.

– A ponte desabou!

Elissa mal interiorizou as palavras enquanto erguia a cabeça da mãe, desimpedindo a passagem de ar para lhe permitir inspirações débeis. Pressionou um lenço amarrotado sobre o corte que lhe sangrava na têmpora. A pulsação de Tresha era lenta e irregular, mas estava lá.

– Mãe! – gritou. – Mãe, ouves-me?

A única resposta de Tresha foi um gemido e era impossível perceber se era uma resposta às palavras ou ao movimento e à pressão sobre o ferimento. Cera trouxe a sua Herbanária pessoal até elas enquanto aprendizas caminhavam entre as Mães para procederem à triagem.

– Está morta? – quis saber Cera.

Elissa olhou-a com desagrado enquanto tirava a pulsação de Tresha.

– Viva, mas não esperaria que liderasse o conselho tão cedo.

– Então cabe-me a mim – disse Cera.

Elissa ergueu o queixo.

– Sou a sua herdeira.

Cera fungou.

– Pode ser, rapariga, mas mal passaste um mês como membro do conselho. Não tens autoridade.

Elissa quis argumentar, mas Cera estava certa. Não ganharia nada em discutir por aquilo.

– Um pouco mais para baixo. Calma, agora. – Ragen viu Yon e Cal inclinarem o pesado espelho prateado para fazer a luz do Sol entrar no buraco da rua abatida, alcançando o ponto onde outro espelho era apoiado por homens que a refletiam mais para dentro.

– O caminho parece desimpedido! – gritou Derek.

– É a vossa vez – disse Ragen a um grupo de trabalhadores que esperavam com espelhos de mão. Olharam nervosamente uns para os outros e desceram para o buraco, erguendo os espelhos para refletir a luz e projetando feixes para dentro do túnel. Vendo que nada acontecia, mais homens desceram, projetando a luz a

distância ainda maior. Guardadores prepararam o equipamento e avançaram para iniciar o seu trabalho.

Foi então que começaram os gritos.

Os trabalhadores no interior do buraco largaram o seu espelho pesado e subiram apressadamente até à rua, deixando na escuridão os que tinham entrado no túnel.

Ragen não hesitou, esquecendo a sua exaustão com uma descarga de adrenalina enquanto saltava para o buraco, escorregando numa pilha de entulho e parando ao lado do espelho. Tinha uma moldura de latão trabalhado que o protegeu quando os trabalhadores o deixaram cair, mas pesaria mais de noventa quilos e precisou de se esforçar para o erguer sozinho.

Cal e Lary Lenhador saltaram atrás dele, segurando a moldura e erguendo-o com facilidade para que voltasse a refletir a luz.

Viram corpos tombados no túnel, sangrando na água fétida. Um estava preso nas garras de um demónio que irrompeu em chamas quando o sol o atingiu em cheio. Ouviram-se guinchos enquanto outros demónios fugiam da luz e alguns trabalhadores conseguiram sair.

– Nucleados sejam – praguejou Ragen. Tinham encontrado e selado os túneis que os demónios haviam usado para passar as muralhas, mas, aparentemente, muitos demónios tinham ficado na cidade e eliminá-los dos túneis escuros e apertados parecia uma tarefa impossível, especialmente enquanto a luz do dia ia desaparecendo.

– Mestre de guilda! – gritou uma voz do alto, enquanto um grupo de guardas entrava no túnel para retirar os sobreviventes e os cadáveres.

Ragen trepou pelo buraco acima, segurando a mão de Yon. O Lenhador gigante puxou-o com facilidade para fora, colocando-o perante um estafeta que esperava.

– Mestre de guilda! – gritou o rapaz.

– Que foi? – A adrenalina esmorecia já, deixando Ragen ainda mais cansado do que se sentira antes. Achou que não conseguiria lidar com mais más notícias.

– Presos? – repetiu Derek. – Que quer isso dizer, pela escuridão da noite?

– Quer dizer que os demónios abriram túneis sob os alicerces da ponte – disse Ragen.

Derek esmurrou a secretária pesada, mas, se o golpe o magoou, não demonstrou ter sentido qualquer dor.

– Nucleados sejam! Devia ter rebentado com as portas daquele sítio maldito!

– Deixando-os todos indefesos quando os demónios viessem? – perguntou Ragen. – Não teriam destruído a ponte se achassem fácil abrir brechas nas muralhas. Queriam isolar a liderança das Mães.

– Talvez – disse Derek. – Ou talvez queiram atacar o palácio na próxima noite e não queiram reforços.

Ragen cerrou os dentes. Os mesmos pensamentos aceleravam-se pela sua cabeça, mas precisava de projetar calma, naquele momento mais do que em nenhum outro. A noite não tardaria e, se os demónios conseguissem atingir o Condado do Ouro enquanto o sol brilhava, não haveria nenhum sítio verdadeiramente seguro.

– Não podemos atirar-lhes uma corda ou algo parecido? – perguntou Yon.

– Se tivéssemos uma balista krasiana à mão, talvez – disse Ragen. – Nem tu conseguirás atirar uma corda tão longe e, mesmo que conseguisses, que faríamos a seguir? Pediríamos a velhas que se arrastassem quinhentos metros sobre uma corda?

– Calculo que não – disse Yon. – Mas não podemos ficar aqui sem fazer nada.

Ragen passou muito tempo em silêncio. As evacuações tinham aumentado o número de almas dentro das suas muralhas, com a roupa de cama branca ou tingida de branco reforçando as grandes guardas enquanto se encolhiam no espaço disponível. Passara a ser o neoconde da Manhã e já não era o Mensageiro Ragen ou o mestre da Guilda dos Guardadores. A sua primeira responsabilidade era para com o seu povo.

Mas os demónios tinham encurralado Elissa.

– Não – concordou, por fim. – Não podemos ficar aqui.

– Foram os demónios? – perguntou a condessa Cera enquanto olhavam do alto da muralha, vendo as ruínas da ponte em baixo. A nuvem de pó ainda assentava sobre toneladas incontáveis de fragmentos de creto.

– Muita gente passou a correr sobre aquela ponte hoje – disse Elissa –, mas acho que não poderemos considerar que foi uma coincidência durante a Lua Nova. Teremos de supor que os demónios da mente atacarão esta noite. De alguma forma, sabiam que reuniríamos aqui. Querem eliminar os nossos líderes para enfraquecer a resistência.

– Mãe Jone empalideceu.

– Sua Excelência...

– Correrá provavelmente perigo terrível – completou Elissa. – Mas temos problemas próprios para resolver. – Tresha tinha sido transferida para uma sala escurecida onde Elissa pôde sarar-lhe o ferimento, mas continuava inconsciente e era impossível dizer quando acordaria ou se acordaria, tal como era impossível perceber como estaria quando acontecesse. Recordou as palavras de mestra Anet. A magia sozinha nem sempre era suficiente.

Virou-se para a condessa Cera, firmando o maxilar enquanto segurava as saias e se curvava.

– Mãe. Peço desculpa por desafiar a tua liderança. É a tua casa e cabe-te falar pelo conselho até a minha mãe recuperar. Mas suplico-te que me permitas comandar os teus Guardadores e os esforços de defesa. Os servidores da tua casa terão, sem dúvida, experiência, mas eu tenho experiência prática que não conseguirão igualar.

Cera olhou Jone. As duas mulheres mantiveram uma conversa inteira com os olhos. Depois do que pareceu ser uma eternidade, Cera virou-se e acenou brevemente com a cabeça.

– Que podemos fazer?

– Reúne os criados e as conselheiras que recordarem as suas lições de guardas da Escola de Mães – disse Elissa. – Precisaremos de tinta e todo o pano branco que existir na fortaleza, além de tudo o que possa ser usado como arma. Paus de vassoura, atiçadores, rolos da massa, o que conseguirem encontrar. – Enquanto falava, os seus olhos moviam-se sobre as guardas no topo da muralha. A fortaleza erguia-se acima da rede guardada da cidade e havia guardas adicionais contra demónios da mente para impedir que invadissem o local durante a noite. Uma ideia começou a ganhar forma. Sinistra, mas talvez eficaz.

– De que servirão paus de vassoura contra demónios? – perguntou Jone.

– A magia de retorno fortalece os objetos – disse Elissa. – Um pau de vassoura poderá partir se golpeares um homem com ele, mas, se tiver guardas de impacto ao longo da sua extensão, será forte como aço enquanto as guardas estiverem carregadas. Qualquer coisa suficientemente longa poderá ser afiada com guardas de perfuração para suster demónios.

– Esperas que as Mães combatam corpo a corpo? – Cera estava incrédula.

– Esperemos que não seja necessário – disse Elissa. – Mas a esperança é limitada na nossa situação. Se passarem as nossas defesas, não teremos tempo para fingir que as mulheres não são capazes de agitar os braços para salvar a sua própria vida. Alguém pode levar-me às caves?

Elissa debruçou-se sobre a muralha da Mansão de Ouro para olhar o chão, ao fundo, enquanto o Sol se punha. Mãe Cera, Stasy e Jone debruçavam-se entre as ameias a seu lado.

Com a visão guardada, via demónios surgirem no fundo do abismo quando as sombras se tornaram suficientemente densas, mas não se erguiam em névoa. Saíam por fissuras no chão por baixo dos alicerces destruídos da ponte.

– Estiveram na cidade o dia inteiro. – Pensar isso deixou um aperto no peito de Elissa e esforçou-se para controlar a respiração.

– Noite – sussurrou Stasy.

– Se o teu filho adotivo é realmente o Libertador, Elissa – disse Cera –, agora é o momento para vir até nós.

– Ficaria feliz se me provassem que estava errada quanto a isso – concordou Jone.

– Não o esperaria – disse Elissa.

Os nuclitas continuaram a sair pelas fissuras. Dúzias tornaram- -se centenas, até o fundo do abismo ficar cheio. Os demónios avançaram até à base da parede rochosa, mas esta estava protegida com guardas que cintilaram, projetando-os para trás. Os últimos a saírem dos túneis em baixo foram meia dúzia de demónios da rocha de bom tamanho. Não perderam tempo, erguendo grandes escombros da ponte, atirando-os contra o penhasco. Despedaçaram-se contra a rocha, enfraquecendo as guardas e os demónios voltaram a avançar em grande número, usando as garras contra a rocha antes de serem repelidos pelas guardas.

– Temos de travar aqueles demónios da rocha – disse Elissa, olhando os guardas junto aos mais próximos dos canhões pesados que tanto orgulhavam Brayan e Euchor. – Conseguem alvejá-los?

– Mil perdões, Mãe, mas não – respondeu um dos guardas. – Os canhões destinam-se a disparar contra o lado oposto do abismo e não podem apontar para o fundo. Cairiam da muralha abaixo se tentássemos incliná-los a esse ponto.

Elissa olhou as balas de ferro guardado com sete quilos empilhadas contra a parede, ao lado do barril de pólvora. Ergueu um dos objetos pesados e olhou um dos demónios da rocha em baixo. Deu alguns passos atrás, correu para ganhar balanço e lançou-a.

Elissa viu a bala cair até a perder de vista, ganhando velocidade enquanto caía dezenas de metros, sobre as fileiras de demónios. Voltou a vê-la quando embateu na rocha e as guardas se ativaram. Devastava um grupo de demónios dos

campos. Falhou o alvo por boa distância, mas o lançamento foi satisfatório, mesmo assim.

Olhou o guarda.

– A gravidade não tem de ser nossa inimiga.

O guarda tossiu.

– Sim, Mãe. Vamos passar a palavra.

– Nada disso travará aqueles demónios da rocha. – A voz de Jone tinha um tom nada habitual. Medo. Desespero. Elissa olhou e viu o mesmo na face de Mãe Cera. De Stasy. Dos guardas na muralha.

Retirou o estilete de prata do bolso, prendendo-o ao pulso com a corrente.

– Eu lido com os demónios da rocha. – As suas palavras foram suficientemente sonoras para serem ouvidas por vários dos grupos de soldados que se ocupavam dos canhões.

Todos os olhos se fixaram nela enquanto Elissa traçava uma série de guardas com traços prateados brilhantes que pairaram no ar. Quando o último símbolo se uniu aos outros, abriu o aparo para energizar o feitiço, mirando um par de demónios da rocha.

A linha de guardas voou como uma lâmina, aumentando de tamanho e intensidade até cortar os demónios como um escopro cortaria pedra. A pele blindada fraturou-se e foram os dois projetados, mortos.

– Criador nos proteja! – exclamou Cera.

A satisfação de Elissa não durou muito e sentiu-se dominada por uma tontura. Usou demasiado poder para assegurar que os demónios morriam com o primeiro golpe. Cambaleou, mas Stasy segurou-a pelo cinto, puxando com firmeza antes que tombasse da muralha.

– Sentes-te bem? – Stasy manteve a voz baixa.

– Estou ótima. – A tontura começava já a esbater-se. Felizmente, só Stasy pareceu notar. Os outros perto dela sobre a muralha olharam-na fixamente, espantados.

Viu quem apontasse e gritasse à distância e percebeu que a notícia se tinha espalhado rapidamente. O risco que correra justificava-se pela esperança que dera aos defensores, mas não conseguia continuar a lançar feitiços como aquele.

– De volta para os vossos postos! – Traçou uma guarda para ampliar a voz e os homens voltaram a sua atenção para baixo com vigor renovado, erguendo balas de ferro pesadas e arremessando-as às massas de demónios.

– Mães – disse Elissa, olhando Jone e Cera. – Viram desta muralha tudo o que precisavam de ver. Penso que será melhor voltarem para dentro.

As mulheres hesitaram um momento até Cera se recompor, acenando com a cabeça.

– Claro. Vamos, Stasy. – Virou-se para partir.

Elissa segurou Stasy pelo braço.

– Receio que a assistência da jovem Mãe me seja necessária.

Cera pareceu prestes a protestar, mas acabara de ver Elissa destruir dois demónios da rocha com o seu estilete. Jone puxou-lhe o braço e as duas mulheres apressaram-se a descer da muralha.

Stasy voltou a olhar o abismo.

– Não sei se devo agradecer-te, Mãe.

– Não quero agradecimentos. – Elissa puxou por um segundo estilete, mais simples que o seu, mas poderoso, mesmo assim. A Guilda dos Guardadores passara a ter um modelo para duplicar e os estiletes eram usados com grande efeito no Horto Rijo. – Quero a tua ajuda. És a única pessoa nesta fortaleza a quem confiaria um destes.

Stasy estendeu a mão para o estilete, mas afastou-a, esfregando os dedos.

– Foi há muito tempo que trabalhei na oficina de guardas de Mestre Cob.

– Estou certa de que recordarás os fundamentos básicos, querida. – Elissa pressionou o estilete contra a mão de Stasy, olhando-a nos olhos. – Todos nesta fortaleza morrerão se não travarmos aqueles demónios da rocha. Preciso de ti. As Mães precisam de ti. O teu filho precisa de ti.

Stasy acenou com a cabeça.

– Sim, Mãe. Como funciona?

Elissa mostrou-lhe rapidamente as guardas que abriam o aparo e explicou-lhe como ajustar o fluxo de poder.

– Tenta algo simples.

– Uma guarda de impacto? – perguntou Stasy, olhando um demónio da rocha iluminado pela luz das guardas.

– Não me parece. Até teres mais prática. – Elissa viu um guarda largar uma bala de ferro do alto da muralha e ocorreu-lhe algo. Escolheu o demónio da rocha mais próximo como alvo e traçou uma guarda magnética.

Perderam o projétil de vista, mas iluminou-se com magia, desviado da sua trajetória natural para atingir o demónio da rocha no peito. O demónio cambaleou para trás, vivo mas incólume.

Stasy acenou com a cabeça, traçando também uma guarda magnética. Alimentou-a com demasiado poder e, da parede, meia dúzia de balas de canhão

foram atraídas por um único demónio, golpeando-o até à morte. Elissa preparou-se para amparar a jovem, mas esta não pareceu incomodada pelo feitiço.

– Oh, quem me dera ter outra vez vinte e cinco anos. – Elissa suspirou.

– O que foi, Mãe? – perguntou Stasy.

– Nada. Vem daí, querida.

Avançaram sobre a muralha, guiando até aos alvos as balas largadas pelos guardas, mas, por cada demónio da rocha que abatiam, surgiam mais. Aos poucos, os nuclitas ganhavam terreno, escalando lentamente o penhasco. Não tardariam a alcançar as muralhas em números que ameaçariam esgotar a capacidade da rede de guardas.

– Demónios do vento! – gritou um dos vigias.

O bando de demónios voadores mergulhou do alto, transportando nas garras fragmentos de pedra menores para lançarem numa chuva sobre os defensores. Alguns embateram contra as ameias ou fizeram guardas caírem da muralha abaixo. Os sortudos caíram seis metros e aterraram sobre o empedrado do pátio. Os azarados caíram entre os demónios.

Elissa notou que as mortes tinham sido apenas uma consequência.

– Criador. Miram as guardas! Abatam-nos!

Os guardas ergueram as suas lanças da montanha e as armas de chama dispararam como foguetes de festival, dilacerando os demónios do vento. Nuclitas que pairavam com graça fácil foram dominados por espasmos súbitos, alguns largando as pedras antes de tempo, outros perdendo altitude e chocando contra a rede guardada da fortaleza.

Poucas horas antes, guardas contra demónios do vento tinham formado uma barreira que teria deixado os demónios mortos parecendo flutuar no ar, sobre a rede guardada, até ser incendiado pelo sol. Um demónio vivo teria escorregado, ferido e irado mas relativamente incólume.

Elissa acrescentara guardas de corte à rede. Quando os demónios do vento atingiram a barreira foram rasgados pelas lâminas. Sangue negro, pedaços de couro de asa e nacos ainda palpitantes de carne choveram sobre o pátio, fazendo alastrar clarões de poder pelas grandes guardas toscas pintadas no empedrado.

Um demónio avistou Elissa, desviando-se do seu rumo para se concentrar nela, trazendo uma pedra nas garras. Ergueu o estilete e traçou uma guarda de impacto, mantendo-a pequena, como a cabeça de um martelo. Atingiu a fina articulação do ombro da asa esquerda do nuclita e o demónio do vento perdeu o controlo do seu voo, batendo atabalhoadamente as asas antes de ser destruído pela rede de guardas.

Soldados no pátio avançaram com alabardas guardadas para acabar com os que ainda se debatiam. Foram seguidos por Guardadores, que canalizaram de forma igualitária os resquícios de poder para as grandes guardas, recolhendo hora para alimentar guardas suas. Era uma tarefa medonha para homens e mulheres habituados a instrumentos de escrita e gravação. Elissa molhou um lenço e cobriu com ele o nariz e a boca, mas sentia o estômago às voltas.

Baldes de entranhas e sangue de demónio foram cheios e transportados até às caves para fortalecer as guardas dos esgotos. Se os demónios tinham conseguido destruir os alicerces da ponte, era provável que estivessem já nos túneis por baixo da fortaleza, procurando uma forma de entrar.

O avanço do demónio pelo penhasco era regular, mesmo sem ser rápido. Nem os poderosos demónios da rocha conseguiam atirar pedras até ao topo do penhasco. Começaram a trepar, arrancando fragmentos com uma mão à parede rochosa e atirando-os para cima. Era mais lento, mas seria apenas uma questão de tempo até atingirem o topo do penhasco e começarem a atacar as muralhas.

Elissa olhou um dos canhões, vendo como a sua munição diminuía rapidamente.

– Lancem o barril de pólvora ao abismo.

– O pó de chama não funciona assim, Mãe – disse um dos guardas. – Não explodirá.

Elissa ergueu o estilete.

– Acho que consigo encorajá-lo.

O guarda sorriu e, juntamente com os seus homens, ergueu o barril e fê-lo cair ao abismo. Elissa viu-o cair e traçou uma guarda térmica imediatamente antes de desaparecer de vista. O barril explodiu, afastando os demónios da parede rochosa e fazendo-os cair ao abismo. Os nuclitas conseguiam recuperar de danos enormes, mas Elissa duvidou que sobrevivessem a uma queda de tal altura.

Os defensores gritaram de júbilo, atrevendo-se novamente a ter esperança, mas sentiu-se uma vibração como um terramoto e parte do pátio desabou. Incapazes de subirem a muralha, os demónios tinham escavado por baixo dela, mas, por sorte ou desígnio, Elissa e Stasy estavam longe de qualquer saída enquanto a sua secção de muralha começava a tombar sobre o abismo.

Elissa estacou, mas Stasy manteve a frieza, traçando guardas de vento diante delas enquanto segurava Elissa e as afastava às duas da muralha, em direção ao pátio.

As guardas de Stasy ativaram-se, amortecendo a queda, mas, mesmo assim, embateram com força contra o empedrado. Elissa estaria coberta de nódoas

negras de manhã, se sobrevivesse até lá.

Teria perdido o estilete sem a corrente à volta do pulso. Voltou a segurá-lo e canalizou um pouco, restaurando a sua força.

Um par de demónios da rocha, erguia-se dos alicerces da secção de muralha destruída. A seguir, não vinham demónios dos campos ou das chamas, como Elissa teria esperado, mas sim algo que só conhecia de histórias.

Demónios da neve, com as escamas brancas refletindo luz guardada, avançaram como uma tempestade de neve. Elissa ergueu o estilete para traçar guardas térmicas, mas os demónios ignoraram-na e aos outros defensores, correndo para cuspir saliva gélida contra secções intactas de muralha. O creto tornou-se branco com o gelo enquanto Elissa começava a queimar os demónios vivos.

Guardas armados com armas de chama formaram linhas de tiro e muitos dos demónios da neve guincharam e caíram ao chão, mas os estragos estavam feitos. Os demónios da pedra ignoraram os disparos e as guardas térmicas enquanto investiam contra a muralha, atingindo a rocha gelada com golpes que faziam estremecer a fortaleza inteira.

Tempestades e terramotos, dissera Arlen. As palavras revelaram-se proféticas enquanto demónios de pedra atravessavam as muralhas, abrindo o pátio à noite. Nuclitas guinchavam ao mesmo tempo que passavam pela brecha.

– De volta para a mansão! – Elissa usou a magia para fortalecer a voz, mas não precisava de se ter dado ao trabalho. Os poucos soldados que tinham conseguido voltar a carregar as armas dispararam enquanto os seus companheiros corriam pelo pátio até à entrada da mansão.

Caos como Elissa nunca tinha visto instalou-se enquanto demónios da neve ágeis começavam a perseguir os homens e mulheres que fugiam.

– Mantenham-se dentro das grandes guardas! – trovejou Elissa. Com efeito, as guardas ainda brilhavam em várias secções da muralha e os demónios em perseguição que tentavam alcançar o seu abrigo eram projetados para trás.

Elissa e Stasy não tiveram tal sorte, aterrando sobre empedrado parcialmente destruído.

Stasy captou movimento pelo canto do olho e virou-se a tempo de traçar uma guarda de impacto e repelir um demónio do vento que passou pelo vão na rede guardada. Os outros demorariam minutos a conseguir vantagem idêntica.

Um grupo de demónios da neve virou-se em simultâneo, com os olhos negros fixos em Elissa. Traçou uma guarda térmica a eles dirigida, mas os demónios dispersaram, atacando de vários ângulos.

– Foge! – Elissa ergueu as saias com a mão livre e, juntamente com Stasy, correram para as portas da mansão. Os demónios foram mais rápidos, mas traçaram guardas contra demónios da neve, afastando-os da sua trajetória. Acreditaram que chegariam à mansão quando um demónio da pedra se atravessou à sua frente.

Pararam, erguendo os estiletes, mas, nesse momento, um dos demónios da neve que as perseguia, cuspiu saliva gélida, atingindo Elissa nas pernas. Gritou, caindo sobre as pedras, com os membros ardendo com dor como nunca sentira.

– Elissa! – gritou Stasy.

– Foge! – Elissa apoiou uma mão no chão com esforço, erguendo o estilete para traçar uma guarda térmica trémula que chamuscou a sua própria cara ao mesmo tempo que queimava os demónios da neve mais próximos.

– Nem pensar, pela noite! – Stasy susteve o demónio da pedra com uma guarda de proteção rápida e agachou-se para colocar o braço livre de Elissa sobre o seu ombro. Fez força e conseguiu erguê-las às duas. Uma das pernas de Elissa ardia, mas conseguiu suportar-lhe o peso. A outra estava dormente e conseguiu pouco mais do que coxear.

Cambalearam para dentro de uma das grandes guardas, mas o demónio da pedra arrancou uma pedra do chão e atirou-a contra elas. Stasy virou-se, empurrando Elissa com a pressa, mas não foi suficientemente rápida para travar o projétil. Embateu-lhe contra o peito, atirando-a ao chão juntamente com Elissa.

– Stasy! – Elissa traçou uma guarda de impacto, usando grande parte da magia que lhe restava para a energizar. O demónio da pedra foi projetado de costas, com a armadura cobrindo-se com uma teia de fraturas.

Elissa procurou uma pulsação. Metade do peito da mulher estava esmagado e a face estava coberta de sangue.

Ouviram-se gritos em redor de homens, mulheres e demónios moribundos, mas muitos dos nuclitas feridos já recuperavam. Arranharam a barreira da grande guarda, com as garras deixando um rasto de luz prateada enquanto procuravam falhas na proteção. Não muito longe, Elissa viu o outro demónio da pedra erguer um pedaço de entulho e mirá-la.

Por todo o pátio, havia demónios vindo na sua direção. Sentiu centenas de olhos fixos nela e percebeu que um demónio da mente estaria próximo.

Com um grito de angústia, Elissa levantou-se. Uma perna tremeu e a outra não era mais do que um suporte instável. Traçou uma guarda de impacto para defletir o projétil do demónio e coxeou para as portas da mansão.

Um par de soldados alcançou-a, apoiando-a por baixo dos ombros e erguendo-a no ar enquanto corriam para a mansão.

Os demónios investiram, mas o poder da grande guarda crescia, alimentando guardas nas paredes da mansão. Brilhavam intensamente, sugando poder do aglomerado de demónios. Um demónio da rocha atirou um fragmento de rocha para a mansão, mas a guarda cintilou e a pedra foi destruída, deixando a parede intacta.

As grandes guardas tinham atingido massa crítica com tantos demónios de onde podiam canalizar, com demónios dos campos sobrepondo-se à volta da mansão. Os demónios tentaram investir, mas os seus esforços conseguiram apenas tornar a barreira mais forte. Espalmaram-se contra a magia como crianças encostando a cara a uma janela enquanto os guardas disparavam os canhões e as armas de chama do telhado da mansão, transformando o pátio num matadouro.

– Depressa! – Era Mãe Cera em pessoa que estava à porta, empunhando uma lança numa mão e estendendo a outra mão a Elisa. Foi puxada para dentro e as portas fecharam-se atrás dela.

Elissa apercebeu-se vagamente de ser puxada até um sofá. Foi embrulhada em cobertores diante de uma fogueira, mas não conseguiu parar de tremer e soluçar. O peito esmagado de Stasy não lhe saía da cabeça.

Uma chávena foi-lhe encostada às mãos e bebeu, ignorando a queimadura do chá quente na garganta. Ficou ali deitada, tremendo, enquanto a Herbanária lhe erguia o vestido, mas não sentiu nada.

– Noite – exclamou a Herbanária.

E, então, o chá fez efeito e Elissa deixou os olhos fecharem-se, acolhendo o esquecimento.

Ainda era noite quando Elissa acordou, sobressaltada. Estava ensopada em suor, sentia palpitações na cabeça e tinha a garganta seca. Cada movimento provocava dor. Lá fora, o bombardeamento continuava.

– Que horas são?

– Está acordada! – gritou alguém. – Chamem Mãe Jone!

Elissa fez um esforço para se sentar e falhou.

Puxou o braço do sofá até ficar com a cabeça erguida quando a Herbanária se aproximou.

– Calma, condessa.

Condessa? A palavra abalou-a. A sua mãe teria morrido?

Jone surgiu no momento seguinte.

– Elissa. Graças ao Criador. – Mãe Cera estava atrás dela, parecendo menos agradada. E porque estaria? Elissa tinha-lhe levado Stasy e a jovem morrera.

– A minha mãe? – perguntou Elissa.

– Viva – disse Jone. – Mas não acordou e a Herbanária diz que cada hora que passa torna menos provável que a mulher que acordar seja a que recordamos. Até recuperar, és tu a condessa da Manhã.

– Os demónios?

– As tuas grandes guardas e os soldados que me restam conseguiram travá-los, pelo menos, por agora – disse Jone. – Mas ouvem-se sons de alguém a escavar por baixo da fortaleza e não sabemos o que fazer.

– Preciso de ver. – Mais uma vez, Elissa tentou sentar-se e falhou. – Herbanária... não sinto as pernas.

O olhar vazio da Herbanária era eloquente e Elissa segurou os cobertores. Puxando-os das pernas.

– Condessa! – A Herbanária estendeu a mão para a impedir, mas Elissa afastou-lhe a mão com uma palmada, expondo finalmente as pernas. Palpitaram enquanto se debatia, mas não sentiu nada. A pele estava pálida, apresentando manchas cinzentas e brancas.

Elissa sentiu as lágrimas voltando e, cerrando os dentes, forçou-as a recuar.

– Há alguma coisa que possas fazer?

Outro olhar vazio, mas Elissa respondeu-lhe com um olhar duro. Por fim, a Herbanária ergueu as mãos.

– A carne está gelada, condessa. Morta. Com o tempo, poderás sarar parcialmente, não espero que voltes a andar.

Elissa olhou para si percebendo que lhe tinham tirado as roupas.

– Onde está o meu estilete?

– Não estás em condições de... – começou Jone.

– Tragam-mo – interrompeu Elissa. – A não ser que queiram nuclitas a encher a cave.

Jone pareceu incomodada, levando a mão a um bolso do vestido e retirando um objeto envolto num lenço de seda. Tocava-o como se fosse uma frigideira quente.

Elissa arrancou-lho às mãos, desembrulhando o seu estilete de prata. A carga estava quase esgotada, mas esperou que restasse carga suficiente enquanto deslizava os dedos sobre as guardas para lhe permitir canalizar diretamente o seu poder.

Inspirou enquanto a magia fluía pelo seu corpo. As dores no crânio esmoreceram e sentiu que conseguia pensar com clareza pela primeira vez em horas. Parte da sua força regressou. Moveu as pernas para sair da cama, mas não lhe obedeceram como deviam, tropeçando uma na outra e deixando-a numa posição estranhamente emaranhada.

– Condessa... – advertiu a Herbanária. Elissa ignorou-a, pegando no estilete e traçando guardas diretamente nas suas pernas, abrindo o aparo para libertar o poder que restasse.

As guardas cintilaram e recuperou alguma sensação, com o branco e o cinzento tornando-se ligeiramente menos evidentes, mas não se assemelhava nada às curas totais que tinha conseguido no passado.

Mas, como acontecera com o ferimento de Woron, havia momentos em que a magia não era suficiente. Elissa afastou o pensamento, voltando a tentar levantar-se. Conseguiu apoiar a perna direita no chão, mas a esquerda arrastava e, quando se ergueu, não conseguiu suportar-lhe o peso. Equilibrou-se sobre uma perna trémula por um momento, antes de se deixar cair.

– Não fiquem aí de boca aberta – ripostou. – Alguém me traga uma bengala.

Elissa sentia os nervos forçados de cada vez que ouvia o tremor. Pó caía das paredes e do teto, enchendo o ar com o fedor a sangue negro.

Os Guardadores de Elissa tinham traçado grandes guardas no chão, carregando-as com restos de nuclitas. Elissa carregou o seu estilete da mesma forma. Mãe Jone ofereceu-lhe um braço para a apoiar enquanto fitava a parede, com a caneta de hora pronta.

Era uma entrada antiga e selada nos esgotos, onde a brecha parecera iminente. Os demónios não deveriam ter conseguido aproximar-se da barreira poderosa, mas os sons de pedra fraturada permaneciam.

Depois, subitamente, tudo ficou silencioso. Elissa susteve a respiração enquanto a muralha ficava branca com gelo. Produziu um guincho agudo ao mesmo tempo que a humidade no interior solidificava e uma guarda de impacto virou o estômago de todos do avesso. As pernas de Elissa cederam e bateu com as ancas quando desabou sobre o chá de pedra. A parede fraturou-se e, dos escombros, surgiu... Derek.

– Passei! – Os olhos de Derek estudaram a divisão, fixando-se nela. – Vejo Elissa! Está viva!

Ragen surgiu a seguir, empurrando Guardadores confusos para o lado enquanto caía de joelhos ao lado da sua mulher.

– Lissa, estás bem?

Quis dizer-lhe a verdade, mas, naquele momento, parecia não importar. Abraçou-o e apertou-o com força.

– Estou bem. Como chegaste aqui?

– Da mesma forma que os demónios conseguiram entrar. Pelos esgotos. – Ragen acenou com a cabeça a Yon e Woron, que saíram dos escombros, seguidos por um grupo de Lanças da Montanha. – As armas de chama revelaram-se bastante eficazes nos túneis apertados.

Derek avistou Mãe Cera de pé ao lado de Jone.

– Onde está Stasy? – Aproximou-se. – Onde está o meu filho?

– Não... – começou Cera, mas Derek ergueu o estilete, apontando-o diretamente ao seu nariz.

– Chega de te esconderes atrás do título, condessa – rosnou Derek. – Esta noite, não. Leva-me à minha mulher. Agora.

– Ou? – ripostou Jone. – Assassinarás a condessa do Ouro diante de todos?

Derek apontou-lhe o estilete também a ela.

– Não me ponhas à prova, velha.

– Stasy morreu – disse Cera. – Morta por um demónio da rocha.

Derek cambaleou ao ouvir aquelas palavras, com a face tornando-se uma máscara de dor. Mas, a seguir, voltou a avançar, apontando a caneta de hora.

– Por tua culpa!

Mãe Cera recuou, caindo ao chão enquanto Derek se aproximava.

– Não. Por culpa dela. – Apontou Elissa. – Porque Mãe Elissa a fez enfrentar demónios nas muralhas quando devia ter estado em segurança dentro de paredes, juntamente com as outras mães.

Derek moveu o olhar para Elissa e não conseguiu mentir-lhe.

– Stasy salvou vidas incontáveis, esta noite.

Derek olhou-a. Boquiaberto. A seguir, fechou os olhos com força e abanou a cabeça para clarear as ideias, virando-se novamente para Cera e apontando o estilete.

– Nem sequer estaria aqui se não a tivesses mantido prisioneira. Agora, leva-me ao meu filho.

– Não farei tal coisa enquanto...

Derek traçou uma guarda rápida e o piso de pedra ao lado da condessa fraturou-se. Esta deu um salto e equilibrou-se a custo.

– Vai com ele, Yon, sim? – disse Ragen. – Assegura que Derek...

– ... não fará nada estúpido – concluiu Yon. – Trato disso.

– Verei aquele tonto agrilhoado – disse Jone quando partiram.

– Têm problemas maiores do que um homem que acaba de perder a mulher e quer assegurar que o filho está bem – disse Ragen. – A fortaleza de Euchor arde.



TRINTA E TRÊS

O MAL DÁ À LUZ

334 DR

– Força – disse Leesha.

– Rapariga tonta! – Elona tinha as pernas erguidas sobre a marquesa, com o suor ensopando-lhe a cabeça. – Que achas que fazes, pelo Núcleo?! – O trabalho de parto começara há horas e não estava mais perto de terminar.

– Leesha tenta apenas ajudar, querida. – Erny tentou pegar na mão de Elona, mas esta afastou-a com uma palmada.

– Sai.

A expressão de Erny abateu-se.

– Mas...!

– Bico calado! – rosnou Elona. – És tão inútil aqui como na minha cama! É impossível que este bebé tenha sido semeado pelo teu ramo murcho e ambos o sabemos!

– Querida! – Erny ficou muito vermelho, olhando em redor. Darsy e Favah mantiveram os olhos no chão e fingiram não ter ouvido.

– Sai! – guinchou Elona. – Sai! Sai! Sai!

Leesha pegou no cotovelo do pai.

– Pai.

Erny não precisou de nova ordem, permitindo-se ser levado para a saída.

– Não queria realmente dizer aquilo.

Erny deixou-se cair sobre um banco do lado de fora.

– Oh, Leesha. Claro que queria.

Leesha suspirou. Era inútil fingir que não tinha visto a verdade em vívido detalhe.

– Porque não voltas para os teus aposentos? Isto pode demorar horas. Mando chamar-te quando terminar.

Erny abanou a cabeça

– Talvez aquele bebé seja meu e talvez não seja, mas, para o bem e para o mal, a tua mãe é minha. Espero aqui.

Leesha apertou-lhe o ombro.

– És bom de mais para ela, pai.

Erny riu-se.

– Bom de mais, mas sem nunca ser suficientemente bom. Aceitei-o, mas nunca deixa de magoar.

– Tolice – disse Leesha. – A mãe usa a verdade para te ferir para que não percebas que é mentira. Deste-lhe a oportunidade de te trocar por Steave e não a aceitou. Nunca a aceitaria. Sempre foste melhor que ele e tens direito de lhe exigir que te trate como mereces. Há coisas mais importantes num homem do que o tamanho da piça. Se ela não consegue ver isso, talvez devesse tentar criar o bebé sozinha.

Erny abanou a cabeça.

– Amo-a, Leesha. Sempre amei e sempre a amarei. Nunca houve outra mulher para mim no mundo inteiro. Não vou a parte alguma. Não saio deste banco e não saio deste casamento. Proferimos os nossos votos...

– Mas só tu os cumpres – disse Leesha.

Erny olhou-a.

– É só assim que devemos cumprir as promessas que fazemos, Leesha? Quando os outros também o fazem? Não foi essa a educação que te dei.

– Sim, pai. Não foi. – Leesha sorriu, curvando-se para lhe beijar a calva antes de voltar para a sala de partos, fechando a porta.

– Força. – Darsy ocupou o lugar de Leesha entre as pernas da mãe.

– Estou a fazer força, vaca estúpida! – bradou Elona.

– Não estás a sair-te muito bem nisso, bruxa velha – murmurou Darsy.

– Como se algum dia pudesses saber como é isto – rosnou Elona. – Ver a tua cara azeda é suficiente para murchar a árvore de qualquer homem.

Darsy ficou vermelha, mas foi sensata e conteve a resposta. Estava habituada a intimidar outros, mas ninguém conseguia escalar um confronto como Elona Papel. Independentemente do que dissesse, a mãe de Leesha conseguiria dizer algo pior.

– Sê como a palmeira e verga para deixar que este vento passe por ti – aconselhou Favah. – Everam não julga as mulheres por palavras proferidas na sala de partos.

– Não conheces bem a minha mãe se achas que estas palavras se limitam ao trabalho de parto – disse Leesha.

Favah parecia preparada para dizer mais alguma coisa, mas Elona rosnou como um urso e Darsy gritou.

– Vejo a cabeça!

Leesha aproximou-se, afastando delicadamente Darsy. Ali estava, a pele morena do alto da cabeça da criança, finalmente visível. Começou a massajá-la para a libertar.

– É agora, mãe. Faz...

– Se disseres «força», juro pelo Criador que...!

– Não me importa o que faças desde que faças força – ripostou Leesha. Elona cerrou os dentes, com os vasos sanguíneos explodindo-lhe na cara com o esforço. A seguir, a cabeça passou e o resto veio num repente.

– Aqui está! – Leesha ergueu a mão para limpar a boca e o nariz do bebé, mas não foi necessário. A criança debateu-se nos seus braços e chorou a plenos pulmões.

Percebeu que concordava com ele, lacrimejando também.

– Nunca me cansarei deste som.

– Dá-lhe... – gemeu Elona – ... tempo... – arfou – e vamos... fartar-nos.

Leesha ignorou-a, passando dedos sensíveis sobre a criança, procurando o batimento do seu coração, a resistência da pele, a força dos seus movimentos, o ritmo das suas inspirações. Favah avançou, atando o cordão com movimentos experientes e cortando-o com uma faca de lâmina curva.

Leesha aprofundou os sentidos, vendo a aura da criança com a sua visão guardada. Soluçou. Independentemente dos horrores que Elona tivesse dito e feito na vida, aquela criança, o seu irmão, era uma aura que ainda não conhecia os pesos da vida.

– O que foi? – perguntou Elona, vendo as lágrimas. – Passa-se alguma coisa?

Leesha abanou a cabeça.

– Não. Tudo é... magnífico.

– Não faças *suspense* – disse Elona. É um rapaz.

Leesha abanou a cabeça.

– Uma rapariga. Saudável e perfeita.

– Noite. Outra vez, não! – Elona bateu com o punho na mesa, mas a mente de Leesha estava distante, recordando as palavras de Amanvah, meses antes, quando lançou os dados para a noiva de Gared.

Dar-lhe-á filhos fortes, mas será a sua filha a suceder-lhe.

Fosse qual fosse a sua desilusão, Elona estendeu as mãos para a criança. Leesha pôs-lhe uma fralda limpa e deitou-a sobre o peito da mãe, pele com pele.

– Que nome lhe darás? – perguntou Favah.

– Selen. Como a minha mãe. – A expressão de Elona era algo que Leesha nunca tinha visto. Poderia ser amor?

– Um nome forte – considerou Favah, afastando-se para se livrar do cordão. Leesha olhou-a e seguiu-a quando a mulher virou as costas junto à mesa e viu o brilho que conhecia.

Alcançou Favah enquanto a velha lançava os dados humedecidos com o sangue do cordão umbilical. Era uma violação de privacidade, mas a curiosidade de Leesha superava a ofensa e curvou-se para ver os dados pararem e os símbolos alinharem-se.

Madeira sobre uma guarda de corte.

– Lenhador – sussurrou, demasiado baixo para Darsy e a sua mãe ouvirem.

Favah acenou com a cabeça.

– A Jiwah Ka do barão ficará agradada por ser uma rapariga.

Não tão agradada, pensou Leesha, mas guardou isso para si, estudando o resto do lançamento.

– Ei! – berrou Elona. – Não pensem que sou estúpida para não saber o que fazem aí! Quero ver!

Favah ergueu os dados e enfiou-os na bolsa.

– É suficientemente mau que um chin olhe os dados sagrados. Não permitirei que outro o faça.

– E então? – questionou Elona quando Leesha voltou para o seu lado. Erny abriu a porta sem ser convidado a entrar enquanto Leesha respondia.

– Gared é o pai.

Leesha voltou ao seu gabinete e encontrou Araine sentada à sua secretária, flanqueada por Arther, Pawl e Tarisa, enquanto se curvava sobre uma pilha de

papéis. Melny sentava-se no sofá no extremo oposto, com Olive nos braços.

Era aquela a lealdade do seu círculo de maior confiança? Dois dias depois do regresso de Araine e já substituíra Leesha. Abriu a boca para gritar quando Olive, que acabara de completar três meses, se ergueu, segurando com firmeza o decote de Melny, içando-se até ficar de pé sobre o seu colo.

– Criador! – Leesha correu para elas, esquecendo a ira.

– Eu sei! – disse Melny, sorrindo. – Passou a manhã inteira a fazê-lo! – Olive virou-se, fixando os olhos nos de Leesha e rindo-se com vontade.

Leesha sabia que devia preocupar-se com o desenvolvimento invulgar de Olive. A maioria das crianças não conseguia erguer-se pelo menos até aos nove meses. Mas não conseguia impedir-se de retribuir o riso. Não havia nada de habitual em Olive Papel.

A rapariga soltou-se antes que o peito volumoso de Melny lhe saísse do vestido, esticando-se para Leesha. Por um momento, manteve o equilíbrio, mas, a seguir, as suas pequenas pernas cederam e caiu de rabo no chão, voltando a rir-se.

Leesha pegou-lhe e beijou-a.

– Conheci a tua tia hoje. A este rimo, correrás antes que ela aprenda a rebolar. – Olive respondeu erguendo os braços e torcendo-lhe o nariz.

Ouviu-se um ruído de papel e Leesha voltou a olhar para o outro lado do gabinete. Araine continuava a ler documentos, murmurando a Pawl que tomasse notas cuidadosas. Arther e Tarisa, pelo menos, tiveram a decência de parecerem culpados.

– Mestra. – O primeiro ministro curvou-se enquanto Leesha se aproximava com passos apressados, trazendo a criança nos braços. – Não esperávamos que regressasses tão cedo.

– Essa é a tua única justificação por violares o juramento que me fizeste? – quis saber Leesha. – Juraste que as contas do Outeiro seriam mantidas em segredo.

– *Pfagh!* – Araine ergueu finalmente o olhar. – Tu própria disseste que já não havia segredos de estado.

– Do teu estado – ripostou Leesha. – Este é meu.

– Não lhe mostrei nada de sensível – disse Arther, defensivo. – A duquesa-mãe pediu para ajudar com os requisitos dos seus refugiados...

Araine agitou uma mão e Arther calou-se.

– Não podes esperar que passe o dia todo sentado a fazer festas à barriga de Melny, Leesha. Não posso ajudar-te no campo de batalha. Não sei guardar, curar

os doentes ou pôr crianças no mundo. Mas posso fazer isto.

Leesha expirou. Tinha o direito de se sentir irada com todos eles, mas não podia negar que precisava de ajuda e poucos no mundo teriam mais experiência com o governo de uma cidade do que a duquesa-mãe.

– E que te parece?

– Que o teu coração é muito maior que os teus cofres – concluiu Araine. – É surpreendente que tenhas mantido o Outeiro à tona com todos os benefícios que distribuis a todos os mendigos que chegam à cidade.

Leesha semicerrou os olhos e virou-se para Arther.

– Nada de sensível, dizias? – O homem parecia querer enfiar-se pelo colarinho engomado abaixo. Era verdade que Leesha precisava de ajuda, mas não pretendia que Araine soubesse a que ponto era frágil a economia do Outeiro com guerra em todas as frentes.

– Não é preciso um génio para adivinhar o panorama geral a partir do que fizeste pelo meu povo em apenas dois dias – disse Araine. – Gastas klats mais depressa do que consegues cunhá-los e lacá-los.

– Parámos de lacá-los há meses. – Olive puxou-lhe o vestido e Leesha libertou um seio, aproximando-a para mamar. Arther produziu um som estrangulado e virou as costas tão depressa que Leesha achou que causaria a si mesmo uma lesão muscular.

– Mesmo assim... – Araine indicou os papéis com a mão.

– Que querias que fizesse? – perguntou Leesha. – Que deixasse o teu povo morrer de fome à minha porta como fizeste com os rizonanos quando vieram bater à tua porta?

– Claro que não – negou Araine. – Tento elogiar-te, rapariga, se parares de interromper durante tempo suficiente para me permitires fazê-lo. Dançaste sobre o gume da navalha e, no entanto, não há barrigas vazias no Condado do Outeiro. – A velha abanou a cabeça. – O primeiro Rhinebeck levou Angiers à bancarrota para assegurar que os senhores de Angiers lhe ofereceriam o trono quando o meu pai morreu. Sabias disso?

– Rojer disse alguma coisa a esse respeito, certa vez – respondeu Leesha.

– Um Jogral teria de exagerar histórias – disse Araine. – Que te contou?

– Que o primeiro Rhinebeck inventou a máquina de cunhar klats – disse Leesha. – E que guardou para si um em cinco.

Araine fungou.

– Era muito mais que isso. Mesmo assim, depois dos subornos que pagou para manter o trono, o velho tolo morreu e deixou o seu filho e eu com um cofre

cheio de pouco mais do que notas de dívida e mofo. O meu Rhinebeck interessava-se mais pela caça e por se deitar com rameiras, deixando Janson e eu com uma provação e tanto para manter os nossos cofres vazios em segredo até a cidade voltar a erguer-se.

A velha estendeu a mão, prendendo a de Leesha com força surpreendente.

– Saíste-te melhor do que eu teria saído, rapariga. Deves orgulhar-te. A minha cidade perdeu-se... talvez para sempre. Não quero o teu trono. Para mim ou para o filho de Melny. Mas posso ajudar-te, se me permitires que o faça.

Com a luz do Sol entrando no gabinete, Leesha não podia ler a aura da duquesa-mãe, mas a sinceridade nos seus olhos era suficiente.

– Alagai Ka – disse Leesha.

– Não te deixes distrair pelo que esperas ver que deixas escapar os símbolos adjacentes – disse Favah.

Leesha semicerrou os olhos, inclinando a cabeça para olhar de todos os ângulos.

– Novo. – Apontou. – Nascimento.

Leesha pensou por um momento.

– Crias? Demónios da mente juvenis?

Favah acenou afirmativamente.

– Que te diz este lançamento?

Leesha percebeu que a anciã tinha já formado a sua opinião. Era um teste, como sempre. Por vezes, viam as mesmas coisas num lançamento. Noutras ocasiões, Leesha cometia erros.

E, noutras vezes ainda, viam coisas completamente diferentes que podiam estar igualmente certas, dependendo das divergências.

Leesha estudou os símbolos dispersos, encaixando-se como um *puzzle*.

– O demónio da mente que controla Angiers envia crias para o Outeiro para nos cercarem enquanto consolida o poder. – Os ataques nas imediações da grande guarda já aumentaram, focando-se nos bairros com as guardas mais fracas. Que acontecerá quando os demónios da mente vierem e puderem transformar os ataques selváticos em ataques cirúrgicos?

Favah curvou-se. Não lhe era tão difícil fazê-lo como poucas semanas antes.

– Concordo. Para que consigas uma força de bom tamanho antes da Lua Nova...

– Terá de acontecer em breve – concluiu Leesha.



TRINTA E QUATRO

LANÇA DE ALA

334 DR

– A Lança está intacta, Par’chin? – questionou Jardir. – Continua de pé?

– Sim. Os portões continuam fechados. – As palavras saíram-lhe embargadas. O Par’chin choraria? – É perfeita, Ahmann. Criador. Brilha como o sol.

– Devo ir – disse Jardir. – Agora.

– Claro, tio – disse Shanvah. – Vigiaremos o prisioneiro. Alagai Ka não escapará ao seu cativeiro.

Jardir acenou afirmativamente e fê-la virar-se novamente para o demónio e para o seu pai enquanto começava a despir a roupa em excesso para nadar.

– Espera um nucleado segundo! – gritou Renna. – Antes que partam e me deixem e a Shanvah sozinhas com Alagai Ka, maldito seja, alguém pode dizer-me o que é a Lança de Ala?

– O maior csar alguma vez construído – disse-lhe Jardir. – O Evejah ensina-nos que era a fortaleza construída pelo próprio Kaji para usar como palco de preparação e fonte de abastecimento do seu ataque ao abismo.

Renna pestanejou.

– Oh!

Jardir continuou a despir-se.

– Por isso, vês que preciso de ir.

– Não vejo nada – ripostou Renna. – Tu próprio disseste que não podemos desleixar-nos. Que precisamos de ficar juntos. Que ninguém ficará sozinho com o demónio.

– Irmã – disse Shanvah. – É a Lança de Ala...

– Não sou estúpida, Shanvah. Percebo o que é. Percebo porque é importante. – Renna voltou o seu olhar para Jardir. – Mas ergueu-se aqui durante três mil anos. Não vai a parte alguma nas próximas horas, se for esse o tempo necessário para agirmos de modo seguro.

Jardir pestanejou, movendo os olhos para Alagai Ka e Shanjat. O demónio parecia arrogante, mesmo acorrentado. Escondeu as palavras que diziam do demónio com os poderes da coroa, mas, sem dúvida, a criatura conseguiria ler lábios e adivinharia grande parte de significado da sua posição.

Seria aquele o momento pelo qual Alagai Ka esperara? O mo- mento em que Jardir se focava na Lança de Sala e baixava a atenção dedicada ao prisioneiro? Jardir recordou a última tentativa de fuga do demónio. Tinha sido repentina e, mesmo estando preparados, apossou-se de Shanjat e quase levou a melhor.

Voltou-se para Renna e curvou-se.

– Peço desculpa. Estás certa, claro. Alagai Ka é a nossa maior responsabilidade. Obrigado por me recordares que devo colocar a Primeira Guerra acima dos meus desejos pessoais.

– Sim. – A aura de Renna estivera tórrida, pronta para o combate e a concordância súbita enervava-a. – De nada, suponho.

Shanvah vestia apenas o seu toucado, o véu e o bido enquanto mergulhava a profundidade cada vez maior no charco, colhendo os vermes. Jardir não conseguia evitar sentir-se impressionado pela quantidade de magia que as criaturas continham, caminhando para trás e para diante junto à água enquanto a esperava pacientemente.

A aura de Shanvah era a mais ténue e com menos probabilidades de atrair as atenções dos vermes. A sensatez ditava que fosse ela a abrir caminho. Jardir e a jiwah do Par’chin vigiavam o prisioneiro, mas os músculos de Jardir estavam hirtos, gritando-lhe que abrisse caminho através das toneladas incontáveis de rocha, erguendo-se perante a Lança de Ala.

– Criador – rosnou Renna enquanto roía um dos vermes. – Sabe melhor ainda que o cuscuz.

Jardir acreditou nela. A sua aura brilhou mais enquanto comia, absorvendo o poder armazenado pelo verme. Poderia ser sensato para todos alimentarem-se depois de desimpedirem o caminho, mas, mesmo que Jardir conseguisse suportar comer as criaturas subterrâneas maculadas pelo abismo, não sentia fome. Queria apenas chegar à Lança.

Um dos vermes, tentando desesperadamente regressar à água, saiu da carapaça e deslizou em direção a Alagai Ka, que fixou nele um olhar faminto.

Shanvah tinha deixado a maior parte das armas facilmente alcançáveis sobre as rochas e Jardir ergueu um dos vidros de arremesso, prendendo o verme à rocha antes que a criatura rica em magia pudesse aproximar-se das garras do demónio. A aura de Alagai Ka estava débil e, para bem de todos, teriam de a manter assim.

Ouviram ruído vindo da água, mas não foi Shanvah quem surgiu à superfície. O Par'chin enchia os pulmões enquanto saía da água. Havia feridas superficiais na sua pele, inchadas e vermelhas, mas a sua magia era forte e as marcas começavam já a dissipar-se.

Jardir olhou o seu amigo, mas o Par'chin tinha olhos apenas para o demónio, aproximando-se de Alagai Ka como se fosse uma presa. Segurou o demónio com brusquidão pelo pescoço, arrastando-o para onde Shanjat estava acorrentado e encostando-lhe o demónio.

– Continuo vivo – rosnou o Par'chin.

Os olhos de Shanjat moveram-se para o seu corpo molhado.

– Obviamente.

– Tentavas matar-me? – quis saber o Par'chin. – Sabias que os vermes estavam na água.

Shanjat sorriu.

– Respondi a todas as tuas perguntas com verdade, Explorador. Culpa-te por não teres feito perguntas suficientes. Sou teu prisioneiro. Não sou teu amigo.

– Os demónios não têm amigos – rosnou Renna.

– E somos mais fortes por isso. – Shanjat olhou Jardir. – Nada de sentimentalismo inútil para conduzir a ações tolas.

– Fui salvo da tolice por um amigo, demónio – disse Jardir. – E é por isso que as tuas palavras não me envenenam.

Shanjat piscou-lhe o olho.

– Desta vez.

O Par'chin endireitou as costas e inspirou fundo, abrindo os punhos enquanto expirava. Virou-se para Jardir.

– Avança rapidamente pela água e os vermes que restam não terão tempo de se prender a ti. Segue a direito a partir daqui.

Jardir acenou afirmativamente. Despiu a capa e entrou no charco, usando apenas a coroa e o bido, segurando a Lança de Kaji com as duas mãos.

Assim que a lança tocou na água, conseguiu sentir a atração do grande csar ecoando-lhe na alma. Concentrou poder na lança e mergulhou, golpeando com magia para avançar tão facilmente pela água como se movia pelo ar.

Jardir saiu do charco, pingando, sem se preocupar com as conchas espinhosas da colheita do Par'chin estalando por baixo dos seus pés nus. Não conhecia nada, não sentia nada, além da Lança de Ala. Brilhava na escuridão, entoando uma canção de poder glorioso. Caiu de joelhos quando a viu.

Era verdade. A escritura sagrada do Evejah tinha guiado as vidas do seu povo durante milénios. Sem dúvida que os clérigos haviam acrescentado floreados ao longo dos anos, inflando o que era já glorioso ou servindo alguma agenda política, mas o cerne de tudo aquilo em que ele e o seu povo acreditavam era verdade e a prova estava à sua frente. Kaji tinha estado ali, naquele local, construindo uma fortaleza contra a escuridão que se erguera durante mais de três mil anos.

Chamava-o. Era semelhante à forma como o Par'chin chamava o chamado do Núcleo. A Coroa de Kaji palpitava-lhe sobre a testa, como uma chave ansiando entrar numa fechadura há muito fechada. Dentro das muralhas, o seu poder seria como a própria Mão de Everam e ai dos inimigos que tentassem erguer-se no seu caminho.

Shanvah surgiu à superfície pouco depois, ajoelhando-se a seu lado, sem se preocupar com os seus corpos despidos.

– Libertador. – A sua voz era um sussurro.

Jardir apertou-lhe delicadamente a mão.

– Sobrinha. – Teria dito mais, mas que palavras conseguiriam transmitir o que os seus sentidos lhe diziam? Os lábios dela moviam-se em oração silenciosa e juntou-se a ela.

Everam, se alguma vez me escolheste para Te servir, concede-me força e valor nos dias vindouros. Concede-me o poder para ter sucesso onde até o grande Kaji falhou. Se não for por força de legiões... – apertou novamente a mão de Shanvah – *... pela confiança e apoio dos meus companheiros. Teus escolhidos.*

Uma série de ondas circulares alastrou pela água atrás de si e ambos se levantaram imediatamente enquanto Shanjat emergia, transportando Alagai Ka às costas. O demónio silvou e afastou o olhar da Lança de Ala. Já não se mostrava tão arrojado perante o poder de Everam.

Momentos depois, Renna am'Fardos ergueu-se do charco.

– Arlen traz a bagagem. Não demora.

Jardir acenou afirmativamente, avançando até Alagai Ka.

– Que sabes sobre este sítio?

– Está amaldiçoado –respondeu Shanjat. – Assombrado. Não encontrarás sossego aqui.

– Poupa-me às tuas mentiras e enganos – rosnou Jardir. – Os portões continuam trancados. Sinto-o daqui. A fortaleza ainda se ergue. Como é possível?

– Esperámos – disse o demónio. – Esperámos o Escolhido. Esperámos que o teu Kavri regressasse para a superfície para recrutar mais servos para a luta.

Jardir empunhou a lança com tanta força que os seus dedos ficaram brancos.

– E depois?

– As nossas ações não conseguiram tocar a grande guarda do csar do teu antepassado – gemeu Shanjat. – Mas reunimos a nossa magia e desabámos o túnel por onde tinham marchado as nossas forças. Destruímos as pontes. Destruímos as linhas de abastecimento. Quando os exércitos de Kavri regressaram à passagem, o caminho foi destruído e separámo-los, deixando os guerreiros aprisionados em baixo. Como se esforçou contra nós! Como se debateu para voltar para junto deles, para... – O sorriso de Shanjat era malévolo. – Para os libertar. Mas estava condenado ao falhanço.

– E os homens no interior? – perguntou Jardir.

Shanjat encolheu os ombros, como se não importasse.

– Separados do seu apoio, bastou que os servos reconquistassem ou destruíssem os túneis inferiores, anulando as suas investidas até ficaram demasiado fracos para lutar, e selando os portões para sempre.

Jardir sentiu um aperto no peito e percebeu que sustinha a respiração.

– Então poderá haver sobreviventes.

– Há muito que morreram de fome ou foram comidos pelos cães de guerra. – Shanjat mostrou os dentes. – Uma morte feia e desonrada, seja como for. Talvez tenham sido suficientemente sensatos para se deixarem cair sobre as lanças.

– Poderiam ter comido o cuscuz sagrado. – Jardir sabia que se limitava a avançar com teorias, mas não conseguia evitá-lo.

Shanjat fungou.

– Durante cinco mil anos?

– Se havia mulheres... – O csar teria sacerdotisas para fazerem previsões, pelo menos.

Shanjat riu-se cruelmente.

– Nem a lendária prostituição das dama'ting estaria à altura de tal tarefa.

Shanvah apertou com mais força a haste da sua lança ao ouvir a blasfémia, mas Jardir acolheu a raiva.

– São apenas palavras, Pai das Mentiras. Veremos por nós mesmos.

O Par'chin saiu finalmente do charco, puxando os seus sacos. Olhou em redor, interiorizando a envolvência.

– Noite.

O seu tom provocou em Jardir uma sensação de desconforto.

– Que foi, Par'chin?

O Par'chin estudava as rochas.

– Deixei peles roídas de verme sobre estas rochas há menos de duas horas. Que lhes aconteceu?

Jardir olhou em redor, confuso, percebendo que, realmente, apenas conchas eram visíveis.

– Necrófagos?

Como se respondesse à deixa, um uivo à distância gelou-lhe o sangue.

Shanjat já não se ria.

– Seria sensato fugirmos deste sítio antes que os cães de guerra nos alcancem. Ao contrário dos vossos guerreiros, os cães sobreviveram, alimentando-se de servos caídos antes de se voltarem contra os seus senhores.

– Conseguimos lidar com lobos – disse Arlen.

– Não com estes, Explorador – respondeu Shanjat.

Jardir abanou a cabeça.

– Não vamos a parte alguma até entrarmos na Lança de Ala.

– O sítio tem guardas melhores do que quaisquer outras que alguma vez tenha visto – disse Renna. – Não podemos arrastar um demónio para lá sem o matarmos e também não podemos acorrentá-lo e enfiá-lo num buraco aqui fora.

O Par'chin suspirou.

– Vai tu, Ahmann. Mas não sozinho. Leva Shanvah. Renna e eu guardaremos o prisioneiro.

A silenciosa Shanvah curvou-se numa vénia profunda.

– Par'chin, deverás ser tu a acompanhar o meu abençoado tio.

– Não vou mentir e dizer que não o quero fazer. – O Par’chin abanou a cabeça com tristeza. – Mas não pertenço a este sítio. Aprendi a minha lição com Anoch Sun. Mais do que qualquer outro sítio no mundo, isto é terreno sagrado do teu povo. Os primeiros pés a pisarem-no depois de tanto tempo deverão ser evejanos.

– Serão – concordou Jardir. – Pois tu e a tua jiwah sacrificam tudo na Primeira Guerra. São tão evejanos como qualquer outro, quer o vejam ou não. Shanjat também, mesmo que os seus pés sejam controlados pelo Pai do Mal.

Alagai Ka silvou.

– Será a minha morte se entrar no vosso cemitério. Restam muitos quilómetros de caminho, Herdeiro. Ainda precisarão de mim.

Jardir sorriu.

– Enche-te de medo, Pai do Mal. Posso proteger-te com a coroa, mas saberás que todos os momentos da tua existência dependem da minha vontade.

– E, se a tua vontade vacilar, mesmo por um instante, morrerei – disse Shanjat. – Incinerado pela grande guarda.

Jardir encolheu os ombros.

– Se assim for, será inevera.

* * *

Os uivos aproximaram-se mais enquanto se dirigiam para o csar. As criaturas rodeavam-nos há algum tempo, assegurando que estavam sozinhos... vulneráveis.

A seguir, os cães ficaram mortalmente silenciosos. Jardir conseguia ainda sentir a sua presença, como se fossem demónios no Labirinto, mas, apesar da sua visão guardada, as criaturas permaneciam invisíveis.

Alagai Ka silvou e contorceu-se enquanto se aproximavam do csar. Era raro que a criatura transmitisse tanta informação na sua aura, mas o seu medo tinha-se tornado palpável.

Jardir sentia-se excitado. Cada passo fortalecia a ligação entre ele e a cidade. Falava-lhe, contando uma história como as camadas de rocha numa meseta desértica.

Voltou-se para o Par’chin.

– Era a isto que te referias, Par’chin, quando disseste que Anoch Sun te falou?

Esperou que o amigo partilhasse o seu maravilhamento, mas o Par’chin hesitou, inclinando a cabeça antes de a abanar.

– Senti que fazia parte de alguma coisa em Anoch Sun. Aqui, consigo sentir o poder, mas não fala comigo.

Jardir olhou os outros, mas tornou-se claro que a ligação era exclusivamente sua. Sentia as pedras na sua coroa palpitando e soube que, algures no coração do csar, joias talhadas das mesmas pedras, reforçadas por ossos retirados do mesmo príncipe de demónios, palpitavam em resposta.

No momento em que entraram na grande guarda, Jardir sentiu o seu poder envolvê-lo como uma túnica, vergando à sua vontade.

– Como entraremos? – perguntou o Par'chin, olhando os grandes portões fechados. – Escalamos as muralhas?

– Não será necessário, Par'chin. – Jardir agitou ligeiramente a lança e os grandes portões começaram a vibrar, abrindo-se para permitir a sua entrada.

Um som trovejante ecoou na caverna atrás deles, fazendo lembrar garras raspando a rocha. Jardir olhou para trás sem ver nada.

O demónio libertou um rosnado baixo.

– Depressa – disse Shanjat. – Quase nos alcançaram!

Jardir não confiava no demónio, mas o seu tom de voz dizia a verdade e correram para a cidade, com Alagai Ka silvando de dor quando entraram. Jardir gesticulou aos portões que fechassem, mas não antes de focinhos se materializarem do lado de fora.

Focinhos caninos torcidos, mas Jardir reconheceu-os. No presente, os guerreiros krasianos continuavam a dar preferência à mesma raça, os gwilji, corredores do deserto, como companheiros de caça e protetores de poços e mulheres.

Mas aqueles eram muito maiores do que os gwilji de Krasia, mordendo e babando-se como cães famintos atirados a um fosso de luta.

– O que eram aquelas coisas, pela noite? – perguntou Renna.

– O que espera Evin Lenhador – disse o Par'chin. – Se continuar a alimentar Sombra com carne de demónio.

Shanjat abanou a cabeça.

– Não fazes ideia do que enfrentas, Explorador. Estas criaturas alimentam-se e reproduzem-se longe do sol ao longo de milénios. Poderes que mal compreendes são tão simples para eles como respirar.

– Não importa – disse Jardir. – Não conseguem alcançar-nos aqui. Nada poderá fazê-lo.

Com efeito, o poder preenchia-o enquanto os conduzia pelas ruas silenciosas. Conseguia ver a grande guarda com o olho da mente, conhecendo cada contorno,

sentindo cada porta, parede e telhado. Sem nunca ter visto o sítio antes, conhecia-o tão intimamente como as ruas em que tinha crescido. Sabia que não restava qualquer vida no csar e soube também onde encontrar o último resquício.

Levou-os até ao Sharik Hora.

As portas gigantes abriram-se com um pensamento. O templo era o centro palpitante do csar, focando o poder que mantinha as ruas e edifícios imaculados e as paredes invioladas. Alagai Ka silvou e contorceu-se sobre as costas de Shanjat enquanto entravam, escondendo-se mais dentro da túnica do guerreiro.

Como os seus homónimos na Fortuna de Everam e na Lança do Deserto, o interior do Templo dos Ossos dos Heróis estava coberto com os restos mortais de Sharum caídos. Os seus ossos formavam um padrão complexo sobre as paredes. Tapetes e tapeçarias, tecidos com cabelo humano tingido e formando desenhos elaborados, pareciam não ter sido tocados pelos milénios, com as cores ainda vivas.

Os bancos, cadeiras e mesas eram feitos de osso humano, revestindo-se com couro de pele humana.

Tudo estava guardado com beleza avassaladora. As guardas estavam talhadas em osso, tecidas com cabelo, pintadas com sangue. Tudo fundido e ligado ao coração do csar. Ligado a ele. Jardir sentia tudo fluindo em harmonia com o seu espírito.

Os outros também se sentiram atordoados. Os olhos de Par’chin vaguearam em todas as direções, tentando abarcar tudo em simultâneo, uma tarefa impossível. A sua jiwah, igualmente maravilhada, seguiu pelo caminho oposto. Olhava uma coisa de cada vez, examinando-as atentamente num momento, exclamando maravilhas, e seguindo em frente.

Mas Shanvah, a fiel Shanvah, olhava apenas o seu pai. Na sua aura, Jardir via como Shanjat pairava sobre ela como um fantasma.

Carrega a sua honra, percebeu Jardir. *Responderá pelas ações do seu pai, mesmo agora, controlado pelo demónio.*

– Em paz, sobrinha. Neste sítio, nem Alagai Ka conseguirá fazer-nos mal. – Conseguiu ver as palavras atravessando-lhe a aura. As palavras do Shar’Dama Ka. Shanvah permitiu-se alguns olhares furtivos ao grande templo em redor, mas a sua atenção permaneceu focada no seu pai e no demónio que o montava.

Os olhos dos heróis fitavam-nos de grandes candelabros, brilhando com luz que enchia o espaço. Iluminaram-se mais quando Jardir percebeu a sua presença, mas um pensamento ordenou-lhes que reduzissem novamente o seu brilho. O

templo tinha despertado quando a coroa se aproximou, respondendo a todas as suas ordens como se fossem Palavra Sagrada.

Fontes ainda dançavam, jorrando água sagrada de ossos ocos sobre tanques cristalinos e puros, mesmo depois de tanto tempo. Jardir e os outros beberam deles, sentindo-se imediatamente refrescados.

Com a visão guardada, Jardir conseguia ver o poder dos ossos palpitando com cada batimento do coração do templo, com cada pulsação das joias sobre a sua testa. Aqueles milhares incontáveis tinham morrido com Everam e a Sharak Ka nos seus corações e essa unidade, essa convicção de propósito, tinham ficado marcadas nos seus restos.

Ao contrário dos Sharik Hora da superfície, onde grande parte do seu poder ardia com o sol, aqueles ossos tinham ficado nas profundezas, acumulando poder durante milénios.

– Tudo parece novo e reluzente – disse Renna. – Onde estão todos?

– Receio que olhemos para eles – disse Jardir, continuando a caminhar com passo determinado pelo grande espaço onde os fiéis se reuniam para orar.

Diante das grandes portas, penduravam-se jaulas de osso destinadas a conter os prisioneiros que aguardavam a justiça de Everam.

Jardir virou-se para olhar Alagai Ka, encolhido na túnica de Shanjat. Com a visão guardada ampliada, conseguia ver a ligação do demónio ao seu amigo como nunca antes a vira, como uma infeção que alastrava a todos os pontos que a sua carne tocava, fundindo-os.

Mas, naquele sítio de poder, Jardir fraturou o domínio do demónio sem esforço, usando a vontade. Um movimento do dedo e a túnica de Shanjat abriu-se. Com um movimento das garras, o rei dos demónios aterrado foi arrancado ao seu amigo como uma ligadura suja, erguido apenas por um dedo.

– Não podes entrar no templo interior, Príncipe de Nie, nem poderás conspurcar o chão sagrado do Sharik Hora. – Uma torção do pulso de Jardir e o demónio foi atirado para uma jaula pendurada. Respondeu à sua vontade, abrindo-se para receber o prisioneiro e trancando-se em seguida.

– Aquilo conseguirá prendê-lo? – perguntou o Par’chin.

Jardir estalou os dedos. Ossos projetaram-se das paredes, formando espigões guardados que cercavam a jaula de todos os ângulos, com as pontas mortíferas apontando para dentro. O demónio silvou, mas não havia retirada possível e ficou imóvel no centro da jaula.

– Nenhuma prisão em Ala será mais forte, Par’chin. – Os espigões entrelaçaram-se como um espinheiro até o demónio desaparecer de vista. – O Pai

do Mal ficará completamente isolado do que acontecer fora da sua cela. Se tentar fugir, saberei e o csar erguer-se-á contra ele.

O Par’chin olhou-o longamente.

– Ainda bem que somos amigos. Porque, às vezes, assustas-me.

Jardir sorriu.

– Digo-te o mesmo, meu zah’ven.

O Par’chin ergueu o olhar enquanto as grandes portas do oratório se abriam.

– Lá fora, talvez. Aqui, ninguém negará que és o Shar’Dama Ka.

O Par’chin não chamou Libertador a Jardir, mas estava na sua aura, questionando todas as suas crenças e as crenças que desprezava.

Jardir pousou-lhe uma mão no ombro.

– Fica em paz, meu amigo. Se sou o Libertador neste sítio, não poderá haver dúvidas de que nunca o teria conseguido sem ti.

Apertou uma última vez e voltou-se para as portas.

Shanvah segurou no braço de Shanjat, que mantinha as mãos presas.

– Caminha comigo, pai. – O guerreiro seguiu-a e, por fim, os olhos dela começaram a fixar-se nas maravilhas à sua volta. Arregalaram-se e encheram-se de lágrimas.

Havia tanto que se tornava claro para Jardir enquanto o csar continuava a falar com ele. Arrancou sem esforço a passagem dos anos de vida da aura de Shanvah. Viu-a crescendo, como ele crescera, num subpalácio escuro, aprendendo apenas as tristes lições da guerra. Viu o clarão da glória quando a nomeou Sharum’ting, apagada pouco depois pela sua derrota às mãos da jiwah do Par’chin. Nova glória, quando desferiram o seu golpe contra os demónios da mente que vieram a Anoch Sun, extinta pouco depois quando o príncipe de Nie levou o seu pai.

Mas, naquele momento, com Alagai Ka trancado, havia novamente espanto na sua cara e Jardir hesitou por um momento para recordar aquilo antes de se virar e entrar. Atrás dele, as portas fecharam-se com estrondo, selando-os no sítio mais santo em Ala inteira.

Caberiam milhares ali, ajoelhados e sentados sobre osso polido, cercando o altar. O altar propriamente dito sustentava um Trono dos Crânios como o da Fortuna de Everam, coberto com electrum e decorado com joias que contactavam as da sua coroa como amantes reunidos.

E, tal como na Fortuna de Everam, havia um leito de almofadas ao lado do trono e, deitada sobre ele, uma anciã, encolhida como se dormisse sobre um tubo oco de osso tapado por um grande rubi.

Os outros ficaram para trás enquanto Jardir subia ao altar. Conseguia ver do extremo oposto do oratório que morrera há muito, mas o seu corpo tinha sido preservado pela santidade do lugar. A sua pele enrugada estava cinzenta, mas não tinha sido tocada pelo tempo. Era como se tivesse expirado pela última vez no momento anterior.

Vestia-se totalmente de branco, além do toucado negro, a marca de uma Damaji'ting. Aquela mulher fora líder dos habitantes daquela cidade quando morrera. Talvez tivesse sido a última.

Jardir ajoelhou-se, estendendo uma mão reverente para o documento contido no tubo. Por um momento, as suas mãos tocaram-se e a vida dela passou-lhe diante dos olhos. Tinha nascido no csar. Nunca havia deixado as suas muralhas. Nunca vira sol ou lua. A sua vida fora passada em oração e esforço, construindo o monumento que os envolvia, acrescentando empenhadamente ossos, cabelo e pele ao Sharik Hora enquanto, um a um, todos à sua volta morriam. Os seus últimos anos tinham sido de completa solidão, aprisionada na bela prisão do Sharik Hora.

Chorou pelo seu sacrifício, sentindo a sua essência com tanta intensidade que, por um momento, sentiu que podia subir o caminho solitário para resgatar o seu espírito.

Ouviu na sua cabeça a voz da sua mãe. *Arrancarias uma mulher, uma Noiva de Everam do Paraíso?*

Acolheu as palavras e deixou que passassem por ele. Sim. Pela Primeira Guerra, sacrificaria até o lugar no Paraíso de uma mulher. Não era mais do que o que pediam ao filho que Jardir via crescer no ventre de Renna am'Fardos.

Mas talvez não fosse necessário... se tal coisa fosse possível. Jardir soltou-lhe a mão e fez deslizar o tubo de osso dos seus dedos.

Era o fémur oco de um guerreiro enorme, polido e gravado com guardas tão belas como qualquer coisa que Jardir algum dia tivesse visto. Conseguia ver as linhas de poder e soube que o tubo era quase indestrutível, com a joia tão firme que ninguém conseguiria alguma vez abri-lo.

Ninguém além do detentor da Coroa de Kaji. O rubi sobre a testa de Jardir palpitou enquanto os seus dedos prendiam a tampa e a giravam contra a resistência dos filamentos de magia que a mantinham no sítio.

No interior, havia uma única folha de pergaminho que Jardir conhecia bem do seu tempo no Sharik Hora. Pele humana.

Aí, escritas sobre a pele de um herói, estavam registadas as últimas palavras daquela mulher para ele.

Shar'Dama Ka

Sou Kavrivah, a tua bisneta. Mesmo que nunca nos tenhamos conhecido, senti-te no meu coração desde a infância.

Este é o último pergaminho do csar. Os restantes foram usados para registar a história da Lança de Ala desde que fomos separados de ti. Estão na biblioteca, protegidos, como esta última missiva, até ao dia glorioso em que passarás as nossas muralhas para reclamares o que te pertence, nesta vida ou em qualquer outra.

Sabe, Libertador, que, mesmo que tenhamos falhado, não te esquecemos ou o nosso dever para com Everam.

As histórias falam de dez mil Sharum na Lança de Ala na tua ausência, comandados pelo teu filho Sharach e pela tua filha, Kavrivah como eu.

Mas os alagai fizeram desabar os túneis e encheram a caverna numa massa imensa. Uma e outra vez, Sharach comandou aliados para reconquistar o túnel destruído, mas a escavação foi dura e lenta e os guerreiros ficaram vulneráveis enquanto trabalhavam. Cada esforço custou vidas, incluindo a do teu filho. Diz-se que morreu nas garras dos alagai, Libertador, com o nome de Everam nos lábios. Outros foram arrastados para a escuridão além da visão de Everam. Rezámos pelos alamen fae desde então.

Restavam menos de mil quando Kavrivah ordenou que os portões fossem trancados e iniciou o seu governo. Menos de mil guerreiros e apenas sete dama'ting.

Casaram com vários maridos, desesperados para preservarem a semente dos mais fortes e sábios, mas nenhuma sabedoria ou lançamento dos dados previu o dia em que os gwilji se voltaram contra os seus senhores, entrando nos berçários. A minha mãe foi a única mulher a sobreviver e eu a sua única filha.

Tive muitos filhos, Libertador, mas, no fim, foi inevera que lhes sobrevivesse a todos. Agora, duzentos e onze anos depois, só o

cuscuz sagrado consegue continuar a suster-me.
Sabe, Libertador, que te amo com todo o meu coração.
Everam fala sempre pela tua voz
Kavrivah vah'Ajasht am'Kavri am'Kras

Kras. A lendária tribo única do tempo de Kaji, antes de o Libertador morrer e as fações dos seus seguidores definirem a nação krasiana.

– Everam te abençoe, antepassada – sussurrou – enquanto te sacias no seu grande salão de banquetes no Paraíso. O teu sacrifício não ficará sem louvor.

Voltou a enfiar o pergaminho no tubo, prendendo-o no cinto enquanto se erguia e se dirigia ao Trono dos Crânios. Pareceu-lhe que a coroa ardia enquanto se sentava, sentindo o poder inteiro do csar, as grandes guardas, os espíritos dos mortos, o próprio Everam, fluindo por ele.

Alongou-se, não pelo caminho que separava Kavrivah dos vivos, mas por um caminho que lhe parecia mais longo ainda, o caminho até à superfície de Ala. Com todo o ruído e a magia, ao longo de quilómetros e pela Boca do Abismo. A noite cobrira a superfície e o seu poder viajava com a velocidade do pensamento, cobrindo a distância num instante.

– Jiwah.

Ouviu imediatamente a voz de Inevera.

– Marido, és realmente tu?

– Não soube o teu nome até ao dia do nosso casamento – disse Jardir. – E, nesse dia, descobri que sempre o tinha sabido.

– Senti a tua falta, amado – disse Inevera.

– E eu a tua, Sol da minha Vida – sussurrou Jardir. – Mas preciso de falar agora com a Damajah. Estamos ligados a Shanvah, ao Par'chin e à sua Jiwah Ka.

– Damajah. – O Par'chin curvou-se, mesmo que a mulher estivesse a milhares de quilómetros de distância. – Peço desculpa por ter atirado o teu marido de um penhasco.

Inevera forçou o riso, mas o som era bem-vindo.

– Implorei ao meu marido que me deixasse envenenar-te o chá, Par'chin, no dia em que nos procuraste com a lança que roubaste do túmulo de Kaji. Sabias?

O Par'chin acenou com a cabeça.

– Ahmann contou-me.

– Arrependi-me muitas vezes de não o ter feito, Par'chin – disse Inevera. – Já não. Everam deseja o que deseja. O que aconteceu é o que devia ter acontecido.

– Qual é o propósito de tudo se não temos escolha? – perguntou Renna.

– Temos sempre escolha, Renna am'Fardos – disse Inevera. – É o poder derradeiro, que torna finitos os futuros infinitos. Mas Everam conduz-nos aos certos, como peças num tabuleiro.

Renna revirou os olhos, mas não disse mais nada.

– Ajoelha-te comigo diante do trono – sussurrou Shanvah ao seu pai e ajoelharam os dois.

– Shanvah? – perguntou Inevera. – És tu, sobrinha?

– *Acompanha o teu pai* – citou Shanvah. – *Obedece-lhe e protege-o no seu caminho. Não regresses sem o Libertador ou notícias fiáveis do seu destino, mesmo que demore mil anos.*

Apoiou as mãos no chão e curvou-se para encostar a testa aos ossos dos heróis.

– Cumpri a minha missão, Damajah, e manter-me-ei fiel mesmo que demore mil anos.

– A tua glória é infinita, sobrinha – disse Inevera. E, em silêncio, Shanvah começou a chorar.

– Há mais alguém que deverá ligar-se a nós – afirmou Jardir.

Uma expiração lenta e regular foi a única resposta de Inevera.

– Leesha Papel.

– Será um problema? – perguntou o Par'chin. – Porque a Sharak Ka chegou.

– As tuas palavras são mais verdadeiras do que percebes, Par'chin – disse Inevera. – Por Thesa inteira, as chamas dançam e cidades caem.

Os olhos do Par'chin arregalaram-se, mas Jardir não lhe deu tempo para voltar a falar. Ampliou mais os sentidos, encontrando a aura familiar de Leesha a centenas de quilómetros, criando guardas de ressonância à sua volta.

Seria assim para os demónios da mente? Nunca se distanciando em pensamentos? Era um conceito difícil de compreender.

– Condessa Papel. – Manteve as palavras formais. No seu coração, eram tudo menos isso, mas Leesha Papel tinha-lhe dado um filho. Seria sempre como sua esposa e todos o sabiam.

Todos ouviram a exclamação de espanto.

– Ahmann?

– Sim. E eu – disse o Par'chin.

– E também eu e Shanvah – disse Renna.

– E... – começou Jardir.

– ... Inevera – concluiu a sua Jiwah Ka, com a voz como uma navalha cortando seda.

– Noite – disse o Par’chin, depois de serem informados.

– A Longa Noite da Sharak Ka – concordou Jardir. – Angiers e a Doca poderão ser as nossas menores perdas se durar tempo suficiente para ensombrar o coração do nosso poder.

– Há uma única forma de a travarmos. – Renna segurou o punho da faca.

– Não houve notícias de Miln? – O Par’chin não conseguiu esconder o desespero na voz. – Nem mesmo histórias de taberna?

– Os demónios cortaram o contacto com o Norte – disse Leesha. – Batedores de curto alcance informam que há várias grandes guardas de alagai no sopé das montanhas de Miln. Até agora, nenhum Mensageiro conseguiu passar. Aconteça o que acontecer em Miln, estão sozinhos.

Ouviu-se o ruído familiar dos dados de Inevera. Todos se calaram.

– Vejo uma cidade nas montanhas – sussurrou Inevera. – Nie é forte aí.

– Precisavas de dados para te dizerem isso? – ripostou Renna. Shanvah pareceu horrorizada, mas Jardir fora prisioneiro dos dados durante toda a sua vida e compreendia como se sentia.

Ergueu uma mão.

– Paz, Renna am’Fardos.

Inevera não respondeu ao comentário, continuando a filtrar segredos dos dados.

– Os alagai fraturaram a grande muralha e entraram na cidade.

O Par’chin cerrou um punho e Jardir sentiu o puxão instintivo da grande guarda. Quase sem esforço, resistiu, atraindo os olhares dos seus amigos.

– Respira, Par’chin. Acolhe a dor.

O seu ajin’pal acenou afirmativamente, fitando o vazio enquanto os seus músculos tensos descontraíam.

– Vejo uma cidade transformada num Labirinto de Sharum – disse Inevera. – Vejo demónios e homens disputando um trono.

Renna pegou na mão do Par’chin.

– Então continuam a lutar.

– Nie esperou que caíssem com facilidade – disse Inevera. – Mas Everam não os abandonou.

– Há muitas muralhas em Miln – disse o Par’chin. – Construídas em socalcos pela montanha acima. A cidade inteira está guardada. Há muitos sítios para fazer emboscadas e muitos abrigos...

– Confia no teu povo – aconselhou Jardir.

– Sei que os Mensageiros são escassos, Leesha. – A voz de Renna era invulgarmente tímida. – Mas, se pudesses enviar um ao Ribeiro de Tibbet...

– Enviámos um imediatamente após o ataque – disse Leesha. – Mas o Ribeiro de Tibbet fica longe, mesmo sobre cascos guardados.

Renna grunhiu.

– Mesmo viajando sem demora nos dois sentidos, a Lua Nova chegará antes de receberes uma resposta.

Voltaram a ouvir os dados e, daquela vez, Renna am'Fardos susteve a respiração. Mas, após longos momentos, Inevera nada dissera.

– O que foi?! – gritou Renna quando se tornou demasiado para suportar. – Que vês?

– Alguns futuros não podem... – começou Inevera.

– Basta de merda de demónio! – bradou Renna. – Capto mais do que palavras por esta ligação. Sei que mentes. Viste alguma coisa que escondes.

Inevera suspirou.

– Estás certa. Peço desculpa por tentar enganar-te. Envergonha-nos às duas. Suplico o teu perdão.

– Não quero saber disso para nada – disse Renna. – Diz-nos o que viste.

Inevera voltou a suspirar. A jiwah do Par'chin era uma provação, mas também tinha razão.

– Vejo uma aldeia inteira, dançando como fantoches puxados por cordéis de um demónio. Vejo irmão matando irmã, filho matando o pai. Vejo um berço vazio.

* * *

O conselho continuou durante horas, mas, sem voltar a ouvir Leesha e Inevera, Jardir sentia a aproximação do amanhecer na superfície. Um puxão gentil contra a sua magia que, em breve, se tornaria uma força irresistível.

– A noite alonga-se e a manhã aproxima-se – disse Jardir, por fim. – Esta poderá ser a última vez que falaremos antes do fim e desejo trocar algumas palavras em privado com a minha Jiwah Ka.

Despediram-se rapidamente e, um a um, Jardir afastou-os da ligação tão facilmente como se soprasse uma vela.

– Asome e Asukaji comportam-se? – perguntou Jardir quando ficou ligado apenas à sua mulher.

– Os rapazes revelam-se bons líderes agora que recordaram o seu devido lugar – disse Inevera.

– Apraz-me ouvi-lo – respondeu Jardir. – Parece que, no meu esforço para vos proteger do abismo, enviei o abismo até vós.

– Resistiremos até trespassares o coração de Nie, amado – disse Inevera.

– Nunca na minha vida adulta me faltou o teu conselho – afirmou Jardir. – Não percebi a que ponto passei a depender dele.

– Essa é a tua forma de me dizeres que sentiste a minha falta?

– É a minha forma de dizer que tenho medo, jiwah. E que, quando estás por perto, o meu medo é menor.

– Oh, amado – sussurrou Inevera. – Nem Everam conseguiria proferir palavras mais verdadeiras.

– Libertador. – Shanvah encostou a testa ao chão. A seu lado, Shanjat imitou-a.

– Ergue-te, sobrinha. – Jardir já sabia o que pretendia pedir-lhe. Olhou-a com apreensão silenciosa enquanto ganhava coragem para falar.

– Aqui, como em nenhum outro lugar, estamos longe da influência de Alagai Ka – disse Shanvah.

Jardir acenou afirmativamente.

– É verdade.

– E o teu poder é maior do que alguma vez foi.

– Sim – concordou Jardir.

– Então, talvez aqui, como em nenhum outro sítio, possas curar o meu pai – disse Shanvah.

– Talvez – admitiu Jardir. – Mas que aconteceria aos nossos planos se o fizesse? Quem falará por Alagai Ka para nos mostrar o caminho?

– Não sei – disse Shanvah. – Não sou o Libertador. Mas sei que, com a bênção de Everam, tudo será possível.

– Tudo será possível – concordou Renna. – Mas isso não quer dizer que tudo será provável.

– Se for curado e Alagai Ka precisar de uma voz, ofereço-me – disse Shanvah.

– Sobrinha... – começou Jardir.

– Será por minha escolha – retorquiu Shanvah, ousando interromper. – Uma escolha que não foi permitida ao meu pai. Foi um grande homem. Kai das Lanças do Libertador. Sou uma rapariga, afogando-me no mar da sua glória.

– As tuas palavras são falsas, Shanvah vah Shanjat – disse Jardir. – A tua glória é tão infinita como a do teu pai. Não acredito que desejasse que afastasses dele tal sacrifício.

Shanvah pegou na mão inerte do filho.

– Então, que seja ele a escolher.

– É má ideia – disse Renna. – Shanvah conhece os nossos segredos...

– Que segredos, Renna vah Arlen? – perguntou Shanvah. – Que somos uma vela largada num poço sem fundo? Que sentimos medo? O demónio já sabe estas coisas. Usa-as para troçar de nós. Que fique com os meus segredos se isso libertar o meu pai desta... morte em vida.

Jardir olhou o Par'chin e o seu ajin'pal acenou afirmativamente.

– Parece-me que poderás fazê-lo. Devemos uma tentativa a Shanjat. Encontraremos outra forma de fazer o demónio falar.

– Obrigada, Par'chin – agradeceu Shanvah.

– Mas não é apenas uma questão de poder, Shanvah – disse o Par'chin. – É um enigma e não temos as peças todas.

– Mas voltarás a tentar? – implorou Shanvah.

Jardir acenou com a cabeça.

– Ergue-te, Shanjat.

Jardir olhou a aura de Shanjat enquanto se erguia. Naquele estado, sem o controlo de Alagai Ka, o seu cunhado não conseguia resistir a ordens diretas.

Jardir viu as suas palavras perturbarem a superfície plácida do charco, avivando mais do que apenas memória muscular. Toda a essência de Shanjat ficou envolvida numa explosão de cores vibrantes.

– Recita a Quarta Duna do Evejah – ordenou Jardir.

Em vida, tal ordem teria testado mais Shanjat do que qualquer combate, mas, sem vontade capaz de resistir, a sua mente formulou cada palavra numa récita perfeita. Mas, enquanto as cores lhe surgiam na mente, projetaram sombras.

– Ali. – Jardir apontou.

Os outros mantiveram a distância, mas, ouvindo o convite, o Par'chin avançou para examinar aquilo.

– Vejo.

Renna aproximou-se dele.

– Sim. São como nuvens num céu azul.

– Não vejo – disse Shanvah.

– É como temíamos – disse Jardir. – Alagai Ka fez mais do que esmagar a vontade do teu pai. Infetou... a sua mente.

Shanvah baixou a cabeça.

– Mesmo aqui, no coração do poder de Everam, o espírito do demónio mantém-se?

– Não é o espírito do demónio – explicou o Par’chin. – É mais... como notas deixadas na sua mente. *Se isto acontecer, faz aquilo.*

– Transformou o meu pai num gwil. – Uma imagem surgiu sobre Shanvah, mostrando-a sobre Alagai Ka, golpeando-o selvaticamente enquanto sangue negro se esguichava no ar. – Um cão aprendendo truques para o seu dono.

– Pediste isto, sobrinha – recordou Jardir. – Deves preparar-te.

Shanvah retirou o véu e acenou com a cabeça, descontraindo a aura.

– Estou centrada, tio.

Jardir virou-se para Shanjat.

– Com quem lutaste no festival depois de me sentar no Trono dos Crânios?

– Qeran – disse Shanjat. Luzes piscaram na sua cabeça, mas as sombras permaneceram escuras.

– Porquê? – perguntou Jardir. – Terias maiores hipóteses se tivesses escolhido Hasik, que tinha bebido couzi.

– Porque a vitória não é suficiente para Hasik – respondeu Shanjat. – Não desistiria até me ter envergonhado perante a assistência. Soube que Qeran me permitiria manter a honra.

Nunca um homem proferira palavras mais verdadeiras, mas, despojado da sua vontade, disse-as tão facilmente como tinha recitado as escrituras. A escuridão na sua mente permaneceu adormecida.

– Quem escolherias agora? – perguntou Jardir.

A aura de Shanjat absorveu a questão e a cor explodiu por um instante numa pequena parte da sua mente, mas dissolveu-se sem inflamar uma resposta.

– Shanjat – disse o Par’chin. – Acreditas mesmo que devemos descer ao Núcleo ou será preferível regressarmos à superfície?

A mente de Shanjat voltou a ponderar as palavras e acabou por ignorá-las.

– Ali – apontou Renna, mas, fosse o que fosse, desapareceu antes que Jardir conseguisse fixar a sua atenção.

– Pai, o demónio obriga-te a mentir para me magoares? – perguntou Shanvah.

Uma centelha na escuridão.

– Não.

Shanvah manteve o seu centro e a aura plácida, mas Jardir sabia que as palavras a feririam durante anos.

– Queres morrer? – perguntou Renna.

A questão provocou um clarão, mas dissipou-se contra a muralha cinzenta.

– Ali mesmo – afirmou Renna. – Foi ali que o demónio amputou a sua vontade.

A aura de Shanvah continuava sem compreender. Também ela conseguia ver o brilho da magia, mas não aprendera a ler mais do que os sentimentos menos protegidos.

– Que significa?

– Significa que o espírito do teu pai não percorreu o caminho solitário – explicou Jardir. – A sua essência permanece. As suas memórias. Os seus talentos. O demónio deixou-os intactos para que pudesse usá-los. Mas sem a vontade.

– O seu corpo tornou-se uma prisão para o espírito – resumiu Shanvah.

– Que farias se Alagai Ka fosse ameaçado neste momento? – perguntou Jardir.

As palavras não se limitaram a cobrir o vão. A teia da infeção do demónio iluminou as nuvens.

– Atravessar-me-ia no caminho e protegê-lo-ia, a não ser que fosse ameaçado por um de vós – disse Shanjat.

– Não deves ferir-nos? – Jardir estava surpreendido.

– Não sem ordem – respondeu Shanjat.

– Que ordem? – insistiu Jardir.

Como resposta, Shanjat produziu um som que lhe vinha do peito, algo entre rosnado e silvo, ecoando do seu centro. Fez vibrar o ar.

– E se receberes a ordem? – perguntou Jardir, percebendo a resposta pelas luzes na teia do demónio.

– Matarei quem se atravessar no meu caminho e fugirei com o demónio.

Jardir estendeu a mão, tocando na cabeça do seu amigo. Os seus dedos moveram-se sobre as tranças aprumadas que Shanvah fizera, tocando-lhe a pele. O contacto foi como uma faísca e fez a sua vontade entrar em Shanjat. Sentia a mente do seu amigo e o seu corpo, como imaginou que Alagai Ka sentiria. Uma marioneta para controlar.

Mas Jardir não tinha qualquer interesse em espreitar as memórias íntimas do seu cunhado. Não tinha qualquer desejo de profanar o seu corpo, fazendo-o dançar. Ao invés, saltou sobre o vão da mente de Shanjat e atacou a corrupção do demónio.

Não era algo que se tivesse atrevido a fazer antes. Meras horas antes, teria retalhado o cérebro do seu cérebro com uma lança. Os seus movimentos eram tão delicados como um bisturi de dama’ting, cortando a carne podre.

Mas o demónio foi demasiado inteligente. Os filamentos prendiam a mente de Shanjat como folhas de palmeira entrelaçadas num cesto e, mesmo enquanto

Jardir começava a cortar, viu que demasiados danos ameaçavam desfazer a trama. Precisava de os substituir com outra coisa qualquer.

Mas o quê? Conseguiria criar comandos e colocá-los na mente de Shanjat? De que forma isso seria diferente do que o demónio tinha feito? De que forma isso restauraria o homem que fora?

Recuou, deixando a corrupção do demónio praticamente como estava e concentrando-se, ao invés, no vão. Tinha-o superado com facilidade com a sua vontade e, ali, junto ao seu limiar, conseguia perceber a influência de Alagai Ka, como uma mancha de óleo sobre água limpa. Quando Shanjat recebia uma ordem ou quando uma das exigências do demónio era satisfeita, a mancha ganhava vida, inflamando-se e preenchendo o vão.

Era magia complexa. Talvez não estivesse além das capacidades de Jardir, mas estava além do seu poder. Tentava rescrever um livro escrito numa língua de que apenas sabia ler algumas palavras.

Desejou que Inevera ali estivesse. A cura era uma arte de dama'ting e não havia nenhuma melhor em todo o mundo do que a sua primeira esposa.

Mas conseguiria ela criar vontade onde não havia nada? Onde se originava o desejo e de que forma se transformava em ação? Eram questões para o próprio Everam.

Com inspiração súbita, Jardir reuniu o seu poder, alongando-o até ao Paraíso, não sabendo para onde ou para quê. Alongava-se, apenas, até onde conseguia.

Everam Criador de tudo o que existe, implorou. *Mostra-me como curar o meu irmão da infeção que Nie lançou sobre ele. Dá-me força para o libertar da sua medonha mácula.*

Mas nem todo o poder louvado da Lança de Ala lhe permitia comunicação direta com o Paraíso. Everam, ocupado com a Sua luta eterna com Nie, não tinha tempo para ouvir as orações dos homens.

Se estiver lá para ouvir.

O pensamento infiltrou-se dentro dele como um ladrão, fugindo como um cobarde quando voltou para ele a sua atenção. Quis culpar Nie. Culpar Alagai Ka. Culpar tudo menos a sua própria mente, mas, nesse momento, percebeu a verdade das suas dúvidas.

E se o Par'chin estiver certo? E se o Paraíso for uma mentira?

Controlou novamente a sua vontade, virando-se para Shanvah.

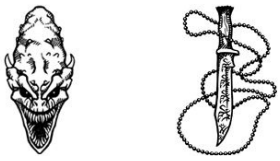
– Não posso ajudá-lo, sobrinha. Consigo anular a influência do demónio, mas, sem nada que a substitua, ficaria menos vivo ainda que antes. Se a sua vontade

estiver aprisionada algures, não consigo encontrá-la e só Everam conseguirá criar vontade a partir do nada.

Se Everam existir, sussurrou novamente a voz na sua mente.

Baixou a lança, sentindo-se cansado, enquanto um poder quase ilimitado fluía dentro dele.

– Partamos deste sítio vazio.



TRINTA E CINCO

CORTADOS

334 DR

Cada momento na prisão de ossos humanos era agonia. A religião dos que viviam ao sol era uma triste ficção repleta de inconsistências e contradições, mas a convicção emocional partilhada dos fiéis de Kavri, embrenhava magia poderosa nas suas relíquias.

O seu Unificador, o seu Libertador era o primeiro pensamento de todos os humanos, concentrado por uma vida inteira de esperanças e orações. Sem diminuição depois de mil anos, era o motivo para os demónios nunca terem conquistado realmente a odiada fortaleza. Foi o tempo a matar o inimigo. O tempo e os cães de guerra. Durante séculos, aquele sítio permanecera adormecido, um gigante adormecido demasiado perto da colmeia para o gosto de qualquer demónio.

A bruxa de Kavri canalizou a crença do povo para o detentor das relíquias de poder, a Lança e a Coroa do Shar'Dama Ka. Naquele momento, com a sua vinda, o Herdeiro tinha despertado o seu poder.

O seu poder era assustador no csar, maior ainda do que o de Alagai Ka no centro da corte de mentes. Os seus servos, quase totalmente desprovidos de intelecto, não conseguiam focar a sua magia ao serviço de uma causa comum como os humanos conseguiam.

Do Trono dos Crânios no centro do csar, o Herdeiro conseguiria esmagar a colmeia, se o seu alcance fosse suficiente.

Havia limites, até mesmo ali.

Cada momento dentro da grande guarda era de agonia para Alagai Ka, mesmo com a proteção do Herdeiro.

Pior ainda, o Herdeiro, embriagado com poder, poderia, a qualquer momento, decidir que o Consorte deixava de ser necessário, limitando-se a matá-lo. Ou talvez compreendesse o seu poder para tentar estabelecer uma ligação com a mente do demónio. Em qualquer outro ponto, Alagai Ka acolheria o esforço, confiante que nenhum humano conseguiria equiparar-se a ele. Mas, ali, não haveria defesa possível. O Herdeiro podia despojá-la das suas memórias como uma garra cortando carne.

Mas nem isso importava se morresse naquela jaula. Não havia alimento, não havia bebida ou ar. Alagai Ka canalizou o poder que lhe restava para satisfazer essas necessidades, mas as suas reservas estavam quase exaustas. Os espigões de osso, roçando de cada ângulo, eram anátema, sugando poder como mosquitos.

E, assim, Alagai Ka, que prendera com punho de ferro a primazia na corte das mentes durante mais tempo do que qualquer Consorte na memória da colmeia, conheceu o medo. Terror profundo que deveria ser o tormento de criaturas menores.

Teria sido melhor ter tentado a fuga antes, arriscando enfrentar os cães de guerra, do que sofrer daquela forma, lentamente envenenado pelo idealismo de seres inferiores.

Ouviu-se um som. Alagai Ka ficou hirto, com músculos tensos para evitar tocar qualquer um dos espigões de osso com pressão suficiente para perfurar a pele.

As paredes da prisão afastaram-se e, por um momento, o alívio invadiu-o, mas voltou a ser substituído pela dor enquanto era largado sem cerimónias ao chão, com os olhos ofuscados pela luz.

Confundia o demónio o motivo para as criaturas primitivas se deleitarem tanto com o espetro limitado da luz, privando-se de informação mais do que se aceitassem vendar-se e enfiar cera nos ouvidos.

Alagai Ka tossiu, inspirando avidamente para travar o esgotamento das suas reservas de poder. A sua pele ficou pálida e os músculos foram reduzidos a gelatina. Esforçou-se debilmente para se erguer, para se apresentar com dignidade perante os seus captores, mas, daquela vez, isso estava além das suas capacidades.

– Ergue-o – ordenou o Herdeiro e Shanjat baixou-se, erguendo Alagai Ka como uma cria e usando a túnica para o prender contra as costas nuas.

Sentindo o contacto com a sua pele, Alagai Ka tentou entrar na mente do servo humano.

Por um momento aterrador, o esforço superou as suas forças. Alagai Ka pensou se teria passado o ponto de retorno impossível, com o vazio tornando-se inevitável.

Tentou perceber qual das mentes que restavam sobreviveria às restantes e percebeu que não lhe importava. Que importava, se não era ele?

O medo deu-lhe nova força e, desta vez, conseguiu estabelecer a ligação, vestindo o corpo do servo. Os humanos tinham tentado manipular-lhe a mente, mas o dano provocado era mínimo e seria facilmente reparado.

O gesto dizia muito a Alagai Ka. Tinham tentado contornar a sua interferência, falhando. Continuavam a precisar dele, pelo menos até saírem da caverna.

As regras mudariam quando acontecesse, enquanto entrassem nas imediações da colmeia.

– Sem insultos? – perguntou o Herdeiro. – Sem meias mentiras cortantes?

– Talvez tenha aprendido finalmente qual o seu lugar – disse a Caçadora. Alagai Ka olhou-a com ódio. No momento certo, seria a primeira a morrer.

O servo Shanjat sorriu atrás do seu véu, baixando mais os olhos.

A sua cria morrerá antes, corrigiu o demónio, *temperando-lhe a mente com angústia de paladar sublime.*

Renna não conseguia parar de pensar no olhar que Shanjat lhe dirigira. De puro ódio. E na forma como os seus olhos se fixaram no seu ventre. Precisou de esforço para não matar a criatura.

Mas, por mais que lhe custasse admitir, precisavam dele. Consumir o cérebro do demónio da mente não lhe permitira qualquer conhecimento acerca da viagem e nem Jardir na sede do seu poder tinha conseguido encontrar uma melhor forma de chegar à colmeia dos demónios.

Os uivos regressaram quando saíram do Sharik Hora, parecendo próximos. Demasiado próximos. Estavam longe das muralhas que mantinham os gwilji à distância, mas, mesmo assim, o som ecoava pelas ruas do csar, eriçando o cabelo cortado rente na sua nuca.

– Depressa. – Jardir concentrava em si poder tremendo enquanto os conduzia até aos portões da cidade.

– Que planeias? – perguntou-lhe Renna.

– Tu e o Par’chin tiveram a força de vontade para resistir à... sedução do poder quando se alimentaram com carne de demónio – começou Jardir, olhando em frente. – Os cães de guerra não e o meu povo pagou por isso. Quando abrirmos os portões, pretendo eliminá-los de Ala e que seja Everam a julgá-los.

Renna pensou em Sombra, o cão de Evin Lenhador, que comera carne de demónio e ficara grande como um urso. O cão era assustador em batalha, mas continuava a lamber a cara ao dono e guardava a família de Evin com lealdade que orgulharia qualquer cão.

Pensou nas Crianças Guardadas e na forma como se tinham tornado violentas e perigosas quando deixadas sem controlo. Pensou em todas as vezes que ela própria tinha golpeado Arlen, o amor da sua vida, em fúrias alimentadas pela magia.

– Talvez não estejam totalmente perdidos – disse. – Talvez reste uma forma de chegar até eles. De lhes recordar o que foram treinados para combater.

Jardir abanou a cabeça.

– Com os gwilji originais, talvez. Mas estes estão muitas gerações distantes desses. Nasceram na escuridão e nunca conheceram a luz do Sol. A nossa missão é demasiado importante para deixar que nos travem.

Os uivos voltaram a ouvir-se, parecendo cercá-los em todas as direções e Renna deixou de argumentar, cobrindo o ventre com uma mão. Havia tempo para misericórdia e tempo para se protegerem.

Ouviu-se um ruído vindo de trás, fazendo lembrar garras sobre pedra. Os outros também o ouviram. Mas, quando se viraram, não havia nada para ver. No momento seguinte, ouviram-no mais ao lado. À sua frente. Por cima. Renna forçou a visão guardada, mas, mesmo assim, não via nada.

– A toda a volta – disse Arlen. – Somos caçados. Empurrados.

– Como é possível? – perguntou Jardir. – As muralhas mantêm-nos fora da cidade.

O gwil que saltou de um telhado baixo, tentando alcançá-lo com as garras, provou a falsidade da afirmação. Mesmo diante dos seus olhos, a criatura parecia incorpórea. Não rugiu e o telhado não rangeu com o seu salto. Era silencioso como uma sombra.

Jardir não permitiu que a surpresa o impedisse de girar a lança a tempo de bloquear o golpe e o gwil atravessou haste e guardas, como uma criatura feita de fumo.

Mas as suas garras eram suficientemente afiadas. O golpe do cão de guerra passou além das suas defesas e cravou-se profundamente na túnica de Jardir, fazendo-o cambalear enquanto o seu sangue pingava sobre o empedrado ancestral.

– Cercam-nos. – Pelo tom de voz, Shanjat podia falar sobre o clima. Em redor, Renna ouvia o raspar das garras duras de obsidiana. Os gwilji eram difíceis de olhar diretamente, mas conseguia vislumbrá-los com a visão periférica.

E tresandavam. Era o cheiro acima de qualquer outra coisa que lhe permitia saber onde estavam. Dúzias deles, rodeando-os como gatos num campo.

Jardir recuperou rapidamente, erguendo a lança e projetando um disparo de magia contra a criatura enquanto esta erguia as garras para novo golpe. Atingiu o demónio no centro da sua massa, mas atravessou-o, inofensiva, e a criatura voltou a saltar.

Outra saltou de um beco. Shanvah ergueu o escudo a tempo e ouviu-se um guincho ensurdecedor quando as garras rasparam contra o metal. Tentou atingi-la com a lança, mas a criatura atacou teimosamente o escudo, mesmo enquanto os golpes de Shanvah a atravessavam como fumo.

Mais três saltaram de cima, correndo atrás de Renna e Shanjat. Renna traçou uma guarda de vento que abrandou os cães durante tempo suficiente para se esquivarem, mas as criaturas não tinham densidade suficiente e retomaram o ataque assim que o vento cessou.

Duas saltaram sobre Arlen, mas, seguro na grande guarda, dissipou-se em névoa com elas, segurando-as pelos pescoços no estado intermédio, onde a força era insignificante e apenas a vontade importava. Dominou-as, forçando-as a solidificarem e partindo-lhes os pescoços com um safanão brusco.

– Costas com costas! – gritou Arlen, aproximando-se de Renna. Shanjat obedeceu imediatamente, posicionando-se do outro lado. Renna preferiria ter um dos cães de guerra à sua esquerda. Shanvah empurrou o ataque seguinte do gwil, atrasando-o durante tempo suficiente para poder juntar-se à formação à esquerda de Shanjat. A Lança de Kaji movia-se num turbilhão enquanto Jardir se esquivava para completar o anel entre ela e Arlen.

– A coroa! – gritou Arlen enquanto segurava outro cão, forçando-o a solidificar para lhe arrancar o maxilar. – Repele-os com a coroa!

– Julgas-me tolo, Par’chin?! – gritou-lhe Jardir. – A coroa repele-os tanto como a ti!

– Isso explica porque não foram travados pelas muralhas – disse Shanvah.

– Assombrações. Avisei-vos – lembrou Shanjat. – Este servo precisa de uma arma.

– Nem pensar – disse Renna.

Shanjat expirou. Era um gesto tão humano que era fácil esquecer que era controlado por um demónio.

– O escudo, então.

Jardir franziu a testa, mas retirou o escudo do seu cunhado das costas, atirando-o a Shanjat.

O demónio fez Shanjat usá-lo imediatamente, defletindo garras negras que brilhavam no ar.

– Cortem as garras! São o último elo de ligação dos cães de guerra ao mundo físico. Sem elas...

– Não conseguirão resistir ao chamamento do Núcleo – concluiu Renna, enfrentando o ataque seguinte com um pontapé frontal, dissipando suficientemente a perna para estabelecer contacto e travar o gwil. Golpeou com a faca do seu pai e garras ensanguentadas caíram sobre o empedrado. O cão de guerra uivou enquanto se dissipava por inteiro, sugado para o Núcleo como pó por um fole.

Jardir cortou as garras ao seu atacante e viu-o dissipar-se de igual modo. Mais cães de guerra correram para eles, silenciosos além do ruído das garras sobre as pedras. Jardir ergueu a lança e o empedrado da rua respondeu, erguendo-se no ar para formar uma parede demasiado sólida para ser passada pelas garras. Uivaram, mas Renna não acreditou que os demorasse muito tempo. Em redor, os gwilji reuniam-se.

– Temos de sair da cidade! – gritou o demónio pela boca de Shanjat. – Os cães de guerra receiam caçar a maior profundidade nos túneis.

Não explicou o motivo, mas foi óbvio para todos. Haveria demónios nos túneis, mais abaixo, provavelmente em número que os habitantes da superfície nunca teriam visto. Servos que o príncipe dos demónios poderia, mesmo naquele momento, conseguir influenciar.

– Há muita distância a cobrir para chegar aos portões e mais ainda para sair desta caverna – disse Renna.

– Deixem isso comigo. – Jardir cerrou os dentes e a sua aura iluminou-se, com as habituais faíscas e rodopios imobilizando-se com a concentração.

Ouvia-se ruído a toda a volta e Renna pensou que haveria milhares de cães no csar, aproximando-se lentamente para a matança.

O som tornou-se uma cacofonia, um choque de aço, um raspar de madeira, uma deslocação de ar.

Janelas e portas abriram-se de repente por todo o csar, com lanças voando para responder ao chamado de Jardir. Giraram pelo ar, reunindo-se em nuvens enquanto varriam as ruas.

– Se os cães de guerra não podem ser mortos por magia – Jardir viu as lâminas rodopiantes cortarem as garras a um bando de gwilji, enviando-os para o Núcleo – que sejam ceifados pelas lanças dos mestres que traíram.

Com lanças dançando à sua volta numa nuvem impenetrável, Jardir retomou uma marcha determinada pelo csar. Gwilji uivaram e ganiram, com as ruas ficando cobertas de garras negras ensanguentadas. O raspar das garras nas pedras tornou-se mais ténue enquanto fugiam da tempestade.

Jardir abriu os portões com um movimento da lança e saíram para a caverna. Cães de guerra reuniam-se diante dos portões e a nuvem de lanças separou-os. Alguns, segurando-se a estalactites e estalagmites, tentaram saltar sobre eles de cima, mas Jardir sentiu-os e lanças moveram-se para os intercetarem no ar, cortando as garras que os prendiam ao mundo físico.

* * *

Alagai Ka ouviu o som assim que as portas do csar se abriram, mas não eram os uivos dos cães de guerra.

A rainha cantava.

Os humanos não ouviram nada. Não sentiram nada. Mas, mesmo no estado enfraquecido e guardado do demónio, o som era inconfundível, ecoando contra cada pedra. A rainha tinha iniciado a postura, expelindo uma sucessão interminável de ovos de servos. Não era suficiente para atrair de volta as outras mentes, que tentavam desesperadamente estabelecer ninhos próprios, mas, na rotação seguinte, começaria a pôr alguns miméticos valiosos, um grupo mais pequeno de mentes e seis rainhas, letais a partir do momento da eclosão. Começariam a sugar a magia da rainha, tornando-se mais poderosos enquanto lutavam uns contra os outros com garras e ferrões para conseguirem alcançar a posição dominante.

A não ser que um Consorte estivesse presente para os matar antes que ficassem demasiado fortes, como Alagai Ka tinha feito muitas vezes no passado, ou que um dos seus irmãos mais fortes roubasse um ovo a cada um e fugissem. Se isso

acontecesse, passariam milénios antes que o Consorte conseguisse recuperar o seu estatuto, se conseguisse fazê-lo.

Não podia adiar mais. Precisava de fugir e regressar à corte das mentes enquanto estava deserta, restabelecendo o seu poder antes do regresso dos seus irmãos. Os seus maiores rivais tinham já sido destruídos. Não restava ninguém que pudesse fazer-lhe frente depois de recuperar a sua grande guarda.

Manteve o servo focado, sem demonstrar nada enquanto sentia um aperto nas entranhas. Mesmo assim, o demónio suspirou de alívio com os seus pulmões quando saíram da grande guarda do csar. A dor que o tinha esmagado durante o dia anterior dissipou e opções que tinham sido inacessíveis no momento anterior voltaram a estar ao seu alcance.

Mas precisava de ter cuidado. A recente demonstração de poder do Herdeiro fora aterradora. Até os objetos inanimados do csar obedeciam às suas ordens pela estranha magia da fé humana. Fazer tantas armas girarem em uníssono demonstrava o alcance da sua vontade, que se tinha tornado algo de dimensão formidável. As lanças rodopiantes funcionaram como uma rede guardada, protegendo-os de todas as direções em simultâneo.

Os habitantes da superfície tinham-se tornado poderosos e o poder aumentava o arrojo.

O Herdeiro não pediu indicações enquanto os conduzia através da caverna, dirigindo-se para o túnel correto para alcançar mais rapidamente a colmeia. Tinham aprendido algo, pelo menos, durante o tempo que passaram no templo humano. Talvez demasiado.

Os uivos dos gwilji feridos e fugitivos esmoreceram e o Herdeiro, com a sua capacidade de canalizar o poder do csar diminuindo com cada passo, começou a enviar as lanças convocadas de volta sobre as muralhas do csar, sem dúvida para os locais onde tinham passado mil anos sem serem incomodadas.

Quando a última das lanças foi enviada para casa, o Herdeiro aproveitou um momento para respirar e os outros concentraram-se na defesa.

Nesse momento, coberto pelo seu escudo, Shanjat levou a mão ao interior da túnica e retirou o frasco de lágrimas da sua filha. Partiu o lacre com a unha do polegar e verteu as lágrimas, contendo magia emotiva, sobre os dedos, traçando uma guarda rápida no peito e mais algumas sobre a corrente que os prendia.

As guardas brilharam brevemente, tornando-se baças enquanto as lágrimas evaporavam. Os olhos de Shanjat moveram-se para trás e para diante, mas não viu sinais de ter sido visto pelos seus captores. Era pouco provável que notassem porque a magia que naquele momento passava a irradiar dele tresandava a

humanidade, a amor, a emoção e a toda a desprezível fraqueza dos seus captores. Podiam sentir a magia, mas não a reconheceriam como ameaça.

Com efeito, não era uma ameaça... para eles. Era um convite e um rasto, denunciando a fragilidade humana e convidando um demónio mimético a atacar Shanjat.

Não era um plano sem riscos. O Consorte não conseguira fazer crescer camadas de pele suficientes para cobrir as tatuagens e um mimético que atacasse poderia matá-lo por acidente com uma garra perdida.

Mas mesmo um instante de contacto físico seria suficiente para controlar o mimético. Com um servo tão poderoso, podia fugir para local seguro durante tempo suficiente para arrancar as guardas à pele. Depois, nada o impediria de se dissipar até chegar a uma corte das mentes vazia.

Quando aqueles insetos conseguissem encontrar o caminho sem ele, se pudessem fazê-lo, o Consorte teria regressado ao poder, sarado, e teria um exército interminável de servos para o defenderem enquanto moldasse a nova geração.

Passaram dois dias nos túneis inferiores antes que Alagai Ka sentisse o mimético.

Dois dias de descida cautelosa, usando guardas e a maldita voz da Cantora para passarem despercebidos pelas centenas de servos que caçavam a vida subterrânea nos túneis e, por vezes, se tornavam a sua presa.

O Herdeiro manteve reduzida a extensão do campo guardado da coroa para que os demónios não sentissem a sua presença. Encostaram as costas às paredes dos túneis quando bandos de demónios passavam por eles, usando magias subtis para impedir que os servos roçassem o campo guardado.

A estupidez dos servos era crucial para se conseguir o seu domínio, mas, em tempos de guerra com os humanos, era uma fragilidade. As defesas da colmeia eram fracas.

À frente, o mimético esperava, envolvendo uma grande estalagmite. O seu corpo misturava-se perfeitamente com a rocha em volta, até às camadas de sedimentos e à superfície humedecida pela água que pingava. Continha a extensão da magia, escondida sob a sua camada exterior onde nem o Herdeiro conseguiria notar a sua presença com um vislumbre fortuito.

Estava tão perto. Tão perto. Mas, por instinto ou por sorte, o Herdeiro conduziu-os por um caminho que colocava o mimético fora de alcance. Nem

aquele servo mais inteligente conseguiria perfurar o manto lançado pela Cantora e as guardas dos seus captores, não fosse pelo fedor humano com que o frasco de lágrimas cobrira Shanjat. O mimético sentia que a presa estava próxima, mas não conseguia vê-la nem ouvi-la. Ainda não.

O Consorte abrandou e o Herdeiro e o Explorador, com os sentidos focados em diante, não notaram enquanto se afastavam até ficarem longe da vista.

O mimético tinha-se escondido a poucos passos de distância, mas a filha de Shanjat posicionava-se entre eles. O Consorte fez Shanjat cambalear ligeiramente enquanto passavam por outra estalagmite, ficando momentaneamente bloqueado da visão dos outros.

Estilhaçou os elos enfraquecidos da corrente, libertando as mãos e os pés do servo. Shanvah reagiu com rapidez, mas não foi suficientemente rápida. O talento do servo como combatente e a sua memória muscular mantinham-se intactas.

Usando a surpresa em seu benefício, o servo dominou rapidamente a filha, deixando uma mão livre para desferir golpes precisos, partindo osso e quebrando articulações. Segundos depois, atirou-a para o lado, um naco de carne arruinado, correndo para o mimético.

O seu movimento súbito anulou o efeito das guardas de camuflagem, mas o mimético não se moveu enquanto se aproximava, mantendo-se à espera em silêncio, como uma aranha na sua teia. Quando ficasse à distância certa, atacaria e o demónio teria meros segundos para passar da mente de Shanjat para a do mimético. Preparou as suas últimas reservas de poder para a transferência.

A Caçadora viu-o correr em busca de cobertura. Tornou-se um borrão de movimento enquanto corria para o intercetar, virando inadvertidamente as costas ao mimético. Segurava a faca na mão e não havia misericórdia na sua aura. Matá-lo-ia, se pudesse.

A mulher era uma tola, enfrentando-o com o corpo. Com a sua faca. Podia ter traçado guardas do sítio onde estava, energizando as tatuagens e matando-o. Os humanos tinham poder, mas as suas mentes primitivas não tinham aprendido a confiar mais nele do que no aço.

Avançou, mas, mesmo com toda a sua força e velocidade reforçadas pela magia, não conseguia equiparar-se àquele servo. Segurou-lhe o pulso e torceu num movimento que lhe fez a lâmina tremer nos dedos dormentes. Concentrou-se em segurá-la, deixando o servo prendê-la onde estava durante tempo suficiente para se projetar com força de uma saliência no piso do túnel,

acrescentando poder ao golpe poderoso que desferiu com um punho contra o saco de ovos arredondado que lhe inchava o ventre.

A Caçadora gritou, caindo ao chão. O Consorte seguiu-a com uma sucessão de golpes mais rápidos, todos concentrados no mesmo ponto vulnerável.

* * *

Renna praguejou em voz baixa, com os pulmões esvaziando-se enquanto caía violentamente de costas. Shanjat colocou-se imediatamente sobre ela, continuando os golpes violentos. Não era a graça fluída do sharusahk da sua filha. Os sharukin do Sharum eram mais rudes mas igualmente eficazes. Renna considerava-se uma combatente experiente, mas Shanjat derrubou-a com a facilidade com que um gato capturaria um rato.

Mas, mesmo que o demónio controlasse por inteiro os dotes de Shanjat, não parecia importar-se muito com a dor que sentia. Quando percebeu o seu erro, a mão de Shanjat estava desfeita.

– Achas-me estúpida? – Renna tinha usado magia poderosa para fortalecer os músculos do estômago. A sua criança flutuava numa armadura tão dura como vidro guardado. – Vi-te olhar-me a barriga no csar.

A hesitação do demónio permitiu-lhe um instante e Renna esmurrou Shanjat no peito, com a guarda de impacto no punho brilhando. Sentiu as costelas dele estalarem. Foi projetado vários passos para trás, aterrando com graça surpreendente.

Renna tinha-se já erguido, investindo. O punho de osso da sua faca era duro na sua mão e palpitava com poder.

– Dir-te-ia que não é pessoal – disse Shanjat. – Que é sobrevivência, a minha raça contra a tua, forçando-me a mão.

Renna era mais rápida, mais forte, mas, mesmo assim, Shanjat bloqueou os seus ataques até lhe imobilizar o braço que segurava a faca, torcendo até conseguir controlá-lo. Aos poucos, empurrou a faca na mão de Renna para a barriga. A lâmina mágica era uma das poucas coisas em que Renna não confiaria num confronto contra a sua barriga.

– Dir-te-ia isso – sussurrou Shanjat. – Mas seria mentira.

Renna recordou a primeira vez que aquela faca a tinha cortado. Tinha cinco anos e Harl obrigou-a a limpá-la depois de uma matança. A lâmina, que era já afiada como uma navalha de barba, cortou o pano com que a limpava como se não estivesse lá, abrindo um corte fino na palma da sua mão.

A sua mãe gemeu, horrorizada, mas Harl limitou-se a fungar, erguendo uma mão para a impedir de correr até à rapariga. Segurou a mão minúscula de Renna e segurou-a diante da cara, forçando-a a olhar o ferimento rubro.

Uma faca é como um cão velho e mau, costumava dizer Harl. *Morde o que o mandares morder, mas, se não tiveres cuidado, também te morderá a ti.*

Renna cerrou os dentes, forçando a lâmina a recuar. Conseguia ouvir Arlen e Jardir correndo para ela, mas não chegariam a tempo.

Inspirou, visualizando os seus movimentos como Shanvah a tinha ensinado a fazer. A seguir, com um safanão intenso, libertou-se e conseguiu inverter as posições.

O chão é o verdadeiro campo de batalha, irmã, tinha ensinado a Sharum'ting. *Coloca lá o teu adversário, controla-o e força-o a submeter-se por sangue ou ar.*

Shanvah jazia, inconsciente, talvez morta. Chegara o momento de eliminar Alagai Ka, mesmo que isso implicasse encontrarem o Núcleo sem ajuda.

Mas isso não significava que Shanjat tivesse de o acompanhar. Renna imobilizou-lhe os membros que se debatiam e ergueu-se, colocando o pé entre Shanjat e o demónio. Pontapeou, rasgando-lhe as vestes e projetando o demónio a distância suficiente para energizar as suas tatuagens sem matar Shanjat.

– Arderás como o sol – rosnou-lhe. Arlen e Jardir corriam de volta para eles, brilhando intensamente com poder pronto a canalizar. Não haveria escapatória para o rei dos demónios.

Alagai Ka tombou com menos graça que Shanjat, atingindo com força uma estalagmite. Renna preparou o seu ataque quando o movimento cessou, mas a sua concentração foi interrompida quando a estalagmite se moveu para envolver o demónio.

– Mimético! – gritou, mesmo que se tivesse tornado óbvio para todos.

Rapariga imbecil, amaldiçoou-se a si mesma. *O demónio planeava isto desde o início. Caíste-lhe nas garras.*

Os três, Renna, Arlen e Jardir, dispararam rajadas poderosas de magia, mas o demónio esquivou-se enquanto a estalagmite era destruída numa nuvem de destroços. Nenhum deles hesitou, atravessando a nuvem.

– Tenho-o na bolha da coroa! – gritou Jardir. – Não escapará!

O demónio desapareceu apenas por um instante, mas, quando a visão de Renna clareou, o mimético tinha inchado, cobrindo-se com a armadura espinhosa de um demónio da rocha e com os tentáculos com farpas de um demónio aquático. Fileiras de dentes com dez centímetros cresciam numa boca suficientemente grande para lhe engolir a cabeça e os ombros.

– O demónio da mente continua subjugado pelas tatuagens! – gritou Arlen. – Está algures ali, envergando o mimético como uma armadura.

Traçou uma guarda contra miméticos, lançando o demónio com força contra a bolha de Jardir. A criatura espalmou-se e Renna vislumbrou uma massa no centro. Saltou com a faca erguida. Não voltaria a hesitar.

O mimético fluiu novamente, mais depressa do que ela conseguia mover-se, com os tentáculos projetando-se para os repelir a todos. Renna e Jardir estavam prontos, cortando os tentáculos. Os miméticos conseguiam sarar instantaneamente, mas não conseguiam fazer crescer o que tinha sido cortado.

Alagai Ka sabia-o bem. O tentáculo era mais grosso que a lâmina de Renna, com o demónio aceitando o corte para curvar o apêndice e atingi-la por trás. Caindo de joelhos, viu Arlen pelo canto do olho.

Arlen podia ter-se esquivado ou afastado o tentáculo com uma guarda, mas segurou-o, em vez disso, apertando os músculos longos e poderosos com as mãos nuas enquanto canalizava magia letal para o membro monstruoso. Viu-a nesse momento e arregalou os olhos.

– Ren!

O demónio aproveitou a distração. Um segundo membro separou-se do que Arlen segurava e traçou uma guarda rápida, derrubando-o. Outra guarda rápida fez o teto desabar-lhe em cima.

Renna não teve tempo para assistir aos acontecimentos. O demónio manteve o ataque, com tentáculos fundindo-se, dividindo-se, virando-se, primeiro duros e afiados, depois macios como geleia. Esforçou-se para traçar uma guarda no ar, mas um tentáculo atingiu-a com força, anulando os seus esforços enquanto tentava imobilizá-la.

Renna quis dissipar-se. Seria tão fácil. Mas, àquela profundidade, o chamamento do Núcleo, outrora uma canção como o borbulhar sedutor de um regato, tornara-se um rio trovejando com gelo derretido na primavera. Conseguiria nadar por aí? Confiaria que conseguiria voltar a subir, levando consigo o seu bebé?

Não. Precisava de se manter sólida.

Jardir não parecia sair-se melhor. Era rápido, defletindo ataques e desferindo golpes ocasionais, mas era uma sombra do homem de poder infinito que fora no csar.

O demónio passou a ter uma vintena de membros. A lança de Jardir moveu-se num turbilhão de movimento, mas mais de um conseguiu passar as suas defesas. Com o poder da coroa focando-se em manter os demónios dentro da barreira,

não podia usá-lo para defletir os golpes. Em vez disso, despiu-se da cintura para cima, com as guardas formadas por cicatrizes na sua pele brilhando com poder. O demónio não podia tocar-lhe, mas estava ferido pelo embate contra as guardas. Jardir defletiu os golpes, mas perceberiam em breve.

Então, um tentáculo, surgindo entre meia dúzia idêntica, curvou-se no último momento para mostrar uma pedra antes escondida. A pedra despedaçou-se contra a testa de Jardir, arrancando-lhe a coroa à cabeça. Voou pelo ar, batendo no piso do túnel vários metros atrás.

No instante em que o objeto se soltou, os ataques do demónio cessaram. Tentáculos retraíram-se e o mimético saltou, transformando-se durante o salto num grande demónio dos campos. Correu quando embateu no chão, correndo pelo túnel fora.

Jardir olhou a coroa, mas não havia tempo para a recuperar. Ergueu a lança e correu atrás do demónio.

Renna recompôs-se, focando magia para fortalecer a sua passada enquanto segurava a faca e os seguia.

Jardir aproximava-se do demónio e Renna aproximava-se dele quando um tentáculo se projetou das costas do demónio, traçando uma guarda no ar. Houve uma explosão e o túnel à sua frente desabou. Renna perdeu Jardir de vista, não sabendo se a pedra que caía o teria falhado ou se o teria sepultado vivo.

– Ahmann! – Surpreendeu-a a paixão na sua voz. Enfiou a faca na bainha, tossindo com o pó que caía, mas não hesitando em estender a mão para a pedra mais próxima, afastando-a. E à pedra seguinte e à que se seguiu a essa. Mas, com cada pedra, os seus receios cresceram. A magia do demónio era precisa. Mesmo com a sua força, demoraria demasiado tempo a alcançá-lo.

Shanjat e Shanvah estariam provavelmente mortos e talvez Arlen tivesse sofrido o mesmo fim. Estaria Jardir sepultado sob toda aquela pedra? Seria ela a última sobrevivente?

– Perdoa-me, meu amor. – Cobriu o ventre com uma mão enquanto se preparava para se dissipar. – O mundo inteiro conta connosco. – O salto através do entulho era breve. Demasiado breve para a puxar para o Núcleo.

Esperou que sim.

– Ren, espera! – Arlen segurou-a pelo braço e o alívio inundou-a. Segurava a Coroa de Kaji no seu punho. – Irei atrás dele. Shanvah está viva, mas não continuará assim por muito tempo. Faz o que puderes e regressarei.

– Espero que sim! – gritou ela, mas tinha-se já transformado em névoa, fluindo através da barreira.

Renna hesitou. Cada instinto no seu corpo lhe gritava que o seguisse, que ajudasse Arlen. Mas o bebé mexeu-se na sua barriga e a aura de Shanvah era ténue e intermitente.

Tenho de confiar que se salvará a si mesmo. Como me salvou a mim.

Renna correu até Shanvah, estendendo a jovem no chão enquanto canalizava magia através dela e a lia. Havia fraturas e hemorragias por toda a parte. Era um milagre quer tivesse durado tanto tempo.

– Eu... – gemeu Shanvah.

– Não tentes falar – disse Renna.

– Eu... – Shanvah voltou a encher os pulmões. – Pronta para... caminho... solitário...

– Uma merda é que estás – exclamou Renna. – Tens trabalho para fazer, rapariga. Morrer não é desculpa para te escapares às tuas responsabilidades.

Renna desejou ter formação como Herbanária ou o talento de Arlen para a magia reparadora, mas não havia tempo para lamentos. O poder fluiu através dela enquanto canalizava, segurando a mão de Shanvah enquanto projetava a sua magia para a Sharum’ting.

As suas mãos moviam-se em uníssono com o poder, massajando ossos e carne e recolocando-os no sítio enquanto infusões de magia aceleravam a recuperação do corpo. Concentrou-se em primeiro lugar no peito de Shanvah, reparando-lhe o coração e os pulmões. A seguir, fez o mesmo com as fraturas no seu crânio, drenando-lhe o inchaço no cérebro.

Prosseguiu em círculos a partir daí, perdendo a noção do tempo enquanto trabalhava. Pestanejou, sentindo os olhos secos arderem e soube que chegara o momento de parar. Tinha visto como a cura drenava Arlen. Se se enfraquecesse demasiado...

Shanvah tinha os olhos fechados, mas passava a respirar com facilidade. O seu corpo tinha sido reparado, mesmo que continuasse fraco. Renna canalizou em sentido inverso, contendo o excesso de poder apesar da queimadura que começava a sentir nos músculos. A qualquer momento, Arlen, Jardir ou mil demónios poderiam irromper pelos escombros.

Esperou longos e tensos momentos, forçando os sentidos, mas não havia nada, nenhum sinal de vida à sua frente.

Ouvir um silvo sobressaltou-a e virou-se, empunhando a faca e vendo Shanjat, deitado exatamente onde o tinha deixado durante o combate. Sem ninguém para lhe ordenar que se levantasse, o guerreiro ficaria ali deitado até morrer.

Não faltaria muito. O murro de Renna tinha-lhe fraturado o esterno e a sua mão era uma ruína destruída. O demónio da mente não se tinha preocupado com os ferimentos de Shanjat, interessando-o apenas a fuga.

Podia salvá-lo, mesmo naquele momento. Os seus ferimentos não eram tão extensos como os de Shanvah. Mas de que serviria? Com poder estonteante, Jardir não conseguira sarar o homem. Se Arlen não regressasse com o demónio, que uso tinha Shanjat? E, se Arlen trouxesse Alagai Ka, dar-lhe-ia apenas nova oportunidade de usar Shanjat para fugir? Para tentar matar o seu filho?

A mão de Renna encontrou o punho confortante da sua faca. O seu olhar moveu-se para Shanvah e viu que a rapariga a olhava, com olhos arregalados sob toucado e véu. Fixaram olhares e não foram necessárias palavras.

Shanvah esforçou-se para se deitar de lado, apoiando-se num cotovelo e conseguindo encostar um joelho ao chão.

– Se tiver de ser feito, irmã, deverei ser eu a fazê-lo.

Renna moveu-se para a ajudar, mas a rapariga afastou-a com um gesto. Esforçou-se para se levantar, cambaleando ligeiramente até recuperar o equilíbrio. Uma faca de vidro curvo surgiu-lhe na mão enquanto avançava a custo.

Ergueu-se longamente sobre o seu pai e ajoelhou a seu lado, aninhando-lhe a cabeça no colo.

– A tua alma está preparada para o caminho solitário? – sussurrou.

– Só Everam pode julgar uma alma. – A voz de Shanjat era inteiramente desprovida de emoção.

Shanvah pestanejou, com dor e confusão na aura. A pergunta fora retórica.

– Desejas partir? – perguntou Shanvah. Renna viu-lhe lágrimas nos olhos, mas não fez qualquer movimento para tentar capturá-las num frasco. Aquele momento era demasiado privado. Voltou a virar os seus sentidos para o exterior. Há quanto tempo partira Arlen? Minutos? Uma hora? Mais?

Não havia forma de perceber e não havia forma de ignorar as últimas pelavras de pai e filha.

– Já não desejo nada – disse Shanjat, com um tom monocórdico.

– Que terias desejado antes? – perguntou Shanvah.

– Servir o Shar’Dama Ka, que nos libertará de Nie – disse Shanjat. – Proteger a minha filha, maior que qualquer filho.

As palavras eram frias, mas Shanvah soluçou, abraçando-o.

– Irmã – suplicou Shanvah, fazendo Renna aproximar-se. – Não consigo suportar este fardo. Deves... deves...

Renna retirou delicadamente a faca de vidro dos dedos inertes de Shanvah. Os seus olhos encontraram-se e Renna enfiou a faca por usar na bainha escondida na túnica de Shanvah.

– Ouviste-o. – Renna ignorou o fardo enquanto canalizava mais poder para sarar Shanjat. – Morrer não é desculpa para deveres por cumprir.

Passaram horas até Renna conseguir limpar o entulho e passar, mas não havia sinal dos outros no lado oposto.

Foram sepultados. Haveria sinais, disse a si mesma. *Teria sen- tido.*

Estavam vivos. Ou estavam, quando passaram por ali. Mas o demónio tinha matado Jardir? Arlen fora sugado para o Núcleo? Alagai Ka viria a caminho com um exército de demónios?

Subiu até à câmara onde Shanvah e Shanjat repousavam. Os seus corpos tinham sido sarados, mas precisavam de alimento para uma recuperação completa.

E também para ela. O bebé pontapeou e agitou-se como acontecia frequentemente quando passava demasiado tempo sem uma refeição. Encontrou os sacos, tirando as malgas que Jardir usara e enchendo-as com terra, pressionando-a e alisando a superfície.

– Irmã, que fazes? – perguntou Shanvah.

– Faço comida – disse Renna.

– Essa é uma das guardas mais difíceis das dama'ting – advertiu Shanvah. – Diz-se que preparar a comida e a bebida sagradas incorretamente cria um veneno capaz de matar com uma única migalha ou gota.

Renna sentiu alvoroço nas entranhas, mas forçou-se a encolher os ombros.

– Não deixarei que morramos de fome aqui em baixo.

Traçou as guardas como tinha visto Jardir fazer tantas vezes. A magia ardeu enquanto a atravessava, mas pareceu funcionar. A terra numa das malgas tornou-se cuscuz fumegante e, na outra, surgiu água cristalina.

Mesmo assim, olhou com incerteza para o resultado. O aviso de Shanvah repetia-se sem cessar na sua mente. Mas que alternativa haveria? Por fim, grunhiu e estendeu a mão.

– Irmã, permite-me! – gritou Shanvah. – Esperas uma criança. Não há necessidade de arriscar duas vidas. Deverei ser eu a provar a comida.

– Que diferença fará? – perguntou Renna. – Se for veneno, morreremos de qualquer forma.

– Se morrer, poderás voltar para a Lança de Ala – disse Shanvah. – As guardas para a comida e a bebida permanecem aí e o templo é seguro.

– Ótimo – disse Renna. – Enfrentar cães de guerra em número que só o Criador conhecerá para morrer de velhice numa fortaleza esquecida.

– Só se o Libertador não voltar – disse Shanvah.

– Não esperarei que a guerra chegue ao fim – respondeu Renna. – Se quisesse fazê-lo, teria ficado em casa. Tens algum motivo melhor para não comer?

– Eu sou mais dispensável. – A voz de Shanjat era seca enquanto respondia à pergunta retórica.

Renna e Shanvah partilharam um olhar. Por fim, Shanvah acenou afirmativamente, retirando do seu saco a taça minúscula, a malga e os pauzinhos. Ajoelhou-se com o seu pai como tinha feito tantas vezes antes e oraram juntos antes de Shanjat, após ordem sua, esvaziar a taça e pegar nos pauzinhos para engolir uma porção.

Renna percebeu que sustinha a respiração. Libertou-a e, não vendo Shanjat cair ao chão, contorcendo-se, lançou-se sobre a comida como um demónio devorando uma presa ainda quente.

Mais tarde, fortalecidos pela comida e pela bebida, colocaram os três os sacos às costas e avançaram através do entulho, seguindo o túnel descendente até desembocar numa nova caverna. Um grande buraco tinha sido aberto no chão, com uma queda de centenas de metros sobre um desfiladeiro subterrâneo esperando quem ali caísse.

Teriam caído todos por ali? Seria uma armadilha que Arlen ou Jardir teriam evitado? Um atalho para o Núcleo? Não havia forma de saber. Renna tentou ler as correntes de magia, mas havia demasiada informação para filtrar.

– Merda de demónio – rosnou, pendurando as pernas sobre a queda assustadora. Além do buraco, havia vários túneis partindo dali e não recordava o mapa que tinham visto. A única cópia estava no caderno de Arlen, perdido juntamente com o seu marido. – Mesmo que não tivessem caído, qual dos túneis conduziria à colmeia?

Ouviu passos e Shanjat começou a afastar-se delas. O guerreiro escolheu o terceiro túnel a partir da esquerda sem hesitar, começando a descê-lo.

Renna e Shanvah entreolharam-se por um longo momento. A seguir, viraram-se e seguiram-no.



TRINTA E SEIS

FUMO E NÉVOA

334 DR

Leesha olhou do alto de Pilão, vendo a sua mãe com Olive nos braços, desaparecendo à distância. Não foi a primeira vez que pensou se cometeria o maior erro da sua vida.

Wonda percebeu que Leesha abanava a cabeça para repelir o pensamento.

– Está tudo bem, mestra?

– Estou ótima – disse Leesha. – Desperdiçava pensamentos com morte e fracasso.

– Tais pensamentos não são desperdiçados, mestra – disse Micha. Leesha olhou a rapariga, habitualmente tão silenciosa que era fácil perceber que não estava lá. Mesmo naquele momento, recusava despir o seu disfarce, vestida com uma túnica comum de dal'ting. Montava de lado atrás de Kendall, com as lanças e o escudo escondidos na bagagem.

– Que ganhará alguém por se obcecar com o fracasso? – perguntou Leesha.

– O meu mestre ensinou as minhas irmãs e eu a visualizarmos as nossas mortes todos os dias em meditação – disse Micha. – Glória nas garras de alagai, assassinadas na noite, envenenadas por uma rival. Atiradas de um penhasco. Afogadas por um demónio aquático. Todas as mortes possíveis imagináveis.

– Isso é horrendo – comentou Leesha. – Porque fariam tal coisa?

– Um Sharum deverá estar sempre pronto para morrer, mestra – respondeu Micha. – Mantemos os pensamentos de morte próximos para recordarmos que devemos estar sempre preparados, para manter os nossos espíritos puros. Para saber que a vida é uma dádiva fugaz de Everam e que a morte virá por todos nós. Inevera, quando o caminho solitário se abrir diante de mim, percorrê-lo-ei sem olhar para trás.

– Há sabedoria no que dizes – Leesha escolheu as palavras com cuidado –, mas prefiro visualizar o sucesso e lutar para tornar real essa visão.

Micha curvou-se.

– Claro, mestra. Somos teus instrumentos. A faca não questiona o cortador.

Leesha pestanejou. Tinha-se transformado naquilo? Numa cortadora de destinos? Pensou nas suas previsões e nos planos que formara a partir delas. Planos que colocavam em risco milhares de vidas por algo que nunca fora mais do que uma ténue hipótese de sucesso.

– Isso é tudo o que desejas ser? Uma faca na mão de outra pessoa?

– Antes ser a faca que a madeira talhada. – O jovem Pawl montava ao lado de Kendall e Micha num pónei ágil. – O meu pai sempre disse que o verdadeiro poder resultava de trabalhar em uníssono como parte de algo maior.

Gared esperava-os enquanto cavalgavam da fortaleza de Leesha até ao Outeiro do Lenhador propriamente dito, juntamente com a reitora Darsy, o capitão Gamon e o Inquisidor Hayes.

– Há notícias de Stela ou Franq? – Leesha sabia a resposta, mas precisava de perguntar.

– Há dias que não há sinais de nenhuma das Crianças Guardadas – respondeu Gared. – O acampamento está deserto.

Wonda cuspiu no chão.

– Sabia que não podíamos confiar neles.

– Não precisamos deles – disse Gared. – Temos duzentos lanceiros, quinhentos Lenhadores e quase dez mil Soldados do Outeiro. Guardadores e Herbanárias também. Os demónios não poderão atirar contra nós nada que não aguentemos.

– Oh, Gar – disse Wonda. – Porque tiveste de dizer uma coisa dessas?

Angiers ficava quase a uma semana de viagem de Mensageiro, mas os Soldados do Outeiro estavam apeados e a sua velocidade era limitada pelos comboios de abastecimento. Cantaram *Mantém a Lareira Acesa* para marcarem passo durante o dia e enquanto guardavam o acampamento à noite.

Mas os demónios não atacaram na primeira noite. Nem na segunda.

– Começa a ficar arriscado – disse Leesha ao jantar após uma semana na estrada. – A Lua Nova está a quatro noites de distância.

– Avançamos a bom ritmo – disse Gared. – A viagem tem sido calma. Demasiado calma, se queres que seja franco. Há meses que os demónios se juntam à volta do Condado do Outeiro e, quando saímos da grande guarda, deixam-nos em paz?

– Talvez não esperassem que avançássemos de forma tão agressiva – disse Darsy.

Os demónios da mente são egoístas. Leesha recordou as palavras de Arlen. *Nunca, num milhão de anos, lhes ocorrerá que poderás arriscar a vida por outra pessoa.*

– Gar tem razão, mestra – disse Wonda. – Alguma vez os demónios não atacaram alguém à frente deles? Na Lua Nova, sim, mas estão assim há uma semana.

– Há um mimético com eles – afirmou Leesha.

– Então que esperam? – perguntou Wonda.

– Preferiria lutar a esperar a luta – disse Gared.

– Não me queixo – disse Kendall. – Prefiro sempre esperar a lutar.

– Creio que teremos o nosso quinhão de luta em breve. – Leesha farejou o ar, acre e preenchido pelo fumo das fogueiras em que se cozinhava para dez mil homens e mulheres.

Darsy também notou. Foi até à aba da tenda e arregalou os olhos enquanto gritos de alarme começavam a soar pelo acampamento.

– Noite.

– Que foi? – Leesha correu até à aba, vendo o fumo no ar e um brilho laranja cruel vindo da floresta. – Criador. Gared! Incendiaram a floresta! Ordena que levantem o acampamento e fujam antes que as chamas se aproximem!

Gared saiu da tenda no momento seguinte, bradando ordens, mas Leesha soube que não seria suficiente. Não paravam de subestimar a astúcia dos nuclitas. Porquê desperdiçar servos num ataque às suas forças quando um punhado de demónios da chama conseguiria o mesmo resultado com fumo e fogo?

– Darsy, reúne o máximo de utilizadores de hora que conseguires. Depressa.

Os outeireiros cambalearam pela estrada durante meia noite.

Leesha sentia-se zonza e os pulmões ardiam-lhe, mas não do fumo. Juntamente com os outros utilizadores de hora, tinha esgotado grande parte da sua reserva de ossos de demónio, criando corta-fogos e vento para afastar a maior parte do fumo e das faúlhas.

O esforço teve efeitos. Houve quem desmaiasse e outros foram forçados a parar de canalizar quando a dor se tornou demasiado intensa. Só Leesha e Darsy conseguiam continuar e faltavam horas para o amanhecer.

Cinza gordurosa sujava tudo, cobrindo guardas por toda a coluna. Leesha passou por um esquadrão esgotado de Soldados do Outeiro, atrasados em relação ao resto da companhia. Alguns soldados continuavam a cantar *Mantém a Lareira Acesa*, mas, asfixiados por fumo e cinza, era difícil manter o ritmo.

Kendall tocava o violino de Rojer, usando os hora no apoio do queixo para ampliar cem vezes o som. Continuava a envergar o toucado que Amanvah lhe dera, mantendo o véu de seda sobre a boca para filtrar o ar fumarento.

– Demónio do vento! – Wonda ergueu o arco, disparando uma flecha. Num ápice, tinha outra preparada para disparar.

Leesha olhou para cima, vendo o bando de demónios mergulhando sobre eles. O primeiro do grupo esquivou-se à primeira flecha de Wonda e à segunda. A terceira atingiu o alvo e o demónio caiu no solo ao lado do cavalo de Kendall.

Erguendo a varinha de hora, Leesha traçou uma poderosa guarda contra demónios do vento que brilhou no ar enquanto os outros demónios embatiam contra ela.

A seguir, Kendall gritou e Leesha virou-se para ver o demónio do vento tornar-se um demónio da rocha, erguendo-se diante do seu cavalo. Antes que ela ou Micha pudessem reagir, o nuclita girou e golpeou com a cauda pesada, destruindo as patas do cavalo. Violino e arco escaparam às mãos de Kendall enquanto caíam.

O mimético deu um grito inconfundível e, em redor, demónios saíram da nuvem de fumo para atacar a estrada. Algumas das guardas iluminaram-se, projetando-os para trás, mas muitas estavam comprometidas e os demónios penetraram as fileiras exaustas dos Soldados do Outeiro.

O esquadrão exausto por perto correu para ajudar Leesha e os outros, mas poucas hipóteses teriam contra um mimético.

– Para trás! – gritou Leesha enquanto Gared investia contra o demónio.

O mimético golpeou com um braço que se alongou, tornando-se um tentáculo, mas Gared estava pronto, decepando o membro com a sua faca de mato, sem

nunca perder a velocidade da investida. Sobre o seu ombro, Wonda continuava a disparar, com as flechas de madeira pesadas embatendo no demónio.

O demónio atacou Gared, mas a sua armadura era forte, defletindo o golpe enquanto se aproximava e cravando o machado no flanco do mimético.

– Mestra, cuidado! – Pawl apontou sobre o ombro.

Leesha estava tão ocupada a observar a batalha que não viu o esquadrão de soldados até estarem quase sobre ela, investindo com lanças apontadas ao seu peito. Quando lhes viu as caras, soube que algo estava mal. Ergueu atabalhoadamente a varinha, dispersando os homens com uma guarda de impacto.

Lanças e escudos caíram ao chão com ruído, com as fardas tornando-se escamas blindadas enquanto lhes cresciam garras e dentes grandes e afiados.

Miméticos. Quase uma dúzia deles. Como tinham conseguido aproximar-se tanto?

– Miméticos na estrada! – Darsy ergueu a sua varinha de hora. – Protejam a condessa! – Não havia floreados nas suas guardas, com as guardas contra miméticos fundindo-se, toscas. Mas eram fortes e os demónios foram rechaçados.

A guarda pessoal de Gared foi a primeira a responder ao chamado. Lenhadores que Leesha tinha conhecido toda a vida. Samm Serra e Tomm Cunha. Linder Lenhador, Evin e Sombra, o seu grande cão. Uma dúzia de outros, incluindo Jonn Calado. Homens duros com armadura guardada que matavam nuclitas às centenas.

Mas aqueles não eram nuclitas comuns. Sombra saltou sobre um dos miméticos com os seus duzentos quilos de dentes e garras, forte como um lobo. O demónio segurou o cão pela cabeça, atirando-o ao chão. Sombra ganiu e ficou imóvel.

Evin e Linder aproveitaram a distração para se aproximarem, mas a carne do demónio tornou-se grossa e viscosa, prendendo-lhes os machados com firmeza enquanto afastava Evin com um tentáculo coberto de ossos afiados e erguia Linder como uma boneca, atirando-o contra Lesha.

O homem e a sua armadura atravessaram as guardas contra miméticos e embateram contra as patas de Pilão. Leesha ouviu ossos partindo enquanto era projetada da sela. Darsy gritou enquanto também ela caía da sela de Almofariz. Os demónios passaram pelas guardas de Darsy, mas os Lenhadores que restavam vieram ao seu encontro.

Samm conseguiria cortar a cabeça a um demónio da madeira com alguns golpes da sua grande serra de duas mãos, mas era uma arma lenta contra um mimético. Havia uma junta na sua armadura sobre o cotovelo e as garras do demónio encontraram-na, decepando o braço enquanto o atirava para o outro lado da estrada. Tom Cunha brandiu a sua marreta pesada, mas o demónio mudou de forma à volta da arma, arrancando um dos seus próprios espigões e cravando-o na viseira do elmo. Os seus filhos gritaram e investiram contra a criatura.

Leesha canalizou poder da sua varinha, recuperando a força enquanto se levantava. Enfiou a mão na bolsa, espalhando klats guardados que cintilaram, desviando qualquer demónio que se aproximasse. Traçou guardas de impacto e contra miméticos, mantendo os demónios desequilibrados, mas eram demasiados e a varinha estava já esgotada.

Um mimético avistou um vão nas guardas prateadas que pairavam no ar, ganhando asas que moveu com dois batimentos poderosos, erguendo-se acima da barreira e caindo sobre Leesha do alto.

Leesha recuou, mas não conseguiu erguer a varinha a tempo. O demónio dominá-la-ia, mas ouviu-se um urro animalesco e uma grande enxada afastou-o. Atordoada, Leesha viu Jonn Calado passar a correr por ela, cravando a enxada uma e outra vez.

O mimético guinchou, com a sua forma perdendo a coesão, mas rodeou o gigante com um tentáculo e desequilibrou-o. Leesha atingiu o demónio com uma guarda contra miméticos, mas dois outros avistaram o vão e erguiam-se já sobre ela.

Kendall e Micha surgiram, fundindo violino e voz. Os dedos de Micha tocavam-lhe a garganta, manipulando as guardas da sua gargantilha para ampliar a voz e igualar o poder da música de Kendall.

Os demónios dispersaram por um instante, mas estavam preparados para o truque, assumindo formas sem ouvidos que conseguiam suportar os maiores efeitos do poder da música.

Leesha procurou Wonda, mas a rapariga trabalhava em conjunção com Gared, fixando a sua atenção no demónio mimético. Tanto ela como Gared tinham perdido as armas. Wonda esmurrava com punhos pintados com guardas de caulinegra e Gared fazia-o com as manoplas pesadas guardadas. Quando o demónio atacava um, o outro investia. Leesha guardara pessoalmente as suas armaduras e os golpes da criatura não surtiram efeito. De forma lenta e impossível, esmurravam-no até à morte.

Não que isso a salvasse, pois três miméticos correram para Leesha, usando as garras para devastar a estrada e atingindo-a com grandes pedaços de terra compactada e com pó asfixiante. Não ficou ferida, mas, momentaneamente cega, não conseguiu erguer a varinha a tempo enquanto um tentáculo a envolvia. De imediato, o demónio ganhou asas que bateram com violência, tentando levá-la para cima.

Houve um turbilhão de névoa e algo atingiu o demónio, fazendo-o cair. O tentáculo que a segurara ficou branco e um punho guardado estilhaçou-o.

– Desculpem o atraso. – Stela puxou o tentáculo que ainda se contorcia de Leesha e atirou-o para longe. O demónio tentou recuperar a forma, mas surgiu uma nova névoa e o Irmão Franq apareceu, golpeando o mimético e projetando-o para trás. Traçou uma guarda no ar e um relâmpago atingiu a criatura.

Em redor, as Crianças Guardadas surgiram. Callen Lenhador. Keet Estalagem. Jarit e os seus Sharum. Os miméticos não estavam preparados para a nova investida e tentaram fugir, mas as Crianças não lhes permitiram que fugissem, cercando os demónios com guardas contra miméticos enquanto avançavam para a matança.

Stela estendeu uma mão e Leesha ofereceu-a, deixando que a rapariga a erguesse.

– Ocupámos a retaguarda como mandaste, mas pareceu-nos que precisavam de ajuda.

– Agiram bem, querida – disse Leesha. – Foi precisamente por isto que pedi que nos seguissem.

– Só conseguimos alcançar os demónios da chama depois de atearem o fogo. Perdoa-nos isso.

– Impediram que piorasse – disse Leesha. – Obrigada.

Pela estrada fora, os outeireiros recuperavam. Soldados exaustos sentiam força noturna por terem matado demónios e, sem os miméticos, os outros demónios desorganizaram-se e dispersaram.

Batedores encontraram-nos na manhã seguinte.

– O Coto do Lavrador caiu – disse Gared. – Parece que algumas das pessoas conseguiram escapar, mas o povoado foi destruído. Os demónios aglomeram-se no Rio Angiers. Não conseguiremos chegar até lá com facilidade ou rapidez. Destruíram a ponte. Precisaremos de encontrar uma travessa e estarão à espera com o anoitecer.

– Sigam em frente – disse Leesha. – Deixem que vos vejam a caminho.

Gared olhou-a.

– Nem pensar. Vou contigo.

– Já discutimos isto – disse Leesha.

Gared abanou a cabeça.

– Tu discutiste. Eu não abri o bico.

– Não era um pedido, general – disse Leesha. – Era uma ordem.

– Não me importa. – Gared ergueu um punho gigante. – Obedeci às tuas ordens e deixei-te em Angiers e Rojer morreu. Dá as ordens que quiseres. Nucleado seja se deixar que marches para um ninho de demónios da mente sem o meu machado a guardar-te a retaguarda.

Leesha sentiu um aperto na garganta ao ouvir as palavras sentidas. Tanto quanto conseguia recordar, Gared Lenhador sempre estivera por perto para a proteger. Por mais que a irritasse, o mundo parecia um pouco mais seguro quando estava por perto.

Mas aquele não era o momento certo.

– Este não é o teu caminho, Gared. Favah e eu lançámos os dados. A missão falhará se algum homem estiver presente.

– Levas Pawl contigo! – gritou Gared.

– É apenas um rapaz – disse Leesha. – E tem contactos na resistência. Precisamos dele para entrar, mas um Lenhador de dois metros com armadura de madeira vai atrair atenções. Preciso de ti aqui, a comandar o ataque. Conto contigo para derrubares os portões antes que me meta em apuros demasiado grandes.

Wonda pousou uma mão no ombro de Gared.

– Não acontecerá nada a mestra Leesha enquanto eu estiver por perto, Gar.

Leesha ouviu Gared ranger os dentes.

– Espero que não. Ou preferirás o Núcleo ao que te farei.



TRINTA E SETE

AS RAPARIGAS DE JESSA

334 DR

Durante dois dias e duas noites, Leesha, Wonda, Kendall e Pawl atravessaram floresta virgem, descansando apenas quando a exaustão o exigia.

Todos envergavam Capas de Invisibilidade, mas a proteção raramente foi necessária. Os demónios tornavam-se escassos longe dos povoados humanos e os que encontravam foram repelidos pela música de Kendall. Sempre que afastava o olhar da rapariga, Leesha podia fingir que era Rojer quem tocava e sentiu o seu amigo olhando-a naquela última missão desesperada.

Acamparam junto a um ribeiro a sul de Angiers. Havia um pequeno charco que Leesha aqueceu com guardas térmicas para poderem lavar-se e vestir roupa lavada que os faria passarem despercebidos na cidade.

– Tu primeiro, mestra – disse Wonda. – Não deixarei que ninguém te incomode.

Leesha não protestou, deixando a água quente ensopar-lhe os músculos doridos enquanto esguichava leite para o charco. Quilómetros a sul, Olive mamava no peito de Elona e pensar isso trouxe-lhe lágrimas aos olhos.

O Sol nascia enquanto Leesha se cobria com um vestido lavado com corte angierano. Kendall vestia o padrão multicolorido que os Jograis angieranos preferiam e Pawl vestia-se como um rapaz de rua comum. Wonda manteve a armadura, cobrindo a couraça com um tabardo angierano.

– Por aqui – disse Pawl. – O ponto de encontro fica além da colina seguinte.

Seguiram pelo abrigo da floresta quando a cidade se tornou visível e Leesha abriu a boca de espanto quando viu a sua aprendiza Roni encostada a uma árvore, roendo uma maçã. Tinham passado apenas alguns meses desde que a vira pela última vez, mas Roni parecia anos mais velha. Muito além dos seus dezoito verões, especialmente com o decote baixo do vestido e o pó na cara.

– Mestra Leesha! – Roni manteve a voz reduzida a um sussurro forçado, guinchou um pouco e saltou-lhe para os braços, apertando com força. – Graças ao Criador que vieste.

– Meteste-te em apuros? – perguntou Leesha.

– Noite. Isso é dizer pouco – concordou Roni.

Leesha estendeu a mão e puxou um dos cabelos cuidadosamente encaracolados que emolduravam a cara pintada de Roni. O cabelo esticou-se e voltou obedientemente à forma.

– O que é isto tudo?

– Não é amoroso, mestra? – Roni fez uma pose e deu um jeito ao cabelo. – As raparigas de Jessa têm-nos ensinado como devemos maquilhar-nos e abonecar-nos.

Leesha voltou-se e fixou o olhar em Pawl, que se encolheu.

– Jessa? A Herbanária Jessa que envenenou o duque Rhinebeck?

Pawl moveu os pés, desconfortável.

– Sua Excelência esperou que não recebesses bem as notícias.

Leesha cruzou os braços.

– E disse-te que me escondesses esse pormenor até ser tarde de mais para regressar.

– Agradou tanto a Sua Excelência como a ti, condessa – disse Pawl. – Mas os bordéis eram o único esconderijo seguro até a tirarmos da cidade.

– Mestra Jessa não é assim tão má – disse Roni. – Tem cuidado bem das pessoas com Jizell desde as... mudanças.

Leesha expirou.

– Anseio por a ver. Podes levar-nos para dentro?

– Sim, mestra. Há alguns portões pequenos. São apenas portas grandes, no fundo, com um punhado de guardas. – Roni sorriu. – Homens solitários sem

nada para fazer durante o dia inteiro desde que fecharam os portões. Levamos-lhes refeições e conversa.

Leesha apontou com o queixo o decote generoso de Roni.

– E, enquanto conversam...

Roni riu-se.

– Revezamo-nos a ir ao portão. As raparigas abrem uma nesga quando trazem a ceia à noite e entraremos.

– Os guardas não repararão em três mulheres a mais e um rapaz passando por eles? – perguntou Leesha.

Roni levou a mão ao decote, retirando uma caixa de madeira minúscula.

– Cheira.

Leesha abriu a caixa cheia de cera vermelha macia. Cheirava a rosas, mas, por baixo...

– Tampereira e flor-celeste. Outro truque que as raparigas de Jessa te ensinaram?

Roni piscou o olho.

– Por vezes, a conversa não chega. Uns beijos com isto nos lábios e verão a dobrar.

Leesha quis reprovar, mas precisava de uma forma de entrar na cidade e Roni sempre tinha sido louca por rapazes. Não parecia incomodá-la namoriscar pelo acesso ao portão.

– Muito bem, Roni – disse, em vez disso, enquanto um sorriso iluminava a face da rapariga. – Orgulho-me de ti.

As sombras alongaram-se enquanto esperavam num pequeno aglomerado de árvores junto ao portão, dando bastante tempo a Leesha para se preocupar com o plano. Continuariam fora da cidade quando o Sol se pusesse? Era a primeira noite da Lua Nova e, como uma aranha no centro da teia, os demónios da mente podiam sentir um tremor na rede de guardas se o portão abrisse durante a noite.

Pensou onde Gared e os outros estariam e se estariam todos bem. Se o estratagema resultasse e os demónios da mente não percebessem que tinha abandonado as suas forças, toda a atenção deles estaria focada nos seus amigos.

Então, ouviu-se um estalido pesado e a porta abriu-se alguns centímetros.

– É a minha deixa. – Com um movimento que Leesha vira Elona fazer vezes incontáveis, Roni enfiou um dedo no decote, puxando-o para baixo enquanto usava a mão para elevar o peito. Puxou os cordões e atou um laço rápido para manter tudo no sítio. – Esperem aqui.

Com aquilo, avançou e passou o portão.

A espera foi interminável. Leesha olhou as sombras e supôs que não teria passado mais de um quarto de hora, mas pareceu-lhe que tinham sido dias. Sentia o coração acelerado no peito.

Por fim, o portão abriu-se o suficiente para deixar ver uma cara familiar. Mestra Jizell, a antiga professora de Leesha, estendeu um braço carnudo, gesticulando-lhes que avançassem para a porta interior.

– Depressa.

Passaram rapidamente. Jizell trancou a porta pesada e puxou o portão de aço guardado. Trancou-o também, enfiando a chave no decote.

Um guarda estava inanimado sobre a mesa do posto de vigia e Roni limpava o vermelho dos lábios. Pegou numa caneca de cerveja meio vazia, despejou um pouco na mesa e na camisa do guarda e colocou-lha na mão. Leesha ouviu risos saindo da porta seguinte.

Leesha ergueu os braços para abraçar a sua velha professora, mas Jizell retirou da mesa um tabuleiro cheio de canecas e estendeu-lho.

– Podemos abraçar-nos quando estiveres em segurança, rapariga.

Leesha aceitou o tabuleiro por reflexo e, com as mãos cheias, Jizell ergueu as suas mãos sem qualquer pudor e ajustou o peito de Leesha como fizera com o de Roni. Leesha não tirava leite há horas e não precisava de grande incentivo para chamar a atenção de um homem.

– Avança como se fosse o teu lugar e começa a servir.

Leesha olhou e viu Roni aplicando o mesmo tratamento a Kendall. As cicatrizes da jovem Jogral tornavam o seu decote demasiado memorável e, por isso, encurtaram-lhe a saia e ajeitaram-lhe o cabelo. Pawl tinha desaparecido. Wonda erguia-se desconfortavelmente, não sabendo o que fazer.

Jizell beliscou o traseiro de Leesha, não lhe dando tempo para pensar no problema. Guinchou de surpresa enquanto era empurrada pela porta.

Leesha deu um passo rápido ao lado para recuperar o equilíbrio, esboçando um sorriso largo enquanto olhava a sala dos guardas.

– Quem tem sede?

Ouviu-se um grito de júbilo dos homens, alguns balouçando um pouco sobre os bancos enquanto as raparigas de Jessa, várias das quais Leesha reconhecia, se moviam pela sala. Num canto, Kadie, uma antiga aprendiza de Leesha, equilibrava um guarda que mal conseguia manter-se de pé contra a parede enquanto este tentava tocá-la, sonolento.

– A festa foi um pouco desvairada. – Piscou o olho. Leesha abanou a cabeça e começou a distribuir canecas cheias enquanto recolhia as vazias.

Jizell avançou pela sala.

– Tenho uma surpresa para vocês esta noite, rapazes. A Jogral mais bonita de Angiers. Ou eu seja um nuclita.

Enquanto todos os olhos se fixavam em Jizell, Kendall saiu do posto de vigia e cambaleou, toda feita de pernas e cabelo. Deu uma pirueta invertida e aproximou o arco das cordas, tocando uma melodia animada. Os homens aplaudiram.

Wonda tentou sair do posto de vigia a seguir, mas o sargento virou a cabeça e viu-a.

– Ei! – Apontou um dedo trémulo.

Leesha estacou. Estava atrás do homem com uma caneca de barro pesada na mão. Podia...

– O teu turno só acaba daqui a meia hora, Ames! – berrou o sargento. – De volta para o posto!

– Sim. – Wonda baixou o olhar e tentou tornar a voz mais grave, encolhendo-se dentro da sua armadura. – Sim, senhor. – Voltou para dentro.

O sargento grunhiu, voltando a olhar o decote de Leesha.

– Mete medo como aquele rapaz está a ficar, pelo Núcleo.

Seguiram pelas ruas apinhadas do mercado até ao hospício de Jizell. Parecia um dia normal, enquanto as pessoas se apressavam, fazendo as últimas compras e vendas antes do soar do recolher.

Um olhar mais próximo mostrou-lhes caras desmazeladas e receosas. Carroças de hortaliça estavam meio vazias e os produtos que restavam eram vendidos com preço elevado. As pessoas moveram-se nervosamente quando Soldados de Madeira e Lanças da Montanha passavam com passos pesados.

Chegaram ao hospício quando o Sol se punha. Jizell abriu a porta da sua escadaria privada.

– Depressa. Os nuclitas erguer-se-ão a qualquer momento e não queremos ser apanhados na rua quando acontecer.

Leesha ouviu um grande alarido do outro lado da parede da escadaria.

– Costumava conseguir contar o número de camas cheias só pelo barulho que atravessava esta parede, mas nunca ouvi nada assim.

Jizell expirou de forma audível.

– Não surpreende. Temos dois por cama e há gente no chão entre cada uma.

– Noite – disse Leesha.

– Muitos homens foram nucleados naquela primeira Lua Nova – disse Jizell. – Sabemos o que fazemos e não perdemos muitos dos que chegaram até aqui, mas tivemos de ter cuidado para não atrair atenções, sobretudo à noite. Esperamos que amanheça e usamos magia numa sala escura para os piores ferimentos. Os outros saram naturalmente. Começamos a ficar sem hora.

Abriu a porta do seu gabinete e fê-los entrar rapidamente, trancando a porta depois de passarem. Uma mulher ergueu-se atrás da secretária, contornando-a para os saudar.

– Condessa. – Tal como as suas raparigas, Jessa tinha a cara pintada e o cabelo imaculado. Afastou as saias de seda e dobrou os joelhos numa vénia perfeita. – Que prazer...

Leesha não lhe permitiu terminar a frase, esmurrando a Herbanária em cheio no nariz.

Todos os queixos presentes caíram. Leesha não podia censurá-los. Esperava encontrar a mulher ali e não tinha qualquer intenção de a esmurrar, mas a sua raiva inflamou-se rapidamente quando viu a face arrogante de Jessa.

É a magia, disse a si mesma. Tinha canalizado muito ultimamente e sabia como isso inflamava as paixões. Mas teria sido realmente a magia? Leesha não podia negar a satisfação de ver o traseiro de Jessa embater violentamente no chão.

Jessa levou a mão ao nariz ensanguentado, com as palavras alteradas.

– Borgue raio fizeste isso, belo Núgleo?!

Leesha recordou as palavras de Thamos. *Há momentos em que um líder deverá permanecer firme, mesmo quando estiver enganado.* Leesha não concordou, então, mas percebia naquele momento a sua sabedoria.

– Isto foi por Bekka, que quase mataste, e por todos os outros que pagaram o preço pelos teus ardis.

Jessa puxou por um lenço, soprando bolhas de sangue e examinando o nariz com dedos experientes para ver se estava partido. Apertou-o no topo para travar o fluxo de sangue.

– Tens tomates, rapariga. Se Bruna aqui estivesse, bater-te-ia nos dedos com a bengala. Não tolerava hipócritas.

– Ei, não podes falar assim com a mestra Leesha! – Wonda deu um passo em frente.

Jizell pousou uma mão delicada na couraça de Wonda, que chegou para a travar.

– Não te metas nisto, rapariga. Há muito tempo que isto fermentava e tem de chegar ao seu fim.

– Foi a ti que Bruna expulsou, Jessa – disse Leesha. – Não foi a mim.

Jessa ergueu as mãos.

– Admito tudo. Tentei roubar o segredo do fogo de demónio líquido. Sabes porquê?

– Porque és egoísta e sedenta de poder? – adivinhou Leesha.

– Porque Araine me ordenou que o fizesse! – ripostou Jessa. – Tal como ordenou a Bruna que me treinasse. Pensas que foi um acidente?

Leesha pestanejou. Fazia muito sentido, de uma forma desconfortável, e explicava porque Araine confiava tanto na mulher.

– Não lhe eras tão leal quando lhe drogavas o filho.

Jessa apoiou as mãos nas ancas.

– Queres culpar-me por tudo o que aconteceu de mau, nestes últimos meses. Vejo-to nos olhos.

– E porque não o faria? – perguntou Leesha. – Nunca teria regressado a esta maldita cidade sem os teus ardis. Euchor nunca teria enviado as suas armas de chama para sul. Rojer ainda estaria vivo.

Jessa esbofeteou-a com força. O som foi como trovão dentro da cabeça de Leesha e cambaleou para trás, com a face em chamas.

– Não me fales de Rojer. Esse rapaz era como um filho para mim. Achas que queria que lhe acontecesse alguma coisa? Que queria ter de me esconder em vez de ir ao seu funeral? – Ergueu um dedo irado. – É verdade que droguei Rhinebeck para lhe roubar a semente, sim. Aquele filho do Núcleo merecia. Mas havia fel entre Rojer e Jasin muito antes de o trazeres do Outeiro. Euchor queria ser rei antes de nasceres. Mas tu despiste a armadura ao demónio do deserto. Podias tê-lo envenenado ou podias ter-lhe espetado uma faca entre as costelas, travando o seu avanço. Em vez de o deixares fazer-te encolher os dedos dos pés antes de chacinar metade de Lakton, escravizando a outra metade. Julgas que podes julgar-me, Leesha Papel? Às minhas raparigas? És tão pega como qualquer uma de nós. As minhas raparigas, pelo menos, são suficientemente espertas para lembrarem o seu chá de pómulo.

As palavras eram mais violentas do que o tabefe de Jessa. Expunham os medos mais profundos de Leesha. Inúmeras vidas tinham-se perdido, mas Leesha não alteraria o que tinha acontecido com Ahmann. Não desde Olive.

E, no final, tinha sido o filho de Ahmann a atacar Lakton. Não podiam culpá-la por isso.

– Fazemos as nossas escolhas, Leesha, e vivemos com elas – disse Jessa. – Mas tudo isso deixou de importar. Somos nós contra os demónios, agora.

Quantas vezes Leesha tinha dito aquelas mesmas palavras ou visto Arlen gritá-las da concha acústica. Eram tudo aquilo em que acreditava e ali estava Jessa, explicando-lhas.

E tinha razão.

– Tens razão – disse Leesha. – Lamento.

– Houve mudanças em Angiers na tua ausência – disse Jizell. – As Herbanárias e as Herbanárias Daninhas decidiram que tínhamos mais em comum do que julgávamos. Somos a resistência.

– Os demónios da mente hipnotizaram metade dos homens de Angiers – disse Jessa. – Os homens deixaram de poder confiar nos seus próprios irmãos, mas deixaram as mulheres em paz. Desde que ninguém fuja durante o dia ou se aproxime demasiado das guardas que os homens constroem à volta do palácio, tratarão da sua vida e deixarão as mulheres a tratarem da nossa.

– E de noite? – perguntou Leesha.

– Os demónios pararam de atacar as muralhas – disse Jizell. – Alguns demónios da madeira ainda se erguem na cidade e matarão quem sair à noite, mas não atacam as guardas ou os homens nas muralhas.

– Querem-vos vivos – disse Leesha.

– Porquê? – perguntou Jessa. – Para quê?

Leesha não respondeu.

– Que achas que farão os guardas das muralhas quando o exército de Gared vier?

– Serão tratados como invasores e dispararão sobre eles com armas de chama – disse Jessa. – Há já Jograis a espalhar histórias da Bruxa de Guardas do Outeiro que veio para norte para reclamar o trono que lhe pertence por direito.

– Por direito? – repetiu Leesha. – Pether morreu. Quem se senta nele?

– Ninguém pode provar que está morto – disse Jizell. – O palácio foi selado desde que evacuámos a duquesa-mãe. Dizem que o fizeram para proteção do duque. Arautos falam na praça da cidade do recolher obrigatório do duque Pether e das suas novas leis, tudo concebido para nos afastar das muralhas e da grande guarda que constroem.

– Noite. – Leesha retirou a varinha, traçando guardas de silêncio para camuflar a sua presença.

– Algum dos teus pacientes foi afetado pelos demónios da mente?

– Não muitos – respondeu Jizell. – As aprendizas questionam cada nova chegada para averiguarem a sua influência. Fomos abençoados pelo desinteresse dos demónios da mente em hipnotizarem os feridos. Por isso, não houve nenhum nesse primeiro ataque. Os afetados chegaram recentemente. Guardas feridos a impedir fugas ou trabalhadores feridos quando parte do entabuado das ruas desabou enquanto trabalhavam na nova grande guarda. Colocámo-los sob quarentena.

Leesha acenou com a cabeça.

– Precisaremos de questioná-los. Sobretudo aos que trabalharam na grande guarda.

– Não te dirão grande coisa – afirmou Jessa. – Fingem-se suficientemente abertos, mas nem conseguem mexer o maxilar quando os questionamos sobre o seu trabalho. Terás de contornar o assunto e depreender.

Leesha acenou com a cabeça, olhando Pawl.

– De certeza que ainda consegues fazer-nos entrar no palácio? Os túneis dos bordéis foram selados.

– Danificaram-se... sim – concordou Pawl. – Mas ligam-se uns aos outros, apenas a família real os conhece e percorrem toda a extensão do palácio.

– Que planeias, rapariga? – perguntou Jizell.

Leesha ignorou a pergunta.

– Têm armas de chama?

– Estamos num hospício – respondeu Jizell.

– Eu tenho. – Jessa piscou o olho. – A duquesa-mãe gostava de ter uma provisão privativa.

– Que, sem dúvida, terá desaparecido depois de a sua Herbanária Daninha ter cometido crimes de traição, abandonando o seu serviço – supôs Leesha.

– Finalmente, começas a dançar ao ritmo certo – disse Jessa. – De que quantidade precisas?

– De tudo – respondeu Leesha.

– Tantas armas de chama atrairão muitas atenções – comentou Jessa.

– A Lua Nova já começou – advertiu Leesha. – Quem sabe o que as mentes farão neste preciso momento? Gared e os Soldados do Outeiro poderão lutar para salvar a própria vida. Não podemos dar-nos ao luxo de avançar com discrição.

Jizell cruzou os braços.

– De avançar por onde?

– Ao amanhecer, as raparigas rebentarão com a grande guarda – disse Leesha. – E, enquanto todos se focarem nisso, entraremos no palácio e mataremos o

demónio da mente.

Os demónios continuavam a patrulhar as ruas de Angiers antes do amanhecer, mas Leesha sabia que os demónios da mente há muito se teriam escondido do aumento da claridade no céu. Moveram-se rapidamente, camuflados pela música de Kendall, visitando o paiol escondido onde Jessa guardava as suas armas de chama e enviando as raparigas para as suas posições.

– Teremos uns quinze minutos entre a transformação em névoa do último demónio e a chegada dos trabalhadores do turno da manhã – disse Jessa. – Todo o tempo do mundo para posicionar um pau de trovão, acender o rastilho e fugir.

O resto do grupo dirigiu-se para a escola abandonada de Jessa, que se tinha tornado um quartel dos Soldados de Madeira. Roni e algumas das raparigas já lá estavam, encantando os guardas enquanto distribuíam pastéis acabados de fazer e café fortemente temperado com tampereira e flor-celeste. Leesha e as outras aproximaram-se enquanto Wonda, com um tabardo angierano sobre a armadura, se posicionava com o elmo baixo.

– O que...! – exclamou um dos guardas enquanto os seus homens começavam a cair ao chão. Aproximou-se de Wonda, cambaleante. – Depressa, homem! Dá o alarme!

Wonda avançou como se pretendesse ampará-lo, mas enfiou-lhe um trapo na boca e fê-lo tombar no chão.

– Depressa. – Jessa puxou o fecho escondido que fazia deslizar uma estante, expondo uma escadaria descendente em espiral.

Nesse momento, o chão tremeu e ouviu-se um grande rugido enquanto paus de trovão rebentavam as grandes guardas.

– Que se passa aí em cima? – perguntou uma voz.

Leesha enfiou dois químicos num frasco e colocou a rolha, agitando-o brevemente. Atirou-o pelas escadas abaixo e partiu-se ao fundo. A mistura silvou e libertou um vapor ominoso. Ouviram-se gritos e tosse abafados.

Wonda foi a primeira a descer. Cobria a cara com uma máscara de filtro e as guardas no seu elmo permitiam-lhe ver com clareza pela névoa com a visão guardada. Foi rápida e Leesha conseguiu ouvir ossos partindo enquanto abria caminho. Mesmo que conseguissem acordar, muitos dos homens não conseguiriam segui-los.

Leesha retirou a varinha do cinto e susteve a respiração, entrando na escadaria escura. Traçou guardas de ar e um sopro de vento afastou a névoa do seu

caminho enquanto desciam.

– Kendall. – A jovem Jogral prendeu o violino sob o queixo e começou a tocar enquanto Jessa abria o túnel secreto que os nobres tinham usado durante duas gerações para chegar ao bordel a partir do palácio.

Leesha acenou com a cabeça a Jessa e Jizell.

– Sai, agora. Leva as raparigas e mantém-nas seguras.

Jizell abraçou-a rapidamente.

– O Criador te acompanhe, rapariga.

– Sim – disse Jessa. – Boa sorte.

A seguir, Pawl levou-as para a escuridão.

A música de Kendall envolveu-os como uma Capa de Invisibilidade enquanto, juntamente com Leesha, Wonda e Pawl passavam pelos nuclitas que patrulhavam as catacumbas. Numa parede sem nada que a distinguisse, Pawl abriu uma porta escondida que lhes permitiu passarem dos túneis infestados de demónios para uma passagem estreita e atapetada que conduzia ao gabinete de Araine na ala feminina do palácio.

Mas o local não estava como Leesha o recordava. As janelas tinham sido pintadas de preto e cobertas com cortinas pesadas, deixando-os em escuridão apenas superada pela visão guardada. As paredes e o chão tinham sido despojados de guardas e ostentavam marcas profundas de garras.

– Teremos de atravessar o salão até à próxima passagem – disse Pawl.

Escondidos pela música de Kendall, saíram do gabinete e encontraram o salão amplo igualmente devastado. Demónios dormiam no chão e Leesha percebeu que sustinha a respiração enquanto passavam por eles. Pawl levou-os para outra divisão, onda a lareira fria permitia passar para um novo corredor.

– Quase lá – disse Pawl, apontando uma porta ao fundo da passagem estreita.

Ouviram um rosnado vindo de trás. Leesha olhou para trás, não vendo nada.

– Depressa.

Pawl acenou com a cabeça, apressando-se a chegar à porta e abrindo-a. Nesse momento, as paredes e o chão atrás deles ganharam vida, com tinta e tapetes alongando-se e transformando-se em escamas duras, moldando-se numa forma de demónio.

– Fujam! – gritou Leesha, passando a correr pela porta até à sala do trono. Sentiu as guardas mentais na rede de prata sobre o seu cabelo aquecerem e

percebeu que a armadilha tinha sido ativada antes mesmo de guardas se iluminarem num círculo à sua volta.

Wonda disparou uma flecha contra os demónios que se aproximavam, mas foi rebatida pelas guardas e caiu-lhe junto aos pés. Kendall, continuando a correr, chocou contra a barreira. Esta iluminou-se e a Jogral gritou de dor enquanto era projetada para trás, com o violino deslizando sobre o chão.

Leesha ergueu a varinha de hora, mas uma guarda de impacto surgiu no ar, arrancando-lha à mão e atirando-a para fora do círculo. Sentiu um puxão no cinto e a bolsa de hora foi também levada. Wonda gritou, golpeando as guardas com os punhos carnudos. Com cada golpe, gritou de dor. Leesha via na teia de magia no ar que não havia fissuras para explorar.

Pawl entrou na sala do trono no preciso momento em que os miméticos começavam a mover-se em círculos, parcialmente ocultos pela escuridão.

– Pequeno miserável! – Wonda continuou a golpear as guardas, parecendo ignorar a dor. – Quando te apanhar...!

Pawl atirou a cabeça para trás e riu-se. O som arrepiou o pescoço de Leesha. Quando falou, a sua voz tornou-se mais fria... mais velha.

– Apesar de toda a tua arrogância, não és melhor que o servo da rocha mais reles, golpeando as guardas até à morte.

– Pawl? – perguntou Leesha.

– A mente do rapaz é rica para a sua juventude – disse Pawl. – Banquetear-nos-emos com ela quando deixar de nos ser útil.

Leesha inclinou a cabeça.

– Como conseguiste entrar? Eu própria lhe pintei a guarda mental.

Um dos miméticos tremeluziu e, enquanto se aproximava das guardas, Leesha sentiu um nó na garganta. Tanto quanto conseguia perceber, era como se Rojer estivesse à sua frente.

– Quão deliciosamente estúpidos são.

Outro mimético tremeluziu, assumindo a forma de Thamos com tanta precisão que Leesha sentiu lágrimas nos olhos.

– Mesmo agora, não veem.

– Sempre aqui estiveram – percebeu Leesha. – Desde a primeira noite. Araine não fugiu. Deixaram-na ir.

– Teria sido difícil arrancar-te ao centro do teu poder – concordou Pawl.

– Foi mais fácil acenar-te com uma cenoura e atrair-te como se fosses uma mula – disse Rojer.

– O próprio rapaz não sabia que era nosso, mesmo enquanto te trazia até nós – disse Thamos.

– E agora? – perguntou Leesha. – Matam-nos? Comem as nossas mentes?

Pawl mostrou os dentes.

– Quando deixares de ser útil.

– Continuam sem ver – repetiu Thamos, espantado. – Patético.

– Somos patéticos?! – gritou Wonda. – São vocês que se escondem atrás de crianças e mutantes!

Em resposta, a sala iluminou-se com a sua visão guardada e Leesha olhou para cima, vendo um demónio instalado sobre o trono de hera, olhando-os com olhos bolbosos. O nuclita brilhava tanto com poder que Leesha precisou de semicerrar os olhos.

Dois outros demónios da mente erguiam-se ao fundo dos degraus. Os seus corpos magros não eram maiores que Kendall, suportando grandes cabeças cónicas cobertas com chifres vestigiais e saliências que pulsavam.

Thamos estendeu um braço que se tornou um grande tentáculo, envolvendo Leesha.

– Mestra Leesha! – Wonda segurou-a, mas o demónio era forte de mais. Puxou, arrancando Leesha ao círculo enquanto Wonda pressionava dolorosamente as guardas e era projetada para trás.

Thamos puxou-a para si, sorrindo como lhe sorria quando estavam sozinhos. Acariciou-lhe a face com a mão. O seu toque... e até o seu cheiro... eram como Thamos. A sua mão subiu, retirando delicadamente os alfinetes que mantinham no sítio a rede guardada no cabelo que protegia a mente de Leesha.

Debateu-se, mas Thamos limitou-se a sorrir.

– Não resistas, meu amor. Em breve, terás uma tal dor de cabeça que suplicarás pela minha carícia. – Curvou-se e beijou-a, tão semelhante a Thamos, até ao seu hálito. Leesha tentou esconder a repulsa, mas sem dúvida que conseguiria vê-la na sua aura.

– Quando saíres deste sítio, levarás histórias da nossa derrota – disse Rojer. – Acreditarás nelas. Recordá-las-ás como se tivessem acontecido realmente. Serão vistos como salvadores e comandarão os vossos exércitos mais uma vez.

– Caminharão no dia e guardarão a mente à noite, enquanto enfraquecerem as vossas defesas de dentro – disse Pawl.

– E o Outeiro será nosso – disse Thamos.

Foi a vez de Leesha sorrir.

– Não me parece.

– Não terás como evitá-lo. – Thamos puxou o último alfinete.

O rapaz com a dívida de sangue levar-te-á até à teia de aranha, tinham dito os dados de Leesha. Só então poderás atacar.

– Agora, queridas – disse para o brinco guardado.

Os demónios hesitaram, mas, por um momento, não aconteceu nada.

A seguir, ouviu-se um estrondo ensurdecedor que atirou humanos e demónios ao chão. Até mesmo o demónio no topo do estrado se segurou firmemente ao trono de hera. Ouviram-se mais explosões, abafadas pelo zumbido nos ouvidos de Leesha.

Então, entre a nuvem de pó asfixiante, o sol da manhã entrou pelas vidraças, cruzando-se na sala do trono. Os demónios da mente guincharam, correndo para as sombras, mas, mesmo aí, a luz tocou-os, fazendo fumegar os seus membros.

Micha surgiu numa das janelas, arremessando uma lança de vidro guardado que perfurou o peito do demónio mimético com a forma de Thamos.

Stela Estalagem entrou por outra janela, pontapeando Rojer mimético para um raio de sol que o incendiou. Prendeu Pawl enquanto este procurava recompor-se, antes que pudesse causar algum dano.

Leesha libertou-se do tentáculo enquanto Kendall erguia o violino e Wonda investia do círculo desativado.

Os miméticos e demónios da mente restantes não conseguiam dissipar-se e encontrar um caminho para o Núcleo com a luz do Sol. Correram para as saídas, mas Stela Estalagem foi mais rápida, avançando para bloquear um dos corredores. Dispersaram, mas o Irmão Franq surgiu no corredor seguinte e Ella Lenhador bloqueou o terceiro.

– Gostava de vos apresentar as minhas Crianças Guardadas – gritou Leesha aos demónios que guinchavam e tentavam apagar com as mãos as chamas que começavam a alastrar-lhes pela pele.

– Não gostamos da forma como têm tratado a Mãe – disse Stela.



TRINTA E OITO

SHARAK KA

334 DR

– Damajah. A tua Santa Mãe chegou.

Inevera virou-se. Absorta em pensamento, nem sequer sentira a entrada de Jarvah. Esse tipo de descuido poderia ser a sua morte.

– Fá-la entrar.

Virou-se novamente para a janela enquanto Manvah entrava, avançando até ficar a seu lado. Jarvah fechou as portas, deixando-as sozinhas, olhando o porto reconstruído em que laktonianos e krasianos tinham trabalhado juntos para salvar os navios que tivessem salvação, desfazendo os restantes para aproveitamento de peças.

– Nunca nos meus sonhos imaginei um oásis tão vasto ou uma frota tão grande – disse Manvah.

– Não será suficiente, mesmo assim, se fomos forçados a fugir da cidade na Lua Nova – disse Inevera.

Manvah olhou-a.

– Cederias a Nie tão facilmente?

– Não facilmente – disse Inevera. – Se conseguíssemos defender a Cisterna de Everam com a minha morte, a minha glória seria infinita. Mas, se puder

preservar o nosso povo para lutar mais uma noite sacrificando a minha dignidade, aceitarei esse acordo e considerá-lo-ei benéfico.

Manvah acenou com a cabeça, virando-se outra vez para a janela.

– É essa a filha que recordo.

– A viagem decorreu sem peripécias? – perguntou Inevera.

– Os alagai testaram-nos – respondeu Manvah –, mas não foi nada com que dez mil Sharum não conseguissem lidar.

Inevera acenou afirmativamente. Depois de os alagai terem compreendido que pretendiam defender a Cisterna, ficava livre para chamar reforços, mas não se atrevia a trazer tantos que enfraquecessem as defesas da Fortuna. Amanvah e Asome informaram que havia combates nos arredores da cidade, com aumento do número de nuclitas e com demónios da mente liderando-os, mas, tal como no Outeiro, as guardas da Fortuna de Everam eram demasiado fortes para que os demónios ameaçassem o centro do seu poder.

– Que novas há da rebelião chin? – perguntou Inevera. – Asome e Amanvah dizem que tem estado calma, mas ouves no bazar coisas que lhes escapam.

– Com os alagai golpeando as guardas – disse Manvah – e com o Mensageiro do Outeiro informando-nos da queda de Angiers, os chin não desejarão continuar a enfrentar quem terá maiores possibilidades de garantir a sua defesa.

– A *Sharak Ka trará consigo um fim da Sharak Sun* – citou Inevera.

– Assim parece. – Manvah apontou os krasianos e laktonianos trabalhando lado a lado no porto. – Estes chin alimentaram a revolta. Mas, agora, pertencem-te.

Inevera baixou o olhar.

– Isso não é... inteiramente verdade.

– Hã? – questionou Manvah.

– Precisei de um inimigo para manter os Damaji na ordem depois do desaparecimento de Ahmann – sussurrou Inevera. – Um bode expiatório para a revolta chin. Abban insistiu num ataque à Doca para capturar a sua colheita de cereal para o inverno, abastecendo a cidade no lago e, por isso, eu...

– Sentaste-te no teu trono de almofadas e mentiste – concluiu Manvah. – Usando o nome de Everam para empurrar esta gente prematuramente para a Sharak Sun para servir os teus interesses.

Inevera acenou afirmativamente.

– E, por isso, perdi o meu filho mais velho e grande parte do exército de Everam para conseguirmos estabelecer-nos neste pântano fétido.

– Por vezes, mais nada será necessário para dar um salto – disse Manvah. – Ouço na tua voz que esperas que te repreenda, mas não me caberá dizer o que está certo ou errado. Foi a ti que Everam carregou com poder e, pelo que vi, usaste-o com grande sensatez. – Virou-se e sorriu. – Na maior parte do tempo. Quem poderá dizer o que teria acontecido na última Lua Nova se não tivesses vindo para a Cisterna? Lakton poderia ter-se perdido, de qualquer forma. Agora, pelo menos, existe uma possibilidade de restauração da sua cidade na ilha.

– Trouxeste os manifestos de carga? – perguntou Inevera.

Manvah acenou afirmativamente, retirando um molho de papéis de dentro da sua túnica.

– Comida, madeira, alcatrão e outros materiais. O suficiente para reconstruir a Doca e milhares de engenheiras e artesãs dal'ting para se ocuparem do trabalho, se conseguirem encontrar o seu caminho pelo labirinto de tendas que ordenaste que construíssem.

– Não conseguiremos alojar cinquenta mil almas dentro das muralhas da Doca – disse Inevera. – As configurações das tendas formarão grandes guardas que travarão os alagai enquanto construirmos novas defesas.

– Assegurarei que assim será. – Manvah tinha ascendido depressa na hierarquia do poder quando foi revelado ao povo que uma das mais poderosas negociantes do Grande Bazar era, na realidade, a mãe da Damajah. Não havia ninguém que Inevera mais desejasse ter a seu lado.

Uma batida na porta e Jarvah escoltou Asukaji para o interior. Encolheu-se ao ver Manvah.

– Santa Mãe, não sabia que tinhas vindo...

– Fecha a boca, rapaz – disse Manvah. – Passarás a ver-me com frequência.

Asukaji curvou-se em aprovação e voltou a endireitar-se. Era um aleijado quando Asome a raptou e matou Kasaad, mas todos sabiam que tinha apoiado o plano.

– Chegou o momento, Damajah – disse Asukaji. – Os homens-peixe esperam diante do trono.

Inevera aprovou com um aceno da cabeça. A seguir, saiu, seguida de perto por Manvah, Jarvah e Asukaji. Juntaram-se à delegação krasiana das irmãs-esposas de Inevera, Sikvah, Sharu e Qeran enquanto Inevera subia ao Trono das Almofadas.

Diante dos krasianos, erguiam-se o duque Isan, a comandante Dehlia e os mestres da doca sobreviventes. Isan avançou para se erguer diante do trono quando Inevera se sentou, curvando-se com uma vénia superficial.

– Damajah. É um dia auspicioso para os nossos dois povos.

Não conseguia ver-lhe a aura, mas, sem dúvida, continuaria furioso, ressentindo-se da sua presença e da vénia a que fora forçado. Puxou por dois rolos de pergaminho escritos com caligrafia igualmente aprumada em krasiano e thesano.

– Os contratos estão prontos.

– Tudo o que resta, então, é o sangue. – Inevera ergueu-se e desceu os sete degraus, puxando por uma lâmina curva do seu cinto. Isan olhou-a com receio enquanto desembainhava também uma lâmina igualmente afiada. Jarvah trouxe o tinteiro, abrindo-o sobre a pequena mesa entre ambos.

– Derramámos sangue juntos na noite, Isan asu Marten asu Isadore – disse Inevera enquanto os dois líderes perfuravam os dedos, cada um apertando até caírem sete gotas sobre o líquido escuro. – Que o nosso sangue misturado traga uma nova era de paz entre os nossos povos.

Quando terminaram, Jarvah misturou o sangue com a tinta espessa e recuou. Em uníssono, Inevera e Isan ergueram penas semelhantes à que a mãe de Isan usara para cegar Jayan, mergulhando-as na tinta.

– Nomeio o teu povo Tribo do Lago, a décima quarta tribo de Krasia – disse Inevera enquanto assinava a sua cópia – e a ti, nomeio-te Damaji Isan. Terás soberania sobre estas terras e gentes, súbdito apenas do trono de Krasia. Quando a Sharak Ka terminar, se sairmos vitoriosos, regressarei com o grosso do meu povo para a Fortuna de Everam, deixando apenas os que quiserem coexistir em paz. Juro isto perante Everam, pela Sua luz e pela minha esperança de alcançar o Paraíso.

– Inevera vah Ahmann am’Jardir – o krasiano de Isan tinha sotaque cerrado, mas era compreensível –, nomeio-te Damajah, sentada sobre o Trono das Almofadas de Krasia. Juro lealdade, a ti e ao Shar’Dama Ka, que se senta no Trono dos Crânios de Krasia. Lutaremos juntos na noite. – Assinou o seu nome e Jarvah trocou com facilidade os pergaminhos para que os assinassem.

Quando terminou, Jarvah cobriu com pó a superfície para apressar a secagem, selando e guardando o tinteiro. O sangue misturado de Inevera e Isan poderia permitir uma previsão poderosa.

– E agora, Damajah – Isan apontou a grande janela –, uma oferenda da Tribo do Lago para cimentar a nossa aliança.

Uma grande galé laktoniana que Inevera nunca tinha visto entrou na baía, avançando rapidamente para o cais. Armamento cobria o convés e Inevera olhou para Isan, esperando que lhe cravasse a pena no olho.

– O que é isto?

Isan não demonstrou qualquer ameaça, recuando para a janela. Olharam em silêncio enquanto o navio se aproximava do cais e ancorava. Os marinheiros abriram o porão, descarregando centenas de guerreiros Sharum no cais. Os homens estavam imundos, mas pareciam fortes. Saudáveis. Capazes de lutar.

– Depois da queda da cidade, enviei um navio para transportar as tripulações capturadas da Ilha Prisão – disse Isan. – Os mestres da doca mostraram-se contrários a arriscar um navio por aqueles que invadiram as nossas águas, mas abandoná-los aos nuclitas era tornarmo-nos também demónios.

Chocada, Inevera demorou um momento a reagir. A seguir, curvou-se, fazendo os outros krasianos presentes apressarem-se a fazer o mesmo, de forma mais demorada.

– A tua honra é infinita, Damaji Isan. Somos todos filhos do Criador na noite.

Alagai Ka não nada.

Inevera pensou nos símbolos. Explicavam muito sobre como a frota laktoniana tinha sobrevivido depois de a sua cidade ser destruída. O Evejah’ting ensinava que a água era um mau condutor de magia. Os demónios da mente tinham enviado os seus leviatãs como aríetes para destruir a cidade, mas não tinham orientado pessoalmente a destruição.

Se houvesse um limite para o alcance do poder de um demónio da mente sobre os seus servos, as águas profundas do lago poderiam ser mais seguras do que a margem. Algures entre a baía da Doca e Lakton seria o local provável onde a influência do demónio da mente terminava ou os demónios aquáticos teriam destroçado a frota inteira.

Os leviatãs eram a maior ameaça à Doca. Mesmo com dama’ting e shar’dama adicionais com hora para alimentar feitiços, era mais fácil enfrentar os alagai do que a própria água. O Trono das Almofadas era mais poderoso naquele momento do que na Lua Nova anterior, mas não oferecia defesas contra as ondas.

– Convoca Qeran.

– Será feito, Damajah. – Jarvah não produziu qualquer som enquanto saía da sala.

– Será feito, Damajah. – Qeran encostou a testa ao chão.

– Não aprovas. – Inevera via-o na sua aura.

– Não me cabe aprovar ou não o que é inevera – disse Qeran –, mas a Damajah não precisará de se arriscar. És necessária aqui, para conduzir a batalha na cidade.

– Temos o sangue do Libertador para isso, Instrutor.

Os combates tinham sido suficientes para todos, mas, noite, após noite, onde os confrontos fossem mais ferozes ou onde houvesse indícios da presença dos generais alagai, os netos de Kajivah surgiam, ceifando glória como cereal. Sikvah, Asukaji, Sharu e Jarvah. Sangue do Libertador. Os seus nomes eram sussurrados de igual modo entre Sharum e chin.

Mesmo assim, Qeran não parecia satisfeito.

– Fala.

Qeran encostou a cara ao chão.

– A água profunda é... implacável, Damajah. Não se importa com os filhos de Everam. Se forem atirados ao chão no Labirinto, os guerreiros poderão respirar e pedir ajuda. Percebem o que está em cima e em baixo. O chão tenta matá-los. Com o lago, não é assim. Procura as nossas mortes, Damajah.

– Tal como os alagai – disse Inevera. – As tuas palavras são sensatas, Instrutor. O teu conselho fica registado. Mas as nossas novas defesas não resistirão se os demónios enviarem novamente ondas contra nós. Previ-o.

– Irei no teu lugar – disse Qeran. – Levarei a Lança Castanha, o Escudo Castanho e a Armadura Castanha, os melhores navios da frota, para caçar os leviatãs. Persegui-los-ei e enviá-los-ei para o fundo.

– Persegui-los-emos e enviá-los-emos para o fundo – corrigiu a comandante Dehlia. – Ofereço o Lamento do Sharum.

– E o Isadore – disse o Damaji Isan. Inevera olhou o homem com curiosidade.

– Nunca pedi para ser mestre de doca – disse Isan. – Ou duque ou Damaji. Sempre fui melhor comandante do que qualquer dessas coisas. Se os demónios da água são a maior ameaça ao meu povo, será meu dever enfrentá-los.

Inevera acenou afirmativamente.

– É o dever de todos nós. – Olhou Sikvah. – Tu e o Damaji Asukaji comandarão a sharak em terra, sobrinha. Umshala comandarão as dama’ting. Eu acompanharei Qeran na Lança Castanha. Qasha navegará com Dehlia no Lamento do Sharum. Lustya juntar-se-á ao Damaji Isan no Isadore.

Era uma sensação estranha caminhar no convés ondulante enquanto zarpavam em direção ao ocaso na Lua Nova. Os alagai não se atreviam ainda a aproximar-

se da superfície, mas a água parecia já agitada, com as tábuas em movimento constante por baixo dos seus pés. Era suficientemente simples manterem o equilíbrio, mas o estômago de Inevera virava-se do avesso.

Fechou os olhos, visualizando uma palmeira ondulando ao vento. O convés era uma constante. Acolheu-o com o seu centro, como se fixasse raízes, tornando-se una com as tábuas. O seu estômago acalmou e abriu os olhos, caminhando sobre o convés para inspecionar o armamento. Marinheiros Sharum, nada habituados a companhia tão nobre, largaram o que faziam para se prostrarem por onde passava.

– Diz-lhes que parem com isto. – Qeran acenou com a cabeça e virou-se para gritar aos homens enquanto Inevera olhava sobre a borda, vendo as linhas de balistas no convés inferior. Abaixo, apenas água escura.

A água profunda procura a tua morte.

Inevera sabia nadar, mas, enquanto a terra se perdia à distância atrás deles, começou a perceber a que ponto isso era insignificante. Uma queda à água revolta durante a noite seria o fim de qualquer um dos Filhos de Everam. Até mesmo dela.

Afastando os seus pensamentos da possibilidade de afogamento na escuridão, deixou os olhos vaguearem sobre as balistas maiores nos conveses, disparando grandes dardos farpados que as suas irmãs-esposas tinham guardado pessoalmente para a sua presa naquela noite. Os dardos gigantes tinham núcleos de vidro guardado com um olho no pé. Estes estavam ligados a cabos fortes, ligados por sua vez a grandes cabrestantes sobre os quais a tripulação vergava as costas. Arqueiros Mehnding mantinham-se prontos na proa e na popa. Por baixo do gurupés, o bico do navio cortava as ondas, feito de vidro guardado, afiado e duro. Inevera ocupara-se pessoalmente dessas guardas.

A Lança Castanha era flanqueada pelos seus guardiões gémeos, o Escudo Castanho e a Armadura Castanha. Eram quase idênticos em traçado e armamento, mas faltava-lhes o bico do navio de comando.

Mais adiante, a Tribo do Lago esperava, com o Damaji Isan a bordo do Isadore e Dehlia comandando o Lamento do Sharum. Patrulhavam uma linha cuidadosamente calculada, uma linha que Inevera acreditava estar além do controlo dos demónios da mente.

Viu o Sol pôr-se sobre a água, belo e aterrador. A Lua Nova chegara.

Enquanto a escuridão caía, as guardas começaram a brilhar por todo o navio: as joias em muitos dos turbantes dos Sharum, as guardas contra demónios aquáticos no casco e as guardas de visão e proteção nos elmos dos tripulantes.

Conseguiriam ver com a luz de Everam, lutando tão facilmente na escuridão como no dia claro.

Mas também a água brilhava enquanto os alagai se erguiam das profundezas. Alguns eram coisas rápidas e fugazes, parcialmente vistas. Outros...

Não precisaram de esperar muito. O inimigo ansiava por esmagar a resistência da Doca de uma vez por todas. O lago inteiro começou a brilhar com intensidade cada vez maior, até parecer que a superfície da água ardia. Ondas ergueram-se e o convés balançou, mas Qeran e os outros comandantes sabiam o que faziam e mantiveram os navios a eles apontados, acompanhando o movimento da ondulação enquanto os primeiros demónios leviatãs surgiam à superfície, erguendo-se para o céu noturno.

Era belo e terrível, algo imenso e ancestral, brilhando com magia. As suas grandes mandíbulas conseguiriam engolir metade do navio de uma só vez. A cauda conseguiria reduzir a entulho um edifício. A aresta de osso duro das farpas conseguiria rasgar o casco de um galeão sem necessidade de abrandar.

Mas não conseguia vê-los. As guardas de invisibilidade nos navios escondiam-nos do cardume de demónios que se reuniam em baixo. A tripulação susteve a respiração, esperando.

O leviatã pareceu pairar no ar por um momento. A seguir, virou-se e golpeou com a cauda enquanto descia.

– Fogo! – gritou Inevera. E os homens das balistas dos outros navios dispararam, com os dardos gigantes perfurando o monstro colossal de todos os lados. Deixaram os cabos afrouxarem quando o demónio embateu na água, criando uma onda enorme. A seguir, os marinheiros dobraram-se novamente sobre os cabrestantes, controlando o movimento dos navios sobre a onda enquanto mantinham a criatura no sítio.

A Lança Castanha foi a única a não disparar. Com as velas enfunadas, eunucos poderosos fortalecidos por magia de hora puxaram os remos, subindo pela onda. Chegaram ao topo e desceram com força terrível.

Inevera traçou guardas de corte no ar, enfraquecendo o couro grosso e ancestral do demónio enquanto atacavam o leviatã com o bico do casco. O safanão foi terrível, atirando até marinheiros experientes ao chão e vários sendo projetados borda fora. Tinham-se atado ao convés, preparando-se para um ataque, mas até o cabo de seda resistente e os ganchos de aço foram forçados. Alguns soltaram-se, enviando guerreiros gritando para o frio abraço aquático.

Sangue negro jorrou da ferida do demónio, banhando a equipa na proa, mas alimentou apenas as guardas no bico e no casco, tornando o navio mais forte

enquanto o demónio se debatia e libertava um uivo agudo que ecoou pela água.

As tripulações não se mantiveram ociosas, atingindo o demónio com flechas e dardos dos conveses ocupados pelas balistas. O próprio Qeran mirou a grande balista no convés da Lança Castanha, disparando um dardo monstruoso contra o olho negro do demónio, fazendo explodir o globo num jorro de sangue negro.

Os remadores eunucos aplicaram-se, mas o bico continuou firmemente preso no couro do demónio. Inevera golpeou o ferimento com guardas de corte projetadas da varinha, ampliando tão depressa o ferimento que nem um demónio tão antigo conseguiria curá-lo. A seguir, traçou guardas aquáticas, usando a barreira para afastar o navio.

A criatura voltou a debater-se, ameaçando puxar os outros navios para o fundo. Qeran deu o sinal e os cabos foram cortados, mas o demónio girou mais uma vez à superfície, rodando e abrindo as mandíbulas para morder o navio.

Inevera canalizou a magia que inundava o convés do navio, usando a magia do demónio para alimentar guardas térmicas e de impacto pela sua garganta abaixo. O ventre do demónio distendeu-se e estourou como uma bexiga demasiado cheia, afundando-se no mar.

As tripulações gritaram de júbilo, mas havia pouco tempo para celebrar. Ao longo da linha entre Lakton e a Doca, mais leviatãs erguiam-se para o céu noturno e voltavam a cair sobre as águas, fazendo as ondas atingirem massa crítica.

O tentáculo, grande como a rua de uma cidade, embateu contra o convés, com ventosas armadas com dentes procurando fixar-se. Guardas aquáticas iluminaram-se e resistiram, mas o navio girou como um brinquedo de criança. Inevera foi obrigada a dançar para manter o equilíbrio, mas o seu estômago cedeu e não teve escolha que não fosse aceitar essa fraqueza, segurando-se à borda e vomitando para fora, com a varinha pendurada da corrente de electrum presa ao seu pulso.

Não houve tempo para limpar a mão ou para terminar de vomitar. Mais três tentáculos enormes irromperam da água, alcançando o navio mais por tato do que por visão. Arqueiros transformaram os apêndices em almofadas de alfinetes, mas continuaram a mover-se livremente. Os homens das balistas, não querendo desperdiçar dardos em alvos demasiado rápidos, concentraram os disparos no que parecia ser a massa central do demónio na água.

Inevera cortou um tentáculo antes de embater, mas não conseguiu travar o seguinte. As guardas no mastro principal, enfraquecidas por velas rasgadas e cordame emaranhado e sucumbindo às ondas constantes e à espuma, cederam e o mastro fraturou-se, caindo.

O tentáculo foi travado pelas guardas na amurada, mas deslizou sobre a barreira, varrendo o convés. Inevera e os Sharum foram forçados a atirarem-se para as tábuas, perdendo as armas e as cordas a que se seguravam num esforço desesperado para se esquivarem às farpas do apêndice. Os mais lentos foram varridos do navio, gritando enquanto iniciavam o seu percurso do caminho solitário.

Mastros partiram-se e velas caíram sobre o convés, aumentando o caos e enfraquecendo mais ainda as guardas. A própria Inevera, rebolando para manter algum controlo sobre as tábuas em movimento desvairado, ficou coberta por uma grande vela.

Retirou a faca do cinto, cortando a lona com um movimento suave, mas, mesmo assim, sentiu-se demasiado presa para erguer a varinha a tempo enquanto via o terceiro tentáculo erguendo-se sobre eles, bloqueando as estrelas.

Everam, a tua Noiva está preparada para ir ao Teu encontro, pensou, mas era prematuro.

O Lamento do Sharum cruzou as águas entre a Lança Castanha e o demónio, cortando o tentáculo com o bico do navio. Remavam com toda a velocidade, mas, mesmo assim, evitaram à justa a queda de destroços e o colossal apêndice que caiu com estrondo sobre a água.

Inevera viu o brilho na água dissipar-se enquanto a criatura moribunda se afundava de volta às profundezas.

Houve uma acalmia súbita. As águas continuavam agitadas, mas menos. Por um momento abençoado, nenhum alagai os ameaçou.

O Escudo Castanho perdera-se, afundando-se sob as ondas como o demónio de tentáculos. A Lança Castanha e Isadore foram forçados a fugir da batalha, coxeando de volta para a Doca com demónios da água mais pequenos perseguindo-os ainda. Inevera perdeu-os de vista e não soube qual teria sido o seu fim.

Qeran aproximou-se dela.

– Damajah...

Inevera não precisou de mais do que um olhar à sua aura para lhe ler os pensamentos. Queria permissão para ordenar a retirada.

– Tenho olhos, Instrutor.

Inevera rodou um brinco, contactando Qasha no Lamento.

– Damajah – respondeu Qasha imediatamente.

– Devemos retirar – disse Inevera. – A Lança Castanha não poderá suportar mais danos e continuar à tona.

– A comandante Dehlia concorda, Damajah – respondeu Qasha após um momento. – A glória dos marinheiros chin não conhece limites esta noite, mas o Lamento não poderá continuar a combater sem munições e reparações.

Inevera acenou com a cabeça a Qeran.

– Dá a ordem.

Enquanto o comandante se afastava, mais seguro sobre a perna de metal do que os marinheiros que tinham duas, Inevera interrompeu a ligação e girou o brinco que contactaria Sikvah.

Durante longos momentos, não houve resposta. Por fim, Inevera interrompeu a ligação, contactando Asukaji.

– Damajah – respondeu imediatamente o seu sobrinho.

– Não consigo contactar Sikvah – disse Inevera.

– Vem depressa, se puderes – disse Asukaji. – Sikvah caiu.

Inevera gritou aos remadores eunucos que se esforçassem mais, usando hora para saltar até ao cais antes que o navio atracasse. Reinava o caos nas ruas enquanto corria para a Câmara das Sombras, onde Asukaji esperava.

– Está viva?

O seu sobrinho curvou-se, mas havia raiva na sua aura.

– Não respirava quando a trouxemos às dama’ting, mas continuam a usar os seus feitiços nela. O seu destino é... inevera.

Inevera preparou-se, seguindo em frente. Dama’ting e acólitos em simultâneo ergueram o olhar quando entrou na câmara, mas ninguém se atreveu a falar.

Inevera viu porquê, olhando a aura da mulher na mesa de operações. O espírito da abençoada Sikvah, Sharum’ting Ka de Krasia partira para o caminho solitário, mas Umshala usara magia para manter o seu corpo vivo pela outra vida que continha.

Vergar-me-ei, sussurrou Inevera, olhando as suas irmãs-esposas. As dama’ting e as nie’dama’ting esforçavam-se para sarar os feridos. *Sou a Damajah. Devo ser o solo por baixo dos seus pés.*

Mas até a palmeira mais flexível poderia partir com vento forte e que sacrifício seria mais digno das lágrimas da Damajah?

– Frasco.

Uma rapariga ainda de bido surgiu com um frasco de lágrimas. O seu lábio tremia e tinha também lágrimas nos olhos, mas manteve as mãos estáveis enquanto recolhia as lágrimas da face de Inevera.

Inevera segurou o queixo da rapariga quando terminou.

– Como te chamas?

– Minnah vah Shasell, Damajah – disse a rapariga.

– Todos deveremos seguir o exemplo de Minnah – afirmou Inevera em voz alta. – Os sacrifícios são inúmeros na Sharak Ka. Derramamos lágrimas por todos eles, mas as nossas mãos deverão permanecer sempre firmes.

As mulheres curvaram-se em uníssono e Inevera saiu da câmara para o local onde Asukaji esperava. Segurava a lança de Sikvah, manchada com sangue de demónio e brilhando com magia. Olhava a lâmina como se pudesse revelar segredos.

– Informa – disse Inevera.

– Jurim ainda vive, mas restam poucos dos seus Lobos – disse Asukaji. – As grandes guardas das tendas foram invadidas depois da queda de Sikvah. Comandei a evacuação e travei os alagai na muralha até a sua ofensiva cessar. Sharu comanda agora, mas não acredito que os demónios voltem a atacar com o amanhecer tão próximo.

Inevera acenou com a cabeça.

– Saíste-te bem, Damaji. Até nova ordem, as nossas forças responderão ao teu comando. Regressa à muralha e defende-a até ao amanhecer. Depois disso, volta a informar-me.

Inevera começou a virar-se quando lhe captou a discórdia na aura. Parou, movendo ligeiramente os pés para lhe permitir vê-la apenas de perfil, movendo casualmente a mão para a aproximar mais da sua varinha de hora.

– Mais alguma coisa, sobrinho?

– Sabias? – perguntou Asukaji em voz baixa.

– Sabia o quê? – perguntou Inevera.

– O Libertador ordenou que te obedecesse, tia. E assim farei. – Asukaji aproximou-se. – Mas desonras-nos aos dois se fingires ignorar o que digo. Sabias que a minha prima estava grávida quando lhe deste a ordem?

Inevera ergueu o queixo.

– Sabia.

– Todas estas semanas. – Asukaji falava como se não conseguisse acreditar. – Batalha após batalha, no Labirinto, na muralha, além das guardas. Uma e outra

vez, colocaste-a no limiar do abismo com um inocente no ventre, tal como fizeste à minha irmã e a Kaji.

– Discutiremos a seguir, Asukaji, qual de nós mais magoou Ashia?

Asukaji mostrou os dentes.

– Sei o que fiz, tia. Tentei matar a minha prima por ciúmes e Everam puniu-me pelo crime. Mas o Libertador sarou-me. Perdoou-me. Mesmo assim, pretendes punir-me.

– Punir-te? – Inevera ficou incrédula.

– Não me deixaste ajudar a minha irmã e sobrinho. Colocaste Sikvah e o seu filho por nascer na linha da frente em vez de me deixares comandar a Sharak.

– Tens uma noção exagerada do teu valor, sobrinho – disse Inevera. – Foste criado no Sharik Hora. Que sabes de comandar tropas no Labirinto? Da sharak? Algumas semanas a lutar na noite e consideras-te equivalente à tua irmã e prima, que passaram anos treinando como Sharum com o Instrutor Enkido. O teu pai foi um grande homem e presumes ser seu igual, mesmo que tenhas ajudado o teu amante a assassiná-lo Sikvah era mais capaz que tu. Foi por isso que recebeu o comando.

Foi a vez de Inevera de se aproximar, avançando enquanto Asukaji se encolhia.

– A Sharak Ka não gira em torno do teu orgulho, rapaz. A tua prima, a tua irmã compreendem isso, mas parece-me que tu não. Os alagai não vêm apenas para matar guerreiros. Vêm matar os corruptos e os inocentes. A Primeira Guerra pede-nos sacrifícios a todos.

– Mesmo assim, a responsabilidade será minha – disse Asukaji. – Enquanto Sikvah permanecer condenada a uma meia vida, na vã esperança de conseguirmos salvar a criança.

– Inevera – disse a Damajah. – Erguer-te-ás aqui a lamentar também esse destino ou irás defender a muralha?

– Se os alagai atacarem em força, haverá brechas múltiplas – disse Asukaji. – Não conseguiremos resistir mais uma noite sem reparações e reforços significativos.

– Reparem o que conseguirem – disse Inevera. – Mas não haverá quaisquer reforços. Não podemos arriscar tirar mais guerreiros da Fortuna de Everam e a Tribo do Outeiro foca as suas atenções no Norte. Devemos confiar em nós mesmos, em Everam e no Shar’Dama Ka para nos salvar com um milagre.



TRINTA E NOVE

A MENTE DO ASSOBIADOR

334 DR

O som do grito de Dawn acordou Abban sobre as tábuas duras da sua cela.

Passara a ser assim todas as manhãs. Hasik percebera a utilidade de manter Abban de boa saúde. Precisava do khaffit para as suas contas, mas nunca o deixava esquecer a dívida de sangue impossível de pagar que os unia. Abban não escapou ao seu castigo. Como tinham acordado, transferia-o para outro alvo, um dia de cada vez.

Pouco depois, Dawn entrava na sua cela, trazendo o tabuleiro do pequeno-almoço. A sua face era uma ruína, com um buraco medonho a que faltava o nariz e o maxilar inchado do dente que Hasik arrancara. Um trapo cobria o olho em falta. Os dedos mínimos de cada mão tinham sido cortados e coxeava, dando preferência a um pé.

A mulher manteve o olhar baixo e Abban sentiu-se grato por isso. Fora sempre amável com ele e pagou-lhe com traição. Hasik sabia como isso o feria e era esse o motivo para ser ela a levar-lhe o pequeno-almoço todas as manhãs. Para que Abban pudesse olhá-la e ser forçado a aceitar que preferia que fosse ela a sofrer no seu lugar.

– Tens fome, khaffit? – perguntou Hasik, surgindo à porta do pequeno gabinete que funcionava como um misto de local de trabalho de Abban e cela. Havia uma

escrivaninha, uma enxerga e uma pequena latrina, pouco mais do que um nicho tapado com cortina contendo uma tábua com um buraco sobre uma fossa que descia para um local que só Everam conheceria.

Abban só podia sair acompanhado por Hasik e os guardas do outro lado da porta revelaram-se impossíveis de influenciar depois de Hasik ter cortado a orelha ao Sharum que ousara curvar-se para ouvir uma palavra sussurrada pelo khaffit.

Hasik comia com ele, assegurando que era a única interação pessoal permitida a Abban.

O que, claro, era a maior tortura de todas.

Dawn pousou os tabuleiros e apressou-se a sair.

– Se cortas muito mais àquela, deixará de ter uso como criada – disse Hasik.

– És o senhor aqui – disse Abban. – Poderás demonstrar misericórdia.

– *Bah!* – exclamou Hasik. – Será mais fácil matá-la e começar de novo com uma das suas filhas.

Abban estremeceu e Hasik riu-se, empurrando o tabuleiro para ele.

– Come, khaffit! Já quase não posso chamar-te gordo!

A comida não tinha grande aspeto. Uma taça de vinho azedo e aguado, uma côdea de pão duro. Um naco de carne deixado demasiado tempo no frio, uma maçã verde apanhada demasiado cedo da árvore. E, apesar disso, Abban comia melhor do que muitos no mosteiro, se os registos dissessem a verdade.

Hasik comia como um príncipe hortelão. O seu prato estava coberto com uma pilha de marisco cozido sobre manteiga derretida. O cheiro era enlouquecedor enquando o guerreiro brutal ia enchendo a boca.

– Tetas de Nie. Nunca deixará de me espantar ver quão bem comem os khaffit – disse Hasik. – Os dama disseram-nos que eram um povo amaldiçoado, mas, durante séculos, banquetearam-se com porco, criaturas do fundo, bebendo couzi e rindo-se dos vossos superiores.

– Os dama desejam controlo – disse Abban. – Que melhor forma haverá de o obter do que negando prazer aos seus seguidores além do que afirmam ser permitido por Everam?

Hasik arrotou, atirando outra casca vazia à pilha. Restava-lhes um único navio. Os restantes tinham sido destruídos pelos laktonianos e pelos demónios, mas, em vez de o usar para estudar o campo de batalha ou para expandir o seu poder, Hasik ordenara à tripulação que lançasse redes e preparasse armadilhas para criaturas do fundo.

– Os teus batedores tiveram algum sucesso na localização do túnel para a alcova secreta dos chin? – perguntou Abban. Os guerreiros de Hasik tinham matado os chin que atacavam a cave, mas nunca encontraram o seu ponto de entrada, afirmando existir um labirinto de cavernas por baixo do mosteiro.

– Não lhes confio essa missão – disse Hasik. – Quem controlar os túneis, controlará a minha fortaleza. Eu próprio o encontrarei.

Abban olhou para cima, esquecendo a comida.

– Procurarás sozinho nos túneis por baixo da torre de menagem?

– Encontro... paz na solidão – disse Hasik.

Abban pestanejou.

– A paz é boa, quando podemos encontrá-la, mas os túneis poderão estar cheios de alagai.

– Se assim for, não foram tolos ao ponto de me desafiarem – disse Hasik.

– Os alagai não são famosos pela sua sabedoria – respondeu Abban.

– Que te importa, khaffit? – perguntou Hasik. – Se os demónios me levarem, ficarás finalmente livre.

Abban fungou.

– Perdoar-me-ás se não confiar na misericórdia dos teus kai.

Hasik riu-se.

– E não deves confiar! Na melhor das hipóteses, manter-te-ão aqui, acorrentado aos livros de registo. Mas alguns homens têm novos apetites que compensam a perda da sua virilidade. Ouvi-os especular acerca do sabor de um homem que engordou com rica comida de khaffit.

Abban tentou suprimir o estremeção, mas Hasik percebeu-o, deleitando-se com a comida que atirava ao chão apenas para atormentar o khaffit aleijado. Quando a refeição terminou, Hasik tocou a campainha e Dawn coxeou para levar os tabuleiros. Um guarda surgiu à porta com a cadeira de rodas de Abban.

Hasik empurrou a cadeira até Abban.

– Vamos, khaffit, traz os livros. Temos uma reunião.

Abban sabia que não devia questionar, grato pela breve saída da cela. Pendurou do ombro um pequeno saco com o seu estojo de escrita, pegou nas muletas e ergueu-se, coxeando até à cadeira que Hasik mantinha deliberadamente longe.

O guerreiro cruel costumava puxar a cadeira de repente enquanto Abban tentava sentar-se, mas não tinha paciência para o jogo naquele dia. Abban sentou-se e, antes de conseguir ajeitar-se, Hasik já o empurrava rapidamente para a saída.

Era um dia quente de verão, quase agradável, não fosse o fedor sempre presente dos habitantes sujos da fortaleza. O mais intenso era o cheiro a mijo. Mil e quinhentos homens mijando-se continuamente dentro das muralhas causava um fedor nauseabundo. Hasik prometeu que Abban se habituaria ao cheiro, mas nunca deixava de o notar quando lhe permitiam sair brevemente da sua cela.

Mas o fedor do Mosteiro dos Eunucos não era só o cheiro a urina. Os guerreiros treinavam intensamente, mantendo as armas afiadas, mas os homens de Hasik não eram conhecidos pela disciplina. Libertados como tinham sido da necessidade de satisfazer prazeres da carne, poucos homens se davam ao trabalho de tomar banho, de cortar cabelo e unhas ou de lavar as roupas. Sharum e escravos eram uniformemente imundos, com olhos encovando-se enquanto os mantimentos se iam esgotando.

Hasik tinha ocupado os aposentos do Pastor antes ocupados pelo dama Khevat quando conquistaram o mosteiro, trancando Abban num dos gabinetes menores. Khevat fora relegado para a divisão atrás da pequena capela no extremo oposto do complexo.

Enquanto se aproximavam da esfera de poder de Khevat, Abban viu algo mais semelhante a disciplina. Homens castrados continuavam a olhar fixamente o vazio quando não lhes era atribuída uma tarefa, mas Khevat forçava os guerreiros a manterem as fardas com algo que se assemelhasse a aprumo, por mais sujos que continuassem.

Os guardas apressaram-se a abrir as portas, curvando-se perante Hasik enquanto empurrava a cadeira de Hasik para o gabinete de Khevat, onde o dama esperava com Icha, o filho do Libertador.

Com cuidado para Hasik não ver, Abban tocou um bolso escondido nas calças largas, onde se escondia um papel minúsculo. Teria de ser rápido, se tivesse a coragem de o entregar. Tinha tentado encontrar a coragem muitas vezes nos meses anteriores. Até ali, não conseguira.

Ultimamente, Hasik tinha reduzido os seus tormentos e indignidades a coisas pequenas, guardando o pior para Dawn. Abban tinha os seus usos, especialmente para um líder incapaz de ler, escrever ou contar sem usar os dedos das mãos e dos pés. Mas, se Khevat o traísse...

Abban começou a transpirar, pensando no que o guerreiro brutal cortaria a seguir.

Khevat olhou Abban. O dama sempre o tinha assustado, olhando Abban com o nariz erguido como se visse um escaravelho rastejando na merda. Um inseto que

poderia esmagar quando desejasse, por capricho.

Mas o desdém orgulhoso tinha abandonado o olhar de Khevat desde que Hasik lhe cortara o membro.

Era o que os tornava todos iguais, o facto de cada homem no mosteiro, dos dama aos escravos, dos velhos aos rapazes, terem sofrido essa indignidade derradeira, uma recordação permanente do poder de Hasik. O orgulho era uma recordação distante para a maioria deles. Só os Sharum mais selvagens conseguiam adaptar-se. Precisamente o tipo de animais que Hasik queria no seu bando.

– Obrigado por te encontrares comigo, Eunuco Ka. – Khevat baixou a cabeça numa vénia respeitosa.

Hasik grunhiu, divertido. Khevat tinha-o oprimido também a ele na infância e nunca se cansava da submissão do homem.

– Claro, dama. Como posso ajudar-te?

– Ouviste os batedores enviados à Doca – disse Khevat. – Os alagai atacam com intensidade.

– E então? – troçou Hasik. – Ficam a dias de viagem para sul. Estamos seguros aqui.

– Não teria tanta certeza disso – disse Khevat. – Mas, seja como for, precisam de auxílio.

– Têm-no – disse Hasik. – A Damajah em pessoa veio à Cisterna de Everam e, depois da partida de Ahmann, convidou os homens-peixe para a sua câmara de almofadas.

Khevat firmou o maxilar, com uma veia palpitando no pescoço. As palavras eram blasfémia, mas Hasik provocava-o propositadamente e o velho dama sabia que não devia morder o anzol.

– Onde estava a Doca quando estas muralhas foram atacadas pelos chin? – perguntou Hasik. – Onde estava a infinita misericórdia da Damajah quando o khaffit me envergonhou diante da corte do Libertador? Não lhes devemos nada.

– Sem a lealdade ao trono, talvez pudéssemos considerar uma abordagem mais... mercenária. – A voz de Khevat era tensa. – Estão bem abastecidos, Eunuco Ka, e as suas provisões ser-nos-ão úteis quando o frio vier.

Pouco tempo antes, o dama teria gritado as palavras, chamando tolo a Hasik e acrescentando um toque de ameaça.

Depois da mutilação, ninguém era estúpido a ponto de lhe gritar.

– *Bah!* – Hasik cuspiu no chão. – O frio está a meses de distância! Não pode ser tão mau. Diz-lhes, khaffit.

Os nós dos dedos de Khevat ficaram pálidos por ouvir o seu conselho tão sumariamente ignorado por opinião de um khaffit. Abban sabia que devia avançar com cuidado. Demorou-se a abrir o seu estojo de escrita sobre a escrivaninha de Khevat, dando tempo à tensão para se dissipar. Pousou o tinteiro e lambeu a ponta da caneta antes de a mergulhar e abrir o livro.

Mesmo assim, demorou-se a ler os registos, mesmo sabendo-os já de cor. Lentamente, os temperamentos presentes começaram a arrefecer.

– O honrado dama tem alguma razão, Hasik. Os teus homens foram demasiado hábeis no saque destas terras. Os poucos povoados chin que restam mal conseguem produzir o suficiente para encher as suas barrigas e muito menos as nossas.

– Falarei com os homens – rosnou Hasik. – Os chin não comerão antes de nós.

A irritação surgiu nos olhos de Khevat, mas manteve a voz calma.

– Se os escravos morrerem de fome, não restará nada para comermos, Hasik.

Hasik semicerrou os olhos, talvez pensando se deveria ofender-se com a utilização do seu nome.

– Não desperdiçarei vidas de Eunucos pela Damajah nem rastejarei perante o seu Trono de Almofadas, suplicando sobras da sua mesa.

Abban pigarreou.

– Talvez haja respostas mais próximas.

Hasik encostou as costas da mão à testa.

– Caí tão fundo que a única voz do meu lado é a de um khaffit? Vamos, Abban. Conta-nos o teu plano brilhante. Talvez aches que deveremos saquear Angiers novamente?

Abban inspirou fundo. Um dos muitos fracassos da sua vida, o ataque a Angiers tinha sido, de longe, o que tivera maiores custos para si e para o império krasiano.

– Nada tão arrojado, Eunuco Ka. Parece-me apenas que escravos saudáveis que possam trabalhar em segurança produzirão tributos maiores do que os que receberem papa de aveia e chicotadas.

– Não existe segurança neste mundo, khaffit – disse Hasik. – Não para homens e, certamente, não para escravos.

– Creio que Abban se refere aos alagai. – Era estranho ouvir Khevat usar o seu nome em vez do nome da sua casta.

– Hã? – questionou Hasik.

– É verão – disse Abban. – Os chin deveriam ter colheitas amadurecendo nos seus campos, mas os teus Eunucos levaram tudo e queimaram as quintas.

– Poderão voltar a semear – disse Hasik.

– Deveras – concordou Abban. – Mas, sem abrigo adequado, os chin estão demasiado preocupados com a sua sobrevivência na noite para se concentrarem nos campos.

– De que forma isso será preocupação minha? – perguntou Hasik.

– São teus servos – disse Khevat. – Está escrito no Evejah que deveremos defender os nossos servos dos alagai como nos defendemos a nós mesmos.

– No Evejah? – Hasik riu-se. – Onde nos levou o Evejah? Ahmann brandia o Evejah enquanto nos conduzia na sua aventura de matança de demónios. Agora, atiraram-no de um penhasco, o seu filho morreu na terra dos chin e o resto de nós, sem piça e imundos, suportámos meses frios que nos teriam gelado os tomates, se os tivéssemos. A alagai'sharak acabou para mim.

– Estás certo, claro – disse Abban. – Não haverá lucro em seguir o texto sagrado apenas para honrar Everam. Mas haverá sabedoria nos provérbios. Não seria difícil enviar bandos de Eunucos para limparem os campos chin de alagai. Seremos recompensados com barrigas cheias.

– Mas a tua barriga continua cheia – rosnou Hasik.

Abban baixou a cabeça em submissão.

– Uma mera sugestão.

– Recusada – negou Hasik. – Os alagai não nos atacam desde que parámos de os atacar.

– Mas tornaram-se numerosos nestas terras – insistiu Khevat. – Atacam os povoados e a Doca, mas, quem poderá prever o que acontecerá se o seu número continua a aumentar? Viste o que fizeram aos homens-peixe.

– E então? – Hasik riu-se. – Devo lamentar a destruição dos meus inimigos?

– Sim – disse Khevat. – Se daí resultar uma vitória de Nie.

– Nie! – bradou Hasik. – Everam! Os clérigos conhecem duas palavras e enfiam-nas em tudo o que dizem! Não existe Nie! Não existe Everam! A luz e o vazio não travam um combate eterno. Os alagai são animais. Quanto muito, merecerão que lhes cocemos as cabeças por terem incendiado os homens-peixe e os seus navios.

As palavras pareciam loucura. Abban não compreendia como Hasik podia ter visto a forma fria e eficiente como os demónios eliminaram os laktonianos sem os temer.

Também Khevat parecia chocado. Ergueu as mãos.

– Muito bem, Eunuco Ka. Como lidaremos com a falta de mantimentos?

– Ordenarei mais saques – declarou Hasik. – E direi a Jesan, Orman e aos outros kai que o que tiver o saque mais pequeno perderá a mão esquerda.

– Brilhante. – Abban sentiu náuseas.

– Sábio. – Khevat cerrou os dentes.

Hasik sorriu.

– E enviaremos novos batedores para o Sul. Se o poder da Damajah sobre a Doca enfraquecer o suficiente, talvez possamos capturar-lha.

– Barba de Everam – sussurrou Isha.

– Não fiques chocado, rapaz – disse Hasik. – O teu irmão não tentou o mesmo quando enviou Melan e Asavi para matar aquela heasah desavergonhada? Penso que chegou o momento de a Damajah aprender humildade. Talvez possa coser-lhe a cona e fazer dela escrava.

As palavras empalideceram Khevat e Icha e Hasik ergueu-se, esgotada a sua paciência.

Abban estendeu a mão para recolher o estojo de escrita e fingiu tropeçar, entornando o tinteiro. O líquido negro cobriu a mesa, manchando a manga branca-amarelada do dama.

– Cuidado, tolo! – rosnou Khevat, afastando o braço.

– Perdões, dama. – Abban estendeu um lenço aceitavelmente limpo, limpando a manga de Khevat. Enquanto o fazia, enfiou o papel minúsculo na mão do velho clérigo.

Khevat ficou ligeiramente hirto, mas não traiu a confiança que nele depositou. Apertou o papel e fez a mão desaparecer dentro da túnica enquanto fingia examinar o punho manchado.

– Vai-te, khaffit. Não preciso da tua ajuda.

Hasik fungou, afastando a cadeira de Abban da escrivaninha.

– Um prazer como sempre, dama.

Abban olhou o dama enquanto a cadeira era empurrada e partilharam uma expressão cúmplice.

– Surpreende-me – arriscou Abban enquanto voltavam a atravessar o complexo.

– O quê, khaffit? – perguntou Hasik.

– Que confies nos teus homens para comandar os saques em vez de o fazeres pessoalmente? – comentou Abban.

Hasik riu-se.

– Ansioso por te livrares de mim, Abban? Não penses que te deixaria aqui para conspirares. Virias comigo, deitado sobre a garupa do meu cavalo, tal como no

início.

– Sinto saudades desses tempos – mentiu Abban, fazendo Hasik rir-se. – Agrada-me ter um telhado sobre a cabeça. Mas sempre me pareceu que sentias tamanha... satisfação com a conquista.

– Agora, é o porco que me satisfaz – referiu Hasik. – As criaturas do fundo e a dor daqueles que me desagradam. Lembra-te disso, khaffit.

Abban acenou com a cabeça.

– Sempre, Eunuco Ka.

* * *

Um Kaji bem nutrido dormia às costas de Ashia enquanto esta observava com Briar a saída dos guerreiros do mosteiro.

– Enviam bandos de saqueadores – referiu Ashia. – As suas provisões estão baixas.

– Voltarão de mãos vazias – disse Briar. – Não resta nada para saquear.

Ashia começou a desenrolar as sedas que prendiam a ela o saco de Kaji. Briar pareceu confuso quando lho colocou nos braços.

– Kaji dormirá horas. Leva-o de volta para o espinheiro.

– Para onde vais? – perguntou Briar.

– O mosteiro nunca esteve tão vazio – disse Ashia. – Não haverá melhor momento para uma missão de reconhecimento no interior.

Briar não colocou o saco às costas.

– Posso fazê-lo.

– A tua honra é infinita, Briar asu Relan – disse Ashia. – Mas tenho contactos entre o meu povo que tu não tens. Terei de ser eu.

Briar hesitou e Ashia avançou para o ajudar a colocar o saco antes de poder argumentar.

– Se te apanharem...

– Não apanharão – garantiu Ashia. – Posso trepar a muralha agora, durante o alvoroço, e regressarei antes do anoitecer.

– Tem cuidado – disse Briar.

Ashia beijou-o na face.

– Dou-te a minha palavra, primo. – Aplicou-lhe uma palmada terna no traseiro e o rapaz correu para a segurança da sua gruta escondida no penhasco. Tinham implementado melhorias, ao ponto de começarem os três a ver aquilo como um lar, ansiando pouco pela sua missão.

Mas a Damajah contava com ela e a Sharak Ka dependia das suas ações.

Ashia retirou um lenço negro do interior da túnica, cobrindo com ele o toucado branco e transformando-o num turbante de homem, com o véu negro solto sobre o pescoço.

Procura o khaffit através do pai do teu pai.

Podia significar apenas uma coisa. O dama Khevat, que tinha governado aquele sítio antes da vinda de Hasik, continuaria vivo no interior.

Seria uma simples questão de contornar o mosteiro e escalar a muralha do lado ocidental, com as costas para o lago. O sol da manhã cobria-a com sombras e todos os olhos se fixariam nos guerreiros que saíam pelo portão. Hora nas suas botas e luvas sem dedos permitiam-lhe trepar a pedra lisa da muralha exterior como se fosse uma aranha.

Manteve-se nas sombras enquanto passava a muralha, ativando as pedras hora do seu colar para se cobrir com uma bolha de silêncio, camuflando-a contra a envolvência e parecendo pouco mais do que um borrão difuso.

A precaução era inútil. Os guardas de serviço eram desleixados, demasiado confiantes na grandeza das muralhas. Passou por eles e desceu para o pátio com facilidade.

O local estava imundo, coberto com lixo e tresandando a urina e a corpos por lavar, mas o caos dava-lhe muitos sítios onde se esconder enquanto estudava a fortaleza. Nas poucas ocasiões em que precisou de atravessar uma rua exposta ao sol, parecia apenas outro dal'Sharum subnutrido, com as suas roupas manchadas com alagai'viran tão imundas como as de qualquer outro.

Não demorou muito a encontrar a capela do seu avô, passando pelos guardas, mas não estava sozinho quando o encontrou. O seu primo Icha estava com ele. Instalou-se para ouvir e esperar que o seu primo partisse antes de estabelecer contacto.

– É um khaffit – dizia Icha. – Confias nele?

– Claro que não – disse Khevat. – Abban não hesitaria em mentir para servir os seus propósitos.

– Então não tens forma de saber que é verdade – disse Icha.

– Mas acredito que é – disse Khevat. – O teu irmão, o primogénito do Libertador, não foi abatido na Batalha de Angiers. Foi assassinado por aquele... aquele...

– E se tiver sido? Seria finalmente um crime suficientemente grave para resistirmos? – Icha riu-se por um momento. – Hasik estava certo numa coisa. Há muito que nos afastámos do olhar de Everam. Que importa quem matou quem?

– Deveras. – Khevat suspirou.

Era doloroso ouvir a derrota nas suas vozes. O seu avô sempre fora uma figura enorme e aterradora na sua vida. O patriarca, o juiz derradeiro na sua família. As suas palavras eram sagradas.

Naquele momento, era apenas um homem, com a frente da túnica branca manchada de amarelo e cheirando a urina. Os rumores pareciam ser verdadeiros. Hasik cortara o membro a cada homem naquela fortaleza.

A vergonha para a sua família era suficiente para a fazer chorar, mas não haveria honra em encher frascos de lágrimas pelos vivos. Antes do fim daquilo, encontraria Hasik e cobraria a dívida em sangue.

Icha partiu pouco depois e Ashia seguiu o avô para os seus aposentos. Estava prestes a estabelecer contacto quando o ouviu suspirar.

– Se pretendes matar-me, Sharum, descobrirás que será mais difícil do que esperas.

Ashia pestanejou. Tinha sentido a sua presença? Impossível.

– Avô. – Retirou o pano negro, expondo o seu toucado e véu brancos.

– Ashia?! – Khevat virou-se, fitando-a boquiaberto. – Barba de Everam, rapariga. Que fazes aqui?

– Fui enviada pela Damajah – disse Ashia. – *Procura o khaffit através do pai do teu pai*, disseram os dados.

A pouca vida que regressara a Khevat pareceu abandoná-lo nesse momento, com a sua aura tornando-se difusa enquanto os ombros caíam.

– Não sei que propósito poderá ter Everam para te enviar para este sítio maldito.

– Dizem que o mosteiro caiu para Nie – explicou Ashia. – É motivo suficiente.

– Não o nego – disse Khevat. – Hasik desistiu da alagai’sharak. Não combate por Nie, talvez, mas também não lhe resiste. Deixa as suas crias livres como um cobarde hortelão.

– E o khaffit? – perguntou Ashia. – Os dados preveem que ainda terá um papel a desempenhar.

– Vivo – disse Khevat. – Mas não chegarás a ele facilmente. Hasik mantém-no próximo, vigiando-o pessoalmente. O khaffit é-lhe preciso. É visto com Hasik ou não é visto.

– Vim resgatá-lo, se puder – disse Ashia. – Ajudas-me?

– Os dados enviaram-te aqui para pedires a minha ajuda no resgate do khaffit? – A aura de Khevat voltou a inflamar-se. – Servi Everam a vida inteira, mas o miserável Abban vale mais para a Damajah que eu?

– Abban é um khaffit – disse Ashia. – O Hannu Pash marcou-o como cobarde e é-o realmente. Diz-me, avô, qual é a tua desculpa?

Khevat arregalou os olhos.

– Como te atreves, rapariga...?!

– Como me atrevo a quê? – perguntou Ashia. – Hasik assassinou o meu primo. Cortou-te a virilidade e violou o pacto com Everam, abandonando a alagai'sharak quando a Sharak Ka mal começou. Apesar de tudo isso, limitas-te a baixar a cabeça e servi-lo.

– Quem se ergue contra Hasik, morre – afirmou Khevat.

– Não foste tu quem me ensinou que não existe caminho para o Paraíso que não seja morrer em nome de Everam? – perguntou Ashia.

Khevat expirou.

– Mesmo que desejasse ajudar-te, salvar Abban seria quase impossível. O khaffit continua gordo, com uma perna estropiada e o outro pé aleijado. Mesmo que pudesses usar hora para suportar o peso, descobririas que o homem é... difícil de carregar. E Hasik seguir-te-ia de perto.

– Então talvez tenha chegado o momento de acabar com Hasik – concluiu Ashia.

– Hasik é poderoso, filha. – Khevat ergueu as mãos, tristemente. – E eu... não sou o que fui outrora.

– O que foste foi a voz da razão na nossa casa – disse Ashia. – Da nossa tribo. Deixarás agora que o homem que assassinou o filho do Libertador caminhe livre porque temes a morte?

– Espero que nunca aprendas que existem fins piores que a morte, neta.

Ashia cuspiu no chão.

– Fui treinada por Enkido. O espírito do meu mestre não era diminuído pela perda da piça, nem o seu sharusahk ficava mais lento. Se não tens coragem para matar este cão raivoso, eu fá-lo-ei.

A aura de Khevat voltou novamente à vida.

– Não me fales de Enkido com essa altivez, rapariga. Conheci o teu mestre muito antes de nasceres. Conheci-o. Quando era um rapaz magro com bido castanho. Escolhi os instrutores que o treinaram no Hannu Pash e, quando perdeu o bido, acolhi-o no Sharik Hora e treinei-o pessoalmente. Conheci-o quando corria pelo Labirinto com os seus irmãos de lança, uivando à lua e dando glórias a cada matança. Aconselhei-o quando essa glória esmoreceu, fazendo-o sentir-se vazio.

Moveu o braço com rapidez repentina, segurando o braço de Ashia. Tentou bloquear, mas o seu avô era mais talentoso do que esperou e torceu-a, imobilizando-a numa chave de braços, batendo-lhe com a cara na parede de pedra da capela.

– Confia em mim quando te digo que tenhas cuidado com o Eunuco Ka. Se o subestimares, mesmo por um instante, morrerás.

Ashia apoiou um pé na parede e pontapeou um ponto de convergência no braço do seu avô que enfraqueceu a chave tempo suficiente para se libertar.

– Então ajuda-me – disse-lhe.

Algo do homem que conhecia regressou aos olhos do seu avô.

– Os chin tinham um caminho secreto subterrâneo para a torre de menagem. Hasik tem-no procurado no labirinto de túneis. Se os dados da Damajah conseguirem adivinhar a sua localização...

Ashia abanou a cabeça.

– Os dados não podem ajudar aqui, mas conheço alguém que poderá.

Por um breve momento, o espinheiro foi um local cheio de riso. Briar e Kaji podiam ser apenas primos distantes, mas tinham-se já afeiçoado um ao outro como irmãos. Briar derretia-se com o rapaz, correndo atrás dele pela gruta, ensinando-lhe palavras novas e deleitando-se com a sua inocência.

Mas sabia que Ashia corria perigo terrível enquanto continuasse no mosteiro. Quando Kaji adormeceu finalmente, dormindo a sua segunda sesta, Briar caminhou para trás e para diante na gruta como um lobo enjaulado, abrindo e fechando os punhos.

Seria aquilo o que Dehlia sentira sempre que partia numa das suas missões de reconhecimento? Seria aquela a preocupação de que Ragen e Elissa tinham falado? Era doloroso. Intolerável. Não compreendia como tinham aguentado. Olhou Kaji adormecido. Poderia deixar o rapaz? Apenas por um breve momento enquanto se certificava...

– Enquanto me certifico de quê? – rosnou para si mesmo. Ashia era como ele. Era rápida e silenciosa e sabia como passar despercebida. Era tão forte como ele e uma melhor combatente. Ou estava a salvo ou estava em apuros suficientes para que também Briar acabasse provavelmente capturado, deixando Kaji sozinho e indefeso. Essas duas possibilidades eram mais prováveis do que um salvamento eficaz.

Por isso, continuou a caminhar para trás e para diante.

Anoitecia quando um ruído nas trepadeiras de raiz-porqueira o alertaram. Aproximou-se imediatamente da entrada da gruta, vendo Ashia descer.

– Briar. Está tudo bem?

Briar acenou com a cabeça.

– Que encontraste?

– O meu avô vive – referiu Ashia. – E o meu primo Icha. Ajudar-nos-ão, mas deveremos agir em breve, pois a Lua Nova chegou. O khaffit está preso a uma cadeira de rodas, numa das celas de acólito do Pastor. Conhece-las?

Briar acenou com a cabeça.

– É preciso atravessar o pátio para chegar à muralha. Não será fácil com uma cadeira de rodas. O teu avô pode abrir o portão pequeno?

– Não sem atrair atenções que será melhor evitarmos – disse Ashia. – Falou de um túnel escondido até à torre de menagem.

– Sim – disse Briar. – Conheço-o. Alguns trechos não serão fáceis para uma cadeira de rodas. Poderá ser possível, mas não se tivermos lanças atrás de nós.

– O meu avô diz que ainda não conseguiram encontrar o caminho – mencionou Ashia. – Se conseguirmos chegar aos túneis sem sermos vistos e cobrirmos o nosso rasto, nunca nos apanharão.

Briar franziu a testa.

– Não faz sentido. Os túneis são um pouco confusos, mas, se os Sharum sabem que lá estão, deveriam tê-los encontrado. A única coisa que nos protegeria realmente seria o facto de ninguém saber da sua existência.

– Parece que Hasik quer que esse conhecimento volte a perder-se – disse Ashia. – Não deixa que os guerreiros explorem os túneis.

– Ou encontrou-o e o teu avô conduz-nos para uma armadilha.

Ashia abriu a boca como se pretendesse defender a honra da sua família, mas voltou a fechá-la. Cruzou os braços.

– A Lua Nova chegará amanhã à noite, Briar. Se não resgatarmos o khaffit amanhã, enquanto o sol brilha, poderemos não ter outra oportunidade.

Briar encolheu os ombros.

– E então? Não estaríamos neste sarilho sem ele. Porque vale a sua vida arriscar as nossas três vidas?

– A minha missão... – começou Ashia.

– Nucleada seja a tua missão! – bradou Briar. – Podemos...

– Podemos o quê?! – interrompeu Ashia. – Fugir para o Outeiro? Para Miln, nas montanhas, onde fazem armas de chama para chacinar o nosso povo? Não há sítio para onde possamos fugir da Sharak Ka, Briar. Encontrar-nos-á se fugirmos

para os confins de Ala. Viste o que os demónios fizeram aos homens-peixe e aos seus barcos. Virão por todos nós, quando a nossa vez chegar. Podes esconder-te no espinheiro e esperar que queimem o mundo à tua volta, mas não o farei. A Damajah diz que resgatar o khaffit desferirá um golpe contra os alagai e isso justificará arriscar a minha vida. E a vida de Kaji.

Kaji acordou quando ouviu o seu nome.

– Mamã?

Ashia foi até ele, abrindo a túnica para libertar um seio, mas os seus olhos não se afastaram de Briar.

– Cabe-te decidir se justificará arriscar a tua.

A luz do amanhecer tinha repelido os alagai enquanto Ashia e Briar desciam os penhascos. Kaji estava no saco às suas costas enquanto Ashia mantinha a respiração regular ao mesmo tempo que olhava do alto do penhasco estonteante. Sozinha, não se teria preocupado com a altura, mas, com o filho às costas, sentia-se grata por ver que o penhasco permanecia ensombrado, permitindo-lhe usar os hora nas suas botas e luvas para se segurar à rocha.

Havia uma praia estreita ao fundo e, escondida atrás de caules grossos de alagai'viran, uma pequena gruta.

– É isto? – perguntou. – Estava assim tão perto?

Briar abanou a cabeça. Tinha ficado ainda mais silencioso do que o habitual desde as palavras trocadas na noite anterior. Puxou os caules, expondo um pequeno barco escondido na concavidade rochosa. Puxou-o para a praia, olhou-o e empurrou-o para a água.

– Entra. – Manteve o barco estável enquanto Ashia embarcava com agilidade, mantendo os pés em perfeito equilíbrio ao mesmo tempo que a pequena embarcação ondulava com o seu peso.

Briar empurrou e entrou também, igualmente ágil, mesmo sem o treino de Ashia. Tinha-lhe ensinado sharusahk e progredia a bom ritmo, mas era espantoso ver quanto a noite tinha ensinado ao rapaz.

Pegou nos remos e começou a impeli-los, estabelecendo um ritmo fácil que os fez deslizar sobre a água. Ashia soube que não havia demónios nadando com o sol da manhã, mas, mesmo assim, olhou com cautela, louvando Everam por ver que Briar mantivera a margem à vista.

– É longe? – perguntou. Sobre eles, o mosteiro erguia-se no topo do penhasco, mas estavam suficientemente distantes e suficientemente próximos para que o

pequeno barco parecesse difícil de avistar.

Briar abanou a cabeça.

– Estamos quase lá. Molharemos os pés durante o resto do caminho.

Ashia olhou-o com curiosidade, mas não deixou a sua face trair o medo que sentia no coração enquanto Briar largava uma âncora na água profunda.

– Por aqui. – Briar saltou do barco para a água e Ashia susteve a respiração. Esperaria que nadassem até à margem.

Mas Briar não afundou quando tocou a água. Cobriu os tornozelos, mas continuou em pé.

– Que magia é esta? – perguntou Ashia.

– Não é magia – negou Briar. – Não há sítio para ancorar perto da gruta. Os Pastores construíram plataformas para chegar a águas profundas. Sabendo onde pisar, é possível caminhar daqui até à margem. Se não soubermos... – Pegou na lança e cravou-a na água a poucos centímetros dos seus pés, afundando a haste mais alta que ele, submergindo-a totalmente. – Pisa apenas onde pisar.

Ashia acenou afirmativamente, mantendo a respiração regular e deixando o medo passar sobre ela enquanto descalçava as botas e seguia Briar. A água estava fria, mas havia apoios firmes para os pés em baixo, um caminho de pedra escondido sob a água escura. Briar avançou rapidamente e acompanhou-o, olhando com atenção para lhe imitar os passos com precisão. Um único passo em falso fá-la-ia afundar-se na água com Kaji às costas.

Era um caminho sinuoso traçado para fazer perseguidores afundarem-se na água, mas Briar não hesitou nos seus passos e o penhasco aproximava-se rapidamente. Não havia margem digna do nome, apenas rocha a pique, salpicada com manchas de terra e vegetação. Briar saltou, segurando uma saliência com a ponta dos dedos e içando-se para uma reentrância ensombrada.

Ashia seguiu-o e viu que a reentrância era mais profunda do que parecia da água. No interior, subiram por uma inclinação acentuada para a escuridão. Pareceria uma formação natural sem o brilho ténue das guardas de proteção gravadas nas paredes dos túneis.

Ashia alcançou Briar ao fundo do túnel, vendo-o bloqueado por uma pedra pesada e guardada. Briar encostou-se a ele e empurrou. Mesmo com a sua força considerável, moveu-se lentamente. Ashia ajudou-o e conseguiram afastar a pedra. Do outro lado, havia uma gruta maior e natural, sem guardas na parede rochosa.

Voltaram a colocar a pedra pesada no sítio e Ashia teve de admitir que encaixava de forma tão perfeita na caverna que poderia pertencer ali se não

soubesse que não era uma formação natural.

Era dia, mas o túnel escuro fazia-a sentir-se apreensiva. Retirou as hastes de vidro das suas lanças curtas do saco de Kaji, alongando as lâminas com movimentos dos pulsos. Começou a cantar *A Canção da Lua Nova*, procurando alagai com a luz de Everam enquanto Briar os conduzia para cima.

– Pequeno-almoço, khaffit! – gritou Hasik, abrindo a porta de rompante.

Abban acordou sobressaltado, batendo violentamente com a cara na tábua dura enquanto Hasik entrava com o tabuleiro na mão.

– Onde está Dawn? – Abban tentou arrancar-se ao torpor do sono, apoiando-se nos braços.

Hasik atirou algo que embateu no peito de Abban com um ruído molhado. Apanhou por instinto, baixando o olhar para um escalpe ensanguentado com as madeixas inconfundíveis de cabelo com fios grisalhos.

Dawn.

Abban atirou aquilo ao chão, horrorizado, e Hasik lançou a cabeça atrás para produzir uma gargalhada trovejante.

– A tua amiga chin não se agarrou tão desesperadamente à vida como tu, khaffit – disse Hasik. – Encontrei-a pendurada da trave do teto na sua cela.

Abban olhou tristemente para o escalpe. *Everam, que concedes vida e luz, nunca fui o teu servo mais fiel, mas também não sou um alagai como este. Dá-me poder de vida e morte sobre ele, mesmo que apenas por um instante, e não voltarei a ser tolo ao ponto de o deixar viver.*

Mas, se Everam o ouvia, não deu disso quaisquer sinais.

– Vamos, khaffit – disse Hasik. – O teu pequeno-almoço vai arrefecer.

– Surpreende-me que tenhas trazido o escalpe pessoalmente. – Abban esforçou-se para não parecer abalado enquanto sentia o estômago às voltas. – O Hasik que conheço teria enviado a filha.

– Acho que a deixarei em paz, por agora – disse Hasik.

Abban arqueou uma sobrancelha.

– Amoleces?

Hasik riu-se, retirando um pequeno martelo do cinto.

– Claro que não. Apenas me parece que deverás voltar a suportar o teu castigo durante algum tempo.

Abban sentiu a cara arrefecer.

– Eunuco Ka. Se me poupares, eu...

– Voltam as súplicas e negociatas, outra vez! – Hasik riu-se. – Oh, khaffit, como senti falta disto! O que sentisses pela mulher chin não justificava que oferecesses subornos!

Abban engoliu em seco. As palavras atingiram-no com severidade, mas não podia negar a verdade que continham. Achava-se melhor que Hasik, mas sê-lo-ia realmente?

Hasik ergueu o martelo.

– Então, khaffit? Que podes oferecer-me em troca do teu polegar?

– Eu... – Abban hesitou. O quê? Não tinha nada, aprisionado naquela cela minúscula. A sua fortuna estava com Jamere, em Krasia, e com Shamavah, no Outeiro. E, mesmo que tivesse acesso a ela, o que apaziguaria aquele homem em Ala inteira, alguém que apenas se sentia vivo quando ouvia Abban gritar.

– Vamos, khaffit. Deves jogar o jogo. – Hasik segurou o pulso de Abban, prendendo-o sobre a mesa enquanto o pequeno martelo girava nos seus dedos.

– Por favor! – guinchou Abban. Os dedos e as pernas eram suportáveis, mas que faria sem as mãos? – Se... me poupares as mãos, partilharei contigo a localização da mina de electrum do Libertador.

Hasik ergueu o olhar.

– Mentes.

Abban abanou a cabeça.

– Fui eu quem primeiro revelei o conhecimento do metal sagrado a Ahmann, Hasik. A mina é remota e tem guardas limitados. Os teus eunucos conquistarão o local com facilidade e defenderão o desfiladeiro durante tempo indefinido com um pequeno número de guerreiros.

Hasik endireitou as costas, pousando o martelo sobre a mesa. Abban sentiu uma descarga de esperança. Armas de electrum poderiam fazer dos Eunucos uma força dominante nas terras alagadas.

– A que distância?

– Talvez a uma quinzena a cavalo. – Abban encolheu os ombros como se a viagem fosse insignificante.

Hasik cuspiu no chão.

– Demasiado longe para confiar prontamente na verdade das tuas palavras. Demasiado longe para enviar guerreiros com promessas de um khaffit desesperado para não perder os seus dedos.

– Mata-me se estiver a mentir.

Hasik voltou a tranquilizar-se.

– Isso é novo.

– Não é um mero estratagema para te dissuadir, Hasik – disse Abban. – Se não puder pagar a minha libertação da tortura com escravos chin, fá-lo-ei com metal precioso.

Hasik estudou Abban, batendo levemente com o martelo contra o maxilar. Inclinou a cabeça como se ouvisse um conselheiro invisível. Por fim, ergueu-se, esquecendo o seu pequeno-almoço de marisco cozido.

– Tragam a cadeira do khaffit!

– Posso desenhar um mapa... – Abban foi interrompido enquanto Hasik o erguia e o empurrava para a cadeira de rodas. Algo nos olhos do guerreiro assustou-o mais do que o martelo.

– Onde... – Desta vez, as palavras foram interrompidas com uma palmada de Hasik na sua cabeça.

– Silêncio – rosnou o guerreiro. – Há outra forma de testar a verdade das tuas palavras.

Abban pensou se teria cometido um erro terrível, mas soube que não devia continuar os protestos. Foi levado para fora da cela e pelos corredores fora até uma porta guardada. Aí, deixaram a cadeira para trás, com Hasik colocando Abban sobre o ombro como se fosse um saco de cereal. A porta abriu para uma escadaria que parecia um poço para o abismo, descendo para as catacumbas profundas sob o mosteiro.

Chegaram finalmente ao fundo, onde uma porta pesada era guardada por vários Eunucos. Colocaram-se prontamente em sentido enquanto Hasik e Abban entravam, preparando as lanças quando abriram a porta como se esperassem que o abismo inteiro dali saísse.

Os guardas olharam Abban com apreensão, mas não disseram nada enquanto Hasik o levava para o interior. Do outro lado, luz ténue da antecâmara dos guardas iluminou pilares e piso de fabrico humano que cediam o seu lugar a formações naturais. Os pilares e o piso tinham guardas, mas estavam danificadas e gastas. Os guardas fecharam a porta atrás deles e ficaram na escuridão.

– Hasik – começou Abban.

– Ouvi as tuas palavras durante tempo suficiente nestes meses que passaram, khaffit. – A joia no turbante de Hasik brilhou ligeiramente, concedendo-lhe visão na escuridão, mas Abban foi tragado pela escuridão, não conseguindo ver mais do que a face parcamente iluminada do seu captor. – Chegou o momento de seres tu a ouvir.

– Estou a ouvir – disse, quando o silêncio se alongou demasiado para conseguir suportá-lo.

– Não quero que me ouças a mim. – Hasik largou Abban no chão de pedra dura. – Ouve o verdadeiro senhor.

– E quem é? – perguntou Abban.

Em resposta, uma guarda luminosa ativou-se no teto da câmara. Abban semicerrou os olhos para se habituar ao aumento de luz, vendo que havia outra figura de pé à sua frente.

Sentiu-se mais assustado ainda quando percebeu que era ele próprio.

– Everam nos guarde!

Não era realmente um reflexo. Aquele Abban estava intacto, caminhando sobre dois pés. Era o que Abban poderia ser se não tivesse caído das muralhas do Labirinto.

O Não-Abban caminhou à sua volta, olhando-o como um gato olharia um rato. Abban começou a tremer, sentindo-se transpirar. Ergueu uma mão para traçar uma guarda no ar.

Hasik deu-lhe uma palmada na mão.

– Faz isso outra vez, khaffit, e corto-te o braço. O mestre não precisa do teu corpo. Apenas da tua mente.

– Mestre? – Abban ergueu o olhar, vendo outro demónio tornar-se visível na escuridão, com a sua silhueta recortada na câmara ensombrada.

– Alagai Ka. – Hasik caiu de joelhos, encostando a testa ao chão enquanto o demónio avançava para a luz.

O demónio era pequeno, mais baixo ainda que Abban, com braços longos e finos e pernas e um tronco que pareciam couro negro como carvão esticado sobre um esqueleto. A sua cabeça enorme e cónica tinha uma coroa de chifres vestigiais sobre os olhos negros gigantescos.

A carne nodosa do crânio do demónio palpitou.

O Não-Abban transformou-se, dissipando-se como um reflexo na água depois de uma pedra ser atirada ao charco. Voltou a solidificar-se momentos depois como Hasik ou como Hasik se imaginara antes de ser cortado. O Não-Hasik estava nu, com o membro balouçando-lhe entre as pernas como um braço de criança.

– Acho que não é exatamente isso – referiu Abban. – A lança murcha de Hasik era muito menos impressionante quando as minhas esposas e filhas o imobilizaram e lha cortaram.

Hasik olhou-o com fúria, mas, como Abban esperara, não se atreveu a golpeá-lo sem lhe ser ordenado que o fizesse.

– Falas com ousadia, khaffit – disse o Não-Hasik, imitando a voz e os maneirismos do Hasik verdadeiro com perfeição assustadora.

– Que importa? – Abban riu-se, surpreendido por perceber que o seu medo e pânico esmoreciam. Não era uma batalha que exigisse o seu corpo. Exigia apenas a sua astúcia. Olhou o Não-Hasik, ouvindo-o falar como se fosse o artigo genuíno. – Se aqui estou, Hasik, é porque o teu mestre precisa de mim e o meu destino deixou de estar nas tuas mãos.

– Não tenhas tantas certezas, khaffit – rosnou o Não-Hasik. – Poderás voltar a ser entregue ao meu cuidado quando o mestre deixar de precisar de ti.

– Poderás – repetiu Abban.

– Se não consumir a tua mente depois de te roubar os pensamentos – o Não-Hasik concordou com um sorriso.

Abban encolheu os ombros.

– Deixou de importar, Hasik. Podes sonhar que és o mestre, mas ambos sabemos que nunca foste mais do que um cão. Vi-o no sharaj com os instrutores e Khevat. Com Jesan, o Pai Noturno. Com Ahmann. Quando há uma piça maior presente, não tens qualquer ambição além de saciar as tuas luxúrias.

– Mentes, khaffit! – O Não-Hasik ergueu-lhe o queixo, mas Abban não vacilou. – Sou leal a Alagai Ka e serei recompensado.

Abban enfrentou-lhe o olhar.

– Recompensado com o quê? Marisco e porco? Comigo para torturares? Com uma nova lança entre as pernas? Sempre foste parco em imaginação, Hasik.

O real tê-lo-ia golpeado por aquelas palavras, mas o mimético voltou a mudar de forma, transformando-se no Não-Abban.

– Que diria a tua mãe se te ouvisse a antagonizar os clientes antes do início da negociação?

– Parece-me óbvio que sabes muito pouco sobre a minha mãe – disse Abban.

A forma do mimético voltou a alterar-se, assumindo a forma da mãe idosa de Abban, Omara. Ao contrário do Não-Hasik e do Não-Abban, aquela ilusão era perfeita, incluindo as rugas à volta dos olhos e o perfume que preferia.

– Orgulha-te, meu filho. Vales mais do que qualquer cão Sharum. – Quando falou, usou a voz de Omara, os seus gestos. A sua entoação.

Mas Omara estava a mais de mil quilómetros de distância e Abban assegurou que Hasik nunca se aproximara da mulher. Como podia o demónio imitá-la de forma tão perfeita.

A seguir, sentiu-a. A vontade do demónio movendo-se dentro da sua mente. Não estava ali para ser questionado com palavras. O interrogatório já tinha

começado.

Mas, depois de ter sentido a vontade do demónio, o mundo exterior desapareceu enquanto se concentrava no seu interior. Seguiu o demónio até às suas memórias, até visões do seu passado que eram tão vívidas que sentiu que voltava a vivê-las. Sendo arrancado aos braços de Omara e atirado para o sharaj. O espancamento que Hasik lhe aplicara naquele dia e nos dias que se seguiram. A humilhação. A dor.

O demónio parecia beber esses sentimentos como couzi, transmitindo o equivalente mental de um suspiro de satisfação.

Era uma violação inenarrável e Abban resistiu à vontade do alagai, tentando afastá-lo da sua mente.

Alagai Ka mal notou, afastando a sua resistência atabalhoada tão facilmente como Hasik defletira os seus golpes quando eram crianças.

O demónio voltou a mergulhar nas suas memórias, daquela vez indo até à queda da muralha que o deixou com as pernas fraturadas no chão do Labirinto. As humilhações que se seguiram enquanto o seu corpo o traía e desiludindo o seu único amigo uma e outra vez enquanto forçava Ahmann a escolher entre amizade e dever até não conseguir continuar a fazê-lo.

Que teria acontecido se Abban não tivesse caído? Ahmann poderia estar a seu lado naquele momento? Se nunca tivesse regressado ao bazar, se nunca tivesse dado o mapa ao Par’chin...

De repente, o turbilhão de vontade pareceu paralisar-se na sua mente, começando a condensar-se enquanto o demónio se focava intensamente nessas memórias, puxando com tanta força pelas recordações de Abban que o fez sentir-se zonzo. O seu corpo sucumbia a espasmos enquanto o alagai invocava cada cheiro e som, cada textura das suas memórias do Par’chin.

Abban sabia que o motivo daquele encontro era mais do que apenas a mina de electrum. O motivo era algo infinitamente mais perigoso, para si e para Ala inteira.

O demónio queria saber pormenores acerca de Ahmann. Queria saber do Par’chin. E, algures, na sua alma, se tivesse tal coisa, Abban sabia que não podia permiti-lo, mesmo que isso implicasse perder a vida.

O pensamento libertou-o enquanto consolidava a sua vontade. Abban amava as suas mulheres e filhos, amava a sua riqueza e confortos, mas não amava nada mais do que a sua própria vida. Se estava disposto a sacrificar isso na mesa das negociações, não havia motivo para não lutar com tudo o que tinha.

Nesse momento, compreendeu Ahmann e o Par’chin de uma forma como nunca os tinha compreendido antes.

Oh, meus amigos, como vos traí. Estiveram sempre certos.

E, com esse último pensamento, Abban projetou a sua vontade contra a presença invasora na sua mente.

O demónio não estava preparado para o seu ataque renovado. Tinha-o achado fraco e intimidado. Abban rompeu as defesas, arrancando-o às suas memórias. A seguir, lentamente, começou a forçar a vontade do demónio a abandonar-lhe o corpo.

A criatura olhou-o, surpreendido. Não o mimético, envergando ainda a forma de Omara, mas o próprio príncipe alagai. Inclinou a cabeça e olhou-o com aqueles olhos enormes, intrigado por ver que uma formiga se atrevia a fazer-lhe frente.

Abban viu-se refletido naqueles olhos negros gigantescos, com o corpo tremendo enquanto lhe escorria saliva da boca, mas nada disso importava. Apenas o demónio e a sua vontade importavam.

Que queres?, quis saber a sua mente e, de repente, seguia a criatura enquanto esta se recolhia sobre si mesma.

Dentro da sua mente bizarra, viu-a, Alagai’ting Ka, a Mãe dos Demónios. Ouviu-a urrar, cheirando as hormonas no ar húmido e quente. Ovos saíam de dentro dela e, pouco depois, rainhas. Rainhas que se alimentariam em frenesim depois de eclodirem crescendo rapidamente em tamanho e poder.

Precisavam de humanos por perto e em grande número para saciarem as suas necessidades.

Como milhares de tolos aprisionados num mosteiro.

Todas as cidades muralhadas. Não eram refúgios. Eram despensas.

O demónio reagiu e Abban percebeu que se distraíra com o novo conhecimento. Foi expulso da sua mente, mas a batalha não tinha terminado. No espaço entre ambos, as suas vontades enfrentavam-se pela primazia.

Abban passou a compreender o seu adversário. Como faria a um cliente no bazar, leu os desejos do demónio. E, quando se sabia o que o cliente queria, aquilo de que o cliente precisava, era simples puxá-los e concluir a venda.

O demónio debateu-se. Não era um simples cliente. Conhecia também as suas fraquezas e a sua vontade era imensa.

Mas Abban deleitava-se com uma venda difícil.

O confronto prosseguiu e Abban percebeu que perdia terreno. A vontade do demónio espelhava cada movimento da sua. Abban não tinha nada a perder, mas

o demónio tinha tudo a ganhar. Mais que isso, tinha experiência no combate mental, com regras que Abban começava apenas a compreender. De forma lenta e inexorável, o demónio controlou o espaço entre eles, forçando a vontade de Abban a voltar para dentro do seu corpo.

Nem sequer precisava de o derrotar. Se Abban lhe permitisse uma abertura mínima, o demónio daria a ordem a Hasik ou ao mimético para asfixiarem Abban até ficar inconsciente, permitindo-lhe impor a sua vontade à sua mente insensata.

Então, Abban ouviu uma canção familiar e percebeu que também não precisava de derrotar o demónio, apenas de manter a criatura ali durante mais alguns momentos.

Ashia manteve a voz controlada, cobrindo-os com *A Canção da Lua Nova* enquanto ela, Briar e Kaji se aproximavam de Alagai Ka.

Enkido ensinara distanciamento em batalha, o afastamento emocional que permitia que os guerreiros mantivessem a mente fora de uma batalha para a estudarem de todos os ângulos. Ashia conseguiria aproximar-se de um bando de demónios da rocha com fria confiança.

Mas aquele era Alagai Ka, pai dos demónios, que enfrentara o próprio Kaji. De que serviam a sua canção patética e as suas lanças curtas contra tal inimigo?

Mesmo assim, continuou a avançar lentamente em diante, com as lanças prontas, enquanto o demónio focava a sua atenção em Abban. Hasik permanecia ajoelhado no chão. A velha, fosse quem fosse, erguia-se com movimentos inseguros, como uma marioneta com os fios cortados.

Briar estava um mero passo abaixo enquanto saíam da cobertura de um dos vários túneis que convergiam naquela caverna. Mesmo assim, o demónio não notou a sua presença.

Rápido, agora, disseram os dedos de Ashia a Briar. A seguir, começou a correr, erguendo as armas.

Hasik farejou, olhando para cima.

– Mestre!

O demónio viu-a enquanto Ashia golpeava com as duas lanças. A criatura contorceu-se e as suas lanças atingiram apenas o ar. Traçou uma guarda no vazio, afastando-a como se aplicasse um tabefe a uma criança. Quase tropeçou em Briar, mas o rapaz foi rápido, afastando-se e erguendo o seu odre.

O demónio esperava outro ataque físico e não estava preparado quando Briar lhe esguichou chá de raiz-porqueira. A criatura guinchou e cambaleou para trás, com a pele e os olhos ardendo.

O demónio aterrou de costas, olhando-os, mas, a seguir, os seus olhos voltaram-se novamente para Abban, surpreendidos. A ligação que partilhassem permanecia intacta e o khaffit intensificava o ataque.

Ashia saltou nesse momento de distração, mas não conseguiu atingir o demónio, sendo placada pela velha, mais rápida que uma Sharum'ting e mais forte que um demónio da rocha. Rebolaram quando bateram no chão e a mulher atirou Ashia contra a parede da caverna como se fosse uma boneca.

Briar captou a atenção da mulher com outro jorro do odre. A sua carne enrugada liquefez-se e a mulher tornou-se um demónio dos campos, uma figura esguia e rápida adequada à pequena câmara subterrânea. A criatura inchou, cobrindo-se com a armadura de um demónio da rocha com os seus espigões afiados. Os olhos e a boca iluminaram-se com chama.

O mimético golpeou Briar, que mergulhou para o lado no momento preciso, rebolando para escapar aos salpicos enquanto o demónio lhe cuspia saliva flamejante para cima.

A face do mimético derreteu, tornando-se o bico longo de um demónio do relâmpago, disparando um raio elétrico contra Briar.

Briar tinha erguido o escudo, defletindo o pior do raio, mas Ashia viu a dor atravessar-lhe a aura. Gritou e Ashia rosnou, investindo contra a criatura.

Golpeou primeiro com a voz. Foi um guincho vibrado que conseguiria manter por tempo indefinido, ampliado pelas pedras hora no seu colar. O som alastrou pela câmara e o mimético cambaleou, gritando de dor. Também o demónio da mente cobriu os ouvidos com as mãos finas e esqueléticas.

Uniu as extremidades das suas lanças curtas, tornando-se quase dois metros de vidro guardado rodopiante e afiado. Golpeou os membros do mimético, cortando-os tanto quanto podia antes que a criatura conseguisse recompor-se.

Mas os cotos não sangraram e o mimético adquiriu uma forma maior e ainda mais ameaçadora.

Ashia pouca importância lhe ligara, concentrando-se na magia na aura da criatura. A cura e a mudança de forma canalizavam intensamente esse poder. A única hipótese que tinham seria esgotá-lo rapidamente.

O demónio atacou-a, com um tentáculo crescendo do nada tão rápido como uma chicotada. Tê-la-ia atingido, mas Briar atingiu a o flanco da criatura com

uma carga com o escudo, atordoando-a com as guardas miméticas gravadas no aço.

Ashia aproveitou a distração para atingir a criatura no coração, provocando-lhe um safanão e fazendo-a canalizar mais poder para que lhe crescesse um coração novo.

Briar golpeou a seguir, perfurando o novo órgão e, em simultâneo, largaram as armas, deixando-as para continuarem a enviar ondas de magia letal pela criatura.

Ashia executou os sharukin que tinha estudado toda a vida, pressionando dedos rijos contra os pontos de convergência na aura do demónio. As suas unhas, pintadas com guardas e intensamente lacadas, atingiram a armadura como um martelo atingiria uma casca de noz. Cada golpe fazia magia de retorno atravessar-lhe o corpo, enchendo-a com força e velocidade enquanto a aura do demónio ia enfraquecendo. Até Kaji recebeu uma porção, rindo-se alegremente sem perceber o perigo que enfrentavam.

Briar recorreu também às mãos nuas, com as guardas de pressão e impacto tão fortes como qualquer lança e escudo enquanto defletia os golpes do demónio, atacando com golpes breves e rápidos de mão aberta. Um piscar de olhos poderia deixar escapar um, mas Ashia via os danos palpitarem e crescerem na aura do demónio.

Atacaram sem cessar a criatura enfraquecida e atordoada até Ashia encontrar a sua abertura. Arrancou-lhe a lança do corpo e girou-a num arco, separando a cabeça do demónio do seu corpo.

Completou o circuito com outro arco, virando-se e arremessando a lança ao demónio da mente. Mas, antes que atingisse o alvo, um escudo defletiu a arma, fazendo-a cair ao chão no extremo oposto da câmara. Hasik atravessara-se no seu caminho.

– Everam deu-me mais um dia – disse Hasik. – Ninguém me vencerá.

– Abandonaste o olhar de Everam, tio. – Ashia retirou outro dos suportes do saco de Kaji, vidro guardado reforçado com electrum pela própria Damajah. Expôs a lâmina de uma foice curta enquanto prendia o escudo de vidro no braço. – Não concederia nada a alguém como tu.

– Veremos, fedelha.

Hasik atacou com violência. Ashia bloqueou-lhe os golpes com o escudo ou defletiu-os com a foice, mas não estava preparada para tamanha ferocidade. Por um momento, mal conseguiu bloquear as investidas rápidas e os arcos assassinos da sua lança. Com Kaji às costas, não podia executar movimentos que

expusessem o menino a golpes de resposta e cedeu terreno, procurando desesperadamente uma fraqueza nas defesas do Eunuco.

Briar percebeu o seu apuro e atacou Hasik pelas costas. Ashia não traiu o seu avanço, mas Hasik agachou-se abaixo do golpe no último instante, aplicando um pontapé esmagador que deitou Briar de costas.

Ashia insistiu, mas Hasik não se deixou distrair, nunca baixando as defesas mesmo no momento em que quase inutilizou Briar. Uniram-se e golpeou-a na face com a testa, rindo como um louco enquanto a via cambalear para trás.

Ashia baixou-se para escapar ao golpe seguinte, lançando-lhe o escudo enquanto dava uma cambalhota, pressionando o punho da foice e libertando a corrente fina escondida no interior. Arremessou, atingindo o tornozelo de Hasik enquanto se esquivava ao escudo arremessado.

Ashia puxou, mas Hasik percebeu a sua intenção, usando a força do golpe para se aproximar dela, pontapeando-a com força na cara. Um golpe com o tornozelo blindado arrancou-lhe a foice da mão, fazendo-a deslizar para longe.

Ashia arremessou-lhe vidro guardado enquanto o via dar uma cambalhota para recuperar o equilíbrio, mas o escudo de Hasik continuava no sítio, deixando escapar apenas um. Este último vidro atingiu-lhe a túnica com um tilintar e caiu, travado pela sua couraça de vidro.

Sem tempo para preparar outra arma, Ashia adotou uma postura de sharusahk para enfrentar a carga seguinte de Hasik.

O movimento fez o Eunuco parar. Olhou Briar, mas o rapaz continuava deitado de costas, gemendo. Ashia via na sua aura que Hasik lhe tinha partido a anca. Imobilizava-a enquanto a magia lhe sarava os ossos, mas não recuperaria a tempo de poder dar-lhe a sua ajuda.

– Pousa a criança – propôs Hasik. – Dá-me um duelo real.

– Nunca – respondeu Ashia.

Hasik retirou o lenço do pescoço.

– Pousa a criança e pousarei a minha lança e o meu escudo.

– Porque farias isso? – perguntou Ashia.

– Porque quero ver em que te transformou Enkido – disse Hasik. – Em que transformou a minha filha.

– A tua filha sentia vergonha de ti – replicou Ashia. – Mesmo antes de o khaffit te cortar, Sikvah disse que envergonhavas diariamente a tua casa, esbanjando até o salário de uma Lança do Libertador para pagar dívidas de jogo e heasah. Golpeando todos, dos escravos à tua Jiwah Ka.

Hasik atirou a lança ao chão.

– Mostra-me aquilo em que Enkido te transformou antes que te mate com as mãos nuas.

– E o meu filho? – perguntou Ashia.

Hasik sorriu.

– Se falhares, far-lhe-ei o mesmo a ele e ao teu amigo malcheiroso.

– Nesse caso, não falharei. – Ashia avançou lentamente até onde o seu escudo tinha rebolado, contra a parede da caverna. Virou-o com o pé e tirou o saco de Kaji, colocando-o dentro do círculo protetor. Não lhe agradava afastá-lo de si, mas era inegável a vantagem que conferia a Hasik. Não podia desperdiçar a oportunidade.

– Sossega, meu filho – sussurrou. – Deixa que o meu escudo te proteja até ao meu regresso. Amo-te muito.

Uma lágrima escapou-lhe sobre a face antes que Ashia percebesse que chorava. Semicerrou os olhos e as lágrimas caíram sobre a cara do rapaz.

Kaji limitou-se a sorrir.

– Mamã luta.

Ashia acenou afirmativamente, usando o gesto de limpar as lágrimas para retirar o último apoio do saco de Kaji e enfiando-o na manga.

– Sim, meu amor. Sê corajoso.

– Mamã corajosa – concordou Kaji.

Enquanto se afastava do seu filho, Hasik pontapeou a sua lança e escudo para longe, assumindo uma postura de sharusahk. Atrás dele, Abban e o demónio fitavam-se, empenhados numa qualquer batalha maldita. A aura entre ambos estava viva de uma forma que Ashia nunca antes tinha visto. Era impossível de compreender ou adivinhar quanto tempo mais o khaffit conseguiria conter a criatura.

Assumiu também uma postura, virando-se para o olhar.

Hasik exibiu o vão nos seus dentes, assobiando.

– Começa.

Briar quis gritar enquanto via Ashia avançar para enfrentar Hasik, mas sabia o que acontecia quando se deixava um osso sarar da forma errada. Precisava de se manter imóvel, aplicando pressão sobre a anca até a fratura fundir.

Quando o combate começou, foi quase demasiado rápido para acompanhar com os olhos. Pareciam bailarinos com movimentos experientes. Muitos dos seus movimentos eram idênticos, económicos e precisos.

Hasik tinha a vantagem da altura, peso e alcance. Ashia era mais rápida, mais equilibrada e flexível, mas isso não era suficiente para fazer a diferença de forma significativa. Mostrava-se uma adversária à altura, mas Hasik acertava mais golpes que ela. A maioria era apenas golpes de raspão contra as placas blindadas nas suas vestes, mas não deixavam de magoar, atordoar e deixar nódoas negras. Com o tempo, conseguiriam deitá-la abaixo.

Ouviu-se um rosnado e Briar virou-se para ver um demónio da areia enfiar a cabeça por um dos túneis que conduziam às cavernas em baixo. Retirando uma mão da anca, ergueu a lança e arremessou-a, atingindo-o no ventre de armadura frágil. O demónio guinchou e caiu e o seu grito ecoou pelos túneis abaixo.

Rastejou sobre três membros para manter a anca direita, desatando os atilhos de pequenas bolsas de pó de raiz-porqueira. Atirou-as às entradas dos túneis, criando uma nuvem que os demónios considerariam tóxica e difícil de ultrapassar. O efeito abrandaria com o tempo e, pelo som de uivos nos túneis, a pressão vinda de trás poderia forçar os demónios a passar.

– Não temos muito tempo, Ashia!

Embrenhada na batalha com Hasik, Ashia não respondeu. Quando Briar conseguiu arrastar-se até à lança, sentia-se mais forte. Segurou a haste, com a ponta ainda cravada no demónio da areia moribundo, sentindo uma descarga de poder pela guarda tatuada na sua mão.

Ergueu a lança, cravando mais a ponta e fazendo-a sair pelo outro lado do demónio, apressando a sua morte enquanto usava a haste como bengala para se erguer. Experimentou apoiar o peso do corpo na anca partida e descobriu que resistia.

Afastou o olhar da batalha de Ashia para o khaffit e o demónio da mente. A seguir, soltou a lança e ergueu o braço para um arremesso.

Algo lhe atingiu o braço enquanto o fez avançar. Quando tentou libertar a lança, Briar descobriu que a lança estava presa à sua mão com o que parecia ser teia de aranha. Olhou para cima no momento em que o demónio da caverna caía do alto.

Ashia foi atingida por um murro nos antebraços, virando a coxa para bloquear um pontapé sem perder o equilíbrio. O movimento deixou-a incapaz de se defender do segundo murro de Hasik, um poderoso gancho contra as costelas.

As placas de vidro na túnica de Ashia suportaram a maior parte da intensidade, mas perdeu o fôlego, ferindo músculo e rachando osso. Não era a primeira vez

que Hasik atingia aquele ponto preciso.

Mesmo assim, permitiu-lhe outra abertura no momento seguinte. Quando Hasik atacou, suportou o choque, torcendo-lhe o pulso e mantendo-o preso enquanto se apoiava na coxa dele e lhe prendia as pernas em tesoura à volta do pescoço.

Foi um golpe com execução perfeita, mas Hasik era pesado e forte como um demónio da rocha. Não parou de se mover como se dançasse, mantendo o equilíbrio e atingindo-a com murros. Ashia suportou alguns golpes na cabeça, mas foi forçada a ceder quando perdeu o controlo total.

– Nunca conheci o lendário Enkido – disse Hasik. – Não antes de lhe cortarem a piça e a língua, pelo menos. Mas, mesmo depois disso, o seu nome era honrado e temido. Cuspiu sangue sobre o chão da caverna. – Sentiria vergonha de ti.

Ashia rosnou e voltou a investir, mas começava a temer que estivesse certo. Procurou Briar e encontrou-o a lutar pela vida contra um demónio de oito pernas com a forma de uma aranha gigante e blindada.

Voltou a trocar golpes com Hasik. A couraça de Hasik era de vidro impenetrável e não absorvia golpes como as suas placas blindadas. Esmurrá-la era como esmurrar uma parede enquanto Hasik se ria do outro lado.

Mas havia juntas que permitiam liberdade de movimentos. Atingiu-os, enfraquecendo as suas linhas de poder, mas era um atrito lento comparado com os golpes ferozes, de roubar o fôlego, com que respondia, procurando, como ela, oportunidades para desferir um golpe incapacitante.

Por fim, conseguiu. Hasik prendeu-lhe os braços com um dos seus, imobilizando-lhe o cotovelo e puxando com força enquanto preparava um arremesso. Ashia sentiu o ombro estalar e embateu contra o solo, atordoada.

Hasik tê-la-ia vencido nesse momento, mas ouviram-se gritos e sons de batalha repentinos do outro lado da porta para a torre de menagem. Ashia ouviu a voz do seu avô gritando sobre o alarido.

Nesse momento de distração, Ashia retirou a foice da manga do braço são. Abrindo a lâmina, cortou com ela a junta estreita na cintura da armadura de Hasik.

As mãos de Hasik fraquejaram quando lhe abriu os intestinos e Ashia libertou-se e virou-se para desferir outro golpe contra a sua garganta.

– Não! – ordenou uma voz familiar. Ashia olhou e viu Kaji de pé a poucos metros de distância, encostando a sua outra foice à própria garganta.

Ashia abriu a boca de espanto e afastou-se de Hasik sem desferir o golpe letal. Um braço pendia, inerte, com o ombro partido como um ramo seco, mas não

largou a foice.

– Larga, mamã – disse Kaji. – Ou corto.

– Pousa a lâmina, querido. – Precisou de forçar as palavras a saírem.

– Não. – Era a palavra preferida de Kaji. A mais poderosa no seu vocabulário.

– Kaji asu Asome am'Jardir am'Kaji – disse Ashia em tom mais severo. – Pousa imediatamente essa lâmina.

O rapaz hesitou e Ashia arriscou um passo em frente.

– Não. – Kaji ergueu mais a foice, pressionando o gume cortante contra a pele.

Ashia parou, suficientemente próxima para ver as suas lágrimas ainda marcando a face do rapaz, mas demasiado distante para o impedir de cortar o próprio pescoço, enquanto Hasik, segurando os intestinos com um braço, se erguia.

– Por favor, meu filho – implorou. – Sê corajoso.

Olhou-lhe a aura, vendo o seu brilho puro e a escuridão que a tinha infetado. O demónio exercia sobre ele um controlo que não conseguiria interromper com palavras.

Mas, então, as linhas na face de Kaji começaram a brilhar, com as lágrimas de Ashia fundindo a magia ambiente com o seu desejo de o manter em segurança. O brilho alastrou, afastando a sombra do demónio.

Até a palmeira chora quando a tempestade a atinge, dissera-lhe certa vez Enkido. *As lágrimas das irmãs de lança de Everam são mais preciosas pela raridade com que caem*.

Kaji virou-se para o demónio da mente, com a foice caindo-lhe da mão minúscula.

– Não.

A palavra pareceu ter um efeito físico no demónio. Tremeu com esforço, com sangue negro pingando-lhe das narinas e ouvidos, da mesma forma que o sangue de Abban escorria enquanto se fitavam.

Hasik avançou, com uma faca longa na mão, mas Ashia estava pronta, afastando-lhe o punho com a foice enquanto desferia um pontapé contra o seu tronco ferido. Mesmo assim, atingiu-a, atirando-a ao chão onde ambos lutaram pelo controlo.

Briar rebolou em duas direções, contorcendo-se para evitar os golpes rápidos das pernas do demónio da caverna, cobertas com espigões afiados para lhe

permitirem segurar-se às paredes da caverna. Ergueu-se, com as pernas marcando um ritmo no solo enquanto golpeava.

Briar conseguiu colocar o escudo no braço. Bloqueou mais facilmente os golpes do demónio, mas o nuclita tinha maior alcance e os golpes com que tentava atingir o seu abdómen enorme não alcançaram o alvo.

Do outro lado da caverna, viu Kaji aproximar a lâmina da garganta. Briar estacou e o demónio quase o venceu. Conseguiu escapar-se à justa à sucessão de golpes seguinte. Sentindo a vantagem, o demónio começou a golpeá-lo com as mandíbulas grossas, pingando veneno que fervilhava contra as guardas no escudo.

– Não – disse Kaji, largando a foice enquanto se virava para olhar o demónio da mente. Briar seguiu-lhe o olhar por um instante e viu o demónio abalado.

Com o braço do escudo, retirou o odre do cinto, atirando-o às mandíbulas do demónio da caverna. O nuclita mordeu-o, fazendo-o explodir numa chuva de chá de raiz-porqueira. O demónio cambaleou para trás, guinchando, e Briar avançou, fazendo o demónio recuar com a barreira do escudo.

A seguir, virou-se e arremessou a lança com toda a força possível contra a cabeça do demónio da mente.

Não esperou para ver se atingia o alvo, correndo atrás da arma. Atravessou o crânio grosso do demónio da mente e Briar alcançou-o no momento seguinte e tombou de costas, encolhendo as pernas.

Também Hasik gritou, perdendo as forças durante tempo suficiente para Ashia conseguir imobilizá-lo. Abban gemeu, levando a mão à cara.

Momentos depois, Khevat e Icha irromperam pela porta dentro, com as túnicas ensopadas em sangue.

* * *

Hasik abanou a cabeça para clarear as ideias, enquanto Khevat, Icha e os seus homens o rodeavam. Estava de joelhos, apoiado sobre uma mão enquanto usava a outra para segurar os intestinos, mas continuava a ser perigoso e todos o sabiam.

Ashia avançou para recolher as lanças. O seu braço continuava dormente, pendendo inerte a seu lado. Kaji cambaleou até ela, abraçando-lhe uma perna com os braços, ignorando o sangue que ensopava a seda.

– Mamã.

– Foste muito corajoso, meu filho – elogiou Ashia.

– Corajoso como a mamã – concordou Kaji.

Abban desabou no chão. Briar foi até ele, puxando-o para a parede e encostando-o.

– Estás bem?

Abban fungou, torcendo o nariz.

– O espião.

– Salvei-te a vida – recordou-lhe Briar.

– Que significa isto?! – exigiu saber Hasik. – Procura a Herbanária chin. Preciso de...

Ashia encostou-lhe a lança à nuca...

– Não precisas de nada, servo de Nie.

Mais homens entravam na caverna. Nem todos eram guerreiros de Khevat e muitos pareciam preparados para continuar a lutar e libertar o seu líder.

Mas, então, Briar ergueu o corpo do príncipe dos demónios e atirou o seu cadáver arruinado, fazendo-o cair ao lado de Hasik. Os homens olharam a criatura, horrorizados perante o símbolo de tudo o que tinham aprendido a temer e odiar do berço ao sharaj.

– Sou Ashia vah Ashan, Sharum'ting Ka de Krasia! – gritou Ashia. – Foram enganados, guerreiros de Everam. Trago-vos uma oferta de redenção. Neste preciso momento, os alagai cercam as forças da Damajah na Cisterna de Everam. Muitos de vós têm amigos na cidade. Família. Cavalguem comigo até lá e os vossos crimes serão perdoados. Fiquem para trás e, quando a Sharak Ka terminar, os exércitos vitoriosos do Libertador caçar-vos-ão.

– Se forem vitoriosos – troçou Hasik. – O Libertador está morto. O seu filho...

– Foi assassinado por ti! – gritou Khevat.

Ashia acenou afirmativamente.

– Hasik, vergonha da tua família pelo homicídio do meu cunhado, o príncipe Jayan, e por deserção do Exército do Libertador, condeno-te à morte.

Hasik concentrava as suas forças. Girou rapidamente, mas não foi suficientemente rápido. Ashia golpeou com a lança, cortando-lhe a coluna vertebral pelo pescoço. O corpo do eunuco tombou, inerte. Antes que alguém conseguisse mexer-se, ergueu a mão e golpeou com a lança, cortando-lhe a cabeça.

– Tragam-na – ordenou. – E também a cabeça do demónio. Que quem espera à superfície perceba quem seguiam e tomem uma decisão.



QUARENTA

ALAMEN FAE

334 DR

O mimético tornou as suas pernas tão longas quanto o túnel permitiria, correndo a toda a velocidade para se afastar do teto que desabava. As pedras abrandariam os perseguidores durante pouco tempo, mas seriam suficientes para que o demónio da mente os despistasse no labirinto das profundezas.

Mas o Herdeiro foi rápido. Passando sobre a maior acumulação de escombros, defletindo a última pedra e projetando-a contra as costas do mimético. A armadura do servo resistiu, mas foi atirado ao chão.

O Consorte olhou. O Herdeiro estava sozinho, aprisionado do outro lado do desmoronamento. Tinha a lança e a capa, mas não a odiada coroa. Era uma rara oportunidade para se libertar do flagelo do Matador de Mentes.

O Herdeiro não estava preparado enquanto o mimético saltava a parede e usava a força do ataque do adversário para chegar até ele. Como o Consorte esperara, o Herdeiro não teve a concentração necessária para manter o voo enquanto defletia um ataque conjunto. Voltou a pousar os pés no chão para poder avaliar melhor as repetições que constituíam a base do combate humano.

O Consorte tinha estudado sharusahk na mente do servo humano, aprendendo as suas forças e fraquezas e observando atentamente o seu estilo.

O humano precisou de esforço para bloquear os ataques do mimético. A sua aura enchia-se de agressividade, mas não perdeu o foco. Sabia que estava dividido. Enfraquecido. Cedeu terreno enquanto o mimético avançava, despindo a túnica blindada para expor as guardas traçadas na sua pele com cicatrizes.

O mimético cuspiu o ácido espesso e pegajoso de um demónio do pântano contra a face do Herdeiro. As suas guardas defensivas tê-lo-iam protegido, mas, como esperado, vacilou, perdendo a concentração por um momento enquanto cresciam membros múltiplos no servo, cada um terminando num espigão afiado de queratina. O Consorte canalizou poder desses espigões, deixando-os vazios de magia e imunes às guardas defensivas.

O Herdeiro esquivou-se ao ácido, sendo atingido por um espigão no flanco. Rebolou para se afastar do golpe, demasiado superficial para matar e, de alguma forma, conseguiu bloquear os três ataques seguintes antes que o quarto lhe atravessasse a coxa.

Mesmo assim, resistiu, cortando o espigão seguinte e traçando uma guarda contra miméticos que projetou o servo violentamente contra a parede do túnel, criando espaço para lutar. O Herdeiro passou por ele para bloquear a fuga, prendendo o Consorte entre si e o túnel desabado.

A sua lança ganhou vida com guardas de corte enquanto golpeava com ela o mimético e, desta vez, o Consorte tentava desesperadamente defender-se. Qualquer apêndice que se aproximasse do movimento da arma era cortado, enfraquecendo o servo e despojando o Consorte da magia armazenada nessa carne.

Mas, mesmo que não fosse fácil a defesa da lança, o Herdeiro estava praticamente cego sem a coroa. O Consorte alterou a armadura do servo para se camuflar contra o túnel, adquirindo uma forma sinuosa enquanto fluía pela parede acima, chegando ao teto para recuperar a vantagem.

Era demasiado para a visão enfraquecida do Herdeiro, mas respondeu por instinto, adivinhando o plano e traçando grandes guardas contra miméticos no teto. O servo foi atirado contra a pedra e perdeu o equilíbrio, tombando sobre o piso da caverna.

O Consorte alterou as glândulas na garganta do mimético, transformando-as nas glândulas especializadas de um demónio aquático e produzindo tinta negra grossa e viscosa. Canalizou o líquido até ficar liberto de magia e cuspiu.

Agora o Herdeiro não hesitou e a tinta cegante atingiu-o em cheio na face. O choque atravessou-lhe a aura, mas não perdeu a concentração, cravando a lança através do tronco do mimético, a centímetros do esconderijo do Consorte.

O Herdeiro já não tentava conter-se. Pretendia matar.

O Consorte percebeu como tinha sido tolo e arrogante. Era verdade que o Herdeiro estava enfraquecido e sozinho, mas continuava a ser o Matador de Mentes e o Consorte dificilmente sentia a totalidade da sua força.

Projetou uma vibração, lendo a envolvência. Sentia uma caverna vasta por baixo, não muito distante. Haveria inúmeros esconderijos onde poderia abrigar-se durante tempo suficiente para arrancar as guardas da pele do Consorte, permitindo-lhe dissipar-se de volta ao seu centro de poder.

O Herdeiro abriu os olhos e a magia fazia-os brilhar, queimando a tinta com um silvo. Os seus ferimentos já fechavam. Projetou uma corrente de magia pela lança, chocando igualmente mimético e demónio da mente antes de libertar a lança para preparar outro golpe.

O Consorte bloqueou o golpe e insistiu no ataque, apunhalando com espigões despojados de magia e forçando o Herdeiro a ceder terreno.

Quando deixou de haver espaço, o Consorte fez crescer um membro sinuoso e canalizou magia para traçar guardas enquanto os outros membros atacavam. Sem poder para desperdiçar, cada guarda estava colocada com precisão para abrir rachas na pedra que suportava o chão.

Mas, antes que conseguisse completar a tarefa, o Explorador dissipou-se através da pedra ainda móvel do desabamento. Era uma tática perigosa. Magia avançou em torrentes do fundo e conseguiria arrastar os incautos para o Núcleo, impossibilitando o regresso.

Além disso, o estado intermédio teria tornado o Explorador suscetível a um ataque psíquico, se o Consorte ainda tivesse os seus poderes. Os miméticos eram eficazes a duplicar os talentos de servos menores, mas não conseguiam duplicar a complexidade da mente de um príncipe.

O Explorador não correu riscos, solidificando no momento em que ficou do lado oposto dos escombros, segurando a odiada coroa na mão.

Se colocasse a relíquia na cabeça, poderia ser o fim do Consorte, mas a fraqueza humana salvou-o.

– Ahmann! – O Explorador atirou a coroa ao Herdeiro enquanto a sua outra mão começava a traçar guardas para conter os demónios.

O Herdeiro segurou a coroa, mas, antes que conseguisse colocá-la sobre a cabeça, o Consorte traçou a última guarda e o chão desabou sob eles.

O Consorte estava preparado, transformando os braços do mimético em asas de demónio do vento enquanto alongava o corpo, tornando-o aerodinâmico.

Aproveitou uma corrente de ar ascendente e voou pela caverna enquanto os seus inimigos caíam.

Arlen cambaleou entre pedra caída, com o vento soprando-lhe contra a cara enquanto era atingido pelas pedras. Segurava Jardir numa queda livre semelhante enquanto o demónio voava para longe.

Pela segunda vez, arriscou dissipar-se. À superfície, a magia ambiente fluía sobre o solo em ondas e rodopios subtis, como um nevoeiro baixo. Ali, o chamado do Núcleo era uma coisa distante, como a grande trompa no Ribeiro de Tibbet. Ali, era um rugido trovejante, com os fluxos de magia assemelhando-se a grandes ondas tempestuosas que ameaçavam afogá-lo e arrastá-lo para as suas profundezas.

Observou as correntes, encontrando uma que subia e prendendo-a com a sua vontade. Navegou a corrente de magia, solidificando o suficiente para manter a coesão e resistindo ao chamado do Núcleo enquanto permanecia suficientemente leve para pairar.

Jardir soltou a lança, acelerando enquanto se debatia com a coroa. Conseguiu compreender finalmente e convocou a lança com uma sucessão de guardas rápidas. Regressou de forma quase ávida para os seus dedos e também se elevou.

Arlen olhou para cima, avistando o mimético enquanto pairava pela caverna. Apontou e viu Jardir segui-lo. Sem outra palavra, Arlen focou a sua magia num disparo concentrado, lançando-se contra o demónio como um dos foguetões de chama de Leesha.

* * *

Jardir esbanjava magia sem pensar enquanto perseguia Alagai Ka. Havia um limite para o que a Coroa e a Lança de Kaji conseguiam armazenar, mas os últimos meses de sacrifício teriam sido em vão se o demónio escapasse para condenar Ala inteira.

Mas o Par’chin estava com ele e a coroa voltara à sua testa. Tinha conseguido manter a sensatez quando o abismo se abriu e Everam voltava a erguer-se com eles.

Perseguiram a grande velocidade ao longo de quilómetros, reduzindo lentamente a distância até o demónio ficar quase ao alcance da coroa.

Percebendo a aproximação, o mimético encolheu as asas e caiu como uma pedra sobre um desfiladeiro profundo, desaparecendo momentaneamente.

O Par’chin mergulhou atrás dele enquanto Jardir voou para o desfiladeiro, acelerando em vez de deixar a gravidade atuar. O Par’chin flutuava no ar, virando-se desesperadamente para procurar o pai dos demónios. A magia ambiente era densa tão abaixo da superfície e Jardir soube que o demónio conseguiria esconder-se nela como um Vigia nas sombras.

Mas, se Alagai Ka podia esconder-se do Par’chin, não conseguiria escapar à visão guardada da coroa de Jardir. Jardir fingiu não o ver encolhendo-se contra a parede do desfiladeiro, com o corpo do mimético perfeitamente camuflado contra a pedra. Virou a cabeça, dando um momento de esperança à criatura antes de girar, golpeando mimético e demónio da mente contra a parede com uma barreira de guardas.

Atordoado, o demónio foi lento a reagir enquanto Jardir se aproximava, cobrindo-o finalmente com a bolha da coroa. O Par’chin placou o demónio em pleno ar, mais do que disposto a um confronto corpo a corpo enquanto guardas contra demónios mentais e miméticos se iluminavam na sua pele. Caíram no desfiladeiro, esmurrando-se.

Jardir seguiu-os para o fundo, arrastando a bolha consigo. O demónio tinha pouco espaço para manobrar quando embateram no solo. O Par’chin afastou-se e rebolou, sangrando de ferimentos profundos provocados pelos espigões sem magia que tinham coberto o demónio.

Mas os ferimentos do seu ajin’pal começavam já a fechar enquanto ele e Jardir avançavam. O mimético enfraquecido não estava à altura da sua força combinada. O Par’chin segurou um tentáculo com espigão na ponta e arrancou-o ao corpo do demónio. Jardir bloqueou espigões e girou a lança para deixar um corte profundo nas costas do demónio.

Sangue negro salpicou-os aos dois, mas isso só os tornou mais fortes. Jardir perdeu a noção do tempo enquanto lutavam, cansando lentamente o adversário.

Por fim, o mimético ficou demasiado fraco para suportar uma transformação, ficando preso numa forma mutilada. A seguir, perdeu a coesão por inteiro, derretendo-se para cobrir o chão com um muco fedorento, expondo o demónio da mente no interior.

Jardir investiu, erguendo a lança, mas o demónio fez algo inesperado. Ajoelhou-se à maneira krasiana, com as mãos no chão e os olhos baixos.

– Basta – disse, com voz rouca e cortante. – Rendo-me.

– Desde quando consegues falar?! – O Par’chin abriu a boca de espanto, parando de repente enquanto Jardir suspendia o ataque.

O demónio encolheu os ombros de forma quase humana.

– Quando me dissipei na vossa torre e não consegui fugir, voltei a formar-me com uma garganta e língua capazes de formular os vossos grunhidos primitivos.

Jardir ergueu a lança.

– Então Shanjat...

Outro encolher de ombros.

– Foi um servo útil.

A raiva aglomerou-se no espírito de Jardir enquanto canalizava magia para alimentar as guardas letais que continuavam tatuadas na carne do demónio.

– Terias agido de outra forma, filho de Kavri? – perguntou o demónio. – Quando demonstrou o teu povo misericórdia para com o meu?

Jardir abanou a cabeça. *Não permitas que Alagai Ka fale*, ensinava o Evejah, *pois é o Pai das Mentiras, cuja língua prateada conseguirá convencer os homens de que a noite é dia e de que amigos são inimigos.*

Mas o Par’chin avançou.

– O plano não mudou, Ahmann. Continuamos a precisar dele para levarmos isto até ao fim.

– Talvez – disse Jardir. – Mas será realmente isso o que desejamos, Par’chin?

– Hã? – perguntou o hortelão.

– É o Pai das Mentiras, Par’chin – sublinhou Jardir. – Enganou-nos em cada volta do caminho, nunca estando tão indefeso como parecia. Esvaziou Shanjat como um melão, matou Shanvah...

O Par’chin abanou a cabeça.

– Shanvah não morreu. Renna está com ela.

– E onde estão elas, Par’chin? – perguntou Jardir. – Onde estamos nós? Afastámo-nos muito do caminho onde isto começou.

A sua dúvida espelhou-se na aura do Par’chin enquanto olhava na direção de onde tinham vindo.

– Talvez consigamos encontrar o caminho pelas correntes...

– E se conseguirmos? – perguntou Jardir. – Retomaremos lentamente o caminho a mais de cem quilómetros do nosso objetivo?

O Par’chin franziu a testa.

– Mais um motivo para mantermos o demónio vivo.

– Ainda posso levar-vos à corte das mentes – disse o demónio. – Está perto. O servo e as vossas fêmeas só vos abrandariam agora.

Não havia mentira na aura do demónio. Jardir percebeu que conseguia lê-la melhor quando o demónio falava por si mesmo em vez de usar Shanjat.

– Voltará a tentar fugir – disse Jardir.

– Claro que sim – concordou o demónio. – Como tu voltarias, no meu lugar. Mas levar-vos-ei à colmeia.

– E às armadilhas que existirem pelo caminho – disse Jardir.

– A corte das mentes não é desprovida de defesas – replicou Alagai Ka. – A vossa sobrevivência a elas será, como dizes, inevera.

Jardir ergueu um dedo, canalizando poder para as tatuagens do demónio fazendo-o guinchar e contorcer-se.

– Não profiras essa palavra, escravo de Nie.

Libertou o poder e o demónio fixou nele os seus enormes olhos negros.

– Não sou escravo de ninguém.

* * *

– Que fará a tua jiwah quando não regressarmos? – perguntou Jardir enquanto marchavam pelo desfiladeiro até aos túneis mais além.

O polegar de Arlen passou sobre as guardas na sua aliança.

– Não sei. Ficará furiosa. Com o que aconteceu e comigo. Agrada-me pensar que levará Shanvah de volta para a superfície, mas.... Ren é teimosa.

Jardir riu-se.

– Algo que têm em comum.

– É fácil falares – ripostou Arlen. – Não é o teu bebé que corre perigo.

– Não sejas condescendente, Par’chin – rosnou Jardir. – Já perdi o meu filho mais velho na Sharak Ka e lutaste ao lado da minha filha mais velha no Outeiro. O teu sacrifício é maior que o meu?

– Jayan e Amanvah chegaram a adultos – disse Arlen, sentindo a garganta estreitar-se. – Tomaram as suas decisões na vida. O meu filho...

Jardir ergueu o braço e pousou-lhe uma mão no ombro.

– O medo de um pai pelos seus filhos não desaparece quando crescem, Par’chin.

Arlen acenou com a cabeça.

– Sim, suponho que sim. Não queria...

Jardir apertou-lhe o ombro.

– Claro, Par’chin.

– Os vossos sentimentos são patéticos – disse Alagai Ka enquanto seguia a passada de ambos com as pernas finas. – Serão o vosso fim.

Pretendera ferir com as palavras, mas Arlen percebeu que não tinham gume.

– Vi como lutam os teus. Quando matei um, os seus irmãos não ergueram uma garra para ajudar. Prefiro morrer por sentimentos do que viver num mundo sem eles.

A magia ambiente tornou-se mais forte enquanto marchavam, até Arlen sentir que nadava nela. As suas tatuagens canalizavam constantemente e enchiam-no de poder. Também Jardir brilhava com magia. Só o demónio permanecia baço. Continha com intensidade o seu poder para impedir que as guardas na carne se ativassem.

Arlen gastava o poder livremente, traçando guardas no ar enquanto seguiam, de silêncio, de confusão, de invisibilidade, camuflando a sua passagem para os muitos demónios por que passavam.

O brilho das suas auras não era a única luz. Arlen começou a notar que conseguia ver, mesmo com dificuldade, apenas com a luz natural. As muralhas produziam um brilho verde ténue. Olhando com maior atenção, encontrou líquenes presos à rocha húmida, pulsando com vida alimentada pela magia e emitindo uma luz ténue.

Enquanto a luz se intensificava, o ar perdeu o fedor de demónios, mas depressa adquiriu algo pior.

– *Gah!* – exclamou Arlen. – Que é este cheiro medonho, pelo Núcleo?

– Entrámos na despensa – disse o demónio da mente.

– Alamen fae – sussurrou Jardir, recordando a carta de Kavrivah. A expressão significava «os que estão abaixo da visão de Everam». – Guerreiros de Kaji feitos prisioneiros há cinco mil anos.

– Quantas gerações passaram? Duzentas? – Arlen abanou a cabeça. – Após um ano na grande guarda, outeireiros que nem sequer lutavam eram mais fortes que gente comum. Que acontecerá a alguém que passa cinco milénios a esta proximidade do Núcleo?

– Em breve verás – provocou o demónio. – Aproximámo-nos demasiado do território de uma das suas tribos. Cercaram-nos.

– Podias ter-nos avisado – murmurou Arlen.

– Sabias que aconteceria – disse o demónio. – A culpa é tua se não te preparaste.

– Não receias ser destruído no fogo cruzado? – perguntou Arlen.

– O gado conhece a futilidade de nos resistir – disse o demónio. – Mas raramente interferimos nos seus assuntos com outro gado. Quanto a vocês, serão mortos e comidos.

– São canibais? – perguntou Jardir, enquanto uma flecha silvava pelo ar e atingia Arlen no ombro.

– Nucleados sejam! – gritou Arlen, puxando o dardo. A haste era de uma qualquer planta fibrosa dura, com ponta de obsidiana afiada como uma lâmina.

Criaturas corcundas materializaram-se entre as pedras à sua volta, caminhando tanto sobre quatro membros como sobre dois. Nos rochedos por cima, outros saltavam e trepavam como macacos. Os seus dentes e unhas eram grossos e afiados. Estavam imundos e nus além de algumas bolsas e tiras de couro. Alguns transportavam arcos toscos de osso e tripa e outros armavam-se com lanças com ponta de obsidiana e clavas.

Os seus músculos finos eram duros e as auras brilhavam com magia.

Jardir expandiu a sua bolha de proteção, mas as criaturas atravessaram a barreira sem problemas. De igual forma, as guardas de invisibilidade de Arlen não tiveram qualquer efeito enquanto os combatentes da tribo avançavam, dirigindo-se diretamente para Arlen e Jardir.

Arlen olhou a aura do seu amigo. Estava distorcida pela indecisão e pela culpa. Aqueles seriam realmente os descendentes do exército de Kaji? Que lhes deveria? Resgate? Morte honrada? Ou as criaturas estariam perdidas sem remédio para a visão de Everam?

Arlen tomou a dianteira.

– Atenta no demónio. Resolverei isto.

– Par’chin... – Havia uma advertência na voz de Jardir.

– Não vou matar ninguém – disse Arlen. – Mas também não deixarei que façam de mim o que querem. Preciso de mostrar quem manda.

– Muito bem. – A aura de Jardir continuava agitada. De bom grado aceitaria alguns momentos para se limitar a observar.

O maior dos homens do Núcleo rugiu um desafio a Arlen, erguendo uma gigantesca clava de osso com lascas de obsidiana. As auras da tribo mostraram que era o seu líder e a sua aura palpitava com uma necessidade primitiva de dominar os recém-chegados. Bateu com a mão no peito.

Arlen manteve as guardas sem luz, batendo também no peito como resposta e avançando. A provocação funcionou e o líder atacou. Era mais pesado que Arlen, com braços longos que lhe permitiam alcance perigoso e com força e velocidade que quase estavam à altura de Arlen.

Quase. O ataque do homem do Núcleo foi tão tosco como a sua arma. Arlen esquivou-se facilmente e respondeu, acertando-lhe com um gancho nas costelas.

O murro teria atirado ao chão um homem da superfície, mas aquele aceitou-o com pouco mais que um grunhido, brandindo a clava contra Arlen.

Arlen voltou a esquivar-se, prendendo o pulso grosso e peludo com o antebraço. Imobilizou o braço, controlando a arma enquanto golpeava com o joelho o tronco do homem do Núcleo, uma, duas, três vezes.

Acolheu também aqueles golpes, curvando-se e mordendo-lhe o ombro. Arlen gritou e parou de conter os murros quando dentes afiados lhe rasgavam a carne. O homem do Núcleo arranhou-o com unhas afiadas e imundas, mas Arlen afastou-as com uma palmada. Um murro ascendente rachou-lhe o maxilar. Um pontapé fez o brutamontes cambalear para trás até bater com força contra a pedra.

O homem do Núcleo recompôs-se também daquele impacto, mais interessado no sabor a sangue na sua boca. Limpou-o dos lábios, farejando como um animal. A sua aura estava confusa, mas conhecia o sabor do sangue. As suas armas toscas nunca tinham feito um demónio sangrar.

Ergueu uma mão, guinchando, e uma chuva de flechas caiu sobre eles. Arlen traçou uma guarda no ar e as flechas foram defletidas.

Ouviu-se um grito vindo de cima e um dos homens do Núcleo lançou-se sobre Jardir com a lança erguida. Por instinto, Jardir esquivou-se ao golpe e cravando-lhe a lança no ar, atirando-o para o chão.

A aura de Jardir encheu-se de horror. Era uma rapariga, pouco mais do que uma criança. Puxou a lança, pretendendo salvá-la, mas o golpe fora certeiro. A rapariga cuspiu sangue e a sua aura apagou-se como uma vela.

– Barba de Everam. – Jardir estendeu dedos trémulos. – É verdade.

A rapariga tinha orelhas e olhos demasiado grandes. Dedos longos nas mãos e nos pés para segurar a rocha e para procurar na escuridão. Mas, com a aura extinta, Arlen conseguia ver os traços distintamente krasianos na sua face.

O líder já recuperava, com magia forte. O seu uivo foi rapidamente repetido pelos seus companheiros. A tribo inteira, homens e mulheres, avançou com clavas, lanças e arcos.

Várias mulheres traziam crianças às costas, mas os seus olhos não eram mais frios do que os dos guerreiros. Uma delas segurava uma criança que mamava com uma mão e usava a outra para agitar no ar uma clava cravada com lascas de obsidiana.

– Basta! – trovejou Jardir, batendo com a lança no chão e produzindo um trovão de magia. A sua coroa brilhava com poder, enchendo a caverna com luz.

Os homens do Núcleo estacaram, com os olhos grandes lacrimejando com o efeito da luz. Viraram-se para Jardir e Arlen ficou tenso.

– Erram – grunhiu o líder, caindo de joelhos e apoiando mãos e a testa no chão à maneira krasiana.

– Erram – repetiram imediatamente os outros, com a tribo inteira ajoelhando e entoando o nome.

– Erram? – questionou Arlen. – Parece-te que... – Um olhar às suas auras silenciou-o.

– Acham que sou Everam – sussurrou Jardir.

O demónio da mente silvou, divertido.

– É esta a tua fé, Herdeiro. Sempre consistiu em animais grunhindo na escuridão perante o que não conseguem compreender.

As mulheres avançaram, algumas trazendo crianças enquanto farejavam Arlen, ainda demasiado receosas para se aproximarem de Jardir. Começaram a ronronar e Arlen captou o odor da sua excitação. Uma curvou-se para lhe expor o sexo.

– Ei, já chega! – Deixou as guardas na sua pele brilharem.

– Erram. – A tribo voltou a cair de joelhos. – Erram. Erram.

– Sim, perfeito – murmurou Arlen. – Agora, somos os dois Everam.

– Ou nenhum de nós – afirmou Jardir em voz baixa. Arlen olhou-lhe a aura e começou a sentir-se preocupado.

É o pai das mentiras, recordou Jardir a si mesmo.

Mas que significaria isso se o Evejah fosse apenas um livro?

A guerra é, no seu cerne, engano, ensinava o dama Khevat. *Um grande líder deverá manter o seu encobrimento tão próximo de si que nem ele próprio pensará no assunto até chegar o momento de atacar.*

No entanto, Abban ensinou a Jardir que os melhores eram maioritariamente verdadeiros. O demónio tentava feri-lo, sim, mas isso não significava que mentisse.

– Erram – entoavam os alamen fae e Jardir pensou se os seus antepassados primitivos teriam feito o mesmo, transformando o céu numa divindade e inventando histórias para se consolarem durante a noite.

Jardir sabia que devia louvar Everam antes de dar os seus primeiros passos. Por vezes, duvidava que os dados de Inevera comunicassem a vontade de

Everam, mas nunca questionou a existência de um Criador todo-poderoso. Nunca duvidou que olhava os Seus filhos do Paraíso, orientando os seus caminhos e esperando-os ao fundo do caminho solitário.

Até Alagai Ka começar a sussurrar-lhe o seu veneno.

Mas Jardir tinha procurado o Paraíso quando estava repleto com o poder da Lança de Ala e não encontrara nada.

– Erram – entoaram os animais.

– Como pode Everam permitir isto, Par'chin? – perguntou. – Os Seus filhos, travando a Sua guerra, arrastados para longe da Sua vista pelos alagai. Abandonados durante centenas de gerações, vivendo e morrendo como...

– ... gado. – O Par'chin encolheu os ombros. – Já dizia isto às pessoas antes de nos conhecermos, Ahmann.

– E talvez estivesses certo. – Jardir sentiu-se arrefecer enquanto dizia as palavras. Sentia-se sozinho e vulnerável como nunca antes tinha sentido.

O Par'chin olhou-o, mas não havia satisfação na sua aura, nenhuma satisfação com qualquer triunfo.

– Que importa, Ahmann?

– Como podes perguntar isso? – disse Jardir.

– Muda o que temos de fazer – questionou o Par'chin – saber que precisamos de desferir um golpe numa qualquer guerra cósmica ou que nos limitamos a matar um ninho de animais que gostam de comer a nossa gente?

As palavras eram uma corda de salvação em alto mar e Jardir aceitou-a.

– Não muda. Com efeito.

– E isso significa que temos uma escolha para fazer – disse o Par'chin.

– Que dizes? – perguntou Jardir.

– Não temos tempo para salvar esta gente agora – disse o Par'chin. – Mas podemos ensiná-los a salvarem-se a si mesmos.

Arlen apontou as rochas no alto, onde demónios da pedra se reuniam.

– Os Pastores viram as luzes e vieram verificar o rebanho.

– Precisamos de os matar imediatamente – disse Jardir. – Não podemos deixar que comuniquem a nossa passagem.

Arlen abanou a cabeça, estudando as auras dos demónios.

– Não conseguem ver-nos. As nossas guardas não funcionam com esta gente, mas os demónios veem apenas uma luz.

Deixaram ambos a sua luz guardada perder intensidade, com Jardir puxando a sua bolha mais sobre o Par’chin e Alagai Ka.

Arlen aproximou-se do enorme macho que liderava a tribo dos homens do Núcleo, estendendo a mão para a sua.

– Dá-me a tua lança.

A princípio, o homem pareceu não compreender, mas Arlen apontou a arma com a outra mão.

– Lança.

O chefe arriscou um passo em frente, colocando rapidamente a lança na mão de Arlen e caindo de joelhos. A tribo inteira olhou com atenção.

– Guarda de perfuração. – Arlen ergueu um dedo luminoso e traçou um símbolo no ar. Pairou aí em luz prateada. Usou a sua magia para endurecer uma unha até conseguir gravar o símbolo na ponta de obsidiana da lança.

Alimentou o poder da guarda e ergueu-a para que a vissem. O símbolo refletia-se nos seus grandes olhos.

– Guarda de perfuração.

A seguir, virou-se e arremessou a lança a um dos pequenos demónios da pedra que avançavam para investigar a tribo. A arma rasgou a criatura com um clarão de magia, fazendo-a tombar no chão a seus pés. Arlen energizou a guarda contra demónios da pedra no seu pé, imobilizando o demónio que se contorcia puxando a arma.

A guarda não precisava de poder seu, fervilhando com o sangue negro. Arlen atirou novamente a lança para a mão do chefe e apontou o demónio.

– Mata.

O homem do Núcleo estacou. Arlen via que compreendia o significado, mesmo que não conhecesse a palavra, mas até aquele selvagem sabia que não devia atacar um demónio. Olhou a criatura que se contorcia sob o pé de Arlen.

Vertendo sangue negro. O homem do Núcleo tocou o sangue na ponta da lança, levando um dedo à boca.

– Mata – repetiu Arlen, daquela vez em krasiano.

Um brilho desvairado surgiu-lhe nos olhos e cravou a lança no demónio. A obsidiana guardada perfurou a armadura que antes julgara impenetrável e o homem do Núcleo gritou enquanto a magia lhe subia pelos braços acima.

Arlen virou-se para uma mulher, apontando as três flechas com ponta de obsidiana que trazia numa aljava às costas. Passou-lhas e Arlen voltou a usar uma unha para as guardar à sua frente.

– Guarda de perfuração – voltou a dizer.

– Gada de p’fuassão – grunhiu ela, com reverência, olhando as linhas de luz prateada que Arlen desenhava nas pontas das flechas.

Devolveu-lhe uma e a mulher percebeu o que queria, olhando as rochas no alto e avistando outro demónio. Puxou cuidadosamente a corda e disparou. O demónio guinchou e caiu do seu poiso.

– Gada de p’fuassão! – Outros avançaram para diante, estendendo as suas armas, repetindo as palavras uma e outra vez enquanto Arlen traçava guardas na obsidiana, armando-os contra os seus carcereiros pela primeira vez em milénios.

– Que achas que conseguirás com isto? – silvou o demónio da mente. – Ensinar animais a traçar guardas toscas em pedras não chegará para derrotar os guardiões da colmeia.

Arlen sorriu.

– Talvez não. Mas conseguirá chamar a sua atenção.

– Gada de p’fuassão! – A velha ergueu a lança e a nova tribo rugiu, erguendo as suas armas toscamente guardadas.

– Erram! – entoaram. – Gada de p’fuassão!

As fêmeas mais velhas dos alamen fae teceram histórias para a tribo como Jograis chin, comunicando com um misto de pantomina, sons imitados e uma forma mutilada de krasiano antigo que Jardir quase conseguia compreender.

Com cada tribo que conheciam, aumentava o número de mulheres que espalhavam a história da vinda de Erram com as guardas sagradas. Centenas de homens do Núcleo tinham guardas toscas gravadas, pintadas ou talhadas nas suas armas. Apressaram-se a usá-las, ficando mais fortes com cada alagai que matavam.

Alagai Ka silenciou-se, desagradado pela evolução dos acontecimentos, mas Jardir continuava a ter dúvidas.

– Não conseguirão vencer o inimigo – disse Jardir. – Salvamos os alamen fae ou condenamo-los?

– Nucleado seja se souber – disse o Par’chin. – Nunca acreditei no Paraíso, mas sempre quis morrer com uma lança na mão. Devemos-lhes o mesmo. Talvez seja essa a vontade de Everam. Talvez não seja.

– Costumavas ter a certeza de que Everam não existia – disse Jardir.

O Par’chin suspirou.

– Não me restam muitas certezas por estes dias. Esta gente poderá ajudar-nos... Poderão distrair a colmeia enquanto fazemos o que viemos fazer. Se tivermos

sucesso, será melhor para eles. Se falharmos, é provável que sejam comidos quando a postura terminar.

Jardir olhou-o e pareceu-lhe que o vão entre eles durante todos aqueles anos se fechou.

– É verdade. Que importa se Everam nos olha ou não?

– Costumavas ter a certeza de que nos olhava – respondeu Arlen. – Estavas disposto a matar-me por isso.

– Não me restam muitas certezas por estes dias – respondeu Jardir, repetindo as palavras do Par'chin. – Mas vejo que te fui injusto, meu amigo.

– Sim, talvez. – O Par'chin afastou o olhar. – Ou talvez tenha sido eu a fazê-lo. O passado é o passado. Não vale a pena deixarmos que nos prenda.



QUARENTA E UM

LUZ DAS MONTANHAS

334 DR

As chamas na fortaleza do duque foram extintas do interior, mas os portões não abriram com o amanhecer. Lanças da Montanha manobravam as armas de chama sobre as muralhas, disparando sobre quem se aproximasse. Guardadores penduravam-se das muralhas com cordas, alterando guardas com configurações novas e estranhas. Ragen não duvidava que, no pátio, se formaria uma grande guarda.

Os esgotos estavam infestados com nuclitas e os milneses pouco podiam fazer além de registarem os seus movimentos. A concentração aumentava quanto mais os túneis se aproximavam da fortaleza de Euchor.

Ragen precisava de estar em mil sítios, precisava de fazer mil coisas, mas, em vez disso, caminhava para trás e para diante numa sala de espera com um grupo de homens que se odiavam.

Derek e o conde Brayan olhavam-se com ódio sobre a cabeça de Jef, com os seus dez anos de idade. O seu destino seria decidido naquele dia, de uma forma ou de outra, mas, na sua opinião, o rapaz parecia não querer acompanhar nenhum dos dois.

Brayan esperava com o neto que partilhava com Euchor, o filho da princesa Hypatia, Toma. O Protetor Ronnell olhava o jovem Symon, primogénito da

princesa Aelia. Recém-chegados à adolescência, os rapazes eram famosamente problemáticos, mas, naquele momento, estavam sentados com severidade, olhando o tapete.

Em redor, aristocratas de sangue suficientemente ilustre esperavam com apreensão silenciosa. Era um dia com o qual todos tinham sonhado e que, naquele momento, se tornava um pesadelo.

– Porque demora tanto tempo, pelo Núcleo? – Ragen bateu com um punho na outra mão aberta. – Tenho coisas mais importantes para fazer do que esperar enquanto decidem.

– Arrogante. – O conde Brayan arreganhou os lábios. – Acreditas que já ganhaste.

– Não me importa quem ganhará – disse Ragen. – Que importa um voto do Conselho de Mães quando há um portal para o Núcleo como uma ferida aberta no centro de Miln?

A porta da câmara abriu-se. Keerin manteve o olhar no chão, recusando olhar Ragen.

– Receber-vos-ão agora, milordes.

No interior, Mãe Jone tinha a palavra no conselho. Nunca gostara de Ragen e era recíproco. Hypatia e Aelia ergueram olhares de desagrado do local onde se erguiam, juntamente com Mãe Cera, de expressão vazia. Elissa sentava-se num banco ao lado da cadeira de rodas da sua mãe com a face como uma máscara de porcelana.

Metade do corpo de Tresha perdera a vida, encostando-se pesadamente contra um dos lados da sua cadeira de rodas. A outra metade parecia verdadeiramente altiva.

– O conselho tomou uma decisão – anunciou Jone. – O Mensageiro Ragen será o próximo duque de Miln.

– Ragen I, duque da Manhã, Luz das Montanhas, Guardião de Miln.

Milhares tinham-se reunido para a cerimónia, enchendo a Catedral e a encosta da colina. Havia expressões severas, muitas imundas, a maioria receosa, sustendo a respiração enquanto as palavras eram proferidas.

A ausência de Derek era notória.

Ragen ajoelhou-se enquanto o Protetor Ronnell lhe colocava a coroa sobre a cabeça. Tinham sido os Guardadores de Ragen a fabricar a peça, um elmo feito

por encomenda de vidro guardado com duas pontas simples nas têmporas, simbolizando as montanhas gémeas de Miln.

Uma segunda coroa foi trazida, um aro estreito e guardado. Incapaz de se ajoelhar, Elissa manteve-se sentada enquanto o bibliotecário lha colocava.

– Mãe Elissa, duquesa da Manhã, Luz das Montanhas, Camareira de Miln.

– O Criador proteja o duque e a duquesa da Manhã! – gritou alguém, fazendo a multidão sisuda irromper em aplausos trovejantes. O som alastrou pelas fileiras de bancos e saiu pelas portas, alastrando pelas ruas.

Ragen ergueu-se, dando à multidão aquele momento de esperança, mas cada segundo lhes era prejudicial.

– Irmãos e irmãs de Miln. – A acústica da Catedral ampliou as suas palavras e fê-las repetirem-se com clareza sobre o alarido da multidão. A assistência silenciou-se novamente, suspensa do que diria a seguir. – Durante trezentos anos, Forte Miln foi a maior das Cidades Livres. As nossas muralhas eram fortes, tão fortes como o nosso empenho em proteger a nossa Biblioteca, o maior repositório de conhecimento humano desde o Regresso. Miln é a luz que impede a humanidade de voltar à Era das Trevas. Mas essa luz esmorece. Um coração negro malévolo cresce no centro de Miln, bombeando demónios como uma infeção para as veias da nossa cidade. Para sobrevivermos, deverá ser lancetado e purgado. Não devemos... não podemos... deixar que a nossa luz se extinga.

Elissa ergueu a voz para a juntar à dele.

– Até o perigo passar, o abrigo dos Guardiões e do recinto da Biblioteca não voltará a ser negado a quem dele precisar. Novos, velhos, os enfermos e os seus cuidadores serão bem-vindos na Catedral, onde o próprio Criador poderá olhar por eles com o abrigo de poderosas guardas eclesiásticas.

– Mas quem entre vós conseguir empunhar uma lança – continuou Ragen – ou apenas segurar uma besta com firmeza, quem souber tocar um instrumento, cantar ou traçar guardas com mão estável será necessário a Miln para conseguirmos sobreviver até ao amanhecer. – Ragen viu medo em muitos olhos e ergueu as mãos para pedir silêncio. – Não ordenarei que lutem sentado num trono. Não olharei do alto, vendo outros morrerem em meu nome. – Ergueu a lança. – Lutarei pela sobrevivência de Miln, mas não conseguirei vencer sozinho. – Ragen apoiou a haste da lança sobre o estrado e pousou um joelho no chão. – Por isso, suplico-vos que se juntem a mim, pois apenas juntos teremos uma oportunidade.

Houve uma pausa, com cada segundo parecendo alongar-se. Ragen percebeu que sustinha a respiração.

Até que um homem gritou:

– Sim, estamos contigo! – Outros espalhados pela Catedral manifestaram também o seu acordo.

Ragen levantou-se.

– Defenderão Miln?

Os gritos de «sim» foram mais rápidos desta vez, juntamente com gritos de júbilo e pés batidos.

Ragen ergueu a lança e falou com voz trovejante:

– Defender-se-ão uns aos outros?

As respostas foram abafadas enquanto a multidão fundia as vozes num rugido trovejante.

Atrás dele, Yon grunhiu.

– Não tem jeito para discursos, uma merda.

Outrora, Elissa tinha adorado os grandes degraus de mármore que dominavam o átrio principal da sua mansão. As visitas eram sempre forçadas a passar ao fundo, permitindo-lhe falar com elas do alto ou descer para os receber nos braços. Só familiares e criados escolhidos a dedo estavam autorizados a subir até ao piso mais elevado, um refúgio quando o dia se alongava.

Mas, naquele momento, cada passo era tortura. Conseguiu esconder os piores aspetos ao público, mas Ragen e os criados mais próximos sabiam. Nem sequer conseguia tentar a subida sem ajuda.

– Calma. – Margrit apoiava Elissa com um braço que parecia feito de pedra. – Não temos pressa.

Mas, no coração de Elissa, tinham. Tinha adiado aquilo tempo de mais e era quase tarde de mais. Por fim, chegaram ao piso de cima, com Margrit suportando a maior parte do seu peso enquanto se dirigiam à ala das visitas.

– Mas não quero morar numa oficina de Guardador! – gritou Jef. – Quero ir para casa!

– Eu sou a tua casa – disse Derek. – Sou o teu pai.

– Quero a mãe! – disse Jef.

– Achas que eu não quero? – ripostou Derek. – Mas não volta e não podemos ir ter com ela.

Elissa dobrou a esquina e o rapaz olhou para cima, vendo-a. Virou-se para o seu pai:

– Odeio-te! – A seguir, correu para o quarto e bateu a porta na cara de Derek.

– É tudo, Mãe – disse Elissa.

– Acho que não...

– É tudo. – Elissa tornou a voz mais grave e não precisou de dizer aquilo uma terceira vez. Margrit assegurou que conseguia manter-se estável sobre a bengala e partiu enquanto Derek erguia o olhar, notando a sua presença. Parecia também alguém prestes a fugir para o seu quarto e bater com a porta, mas manteve-se impassível enquanto Elissa coxeava lentamente até ele.

Derek curvou-se, mantendo os olhos baixos.

– Excelência, peço desculpa pela gritaria.

– Não precisas de ser tão formal, Derek. Se alguém tem o direito de me tratar pelo nome, serás tu. – Indicou o quarto de Jef com uma mão. – E não precisam de viver atrás da oficina de Guardador. Tu e Jef serão sempre bem-vindos aqui.

Mesmo assim, Derek recusou olhá-la.

– És generosa, Jef e eu passámos demasiados anos a viver como convidados de outros. Chegou o momento de seguirmos o nosso caminho.

– Derek... – Estendeu a mão para o seu ombro, mas viu-o encolher-se, recuando. Elissa exagerou na compensação do movimento, precisando de se apoiar na bengala. – Sinto muito.

Derek ergueu as mãos para se impedir de a olhar.

– Sei como isto te sobrecarregará. Sei que fazias o que achavas melhor para proteger quem tinhas a teu cuidado. – Indicou-lhe as pernas e a bengala com uma mão. – E sei que pagaste um preço pesado. – Por fim, olhou para cima. – Mas também sei que cada Mãe no conselho aprendeu guardas na Escola de Mães. Cera tinha Guardadores ao seu serviço. E, mesmo assim, foi a Stasy que deste aquele estilete.

– Eu sei. – Elissa sentiu os olhos humedecerem. – Não paro de me questionar porquê desde esse momento. Talvez houvesse Guardadores mais dotados, mas conhecia-a a ela. Era nela que confiava. Talvez tenha sido egoísta, mas não me ocorre outra pessoa que pudesse ter-se saído tão bem. Sem ela, talvez estivesse morta, tal como toda a gente naquela mansão.

Derek encheu os pulmões com uma inspiração demorada e vacilante.

– Compreendo e, pelo amor que sempre te tive, perdoo. Mas Jef tem o direito de crescer com mais do que um hóspede em casa da mulher que causou a morte a sua mãe.

– Não serve de nada. – Yon cuspiu no empedrado. – Semanas de luta e continuamos a perder terreno.

– E a Lua Nova é esta noite – recordou Derek, como se Ragen pudesse ter esquecido. O homem parecia esgotado, mas todos o pareciam e ninguém tinha lutado com tanto empenho quando a noite chegou. Com demasiado empenho, diziam alguns, correndo riscos desnecessários.

– Pretendo entrar na fortaleza antes que o Sol se ponha – disse Ragen.

– Como? – perguntou Yon. – Não conseguimos aproximar-nos o suficiente para atacar ou fortificar uma posição sem que disparem contra nós e os túneis estão cheios de demónios, mesmo durante o dia.

– Usarei um truque que aprendi com Briar. – Ragen levou-os para a rua, onde uma Herbanária e um grupo de aprendizas se ocupavam de grandes caldeirões em ebulição. – Todas as crianças de Miln têm recolhido raiz-porqueira – disse Ragen. – Vamos despejar isto nos esgotos e atacar a fortaleza de baixo.

Derek avançou com um brilho ávido nos olhos.

– Irei.

Os demónios guincharam enquanto o chá de raiz-porqueira era vertido para os antigos escoadouros que conduziam aos túneis dos esgotos. A mistura queimava carne dos nuclitas como se fosse ácido e Ragen conseguia ouvir o chapinhar enquanto os demónios fugiam.

As Lanças da Montanha não lhes deram tempo para fugir, seguindo-os com as suas armas de chama e munições guardadas, devastadoras nas passagens estreitas. Os Jograis de Keerin providenciavam apoio, tocando na retaguarda, com os seus instrumentos encantados com hora para que a música ecoasse pelos túneis.

Durante algum tempo, pareceu funcionar. Os demónios tornaram-se menos numerosos enquanto os milneses avançavam pelos túneis, aproximando-se das muralhas da fortaleza.

Então, dobraram uma esquina e descobriram a passagem bloqueada pelas Lanças da Montanha de Euchor, com as armas de chama apontadas.

– Para trás! – gritou Ragen, mas era demasiado tarde. As Lanças da Montanha abriram fogo e os túneis apertados que as suas tropas usavam com tamanha eficácia revelaram-se uma fragilidade.

Foram abatidos às centenas no caos desses primeiros momentos. Balas ricochetearam da armadura guardada de Ragen e uma delas atingiu-lhe o elmo e

quase o deixou inconsciente.

– Apanhei-te. – Yon segurou-lhe o braço, puxando-o para trás e escudando-o da passagem dos soldados em fuga.

Chegaram às ruas enquanto anoitecia. As forças de Ragen esperavam que os homens nos esgotos abrissem os portões, olhando horrorizados a debandada.

A seguir, as ruas em redor abateram e foi como se o Núcleo inteiro dali saísse, alastrando pelas ruas da cidade.

– Mestra! Asfixia! – gritou uma aprendiza de triagem na Escola de Herbanárias.

– Que aconteceu? – Anet correu para uma guarda que se contorcia no chão, respirando com força enquanto a cara escurecia com o esforço de respirar. Elissa mordeu o lábio para se impedir de gritar de dor enquanto acompanhava a passada com dificuldade, movendo a bengala.

– Combatíamos na Rua da Lua – disse um guarda jovem. Estava pálido, suado e imundo, mas parecia ileso. – Um demónio da pedra atingiu a sargento no peito, mas a sua armadura resistiu. Pensámos que estaria bem, mas começou a tossir e a cuspir sangue... – Calou-se, soluçando. – Por favor, tens de a salvar.

Elissa ergueu o estilete.

– Posso...

– Não! – ripostou Anet. – Cura essa mulher e conseguirás apenas matá-la mais depressa. – Despe-lhe a armadura.

Aprendizas cortaram as correias da couraça e puxaram-na, cortando também o casaco almofadado e a camisa por baixo. O guarda gemeu e virou-se.

– São só seios, rapaz – disse Anet. – Mamaste também num par deles. Olha. Precisas de ver o que um demónio conseguirá fazer, mesmo que a tua armadura resista.

O jovem guarda olhou a sua sargento, mas esta cobriu a boca com a mão e fugiu para vomitar.

Os espasmos da guarda aumentaram de intensidade, com a sua cara tornando-se roxa enquanto se esforçava para encher o peito enegrecido.

– Segurem-na. – Mãe Anet passou álcool sobre um ponto e pegou numa lâmina longa e fina, cravando-a no peito da mulher. O sangue esguichou e a mulher inspirou com dificuldade.

– O golpe partiu costelas e fê-las perfurar-lhe o pulmão esquerdo – disse Anet. – Se tivesses usado magia...

– O pulmão teria fechado com osso dentro. – Elissa cobriu a boca, horrorizada.

– Precisarei de a cortar para desimpedir o caminho antes de poderes começar a sarar – disse Anet. – Consegues mantê-la viva? Dar-me trabalho para trabalhar?

– Não sei ao certo – disse Elissa. – Mas posso tentar.

– Seja como for, não sei se conseguirei salvá-la – disse Anet. – Tentar é tudo o que está ao alcance de uma Herbanária.

Aprendizas fizeram a mulher respirar com ar de uma bomba enquanto Anet e Elissa traçavam e energizavam guardas de poder para manter a aura da mulher forte e para manter o coração a bater. O osso foi puxado do pulmão com fórceps e mantido no sítio enquanto Elissa sarava o ferimento, de dentro para fora, camada a camada.

– Incrível – considerou Anet. – Poder de vida e de morte nesse pequeno estilete.

– Acredita, Herbanária – Elissa apoiou a bengala no chão, cerrando os dentes para resistir à dor enquanto se endireitava – que até a magia tem limites.

Anet ficou hirta. Tinha examinado pessoalmente as pernas de Elissa, não dando maiores esperanças do que a Herbanária de Cera.

– Peço desculpa, Excelência. Não quis...

– Não deixemos que isso nos perturbe. – Elissa voltou-se para o guarda jovem. – Volta para a tua unidade.

– Sim, Excelência. – O homem curvou-se e apoiou a Lança da Montanha no ombro, encaminhando-se para a frente.

Mais corpos, mais gritos, vindos de todas as direções. O ar enchia-se de fumo e do cheiro a sangue, deixando Elissa zonza. Saboreou a magia do seu estilete para ganhar forças, mas, mesmo que conseguisse acalmar a dor constante e a fraqueza nas pernas, não conseguia fazer com que desaparecessem por inteiro.

– Excelência, estás bem? – O tom de voz de Anet alterou-se, passando de súplica a ordem. – Quando comeste pela última vez? Tens bebido água suficiente?

– Estou ótima – disse Elissa. – Apenas... preciso de apanhar ar.

– Claro – disse Anet. – Ordenarei a uma das raparigas...

– Deixa – interrompeu Elissa. – Preciso de um momento sozinha.

– Será como ordenas. Excelência.

Elissa virou-se rapidamente para que a Herbanária não visse o seu esgar de dor enquanto estendia a bengala e dava o primeiro passo agonizante. Encontrou o seu ritmo depois disso, avançando com uma passada lenta mas regular que lhe permitia manter alguma dignidade.

Saiu dos corredores da Escola de Herbanárias para o recinto da Biblioteca. Era verão, mas um vento frio chegava à noite enquanto o vento lhe puxava os alfinetes do cabelo.

Mulheres no exterior vieram imediatamente até ela. Todas elas esperavam que saísse, suplicando um momento do tempo da duquesa para aprovar esta ou aquela lista, para responder a mensagens, sanar disputas e resolver problemas.

– Agora não, senhoras. – Elissa voltou a empregar aquele tom de voz. – Vão à Biblioteca e procurem Mãe Mery. Receber-vos-ei a todas em breve, aí. Uma de cada vez.

As mulheres entreolharam-se durante um longo momento, mas, então, Mãe Jone surgiu, batendo com as mãos.

– Ouviram Sua Excelência!

As mulheres tropeçaram umas nas outras para fazerem vénias e para se apressarem até à Biblioteca, esperando conseguir um bom lugar na fila dos pedidos. Discutiam já a importância das necessidades de cada uma, disputando a rapidez de acesso.

– Obrigada – disse Elissa.

Jone acenou afirmativamente, oferecendo-lhe o braço.

– Claro.

Elissa aceitou o braço com gratidão, apoiando-se na mulher enquanto se aproximava dos Guardiões. As estátuas gigantes que cobriam o topo da colina à volta da Biblioteca e da Catedral formavam a mais poderosa barreira guardada na cidade.

Guardas da Biblioteca patrulhavam o local, hirtos, ouvindo os guinchos dos demónios, a música dos discípulos de Keerin e o ruído dos combates que ecoavam pelas ruas.

Os sons estavam próximos. Os demónios tinham evitado o recinto da Biblioteca, temendo o poder dos Guardiões, mas era Lua Nova e Elissa sabia melhor que qualquer pessoa o que isso significava.

Mal o pensamento lhe ocorreu, um demónio da chama correu pela rua acima, dirigindo-se para a barreira. Um dos guardas abateu-o com um virote guardado. Antes que parasse de se contorcer, um demónio da pedra surgiu noutra rua, avançando para a barreira com passos pesados. Os guardas dispararam contra ele, mas a sua armadura era grossa e os virotes provocaram-lhe mais raiva que dano. Chocou contra a barreira dos Guardiões e foi rebatido como uma criança.

Em redor, mais demónios surgiam. Tinham tido pouco sucesso ao início na passagem da barreira, mas, de repente, Elissa deu consigo a questionar-se sobre

o poder dos Guardiões. Se houvesse uma vulnerabilidade, os príncipes dos demónios conseguiriam encontrá-la.

A sua mão ansiava para alcançar o estilete, projetando nuclitas para longe da barreira, mas deixou de ser essa a sua função. Se os demónios passassem as guardas, as suas pernas aleijadas significavam que a sua presença seria mais uma fragilidade do que uma vantagem para os defensores.

Era duquesa e podia salvar mais vidas na Biblioteca, respondendo às perguntas daquelas mulheres do que na linha da frente.

– Pede reforços – disse a Jone. – Ordena aos guardas que armem todos os que forem suficientemente fortes para empunhar uma lança. – Jone acenou com a cabeça, afastando-se e Elissa regressou lentamente à Biblioteca, seguindo por corredores privados até aos aposentos de Mãe Mery.

Ouviu um grito imediatamente antes de dobrar uma curva, encontrando Mery e o seu marido, Jaik. Elissa não via Jaik há anos, desde os tempos em que, juntamente com Mery e Arlen, eram jovens e inseparáveis. Estavam demasiado embrenhados nos seus dramas próprios para perceberem a sua aproximação.

– Estou a ajudar! – exclamou Jaik. – Passei a noite a levar água aos feridos.

– O duque Ragen não pediu que os homens capazes carregassem água – disse Mery. – Pediu-lhes que pegassem em armas e combatessem. Os guardas da Biblioteca pedem ajuda.

– Eu a enfrentar demónios? – Jaik ficou incrédulo. – Enlouqueceste? Seria nucleado, sem dúvida.

– Rapazes com metade da tua idade fazem fila para se oferecerem como voluntários enquanto tu te escondes sob a túnica do meu pai – disse Mery. – Nem sequer te juntas aos Jograis.

– A minha música não é melhor do que os meus dotes com a lança – disse Jaik. – Sabes como me foi difícil.

Mery cruzou os braços.

– Sim, porque nunca te deste ao trabalho de ensaiar.

– É fácil para ti dizê-lo! – gritou Jaik. – Nem todos tivemos lições de órgão na Catedral desde que nascemos.

– Sempre encontraste quem culpar – disse Mery. – Começo a perceber...

– O quê? – quis saber Jaik. – Que começas a perceber?

– Que Arlen estava certo a teu respeito – ripostou Mery. – Que não tens ambição. Limitas-te a aparecer e a fazer o mínimo possível.

Jaik encolheu-se.

– Acaba por ser sempre isso, não? Comparar-me com o perfeito Arlen Fardos. Noite, tenho a sorte de teres sido sempre demasiado santa para lhe baixar as calças.

Mery riu-se, trocista.

– Esfreguei-me contra ele vezes suficientes para saber que também não estás à altura dele aí.

Jaik mostrou os dentes.

– E deixou-te, mesmo assim. Que diz isso a teu respeito?

– Basta! – bradou Elissa, batendo com a bengala no chão.

Mery e Jaik viraram-se quando ouviram.

– E-excelência! – Mery fletiu as pernas e afastou as saias enquanto Jaik dobrava atabalhoadamente um joelho.

Elissa apontou Jaik com um dedo.

– Se carregar água é o que fazes bem, Jaik, há muitos feridos na Escola de Herbanárias que precisam dela.

– Sim, Excelência. – Jaik parecia aliviado enquanto se afastava.

– Peço desculpa, Excelência – disse Mery. – Foi... indigno.

– Pareceu-me uma conversa adiada durante muito tempo – disse Elissa. – Mas será melhor guardá-la para depois da Lua Nova.

Ouviu-se um grito ao fundo do corredor e Elissa foi forçada a apoiar-se em Mery, mordendo o interior da face para não gritar de dor enquanto cambaleava tão depressa quanto possível para investigar.

Alcançaram Jaik na varanda larga com vista para as estantes da Biblioteca. Em baixo, acólitos subiam a correr dos níveis inferiores.

– Demónios! – gritou um rapaz de túnica. – Demónios nas catacumbas! – Acólitos, Mães e eruditos correram, espalhando papéis e entornando tinteiros numa fuga desenfreada. Demónios da chama esguios irromperam dos corredores inferiores, perseguindo-os entre as estantes.

– Noite. – Elissa sentiu o fechar da tenaz. Os demónios que se aglomeravam no exterior dos Guardiões não precisavam de entrar, apenas de impedir fugas enquanto os demónios da mente atacavam de dentro.

Os demónios da chama cuspiram fogo, mas as guardas que Arlen tinha gravado tantos anos antes cintilaram, transformando saliva flamejante numa brisa fresca. Demónios dos campos saltaram sobre frequentadores da Biblioteca em fugam, mas a rede guardada de Arlen voltou a cintilar, afastando-os das pessoas que se escondiam entre as estantes ou debaixo das mesas. Demónios saltavam como

bolas enquanto as guardas de Arlen os projetavam de uma estante para a outra, deixando-os atordoados enquanto os eruditos escapavam.

O perigo era maior no exterior, mas Elissa ergueu o estilete, gelando demónios da chama e projetando demónios uns contra os outros com guardas de impacto.

– Depressa! – Ergueu rapidamente uma barreira sobre o acesso mais próximo às catacumbas. – Para a Catedral! – As guardas do Templo eram das mais fortes em Miln, mas não eram apenas guardas a embeber as pedras em magia. A fé dava força às muralhas.

Elissa olhou Mery, vendo Stasy outra vez, mas, mesmo assim, retirou um estilete de hora da bolsa e ofereceu-o a Mery. A jovem Mãe guinchou e encolheu-se.

– Não posso tocar osso de demónio! O Criador proíbe-o.

– O Criador proíbe que deixes morrer esta gente toda por seres demasiado santa para tocar um estilete! – Elissa colocou-lhe o estilete na mão. – Cala-te e guarda.

Mery olhou-a, assustada, e aceitou o estilete. A filha do Bibliotecário revelou ser uma Guardadora competente enquanto desciam ao piso principal, encaminhando o pessoal aterrado da Biblioteca ao mesmo tempo que Elissa abria caminho até à Catedral.

Mas mais demónios subiam das profundezas, encontrando as fissuras nas barreiras erguidas à pressa por Elissa e Mery. Não conseguiam atear fogos, mas contornaram os humanos em fuga, tentando bloquear-lhes o caminho.

Um demónio saltou da varanda e Mery traçou corajosamente uma guarda a tempo de impedir que aterrasse sobre os ombros de Elissa. O demónio ressaltou da magia, aterrando no centro do grupo. Abriu uma Mãe anciã como uma vaca no talho e lançou-se sobre Jaik, que caiu para trás, encolhendo-se enquanto dentes afiados se cravavam no seu ombro.

Elissa atingiu o demónio com uma guarda de impacto, mas tinha já arrancado um grande naco do ombro de Jaik com os dentes quando foi projetado.

– Mestra! – gritou Mery. – Precisa de...!

– De continuar a fugir! – gritou Elissa. – Todos! Se não chegarmos à Catedral, estamos mortos!

Talvez nem isso o impeça. Guardou o pensamento para si mesma enquanto Mery ajudava Jaik a erguer-se, com sangue jorrando do ferimento. Cambalearam os dois ainda mais devagar do que Elissa enquanto os nuclitas se iam tornando mais numerosos atrás deles. Mais do que apenas demónios da chama, havia demónios da neve brilhantes, demónios da pedra de um cinzento-baço e

demónios dos campos esguios e com escamas verdes. Estes últimos ultrapassaram-nos, cortando a fuga para a Catedral.

Mas, nesse momento, as portas da Catedral abriram e o Protetor Ronnell erguia-se com fileiras de fiéis com túnicas ondulando ao vento. O coro.

– Corram! – gritou o Bibliotecário, apontando um caminho para a Catedral enquanto o coro começava a cantar. Os demónios, focados em Elissa e na gente que conduzia, foram surpreendidos pela *Canção da Lua Nova*. Guincharam e encolheram-se quando ouviram o som e os que se erguiam sobre duas pernas cobriram os ouvidos.

– Não parem! – gritou Elissa enquanto alguns dos eruditos olhavam, boquiabertos. – Para a nave!

O coro manteve as vozes fortes, mas, de perto, Elissa conseguia ver suor nas testas dos homens e mulheres, com incerteza nas vozes enquanto olhavam a horda cada vez mais próxima. Para a maioria, ou mesmo para todos, era a primeira vez que viam nuclitas de perto.

A canção susteve a torrente, à justa, mas Elissa não acreditou que durasse. Um demónio da neve cuspiu saliva gélida de uma varanda, atingindo um dos cantores na coxa. Cambaleou, chocado, e ouviu-se estalar quando a sua perna embateu no chão de mármore.

O cantor gritou, quebrando a harmonia, e os demónios foram rápidos a atacar. Saliva gélida e flamejante choveram sobre as fileiras enquanto demónios dos campos se lançavam com as garras erguidas.

Alguns no coro estavam protegidos pelas guardas nas suas túnicas, mas outros não. Um acólito ardeu, debatendo-se contra os seus companheiros e alastrando as chamas. Outros dois foram esventrados por garras de nuclitas, enquanto outros ainda escorregavam no mármore ensanguentado.

– Para trás! – gritou Ronnell. Elissa traçou guardas sonoras sobre as cabeças dos cantores para ampliar a sua música e conseguiram arrastar a maioria dos feridos para dentro, fechando as portas da Catedral.

Milhares enchiam já a nave, abrigando-se depois da evacuação nos seus lares e bairros. Olhavam, aterrorizados, mas as guardas resistiam, por enquanto.

Jaik deitou-se no chão, com Mery amparando-o numa poça de sangue crescente. Elissa caiu de joelhos a seu lado, traçando guardas que conferiram força a Jaik, mas tinha perdido já demasiado sangue e Elissa não podia criar mais ou fazer crescer o que o demónio tinha mordido. Conseguiu abrandar a hemorragia, mas a respiração de Jaik acelerou e ficou mais desesperada. A seguir, parou, com os seus olhos fitando o vazio.

Mery chorou, abraçando-o. As portas da Catedral estremeceram enquanto os demónios golpeavam as guardas. Pó caiu do alto e Ronnell ergueu o olhar para os enormes tubos do órgão.

– Continuem a cantar! – Correu para as escadas, para a varanda do organista e, percebendo a sua intenção, Elissa apoiou-se na bengala e coxeou atrás dele.

As portas voltaram a estremecer com o impacto de alguma força invisível. A magia podia suster os nuclitas, mas conseguiam arremessar grandes pedaços de mármore contra as portas pesadas até fraturarem.

Ronnell sentou-se diante das teclas do órgão, rodeado de três lados por painéis de botões. O órgão da Catedral tinha milhares de tubos controlados por cinco teclados, cada um com pedais dedicados.

Torceu as mãos trémulas, fazendo estalar dedos para se preparar para a tarefa. As pautas de Rojer estavam abertas à sua frente. Elissa tentou lê-las, mas os símbolos que os Jograis usavam para escrever música eram garatujas sem sentido para ela.

Lentamente, o Protetor começou a dar vida ao grande órgão, interpretando uma versão da *Canção da Lua Nova*. Mas a música tinha sido escrita para cantores e instrumentos de cordas e não para o enorme órgão de tubos com as suas centenas de teclas. O instrumento tinha maior poder e alcance, mas Ronnell esforçava-se para igualar a agilidade do alaúde de Keerin ou as vozes do coro. Mesmo que a música fosse reconhecível, parecia não ter qualquer efeito nos demónios que atacavam as portas da Catedral.

Elissa olhou por uma janela, vendo demónios a sair da Biblioteca para perseguir civis pelo recinto, flanqueando os guardas da Biblioteca junto à vedação. Havia combates nas ruas e sangue sobre o empedrado.

O cabelo escasso de Ronnell estava suado. As suas mãos tremiam, mas, mesmo assim, tocava, esperando encontrar uma amostra da magia de Rojer no instrumento inflexível.

Mery surgiu no topo dos degraus, com o vestido ensopado em sangue e com lágrimas escorrendo sobre as manchas vermelhas nas suas faces.

– Estás bem? – perguntou Elissa, mas Mery ignorou-a, passando por ela para pousar uma mão gentil no ombro do pai.

Ronnell virou-se, com olhos lacrimejantes.

– Não consigo, filha. Não tenho talento suficiente. O dom do Libertador ultrapassa-me.

Mery olhou-o tristemente.

– E se Arlen não for o Libertador, pai?

– Então os nucleados vencerão – disse Ronnell. – Nesta ocasião, teremos de acreditar que é. Que conseguia ver na noite mais escura, enviando-nos uma luz.

– Como pode ser o Libertador se está morto? – perguntou Mery.

Elissa inclinou-se, aproximando suficientemente os lábios para beijar a orelha de Mery.

– Está vivo. Agora mesmo, luta por todos nós. Por isso, se conseguirem tocar esta maldita canção, é agora o momento.

Mery olhou-a com curiosidade. Acabou por acenar afirmativamente, passando ao pai o estilete de hora enquanto Ronnell lhe entregava de bom grado o banco. Mery sacudiu os sapatos e sentou-se diante dos teclados, erguendo as pautas de Rojer. Deixou dedadas sangrentas enquanto passava as páginas, inclinando a cabeça para ouvir o coro.

As portas voltaram a estremecer e Elissa ouviu estalar.

– Vêm aí.

– Então impede-os – rosnou Mery, estudando as páginas como se fossem um compêndio de guardas.

Não era tom para uma jovem Mãe se dirigir à duquesa de Miln, mas Elissa sentiu-se consolada pela determinação nas palavras. Ronnell traçou guardas de proteção no ar à volta dos teclados enquanto Elissa cambaleava até à balaustrada, olhando a nave.

Milhares espalmavam-se contra a parede mais distante das portas que conduziam à Biblioteca, tentando afastar-se o mais possível dos demónios. Os que estavam mais próximos da parede, gemiam e gritavam, esmagados pela pressão da multidão irracional.

– Recuem! – Elissa ampliou a voz e o efeito foi duplicado pela acústica da nave em cúpula da Catedral. – Esmagarem os vossos semelhantes não vos salvará! Recuem e juntem-se ao coro! Cantem como se o mundo dependesse disso porque, esta noite, depende realmente!

Os membros restantes do coro, feridos e ensanguentados, tinham regressado ao seu balcão, com o teto ogival ampliando a canção esforçada. Com relutância, a multidão começou a cantar, murmurando palavras desconhecidas enquanto tentavam igualar a harmonia dos homens e mulheres experientes.

Um punhado de guardas com lanças e escudos guardados formaram um crescente a poucos passos da porta, esperando a brecha iminente.

Elissa traçou guardas de pressão para reforçar as portas, mas a madeira reforçada continuou a rachar. Não resistiriam muito mais.

Então, o órgão ganhou vida. Mery começou devagar, produzindo um som mais sentido no ar do que ouvido. Começou por acompanhar o coro, mas, enquanto a sua música ganhava força, começou a transcendê-lo. O som dos tubos aumentou em poder e volume, ecoando em todos os presentes e até nas pedras das paredes.

Mery tomou a dianteira, com o coro e os fiéis harmonizando com os tubos enquanto o volume continuava a erguer-se. No exterior, Elissa ouvia nuclitas guinchando de agonia e os sons acabaram por esmorecer. O golpear contra as portas cessou.

Elissa coxeou até à janela, vendo os nuclitas enchendo as ruas do recinto como ratazanas. Investiram contra os guardas que olhavam para a horda de demónios no exterior, ignorando o inimigo que corria para eles pela retaguarda.

Mas os Guardiões iluminaram-se e os nuclitas foram projetados para trás. Os círculos funcionavam nos dois sentidos, criando uma bolsa onde os seus defensores estavam a salvo.

Só nesse momento os demónios viraram as cabeças para olharem a Grande Catedral, aterrorizados, com a armadilha tornando-se clara para os seus cérebros primitivos.

O poder continuou a crescer enquanto a confiança de Mery crescia. O sangue de Jaik manchava as teclas e as páginas ao mesmo tempo que as passava para versos capazes de estilhaçar um demónio da rocha, de derreter o coração de um demónio da neve. Tecia cada um com tubos separados, tocando múltiplos teclados em simultâneo enquanto os seus pés alongavam as notas com os pedais.

Em redor, os demónios caíram de joelhos ou deitaram-se de barriga para baixo, contorcendo-se e guinchando. Elissa via o sangue negro saindo pelos seus olhos, ouvidos e narizes. Era uma morte lenta, mas não era menos certa do que uma lança no coração.

O poder continuava a intensificar-se. Miln aninhava-se num vale onde se fundiam as bases de duas montanhas. Como o teto em abóbada da Catedral, as montanhas ampliaram a música, fazendo-a ecoar pela cidade.

Trompas soaram à distância, ordenando cargas enquanto homens e mulheres rugiam. Os guinchos dos demónios ecoaram pelas ruas.



QUARENTA E DOIS

A COLMEIA

334 DR

– Dez minutos. – Renna parou no ponto de defesa mais fácil que conseguiu encontrar, mas todos os túneis brilhavam com luz ténue produzida por algum fungo nas paredes. Significava que conseguia ver com os olhos pela primeira vez desde a Lança de Ala, mas também a deixava exposta, mesmo com a capa guardada e o canto de Shanvah.

– Claro. – Shanvah ergueu a mão para travar o seu pai e ajoelharam-se os dois virados para fora, mantendo-se atentos enquanto Renna preparava o cuscuz.

– Queres um pouco? – perguntou Renna quando fumegou nas malgas.

– Não, obrigada. – Shanvah proferiu rapidamente as palavras sem falhar uma nota na sua canção de encobrimento.

– Não preciso de nada. – A voz de Shanjat era fria.

Conseguiriam subsistir facilmente durante um dia inteiro com uma única porção de cuscuz e um gole de água, mas, apesar da corrida para alcançarem Arlen e Jardir, se ainda estivessem vivos, Renna não podia ignorar as necessidades do seu ventre cada vez maior.

Quanto mais desciam, mais forte a magia ambiente se tornava e mais depressa o seu filho crescia. Outrora, Renna tinha-se questionado sobre a forma como a

rainha dos demónios conseguia colocar tantas crias no mundo, mas começava a compreender naquele momento.

Renna esvaziava duas malgas de cuscuz por refeição, parando para comer com frequência três vezes maior do que a necessidade de Shanvah e Shanjat. Usando isso para fazer um cálculo aproximado, passara uma semana desde que Shanjat começara a conduzi-los em silêncio para as entranhas do mundo.

Quando questionado, as respostas que Shanjat conseguia dar acerca do caminho eram limitadas, como se o demónio da mente se tivesse limitado a traçar um mapa no seu cérebro. Não sabia o que era o musgo brilhante, onde terminaria ou a distância que ainda tinham de percorrer para chegarem à colmeia.

Se não a tivessem já alcançado.

Renna comeu em silêncio, sentindo o seu ventre ganhar vida com o repasto. O músculo exterior duro que formara para proteger a criança não fazia nada para diminuir o choque e o desconforto dos seus murros e pontapés poderosos. Pressionou-lhe a bexiga e Renna dirigiu-se rapidamente para trás de uma pedra para se aliviar. Crescera tanto que receava que pudesse nascer a qualquer momento.

Espera só um pouco mais, implorou. Que aconteceria se a criança nascesse naquele momento? Poderia ter alguma esperança de o proteger?

Avançaram a bom ritmo quando acabou de comer. À frente, Renna ouvia sons familiares de batalha. O guincho de demónios, o fervilhar de guardas de combate. Poderia ser Arlen? Puxou pela faca e correu pelo túnel abaixo em direção ao ruído.

– Pai, acompanha-nos! – gritou Shanvah enquanto a seguia. – Se formos atacados, defende-nos e a ti!

Era simples para o Sharum alcançar Renna, cuja corrida era algo prejudicada pela gravidez. Usou magia para acelerar e tornaram-se os três um borrão de movimento enquanto corriam para a junção de túneis de onde o som se erguia.

Um grupo de humanos de aspeto selvagem tinha rodeado um demónio da caverna, golpeando-o de todos os lados com lanças com ponta de obsidiana. As suas auras ardiam com magia do núcleo e as armas cintilavam com guardas de batalha.

Renna reconheceu a caligrafia de Arlen e o seu coração acelerou.

– Passaram por aqui.

Shanvah acenou com a cabeça.

– O Shar’Dama Ka e o Par’chin armaram os alamen fae.

A vários metros de distância, o cadáver de outro demónio da caverna jazia com as pernas cortadas, vertendo entranhas e sangue negro do seu ventre bolboso. Dois dos homens do Núcleo jaziam por perto, com auras frias além do veneno que permanecia nas suas veias. Outro estava colado à parede com teia e metade da sua cabeça tinha sido comida.

Os homens do Núcleo urraram e uivaram enquanto derrubavam o segundo demónio. A magia fervilhava sobre o gume das suas armas e estremeciam, absorvendo mais poder ainda.

Os seus olhos estavam desvairados quando os alamen fae avistaram Renna, Shanvah e Shanjat. Aproximaram-se de todas as direções, da mesma forma que tinham rodeado o demónio, fungando e batendo com as mãos no peito.

A seguir, viram o ventre de Renna e a agressividade esmoreceu, conversando numa língua rudimentar que soava vagamente a krasiano. A multidão dividiu-se e uma velha avançou. O seu corpo continuava forte, mas o seu cabelo tinha embranquecido e Renna sentia o sabor do peso dos anos na sua aura.

A mulher estendeu a mão para ela. Renna quis recuar, mas percebeu que a anciã não lhe queria mal. As suas mãos eram ásperas e estavam cobertas de calos, mas eram surpreendentemente delicadas enquanto as passava sobre o ventre de Renna. Encostou o ouvido e riu-se alto, um som que fez os homens do Núcleo gritarem de júbilo. Tirou um dos fungos brilhantes de uma bolsa no cinto, misturando-o com água e traçando uma guarda térmica sobre a camada fina de terra sobre a pedra no piso do túnel.

– Renna – disse Shanvah, receosa, quando a mulher lhe estendeu a chávena fumegante.

– Fica calma – disse Renna. – Não quer fazer mal. Pelo que percebo, acham que dou sorte. – O chá que aquela Herbanária subterrânea servia tinha um cheiro horrível, mas susteve a respiração e bebeu-o de um trago. A mulher acenou com a cabeça e grunhiu com aprovação.

Os alamen fae olharam a seguir para Shanjat. Sem dúvida, o homem poderoso pareceria ser a maior ameaça, mas, quando um dos seus homens se aproximou dele, grunhindo e batendo com a lança, Shanjat não reagiu. O homem chegou mesmo a espetar um dedo no peito de Shanjat. Com uma palavra de Renna ou Shanvah, poderia ter partido o braço do homem do Núcleo, mas, sem ordem, permaneceu impassível e os homens do Núcleo perderam o interesse nele.

Mas Shanvah atraiu a atenção de vários dos homens. Caminharam à volta dela com as mãos apoiadas no chão, farejando o ar e grunhindo. Renna voltou-se para eles e arregalou os olhos.

– Pelo Núcleo! – Afastou o olhar. Vários tinham ereções visíveis.

Um dos homens do Núcleo estendeu a mão para tocar Shanvah e bastou. Segurou-lhe o pulso e torceu-o numa projeção de sharusahk que o fez dar uma cambalhota no ar. Pontapeou a ereção de um segundo homem do Núcleo e caiu ao chão, gemendo.

O homem seguinte recuou quando Shanvah silvou. Os dois que tinha derrubado recompuseram-se e todos os homens recuaram para a multidão crescente.

Renna olhou os outros, mulheres, crianças e homens menos agressivos, muitos empunhando armas guardadas por Arlen e Jardir, e pensou no que deveria dizer.

Antes de poder abrir a boca, um dos homens regressou com um naco de carne de alguma criatura subterrânea desconhecida. Ofereceu-a à sua Herbanária, apontando Shanvah e grunhindo.

Shanvah abriu a boca de espanto.

– Ele...

– Negoceia um casamento? – perguntou Renna enquanto a Herbanária se virava para iniciar as negociações. – Tão certo como o sol, ao que parece. Deve pensar que sou a tua mãe.

– Honra-me muito. – A voz de Shanvah mantinha-se neutra. – Recusa, por favor.

Renna estava prestes a tentar fazer isso mesmo quando outro homem avançou, oferecendo à Herbanária um couro escamoso e apontando também Shanvah.

– Queres esperar para ver até onde chegam? – perguntou Renna a Shanvah.

– Não tem graça, irmã – disse Shanvah.

– Suponho que não. – Renna alimentou as guardas na sua pele. Cintilaram, enchendo os túneis com luz. Olhou os homens. – Não está à venda, seus porcos de cobrição!

Os homens recuaram perante aquilo e ajoelharam-se rapidamente, seguidos pelo resto dos homens do Núcleo.

– Erram – começaram a entoar. – Erram.

A aura coletiva transformou-se e Renna puxou-a, absorvendo uma porção para conseguir lê-la. Imagens de Arlen e Jardir surgiram-lhe na mente e soube que não estavam muito distantes. Conseguia sentir por que túnel tinham seguido.

Mas havia algo novo no ar. Uma vibração que era quase um som, tão alta que pensou como era possível nunca a ter sentido antes. A seguir, recordou o cérebro do demónio da mente que tinha consumido e, instintivamente, compreendeu a origem.

– Irmã, o que foi? – perguntou Shanvah.

– Sei para onde ir – disse Renna em voz baixa. – Consigo ouvir a rainha gemendo na minha cabeça enquanto põe.

Jardir e o Par’chin olharam os alamen fae no alto das muralhas de pedra, esperando em silêncio que o bando de demónios das cavernas semelhantes a aranhas se aproximasse.

Os demónios das cavernas eram a estirpe mais comum de alagai que os demónios da mente comandavam como cães na despensa, guardando os primos distantes de Jardir como se fossem manadas de camelos. Os demónios passavam a sentir-se receosos. O território dos alamen fae tornara-se subitamente perigoso. Os camelos tinham começado a dar coices.

Mesmo assim, os alagai não estavam preparados enquanto os homens do Núcleo caíam sobre eles, vindo de cima, rugindo enquanto golpeavam com as lanças.

Os homens do Núcleo eram fortes e o seu entusiasmo pelo combate era impressionante depois de terem armas capazes de ferir os alagai. Durante séculos, os demónios tinham-nos tratado como gado, matando-os e arrastando-os para retalhar. Não voltaria a acontecer.

Os demónios da caverna torceram-se, mas as suas pernas articuladas e longas não tinham sido concebidas para atacar criaturas sobre o seu dorso. Os alamen fae eram demasiado rápidos, recuando perante os golpes dos demónios, mantendo-os distraídos enquanto a tribo atacava. Homens, mulheres e crianças juntaram-se à luta, com guardas toscas rabiscadas nas pontas das suas armas de obsidiana e nos escudos que Jardir lhes ensinara a fabricar com couro e osso.

Faíscas de magia ergueram-se desvairadamente pelo túnel enquanto clavas com farpas subiam e desciam. Tinham apenas uma fração do poder de armas guardadas dignas do nome, mas isso não travou os alamen fae. Golpes dos mais fracos mantiveram os demónios desorientados enquanto os membros mais fortes da tribo partiam membros e esmagavam lentamente os crânios.

A sua glória era infinita.

Um demónio conseguiu afastar-se, prendendo-se à parede do túnel e colocando-se fora de alcance. Flechas com ponta de obsidiana fizeram erguer faíscas da sua armadura até uma se cravar, seguindo-se outra.

Sabendo que não conseguiria escapar, o demónio virou-se para lutar, encolhendo-se para preparar um salto que o colocaria entre a tribo. Derrubá-lo-

iam, mas não sem grande perda de vidas.

Jardir ergueu a lança para matar a criatura.

– Ahmann, não! – gritou o Par’chin, segurando-lhe o braço.

Jardir franziu a testa.

– Tira a mão, Par’chin. Devo ajudá-los.

– Não podes. – O Par’chin tirou a mão.

– Porque não? – Jardir viu o demónio cair entre um aglomerado de alamen fae.

– Porque, tolo, a rainha sabe tudo o que os seus servos fazem – disse Alagai Ka, trocista. – Gado desgovernado não a preocupará. O Herdeiro de Kavri, sim.

– Tem razão, Ahmann – disse o Par’chin. – Neste momento, a coroa e as guardas escondem-nos. Mas, se começarmos a exibir poder real, isso será inconfundível.

Jardir segurou a lança com tanta força que as suas mãos doeram e o demónio riu-se com a sua gargalhada sibilante.

– Fere-vos sacrificar servos. Mesmo que sejam selvagens patéticos como estes.

– Foram o meu povo, outrora. – Jardir viu sangue salpicar a parede do túnel e soube que era demasiado tarde para ajudar.

– A rainha lê os pensamentos dos servos a esta distância da colmeia? – perguntou o Par’chin.

O demónio virou o seu olhar fixo estonteante para o Par’chin. Jardir começava a reconhecer a expressão mais como de troça do que de curiosidade. Como se Alagai Ka tentasse perceber como podiam ser tão completamente estúpidos.

– Estamos dentro da colmeia há dias, Explorador – disse o demónio e Jardir sentiu o sangue gelar. – A rainha mantém a sua despensa por perto. Quando a postura chegar ao fim, devorá-los-á aos milhares para repor as forças. As perdas da vossa inútil rebelião são insignificantes.

– Não são insignificantes – disse o Par’chin. – Servem um desígnio mais elevado.

– Sim, Par’chin? – perguntou Jardir.

– És tu quem fala sempre do destino – disse o Par’chin. – Sobre o Plano de Everam. Talvez tenha realmente um, afinal. Talvez não tenha abandonado esta gente. Talvez os tenha colocado aqui para nos ajudarem quando mais precisássemos deles.

– A que custo, Par’chin? – perguntou Jardir.

– Não importa o custo – disse o Par’chin. – A vitória justificará qualquer preço. Não é o que sempre disseste? Não é a tua desculpa para matares meia Thesa?

Agora, com a vitória tão próxima que conseguiremos tocar-lhe desenvolveste de repente uma consciência?

As palavras do hortelão fizeram Jardir hesitar. Olhou o seu velho amigo, tentando retirar os anos e ver o jovem hortelão inocente por baixo do homem duro e pintado.

– Recordas a primeira ocasião em que discutimos, Par'chin? – perguntou Jardir.

O filho de Jeph acenou com a cabeça.

– No Labirinto.

Jardir confirmou também com um aceno.

– Quando o Guardador de Fosso foi devastado pelas garras dos alagai e se preparava para o caminho solitário.

Os olhos do Par'chin brilharam.

– Tinha nome, Ahmann. Zaji asu Fandra am'Hessath am'Kaji. Era meu amigo. O homem que me ensinou guardas unilaterais e magia de fogo. O homem que poderia ter salvo se não o tivesses matado.

– Não sejas condescendente, Par'chin – disse Jardir. – Conhecia Zaji muito melhor que tu. Teve nas mãos aquilo com que qualquer guerreiro sonhará: uma morte gloriosa. Mas quiseste roubar-lhe isso, forçando-o a viver décadas como uma ruína inútil do homem que foi, ignorando os seus desejos. Tudo porque Arlen asu Jeph recusava dar alguma coisa aos demónios.

A aura do Par'chin inflamou-se e Jardir percebeu que a mensagem tinha atingido o alvo.

Arlen sentiu-se como se tivesse sido esbofeteado.

Não dês nada aos demónios. Um juramento de infância que passara a definir a sua vida.

Já o tinha quebrado antes.

Arlen olhou os homens do Núcleo, vendo-os derrubar o último demónio da caverna. Alguns pressionavam ferimentos que já tinham começado a sarar, mas dois jaziam friamente no túnel com as auras extintas.

Jardir estava certo. O homem que fora nunca teria deixado ninguém à mercê dos demónios, nucleado fosse o bem comum. Deixar gente para os demónios não era algo que fizesse o homem que a sua mãe o ensinara a ser.

– Disseste-me nesse dia que o Paraíso não era verdadeiro – disse Jardir.

– Não é. – A resposta de Arlen foi um reflexo, mas os seus pensamentos não igualavam a convicção na sua voz. Quem era ele para o dizer? – E, se este mundo for tudo o que temos, farei o que for preciso para o salvar.

– Incluindo sacrificar as vidas dos alamen fae como distração – disse Jardir.

– Não os forço a lutar, Ahmann – disse Arlen. – Fazem-no por sua livre vontade.

– Porque acreditam que somos deuses – afirmou Jardir.

Arlen riu-se.

– Há anos que dizes ser o Libertador sem ironia, Ahmann! Esta gente não enfrenta demónios por nós. Fazem-no porque estão cansados de serem escravos.

– São selvagens – disse Jardir. – Ajudamo-los a fazer o que desejam ou manipulamo-los para os nossos fins?

O demónio da mente voltou a rir com a sua gargalhada sibilante, um som sinistro e sombrio.

– São pouco menos selvagens que eles. Os dois apegando-se a ficções que não compreendem.

– Costumava pensar isso – disse Arlen –, mas, quanto mais descemos, mais vejo coisas que julguei serem ficção e que são suficientemente reais para tocar. – Enfrentou o olhar de Jardir. – O demónio disse-o. Se não tivermos sucesso, a maioria desta gente será comida, de qualquer forma. Será melhor que morram com lanças na mão.

– Poderiam não morrer de todo se lhes apontássemos a superfície e não o centro da colmeia – disse Jardir. – Se tens a coragem de sacrificar as suas vidas, dá-lhes a honra de o admitir.

Era uma chicotada inesperada do seu velho amigo. Com efeito, os seus papéis tinham-se invertido, pois o seu amigo sempre conseguira ver o Plano do Criador em tudo enquanto Arlen era atormentado todos os dias pela dúvida.

Mas, naquele momento... Naquele momento, o seu corpo inteiro vibrava com o chamado do Núcleo, uma canção que rugia dentro dele como um furacão. Era o poder encarnado, a origem de toda a vida no mundo e falava-lhe, sussurrando verdades mais importantes. O mundo estava desequilibrado e havia uma única forma de o reparar.

– Sim – disse Arlen. – É isso o que queres ouvir? Sei que não conseguirão vencer contra a colmeia, mas conseguirão desviar-lhe a atenção durante tempo suficiente para fazermos o que viemos fazer. Não se trata de roubar poços, Ahmann. É a maldita Sharak Ka. Ou vencemos ou todos perderão.

Jardir olhou os mortos com tristeza, mas acenou com a cabeça.

– Claro. Estás certo, Par’chin. – A dúvida turvava-lhe a aura.

Arlen olhou-o, confuso.

– Não ouves?

Jardir inclinou a cabeça.

– Não ouço o quê?

– O Núcleo – disse Arlen.

Jardir fechou os olhos por um momento.

– Não ouço nada.

O demónio da mente voltou a rir.

– Não ouças com os ouvidos – disse Arlen. – Não ouço realmente nada. É mais do que isso. É um sentido para o qual não temos um nome. Flui como a magia quando nos atravessa, comunicando mais do que as palavras conseguiriam.

Jardir inspirou fundo, com a aura acalmando enquanto ampliava a perceção da coroa.

– Sinto o abismo... sinto o seu poder. Consigo canalizar a sua magia, moldá-la à minha vontade, mas não... fala comigo.

– Talvez não lhe dês atenção – disse Arlen. – Porque tem muito para dizer.

Jardir cruzou os braços.

– E que te diz o abismo, Par’chin?

– Não é o abismo – respondeu Arlen. – A vida parte daqui, Ahmann, e não o contrário. Todas as criaturas vivas têm dentro de si um toque de magia e o sol fá-la desvanecer-se.

– Que dizes, Par’chin? – perguntou Jardir.

– Talvez exista um Criador, afinal – disse Arlen. – Apenas o temos procurado no sítio errado.

Seguiram em silêncio o rasto dos alamen fae, escondidos por guardas de invisibilidade e silêncio que nem os homens do Núcleo conseguiam penetrar.

Jardir acolheu o silêncio, ainda abalado pelas palavras do Par’chin.

Poderia ser verdade? Everam e Nie, o Paraíso e o abismo, tudo mentiras? Era blasfémia. Era loucura. E, no entanto, quando procurou no céu, encontrou-o vazio. E os demónios desconheciam Nie.

Mais e mais tribos se juntaram ao seu avanço enquanto se aproximavam dos túneis que conduziam ao centro da colmeia. Os homens do Núcleo adaptavam-se rapidamente e as guardas rudimentares mas eficazes que Jardir e o Par’chin lhes

tinham ensinado alastraram como pedras numa avalanche até cada pedaço afiado de obsidiana na despensa.

Jardir não podia negar a glória no que via. Aquelas almas torturadas, nascidas há centenas de gerações num cativeiro que não podiam compreender, erguendo-se finalmente contra os seus carcereiros.

Saíram-se bem, a princípio. Os servos não estavam preparados para a sua ferocidade pura ou para a rapidez com que as massas se armavam. Responderam em número insuficiente e foram chacinados.

Entraram numa grande caverna com estalagmites numerosas. Algumas tinham menos de dois metros, outras eram mais altas que os minaretes do Sharik Hora. Todas estavam quentes com magia. Seriam condutas do abismo?

Os alamen fae pareceram não notar, avançando pela caverna dentro como se ali tivessem estado muitas vezes antes.

– Par'chin – disse Jardir.

– Sim – concordou o filho de Jeph. – O sítio não bate certo.

De repente, demónios que se seguravam à rocha do lado oposto das estalagmites saltaram do esconderijo, atingindo os homens do Núcleo. Demónios da rocha apareceram atrás deles, posicionando-se para bloquear qualquer hipótese de retirada.

– Alagai'ting Ka viu-nos – disse Jardir.

– Ali. – Alagai Ka apontou uma pequena caverna em cima, no alto da parede mais distante da caverna. – Os meus irmãos usam aquele ponto elevado para olhar a despensa e escolher selvagens para abater.

– Para comer – corrigiu o Par'chin.

O demónio silvou.

– Não finjas superioridade, Explorador. Não és contrário a comer os meus semelhantes.

– Sim e não te esqueças disso. – O Par'chin olhou Jardir. – Espera aqui. Segue-me quando o demónio da mente estiver morto.

Jardir acenou com a cabeça, vendo a essência do Par'chin deslizar o suficiente para lhe tornar o corpo mais leve. As suas guardas de invisibilidade palpitaram quando se ergueu, voando como uma flecha para a entrada da caverna.

A caverna ficava demasiado distante para que a morte psíquica do demónio matasse os servos que enfrentavam os alamen, mas foi imediatamente aparente o momento em que os demónios perderam a orientação do demónio da mente, tornando-se outra vez animais. Os demónios da rocha abandonaram as suas posições como guardas da saída e investiram, ansiosos por se juntarem à

matança, enquanto os homens do Núcleo recuperavam alguma capacidade de resistência ao inimigo. Ouviram-se gritos e viram-se clarões de magia. Um misto de gritos humanos e guinchos dilacerantes de demónios.

Jardir não conseguia adivinhar como a batalha terminaria, mas não havia tempo para pensar. Empunhou a lança e ergueu-se no ar, com a bolha de proteção da coroa arrastando Alagai Ka consigo.

Aterraram numa projeção rochosa diante da caverna, vendo o Par'chin com a cabeça de um demónio da mente juvenil na mão. Parecia tê-la arrancado com as mãos nuas.

– Por aqui. – Alagai Ka fingiu não ter notado o corpo de um dos seus irmãos. Apontou a escuridão da gruta, longe do alcance do musgo fluorescente que crescia sobre as paredes da despensa. – Avançaremos rapidamente agora.

Jardir ficou tenso quando entraram no túnel estreito. Ainda conseguia ouvir a batalha enquanto os alamen fae lutavam e morriam para desviar atenções deles.

Sentiu uma dor esmagadora provocada pelo seu sacrifício, tentando perceber novamente como Everam podia tê-los deixado ali para sofrerem no abismo durante milhares de anos.

Se existisse Everam. Se o abismo não fosse apenas rocha fundida abaixo da superfície, ardendo com magia, como o Par'chin e o demónio acreditavam.

Os túneis tinham paredes lisas e mudanças de direção dramáticas, estreitando por vezes ou alargando abruptamente. Jardir sentia a magia fluindo através deles, ligando-se a incontáveis outros túneis para formar uma grande guarda tridimensional.

A guarda não era de proteção, como a que Jardir encontrara quando os demónios da mente atacaram a Fortuna de Everam, impedindo a aproximação de humanos. Os demónios não proibiriam a entrada do seu gado. Aquela guarda limitava-se a concentrar poder, canalizando-o como um remoinho até ao centro da colmeia, onde a rainha fazia a sua postura.

Como o Pai das Mentiras tinha prometido, avançaram rapidamente durante algum tempo, mas Jardir começou a notar que algo não estava bem. Os demónios miméticos que patrulhavam os túneis paravam, farejando o ar. Procuravam algo que não conseguiam perceber totalmente.

– Sentem-nos – disse o Par'chin.

– Como é isso possível? – perguntou Jardir. A coroa e a capa de Leesha protegiam-no e as guardas de invisibilidade do Par'chin brilhavam intensamente com poder. Alagai Ka estava preso dentro da coroa de proteção, incapaz de passar a barreira.

– As vossas guardas estão sintonizadas com estirpes menores – disse Alagai Ka. – Mesmo os meus irmãos e eu somos apenas um reflexo fugaz do poder da rainha.

– A coroa não tem guardas contra a rainha? – perguntou o Par’chin.

– Nem mesmo Kaji enfrentou uma e sobreviveu para contar a história – disse Jardir.

– Então sente algo, mas não sabe o que é – respondeu o Par’chin. – E os miméticos sabem apenas o que ela sabe. Talvez ainda consigamos avançar em bicos de pés.

– Com cada passo que dão, o seu poder cresce – disse Alagai Ka. – Em breve, será impossível esconderem-se dela.

Com efeito, pouco depois, um túnel aparentemente vazio cobriu-se com tentáculos com espigões de magia neutralizada na ponta. Os tentáculos embateram contra a bolha de proteção da coroa, mas os espigões penetraram e voaram como flechas. Jardir girou a lança, fazendo-os dispersar, mas um deles cravou-se na sua coxa.

Desarmado, o Par’chin moveu-se com força incrível, apanhando dois espigões no ar enquanto girava e se movia entre os outros. Atirou-os de volta para a parede do túnel na base dos tentáculos. Os espigões projetaram esguichos de sangue negro quando atingiram o alvo. Demónios miméticos afastaram-se da parede, erguendo-se sobre eles.

Jardir acolheu a dor enquanto arrancava o espigão da coxa, concentrando a magia para sarar o ferimento. Tentou afastar os atacantes do seu caminho usando a barreira da coroa, mas demasiado poder era dedicado a manter Alagai Ka com ele e não podia projetá-lo para fora com qualquer força. Os demónios aglomeraram-se no extremo do túnel e a bolha impediu que se aproximassem.

– Posso acabar com eles – disse o Par’chin.

– Não – replicou Jardir. – Precisamos de o fazer juntos.

– Se baixares a concentração e esse escudo falhar, Alagai Ka foge – disse o Par’chin.

Então talvez o Pai das Mentiras nos tenha levado longe de mais – comentou Jardir, apontando a lança ao demónio.

– Não podes esperar encontrar... – começou Alagai Ka.

– Acho que estás certo. – O Par’chin fixou um olhar frio no demónio. – Parece-me que conseguimos encontrar o caminho daqui em diante.

O Consorte leu-lhes as auras e percebeu que o jogo não podia continuar. Preparando-se, invocou as suas últimas reservas de poder, queimando a própria carne de dentro para fora para chamuscar as guardas letais tatuadas na sua pele.

Um clarão de agonia, tórrida e crua, e conseguiu libertar-se da derme arruinada, finalmente livre.

Livre, mas mutilado. A libertação quase o matou. O seu corpo precisava de reparação urgente e a sua aura brilhava menos do que os líquenes nas paredes da despensa. Estava demasiado fraco para lutar.

Imediatamente, o Consorte passou ao estado intermédio, tornando-se demasiado incorpóreo para um ataque físico. Permanecia aprisionado na bola do Herdeiro, mas já não conseguiam tocar-lhe.

Era um estratagema arriscado. Restando tão pouca magia, o Consorte não tinha a força para reconstruir o seu corpo. Mas só o Explorador conseguia dissipar-se e segui-lo, sacrificando as guardas que lhe protegiam a vontade. O Consorte esperou que o Explorador fosse tolo a esse ponto, mas até a estupidez humana tinha limites.

O Consorte alongou-se sobre o campo de batalha, projetando sombras que o faziam parecer solidificar num sítio. Os seus carcereiros morderam o isco, projetando grandes clarões de energia para o local. A maioria acompanhou a circunferência da barreira, mesmo que parte da corrente atravessasse dolorosamente o Consorte.

Os seus captores pagaram um preço pesado pelo ataque, revelando-se finalmente por inteiro aos miméticos. Com alvos visíveis, os demónios intensificaram os seus ataques, arremessando pedras e disparando espigões sem magia numa chuva letal.

O Explorador e o Herdeiro voltaram a ser demasiado rápidos para sofrerem danos sérios, mas distraíram-se, temendo o que o Consorte poderia fazer se o perdessem de vista por um instante.

Mas não era o Consorte o alvo mais recomendável da sua atenção. Estando tão próximos da rainha, esta passava a controlar diretamente os seus guardiões. Mantiveram a ofensiva, acrescentando guardas de calor e de pressão, impelindo os humanos pelo túnel até que, por fim, a coroa do Herdeiro foi inclinada e a bolha vacilou por um momento.

O primeiro instinto do Consorte foi ir até aos servos, mas tocar qualquer uma das suas mentes seria o mesmo que contactar a rainha. Veria o falhanço nas suas memórias, a traição à colmeia. Acima de tudo, sentiria a sua fraqueza. Seria o seu fim.

Não podia regressar à colmeia até o seu poder estar restaurado. Em vez disso, procurou o caminho mais próximo para a superfície que conseguiu encontrar e seguiu por ele sem pensar para onde iria. Milhares de quilómetros passaram num instante. Encontrou caminho para baixo e outro para cima, nadando através da crosta do planeta até deixar de saber onde estava e até o Explorador deixar de poder segui-lo.

– Nucleado seja! Foi-se! – gritou Arlen.

– Também nos iremos se não nos concentrarmos – ripostou Jardir.

– Estava certo. Era impossível perceber que direção o demónio tinha seguido, mas os miméticos que avançavam eram poderosos e não podiam ser ignorados. Individualmente, nenhum era tão poderoso como Arlen ou Jardir, mas, em conjunto, a vantagem era sua.

Os miméticos avançaram enquanto a barreira estava em baixo, ficando a poucos metros de distância antes que Jardir conseguisse endireitar a coroa. A barreira erguida passou a ser mais pequena, indo pouco além do alcance da sua lança.

Arlen provou a magia no ar, lendo a corrente da mesma forma que traduziria um pergaminho. A rainha estava por perto. Sentia o seu poder, ouvindo os seus urros com a mente. Arranhava as suas guardas mentais, tentando passar, mas as proteções resistiram. Aqueles demónios eram a sua última linha de defesa.

– Estamos quase lá, Ahmann – disse Arlen. – Ainda conseguiremos vencer, se insistirmos.

Jardir ergueu a lança.

– Nesse caso, não nos contenhamos, meu verdadeiro amigo. – Fez um mimético embater contra o seu campo guardado e baixou a barreira para investir e empalar a criatura, enviando ondas de magia letal através da Lança de Kaji. O demónio irrompeu em chamas, guinchando enquanto era reduzido a cinza.

Um mimético ergueu-se diante dele e Arlen traçou uma guarda de corte, rachando-o em dois. Os miméticos conseguiam sarar quase qualquer ferimento, fazendo crescer até membros decepados, mas era impossível fazerem crescer metade do seu corpo. Por um momento, as metades cortadas tentaram unir-se, mas Arlen pontapeou uma para longe, traçando uma guarda contra miméticos e outra para o projetar na direção oposta. A distância era demasiado grande, as metades perderam coesão e derreteram.

Uma pedra pesada atingiu-o no peito, mas Arlen envolveu-a com os braços e firmou os pés, recuando. Arremessou a pedra na direção de onde tinha vindo, abrindo um caminho entre os demónios. Correu para o vão, com Jardir na retaguarda, recuperando vários metros antes que os demónios conseguissem bloquear novamente a passagem.

Espigões sem magia foram arremessados contra ele. Arlen esquivou-se e defletiu os que podia, mas um deles cravou-se no seu flanco e outro no ombro. O mimético aproximou-se, envolvendo-o e sufocando-o.

Arlen energizou as guardas contra mimético na sua pele, dilacerando o demónio e cobrindo os seus companheiros com sangue negro e entranhas.

Jardir baixou a barreira da coroa enquanto o mimético investia e voltou a erguê-la entre as pernas do demónio, aprisionando metade de cada lado da bolha. Disparou uma rajada de magia com a lança, incinerando a metade do lado de dentro.

Arlen canalizou mais e mais poder, mas a magia parecia não ter limite ali. Sentia-se como Jardir na Lança de Ala, varrendo demónios poderosos para fora do seu caminho como trepadeiras incómodas cortadas pela faca de mato.

Sem a necessidade de prender Alagai Ka, Jardir começou a experimentar com a barreira da coroa, usando-a para prender miméticos com ele onde podia destruí-los no espaço limitado sem recear que os outros viessem ajudá-lo.

Lentamente, a princípio, conseguiram ganhar terreno pelos túneis abaixo. Arlen conseguia ouvir a rainha com os seus ouvidos. Era, em parte, o urro de um animal parindo e, em parte, um gemido de pânico e medo enquanto se aproximavam.

Percebendo que já não conseguiam retê-los, dois dos miméticos viraram-se e traçaram guardas de calor e de impacto, tentando fazer desabar o túnel. Arlen respondeu com guardas que transformaram as pedras que caíam em lama enquanto, juntamente com Jardir, faziam o avanço derradeiro. Passaram pelos últimos guardas e correram pelo túnel abaixo enquanto este se alargava numa câmara vasta.

Ali estava a rainha dos demónios, inchada e palpitante.

Tinha um crânio cónico semelhante ao dos seus príncipes, mas era enorme, com uma boca como a porta de um celeiro, suficientemente grande para engolir Dançarino do Ocaso inteiro. O seu corpo preenchia a câmara, sendo pouco mais do que um abdómen colossal e distendido, coberto de escamas e visco, expelindo o que parecia uma sucessão interminável de ovos. As suas pernas eram curtas,

vestigiais, sendo óbvio que não eram usadas há muitos anos, incapazes de suportar tamanho peso.

Na extremidade, uma cauda articulada com um ferrão de duas pontas pingando veneno que brilhava intensamente com magia. Ao contrário dos membros, o ferrão parecia ágil e forte. A rainha usá-lo-ia para matar as crias femininas antes que pudessem usurpar a sua posição.

Arlen queria saber o que aquele ferrão poderia fazer a um humano.

Pequenos demónios obreiros recolhiam os ovos, levando-os para a eclosão. Os obreiros não eram servos combatentes, desprovidos de armadura e garras e estacando quando Arlen e Jardir entraram antes de se virarem para atacar.

Os demónios chocaram contra o campo guardado da coroa, mas, nesse momento, Arlen sentiu o grito psíquico da rainha vibrando através dele, arrancando-o ao mundo.

A resposta foi imediata. Em redor, névoas fluíram para o interior da caverna, assumindo a forma de demónios da mente e dos seus guarda-costas miméticos, quase uma dúzia no total. Os últimos príncipes da colmeia.

Os demónios da mente eram cobardes por natureza. Não eram dados a atos de bravura ou de altruísmo, parecendo que nem eles conseguiriam ignorar as exigências da rainha e a sobrevivência da colmeia.

Ficavam mais fracos na passagem do estado intermédio ao estado sólido e Arlen e Jardir atacaram em simultâneo nesse momento. Arlen canalizou poder para as guardas de impacto sobre os nós dos dedos, cravando-os no peito de um demónio da mente enquanto Jardir cortava a cabeça de outro com um golpe da lança.

Antes, a morte de um demónio da mente enviara sempre ondas psíquicas de agonia que matavam os demónios em redor, mas ali, perante a presença avassaladora da rainha, o efeito era anulado. O mimético que se formou ao lado do demónio da mente que Arlen matou golpeou com força, as saliências de magia nula no seu tentáculo abrindo-lhe grandes sulcos no peito enquanto o projetava para trás.

Arlen acolheu o movimento, sarando já o ferimento enquanto energizava as guardas contra demónios da mente e miméticos tatuadas por todo o seu corpo e traçava outras no ar, fazendo dispersar os inimigos.

O campo guardado de Jardir expandia e contraía como um coração, harmonizando com os movimentos da lança. Repeliu demónios para conseguir espaço para atacar e, a seguir, reduziu o campo guardado para que a ponta da arma ficasse do lado de fora enquanto mantinha as mãos e o corpo protegidos.

Entretanto, a rainha urrava e agitava as pernas atarracadas, com o corpo distendido palpitando enquanto continuava a expelir ovos.

Um mimético lançou contra ele uma pedra pesada, mas Arlen segurou-a, pretendendo arremessá-la imediatamente de volta. Em vez disso, um dos demónios da mente traçou uma guarda de impacto e a pedra explodiu-lhe nas mãos, atirando-o ao chão, de costas.

Um mimético saltou sobre ele, cobrindo-se com placas de armadura de magia nula que as guardas contra miméticos não conseguiam repelir. Arlen ergueu-se com agilidade e energizou as guardas de impacto nos seus calcanhares para pontapear e repelir a criatura. Mas os tentáculos com farpas do demónio cravaram-se no piso rochoso, com o corpo esticando como uma corda de arco.

Quando Arlen preparou o pontapé, o demónio reagiu, fazendo crescer espigões sobre camadas endurecidas de músculo e de ossos fortalecidos que ricochetearam. Percebeu que gritava, mas mal o ouviu enquanto desviava poder para as guardas contra miméticos, encontrando o demónio sob uma armadura de magia nula e projetando-o para trás. Voltou a esquivar-se, mas, desta vez, Arlen traçou guardas de corte e os tentáculos que lhe permitiam apoio foram cortados. O demónio fugiu para o seu mestre.

Não houve repouso. Arlen rebolava já e erguia-se enquanto o chão onde estivera deitado explodia com fogo e ondas de choque. O solo sob os seus pés ficou subitamente escorregadio com gelo e perdeu o equilíbrio, precisando de rebolar novamente enquanto um jorro de ácido lhe ressaltava das costas. Queimando-o.

Jardir saía-se um pouco melhor. Os demónios não conseguiam atravessar o seu campo guardado, mas era escassa proteção contra a sua magia e projéteis. Pequenas pedras voavam de todas as direções no interior da câmara, irresistivelmente atraídas para a coroa.

Jardir ergueu um braço para proteger a cara, enfiando a coroa com mais força pela cabeça abaixo enquanto suportava o ataque. Baixou o escudo e voltou a energizá-lo para aprisionar no interior um demónio da mente e o seu mimético. Disparou uma enorme rajada de poder com a lança, incinerando-os antes que pudessem fugir, mas a desatenção saiu-lhe cara, sendo atingido por uma pedra pesada nas costas.

Quando caiu ao chão, um mimético trespassou-lhe o antebraço direito com um espigão, forçando-o a soltar a Lança de Kaji. Golpeou o espigão, destruindo-o antes que o demónio conseguisse puxá-la e cortar-lhe a mão. Mas, antes de conseguir soltar o braço, uma guarda de impacto pontapeou a arma para longe.

Jardir saltou atrás dela, mas outros demónios da mente reagiram, fazendo a arma deslizar pelo chão da caverna enquanto os miméticos lhe bloqueavam o caminho. Tentou traçar guardas de invocação para atrair novamente a lança para a sua mão, mas os demónios contrariaram a magia e a lança resistiu ao seu chamado.

O combate com os miméticos foi corpo a corpo, com Arlen e Jardir focando poder através de guardas nos punhos e pés, nos joelhos e cotovelos, enquanto se esquivavam, absorviam e suportavam rajadas de magia dos demónios da mente. Sem nunca cessar uma força insistente que sentia no cérebro provocada pelos demónios que tentavam superar as suas defesas e atacar-lhe a vontade.

Lentamente, os efeitos começaram a ser visíveis. Arlen respirava ruidosamente, com os seus golpes abrandando e as defesas lentas. Começou a sofrer mais golpes do que os que conseguia bloquear e era cada vez mais difícil sará-los. Mesmo tão perto do Núcleo, no centro da grande guarda da colmeia, onde a corrente era tão forte, sentiu a sua magia desvanecer-se. Os demónios canalizavam o poder de todos os lados, mesmo enquanto a rainha continuava a alimentar-se, e as reservas internas de Arlen esmoreciam.

Via que a aura de Jardir também perdia brilho, com a pele coberta de cicatrizes sangrando profusamente de uma dúzia de ferimentos e com o peito denunciando as inspirações desesperadas.

Perdiam e o mundo perderia com eles.

Um mimético estendeu-se como um cobertor para o envolver e Arlen deixou-o, extinguindo as suas guardas contra miméticos e acolhendo a criatura, encostando diretamente as tatuagens à sua carne sem forma. Antes que o demónio pudesse cobrir-se com camadas de proteção de magia nula, Arlen canalizou intensamente com as suas guardas, sugando magia ao demónio como sumo de uma laranja. Com a força restaurada, destruiu a carcaça sem vida.

Antes que os demónios da mente tivessem tempo de reagir, Arlen voltou-se para a pilha crescente de ovos cobertos de muco. Larvas de demónio palpitavam e contorciam-se dentro das cascas translúcidas. Arlen precisou de conter a náusea enquanto traçava uma linha de guardas de impacto, alimentando-as com grande parte da força que lhe restava.

Ovos estalaram, espalhando-se em todas as direções com um jorro de fluido quente e pegajoso e expelindo larvas palpitantes. Antes que a gravidade fizesse tudo aquilo cair no chão, Arlen acrescentou uma linha de guardas térmicas poderosas. Os símbolos ficaram mais quentes que saliva flamejante, incendiando

fluido e carne. Larvas guincharam e mirraram, debatendo-se enquanto ardiam. Fumo denso subiu para o teto alto da caverna.

Os demónios da mente guincharam quando viram aquilo, mas isso não foi nada por comparação com a rainha dos demónios. Os seus urros tornaram-se um rugido e encontrou nova força, erguendo-se sobre as pernas atarracadas e rastejando até ficar suficientemente próxima para golpear com o ferrão.

Arlen tentou esquivar-se, mas o ataque da rainha foi mais rápido do que julgou possível. Energizou as guardas de proteção na sua pele, mas não conseguiam protegê-lo contra uma rainha e as duas pontas do ferrão atingiram-no no flanco, bombeando veneno quente para dentro do seu corpo.

Era como engolir ácido em ebulição. As suas entranhas explodiram de dor e derreteram enquanto o veneno alastrava. Perdeu a força nas pernas e caiu.

– Par'chin! – Jardir estava a seu lado num instante, usando a mão para golpear como um machado a reticulação abaixo do ferrão. Guardas de corte formadas por cicatrizes no seu dedo mínimo e na palma da mão iluminaram-se com magia, cortando a cauda da rainha. Puxou o ferrão do corpo de Arlen. O órgão continuava a bombear veneno que fumegava e silvava quando caiu no chão de pedra.

Arlen invocou o que restava da sua magia para neutralizar o veneno, mas o veneno resistiu-lhe, empregando a sua própria magia.

Via na aura de Jardir a necessidade desesperada de o ajudar, mas a atenção do seu amigo dividia-se, esforçando-se para os defender do anel cada vez mais apertado de inimigos.

– Luta, filho de Jeph! – gritou Jardir. – Ala inteira depende disso!

Mas Arlen sentia a vontade de lutar sendo drenada. Forçou o veneno a sair-lhe pelo ferimento, mas o líquido escuro escorreu-lhe pelo corpo abaixo como saliva flamejante, com a carne derretendo num muco pútrido. Mais veneno ainda fluía pelas suas veias, usando os batimentos do seu coração contra ele enquanto se espalhava pelo seu corpo.

Arlen apoiou-se num braço e Jardir deixou-o para se focar em repelir sozinho os demónios em redor. Arlen tentou erguer-se, mas a câmara girava. Mal conseguia perceber o que ficava em cima e o que ficava em baixo e compreendeu que até levantar-se era um feito além das suas capacidades.

– Silêncio. – Renna cobriu-se melhor com a Capa de Invisibilidade enquanto, juntamente com Shanvah e Shanjat, entravam na câmara de postura.

Shanvah cantava há horas, mas a sua voz continuava pura e intacta, tornando-os parte dos túneis e da escuridão, parte da pedra. Os demónios, concentrados na luta com Arlen e Jardir, não os viram enquanto se moviam junto à parede, movendo-se pela enorme câmara.

Cada fibra do seu ser lhe gritava que os ajudasse, mas Renna sabia que seria uma batalha perdida contra tantos inimigos. Juntamente com os dois Sharum, eram poderosos e poderiam conseguir resistir aos demónios da mente durante um pouco mais ao lado de Arlen e Jardir, mas seria apenas adiar o inevitável.

Estremeceu quando o ferrão da rainha se cravou em Arlen, mas mordeu a língua e seguiu em frente, mantendo os olhos no único objetivo que importava.

A Lança de Kaji estava esquecida no chão, longe dos combates. Jardir não conseguia chegar a ela e os demónios não conseguiam tocar-lhe. Tinha sido esquecida enquanto a batalha prosseguia.

Renna engoliu em seco, forçando-se a não correr. A rainha e os demónios da mente focavam-se em Arlen e Jardir, mas a capa e a canção de Shanvah pouco a protegeriam ali, no centro da colmeia. Essa magia funcionava melhor quando ficava imóvel ou quando se movia com passos lentos e deliberados.

O bebé moveu-se no seu ventre enquanto pensava se estaria prestes a condenar a criança, a si própria, ao seu marido e amigos, tudo por uma hipótese improvável.

A lança estava a doze metros de distância. Dez. Cinco. Um.

Renna ergueu-a, sentindo o poder fluir do poderoso artefacto. Abandonou a sua passada lenta, conferindo magia mágica à sua corrida e saltando.

E, no último momento, os olhos da rainha voltaram-se para ela. Atacou com a cauda, tão rápida. Atingiu Renna de raspão e teria sido o seu fim, mas o ferrão tinha sido cortado. O coto atingiu-a com intensidade dolorosa, cobrindo-a com sangue negro. Virou-se no ar, sem nunca perder de vista o seu alvo.

O grito da rainha ecoou pela câmara enquanto Renna lhe cravava a Lança de Kaji no olho.

O globo explodiu, cobrindo-a com fluido. A cabeça da rainha dos demónios girou selvaticamente, com a boca gigantesca tentando mordê-la. Renna segurou um dos muitos chifres e resistiu, pontapeando os dentes gigantes num esforço desesperado enquanto tentava pressionar mais a lança com uma mão.

A Lança de Kaji pareceu ganhar vida. As suas guardas brilharam com intensidade cada vez maior enquanto canalizava o poder da rainha e o transformava em ondas de magia letal. A haste aqueceu e Renna foi forçada a soltá-la, com a forma da lança marcada na pele.

– Inevera! – gritou Jardir, mas Renna não percebeu se chamava a sua mulher ou a sua divindade. Atacou com a coroa, dispersando demónios com a barreira enquanto dava três passos largos e saltava. Desferiu um golpe poderoso contra o fundo da lança, cravando-a como um prego no crânio da rainha dos demónios.

O corpo inteiro da rainha debateu-se em resposta e Renna sentiu o seu grito psíquico repetido pelos guinchos dos demónios da mente e miméticos na câmara. Tentaram recuar, mas Shanvah e o seu pai esperavam, cravando as lanças em corações negros e frios. Renna saltou para longe das convulsões da rainha, aterrando agachada e traçando guardas térmicas e de impacto para dispersar os nuclitas que restavam.

Jardir começou também a guardar. Destruiu a entrada do túnel principal para impedir a fuga enquanto os demónios assustados e desorientados eram ceifados por Renna e pelos seus Sharum. Arlen continuava apoiado num braço, mas Renna via que canalizava poder, esforçando-se para queimar o veneno da rainha.

Por um momento, acreditou que tinham vencido.

Mas, a seguir, a rainha gemeu uma última vez e desabou. O seu ventre abriu-se, expelindo ovos numa grande torrente. Cobriram o chão com muco, tresandando e fumegando. Não parecia uma ameaça até ao último momento.

Seis ovos do tamanho de lobos saíram do ventre, partindo em contacto com o ar. Renna percebeu imediatamente que eram as novas rainhas de que Alagai Ka tinha falado. Ao contrário da criatura adulta e inchada que Renna tinha matado, aquelas eram esguias e prontas para a batalha, agachando-se sobre membros poderosos, com as caudas articuladas movendo-se como se tivessem mente própria e com os ferrões pingando veneno.

Os demónios da mente que restavam silvaram de deleite. Um deles, mais ousado que os irmãos, correu em diante com as garras erguidas, como se esperasse conseguir pegar numa das rainhas e fugir.

Em vez disso, a rainha cravou-lhe o ferrão. O demónio da mente atirou a cabeça para trás, espumando da boca e caindo ao chão, torcendo-se em convulsões.

As rainhas juvenis ainda eram pequenas, pouco maiores que Renna. A eclosão súbita deixava-as desorientadas e vulneráveis. Renna desembainhou a faca, avançando para terminar aquilo de uma vez por todas.

Mas, então, as rainhas começaram a brilhar.

Com auras já brilhantes de poder, as rainhas jovens sugaram a magia da sua mãe como bebés de mama. Enquanto o faziam, começaram a crescer. Em

segundos, tinham o tamanho de cavalos. Depois, de demónios da rocha. E o poder continuava a fluir para dentro delas.

Viraram-se para ela em simultâneo e Renna recuou, sentindo receio súbito. Havia inteligência nos seus olhos à altura do poder nas suas auras. Alagai Ka tinha dito que a primeira coisa que as rainhas juvenis fariam seria matarem-se umas às outras até restar apenas uma, mas parecia-lhe naquele momento que isso seria remetido para segundo lugar quando havia uma ameaça à colmeia.

Uma das rainhas saltou sobre ela, com as asas cobertas de muco abrindo-se nas suas costas, batendo furiosamente enquanto cobria a distância. Renna canalizou magia para resistir, mas a cria começou a pontapear desvairadamente e cambaleou, com o poder abandonando-a.

– Mata! – Shanvah apontou com a lança e Shanjat lançou-se para diante, intercetando a rainha no ar antes que conseguisse alcançar Renna.

A lança de Shanjat abriu um buraco no flanco da rainha juvenil, mas pareceu não ter notado. O seu escudo era feito de aço grosso com guardas poderosas, mas a rainha rasgou-o como se fosse papel, arrancando-lhe o braço com o golpe. As suas mandíbulas alongaram-se, cobrindo o guerreiro e engolindo-o com três dentadas rápidas.

Shanvah guinchou. Não era o som de uma filha enlutada, mas a força total da sua voz fortalecida pela magia, tentando repelir a rainha enquanto avançava.

Mas o som foi tão ineficaz como o escudo de Shanjat para travar as rainhas juvenis. Quanto muito, conseguiu enfurecê-las. Uma voou contra ela e Renna pôde apenas olhar enquanto Shanvah era cortada em duas partes.



QUARENTA E TRÊS

O NÚCLEO

334 DR

Arlen sentiu outra onda de náusea e tossiu, tentando respirar. Sentia algo na garganta que ardia e o engasgava. Tossiu violentamente, expelindo muco negro denso que silvou e fumegou na pedra. Tudo começou a girar. Renna, Jardir e os demónios que restavam.

– A mim! – gritou Jardir, erguendo o campo guardado da coroa. Renna cambaleou para a barreira dele, mas Arlen sabia que a magia da coroa não seria mais útil que o escudo de Shanjat ou a canção de Shanvah.

Não existem guardas contra rainhas. Se apenas um dos demónios da mente conseguisse fugir com uma rainha ou se fundassem ali uma nova ordem, Thesa inteira sofreria. Se mais do que um conseguisse fazê-lo, todos os que conhecia e amava estavam condenados.

Alagai Ka continuava ausente. O demónio teria planeado aquilo? Saberia o que aconteceria quando matassem a rainha? Teria sido sua intenção desde o início terminar o reinado da rainha anterior e iniciar uma nova dinastia? Arlen olhou em redor como se esperasse ver surgir o rei dos demónios, mas não havia sinais dele entre o caos.

O tempo pareceu esticar-se. O mundo flutuava à sua volta, um espetáculo de Jogral a que tinha deixado de prestar atenção. Seria o fim?

Abanou violentamente a cabeça, tentando regressar ao presente, mas, em vez disso, os seus pensamentos deslizaram para o passado.

Não finjo ver o caminho, dissera-lhe o Protetor Jona antes da Batalha do Outeiro do Lenhador, *mas sei que está lá, mesmo assim. Um dia, olharemos para trás e não perceberemos como nos escapou.*

Arlen julgou que eram as palavras de um tolo, mas, naquele momento, olhando para trás, tudo na sua vida conduzia inexoravelmente àquele momento, como se tivesse sido o destino a determiná-lo. A morte da sua mãe, encontrar a Lança de Kaji, a traição de Jardir, a doença no Outeiro do Lenhador. Cada momento era uma pedra pisada num caminho que o conduzira até ali, até àquele momento.

E tudo isso perderia o significado se não vencessem.

Uma das rainhas farejou experimentalmente o campo guardado de Jardir. Brilhava como sol refletido na água, projetando anéis concêntricos de luz enquanto pressionava o focinho. Recuou, continuando a competir com as irmãs para canalizar poder do corpo inchado da rainha anterior, mas, em breve, tê-lo-iam drenado por completo e seria impossível travá-las.

– Ren.

Renna pousou um joelho no chão, envolvendo Arlen com um braço e ajudando-o a sentar-se.

– Aguenta. Vais ficar bem.

– Não. – Segurou-lhe o braço com mão trémula e débil. – O veneno está dentro de mim.

Renna envolveu-o com o outro braço.

– Encontraremos uma forma de o travar. De os travarmos a todos. Como sempre fizemos.

Arlen voltou a tossir. O seu corpo começou a tremer, com os músculos contraindo-se, mas cerrou os dentes, forçando as palavras:

– Há um caminho. Ainda consigo ouvi-lo.

Renna hesitou.

– O Núcleo?

– Sim – gemeu Arne. – Penso que chegou o momento de o tocar.

Jardir virou-se para ele.

– Par’chin...

– Não sejas louco – disse-lhe Renna. – Não poderás regressar se o fizeres.

– Eu sei – disse Arlen.

Renna apertou-o contra si, mas começava a ficar dormente e mal sentia.

– Se vais, vou contigo.

– Não – implorou ele.

– Jurei que o faria – rosnou Renna. – Não vou permitir que me deixes para trás, Arlen Fardos.

– Não és só tu. – Arlen bateu atabalhoadamente com a mão no ventre dela. Os seus membros já não lhe obedeciam. Via que a mão a tocava, mas não conseguiu sentir o toque. – Não está certo tomares essa decisão pelo nosso filho. – A sua visão ficou turva, com as lágrimas fumegando quando escorreram até ao veneno nos seus lábios.

– Não posso perder-te – disse Renna. – Não te perderei.

– Não perderás nada – respondeu Arlen. – O Núcleo puxar-te-á quando chegar a tua hora e estarei à espera. Até lá, preciso que ames por dois o nosso filho.

Era mentira. Arlen desconhecia tanto como Renna ou Jardir o que havia do outro lado. Mas talvez fosse verdade e, nesse momento, todos escolhiam acreditar.

Renna soluçou, prendendo-lhe a cara nas mãos.

– Vou amá-lo por todos no mundo que o papá salvou.

– Se estiveres certo, Par'chin – disse Jardir – e o Paraíso ficar em baixo e não em cima, em breve estarás com Everam, ceando à Sua grande mesa.

– Vou pôr tudo na ordem. – Arlen encheu os pulmões com dificuldade. – Prometo.

– Juro, Par'chin. A Sharak Sun terminou.

Arlen sentia-se cada vez mais distante. Os seus sentidos esmoreciam, deixando-o cego. Mudo. Surdo.

Mas continuava a sentir o Núcleo rugindo-lhe pelo corpo, vibrando com a magia no seu centro.

O verdadeiro Arlen Fardos e não a carne que habitava.

O Núcleo puxava, oferecendo-lhe tudo e nada, apenas uma sensação de calor, segurança e possibilidade infinita.

Durante anos, o Núcleo chamara-o todas as noites e, de cada vez, tornava-se mais difícil resistir.

Naquele momento, finalmente, cedeu e respondeu ao chamado, dissipando-se e deixando-se afundar.

* * *

Continuou a descer, sem parar. Alcançar a câmara de postura da rainha exigira semanas de viagem subterrânea. Naquele momento, erguia-se sobre ele como o céu enquanto caía para o Núcleo, canalizando poder que ameaçava despedaçá-lo.

Não havia dor, apenas uma vontade de descontrair e deixar que a corrente o arrastasse para se tornar uma parte do todo.

E, nesse momento, Arlen queria apenas fazer parte dessa bela harmonia de poder. Era a própria essência da vida, crua e omnipotente, irradiando para o mundo no alto.

Ampliou a sua consciência, lendo a magia que fluía pelos trilhos incontáveis que iam e vinham da superfície. O sangue nas veias de Ala.

O mundo era maior do que alguma vez tinha imaginado. As terras por onde viajara durante a sua vida inteira eram apenas uma fração minúscula da sua grandeza. Oceanos, ilhas e continentes extensos. Por um momento, a sua mente estava em todas as partes em simultâneo.

Sentiu o Núcleo puxando-o, dissipando mais ainda a sua consciência, tentando dissolvê-la num todo único e omnisciente.

Tudo se tornou claro nesse instante. Compreendeu o que a vida era, a simples beleza da sua criação, a fragilidade da sua existência. A magia era poder puro, mas não tinha consciência, uma vontade que a governasse. Fluía do Núcleo em busca de todas essas coisas e, não as encontrando, criava-as.

Primeiro, pequenos tesouros demasiado pequenos para ver. Depois, formas de vida mais complexas e, finalmente, verdadeira consciência capaz de marcar o mundo de formas duradouras.

O Criador não deu guardas aos humanos. Os humanos criaram-nas por necessidade comum. Sozinhos, os símbolos não tinham qualquer poder. Era a determinação dos seus criadores, a esperança e as orações das massas que se acumulavam atrás delas.

Essa vontade coletiva canalizava a magia e dava-lhe estrutura e, por seu turno, essa magia impressa no mundo regressava ao Núcleo, tornando-se parte do todo. Conseguiria alguma vontade moldar tal vastidão? Era mais fácil lavrar o deserto krasiano com um ancinho. Usar um balde para esvaziar oceanos.

O veneno da rainha desapareceu quando se dissipou, mas Arlen continuava a derreter. O Núcleo puxava a sua vontade de todos os lados, incansável. Eterno. Era inútil resistir.

Não havia dor ali, não havia sofrimento. Arlen sempre enfrentara a morte, esforçando-se para se manter a si e a outros longe do caminho solitário. Naquele momento, percorria-o e fazia-o com coração leve. Deixou que começasse a dominá-lo, aninhando-o no coração de Ala.

Não me deixes, Arlen Fardos!

As palavras abalaram-lhe a consciência, um tabefe que arruinava a sedução perfeita do Núcleo.

Teria ouvido realmente a voz de Renna sem ouvidos, sentindo-a sem o seu corpo? Seria algo lido na corrente ou uma simples memória?

Importaria?

No momento anterior, estivera pronto para o caminho solitário, pronto para encontrar Everam, o Criador ou o esquecimento da omnisciência. Mas, como se recordasse um sonho perdido ao acordar, os seus pensamentos voltaram-se para Renna. Para Jardir. Para o seu filho.

Há quanto tempo se dissipara? Segundos? Dias? Anos?

Puxou a sua vontade novamente para si. Uno, vagueando no infinito. Não havia fuga possível. Podia resistir alguns momentos mais, mas pertenceria ao Núcleo no momento seguinte.

Estendeu os braços, com cautela agora, lendo as correntes que desciam da colmeia. Mal passara um instante e, como se olhasse por uma janela, conseguia ver o que acontecia quilómetros acima, na câmara de postura.

Jardir tentou mais uma vez traçar guardas para chamar a Lança de Kaji, mas a arma continuava presa sob o corpo da rainha, incapaz de regressar.

As rainhas juvenis tinham drenado o corpo da sua mãe de toda a magia, pairando sobre os outros demónios enquanto se aproximavam do campo guardado da coroa. Avançavam de todos os lados. A magia feria-as e enfurecia-as, mas não abrandaram.

Uma saltou para Jardir e este segurou-lhe as garras dianteiras nas mãos, torcendo para usar o ímpeto contra ela enquanto o ferrão lhe escapava à justa. Os seus murros eram ferozes e poderosos, mas a rainha aceitou os golpes e afastou-o com um movimento da cauda.

Jardir acompanhou o movimento, saltando no momento certo para escapar ao ferrão outra vez.

Everam, começou, mas não conseguiu formular palavras. Que importava a oração? Ou o Criador existia ou não existia. Ou os ajudaria na sua hora de necessidade ou não.

Arlen canalizou poder através das rainhas, lendo-o, conhecendo-as. A sua natureza tornou-se tão clara para ele, tão básica. Sentiu-se como um cego que

visse pela primeira vez.

Não conseguiria regressar para os seus amigos, mas mantinha vontade suficiente para moldar a magia que fluía do Núcleo para a câmara.

Não existem guardas contra rainhas. Mas isso não significava que não pudessem ser criadas.

Renna lançou a faca, atingindo o olho de uma rainha. O punho brilhava intensamente com poder, como a Lança de Kaji brilhara, canalizando o poder da rainha e transformando-o em magia letal.

Mas o golpe não foi suficiente para abrandar a rainha, que atacou com o ferrão. Renna esquivou-se ao golpe, prendendo o apêndice venenoso com o seu colar guardado de seixo de rio. Encaixou na saliência entre reticulações e puxou com força.

Mas a força da rainha superava qualquer coisa que Renna Fardos conseguisse duplicar. O cordão do colar envolveu-lhe os punhos e Renna foi atirada ao chão, com as mandíbulas do demónio escancarando-se.

Um clarão súbito chamou a atenção da rainha, com um símbolo formando-se no ar, traçado com fogo prateado. A princípio, as linhas alteraram-se e perderam definição como um demónio mimético, mas, a seguir, ganharam firmeza. A rainha guinchou e recuou um passo.

Mais guardas estranhas surgiram, cercando a câmara. Uniram-se a guardas contra demónios da mente e miméticos, criando um círculo de magia letal que começou a fechar-se.

* * *

Arlen fechou o anel e os demónios guincharam, contorcendo-se e ardendo. Como se esmagasse formigas no seu punho, matou cada demónio na câmara, de ovos a rainhas.

Renna e Jardir estavam a salvo naquele momento, mas não bastava.

Ampliou o poder pela colmeia, limpando-a de servos e passando à câmara de postura, matando uma geração inteira de demónios ainda nos ovos.

Mesmo assim, não foi suficiente. Pois, nesse momento de infinitude, Arlen ficou ligado com tudo em Thesa, lutando entre o enxame. Voltou a abrir-se, encontrando os seus amigos e os seus inimigos enquanto impunha a sua vontade à magia infinita do Núcleo.

Em Miln, onde demónios tinham começado a esconder-se debaixo da cidade para se protegerem do poder do grande órgão, as suas guardas purgaram os nuclitas dos túneis.

Junto ao Rio Angiers, onde o exército de Gared Lenhador lutava desesperadamente contra uma horda de demónios, guardas surgiram no ar, queimando os demónios nos campos.

No Outeiro, onde nuclitas se aglomeravam no limiar da grande guarda, ceifou as criaturas como erva. No Ribeiro de Tibbet, limpou os bairros.

Inevera combatia nas ruas da Doca quando Arlen devastou o seu inimigo.

Até mesmo na Fortuna de Everam, onde Amanvah e Asome comandavam os Sharum contra as legiões formadas pelos príncipes dos demónios, ampliou o seu alcance, criando guardas que os nuclitas não conseguiam superar. Caíram ao chão, encolhendo-se enquanto a sua carne fumegava e o seu sangue fervia.

Mesmo assim, não era suficiente. Havia ainda mais demónios no mundo. Ampliou mais ainda o seu alcance, querendo destruí-los a todos.

Mas, enquanto o fazia, Arlen percebeu que se abrira demasiado. A sua essência continuava a diluir-se no Núcleo enquanto se esticava cada vez mais. Naquele momento, percebeu que não restava quase nada.

Voltaste a esquecer-te de respirar.

Inalou a corrente uma última vez, saboreando a essência de Renna, do seu filho por nascer, e deixou que a magia o reclamasse.



QUARENTA E QUATRO

NASCIDO NA ESCURIDÃO

334 DR

– Arlen! – As guardas que se moviam em círculos à volta da câmara começaram a dissipar-se, deixando ecos nas pálpebras de Renna. – Arlen Fardos, volta para mim! Não consigo fazer isto sem ti!

A adrenalina continuava a fluir dentro dela, deixando-a zonza e agoniada. A câmara estava vazia além dela, de Jardir, dos cadáveres dos seus amigos e da ruína dos seus inimigos. O ar tresandava.

Jardir aproximou-se da rainha velha e enfiou a mão no seu olho estourado. Precisou de enfiar o braço quase até ao cotovelo até puxar para fora a Lança de Kaji, escorregadia com sangue negro e brilhando intensamente.

Voltou para Renna, pousando-lhe uma mão no ombro.

– O filho de Jeph teve uma morte gloriosa. A honra do teu marido era infinita.

– Nada disso me importa – afirmou Renna. – Quero-o de volta.

– Parece-me que não voltará – disse Jardir. – E não podemos ficar aqui.

Renna sabia que estava certo, mas o chão pareceu inclinar-se, com o peso das incontáveis toneladas de pedra por cima pressionando-a. Caiu de joelhos, agoniada e com um aperto no peito. Precisava de esforço para respirar.

E tinha as coxas molhadas.

– Criador, não – sussurrou, tocando o sangue e vendo-o acumular-se no chão. – Não aqui. Não agora.

Jardir olhou-a, com uma das joias na sua coroa brilhando debilmente, e compreendeu. O seu campo guardado, destruído pelo ataque das rainhas, reativou-se à sua volta, selando a câmara de eclosão.

Ajoelhou-se a seu lado, pousando a lança no chão e segurando-lhe as mãos.

– Paz, Renna vah Arlen am'Fardos am'Ribeiro. O teu marido era o meu ajin'pal, meu irmão de sangue. Não posso substituí-lo, mas honra-me estar aqui por ele. Não estás sozinha.

As suas palavras eram delicadas. A sua aura era sincera. Protegê-la-ia como se fosse a sua própria mulher, como se o filho fosse seu.

Renna tentou responder, mas sentiu a primeira contração e as suas palavras perderam-se enquanto cerrava os dentes e gemia.

Jardir apertou-lhe as mãos até passar, sem dizer nada, mas respirando de modo audível, com cadência regular, encorajando-a a fazer o mesmo.

– Tens muitos filhos, não é? – perguntou ela quando a contração passou. – Fizeste isto antes?

Jardir abanou a cabeça.

– Nunca. Os partos são responsabilidade das dama'ting. Mas não acredito que Everam e o Libertador nos fizessem sobreviver a tanta escuridão para nos abandonarem agora.

Renna apertou-lhe as mãos.

– Se sobrevivermos a isto, serás tu o maldito Libertador, Ahmann.

Semanas depois, Jardir saiu da Boca do Abismo. Um passo atrás, vinha Renna, com Darin Fardos aninhado contra o seu peito, dormindo, satisfeito e com a barriga cheia de leite.

O peso da pedra omnipresente sobre as suas cabeças cedeu lugar ao céu aberto, com o sol brilhando no alto. Jardir endireitou-se, inspirando profundamente o primeiro ar puro em meses.

Renna também endireitou as costas, semicerrando os olhos e erguendo as mãos para o sol.

– Gostava que os homens do Núcleo pudessem ver isto.

Jardir pensou nos milhares de alamen fae, livres pela primeira vez em milénios.

– As almas perdidas do exército de Kaji ainda não estão preparadas para ver o sol, mas o dia virá. Enviarei homens para reclamar a Lança de Ala e enviados

para trazerem os alamen fae para o nosso seio quando me sentar novamente no Trono dos Crânios.

Renna acenou com a cabeça, acariciando o topo da cabeça de Darin.

– Pequenos passos.

– Para onde irás?

– Para casa, calculo. Se continuar de pé. O rapaz tem família que estará ansiosa para o conhecer. Depois disso... – Renna encolheu os ombros. – Quis construir uma vida nova no Outeiro com Arlen, mas não sei se haverá lá sítio para mim, agora.

– Comigo, haverá sempre sítio para ti – disse Jardir.

– Como a tua décima sexta mulher? – perguntou Renna.

– Se o desejares – respondeu Jardir. – Entre o meu povo, é honroso que um homem case com as viúvas do seu ajin'pal. Não precisas de recear que te toque, mas essa jura permitir-te-á proteção permanente num lugar entre o meu povo.

– Não receio que me toques – disse Renna. – Já viste suficiente para murchar a lança de qualquer homem. Mas não precisas da autorização da tua Jiwah Ka para fazer uma oferta dessas?

– Inevera sempre soube que o Par'chin era especial – disse Jardir.

– Sim. Foi por isso que te convenceu a tentares matá-lo – concordou Renna. – Não me parece que me aceitasse de bom grado como irmã-esposa e acho que não gostaria de ser a Jiwah Sen de ninguém.

– Não importa – disse Jardir. – És a Primeira Esposa do Libertador, que cravou a Lança de Kaji no olho de Alagai'ting Ka. Terás um lugar de honra entre o meu povo, agora e para sempre.

– Continuo a não engolir essa tolice do Libertador – disse Renna. – Arlen fez o que precisava de fazer, mas isso não significa que tenha sido enviado pelo Paraíso.

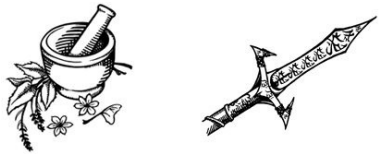
– Talvez – concordou Jardir. – Paraíso. Everam. O Libertador. Tais palavras passaram a ter significados diferentes, mas não posso olhar para tudo o que aconteceu e considerar que foi coincidência.

– Sim – concordou Renna. – A oferta significa muito para mim, Ahmann, mas acho que chegou o momento de encontrar o meu próprio caminho no mundo.

– Claro. – Jardir ergueu a mão, acariciando delicadamente o cabelo alourado da criança adormecida. – Mas rezo para que o teu caminho se cruze com o meu, de vez em quando. Gostaria de ver o teu filho crescer e conceder-te qualquer benesse ao meu alcance, agora ou no futuro.

– Achas que acabou? – perguntou Renna. A colmeia tinha sido destruída e o punhado de demónios que tinham encontrado enquanto vagueavam pelo labirinto de túneis até à superfície fugiram diante deles.

– A luz travará sempre uma guerra com a escuridão – disse Jardir. – A substância será sempre inimiga do vazio. Mas temos esta oportunidade de fortalecer os nossos laços, de expandir as nossas guardas e de inaugurar uma nova era de paz.



QUARENTA E CINCO

O PACTO

335 DR

Vieram ao Outeiro de Thesa e Krasia inteira, com as carruagens reais enchendo a estrada até ao palácio de Leesha e aí deixando os seus passageiros.

Os angieranos foram os primeiros a chegar. A duquesa Araine, acompanhada por Melny e pelo seu pequeno neto, Rhinebeck IV.

– O rapaz chora noite e dia – resmungou Araine, mas Leesha percebia que era apenas uma fachada. Há meses que Araine não tinha tão bom aspeto e Angiers recuperava lentamente sob a sua mão firme. Pawl acompanhava a duquesa como sempre e Leesha não conseguiu evitar um ligeiro desconforto ao recordar as palavras proferidas pelo rapaz sob controlo do demónio.

Os laktonianos chegaram a seguir, com Isan acompanhado pelos seus mestres de doca mais poderosos e pelos comandantes Dehlia e Qeran.

– Bem-vindo, duque Isan.

– Damaji Isan – corrigiu ele. – Pelo menos, até à assinatura do novo pacto.

O duque Ragen e a duquesa Elissa chegaram alguns dias mais tarde. Leesha sabia o que esperar, mas magoava-a ver os passos instáveis de Elissa, mesmo apoiada no braço firme de Ragen.

– Posso mandar que tragam uma cadeira de rodas – disse-lhe Leesha ao ouvido quando se abraçaram.

– Não, obrigada – agradeceu Elissa. – Passei tempo suficiente sentada durante os dias anteriores.

– Se permitires, gostaria de te examinar depois da cerimónia – disse Leesha. – Talvez haja algo que possa fazer que as tuas Herbanárias não possam.

Elissa apertou-lhe os braços.

– Talvez. Mas aprendi que há ferimentos que nem a magia conseguirá sarar.

Abban chegou antes do seu senhor para preparar a chegada de Jardir. O khaffit gordo passara a apoiar-se em duas muletas talhadas como camelos, mas sorria.

– Barba de Everam, é bom ver-te, filha de Erny!

Leesha conteve uma expressão de desagrado ao recordar toda a dor que causara, mas os conselhos que Abban lhe dera tinham sido sempre sinceros e pagou um preço pesado pelas suas falhas.

– Agrada-me ver-te recuperado, filho de Chabin – disse em krasiano.

Abban curvou-se tanto quanto permitiam as muletas.

– Nunca deixará de me espantar a velocidade com que aprendeste a nossa língua.

Leesha piscou o olho.

– Tive muita prática.

– Devo avisar-te – disse Abban – que a Damajah chegará com o meu senhor.

– Claro. – Leesha esperara-o. – Não seria adequado que o Shar'Dama Ka fizesse uma visita sem vir acompanhado pela sua Jiwah Ka.

Abban voltou a curvar-se.

– Vejo que compreendes os nossos costumes tão bem como a nossa língua.

O resto dos krasianos chegou pouco depois, com a sua guarda de honra de dal'Sharum recebida por Gared com número igual de Soldados do Outeiro. Leesha recebeu a delegação na sua sala de audiências, mas desceu do trono para os saudar com amizade. Wonda e Stela flanquearam-na, mantendo os olhos atentos.

Briar vinha com eles, parecendo quase irreconhecível com vestes negras de Sharum, banhado e penteado. Trazia uma criança ao ombro, acompanhado por uma Sharum'ting de turbante branco.

– Quem é? – perguntou Stela.

Leesha não respondeu, resistindo ao aperto que se formava na sua garganta enquanto Amanvah surgia, transportando uma rapariguinha nos braços. Kendall vinha com ela, trazendo o rapaz.

Por fim, Inevera e Ahmann foram anunciados. Os olhos da Damajah eram frios, mas o seu aceno de cabeça foi respeitoso. Jardir, parecendo belo e régio,

sorriu e abraçou-a enquanto Inevera os olhava atentamente.

– Pretendida.

– Podes parar de me chamar isso? – perguntou Leesha, sorrindo.

– Claro. – Ahmann curvou-se. – Logo que aceites a minha proposta.

– É possível que passes muito tempo à espera disso – respondeu Leesha. – Vieste assinar algo mais importante que um contrato nupcial.

Jardir sentiu Inevera eriçar-se ao ouvir as palavras.

– Só se concordarmos acerca da última...

– Paz, jiwah – disse Jardir. – Não haverá mais negociações. A minha dádiva para abençoar este dia.

– És demasiado generoso – silvou Inevera em voz demasiado baixa para ser ouvida pelos outeireiros.

– Devo concordar com a Damajah – disse Abban.

– Fiz uma promessa ao Par'chin – referiu Jardir, erguendo a voz. – Que seja cumprida e sem demora.

A cerimónia foi breve. O ministro de Leesha apresentou cinco cópias do recém-escrito Pacto das Cidades Livres, declarando formalmente o fim da Guerra Diurna. Os signatários reconheciam as soberanias uns dos outros, incluindo do recém-independente ducado do Outeiro e do restaurado ducado de Lakton. A Fortuna de Everam foi cedida a Krasia, mas com novas leis governando o comércio e o tratamento dos chin.

Havia também juras de unidade contra os demónios, mas parecia uma coisa distante. Os poucos demónios que restavam estavam desprovidos de liderança, cada vez mais repelidos dos seus territórios pelas grandes guardas crescentes.

Quando a assinatura de todas as cópias do documento foi concluída e testemunhada, o general Lenhador aproximou-se, batendo com a mão nas costas de Jardir da forma demasiado familiar dos hortelões. Os guarda-costas de Jardir ficaram hirtos, mas não lhes fez qualquer sinal para que interviessem.

– Os homens vão ao salão beber um copo e fumar – disse Gared. – Tu e Abban querem acompanhar-nos?

Os olhos de Jardir moveram-se para Inevera.

– Vai, marido. – As palavras sussurradas chegaram apenas ao seu brinco, mas Jardir conseguiu ver uma sugestão de sorriso atrás do véu translúcido. – Não matarei a filha de Erny durante a tua ausência.

Assistindo ao diálogo, Abban percebeu o aceno súbito de Jardir e virou-se para Gared.

– Certamente, filho de Steave. Seria uma honra. Por favor, mostra-nos o caminho.

Os hortelões eram informais. Homens de categoria diversa misturavam-se entre o fumo de cachimbo no salão. Mas, mesmo entre os chin, a verdadeira nobreza destacava-se. Os duques Ragen e Isan eram uma ilha entre a multidão.

Isan recuou um passo quando se aproximaram, mas Ragen retribuiu o gesto quando Jardir estendeu a mão para unirem punhos à maneira nortenha.

– É uma honra, duque Ragen – disse Jardir. – O Par'chin falou-me de ti muitas vezes. Se tiveres uma fração da honra que sempre te atribuiu, o teu lugar no Paraíso está assegurado.

– A honra é minha. – Havia cautela na aura de Ragen, mas a referência ao Par'chin ajudou a tranquilizá-lo.

Gared gesticulou e um tabuleiro de cerveja nortenha foi tra-zido.

– Pensei que pudéssemos brindar ao Senhor Fardos.

Jardir ergueu uma mão.

– Perdoa-me, filho de Steave, mas o Evejah proíbe...

– Coração negro de Nie, Ahmann! – gritou Abban, sobressaltando-os a todos e a Jardir mais que qualquer outro. Abban nunca ousava falar-lhe assim diante de terceiros. – És o Shar'Dama Ka. – O tom de voz de Abban parecia destinado a uma criança. – Podes editar o Evejah com uma simples ordem. Se uma fração da honra que atribuis ao Par'chin for verdadeira, poderás, desta vez, honrar os costumes do seu povo e brindar a ele.

Jardir pestanejou, sem palavras enquanto Abban levava a mão ao interior do seu colete, retirando uma pequena garrafa de barro e um punhado de minúsculas taças de porcelana.

– E trouxe a bebida ideal.

Os olhos de Ragen brilharam.

– Não me lembro da última vez que bebi couzi.

– Uma coisa horrível. – Gared parecia ávido, mesmo assim.

Abban distribuiu as taças, enchendo-as com a pequena garrafa.

– O Par'chin visitou muitas vezes a minha tenda e bebíamos três vezes antes de falar de negócios.

Jardir não disse nada enquanto Abban lhe enchia a taça. A última vez que bebera couzi não lhe correra bem. Era isso, mais que a lei evejana, a impedi-lo durante todos aqueles anos.

Abban ergueu a taça.

– Ao filho de Jeph, um negociador duro que nunca tentou enganar-me.

Todos se riram daquilo, encostando as taças e bebendo de um trago. Jardir fez uma careta enquanto o líquido lhe queimava a língua e a garganta como água a ferver. Os outros homens no círculo fizeram o mesmo.

Abban encheu novamente as taças e Ragen ergueu a sua.

– A Arlen Fardos, que era tanto meu filho como qualquer filho de sangue.

Voltaram a encostar as taças e esvaziaram-nas. Desta vez, não houve ardor. A boca de Jardir estava ainda dormente com a primeira taça. Descontraiu e soube que o seu amigo estava certo. O pacto não era a única coisa que devia ao Par'chin.

Abban encheu as taças uma terceira vez e foi Jardir o primeiro a erguer a sua.

– Ao Libertador, que se senta com honra à mesa do Paraíso.

Jardir não hesitou enquanto os outros homens abriam a boca de espanto, encostando a taça à mais próxima e esvaziando a terceira taça de couzi.

Desta vez, soube-lhe a canela.

* * *

Abrigada na segurança da ala das mulheres, Leesha estendeu avidamente os braços para a criança. Olive raramente mamava, comendo comida sólida tão vorazmente como mamara o leite da sua mãe. Tinha pouco mais de um ano, Darin mal chegar aos dez meses, mas os dois e o jovem Kaji já se perseguiam pela sala.

Mas Arick, o filho de Rojer, que ainda não completara seis meses, continuava sedento de mama. Leesha soluçou quando o aproximou do peito, vendo a face do seu amigo numa miniatura perfeita. A pele de Arick era mais escura que a do seu pai, mas o cabelo ruivo no alto da cabeça era inconfundível. Fechou os olhos e mamou satisfeito.

Amanvah passou Rojvah, a sua filha, a Inevera e aproximou um frasco de lágrimas, recolhendo delicadamente a humidade na face de Leesha.

– Honras o meu marido com o teu leite, mestra.

Leesha abanou a cabeça.

– A honra é minha.

– Sikvah ter-se-ia orgulhado de ver este momento – disse Amanvah. – Talvez consiga vê-lo do Paraíso.

– Será difícil dar de mamar a dois – disse Leesha.

– A princípio – concordou Amanvah. – Mas Ashia ajudou.

– Era o mínimo que podia fazer por um filho da minha irmã de lança – disse Ashia.

Leesha curvou-se para beijar o topo da cabeça de Arick.

– Crescerás forte, amamentado por uma Damaji'ting e pela Sharum'ting Ka.

– Além da duquesa do Outeiro – disse Elona, embalando a pequena Selen, que acabara de adormecer.

Inevera olhava-as com desconfiança, mas Araine segredou-lhe qualquer coisa e o riso da Damajah foi profundo e genuíno.

– É bom ver as crianças todas juntas como...! – Renna deixou a frase incompleta, atravessando a sala num instante para segurar uma jarra que as crianças tinham feito cair de uma mesa lateral. – Ei! Acalmem, seus diabretes!

– Desculpa, tia Ren! – disse Olive, mas Darin espetou um dedo em Kaji e fê-lo guinchar antes de recomeçarem a correr.

– Juro pelo Criador – murmurou Renna enquanto regressava aos sofás. – Aquele rapaz mais depressa me dará um ataque cardíaco do que o seu pai.

– Claro que nada deste ímpeto foi herdado da mãe – referiu Leesha.

Renna piscou-lhe o olho.

– Claro que não.

– Kaji não é nenhum inocente – disse Ashia. – Já nenhum berço consegue prendê-lo. O rapaz trepa como um Vigia, esgueirando-se a meio da noite para encontrar Briar.

– Olive limita-se a partir as grades – disse Leesha. – Nem quinze meses tem e é forte como uma mula.

– Se sair ao pai, será teimosa a dobrar – disse Inevera, fazendo Leesha rir-se. Ela e a Jiwah Ka de Ahmann poderiam nunca ser amigas, mas tinham deixado de ser inimigas e isso era um começo.

– Darin não se dá ao trabalho de partir grades – disse Renna. – Começou a dissipar-se para as passar à noite. Morro de medo que deslize até ao deserto ou até ao Núcleo para encontrar o pai.

– Consegue dissipar-se?! – Leesha tentou esconder o alarme. Renna tinha motivos para se preocupar. Olhou Olive, rezando para que a sua filha nunca aprendesse a fazê-lo.

– Só um pouco de cada vez – disse Renna. – Como um rato espremendo-se para passar por uma racha na parede. Até agora, nunca se transformou completamente em fumo, mas será uma questão de tempo.

– Noite – exclamou Elissa. – E pensava que Arlen tinha dado trabalho.

Todas se riram daquilo e, entre o choro dos bebés e os gritos das crianças que brincavam em redor, Leesha encontrou esperança de uma paz duradoura.

AGRADECIMENTOS

Na década desde a primeira venda de *O Homem Pintado,* um número infindável de pessoas ajudou a tornar realidade a sério *Ciclo dos Demónios*. Revisores, agentes, editores, pessoal do *marketing* e da publicidade, livreiros e vocês, caros leitores, merecem maior gratidão do que poderei algum dia transmitir. Mas, se puder fazer algumas referências...

Um agradecimento especial ao Dr. Bill Greene pelas informações botânicas e a Lauren Greene por trazer uma rapariguinha perfeita para a minha vida no dia em que este livro foi enviado ao editor. A Sirena, que tornou cada momento passado desde então um tesouro. E a Cassandra Brett, que se torna também uma pequena grande escritora.

A Myke Cole, que acreditou no meu trabalho antes de qualquer outra pessoa, motivando-me a enviá-lo a Joshua Bilmes, cuja equipa na JABberwocky Literary Agency tem funcionado como uma âncora de apoio.

Aos meus revisores, sobretudo Tricia Narwani e Natasha Bardon, que domaram uma primeira versão do texto com 1043 páginas, ajudando-me a poli-la até à perfeição, e a Laura Jorstad, editora de texto, que faz trabalho mais duro nos bastidores do que alguém poderá perceber.

A Larry Rostant, cuja arte de capa atrai olhares do outro lado de qualquer loja e aos modelos de capa, bem como à Millenium FX, que esculpiu um Alagai Ka de tamanho real. A Lauren K. Cannon pelas guardas que desenhou e a Dominik Broniek pelas suas ilustrações memoráveis. Aos narradores Pete Bradbury, Colin Mace e ao elenco e equipa da GraphicAudio. Aos editores e tradutores internacionais, cujo trabalho me leva a novos leitores por todo o mundo.

À minha assistente, Karen, que cuida tão bem de mim, permitindo que me concentre na escrita.

E a todos os que foram referidos em agradecimentos anteriores, a quem não posso voltar a agradecer por falta de espaço. Obrigado a todos... Não teria conseguido concluir esta viagem sem vocês.

COMPÊNDIO DE GUARDAS



GUARDAS DEFENSIVAS

As guardas defensivas canalizam magia para formar uma barreira (interdição) que os demónios não conseguem passar. As guardas são mais fortes quando usadas contra o tipo de demónio específico a que são destinadas e são usadas com maior frequência em conjunção com outras guardas em círculos de proteção. Quando um círculo se ativa, toda a carne de demónio é banida dos seus limites. Um grupo misto de demónios é referido como hoste.

DEMÓNIO DA MARGEM

Descrição: Conhecidos como demónios-rã ou sapeiros, estes demónios parecem-se muito com rãs comuns, mas são suficientemente grandes para engolirem humanos inteiros. Esperam em água pouco funda, saltando apenas quando as presas se aproximam. Um salto coloca-os em terra e projetam línguas longas e poderosas, prendendo as vítimas pelo tronco ou membros e puxando-as para as mandíbulas largas do nuclita. Os demónios da margem regressam em seguida à água, afogando a presa que se debate. Um grupo de demónios da margem é conhecido como exército.

DEMÓNIO DA CAVERNA

Descrição: Os demónios das cavernas, também conhecidos como demónios-aranha, têm oito patas articuladas e conseguem correr a grande velocidade. Conseguem segregar uma seda pegajosa que anula a magia, sendo invisível à visão guardada e imune a guardas de proteção. Preparam armadilhas e esperam os incautos. Estes demónios raramente se erguem até à superfície a não ser que sejam invocados por um demónio da mente. São mais comummente encontrados em cavernas profundas e nos túneis de uma colmeia de demónios. São os guardiões da despensa. Um grupo de demónios das cavernas é conhecido como ajuntamento.

 DEMÓNIO DO BARRO

Descrição: Os demónios do barro são nativos das superfícies de barro nos limites do deserto krasiano. Têm o tamanho aproximado de um cão médio, com músculos compactos e placas de armadura sobrepostas. As suas garras curtas e grossas permitem-lhes segurarem-se a qualquer parede rochosa, mesmo pendurados de cabeça para baixo. A sua armadura laranja acastanhada consegue camuflar-se contra uma parede de adobe ou uma superfície barrenta. A cabeça achatada de um demónio do barro consegue partir qualquer coisa, despedaçando pedra e amolgando aço. Um grupo de demónios do barro é conhecido como quebra.

 DEMÓNIO DOS CAMPOS

Descrição: Esguios e mantendo-se junto ao chão, com membros longos e poderosos e garras retráteis, os demónios dos campos são as criaturas mais rápidas sobre quatro patas quando podem acelerar em terreno aberto. Escamas duras nos seus membros e costas conseguem defletir a maior parte das armas, mas o seu ventre, quando exposto, é mais vulnerável. Um grupo de demónios dos campos é conhecido como ceifa.

 DEMÓNIO DA CHAMA

Descrição: Os demónios da chama têm olhos, narinas e bocas que brilham com uma luz laranja fumegante. São os demónios mais pequenos, indo do tamanho de um coelho ao tamanho de um gato grande. Como todos os demónios, têm garras longas e curvas e fileiras de dentes muito afiados. A sua armadura é composta por pequenas escamas sobrepostas, afiadas e duras. Os demónios da chama conseguem cuspir fogo em breves rajadas. A sua saliva flamejante pegajosa arde intensamente em contacto com o ar e consegue incendiar quase qualquer substância, incluindo metal e pedra. Um grupo de demónios da chama é conhecido como labareda.

 DEMÓNIO DO RELÂMPAGO

Descrição: Mesmo que os demónios do relâmpago sejam praticamente indistinguíveis dos demónios do vento, seus primos, a sua saliva está carregada de eletricidade capaz de paralisar uma vítima. Cospem enquanto mergulham, levando para cima as suas infelizes vítimas para as devorarem vivas. Um grupo de demónios do vento é conhecido como trovoada.



DEMÓNIO MIMÉTICO

Descrição: Os miméticos são os guarda-costas de elite dos demónios da mente. Menos vulneráveis à luz do que os seus mestres e mais inteligentes do que as estirpes menores, os miméticos funcionam como tenentes e são capazes de convocar servos nuclitas e impor-lhes a sua vontade. A sua forma natural é desconhecida, mas são capazes de assumir a forma de quase qualquer coisa que encontrem, de objetos inanimados a criaturas, roupa e ferramentas. Um dos seus truques preferidos é aprender os nomes das suas presas e assumir a forma de um amigo, fingindo-se em apuros e chamando as vítimas para que deixem a segurança das guardas. Um grupo de demónios miméticos é conhecido como bando.



DEMÓNIO DA MENTE

Descrição: Também conhecidos como príncipes nuclitas, os demónios da mente são os generais das hostes demoníacas. Sendo a única estirpe de demónios de sexo masculino, os demónios da mente são fisicamente débeis e não têm as defesas naturais dos outros nuclitas, mas possuem amplos poderes mentais e mágicos. Conseguem ler e controlar mentes, comunicar por telepatia e implantar sugestões permanentes. Conseguem traçar guardas no ar e energizá-las com a sua própria magia inata. Os servos nuclitas obedecem a todas as suas ordens mentais sem hesitação e sacrificarão as vidas para os protegerem. Sensíveis até à luz da lua, os demónios da mente só se erguem nas três noites consecutivas do ciclo da Lua Nova, nas horas em que a noite é mais escura. Um grupo de demónios da mente é conhecido como corte.



DEMÓNIO DA ROCHA

Descrição: A maior das estirpes nuclitas, os demónios da rocha podem medir entre um metro e oitenta e seis metros. Enormes aglomerados de músculos e arestas afiadas, possuem carapaças grossas com saliências ósseas e as suas caudas com espigões conseguem despedaçar pedra. Erguem-se sobre dois pés com garras e têm braços longos e torcidos que terminam em garras do tamanho de facas de talhante e fileiras múltiplas de dentes semelhantes a lâminas. Não se conhece força física capaz de magoar um demónio da rocha. Um grupo de demónios da rocha é conhecido como terramoto.



DEMÓNIO DA AREIA

Descrição: Primos dos demónios da rocha, os demónios da areia são mais pequenos e mais ágeis, mas não deixam de ser das estirpes nuclitas maiores e de armadura mais resistente. Têm escamas pequenas e afiadas, de um amarelo sujo que os torna quase indistinguíveis da areia. Correm sobre quatro patas, mas conseguem erguer-se sobre duas pernas no combate. Os seus focinhos curtos têm fileiras de dentes afiados, com narinas horizontais por baixo de olhos grandes e sem pálpebras. Chifres grossos curvam-se para cima e para trás, cortando as escamas. O seu sobrolho palpita continuamente para repelir a areia do deserto constantemente soprada pelo vento. Os demónios da areia caçam em grupos conhecidos como tempestades.

 DEMÓNIO DA NEVE

Descrição: Semelhantes aos demónios da areia em constituição física, os demónios da neve são nativos dos climas gélidos boreais e das montanhas altas. As suas escamas são de branco puro e cintilam com cor quando refletem a luz. Os demónios da neve são quase invisíveis na neve e cospem um líquido tão frio que congela imediatamente tudo o que toca. Aço atingido por saliva gélida pode tornar-se suficientemente quebradiço para partir. Um grupo de demónios da neve é conhecido como borrasca.

 DEMÓNIO DA PEDRA

Descrição: Primos menores dos demónios da rocha, que se formam através de paredes de rocha pura, os demónios da pedra têm armaduras com a aparência irregular de rocha composta. Tendem a ser atarracados e lentos, mas estão entre os demónios mais fortes e mais indestrutíveis.

Exigindo ambientes menos especializados para se erguerem, os demónios da pedra são mais comuns que os da rocha. Um grupo de demónios da pedra é conhecido como conglomerado.

 ABRIGO

Descrição: A guarda de abrigo é uma guarda de proteção geral que se ensina às crianças. Não é tão poderosa como guardas destinadas a proteger de estirpes individuais, criando um campo de desconforto que é suficiente para repelir a maioria dos nuclitas a não ser que haja presas à vista. Guardas muito grandes ou poderosas podem delimitar uma barreira. A guarda é usada no jogo thesano do abrigo e na sua variante krasiana, o sharak.

 DEMÓNIO DO PÂNTANO

Descrição: Os demónios do pântano habitam os pântanos e áreas pantanosas e são uma forma anfíbia de demónio da madeira, sentindo-se igualmente adaptados na água e nas árvores. Os demónios do pântano têm manchas verdes e castanhas, camuflando-se na paisagem envolvente, e escondem-se com frequência nas árvores, na lama ou em água pouco profunda para se lançarem sobre as presas. Cospem um visco espesso e pegajoso que apodrece toda a matéria orgânica que toca. Um grupo de demónios do pântano é conhecido como lodo.

 DEMÓNIO DA ÁGUA

Descrição: Os demónios da água raramente são vistos. Têm formas e tamanhos variados. Alguns têm o tamanho de um homem, esguios e escamosos, com mãos e pés com membranas e garras afiadas. Outros são suficientemente grandes para puxar navios de três mastros para baixo de água com os seus tentáculos

grossos e cobertos de farpas ósseas. Outros são maiores ainda, leviatãs capazes de saltarem da água e caírem com grande violência, criando ondas tremendas. Os demónios da água conseguem apenas respirar debaixo de água, mas podem vir à superfície durante curtos períodos de tempo. Um grupo de demónios da água é conhecido como onda.

 DEMÓNIO DO VENTO

Descrição: Os demónios do vento podem medir um metro e oitenta até aos ombros, mas têm projeções na cabeça que se erguem a altura muito maior, atingindo quase três metros. Os seus grandes bicos afiados escondem fileiras de dentes. A sua pele é uma armadura dura e flexível capaz de defletir qualquer ponta de lança ou de flecha. Alonga-se dos seus flancos à parte inferior dos braços para formar a membrana dura das asas, que conseguem atingir o triplo da sua altura. Trapalhões e lentos em terra, os demónios do vento têm poder tremendo no céu. Os ossos finos das asas têm articulações com pérfidas garras curvas. O seu ataque preferido é um mergulho silencioso, abrindo as asas com um movimento brusco imediatamente antes do impacto, cortando com elas a cabeça das vítimas. Prendem o corpo nas patas e voam para longe. Um grupo de demónios do vento é conhecido como bando.

 DEMÓNIO DA MADEIRA

Descrição: Os demónios da madeira são nativos das florestas. A seguir aos demónios da rocha, são os nuclitas maiores e mais poderosos, medindo entre metro e meio e três metros quando se erguem sobre as patas traseiras, que são curtas e poderosas. Os braços são longos e cobertos de músculos finos, perfeitos para subir às árvores e para se lançarem de ramo em ramo. As suas garras são curtas e duras, concebidas para penetrar a casca das árvores. A armadura dos demónios da madeira é semelhante a madeira na cor e na textura e têm grandes olhos negros. Não podem ser feridos com fogo normal, mas arderão imediatamente em contacto com chamas mais intensas, como a saliva flamejante ou o fogo de demónio líquido. Os demónios da madeira matam imediatamente os demónios da chama e costumam caçar em grupos conhecidos como matagais.

GUARDAS OFENSIVAS (DE COMBATE)

As guardas de combate utilizam a magia para vários efeitos. Algumas canalizam poder diretamente dos demónios que atingem enquanto outras são energizadas por baterias como ossos de demónio também conhecidos como hora.

 FRIO

Descrição: As guardas de frio reduzem a energia térmica, diminuindo rapidamente a temperatura na área alvo a um ponto abaixo da temperatura de congelamento. Guardas de frio poderosas conseguem

estilhaçar aço ou até a armadura de demónios da rocha.

 CORTE

Descrição: As guardas de corte, quando traçadas no gume de uma lâmina, conseguem reforçar o seu fio, permitindo que a arma corte sem dificuldade até armadura e carne dos nuclitas. As guardas de corte canalizam poder dos demónios que atingem, enfraquecendo armaduras, fortalecendo a lâmina e afiando-a até um nível quase molecular.

 SALIVA FLAMEJANTE/SALIVA GÉLIDA

Descrição: Estas guardas são usadas como defesa contra os demónios da chama, transformando a sua saliva flamejante numa brisa fresca. Quando traçadas de modo invertido, transformam a saliva gélida de um demónio da neve numa brisa quente.

 VIDRO

Descrição: Quando traçadas em vidro e carregadas com magia, estas guardas produzem uma mudança permanente, tornando o vidro mais duro que diamante e mais forte que aço sem alterar o seu peso ou aparência. O vidro guardado é amplamente usado para criar janelas, frascos, armas e armaduras quase indestrutíveis.

 CALOR

Descrição: As guardas de calor aumentam a energia térmica, convertendo a magia diretamente em calor. Objetos pintados com guardas de calor são consumidos quando as guardas ativam, a não ser que sejam altamente resistentes a extremos de temperatura.

 IMPACTO

Descrição: Estas guardas transformam a magia em força de concussão. Podem ser usadas sozinhas ou para aumentar o golpe de uma arma romba. Quando usadas para golpear um demónio, canalizam magia como as guardas de corte, enfraquecendo armaduras enquanto multiplicam a força. Quanto mais forte o impacto original, maior será o poder gerado.

 Eletricidade

Descrição: Estas guardas convertem magia diretamente em eletricidade que pode ser dirigida contra um objeto ou criatura. As guardas podem também ser ligadas para formar circuitos.



MAGNETISMO

Descrição: As guardas magnéticas energizam a área alvo, atraindo o ferro como um íman poderoso. Por vezes, são usadas para aumentar a eficácia de balas de canhão de ferro.

 HUMIDADE

Descrição: As guardas de humidade atraem humidade do ar ou de espelhos de água próximos. Podem ser usadas para assegurar que plantas terão rega suficiente sem cuidado humano, para encher um pequeno reservatório ou para extinguir um demónio da chama. Guardas de humidade poderosas conseguirão afogar ou, quando invertidas, desidratar uma vítima.

 PERFURAÇÃO

Descrição: As guardas de perfuração canalizam a partir do ponto de impacto de um corpo de demónio, enfraquecendo a armadura dos nuclitas enquanto concentram magia na ponta de uma arma para obter o máximo poder penetrativo.

 PRESSÃO

Descrição: As guardas de pressão exercem uma força esmagadora que aumenta em calor e intensidade quanto mais tempo passar em contacto com um demónio. O Homem Pintado tem uma na palma de cada mão e já as usou para apertar a cabeça de demónios até a fazer explodir.

GUARDAS DE PERCEÇÃO

As guardas de perceção criam efeitos mágicos capazes de alterar os sentidos dos demónios e, por vezes, dos humanos.

 CAMUFLAGEM

Descrição: As guardas de camuflagem canalizam da sua envolvência, camuflando a área alvo. Ao contrário das guardas de invisibilidade, que só funcionam com demónios, as guardas de camuflagem conseguirão esconder coisas também de sentidos humanos. Movimentos súbitos ou rápidos poderão negar o poder de uma guarda de camuflagem.

 CONFUSÃO

Descrição: As guardas de confusão irradiam um campo de desorientação que pode deixar criaturas tontas e sem sentido de direção. A não ser que a presa esteja visível, os servos nuclitas afetados esquecerão com frequência o que faziam, afastando-se de modo inofensivo.

 LUZ

Descrição: As guardas de luz convertem magia em pura luz branca. Dependendo da origem do poder, a luz poderá ir de um brilho suave a um clarão cegante.

 PROFECIA

Descrição: Gravadas nos alagai hora das dama’ting, as guardas de profecia leem as correntes de magia para prever o futuro. A sua magia puxa os ossos de demónio das suas trajetórias naturais para que respondam a perguntas proferidas em oração a Everam. Os processos usados para fabricar os dados e para proceder à sua leitura são segredos guardados com afinco pelas sacerdotisas krasianas. Partilhá-los com forasteiros é punido com a morte.

 INVISIBILIDADE

Descrição: Redescobertas por Leesha Papel, as guardas de invisibilidade podem tornar objetos invisíveis aos demónios, desde que estes objetos se mantenham relativamente imóveis. Centenas ou mesmo milhares de guardas de invisibilidade são usadas para fabricar Capas de Invisibilidade que protegem humanos na noite nua.

VISÃO GUARDADA

Descrição: Quando usadas à volta dos olhos e carregadas, estas guardas podem permitir que criaturas da superfície vejam o espetro da magia. Como resultado, as criaturas conseguirão ver em escuridão total tão facilmente como num dia claro, observando o fluxo da magia ambiente, avaliando o poder relativo das guardas e vendo as auras emitidas por todas as criaturas vivas. Um praticante experiente conseguirá «ler» estas auras para perceber o que outros sentem ou pensam e, por vezes, para conseguir obter uma noção do seu passado ou até do seu futuro.

Índice

Capa
Prólogo: Carcereiros
Capítulo 1: As duas
Capítulo 2: Olive
Capítulo 3: Condessa Papel
Capítulo 4: Ragen e Elissa
Capítulo 5: O Bando
Capítulo 6: Everam é uma mentira
Capítulo 7: Os Eunucos
Capítulo 8: Mosteiro
Capítulo 9: Os Majah
Capítulo 10: Questões de família
Capítulo 11: Feiticeiras
Capítulo 12: Drenada
Capítulo 13: O testamento de Arlen Fardos
Capítulo 14: Sova
Capítulo 15: As irmãs regressam
Capítulo 16: Amada
Capítulo 17: Fortaleza da floresta
Capítulo 18: Casa
Capítulo 19: Caçados
Capítulo 20: A escolta
Capítulo 21: Neocondado
Capítulo 22: O limiar do abismo de Nie
Capítulo 23: Lamento do Sharum
Capítulo 24: Primeiros passos
Capítulo 25: A boca do Abismo
Capítulo 26: A escuridão inferior
Capítulo 27: Companheiros de leito
Capítulo 28: A história de Araine
Capítulo 29: Lobos
Capítulo 30: Cisterna de Everam
Capítulo 31: Horto Rijo
Capítulo 32: Tempestade e terramoto

Capítulo 33: O mal dá à luz
Capítulo 34: Lança de Ala
Capítulo 35: Cortados
Capítulo 36: Fumo e névoa
Capítulo 37: As raparigas de Jessa
Capítulo 38: Sharak Ka
Capítulo 39: A mente do Assobiador
Capítulo 40: Alamen Fae
Capítulo 41: Luz das Montanhas
Capítulo 42: A colmeia
Capítulo 43: O Núcleo.
Capítulo 44: Nascido na escuridão
Capítulo 45: O pacto
Agradecimentos
Compêndio de guardas